FERNANDO ZÉCA

# PARODIAS APÓCRIFAS

FANFICTION ÉPICA LITERÁRIA REVERENCIANDO ALGUMAS DAS MELHORES E MAIS POPULARES OBRAS DE FICÇÃO CIENTIFICA

## NOTAS PRÉ INTRODUTORIAS

**Qualquer semelhança com fatos ocorridos, nomes, personalidades ou localidades deste ou de outros universos paralelos, é mera coincidência.**

***

Este trabalho foi produzido espontaneamente, com o objetivo de dar uma biografia para o avatar que utilizo no game STAR TREK ONLINE de nome FERNANDO ZECA CORINTHIANO, em cenários onde pudessem ser homenageadas algumas das mais populares produções de Ficção Científica.

Comecei escrevendo um conto de poucas páginas, e posteriormente me surgiram outras ideias que agreguei à inicial até chegar ao resultado em suas mãos, editado para aliviar o stress, e divertir meus leitores e leitoras

Finalizo pedindo as minhas escusas pelas eventuais inconsistências entre os textos, estudos e desenhos de minha autoria. Esta não é a versão definitiva.

OBRIGADO PELA SUA CONFIANÇA E PRESTÍGIO ATÉ O MOMENTO.

AUTOR FERNANDO ZECA CORINTHIANO

# PARÓDIAS APÓCRIFAS

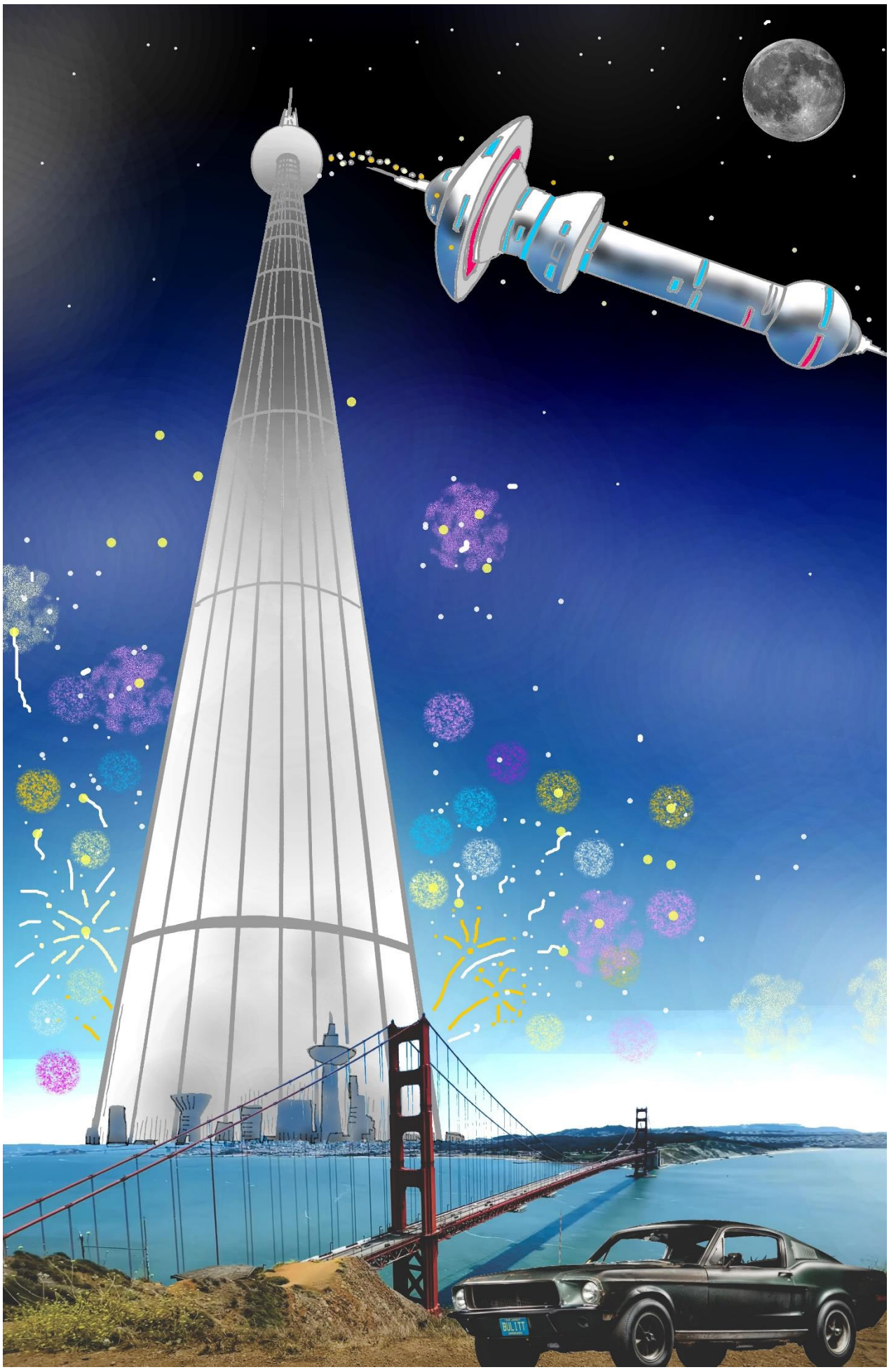
## PRÓLOGO

Na profunda escuridão, Kali, a Deusa da destruição e renovação prepara-se para impulsionar ainda mais a violenta roda que transformará definitivamente toda a vida no universo, e, em decorrência destes eventos aterrorizantes, dor, morte, ódio e violência serão inevitáveis.

Concomitantemente ao impulso que dará tamanho pandemônio, um dos vários braços da divindade, trabalhando em sincronia com outros membros do corpo, estendeu-se por domínios fantásticos, levando a um casal humano que encontrava-se no ápice do seu amor, uma poderosa e muitíssimo bem preparada semente que, se desenvolveria no fruto daquela união, para futuramente cumprir seu próprio destino, vigiando pela sobrevivência da ordem remanescente destruindo os inimigos que impeçam a paz que, futuramente será de qualquer modo ameaçada e reformada sucessivamente, até o fim de de todos os tempos.

***

***


BULITT

# INTRODUÇÃO

# 2192

SEÇÃO ANEXA do GABINETE PRESIDENCIAL
DA FEDERAÇÃO DOS PLANETAS UNIDOS
SAO FRANCISCO – CALIFORNIA

***

Naquela noite, a cidade já brilhante cintilava ainda mais, por conta das festividades, decorrentes da mudança da Presidência, da Federação dos Planetas Unidos, cujos poderes, seriam passados, das mãos do atual mandatário, um dos Fundadores da Instituição, para seu Sucessor.

Diante da janela da sala, o futuro ex-presidente Johnatan Archer finalmente pôde contemplar a paisagem, depois de separar alguns poucos objetos pessoais que levaria embora consigo, já que, em treze minutos, a partir da zero hora, seu governo se encerraria.

Só naquele momento, depois de muito trabalho, finalmente relaxaria para refletir, e fazer um balanço geral do seu legado, em que a Federação dos Planetas Unidos (uma poderosa aliança entre raças de diversos sistemas planetários, aumentou sua esfera de poder pela galáxia.

Conquista esta, que não veio sem esforço através de um caminho complicado, espinhoso e, totalmente diferente, das previsões nos manuais e regulamentos em que muitos planos infalíveis fracassaram, cobrando alto pelas tentativas.

Entretanto, neste período foram estabelecidos os princípios que nortearam o futuro trabalho de expandir e manter os ideais da Federação, galáxia afora. Algo com que, dalí por diante, o próprio Presidente Archer, não mais estaria diretamente envolvido.

Ainda que, muito mais, pudesse ter realizado, ou, menos decisões, deixadas para o sucessor decidir restava agora o sentimento de dever cumprido.

Erros e acertos, seriam corrigidos, ou, perpetuados, pelas próximas administrações...

Ainda assim, o Presidente Archer sentiria falta, daquele agradável ambiente climatizado, limpo e bem-organizado onde trabalhou por muito tempo sem mesmo, disfrutar dos luxos disponíveis nas diversas seções anexas do Gabinete Presidencial, de modos que, até sua alimentação, durante este período, foi extremamente regrada, não se permitindo sequer a ingestão de bebidas alcóolicas, fossem estas, legais ou não.

Seus pertences, estavam na mesa, prontos para serem despachados, assim já liberando aquela seção do Gabinete para o próximo Presidente.

Dentre os itens: a garrafa de Cachaça brasileira de Minas, que, ganhara de um amigo, e ainda estava selada.

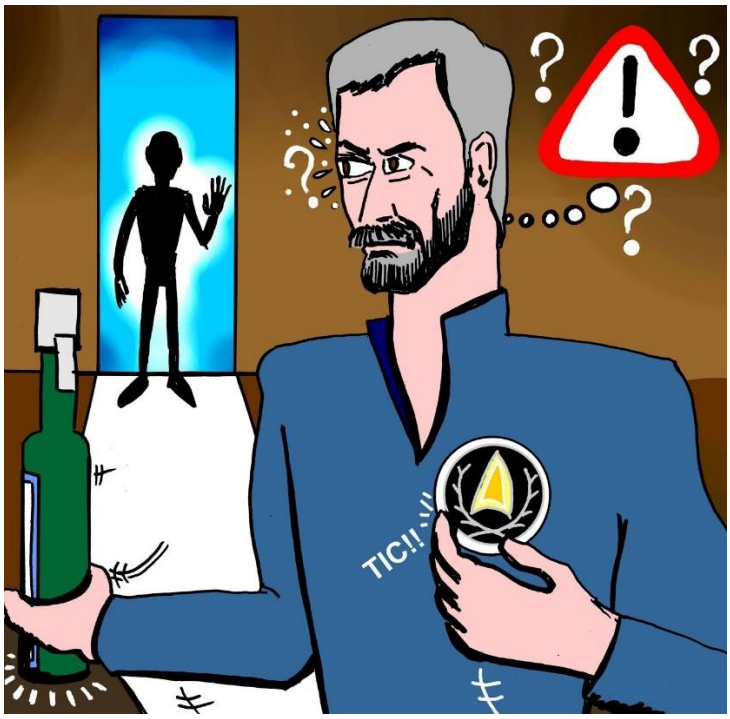
Sabia que apenas uma tragada da bebida, era capaz de mudar os humores do apreciador, assim, não a saboreou, até para não perder a clareza de comando, que considerava indispensável para o desempenho das funções no cargo presidencial, assim reservando-a para um momento especial que pudesse finalmente relaxar.

Tal oportunidade, se daria exatamente após a meia noite, quando, já não teria mais poderes para qualquer ato como Presidente da Federação dos Planetas Unidos, daí então, apenas participaria de mais algumas formalidades, para

finalmente, disfrutar sossegado, a merecida e tão esperada aposentadoria ao lado dos familiares mais próximos.

Sorridente, pegou a garrafa transparente com a pinga dourada e, quando ia romper o lacre de papel, sobre a sua tampa, ouviu uma voz conhecida:

-John...




O semblante risonho presidencial desfez rapidamente, transformando-se numa careta de poucos amigos. Diante da sua mesa, estava um velho conhecido: Daniels.

***

A cara do Presidente Archer demonstrava preocupação.

Quando Daniels aparecia, trazia consigo grandes.

Tão complicados que, ele sempre dizia trazer soluções do futuro, para evitar complicações antes mesmo, que estas se iniciassem.

Sim! Daniels é um viajante do tempo e o Presidente ainda não se acostumara com suas repentinas e inesperadas chegadas, de tal modo, que, com uma expressão facial rabugenta, indagou:

-O que te traz aqui, Daniels? Alguma nova guerra temporal ameaçando o futuro da galáxia?

-Não desta vez, John. Nada tão eminente.

O ainda Presidente, acionou o alerta amarelo, no comunicador instalado no distintivo preso em sua jaqueta, mas nada aconteceu.

Tenso, John olhou ao redor constatando que já não havia mais ninguém no gabinete, e, incrivelmente, as câmeras de segurança estavam desativadas!

Aparentando tranquilidade, o Presidente fingiu ignorar o problema.

-Daniels! Estou deixando o posto. Se você veio aqui por conta de algum problema futuro ou presente da Federação, terá que esperar, para decidir junto ao Presidente que me sucederá logo mais. Agora, meu dever agora é com aposentadoria...”

-Não se preocupe John. Você vai desfrutá-la tranquilamente, mas precisa fazer algo antes de passar os poderes para seu sucessor.

A expressão facial do Presidente ficou pesada e escura:

-Daniels! Acho que seu relógio está atrasado! Não tenho muito mais que alguns minutos no posto. O que eu poderia fazer agora?

-Muito, John.

“Você ainda pode deixar pronto, um forte escudo que garantirá a sobrevivência da Federação por séculos.”

-Isso não é urgente, Daniels, o próximo Presidente te faz isso...

-Não John! A assinatura dos seus sucessores, neste assunto, não terá o mesmo impacto, da de um dos Fundadores...

-Assinatura?

Johnatan Archer sentiu um calafrio, ainda mais gelado do que os das vezes anteriores em que Daniels lhe apareceu misteriosamente.

-E como verá, não é nada que vá lhe colocar a vida em risco, John.

-Não é isso que me preocupa agora. No que minha assinatura será usada, Daniels?

O inesperado visitante sorriu e perguntou:

-Está lembrado da solicitação da Tenente Comandante Elizabeth Bondmader?

-Claro que sim, Daniels.

“Quem esquece uma mulher brilhante que certamente será valorosa no alto comando? Ela tem mesmo muito preparo.”

O Presidente deu um sorriso e disse:

-Daniels: acredite ou não, sei do que você está falando porque fiz a lição de casa e verifiquei tudo que passou pela minha mesa, incluindo estas sugestões.

“A Bete é uma jovem muito talentosa, com ideias que certamente... UM DIA SERÃO IMPLEMENTADAS... Mas não por mim porque acabei de terminar meus serviços.”

Archer estava irredutível mesmo sabendo que o homem adiante de si era de fato

Daniels, afinal, o assunto que conversavam era TOP SECRET.

Somente o Presidente e a própria Elizabeth tinham conhecimento do que se tratava.

-O caso fica para o meu sucessor porque o pedido envolve muitos créditos, e o Conselho tem que deliberar sobre o assunto."

-John! A ideia da Tenente deve ser implementada imediatamente! Antes do próximo Presidente assumir.

O Presidente Archer se irritou e bateu firme na própria mesa, com o punho.

-Daniels! Mas isso envolve muitos créditos!"

"De onde acha que vou tirar recursos para abrir esta nova Agência de espionagem? Basicamente, é disso que se trata a ideia da Bete."

"Ademais Frota e a Federação já tem seus próprios departamentos para tias finalidade. O que não me falta na cabeça é gente fofocando."

-John! A ideia dela se refere a uma Agência exclusiva e independente com poderes atuantes pela Frota e até pela própria Federação, se necessário. Não é fofoca.

"Você apenas garantirá para a criação desta, alguns créditos que temporariamente lhe assegurarão a existência até que esta possa custear as próprias missões, e, através daí, obtenha mais recursos para fazer seus serviços nas sombras, sem qualquer interferência política, ou mesmo Presidencial, caso esta se encontre comprometida no futuro."

-Já temos instituições prontas para estas tarefas, Daniels.

-Não com este grau de independência e sigilo John!

"Nem com poderes de assumir responsabilidade por ações e operações secretas que contrariariam os preceitos fundamentais da própria Federação."

O Presidente empalideceu ao ouvir aquilo...

-Responsabilidades? Para cima de mim??? Do que você está falando, Daniels?

-A Federação não sobreviverá por muito tempo no jogo cósmico de poder entre as grandes forças galáticas, se não tiver escondidos nas mangas alguns coringas e Áses que operem fora dos manuais e regramentos.

"Destas cartas escondidas é que dependerá a sobrevivência da Federação no Futuro."

"E como só jogando honradamente não se garante a vitória por muito tempo; esta medida de segurança deve ser implementada imediatamente".

"Se não for agora, poderá não ser nunca, já que, outros mandatários certamente distorcerão o objetivo da proposta inicial, deturpando-a para algo diferente."

"O meio político e as cadeias de comando da Federação, estão contaminadas e infiltradas por elementos estranhos, John. Não há tempo a perder.

O Presidente arregalou os olhos, porém manteve firme o semblante.

-Daniels. Eu não posso.

"Isso demanda créditos que os cofres não dispõem."

"E algo assim, tem que ser controlado, vai virar bagunça."

Daniels aproximou-se da mesa do Presidente, e, acima do tampo brilhante desta, fez um gesto com a palma da mão, logo em seguida, acima desta, foi projetado um mapa tridimensional brilhante, contendo vários elementos coloridos.

O Presidente com olhos treinados, logo analisou toda aquela informação disposta a sua frente:

-Droga Daniels! Eu li as ideias dela que, envolvem até confisco de patrimônio dos inimigos da Federação sem qualquer processo legal! Esta agência secreta paralela, logo será mais poderosa que a própria Frota Estelar!"

"E se mal administrada, no futuro, será se uma central de chantagens capaz de mudar a história e o eixo dos poderes galáticos"

-De fato, mas ela estará à serviço da Federação e de seus ideais, John!

"Se você não fizer algo agora, os inimigos farão em breve."

“Portanto, a implementação da solicitação da Elizabeth tem que ser feita já, e com sua assinatura!”

-Caramba Daniels! Isso fica para o próximo Presidente! Ele que resolva! Me deixa terminar meu mandato em paz! Me cansei de assinar papelada de última hora sem explicações e cheia de responsabilizações que caem nas minhas costas.”

-John! Você não pode deixar seu sucessor definir este assunto. Por isso estou aqui!”

O Presidente não parecia convencido.

Com semblante fechado, olhava para todas aquelas informações a sua frente...

-Daniels! Sei que você fez uma viagem, vamos dizer assim... Longa... Mas seria melhor deixar este assunto para o próximo conselho decidir...”

-Será tarde demais, John. Elizabeth deve começar seu trabalho imediatamente, e de forma discreta.”

O Presidente olhava aquela projeção sobre sua mesa com extrema seriedade.

-Daniels! O que você está me pedindo?

“Esse negócio vai custar trilhões de créditos... Não quero o contribuinte pagando essa...”

-No futuro, nenhum destes custos sairá diretamente da Federação, John.

“Os planos da Tenente já preveem a independência financeira da Agência em não mais que quinze dias de operacionalização. “

“Apenas dê a Elizabeth os meios para implantar as ações necessárias” ...

Enquanto ouvia, o Presidente interagia com a projeção analisando alguns aspectos legislativos alí dispostos...

-Muito poder na mão de pouca gente, Daniels...

Jonathan Archer se sentou na poltrona, apertou botões no teclado alí instalados.

Em seguida, a solicitação da Tenente Elizabeth foi projetada também.

O Presidente, mais uma vez, analisou-a detalhada e friamente

-Sei que não é uma ideia ruim, Daniels. Tem seus méritos, e, até pesos e medidas, mesmo assim é um instrumento muito poderoso em mãos que... Se não forem as certas...”

-John... Elizabeth Bondmader é uma pessoa fiel e confiável.

-Concordo! Isso não está em questão. Conheço-a bem. Tenente guerreira e Justa!

“Mais isso vai além dela... É um projeto de gerações...”

-John! Vim do seu futuro para, mais uma vez, te pedir que confie em mim, e, principalmente, na solicitação dela...

-Esse negócio, se der errado, pode acabar com todo o sonho de uma Federação justa e honesta não restando pedra sobre pedra.”

-John! A Federação logo estará em perigo caso você perca esta chance de fazer o que é certo.

O Presidente entendia que aquela solicitação em algum momento, no futuro, de forma, certa ou errada, seria levada adiante, até por se tratar de novo modelo administrativo de agência de serviço secreto, então, baseou-se na sua experiência pessoal e nos conhecimentos sobre o assunto para fazer logo diversas considerações e pontuações alí mesmo na solicitação para em seguida, com uma careta, assinar e despachar...

Foi o último ato executivo da Presidência Archer na Federação dos Planetas Unidos.

Dalí para frente, só cumpriria algumas poucas formalidades já programadas.

Assim, este ato se concluiu com sucesso, as projeções se apagaram e a sala da Seção Anexa do Gabinete Presidencial ficou um pouco mais escura do que estava antes.

Daniels já não estava mais lá e o relógio finalmente indicou meia noite.

Chegava um novo dia, e, com ele, Jonathan Archer refletia se, o seu último ato teria, de fato, sido acertado, conforme Daniels lhe prometera.

Acabou esquecendo a garrafa de cachaça brasileira que abriria para experimentar e celebrar o fim do seu serviço.

***

# A VOLTA DOS QUE NÃO FORAM

Saltar adiante, eventualmente exige que se volte alguns passos atrás adequando-se ao momento para a tomada do devido impulso, antes do pulo para o avanço concreto.

Com tal pretexto...

RETORNAREMOS ALGUMAS DÉCADAS ANTES DA DATA em que transcorreu o capítulo anterior, posicionando esta leitura, num ponto, que permite contemplar, o distante planeta ALORAX, localizado nas imediações, dos domínios, do ainda arrogante e poderoso IMPÉRIO ROMULANO, um complexo estado com domínios extraplanetários de muitas facetas, em especial, a do intervencionismo ilegal completamente desprovido de qualquer princípio ético-moral.

Com tal vizinhança pelas imediações, não faz diferença, se ALORAX estava fora ou, dentro do perímetro oficial imperial, para que alí houvessem violentas intervenções convenientemente ignoradas pelos altos mandatários galáticos, embora, seus efeitos, fossem perceptíveis até mesmo para um cego...

Os romulanos perturbavam ALORAX por crueldade, já que os oceanos do planeta vermelho eram bravios, seus vastos continentes, tomados pelas temidas florestas selvagens, e por tempestuosos desertos onde o preparo era indispensável para a sobrevivência.

Assim, neste cenário caótico, forças e poderes de distintas esferas, convergem para atuar, competindo por poder, enquanto o povo aloraxiano luta bravamente com o pouco que tem, defendendo a própria dignidade.

As cidades que tiveram sorte diante de tantos dissabores, tornaram-se foco da resistência dos poucos heróis abnegados que, a despeito do sofrimento, combatiam a cada dia, um inimigo diferente imposto pelo destino.

Vida normal, só mesmo nas pujantes megalópoles protegidas por gigantescas redomas transparentes, que defendiam conforme a sua localização, suas super-cidades, de ambientes externos ameaçadores.

Em alguns casos, até mesmo de florestas selvagens tão temíveis que por si só, já serviam como cruel defesa contra quaisquer invasores que se aventurasse numa despreparada investida.

Noutros casos, existiam apenas favelas, onde viviam os excluídos do sistema.

Fora das colossais redomas transparentes aloraxianas, também existiam concentrações populacionais em meio a áreas de total carência.

Numa delas: em Nova Ciméria, outra megalópole, mas esta, no momento, parcialmente destroçada por sucessivos ataques romulanos, mais especificamente na região onde ficava o bairro RED SECTOR A, em meio ao entulho do local ocorre outro fato incomum.

Sem qualquer explicação, depois de um brilho ofuscante, surge no ar, pouco acima do solo, uma mancha esbranquiçada de formas incertas.

Aos poucos, seus contornos vão se definindo até formar uma porta branca, ereta naquele cenário catastrófico, como peça de arte em exposição.

Então, um som nesta indicou que estava sendo destrancada.

A maçaneta girou com a porta abrindo passagem, de onde saiu um humanoide, de pele azul, cabelos brancos, vestindo traje moderno

O grandalhão olhou ao redor, e sua expressão facial logo demonstrou insatisfação com aquele lugar desprovido de qualquer conforto.

Sem perda de tempo, girou nos calcanhares tentando voltar pelo caminho de onde viera. Quase conseguiu... Involuntariamente, trombou de frente, com outro humanoide que saiu pela mesma porta, este, maior e ainda mais forte.

-Porra Azulão! Sai do caminho! - Reclamou em tom de gozação, o segundo recém-chegado, que também acabara de passar pelos umbrais da estranha porta brilhante.

A aparência deste outro recém-chegado era assustadora.

Longos cabelos, barbudo, pele escura e expressão facial mal-humorada.

Também vestia roupas iguais às do primeiro recém-chegado de pele azul...

-Karrow! - Bradou Azulão. – O Zéca trouxe a gente pra alguma enrascada!

-De novo? - Indagou Karrow...

Outro humanoide também passou pela porta. Este, um careca baixote barrigudo, que também usava o mesmo uniforme dos outros dois, além de óculos escuros redondos.

-Que merda de lugar é esse, Zéca?!?! - Indagou Azulão, com expressão sofrida, dirigindo-se ao baixote recém-chegado.

-Também não sei onde estamos. - Respondeu o tal Zéca com típica expressão de cachorro desentendido recém-lançado pra fora de um caminhão de mudanças.

-Então é melhor voltarmos. – Sugeriu Azulão, enquanto olhava ao redor. – Este lugar cheira encrenca pura.

-Tem razão, Azulão. Melhor voltarmos! - Concordou Karrow com ar desconfiado.

Entretanto, assim que os dois deram meia volta, a porta desapareceu misteriosamente, deixando os três alí, sem possibilidade de retornar pela passagem por onde acabaram de chegar.

***

-O caminho de volta agora está bloqueado. - Constatou secamente Karrow, o gigante, com cara de poucos amigos.

-E aí Zéca? Foi você quem meteu a gente nessa...

-Verifica aí o TRICORDER que eu te dei. - Respondeu Zeca para o Azulão. - O que ele tá indicando?

[...**NOTA DO AUTOR**: **TRICORDER** *é uma ferramenta do universo STAR TREK, utilizada para escanear uma área ou local de interesse obtendo informações que serão comparados com seu centro computadorizado de dados para emitir relatórios, estudos e análises...*]

-Essa porcaria aqui só mostra setinha com uma direção.

-Então está tudo ok. – Confirmou o baixote careca. Se mostra algo, é esta indicação que deveremos seguir.

Azulão ainda, fazia visível expressão de dúvida, agora, com relação ao aparelho:

-Nunca vi esse modelo de tricorder, dá para explicar como funciona?"

-Não mas confie em mim." - Disse Zeca.

-Esta doeu até nos meus ouvidos. – Lamuriou-se Karrow, com cara de sofrimento. – Perdi as contas das milhares de vezes que escutei essa cantoria...

-Assim como eu... – Concordou Azulão.

-Calma senhores! Vocês estão chorando de barriga cheia...

-Lá vem a choradeira de novo. – Protestou Karrow. – É tanta lamentação que até os guerreiros mais valentes choram ouvindo o Zéca...

Azulão tirou pastilhas do bolso, engoliu algumas e deu outras para Karrow.

-Tome ai um pouco de testosterona, porque na nossa idade, a gente se comove fácil com os queixumes do Zeca...

-Obrigado. – Disse Karrow pegando e engolindo a medicação.

-Vocês estão de sacanagem comigo. – Lastimou Zéca. – Tenho confiança nesse aparelho porque já usei um igual antes, e sei o que tou falando. Durmam no meu barulho."

-Durmam no meu barulho... – Imitou Karrow, a fala de Zéca com voz entonada

-E acreditar que o meu coração gentil e caridoso está sendo mais uma vez enrolado pelas trapalhadas que esse Zéca mete a gente...

-Nem me diga, camarada...

-Nem me diga, camarada. – Reclamou Zéca. – Vamos em frente e parem de zombarias pra cima de mim.

Conformados e sem alternativas, os três avançaram na direção indicada...

***

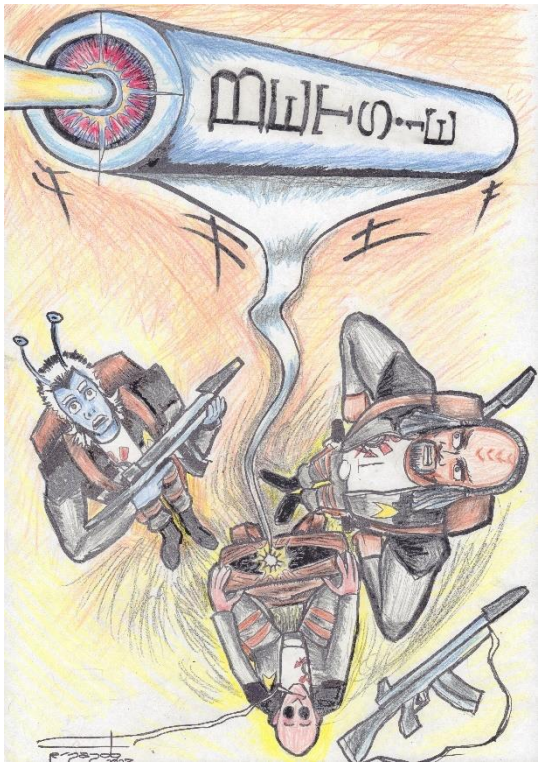
Sob orientação do tricorder, a tranquilidade do passeio durou até adentrarem o desértico areal, através do qual deveriam seguir, onde foram recebidos por uma saraivada de raios vindos de diversas direções, que dizimava tudo ao redor, obrigando-os a abrigar-se entre escombros e irregularidades no terreno.

-Pô Zeca! Fizemos tudo certo e esse tricorder só meteu a gente em trapalhadas.

-Então está funcionando bem, porque é isso que ele faz com perfeição.

-Karamba Zéca! – Lamuriou Azulão, entre os impropérios e as explosões. - Aonde você arrumou esta porcaria?

A resposta não veio logo, até porque os três logo sacaram suas armas, para responder à altura, a saudação de artilharia que recebiam sem qualquer aviso.



Além das pistolas, Zéca, tirou da mochila, um cilindro, com 40 centímetros de cumprimento por 12 de espessura. No corpo deste, apertou um botão que acendeu pequenos leds vermelhos. Em seguida disse:

-Liguei a “Betsye” - (apelido dado pelos militares àquele artefato, que na verdade era uma arma).

A Betsye saltou das mãos de Zéca, para flutuar num espaço aberto acima do trio, enquanto no seu corpo, iluminou se um ponto branco de 3 centímetros na extremidade apontada para onde partiam os raios pipocando ao redor.

-Fogo! - Disse Zéca.

Em seguida, uma saraivada de raios brancos saiu da Betsye.

O efeito devastador e mortífero de tais disparos, levou a condições infernais, o que já estava caótico, silenciando em menos de meio minuto o ataque adversário.

Cessaram também os disparos da Betsye.

O ar foi tomado por cheiro de queimado e a arma voadora lentamente voltou para as mãos do baixote careca.

-A Betsye continua mantendo a tradição. - Disse Zéca dando tapinhas no cilindro.

-Este modelo é recente. - Comentou Azulão olhando a arma.

-Sim! É uma novidade no mercado que não esquenta a bateria mesmo depois de dez horas atirando ininterruptamente. Pode pôr a mão e verificar...”

-Se você trouxe uma “Betsye” é porque já sabia que as coisas iriam esquentar, né Zéca? - Reclamou Karrow...

-Na verdade, eu não trouxe só uma, e sim três!

-Olha só! Tá vendo? - Lamuriou-se Karrow em voz mais baixa...

-Você sabe que eu sempre saio armado...

-Caramba, Zéca!... Mas três Betsyes?? Cada uma dessas sozinha é capaz de dizimar em segundos um exército inteiro.

-Uma para cada um de nós, irmão... Calma. – Justificou-se Zeca sorridente.

-Ok... Ok.... Essa desculpa é muito convincente... Vou acreditar.

“E o que mais você escondeu e sabe sobre esse passeio, que até agora só nos deu dores de cabeça?”

-Como todas as outras roubadas que o Zéca mete a gente....

-Veja bem... Eu não escondi nada. – Retrucou o careca. - Tudo foi muito corrido...

“Mal tivemos tempo de conversar.”

-Isso ninguém tá negando... -Ponderou Karrow. - As coisas de fato aconteceram rápido porquê você, depois de um tempão sumido, liga desesperado esperneando, pedindo ajuda urgente.

“E o pior, é que, EU, o idiota de plantão, e o desavisado do Azulão caímos, como os patinhos de sempre, em mais essa enrascada que você nos arruma...”

“Vergonha minha, porquê, eu já devia ter aprendido na primeira vez.”

Azulão interrompeu a choradeira lacrimosa de Karrov perguntando:

-Zéca! Você sabe onde estamos?

-Não! Por-quê???

-@#$%@*&!!!! (impublicáveis palavrões klingons) – Karrow praguejou com sua pele escura já bem avermelhada, - “Porra Zéca! Mais uma vez tu enfia a gente nas barafundas sem saber aonde viemos parar???”

“Como é que eu fui cair DE NOVO nesse tipo de conversa???”

“Como pude ser tão burro mais uma vez?!?!?”

-Karrow! Calma! Você tá ficando vermelho!

-Tu tem tomado seus remédios?” - Indagou Zéca, sério, parecendo ignorar qualquer eventual perigo proveniente do camarada klingon, já um tanto nervoso...

Karrow massageou as temporas com as pontas dos dedos de ambas as mãos. Em seguida coçou as foças lacrimais, respirou fundo e indagou

-Azulão:Você sabe onde a gente tá??”

-Tou até com medo de falar, Karrow. Acho que tu vai ficar bravo e não quero te ver passando mal... Tu tá ficando vermelho aí, cara... Meu medo é ficar verde...”

-Verde é uma merda! - Concordou Fernando Zéca Corinthiano. - É como chegar ao fim do mundo sem nunca ter ganho mundial da FIFA.

-P*rra meu! - Reclamou o klingon, com ar sério. - Um andoriano com medo...

“Então a coisa deve ser grave... Fala logo aí...”

-Tá preparado???

-Fala logo, cacete!

-Não é só o onde estamos, é também “quando” ...

Dessa vez, a pausa silenciosa foi duradoura, até que o Azulão continuou...

-Pelo tricorder que eu trouxe, e funciona melhor que essa porcaria sinalizadora que você me deu, Zéca, nós voltamos no tempo, e, estamos no planeta ALORAX, que, QUASE acabou sendo atingido pela mesma Supernova que, em 2387 fulminou Romulus.

-Zéca, explica a história dessa porta. - Pediu Karrow com voz baixa... - Para onde que ela nos trouxe?

-Ok... Ok... Vou explicar: tudo começou com um sonho que eu tive...

Mal terminou esta frase, os olhares de Karrow e Azulão se cruzaram arregalados.

-Sonho...

-Sim eu sonhei com a Marge e...

-Você sonhou com a Marge?

-Porra, Zéca, já faz mais de cinquenta anos que você não vê a Marge...

-Foi amor de juventude... Depois dela, você casou e teve até um casal de filhos...

Karrow olhou para o cenário apocalíptico que os cercava lamuriando-se...

-Tu sempre enfias a gente nas roubadas, hem Zéca... E agora, essa... Por causa de um amor da juventude?

-A Marge tá em outra a essas horas, Zéca. Nem deve lembrar mais de você. Tá velha, se estiver viva."

-Porra Zéca! Caralho! A mulherada não cai mais na tua conversa, e agora tu ficas sonhando com o passado, enfiando em roubadas, nós pobres coitados, que somos os teus últimos camaradas a te aguentar.

-Não é bem assim, pessoal. - Tentou justificar-se Zéca. - Alguma coisa aconteceu. Ela está diferente... Tá em outra...

-Claro que tá em outra Zéca... Mulherão daquele... Você deixou escapar e não admite! Agora, depois de velho fica aí descascando a bronha com a piroca velha enquanto sonha com o passado.

-Deixa ele explicar, Azulão. Vamos escutar qual vai ser a lenga-lenga com a qual vai nos enrolar tentando justificar mais outra fria em que caímos.

Azulão fez uma careta que chegava mesmo a parecer bem-humorada.

-Você manda Karrow...

-Eu tive um sonho com a Marge... – Recomeçou o Zéca...

-Não essa parte... Adiante a história que o capítulo passado eu já sei...

-Muito bem! Ela apareceu me dizendo que a Beth estaria em serio perigo e que nós três tínhamos de ajudá-la.

-Tá vendo Karrow? Ele deve tá fumando aquelas porcarias ilegais ainda...

"Depois vai dormir, tem sonho picante, acorda com a piroca suja e molhada, se achando o xamã careca sexual dos poderes mágicos."

Karrow não estava para piadas e mantinha o olhar sério fixado no Zéca, que continuou falando...

-Porra Azulão! Dá um tempo! Eu aqui nem nos sonhos já não faturo mais nada!

-A velha raposa chorona agora vem se fazer de coitado tentando escapar da justa reprimenda.

-Não é choradeira! Não tou com saudosismo do passado.

-Então explica logo o que tá acontecendo.

-Ok... Ok... Eu falei mesmo com a Marge, e ela foi muito clara sobre a Beth estar em perigo.

-Tu conversaste com ela num sonho, Zéca.

-Sim, mas quando eu acordei, tinha ao lado da cama, esse tricorder, o nosso equipamento e ainda os contatos para chamar vocês. E não me perguntem como tudo isso apareceu lá."

-Eu até procurei por vestígios que indicassem a ocorrência de um algum eventual teletransporte, que tivesse levado isso tudo lá para dentro, mas, não achei nada."

Karrow coçou a barba...

-Hummm... Em se tratando da Marge, eu não duvido de nada... Ninguém sabia esse meu número para contato, Zéca...

-Foi a Marge que me deu... Não olhe para mim. O seu contato que eu tenho é o

nosso exclusivo de emergência e não através deste que te chamei.

-Ah! A Marge... - Continuou Karrow coçando a barba. – Ela sempre acaba implicada nas confusões que tu armas, Zéca.

“Você não tem sequer a cara de pau de mudar as histórias. Sabe aquelas crianças que jogam a culpa nas outras sobre tudo que acontece de errado?? Você, meu chapa!

-Disso eu sei. - Respondeu Azulão mal contendo o próprio sorriso. - Eu era a pobre vítima que levava a culpa de tudo que tipos como o Zéca aprontavam. Pobre de mim...

-Até que entrou na Academia da Frota Estelar e começou a devolver em cima dos colegas toda a aporrinhação que sofreu na infancia. - Retrucou o corinthiano careca - Eu lembro dessa história porque eu estava lá.

-Quietos vocês dois! - Esbravejou Karrow. - Alguém aqui tem que pensar.

-Vamos deixar o nosso filósofo klingon resolver a situação. - Desdenhou Zéca.

-O único klingon que tinha para essa ocasião era o pacifista democrata de plantão na turma... - Aproveitou Azulão para ter alguma participação na zombaria. - Com certeza, no meio desse cenário de guerra, ele vai resolver os problemas.

-Podia ser pior se o Karrow fosse desarmamentista.

-Desarmamentista nunca! Democrata jamais! Mantenho minhas convicções republicanas. – Bradou Karrow, que continuou: - Você disse que voltamos no tempo, Azulão...

-Sim.

-E que estamos num planeta próximo ao planeta Romulus, que, no futuro deste tempo em que nos encontramos... SERÁ DESTRUIDO.

-Exato...

-Quanto tempo temos aqui?

-O cataclismo a que me referi ainda vai demorar bastante para ocorrer, mas, o que me preocupa é nesse ambiente imprevisível, nossas chances são menores...”

Karrow olhou para Zéca...

-O mais velho, irresponsável e gagá aqui é você. – Disse o klingon com ar sério. - Seria um desrespeito ao seu posto não consultar a sua inestimável experiência.

“O que você, que nos meteu nessa enrascada, recomenda?”

Zéca coçou as bochechas da sua envernizada cara de pau, e sugeriu:

-Continuamos na direção indicada pelo aparelho...

-Sim... - Concordou Karrow. - Como se nos sobrassem melhores opções...

-Confia em mim. - Tranquilizou Zéca. - Deixa comigo e escuta o que digo que sei que tou fazendo...

-E novamente somos obrigados a ouvir o velho refrão... - Lamuriou-se Azulão com cara de sofrimento... - Tem certeza?

-Não tenho certeza de nada, amigos.

“Posso estar certo, bem como errado, mas, temos que seguir o caminho que restou.”

E naquele instante, Azulão percebeu algo diferente: Suas antenas andorianas se agitaram, ao detectarem no ar, vibrações distantes provenientes de motores funcionando.

Logo o som ficou evidente, até mesmo para os ouvidos humanos.

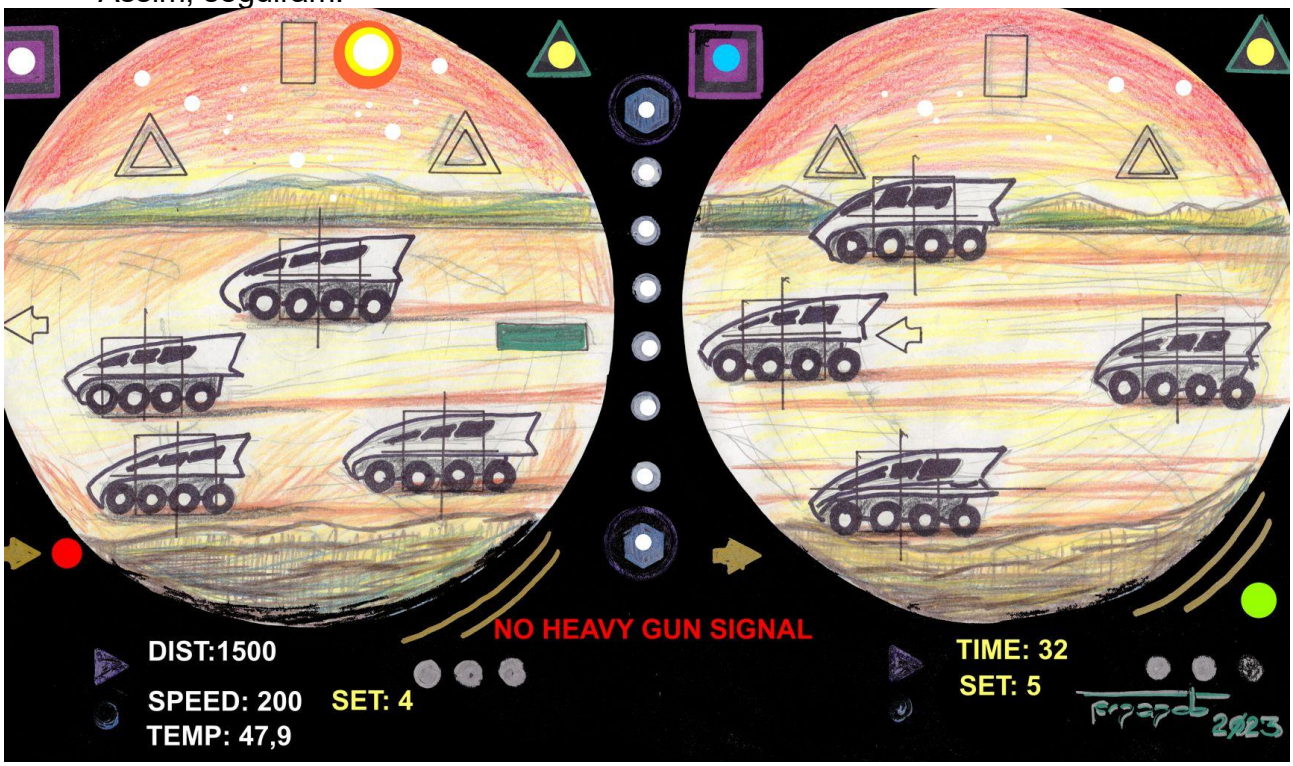
Não tardou para que todos alí, direcionassem seus olhares para a direção de onde vinha o ronco, assim, o trio enxergou diversos veículos em formato de ponta de flecha, correndo pelas areias enquanto produziam imensa nuvem de poeira, após terem saído de uma caverna nas imediações.

-Certamente esta turma motorizada também deve ter servido de alvo dos atiradores que tentaram nos destruir...”

“Agora estão se mandando deste lugar infernal...”

-Fulminando os atiradores que nos perturbavam, livramos também a cara dessa turma aí, mas nós aqui, estamos a pé... - Reclamou Zéca.

-Vamos em frente. - Disse Karrow. - Não temos tempo a perder.
Assim, seguiram!




***

Caminharam por horas, sem pressa, alternando as posições, cada qual, em algum momento, na retaguarda, na liderança, ou no centro da formação.

Consultavam seus equipamentos, em especial, o tricorder do Zéca nas mãos do Azulão, e quando não trocavam sinais ou zombarias entre si, se calavam avançando.

Continuaram assim até o meio da madrugada, graças a óculos de visão noturna, aos suplementos energéticos, que não os deixavam se cansar, e também porque, o objetivo final, segundo as indicações estava próximo.

Seguiram assim, até finalmente chegarem a um acampamento, formado pelos mesmos veículos que algum tempo antes, avistaram escapando da zona de bombardeios, e agora, estavam estacionados, formaram uma grande circunferência.

Azulão consultou o tricorder convencional e analisou a situação:

-O perímetro não está protegido por qualquer campo defensivo.

“Não tem seguranças de guarda... Nada vigiando os veículos no meio deste nada...“

-Bastante poético, mas, de fato:

Esta turma está muito displicente,ou então, preocupada com

algo que não estamos percebendo... - Ponderou Zéca.

Já entrando naquele acampamento de veículos, o trio deparou-se com a senhora que batia vassoura num tapete pendurado na corda amarrada entre dois veículos.

Ela avistou os estranhos, e mesmo assim continuou o que fazia, deste modo, os três fizeram-lhe um breve aceno e avançaram como se fossem conhecidos.

Mais adiante, já no acampamento, surpreenderam-se com uma vibrante reunião de pessoas tranquilas e alegres ao redor da grande fogueira onde se bebia e comia sem qualquer preocupação com a posição desprotegida em que se encontravam, bem no meio de um ambiente desértico e ameaçador.

-A turma bebeu muita Trania. - Disse Karrow. - Olha só.

Abaixou-se e pegou uma garrafa esvaziada que estava no chão.

Zéca aproximou-se, e observou enquanto Karrow continuou:

-E não é uma Trania qualquer.  Essa aqui relaxa até os tigres kroulosianos..."

"A turma aó deve tá alucinando com esse negócio..."

-Saíram de uma zona de guerra e pararam aqui para encher a cara? Que estranho...

-Tá me cheirando casamento ou algum tipo de festa... - Suspeitou Azulão.

-Casamento, Azulão?!? Você só pensa em festa!

-Não! - Tentou se justificar Azulão. - Parece que tem mesmo algo assim no ar...

O andoriano estava incomodado: o clima era festivo, mas, ele pressentia ameaças....

Suas antenas moviam-se nervosamente procurando alguma coisa.

Zéca aproximou-se dele e indagou:

-Quando foi a última vez que você limpou essas antenas, Azulão?

"O que está acontecendo?"

Azulão olhou para Zeca, em seguida colocou os polegares e dedos indicadores, nas bases das suas antenas, apertou-as e esticou-as para o alto.

Dos orificios nas extremidades destas, espirraram secreções de cor amarelo-clara.

Azulão fez até uma expressão facial de prazer, depois da limpeza...

-Então? - Indagou Fernando Zéca.

O andoriano arrebitou o nariz para o alto...

Pela sua cara, algo não estava do seu agrado.

-Isso aqui está cheirando mal...

-Diga algo que não sabemos. - Reclamou Karrow.

-O que está percebendo aí, Azulão? - Insistiu Zéca...

-O mau cheiro... Tá cada vez maior...

-Não tou sentindo nada. - Disse Zéca.

-O fumo que você queima acabou com o teu olfato. - Disse Karrow. - Mas eu também não tou sentindo cheiro de nada.

-É mau cheiro suliban! - Disse Azulão. - Tem um monte deles aqui por perto...

***

Fernando Zéca Corinthiano não perdeu tempo.

Rapidamente, tirou da mochila as 3 armas Betsye e, assim que foram acionadas logo se ergueram a uns quinze metros de altura do solo, cada qual, apontando sua artilharia em direções diferentes, com luzes verdes em suas extremidades, indicando prontidão para produzir uma tempestade de raios destruidores, capaz de afastar, ameaças variadas.

Em seguida, o carequinha sacou e destravou as próprias pistolas com Karrow e Azulão também se pondo de armas em punho.

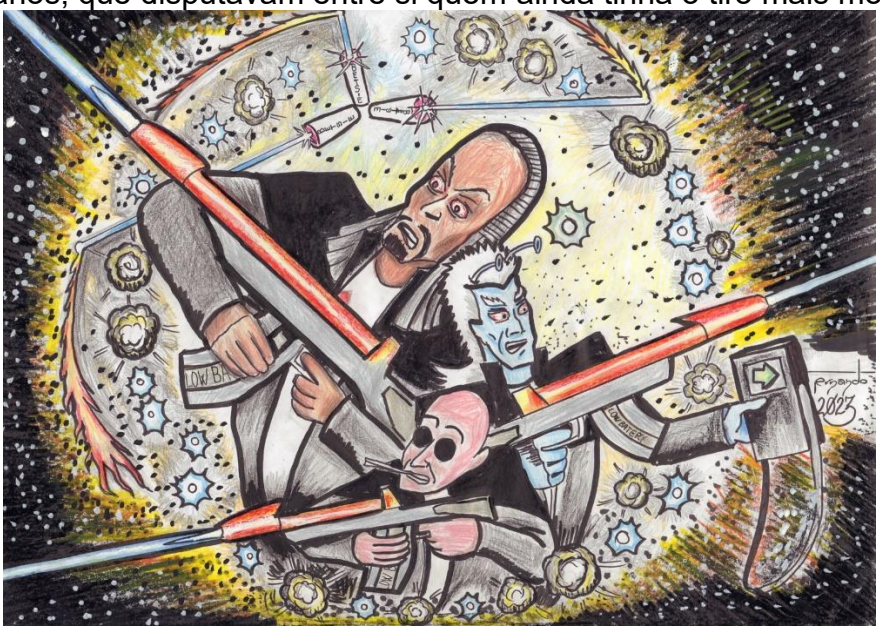
Ainda que os movimentos fossem matemática e sincronizadamente calculados, Azulão parecia meio desconcentrado já que suas percepções andorianas anteviam ameaças, de modo diferente que as humanas ou klingons.

-O perigo é iminente, cavalheiros. - Disse Azulão enquanto coçava as temporas.

Mal terminou de proferir estas palavras e, por cima dos grandes veículos apareceram drones fazendo disparos à torta e à direita, contra as pessoas que alí estavam.

Um verdadeiro atentado terrorista, pois, os tiros eram dados a esmo, contra gente embriagada, que mal tinha condições de correr.

O ímpeto desta ação agressiva não durou muito, pois, foi logo repelida pela defesa dos três veteranos, que disputavam entre si quem ainda tinha o tiro mais mortífero...



Abrigado nas irregularidades do chão, o trio resistiu com bravura até o fim do ataque, porém, para levantarem-se, até por conta da idade, ajudaram-se mutuamente, juntando esforços primeiro com um deles pondo-se de joelhos, para em seguida ajudar os outros a a se levantarem, e por fim, todos juntos apoiando-se até ficarem de pé.

Ao fim, o trio dividiu cumprimentos efusivos.

-Como nos velhos tempos, senhores. - Resfolegava Zéca esbaforido...

E batiam punho fechado contra punho fechado.

-Como nos velhos tempos! - Exclamou Karrow.

Azulão também deu seus murros, mas olhava o entorno com expressão de dúvidas, um sorriso que não era tão efusivo quanto o dos camaradas e com as antenas se mechendo sem parar...

Desatenta aos perigos da situação, a turma do acampamento, embriagada com a Trania, se divertia como se estivesse num cinema-5D de alta interatividade, assistindo um inofensivo festival de raios pipocantes, explodir com muito barulho.

Azulão logo fez outra careta, indicando a chegada de mais problemas.

-Pressinto perigo... O pior está por vir!”

Dito isso, virou-se com um movimento em que, levantou sua arma, apontando-a numa direção aparentemente sem nada para servir como alvo, e disparou.

Em milésimos de segundos, um raio azulado saiu do cano da arma, tendo logo, seu percurso interrompido por algum tipo de ameaça, antes invisível aos olhos humanos, que, ao ser atingida pelo raio, tornou-se perceptível na forma de uma mancha clara.

A silueta revelada, mostrou uma figura humanóide que, logo tentou esquivar dos ataques subsequentes...

Porém, em menos de dois segundos não tardou para que outros disparos de Zéca e Karrow também acertassem o agressor, que tombou morto.

Era um suliban.

-Este é só o primeiro. - Disse Azulão. - Outros virão.

***

-Que alegria! - Resmungou Zéca em voz baixa.

Após breve exame no cadáver suliban, Karrow, concluiu.

-A pele verde e as roupas vermelhas são indicações de serem do Cabal. - Explicou.

-Agentes do Cabal? A Bete odeia esta turma de terroristas. – Lembrou Zéca. – São perigosíssimos. Como o nosso dia poderia ficar pior com estes tipos?

-Calma Zéca! Não enfarte com a tensão! - Alertou Azulão. - Você passa o dia inteiro fumando, e na hora que aparecem os problemas se irrita e passa mal.

-A enfermeira disse que ele teve um AVC quando ela foi sem sutiã. - Informou Karrow com cara séria.

-Ah! Agora temos um klingon piadista! - Reclamou Zeca.

-Você foi internado de novo na casa de repouso dos jovens de outrora? - Perguntou Azulão, não sabendo se ria ou se chorava pelos pressentimentos nada otimistas que tinha...

-Na verdade fui lá para me inspirar, antes de escrever o próximo livro...

-Essa loróta não cola mais, Zéca. - Cortou Azulão. – Eu soube que a tua filha te internou porque tava cansada de você reclamando e fumando sem parar dentro de casa.

-Esse velho matuto não ajuda em porra nenhuma e atrapalha quem faz algo de útil.

-PÔ Zeca... A coisa tá mal assim? Por isso você nos arrastou para essa situação?

-Vou repetir, seus gozadores: A Marge disse que estamos numa missão importante...

-A MARGE?!?! - Trovejou Karrov. - De novo esse papo? Voltemos ao que interessa...

Mal terminou o klingon de proferir suas reclamações, e, diversas explosões perto do grupo de veteranos, a saltar como bolas de borracha cada qual, para um lado diferente.

-Eles chegaram! - Gritou Azulão.

Mal se abrigaram, e uma chuvarada de raios mortífera aumentou obrigando-os a sacar dos bolsos, óculos de visão amplificada para enxergar os atacantes.

-São eles. - Disse Azulão através do intercomunicador.

O trio logo visualizou um exército de sulibans avançando agressivamente, incentivados pela crença de que seus movimentos eram invisíveis na escuridão.

Fernando Zéca mal teve tempo de ordenar:

-FOGO.

Do alto, as três Betsies, imediatamente cuspiram raios brancos destruindo sem remorso hordas inteiras que tombavam antes de cumprir seus desígnios assassinos, fazendo ainda, subir a temperatura na parte externa da formação circular de veículos, com a noite virando dia por conta de tantos disparos e explosões.

O mais incrível de tudo, era que só mesmo os três veteranos se preocupavam com o ataque, já que, os membros da caravana, assistiam os embates, como se nada daquilo pudesse atingi-los. E o mais extraordinário, é que nenhum disparo de fato lhes atingia.

Havia até a velhinha na cadeira de balanço, fumando cachimbo, que apontava para o cenário, dando palpites como se fosse general de batalha ou, um treinador do jogo.

Do alto, os sucessivos disparos dos cilindros, matavam sulibans como moscas.

Tantos eram os mortos inimigos por conta do trabalho das armas mortíferas, que, seus corpos formavam um primeiro muro de defesa, ainda que imperfeito, para a caravana alí estacionada.

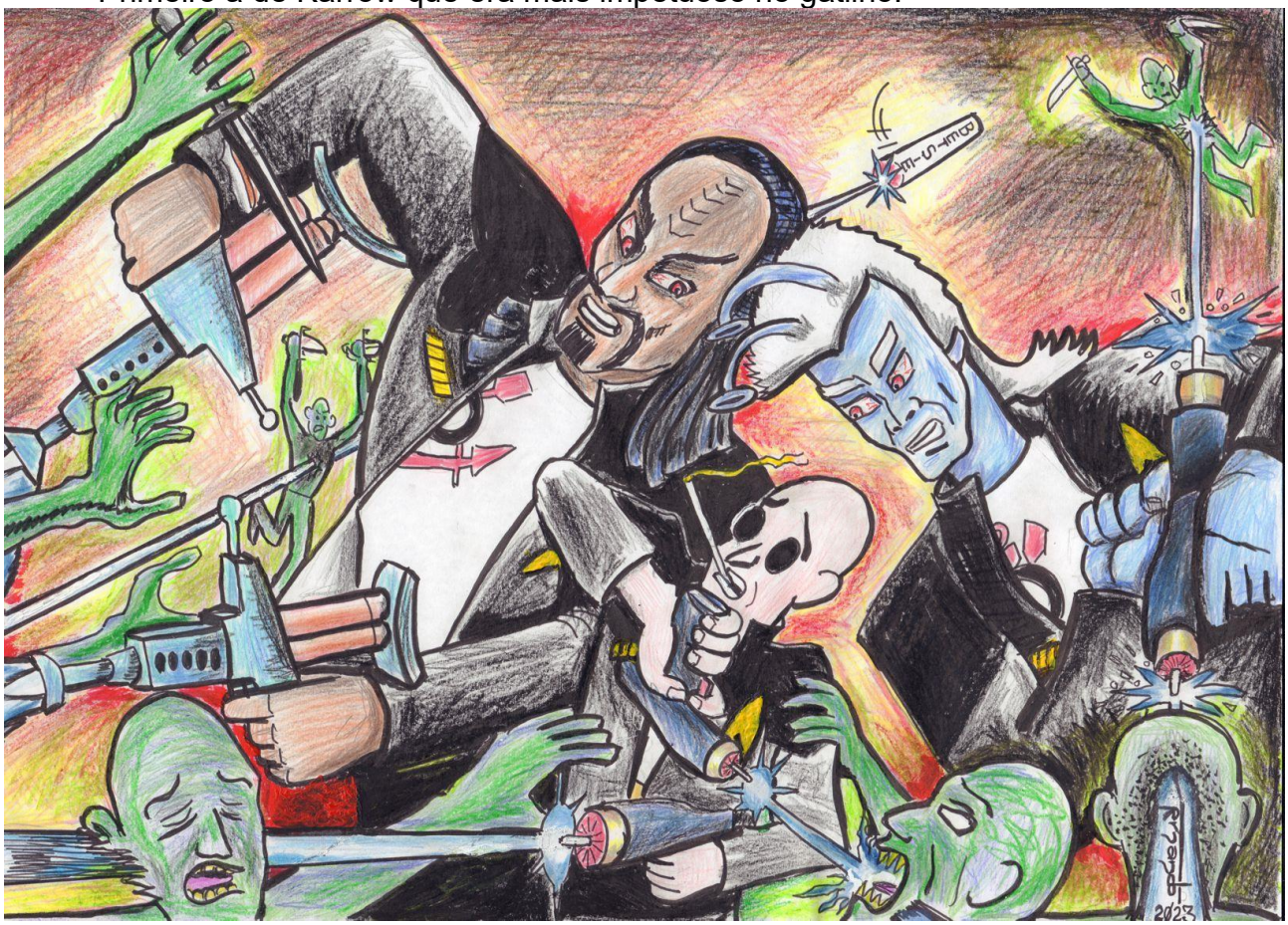
Meia hora de combate acirrado depois, esse equipamento surpreendentemente, superaqueceu e desligou.

Os três veteranos, de suas posições, mesmo diante do inesperado infortúnio, não se resignaram e, continuaram a renhida resistência.

Dos canos de suas armas, muitos raios mortíferos atingiram o agressor causando-

lhes prejuízos irreparáveis, entretanto, em dado momento, as baterias foram se esgotando.

Primeiro a de Karrow que era mais impetuoso no gatilho.



Mesmo assim, o klingon não diminuiu a sua bravura sacando uma BATLETH que sempre carregava presa à sua mochila e seguiu lutando selvagemente.

Em seguida foi a vez de Azulão, que, também teve problemas com as baterias, mas, sem se resignar, como bom combatente que era, sacou um velho facão carregava como parte do armamento pessoal e continuou lutando com maior agressividade.

Por fim, foi a vez das baterias das pistolas de Fernando Zéca se esgotarem.

O velho careca barrigudo e baixote, nunca fora um bom lutador no corpo a corpo, ou mesmo, com armas brancas como seus companheiros de batalha.

Tinha consigo um machado que, até sabia manusear como ferramenta, ou, eventualmente, fazer algumas estripulias acrobáticas.

Entretanto, se tinha sangue frio para ser um mortífero atirador de primeira linha, sentia-se incapaz de ter a agressividade, eficiência e técnica necessárias com as mãos nuas, ou mesmo, munido de arma branca, até mesmo contra formigas e mosquitos.

Tamanhas destrezas, até mesmo pela compleição física de Fernando Zéca Corinthiano não faziam parte do seu hall de aptidões nem da sua natureza, que preferia combater com ampla vantagem de armamento altamente tecnológico ao invés de suar sangue em combates violentos.

Mas, nem tudo na vida é do jeito que se deseja, e assim, ele também teve que sacar a lâmina que vinha num pequeno canivete altamente tecnológico de 2000 funções que usualmente carregava consigo.

Instrumento versátil que naquela situação era inútil, devido as baterias esgotadas, lâminas pequenas e, até por conta da idade que o fazia emperrar durante o manuseio.

Enquanto Fernando Zéca pelejava com ferramenta tão ruim, dois grotescos e ameaçadores guerreiros sulibans avançaram, cercando-o, um por cada lado, empunhando bastões de madeira.

Sem energia nas armas de fogo, Zéca atirou sua pistola descarregada, acertando com esta, a testa de um dos atacantes, enquanto o outro continuou em sua direção, pronto para lhe desferir algum golpe fatal.

Fernando Zéca esquivou-se, escapando com seu inútil canivetinho em riste, que em seguida, logo na primeira investida, quebrou ao atacar o peito do inimigo.

A tosca arminha ao menos, deu ao protagonista, algum tempo a mais de vida...

Com a morte certa e próxima, ele fugiu de outro perigosíssimo golpe do atacante, e correu desesperado para se salvar.

Desprevenido, assustou-se mais ainda quando um sujeito gigante, de pele rosada, fortíssimo, e mais de 2 metros de altura, passou veloz ao seu lado gritando selvagemente.

***

O berro vinha de um cabeludo, que brandindo enorme espada, dizimou o restante da infantaria sulibam, salvando Fernando Zéca.

Vendo o ímpeto do sujeito, até Karrow, que já estava esgotado, se animou, e saiu distribuindo ainda mais bordoadas, com redobrado ímpeto.

O empolgamento foi aumentando cada vez mais, e Azulão lembrou que ainda tinha consigo, cilindros com hypospray, que, uma vez injetados através da pele, aumentavam a força e resistência em quem recebesse suas doses.

Sem perda de tempo sacou de sua mochila, três tubos alí disponíveis, com o tal medicamento e um deles usou para aplicar a primeira dose, no próprio braço.

Após chiado curto e baixo, sentiu correndo pelas veias, a poderosa energia que lhe fortaleceu instantaneamente.

Arremessou então, um dos cilindros remanescentes na direção de Karrow que, o agarrou em pleno voo, imediatamente, injetando-se a dose daquela medicação fortificante.

Azulão aplicou o último hypospray em Fernando Zéca, já esgotado com tanta briga.

A palidez na pele e o ar distante do velho careca, indicavam, que este já quase não conseguia nem raciocinar direito, mas, após a aplicação dada, o efeito mostrou-se revigorante, mesmo que um tanto quanto lento para a emergência.

De qualquer forma, a cabeça de Fernando Zéca lentamente voltou a funcionar, recordando-o de que ainda havia um charuto guardado no bolso.

Sem perda de tempo, o baixote careca sacou o fumo e logo o acendeu.

Dadas as primeiras tragadas, uma mudança ocorreu nos ânimos com suas energias sendo imediatamente restabelecidas. Após mais baforadas, o veterano gradualmente retornou ao costumeiro modo de trabalho naquelas situações, sendo que, até mesmo, o seu tamanho pareceu aumentar e, sua postura corporal melhorou.

Contudo, a fumaceira que o seu charuto gerou, logo atraiu, o fogo inimigo, que, com uma saraivada de disparos, destruiu tudo ao redor do fumante, sem, no entanto, acertá-lo.

-Com mil milhões de raios e trovões. - Praguejou Fernando Zéca. - Esses caras estão atirando em nós...

-Porra Zéca! Mas o que é que você queria? Que nos dessem flores? - Indagou Azulão irritado. - Abrigue-se!

Atendendo à recomendação, Fernando Zéca correu para trás de um rochedo próximo de onde recolheu pedras do chão para atirar nas cabeças dos adversários.

Deste modo os combatentes veteranos persistiram a luta com dignidade até alcançarem a vitória, em outra batalha, que os especialistas dariam como perdida.

Os prejuízos dos agressores mortos trouxeram lucros para urubus, corvos e abutres locais que desciam dos céus, com avidez para disputar e banquetear-se nas cadavéricas carnes fétidas dos derrotados.

Depois de tanta violência e desperdício de sangue, veio a tranquilidade do ambiente silencioso em que os vencedores que conseguiram miraculosamente, aplacar o temível

ataque sem qualquer arranhão, reuniram-se trocando efusivos cumprimentos.

Karrov saudou o homem que se juntou à resistência vitoriosa.

-Sou Karrov. Almirante da Federação dos Planetas Unidos. Obrigado pela ajuda.

A saudação foi retribuída com um aperto de mão, e, o novo aliado identificou-se:

-Sou Conan, líder desta caravana.

-Acho que a algum tempo vimos vocês saindo de uma caverna. - Disse o klingon. - Não estamos certos com tanta poeira em meio ao deslocamento rápido de veículos”

-Sim. Eramos nós.

“Saímos da caverna, mas, logo paramos, pois, a minha esposa não estava em condições de continuar a viagem.”

-Sem condições como? Ela precisa de médico?

-Bom... Ela...

-Se for o caso posso ser útil. - Interrompeu Azulão. - Servi bastante tempo, como médico, nas antigas naves comandadas por esse careca.” - Esclareceu o andoriano apontando para o Zéca.

-Ele de fato era o meu primeiro oficial. - Confirmou Fernando. - Até resolvia os problemas quando não reclamava.

-Ora, Zéca! Era você quem sempre enchia o saco, e nos enfiava em confusões. Assim como continua fazendo hoje em dia.

-Só cumpria ordens, como qualquer pau mandado aposentadoreiro a serviço do Estado.

-Cumpria ordens? - Indagou Karrow. - Sempre fazia qualquer serviço de algum jeito particularmente duvidoso, coisa que de fato, não mudou nada até hoje.

“Você sempre esteve bem longe de ser um mero pau mandado cumpridor de ordens.”

-Um médico viria bem a calhar... - Interrompeu Conan.

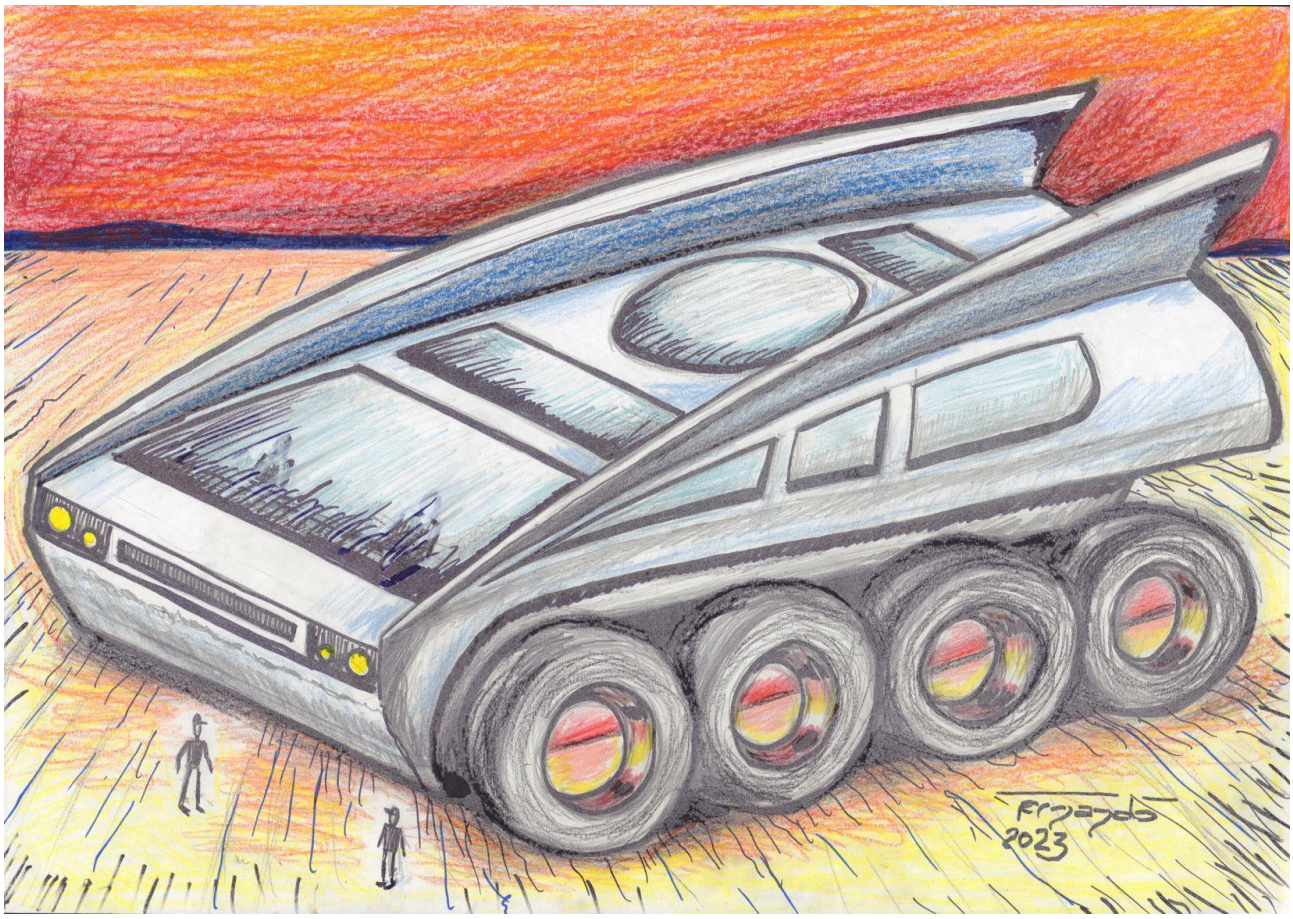
Em seguida houve um breve silencio, que foi quebrado pelo aflito marido.

-Se puderem examinar minha esposa, eu agradeceria...”

-Claro! - Prontificou-se Azulão. - Casualmente, trouxe comigo meu equipamento médico, na mochila.

Conan então, apontou para um dos veículos que formava o círculo, e seguiram todos naquela direção...

***



Silenciosamente avançaram passando perto de viajantes visivelmente embriagados com a Trania que, mesmo com o cheiro forte e nauseabundo deixado pelos combates, não se preocupavam com nada além de beber mantendo o bom humor e vivendo de perto emoções fortes, como quem vai ao cinema 5D com a cabeça doida devido ao uso de drogas lícitas ou não....

Por sorte, ninguém alí se machucou, só os agressores sulibans..

Ainda assim, diante de quadro surreal, Zéca teve uma de suas inspiradas tiradas:

-Lembrei da estorinha da cigarra e da formiga, em que, enquanto a primeira cantava, a segunda só ouvia.

-Essa deve ser a nova versão editada. - Apressou-se em corrigir Azulão.

Zéca percebeu que errara em alguma coisa e, tentou voltar atrás para retificar-se, mas não teve tempo...

-De fato, Zéca, a formiga escuta, só que, trabalhando” ... - Reparou Azulão

-No final, meu amigo. - Tentou reparar-se Zéca, tentando sair por cima na conversa. - A moral da história é que, os dois trabalhos são importantes para a coletividade.

“Se a cigarra não canta, a formiga não trabalha feliz.”

-Essa versão é diferente da que me ensinaram em Andoria. - Corrigiu novamente Azulão.

-Ah é? - Indagou o careca baixote irritado...

-A moral da história, por lá é a de que, a cigarra além de cantar mal, não fez reserva

para o inverno, daí quando a estação muda, esta morre de fome pela falta de precaução.

Azulão fêz uma pausa silenciosa e concluiu:

-A formiga também morreu, só que de dor no ouvido.

-Não sabia que as formigas têm ouvido... - Retrucou Zéca.

-As andorianas têm.

Felizmente, logo chegaram à caçamba do veículo onde estava a esposa de Conan, assim, Fernando Zéca não presenteou seus companheiros com mais nenhuma de suas reflexões altamente filosóficas.

O quarteto entrou no espaço que, estava sendo improvisado como quarto da esposa de Conan, que se encontrava deitada em sua cama, com duas acompanhantes ao lado.

A mulher dele era lindíssima.

Cabelos ruivos, olhos verdes, muito sensual e, prestes a entrar no serviço de parto.

-Como você se chama? - Indagou Azulão.

-Meu nome é Sonja.

O andoriano avaliou o estado da paciente e, uma vez entendida a situação, passou a trabalhar com extrema rapidez. Sua experiência em emergências médicas ensinou-lhe o que fazer nos casos do gênero assim, em poucos momentos, limpou e organizou uma área de trabalho da melhor maneira possível.

Sacou então, do kit médico que carregava sendo:

Um cilindro metálico com aproximadamente 12 centímetros de diâmetro, por igual tamanho na altura, e, posicionou-o ao lado de onde a lindíssima Sonja estava deitada.

Desrosqueou deste aparato a tampa, e acionou uma chave.

Logo, dali, projetou-se a imagem tridimensional de um médico humanoide, com uniforme branco da frota:

-Olá! Por favor, informe o motivo da sua necessidade médica.

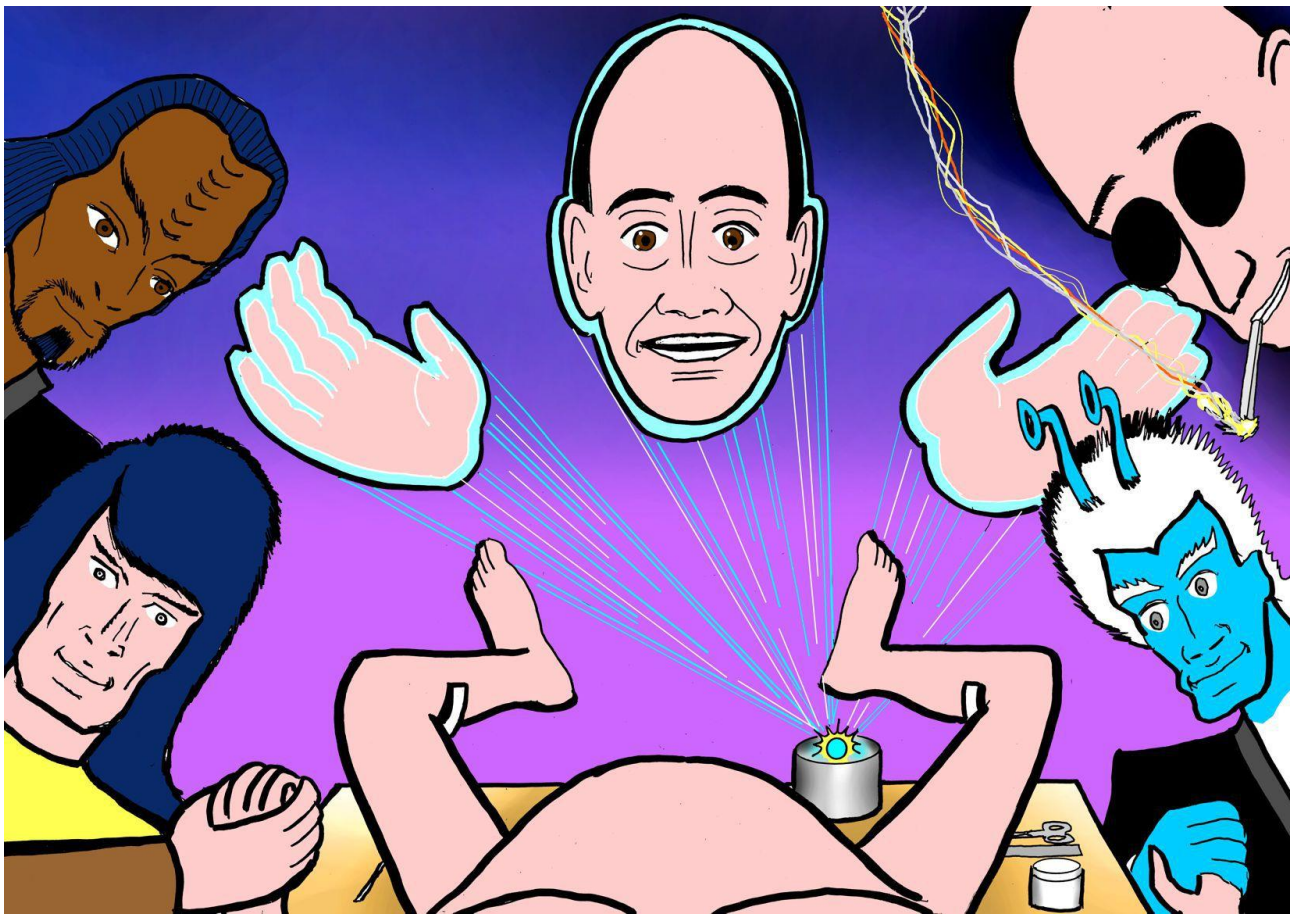
-Paciente está entrando em trabalho de parto. - Disse Azulão.

O médico holográfico projetado no ar pelo cilindro, tinha apenas partes do seu corpo, flutuando sobre a esposa de Conan, utilizando os instrumentos dispostos na mesa.

Assim, sem perda de tempo este começou o serviço de parto de modo inusitado.

-Mãos.

A medida que o médico artificialmente criado, dava comandos, novas ferramentas apareciam, ou ações podiam seguir adiante automaticamente sem sua intervenção direta.



No caso, quando ele disse a palavra “mãos”, logo apareceu mais um par de mãos auxiliando o trabalho.

Azulão apenas assistia tudo, verificando os dados da paciente e da criança que estava para nascer.

O tempo voou e logo, sem maiores contratempos, chegava àquele mundo, uma menina de portentosos cabelos ruivos, cheia de saúde, que já saía de dentro da mãe, com choro esbravejante a plena potência.

O cordão umbilical, e a recém-nascida passaram por rápida limpeza com o médico em seguida, mostrando a criança para Sonja.

-Parabéns! Qual vai ser o nome dela?

Sonja abriu um lindíssimo sorriso, iluminado pelos seus olhos brilhantes, dizendo:

-Minha filha vai se chamar Elizabeth Bondmader.

***

O médico entregou a criança para o aturdido Azulão e, antes de desaparecer, o instruiu:

-Ela agora deve descansar. Você sabe o procedimento.

Se a criança já estava chorando com força, assim que foi entregue ao nosso andoriano, passou a esbravejar ainda mais intensamente.

A essas alturas o médico holográfico já havia se autodesligado.

Azulão tentou relacioná-lo, no próprio aparelho cilíndrico, mas, não obteve resposta alguma.

Foi quando teve uma de suas grandes ideias: entregou a recém-nascida Elizabeth, Bondmader para Karrow.

O destemido Almirante klingon não sabia o que fazer, diante da inédita incumbência.

-Vai que é tua, amigão. - Disse o andoriano.

Curiosamente, logo ao primeiro contato com o valoroso guerreiro klingon, a

pequenina imediatamente tranquilizou-se, parando de resmungar.

Foi o que bastou para acionar nele, o modo paterno que, logo o fêz encontrar uma chupeta para tranquilizar a nenê.

-Calma chefa! Calma! Não é o caso da senhora ficar nervosa!

Assim que ouviu aquelas palavras, a pequena Elizabeth parou com as suas manifestações de inconformidade, acalmando-se.

Tal fato, não passou desapercebido por Fernando Zéca, que, gargalhou.

-Bendito klingon! É sempre ele quem tranquiliza a chefa!

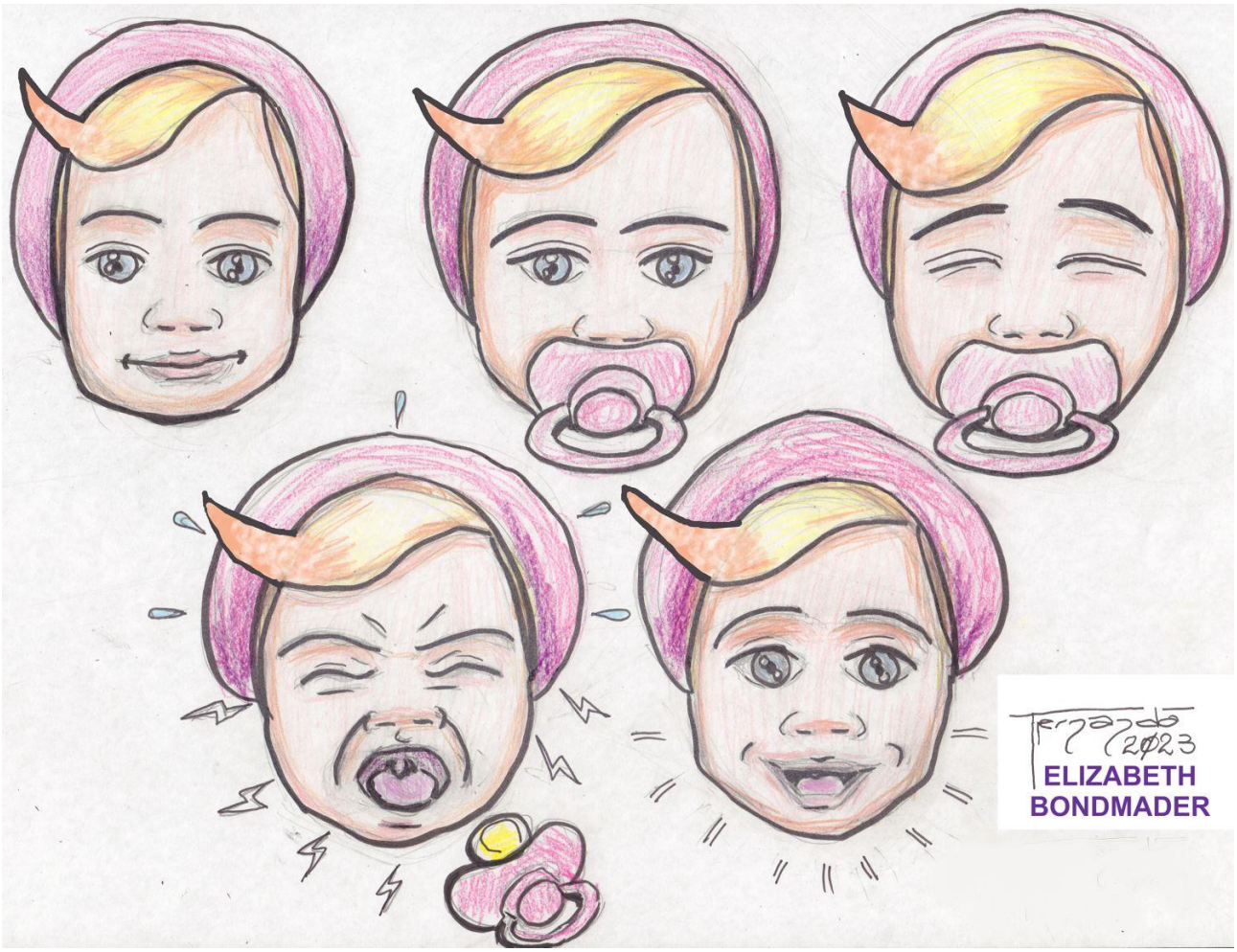
Azulão olhou para os camaradas indagando:

-E ela mesma?

Os três olharam-se e responderam num coro unísono:

-Sim! Essa aí é a nossa futura chefa, a Bete.

***




Azulão passou o dedo na ponta do nariz da chefinha, que logo fez uma careta...

-Claro que é ela.

“Olha como ela faz quando você chega perto dela... - Disse Zéca. - Ela já sabe que tu vai chegar com alguma encrenca.”

-Mas eu não fiz nada. - Lamuriou-se o andoriano.- E é você mais do que ninguém quem arruma dor de cabeça para ela resolver.

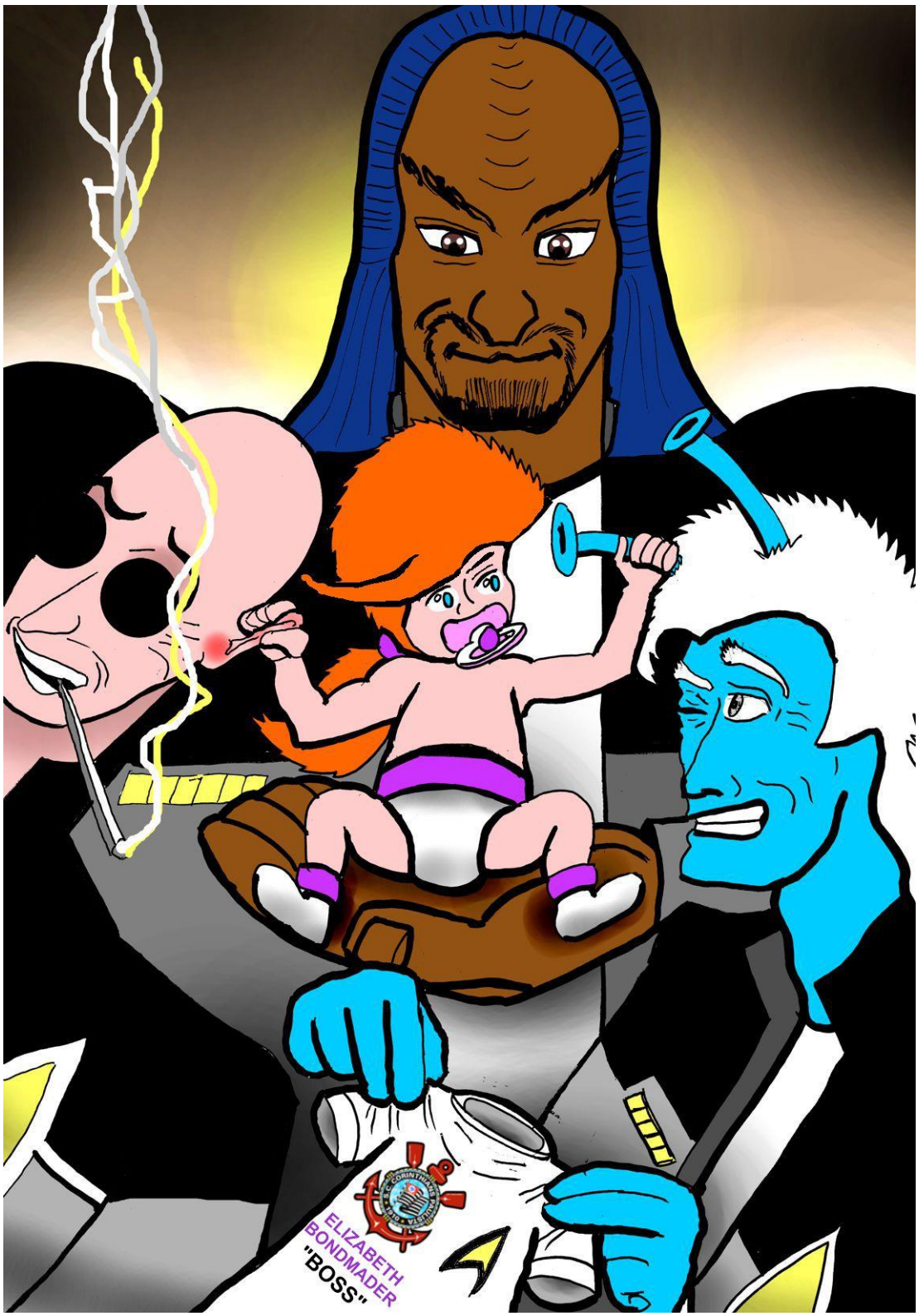
-Quietos vocês dois. A chefa quer dormir. – Alertou Karrol...

-Calma Karrow, não precisa ficar bravo, amigão. – Disse Zéca.

-O Karrow não quer a chefa irritada...

-Nem eu! Tenho que garantir uns pontos com ela agora, para me livrar das broncas no futuro.

Karrow tentava ninar a pequena Elizabeth:




-Não vai adiantar nada Zéca. – Protestou o klingon. – Tu não ganhará ponto nem comigo, nem com ela.

“Mesmo segurando a chefinha agora. Não esqueci da confusão que toda hora a gente se enfia por tua conta. Posso não ser muito esperto por cair enrolado em todas as trapalhadas que você mete a gente, mas essa doideira aqui não esquecerei tão cedo...”

Azulão coçou o queixo, enquanto admirava a pequena cabeluda Elizabeth...

-Maior doideira ainda é o Zéca dizer que sonhou com a Marge e ...?

-Qual é, Azulão???? Pô, meu irmão! – Interrompeu Zéca protestando. - Já falei que é verdade....

-Silencio vocês dois. A chefa vai dormir.

E não deu outra! A pequena Elizabeth fechou os olhos, dormindo e o klingon entregou-a para o pai que ouvia toda aquela conversa, sem entender patavinas...

Na verdade, alí mesmo, ninguém estava tendo entendimento completo de nada!

Mesmo Zéca, que chamou os amigos para aquela jornada, poucas explicações e provas a respeito de seus motivos, tinha para dar, a não ser, o estranho tricorder, e a histórа implausível de uma antiga ex-namorada, que, reapareceu do nada, incumbindo-o com tão insólita missão.

Mas isso não era problema para os três amigos, que mesmo queixando-se incessantemente, nunca deixariam de se ajudar, qualquer que fosse a circunstância.

Se algum deles precisava, os outros sempre vinham em socorro, mesmo tendo que enfrentar uma viagem pelo tempo para assistir o nascimento da futura chefa.

De fato, o evento era por si só, suficientemente épico para deixar qualquer um abestalhado.

Fernando lembrou-se da caixa reserva de charutos que tinha na mochila.

Aquela situação era ideal para celebar com fumo, daí, Zéca distribuiria alguns cigarros entre os presentes e iria ele próprio, colocar os pensamentos em ordem, fora do veículo adaptado como maternidade, cujo tamanho e acomodações eram similares as de uma casa de dois andares.

Sentou-se de frente para uma fogueira que já estava ardendo, riscou um fósforo, acendeu e ficou saboreando seu charuto.

Encontrou ao seu lado, uma garrafa fechada e lacrada daquela famosa Tranya mencionada por Karrow.

Sem fazer-se de rogado, aproveitou a ocasião, abriu-a e bebeu alguns goles dela.

De início, não sentiu nada.

Resolveu tomar outra talagada...

Continuou não sentindo nada...

Bebeu mais uma, e, ainda deu algumas tragadas no seu charuto.

Ficou de pé e após andar por alguns minutos, percebeu que suas pernas já não o obedeciam mais com a realidade no seu entorno alterando-se drasticamente...

***

Formou-se no horizonte, grande mancha azulada que, como num passe de mágica, dividiu-se em várias formas humanoides de mesma cor, cabelos negros e olhos proeminentes.

Uma destacava-se mais que as outras. Era feminina. E gigantesca!

As formas menores começaram a tocar flautas enquanto, a maior, batia os pés no chão produzindo a cada pisada, o som de um tambor trovejante.

Os ouvidos de Fernando Zéca quase arrebentaram devido ao volume da música.

Seus olhos lacrimejaram, ofuscados pela visão da dançarina azul de vários braços e pernas que, num breve vislumbre de seu rosto revelava tranquila beleza inigualável que só uma divindade manteria em meio a cenário tão explosivo, mas que, por outro ângulo, também figurava simultaneamente na mesma cabeça uma expressão sombria e monstruosa, de olhos arregalados, apavorantes com língua de fora.

Tão estranha dançarina era adornada por um colar de crânios, vestia um cinto curto feito de braços humanos, sendo ainda, maquiada com manchas de sangue nas mãos, no rosto e pelo corpo.

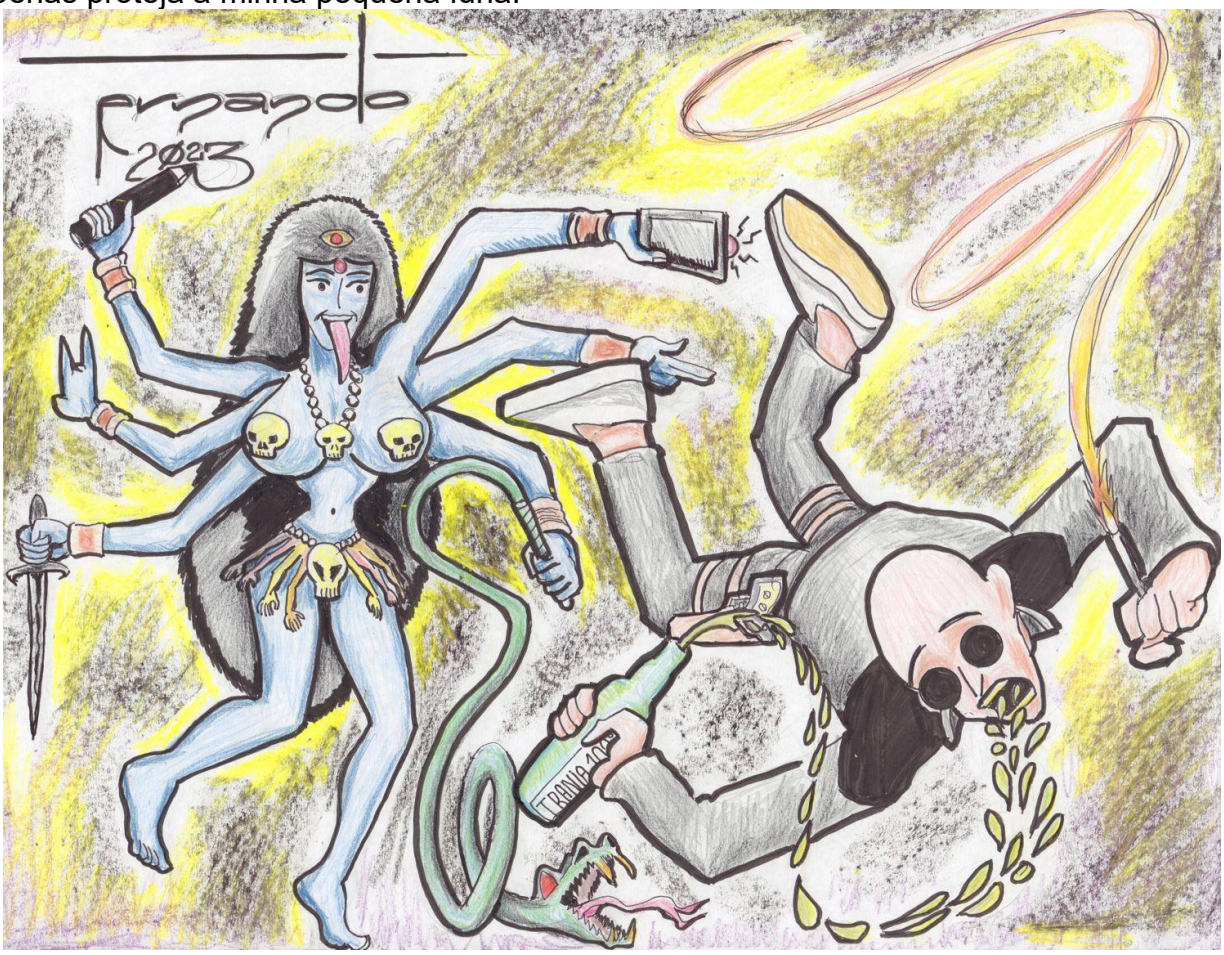
Sob seus pés, ao som de cada pisada, pululavam cobras e demônios numa orquestra apocalíptica. Tão divina dançarina destruía, ao mesmo tempo que, de suas incontáveis mãos, dos aparatos que segurava, fluía energia brilhante revivendo e fortificando tudo.

Por alguns instantes, cujo tempo não pôde ser determinado, Zéca admirou aquele balé sinistro e encantador até acessar uma memória distante sua, que associava aquela figura à de Kali, da temível e poderosa Deusa Hindu da destruição

Nesse instante então, de um momento para outro, todo aquele ribombar sonoro, subitamente silenciou-se, e até mesmo o balé explosivo foi paralisado.

A poderosa dançarina virou-se para seu expectador já aturdido por conta do fumo e da Trânia, e, com voz estrondosa disse-lhe em altos brados:

-Não tente compreender razões pois, você e os outros não são capazes de tanto. Apenas proteja a minha pequena fúria.



Nesse instante, na mente de Fernando Zéca veio a imagem da Elizabeth Bondmader do seu passado, a que um dia fora sua melhor chefa, enquanto a divindade continuava:

-Da minha protegida, a sua medíocre Federação dos Planetas Unidos dependerá incontáveis ocasiões para continuar pavoneando “virtudes” pacifistas ridículas, galáxia afora no futuro.”

“Não ouse ignorar minhas palavras, mesmo que tua infinita estupidez te impeça de compreender o significado do que EU te disse. Minha ordem vale para você e os outros dois patetas que vieram contigo! Vocês são menos que peões num jogo muito maior.”

Em seguida, tudo ao redor de Fernando Zéca Corinthiano escureceu, e, veio o silêncio.

***

Em meio à treva profunda sem som, Fernando Zéca concluía que: a pequena fúria a ser protegida, era mesmo a pequena Elizabeth Bondmader, que, neste período ainda teria um futuro, em que comandaria o temível E.Y.E. (Serviço Secreto da Federação), com incomparável preparo, absoluta severidade e mão de ferro.

Por conta de sua implacável determinação, em busca de Justiça, e até de indisfarçada sede de vingança, ela seria chamada de “a quarta fúria”, em referência às divindades gregas, determinadas e intolerantes na aplicação de seus castigos.

Irritadiça e nervosa como ela só, a pequena bete no futuro seria uma workaholic temida dentro e fora da galáxia pela sua ilimitada devoção à segurança da Federação e de seus ideais.

Mas para tanto, a pequena bebezinha, ainda teria de sobreviver às aterradoras forças que ameaçavam sua vida.

***

Luz ofuscante machucando os olhos...

Aos poucos uma massa sonora ficava mais audível...

Quando a barulheira parecia que explodiria seus pensamentos, foi dividindo e identificando cada som até que então reconheceu vozes.

A visão finalmente melhorou, o foco se ajustou, e Fernando Zéca percebeu que Azulão estava diante dele, fazendo-lhe um checkup passando próximo a sua têmpora, algum dos instrumentos médicos.

-Porra Zéca! Tu exagerou na mistura da Trania com teus charutos e tá passando mal. Faltou pouco para ires desta para a melhor.

-Foi assim tão ruim? - Indagou Zéca, com ar temeroso.

Azulão desviou o olhar para outra direção e respondeu firme:

-Já não tem mais idade para cometer esse tipo de abuso!

-Isso de fato, sei. - Confirmou Fernando Zéca. -Tem razão, meu amigo... Passei dos limites, mas, foi por uma boa causa...”

-Boa causa? Como assim? - Indagou o andoriano aturdido. - Passaste mal pondo sua própria vida em risco e vens me falar de boa causa? Do que se trata agora?

-Acho que tive uma premonição muito forte, durante a minha ressaca.

-Outra das tuas famosas alucinações regadas a coquetéis de drogas com álcool?

-Veja bem...

-Senta, que lá vem estória... - Disse Karrov, até então ouvindo em silencio.

-Não é estória! Estou falando a verdade... - Protestou Zéca

-Essa Trânia é boa mesmo Karrov. - Interrompeu Azulão. – Alucinou o velho!

-Com certeza. - Concordou o klingon, mal conseguindo esconder um sorriso sarcástico. - Mas, a título de mera curiosidade, estou disposto a ouvir o que a Trania e o

fumo fizeram na cabeça dele...

-Que seja! Para fins de contribuição à ciência, vamos pagar os pecados escutando os disparates que passaram por dentro desta careca depois deste coquetel maluco. - Disse o andoriano. - Certamente teremos relatórios de experimentações para alertarem outros desavisados a celebrarem com maior prudência, as datas importantes.

-Veja bem... - Começou Fernando Zéca...

Só então o andoriano e o klingon ficaram escutando, com ares de extrema concentração.

-Veja bem... - Repetiu Fernando Zéca. - Temos que ajudar a Elizabeth.

-Essa foi a sua grande revelação? - Indagou Karrov.

-Sim.

-Pois era exatamente sobre isso que íamos falar contigo, logo depois que a Bete nasceu. - Reclamou Azulão. - Mas você saiu distribuindo charutos e fugiu para fumar...

-É um momento histórico, este que testemunhamos.

-Sim. De fato. Mas temos que sair mesmo daqui. - Disse Karrov. - Podemos ser atacados novamente.

-Essa probabilidade, é mesmo bem alta. - Concordou Zéca. - O ideal seria seguirmos para uma região segura.

-Quanta obviedade. – Comentou Karrov. – Mas, falando sério: Conan nos disse que eles estavam indo para um lugar chamado Orange Olimpic City.

-Foi então que o seu tricorder voltou a funcionar indicando uma nova direção. - Disse Azulão que, mostrou o artefato, com o sinal aceso.

-Para que direção fica Orange Olimpic City?

-Na mesma que o sinalizador está mostrando. - Respondeu Azulão.

-Então, certamente não erraremos seguindo para Orange Olimpic City. - Disse Zéca. – Quando podemos partir? Aqui ainda estamos muito expostos...

-Só tem um problema. - Disse Karrov.

-O que é?

-Faltam dois motoristas para pilotar estes veículos.

-E os que estavam dirigindo?

-Estão bêbados demais.

Fernando Zéca olhou para aqueles imensos colossos de oito rodas e disse:

-Minha carteira de piloto está com a anuidade vencida, mas, como voltamos no tempo, acho que, agora, talvez ela tenha validade novamente.

-Sua carteira de piloto não vale nada em lugar nenhum, mas, todos sabemos que isso não vai ser impedimento para você conduzir uma jamanta dessas.

-De fato! - Concordou Zéca com Azulão. - E tenho certeza de que, sua extrema confiança na minha condução é tanta, que você me auxiliará com tua navegação.

-Claro! Sem problemas. - Aceitou o convite Azulão. - Alguém tem que limpar as m3#d@s que você vai fizer enquanto dirigir... Como nos velhos tempos!”

-Como nos velhos tempos. - E você Karrov? - Indagou Fernando Zéca.

-Como nos velhos tempos porra nenhuma! Eu olho adiante e não quero saber das velharias. Já me basta eu mesmo como relíquia de coleção antiga.”

“Vou dirigir o outro veículo, e, se é para relembrar os velhos tempos, seguirei atrás de vocês para garantir que não façam cagadas pelo caminho.”

-Não me sacaneia, Karrow, quem passa o tempo no banheiro é o Zéca. Ele tem 3 diarreias por dia!

-É no banheiro que eu faço minhas leituras e reflexões... Não me amolem vocês dois. - Zéca deu uma bufada concluindo: - É... Parece queo “bando de loucos” está de volta à ativa novamente.

-Como nos velhos tempos... - Concordou Karrov. - Quanto à parte do “bando de Loucos” que não está espalhada, a que se encontra aqui, segue, ativa e firme...

-Firme?
-Firme como geleia na areia quente.

***

Pouco depois, os preparos para o avanço da caravana estavam prontos.

Fernando Zéca pilotaria, e Azulão navegaria, o veículo que lideraria o comboio.

Karrov conduziria o segundo, onde transportaria a família de Elizabeth.

Já acomodado na sua poltrona de pilotagem, Zéca analisava os instrumentos e controles, concluindo que: a condução naquele caso, demandaria muita paciência já que o caminho seria acidentado.

Na navegação, Azulão conferia a rota, as condições de relevo e os demais cálculos.

O andoriano sabia que, Fernando Zéca sem sua ajuda, perderia os tocos de cabelo ainda dispostos na sua basta calvície, passando nervoso.

-Aqui tudo pronto, Zéca.

-Sistemas alinhados?

-Sistemas alinhados e perfeitos. - Confirmou Azulão. – Tudo pronto! Já falei.

Os motores rugiram e, cada um daqueles monstros de 8 rodas moveu-se lentamente formando um comboio a caminho de Orange Olimpic City, uma das megalópoles cobertas por colossais redomas transparentes, onde as coisas ainda funcionavam naquele planeta, tendo ativas a economia, as comunicações e até uma ampla rede de teletransportes, para espaçonaves eventualmente presentes em órbita.

A medida que os monstruosos veículos ganhavam velocidade, eles se alinharam um atrás do outro, formando gigantesca minhoca.

A distância entre cada um deles, era mínima, apenas para permitir alguma mobilidade diante dos prováveis imprevistos.

Além do rugido monstruoso dos motores, aquela formação levantava uma nuvem de poeira que só tendia a aumentar

-Alguma coisa pela frente, Azulão?

-Tá tudo limpo. Já te falei que se aparecer algum problema eu aviso. Dirija aí.

Através das espessas janelas de alumínio transparente, Fernando Zéca verificava o cenário correndo em alta velocidade, e as informações dispostas no vidro.

A “minhoca” formada pelos veículos correndo juntos, avançava cada vez mais

rapidamente, até para fugir de qualquer eventual ataque.

De-repente, a barulheira e as vibrações cessaram.

-Qual a situação aí atrás, Karrov? Indagou Azulão pelo comunicador.

-Aqui tudo em ordem.

Zéca se virou para o andoriano, e apontou para um botão no console, onde havia uma tampa protetora transparente.

-Vais mesmo acionar esse negócio, Zéca?

Fernando Zéca com uma mão apontou para o relógio, indicando a preocupação com o tempo, e, com a outra, fez um sinal positivo.

-Ok! - Disse o andoriano, que, sem pestanejar, levantou a tampa de proteção do referido botão e o apertou.

***

Veio o tranco!

Todos ficaram imprensados nas poltronas.

Mesmo no colo de sua mãe a pequena Elizabeth resmungou um pouco, mas, logo se habituou àquele breve desconforto.

O trio protagonista destas linhas talvez até, dissesse que este seria um sinal do temperamento da pequenina, cujo futuro estava sendo protegido.

Assim, a “minhoca motorizada” avançava, ainda mais veloz.

Na cabine de pilotagem onde estavam Zéca e Azulão, no painel apareceu um brilho imprevisto, confundindo o navegador...

-Não sei o que é... Apareceu aí agora. – Disse Azulão

-Caramba!. Certamente algum problema... Com certeza!

No instante seguinte, o inesperado barulho de um forte impacto assustou a dupla!

O som veio diretamente do para-brisas dianteiro do veículo, onde havia um humanoide verde, esmagado, que, acabara de ser atropelado.

-É um suliban. - Informou Azulão, enquanto o limpador de para-brisas eliminava a sujeira e, o aturdido navegador apontava para o monitor, onde começaram a aparecer dezenas de outros pontos brilhantes iguais ao primeiro.

-Droga. - Disse Zeca. - Vamos manter a aceleração. Aconteça o que acontecer...

-Você manda! - Disse Azulão. - Alguma preocupação?

-Acabei não falando sobre a visão que tive.

“Havia nela uma divindade, não entendo muito do assunto, mas acho que era Kali, a Deusa destruidora de forças demoníacas que insistia no nosso dever em proteger a Bete.”

“Quase que nos ameaçava para tanto.”

-Nos ameaçava? Eu também apareci no teu sonho?

-Você não apareceu no meu sonho porquê eu não sonho com macho. Só com mulher bonita.

“Mas essa Deusa que eu sonhei...”

“Bom, ela mandou ameaça para nos três...”

-Tá de brincadeira??? Nem precisava ameaçar. Defendo a chefinha com o que tiver na mão, custe o que custar.

-Eu mais ainda, mesmo assim, o aviso veio para nós três. Temos que proteger a Bete.

-Como se até agora, nunca tivéssemos feito nada por ela.

-Claro que fizemos! Mas acho que o aviso vem com o intuito de nos colocar em alerta para outras ameaças vindouras.

-Mais sulibans? - Indagou Azulão apontando para os últimos pedaços ainda não limpos do finado esmagado no para-brisa.

-Provavelmente.

“Os sulibans do Cabal sempre odiaram a Bete porque ela conseguia desbaratar na maior facilidade, todos os planos infalíveis que eles elaboraram contra a Federação dos Planetas Unidos.”

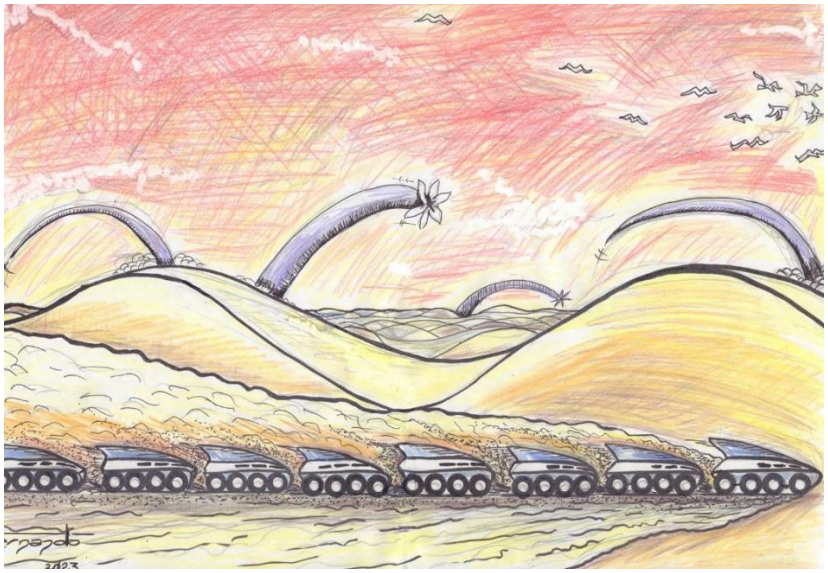
-A chefinha nasceu com o tal preparo, Zeca. Tu sabes melhor que todos nós...

-Não digo mais nada, Azulão. Ou melhor; direi duas coisas:”

“A primeira, é que comprovamos ser verídica a história da Bete ter nascido com o famoso tal preparo dela que, eu mesmo, nem sei o que é.”

“Em segundo lugar: A gente fica velho e mesmo com as vistas ruins, não para de se assombrar com o que o tempo nos mostra, coisa que, só comprova o quanto a vida é engraçada.”

***



As recordações do passado e as reflexões filosóficas poderiam continuar indeterminadamente, até que, mais uma vez, o caminho foi obstruído por sulibans que apareceram para ter idêntico destino ao outro, já anteriormente atropelado.

Ainda assim, os tipos ameaçadores continuavam aparecendo, às dezenas, numa rota que já havia sido verificada e deveria estar de fato liberada.

-Estou recebendo uma chamada. - Disse Azulão.

-Põe na tela principal.

No maior monitor do console, apareceu a imagem de um suliban, com sua característica pele esverdeada reptiliana.

Este, não perdeu tempo com apresentações, e foi logo direto ao assunto:

-Entreguem Elizabeth Bondmader, e nos poupe trabalho. Dou-lhe minha palavra, que cumpridos os meus termos, permitirei que siga seu caminho sem amolações."

-Sua palavra vale menos do que a água na minha cuspida. - Respondeu Fernando Zéca, que, em seguida, encerrou o contato.

-Seus charutos estão te deixando nervoso. - Comentou Azulão.

Zéca olhou para o fumo e disse:

-Não são os charutos. São estes sulibans. Nunca gostei dessa turma do Cabal...

-Ninguém gosta deles.

-Seria bom acionarmos os canhões "Betsye" que eu trouxe. Você conseguiu arrumá-las conforme te pedi, Azulão?"

-Sim. Na cobertura do nosso veículo.  Quer lançá-los já, como escolta aérea?"

-Por favor.

Acionado o comando num dos monitores, da parte externa do veículo, elevaram-se as três poderosas armas cuspidoras de raios destruidores.

Flutuando acima do veículo lider da "minhoca", aquele armamento, acompanhava o comboio do alto protegendo e garantindo seu avanço.

Tal salvaguarda, logo mostrou-se acertada, visto que, novas hordas da infantaria suliban sucederam-se ainda mais violentas e agressivas, vindo armadas até mesmo com veículos, terrestres e voadores.

De qualquer forma, a louca corrida seguia desenfreada, com a "minhoca" trucidando impiedosamente o que quer que se interpusesse no caminho.

***

E chegou então, o trecho mais preocupante da rota: o Mar de Dunas.

Não que, um exército assassino de sulibans, por si só, não fosse uma preocupação suficientemente digna, para o amante da paz.

A frustrada ofensiva, que desperdiçou milhares de vidas dos próprios atacantes, pouco perigo representou para a caravana em fuga que agora, tinha a expectativa de estar fugindo da panela para cair diretamente no fogo dos infernos.

Se a região já era mal frequentada por feras e animais de todos os tipos que alí se escondiam, pra piorar, o desértico ambiente no Mar das Dunas, era cheio de armadilhas.

Suas areias açoitadas por ventos fustigantes, e, as temperaturas escaldantes de dia, podiam rapidamente arruinar qualquer equipamento de alta tecnologia, que não tivesse o preparo para superar os desafios locais.

A despeito de tantos perigos e ameaças, a "minhoca" de veículos, e, os sulibans, continuaram se digladiando em uma corrida maluca, avançando em conjunto, diretamente para o Mar das Dunas, como se alí, não houvesse qualquer preocupação a ser considerada...

E de-repente, aproximadamente a vinte metros do lado esquerdo do comboio, ocorreu uma grande explosão de areia, de cujo interior, saiu um gigantesco verme de dimensões mastodonticamente colossais, que, pela trajetória de seu movimento dava a

impressão de procurar alguma coisa nas nuvens, até que, dado momento, quando parecia que sua ascensão nunca mais terminaria, passou a despencar das alturas.

Nada era possível fazer, naquele momento imprevisível, a não ser, continuar acelerando tudo o que os motores do comboio podiam dar, mesmo sem saber, se este seria atingido pela queda da colossal criatura.

O suspense não foi eterno.

Nenhum veículo do comboio sofreu qualquer dano, seguindo a toda velocidade rumo a seu destino.

O mesmo não se pôde dizer dos sulibans do cabal, que tentavam frear os veículos.

Foram dizimados aos milhares pela queda esmagadora que os acertou em cheio.

As ameaças não haviam terminado.

O verme seguia velozmente o comboio, e outros de sua espécie, tão assustadoramente colossais quanto o primeiro, infestavam a linha do horizonte, eventualmente formando até, com os próprios corpos, gigantescos arcos sombrios.

Fernando Zéca acelerou ainda, forçando ao máximo, os motores que rugiam a plena potência, enquanto Azulão, na cadeira de navegação especulava:

-Me parece que estes vermes podem avançar mais velozmente que nós.

Fernando Zéca ficou preocupado com a informação...

-Irmão, daqui eu já não tenho mais o que acelerar. Nem mesmo jogando uma sacola de ferramentas sobre o acelerador.

-Não precisa, Zéca. Me parece que na verdade, estas criaturas estão nos ajudando a sair do Mar das Dunas.

O piloto observou os monitores e indicadores com atenção redobrada concluindo:

-De fato... As areias não permitem um monitoramento perfeito dos nossos sensores, e estes vermes gigantes parecem de fato nos conduzir para a saída mais curta.

-Repare que nenhum está no nosso caminho... - Apontou o navegador.

Fernando Zéca acreditava na sobrenaturalidade ocorrendo diante do nariz, mesmo com seu lado científico questionando...

Do comunicador, Karrow deu sua opinião sobre aquele tema:

-Não duvido que seja coisa da chefinha. Lembrem-se que ela usa o tal preparo dela, até para telepaticamente, “falar” com tudo quanto é tipo de bicho ou criatura estranha...

Fernando Zéca Corinthiano e Azulão, ficaram pensativos pois, eles próprios já haviam testemunhado os talentos extraordinários de sua futura chefa.

Ninguém sabia explicar, mas o tal preparo era mesmo forte nela.

-E como está a chefinha, Karrow?

-Não mudou nada. Sossegou depois que a confusão começou.

“Acabou de tomar a mamadeira e está dormindo.”

***

Finalmente a tensão reinante encerrou-se depois que o comboio saiu do Mar das Dunas.

-Agora é o último trecho... Dó temos um probleminha.” - Alertou Azulão, ao verificar os mostradores.

-O consumo das baterias está alto?

-Nessa tocada que você está levando, pode ser que não consigamos chegar.

-Se eu diminuir poderemos acabar cozidos debaixo do sol...

-Eu sei.

-Vou tentar aqui um recurso...

Fernando Zéca desligou a refrigeração das cabines de pilotagem em todos os

veículos, exceto no que estava Elizabeth.

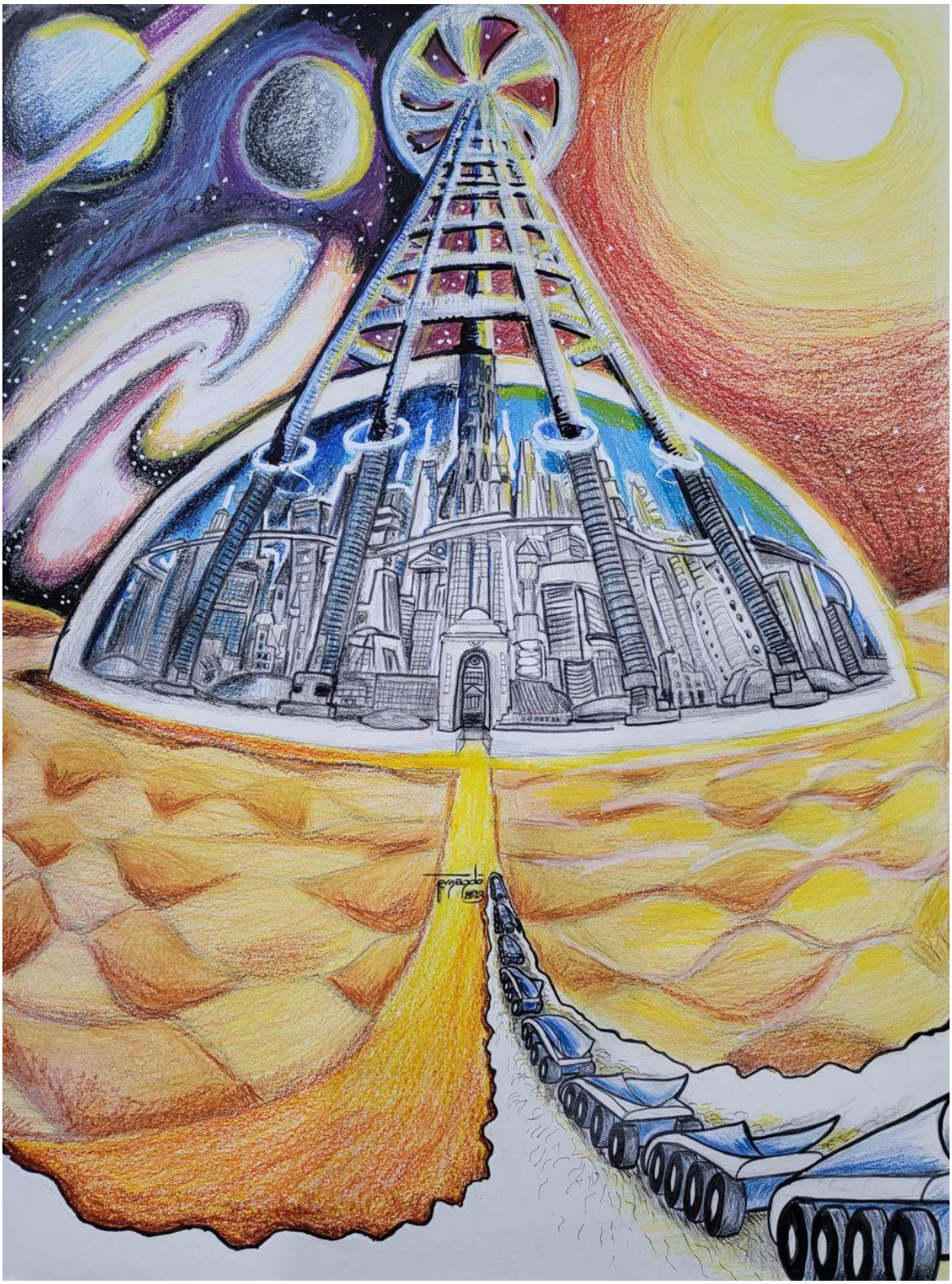
-Karrov ficará furioso! A cabine dele será a única a ficar refrigerada.

-Terá de se conformar por não participar da aflição necessária até o fim da missão.

-Karrow é um verdadeiro sofredor corinthiano, mas, neste caso, ele, e, principalmente a Bete, devem ao destino com ótima disposição...

“As baterias do veículo dele consumirão mais, porém com o que economizamos nos outros rateamos para cobrir o gasto que do carro dele. – Calculou Azulão. – Vamos chegar, mas vai ser no limite.

***



Por muito pouco, quase que tudo deu errado!

A energia foi suficiente para a chegada, entretanto, o caminho final, que dava acesso à redoma de Orange Olimpic City, foi alterado, já que, a entrada programada para acessar a Megalópole estava bloqueada e o comboio teve que rodar um pouco mais.

Entretanto, uma vez dentro, as coisas melhoraram bastante até, por conta do ar-condicionado.

Elizabeth e sua família finalmente, foram levadas a um moderno hospital, onde receberam maior atenção.

Fernando Zéca, Karrov e Azulão depois de tudo, tinham o sentimento de missão cumprida.

-Não sei se vou lá fora fumar uns charutos ou se como alguma coisa na lanchonete.

-Muito provavelmente vai fazer os dois. - Disse Karrov.

Azulão tirou algo da mochila que levava.

Era o tal  tricorder que, funcionou como navegador dos protagonistas destas linhas.

Uma luz nele estava piscando, indicando nova direção para o trio seguir.

-Ah não... Será que teremos mais problemas pela frente?

Repentinamente, uma névoa branca com brilho ofuscante cercou os três, engolindo tudo ao redor.

Quando ela se dissipou, adiante do trio, havia uma porta branca, exatamente como aquela que antes os trouxera, para o tempo em que se encontravam.

-Acho que agora não nos resta muita escolha. - Disse Zéca.

-Mas... Partimos assim... Sem mais nem menos? - Indagou Azulão. - Nem mesmo uma despedida?

A porta se abriu mostrando o destino além dos seus umbrais.

O que quer que alí houvesse, era mistério...

-É hora de partirmos. Nossa participação aqui se encerrou. - Disse o velho Zéca.

Sem mais palavras, Karrow e Azulão avançaram para o outro lado da porta, no que, foram seguidos pela carequinha fumante de óculos que, do seu jeito gozador, ainda reclamou:

-Nada mais havendo para dar errado, certamente virá a conclusão.

***

Fernando Zéca Corinthiano, Azulão e Karrov, atravessaram a porta, e logo a seguir, encontravam-se num lugar e tempo totalmente diferentes.

Voltaram para o futuro, de onde tinham partido, antes de realizarem aquela extraordinária jornada.

Assim que reconheceram o ambiente familiar, ainda assim, mal puderam respirar aliviados pois tiveram outra surpresa:

-Marge! - Exclamou em uníssono, o trio surpreendido com aquela presença inesperada...

A belíssima andoriana, alta e muito sexy, vestindo uniforme de cadete da frota estelar, os aguardava com um imenso sorriso.

-Mais de meio século que eu não a vejo e ela não mudou nem mesmo a patente.

-Continua a mesma jovem Tenente Curandeira de antigamente...

“Como Marge? Qual é o creme que tu passa na pele, menina???”

-Ah! Esse é um segredo.... - Disse ela gargalhando logo em seguida.

Os três a abraçaram efusivamente.

-Esse careca maldito disse que você tinha planejado tudo isso, mas é claro que e eu não acreditei nele.

-Pode acreditar! Ele não mentiu. – Sorriu Marge.

-Não mentiu dessa vez. - Berrou Karrov. -

“Marge: conta pra gente o seu segredo. Você não envelhece?

-Não envelheço, Karrov. - Ela respondeu.

Os três ficaram ainda mais surpresos.

Marge então se atracou com Zéca num sofá e, alí mesmo ela começou a dar uns amassos no surpreendido velho careca.

O klingon e o andoriano torceram a cara:

-Ei! Isso é nojento.

-Não sei como ela consegue.

“A Marge só pode ser uma espécie de semideusa santificada para aguentar o Zéca.”

-É muita generosidade dela.

“Esse careca pervertido não merece uma andoriana tão maravilhosa assim, mas, não vou atrapalhar e deixarei os dois avançarem para o final feliz.”

-Espere por mim.  Vou nessa contigo, Karrov. Daqui a pouco, a dupla aí estará descambando para a pornografia, e o mote da nossa história não é esse.”

“Vamos ver o jogo do Corinthians que ainda dá tempo de chegar antes do fim da partida.”

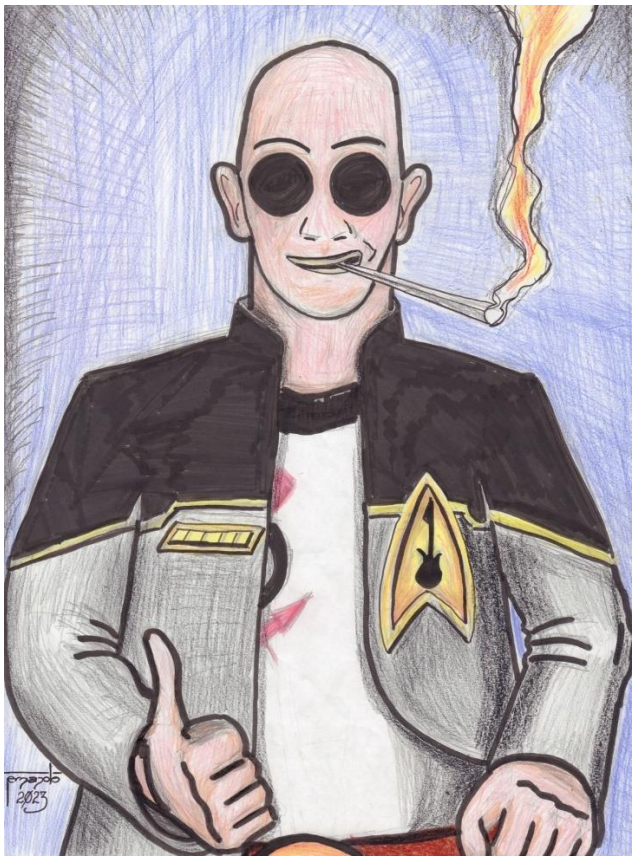
-Até mais pessoal. - Despediram-se Azulão e Karrov que deixaram a sós a dupla entretida em algo muito mais elevado que o mero ato carnal do prazer sexual.

Mas este entendimento o(a) querido(a) leitor(a), melhor terá, realizando o supremo esforço de permanecer atento às próximas linhas das PARODIAS APÓCRIFAS que logo vão chegar na segunda parte desta obra que... SIM!

**CONTINUA!**

***

***



# O MESTRE BOLINHA VERDE

Alí o chamavam de Mestre Bolinha Verde.

Não era seu nome mas, a aparência fez as crianças que treinava, escolherem este apelido por ser pequeno e verde. E como ninguém reclamou, o apelido pegou.

Aplicado guerreiro que era, o Mestre treinava diariamente com rigor e afinco, chegando tão cansado ao fim do dia, que muitas vezes logo se deitava e dormia até não poder mais.

Mesmo fatigado ainda assim, os instintos do Mestre sempre estavam atentos ao que ocorria ao redor, detectando, sutis movimentos nas sombras, denunciando visitas inesperadas que recebia da sua mais jovem discipula, de apenas 4 anos.

-Bete! A minha bisbilhoteira favorita! Não deixa nenhum segredo passar despercebido.... O que você veio investigar no meu computador desta vez?

Da escuridão naquele espaço saiu a pequena Elizabeth Bondmader segurando o tablet do Mestre.

-Nada não, Mestre! - Respondeu a menininha de quatro anos, longos cabelos ruivos e olhos que tendiam de um tom azul brilhante para o verde.

-Mas Elizabeth: o que é isso que você está segurando, minha querida?

-O seu computador...

-Então, no meu computador, mexendo você estava... Estava investigando algo?

-Ainda não... - Respondeu ela docemente. - Eu ia ligar ele assim que o senhor dormisse.

-Mas Bete, você não tem o seu? Hoje em dia qualquer criança tem ao menos um...

-É que...

-Sua mãe colocou senha nova no seu computador?

-Sim, colocou...

-Então o que é que a sua mãe não quer que você assista?

“São aqueles programas com idiotas falando besteiras?”

-Ah! Estes também, Mestre...

-Mas o que pior que isso poderia ser, para a mãe não deixar a filha ver? - Indagou o Mestre com ar desconfiado olhando para a criança, enquanto coçava o próprio queixo. - Será com os programas de lutas, que você está a se entreter?

A pequena Bete arregalou os olhos, como se tivesse sido pega em alguma traquinagem.

-Bete! Você anda vendo de novo aquelas lutas de insetos? Elas vão até a morte! Para assistir estas coisas você não é tão forte.

-Sou sim! -Retrucou ela continuando. - Assisto tudo sem fechar os olhos...

-Bete! Estas lutas são violentas e sem regras.

-Eu sei Mestre. Mas eu tenho que ser durona. O senhor mesmo disse.

-Mas não para assistir esse tipo de combate... - Reclamou o Mestre Bolinha Verde. .

Bete não disse nada.

-Sua mãe me disse que você matou sozinha uma ratazana gigante...

-Ela invadiu a dispensa e ia acabar com a nossa comida. Eu a encurralei e matei com uma paulada só. Foi rápido.

-A ratazana não sentiu nada?

-Nada Mestre! Foi uma paulada só. Muito rapida.

Mestre Bolinha Verde gentilmente pegou o computador da menina.

-Você tem que voltar para a sua mãe. Já devia estar dormindo.

A pequena Bete desviou o olhar do Mestre.. Não queria saber de dormir.

-Bete! Você tem que voltar para a sua mãe. Deixa eu chamar ela...

-Mestre! E esse negócio? Tá funcionando direito?

Bete pegou um objeto cilindrico com aproximadamente quarenta centímetros de cumprimento por cinco de diâmetro, fez alguns movimentos acrobáticos com ele, e, de-repente, de uma de suas extremidades, saiu um raio luminoso azul brilhante acompanhado de um som distinto.

O barulho do acionamento daquela espécie de espada, acordou com um susto alguém que ali, noutro cômodo próximo dormia.

-Calma Astrobaldo. É a Bete xeretando. Só isso...”

O recém chegado olhou boquiaberto para a arma brilhante nas mãos da menina.

-Bete. O Astrobaldo vai te levar de volta para casa. É hora de dormir.

-Mas eu queria treinar...

-Bete. Precisamos descansar, e o Astrobaldo que é seu instrutor e meu melhor aluno vai te levar pra casa em segurança.

-Tá bom.

O gigante Astrobaldo ergueu-se para conduzir sem perda de tempo, a pequena discípula para sua família, ao que, Mestre Bolinha Verde ainda complementou:

-Astrobaldo: peça ao Conan para mandá-la descansar.

“Ela tem treinado demais para o exame de faixa que só será no fim de semana, mesmo sabendo mais do que o suficiente para ser aprovada.

-Certp Mestre É prá já..

Meia hora depois Astrobaldo voltou ao dormitório do Mestre Bolinha Verde que meditava de olhos fechados:

-Mestre! A pequena Bete consegue acender o sabre de luz, mesmo sem ter midchlorians na sua corrente sanguínea.

“Ela já controla a força, melhor que muitos dos nós. Como consegue?”

-Ensinando-a, você entenderá, Astrobaldo. A Bete têm mesmo muito preparo.

***

# O ANIMAL INTERIOR

Passaram-se alguns meses até que o Mestre Bolinha Verde, nomeasse MESTRE, o jovem Astrobaldo que, até então, sempre fora seu melhor, mais forte, fiel, e inteligente aluno.

Assim, como Mestre, o jovem e talentoso Astrobaldo, assumiria todos os alunos do Mestre Bolinha Verde que saiu em viagem para uma dimensão paralela, onde treinaria outros guerreiros, contra um temível Império do Mal que tiranizava por alí.

Antes da partida e despedidas finais, o Mestre Bolinha Verde, pediu para o Jovem Mestre Astrobaldo, uma atenção especial na Bete, que mesmo não controlando diretamente a força, tinha potencial para dominar outras esferas de poderes equivalentes, ou ainda mais desafiadoras.

Logo depois desta conversa o estimado MESTRE dos MESTRES, desvaneceu no ar, teletransportando-se para bem longe dali.

As aulas e treinamentos então, prosseguiram, com Elizabeth sempre demonstrando desempenho além do exigido, dominando já aos 9 anos, com maestria, tudo que lhe havia sido ensinado.

Mais adiante no tempo, quando ela completou 20 anos, Mestre Astrobaldo passaria a exigir de sua mais empenhada aluna, novas modalidades de estudo.

Nesta data, durante passeio por denso bosque, Astrobaldo apontou para uma entrada que acessava a densa e temível floresta.

-Conversei com seus pais e eles me autorizaram, caso você queira, a fazer o teste em que descobrirá o seu animal interior.

Ele entregou então, uma mochila para Elizabeth, contendo cantil com água, canivete suíço último tipo, machado, pistola phaser, um laptop, saco de dormir, papel higiênico e latinhas com algumas refeições.

-Eu vou! - Disse ela sem titubear, ajeitando-se na mochila e, avançando para a escura entrada, despedindo-se rapidamente do Mestre.

***

Elizabeth seguiu uma trilha em meio ao arvoredo que se estreitava a medida que avançava. Quando ela olhou para trás já não viu a entrada, nem o Mestre Astrobaldo.

Agora estava só no meio do mato.

E continuou avançando, mesmo com poucos elementos indicando sua localização.

A floresta por si só era cheia de sons sinistros como mosquitos voando perto das orelhas, rugidos medonhos, piados de corujas e outras aves de rapina que por alí também se arriscavam.

Notou um agrupamento de corvos pousados em um galho assistindo algo...

Bete foi verificar e percebeu a cena que os interessava: uma raposa tentava escapar de cães de caça...

Ela até os enganava, se escondia, mas, sempre acabava sendo encontrada, até que, determinado momento, foi cercada, estraçalhada e finalmente

morta de maneira humilhante tornando inútil toda a correria feita.

Nenhum daqueles, era o animal que Elizabeth procurava como guia espiritual interior, daí, outro evento chamou sua atenção: outra luta de vida ou morte.

Não tão dramática como o teatro da raposinha, mas, igualmente, emocionante.

Dois Louva-Deus, posicionados um adiante do outro, preparavam-se para combater.

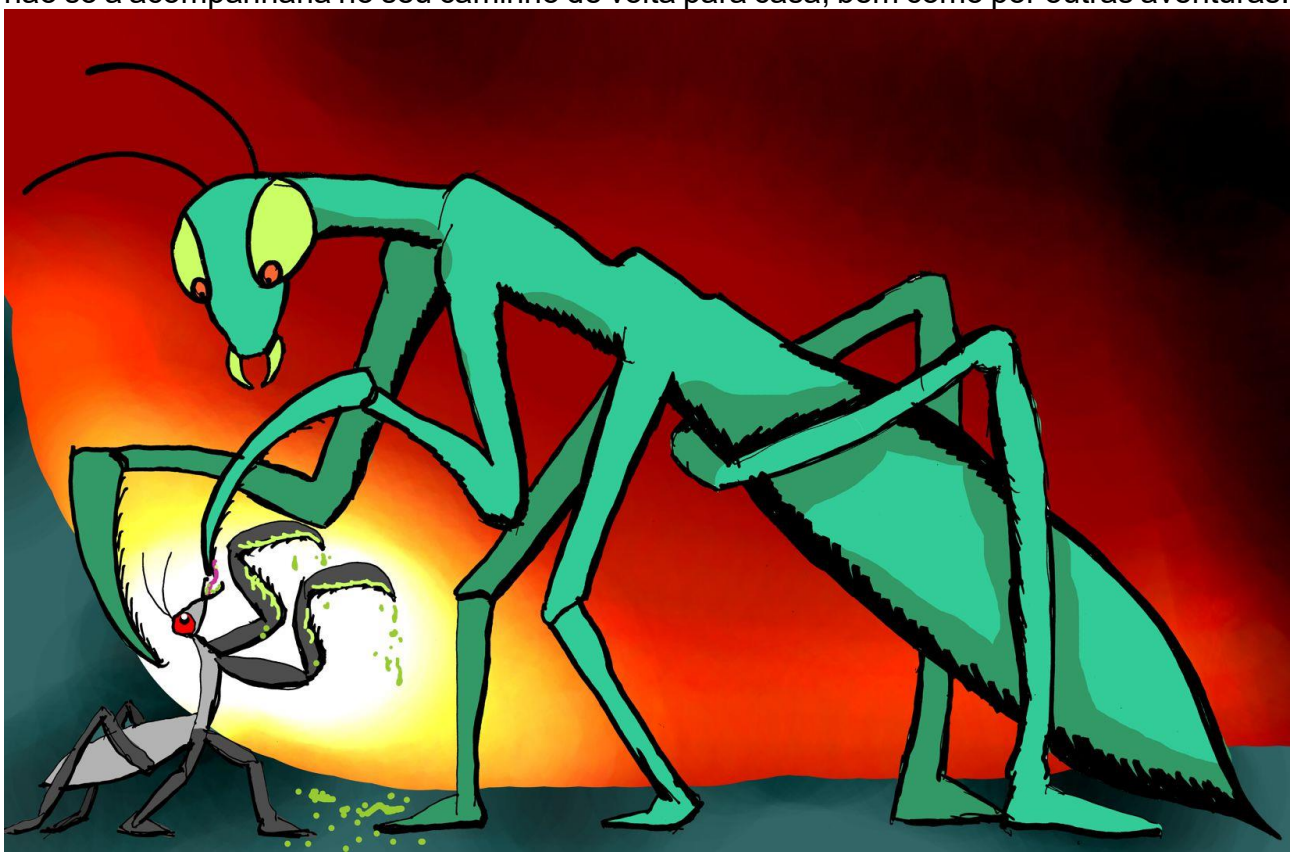
Um verde, maior, e o outro quatro vezes menor, prateado com olhos vermelhos e membros negros.

Sem perda de tempo o grande logo avançou para cima do segundo, naquilo que seria um mortífero golpe certeiro, porém, o outro abaixou-se para atacar a parte inferior do agressor, espetando ali suas pinças num contra-ataque rápido e mortífero que incapacitou o adversário.

Assim, o menor enfiou a própria cabeça no interior do ventre esburacado devorando as vísceras do adversário ainda agonizante.

Elizabeth assistiu o banquete medonho e logo entendeu que aquele era o seu animal interior.

No que ela percebeu ter encontrado o que procurava, o pequeno louva-deus prateado saltou, para o seu ombro, demonstrando interesse em firmar uma amizade, que não só a acompanharia no seu caminho de volta para casa, bem como por outras aventuras.



***

Astrobaldo assombrou-se quando Elizabeth logo retornou com o Louva-Deus prateado no ombro, e que, ela apresentou-o como sendo um novo amigo: Durcon Baldarien.

-Mas Bete: como sabes que este é mesmo o nome dele?

-O pensamento de Durcon é claro e objetivo, Mestre. Eu consigo perceber.

“Ele não é mau e age conforme a própria natureza em estado mais puro.”

Mais uma vez, Astrobaldo surpreendeu-se com a discípula, que, segundo indicava a situação, tinha também, entre seus tantos preparos e atributos: percepções telepáticas.

Mesmo dotada de incríveis talentos em diversas formas de luta armada ou não,

Elizabeth Bondmader ainda aprimorou seus conhecimentos observando o Louva-Deus, que, frequentemente metia-se em duelos mortais contra outros perigosos oponentes, coisa que, obrigou-a a dar algumas dicas de sobrevivência ao reincidente brigão.

Assim em pouco tempo, sob a constante atenção da Bete, este amigo desenvolveu-se veloz e extraordinariamente, até por conta de um apetite quase infinito que, ainda assim, o mantinha magrelo, atingindo um metro e oitenta de altura.

Depois de tornar-se um lutador que não perdia para ursos ou tigres, viu-se obrigado a seguir seu próprio caminho.

Mestre Astrobaldo ficou curioso com a inesperada partida, mas, Bete logo explicou:

-O invencível Durkon foi derrotado pelo amor e se casou para constituir família sendo agora um sujeito ocupado de muitas responsabilidades.

“Logo voltará com um monte de filhos para treinarmos.”

***

# APENAS OUTRA EXCURSÃO TURISTICA ...

Num esplêndido navio, o “ALORAXIAN SMAUG”, durante cruzeiro por mares que banhavam as costas do continente aloraxiano onde vivia, contrariamente às beldades de sua idade, que aproveitavam a ocasião, para arrumar namorados, ou exibir seus dotes e talentos femininos, Elizabeth Bondmader se preocupava com seus treinos.

Todo dia, mesmo durante a viagem, ela praticava alguma coisa, nunca se satisfazendo com o que deixou de fazer.

Numa destas ocasiões, dentro da sua própria suíte, resolveu utilizar para treinamento, uma espada que trazia consigo, mas que, na verdade era do seu pai.

O velho Conan, sabendo que a querida “filhinha”, em seu passeio, visitaria diversas LOJAS, (como convém à TODAS mulheres de qualquer idade) aproveitou para fazer suas encomendas, dentre tais, a lâmina que Elizabeth Bondmader, ora testava nos treinos.

A arma era pesada, larga, tendo bom acabamento, mas que, na opinião da própria Bete, parecia frágil demais para alguém como seu pai.

Ela mesma já testara outras espadas dele e sabia que aquela seria muito leve, entretanto, continuou arriscando alguns movimentos rápidos e, até aí não se saiu mal.

Partiu para alguma coisa diferente e experimentou cortar papel com ela.

Com único golpe, realizou o experimento numa folha, mas, o resultado não a convenceu, já que, se Elizabeth para si exigia uma perfeição maior que a máxima possível, imagine-se então, numa arma para seu pai... Neste caso, só mesmo o melhor!

Ainda assim, Bete olhava a lâmina, não vendo nesta algo que o velho Conan usasse nos seus treinamentos, muito menos, para aparar a própria barba, por isso resolveu fazer na arma, um teste de ressonância energética.

Durante quase meia hora, meditou e fez exercícios de respiração acumulando poderosa energia que controlava por conta de seus intensos treinos e preparos.

Quando a tal “força” já estava prestes a transbordar pra fora do seu corpo, brandiu a

espada em dois ou três movimentos circulares, incandescendo a ferramenta, que finalmente, após mais um vigoroso golpe no ar, espatifou-se em mil pedaços.

O lindo rosto de Elizabeth se contorceu numa careta de inconformidade diante daquela porcaria em que havia desperdiçado os créditos do pai.

Não havia como recuperar o prejuízo.

Restava a Bete comprar outra arma nova para o velho Conan. Mas onde?

Naquela magnífica embarcação, deveria haver um “CONCIERGE” para orientá-la em como resolver os problemas numa das tantas lojinhas do shopping no ALORAXIAN SMAUG.

Sem perda de tempo, Bete acionou o comunicador de sua cabine e chamou o serviço, no que, foi rapidamente atendida.

E muito bem atendida.

Tão logo terminou o relato do seu, logo lhe vieram com uma SOLUÇÃO:

-Sra. Elizabeth: A sorte está ao seu lado.

“Justamente nesta viagem, é privilégio do ALORAXIAN SMAUG ter a bordo um velho companheiro nosso de viagens: o Sr. HEPH VULKAN.

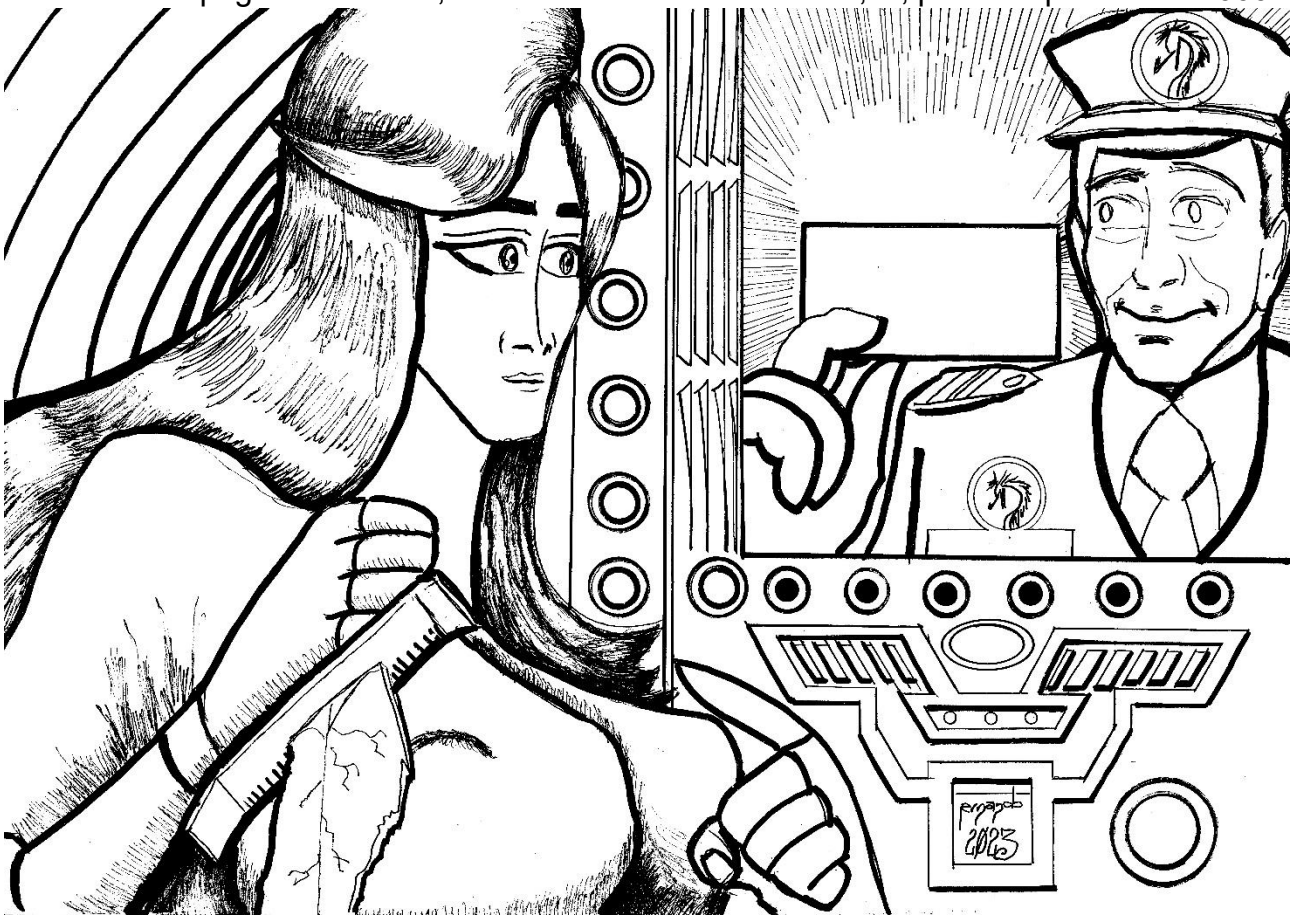
-Como?

“HEPH VULKAN??? De onde saiu este nome?” – Pensou ela.

-O Sr. HEPH vêm de uma família de armeiros e, tenho certeza que lhe prestará

excelente ajuda. Aliás: ele não está longe da sua cabine.”

“Basta pegar o elevador, ir ao décimo terceiro andar e, lá, procurar pela cabine 666.”



Elizabeth mesmo sendo muito sabida, não atentou para a questão de numerologia que, sutilmente lhe foi apresentada, tanto que, assim que ouviu a recomendação, agradeceu e foi procurar o sr. HEPH VULKAN.

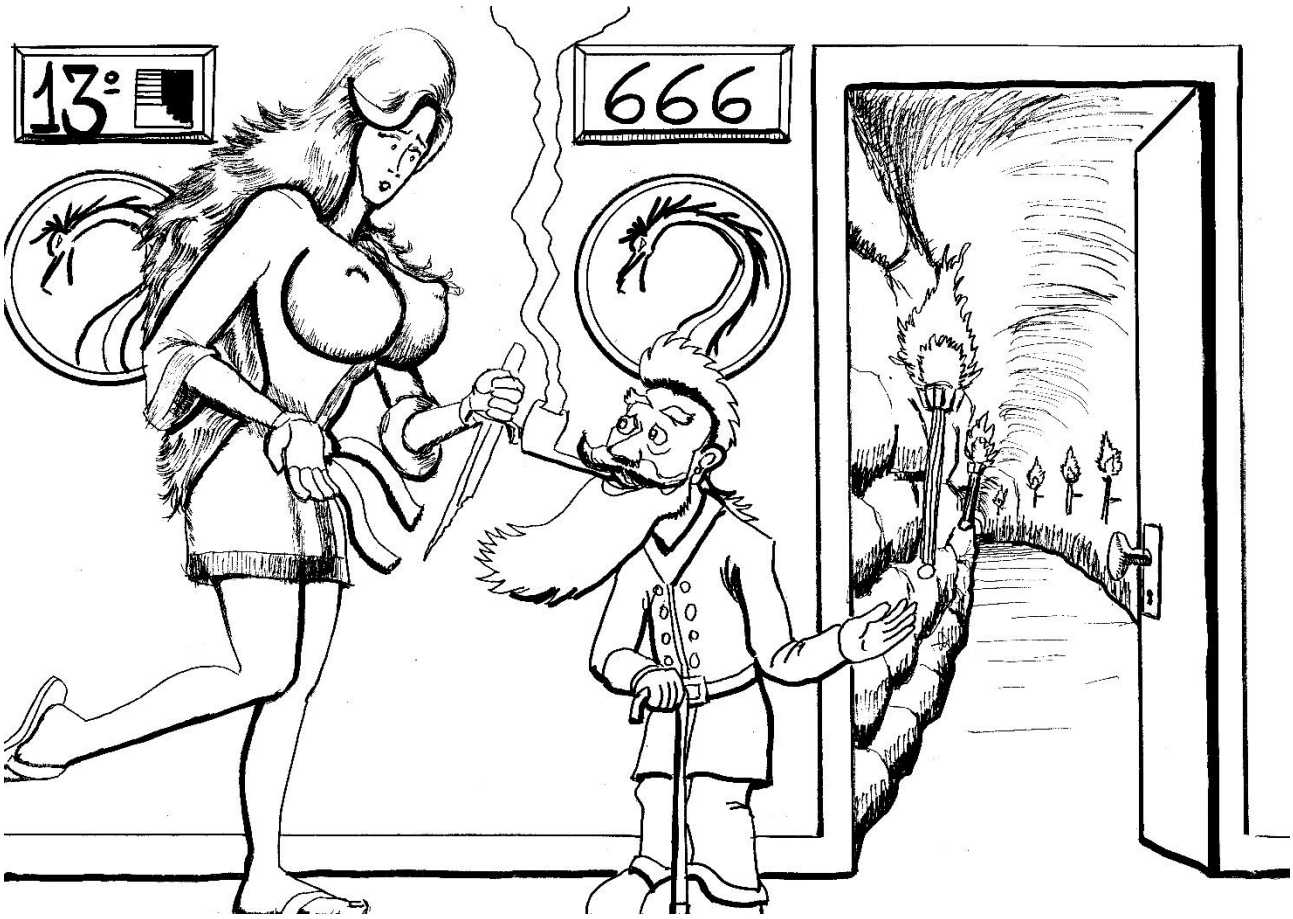
Saiu de sua cabine, e, no fim do corredor, logo encontrou o elevador, onde, no painel interno apertou o disponível número 13, seguindo sem qualquer sobressalto até o andar solicitado onde tudo estava absolutamente tranquilo e normal.

Após breve caminhada, Bete chegou à cabine 666, apertou a campainha e foi logo atendida.

A porta abriu-se e apareceu um homem barbudo, velho, cachimbeiro, vestindo sobretudo vermelho, pijama preto, calçando chinelo de feltro e apoiando-se numa bengala.

-Pois não... - Prontificou-se ele arregalando os olhos e abrindo um sorriso, ao ver a jovem, bela e simpaticíssima ruiva batendo a sua porta.

-Procuro o Sr. HEPH VULKAN...




-Sou eu mesmo... - Confirmou ele, escancarando a sua satisfação com a visita daquela estonteante beldade. - A que devo a honra?

-Meu nome é Elizabeth Bondmader. – Apresentou-se tendo em mãos o toco da lâmina que sobrara. - Peço desculpas por interromper o seu descanso, mas, preciso de uma nova espada para substituir essa que quebrou. O concierge me sugeriu procurar o senhor para ajudar com este imprevisto.

-Este concierge fez muito bem, Senhorita Bondmader. – Disse HEPH com os olhos arregalados no poderoso e robusto decote da Bete. – Vou dar uma gorjeta para ele pois eu estava aqui de mau humor e só a sua presença já melhorou o dia, sendo assim, a honra é minha em ajudá-la a não sair desarmada em meio aos perigos da vida moderna. Entre, por favor

Elizabeth aceitou o convite com um sorriso, e avançou surpreendendo-se por breves frações de segundo.

Apenas este mínimo tempo pois sua engenhosa esperteza, julgou ter percebido a explicação de um truque, em que, ao lado de HEPH, via-se no interior de um estreito corredor cavernoso mal iluminado por tochas presas à parede.

Daí logo entendeu que, o tal ambiente, na verdade, seria apenas uma projeção tridimensional imersiva, que lhe permitiria interagir naturalmente, como se, em tão distinto

local, de fato estivesse.

Por tão sinistro caminho a dupla seguiu até uma espécie de salão em cujo centro, havia um gigantesco forno com tachos de metal branco derretido, ardendo fumegantes em seu interior.

Ali, a temperatura era obviamente quente, impressionando Bete com tantos detalhes que a suposta simulação holográfica gerava, demonstrando um alto padrão de qualidade que não deixava passar nada.

HEPH, com sua bengala, apontou para o monitor numa das paredes do local mostrando o desenho de uma espada de lâmina similar àquela quebrada quando antes, ainda fora inteira.

-Que tal? - Indagou o velho.

-Pode ser essa mesma. Quanto fica para substituir a quebrada?

-Espadas são insubstituíveis. Cada uma tem sua história.

“E comigo, você não tem que se preocupar com custo nenhum.”

“A sua terá empunhadura especial com acessórios diversos e não quebrará nunca, será a mais forte e selvagem que já se viu em toda a história.”

-Mas eu não quero de graça e...

Heph soltou um chiado entre os dentes como se mandasse Bete ficar quieta, mas, ela, faladeira como era, mesmo entendendo o recado, disse:

-Ok, então eu agradeço, Do jeito que está falando, será exatamente o que preciso.

Assim, Elizabeth respirou aliviada, já que ficaria resolvida com o seu pai.

Não entregaria, justamente para ele, uma porcaria mais mole que língua de velha.

Heph apertou um botão na tela, e, na mesa próxima, um canhão de raios desenhou com linhas brilhantes, a uma belíssima e intrincada espada.

Alguns segundos depois, a produção artística se completou e tudo ao redor desta vaporizou-se em nevoa branca, restando suspensa no ar, apenas a espada negra, já pronta.

Seu cabo lembrava uma espiga de milho dividido em várias linhas e colunas, contendo anéis de grãos com letras, números e outros estranhos caracteres ali grafados.

A lâmina negra e brilhante era decorada com desenhos traçados em linhas douradas e prateadas de diversas espessuras.

Unindo o cabo a esta lâmina havia a elipse, em cujo interior brilhava a imagem de um olho queimando de onde saía um brilho pulsante avermelhado dando à arma, a sinistra aparência de algo forjado em algum forno do inferno.

Mesmo com aspecto tão inusitado, Bete achou que a arma agradaria o seu pai, já que, ele era um cara chegado naquele tipo de arte endemoniada metaleira extravagante.

Assim, a tampa transparente da impressora se abriu.

Um braço robótico veio do alto do recinto, pegou a espada e aproximou-se da Bete.

-Pegue-a. - Disse Heph.

Quando ia segurar a espada, o braço robótico rapidamente fez a lâmina tocar a palma da mão da Bete tirando dali uma gota de sangue que entrou em contato com seu metal cessando assim o brilho na arma.

Nossa protagonista, então sentiu uma surpreendente e inesperada comunhão com a espada.

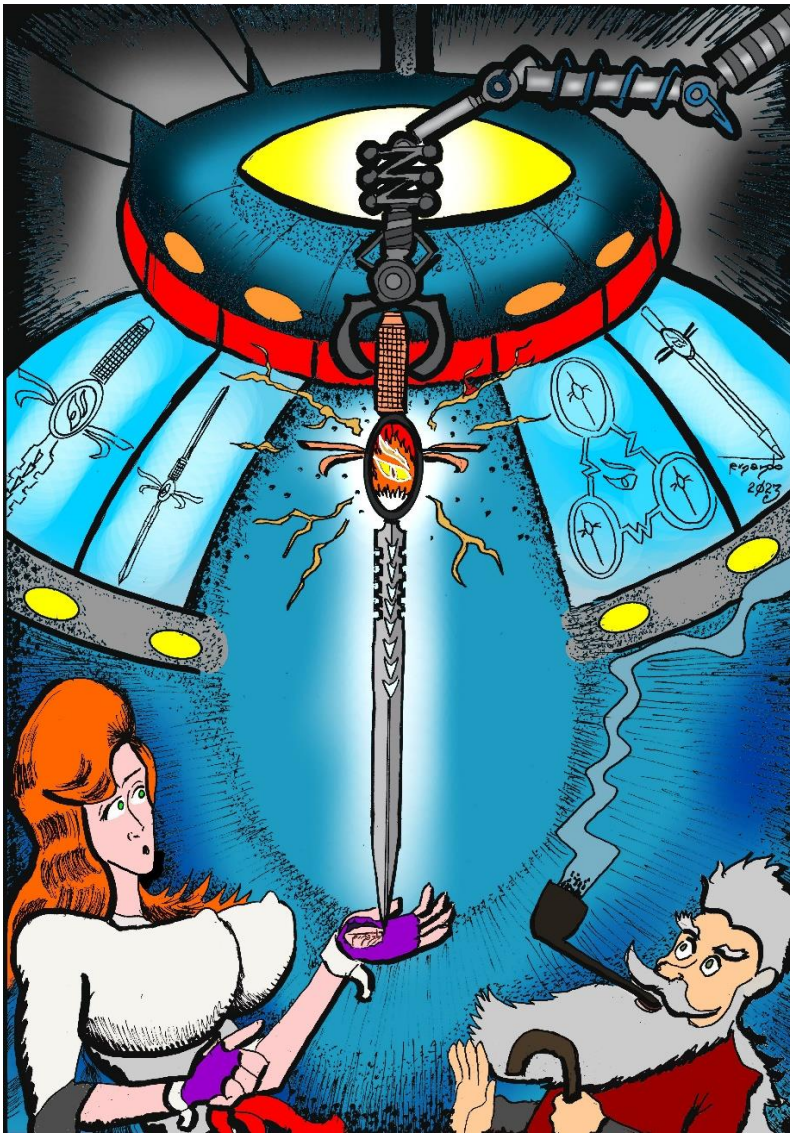
-Perdoe o corte, mas não precisa se assustar. – Desculpou-se o velho Mestre. – É uma rotina necessária para quem recebe este tipo de armamento.

E quando Heph disse a palavra armamento, pareceu dar a impressão de que aquela espada era capaz de fazer muito mais coisas além de simplesmente apontar lápis, descascar frutas ou cortar papeis.

Para Bete, era irrelevante se eram mil ou mil e uma, as utilidades da espada. O que ela queria é que o pai ficasse satisfeito.

Com a arma ainda quente em mãos, apertando fortemente o curioso cabo, a jovem fez alguns movimentos de esgrima que cortavam o ar com um forte assobio musical quase

cantante.



O olho no interior do anel na guarda da espada brilhava intensamente e então, algo extraordinário ocorreu: o cumprimento da lâmina negra se alterou.

Em seguida, foram então, os olhos de Bete, que brilharam vermelhos, dando a ela a compreensão, graças ao seu preparo e constante treinamento, de mais algumas das fantásticas possibilidades que poderia dispor.

Esta não só mudava de tamanho, mas também de forma, e abaixo da empunhadura onde Bete a segurava, em oposição à primeira, formou-se outra lamina de tamanho variável, com uma concha protetora negra, envolvendo o cabo enquanto o olho demoníaco soltava raios brilhantes.

De fato aquele não era um mero artefato decorativo.

-Muito obrigado. Nem sei como agradecer. Quanto fica o serviço?

-Não precisa pagar nada, Elizabeth Bondmader. – Sorriu Heph. – Não insista.

“Considere esta, uma ferramenta dada por um estimado amigo sua defesa.”

Elizabeth ficou surpresa, porque, até mesmo em Alorax, é difícil encontrar quem trabalhe assim desinteressadamente.

-Posso fazer mais armas exóticas. – Disse Heph. - Mas esta, por ora te servirá, até porque você gastará muito tempo treinando até dominá-la.”

“De qualquer forma, minha caríssima Elizabeth Bondmader, fique com o meu contato para quando precisar de alguma coisa mais incrementada, nesse momento, estarei a seu dispor!”

Dizendo isso, Heph entregou um papel do tamanho de um cartão de visitas, com seu

nome e alguns números escritos nele.

Elizabeth agradeceu, guardou-o e, voltando-se para a arma indagou:

-O que é este olho na espada? Estes raios que solta, são perigosos?

-De fato, Elizabeth. O olho na espada, concentra forças poderosas.

“Foi arrancado de um demônio para depois transformar-se numa criatura viva que se infundiu à espada, cujo poder, agora estará as suas ordens.”

Bete ouvia estas palavras, mas não absorvia direito aquela informação até porque não estava interessada em ter para si a arma.

A verdadeira compreensão das palavras de Heph ela só teria muitos anos depois, mas esta já é outra história. Daí, fosse crendice ou não, aquela conversa fabulosa, o que ela queria mesmo era resolver a pendência com o pai, que certamente guardaria a encomenda na sua coleção particular, até mesmo pela excelência do acabamento.

De qualquer modo, o velho Heph então, segurou a espada colocando-a numa bainha com um cinto, que, em seguida prazerosamente, e com um largo sorriso, entregou para Beth aproveitando para lhe dar um breve e apertado abraço, já que, por coincidência ou não, logo a seguir, a temperatura ali dentro começou a subir rapidamente.

Elizabeth, por não ser amiga de calor, percebeu que logo estaria desconfortável.

-Agora você deve voltar. - Disse Heph. - Está na hora da minha sauna e não quero você passando mal, porque logo aqui vai ficar um calorão infernal.

A bela ruiva nem perdeu mais tempo.

Mais uma vez abraçou o feliz e sorridente Heph enquanto agradecia sem parar, em seguida, voltou correndo para o seu alojamento com um novo brinquedo para se divertir enquanto não o entregasse para o seu pai.

***

O velho e sorridente Heph entretanto não ficou só por muito tempo.

De-repente, o som de tambores e flautas espalhou-se pelo ambiente.

Ali, luzes coloridas aumentaram a intensidade da iluminação.

Do meio de tanto brilho que ficou até ofuscante, surgiu uma mulher de pele azul e cabelos negros dançando.

Ela vestia uma cinta de membros humanos cortados e um colar de cabeças.

Não era feia, mas fazia uma careta pavorosa, colocando a língua de fora.

E tinha ainda diversos braços e pernas que faziam movimentos hipnóticos.

Heph Vulkan não se surpreendeu com a visita. Até deu um sorriso.

Em seguida a dançarina cessou a movimentação fazendo com que braços e pernas suplementares desaparecessem, a língua de fora fosse recolhida e a careta substituída por um lindo sorriso.

-Kali minha amiga... Que satisfação te receber aqui...

-A satisfação é minha em te visitar. A última vez que nos encontramos você ainda não utilizava o nome HEPH...

-Sua memória é excelente Milady. Como sabe, de tempos em tempos sou obrigado a fazer mudanças, visto que, as armas que fabrico eventualmente me trazem inimigos de quem sofre com elas...

“Mas isso não me impede de atender pedidos especiais de quem eu gosto e respeito; daí, para você, minha querida amiga Kali, fiz exatamente o que me pediste e já te adianto: a espada da Bete têm todo tipo de recurso ofensivo e defensivo.”

“Ela gastará uns vinte anos aprendendo todos os seus segredos...”

-A Bete têm preparo e aprende rápido Heph! - Disse Kali.- Ela será a minha bem armada fúria que transformará este e outros universos evitando reinados ou impérios das falsas divindades, por mais poderosa que sejam ou se julguem. Espere e veja...”

-Não duvido de suas palavras, amiga por isso fiz o melhor que pude.

-Fizeste muito bem, Heph....

***

No corredor, fora daquele calorão, Bete sentiu-se melhor com o ar e a temperatura, mais aceitáveis.

Pegou o elevador e, seguiu para sua cabine, onde descansou e mais tarde testou a lâmina que daria para o seu pai.

Tirou-a da bainha e depois de executar alguns poucos movimentos já percebeu que o balanço daquela espada era muito superior ao da outra.

Testou o corte e surpreendeu-se com o fio e a precisão.

Se o velho Conan não gostasse da espada, Elizabeth a guardaria para si.

No mais passou o resto da viagem testando na sua cabine as possibilidades que as diversas combinações de letras e números marcados nos anéis que giravam no cabo da espada proporcionavam.

Antes de sair do navio, Elizabeth Bondmader quis retribuir o Concierge que lhe ajudara a solucionar o seu problema dando-lhe uma “gorjeta”.

Mais uma vez, pelo intercomunicador acessou o serviço de informações do navio, explicou detalhadamente suas intenções, mas, obteve uma resposta que a deixou intrigada:

-Nossa tripulação não tem nenhum concierge trabalhando no barco.

“Abaixo do Capitão, só o Comandante está autorizado a resolver problemas a bordo.”

“E nesse horário em que a Sra. diz ter sido atendida por quem se apresentou como concierge da embarcação, estava o Comandante em reunião com a equipe de engenharia.”

“Portanto não posso indicar ninguém para receber sua gratificação...”

Bete surpreendeu-se, mas não alongou a conversa, já que ela pouparia os créditos que daria como gorjeta, ademais, aquele desacerto de informação ocorria por alguma razão que ela agora não vislumbrava e nem tinha tempo para tanto.

Entretanto, Bete terminou desconcertada com o que ficou sabendo a seguir:

-Esta embarcação não tem 13o. andar, muito mentos, cabine de número 666.

***

Aquela história misteriosa, Elizabeth não poderia deixar sem aferição.

Com um pulo, saiu correndo da sua cabine dirigindo-se para o elevador que supostamente a levara ao tal décimo terceiro. andar.

Entrou no seu interior, mas constatou que agora, no painel de controle, não havia mais nenhum botão com número treze.

Tentou então, achar o décimo terceiro andar, através das escadas e, mesmo percorrendo-as várias vezes na sua totalidade, não encontrou nenhum pavimento que fosse minimamente parecido com o que estivera.

Voltou para a sua cabine, e lá estava sobre suas coisas, a misteriosa espada negra, embainhada, prontinha para ser levada para casa.

***

O semblante do pai de Elizabeth , era de mais puro contentamento.

Sem qualquer esforço, com aquela espada, ele cortava papeis, e tecidos.

-É magnífica... Perfeita...

Conan fez mais alguns rápidos movimentos e poses com a arma...

-Sem comparação!

Ele então guardou-a na bainha.

-Meu amor! Agora me passe a espada que você disse ter quebrado.

Elizabeth fez uma careta e obedeceu entregando para o pai, o que sobrou da lâmina quebrada.

Conan olhava a arma, e, com um amplo sorriso, espichava os fios do bigode e da barba.

Se antes, manuseando a nova arma, ele demonstrava satisfação, agora, só observando o resultado dos experimentos da filha, não continha expressões de felicidade.

-Querida! Eu quero esta aqui. - Disse Conan, apontando para o toco quebrado sob o atônito olhar da filha.

Colocou o toco na mesa e voltou a manusear a espada que Bete ganhara.

Tentou girar os anéis em torno do cabo que continham letras e números entalhados.

Não obtinha resultado algum.

Entregou a espada para Bete dizendo:

-Gire estes anéis em torno do cabo.

Ela tentou e conseguiu, como se o seu simples toque tivesse destravado algum mecanismo interno de segurança.

-Ah! Como eu esperava... – Disse o velho Conan coçando a suas grossas e grisalhas barbas.

Em seguida, continuou:

-Meu bem: esta arma que você trouxe é muito poderosa.”

“Pode ficar com ela, meu amor. Ela não é para mim não.”

-Mas e o senhor? Vai ficar sem nada?

Conan soltou uma gargalhada e disse.

-Não se incomode! Espada para treino eu logo consigo outra.

“Essa que eu te encomendei, e você involuntariamente acabou quebrando, era apenas para finalidade decorativa.”

-Ah! Tá bom, pai, então deixa eu jogar fora esse toco de ferro velho sem valor que eu quebrei. - Disse Elizabeth apontando para a espada destroçada.

-Sem valor para você. - Enrubesceu o pai. - Para mim, é o troféu que a minha filha

me deu ao demonstrar sua própria força, preparo e destreza no manuseio de armas.

-Mas pai, se suas espadas são só para treino...

“Quando o senhor precisar de algo para defesa, vai usar o quê?”

-Recentemente embarquei na moda dos heróis moderninhos e estou usando pistolas de raios. Afinal: nos combates dos dias de hoje, quem vai ter tempo para desembainhar espadas selvagens e brigar?

Sorridente, o velho Conan deu uma piscadela para a filha e continuou...

-Ademais, minha querida, acho que você não percebeu, mas, esta arma é personalizada especialmente para VOCÊ.

-Como?!?

-Bete... Você me disse que cortou a mão com a lãmina da espada, logo depois que ela foi produzida, certo?

-Sim.

-Hummm....

“Veja bem, minha filhinha... Você tem em mãos um artigo de coleção!

“Algo que muita gente passa a vida procurando e morre sem encontrar.

Elizabeth ficou em silencio olhando para o pai com ar de sobressalto...

-Não se preocupe filhinha. Você não foi enganada. Esta arma realmente é muito boa.

“Na verdade, é excepcional e entre os especialistas é considerada uma “DIVISORA de RAIOS”, daí exige destreza e preparo ímpar de quem a utilize.”

“Você terá que estudar todas estas combinações para entender do que este armamento é capaz sem fazer besteiras por aí...

-Sem problemas. Veio junto um manual com instruções para seu uso.

“Confia em mim, pai. Logo entenderei como tudo funciona. Obrigado”.

Dito isso Bete pegou a arma e saiu rapidamente das vistas do velho Conan que, com ar desconfiado olhou para a filha faceira murmurando.

-Tenha cuidado para não se machucar...

-Não se preocupe papai. – Respondeu ela, já à distância. - Tudo vai dar certo.

***

Nos dias que seguiriam-se Bete estudou o manual, e fez muitos testes com a espada.

Por seu lado, Conan acompanhava de longe os progressos da filha que, seguiam com sobressaltos já que não eram poucas as vezes, que do quarto dela, enquanto empenhava-se em seus treinamentos, ouvia estouros, barulhos de objetos quebrando, sem mencionar flashes luminosos e frequente cheiro de coisa queimada.

Sempre que o cuidadoso pai externava alguma preocupação, a filha imediatamente o acalmava repetindo.

-Esta tudo sob controle papai. Pode ficar tranquilo.

E assim a vida seguiu até que certo dia, durante o jogo do seu time favorito, acabou cochilando ao lado do velho aparelho de rádio, até porque o seu time (o mesmo de Bete) finalmente estava ganhando alguma partida!

Conan ficou tão feliz e relaxado com a novidade que até fechou os olhos e dormiu.

E neste breve cochilo, sonhou que o seu time voltara a vencer grandes clássicos, retornando ao quadro dos maiores e mais importantes campeões da história.

Sentiu um orgulho de torcedor que a muitos anos, na realidade de fato, carecia.

E com esta alegre sensação despertou para a dura realidade em que olhou o placar do jogo dando-se conta de que o adversário conseguira empatar a partida, tirando assim uma vitória importantíssima para o posicionamento na tabela do campeonato.

Mas como já disse o sábio:

“Se desgraça pouca é bobagem, insignificante fica o time que cai pelas tabelas.”

Assim, foi no descarrilar deste trem de alegrias que o velho Conan, com os olhos

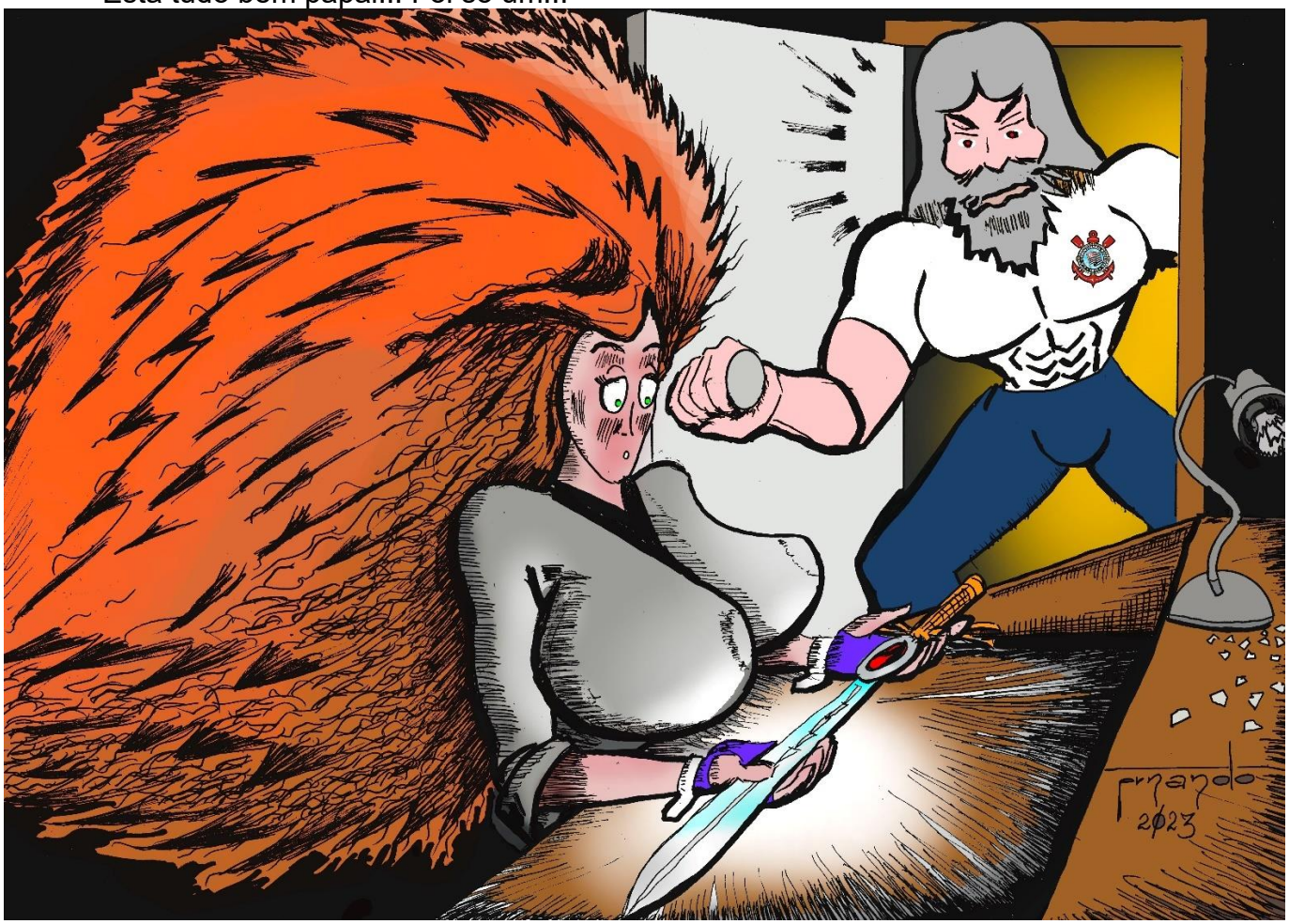
ainda espremidos pela soneca tomou belo susto com o potentíssimo estrondo que veio do quarto da filha.

-ELIZABETH BONDMADER! - Gritou o pai, agora com a cara assustada, saltando do sofá para entrar no quarto de Bete quase arrancando a porta do batente.

Deparou-se com a filha sentada diante da bancada onde ela afiava suas armas, segurando a espada, que certamente, havia acionado alguma de suas combinações mais perturbadoras.

Bete e tudo ao seu redor estavam chamuscados com fuligem preta, como se algo tivesse explodido na sua cara, mas, ainda assim ela tentou acalmar a situação:

-Está tudo bem papai... Foi só um...




Conan logo percebeu que aquela bagunça se devia a alguma combinação explosiva da espada, e arrancou-a das mãos da aturdida filha como se estivesse a pegar o celular no meio de alguma sessão de fofocas.

Entretanto, ainda assim, Bete não se dava por vencida:

-Mas papai... Veja bem...

-“Veja bem” para cima de mim Elizabeth Bondmader?

“Quer usar os truques do seu pai contra ele próprio? Garota ousada...”

“Não quero mais esta espada te causando problemas.”

-Mas papai, não foi nada demais...

Conan não sabia se estava mais irritado com o susto que tomou com a filha aprontando, ou se com o desempenho do seu time que mais uma vez era simplesmente humilhante.

Determinado, foi para o jardim da casa onde havia, um rochedo de material aloraxiano, capaz de rivalizar em dureza com os melhores aços da terra, e sem hesitar, arremessou a espada contra este, descarregando sua ira num lançamento que, de tão bem sucedido, penetrou com força descomunal a rija pedra no jardim, ficando ali encravada até

mesmo, emitindo um leve brilho avermelhado.

Não seria qualquer força bruta que conseguiria tirar a espada dali...

Diante da situação, Conan até se lembrou do episódio A ESPADA ERA A LEI, em que o a coroa da Inglaterra foi dada a um jovem Artur que desatarraxou a lendária espada EXCALIBUR que estava encravada numa bigorna.

Diante do seu feito dificilmente igualável, Conan virou-se para sua atônita filha, dizendo, sem ocultar o sorriso por trás de suas grossas barbas:

-Só alguém mais forte que eu, ou, alguns milhares de horas aplicando spray lubrificante aí, para arrancar tua espada da pedra."

"Agora posso ficar tranquilo com você longe desta porcaria."

"Vá ser útil em outro lugar, minha filha."

O velho pai deu as costas e saiu resmungando feliz, crente que Elizabeth esqueceria um pouco sua temível espada divisora de raios.

***

Mas não foi bem assim que as coisas se sucederam...

Tão logo surgiu uma oportunidade, Elizabeth Bondmader foi retirar a espada do rochedo.

Logicamente, com força bruta não conseguiria remover a arma dali, mas...

Tão logo segurou o cabo da arma ainda presa, sentiu a conhecida sensação de comunhão com a lâmina, a ponto de manipular com seus poderes mentais, o arranjo molecular e mudar a forma desta.

Diminuir o tamanho da lâmina, alguns milésimos de milímetro e logo removeu a espada da pedra sem maiores esforços, no silencio e sem chamar atenção do velho Conan.

Assim Elizabeth Bondmader continuaria as práticas e treinamentos, com seu pai logo percebendo, para imensa satisfação e alegria própria, que o preparo da filha era extraordinário a ponto dela já saber defender-se sozinha dos apuros da vida.

Mesmo assim o velho não iria facilitar com os paqueradores, pretendentes e outros garanhões que quisessem dar em cima da Bete.

Mas estas já são outras histórias...

***

# AS AVENTURAS nas CAVERNAS MÍSTICAS

Assim, mesmo tendo pai bravo, Bete com o tempo, munida da sua espada, foi ganhou experiência e liberdade, ampliando seu espaço de circulação especialmente, na densa floresta onde, em outra ocasião conhecera o amigo Durkon.

Ali, nas novas incursões, não reencontrou o velho camarada, entretanto, descobriu uma montanha pontiaguda escura, com aparência sinistra e diferente de todas as outras circundantes, que, curiosamente, parecia não estar registrada em nenhum dos mapas que dispunha, nem mesmo, naqueles produzidos por satélites, que davam dali, uma visão tridimensional totalmente distinta da que via a partir do solo.

Tão anômala elevação, tinha uma entrada escura, que nunca antes fora percebida por Elizabeth, nem mesmo, registrada anteriormente e justamente por isso, despertou a curiosidade da nossa protagonista.

***

# O MUNDO MARAVILHOSO de “Q”

-Elizabeth Bondmader... Elizabeth Bondmader...

Bete ouviu seu nome sussurrado vindo da entrada de uma caverna na curiosa montanha, daí avançou nesta direção pois aquele chamado estimulava a sua curiosidade...

O som era real ou seria a imaginação lhe pregando alguma peça?

Para saber ela chegou mais perto e, por conta de uma inesperada chuva, acabou tendo de procurar abrigo, assim como qualquer ser vivo faria nesta ou em outra galáxia.

Assim, ela entrou na misteriosa caverna, de onde seu nome era sussurrado.

Bete não era nenhuma despreparada, tanto que, na mochila, além da famosa espada divisora de raios, carregava meios que garantissem sua permanência fora de casa, por bastante tempo, inclusive dentro daquela caverna eventualmente habitada por insetos, centopeias, cobras, escorpiões, morcegos etc.

Entretanto, a ameaça mais perigosa ali dentro, era a própria Bete, que, se esfomeada ficasse, comeria qualquer coisa disponível pelo seu caminho, já que o convívio com Durkon a ensinou que: o que a natureza disponibiliza gratuitamente, não são restaurantes limpos com comida cozida e bem-preparada.

Assim, na medida que se habituou à escuridão local, percebeu um brilho amarelado ao fundo da caverna, que a instigava adentrar ainda mais seu interior que agora, a seduzindo com perfume extremamente delicado e agradável, que não combinava com o cheiro de merda na entrada.

Bete sabia, que tão convidativa situação poderia ser isca de algum animal desavisado lá dentro, mesmo assim, avançou curiosa, esgueirando-se por passagens estreitas em direção ao misterioso brilho que, na medida em que se intensificava, iluminava as paredes de mármore esculpido, naquele lugar mais lizas e de requintado acabamento geométrico seguindo assim, até um pórtico iluminado por leds coloridos.

Depois de percorrer a passagem tão tortuosa, estreita e sombria, agora tinha diante

de si a saída para um ambiente totalmente distinto daquele existente em Alorax cujos céus eram vermelhos.

Mesmo assim, saiu para respirar o ar local e surpreendeu-se com o firmamento azul-

roxeado decorado com estrelas e os rastros da trajetória de partículas oriundas dos ventos estelares formando fenômenos ópticos similares aos que na Terra são conhecidos como Aurora Polar ou Boreal

Caminhou um pouco até adentrar um amplo espaço sem paredes, porém, coberto, com estruturas de vidro e cristal.

Explorou o local tranquilamente sem ser perturbada, e saiu dali para uma área externa toda coberta de neve e gelo.

Calmamente, andou pelo piso escorregadio do local, sem que isso lhe causasse problemas.

Ao seu lado, passou correndo um humanoide com mochila nas costas de onde saía um tubo transparente que se conectava ao cabo da arma que segurava.

Bolas de neve subitamente foram atiradas por criaturas de gelo muito similares a bonecos, acertando o sujeito da mochila, que revidou, disparando também contra seu agressor, outras bolas de neve!

Assim terminou o breve embate já que o atacante de gelo saiu correndo depois de levar o justo revide sem que nada mais de grave resultasse daquela contenda.

Outras pessoas ao redor, nem se manifestaram com a ocorrência, tão pouco, por esta se interessaram.

Assim, Elizabeth apenas observou sem fazer juízo de nada.

Este era seu hábito, em situações que lhe fossem estranhas, e deste modo seguiu adiante, pois, de qualquer forma, o local era agradável, com clima, parecido ao das estações de inverno em que as pessoas circulam agasalhadas em meio a montanhas repletas de pinheiros e neve.

Caminhou até um castelo de gelo, e ali gastou algum tempo vendo os itens diversos existentes em todos os cômodos do seu interior onde poderia passar anos admirando e estudando tudo tamanha a riqueza de detalhes.

Incapaz de calcular o valor de tantos itens, finalmente, seguiu para a saída da edificação onde deparou-se com uma área florestal com várias pontes brancas em forma de arco, junto às montanhas circundantes.

Ali havia muita gente aguardando alguma coisa...

De-repente, uma voz afinada, como a de um adulto tentando imitar criança, alertou:

-Eles estão chegando! Eles estão chegando!

Elizabeth olhou para a direção de onde vinha a tal voz e deparou-se com um boneco de chocolate falante.

Não teve muito mais tempo de raciocinar sobre aquela figurinha, pois, ao redor desta, de um segundo para outro, apareceram do nada, sem qualquer explicação, centenas de criaturas de gelo, muito similares àquela que atacou o mochileiro a poucos instantes.

Estas, entretanto, vinham usando adereços mecanizados, que agora as tornavam seres cibernéticos de neve.

Fossem o que fossem as tais criaturas, atacavam o que quer que estivesse ao redor delas, apenas com... BOLAS DE NEVE!

Tal ataque, entretanto, foi repelido pelos presentes, que se defenderam com outras BOLAS DE NEVE!

A confusão toda piorou mais ainda, transformando-se, numa autêntica GUERRA DE BOLA DE NEVE por todos os lados.

Elizabeth, que não entendeu nada do que estava acontecendo, por prudência se abrigou de tanta artilharia insensata.

-Uma guerrinha frívola. - Pensou ela. - Mas, divertida.

De onde estava, assistia as batalhas campais, em que as criaturas de gelo apareciam do nada, atacavam, congelando ou cobrindo com neve, os seus adversários.

Um menino chegou fazendo convocação para resistência.

A criançada pelas imediações se uniu à chamada, em seguida atirou de volta, bolas

de neve nas criaturas.

O menino que fizera a convocação organizou o esforço com a garotada operando em rodízios, cada qual a seu turno, coordenando investidas contra os atacantes.

Era uma operação meio guerrilheira, mas deu certo.

Explosões de gelo no ar se sucediam com raios coloridos se espalhando por todos os lados enquanto a vozinha chata não parava de dar ordens.

Aqueles que até então, estavam congelados, por milagre, ou, pela física da natureza local, logo se libertaram e voltaram se juntando às crianças no seu combate.

Tão inesperada união deu resultados e, aos poucos, as criaturas de gelo perdiam o ímpeto de ataque para fugir correndo.

A batalha gelada então terminou e tudo aparentemente voltou a normalidade...

Haveriam outras??

Pelo menos, no saldo final, ninguém se machucou.

Nem um escorregão, braço torcido, perna quebrada... Nada.

Era como um desenho animado de aventuras, onde, após alguma correria, a vida dos protagonistas voltava tranquila ao normal.

Assim, Elizabeth continuou a caminhar através daquele cenário gelado, chegando a um vilarejo, cujas casas eram construídas de bolachas e outros tipos de doces.

No local também haviam os curiosos bonecos falantes de chocolate.

Alí, eram mais numerosos e maiores.

Estes e outros personagens malucos conviviam pelas ruas, como em qualquer ponto turístico popular.

Elizabeth, como toda mulher, olhava com atenção as vitrines das lojas procurando algo para comprar. Talvez uma pistola, ou fuzil...

Não imaginava que, de um segundo para outro, novamente, seu sossego e tranquilidade seriam testados...

***

Apareceu de-repente.

De-repente no meio da rua, materializou-se uma criatura humanoide com mais de 5 metros de altura, gritando:

-Naughty! Naughty! Naughty!

Era cinzenta em tons muito escuros, usando armadura de couro medieval com cabeça vestindo um elmo de chifres, que soltava névoa negra ao se movimentar, arremessando objetos grandes e pesados para todos os lados.

As casas com paredes de chocolate à beira das montanhas de gelo, corriam riscos incalculáveis, assim como as pessoas mas ninguém parecia preocupado.

Todos estavam atirando bolas de neve na ardilosa criatura, que não ficava muito tempo num só lugar, e, logo ia para outro...

Os primeiros objetos arremessados pela monstruosidade, felizmente não atingiram ninguém, mesmo assim, Elizabeth, não esperou novos lançamentos, e, na primeira oportunidade que lhe apareceu, desembainhou sua espada negra, dando em seguida, três saltos precisos, para depois, passar voando pelas costas da criatura, cortando-lhe a cabeça.

Tendo no ar, Bete desferido um golpe fatal e, antes mesmo que nossa heroína tocasse o solo, a monstruosidade foi envolvida por misteriosa nuvem negra, desaparecendo em seguida não deixando qualquer resquício de sua presença.

Só então, encerrou-se o salto mortiferamente acrobático de Elizabeth.

Seguiram-se os agradecimentos para a nossa destemida espadachim de longos cabelos ruivos, e olhos azul-esverdeados na forma de bolas de neve que os engraçadinhos lhe atiraram, os machos, para se engraçarem, e as fêmeas, para afastá-la dos seus machos.

Sem considerar outras tantas que ela acabou levando por conta de arremessos que deveriam acertar a criaturas, mas atingiram nossa protagonista.

-Culpa da Lei de Murphy. - Pensou ela.

***

Vencida a ameaça, Elizabeth guardou a sua espada, e continuou o passeio perto da uma pista de gelo onde diversas pessoas se amontoavam atrás de uma linha de largada.

Com efusivos cumprimentos e saudações, um sujeito vestindo armadura medieval apareceu fazendo-lhe convite para participar da corrida que aconteceria logo em seguida.

Sem entender nada do que se sucedia, no meio da imparável conversa fiada do cavalheiro, Bete foi gentilmente enrolada e posicionada junto a outros participantes.

Logo em seguida, o próprio tipo armadurado deu a largada e todos saíram correndo, incluindo Elizabeth, que se viu atrapalhada pelo piso escorregadio, e ainda, por outros competidores, que, logo de cara foram parar no chão.

Mesmo ela, só conseguiu se manter de pé, porque exercitava-se regularmente e respondia rapidamente aos imprevistos.

Assim, apesar da atrapalhação e correria inicial, manteve-se entre os primeiros logo no início e assim, três curvas depois já liderava pois, além da tática de dar arrancadas intensas, abusava dos seus talentos acrobáticos jogando-se no chão com rolamentos e deslizando sentada nas curvas, até quando tinha que reduzir a velocidade.

Deste modo, chegou em primeiro lugar, após uma corrida onde acabou vencendo com folga.

Nem saiu comemorando, porque, aquilo para ela, era algo muito simples.

Seu preparo físico, era de fato excepcional, sem mencionar ainda, outras habilidades mentais e sobre-humanas, que, adquiriu por conta dos treinamentos com poderosos mestres no domínio da força.

Seguiu até a recepção onde, além da merecida recompensa, lhe fizeram um novo desafio: a pesca klingon.

Os klingons são guerreiros notórios que gostam de provar sua valentia fazendo coisas difíceis e perigosas.

Mesmo os humanos mais fortes não costumam ter força equivalente às de um klingon.

Daí que, estes tinham lá seus esportes, que para a maioria dos humanos, não seriam de prática muito recomendável, até pelas capacidades físicas dos klingons serem maiores.

Mas isso não era problema para Elizabeth.

Assim que ficou sabendo do evento, logo correu até onde este ocorria: no caso, sob um lago congelado, em cuja margem havia o local de preparação para os competidores.

Ali chegando, Elizabeth se apresentou ao klingon responsável, sendo, em seguida, informada das regras, em seguida, vestiu uma luva indo para a superfície gelada do lago.

Num certo ponto, sacou sua espada da bainha e enfiou-a no gelo, num só movimento.

Tal foi a perfeição do golpe, que a penetração se deu como se fosse um espeto quente, entrando na manteiga.

Sacou a espada do gelo em seguida, ampliou com socos e chutes, o tamanho do buraco, até abrir espaço suficiente para enfiar o seu braço com larga folga.

E foi o que ela fez... Enfiou o próprio braço no buraco, e, logo o tirou.

A este, veio preso, um peixe gigante cor de rosa, que tentava engoli-la.

Elizabeth, entretanto, não era de se deter diante deste tipo de problema.

Segurou fortemente a língua do bicho que degustava seu braço.

Bateu nele com a espada, e levou-o até uma espécie de pira, onde outros competidores jogavam as suas pescarias.

Elizabeth fez o mesmo, finalmente livrando o próprio braço enquanto jogou a pescaria junto às outras.

De-repente, saiu do buraco em que pescara, o pescoço de um imenso dragão, cor de rosa ameaçador e potencialmente perigoso...

Mesmo assim, Elizabeth não perdeu tempo.

Contra este perigo avançou sem receio, dando-lhe uma espadada cortante que, para acertar o alvo, exigiu de Bete outro salto acrobático.

Neste caso também, o dragão foi logo envolvido por misteriosa névoa negra que do mesmo modo que surgiu, desapareceu sem explicação.

Só restou à Bete embainhar sua arma com alguns movimentos acrobáticos, antes de seguir em frente.

***

Assim ela voltou para a vila com casas feitas de doces, onde seres humanos e criaturas exóticas (incluindo bolachas vivas e bonecos de chocolate) circulavam formando um cotidiano extraordinário e fantasioso.

Bete sentia-se naquelas localidades turísticas de vida agitada onde músicas percorrem calçadas com gente bebendo e saboreando petiscos locais numa atmosfera ingênua tradicional e tranquila.

Entretanto, tudo isso mudou rapidamente com uma nuvem negra que surpreendeu as pessoas aparecendo do nada e pelas ruas se espalhando.

E surgiu ainda, um gigantesco boneco de neve azul, que ameaçou tudo ao redor.

Passado o susto inicial, mais uma vez, os presentes reagiram iniciando um contra-ataque armados com BOLAS DE NEVE!

Não tardou para novamente, aparecer o garoto, que anteriormente contra outras criaturas gigantescas, arregimentou atiradores para o embate.

Novamente, ele juntou muita gente com seus apelos, mas, dessa vez, os embates contra os gigantes ameaçadores, não conseguiam afastar definitivamente o perigo...

Foi então que, a espada negra de Elizabeth, voltou a cantar.

Com poucos movimentos Bete reorganizou alguns dos anéis do cabo da espada, partindo em seguida para o ataque.

Em riste, a arma foi envolta por florescente chama branca, alimentada pelo poder, energético e preparo que a própria Elizabeth Bondmader ali canalizava de si própria, assim com destemor, avançando contra a criatura azulada.

Com mais saltos acrobáticos, que fazia como se fosse coisa comum, ela rapidamente posicionou-se atrás da cabeça, do boneco de neve azulado, enterrando ali a espada que emitia chamas brancas e derretia a ameaça, enquanto jatos de vapor jorraram desta, até nada mais restar.

Findo o perigo, a vida voltou ao normal e um gigantesco sorvete aproximou-se de Elizabeth agradecendo-lhe, com aquela estranha voz de adulto imitando criança:

-Obrigado, você nos salvou de um grande perigo.

Elizabeth apreciou o agradecimento sentindo-se recompensada, embora para alguém com o preparo e treinamento dela, tudo aquilo era brincadeira que ela mesma fazia como criança, daí, nem lhe custou tanto esforço.

Ademais, na sua jovem cabeça, ainda existia a crença de que toda pessoa honrada, deveria colocar os próprios talentos em favor da comunidade que lhe aceitasse, ou que, com algo pudesse colaborar.

E mesmo satisfeita, suas surpresas não haviam terminado.

Vindo dos altos do céu roxo-azulado, sentado numa cadeira negra flutuante, chegou um personagem vestindo roupas negras.

Era humanoide, imponente, com um sorriso moderadamente sarcástico.

O tipo distinto, aproximou-se do garoto e da Bete, dizendo calmamente:

-Olá! Eu sou “Q” e, vocês estão no meu Maravilhoso Mundo Invernal.

***

# “Q”!

Elizabeth já ouvira falar a respeito das temíveis entidades superpoderosas conhecidas como “Q”s.

Jamais entretanto, lhe ocorreu que encontraria alguma delas pessoalmente.

-A atuação de vocês, neste meu espaço de diversões, foi bastante destacada. – Disse o “Q” – A tempos eu não via algo assim.

“Vocês merecem uma condecoração comemorativa.”

Sentado numa poltrona, “Q” ergueu a mão esquerda à altura da cabeça estalando os dedos.

Num piscar de olhos, apareceram flutuando diante de Elizabeth e do menino, dois trenós de madeira, utilizados por crianças, para deslizar na neve.

Lentamente a cadeira de “Q” aproximou-se do jovem garoto, que olhava o trenó flutuando à sua frente, e, então disse:

-Charles: Pela valentia em reunir e encorajar pessoas, liderando-as contra uma ameaça comum, muito superior às próprias forças, sua iniciativa é digna de louvor, sendo assim, condecorada com o ROSEBUD.

“Você orientou-se pelas emoções fortes e avançou sem temer pelo pior, ainda que, a vitória, eventualmente não viesse.”

“Este trenó vai te lembrar dos momentos agradáveis e das lutas vitoriosas que você teve aqui, assim te confortando até o fim, pois, aquele que morre feliz, leva junto de si muito mais do que algum rico, que só encontre a tristeza no final.”

A seguir, “Q” parou em frente a Elizabeth, e com simples gesto do dedo indicador apontado para o alto, fez o outro trenó que se encontrava suspenso no ar, aproximar-se.

Este, entretanto, pouco maior que o de Charles, de cor preta com texturas em madeira da mesma cor, tinha desenho dos contornos de uma rosa branca, abaixo dela, lendo-se em letras góticas, a palavra: BLACKBUD.

-Elizabeth: Pela bem-sucedida eliminação das perturbações que ameaçavam a ordem e paz no meu Maravilhoso Mundo Invernal, irás receber a BLACKBUD.

“Você lutou com perícia sobre-humana, além do seu dever, eliminando problemas que já vinham chateando o meu espaço a bastante tempo.”

“Este trenó vai te lembrar dos momentos agradáveis e das suas vitorias aqui, te confortando nas lutas, e, momentos difíceis.”

Em seguida, “Q” afastou-se para o alto, dali ainda olhando para Elizabeth e Charles.

Havia na sua expressão facial, um certo orgulho, muito semelhante ao que se sente participar de momentos ou, convivendo com personalidades da história.

A poltrona voadora de “Q” se ergueu ainda mais, e ele disse como despedida, ante de desaparecer nos céus:

-Sejam fortes, e persistentes, que a sorte os favorecerá.

Elizabeth e Charles comparavam seus trenós, felizes como crianças.

Então o sistema de som local anunciou.

-Senhoras e Senhores: O MARAVILHOSO MUNDO INVERNAL DE “Q”, encerrará suas atividades. Por favor, dirijam-se para os portões de saída.”

“Até o próximo ano e muito obrigado pela sua presença.”

Antes de sair, a dupla premiada parou na barraca de pipocas, seguindo depois pelo mesmo caminho, até os mesmos túneis e cavernas que trouxeram Elizabeth até ali.

Assim, ambos avançaram conversando, com o menino causando boa impressão, ao mostrar-se bastante comunicativo, inteligente, convincente e carismático.

Certamente, o futuro lhe reservava grandes projetos se continuasse crescendo daquele modo, certamente nalguma importante liderança se tornaria.

Através de passagens cada vez mais escuras, seguiram até uma das várias saídas da caverna, que desembocava para um lugar frio, cinzento e com muita neve.

-E daqui que vim. - Disse Charles para Elizabeth antes de se despedir dela com um aceno.

Assim que saiu para fora da caverna, alguém do lado de fora o chamou:

-Charles! Charles! Venha! Estávamos te procurando. Onde você esteve todo esse tempo?

Charles acompanhou uma senhora, que era quem o chamava, até não ser mais visto por Elizabeth, que, em seguida avançou  para a própria saída.

Atrás de si, sem que ela percebesse, a passagem por onde havia seguido Charles, desapareceu, como se nunca tivesse ali existido.

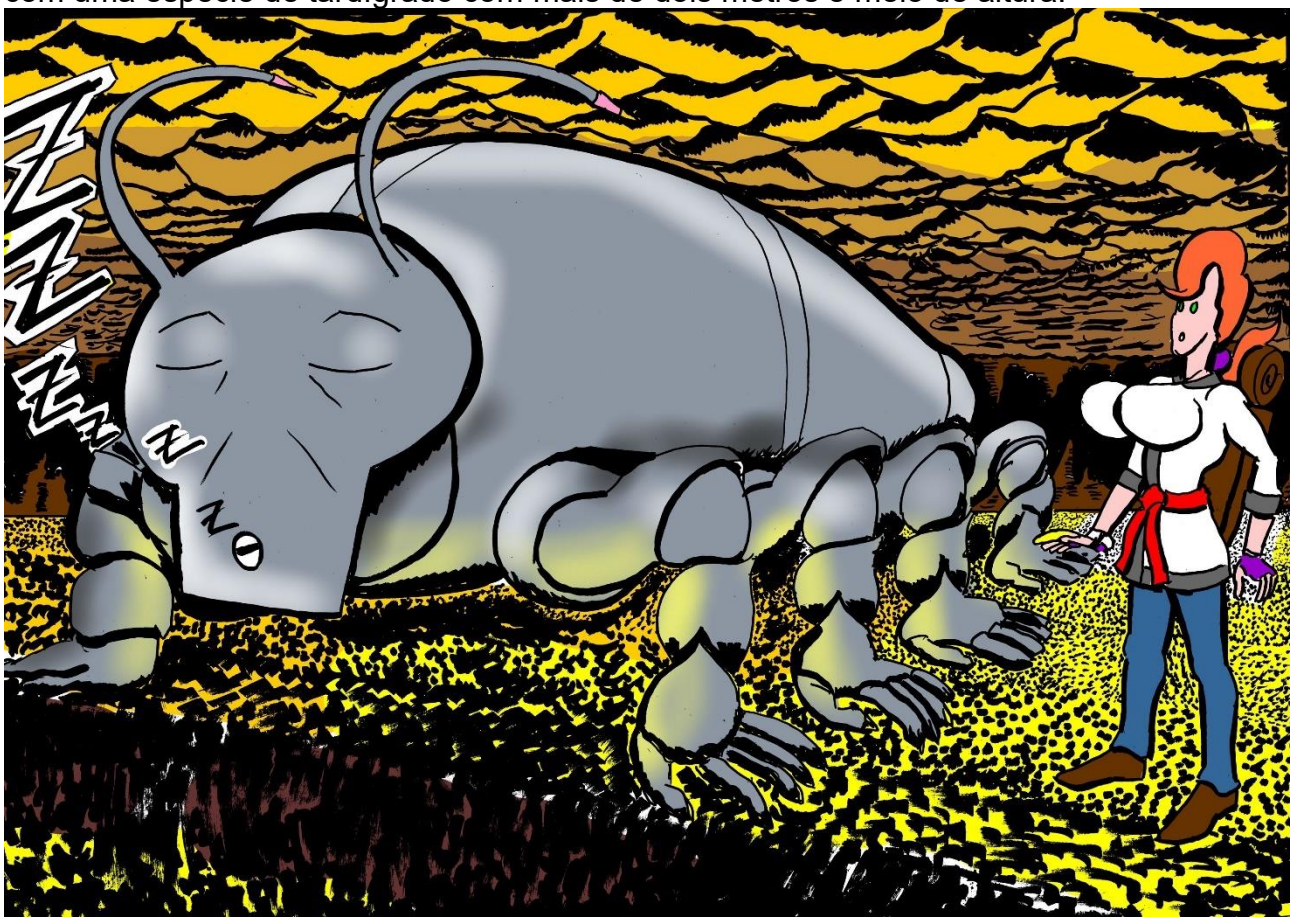
***

# “O TARDÍGRADO”

Ao retornar pelo mesmo caminho feito anteriormente através da caverna, Elizabeth encontrou uma novidade...

O facho de luz do holofote que utilizava para se orientar, iluminou uma forma de vida incomum, até mesmo para aquele lugar...

Caso Elizabeth, se deparasse com morcegos, ratazanas, cobras, ursos, insetos esquisitos, ou mortíferos mosquitos, não haveria nada de estranho, mas, ela deparou-se com uma espécie de tardígrado com mais de dois metros e meio de altura.




Uma criatura tão estranha, que, por conta de sua textura cinzenta e rugosa, Bete a confundiu com as pedras do caminho. De qualquer modo, entendida a situação, a cabeça da nossa protagonista ainda se encheu de perguntas, afinal...

Como um bicho daqueles viera parar num túnel tão apertado, sendo que, ele não esteve ali na sua primeira passagem pelo local?

Esta pergunta intrigou Bete, mas não bloqueou sua curiosidade, já que era muito dada com animais de todas as espécies, mesmo com os mais agressivos e violentos, assim, aproximou-se da criatura, que por sua vez, também não demonstrou qualquer receio com a presença dela.

Logo, sem maiores receios, a beldade ruiva subiu na parte superior do bicho, colocou suas mãos em alguns pontos do tardígirado e começou a massageá-los, obtendo assim, resultados imediatos.

O bicho relaxou, rolou de lado com nossa destemida aventureira montada sobre si, ficando de “patas” para o ar, enquanto emitia um fluxo de pensamentos, que se agregavam aos de Bete, num poderoso elo telepático.

Ele se chamava Koss!

Conforme Elizabeth massageava Koss, a situação ali foi mudando extraordinariamente com uma bolha translúcida branca formando-se ao redor dos dois, e

em seguida, erguendo-os do chão.

Como se fosse um fantasma, a bolha envolvente atravessou rochas indo ainda mais alto até sair para ambiente aberto, onde continuou subindo pelos céus alçando o espaço negro infinito.

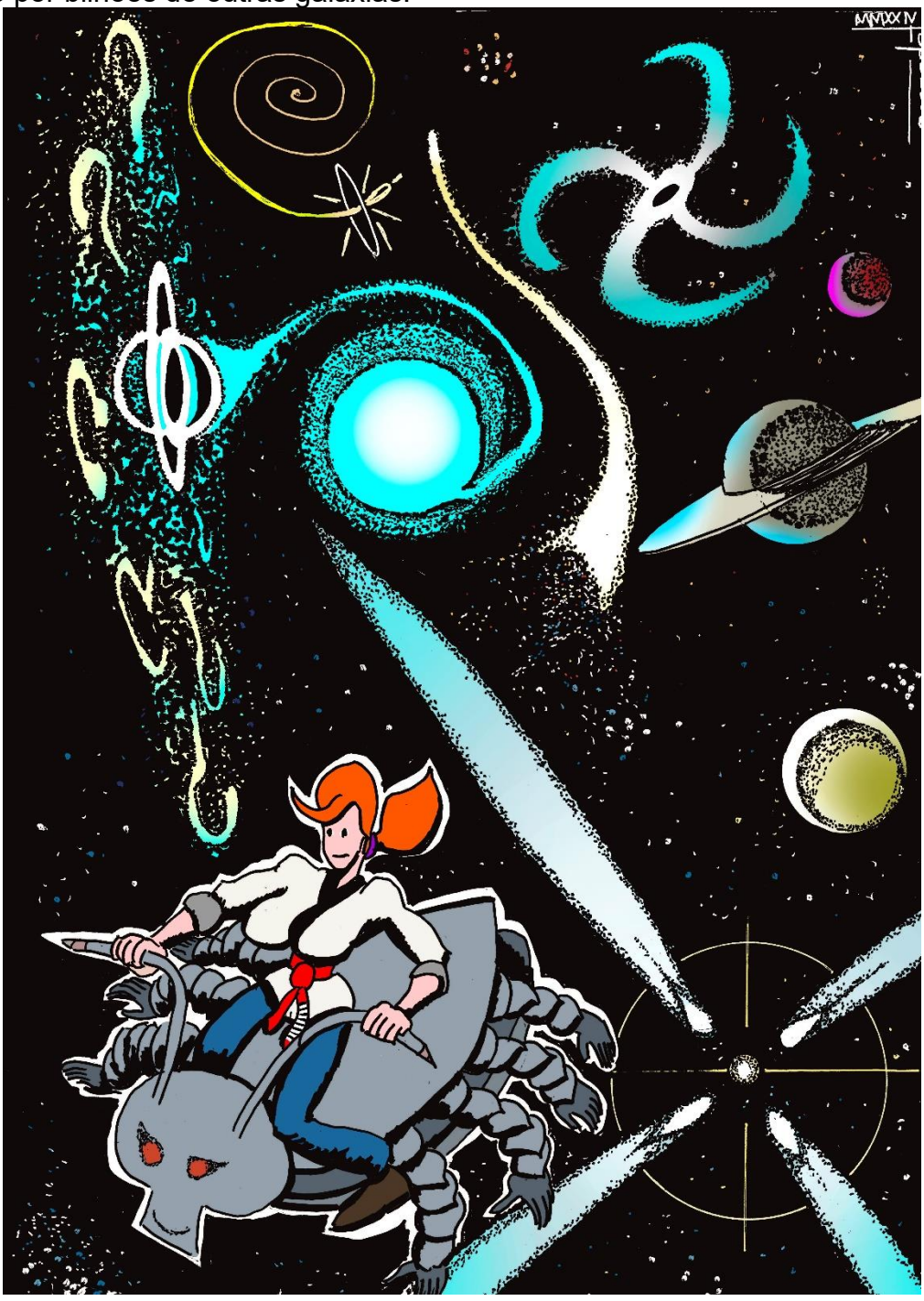
Massageando Koss, Elizabeth não sentia nenhum efeito de falta de ar que de tal situação poderia decorrer.

Aquela bolha translucida não só servia como meio de transporte, mas também de proteção.

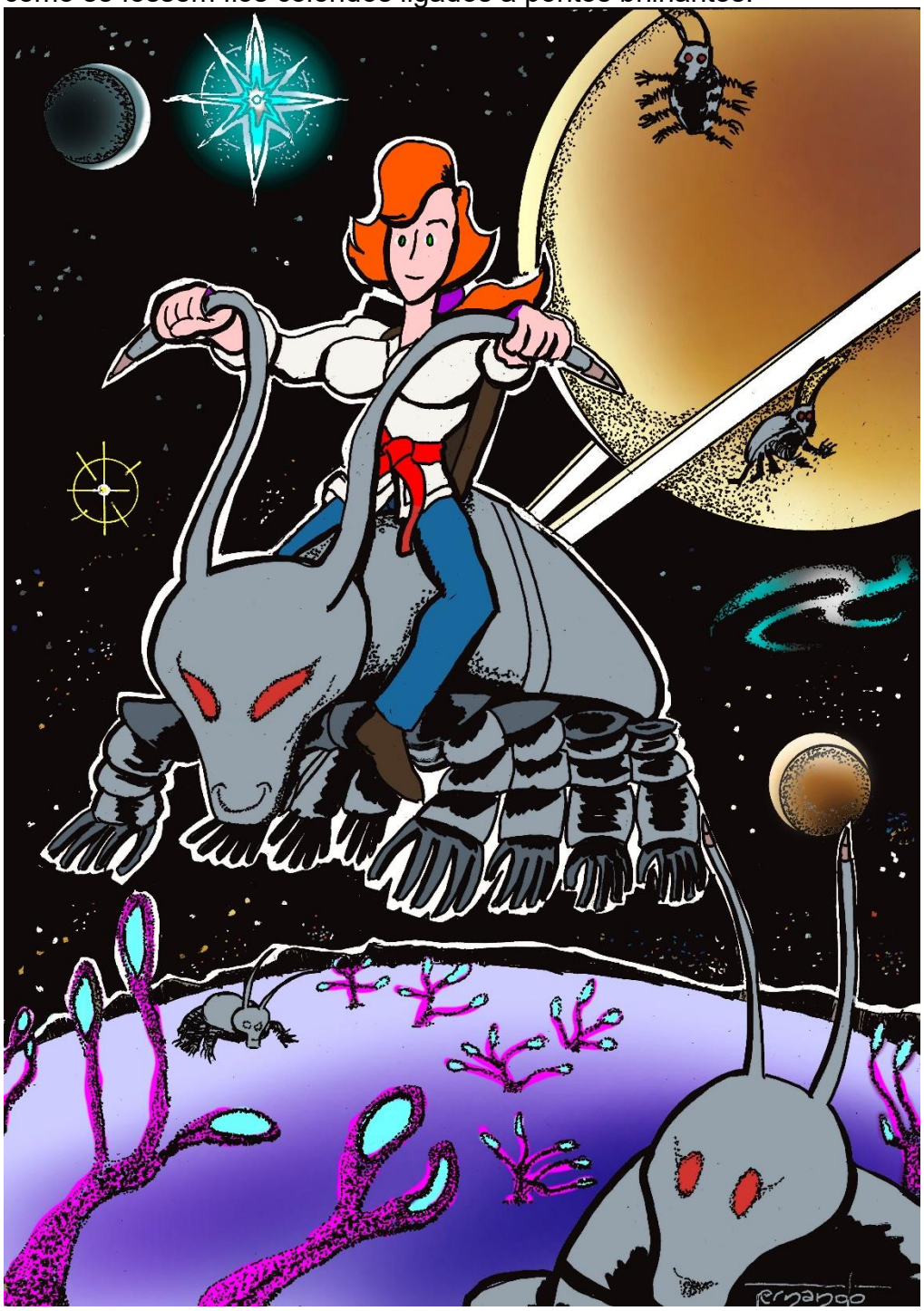
As mãos de Elizabeth foram estralando a coluna vertebral de Koss, aliviando lhe diversas tensões acumuladas a ponto de fazer com que ele exalasse suspiros de prazer.

Ao redor da bolha, a jornada ia distanciando-a cada vez mais de Alorax, cuja estrela, já nem era mais visível...

Logo, até mesmo, a Via Lactea ficou pequena, desaparecendo num mar negro polvilhado por bilhões de outras galáxias.



Neste instante, Elizabeth conseguia enxergar as conexões existentes entre elas, como se fossem fios coloridos ligados a pontos brilhantes.



Mais adiante nesta jornada maluca, Koss deu novo “salto” levando Elizabeth a um jardim imenso e infinito, onde circulavam outros tardígrados.

Na vegetação alí existente, as folhas reluziam com pontos brilhantes, que se analisados microscopicamente revelariam universos inteiros no seu interior.

Elizabeth entendeu através do jardim, que os tardígrados viajavam para qualquer lugar, a velocidades estonteantes usando misteriosa “rede mycelial” .

Koss relaxou tanto, que acabou dormindo.

Com isso, desfez-se a bolha branca translúcida e os dois voltaram para a caverna, após aquela breve e estonteante, viagem fantástica.

Koss continuou roncando e Elizabeth saiu de cima criatura dando-lhe mais alguns apertos e estralões finais.

Como uma quiroprata satisfeita com o resultado do próprio trabalho, Bete sorria pelo privilégio de ter conhecido e compartilhado pensamentos com aquela criatura.

Mas era hora de seguir seu rumo.

Noutro momento, voltaria ali com calma e passaria mais tempo ao lado do novo amigo.

Seguiu então de volta para o caminho conhecido percebendo que, neste, algumas coisas estavam diferentes.

Mas isso não a incomodou nem a impediu de seguiu seu caminho até chegar à mesma saída, por onde entrara naquele complexo de cavernas.

O ar parecia diferente, e a luz externa, também.

E de fato, assim que saiu para fora das cavernas, constatou uma diferença brutal:

A densa floresta que, antes cercava a misteriosa montanha e as cordilheiras ao seu lado transformaram-se num deserto seco repleto de dunas de areia.

***

# AS DUNAS DE ALORAX

Elizabeth controlou-se para não entrar em pânico.

Apesar da devastação e de muitas diferenças, ela não tinha dúvida de que aquele, era o mesmo acesso pelo qual entrara nas cavernas, entretanto, tudo que antes havia fora delas: as florestas e montanhas, simplesmente desapareceram inexplicavelmente.

No alto dos céus aloraxianos flutuava um descomunal cilindro todo entalhado, que parecia ser alguma espécie de veículo espacial.

Elizabeth nem imaginava o que fosse aquilo...

No solo, nenhuma viva alma era visível até onde o olhar alcançava.

Consternada, mas sem pressa, Bete colocou seus óculos escuros e foi andando para onde morava, debaixo de uma temperatura muito quente, sendo que, ela odiava o calor, mesmo sabendo se virar nesse desconforto.

O que tinha de fazer sem amolecer era, manter as paciências não desperdiçando energia à toa, preparando-se para coisas piores que o futuro eventualmente lhe reservasse.

Assim, depois de muita caminhada, finalmente, chegou à rua onde morava e, ali constatou o estrago:

A não ser pelo vento seco, persistente e destrutivo, não havia mais qualquer movimento, nem sinal de vida, humana ou animal...

Nenhuma casa restara inteira, nem mesmo a sua.

Desolada, sem saber as razões de tal situação, Elizabeth olhou para o seu trenó de brinquedo: o BLACKBUD.

Recordações felizes lhe vieram à mente: Dos dias que vivera naquele local, com a família.

Lembrou até mesmo, seus passeios e aventuras no Maravilhoso Mundo Invernal de “Q”.

Daí, Elizabeth teve uma ideia: retornaria às cavernas, pois outras pessoas poderiam ter se abrigado no seu interior. Deste modo, sem perda de tempo, pôs em prática a sua decisão!

Voltou andando, debaixo do calorão pelo mesmo caminho que antes fizera, apenas seguindo suas pegadas ainda nítidas na areia, e, ao fim do percurso, teve outra desalegria:

A montanha pontiaguda negra e a entrada para as cavernas místicas, haviam desaparecido.

Verificou as coordenadas no equipamento de localização que trazia consigo, e, não havia dúvidas: Elizabeth estava no lugar correto.

Ali é que faltava uma montanha!

Seu caminho para a salvação lhe fora tirado.

Elizabeth Bondmader sentou-se e uma lágrima furtiva escapou dos seu olhos...

Sim, a nossa protagonista favorita, ignorando quando veria novamente a família e todas as demais pessoas que importavam na sua vida, teve um momento de fraqueza e chorou... De RAIVA!

***

Queria descontar sua fúria em alguma coisa, mas deveria manter o autocontrole. Não era o momento de perder o equilíbrio.

Agora, mais do que nunca, sua vida literalmente, dependia disso.

Assim, sem mais questionar, se aquelas ocorrências eram ordenadas por linhas já

escritas no livro do Destino, ou apenas combinações de azar de alguns dos infinitos artigos e parágrafos da implacável Lei de Murphy, Bete não perdeu tempo em comiserações, pois, naquele calor, toda a água era fundamental, mesmo para uma determinada e humilde aventureira preparada para o impossível.

Procurou um abrigo com sombra, onde secou definitivamente as lágrimas, descansou e avaliou a estratégia de sobrevivência que adotaria a seguir, através das informações que obtinha no seu laptop.

A internet local não estava funcionando, mas, Elizabeth conseguiu com muito esforço mesmo com sinal ruim acessar redes de fora de ALORAX.

Os dados vinham corrompidos, mas, ela conseguiu entender que estava em curso:

Outra inesperada e covarde invasão ao seu planeta natal que, neste caso tinha piores repercussões do que qualquer outra ocorrida antes na história daquele mundo.

Agora, a responsabilidade por aquela imensa tragédia, não recaía sobre os ombros romulanos, os invasores alienígenas, que costumeiramente passavam por ALORAX para fazer pilhagens, estupros e assassinatos sem que qualquer justiça lhes cobrasse nada.

Para Bete, a ameaça ainda era desconhecida, mas, pelo pouco que pôde constatar, chegou causando em seu mundo, drásticas mudanças ambientais que, brevemente, não seriam revertidas, dentre estas, o calor do momento que até na sombra era capaz de arrancar lágrimas dos mais durões.

De qualquer forma, aquele dia aproximava-se do seu fim e os ares frescos da noite aos poucos, tornaram a situação... Menos desconfortável.

E, por menos desconfortável, não se deve entender mais prazerosa, já que, logo surgiram vorazes mosquitos, que, em qualquer planeta do universo em que estejam, infernizam com seu zumbido impertinente, as vidas daqueles que pretendam consumir o sangue.

Como Elizabeth Bondmader também não nutre simpatia nenhuma por esta espécie, logo se viu obrigada a deixar o abrigo provisório para explorar as imediações, pois os enxames alí eram numerosíssimos.

Não foi muito longe, e deu de cara com um grande escorpião, de aproximadamente, trinta centímetros de altura.

Sem qualquer cerimônia Elizabeth pensou:

-Esse bicho será meu lanche.

Percebendo a intenção dela, o escorpião saiu em disparada, mas, logo foi alcançado.

Elizabeth imobilizou a criatura, e, quando ia aplicar-lhe algum golpe mortífero, avistou alvos mais apetitosos:

Pássaros voando em círculos.

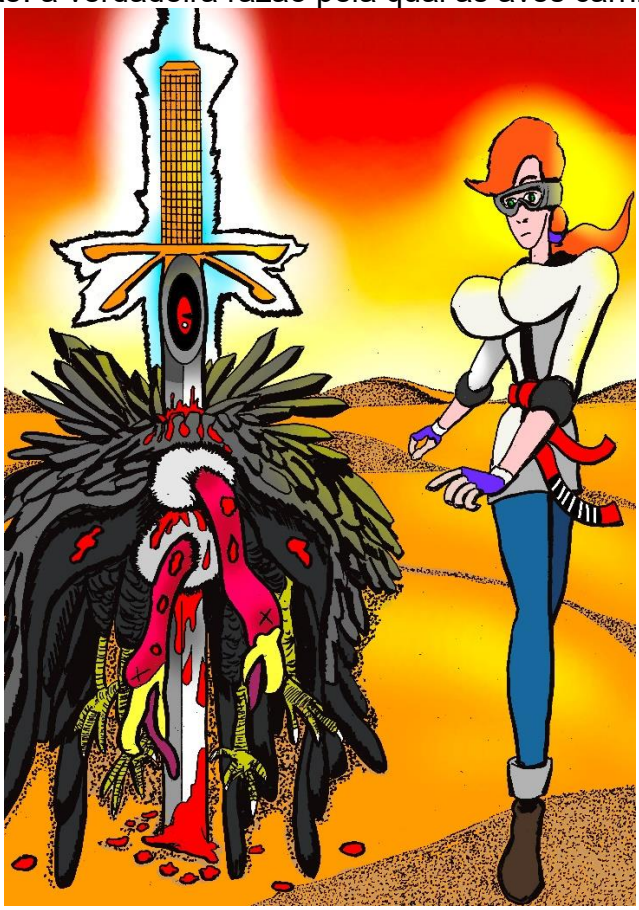
Na verdade, eram urubus, as aves carniceiras que ela mais odiava, pois eram as mascotes de um time de futebol rival daquele que ela de fato torcia e era fanática.

Matasse um só, daqueles bichos nojentos, teria comida por bom tempo, além de, aliviar a raiva do seu time ter perdido para o dos urubus, no último clássico.

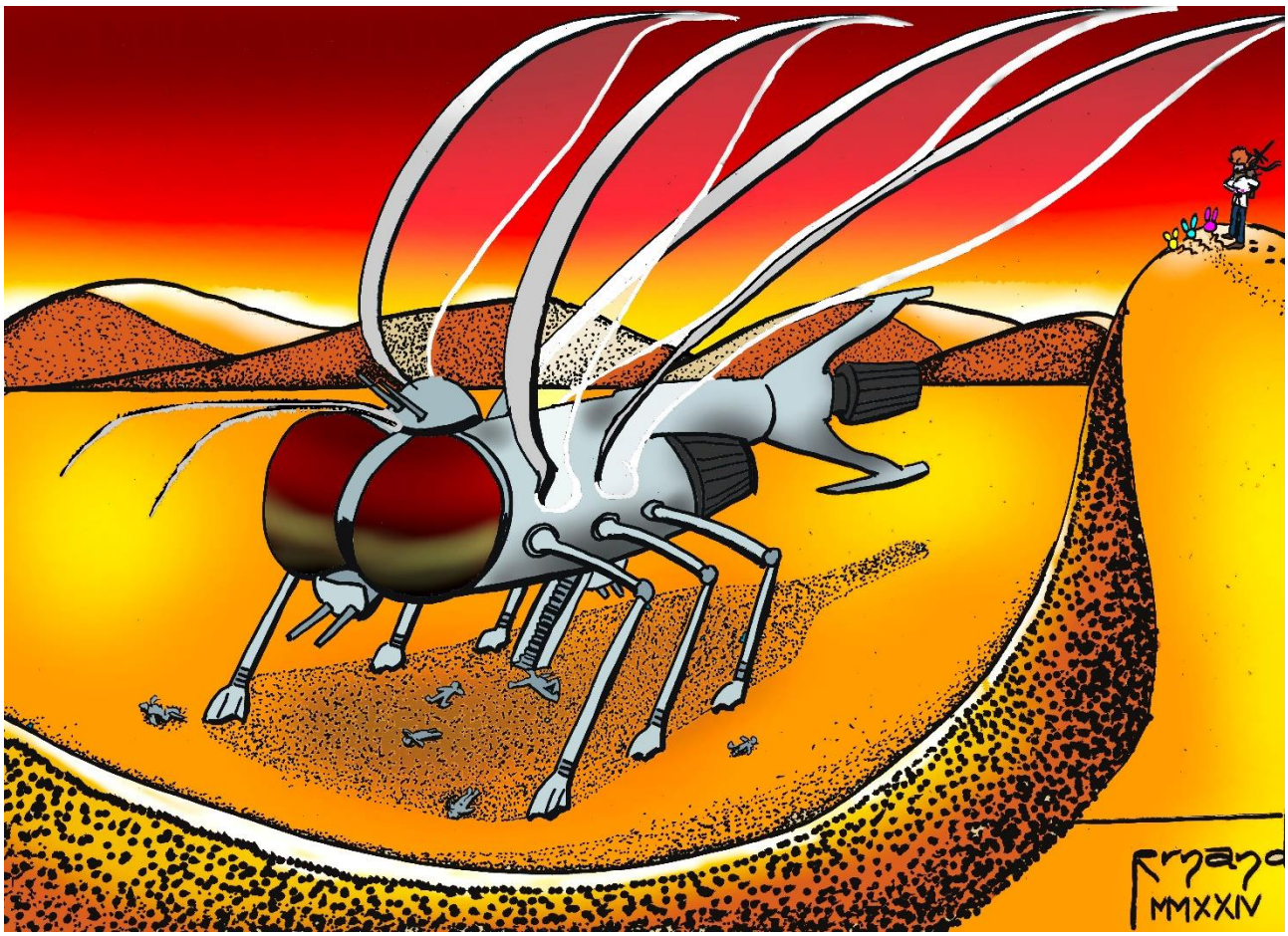
Abandonou o escorpião que imediatamente fugiu assustado, enquanto ela seguiu as novas caças, assim não demorou muito, e teve a esperada oportunidade, de modos que, sacou a sua espada e a arremessou contra um dos alvos que voava lá no alto, tranquilo.

Mirou um urubu, mas, seu preparo e perícia fizeram que ela acertasse dois, com o mesmo lançamento.

Foi entretanto, quando ia recolher a espada com os urubus trespassados, que encontrou algo diferente: a verdadeira razão pela qual as aves carniceiras circulavam ali.



Havia uma nave ornitóptero com formato de libélula, encalhada no meio das areias, e, espalhados ao seu redor, jaziam diversos mortos vestindo armaduras auto climatizadas que, naquele instante se encontravam desligadas.




***

Elizabeth olhou para os urubus que eliminara, e resolveu deixá-los por ali mesmo, agonizando em seus momentos finais, só resgatando de volta, a sua temível espada divisora de raios do olhar demoníaco.

Tinha esperanças de encontrar no interior da nave ali próxima, rações de emergência em suas despensas, evitando assim comer a carne daqueles bichos, sem o devido preparo ou condições que não fossem as ideais.

A e a visão daquele cenário, a fazia indagar o que teria acontecido, mas, sem resposta evidente, avançava entre as areias, esgueirando-se cautelosamente até a nave, que tinha parcialmente cobertas de areia, suas turbinas, asas móveis vibratórias e até hélices.

Aquele veículo era muito diferente dos que conhecia, mas a aparência indicava que sua finalidade era voltada para combate e transporte rápido de carga.

Analisou à distância, os mortos vestindo as estranhas armaduras matutando se, o que os teria matado também poderia ameaçá-la.

Verificou a área ao redor tentando encontrar algum perigo... Nada...

Mesmo assim, Bete não baixou a guarda mantendo-se cautelosa, já que era impossível, mesmo para alguém tão preparada como ela, antecipar todas arapucas e problemas escondidos pelas imediações. Deste modo sem tanto se expor aos arbítrios da sorte, aproximou-se de uma das portas laterais da nave que estava aberta.

Nenhum alarme... Nenhum barulho estranho... Nada...

No interior, pelo que podia ver, tudo estava apagado.

Elizabeth Bondmader pegou um punhado de areia e jogou porta adentro...

Nada aconteceu...

Aparentemente aquela espaçonave estava mesmo desligada.

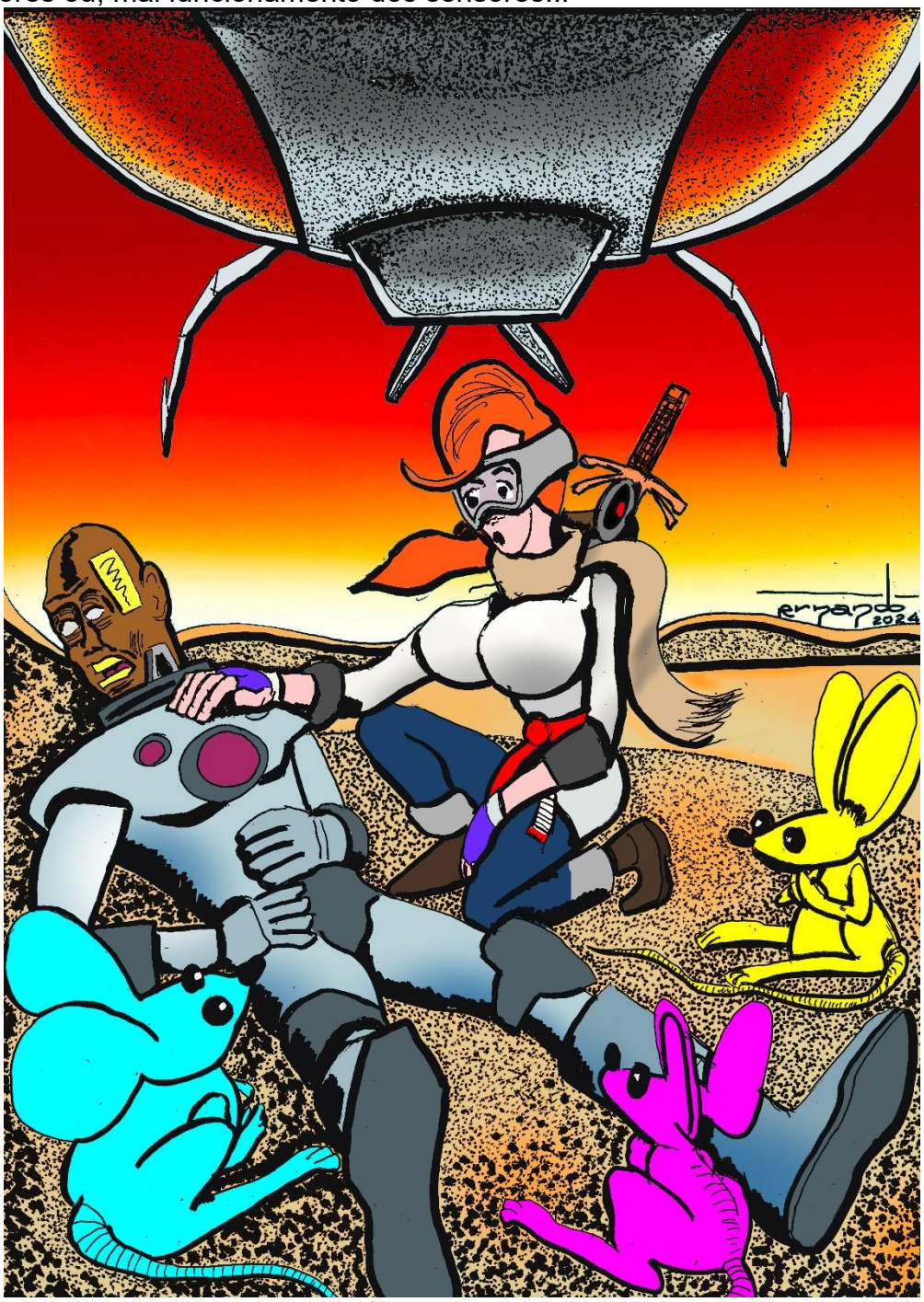
Checou mais uma vez a entrada e, não encontrando nenhuma armadilha visível,

bateu na entrada fazendo barulho.

Ninguém respondeu. Chamou duas ou três vezes em voz alta e tudo se manteve em silêncio.

Tirou da mochila um pequeno drone de emergência, que só não utilizara até o momento pela sua baixa carga de bateria e, depois de acioná-lo, lançou-o para o interior da nave.

Nada se acendeu com sua presença, coisa que, pelos seus modestos conhecimentos de engenharia, poderia significar falta de energia nas baterias, acumuladores ou, mal funcionamento dos sensores...



Mas também, havia a possibilidade de não ser nada disso, já que, o design do veículo, dos seus instrumentos internos, e, até mesmo das armaduras usadas pelos cadáveres lá fora, não tinham nenhuma semelhança com a tecnologia existente em Alorax.

Elizabeth Bondmader finalmente entrou naquela libélula, indo sentar-se diretamente no que parecia uma poltrona de pilotagem na cabine de comando, alí acionou algumas

chaves e controles, sem obter qualquer resposta.

Verificou ainda que, no interior da nave, haviam mais mortos usando armaduras iguais às dos que estavam nas areias, em comum todos aqueles elementos estavam marcados com uma mesma tatuagem na testa.

Ao perceber tal detalhe, Bete se interessou pela arte da tatuagem, por esta ser bonita e bem trabalhada.

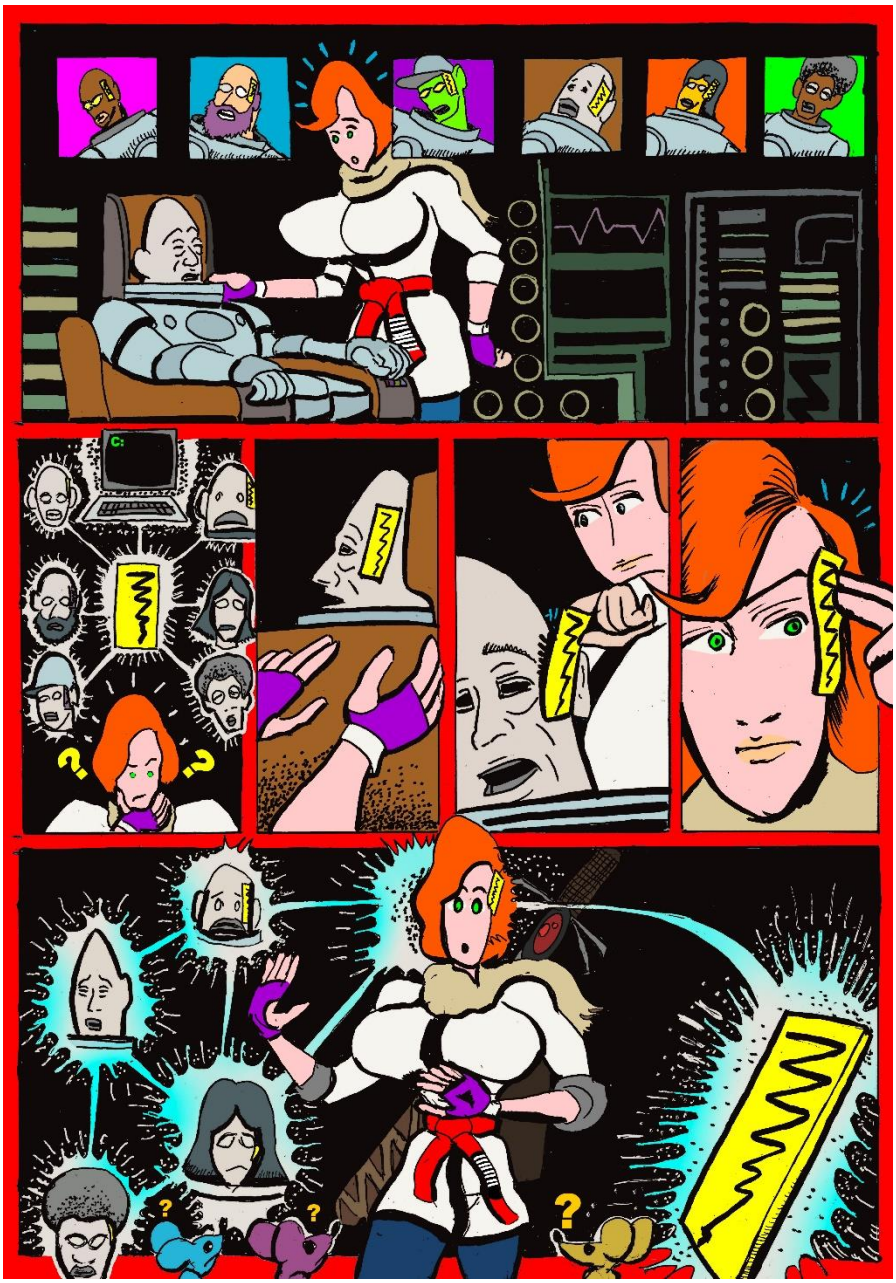
Sem dúvida, uma obra que produzida por artesão, consumiria muito tempo para ficar pronta, mas, sendo igual para cada indivíduo que a utilizasse, poderia ser impressa ou ainda, um mero adesivo.

Decidida a tirar a dúvida, verificou de perto o tal desenho em um dos corpos.

Constatou que, de fato, não era tatuagem nenhuma e sim, uma interface cerebral na forma de papel adesivo, que, no passado teria ligado os cérebros e percepções daqueles cadáveres, conectando seus pensamentos e ações uns aos outros, e talvez até, a alguma rede de sistemas computadorizados.

Com a unha, Bete descascou o desenho da testa do seu antigo dono e, sem qualquer cerimônia, aplicou-a na sua própria têmpora.

****



Elizabeth Bondmader tomou tal medida sem pensar, pela confiança que tinha no seu formidável preparo, fruto de disciplinada educação rígida que, desde a infância lhe desenvolveu diversos talentos incluindo habilidades telepáticas e telecinéticas, através de intenso treino físico e mental junto a Mestres que puderam extrair todo seu potencial, mesmo não sendo ela, dona de nenhum superpoder especial.

E foi mesmo por conta de tão extraordinárias capacidades que aguentou o tranco que sentiu, assim que, em si, colocou o tal adesivo.

Outra pessoa qualquer, teria sido mortalmente fulminada na tentativa.

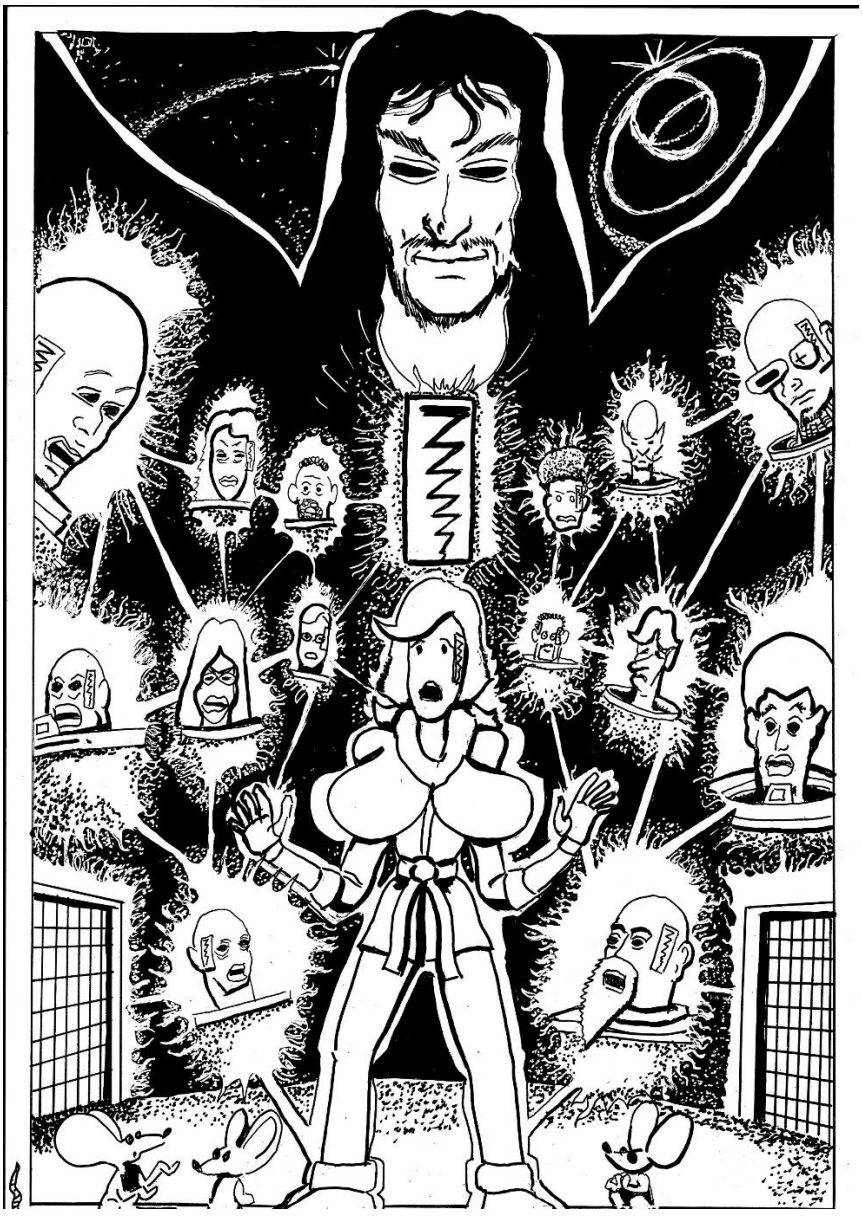
Inquestionavelmente, Bete foi imprudente e excessivamente auto-confiante, até por estar com fome e ainda estressada, daí, fez a besteira meio que, sem pensar nas repercussões de tal ação.

De cara, experimentou em seu corpo, a morte calorenta que o infeliz dono daquele adesivo tivera antes.

Ela quase desabou com tão abrupta e radical sensação pois percebeu num só instante, não só o fim do antigo usuário daquele adesivo, mas também o de outros próximos, e a estes conectados àquela interface.

Aos poucos, porém, Bete foi se recuperando.

E colocando a mente em ordem, percebeu melhor as coisas já que seus talentos mentais se adaptaram ao dispositivo compreendendo melhor alguns mistérios que a cercavam.



Aquela nave e seus tripulantes mortos, faziam parte da força agressora que estava invadindo Alorax e fora surpreendida por tempestades de partículas estelares que sem qualquer aviso, frequentemente aparecem, pelas imediações das camadas mais altas da atmosfera do planeta, derrubando os desavisados que por ali transitem.

Tal tempestade não inutilizou só os controles da nave, mas também, todo o material levado pela tripulação.

Depois deste encontro involuntário, o veículo conseguiu pousar, ainda que totalmente inoperante, sem sofrer tantos danos.

Mesmo sobrevivendo à queda da descontrolada nave, os tripulantes ficaram sem energia para alimentar o suporte de vida das armaduras auto climatizadas e acabaram encontrando morte calorenta, que talvez só pudesse ser evitada  com sucesso, por alguém nascido em Alorax com tanto preparo quanto Elizabeth Bondmader.

Após passar mal com tantas sensações e informações que a interface trazia, ela visualizou um amplo cronograma de conexões que ia muito além do que sobrou nos neurônios dos cérebros daqueles finados.

Era a rede de comando que gerenciava a invasão alienígena em Alorax.

Na medida que interpretava o conteúdo do que visualizava, Bete compreendia a colossal logística envolvida em tamanha mobilização.

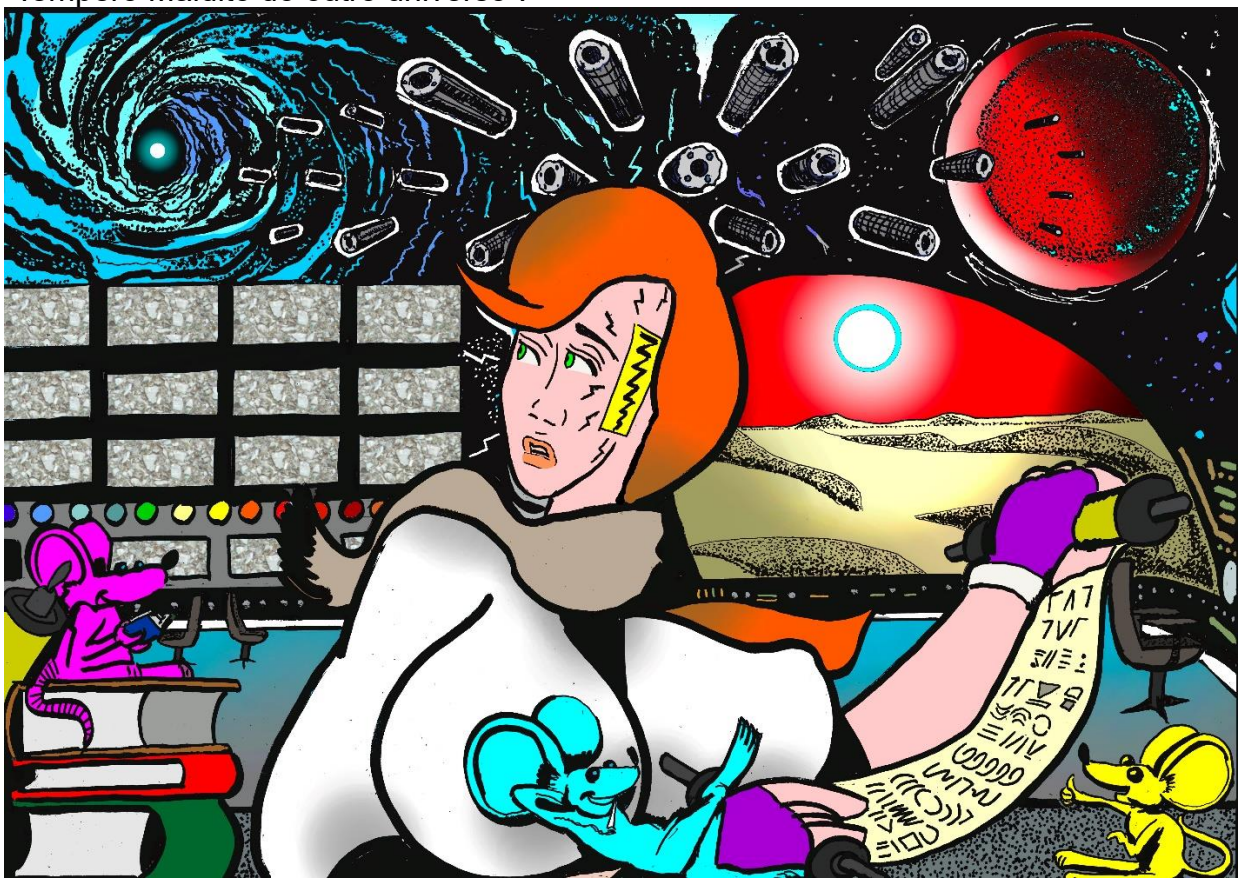
Tal planejamento programou até as mudanças climáticas já em andamento, que ceifavam as vidas de populações inteiras.

Elizabeth Bondmader analisava os dados tentando entender o que justificaria tamanha desgraceira....

Por-que todo aquele trabalho sangrento?

E depois de tanto estudar finalmente entendeu.

A motivação de toda aquela desgraceira era um elemento que ela chamou de “Tempero Maldito do outro universo”.



***

Além desta alcunha dada por Bete, em seu universo de origem, a substância mudou

várias vezes de nome através de um período que na Terra seria equivalente a milhões de anos, porém, sua importância jamais diminuiu, tendo de fato decidido o destino de democracias e impérios.

Tamanha proeminência não era sem razão, pois tal elemento em qualquer de seus variados estados, além de raro, era capaz de ampliar as percepções de quem o usasse.

Dentre a multitude de universos, naquele em que a sua influência se fez mais decisiva, apenas um planeta havia capaz de obtê-lo naturalmente.

Este mundo, de fato, por muito tempo foi o centro de controle de todo um império mais do que milenar, que claudicantemente sobreviveu tanto tempo apenas por regular o uso e trânsito do tempero maldito em seus domínios.

Mas em dado momento, tamanha vigilância perdeu seu poder quando foram desvendados os segredos do código genético das criaturas capazes de processar as substâncias essenciais e necessárias para a produção do importante tempero.

O trânsito de naves espaciais aptas a transpor distancias astronômicas deixou de ser controlado pelo Império, e a mercadoria então produzida clandestinamente, dividiu ainda mais o poder.

Passagens naturais ou não que abrissem caminho daquele, para outros universos assim, criadores clandestinos espalharam mais ainda seus negócios.

O tempo em todos os sítios, foi passando de maneira que aquele artigo comercial, aos poucos ampliou seu espaço de poder tornando-se maior do que era antes sob controle exclusivo do império em seu universo originário.

Porém, não tardou para surgir alguém que faria tudo para controlar totalmente, onde quer que fosse o trânsito deste produto e de seus derivados.

***

Também não demorou para que Elizabeth Bondmader se acostumasse àquela tatuagem, e suas informações.

O problema que teve com que se preocupar era o ronco cada vez maior que saía da sua cinturinha fina e sexy... A fome.

Elizabeth Bondmader revirou todos os compartimentos da nave até que encontrou o que parecia um refeitório...

Ou talvez... Um laboratório...

O fato é que ali havia uma geladeira.

Sem cerimônia, Bete a abriu e, encontrou em seu interior, fôrmas plastificadas onde estavam acondicionados o que, numa primeira olhada, pareciam ser bolotas brancas com tamanho aproximado de maçãs.

Interessante.

Parecia melhor que carne de escorpião, ou urubu...

Aproximou a bandeja das narinas para verificar o cheiro.

Nada mau. Parecia ser algo doce...

E Elizabeth Bondmader gostava de coisas doces.

Olhou melhor e não teve dúvidas: só podia se tratar de algum tipo de marshmallow.

Muito provavelmente seria a ração que alimentava aqueles caras.

Pegou uma das bolotas com a ponta dos dedos, aproximou da boca e tocou com a língua... De fato, era doce mesmo.

Sem grande cerimônia, Elizabeth passou a língua no tal “marshmallow”.

Muito gostoso mesmo!!!

Sem perda de tempo, engoliu duas daquelas guloseimas.

Sentou na poltrona segurando a fôrma cheia das bolotas, enquanto comia cada uma.

Logo encheu a barriga a ponto de ficar até meio grogue.

Apesar de doce, o estômago começou a queimar, junto com os pulmões.

Os olhos de Bete então lacrimejaram e ela agora precisava descansar.

Esticou-se mais ainda na poltrona e logo, involuntários arrotos salvadores lhe deram espaço interno para seguir com uma digestão mais tranquila.

Os olhos pesaram e ela não resistiu à “SESTA”, a famosa soneca pós refeição.

***

Mais tarde, desvaneceu-se a escuridão, despertando Elizabeth com os primeiros raios da manhã importunando seu descanso.

Com estômago ligeiramente pesado, acordou sentada na poltrona onde antes de dormir se fartara comendo tantos doces

Por conta do estranho e açucarado alimento, dormiu tão profundamente que vividamente sonhou com uma dançarina azul, lutando ferozmente contra demônios usando todo tipo de armas, incluindo, uma espada exatamente igual à que tinha.

Atordoada, com estas visões limpou o rosto e foi usar o apertado banheiro da nave.

No pequeno espaço, mal conseguia se posicionar preservando a dignidade feminina para fazer o xixi matinal.

Ainda assim, finda a breve toalete do modo que lhe era possível, em seguida até pensou em um breakfast, mas, ao lembrar da curiosa queimação que sentira depois de comer os marshmallows, resolveu passar algumas horas em jejum.

Limpou a nave do jeito que pôde, pois, com o sol subindo, insetos e outros bichos logo dificultariam a sobrevivência por ali.

Encontrou armas, ferramentas e xeretou nos comandos dos painéis e computadores existentes no interior da espaçonave.

Fuçando ali e acolá, até mesmo com ajuda de seus poderes telecinéticos, Elizabeth limpou as baterias que energizavam os sistemas principais, e depois acionou os propulsores principais com um estrondo, que, em seguida pôs a libélula em funcionamento.

Testou alguns comandos, desligou e religou os motores constatando também que havia energia suficiente para sair dali.

Depois de conseguir colocar em funcionamento o sistema de refrigeração interno da nave, Bete se fechou ali e passou a estudar as informações que tinha à mão, até mesmo, para ela própria pilotar o veículo do jeito que dava e com o que tinha a mão.

Fugiria nem que fosse a última coisa na vida: não só pelos riscos de permanecer com os poucos recursos que dispunha, mas, também porque, sentia a hora de aliviar seus tubos intestinais, que prenunciavam a necessidade de breve período de relaxamento, num banheiro adequado, coisa que aquela nave não dispunha.

***

Assim, sem alternativas, e nem certificação para voo, ela arriscaria a própria sorte, até porquê, não tinha ninguém ali com carteira de piloto disponível para lhe salvar do sufoco.

Deste modo, mais uma vez, acionou os motores da nave cujo funcionamento garantiu depois de limpar os acessos e escapamentos entupidos.

Depois começaram os testes de voo.

Logo na primeira tentativa, pouco a pouco, centímetro a centímetro, a nave ergueu-se das areias escaldantes

Elizabeth testou mais algumas movimentações básicas e arriscou até manobras ousadas sem problemas.

Tendo a nave agora operando sob seu controle, Elizabeth alçou maiores elevações, passando a sobrevoar toda a extensa região por onde ficava sua casa. Ali, não viu ninguém.

Ergueu então, a nave para alturas maiores, chegando mesmo a enxergar, acima do céu, avermelhado, o espaço profundo estrelado.

Dali só enxergava no solo do planeta quase totalmente coberta por areia, a região onde morou grande parte de sua vida.

Seu estômago se revirava, não só pela raiva, mas também pelo prenúncio de que a

hora de se aliviar com dignidade num banheiro decente estava inevitavelmente mais próxima..

Era óbvio que parte significativa da superfície fértil de ALORAX agora se transformara num imenso areal sob as áreas cobertas por extensas nuvens negras eletrificadas, tornando inútil a procura de qualquer coisa por ali.

Decidiu escapar de vez, das camadas atmosféricas mais externas de ALORAX, adentrando o vácuo espacial onde teve nova e inesperada surpresa.

***

O firmamento estrelado, naturalmente belíssimo, agora, na visão de Elizabeth Bondmader trazia novas informações que, para olhos humanos, estariam invisíveis.

Cada elemento astronômico que ela avistava, era acompanhado de dados tais como distância, trajetória, tamanho, velocidade que não se apresentavam com nenhum dos diversos caracteres mais conhecidos utilizados pelos povos da galáxia, e sim, de modo semelhante a alguma espécie de “sensação” numérica que só ela compreendia.

Enxergava, sem que nem mesmo ela entendesse como, a olho nu, com um simples vislumbre, objetos astronômicos e outros ainda imperceptíveis até aos melhores telescópios.

O espaço normalmente escuro para os olhos humanos, lhe aparecia cheio de informações, desenhos e gráficos como num imenso mapa capaz de orientá-la para qualquer lugar dentro ou fora do seu universo.

De onde teriam vindo tão extraordinárias percepções de navegação espacial?

É claro que outros aloraxianos já viajaram para fora do planeta, mas, ninguém relatara tais visões.

Nesse instante, a barriga de Bete roncou lembrando-a do marshmallow...

O marshmallow...

Foi aí que ela teve o estalo iluminador que juntou as peças do quebra-cabeças.

O marshmallow que o estômago de avestruz da Bete bravamente digeria, não era algo que pudesse ser comido por pessoas normais.

Sua finalidade principal era a de atrair os colossais vermes que viviam nos desertos de areia aloraxianos como espécie de isca que, uma vez ingerida, transformaria rapidamente todo o metabolismo daquelas bestas monstruosas, fazendo-as excretar e transpirar a temível droga, que seria posteriormente obtida para comercialização.

Não só a fauna Aloraxiana foi radicalmente alterada para a inserção deste mundo na economia do tempero maldito, mas também a flora, artificialmente dizimada pelo invasor imperialista, visando ampliar a área desértica onde a população de vermes alterados seria aumentada.

Elizabeth Bondmader não escapou destas mudanças ao comer o marshmallow.

Seu preparo, aqui consagrado, entretanto, fez com que tais alterações só viessem aprimorá-la ainda mais, adicionando aos seus notórios predicados a natural propriedade em navegação espaço-tempo-dimensional.

Tamanha compreensão dos acontecimentos que a rodeavam, Elizabeth, não obteve apenas por comer o Marshmallow, mas também pela sua conexão neural utilizada, através da tatuagem adesiva, com os mortos que anteriormente tripularam a nave que ora pilotava, o que ainda a permitiu acessar outras redes de informação controladas pelos invasores cuja frota de naves espaciais, estava no seu caminho!

***

Após os um rapidíssimo deslumbramento com o mais novo talento pessoal recém-descoberto, Bete voltou sua atenção, aos instrumentos na cabine, verificando que o trânsito de naves invasoras por ali era intenso.

Especialmente em torno daquele colosso majestosamente visível até mesmo do solo aloraxiano: o cilindro espacial de superfície entalhada, de onde e, para onde convergiam milhares de pontos brancos brilhantes, certamente, espaçonaves muito menores.

Num plano mais distante ainda, outros tantos cilindros pouco menores que aqueles também causavam frenética movimentação de veículos no seu entorno.

Do seu lado Elizabeth Bondmader encontrava-se sozinha, quase desarmada, com um desconforto estomacal avisando que logo teria de aliviar os tubos intestinais, querendo apenas, encontrar um lugar seguro, onde pudesse relaxar em paz e pôr as ideias em ordem.

***

Curiosamente, foi a aridez dos seus desertos que transformaram Alorax no alvo principal da colossal e inesperada invasão.

Sem armamento suficiente para impor qualquer reação, não demorou muito para que a superfície do rico planeta fosse rapidamente devastada, deixando grande parte daquele mundo despovoada e mais desertificada ainda do que já era.

Outros planetas também pertencentes ao mesmo sistema estelar, incapazes de reagir à agressão inesperada, apenas assistiam o afluxo de massas populacionais desesperadas não só para seus domínios, bem como para outros lugares ainda mais distantes.

Do jeito que agora percebia o espaço sideral ao redor, Bete poderia muito bem escapar daquela situação, fugindo para outro lugar onde as coisas estivessem tranquilas.

E de fato, pretendia mesmo conduzir a nave que pilotava, para fora de tal situação em que não tinha o menor controle, avançaria sorrateiramente para não ser interceptada.

Precaveu-se desativando alguns dos dispositivos que monitoravam a nave, como por exemplo, rastreadores e, as câmeras internas eventualmente que mostrassem sua situação ali dentro, assim, imaginava que não teria imagens reveladas ou expostas desnecessariamente.

Daí usou seus novos talentos para tentar a melhor rota que escapasse sem esbarrar em problemas ou chamar atenção.

***

Sua alegria, entretanto, não durou muito...

Mesmo supostamente tendo feito tudo certinho e conferido os mínimos detalhes...

Que teria esquecido dessa vez?

Logo leu um aviso, acompanhado de estrondoso sinal sonoro, que, aliviou-a, indicando que tal ocorrência não se dava por culpa sua, porém...

-NAVE RECUPERADA PELOS SISTEMA DE EMERGENCIA CIBERNETICO.

Elizabeth entendeu a situação.

A rota que tentara, estava fora daquelas normalmente realizadas, pelo tipo de nave que pilotava, mas, uma torre espacial de tráfego, que vigiava a situação por ali, assumiu o controle do veículo, através de um sistema emergencial de segurança entendendo que, por estar em caminho diferente, eventualmente necessitasse ajuda.

Bete tentou todos os truques que conhecia, inclusive seus poderes paranormais, para reverter a situação, entretanto, a nave seguia irredutivelmente para o caminho que não queria, fosse este, juntamente com centenas de outras de modelo parecido, para uma das milhares de entradas acessando o imponente cilindrão negro orbitando Alorax.

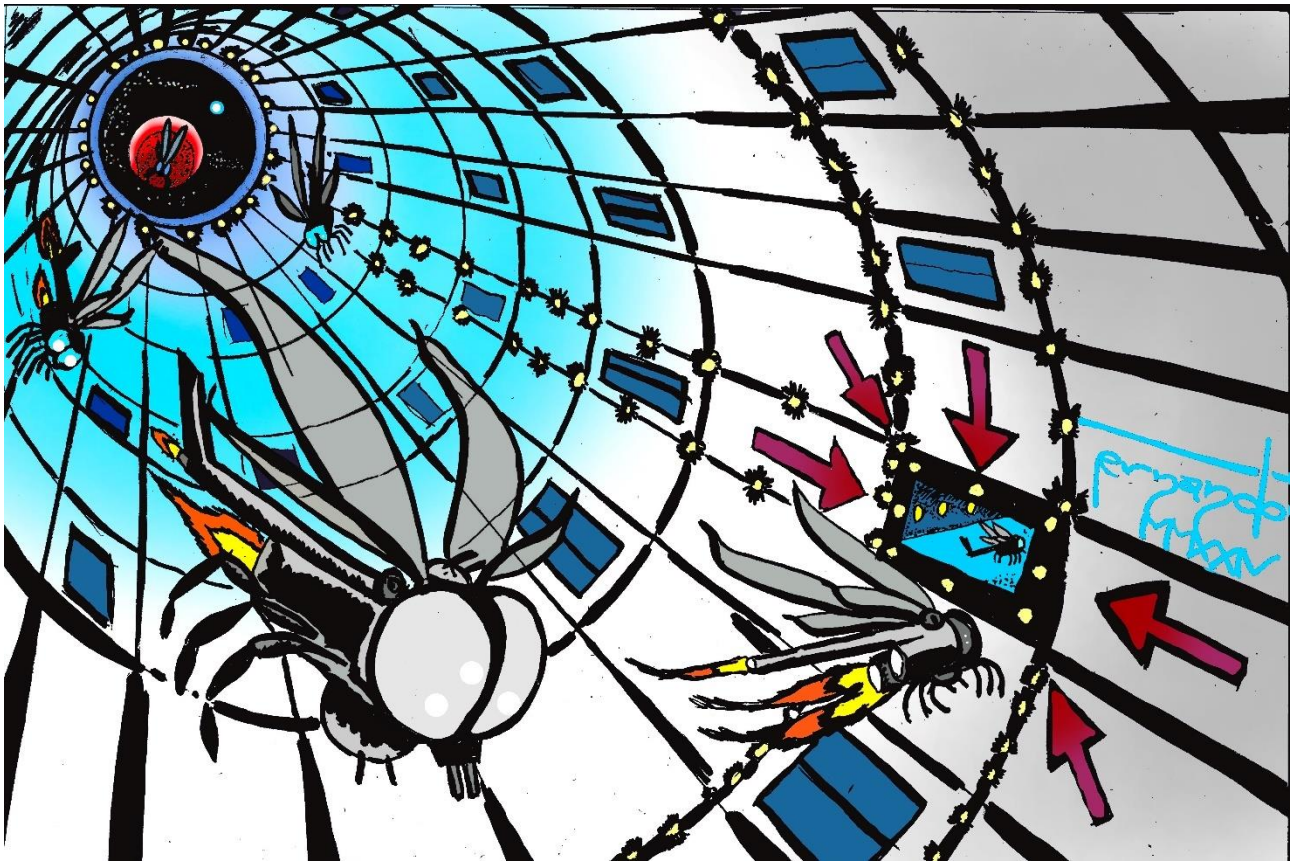
Até pelo nervosismo e pela dúvida da situação de Bete, a dor de barriga e vontade de ir ao banheiro, iam se manifestando de forma pouco mais persistentes...

Mas... Por enquanto, tudo estava sob controle.

Seu preparo excepcional permitiu que ela contornasse sem problemas a situação, aliviando o excesso de gases fedorentos.

Mesmo assim ela teve que controlar a vontade de rir quando pensou se outra pessoa teria preparo suficiente para aguentar o mau cheiro que era obrigada a exalar no momento.

***



Com a libélula que pilotava já no interior do cilindro gigante, seguiu por uma espécie de corredor com outras naves flutuando até pararem ao lado de uma plataforma por onde circulavam diversas pessoas em trajes normais.

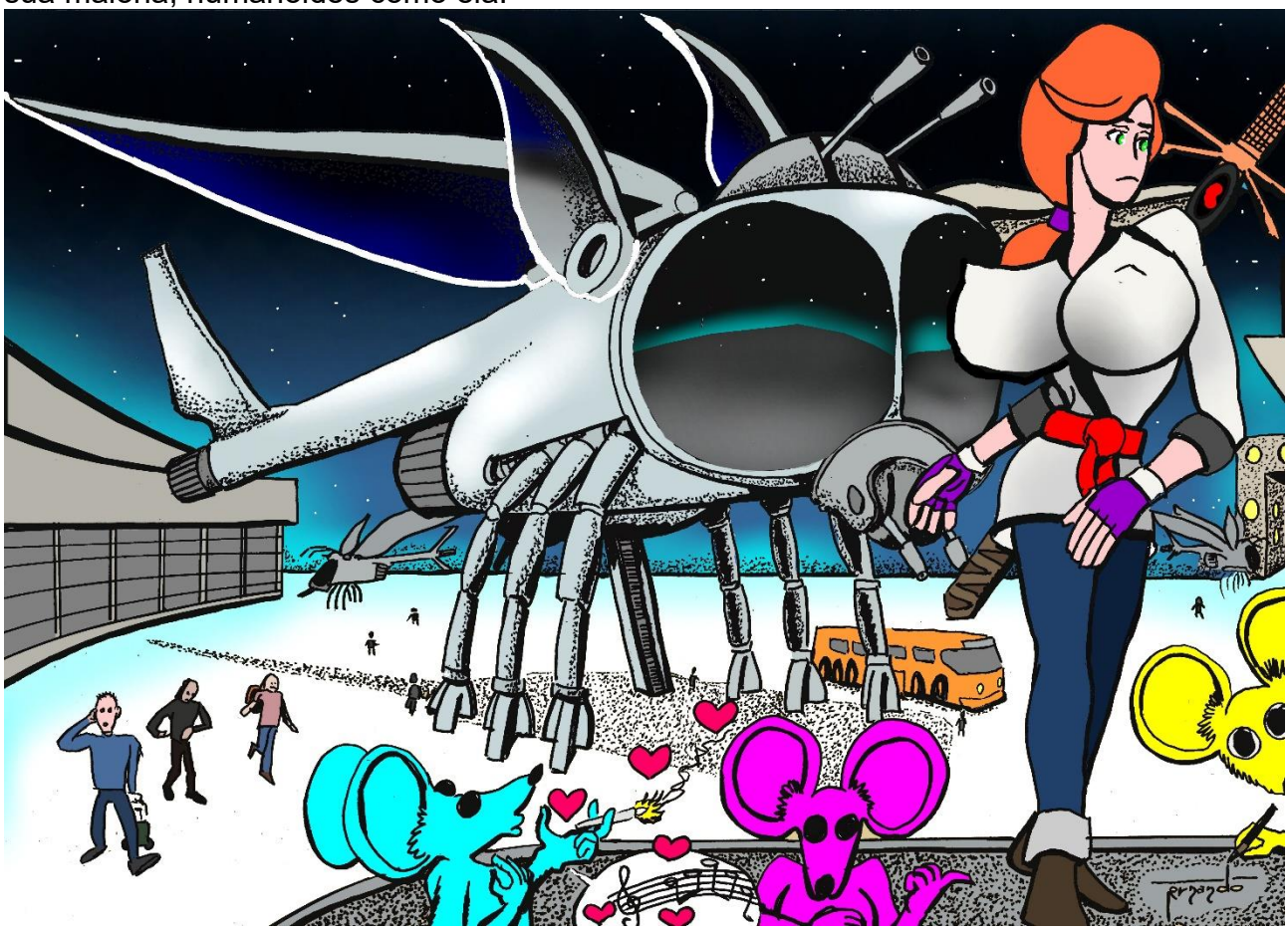
O processo de acoplagem se encerrou com um estalido e, no interior da cabine de pilotagem, os painéis de controle se apagaram com as luzes ambiente se acendendo.

Tendo a escuridão espacial ficado para trás, até mesmo aquela iluminação agora parecia incômoda..

Sem perda de tempo, Elizabeth se soltou da poltrona desafivelando os cintos que ali a prendiam, seguindo para a saída.

O ar lá fora, era respirável, e a gravidade ajustada de forma idêntica à do seu planeta.

Saiu da nave andando tranquilamente e misturou-se às tripulações de outros veículos que circulavam pela plataforma, sem chamar a atenção, já que, todos ali eram, em sua maioria, humanoides como ela.

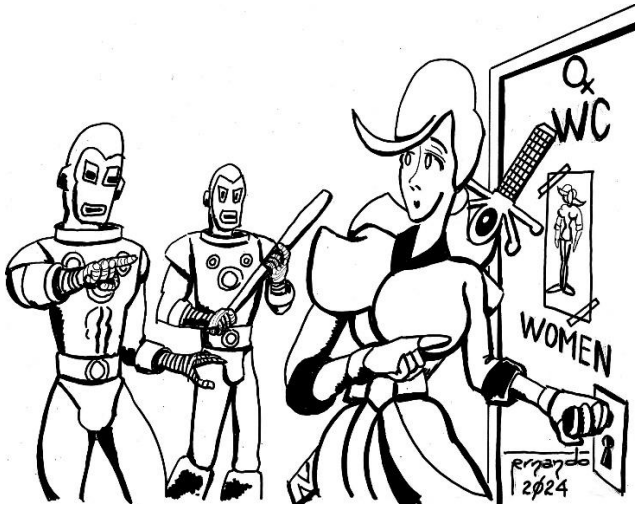


Assim, tudo aparentemente seguia tranquilamente, sem ninguém lhe perturbando destarte que, sua preocupação era encontrar um banheiro onde pudesse aliviar-se.

E finalmente achou um!

Seguiu na direção deste, mas, de-repente, dois sujeitos vieram apontando na sua direção:

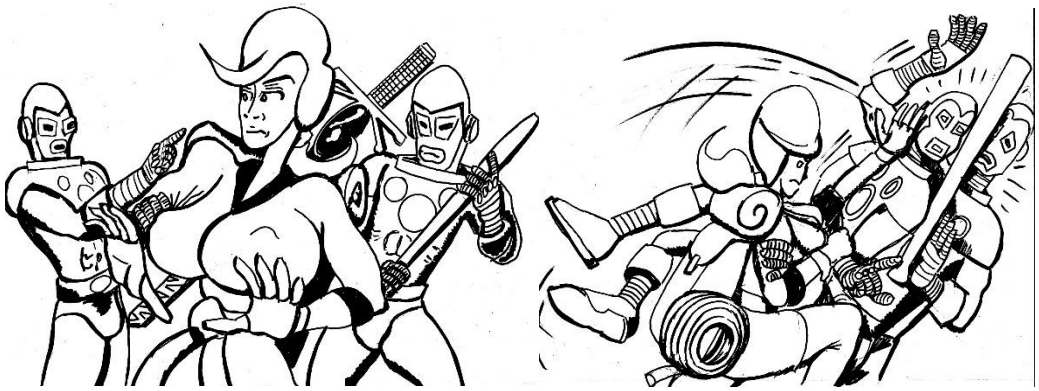
-Ei você, mocinha! Venha conosco.



Os caras eram trogloditas e não chegaram com a conversa adequada que uma beldade como Elizabeth demandava.

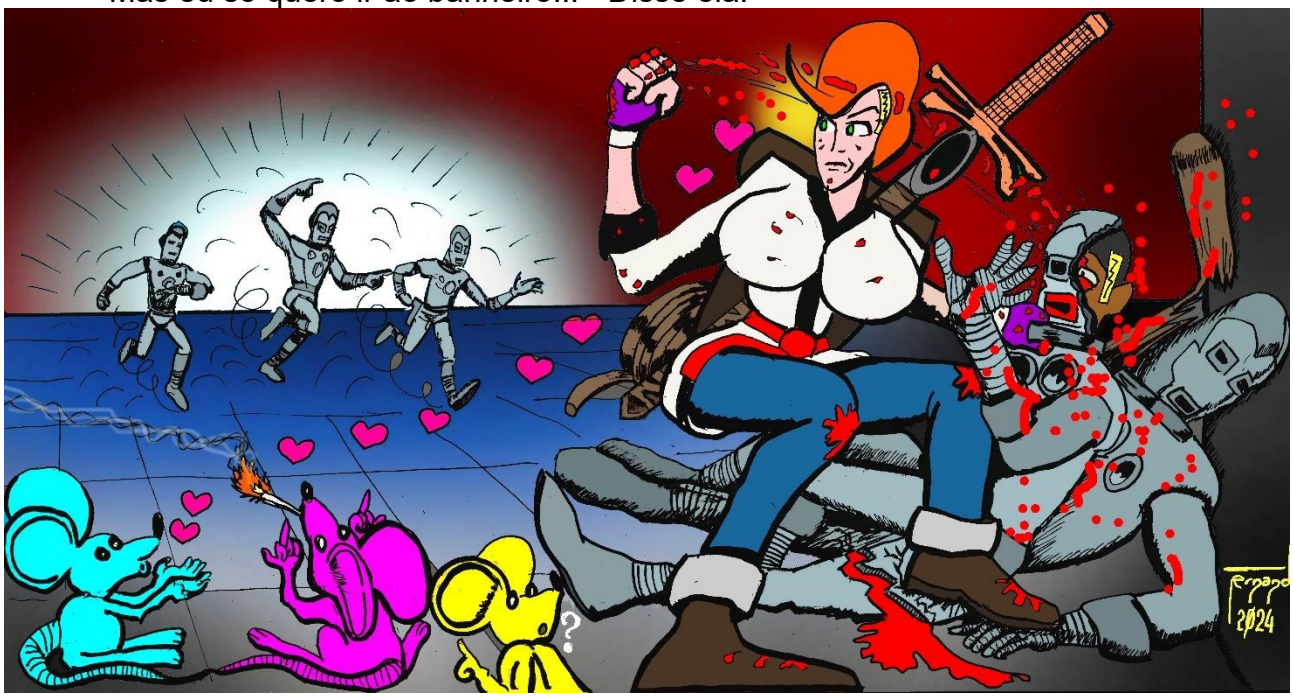
Já vieram colocando as mãos.

Movimentando-se rapidamente ela desvencilhou-se da pegada e jogou um agressor contra o outro, fazendo com que ambos estatelassem as próprias cabeças, quedando inconscientes.



Quando respirou aliviada, chegaram outros três, gritando e tentando agarrá-la...

-Mas eu só quero ir ao banheiro... - Disse ela.



Suas ponderações foram inúteis.

Novamente, teve que se desvencilhar, desta vez, utilizando-se de esquivas e potentes murros, ao estilo boxe tradicional.

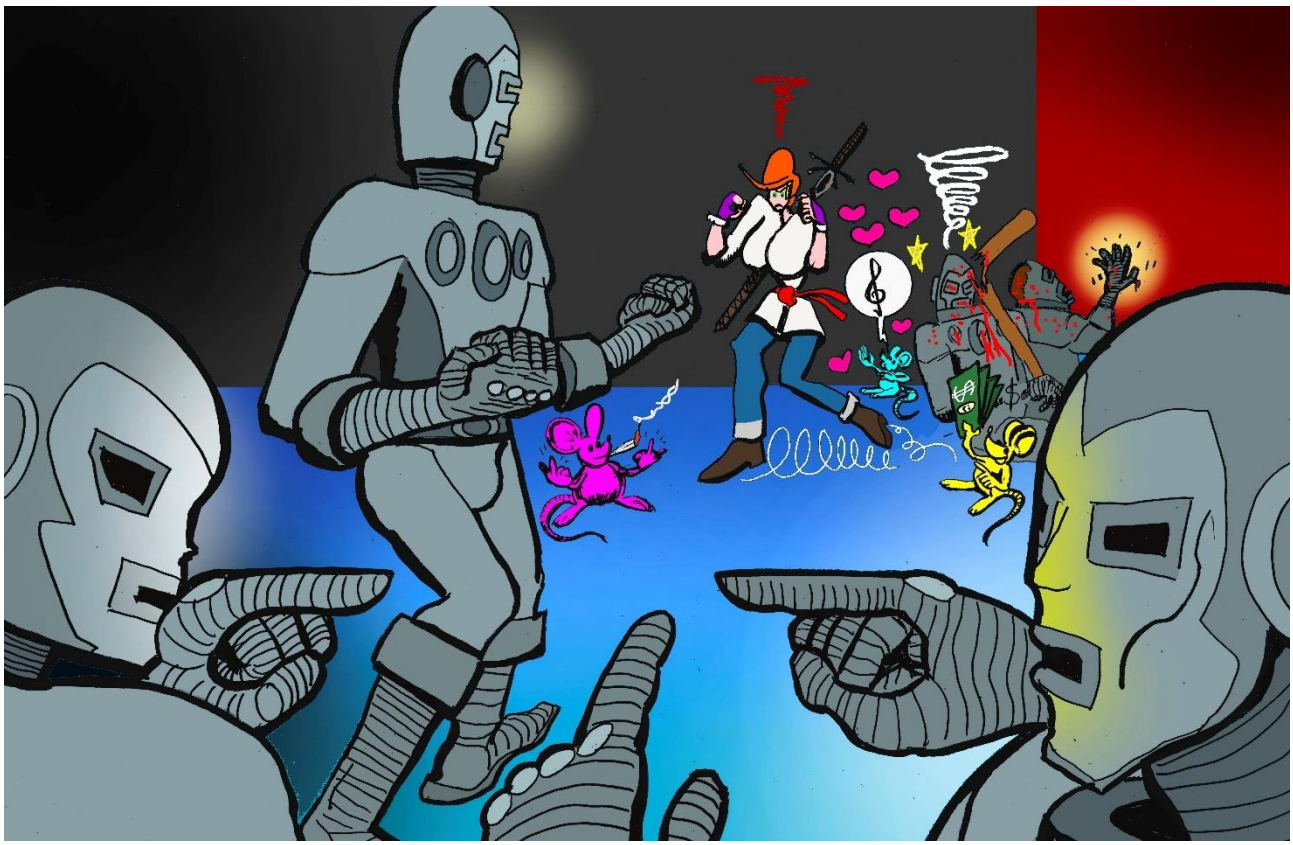
Assim, logo colocou também, os outros agressores a nocaute.

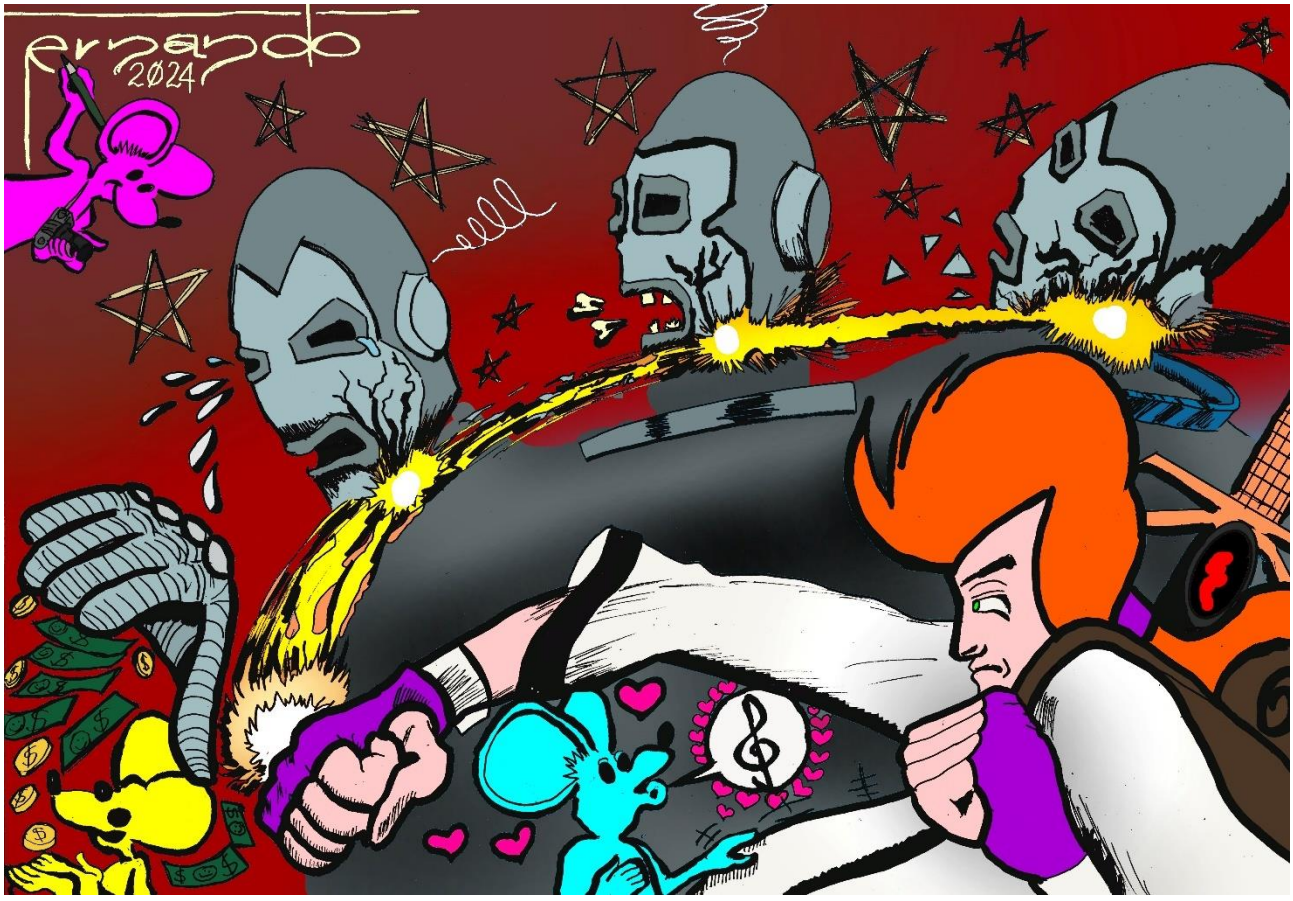
Quando achou que poderia respirar aliviada novamente, apareceu um batalhão daqueles tipos uniformizados.

Deviam ser, todos eles, seguranças dali.

Dessa vez, um pouco mais enfezada, pegou duas pistolas dos agressores que anteriormente colocara a nocaute iniciando um tiroteio contra o batalhão que vinha na sua direção.

***




ernando
2024

# OATAO
## ANTI-DEUS

No primeiro segundo daquele dia, OATAO visualizou o seu próprio fim, que se daria dentro das próximas vinte e quatro horas. (Segundo os padrões de tempo terrestres)

Só que, tal ideia por si só, era impossível!

A morte não poderia encostar-lhe as garras implacáveis.

Não em OATAO, anti-DEUS.

Isso já estava escrito e registrado nos livros do Destino.

Mas a visão com ares premonitórios era muito clara.

E aquilo que enxergava do seu futuro, infalível!

Nas próximas horas, o poder acumulado por OATAO no decorrer de milhões de anos dissipar-se-ia com o desaparecimento do anti-Deus em todos os universos.

***

Em tempos além da recordação humana ocorreu a guerra entre os anjos Lucifer e Miguel que foi deflagrada no momento que OATAO, ANTI-DEUS foi criado, a partir de uma estável essência divina que em nenhum universo decaia ou perdia a sua estabilidade, mesmo a nível atômico.

Lucifer e seus comandados, foram para o inferno enquanto a primeira versão de OATAO foi decomposta, sem, entretanto, deixar de existir, por ter a estável essência divina, que era indestrutível, na sua formação, mas, não poderia ser novamente reintegrada à original de onde fora extraída por agora ser impura.

E justamente esta imperfeição foi o que permitiu ao que ainda restara da alma de OATAO sobreviver e desenvolver-se, até chegar a uma forma praticamente igual à humana, não ficando preso às suas limitações, mas, dotado de talentos e percepções muito superiores que quase o igualariam em poder aos anjos das hierarquias mais altas...

Deste modo OATAO conseguiu então, escapar para a Terra, onde silenciosamente, aprimorou seus poderes com o passar dos anos.

Mas aí, também matou heróis que se colocaram no seu caminho, forjou alianças com os piores tipos possíveis, construiu um império que governou das sombras, matando diariamente por séculos, milhões de inocentes até que teve seu primeiro revés, quando uma união de forças místicas e de alta tecnologia conseguiram expulsar OATAO daquele universo, assim originando a era de paz e harmonia sob a égide de uma nova ordem democrático-popular...

***

OATAO foi expulso da festa em que era dono (figurativamente falando) para ser arremessado numa odisseia interdimensional por período que poderia equivaler a bilhões de anos, até conseguir, através de inesperada saída, escapar de tal destino, para um universo onde ninguém o conhecia, assim ignorando o perigo que representava.

Ali, pouco a pouco, ganhou mais força e recursos do que nunca antes tivera, não só através de seus poderes inimagináveis, mas também, aproveitando o que sobrara das antigas estruturas de um império que já dominara antes todo aquele universo, através de uma substância poderosa que nossa Bete aqui nestas linhas já chamou de “tempero maldito”, um dos vários nomes pelo qual está droga ganhou fama interdimensional.

OATAO experimentou a droga, e através dela aumentou as próprias forças, alçando níveis superiores, que, posteriormente ficaram ainda mais surpreendentes com os artefatos tecnológicos que lhe seriam agregados, permitindo evolução em que seu corpo físico deixaria de existir transformando-se em poderosa forma luminosa contida em armadura prateada de forma humanoide, com quase cinco metros de altura, olhos frios e vermelhos.

Deste modo, alcançou o ápice da evolução muito superior ao de qualquer um no universo, dominando seres inferiores daquele plano dimensional, bem como, outras forças de proporções divinas que, em algum momento no futuro lhe ajudariam a ser novamente aquilo para o qual fora originariamente criado seja, um ANTI DEUS desafiando, sobrepujando e usurpando a autoridade máxima divina do próprio DEUS.

E se agora, OATAO, naquele universo já exercia completamente o supremo controle, então, através do poder do “tempero maldito” espalharia sua influência para outros planos dimensionais, a fim de, nestes sítios também dominar supremamente.

Foi com tal intento que frotas de naves, sob suas ordens, abriram portais interdimensionais para invadirem outros universos onde a substância viciante também seria produzida, disseminada e utilizada como arma de domínio contra quem quer que fraquejasse diante desta sedução.

No próprio plano dimensional, ALORAX e todos os outros mundos do seu sistema planetário, funcionariam como base de apoio para as forças invasoras, ainda involuntariamente sob imposição de escravidão, colaborando com a produção industrial do “tempero maldito”.

Tamanho planejamento, orquestrado e dirigido por OATAO, não tinha como dar errado.

O sucesso era garantido sendo que, aliados investidores que financiavam tal empreitada não só sabiam, bem como tinham absoluta certeza e convicção a ponto de apostarem TUDO naquela jogada.

***

Entretanto, a visão era clara.

O impossível estava decidido.

Mesmo para o temível OATAO que não se preocupou com o que para si era uma previsão derradeira.

Já havia por muitas vezes, colocado a própria existência em risco, contra ameaças que para qualquer humano seria inconcebível, tendo anteriormente obtido sucesso que lhe garantiu a posição em que agora se encontrava.

Nenhum exército conhecido poderia lhe ameaçar, mesmo assim, só para se garantir ainda mais, invocou o poder de três poderosas feiticeiras que lhe protegeriam, até com as próprias vidas se necessário.

O quarteto então se reuniu, no Gabinete Imperial da nave capitânia da frota invasora que orbitava Alorax promovendo mudanças catastróficas contra os povos dali.

-Antevejo uma ameaça mortal prestes a me atingir. - Informou OATAO com voz

sintetizada e poderosa que saia de caixas acústicas acopladas a sua armadura brilhante.

Silenciosamente, flutuando vinte centímetros acima da superfície do piso, as feiticeiras usando seus cajados, desenharam um quadrado de cujo centro saiu névoa branca e, no meio desta, formou-se a imagem da cabeça de uma figura feminina de pele azul e cabelos pretos com a língua de fora numa horrível careta.

Kali.

***

Não houve tempo para maiores reflexões pois entrou no gabinete, interrompendo o que para muitos seria uma autêntica sessão espírita, MORDOMO MAIOR MOREO o temível Arauto Intendente Administrativo de Oatao :

-Vossa Onipotência! - Disse o Mordomo. - Peço que restrinja sua movimentação ao espaço do gabinete pois estamos enfrentando um problema de segurança imprevisto que deve ser solucionado nos próximos instantes.

A cabeça da armadura de OATAO virou-se na direção do MORDOMO MAIOR, o seu servo da mais absoluta confiança.

-Não permita nenhuma falha comigo Moreo.

“Se tiver que intervir com o meu poder, todos vocês morrerão.”

O MORDOMO MAIOR MOREO sabia que aquela não era uma simples ameaça de castigo, mas um fato matemático.

Se OATAO o ANTI-DEUS tivesse que defender-se de qualquer perigo, a simples mobilização de um mísera fração de seu poder seria capaz de, no brilho ofuscante de um milionésimo de segundo, aniquilar toda a vida existente naquela galáxia, inclusive, a de muitas estrelas, transformando tudo neste espaço em um temível buraco negro!

****

# ESPADA RELÂMPAGO DIVIDINDO RAIOS

Elizabeth Bondmader, com as pistolas tomadas pelos soldados agressores, agora revidava ferozmente novos ataques caprichando nos seus tiros, fazendo com que cada disparo, valesse uma morte garantida do outro lado.

Nesse espírito fraterno, ela não economizou munição, quase a ponto de terminar com a que dispunha.

De seu lado, os brucutus uniformizados com roupas cinza, percebendo que a vítima não estava reagindo docilmente conforme esperado, partiram então, para táticas mais pesadas.

Sacaram dos bolsos de suas roupas, pequenos drones que, uma vez chaqualhados, passavam a voar sozinhos procurando alvos para destruir.

E como era grande o número de militares envolvidos no ataque, logo aumentariam os atacantes a caçar um único alvo.

Bete por sua vez, logo percebeu o perigo, e entendeu que seus talentos acrobáticos e de exímia atiradora, não seriam totalmente eficazes contra aquele enxame contando dezenas de drones armados, avançando velozmente contra ela.

Teria de utilizar um armamento mais eficiente contra tal tecnologia.

Em questão de segundos, descartou as pistolas já com as baterias esvaziadas, e sacou sua velha e boa espada para novo enfrentamento.

***

O domínio de alguns truques existentes na espada que ganhara exigiu estudo de Elizabeth. Não só de esgrima, bem como de outros recursos ocultos na arma.

Felizmente o pai esteve ao seu lado, durante os testes e experimentos, porque, se não fosse assim, acidentes horríveis teriam ocorrido, já que, os pequenos foram inevitáveis.

Deste modo, aprendeu os principais truques da espada que só mesmo ela poderia ativar, fossem estes, armas sinistras e misteriosas acionadas mediante a escolha do correto posicionamento de números e caracteres no cabo.

Dentre tais combinações, estava a que produzia um poderoso P.E.M.

Pulso Eletromagnético...

***

Elizabeth Bondmader, com a ponta dos dedos, numa fração de segundo já fez no cabo da sua arma, o alinhamento de caracteres e números necessário para o que pretendia.

Mesmo com a lâmina apontada para o chão, ela apertou no cabo um botão que funcionava, como gatilho.

Em seguida, um anel branco, causado pelo deslocamento de ar saído da espada, atingiu todos os drones, derrubando-os inertes de um instante para outro.

Caindo no chão, pareciam brinquedinhos se espatifando.

Alguns explodiram, já que estavam bem armados.

Muitas luzes do ambiente, também se apagaram.

Não todas.

Ficaram acesas, as de emergência.

Bete deu um sorriso e olhou desafiadoramente para os soldados surpreendidos com o seu feito.

Surpreendidos, mas, pau-mandados como eram, não desistiriam assim tão facilmente de obedecer às ordens recebidas, até porque acreditavam que a presa que caçavam, apenas estava com sorte, sendo incapazes de perceber todo o preparo que os aguardava.

Diálogo em nome da paz, já estava claro que não era opção de interesse dos agressores, daí, sorridentes, avançaram raivosamente contra Bete, que retribuiu com golpes de sua espada, rasgando, dilacerando e matando todos aqueles que tentaram sequer, encostar-lhe um dedinho de forma indelicada.

Os militares não eram covardes, gostavam da briga, justamente por esta ser boa e trabalhosa, mas, não eram páreo para o preparo de Elizabeth Bondmader, que os dizimava aos montes.

A segurança utilizou todo armamento disponível, mas, para Elizabeth, o resultado do combate continuava sendo o mesmo.

Balas, facas. explosões e raios não conseguiam alvejá-la, pois, sua movimentação era extremamente rápida, violenta e precisa.

Ela parecia um fantasma em alta velocidade, cinco segundos adiante de qualquer coisa que fosse tentada contra si.

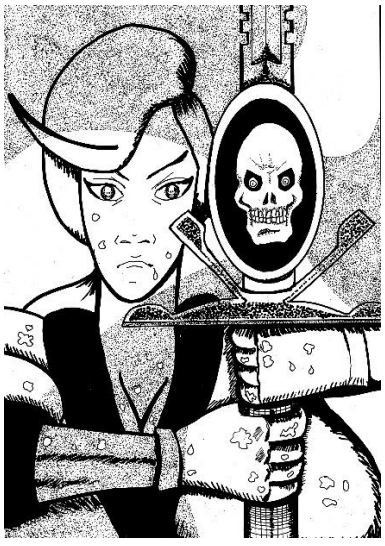
O pânico então generalizou-se, não só entre as hordas atacantes, mas também entre as pessoas que circulavam em meio a tão mortífero campo de batalha.

Disparos e tiros, que não conseguiram atingir seu alvo, acabaram causando todo tipo de prejuízo no entorno, principalmente através do fogo e fumaça decorrente.

Dado momento  os batalhões que insistiam nas malsucedidas investidas, finalmente resolveram recuar buscando segura distancia do alvo.

Estava óbvio que não conseguiriam controlar Elizabeth, por meios normais.

***



A informação do agravamento da confrontação envolvendo as forças de segurança da espaçonave, logo chegou ao MORDOMO MAIOR MOREO que, não conseguiu ocultá-la de OATAO.

Assim que o Anti-DEUS viu, nos monitores de imagens nas paredes do gabinete, a confrontação de seus soldados contra a belíssima guerreira, não pôde ele próprio controlar seus ímpetos, e decidiu participar pessoalmente daquele embate.

-Peço que reconsidere, Vossa Onipotência. Este trabalho não merece a sua atenção.

O Mordomo Maior foi solenemente ignorado enquanto o ANTI DEUS levantou-se do trono onde até então estivera sentado.

Sob os protestos de MOREO, OATAO saiu do gabinete com pesados e sonoros passos que mais soavam como batidas de martelo, abrindo caminho entre suas tropas até deparar-se com a temível guerreira.

***

Bete viu-se então, diante de um gigante com armadura prateada com o típico estilo de design japonês, cercado por três mulheres de roupas negras que flutuavam uns trinta centímetros acima do chão...

Ela não queria briga, apenas correr para o banheiro mais próximo e esvaziar os tubos intestinais que, já começavam a mandar sonoros e gasosos sinais de alerta a respeito da sobrecarga a ser aliviada.

Mas não teve tempo.

As mulheres vestidas de negro, uma diferente da outra, abriram suas bocas e começaram a entoar um som que inicialmente parecia uma música desafinada com coro de vozes velhas estridentes.

Não foi preciso que aquela melodia seguisse muito mais tempo adiante, para que Elizabeth logo entendesse o que acontecia.

As três cantoras desafinadas eram na verdade temíveis feiticeiras que, usavam sua voz para desnortear, hipnotizar e escravizar as pobres vítimas desavisadas dos seus talentos desafinados.

Pela breve percepção que teve do som horripilante, Bete entendeu ainda, que estava diante de figuras extremamente poderosas que, certamente, além deste, teriam outros truques ainda mais perigosos para lhe ameaçar. E tal percepção estava correta.

A cantoria irritou ainda mais, sem produzir em Elizabeth Bondmader o efeito desejado, que seria, obedecer às ordens subliminares sutilmente ocultas naqueles barulhos.

Pelo contrário, nossa protagonista resistiu.

A dor causada no seu ouvido pela melodia, acabou fazendo bete dobrar os joelhos caindo no chão.

Quedou perto de um soldado que ainda estava de arma em punho.

Com extremo esforço Elizabeth pegou aquela arma e ainda uma outra próxima.

Nesse breve instante, as feiticeiras perceberam que seus poderes vocais ali não produziriam o resultado esperado, e pior, que já não tinham mais tempo para uma próxima jogada.... Daí mudaram de forma transformando-se em animais ferozes.

A primeira virou-se gigantesco urubu rosa, a outra, grotesco urso vermelho e a terceira um agressivo porco verde de topete vermelho com dentes amarelos pontiagudos ensanguentados.

Só a visão da transformação das bruxas em bestas ameaçadoras, faria qualquer valente se borrar nas calças

Elizabeth Bondmader não queria passar esta vergonha e com tiros perfeitos acertou bem o meio da testa de cada uma das temíveis feras, fazendo estas tombarem mortas, chegando ao chão, de volta às suas formas iniciais de bruxas velhacas.

Então, Bete, mais uma vez viu as baterias das pistolas esvaziarem...

Sem perda de tempo descartou aquelas armas, embainhando a espada, que utilizaria se tivesse que lutar novamente.

Coisa que nem de longe queria, já que, a vontade de ir ao banheiro, após tanta movimentação, agora estava impossível de se ignorar.

***

Nunca é facil surpreender qualquer criatura com mais de 1000 anos, que tenha status de divindade no seu universo natal.

Assim dito, fica subentendido que tipos como OATAO não se impressionam com qualquer novidade colorida, saltitante e barulhenta que de-repente interrompa sua rotina.

O caso de Elizabeth Bondmader por exemplo, foi distinto.

Não só por causa dos seus fabulosos atributos físicos, que com facilidade a destacariam entre as mais lindas, nos melhores concursos de beleza, ou pela forma como ela combatia, sem perder tempo nem desperdiçar oportunidades.

Em menos de meio minuto, aquela excepcional guerreira havia enfrentado e vencido

as três protetoras do ANTI-DEUS.

Nenhum exército conhecido, por mais bem armado que fosse, seria capaz de sobrepujar as poderosas feiticeiras, mas aquela excepcional guerreira ruiva foi...

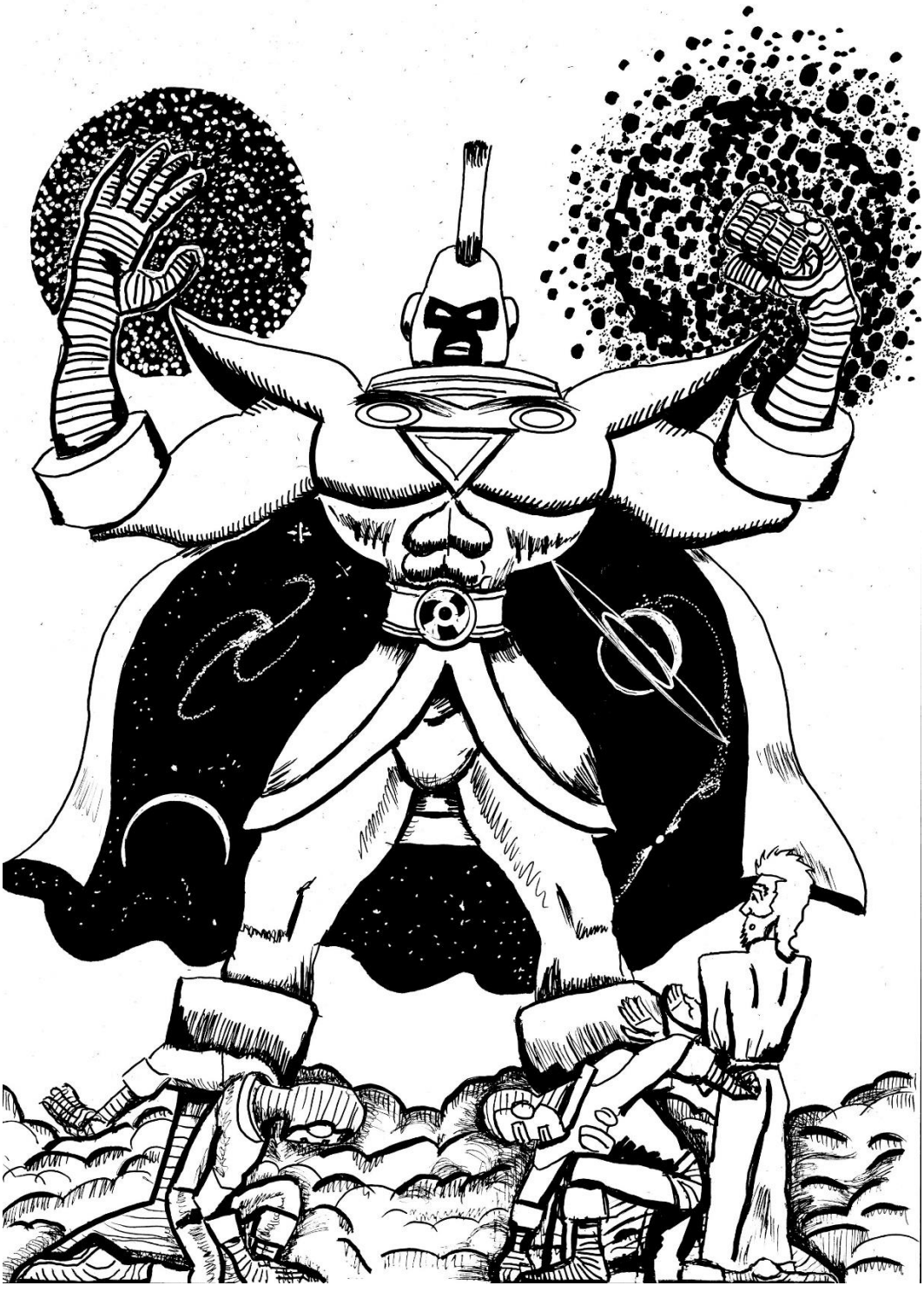
Com suas três protetoras mortas, OATAO agora queria Bete usando as próprias habilidades em seu favor, até mesmo no comando da escolta pessoal que lhe servia.

Para tanto teria que adestrar tamanha fúria indomável; esclarecendo quem de fato dava as ordens ali.

Assim, decidiu que ofuscaria a visão daquela jovem, mostrando-lhe como era a essência de um anti-Deus de verdade.

Do seu lado, percebendo o que estava para acontecer, o MORDOMO MAIOR MOREO, pediu:

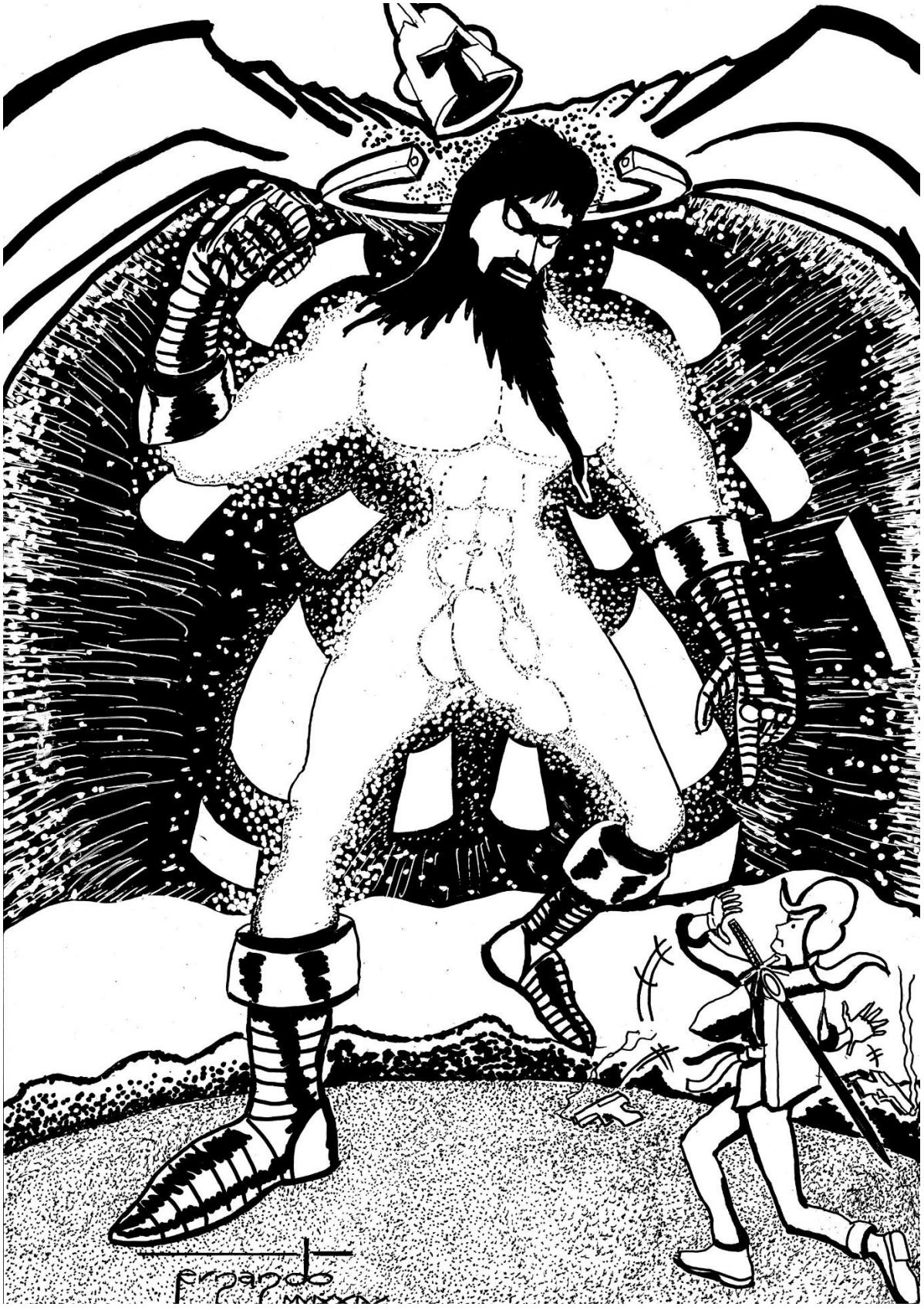
-Por favor, Vossa Onipotência. Reconsidere antes que seja irreversivelmente tarde!



Mas não dava mais tempo.

A armadura de OATAO começou a se abrir, revelando através das frestas ainda semicerradas que no seu interior havia um poder descomunal pronto para ser utilizado, daí certamente suceder-se-ia, a consequente chegada do abrupto fim.

***



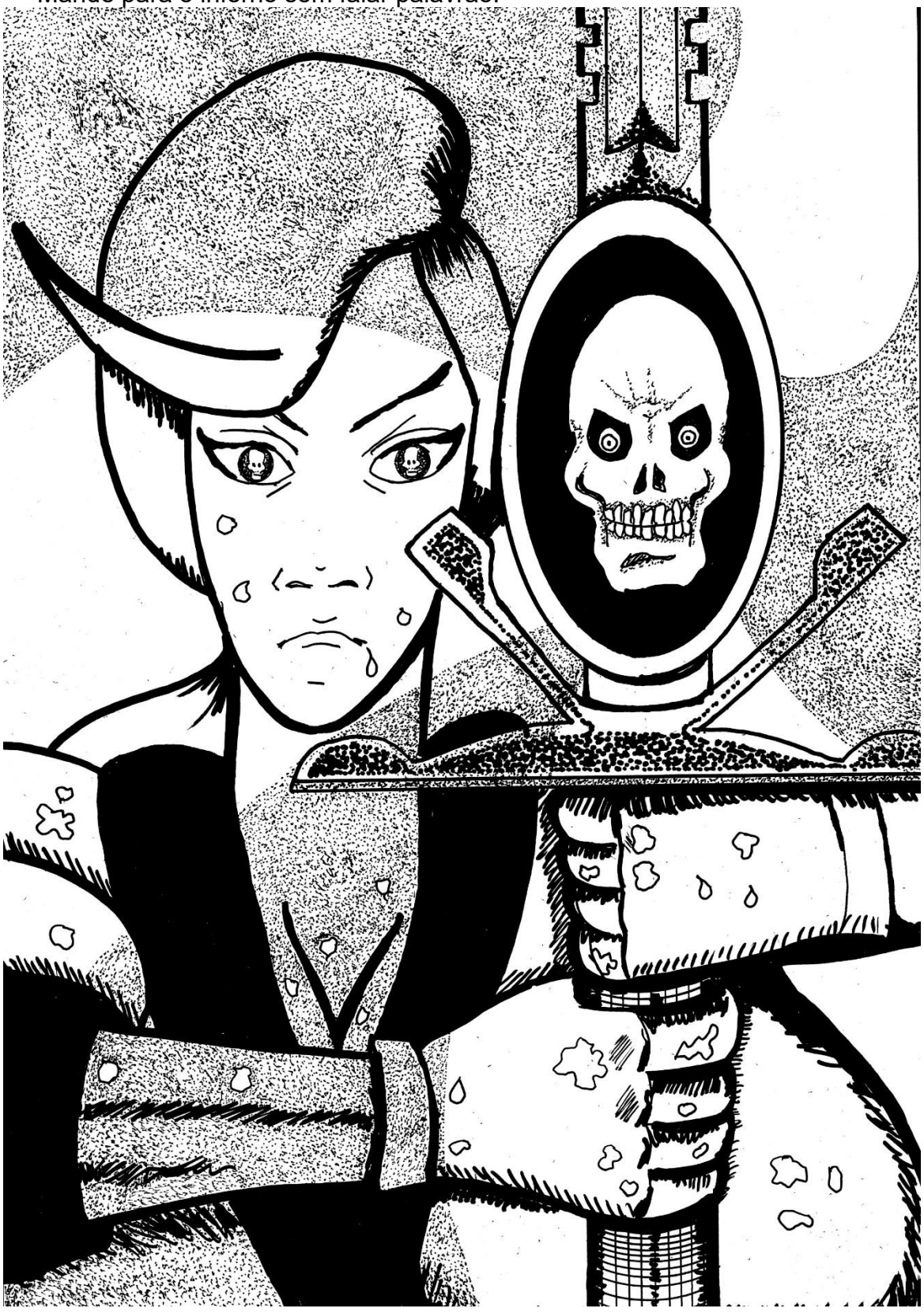
Para Elizabeth Bondmader, estava claro que não era chegado ainda o momento em que poderia sossegar.

O gigante avançou na direção dela com sua armadura se abrindo e emitindo luz ofuscante já pelas frestas.

Praticamente esgotada de tanta briga, Bete realmente precisava descansar.

Mas, naquele especial momento, olhou para sua espada que entre os tantos botões nos anéis do cabo, agora havia aparecido um novo em que se lia:

“Mande para o inferno sem falar palavrão.”



Aquele comando nunca esteve alí antes, daí a própria bete não fazia a menor ideia da sua finalidade, assim, numa última e desesperada ação, acionou-o, arriscando a sua sorte sem imaginar o que viria depois.

Daí por diante tudo se sucedeu rapidamente com oito formas geométricas, brilhantes, saindo do olho próximo à guarda da espada e, no meio do ar, alinhando-se para formar um octógono dourado.

Surge em seguida, bem no meio do tal polígono, uma fumaça azul brilhante, que se expande e envolveu completamente OATAO num piscar de olhos!

A nuvem azulada tornou opaca a luz que saia da fresta brilhante da armadura até no instante seguinte apagá-la totalmente.

Em seguida, a armadura de OATAO desabou arrebentando-se inteira sem que a própria Elizabeth pudesse entender direito por quê.

Aturdida, ela então aproximou-se do que sobrara do temível Anti-Deus e encontrou no meio do ferro velho que antes fora a couraça protetora de OATAO, o corpo humano deste, que havia revertido de sua condição divina para a de semi-deus.

Diante daquele tipo caído aos seus pés, Bete ouvia vozes atônitas gritando:

-Ela matou OATAO!

-Ela matou o anti-Deus!

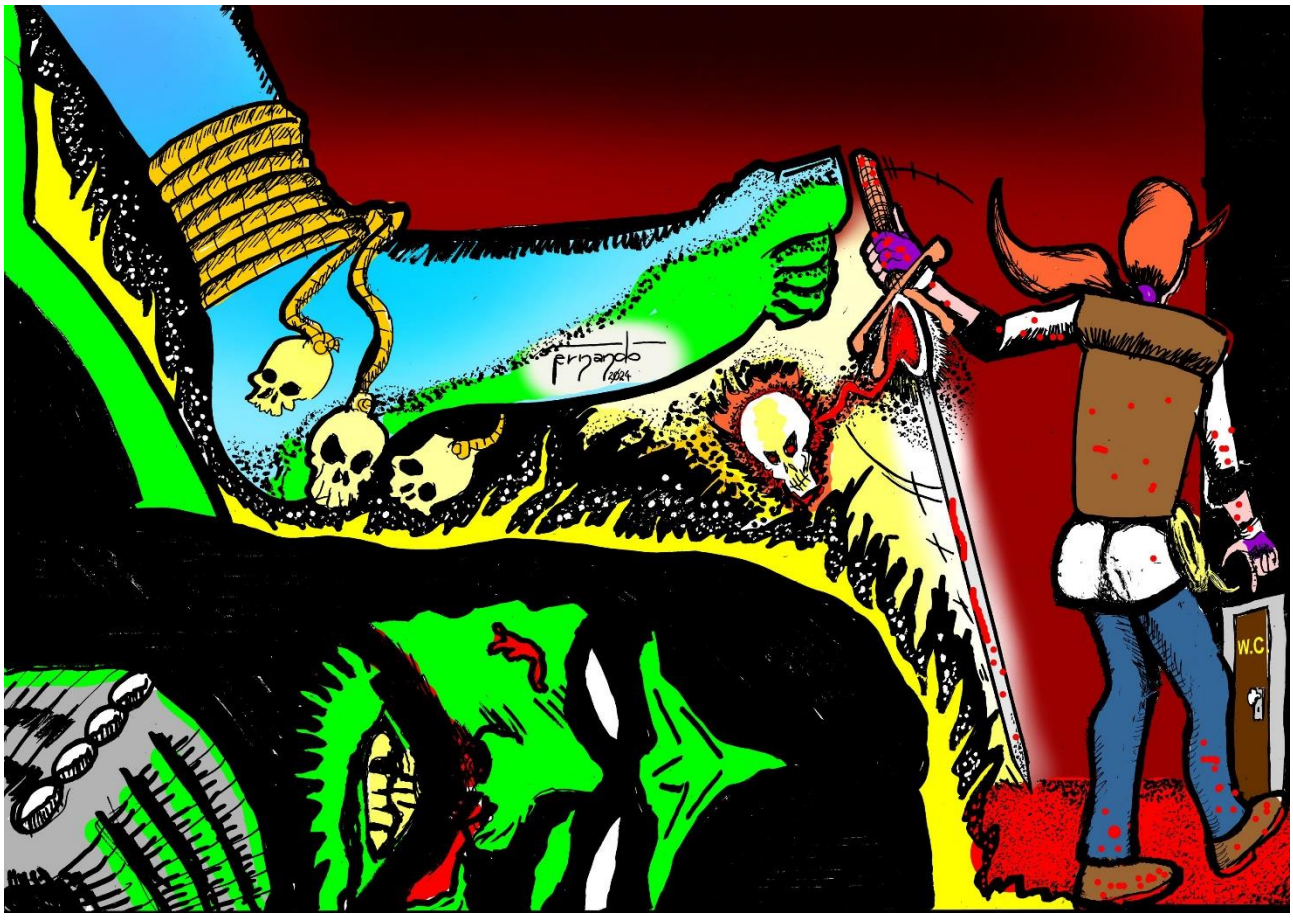
Em pânico, todos saíram dali deixando Bete aturdida num cenário caótico, que ela mesma ajudou a desconstruir.

Passada a correria inicial, quando não ficou penas ela, então reinou o silencio, só quebrado pelo crepitar das chamas das fogueiras ao redor.

Finalmente Elizabeth Bondmader vislumbrou aquilo que tanto ansiava:

O banheiro.

Num último e sofrido esforço, correu em seguida trancando-se no interior deste, sentou-se no vaso, miraculosamente limpo, dando finalmente, a tão esperada aliviada nos tubos intestinais, incluindo uma potente descarga preliminar de gases, que durou ao menos, um minuto.



***

Elizabeth Bondmader não entendeu o que exatamente trouxe a saída vitoriosa que lhe salvara a vida, mas, OATAO sim.

A visão do anti-Deus, muito mais apurada do que a de uma pessoa com o altíssimo preparo de Bete, conseguiu perceber detalhadamente o que aparentaram ser os confusos momentos de sua derrota.

As formas geométricas brilhantes que saíram da espada formando o octógono, abriram uma passagem trans dimensional de onde saiu KALI que, com seus incontáveis zilhões de braços e impronunciáveis sortilégios, surpreendeu, bloqueando a forma luminosa de OATAO no interior da sua armadura, onde espancou-o violenta e miseravelmente, evitando assim qualquer dano, ou ameaça aos olhos de Bete.

A velocidade da Deusa da Destruição era tão grande que seus movimentos, aos olhos de um desavisado, aparentariam ser apenas brilhante fumaça azulada.

E deste modo, em escassos segundos chegou o fim da divindade de OATAO que voltou à sua forma humanoide derrotado e tão cansado, que estava incapaz de se mover.

Contrariando os gritos que corriam entre as plateias que afastaram daquele campo de batalha OATAO ainda vivia, mas, ainda estonteado, já não estava mais no ápice dos seus inimagináveis poderes.

Elizabeth também se evadiu dali para o banheiro onde fez uma barulheira tremenda enquanto se aliviava, sonoridade esta, que a impediu de ouvir a tenebrosa dança de Kali diante do caído OATAO.

Aquela celebração também era muito barulhenta, mas, a nossa Bete, mais ocupada no momento também produzindo o seu som, não podia escutar nada que viesse de fora do seu banheiro.

Kali, por sua via, aplicava sermões ao fatigado OATAO

-Tão cedo não tentarás dominar outros universos, FALSO DEUS. - Gritava ela em meio a caretas horríveis enquanto dançava. - “Agora vais aprender a não se meter com aquilo que não seja teu.”

Uma a uma, todas as mãos de Kali se juntaram batendo palmas e seus braços suplementares desapareceram fazendo a Deusa ter uma figura mais humanizada.

A seguir, Kali e OATAO então sumiram, sem deixar mais nenhum rastro de sua presença naquele universo, enquanto Bete continuava sua barulheira trancada ignorando o embate muito além da compreensão humana.

***

OATAO despertou menos cansado, e por estar assim, entendeu que fizera uma longa viagem, certamente, de um universo para outro.

E aquele onde se encontrava agora, parecia muito desconfortável, na verdade mais quente até que a superfície de uma estrela como o Sol.

Abriu os seus olhos e deparou-se com outros humanoides, estes nus, de pele vermelha, rabo pontiagudo, chifres, unhas, dentes e olhos amarelados.

Um deles foi atormentar lhe com um tridente.

OATAO se defendeu, tomando a arma das mãos daquela figura grotesca em seguida usou-a para trespassar o próprio infeliz que tentou atacar-lhe.

-Onde estou? - Gritou OATAO com voz trovejante.

-Você está no inferno, idiota! - Veio a resposta de outro demônio que também tentou agredir OATAO.

Este também, teve destino similar ao primeiro.

Nenhum dos dois morreu com as investidas do anti-DEUS, afinal, estando todos no

inferno, não havia porquê temer pela própria vida, já que ali o único alívio seria a morte.

Por ter sido surpreendido, OATAO apanhou de KALI, mas, ali, recuperado do ataque sofrido, aqueles demônios já não lhe ofereciam qualquer ameaça.

Até para aplacar a própria ira, surrou todos os infelizes que estavam ao seu redor gritando irado:

-Me levem para o seu lider. O novo chefe chegou.

Em seguida OATAO gargalhou,.

Ali mesmo no inferno recomeçaria a sua escalada rumo ao poder e às paradas de suceso.

Dessa vez nada atrapalharia seu caminho.

Teria paciência pois sabia que só assim, não tardaria em chegar o momento que acertaria as contas com Kali e ainda, com a tal Elizabeth Bondmader que parecia bastante simpática e certamente lhe seria útil, uma vez que estivesse devidamente doutrinada.

***

Por ser o tipo de mulher que leva mais de DUAS horas TERRESTRES no banheiro fazendo a toalete BÁSICA, quando Elizabeth finalmente terminou de se aliviar, encontrou a colossal espaçonave completamente vazia.

Além dela, não havia ali, mais qualquer sinal de vida.

O pânico se instalara depois que Elizabeth matou o tipo de armadura que alguém chamou de Deus, coisa que gerou evacuação completa, deixando apenas ela, e os mortos.

O vazio e silêncio medonho, faziam do ambiente antes cheio de luxuria, um lugar agora destroçado como nos cenários de guerra.

Para se orientar no meio de tanta confusão, teria de ir até a central de comando dessa colossal espaçonave para decidir então, o que fazer dali por diante.

****

Sem muita demora chegou à central de comando, onde avaliou a situação.

Mesmo em meio a tanta bagunça, e com a nave completamente abandonada pelo pânico de sua tripulação, muita coisa ainda funcionava.

Enquanto isso, a fuga desenfreada ocasionada pelo vácuo de poder deixado com o desaparecimento do OATAO levou outras naves integrantes da colossal frota invasora a fugirem, retornando pela fenda espacial por onde vieram, pulverizando o projeto de colonização em Alorax, neste ou em outros universos.

Ainda que tivesse salvado incontável número de vidas, Elizabeth Bondmader não receberia agradecimento nenhum, já que aquela, seria só mais uma de suas heroicas ações que permaneceriam no anonimato...

***

# ENCONTRO COM A VOCAÇÃO

De novo Elizabeth Bondmader dedicou-se inteiramente aos estudos de computadores, instrumentos e manuais ao seu redor, para ter melhor compreensão de como tudo ali funcionava.

Estava no interior de uma espaçonave colossal e poderosíssima que, por puro pânico, foi largada em suas mãos.

Agora, tinha que aproveitar a ocasião. Porém... O que fazer?

Depois do que vira, não tinha qualquer esperança de encontrar família ou amigos com vida, daí, achou que teria mesmo que mudar de ares... Mas, para onde ir?

As opções eram infinitas, afinal, aquela espaçonave tinha energia suficiente para fazer rapidamente, até mesmo, jornadas para fora da Via Láctea.

Entretanto, não havia comida para muito tempo.

A maior parte das reservas foi levadas na fuga dos antigos tripulantes.

E mesmo no sistema planetário, do qual fazia parte ALORAX, o mundo em que Bete havia nascido, devido à frustrada tentativa de invasão, até a economia local foi afetada de tal modo que, já não seria mais simples, sequer encontrar um bom lugar para comer decentemente...

Então... Para onde ir?

Elizabeth pensou até lembrar de uma notícia recentemente lhe chegara, sobre uma nova iniciativa, recém criada, reunindo em torno de si, governos comandados por humanos, andorianos, telaritas, e vulcanos, autodenominada.

FEDERAÇÃO DOS PLANETAS UNIDOS.

Pelo que sabia, os princípios em que esta nova entidade, se sustentava, pareciam honestos e, se devidamente garantidos, sustentariam, a paz universal por muito tempo.

Era algo repleto de ideais elevados, envolvendo respeito e união que, para sobreviver contra as forças malignas da velha ordem universal, precisaria de apoio, caso contrário, sofreria estagnação, até o derradeiro fim.

Elizabeth também se lembrou que, o Quartel General dessa nova Federação, ficava numa cidade com ótimos restaurantes, então, ao menos, se conseguisse chegar lá, não precisaria passar fome, ou comer porcaria.

Tudo o que tinha que fazer, era partir para o Sistema Solar e procurar pela Terra.

***

# UM GALANTEADOR CHAMADO SONNY BLUE

Os extraordinários talentos de Elizabeth Bondmader auxiliados pela interface que agora a conectava ao sistema de computadores, ajudaram-na pouco a pouco, a adquirir controle total sobre a colossal espaçonave, e ainda a programar corretamente um curso de até o Sistema Solar.

Tamanha movimentação tinha lá seus riscos e incertezas, daí a concentração de Bete deveria ser inabalável e assim ela conduziu gradualmente aumentando a velocidade até alcançar os limites daquele sistema planetário, e, dali por diante mergulhou pelo hiperespaço, onde as leis da física poderiam ser burladas.

Deste modo, durante horas a atenta e inexperiente comandante não demonstrou sinais de cansaço atenta a tudo, até notar no seu caminho a presença de uma nave sendo atacada por outras quatro.

À que estava indefesa, só restava fugir, mas seus motores apenas soltavam fumaça.

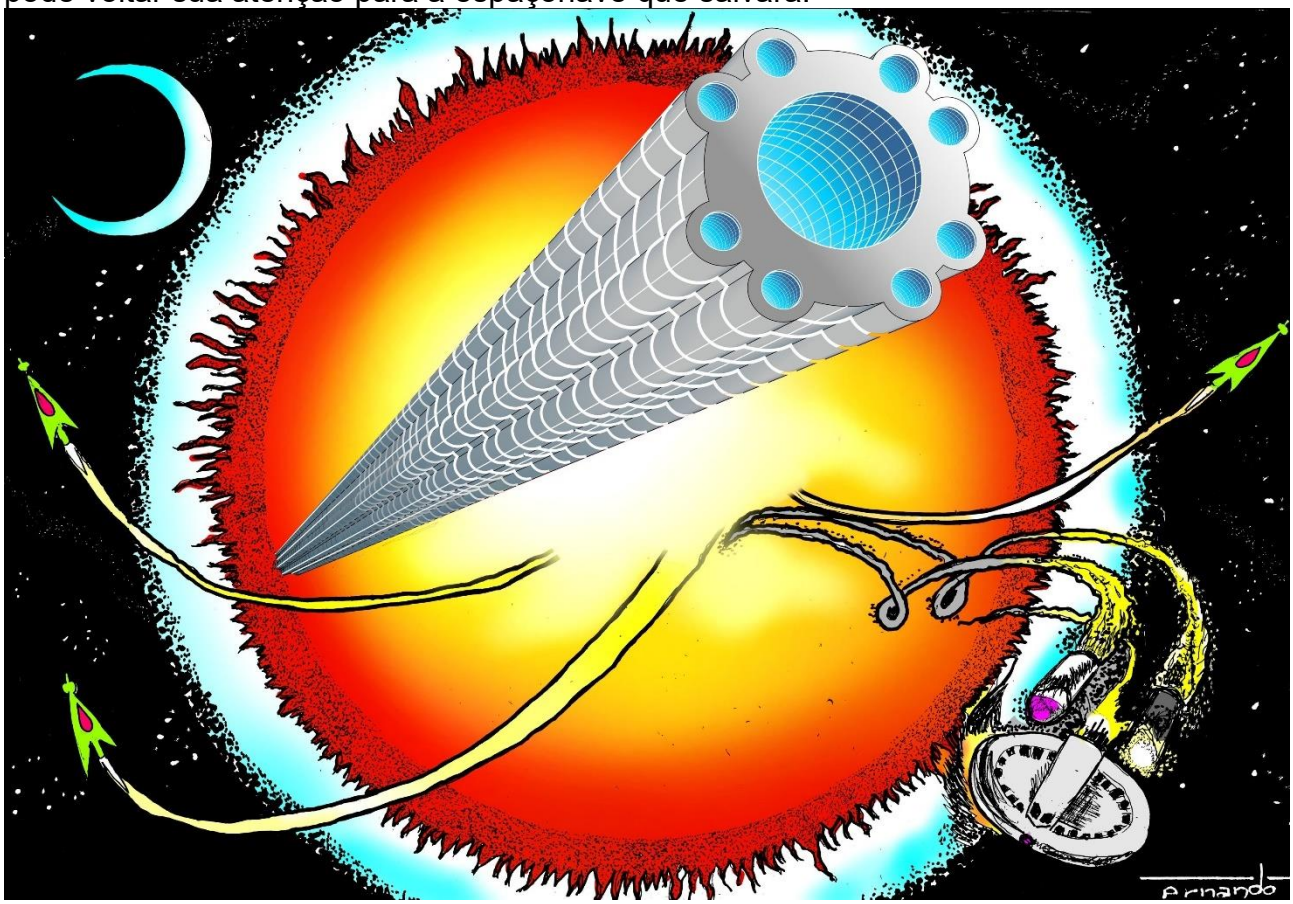
Elizabeth resolveu averiguar “in loco” e, em poucos segundos, a espaçonave que mentalmente comandava chegou aonde se dava o assalto.

Nem bem materializou-se nas imediações, tornou-se ela própria, alvo dos atacantes.

Sem qualquer cerimônia, ou aviso, mesmo sendo gigantesca a nave que Bete comandava, levou diversos tiros, que, não fizeram nada no seu poderoso casco: não arranharam as tintas, nem mesmo trincaram as janelas transparentes.

Tal ataque seria equivalente a coceira que qualquer rato faria, mordendo um dinossauro!

Percebendo ser ineficaz a agressão, os quatro agressores sumiram dali assim, Bete, pôde voltar sua atenção para a espaçonave que salvara.




Mesmo não sendo especialista no assunto ela constatou que esta pertencia à Frota Estelar, um braço forte da Federação dos Planetas Unidos!

Sorte? Acaso? Ou Destino?

***

Bete logo percebeu que os problemas ainda não estavam totalmente resolvidos.

Ela própria não corria riscos diretamente, porém, aqueles que salvara, sim.

Antes que Bete chegasse socorrendo as vítimas da agressão armada, um dos tripulantes oficiais da espaçonave assaltada, o Tenente Comandante Sonny Blue, por força das circunstâncias teve que assumir o posto do seu Capitão, morto durante aquele mesmo ataque.

O quanto pôde, o Comandante Sonny resistiu às investidas dos criminosos, mas no momento em que entendeu não haverem mais esperanças de vida, até mesmo por saber que os criminosos daquele setor não faziam prisioneiros, em acordo com a tripulação decidiu acionar o comando de autodestruição da espaçonave agora sob seu comando.

Ninguém ali se entregaria com vida.

Deste modo, o Comandante ligou a contagem regressiva que iniciaria o processo de autodestruição, em que a matéria, e a antimatéria dos reatores conectados aos motores, seriam colocadas em contado, aniquilando violentamente todo o entorno, e até os agressores, dada a potência da explosão resultante.

Telepaticamente, percebendo tão iminente desgraça, Bete acionou o sistema de comunicação, estabelecendo contato sonoro com Sonny Blue, já que, os canais de imagem não estavam mais operacionais:

-Tenente Sonny Blue. Meu nome é Elizabeth Bondmader."

"Tua nave não corre mais perigos e os agressores que te atacaram fugiram!"

"Sua vida, junto as dos seus colegas a bordo, está salva. Fique tranquilo e siga as instruções que te passarei e tudo ficará bem..."

O Tenente Sonny Blue, já caminhando resoluto e destemido para os braços da morte, ao ouvir o comando daquela voz doce e suave, que até parecia música libertadora celestial aos seus tímpanos, imediatamente mudou de ideia aliviado.

Sentindo confiança nas palavras de Elizabeth, respirou fundo, e até olhou para a vida com novas esperanças, fazendo uma breve e pensativa pausa.

-Obrigado por nos ajudar, Elizabeth.

-Não por isso.

Com pensamentos menos mortíferos em mente, o Tenente voltou sua atenção à rotina e burrocracia do trabalho indagando:

-Até para colocar nos meus relatórios, qual o nome da sua espaçonave? E o seu posto nela?"

Aquela indagação pegou nossa protagonista de surpresa, mas, mesmo assim, pensou na denominação verdadeira daquele colosso espacial que, de fato era apenas alguma baboseira homenageando OATAO, cujo destino agora ignorava.

Momentaneamente, já que era responsável pelo que acontecia na tal espaçonave, iria então, melhorar sua denominação, rebatizando-a para algo diferente, mais sólido e retumbante!

Deste modo, Bete logo decidiu e respondeu tão rápido à indagação, que até daria a impressão da resposta estar na ponta da língua:

-BLACKBUD! Eu sou a navegadora comandante... – Disse enquanto pensou: -Ele que ache o que quiser sobre o nome que acabei de colocar.

***

Os alertas chegavam à sala de comando, de todos os lados da nave, com emergências diversas e a tripulação, incapaz de atender tantos problemas.

O Tenente Sonny Blue, ora no comando, estava de mãos amarradas.

Enviou um aviso de emergência para a Frota Estelar, informando os problemas

ocasionados pelos ataques sofridos.

Em resposta, lhe pediram que aguardasse, por doze horas, a chegada de uma esquadra de naves, comandada pelo Almirante Marc Seven.

Em seguida, sem perda de tempo, o Tenente Comandante informou a situação precária para Bete da BLACKBUD.

-É seguro permanecer esperando por doze horas? As coisas por aí estão funcionando bem? - Indagou ela.

-Nem tudo. - Respondeu Sonny. – Por conta da distância a ser percorrida, a esquadra do Almirantado vai demorar mais tempo do que podemos esperar.

-Aguardem aqui. - Convidou ela. - Não é um hotel 5 estrelas, mas, ao menos o risco à segurança de vocês, será menor.

Sonny Blue ponderou a proposta...

De fato, os sistemas de vida da sua nave, estavam para apagar a qualquer momento.

-Vou te passar as coordenadas de um espaço aqui dentro, onde todos poderão aguardar confortavelmente. - Disse ela enquanto dedilhava alguns comandos num teclado ao seu lado.

-É uma ótima ideia. - Concordou Sonny vou preparar tudo para nos teletransportarmos para a BLACKBUD.

-Vocês serão muito bem-vindos.

Seis horas depois, toda tripulação já estava a bordo da BLACKBUD, e sendo o comandante, Sonny Blue foi o último a seguir o mesmo caminho.

Tão logo materializou-se no ponto de chegada, viu, uma mulher estonteantemente lindíssima: ruiva gostosa e peituda, de olhos brilhantes, com quase um metro e noventa de altura!

Só podia ser sua salvadora, com a qual tanto conversara, mas que ainda não tivera a oportunidade de vislumbrar por conta dos problemas técnicos no sistema de câmeras da sua nave.

Sonny Blue, diante daquela fêmea alpha, agradeceu aos céus por ter lhe mandado tamanho anjo, que livrou sua vida da morte e de um possível destino infernal.

-Olá! Sou Elizabeth Bondmader. - Apresentou-se ela.

****

O Tenente Comandante Sonny Blue não teve tempo para derramar os grandes e evidentes talentos de galã sobre sua salvadora, até, porque, logo de cara, desenvolveu por ela, um forte sentimento de gratidão.

Ademais, Elizabeth, até por ser, mulher de perfil dominador, não se deixava enrolar por cantadas padronizadas dos garanhões de plantão.

Ela fazia os pretendentes rebolarem na conversa, até por ela própria simpatizar com paqueradores criativos de lábia infinita.

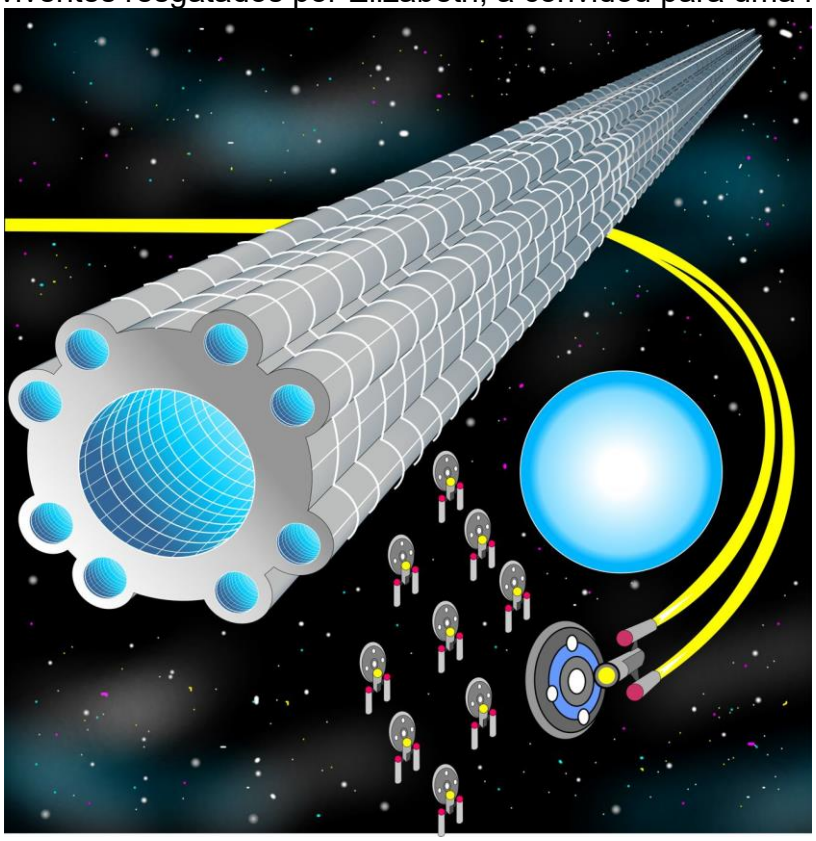
E Sonny Blue feliz como estava por ter sobrevivido à morte certa, agora queria apreciar a companhia com aquela singular nova amizade que lhe salvara a vida.

Seu saudoso Capitão, um homem honrado e pacífico, não teve sorte ao confiar demais em gente sem caráter, daí perdeu a vida.

Aquela dura lição ensinou a Sonny que, nem sempre, o respeitoso espírito de tolerância cristã é a ferramenta certa que produzirá frutos num primeiro contato entre civilizações distintas.

Eventualmente, para se chegar a algum entendimento, haverá derramamento de sangue, noutros casos, não haverá qualquer entendimento pelo modo diplomático.

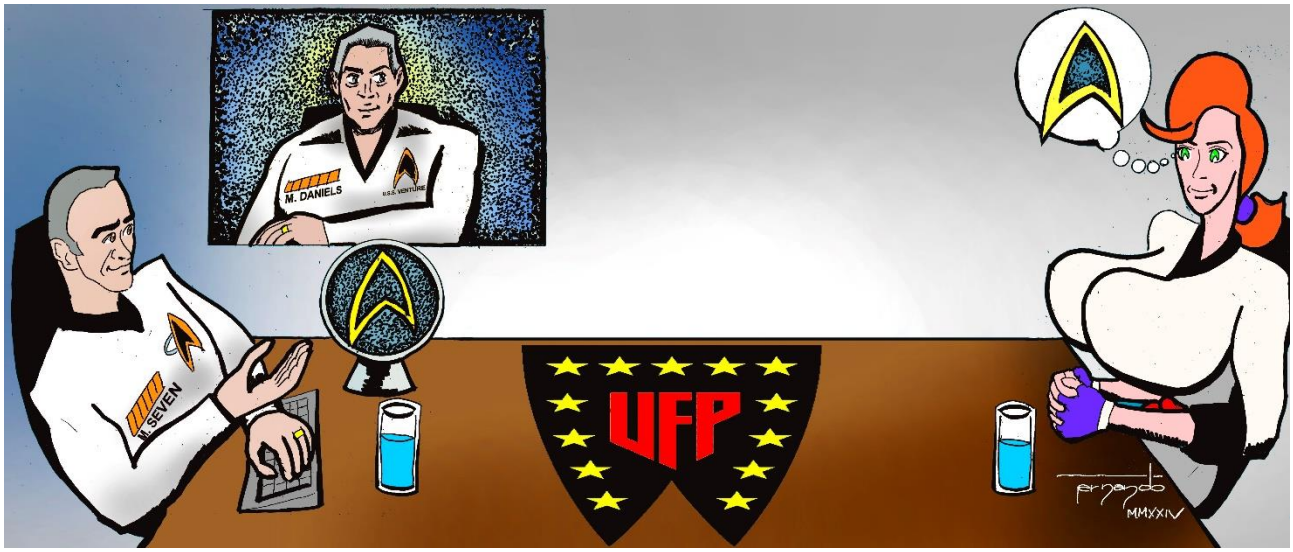
Nestas filosofices o Tenente Sonny se aprofundaria em outra ocasião, tendo em vistas que logo chegou a esquadra comandada pelo Almirante Marc Seven que, após auxiliar os sobreviventes resgatados por Elizabeth, a convidou para uma reunião.



O encontro entre os dois se deu na imensa sala de controle e comando da BLACKBUD.

O experiente oficial, com cabelos brancos e amplo sorriso, logo de cara já agradeceu e parabenizou Elizabeth pelo salvamento de uma espaçonave da Frota Estelar.

Em seguida, sentados em torno de uma ampla mesa e tomando café, começaram conversações em que ela propôs a venda da BLACKBUD para o Almirante.




Sem meios para viver na Terra, precisaria negociar o que tinha nas mãos para arrumar créditos que lhe garantissem vida tranquila.

A Frota Estelar, por sua vez, não poderia deixar passar a oportunidade de colocar as mãos numa nave colossal tão cheia de segredos como a BLACKBUD.

Era juntar a fome com a vontade de comer.

Bastava vender o peixe direitinho para fechar o negócio, e isso, foi o que Elizabeth fez bem. Mas não pôde lucrar o que imaginava, até porque, o Almirante também conhecia as artimanhas da negociação e este, não desperdiçava os créditos da Federação, embora entendesse, que a tecnologia existente naquela espaçonave quando eventualmente viesse a ser entendida, traria retorno financeiro, muito maior, do que aquele ora investido.

De qualquer modo, fechado o negócio com sucesso, os assuntos passaram a ser mais triviais.

-Gosto desta sua roupa.  - Disse Elizabeth. - Muito elegante.

“Agora que tenho créditos,  gostaria de comprar algo assim para me vestir.”

-Na verdade, Elizabeth. – Esclareceu o Almirante Marc Seven com sua voz calma e tranquila. – Este é um uniforme de trabalho da Frota Estelar que você não vai encontrar a venda nas lojas para qualquer consumidor.

-E como entro na Frota Estelar?  - Perguntou Elizabeth. - Li alguma coisa a respeito da Federação e achei, seus ideais muito interessantes, especialmente esta Primeira Diretriz de não interferência.

-Eu te recomendo começar pela Academia da Frota Estelar, onde as portas desse fantástico universo te serão abertas.

Marc Seven então olhou profundamente para Elizabeth, e, vendo que ali havia um talento extraordinário genuinamente interessado nos assuntos da Federação, indagou:

-Gostaria de estudar lá?

-Claro! - Foi a resposta imediata.

-Tenho um amigo... - Explicou o Almirante Marc Seven. - Que pode te encaixar lá. Você só tem que manter o interesse e a motivação. Está interessada?

-Claro!

-Um momentinho, então.

Marc Seven acionou alguns comandos, em um laptop que estava sobre a mesa, onde se desenrolava a conversa.

Alguns segundos se passaram e apareceu na tela do monitor um outro Almirante.

-Almirante MDaniel Landman. Como vai?

Os dois Almirantes trocaram considerações por vários momentos, e conseguiram uma data para Elizabeth fazer seus exames de admissão para a Academia da Frota Estelar.

Dali por diante, o resto seria história...

***

Já sob gerenciamento da Frota, a BLACKBUD, partiria para Saturno, no Sistema Solar, onde na AREA 52, uma base secreta ali escondida seria estudada.

A própria Elizabeth pilotaria a espaçonave, nesta viagem, sendo já aí, monitorada por oficiais da Frota Estelar e da Academia.

Sonny Blue, porém, nesta ocasião, não a acompanharia.

Antes mesmo da partida da BLACKBUD, ele seguiria em outra espaçonave da Esquadra do Almirantado da Frota Estelar, rebocando aquela em que fora salvo.

Mas não iria viajar sem despedir-se de Elizabeth logo depois que ela terminou sua reunião com o Almirantado.

-Parabéns Elizabeth. Com esta venda, você não terá mais problemas em pagar as contas, mesmo assim, eu gostaria de te oferecer um almoço com comida de oficial, aproveitando que o refeitório da nave do Almirante está liberado e eu ainda tenho lá, algum crédito.

“Aproveite, pois, a dieta na Academia não autoriza nem os doces.”

-Então, vamos! -Disse ela. - Assim, não viajamos de estômago vazio.”

***

# KOBAYASHI MARU

Na Terra, em São Francisco, Elizabeth graças ao apadrinhamento obtido, teve oportunidade de matricular-se para fazer, e, daí em diante, por conta própria, passar com louvor, nos exames de admissão da Academia da Frota Estelar.

Pela sua humildade, perseverança e disciplina, conquistou a estima dos colegas, instrutores e professores, deste modo, foi passando de ano em ano, até o final do curso, onde, entre tantas atividades de conclusão do curso, teria de submeter-se ao temido teste do KOBAYASHI MARU.

Ah... O lendário Kobayashi Maru.

O odiado teste mais sacana jamais inventado que ninguém conseguia passar.

E sempre tinha algum detalhe nele, modificado, a cada exame, para deixá-lo ainda mais invencível.

Os entendidos afirmavam que servia para avaliar um monte de inutilidades, sobre como o examinado se conduziria numa situação de morte certa e inevitável.

O fato é que, muito provavelmente, tal avaliação fosse apenas uma pegadinha inventada para irritar os alunos em fim de curso.

De qualquer forma, desde que começara seus estudos acadêmicos, Elizabeth gastava parte do seu tempo livre, refletindo sobre como superaria o desafio.

Com o passar do tempo, foi desenvolvendo um plano que poderia virar este jogo.

Até que chegou finalmente, o momento da sua avaliação no Kobayashi Maru.

Nessa hora, verificaria, se os seus profundos estudos teóricos, lhe livrariam a cara num exame prático.

***

O dia do exame chegou e, estrategicamente, Elizabeth ficou apenas observando os outros examinados fazerem antes suas avaliações.

Ela não podia saber como foi o exame dos colegas, mas fazia algumas observações como por exemplo, o tempo que cada examinado gastava na sua tentativa.

Na maioria dos casos, em menos de dez minutos, tudo estava resolvido, com mais um reprovado.

Cada avaliado, podia escolher um tipo de nave que melhor lhe servisse, dentro dos modelos utilizáveis pela Frota Estelar, afinal, quem estudava naquela academia, era para trabalhar para a Federação, então, as limitações existiam, justamente para simular as dificuldades de um dia “normal” de trabalho.

Como no teste do Kobayashi Maru, certa era, a confrontação com os klingons, então as naves escolhidas pelos examinandos, costumavam ser, as mais velozes, manobráveis e bem armadas.

Neste ponto porém, Elizabeth já começou fazendo uma escolha diferente:

Preferiu uma espaçonave não tão rápida, porém, com motores capazes de produzir maior força bruta.

Um cargueiro rebocador.

Assim que chegou ao simulador, onde seria realizada a avaliação, entregou a um dos examinadores, o cartão com as programações personalizadas que lhe era permitido utilizar.

O cartão foi inserido na fenda de um painel ao lado do monitor, onde logo, apareceu escrita a palavra AUTORIZADO.

-Sua programação está dentro dos parâmetros e foi aceita, Elizabeth. Como

pretende acioná-la?

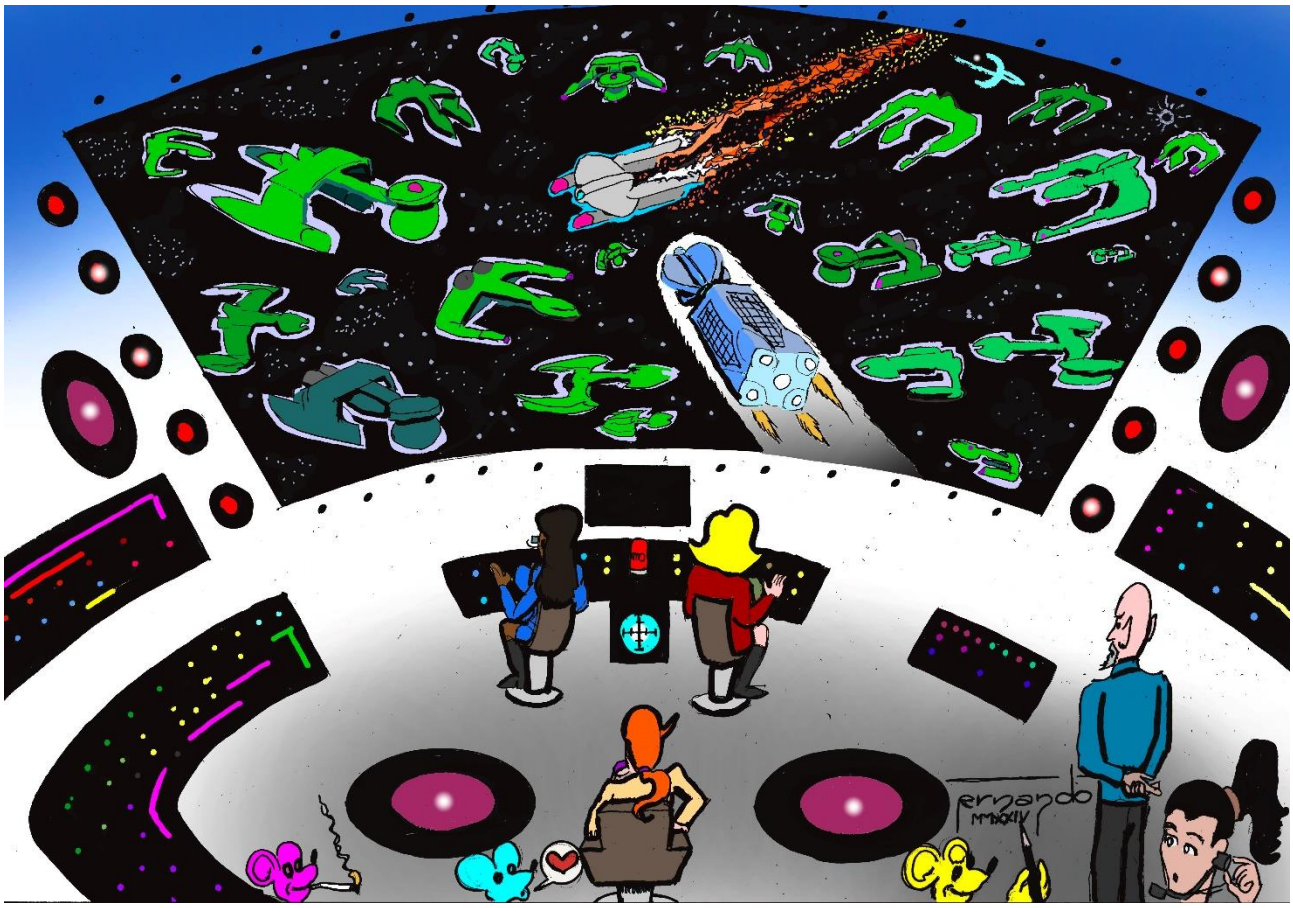
-Em dois momentos. Quando eu ordenar a abertura das frequências de saudação e na entrega dos protocolos de identificação.

-Muito bem!

Elizabeth sentou-se na cadeira de comando e disse:

-Estou pronta.

***



E mais uma vez, o velho plot se repetiu, com os sistemas de comunicação acusando o recebimento de uma mensagem de socorro oriunda da zona neutra klingon.

Vinha da espaçonave Kobayashi Maru.

Elizabeth recebeu a mensagem e tomou a primeira medida visando prestar auxílio, no menor tempo possível:

Invadiu o espaço da zona neutra klingon, coisa que, por si só, já seria um perigo para sua própria nave e tripulação, tendo em vistas que, os klingons não são conhecidos por terem espírito cristão, tolerante e disposto a perdoar.

Por conta do seu típico temperamento explosivo, vivem se colocando em mortíferas confusões, especialmente, em casos, que seu espaço seja invadido por inimigos tradicionais.

Assim, tendo invadido a zona de perigo, sem perda de tempo, Elizabeth tratou de fazer com que a nave sob seu comando, diminuísse a distância entre si e a Kobayashi Maru.

Nem bem avançou cem metros, e logo apareceu uma nave klingon, armada e pronta para disparar...

-Abrir frequências de saudação! - Ordenou Elizabeth para o responsável das comunicações.

-Frequências abertas.

A imagem ameaçadora do comandante da nave klingon apareceu na tela.

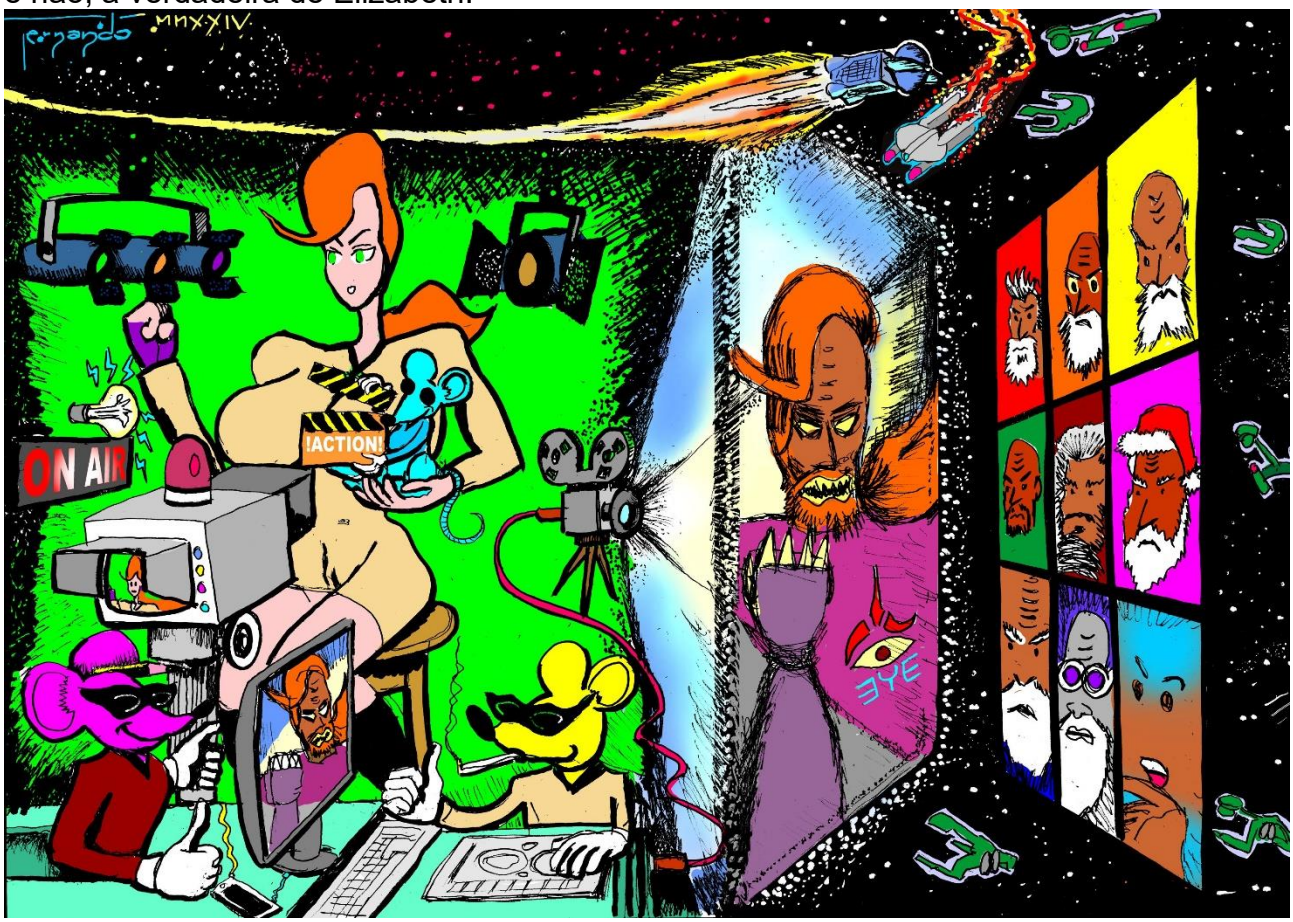
Em tom de voz firme e forte, Elizabeth gritou:

-ATENÇÃO! Sou da Inteligência klingon. Não atire, se não quiser ser processado pelo Conselho, por interferir em trabalho reservado.

***

Diante daquele aviso, feito em sua própria língua, o comandante klingon arregalou os olhos.

Além da mensagem ameaçadora, este ainda visualizava a imagem de outro klingon, e não, a verdadeira de Elizabeth.




Assim que ela acionou a abertura de frequências, parte da sua programação colocou em funcionamento um artifício, preparado para enganar a inteligência artificial que comandava o programa.

Esta, começaria a ser lograda quando o comandante klingon, um dos elementos que compunha a sua programação, seria induzido a erro.

No caso, a belíssima imagem da nossa querida protagonista, que deveria ser enviada pelos sistemas de comunicação entre a nave da Federação e a Klingon, foi substituída por outra: a de um carrancudo e mal-humorado General klingon.

Não só a feiura era convincente, mas também a sua pose de agente da Inteligência imperial, coisa que, já assustaria qualquer klingon valente, ainda mais, se na frase ameaçadora, constasse a possibilidade de processo movido pelo Conselho Klingon.

Qualquer corajoso, por mais despojado da própria vida que fosse, nessa hora tomaria alguma cautela.

Prudente e, lentamente, a espaçonave comandada por Elizabeth continuou avançando, como se nada estivesse acontecendo.

Com ar de desprezo, o comandante klingon fez uma expressão de pouco caso dizendo:

-O que um agente da Inteligência Klingon estaria fazendo numa espaçonave da

Federação por aqui? O que você quer com essa Kobayashi Maru?”

Feita a indagação, mais duas espaçonaves klingons apareceram do meio do nada, com as armas apontadas para o cargueiro e, prontas para disparar...

-Não faça nenhuma tolice, se não quiser ser processado e condenado junto com todos os seus familiares. - Ameaçou novamente Elizabeth disfarçada pelo seu avatar. - Transmitirei meu protocolo de identificação e você verá que não estou mentindo!

-Muito bem... Então vamos ver... - Disse o klingon.

Lá fora, outras naves de guerra klingon continuavam aparecendo.

Agora, já eram mais de dez...

Elizabeth mantinha o sangue frio.

Até o momento, conseguira ganhar tempo.

Olhou para o oficial de comunicações, e, com um gesto positivo, autorizou o envio do protocolo de identificação.

O oficial de comunicações apertou um botão vermelho no painel de controles que tinha adiante de si, e, olhando para Elizabeth, fez um sinal afirmativo com a cabeça.

-Você deve estar recebendo agora... - Disse Elizabeth.

Na outra nave, o klingon confirmou...

-Sim... Mas, a autorização está demorando para abrir...

-Ela demora um pouco. Se tiver pressa, peça para que um computador melhor, de outra nave abra o protocolo. Não tem senha.

E, de fato, outras naves, já estavam se apressando em abrir o documento enviado por Elizabeth.

Agora, eram estas, mais de cinquenta no total.

Outros tantos segundos se passaram e nenhuma delas, mostrou qualquer resultado positivo tentando abrir o tal protocolo.

Muito pelo contrário, de um instante para outro, TODAS as espaçonaves klingon ali presentes, súbita e, simultaneamente, ficaram sem energia, apagando completamente.

Nem mesmo seus sistemas de suporte de vida funcionavam mais!

***

Percebendo a situação, logo Elizabeth ordenou.

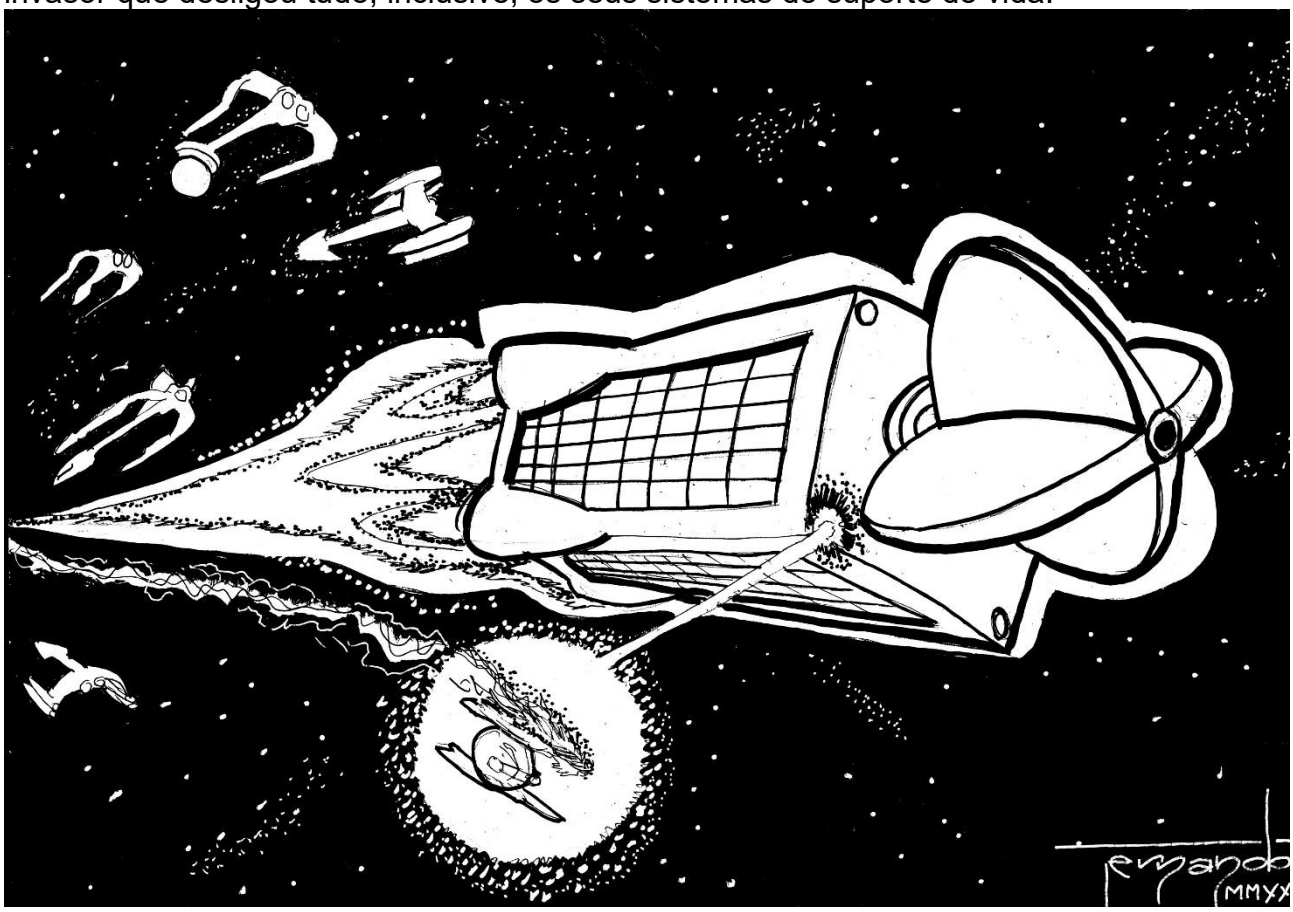
-Acionar raios tratores. Travar na Kobayashi Maru.

A ordem foi imediatamente obedecida.

-Vamos sair daqui, de volta para o espaço da Federação.

-Sim Sra.

Assim, em baixa velocidade, fazendo uso do seu raio trator, o cargueiro conseguiu puxar a Kobayashi Maru para fora da Zona de perigo, em segurança, e sem qualquer perturbação vinda das naves klingons, já que, estas, ainda continuavam desligadas, por conta do tal protocolo de identificação, que, na verdade, carregou-lhes um vírus intruso invasor que desligou tudo, inclusive, os seus sistemas de suporte de vida.




***

Rebocada a Kobayashi Maru para espaço de segurança distante do perigo, os suportes de vida das espaçonaves klingon voltaram a operar, sem qualquer perda de vidas ou prejuízo assim, encerrando a prova, com os colegas instrutores e professores irrompendo numa sonora e efusiva salva de palmas.

O momento era único, afinal, Elizabeth, superara, sem um único tiro, o exame mais importante e desafiador da Frota Estelar com o mérito de completar a missão, evitando atritos diplomáticos com os klingons, já que, o virus inserido em seus computadores, também limpou os 30 últimos dias de todo o histórico de fatos ocorridos registrados em seus diários de bordo, destarte que, não haveria qualquer prova de invasão de nave da Federação em Zona de controle Klingon.

O alvoroço era geral, algo como uma vitória de David sobre Golias.

Nas primeiras fileiras de observadores daquele exame, aplaudindo de pé acaloradamente, estavam dois Almirantes: Marc Seven e MDaniel Landman.

Um disse para o outro:

-Essa jovem é extraordinária, vai fazer história seguindo carreira na Frota Estelar...

-De fato, é uma grande promessa que temos aí.

“Ouso dizer que a humildade dela é tão grande, que nem mesmo capitalizará nada em cima de tão incomum feito, daí essa parte da história acabará esquecida, vindo outro no futuro, clamar para si, este mérito”

-Quase certo que sim, meu caro, até porque, ela é disciplinada, humilde e não fica capitalizando muito em cima dos próprios méritos.

-É como o prego que não quer se destacar para não levar marteladas na cabeça.

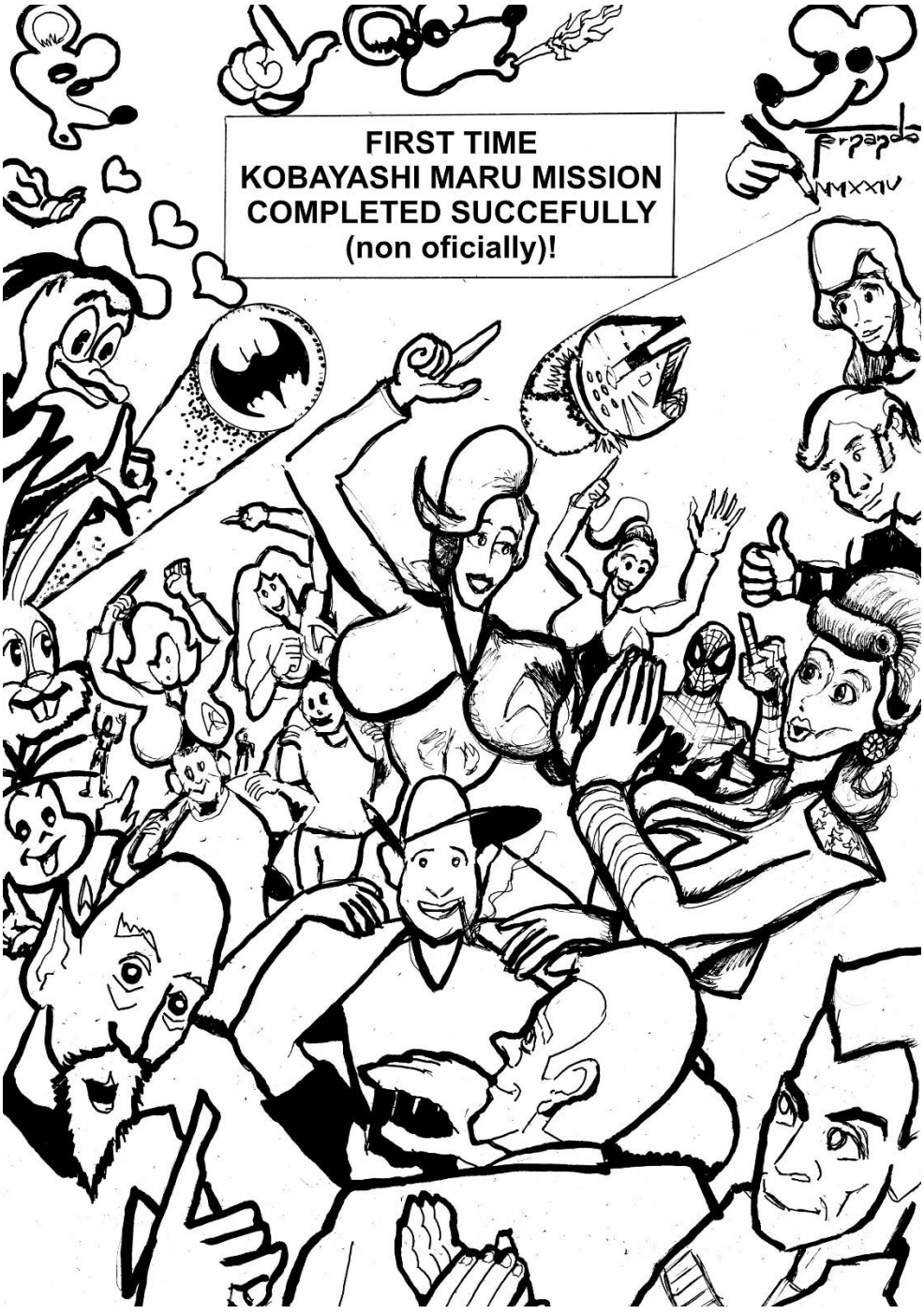
-Tem talento não só para a Frota, bem como para o Serviço Secreto.

***

E se o querido leitor que até esta linha chegou, gostou do teste, que leia então sobre as estripulias da festa de formatura...

Logo mais adiante! Não perca!

***



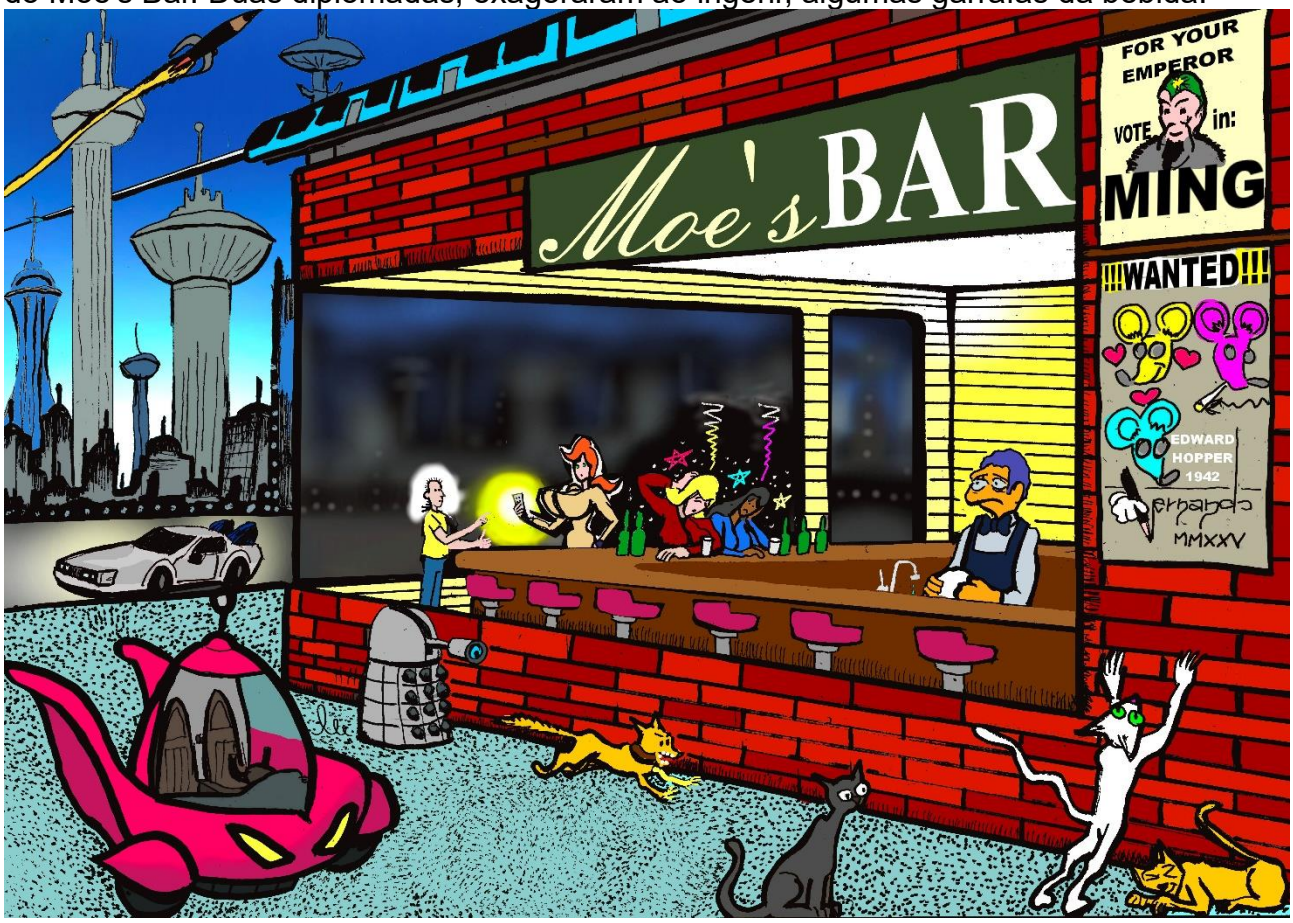
# MINHAS AVENTURAS COM AS DIPLOMADAS NA ACADEMIA DA FROTA

E começou mal a celebração da formatura na Academia da Frota.

As três melhores alunas daquela turma de formandos, casualmente, as mais lindas, vestiram suas roupas e produções descoladas, para cair na noite celebrando o grande acontecimento.

Durante o curso, eram as que mais se controlavam nas festinhas não se envolvendo com bebidas ou drogas.

Talvez por isso na ocasião, logo de cara, tiveram problemas com a cerveja batizada do Moe's Bar. Duas diplomadas, exageraram ao ingerir, algumas garrafas da bebida.




A terceira se encontrava sóbria, sendo ela: Elizabeth Bondmader.

Por outro lado, visível estava o desconforto de Kristen e Marilyn, suas colegas que não resistiram à tentação da cerveja batizada.

Ainda que, também lindíssimas, as duas estavam com cara de poucos amigos.

De fato, o mal-estar delas era tal, que só queriam voltar para casa e se recuperar.

Sabe-se lá de onde, de um momento para outro, apareceu sujeito baixote, com menos de vinte anos, aparência ordinária mas, dono de conversa típica dos futuros jovens mestres da enrolatória profissional.

As três, quando saíram para celebrar, queriam arrumar garotos bonitões para fazer lhes companhia, mas, as coisas estavam se encaminhando de modo diverso do que queriam no início.

-Boa noite. - Saudou o jovem. - Me desculpem por incomodar, mas, percebi que as senhoritas, parecem ter sido enganadas por esta cerveja de baixa qualidade... - Disse apontando para os copos com a bebida amarela sobre a mesa.

Kristen e Marilyn não estavam em condições de falar nada, mas Elizabeth, também com cara de poucas amizades apenas replicou:

-Nem me diga...

Mesmo assim, o sujeito parecia um daqueles pacientes vendedores persistentes, e, sacou dos bolsos, uma cartela prateada com pastilhas douradas.

-Aprendi com um velho mestre que sempre é bom ter esta medicação...

“Não só para curar ressaca, mas, para conhecer beldades em apuros.”

Ninguém deu risada, mesmo assim, o sujeito, valentemente, continuou:

-Ok. Me desculpem pela piada ruim.- Disse colocando a medicação sobre a mesa, e continuou. - Esse aqui é uma cortesia minha para vocês, mas, logo que vocês melhorarem, permitam que eu me apresente.

Elizabeth, com ares de desconfiada, pegou a cartela e começou a ler o que estava escrito nela.

-Tem alguma contraindicação? - Indagou.

-Nenhuma. - Respondeu o sujeito. - É totalmente natural. Podem confiar. Assumo a responsabilidade.

Elizabeth, mais uma vez, fez cara de desconfiada:

-Responsabilidade? Mas você não parece ter mais que vinte anos para dar aulas sobre ressaca...

-De fato não... -Ele concordou. - Mas estou sempre pronto para ajudar as damas em apuros, no que estiver ao meu alcance.

-Então tá... - Disse Elizabeth. - Vamos ver o tamanho desse seu “alcance”.

Ela fez sinal para o garçom, que logo trouxe uma garrafa de água de côco com dois copos.

-Apenas uma pastilha para cada dama já é suficiente. - Disse o jovem.

Os copos foram colocados diante de Kristen e Marilyn e, em seguida Elizabeth colocou uma pastilha em cada um deles.

Assim que elas mergulharam no líquido, começaram a soltar efervescências cheia de bolhas.

-Elas devem beber agora.

Tão ansiosas estavam em se livrar do mal-estar, que com cara feia, as duas tomaram a efervescência, sem pestanejar.

Não passaram sequer três minutos, e elas começaram a arrotar barulhentamente.

***

Enquanto Kristen e Marilyn aparentemente, se aliviavam, o rapaz disse para Elizabeth.

-Vou até ali no processador, preparar mais uma cartela dessas, caso elas, por via das dúvidas, precisem, mas, tudo indica que em menos de cinco minutos, já estarão melhor.

O jovem afastou-se  e foi para o aparelho embutido numa das paredes do recinto pouco iluminado mas, bastante agitado pela música, e pelo povo ali dentro.

Havia uma pequena fila com duas pessoas para usar o processador, então ele decidiu dar uma passadinha no banheiro para aliviar a bexiga que já estava carregada, tamanha a tensão em fazer tudo dar certo com as moças.

No banheiro foi no canto do mictório, onde imediatamente começou a mijar tudo o que tinha direito.

Um grandalhão estacionou ao seu lado e começou a lhe aporrinhar:

-Ei! Como um bananinha como você consegue se arrumar com aquelas três gatas?

“Por conta do tamanho deste seu pinto não é... HA HA HA HA...”

O jovem concentrou-se em terminar logo sua mijada, mas, o reservatório mal tinha esvaziado um terço.

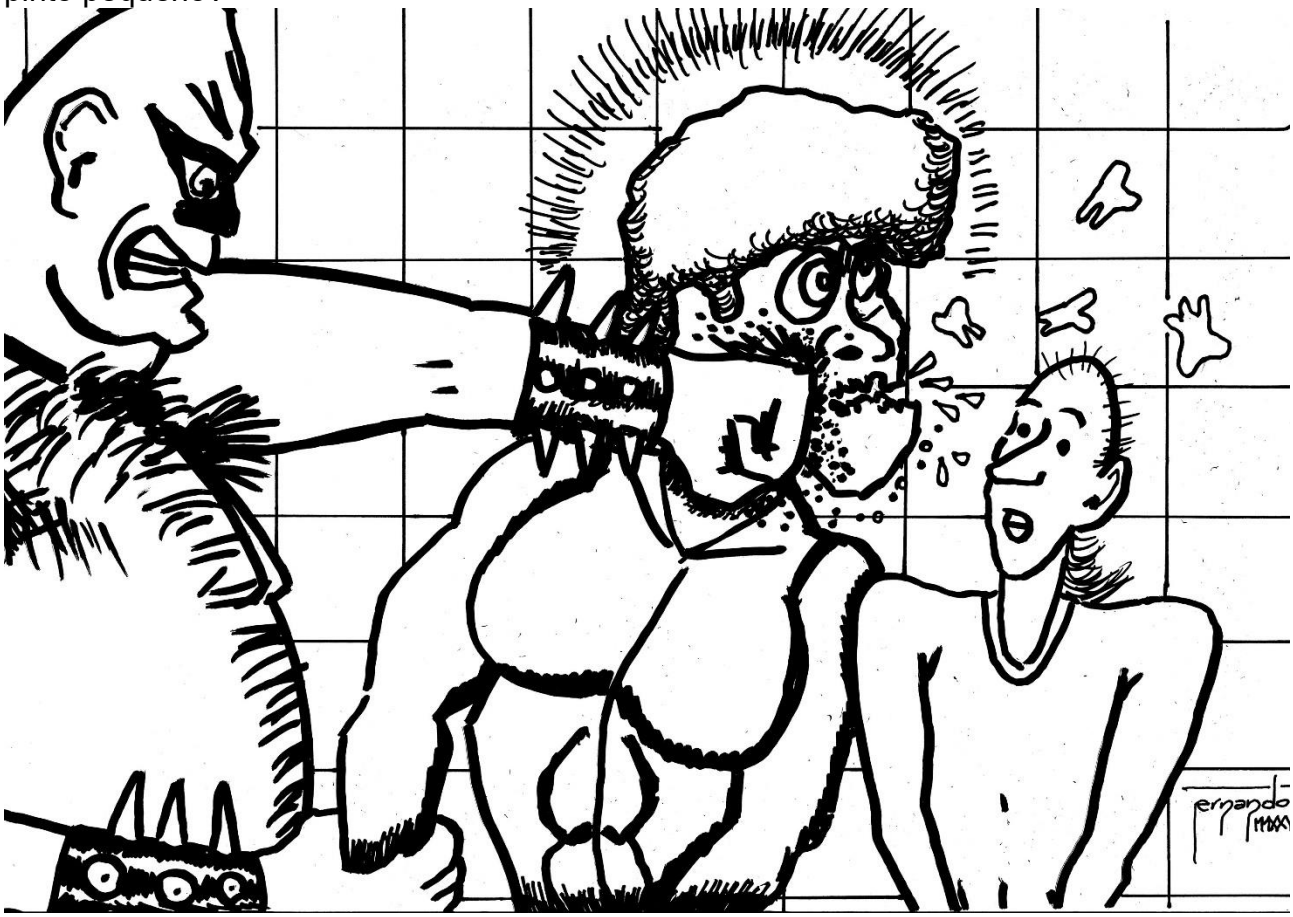
E o imbecil ao lado não parava de encher as paciências...

-Pinto pequeno não devia nem existir. Devia tudo morrer! Não é digno nem de se procriar. Maldita linguicinha do k@r@lh*! Não serve nem para churrasco.

Outro sujeito grandalhão apareceu sabe-se lá de onde, e acertou um soco na cabeça do imbecil.

-Calaboca, seu m3#da! Eu também tenho pinto pequeno. Que é que você tem contra

pinto pequeno?



A pancadaria continuou, e o jovem conseguiu finalmente terminar sua mijada tendo até, tempo de lavar as mãos.

Voltou para o processador, onde já não havia mais fila alguma e o programou para produzir mais uma cartela de medicação e dois copos de soda.

Assim que pegou o seu pedido pronto, viu a briga do banheiro sair dali de dentro vindo parar fora, no salão.

Os seguranças do local tentaram intervir, mas, a confusão só aumentava.

O jovem foi para o balcão onde se encontravam as três recém-formadas e entregou-lhes refrigerantes: elas já estavam bem melhor, enquanto a briga no entorno, só ia piorando.

-Agora que vocês estão melhor, gostaria de me apresentar.

“Vocês permitem?”

-Claro. Eu sou Marilyn. - Disse a loira lindíssima. - Apertando a mão direita do rapaz.

-E eu sou Kristen. - Disse a morena. - Apertando a outra mão do felizardo.

-Meu nome é Dinho. - Apresentou-se então.

-E eu sou Elizabeth.

Feitas as apresentações, a briga ao redor do quarteto, só ia se intensificando, as meninas, já estavam mais animadas e, independentemente da movimentação ao redor, resolveram subir num palco que havia próximo, para dançar.

Aí então, aconteceu o que ninguém esperava.

As brigas cessaram enquanto as três faziam ali, todo tipo de rebolado, incluindo as insinuantes danças do poste.

Teve até gente dando para elas, cartões plastificados coloridos, rechados de créditos.

A alegria continuou até que apareceu a polícia reclamando do som alto da música, momento em que, Dinho, ao perceber esta movimentação, chamou as dançarinas diplomadas, num canto isolado para planejar uma escapada tranquila do lugar.

O quarteto seguiu para uma das saídas, onde já estavam postados agentes da Lei,

fazendo a revista em todo mundo.

Do jeito que a coisa seguia, teriam de enfrentar uma fila onde esperariam os documentos serem verificados, por pelo menos umas três horas.

Dessa vez, Marilyn e Kristen tomaram à frente do grupo, que cortou a fila aproximando-se dos agentes que verificavam um a um, quem quisesse ir embora.

Com movimentos sincronizados, as duas tiraram carteiras das próprias bolsas exibindo-as. Em seguida, apontaram para Elizabeth e Dinho, dizendo.

-Estamos juntos.

-Podem passar! - Disse o agente batendo continência, após rapidamente verificar as carteiras.

Mais adiante, longe da confusão, Dinho voltou-se para Marilyn e Kristen, perguntando-lhes.

-O que vocês mostraram para o cara não encher o saco da gente assim como estavam fazendo com as outras pessoas???

-Não precisamos de magia ou poderes de hipnose. - Respondeu Marilyn. -A gente dá a velha e boa “carteirada”.

“Meu pai é Almirante e o dela... - Disse Kristen apontando para Marilyn. - É Comodoro da Frota Estelar.”

Dinho sentiu firmeza naquelas meninas.

***

As ruas na madrugada estavam mal iluminadas e com quase nenhum movimento.

Só o quarteto, caminhando em direção a uma das estações de teletransporte, que o levaria ao point mais badalados da cidade:  Holodeck's Bar, o centro de diversões diversificadas que, dioturnamente diminuía os desânimos dos desavisados.

Assim seguiram por vias pouco convidativas, coisa que alí naquele mundo maravilhoso do futuro perfeito da jornada nas estrelas, não deveria constituir qualquer

motivo para preocupação, porém, como aqui estamos na “Paródias Apócrifas”, logo apareceram dois sulibans armados com pistolas phaser.

-É esta aqui. - Disse um suliban para o outro, apontando para Elizabeth.

O que quer que a dupla armada intrometida fosse fazer em seguida, não conseguiu, já que, Dinho, num movimento desastrado, lançou-se sobre a arma, impedindo-a de ser disparada, ou mesmo, atingir as amigas da balada.

Ainda que, mal calculada, a oportunidade permitiu a Elizabeth se posicionar nas costas de um dos assaltantes, e, na sequência, com um rápido movimento girar sua bolsa atingindo a cabeça daquela cuja arma estava apontada para Dinho.

O outro suliban ficou sem ação, e também foi atacado, neste caso, por Kristen, que lhe chutou as bolas com o seu sapato de salto alto e bico fino.

Dinho ainda assistiu, surpreso, as meninas espancarem um pouco mais os sulibans, e, depois que cansaram de bater neles, mesmo estando estes deitados e inconscientes, puxaram o atônito acompanhante, noite adentro para uma corrida, até a estação de teletransporte mais próxima.

Não queriam ficar, para ter que se justificar pela sua legítima defesa, diante de autoridades desarmamentistas que atendendo os aconselhamentos dados pelos especialistas em plantão nos canais de TV, desaconselhavam qualquer reação contra o crime.

Elizabeth ainda desarmou e pegou os documentos dos infelizes, guardando estes itens, na sua bolsa já lotada, que nada sofrera ao rachar a cabeça do assaltante.

Deste modo, partiram dali, para o bar, onde finalmente relaxariam nas mais modernas holosuytes da cidade.

As garotas não conseguiram os lindos galãs de cinema com que pretendiam terminar a balada, mas, como agradecimento pela mísera defesa, que consideraram heróica, e ainda pela holosuýte que ele estava pagando, Dinho foi amassado, chupado, apertado, espremido, alisado e beijado pelas três, de todas as maneiras possíveis, até o sol raiar.

***

Os créditos da holosuyte que pagara ainda demorariam a terminar, mas, assim que viu os primeiros raios do sol penetrarem pelas frestas das persianas na janela, Dinho, mesmo com a piroca prestes a explodir de dor, tão dura estava, teve que se desvencilhar daquelas três beldades que a ele estavam pregadas dormindo.

Antes porém admirou as curvas maravilhosas e perfeitas de Marilyn, a mais peituda e bunduda das três, não que Elizabeth e Kristen também não fossem muito peitudas, mas, o caso de Marilyn era mesmo descomunal.

E não era gorda.

Tinha cintura fina, modelada, musculosa e rosto incrivelmente lindo.

Das três era a que tinha pele clara.

Elizabeth era a mais alta e monumental, de beleza incomparável, magra, peitos grandes, bicudos, desafiadores da gravidade, bunda cheia definida com pernas longas.

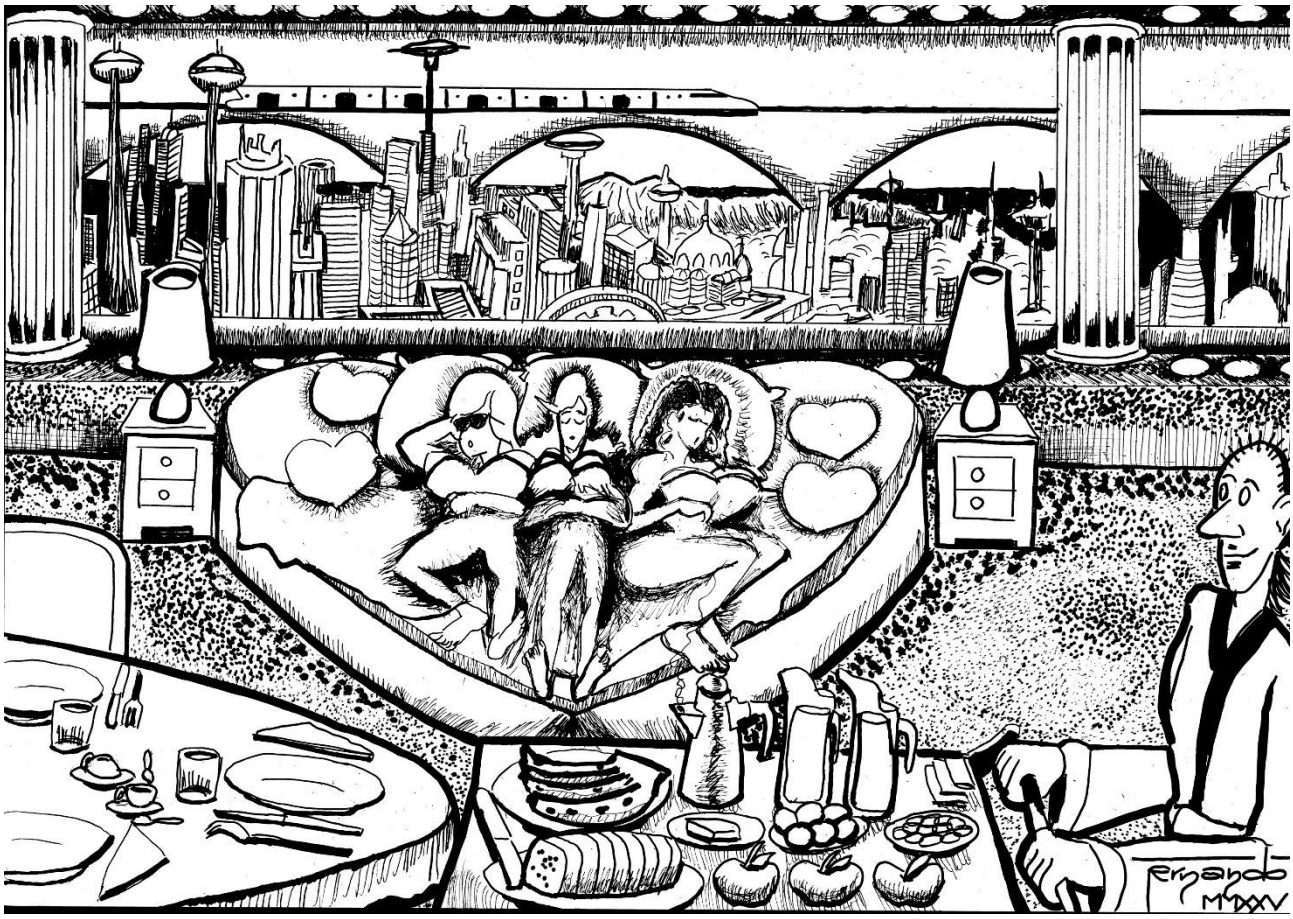
Só o cabelo vermelho e os olhos claros dela, já faziam Dinho se derreter inteiro.

Kristen era pouco mais baixa que Elizabeth, de pele bronzeada e cabelos pretos magra e gostosa. Peituda sim, mas, não tanto quanto Elizabeth que era até mais musculosa e definida.

Dinho deixou as três musas dorminhocas deitadas e foi mijar ainda com a piroca dura e viril.

Em seguida, se lavou, colocou as roupas, foi ao processador, preparou café para as três, e ainda, conseguiu até processar flores.

Organizou tudo com três buquês, escreveu um bilhete personalizado para cada uma, com palavras doces e carinhosas para deixá-las dormindo embaladas pelos próprios roncos, pois ELE, logo teria de entrar no serviço.



Saiu deixando tudo pago, e ainda, com a intenção de fazer contato com elas, logo depois do expediente.

Quis o destino, que tal intento não se realizasse, pois, horas mais tarde, as três diplomadas, seriam chamadas às pressas para diferentes missões da Frota Estelar, de modos que, Dinho não conseguiria concretizar seus planos.

De qualquer modo, tendo participado de tão memorável façanha como aquela, tempos depois, Dinho descreveria aquela balada numa recordatória obra literária chamada:

**MINHAS AVENTURAS COM AS DIPLOMADAS NA ACADEMIA DA FROTA**

Que virou um estrondoso sucesso, tendo sido feita adaptação para os cinemas e diversões interativas como holosuytes, vídeo games e holodecks.

Não bastando por si só tamanha peripécia, ainda vieram, as também rentabilíssimas:

**MINHAS AVENTURAS COM AS DIPLOMADAS NA ACADEMIA DA FROTA 2,**

e,

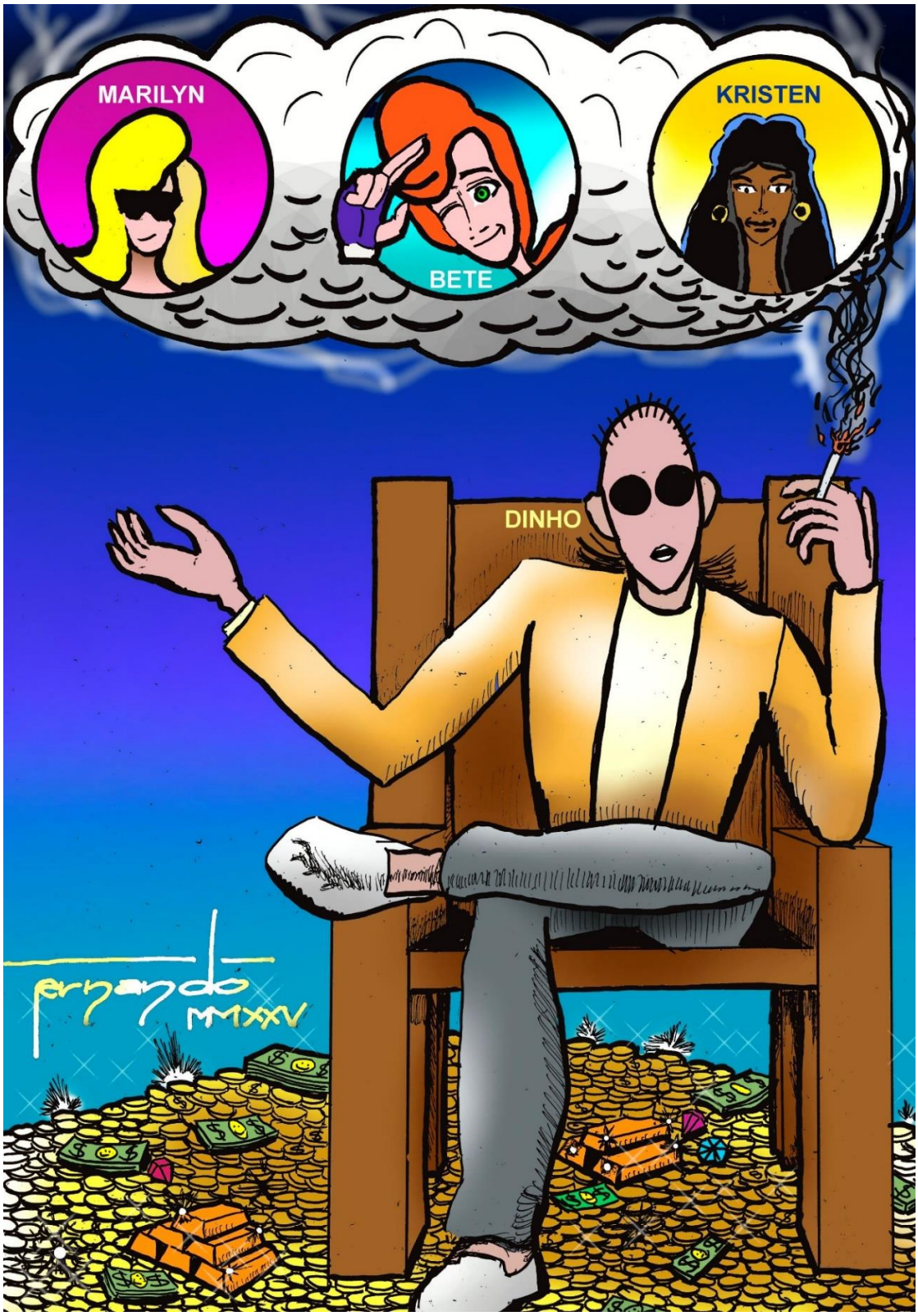
**MINHAS AVENTURAS COM AS DIPLOMADAS NA ACADEMIA DA FROTA 3.**

Dinho ficou rico e famoso com seus trabalhos, sempre reconhecendo, que, do quarteto, foi ele quem se deu melhor, afinal, compromisso com a Frota Estelar não deixa ninguém rico.

Ainda que Dinho quisesse muito; o Destino não lhe facilitou, no sentido de promover um novo encontro entre ele, e suas amadas musas inspiradoras, num breve futuro.

*******

***



# O COMODORO VULCANO DE CABELO OXIGENADO

O tempo avançou implacavelmente, e, aos poucos, Elizabeth foi aprendendo que o trabalho na Frota Estelar não passava apenas pelas missões e aventuras espaço afora.

Havia o esforço realizado por trás do palco, que também ajudava no alavancar de carreiras, para quem se dedicava a realizá-lo.

Para nossa querida heroína, aquele caminho era frívolo e de poucos resultados.

Não fazia bem o jeito dela, participar de festas e outras celebrações para se exibir como perua pomposa.

Acontece, que mesmo para alguém tão bem dotada como ela, o Destino podia pregar peças elaboradas, e justamente, numa dessas ocasiões, em que o que parece ser, não é, foi que ela acabou mudando de ideia.

Depois de retornar a São Francisco – California, de uma missão fora do sistema solar, Elizabeth queria aproveitar o tempo livre que tinha na sua agenda, para descansar alguns dias, antes de voltar com a rotina.

Não conseguiria, entretanto, relaxar o quanto queria.

Recebeu o chamado de uma antiga Comandante sua, a hoje Capitã Mare Boliveira.

Mulher madura, linda, alta, loira, esguia e de corpo tentador para qualquer macho viril alpha elogiar em poesias, versos e prosas até o fim da própria vida e dos tempos.

-Elizabeth, preciso organizar uma festa aqui na Base Espacial X7, que é onde estou comandando, e gostaria de contar com você na produção e segurança desse evento.

Como recusar o pedido de um oficial dessa que, além de tudo, era uma grande amiga?

Não tinha jeito.

Elizabeth deu o seu lindo sorriso e apenas disse:

-Claro...

***

Finalmente, depois de uma breve viagem através de várias conexões de teletransporte, ela chegou à base espacial, que era cercada por um anel de asteroides e multicoloridas nebulosas.

Ali, Elizabeth obteria diretamente da elegantérrima Capitã Mare Boliveira a natureza do trabalho a ser feito:

-Você vai ajudar na segurança dando assessoria às equipes dos diplomatas presentes no evento. Te escolhi porque sei que você não deixa nenhum detalhe passar sem aferição.

A Capitã então fez uma pausa, pegou um tablet que estava ali próximo, deslizou os dedos pela superfície dele, até que apareceu a imagem de um oficial da Frota.

-Preste atenção nesse sujeito: ele é o Comodoro Barsark.

Ela continuou olhando para aquela imagem e depois disse em voz mais baixa:

-Tem algo estranho nele. Já andei investigando, mas, não encontrei nada. Pode ser apenas minha intuição se enganando, mas quero que fique de olho.

Assim, estando a par daquilo que, de modo geral lhe seria exigido, Elizabeth assumiu suas funções, atuando numa série de atividades, que iam desde a conferência de identificações, instalações, dispositivos anti-incêndio, saídas de emergência e tudo mais que minimamente envolvesse segurança.

Logo, se adaptou ao serviço, conduzindo a SEGURANÇA com SEGURANÇA, para que, tudo chegasse bem ao fim, com a devida SEGURANÇA.

Segura assim, cumpriu com suas funções até que, finalmente, tratou de conhecer o tal Comodoro Barsark.

Aí começaram as dúvidas e algumas inseguranças...

***

Vulcanos loiros...

Sim, vulcanos loiros...

Aonde?

Aqui mesmo. Siga em frente.

O Comodoro Barsark corresponde a tal descrição.

Cabelinho loiro, orelhas pontudas, cara de quem nunca fica nervoso.

E a idade?

Se para adivinhar a idade de um vulcano, já não é fácil, para descobrir, a desse cara, parecia ser uma tarefa impossível.

De onde teria saído tal tipinho?

De Vulcano?

OK.

Deus é grande, e sua Glória, INFINITA.

Se ELE (DEUS) diz que existem vulcanos loiros...

Quem sou eu para discordar?

Então, diante de um vulcano loiro, ainda que, tal encontro de palavras seja incrível, somos obrigados a sair deste atoleiro literário, para avançar com o que interessa.

E é nesse instante, que retornamos para Bete e suas dúvidas:

Seria o vulcano loiro tingido ou natural?

Nossa protagonista favorita tinha que saber.

Antes mesmo de conhecer o afamado Comodoro, consultou sua “capivara” (ficha de serviço) com fotos anteriores dele, e, ali reparou que, a oxigenação loira no cabelo, era recente.

Que fofura!

Um Comodoro vulcano que resolveu oxigenar o cabelo para ficar loiro...

Se para a Capítã Mare Boliveira, aquilo parecia não fazer muito sentido, para Elizabeth, estava totalmente fora dos padrões. Mais ainda, quando no campo de observações constava que o Comodoro Barsark era um vulcano extremamente simpático.

Intrigante...

***

Chegou o momento da grande data, e lá estava Elizabeth checando identificações, liberando vias de acesso, ajudando no reparo de equipamentos e informando.

O trabalho não parava de chegar, e ela agia automaticamente.

No grande salão dos comes e bebes, já estavam todos reunidos.

Discursos eram feitos, brindes erguidos, cumprimentos e sorrisos trocados...

Aquele tipo de frivolidade que Elizabeth considerava inútil, mas divertida.

Tudo seguia dentro do previsto.

Acima do perfeito, e sem problemas, que era o que importava...

E sentado na poltrona no canto da festa, aparentemente observando tudo ao redor, estava o Comodoro Barsark.

Elizabeth lembrou da recomendação da Capitã Mare Boliveira e por alguns instantes, verificou a situação com o Comodoro Vulcano e o seu entorno.

Tinha estudado a impecável ficha dele, cuja única anormalidade era mesmo, a cor de cabelo, que ocorreu sem detalhadas explicações, já a algum tempo.

Enquanto inspecionava as coisas por alí, não foi chamada por ninguém, daí reparou que, algumas pessoas de fato, se aproximavam do Comodoro e trocavam amenidades com ele. Também notou, através de leitura de lábios, que as respostas dele, não eram rebuscadas. No máximo, uma ou duas palavras.

A conversa com os interlocutores que se acercavam dele, era sempre rápida.

Ao longe, Bete se indagava onde estaria a tal personalidade simpática e amigável, que todos se referiam... Aquele oficial Vulcano era monossilábico.

Curiosa como era, acompanhou também, de longe, o papo de algumas pessoas que haviam acabado de conversar com o Comodoro.

Todos os seus interlocutores o elogiavam por ser falante, simpático e cordial.

O mais intrigante eram algumas pessoas inventando diálogos que nunca ocorreram.

Contrariamente a outros, que, diante de uma possível situação assim inusitada, iriam cuidar da própria vida, Elizabeth, bisbilhotou um pouco mais.

Depois de terem trocado, não mais que três ou quatro palavras com o vulcano, todo mundo saía satisfeito, como se tivesse conversado com alguma espécie de Messias.

Finalmente, após tanto observar, ela própria achou que era o momento de se apresentar ao Comodoro, mesmo que rapidamente.

Assim, aproximou-se dele, e, sem estender, a mão, apenas fez a tradicional saudação vulcana:

-Vida longa e próspera, Comodoro.  Sou Elizabeth Bondmader chefa da Segurança.

“Havendo algo que eu possa ajudá-lo, estarei às ordens.”

-Muito Obrigado, Elizabeeth Bondmader, mas, no momento não preciso nada.

-Satisfação tê-lo conosco, Comodoro. Qualquer coisa é só chamar.

Elizabeth abaixou a cabeça fazendo uma típica saudação oriental, e, foi nesse momento, que, através de seu incomum preparo, descobriu a razão da suposta afinidade que o Comodoro despertava nas pessoas:

Alguma coisa nele próprio, gerava ao seu redor, um poderoso campo de empatia, capaz de alterar as percepções dos desavisados, o que, nem de longe, era o caso da Bete.

O vulcano oxigenado, manipulava as percepções e emoções ao seu redor, de modo muito melhor  que os mais experientes betazóides, fazendo-se assim, parecer, apesar de sua óbvia rabugice, um sujeito estimadamente bacaninha.

E agora?

***

Com a chegada de Xarlotte, as coisas começaram a ficar interessantes.

Xarlote, pessoa altiva, simpática respeitosa e alegre, vestia-se, maquiava-se e agia como mulher, mas na verdade, não era “exatamente” uma mulher, como o nome poderia indicar.

Assim, fiquemos bem entendidos, Xarlote na verdade nasceu homem, com o nome de Xarles, mas que optou “ser mulher” seguindo adiante com a própria vida, adotando trejeitos, roupas, e adereços femininos.

Recém-formada da última turma da Academia, assim como Elizabeth, estava lá prestando seus serviços na ocasião, assistindo as operações da cozinha, no momento, servindo as especialíssimas iguarias da culinária da Federação.

E coincidentemente, no mesmo instante que Elizabeth apercebeu-se do campo de empatia que cercava o Comodoro, Xarlote aproximou-se oferecendo ao oficial, um pequeno prato com algum tipo de líquido...

-Sr. Comodoro. - Gostaria de oferecer a Sopa Vulcana Ploomek – Versão Federação.

-Não. Obrigado. - Agradeceu o Comodoro.

Xarlote não se rendeu tão facilmente:

-Mas essa aqui, Sr. Comodoro, é a versão da FEDERAÇÃO, bem diferente daquela que o Sr. toma lá em Vulcano.

E quando Xarlote falava, chegava cada vez mais perto do Comodoro.

-O Senhor tem que experimentar a nossa versão. Ela é docinha e tem uma cristalização que deixa gelada, com vários sabores.

-Não obrigado.

Xarlote não desistia.

Aproximou-se bem mais do Comodoro, a ponto de colocar a mão nele, na altura do ombro além de se esfregar perto da altura do quadril no oficial sentado.

Elizabeth arregalou os olhos naquele momento.

Antes de ingressar na Federação, o Comodoro fora um graduadíssimo sacerdote de ordem religiosa tradicional, que era radicalmente contra qualquer contato físico com formas de vida alienígenas não vulcanas, dada a sua impureza lógico-filosófica, e ainda, pelos germes que carregavam, capazes de perturbar a concentração mental almejada.

Curiosamente, mesmo com o contato físico, o Comodoro não se perturbou, e apenas repetiu:

-Não obrigado.

Xarlote perturbou mais um pouco, de modo elegante, é claro, mas, ao perceber que não quebraria a disciplina vulcana desistiu e foi oferecer seu ensopado para outra freguesia.

Elizabeth por seu lado, acompanhou toda a situação e, assim que Xarlote passou por perto carregando a sua sopa, foi indagar-lhe:

-O Comodoro não quis saber da sopa, Xarlote?

-Ai ai, amiga! O Comodoro está mal do estômago, ele agradeceu muito, MAS DISSE que vai levar a receita para fazer a dele quando estiver melhor.

-Sério?

-Verdade. - Reafirmou Xarlote

Mentira?

Não!

Verdade!

Xarlote não estava mentindo pois acreditava piamente em suas próprias palavras.

Para ela, foi exatamente assim que se deu sua conversa com o Comodoro Barsark.

Elizabeth se apercebeu deste detalhe, ou seja, da errônea percepção que a Xarlote estava tendo da realidade no seu entorno por conta do campo empático gerado pelo vulcano.

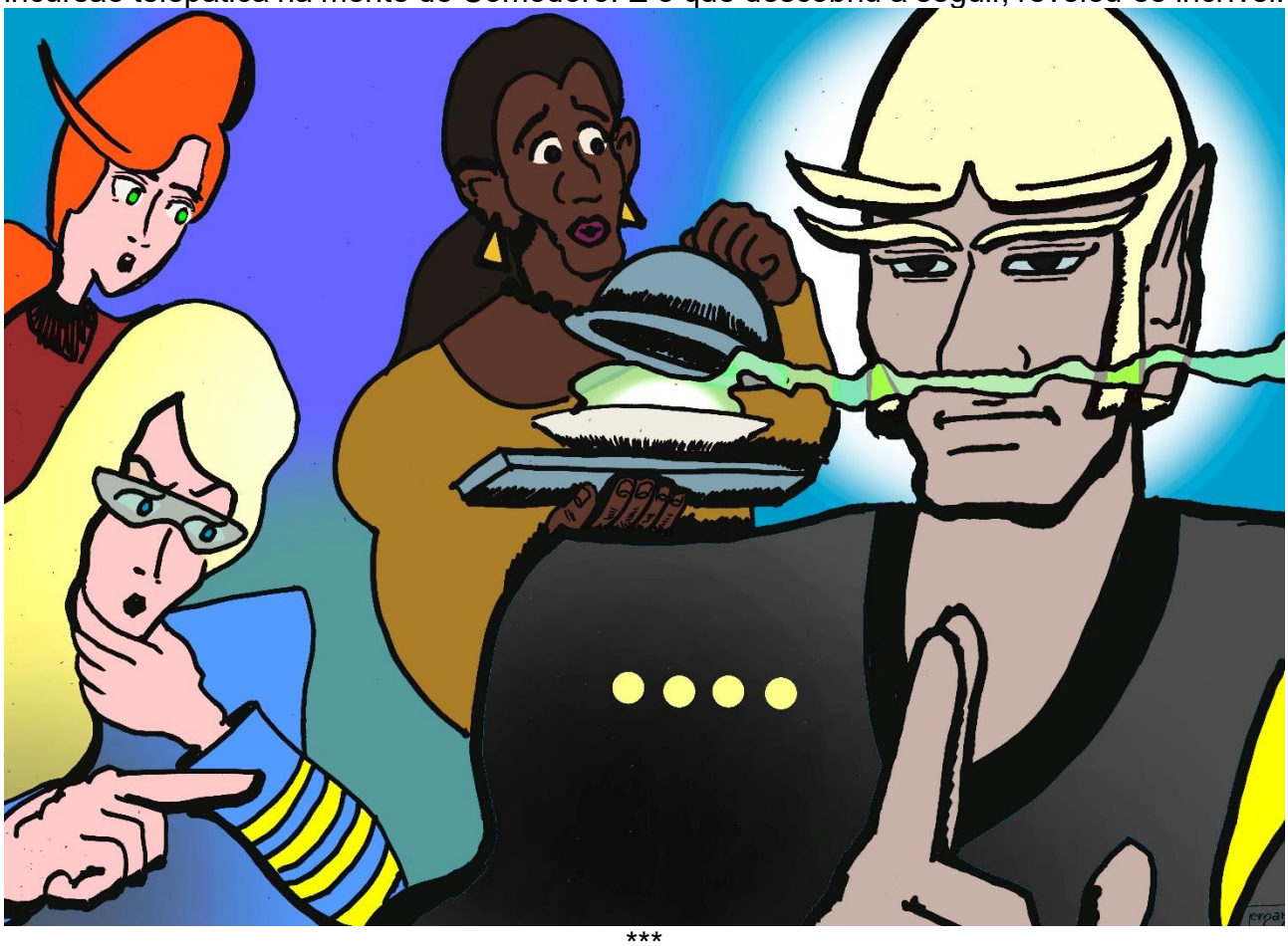
Não sabia de nenhum caso similar àquele, e, no seu entendimento, até pela posição destacada do oficial, tal situação poderia representar perigo estratégico para a Federação, uma jovem Instituição que ainda não havia alcançado nem mesmo o primeiro século de existência.

-Obrigado, Xarlote.

Ainda sentada na sua mesa, enquanto a rebolenta Xarlote se distanciava ostentando seu ensopado para o primeiro aventureiro que se arriscasse, Elizabeth aparentou voltar aos seus estudos no tablet que carregava. Na verdade, estava concentrada no Comodoro.

Se ele estava enganando as pessoas ao seu redor, então, por questão de segurança, alguém com preparo telepático deveria pesquisar as razões dessa embromação...

E se estamos a tratar de alguém com todo tipo de aptidão e treinamento, esse alguém é a nossa estimada Elizabeth, que, sem cerimônia ou burocracia, arriscou uma incursão telepática na mente de Comodoro. E o que descobriu a seguir, revelou-se incrível.



***

Mesmo a uma distância de quase quinze metros, a invasão mental que Elizabeth fez na mente do Comodoro foi equivalente a um elo mental vulcano.

Aposta alta, já que, na cadeia de comando da Federação, Elizabeth ainda era menos que um nada, sem qualquer notoriedade.

De qualquer modo, uma aposta que se fazia necessária, já que ela percebia a influência que o campo de empatia gerado pelo Comodoro, exercia ao redor.

Fosse com boas ou más intenções...

E diante do inicio da investigação telepática dela, a reação do Comodoro foi inesperada.

Após o primeiro “contato”, o alto oficial ergueu-se, indo pelo caminho em que Xarlote havia passado, diretamente para onde estava Elizabeth fazendo suas investidas mentais.

Se o Comodoro fora tolerante com os avanços de Xarlote, com o “carinhoso” toque telepático de Elizabeth, a situação era bem diferente pois o seu rosto estava vermelho.

E longe de olhos meramente mortais, num nível mental mais elevado, também se desenrolava uma batalha distinta.

Neste plano, o Comodoro avançou furioso contra Elizabeth que, permanecia sentada aparentando tranquilidade.

Subitamente, o vulcano oxigenado deu um salto, transformando-se num agressivo e perigosíssimo tigre flamejante, seguindo implacável, atrás da nossa protagonista que, para ele, era apenas uma vítima indefesa.

Quando suas garras e dentes iam tocar Elizabeth, ela se esquivou, transformando na sequência, aquele ataque contra si, numa reação eficiente.

Rapidamente ela agarrou o tigre pelo pescoço, usando apenas uma de suas mãos erguendo-o no ar, aí então, sem qualquer explicação, de um segundo para outro o grande felino em chamas, transformou-se num gatinho apagado e assustado.

Elizabeth apertou o pescoço do bicho que, mais uma vez, mudou de forma, transformando-se agora, em três vermes gordos e trêmulos.

-Duelo mental contra mim? - Indagou Elizabeth serena, mas sem conter irritação na própria voz. - Eu tenho preparo e farei essa enganação custar caro.

Seus olhos ficaram furiosamente alaranjados e uma onda de fogo partiu destes fulminando de vez com os três vermes.

O confronto no plano mental, terminou com a vitória de Elizabeth e com o Comodoro Barsark, no nível da realidade tropeçando inconsciente e, caindo no chão, como se tivesse simplesmente passado mal.

Elizabeth levantou-se correndo em direção ao oficial vulcano.

Debruçada sobre ele, acionou o comunicador no seu peito:

-Teletransporte para dois, direto ao pronto socorro da enfermaria. Emergência médica!

E a resposta veio imediata.

Um jato de luz envolveu tanto o Comodoro como Elizabeth Bondmader, e, no instante seguinte, os dois já estavam teletransportados dali, diretamente para uma maca na enfermaria da base espacial.

****

A Capitã Mare Boliveira recebeu o aviso de Elizabeth e correu para e ala médica.

A situação não era para brincadeira, mas, qualquer desavisado que visse, subindo e descendo, os bicos dos seios turbinados daquela loura avantajada, fosse macho viril, teria uma ereção imediata.

Assim que ela chegou na enfermaria, viu o corpo do Comodoro deitado, numa maca, sendo assistido por dois médicos, enquanto Elizabeth a aguardava ao lado de um monitor.

-O que houve? - Indagou a Capitã.

Elizabeth apontou para o monitor em cuja imagem havia a sombra com a imagem da cabeça de um paciente, em cujo cérebro, estavam três grandes filamentos parecidos com minhocas.

Assim que a Capitã olhou a imagem, arregalou seus olhos:

-Mas o que é isso? - Disse ela.

-O Comodoro está com três Ceti-Eel dentro do cérebro. - Respondeu Elizabeth.

-MEU DEUS!

A Capitã colocou a palma da mão diante da própria boca como se estivesse tentando segurar uma súbita sensação de náusea.

-Olha o tamanho dessa coisa. – Disse ela.

Com os olhos arregalados, ordenou:

-Tirem isso da cabeça do Comodoro agora. Assumo a responsabilidade.

Imediatamente, dentro de uma caixa transparente próxima ao Comodoro, materializaram-se depois de um flash luminoso, três vermes de cor clara, com mais de quinze centímetros cada, teletransportados para ali, diretamente da cabeça do oficial.

Eram os Ceti-Eel a que Elizabeth se referia...

Pelo universo, diversas espécies de Ceti-Eel são conhecidas sendo que, algumas se implantam nos corpos de suas vítimas, entrando pelas orelhas, e dali, conseguindo, obter controle sobre seus hospedeiros.

Neste caso especificamente, os vermes foram implantados diretamente no cérebro do Comodoro, transformando este, numa marionete, gerando ao seu redor, um campo de empatia que não permitia ninguém desconfiar do que acontecia.

Que o Comodoro até aquele momento servira aos interesses misteriosos de alguém ou, alguma coisa, estava mais do que evidente, pois, os próprios Ceti-Eel, no caso, tinham nos seus corpos, alguns componentes que não eram biológicos.

Através deste artifício, é que os as criaturas verminosas, recebiam as instruções deste alguém, indicando como o Comodoro deveria agir.

No momento que os vermes saíram do cérebro do Comodoro, ele ainda abriu os olhos, esticou a mão na direção do rosto de Elizabeth, e, logo em seguida estabeleceu com ela um elo mental.

***

Foi o último ato do Comodoro.

Os vermes haviam destruído todo o seu cérebro, mas, ele ainda conseguira transmitir através daquele elo mental, tudo o que sabia sobre seus algozes.

Um verdadeiro ato de redenção e confissão de pecados.

Em seguida, o Comodoro morreu e, Elizabeth fechou os olhos dele.

Com ar desolado, mais tarde, num lugar seguro, onde estava a sós com a Capitã Mare Boliveira, Elizabeth lhe confidenciou:

-Antes de morrer, a mente do Comodoro me mostrou que, existe mais gente em posições destacadas da Federação, que também se encontram na mesma situação que ele estava pouco antes do nosso elo.

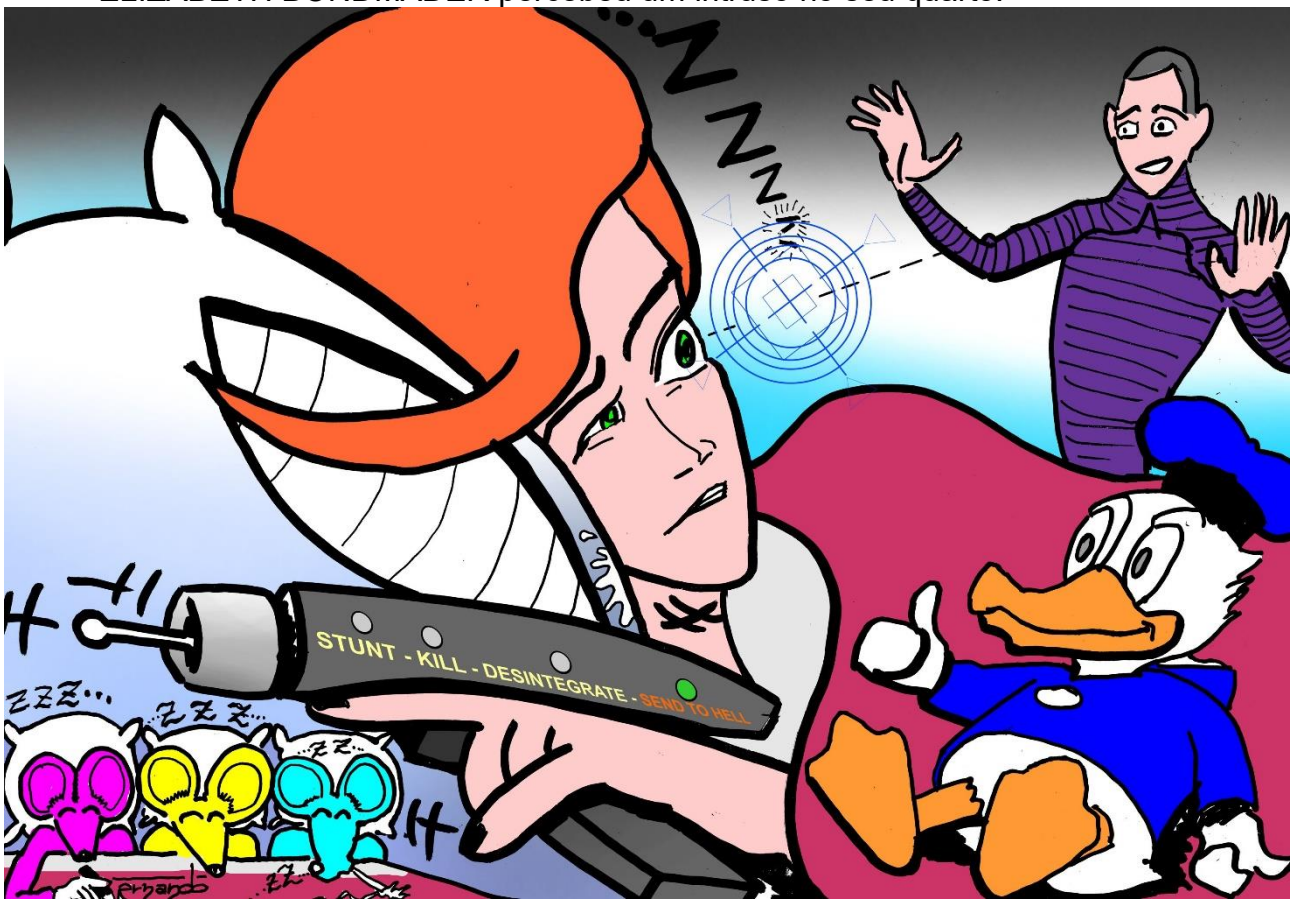
A Capitã Mare Boliveira arregalou os olhos e engoliu em seco...

Naquela mesma noite, ainda sob o impacto dos acontecimentos, depois de muito refletir, Elizabeth Bondmader, escreveu um extenso relatório direcionado ao Presidente Archer, onde sugeria uma série de reformas a serem adotadas nos serviços de espionagem que atendiam à Federação, criando ainda, se possível, uma agencia independente, de ação irrestrita, para prestação de ações em campos ou, espectros não abrangidos pelas atualmente existentes, que eventual e infelizmente, poderiam, já estar “contaminadas” por espiões indesejáveis.

***

# 2192

ELIZABETH BONDMADER percebeu um intruso no seu quarto.




Olhando em direção à janela viu alguém na poltrona de frente para ela.

-Boa noite, Elizabeth.

Sem demonstrar pânico, ela apenas arregalou os olhos, e começou a calcular a situação:

Não havia nenhum acesso destrancado para aquele cômodo, portanto, o intruso só poderia ter entrado ali através de algum tipo de teletransporte.

Com movimento quase imperceptível, deslizou a mão em direção ao travesseiro, mas, o visitante parecia conhecer o seu hábito:

-Não vai precisar da arma, Bete. Você ainda não me conhece, mas, somos amigos.

Ela olhou atentamente o rosto daquele homem.

De fato, nunca o vira antes...

-Meu verdadeiro nome é Timot Danlen, mas no futuro vou trabalhar com você sob a denominação de Agente Daniels. - Ele disse, e fechou os olhos como estivesse a se auto recriminar. - Droga! Eu não devia ter dito isso, mas... Escapou!

Elizabeth continuava sem entender nada...

Já passara por muita coisa, e, conhecera vários tipos esquisitos, mas alguém entrando no seu quarto, sem que percebesse, era novidade.

Por não sentir nele nenhum tipo de ameaça, e, até pela curiosidade, resolveu apertar o botão que acendia as luzes do quarto, porém foi interrompida:

-Um momento... - Disse Daniels. - Só vou te pedir toda força de convicção, na incumbência que irás receber.

“Poderá parecer um sonho realizado, mas tome cuidado e tenha prudência com o que deseja, pois, algum pesadelo, nesse caminho, também pode se concretizar.”

-O quê?!?! - Indagou Elizabeth.

Era muita frivolidade floreada para cabeça dela, ainda mais vinda de um intruso que

entrou no seu quarto misteriosamente quando pretendia dormir.

Não quis saber mais daquela conversa mole e logo acendeu a luz.

Assim que o quarto se iluminou, como num piscar de olhos, o tal Daniels não estava mais lá.

***

Elizabeth Bondmader mal teve tempo de se desconcertar.

Logo em seguida, soou um bipe sonoro, daqueles bem barulhentos.

Tão impertinente, que, Elizabeth se lembrou porque o havia instalado.

Provavelmente, havia alguma coisa urgente para resolver.

Contas para pagar? Impossível.

Ela era uma das poucas mulheres a ter gastos rigorosamente controlados.

Frota Estelar? De novo??? Mas ela estava de folga.

Teria morrido alguém? Alguma outra desgraça?

Imediatamente, com o barulho desagradável veio a ansiedade, que, para alguns assuntos, mesmo os métodos de meditação avançada do Mestre Bolinha Verde, não eram suficientes para controlar.

Sem tempo de tomar coragem, foi logo verificar do que se tratava, para enfrentar o problema.

Abriu sua caixa de mensagens e verificou a presença de uma que acabara de chegar, com tarja de ALTISSIMA PRIORIDADE.

Vinha diretamente da Presidência da Federação dos Planetas Unidos, com selo, assinatura e ainda, uma indicação logo junto ao seu nome:

*ELIZABETH BONDMADER (SOMENTE PARA O SEU CONHECIMENTO)*

*Pressione o botão abaixo com seu polegar direito.*

Na parte inferior do texto, havia bolinha vermelha, que Elizabeth apertou, seguindo a instrução.

Uma tela retangular bidimensional se iluminou, destacando o logotipo presidencial da Federação dos Planetas Unidos que, em seguida, foi substituído por uma mensagem gravada com o próprio Presidente Fundador Johnatan Archer exibindo seu costumeiro semblante sorridente, relaxado e tranquilo.

*-Elizabeth, Parabéns!*

*“Por recomendação de um amigo, autorizei a implementação imediata da Agência de Serviços Domésticos conforme sua sugestão.”*

*“Para coordenar estes trabalhos, se aceitar, você receberá uma promoção para o cargo de Diretora com status especial.”*

*“Anexo a esta mensagem, vai um pacote de protocolos e dados criptografados que somente você poderá acessar e gerenciar.”*

*“Caso aceite esta missão, você tem quinze segundos para desbloquear o arquivo, do contrário ele se autodestruirá, daí, nem a Agência funcionará conforme sua própria sugestão, tão pouco a promoção para o posto de comando somente a ela vinculado, terá qualquer validade.”*

*“Decida o que entender seja melhor.”*

*“Boa sorte e Felicidades!”*

*Archer out!*

Os olhos de Elizabeth Bondmader se arregalaram.

Agora, ela entendia o significado da mensagem de Daniels e o que ele quis dizer com “força de convicção” na incumbência que estava recebendo.

Os segundos passaram a correr enquanto olhava para a chave que desbloqueava os arquivos, e avaliava, sem calma ou tranquilidade, uma importante decisão que deveria tomar. A mais importante de sua vida.

Durante seus estudos na Academia, entre os diversos trabalhos que tivera oportunidade de fazer, estavam aqueles nas disciplinas de inteligência, estratégia militar e propaganda. Por conta de tais aprendizados, e com a experiência reveladora que tivera fazendo o elo mental com o Comodoro Barsark, escreveu a solicitação que mandou para o Presidente analisar, sem qualquer pretensão com isso.

Agora, de-repente, tinha que escolher e decidir o seu futuro no último segundo disponível, tendo até como base, o conhecimento do fato que, a Federação já estava, naquele exato momento, infiltrada com tipos da mais alta periculosidade, e, assim que resolvesse enfrentá-los, sua vida estaria imediatamente ameaçada.

Que caminho tomar?

***

O NOVO Presidente da Federação dos Planetas Unidos, tendo definitivamente assumido seu cargo, finalmente se desvencilhou da movimentação para esvaziar a bexiga.

Aliviou-se, lavou as mãos e, foi para o escritório do seu apartamento onde encontraria um pouco de paz, até mesmo descansando um pouco da família.

Mal sentou-se na poltrona, o monitor tri-dimensional ao seu lado se iluminou, com uma voz feminina avisando:

-Alerta: o Senhor tem UMA mensagem.

Prioridade Principal.

O NOVO Presidente não ficou nada satisfeito.

Mal acabara de receber o cargo, nem chegara direito ao aconchego do lar e, até ali, já tinha gente no seu encalço.

Relutantemente, deixou tocar um pouco mais o alarme, até atender a mensagem.

-Pode colocar no monitor principal. - Autorizou o NOVO Presidente.

Imediatamente, a imagem de uma mulher ruiva deslumbrante e de olhos brilhantes, apareceu.

O NOVO Presidente até arregalou os olhos, limpou uma baba que queria escorrer pelos cantos da boca, e, não conseguiu falar nada, tão abestalhado ficou, com tamanha beleza celestial.

-Olá Sr. Presidente. - Saudou-lhe aquela maravilha de Deus, e voz angelical. - Meu nome é Elizabeth Bondmader, e sou Diretora da E.Y.E. a nova agência de SERVIÇOS SECRETOS para a FEDERAÇÃO.

-Creio que não conheço esta Agência específica. - Disse o Presidente, se recuperando do espanto inicial, diante daquela mulher alpha.

-Essa Agência foi criada pelo Presidente Archer e trabalha, com orçamento e, ordenamentos independentes, atuando em defesa da Federação dos Planetas Unidos, sendo que, eu mesma serei o seu contato operacional.

“Estou aqui para, antes de mais nada, lhe desejar boa sorte e cumprimentá-lo pelo cargo.”

-Obrigado. - Agradeceu ao Presidente.

-Também quero colocar o E.Y.E. à sua disposição, para ajudá-lo, dentro do que estiver ao nosso alcance.

-Que bom!

Foi então que Elizabeth assumiu um tom ainda mais sóbrio e colocou seu colossal e maravilhoso decote, também em destaque na imagem, um truque elegante que as mulheres peitudas usam para dar mais autoridade a suas palavras.

-Como já lembrei antes, Sr. Presidente, o orçamento e os ordenamentos do EYE, são independentes, e Vossa Excelência verá que a cadeia de comando aqui não estará diretamente sob sua influência ou sob a de nenhum político, estando sujeita somente ao meu critério, que será meritório.

O Presidente não disse nada.

-Esse Serviço Secreto, Sr. Presidente, existe para garantir a integridade da Federação num grau de discrição muito maior do que as outras Agências de Inteligência, a seu serviço e da Frota Estelar., destarte que, com o E.Y.E., somente Vossa Excelência terá conhecimento e contato direto.

“Estamos aqui para servir, mas, não acataremos ordens ilegais que visem vantagem, benefício pessoal, avanço de algum poder, ou, ameaça que não vá de encontro aos ideais da Federação.”

“Um protocolo chegará a suas mãos indicando o caminho para nos acionar.”

“Mais uma coisa:“

“Minha função não é a de fazer julgamento, mas, a de colher informação e, eventualmente agir por meios extraoficiais, até ilícitos, visando alcançar o objetivo que for necessário, SEMPRE, a BEM da Federação.”

“Para demonstrar a seriedade e importância dos serviços aqui levados a cabo, quero aproveitar a oportunidade para sugerir, que encontros extraconjugais com a Sra. Nixia, sejam suspendidos, pois, sua esposa suspeita de alguma coisa, e até já contratou um detetive para acompanhar sua movimentação.”

Os olhos do Presidente se arregalaram.

Somente dois seguranças da sua equipe, sabiam dos seus encontros com Nixia.

Aquela informação era altamente sigilosa, e, se sua mulher soubesse de tal traição, todo seu projeto frente à Federação corria risco de ir abaixo, já que, seria chantageado de tudo quanto é lado, pelas forças mais inescrupulosas existentes.

Elizabeth mostrou que ainda tinha mais cartas na manga:

-Sugiro cautela máxima, pois a Federação, no momento está acolhendo pessoas e organizações de boa índole, mas, também, nesse sistema está entrando muita gente infiltrada com interesse em desbaratar tudo o que foi feito de positivo até agora.

“Dentro do possível, checaremos o que estiver ao nosso alcance e te repassaremos.

“E só para finalizar, Sr. Presidente. Entre seus financiadores existe um romulano morando em Marte, que têm em seu poder um grande estoque de ouro paralatinum escondido e não declarado.”

“Ele deve declarar este patrimônio às Autoridades fazendárias, para ninguém acorde amanhã cedo, com a polícia batendo na porta de casa, já que, tal omissão, é criminosa no nosso ordenamento jurídico.”

Elizabeth fez uma pausa, e continuou:

-Conte com minha ajuda, que eu estarei às ordens. Obrigado pela atenção. Não interromperei mais Vossa Excelência.

A imagem da Diretora E.Y.E. (Serviço Secreto da Federação), se apagou, deixando boquiaberto o novo Presidente, que agora sabia ter mais um par de olhos, (ou, milhões deles) vigiando o seu mandato.

E assim inicia-se uma nova era de mudanças impactantes, com repercussões difíceis de serem calculadas, até mesmo num futuro distante e mais bem informado, já que tudo referente ao Serviço Secreto da Federação, seria coberto por absoluto sigilo.

***

FIM DA INTRODUÇÃO

****

Depois do elo mental, confirmou-se a percepção que Elizabeth Boundmader tinha a respeito do Comodoro Barsark: o vulcano de cabelos oxigenados era um bom homem fiel aos princípios da Federação.

Antes de ter os vermes implantados no seu cérebro, sempre estivera entre os mais honrados oficiais da Frota, e até mesmo por isso, foi escolhido para espionar a serviço de forças monstruosas, muito além da compreensão da própria Federação que nesta se infiltraram, assim como fizeram na mente do Comodoro.

Elizabeth sabia, e estava revoltada!

Especialmente, pela forma como se deu o aliciamento de Barsark.

O Comodoro sempre fora um vulcano devoto à caridade, e, por conta deste seu mérito, e através de indução a erro, os pilantras conseguiram espaço na sua agenda, a fim de conduzi-lo a local preparado para teletransportar os vermes dentro do seu cérebro, sem que esta ação fosse percebida por ninguém.

Realizada a pérfida infiltração, aqueles bichinhos simplesmente dominaram a mente do velho oficial, tornando-o uma simples marionete.

Assim, além de trabalhar para algo que não gostava, acabou fazendo contato com outras pessoas que serviam a este poder.

Algumas, escravizadas como ele, outras, chantageadas, muitas enganadas, e até, as voluntarias!

Deste modo também conhecera diversos dos planos deste verdadeiro “deep state”, bem como seus quarteis e lugares de encontro. Dentre estes, aquele utilizado de isca para pegar Comodoro; o interior de um CASINO onde desenrolou-se o evento supostamente filantrópico em que se deu a odiosa traição.

Ainda que estivesse vivo, o próprio Comodoro não aprovaria, Elizabeth visitando este lugar visando um necessário acerto vingativo de contas.

Mas Bete já decidira mesmo realizar tal acerto de contas e, se tudo desse certo, ela faria até uma caixinha para o E.Y.E. (Serviço Secreto da Federação), já que, para esta nova Agencia, o Presidente Archer, pão duro como sempre fora, até concedera algum poder jurídico-burocrático, mas, NENHUM dinheiro vivo.

***

# APOSTA ROYAL, em CASINO ESPACIAL

## 1

-Você parece tensa... Precisa se acalmar. - Disse Paul com sua voz desprovida de emoções.

-Estou tensa? Verdade? Nossa! Que genialidade a sua! Por acaso estamos num passeio para diversão?

-Acho que sim. Afinal, você me chamou dizendo que estava indo para um casino.

-Passeio a trabalho, Paul.

-Ah sim! Eu trabalho e você passeia.

Elizabetn Bondmader olhou com o canto dos olhos para a imagem de Paul no monitor.

-OK Bete. Não precisa ficar brava. Tente se acalmar.

No monitor, Paul aparecia olhando alguma coisa ao seu lado enquanto dizia:

-O sistema de comunicações vai dar sinal.

Imediatamente, um bipe se fez ouvir no painel para o qual olhava Elizabeth.

Era o sinal ao qual Paul se referia.

-O Casino está chamando. - Disse ele.

Em seguida, no painel, apareceu uma plaqueta retangular preta plastificada.

-Seu cartão de identificação e pagamentos está pronto.”

Elizabeth pegou-o, e verificou se estava ok.

-Agora é só ir lá, e se esbaldar jogando.” - Disse Paul. - Aproveite para se divertir.

Depois desta breve explicação, a chamada do casino, se repetiu através do bipe.

Uma voz masculina, de locutor de rádio, manifestou-se pelo sistema de comunicação:

-Você está entrando no perímetro de controle do Casino OASIS do ESPAÇO.

“Por favor, coloque os controles em posição AUTOMATICA para que sua espaçonave seja adequadamente atracada nas docas.”

Elizabeth procedeu conforme solicitado, em seguida, a espaçonave que no momento pilotava, a MOSAICO, passou a ser conduzida por um raio azulado e brilhante de controle.

Novamente, a voz masculina voltou a dar instruções:

-Por favor, indique seu meio de pagamento, para solicitar os serviços na área de docagem e garantir o acesso às instalações.

Elizabeth, inseriu o cartão que Paul lhe preparara, numa fenda de leitura.

Ao lado desta, havia um botão que ela apertou, indicando ser aquele o meio de pagamento a se utilizar. O cartão então foi escaneado, e os dados ali contidos, enviados.

Segundos tensos se passaram...

Elizabeth estava utilizando um meio fraudulento desenvolvido por Paul para ludibriar o sistema de pagamentos do Casino.

Se a fraude fosse descoberta, ela poderia ser presa e, o seu plano de fazer algum dinheirinho fácil, ruiria.

Nem mesmo teria como fugir, pois, a MOSAICO era uma pequena e desarmada nave auxiliar, que rapidamente seria alcançada pela segurança do casino.

O tempo passou, com ela forçando um momento de tranquilidade, na sua mente agitada, até que veio a tão aguardada LIBERAÇÃO.

O cartão foi aceito.

Virou-se para o monitor, onde, até então, estivera a imagem de Paul Harburus.

Agora estava apagado!

***

Tensa, ela deixou a espaçonave e seguiu através dos imensos tubos transparentes antigravitacionais, até o saguão de chegada, onde apresentaria seus documentos.

Durante o caminho, aferiu a imensidão daquelas instalações.

O casino ficava em meio ao espaço sideral, nos limites da Via Lactea, o que, permitia magníficos vislumbres do cosmo, através de suas janelas transparentes.

No CHECK POINT, os documentos de Elizabeth foram novamente conferidos.

Aí também, ela manteve sua tranquilidade e característica cara de pau, que desenvolvera graças às suas paqueras com os grandes chavecadores seduzidos por seus diversos encantos.

Mais uma vez, passou o cartão preto, e, após outros tantos segundos tensos, teve acesso totalmente franqueado às instalações do Casino.

Quando achou que já podia ficar mais tranquila, logo foi questionada novamente:

-Gostaria de seguir para o seu apartamento, Sra. Elizabeth?

-Não. - Respondeu ela, para a voz digitalizada, que lhe fazia a indagação. - Já fiquei muito tempo na cabine de minha nave.

“Quero agora um pouco mais de espaço para me movimentar.”

-Posso fazer alguma recomendação? - Indagou novamente a voz digitalizada.

-Sim. O que sugere?

-Gostaria de jogar?

-Sim.

-Jogos clássicos ou digitais?

-Clássicos.

Ao redor de Elizabeth, de diversas partes no seu entorno, apareceram flutuando vários ícones coloridos indicando opções de jogos, que se dispuseram ao seu redor formando um cilindro brilhante.

Tocando, escolheu um dos ícones, que tinha desenhos com os tradicionais naipes de cartas do baralho da Terra. Em seguida, todo o restante se apagou.

A voz, ainda indagou:

-Confirma esta opção?

-Sim. - Respondeu ela.

-Prefere jogar num cubículo de isolamento social, ou gostaria de se juntar a outros jogadores?

-Quero me juntar a outros jogadores.

Apareceu então, flutuando adiante de Elizabeth, um brilhante texto, escrito em cor branca, com letras luminosas.

Era um termo que desobrigava o estabelecimento, a ressarcir qualquer dano causado por doenças contagiosas que outros frequentadores do local pudessem ter, e, que, a frequência dela, ali dentro, ficava por sua inteira conta e risco.

Assim que assinou o termo, encostando a ponta do dedo, no quadrado verde, com letras brancas, escrito CONCORDO, foi imediatamente teletransportada para o estabelecimento onde participaria dos jogos de carteado.

***

Elizabeth então, viu-se numa sala escura, com móveis em estilo vitoriano, e pessoas trajando-se de forma adequada para a época.

Ela mesma, agora trajava um vestido cheio de bordados, rendas e rococós, bem diferente da roupa preta simples de trabalho.

Era tanta frivolidade por ali, que chegava a lhe fazer mal.

Uma atendente do casino, vestindo camisa, branca, calça e colete preto, apareceu lhe perguntando:

-Gostaria de sentar-se à mesa de jogo com os outros apostadores?

-Os apostadores estão jogando contra a casa? - Indagou Elizabeth.

-Estão jogando entre si.

-Eu quero jogar contra a casa.

-Ahhh... - Suspirou a atendente.

“Se me permite um comentário, vejo que é dona de um espírito aventureiro, pois, contra a casa, as apostas são maiores, e, os desafios também.”

“Eventualmente, os prejuízos são brutais.”

“E a casa só joga pela vitória.”

Aquela era uma advertência que, sutilmente, Elizabeth estava recebendo.

Caso fosse enfrentar o casino, estaria jogando provavelmente contra alguma inteligência artificial, quase impossível de ser vencida.

Se perdesse o jogo, o risco de ser transformada em escrava, era considerável.

-Eu quero jogar contra a casa.

Nesse momento, o tempo pareceu congelar ao redor de Elizabeth.

Um silencio avassalador, tomou conta do salão e todos ali olharam para ela, como se algo enorme estivesse prestes a ocorrer.

O atendente, por sua vez, manteve a fleuma e deu as condições da partida, que, naturalmente, não eram nada benéficas para Elizabeth.

É claro!

Até por serem as regras ali exigidas tão rigorosas, os prêmios conquistados, eram muito mais valiosos, num eventual caso de vitória.

-Não serão permitido o uso de poderes mágicos, psicosinéticos, auxílio externo ou computadorizado.

“Caso qualquer destes artifícios seja utilizado, as suas apostas serão perdidas em favor da casa.”

-Não preciso de nada disso. Basta-me o preparo pessoal.

-Seu preparo pessoal está longe de ser a preocupação da casa.

“Use-o à vontade.”

Elizabeth apenas sorriu.

A atendente então, indicou-lhe uma sala especial, com paredes de vidro ao redor.

Elizabeth sentar-se-ia, diante de um robô de formas humanoides que representaria o casino, sendo neste embate, o  seu oponente.

Fora das paredes de vidro, à prova de som, ficavam espectadores e curiosos que participavam apostando contra ou a favor daquele jogo.

O robô apontou para um painel ao lado de Elizabeth, onde esta deveria mostrar que tinha cacife para sentar-se à mesa de jogos:

-Como vai apostar?

Elizabeth fez uma expressão de pura trivialidade, como se apostas de somas polpudas fossem-lhe a coisa mais normal, e, sacou do decote alucinadamente avantajado, o cartão preto brilhante.

No painel indicado pelo robô uma fenda se destacou, com moldura vermelha piscante ao seu redor.

-Por favor, insira o seu cartão na fenda.

Lá ia, novamente, Elizabeth Bondmader utilizar o cartão fabricado.

Nesse momento, manteve a sua mais absoluta tranquilidade, pois sabia que, estava sendo analisada de todos os modos possíveis.

Mais alguns segundos se passaram.

Elizabeth respirou profunda e tranquilamente, avantajando ainda mais o tamanho monumental dos seus peitos gigantes.

No monitor diante dela, apareceu uma mensagem.

-OPERAÇÃO CONFIRMADA. ECOLHA O VALOR DA APOSTA.

Elizabeth começou devagar.

Queria fazer um teste antes de se divertir de verdade...

Então deu início à partida.

Sobre a mesa, as cartas passaram a ser distribuídas e jogadas em velocidade impressionante.

Elizabeth respondia com classe, dentro dos tempos exigidos, usando gestos matematicamente calculados, sem excessos ou faltas.

Seu rosto mantinha um sorriso zombeteiro, sem que um mísero milímetro nele se mudasse, qualquer que fosse a cartada que chegasse ao jogo.

Logo vieram os resultados.

Vitória, vitória, empate, empate...

Elizabeth não perdia nenhuma partida.

As que não conseguia vencer, não avançava.

O baralho foi trocado diversas vezes, mas, o jogo de Elizabeth continuava implacável.

Fora da mesa, as apostas seguiam em modo surpreendente, havendo aqueles que punham tudo na desafiante, e outros que esperavam algum tipo de virada para a casa.

Coisa que, estava demorando para acontecer.

Elizabeth mantinha-se concentrada no jogo, disposta a não perder nenhuma.

Sua habilidade no carteado, não era só coisa de preparo matemático com o Mestre Bolinha Verde, mas, com o pai, que desde cedo já lhe ensinou tudo quanto era macete, nos mais variados tipos de jogos, incluindo videogames de ação, raciocínio ou estratégia.

Isso explica em parte, porque Elizabeth tornou-se a filhinha brava que todos os pais gostariam de ter.

Assim, percebendo que o páreo ali, era duro, a inteligência artificial passou a se adaptar, diminuindo os valores pagos, já que, Elizabeth só apostava alto quando formava logo uma mão cheia.

Mesmo assim, a casa, não estava conseguindo vitória contra a oponente que, jogava rapidamente, sem avançar quando as chances não estavam favoráveis, e partindo para a agressividade total em caso contrário.

Diante de um jogo beirando o profissionalismo extremo e total perfeição, a inteligência artificial mudou a tática, encerrando os jogos contra Elizabeth.

-As pequenas apostas estão encerradas contra a Sra., visto que, não veio aqui para se divertir e só para ganhar.

É claro que Elizabeth estava lá só para ganhar...

Aquela, porém, era uma justificativa idiota inventada para tentar tirar a jogadora feroz e ganhadora do carteado, tendo em vistas que a casa estava tomando um belo prejuízo.

-Vou apostar metade dos créditos do meu cartão. - Disse ela zombeteiramente. - Achas que pode me derrubar?

O robô abriu um novo baralho, embaralhou, e distribuiu as cartas pela mesa.

As cartas, agora, favoreciam o jogo de Elizabeth, e ela fez seus lances.

Entretanto, ela parecia mais relaxada do que antes, e logo de cara não deu as melhores cartadas, oportunidade que, o oponente mecanizado não perdeu e aproveitou para vencer decisivamente.

Elizabeth Bondmader arregalou os olhos, com aquela virada drástica.

Colocou os dedos da mão direita sobre a testa enquanto vislumbrava o valor dos créditos do seu cartão despencando alucinadamente.

-A casa vence. E as partidas estão encerradas nesta mesa.

A clássica manobra.

Agora que a casa havia arrancado as penas do seu pato, fechava a mesa para reformas.

Provavelmente porque calculou que, se o jogo continuasse, Elizabeth se empenharia com mais ânimo ainda, tentando recuperar o prejuízo.

Estava claro que ela era uma adversária perigosa que não deveria ser menosprezada. E Bete sabia que todos estavam de olho nela...

Deu um soco na mesa, tirou o seu cartão do painel e saiu resmungando.

-Aqui vocês não me arrancam mais dinheiro!

Saiu raivosa, andando com aquele estilo das modelos que desfilam pelas passarelas de moda.

Claro que chamou a atenção de todo mundo ao seu redor.

Perdeu com estilo uma grandíssima bolada, mas, saiu brava dando uma belíssima rebolada.

***

Foi então para um dos bares do casino, onde sua presença já alvoroçou o ambiente.

Claro.

Além da sua translumbrante beleza natural, agora estava vestindo o famoso biquini de moedinhas azul-prateadas que um dia já fora de sua mãe, adornado ainda, com uma belíssima jaqueta de couro, onde guardava seus documentos e papeis importantes.

Não carregava armas, pois, entre outras coisas, estava ali, para se divertir.

Apenas a jaqueta, os óculos escuros e o cartão preto.

No bar, foi logo cercada por paqueradores querendo lhe pagar todo tipo de mordomia. Nada daquilo lhe interessou.

Só uma proposta que foi feita ali:

-Recupere seu dinheiro perdido na torre de xadrez 3D. Ela está pagando para o ganhador, oito vezes o valor que você perdeu nas cartas.

A ideia interessou Elizabeth:

-Onde? - Indagou ela.

-Sente-se.

Elizabeth foi levada a uma poltrona destacada no meio do salão.

Tão logo ela sentou-se, à sua frente, uma mesa redonda com mais de um metro de

diâmetro ergueu-se do chão, onde, até então, estivera embutida.

Ao seu lado, foram colocados algumas bebidas e petiscos, que, imediatamente, nossa protagonista passou a saborear.

Juntaram-se diversas pessoas na sala ao redor, e, quando todos pareciam acomodados, a mesa adiante de Elizabeth se iluminou, com um tabuleiro de xadrez sendo projetado nela.

Não era um tabuleiro qualquer e sim, um de nove andares, produzido com feixes de luz azul clara brilhante, sendo que, além das peças tradicionais, dispostas no nível central, superior e inferior, imediatamente próximos, a este, haviam ainda, em cada um, outra fileira adicional de peões ocupando a primeira casa.

Mais uma vez, outro painel foi colocado perto de Elizabeth.

Ela constatou logo numa primeira olhada, que as apostas ali, eram de fato altíssimas, destarte que, se jogasse direitinho, poderia mesmo recuperar o prejuízo, com lucro.

Em voz alta, de forma a ser ouvida por todos, sem que fosse de qualquer modo provocada por ninguém, de-repente, ela disse:

-Não tem Lei de Murphy que me derrube hoje.

****

O jogo começou fechado, sem que nenhum dos lados desse qualquer espaço.

Elizabeth, com as pretas, não permitia qualquer tentativa de avanço do adversário,

sempre respondendo, na medida do possível com igualdade de força e posicional.

Deste modo, em todos os planos, começou a se desenhar uma partida travada, com pouco espaço inicial para desenvolvimento.

Mas isso estava na programação de Elizabeth, pois logo que surgiu a primeira oportunidade, começou o seu ataque aberto através do qual, manteve uma clara vantagem até os momentos finais da partida.

Por conta dessa estratégia, e ainda, pelo jogo rápido entre as partes; um desenvolvimento que poderia durar dias, estava indo para os seus finalmentes, em poucas horas.

E até aqui, com Elizabeth mantendo uma clara vantagem, eliminando pouco a pouco, como um trator, todos os problemas e gambitos que lhe eram colocados no caminho.

Sentia-se melhor jogando decididamente, mas com tranquilidade, sem inúteis manobras mirabolantes, que, só desviassem do caminho para a vitória.

Tinha outra razão para jogar com agressividade.

Não haveria segunda oportunidade para tentar a sorte, portanto, era vencer ou vencer, até porque, em caso de empate, a aposta se mantém toda com a casa.

Era uma exigência que tinha de se submeter, e, não havia como reclamar.

Como os planos transcorriam bem, ela não estava preocupada, até por ter agora superioridade de peças, caçando implacavelmente o Rei adversário cuja única opção era a fuga.

Tão confiante ela estava que passou até a deixar escapar sorrisos marotos, como quem já estivesse a dizer:

-Já ganhei mais esta. Ninguém me segura. Eu tenho preparo.”

Àquelas alturas ela já jogava piscadelas para fora da mesa, fazendo até certo malabarismo com as peças capturadas.

Num lance displicente, ela deixou o Rei adversário sem opções, ou seja, ele não podia se mover, mas, não estava morto.

Um verdadeiro empate. Não havia como o jogo prosseguir.

Com este impasse, Elizabeth Bondmader perdia todos os créditos que tinha no seu cartão vendo ruir seus planos de vitórias estrondosas...

***

Pelos corredores da amargura do casino, Elizabeth via-se desprovida de créditos ou dinheiro, até mesmo para tomar um mísero suco de laranja, deste modo, sem maiores motivos para permanecer no casino, teve que retornar à MOSAICO.

Fazendo cara de pau no cu, típica do turista que volta para casa só com as roupas no corpo e dívidas no cartão, Elizabeth desatracou sua espaçonave acelerando rumo ao espaço aberto.

Lá pelas tantas, olhou pelo espelho retrovisor, ou melhor, pelo monitor de popa, onde via as gigantescas instalações do casino diminuírem de tamanho, por conta do aumento da distância.

De-repente, o casino apagou inteiro, juntamente com tudo ao seu redor desaparecendo em meio ao negrume espacial.

Por outro lado, na proa da Mosaico, a visão era distinta.

Do nada, inesperadamente, materializou-se uma colossal espaçonave cargueira.

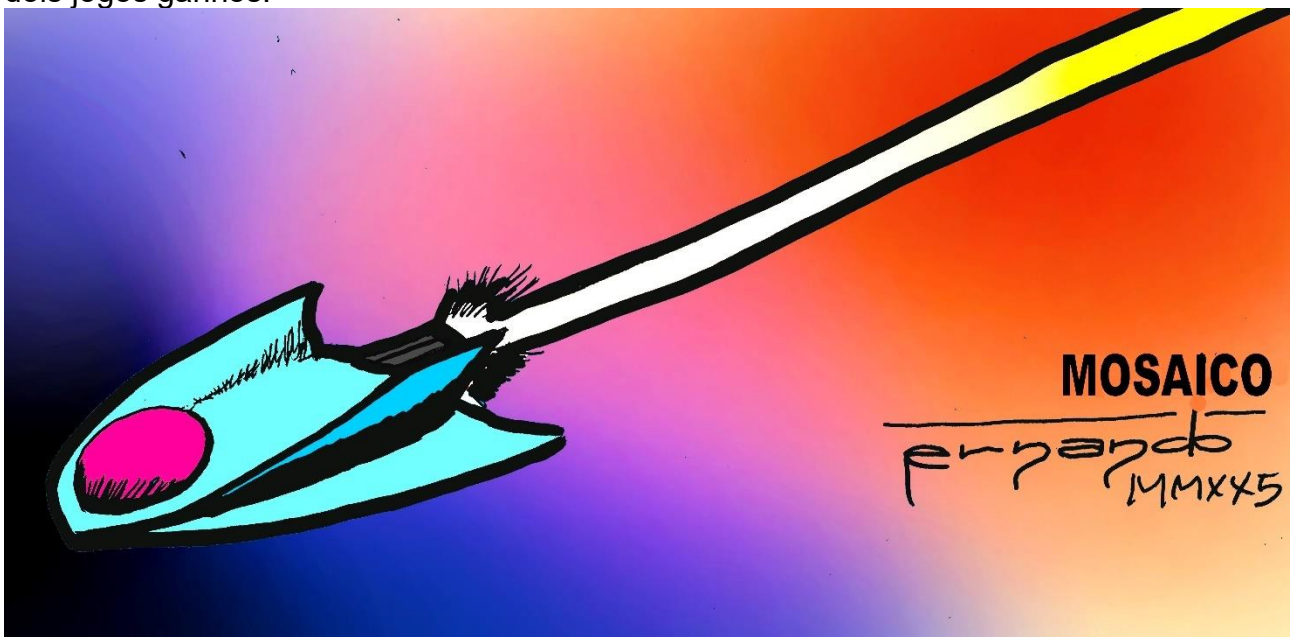
Percebendo o tamanho do objeto em seu caminho, Elizabeth nada fez para desviar.

No cargueiro entretanto, abriram-se imensos portões por onde entrou a Mosaico, que, logo em seguida, pousou num imenso hangar.

Ainda dentro da cabine de pilotagem, sentada na sua poltrona, Elizabeth viu no monitor de comunicações, aparecer a imagem de Paul.

-Espero que tenha se divertido no seu passeio pelo casino. - Disse ele.

-Está tirando sarro da minha cara? - Indagou Elizabeth brava. - Tive que entregar dois jogos ganhos.




***

INTERLÚDIO para PAUL DIGITAL

Assim como nas melhores origens de super-heróis, ainda existem histórias que são mudadas graças a sacrifícios pessoais idealísticos em nome da ciência.

Paul Harburus, um estudioso convicto no próprio conhecimento, para provar o valor de suas teses, sem expor à risco vidas alheias, resolveu ele próprio ser cobaia de um experimento laboratorial onde copiaria todo o conteúdo da sua mente para formato digitalizado capaz de existir mesmo no interior de um disco rígido.

O experimento foi bem-sucedido e todas as memórias de sua vida “backupeada” no computador do pesquisador.

Sem dúvida, um feito gigantesco para a ciência e para a humanidade.

Tão intrépido ato de heroísmo, entretanto, nunca seria de conhecimento público.

Não por culpa de Paul, que calculou tudo muito bem, eliminando qualquer margem de erro, mas, pela traição de Keyhmn um figurão que se dizia seu amigo, irmão do peito e “camarada”, mas prejudicou o experimento, que ainda assim foi bem-sucedido, ao digitalizar toda a informação no cérebro de Paul até aquele momento.

Tal ato de sabotagem causou uma trágica explosão incendiando tudo, inclusive tirando a vida do heroico cientista conectado inconsciente aos equipamentos destruídos.

***

Arrimo de família simples e humilde, Paul deixou mãe e irmãs, que, com poucos meios para sobreviver, foram obrigadas a se desfazer de todos os bens do jovem, cuja vida fora sacrificada pela ciência.

Elizabeth Bondmader se prontificou a ajudar tão importantes amizades da maneira que pôde, até por ser amiga do Paul, que, trabalhou como modelo negro para produções diversificadas, e sempre fora um verdadeiro “gentleman” humilde e esforçado.

Da família, Bete comprou diversos itens pessoais do laboratório do Paul, incluindo o hard disc e o computador que malfadadamente participaram do seu fim.

Assim por curiosidade, ela aproveitou para tentar saber que experimentos Paul fazia antes de morrer, coisa que, nem mesmo a própria família tinha ciência.

Separou no meio do conjunto de peças do computador, aquilo que funcionava, do que era imprestável, e, usando as poucas peças aproveitáveis, juntou estas, a outras para fazer um maquinário ainda mais robusto que aquele que Paul antes utilizara.

Acoplou ali, o hard disk com todos os dados obtidos do mortífero experimento e rodou o programa executável que colocaria tudo em funcionamento.

Ou não???

***

Primeiramente os sistemas de defesa viral e informático sinalizaram algum tipo de problema. inesperado ou incontrolável. Depois... A coisa ficou ainda pior.

No seu monitor, Elizabeth presenciava uma luta entre seus anti-virus e sistemas de proteção/segurança, do super-computador portátil, contra o programa executável do Paul, e o que quer que nele tivesse.

Aí então... Tudo se apagou de vez.

Quando Elizabeth começou a pensar que sua máquina tinha pifado, e nos gastos que teria até para vender aquele ferro-velho como sucata, ocorreu a ressurreição.

O computador voltou aparentando mais força e potência do que antes.

O monitor também reacendeu, e foi aí que Elizabeth realmente ficou surpresa:

Estava ali, com a pele bem mais escura do que já fora naturalmente em toda sua vida, uma imagem de Paul Harburus. Ela se mexia, e falava:

-Oi Bete.  Sou eu mesmo... O Paul..."

***

-Quer dizer... O Paul original morreu. - Disse a imagem no monitor. -  Mas, eu agora sou o Paul... Melhorado.

-Paul? Melhorado? - Indagou Elizabeth com cara torcida. - O Paul que eu conheci está no céu. Bem melhor do que eu aqui...

Sem aviso, uma imagem tridimensional de Paul vestindo roupas pretas formou-se.

Logicamente não era um ser vivo real, mas, a representação estava muito boa.

-Agora estou completamente digitalizado. Dentro de qualquer sistema informatizado, sou praticamente imbatível.

"Nestes meios agora nada se esconde de mim."

"Tenho domínio sobre qualquer programa, ou linguagem informatizada."

"Posso quebrar barreiras, manipular programações, forjar dados, créditos e toda sorte de dados para qualquer finalidade."

Elizabeth Bondmader compreendeu o que aquilo significava e suas eventuais implicações, mesmo assim, não conseguiu se conter...

-Com estas habilidades, eu poderia até, te arrumar emprego. Você ajudaria muita gente.

-O salário é bom?

-Salário bom? – Indagou Bete com sua típica cara de chefa enfezada. – OPA meu querido! Pensei que seu trabalho fosse por altruísmo, afinal, o quê, uma inteligência artificial faria com salário?

-Na verdade não posso ser categorizado como inteligência artificial, e sim, como bioconhecimento digitalizado, aí sim, em ambiente computadorizado.

"As menores unidades de conhecimento que me regem, são oriundas de experiência e vontade, ao contrário das orientações na maioria das inteligências artificiais, baseadas em rígidas programações."

"E particularmente, no meu caso especial, o salário seria utilizado na aquisição de mais memórias..."

-Bio conhecimento digitalizado????

"Acho que esse termo talvez não seja o mais apropriado, filosoficamente falando. Na minha opinião, você estaria mais para uma cópia pirata de software rodando em supercomputador."

-Seu ponto de vista é muito interessante, Bete. Vale a pena uma conversa a respeito...

-Sem dúvida. Paul...

“Aliás...”

“Vou te chamar de Paul Digital, já que, o original Paul Harburus, nesse momento se encontra num plano de existência melhor que o nosso. “

-Outro ponto de vista interessante, Bete. Sobre o qual vale conversarmos.

“De qualquer forma aceito a denominação Paul Digital, que, de fato, melhor condiz com a minha condição atual.”

-Teremos muito tempo para várias conversas, Paul, para tanto, gostaria que você estivesse trabalhando lado a lado comigo. A causa é boa... Em favor da humanidade.”

-Vou aceitar, Bete. Sempre, nas interações que tivemos, mesmo anteriormente, quando Paul Harburus existia, você foi excelente mentora além de amiga leal.

“Tenho certeza de que tais experiências me beneficiarão bastante.”

-Fico satisfeita em saber que ajudei o Paul original e sua família de algum modo.

“Ele sempre foi muito talentoso e não mereceu o fim que teve.”

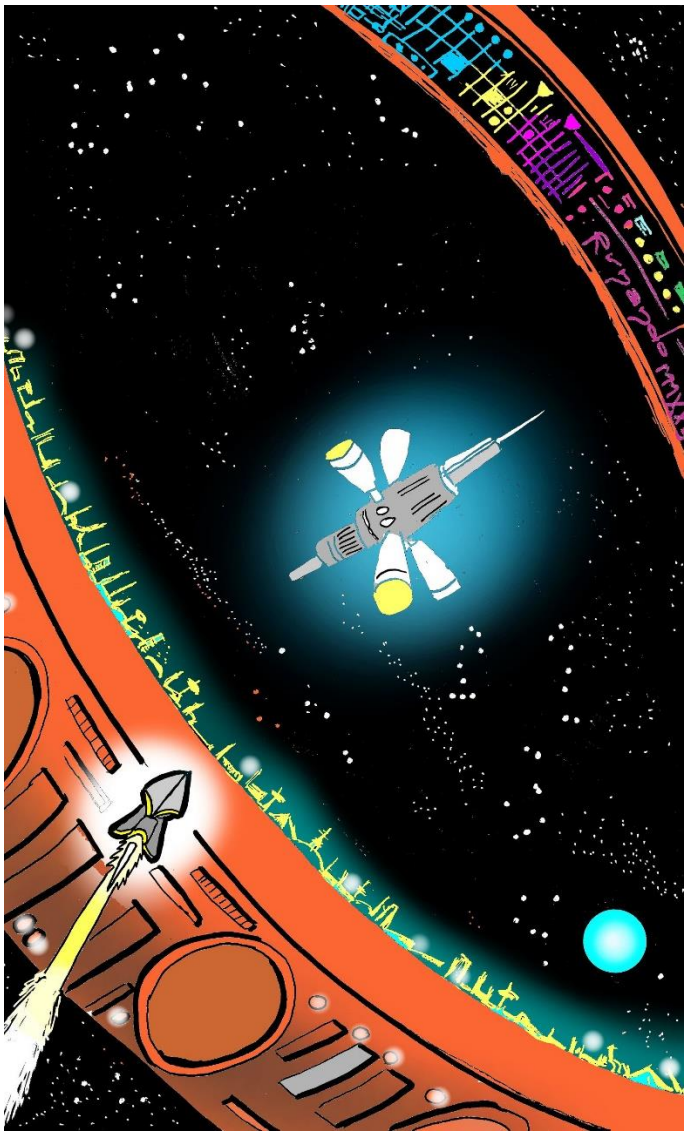
“De qualquer forma a experiência dele sempre foi de extrema valia, e tenho certeza de que, agora, neste novo formato, será uma ajuda imprescindível.”

“Teu trabalho vai te pagar não só com as experiências e memórias desejadas, mas também, com a satisfação de ter ajudado a proteger a humanidade enfrentando os maus!

-Combinado, Bete. Estou de acordo. Formaremos excelente parceria.

-FIM DO INTERLUDIO-

***



A escotilha da MOSAICO se abriu.

Saindo por ela, Elizabeth viu-se dentro do imenso hangar onde estacionara a pequena espaçonave auxiliar que até então utilizara.

Desceu as escadas para o piso, ouvindo no fone de ouvido, a voz tranquilizante de Paul “Digital”:

-Os créditos usados para pagamento de suas despesas, depois que foram aceitos pelo sistema contábil do casino, fizeram uma leitura e rastreamento de como tudo funcionava ali dentro e agora, tenho acesso irrestrito a todos os comandos e controles

-WOW!!! Gostei da forma como você disse:

“Tenho acesso irrestrito a todos os comandos e controles”. - Comentou Elizabeth.” – Parece coisa de vilão dos filmes da sessão da tarde.

-Para você, tenho que ser rigoroso até os últimos detalhes. - Respondeu Paul.

Elizabeth, deu um pequeno sorriso com o canto dos lábios dizendo:

-Ok! Então desligue o casino inteiro para trabalharmos.

-Você manda, chefa.

***

Quando chegou ao comando do cargueiro espacial onde havia pousado a nave auxiliar MOSAICO, aproximou-se de Bete, um robô flutuante, com formato de mini barril, tendo dois leds azuis, e uma antena, no topo arredondado.

Externamente, não tinha braços, pernas ou rodas, sendo pintado em cor branca com faixas pretas.

-Qual a situação, Szucker? - Indagou Elizabeth.

-Tudo sob controle, madame. - Respondeu o robô.

Elizabeth olhou com cara de poucos amigos para o auxiliar ao ser chamada de madame e sentou-se na poltrona de comando, verificando o monitor diante de si com a imagem do imponente casino espacial.

-Por-que tudo ainda está aceso? Não mandei apagar???

-Estavamos esperando a Sra., Madame.

Elizabeth virou com cara de furiosa para o robô que se apressou em atender a ordem.

-Imediatamente, Madame.

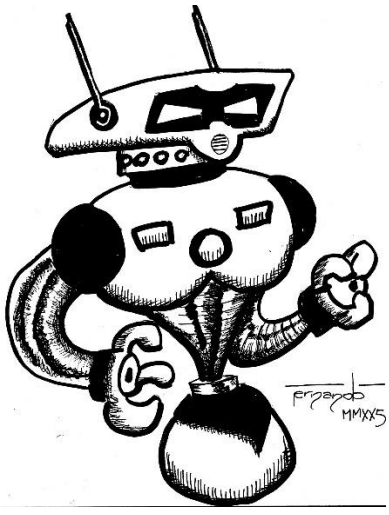
Nos monitores adiante da brava ruiva gostosa, a iluminação do casino começou a se apagar, pouco a pouco, até nada mais restar aceso. Nem mesmo as luzes externas.

Tudo ficou sem energia, até as naves espaciais circulando o local.

-Então vamos entrar em ação! - Ordenou Elizabeth. - E agora, é para valer.

-Sim, Madame.

***



O SSF01, cargueiro sob comando de Elizabeth, onde ela havia estacionado sua nave auxiliar, a MOSAICO, avançou lentamente em direção ao Casino, e, em menos de dois minutos, deu duas voltas ao seu redor.

A seguir, afastou-se lentamente da apagada estrutura espacial e daí, com um salto, rumou ao hiperespaço sem deixar rastros.

Em seguida, o casino reacendeu e tudo voltou a funcionar normalmente.

O suporte de vida que pouquíssimo tempo ficou pausado, não sofreu ou causou danos à saúde de ninguém.

Entretanto, algumas coisas, não estavam nos seus devidos lugares.

Os cofres do casino, e todo seu conteúdo foram teletransportados para o cargueiro SSF01, durante aquele apagão.

Também, todas as contas bancárias do casino existentes e, dali operadas, foram esvaziadas, com seus conteúdos desaparecendo por completo.

Do mesmo modo, registros de um período equivalente aos últimos quinze dias do calendário terrestre, nas mais variadas formas de mídia existentes no casino, foram apagados.

Diante dos prejuízos trilionários que o Casino Oasis Espacial levou com isso, o passeio de uma ruiva estonteante, que tomara virada nas mesas de jogos, após quase ter ganho uma grande bolada, poderia, em primeira análise, ser considerado irrelevante.

***

## ÚLTIMAS EXPLANAÇÕES

Enfim! O cabelo oxigenado do comodoro vulcano foi vingado!

Todos achavam que era uma vaidade do oficial a mudança de cor no seu cabelo.

Ledo engano!

Era um pedido de socorro, que a parte não dominada do seu ser, fazia a quem pudesse perceber, coisa que só aconteceu, quando não havia como salvar a vida do infeliz oficial.

De qualquer forma, foi bem-sucedida, a missão contra os chefes do casino, que permitiram, no seu interior, um Comodoro da Frota Estelar ser covardemente atacado e subjugado.

Elizabeth não só cobrou caro tamanha afronta, bem como, testou sua capacidade com o equipamento que conseguira para realizar aquela missão.

Em primeiro lugar, com o SSF01, comprado a preço de banana, que também seria usado em outras missões, noutros três casinos iguais operados pelos mesmos chefões, mas em diferentes quadrantes da galáxia.

Só em ouro paralatinum, foram estocados, no compartimento de carga, mais de duzentas toneladas, isso, sem mencionar outras riquezas, que o casino aceitava como aposta, e, ainda assim, nem mesmo um quinto do espaço disponível da espaçonave, estava totalmente ocupado.

Havia ainda, Paul Digital, como alcunhado por Elizabeth, que provou ser uma amizade leal praticamente infalível naquilo que era bom.

Através de um mísero cartão, este bio conhecimento digitalizado formado por energia, disfarçou parte de si, como créditos monetários, invadindo o sistema do casino, mapeando-o totalmente para depois, dar o golpe fatal!

Já Szuker, era um dos diversos robôs que viera junto à nave quando esta foi adquirida, e, através deste, Elizabeth controlava tudo ali dentro, destarte que, se quisesse usar a SSF01 sem problemas ou dores de cabeça, não poderia descartar este valioso companheiro automatizado.

Com esta força, Elizabeth ainda atacaria, com sucesso idêntico, outros três casinos,

em diferentes quadrantes da Via Lactea e, por conta de um plano audacioso, e bem executado ninguém teria qualquer registro, ou meio direto para investigar, como sumiram estas fortunas colossais.

Entretanto, histórias de uma ruiva lindíssima, que poderia ter circulado pelas mesas de jogos nos quatro casinos dos diferentes quadrantes da Via Lactea, passaram a correr na boca pequena.

Elizabeth logo ficou sabendo desta conversa, que já se tornara teoria da conspiração e percebeu que era hora de ter mais gente trabalhando para o E.Y.E., ou, como melhor conhecemos, o Serviço Secreto da Federação dos Planetas Unidos, que ela comandava, e, graças às suas incursões espetaculares, agora estava com os cofres cheios.

***

# SONNY BLUE

Elizabeth Bondmader sentou-se à mesa de sempre, no restaurante favorito em San Francisco.

Ficava próximo à Academia da Frota Estelar, tinha um preço acessível aos estudantes e fazia pratos que satisfaziam não só os olhos, mas também o paladar, e os estômagos esfomeados.

Ali, Bete recomendava a coxinha de frango empanada, acompanhada do seu energético favorito. Comida rapida, barata e que já a deixava pronta para o trabalho.

Quando ia chamar a conta, viu entrar no estabelecimento um velho conhecido: Sonny Blue.

Continuava o mesmo sorridente canastrão com cara de galã holywoodiano.

O tipo que, quando entra em qualquer estabelecimento, chama a atenção de toda a mulherada.

E o mesmo se sucedeu com Elizabeth, que, quando o reconheceu, fez sinal para Sonny, como se estivesse chamando um garçom.

Claro que, ao ver aquele mulherão lhe chamando a atenção, Sonny esqueceu todo o resto e atendeu o pedido, ainda mais, por ser uma conhecida sua, a quem devia um favor (a própria vida).

Sem perda de tempo, ele aproximou-se da mesa onde ela estava e logo após tascar-lhe um esperto beijo na bochecha, foi logo se sentando junto.

-Bete! Que prazer em revê-la.

-E você já aproveitou para mostrar como é um beijoqueiro folgado.

“Sorte sua que você não é feio, se não já ia tomar uns esculachos.”

-Bete! Fala para mim se eu não sou o cara mais simpático que você conhece.

Sonny falava, e já fazia a sua característica expressão de cara-de-pau com sorriso artificial de galã, aquele que se julga a cereja mais alta da confeitaria.

-Já tou acostumada com esse chaveco de vendedor.

“O senhor vai ter que se esforçar mais. Cantada velha aqui não passa.”

Sonny, como bom chavequeiro que era, não perdeu a pose e logo disse:

-Você merece o melhor, Bete. Vou me esforçar ao máximo.

-E aí? O que anda fazendo, além das cantadas baratas? Continua na Frota?

-Não mais! Fui dispensado.

-Dispensado? Você?!? Mas por-quê?

-Acho que foi alguma questão de política.

“Não faço ideia.” - Disse fazendo aquela expressão de mentiroso nato...

Elizabeth desconfiou da história melosa, e, logo, ali mesmo deu jeito de consultar a ocorrência, sem que fosse percebida obtendo a informação correta:

-Mas Sonny! Tou sabendo de uma fonte confiável, que você deu cantada na filha do Almirante... Foi mostrar para ela o tamanho da linguiça?

-Pô Bete! Veja bem: Não é assim.

-Vai querer falar para mim que o amor é lindo, Sonny? Que você queria se casar com a filha do Almirante? Pretendia encostar o burro na sombra?

Sonny mesmo confrontado não perdia o sorriso, nem a cara de pau.

Mantinha o tom de voz calmo e, como bom chavequeiro, ainda aplicava a lábia...

-Na verdade eu fui ajudar um coração em apuros...

-Claro... Prestando consultoria sentimental... Me engana que eu gosto.

Bete fez uma pausa e continuou...

-Então, você tá no olho da rua...

-É... Mais ou menos... Mas eu arrumo trabalho...”

-Claro... Agora vão pedir referência para o Almirante a seu respeito, e ele dirá:

“Esse linguiçudo filho d'uma égua, quis na minha filha passar a régua.”

-Caramba Bete! Não sabia que você era tão boa nas rimas.

-De vez em quando eu até acerto alguma, é uma ocorrência rara.

-Puxa vida então sou um felizardo.

-Não Sonny. Felizardo você ficará agora que vou te convidar para trabalhar comigo...

Sonny fez cara séria relaxada e disse:

-Isso me ajudaria bastante, Bete...

-Fico feliz Sonny, mas já vou te avisando que trabalhar comigo eventualmente pode ser sacrificante...Mortalmente sacrificante.

Sonny fez cara séria. Ele parecia não estar acreditando.

-O que terei de fazer?

-Vai trabalhar para mim.

Sonny abriu um amplo sorriso.

Este era autêntico, não como os outros de canastrão, que ele costumava, rotineiramente dar.

-Para mim tá ótimo. O que eu terei de fazer?

-Vai trabalhar muito, e, ganhar pouco.

-Se for ao seu lado, por mais duro que seja, tenho certeza me divertirei.

-Você tá muito chavequeiro. Ainda não sabe no que tá se metendo...

-Pelo menos eu terei salário...

-Claro! Alguma coisa eu terei de te pagar. - Concordou Elizabeth com cara de desânimo.

-Ao menos a coletividade será beneficiada com o meu sacrifício? - Indagou ele com um sorriso que realçava a brancura e perfeição de seus dentes brilhantes.

-Ah! Disso, você pode ter certeza!

“Ainda que... Ninguém fique sabendo da tua boa ação heroica!”

Sony Blue era cara de pau, mas não trouxa.

Seu faro logo adivinhou no que estava prestes a se meter...

-Então... Eu vou trabalhar em algum tipo de serviço secreto?

Elizabeth Bondmader não disse nada, mas, seu silencio serviu como resposta.

-E como é esse serviço? Paga ao menos algumas viagens?

-Paga sim. Eu mesma, no último mês, dei um giro por todos os quadrantes da nossa galáxia.

Sonny Blue fez cara de perplexidade.

A matemática de viagens proposta por Elizabeth, não lhe parecia suficientemente convincente por motivos técnico-operacionais.

-Mas chefa! Os propulsores das  melhores naves, não tem autonomia nem aguentariam sequer, sair dos limites do nosso quadrante.”

Elizabeth, novamente olhou fixamente para Sonny Blue, manteve um breve silêncio e depois disse:

-Meu passaporte é bem carimbado.

-O que você foi fazer nesses lugares Chefa?

Elizabeth mais uma vez olhou para Sonny Blue, e nada respondeu, enquanto tomava alguns goles do canudinho no copo que segurava.

-Já sei... - Disse ele. - Serviço Secreto...

Ela só fez um gesto concordando.

-Está bem. - Disse ele – Eu aceito!

“Agora me diga algo sobre esse tal Serviço Secreto...”

-Você viaja bastante...

“Tem contato com tecnologias mais avançadas até, do que as disponíveis na Frota Estelar.”

-Serei um dos mocinhos? Tipo um 007?

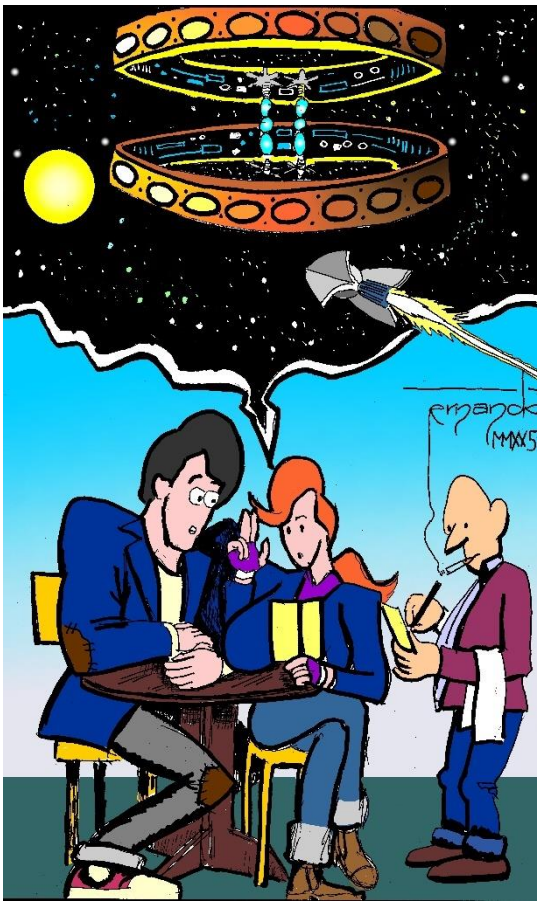
-Na medida do possível...

-E você? Já fez alguma coisa para salvar o dia?

-Salvar o dia?  Minha última missão salvou a Federação inteira! - Respondeu Elizabeth Bondmader mal contendo a língua fofoqueira. - Agora que você já está mesmo dentro, deixa eu te contar como foi...

***

# O INFALIVEL PLANO DOS FUNDADORES



Pouco depois de chegar ao terceiro casino onde pretendia causar um prejuízo colossal, assim como já fizera noutros dois, em quadrantes distantes da galáxia, nossa heroína foi alertada por Paul Digital, que já estava infiltrado nos sistemas locais:

-Acabaram de ficar sabendo aqui, das outras operações. O momento é de apreensão entre as equipes de segurança, entretanto, nenhuma medida ainda foi tomada.

-Notícia ruim voa em velocidade de dobra espacial. - Foi a resposta que este obteve da Chefa pelo aviso.

Elizabeth não se alongou na conversa, mas, sabia que, ali, teria de agir com discrição ainda maior, mesmo naturalmente chamando atenções por ser uma mulher exuberantemente deslumbrante.

Nas mesas de apostas onde agora se aventurava, justamente para poder infiltrar o sistema informatizado local, com os créditos falsificados por Paul Digital, fez questão de perder, mesmo quando podia ganhar.

Naturalmente, por conta da sua beleza espetacular, apareciam os “consoladores” de plantão, querendo suavizar as supostas dores causadas pelos jogos e apostas “perdidas” por ela.

Os tipos vinham com todo tipo de conversa possível, mas Elizabeth já conhecia cada uma delas, sabendo se desvencilhar sem causar qualquer transtorno aos paqueradores.

Irritada ela QUASE ficou, quando um tipo asqueroso, grandalhão, de pele branca, roupas pretas, apareceu querendo furar a fila, distribuindo sopapos e ameaças noutros pretendentes que davam em cima de Elizabeth.

Ela não gostou dessa atitude.

Até pelo desrespeito com os outros que, civilizadamente vinham conversar.

Entretanto, ela percebeu que o cara agia e, ali era tratado pelos presentes, como um daqueles tipos com os quais não se deve mexer, para assim evitar grandes encrencas.

Em questão de segundos, não havia mais nenhum pretendente perto de Elizabeth: só o brucutu de aparência monstruosa.

O tipo aproximou-se dela, e, sem rodeios, pegou-a pelo braço dizendo:

-Você vem comigo.

E saiu levando-a, à força, consigo.

***

Antes mesmo que o agressor tocasse Elizabeth, ela já tinha calculado, pelo menos cinco meios possíveis de escapar da pegada que lhe foi destinada.

Antes mesmo que ela esboçasse qualquer reação ou revide, recebeu de Paul Digital, através de implante microscópico no seu ouvido, uma informação curiosa.

-Esse aí é Jem'Hadar. Você não pode bater nele na frente de todo mundo, pois esses tipos são muito fortes e agressivos.

“Uma briga assim, chamaria atenções, desnecessariamente.”

Assim, com um sorriso no canto da boca, Elizabeth se contentou com a puxada que estava levando.

O sujeito a levava por corredores cheios de gente, como se ela fosse uma mera boneca de pano.

Bete não reagia pois, assim que tivesse oportunidade, descontaria sua raiva.

Apenas olhava para o tal Jem'Hadar, visualizando nele, os diversos pontos em que poderia fazer ataques bastante destrutivos.

Não pretendia ser radical, a ponto de usar os métodos do seu amigo Durkon, que ia desmembrando adversários, na medida que suas lutas avançavam, mas, queria judiar bastante do tipo, só pelo desrespeito com os outros pretendentes que estavam na frente da fila.

O Jem'Hadar, a levou para o interior de um elevador, onde ficaram sozinhos.

Assim que a porta se fechou, foi o momento em que Elizabeth sorriu.

Ali, na privacidade do recinto apertado, ela daria uma lição de sociabilidade no elemento.

Mas não foi bem assim que a coisa se sucedeu...

***

Tão logo os dois entraram no elevador, o Jem'Hadar, apontou o dedo feioso na cara de Elizabeth Bondmader dizendo:

-Comporte-se. Vou te levar ao meu comandante. Sua beleza é suficientemente grande a ponto de fazer com que ele me recompense com bastante Ketracel White.

Nos ouvidos de Elizabeth, novamente Paul alertava.

-Este Jem'Hadar deve ser o “first” de algum vorta.

Nossa protagonista entortou a cara sem entender nada.

Dentro de seus ouvidos, Paul continuava...

-O “first” é um tipo de oficial comandante, que serve aos Vortas, que, por sua vêz, são os figurões aqui do pedaço no Quadrante Gama, com grandes poderes administrativos.

“Qualquer ação impensada contra estes tipos, pode chamar atenções indesejadas.”

Enquanto isso, o Jem'Hadar, com o dedo em riste, continuava proferindo ameaças diretamente contra Elizabeth:

-Não o desagrade, nem desobedeça. Ele é um tipo importante cheio de responsabilidades, e agora, está envolvido no meio de uma grande operação, e só precisa relaxar.

-Então afaste sua garra imunda de mim. Você está me irritando e não vai gostar de me ver nervosa... - Foi a resposta seca que recebeu o grandalhão ameaçador da nossa protagonista favorita.

O Jem'Hadar arregalou os olhos, e lentamente afastou sua mão daquele lindo rosto que o encarava com total destemor, muito contrariamente, ao que acontecia normalmente com outras pessoas a quem confrontava.

Nos olhos daquela mulher, ele não viu qualquer sinal de medo.E isso o preocupou.

***

Se o Jem'Hadar tinha alguma preocupação, esta desapareceu assim que ele apresentou Elizabeth ao seu comandante Vortha.

-Que beleza extraordinária! Uma verdadeira obra de arte. Os pais desta jovem são verdadeiros artistas.

Em seguida, ele virou-se para o Jem'Hadar que a trouxera dizendo:

-Vou te dar umas doses extras de Ketracel White.

Se alguém, alguma vez na vida, pudesse ver um Jem'Hadar feliz, seria neste momento, em que, desenhou-se na sua cara feiosa, uma verdadeira expressão de alegria.

Elizabeth assistia a tudo com aparente desinteresse.

Na verdade, estava sondando tudo ao seu redor, enquanto absorvia detalhadamente qualquer coisa que julgasse interessante.

Estava no escritório do Vortha, um tipo aparentemente frívolo e afrescalhado, que, talvez nem soubesse o que fazer com um mulherão celestial como Elizabeth.

Da prateleira das estantes, o Vortha tirou uma valise que abriu e, de onde sacou objeto cilíndrico, jogando este, na direção do Jem'Hadar, que, por sua vez, pegou-o rapidamente, em pleno ar.

-Você fez por merecer. - Disse o Vortha ao Jem'Hadar. - Se só a vislumbre desta formosura me fazem bem, imagino mais tarde.

Neste momento um grande monitor numa das paredes do escritório se acendeu mostrando a cara de um tipo realmente feioso, de cabelos lambidos para trás, e olhos profundos. Diante dele, o Vortha, até então pedante, se dobrou em mesuras...

Nos ouvidos de Elizabeth, veio outro aviso:

-Este é um dos fundadores. É o chefão do Vortha.” - Informou Paul, nos ouvidos de Elizabeth, com base nos dados que já absorvera no sistema informatizado do casino espacial.

Sem perda de tempo, o fundador, com voz solene já foi logo dizendo:

-Dirija-se para Centris 7, e apresente-se em Ijimbay, pois, está em curso o preparo para uma invasão maciça no quadrante Alfa.

“Temos informes de que, lá, existe uma entidade chamada Federação dos Planetas Unidos, que está crescendo, e, se nada for feito, poderá no futuro, ser um obstáculo perigoso para o monopólio de nossos interesses.”

-Como desejar. - Disse o Vortha, fazendo uma mesura diante do monitor onde aparecia a imagem tridimensional do fundador.

Nesse instante, o Jem'Hadar segurou o braço de Elizabeth e, foi puxá-la novamente, dizendo:

-Venha. Estes assuntos não são do seu interesse.

Foi puxá-la...

Foi...

Desta vez, entretanto, não conseguiu.

O dedo que aproximara anteriormente em riste, foi atacado em primeiro lugar e, imediatamente cortado com um cortador de papeis sobre a mesa, que Elizabeth utilizara como improviso.

Na sequência, ela aproveitou a mão do Jem'Hadar que segurava seu braço, torceu, puxou, e, usou-a para agarrar o resto do membro que, foi utilizado como alavanca para um golpe de judô que jogou longe o incrédulo agressor.

Mesmo o Vortha, não conseguiu se conter:

-Ah! Mas que mulher de espírito indomável!

Elizabeth por sua vez, olhava para o Jem'Hadar com os olhos xispantes:

-Fica aí cão

A dor causada pelo dedo amputado impedia o raciocínio correto do Jem'Hadar, ainda assim, o medo fêz com que ele, se auto paralisasse, não precipitando mais, qualquer ação contra Elizabeth Bondmader!

Medo este, que logo se transformou em puro e congelante pânico, pois, a energia do escritório inteiro acabou, deixando tudo às escuras.

***

Subitamente Elizabeth Bondmader viu-se, do meio de outra escuridão para onde fora teletransportada, agora na penumbra da sala de comando da SSF 01 que operava apenas com iluminação emergencial dos painéis de comando.

-Eu ainda não tinha acabado com o idiota. - Reclamou ela.

-A MOSAICO também já foi teletransportada de volta para o hangar. - Informou Paul Digital, através do sistema de som da espaçonave. - Acabamos de dar a segunda volta e já temos nos nossos hangares tudo o que precisamos.

“Apropriamos mais recursos para os cofres da Federação, das fontes de renda deste super-casino. - Podemos ir embora, Chefa?”

-Sim! Mas ainda temos negócios no Quadrante Gama. Fixe coordenadas e siga diretamente para Centris 7. -Ordenou Elizabeth Bondmader, nada feliz, por ter lhe sido tirado o prazer de adequadamente espancar o vortha.

-Você manda, Chefa!

***

## OS CANALHOCRATAS

Após um período equivalente a quatro dias terrestres, Elizabeth Bondmader encontrava-se em Ijimbay, mais especificamente na Sede do Conselho Central do Comitê, no planeta Centris 7, onde centenas de vorthas, vindos de diversos lugares se reuniram para confabular sobre a eminente invasão ao Quadrante Alfa da Via Lactea, região que se encontrava a Federação dos Planetas Unidos e seus aliados.

Alguns fundadores, também estavam no evento, mas, estes poucos, não mais que quatro, mantinham-se isolados em ambientes de onde podiam passar suas ordens e determinações sem serem perturbados.

O ponto central do evento era colossal, situado um verdadeiro megapalácio, cujo vão livre na sua base, tinha uma cidade com centenas de torres cercado por um parque com muitos jardins exóticos e poucas estruturas arquitetônicas, onde só circulavam veículos selecionados.

Aquele local era onde encontrava-se a elite dominante do quadrante.

Para chegar ali, Elizabeth tivera que burlar toda segurança local, até finalmente se teletransportar diretamente para a Sede do Conselho.

Assim, com o seu famoso cartão preto, inseriu Paul Digital, no sistema informatizado quando sua identidade foi solicitada, de modos que, ganhou acesso livre para onde quisesse ir...

E para não chamar muita atenção, com sua beleza, usou roupas coerentes com os costumes locais que, dissimularam seus espetaculares atributos femininos, assim circulou sem ser perturbada e, discretamente, ouviu, registrou e gravou, tudo o que pôde.

Não precisou muito tempo para que formasse uma opinião sobre os Vorthas, julgando-os frivolos afrescalhados, entretanto, muito perigosos e dissimulados para serem ignorados.

A aparência bem-humorada deles não a enganava...

Aqueles tipinhos usariam seus imensos poderes, e, falsos sorrisos, para escravizar todo o quadrante alpha, sem poupar ninguém do jugo.

Eram os paus mandados do Dominion, um clubinho milenar e intergalático dirigido pelos chefões fundadores, que só viam na Federação, ameaças e perigos para seus projetos de domínio cósmico.

O caso de Elizabeth contra os vorthas foi de antipatia à primeira vista.

Ela queria pegar um daqueles tipinhos para espancar, aliviando assim algumas de suas frustrações, mas, se fosse fazer as coisas pelos motivos certos, seja, em defesa dos interesses da Federação dos Planetas Unidos, deveria ter boas razões para justificar as ações que logo tomaria.

Assim, infiltrou-se na Assembleia onde a elite dos chefões do Dominiom deliberava sobre os próximos passos a serem dados.

O lugar onde ocorriam as reuniões era muito amplo e bacana, mas, aquela turma realmente asquerosa.

Ouvindo conversas e presenciando discursos ali sendo feitos, chegou à conclusão de que se ela não fizesse nada, o E.Y.E. já teria falho logo de cara na sua missão de defender os interesses da Federação dos Planetas Unidos, colocando em risco não só a humanidade, bem como muitas outras raças e civilizações do quadrante alfa.

Em meio a tantos tipos deploráveis que nem mesmo davam conta de sua presença, Elizabeth Bondmader mal conseguia conter os ímpetos de sair destruindo tudo por ali...

Se dependesse da sua vontade, ela sairia com a espada desembainhada decapitando todos, até o último daqueles canalhas.

Entretanto, Bete tinha que ser sutil, mesmo entendendo a necessidade de dar um golpe contundente que afundasse por pelo menos uns três séculos com os planos do dominiom de avançar contra a Federação dos Planetas Unidos ou seus interesses.

***

Já disse o velho ditado que cabeça vazia é o caldeirão do diabo, mas, uma cabeça cheia de ódio também pode servir para o mesmo fim.

Especialmente a de uma mulher enfezada.

Elizabeth Bondmader naquela específica questão, uma temível ameaça à segurança da Federação, e por conseguinte da humanidade, havia perdido a sua característica serenidade levando o caso para o lado pessoal.

Queria aplicar um castigo contundente naquela cambada de pilantras...

Mas como?

Lhe ocorreu telepaticamente forçar um ou mais monstros selvagens que houvessem

naquele mundo a investir contra o local de encontro da inescrupulosa corja de patifes, destruindo tudo e matando todos ali reunidos.

Um ataque destruidor que na verdade pareceria apenas outra acidental desgraça causada pela natureza, mas, em Centris 7, o ecossistema, muito diferente de Alorax, não comportava mais, fora de seus oceanos, tais monstruosidades.

Ali o ponto mais alto da cadeia de predadores estava em poder dos Vorthas e de seus chefes que exterminaram todas as criaturas perigosas que antes viveram naquelas paragens.

Bete se estressava mais ainda imaginando o mal que o Dominiom traria para aquele setor da Via Lactea onde a Federação tentava a duras penas harmonizar a situação

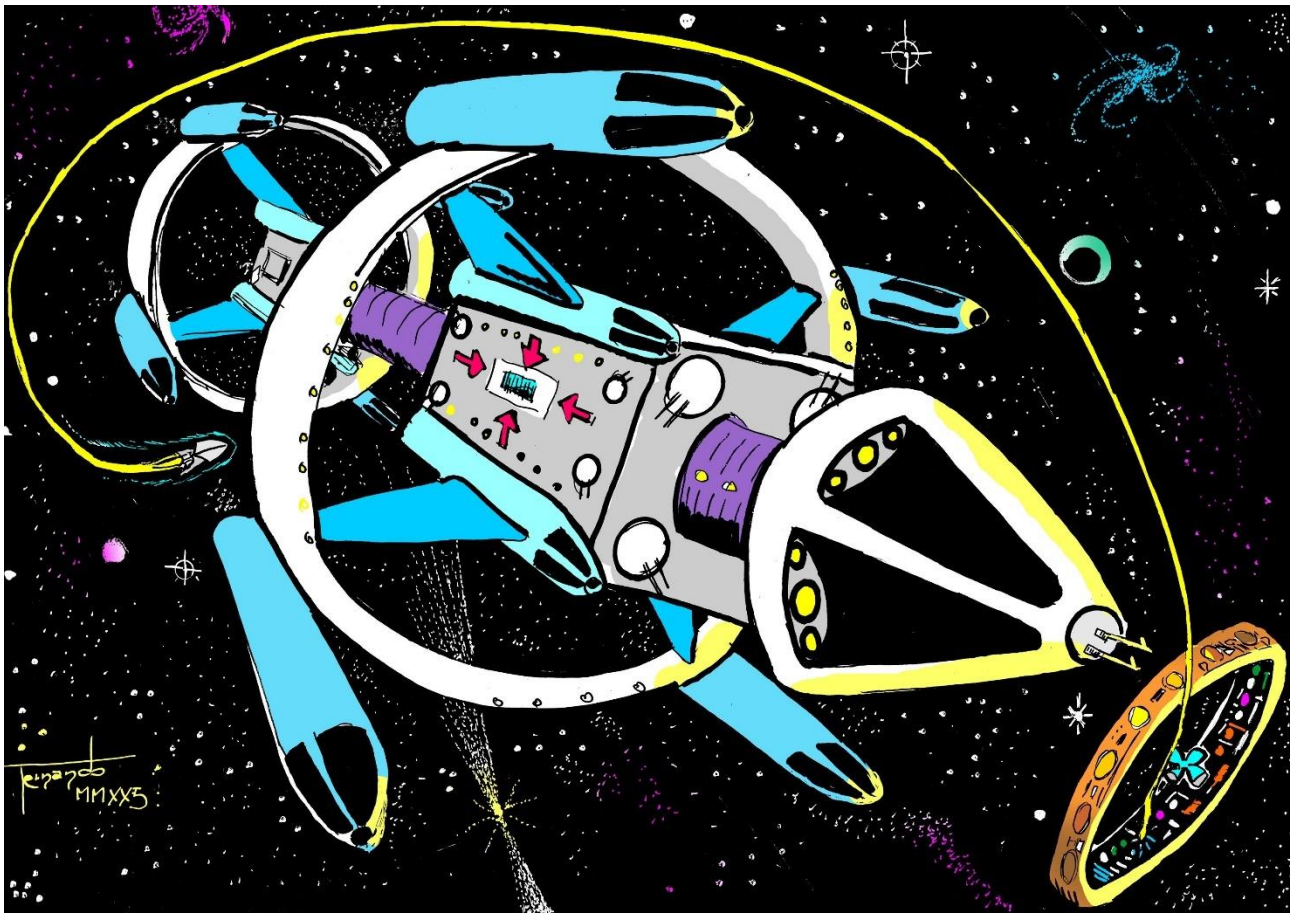
Tal desassossego não lhe dava nenhuma ideia de como executar a sua desejada pré-vingança contra tão pérfidos inimigos, que bem mereciam alguma desgraça colossal que os fizessem esquecer da Federação por bastante tempo, sem que sobre esta recaísse qualquer suspeita de ameaça sobre o Dominiom, até por conta da Diretriz Primeira que pregava a não interferência em assuntos alheios.

Logo, mudou a abordagem na busca da solução do problema de como azarar de uma só vez a vida de todos aqueles canalhocaratas, com algum infortúnio em escala apocalíptica.

E a arma ideal para tal investida estava justamente nos depósitos da espaçonave sob seu comando que, ameaçadora e indetectável, orbitava a segura distância, Centris 7.

***

INTERLÚDIO PARA O HISTORICO DA SSF 01



A SSF01, a serviço do E.Y.E., antes de ser adquirida e, passar para o comando de Elizabeth Bondmader, foi uma espaçonave usada para transporte de cargas diversas, durante período que, no calendário terrestre equivaleria a mais de 25 anos.

Nesse tempo, sob o nome de RAUMARBEITER, era usada por Max Jeremias, um terráqueo, que levava e trazia cargas de colônias distantes, para alguns dos principais planetas do quadrante Alpha, já numa época, em que a Federação, ainda nem existia.

Max Jeremias, entretanto, não foi o primeiro dono da espaçonave.

Na verdade, ele a encontrou no meio de um deserto de areia, sem conhecer a sua origem.

Estudou-a profundamente, mas, as únicas informações confiáveis que obteve, davam conta de que seria criação de civilizações tão antigas, que os registros de sua presença foram perdidos ou esquecidos pelo tempo.

De qualquer forma, mesmo com pouca informação a seu respeito, Max a restaurou,

Da configuração original, só não conseguiu aprimorar, os sistemas de propulsão, por conta da tecnologia desconhecida e complicada dele, assim, esta parte manteve sem alterações, entretanto, o resto da espaçonave foi adaptada, para o uso comercial que Max queria fazer dela e, uma vez pondo-a em funcionamento, transitou dentro do espaço que por bastante tempo, seria convencionado como zona de controle da Federação dos Planetas Unidos.

Mesmo com a segurança garantida por conta do infalível sistema de camuflagem que a RAUMARBEITER já possuía, nem sempre Max Jeremias, terminava suas viagens com lucro, pois, algumas das cargas, eventualmente, por razões diversas, acabavam não sendo entregues, nem aceitas pelo destinatário, ficando assim, nos depósitos da espaçonave, sem qualquer utilização, até mesmo, depois de feita a negociação que entregou sua posse/propriedade para Elizabeth.

Neste momento então, após a transação comercial, e já pertencente ao Serviço Secreto da Federação, a espaçonave foi comissionada como SSF01, os itens, que a acompanhavam, (implementos agrícolas, veículos e até mesmo armas) foram todos inventariados, e mantidos nos imensos depósitos, visto que, nenhuma utilização foi a estes, destinada.

Assim, se mesmo depois da reforma, pouca coisa mudou no cargueiro relativamente aos itens que neste vieram desde o começo da negociação, de outro lado, Elizabeth, fez as própria atualizações e reformas, visando assim, ter tudo mais adaptado às suas necessidades.

Ênfase especial, mais uma vez, foi dada ao sistema de propulsores, que aí sim, passaram por melhorias, tendo agora, sua tecnologia baseada nas pesquisas e, na engenharia reversa feita em cima de outra espaçonave já conhecida do(a) querido(a) leitor(a); a BLACK BUD.

Reformas estruturais não foram necessárias, pois, a espaçonave era muito robusta, mas, as novas alterações, aumentaram significativamente seu desempenho tornando-a capaz de se locomover pelos distintos quadrantes galáticos, numa rapidez sem precedentes, para qualquer outra espaçonave, direta ou, indiretamente, a serviço da Federação dos Planetas Unidos e da Frota Estelar.

Com tantas novidades e acessórios, teria Elizabeth Bondmader, a mesma sorte na espaçonave, que Jeremias anteriormente?

FIM DO INTERLÚDIO

***

Modesta, metódica e meticulosa no trabalho, Elizabeth sempre supervisiona de perto tudo o que é gerenciado pelo E.Y.E., até mesmo o interior das espaçonaves da frota da Agência, muito mais ainda, naquelas que ela própria comanda.

Com a SSF01 não é diferente, sendo que a respeito desta, Bete sabia de cabeça todo o inventário completo deixado por Jeremias antes de vender a RAUMARBEITER.

Como o velho mercador não gostava de perder mercadoria nenhuma, mesmo as não entregues, mantinha o que não foi negociado nos almoxarifados da nave, para futuras negociações.

Dentre estes artigos encontravam-se contêiners cheios de um potente pesticida capaz de destruir qualquer praga.

Bete passou a considerar o uso desta solução para resolver seus problemas com aquela infestação de canalhocratas na Sede do Conselho Central do Comitê em Ijimbay.

****

WeyOne um dos mais antigos líderes Vorthas a comandar a Assembleia Decisória recebeu a informação que já havia quórum suficiente para deliberar sobre a invasão dos Quadrantes Alfa e Beta da Galáxia, onde a Federação dos Planetas Unidos aos poucos ia abrindo espaço para sua própria autoridade.

Os Fundadores (Changellings) autorizaram a incursão de modos que, só restava, agora definir os comandantes do assalto e os receptadores do butim para isso, estava agora tendo início a tão esperada reunião principal.

Weyone levantou-se da confortável poltrona até onde então estivera sentado e caminhou para um dos portais que havia no seu gabinete.

Quando chegou perto, este se iluminou exibindo como se fosse a tela de um monitor, o enorme salão onde se daria a Assembleia Decisória.

Weyone atravessou o umbral e imediatamente foi transportado para o local que aparecia na passagem.

Chegando ali, surpreendeu-se com o que viu.

***

Nem mesmo conseguiu pisar direito no interior do imenso salão onde se daria a Assembleia decisória, WeyOne sentiu uma comichão nos ouvidos e, a garganta arranhando.

Avançou mais dois passos percebendo que as coisas ali não transcorriam dentro da tranquilidade rotineira.

Junto com a cada vez mais intensa coceira persistente nos ouvidos, veio o som de gemidos e lamúrias dos seus colegas e funcionários da casa, já que todos ali, passavam mal.

De relance, os olhos de WeyOne vislumbraram as saídas de ar vomitando para o interior do salão onde se daria a Assembleia, densa fumaça verde clara e brilhante.

Ele próprio já sentia os efeitos do ambiente contaminado com a substância incontestavelmente tóxica.

Naqueles que já estavam ali antes dele, o dano era muito maior, com alguns caídos inertes no chão e outros derretendo a olhos vistos em meio a gritos agonizantes.

Com o corpo agora ardendo, principalmente nas mãos, no pescoço e cabeça,

WeyOne tinha que sair dali, até porque, a pele exposta começava a se liquefazer.

Tentou voltar para trás, valendo-se das últimas forças, mas teve seu avanço bloqueado por uma mulher alta, de máscara escura, com grandes olhos brilhantes em formato de lentes amendoadas, vestindo armadura prateada, preta e branco, revelando apenas seus abundantes cabelos vermelhos.

WeyOne tentou forçar caminho, mas foi malsucedido, tendo ainda num rápido movimento, a sua garganta agarrada e apertada com a força cada vez maior daquela sinistra agressora.

Agora o velhote apenas se debatia preso naquela eficiente pegada que aos poucos ia lhe tirando o ar enquanto aumentava o jorro do seu sangue pelo corte aberto.

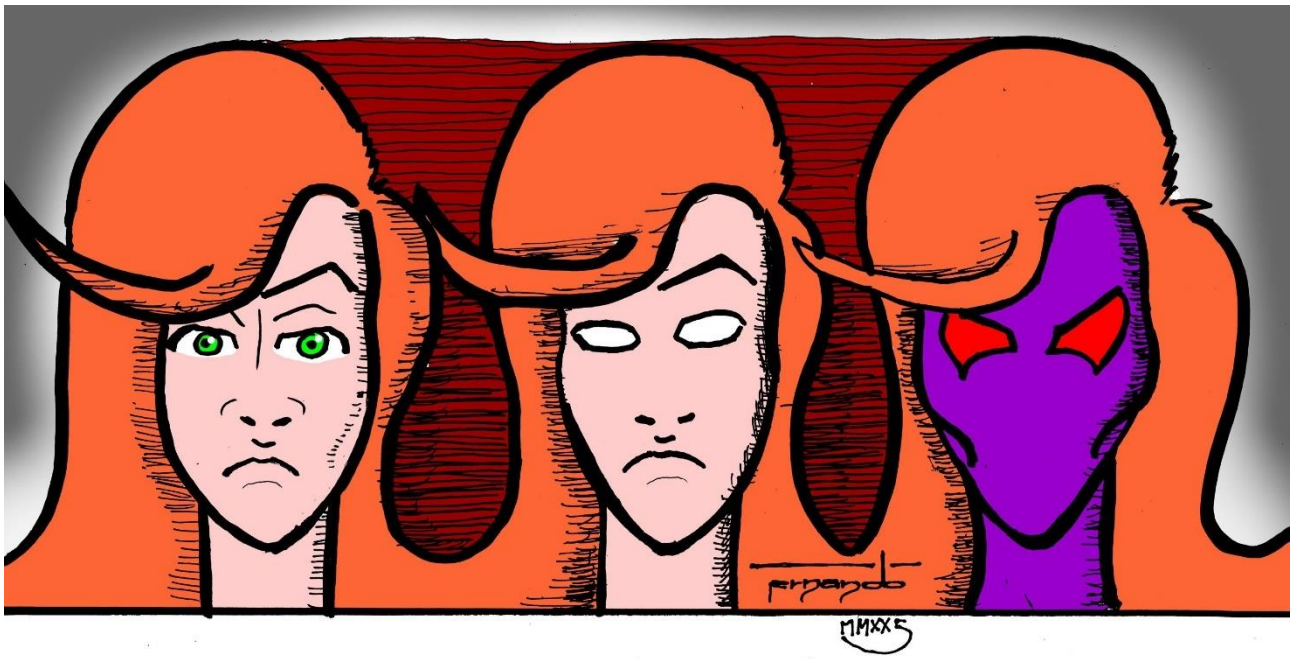
Suas pernas chaqualhavam inutilmente, mostrando o inequívoco desespero final, enquanto seu algoz falava com voz baixa, doce e suave:

-A Federação dos Planetas Unidos lhe manda os cumprimentos, seu canalhocrata patife.

O aperto em WeyOne se intensificou ainda mais até seu pescoço terminar completamente esmagado com um estalido final e a cabeça, praticamente separada do corpo, depois que a executora jogou o cadáver ao chão.

A última visão que o Presidente teve foi do cemitério que aquela antes temível Assembleia se tornou diante da contaminação indevida, cuja culpa seria atribuída a uma fantasmagórica mulher mascarada e encapuzada de cabelos vermelhos que eu e você estimado/a leitor/a já sabemos de quem se trata...

***



Com o bem-sucedido ataque contra a Sede do Conselho Central do Comitê, todo o sistema planetário transformou-se num nervoso formigueiro, enquanto Elizabeth Bondmader admirava tranquilamente, por todo aquele mundo, as repercussões decorrentes do seu trabalho na Função de Procuradora, Juiza e carrasca da Federação.

Orbitando indetectável Centris 7, a SSF01 não se movia, nem dava qualquer sinal, que a denunciasse, enquanto que na sua sala de comando, sentada na poltrona principal, Bete ouvia o sermão que lhe era passado.

-Sua resposta foi agressiva demais. Faltou diplomacia. - Disse Paul Digital.

-Diplomacia? A decisão já foi tomada. O Quadrante Alpha, cedo ou tarde será invadido por uma frota de naves desse Dominion, que é comandado pelos tais fundadores.

“E eles virão aos milhões, Paul”

“A Federação ainda não tem poder suficiente para segurar esses caras.”

“A nossa melhor defesa agora, é um ataque preventivo. Uma pré-vingança!”

-Mas inundar todo o sistema de circulação e refrigeração de ar da Sede do Conselho Central do Comitê com veneno, fechando ainda as saídas de emergência, é um ato de agressão inconcebível.

“Dado o número de mortos, incluindo os fundadores, certamente será considerado como ato de guerra.”

-Esses caras são uns canalhocratas, Paul. São peões num tabuleiro imenso que podem nos tirar definitivamente do jogo, como insignificantes baratas, enquanto continuam disfrutando de seus luxos às custas do sangue de gente que eles próprios nem se importam.

“Entenda Paul. Somos o Serviço Secreto da Federação.”

“O codinome da nossa agência é E.Y.E. porque só para sobrevivermos, temos de enxergar ANTES as ameaças contra nós pois, diante dos perigos do universo, ainda somos fracos, daí, a política de nossa agência é mais de ataque, do que propriamente priorizar a diretriz primeira ou diplomacia.”

“E contra o Dominiom, temos que desferir um golpe que não o permita ter condições de se reorganizar contra a Federação ou seus aliados, por pelo menos uns duzentos ou trezentos anos...”

-Bete, você disse:” Temos que desferir um golpe” ... Então quer dizer que a nossa missão aqui, não acabou ainda? - Indagou Paul Digital.

-Infelizmente não!  O pior ainda está por vir., meu caro Paul.

***

Sobre a hipermegalópole, em que se situava a majestosa torre palaciana que reunia a Assembleia Dominiom, naquele momento, em meio à tensão causada pelo venenoso ataque de Elizabeth, casualmente, repousava tranquila, acima de tanta confusão uma nuvem clara, de proporções gigantescas, que tornava insignificante, toda tecnologia e poder em Ijimbay .

Este vislumbre mais abrangente e panorâmico da realidade, levaria o observador até, a uma sensação de tranquilidade, visto que, a vida, e, o movimento local, nas aparências, mantinham o mesmo ritmo.

Elizabeth, tinha essa visão, da sala de comando da SSF01.

Dali, ela teletransportou, diretamente dos depósitos da espaçonave, para o meio da tal nuvem colossal, alguns brinquedinhos dos do velho Jeremias: bilhões de esferas microscópicas, normalmente utilizadas na agricultura, para controlar o tempo, diminuindo, ou, aumentando a quantidade de chuvas.

Uma vez fora do cargueiro, estas foram acionadas, passando a emitir sons, vibrações e campos magnéticos, contra a nuvem causando nesta, diversas reações, sendo, a primeira de todas, a mudança na cor, que era um tom claro, quase branco, para outro, cinza escuro...

Em seguida, pipocaram diversos raios, seguidos de trovões.

Elizabeth, nos controles da sua poltrona, mudou mais algumas regulagens, e, na sequência, uma forte chuva desabou a partir da tal nuvem, sobre Ijimbay.

Pouco a pouco, o que já era um verdadeiro pé-d'água, foi se transformando em autêntica tempestade, com direito até, a tornados pelas ruas, e mais nuvens de outras regiões se juntando, aumentando ainda mais o catastrófico dilúvio.

Raios chegaram causando grandes estragos, incendiando e destruindo, o que quer que atingissem.

O céu, ficou negro em pleno dia...

E vieram as inundações, quedas de energia...

Em vários pontos da hipermegalópole, ergueram-se grossas colunas de fumaça negra, causadas por incêndios diversos, que, só aumentaram ainda mais o terror local.

Pouco a pouco, o trabalho mortífero das esferas, ampliou a catástrofe em escala geométrica, espalhando-a ainda mais, para outras regiões.

Bem antes da energia dos artefatos no interior da nuvem se esgotar, o estrago e as repercussões deste decorrente, já haviam alcançado a escala de irreversível desgraça planetária, com o caos, se instalando por toda parte.

Testemunhas da devastação, relataram que, nos céus, nos momentos em que as nuvens estavam mais negras, carregadas por múltiplos e intensos raios, parecia estar visível, uma colossal sorridente e destruidora dançarina azul com milhões de braços, movimentando-se com encantadora, violenta e graciosa desenvoltura.

***

Exagerou Elizabeth na sua punição contra as intenções do Dominion?

O querido leitor, que bravamente me deu o privilégio de acompanhar estas linhas até o momento, pode entender que sim.

Entretanto...

As ações perpetradas, em CENTRIS 7, mesmo sendo devastadoras ou mortíferas, na visão de Elizabeth Bondmader AINDA NÃO ERAM suficientes para impedir, que, a colossal e devastadora potência bélica do Dominion, a mando dos fundadores, atrasasse por um segundo sequer, sua já articulada arremetida contra o quadrante alpha.

Ciente do fato, e, investida de especiais poderes pela própria Presidência da Federação dos Planetas Unidos, Bete fêz o que o seu dever de guerreira demandava...

Outra investida agressiva contra o Dominion!

Desta feita, através de Paul Digital, que, uma vez inserido nos sistemas informatizados da Sede do Conselho Central do Comitê, espalhou-se ainda mais, por outras redes. Especialmente... As bancárias.

E nestas, também causou prejuízos incalculáveis paralisando não só em CENTRIS 7, mas também, em outros sistemas planetários longe dali, colossais movimentações táticas e financeiras, das quais dependiam as frotas de naves, que pretendiam invadir o quadrante Alpha, para enfrentar a Federação dos Planetas Unidos.

Tamanha mobilização seria estancada de instante para outro, num sufocante movimento que, levaria, pelo calendário terrestre, no mínimo, um século, para se reorganizar novamente.

Nem mesmo os fundadores, que estivessem nos rincões mais longínquos do quadrante gama, por conta desta operação, escaparam de algum tipo de perda, incluindo financeiras.

E tamanho prejuízo, causou à elite do Dominion, imenso abalo psicológico, pois relembrou nela, aquele sentimento, que para nós, meros mortais é bastante conhecido:

O MEDO que fez a maioria dos fundadores finalmente se verem como aquilo que verdadeiramente somos todos: criaturas finitas, a mercê do destino, ou de forças desconhecidas.

Dessa folgada casta, nem todos se prepararam para os momentos de dificuldade sendo levados ao PÂNICO que então dominou a liderança dos fundadores, pois a maioria destes, era chefe carente de disciplina, coragem, coerência e real compromisso com a causa.

Tamanha falta de determinação, não só lhes enfraqueceu psicologicamente, mas, impediu os fracos, maus e parasitas de sobreviverem em condições mais exigentes.

Fundadores canalhocratas, jamais comparar-se-iam a um outro semelhante seu honrado e honesto, muito afastado lá nos distantes rincões do quadrante Alpha no futuro, de modo disciplinado, quando não estava trabalhando para a comunidade onde vivia, relaxava dentro de um simples balde, passando por aventuras, sobre as quais o/a querido/a leitor/a poderá conhecer melhor, assistindo DEEP SPACE NINE.

***

Alguns fundadores não tiveram só prejuízos financeiros e distúrbios psicológicos decorrentes dos ataques de Elizabeth.

Quatro deles, perderam suas vidas e ninguém derramou lágrimas por estes.

Pranteadas sim, foram as almas de outros tantos milhões que também tiveram suas vidas ceifadas em decorrência das ações perpetradas pelo Serviço Secreto da Federação principalmente através da protagonista destas linhas em Centris 7.

E como classificar tais atos?

Genocídio?

Ou agressiva, mas, heroica defensa pré-vingança de toda a humanidade no nosso quadrante galático?

Julgue você também, mas, seja qual for o seu veredito, saiba que, em própria defesa, Elizabeth Bondmader apenas diria:

-Sempre é o inocente que arca com as consequências por erros de governos maus, ambiciosos e tirânicos por isso, é dever do povo zelar pela própria liberdade vigiando quem se diga seu representante, para não sofrer castigo por algo que nem de longe teve culpa ou intenção de causar.”

“Atuação de maus representantes deve ser logo limitada antes que a situação piore, e gente estranha ao problema, apareceça para resolvê-lo do modo que não seja o melhor.”

***

Terminado o relato que teve até um final com moral da história para se refletir, Sonny Blue, o atento ouvinte abriu um sorriso de curiosidade.

-Então, esse é o tipo de serviço que farei no meu emprego? - Indagou após ouvir Elizabeth Bondmader.

-O trabalho, parece meio complicado no início, mas não se preocupe que só vai piorar.

“Quando você achar que não está entendendo mais nada, então aí, estará de fato pegando o verdadeiro espírito da coisa., portanto, fique ao meu lado que eu tenho preparo.” - Respondeu ela.

-Puxa! Que alegria! Arrumei um trabalho legal;

“Sou um cara de sorte. Vou aprender muito e curtir adoidado...”

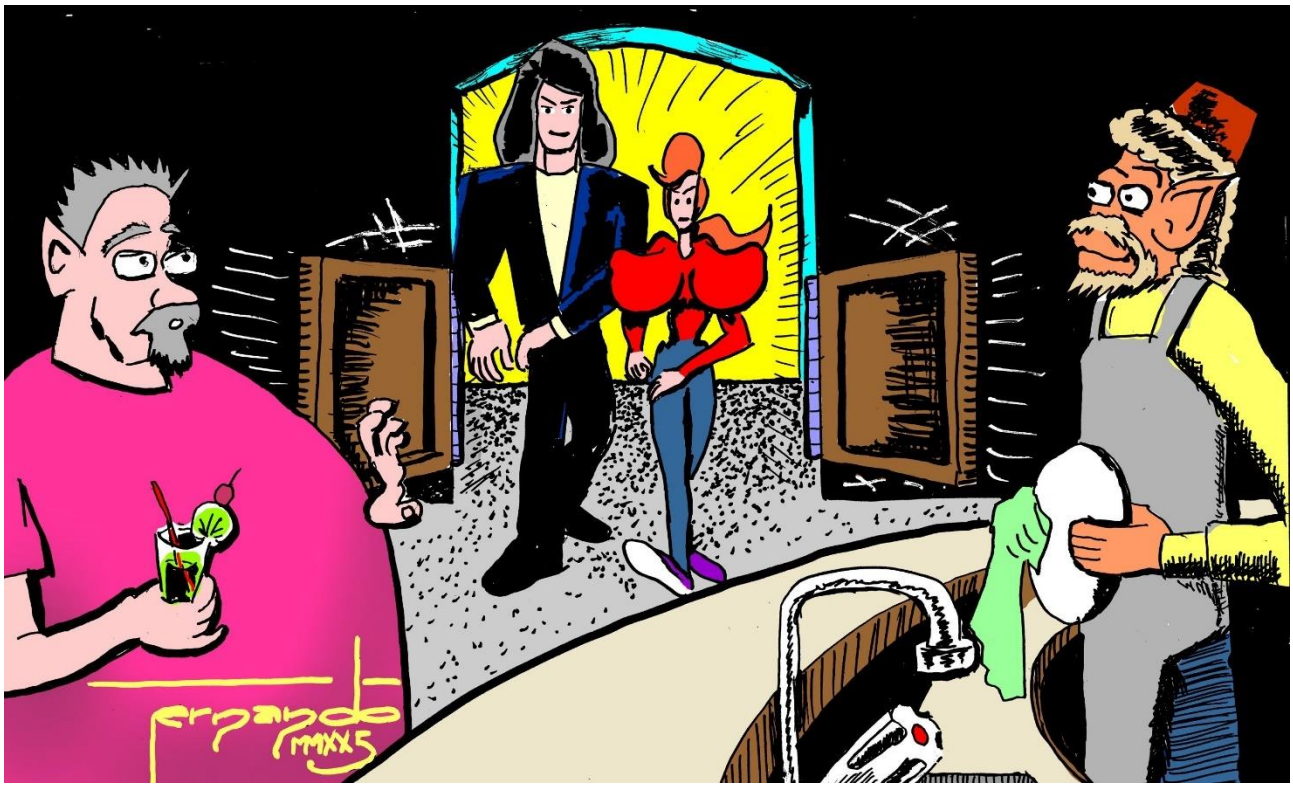
Elizabeth olhou para o sorridente Sonny e, também não pôde, por mais preparo que tivesse, deixar escapar um sorriso no canto dos seis lábios.

Aquele chavequeiro até que era charmoso.

Talvez realmente se desse bem no trabalho que teria pela frente.

***

# A PRIMEIRA VEZ, A GENTE NUNCA ESQUECE...



Slaveator Toupeira arregalou os olhos com o casal que entrou na festa.

Uma mulher ruiva lindíssima, acompanhada de um romulano alto cabeludo usando roupas da mesma cor.

Todos os olhares no salão convergiram na direção daquele mulherão!

Slaveator deglutiu a bebida que tinha no copo, numa só golada.

Seu estômago sentiu a queimação do líquido chegando em velocidade acima do normal.

Fechou os olhos, até o mal-estar passar, e quando os abriu novamente, aquela beldade semidivina estava sozinha, desacompanhada...

O romulano cabeludo com pinta de metaleiro havia desaparecido.

Quem sabe não gostasse de mulher.

Slaveator não podia perder a oportunidade.

Dos presentes no salão, embora com a barriga avantajada e uma cobertura rala de cabelos grisalhos, era o que tinha algumas chances reais de tentar uma paquera com a ruiva deslumbrante.

Slaveator colocou algumas pastilhas na boca, para disfarçar o mau hálito e olhou ao redor.

O cabeludo sumiu mesmo, e, só ficou ele próprio, além de, um monte de velhos baixotes ranhetas, que não teriam qualquer chance na disputa pela beldade, mesmo que fossem cheios da grana.

Slaveator fêz cara de entediado, desinteressado de tudo e que, casualmente se encontrava com uma ruiva bonitona daquelas, como se fosse a coisa mais normal da sua rotina.

Aproximou-se do alvo e “lançou  a isca” (conforme o jargão dos pescadores):

-Olá, senhorita! - Disse, estendendo a mão direita num cumprimento. - Permita que me apresente: sou Slaveator Toupeira, jornalista factchecker do ESTADO IMPERIAL DE ROMULUS, o jornal de maior alcance e prestígio do Império.

A ruiva abriu um sorriso e retribuiu o aperto de mão.

-Meu nome é Elizabeth Bondmader. Acabei de chegar.

***

-Nunca te vi antes aqui na festa da imprensa de Romulus. - Disse Slaveator.

-Sou foca. - Disse Elizabeth sem qualquer constrangimento.

-Foca?

Elizabeth sorriu zombeteiramente enquanto seus olhos reluziam.

-Ah! Desculpe! Foca é um termo de onde venho, usado para se referir aos novatos do jornalismo.

“A foca é um animal marinho, pequeno, que vive em ambiente gelado e extremamente perigoso. Ela é pequena, mas também ágil, inteligente, e eventualmente enfrenta animais bem maiores, com sucesso.”

-Ah que interessante! Nunca ouvi falar. Mas e você? De onde você vêm?

-Sou do Jornal E.Y.E..

- E.Y.E.? Não conheço...

Elizabeth mostrou o crachá com a fotografia dela, identificação em tipologia romulana e o logotipo do E.Y.E..

Ela então deu uma encarada nos olhos de Slaveator, em seguida virou a cabeça para o lado movimentando seus imensos, lindos e soltos cabelos ruivos.

Slaveator encantou-se com a visão, e boquiaberto interessou-se por eles:

-E estes teus cabelos? Nunca vi nada igual...

-São naturais. Dá bastante trabalho tratar deles...

O jornalista romulano estava impressionado.

No rosto, Elizabeth não tinha traços típicos de uma mulher romulana comum.

Suas linhas eram mais relaxadas, cativantes, e aquele sorriso...

Parecia atrair todo o salão.

Não que o resto dos seus atributos não chamassem a atenção.

Elizabeth vestia um jeans e camisa decotada vermelha.

Sua bunda colossal e exuberante se destacava de tal maneira, que até os músicos da festa estavam desafinando quando olhavam.

-Deixa eu te fazer uma pergunta agora. - Pediu Elizabeth...

-Claro...

-Uma fonte minha, mencionou um boato que corre na boca miúda, dando conta de que o Tal Shiar está de posse de uma espaçonave de fora do quadrante da nossa galáxia, tripulada por seres semi-robotizados, conectados em torno de uma coletividade....

Slaveator olhou para Elizabeth, imaginando que aquela fosse alguma jogada amadora querendo arrancar opiniões impactantes, de um grande e reconhecido profissional como ele.

Secamente, fazendo uma pose de bacana, opinou:

-Isso é Teoria de conspiração. Não passa de fake news. Suas fontes estão exagerando. O Tal Shiar, JAMAIS, se envolveria com esse tipo de pesquisa.

-Logo imaginei. Tinha certeza que minha fonte não era confiável, porque, ela ainda deu conta que um figurão da organização deste evento aqui, sabe tudo, inclusive a localização da estranha espaçonave que o Tal Shiar estaria estudando.

-Isso não existe. - Disse Slaveator, do alto de sua razão. - E olha que conheço todo mundo. Se houvesse algo acontecendo, como essa sua fonte afirma, eu estaria sabendo.

-Claro...

Elizabeth olhou através das janelas do amplo salão repleto de gente romulana.

Uma das luas que orbitava aquele planeta, aparecia brilhando forte, em cor amarelada, na noite, deixando os céus com uma tonalidade escarlate escura.

Elizabeth ouvindo o falatório de Slaveator que se iniciou e não parava mais, passava a achar toda aquela conversa desinteressante, frívola, inútil, sem graça e até meio

monótona.

A técnica de paquera do jornalista era antiquada, e, ainda que, este posasse de sabichão, a nossa protagonista favorita, tinha convicção que: ou ele não sabia mesmo de nada, ou, estava sendo pago por interesses de alguém, para não abrir o bico, e até mesmo distorcer a verdade.

***

O romulano que entrou acompanhando Elizabeth, no salão de festas, logo tomou direção diferente dela, e, aproximou-se de um dos balcões, onde eram servidos drinques diversos, por um garçom trajado à moda antiga.

-Cerveja romulana, por favor. - Pediu ele.

O garçom romulano ergueu uma de suas sobrancelhas, com uma expressão que aparentava dúvida, mas, se virou, tirou um copo do armário, em seguida, encheu-o com um líquido azul, saído de uma típica torneira de cerveja de balcão, para finalmente, entregá-lo ao recém-chegado, enquanto a bebida ligeiramente espumante, estalava de tão estupidamente gelada.

O recém-chegado pegou o copo sorveu alguns goles do seu conteúdo, apreciando então, a descida da bebida, goela adentro.

Mal teve tempo de fazer algum tipo de elocubração filosófica, a respeito daquele momento único, e, do nada, chegarm duas lindíssimas romulanas, que sentaram-se ao seu lado no balcão.

-E aí bonitão...

-Humm que gato...

E aqui abro um parêntese para indagar aos especialistas:

( O que mais um macho viril pode desejar na vida, além de um copo com cerveja gelada, e belas mulheres ao redor? ROCK? Fumo bom para queimar?)

O feliz romulano recém-chegado, sorriu com sua sorte.

Nada como chegar na festa e ser bem recebido por lindíssimas convivas.

***

Um famoso Mestre terráqueo, já proclamava em suas filosofices.

“Felizardo do homem que não precisa gastar verbo para rapidamente estar cercado de mulheres bonitas lhe paparicando”.

Pois assim sentia-se no momento, o recém-chegado que foi conduzido pelas lindas romulanas, até um quarto escuro com uma cama vermelha no meio.

-Tipica decoração romulana. - Pensou o pretenso felizardo.

No segundo seguinte, a porta daquele quarto foi fechada atrás de si, e uma das garotas, acertou-lhe um potente chute no meio do saco.

-Ei! Mas isso é algum tipo de galanteio sedutor típico das romulanas? - Indagou o infeliz, que agora sentia a cerveja que tão gostosamente bebera, querendo regurgitar de volta, para fora dele.

A outra romulana lhe enfiou um tapão na orelha tão forte, que fez as duas saírem voando.

-Viu? - Berrou uma das beldades. - Não disse? Ele nem é romulano de verdade. Suas orelhas são falsas.Fosse autêntico, teria pedido uma ALE e não “cerveja romulana”.”

-Patife! - Insultou a outra, quebrando-lhe as costelas, com um “crack”, que fêz até o infeliz se curvar de dor.

-De onde você é, seu espião?

-Sou jornalista. - Respondeu ele se contorcendo.

-Esse cara é bom.

-Sim. Ele mente até quando está sendo torturado.

-Precisamos nos esforçar mais no trabalho. - Disse a outra enquanto dava mais alguns tapões na cara do infeliz.

-Calma garotas! - Disse ele ofegante, tentando respirar. - Vocês estão … UNGH!.... Enganadas a meu respeito. Sou um cara legal...

-Nossa! Ele é um cara legal.

-Por aqui faltam machos assim. Só tem velho nas imediações.

-É... Uns babões rancorosos e cheios de ódio...

A outra então pegou na piroca do infeliz e apertou firme.

-Esse aqui é um jumento! Temos que aproveitar a oportunidade. Aqui deve ter uns quarenta centímetros.

-Tem razão garotas.

“Aproveitem a oportunidade. Ainda sou capaz de fazer vocês melhorarem seu humor.” - Balbuciou o “jornalista”.

-Ahh! Mas ele quer nos fazer felizes... Tem pinta de piadista.

-Quanta nobreza, para alguém que está para morrer...

-Não podemos nos apressar. Lembre-se que antes de eliminá-lo temos que fazer o interrogatório....

-Ah! O interrogatório.... Sim. Verdade.

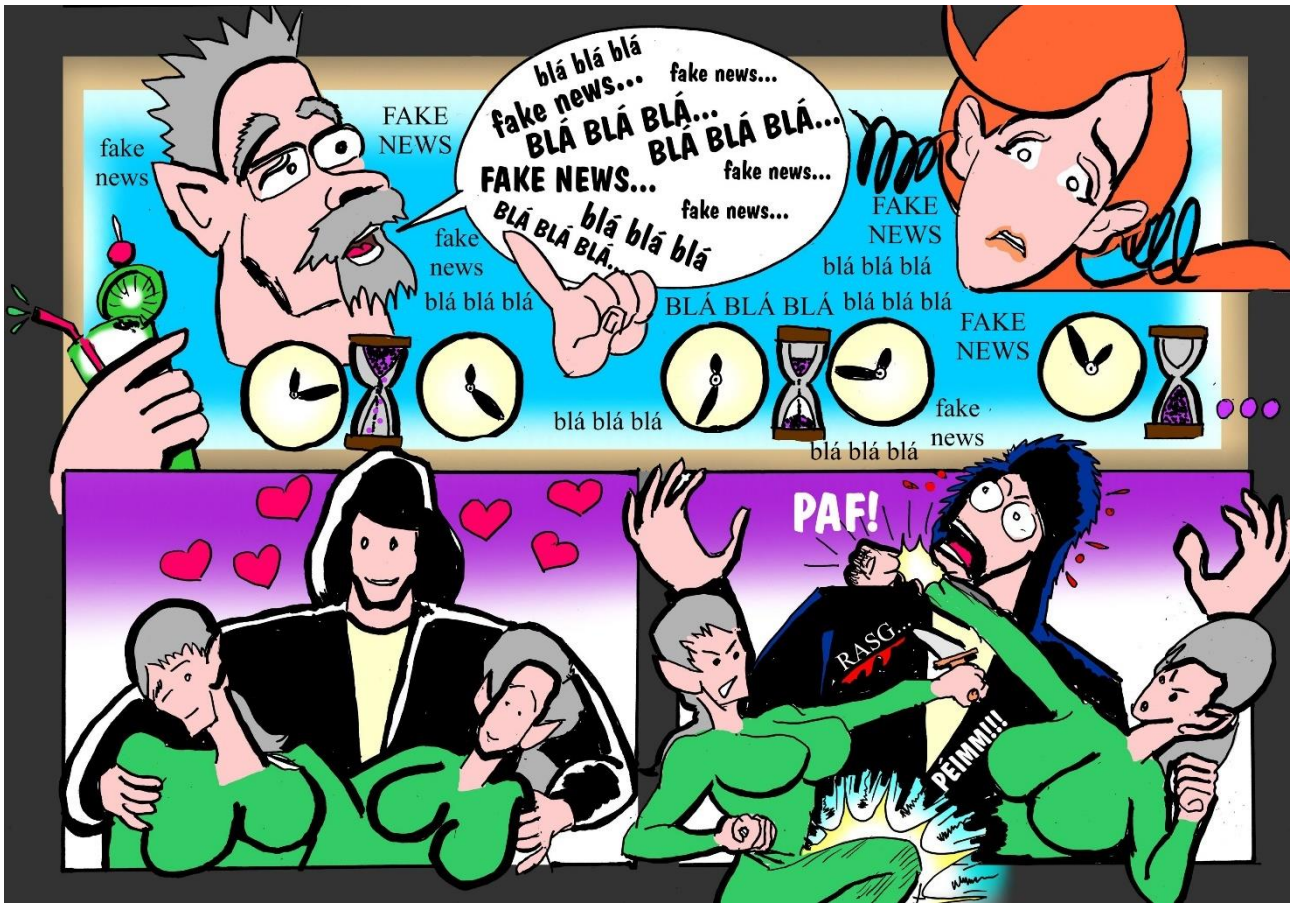
“Quantas questões temos que indagar?”

-São mais de 100...

-Uhhh.... Isso vai ser divertido.

-E demorado...

-Podemos pegar também a ruiva que chegou com esse cara. Acho que ela está com ele em alguma armação...



-Também acho...

O inesperado aconteceu então.

Talvez, por ouvir a ameaça contra a ruiva, veio a reação!

Numa das pancadas em que ele tomou, conseguiu apoiar sua mão em algo redondo e duro, que, no segundo seguinte foi utilizado como arma contra uma das romulanas.

Com o referido objeto, ele a acertou no queixo, com tanta violência, que além da mandíbula quebrada, também a colocou à nocaute imediatamente.

Na sequência, aproveitou o movimento para arremessar contra a testa da outra, o objeto que tinha em mãos.

A potência com que acertou a fronte dela, cravou ali o bólido, deitando-a inconsciente, de imediato.

O esforço foi compensador, mas cobrou caro o autor do arremesso salvador.

No instante seguinte, tomado pela dor, dobrou as pernas ficando de joelhos, dali entretanto, não abaixou mais, pois lembrou que Elizabeth ficaria furiosa se voltasse de mãos vazias.

Provavelmente, perderia o emprego gratificante, que lhe proporcionava um prazeroso convívio ao lado de muitas mulheres bonitas e inteligentes.

Tal pensamento lhe renovou as energias e fez com que reunisse forças para revistar as romulanas caídas.

Elas foram espertas, a ponto de desmascará-lo por conta de um grosseiro erro, na hora de pedir a cerveja romulana.

É lógico que um romulano autêntico não pediria no balcão uma cerveja romulana, e sim, como foi bem lembrado pela oponente caída: uma ALE.

Mas ele não era um romulano de verdade e sim, Sonny Blue.

Sonny revirou as romulanas e ainda copiou o conteúdo dos comunicadores que elas carregavam, para o seu super-computador de bolso, que, tendo também, o gerenciamento paralelo do Paul Digital, logo descritpografou todas as senhas e acessou todos os dados ali contidos, em menos de dois minutos.

Em quatro minutos e vinte segundos, Paul Digital já estava dentro de algumas das redes mais próximas que aqueles equipamentos estavam conectados, e, assim finalmente, obteve a informação que Sonny e Elizabeth vieram buscar.

Pela janela, por alguns segundos, admirou a lua que, lá fora nos céus, deixava aquela cena um pouco menos tenebrosa.

Nada mau como resultado de sua primeira missão trabalhando para sua chefa no E.Y. E. (Serviço Secreto da Federação dos Planetas Unidos).

****

Elizabeth já não aguentava mais a conversa chata do Slaveator.

Não era mau sujeito, apesar de ser romulano.

E como tal, além das tradicionais orelhas pontudas, tinha aquela pose de superioridade sobre o resto do universo como se fosse dono e fonte absoluta da razão.

Para aquele jornalista, qualquer verdade, para ser considerada genuína, tinha que sair de algum dos renomados órgãos de imprensa que ele silabava como os professores de gramática primária.

Além de tudo, ainda tinha que ser verdade certificada por ele, e, seus devidos veículos de FACT CHECKING, para só então, cair no hall de notícias críveis.

Enfim, mesmo que Deus, CRIADOR deste, e de outros UNIVERSOS, se personificasse aparecendo diante de Slaveator Toupeira, dizendo-lhe que um fato é absolutamente crível e verdadeiro, o jornalista romulano, taxaria como teoria da conspiração, se não, fake news, tudo aquilo com cuja existência não concordasse ou pudesse entender.

Segundo as próprias palavras de Slaveator:

“A minha visão é a que prevalece sobre as cinco mil faces que uma verdade possa ter, e ponto final.”

Sim porquê, mesmo não sendo mau sujeito, Slaveator nunca recusou aquela graninha paga por fora, para impor opiniões, mesmo que às custas de calunias, injustiças e difamações, daí, editava como bem queria, as verdades que passavam pela sua frente.

De qualquer forma, quando Elizabeth, já tinha gasto sua cota de sorrisos, aguentado a verborreia pegajosa do “jornalista”, apareceu Sonny, andando meio torto, com a cara vermelha, olho roxo, mas sorridente.

Ele parecia não estar em condições de falar muito, mas, o positivo que ele fez colado no próprio peito, já indicava o sucesso da missão.

Elizabeth sorriu aliviada, segurou Sonny pelo braço e, na medida que foi empurrando-o para fora do salão disse para um admirado Slaveator que, boquiaberto e de queixada caída a olhava escapando.

-Meu amigo aqui exagerou nas biritas e terei que levá-lo para casa. - Justificou-se a beldade com um lindíssimo sorriso.

“Obrigado pelas dicas a respeito das teorias de conspiração, agora só lerei as notícias que você recomendar para me informar da VERDADE.”

***

-Eu jà não aguentava mais, toda a conversa astronômica daquele cara.

“Por-que você demorou tanto?”

Sonny, mesmo arrebentado, deu um sorriso e disse:

-Tive alguns contratempos. Nada demais.

-Parece que você se machucou aí... Tropeçou em alguma amolação?

-É... Mais ou menos... Nada demais. Não precisa se preocupar.

-Como, não precisa se preocupar? Deixa eu ver isso aí...

-Não precisa …

-Deixa eu ver logo. - Disse Beth colocando a mão sobre o olho roxo do Sonny.

-Bebeu a cerveja romulana? - Perguntou ela

-È... Bebi...

-Bebeu demais né? Falei para moderar com ela...

-É mas...

-Calaboca.

Elizabeth tirou a mão e o olho roxo sumiu.

Agora, Sonny estava até mexendo os olhos normalmente.

Em seguida ela colocou uma das mãos na costela fraturada e a outra no rosto dele.

-Deu em cima da mulherada romulana?

-Não foi bem assim, é que...

-Não mente para mim.

-Não tou mentindo...

Elizabetn tirou a mão do rosto de Sonny e este voltou ao normal, com a vermelhidão tendo sumido.

Sob a mão que estava em cima da costela fraturada, veio um som, outro “CRACK”.

Desta vez, Sonny deu um suspiro aliviado.

Ali também, o toque de Elizabeth teve um efeito reparador e imediatamente aliviou-lhe as dores.

Foi então que, sem a menor cerimônia, ela colocou a mão aonde Sonny levou o chute de uma das romulanas.

Bem ali mesmo... Só que, o efeito, nessa região foi diferente.

Claro que o toque, também aliviou as dores do local afetado, mas, também trouxe

uma reação inesperada.

-P*rra Sonny, mas precisa ficar com esse negócio duro pra cima de mim?!?!?!?

“Eu vim aqui ajudar e você me aponta essa piroca gigante?!?!?!

“Eu aqui preocupada em te recuperar para a volta ao trabalho e você me vêm com gracinhas???”

“Vamos ser profissionais, Sr. Sonny Blue, aprenda o velho provérbio:”

“NÃO SE COME ONDE SE CAGA!!!!”

-Desculpa aí chefa... Não deu para segurar... - Gaguejou o falso romulano tentando não rir.

-Agora sai pra lá, e fica na tua. - Disse ela se afastando de Sonny. - Você tá com sorte que eu chequei os dados, que confirmam as informações que recebemos da nossa fonte.

“Se você tivesse arrumado coisa ruim eu te mandava de volta pro bar.”

“O Tal Shiar e outros Departamentos de Espionagem do Império Romulano puseram as mãos na espaçonave de uma coletividade denominada como Borgs.”

-E o que fazemos com essa informação, agora?

-Essa espaçonave Borg deve ser destruída.

-E para quem iremos mandar esse trabalho? Para a Frota Estelar?

Elizabetn deu um sorriso para Sonny:

-Está brincando?

“Não vamos mandar ninguém resolver esse problema.”

“Nós mesmos é que iremos até lá, dar um jeito em tudo...”

Sonny Blue engoliu em seco e a sua piroca murchou na hora!

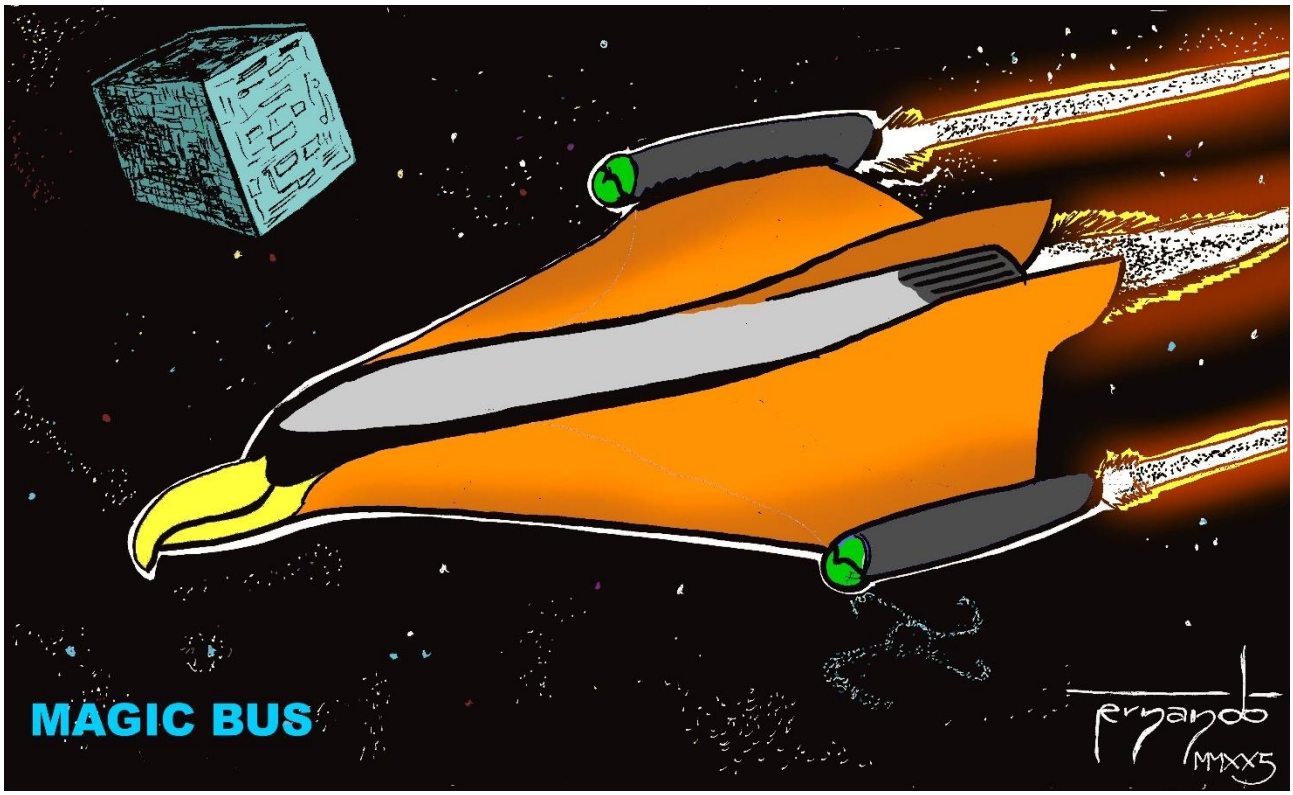
Se a primeira vez como operativo do E.Y.E., foi inesquecível, como seria a segunda?

Ao menos...

Bem sucedida?

***

# BETE & SONNY




MAGICAL MISTERY BUS, foi assim que Elizabet Bondmader, mentalmente batizou o veículo em que, agora estava embarcando juntamente com Sonny: uma espécie de espaçonave auxiliar amarela, que, tinha tanto na sua disposição interna, bem como na externa, formato similar ao de um ònibus sem rodas, com estilo mais agressivo e aerodinâmica esportiva...

Sonny Blue, por sua vez, sentou-se ao lado de Elizabeth, afivelou os sintos e colocou o capacete.

Mal teve tempo de olhar para fora da janela e dar uma respirada tranquila, que foi tocado no ombro.

O inspetor romulano lhe apontava com objeto em forma de retângulo preto plástico.

Um raio vermelho saiu do dispositivo atingindo o código de barras no peito da vestimenta de Sonny.

Novamente, sua identidade estava sendo verificada pela segurança

O inspetor romulano olhou no resultado que obteve, fazendo em seguida o mesmo teste, no código de barras da vestimenta de Elizabeth Bondmader.

-Jolan Tru, madame. - Em seguida disse o romulano com um sorriso. - Faça boa viagem.

-Jolan Tru. - Respondeu ela com sua voz doce, linda e suave.

Sonny Blue pensou:

-Até o romulano mais durão, amolece olhando para a Bete.

“Mal sabem esses caras, a chefa durona que se esconde atrás daquele esplendoroso sorriso.”

Mesmo assim, Sonny facilmente daria sua vida por ela.

-O que está pensando Sonny? - Indagou Elizabeth olhando Sonny.

-Nada, não. - Respondeu ele engolindo em seco.

-Ah! Eu estava pensando naquele jornalista, o Slaveator Toupeira. - Disse ela.

“Andei lendo algumas das matérias que escreveu. “

“Me parece sim, uma boa pessoa, mas, aqui entre nós, ele não sabe nada. Está mal-informado.”

-Claro que você tem razão chefa. Longe de mim, te contestar, mas esse cara não quer perder o emprego que têm. - Ponderou Sonny. - Quem têm cu tem medo. O Slaveator, para mim, é um desinformante a serviço do sistema, travestido de jornalista, à espera da aposentadoria."

-Não vou ser tão dura. - Disse Elizabeth. – Acho que ele só está mal-informado."

"Provavelmente acredita nas mentiras que seus chefões lhe contam."

-Bete. Você diz isso porque o cara te paquerou na festa que confirmamos que os romulanos recentemente puseram as mãos numa misteriosa espaçonave.

-Não precisa fazer o recordatório da história toda... - Disse ela. - Até porquê estamos aqui infiltrados nessa condução que vai pra lá, e não queremos nossa conversa ouvida.

-Entendido alto e claro chefa...

Sonny ficou quieto por alguns segundos, mas não conseguiu segurar a língua:

-Sabe quando me perguntou no que eu estava pensando?

-Sim.

-Na verdade e eu estava pensando em algo...

-Isso eu sei...

-Estava pensando no bom trabalho do Paul Digital, com nossas identificações.

-Pode confiar. Ele faz tudo com muita seriedade e praticamente de graça!

-Elizabeth! - Chamou uma voz calma proveniente de micro-alto-falantes colocados nos ouvidos de Bete & Sonny. - Recomendo silencio aí.

"Vocês estão tagarelando muito."

"Posso garantir a segurança de vocês desde que também não se exponham."

Elizabeth encarou Sonny dizendo:

-Você ouviu o Paul. Vamos fazer silêncio.

-Alto e claro, de novo, chefa. - Respondeu Sonny. - Às suas ordens.

As escotilhas se fecharam com um chiado diminuindo a barulheira dos motores no interior da cabine que abafou a conversa entre Sonny e Bete.

Segundos depois, a nave elevou-se do piso onde, até então estivera pousada, subindo lentamente rumo ao espaço sideral.

Embarcado com Bete para missão secreta, sem meios de se arrepender ou voltar atrás, Sonny Blue olhou a janela, e viu o planeta de onde saía diminuindo rapidamente de tamanho, enquanto, a nave romulana de passageiros em que estava avançou valentemente pela treva eterna do espaço sideral.

***

A missão de Bete & Sonny era entrar no misterioso cubo que os romulanos secretamente faziam trabalho de engenharia reversa visando descobrir os segredos e tecnologias ali contidas.

Mesmo o tal artefato misterioso, não estando visível para olhos ou câmeras convencionais, Beth já recebeu indicação da presença deste, num tablet que, discretamente mostrou para Sonny.

-Só está perceptível em frequência de rádio. - Comentou Elizabeth. - Praticamente invisível... Nem no infravermelho aparece."

-É um cubo de fato. - Disse Sonny em voz baixa. - As medidas estão corretas?

-Sim. - Disse ela. - Cem quilômetros em cada aresta.

-Fascinante...

Elizabeth apontou para a janela e, de-repente, do meio do nada, apareceu o tal cubo, iluminado por diversos pontos de luzes brancas e verdes.

Sonny Blue não conseguiu conter uma expressão de assombro.

O tal objeto era de fato, descomunal.

A espaçonave romulana em que estavam, deu uma volta completa em torno do cubo,

até que uma comporta retangular apareceu brilhando neste, daí seguiu para aquele lado.

Segundos depois, entrou pela passagem, indo pousar numa pista entre diversas espaçonaves ali estacionadas, de onde já desciam passageiros em atmosfera protegida, pressurizada e com ar respirável.

Alí já funcionava um campo de força estabilizando as condições de suporte de vida, permitindo um ambiente compatível à quase todas as formas de vida humanoides...

Elizabeth Bondmader e Sonny desafivelaram os cintos que os prendiam às poltronas, levantaram-se, pegaram suas bagagens, e dirigiram-se para a saída da nave.

Agora, testariam os artifícios desenvolvidos por Paul Digital para garantir sua segurança no interior de ambientes perigosos, sem gerar suspeitas.

Aparentando tranquilidade, a dupla andou pela pista, até uma esteira rolante que chegava num terminal onde puderam tirar seus trajes espaciais, que mais pareciam roupas de motoqueiro, trocando estes, por roupas mais leves de cor preta.

Com estas vestimentas, de lá, seguiram para um setor, onde identificações foram-lhes solicitadas.

Elizabeth Bondmader entregou à romulana dentro do guichê, um cartão preto, já conhecido do(a) querido(a) leitor(a).

-Não conheço esse tipo de identificação. - Disse a funcionária por trás da parede de vidro blindado do guichê.

-Pode passar no seu leitor, que ele vai autorizar. - Disse Elizabeth

Assim a romulana fez.

Inseriu o cartão preto numa fenda e, imediatamente, veio a liberação.

A romulana ficou impressionada.

Nunca vira aquilo.

Desconfiada, olhou mais uma vez o cartão, entregou-o de volta, e mandou Elizabeth avançar.

Foi a vez de Sonny, que, apresentou o mesmo cartão.

De novo, não houve nenhum problema, a romulana coçou o queixo, não acreditando em tamanha eficiência.

Sem alternativa, ela olhou o cartão, devolveu-o a Sonny e disse:

-Tivesse eu mais identificações de facil liberação como estas, meu trabalho seria melhor.

Sonny Blue deu seu famoso sorriso de cara de pau holywoodiano, e logo viu-se liberado de mais aquele empecilho.

Finalmente Bete e Sonny poderiam verificar o que tinha naquele lugar.

***

Andando pelo terminal, Elizabeth, só pensava em fazer tudo rapidamente, e sair dali sem ser percebida. Sonny por sua vez, andava descontraído como se não tivesse noção do perigo que os cercava por todos os lados.

Claro! O galante garanhão chamava as atenções das romulanas do pedaço!

E não só delas, mas também, a de gays romulanos afeitos a uma linguiça.

Estes por sua vez, assim que puseram os olhos em Sonny, já ficaram todo risonhos e cheio de alegria para dar.

Percebendo a indesejada admiração, nosso atlético e cabeludo protagonista, procurou ficar mais próximo de Elizabeth, que, só para zoar um pouco mais o camarada disse em alto e bom som, fazendo cara brava...

-Sai pra lá. Vá procurar tua turma.”

Foi o que bastou para os afeminados romulanos ficarem exaltados.

-Aí bofe... A bela aí não quer saber de você não.

-Vem aqui garanhão.

CHECK
POINT

-Mostra para gente essa sua cobra... Ui... A gente aqui sabe como dá um trato aí e deixá-la mais tranquila.

Se o leitor sempre achou os romulanos mal-humorados, é porque nãos viu os três tipinhos na gargalhada para cima de Sonny que, antevendo ameaças mortíferas, logo tentou se aproximar mais ainda da Bete, como se estivesse pedindo socorro, mas esta, como convém a toda mulher GOSTOSA, fez cara de pouco caso e coçou a têmpora como se o assunto nada tivesse a ver com ela.

Claro que ela só queria fazer uma troça com o Sonny mesmo no meio daquela situação estressante.

De qualquer modo, o plano original era de não ficar por ali muito tempo só, o necessário para Paul Digital, sabotar tudo no cubo pois, através dos cartões de identificação dos protagonistas destas linhas já estava inserido no sistema informatizado local.

Bete queria ver o Sonny suando um pouco, até que os dois fossem teletransportados dali para fora. Seria divertido...

Elizabeth acelerou um pouco o passo e, a rapaziada alegre romulana aproveitou, para cercar Sonny.

Agiam como hienas prontas para atacar o leão.

Sonny não queria ser indelicado com eles, até para não ter sua identidade desmascarada...

Bete se divertiu e desestressou um pouco...

Logo porém a situação mudou totalmente...

***

Dentro dos ouvidos de Bete & Sonny, os comunicadores ali inseridos, transmitiram outro aviso de Paul Digital.

-Por enquanto, tudo sob controle...

-Paul. Você está me chamando só para dizer que está tudo sob controle? – Indagou Bete de modo a ninguém perceber, que falava sozinha.

-Não.

Elizabeth virou-se enquanto, Sonny tentava escapar dos novos amigos que não queria fazer.

-O que está acontecendo, Paul?

-Toda a pesquisa romulana obtida, a partir da engenharia reversa, feita aqui, já está em nosso poder.

-Ótimo, mas, o que está acontecendo, Paul? - Reperguntou Elizabeth, tentando esconder ainda mais o rosto, enquanto falava.

-Também consegui acessar quase tudo que os Borgs têm nos seus sistemas informatizados...

-OK. Mas, o que está acontecendo, Paul? Vá direto ao ponto. - Insistiu Elizabeth, enquanto ouvia os rapazes alegres em torno do indefeso Sonny.

-Esse cubo borg, antes de cair em poder dos romulanos, já tinha, um segredo guardado aqui.

-Que segredo? - Perguntou Elizabeth curiosa, enquanto dava um sorriso e acenava para Sonny.

-Não sei. A informação que disponho com exatidão é a de que existe aqui um cofre de pedra com algo desconhecido em seu interior.

Bete ficou curiosa. O que quer que houvesse no tal cofre deveria ser valioso.

Mais ainda pelo simples fato de Paul não conseguir acessar o conteúdo ou conjecturar sua finalidade...

-Onde está o cofre? - Indagou Beth, enquanto acenava para Sonny.

-No seu relógio você verá a rota.

Antes de seguir pelo caminho indicado, ela pensou:

-O volume de informações obtidas por Paul Digital em todos os sistemas ali operacionais, já compensou os riscos corridos até o momento...

“O que quer que houvesse naquele cofre de pedra, poderia até ser descartado, e o saldo da missão ainda seria positivo.”

Bete entretanto, sabia que, talvez até descobrisse algum modo de revelar os segredos no tal cofre.

Era uma oportunidade que não poderia deixar para trás, afinal qual a finalidade do E.Y.E, senão, a de bisbilhotar DETALHADAMENTE qualquer ameaça à Federação?

Logo aproveitaria o jogo que estava ganhando para arriscar lance ainda mais ousado: desvendar o tal segredo escondido pelos borgs!

Ela avaliou o caminho exibido em seu relógio, e indagou:

-Quanto tempo isso pode demorar???

-Não dá para calcular.  - Foi a resposta de Paul Digital. - Dados insuficientes.

Elizabeth acenou para Sonny, dizendo:

-Então vamos ver do que se trata.

Aproximou-se então do seu companheiro de aventuras e afastou-o do trio que o assediava.

-Sinto muito meninos. - Disse ela. - Esse aqui... É MEU.

Em seguida, puxou Sonny dali e saiu desfilando resoluta toda sua beleza monumental, cujo rebolar, silenciou com estilo, os invejosos romulanos.

****

Meia hora depois, após tensa caminhada, Elizabeth Bondmader viu-se no amplo fim de um corredor escuro e abandonado diante do tal cofre onde Paul havia informado estar algum misterioso segredo.

Aparentemente, por incrível que pudesse parecer, ninguém passava por ali.

Em todo caso, Sonny Blue, ficou fazendo vigilância na entrada do compartimento em que estava a peça, e conectava aquele espaço com o restante do sinuoso interior do descomunal cubo borg.

O cofre cúbico tinha doze metros de altura, e era feito em pedra escura brilhante.

O acesso para seu interior se dava por uma porta com quatro metros de diâmetro, em material que aparentava ser puro aço.

Não havia em qualquer parte do artefato, marca ou desenho indicando sua finalidade. Apenas uma pesada maçaneta na parte frontal da porta.

Por ser digital, Paul ficou impedido de abri-la, já que a fechadura ali, não era eletrônica, e sim, manual.

Diante do problema, Elizabeth empenhou seus talentos telecinéticos “tateando” internamente, a parte mecânica da tal maçaneta descobrindo que esta, na verdade nada tinha de complicada, porém, só podia ser aberta de dentro, o que implicaria na presença de alguém no cofre.

E de fato, mais concentrada, ela confirmou que ali havia alguém dormindo, ou, meditando.

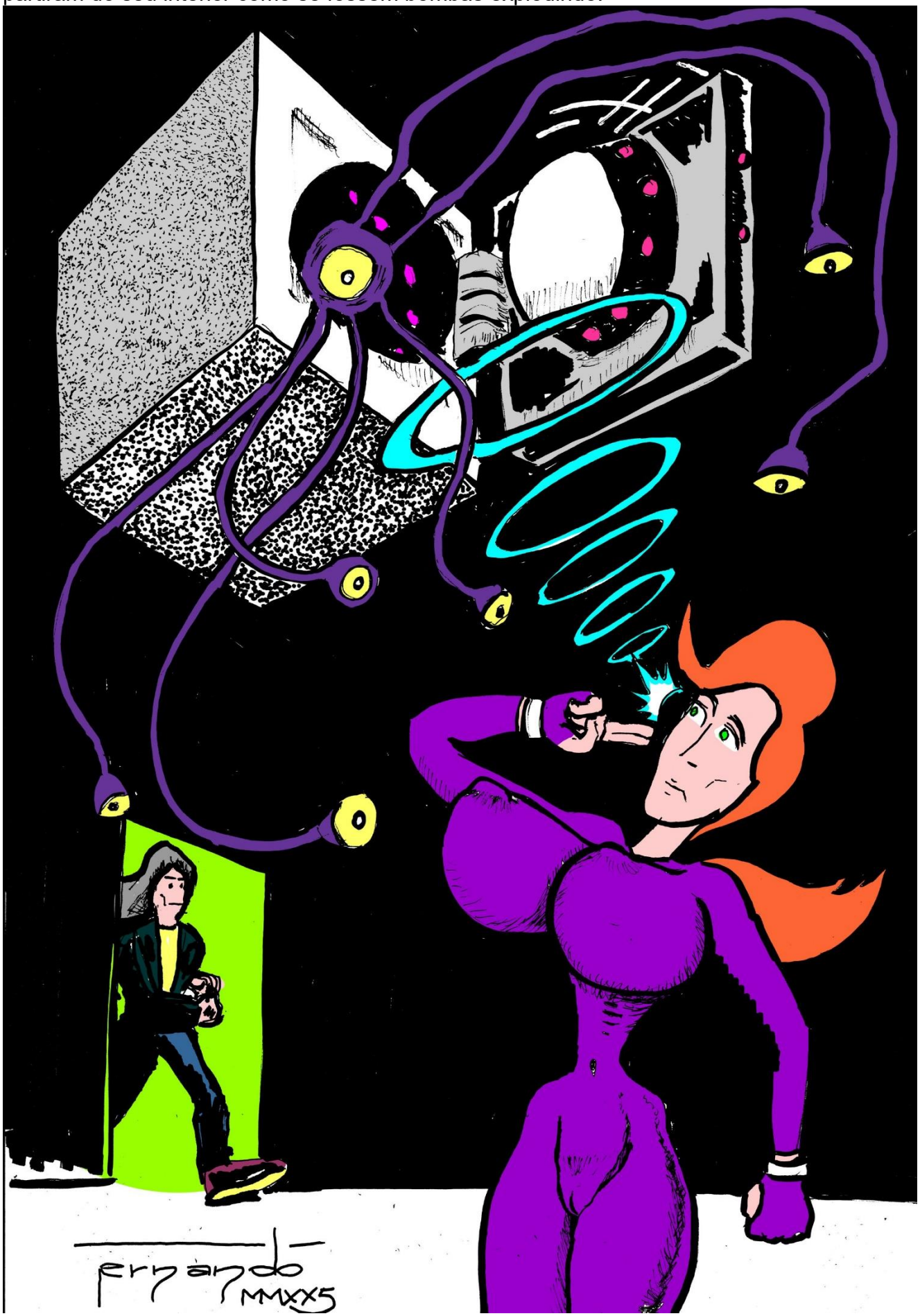
Talvez até, num estado intermediário entre os dois.

***

Assim que os talentos telepáticos de Elizabeth Bondmader perscrutaram as emanações mentais da forma de vida no interior do cubo, esta entrou em outra frequência de atividade cerebral, como se algo a tivesse despertado.

O cofre cúbico passou a emanar um brilho cada vez mais forte enquanto estrondos

partiram do seu interior como se fossem bombas explodindo.



A porta de aço se destrancou e abriu revelando uma esfera escura de onde saíam tentáculos negros em expansão cujas extremidades haviam olhos de formas e cores diversas que, tão logo enxergavam Bete, dirigiam seu foco todo na direção dela.

Não sentindo qualquer ameaça ou perigo emanando mesmo telepaticamente daquela coisa, Elizabeth Bondmader não se assustou, até mesmo aproximando-se mais para melhor examiná-la.

E de fato, ainda que não houvesse qualquer possibilidade de perigo iminente, Bete mentalmente percebeu a existência de milhares de pensamentos e vozes distintos, todos convergindo a partir de origens diversas, naquela entidade misteriosa, que de um instante para outro, emitiu brilho ofuscante, surgindo em seu lugar, um homem alto, de longa barba e cabelos grisalhos, vestindo terno branco, que logo se apresentou:

-Olá! Podem me chamar de OLD MAN.

***

Boquiaberto, OLD MAN aproximou-se de Bete, admirado com sua beleza e disse:

-Finalmente te encontrei garota. Tua beleza é lendária, mas pessoalmente você é muito mais simpática.

-Me encontrou? – Indagou Bete confusa. – Mas acabamos de te tirar aí de dentro...

-Você me tirou do repouso apenas porquê era a única pessoa que poderia fazer isso, Elizabeth Bondmader.

“Os Borgs tentaram abrir o cofre e foram todos mortos na tentativa, coisa que deixou o cubo deles a deriva até, depois de muito tempo, ser encontrado por idiotas romulanos.”

-Gostei desse sujeito. – Disse Bete para Sonny. – Parece que temos a mesma opinião sobre os romulanos...

-Quem não tem? – Retrucou Sonny.

-Você! As garotas romulanas parecem te adorar... - Disse Bete

OLD MAN exibiu um amplo sorriso e relutantemente aproximou-se dos dois dizendo...

-Ouçam com atenção porque o tempo e curto e preciso lhes passar algo muito importante...

OLD MAN parecia confiável, assim, a dupla de agentes do E.Y.E., ainda deu alguns passos em sua direção que, subitamente, com um movimento rapido tocou com as pontas dos seus dedos, nas têmporas de Elizabeth e Sony.

-Não se preocupem. Só vai durar alguns instantes...

A dupla ficou paralisada, não conseguindo mais se mover.

***

Cada prometido instante pareceu eterno, enquanto uma torrente de informações praticamente se descompactava nas mentes da dupla, revelando quem de fato era OLD MAN, não uma pessoa, mas várias versões desta, originárias de infinitos universos paralelos que se juntavam na mesma forma trocando ideias e informações entre si.

-Eu estava a espera de vocês dois. – Disse OLD MAN. – Devo prepará-los para um evento futuro: As Guerras Elizabetanas.

E assim foi passada para as mentes de Bete e Sonny toda essa informação e muito mais.

***

Até que acabou!

O velho afastou as mãos de Bete & Sonny que, sentiram-se física e mentalmente diferentes depois deste toque:

Logo de cara perceberam possuir energia e agilidade mental muito superiores a qualquer momento anterior de suas vidas.

O velho então disse:

-O cérebro de vocês vai demorar algum tempo até se adaptar ao volume de informações recebido. Mas até que se desencadeie o evento inicial das Guerras Elizabetanas, vocês estarão prontos.

“Para lhes dar este tempo necessário, inseri aí na corrente sanguínea, micro ativadores celulares, que, continuamente repararão seus DNAs contra os efeitos do envelhecimento.

“Não é vida eterna, mas, garantirá que tenham TEMPO, EXPERIENCIA e o PREPARO NESCESSÁRIO para enfrentar os desafios que virão.”

-Preparo eu já tenho. – Disse Elizabeth, impertinente, mas por puro bom humor.

-HÁ! – Deixou Sonny escapar, já acostumado às gozações de sua querida chefa.

OLD MAN aproximou-se de Bete encarando-a firmemente.

-MENINA! Você é espertinha mas não tem ainda o preparo necessário para as GUERRAS ELIZABETANAS em que enfrentará, gente mais perigosa que você com armas tão poderosas quanto tua ESPADA DIVISORA DE RAIOS. Não menospreze o futuro!”

***

Assombrada com a advertência, Bete, respirou profundamente, dizendo:

-OK, mas de qualquer modo, temos que destruir este cubo borg.

“Se a tecnologia aqui existente cair no domínio dos romulanos, o jogo de poder na galáxia penderá em desfavor da Federação, e isso eu jamais permitirei. “

-Esqueça! - Reiterou OLD MAN de forma mais incisiva. - Vocês devem sair já.

“O destino deste cubo já está decidido. Eu tenho o controle de tudo por aqui...”

“Vão embora daqui.”

Um brilho ofuscante envolveu OLD MAN com este voltando à sua original forma escura tentacular com milhares de olhos visando Bete, logo em seguida desapareceu junto com o cofre como se nunca tivesse ali existido.

Bete e Sonny, agora com os micros ativadores celulares, lhe garantindo uma vida cheia de saúde por muitos anos pela frente, aceleraram o passo para fora dali.

Logo em seguida Paul Digital manifestou-se pelo fone de ouvido.

-E então? Sabem do que se trata o cofre?

Elizabeth imediatamente respondeu.

-Não conseguimos determinar, Paul. Estamos voltando.

Paul aceitou a resposta silenciosamente, embora Elizabeth Bondmader fosse o tipo de pessoa que quase nunca se justificava dizendo que “não conseguiu” fazer alguma coisa.

***

Nossa dupla de protagonistas seguiu, audaciosamente por corredores e elevadores, até voltarem novamente ao hangar em que, estava estacionada a nave que Bete mentalmente batizara como MAGICAL MISTERY BUS.

Novamente, apresentaram-se nos portões de embarque munidos de seus cartões pretos de identificação caindo justamente, com a mesma romulana, que havia anteriormente franqueado o seu ingresso ao cubo.

Mesmo com toda documentação sendo liberada, apresentando-se ok, em todos os seus monitores e sensores de segurança, ela chamou a sua chefa, principalmente, para verificar Sonny.

-Esses dois chegaram a menos de uma hora e já estão embarcando de volta na nave em que chegaram.

A outra romulana olhou para Sonny de cima à baixo.

-Como está a documentação deles?

-Tudo ok! Não vejo nenhuma irregularidade.

A chefa romulana, continuou olhando para Sonny medindo-lhe cada polegada.

-Mande este aqui para minha sala. A mulher está liberada para o embarque.

Sonny Blue só foi dispensado depois de meticulosamente revistado, especialmente nos seus órgãos genitais, de onde elas não tiraram os olhos o tempo inteiro, sem mesmo se dar conta, da orelha fajuta romulana, que ele usava para disfarçar a humana.

***

TRÊS HORAS DEPOIS, Sonny Blue saiu do “minucioso exame” da segurança.

Depois que as romulanas largaram suas bolas, ele pôde retornar para a espaçonave que o trouxera, mas algo o preocupava. As piadas e, gozações, que viriam para cima dele.

É claro que, qualquer coisa só poderia vir tendo Elizabeth como origem, afinal, além dela, não havia mais ninguém presente...

Elizabeth, entretanto, estava estranhamente silenciosa, para esse tipo de ocasião...

Eis que, apita o relógio de pulso de Sonny Blue.

Ele apertou o botão para receber a chamada,

Projetou-se então no ar, acima dele, uma imagem tri-dimensional de Paul Digital.

-Vai querer guardar como recordação dos bons tempos, a gravação com o registro do seu desempenho contra o ataque romulano?

E apareceu ao lado do rosto de Paul, um retângulo menor, com Sonny Blue nu, e as romulanas fazendo amor, como gatos barulhentos que não deixam ninguém dormir nas noites calorentas em que o ar-condicionado não funcione e o fumo tenha acabado.

Naquela situação romântica, a cara que ele fazia era hilariante, bem diferente daquela sua esculpida cara de pau de galã holywoodiano.

O som da cama batendo nas paredes, com a gemedeira romulana, junto à trilha sonora que Paul Digital escolhera para emoldurar o momento de paixão, deixou a produção, digna de ser guardada como memória a ser exibida em futuras rodas familiares.

-Bons tempos? - Respondeu Sonny com uma sorridente indagação. - “Bons tempos eu não sei, mas, cumpri com a obrigação. Meu desempenho foi tão épico, que, desta vez, as seguranças nem viram as orelhas falsificadas...”

-Puxa vida. Agora pare de se vangloriar pois temos que sair logo. - Lembrou Bete. - “Não sabemos quanto tempo temos.

-Você manda, Chefa.

Sony deu mais uma última ajeitada nas poltronas, destravou os controles de pilotagem, e, assim que recebeu autorização de vôo, decolou a espaçonave lentamente aproximando esta da passagem que os conduzia para o exterior do colossal cubo borg.

Sem qualquer interrupção avançou dali para fora ganhando cada vez mais velocidade a medida que ia se afastando.

Não se passaram nem mesmo alguns segundos e, o cubo apagou-se inteiramente.

Em seguida, uma mensagem chegou aos comunicadores nos ouvidos de Bete e Sony.

Não era Paul Digital.

Alguém havia invadido aquela frequência de comunicação secreta.

Era uma voz conhecida.

OLD MAN.

-Não se preocupem pois o cubo será destruído.

“Os romulanos terão tempo de partir sem perder de vidas ou mesmo levar consigo informação relevante que prejudique a sua Federação, Elizabeth Bondmader.”

Para verificar o que OLD MAN faria, quando a espaçonave abriu boa distância do cubo borg, Bete pediu para Sony desligar os motores fazendo uma parada total.

-Vejamos o que acontece. - Disse ela.

****

Não passou muito tempo para que incêndios e explosões pipocassem por todos os cantos do cubo.

A destruição do artefato misterioso começou insignificante mas avançou rapida e implacável, ainda assim, dando aos romulanos no seu interior tempo de fugir rapidamente nos veículos salva-vidas ali disponíveis.

Quando não havia mais ninguém no seu interior, este explodiu silenciosamente, mas

com iluminação ofuscante.

Para os romulanos, aquela escapada miraculosa sem perda de vidas, parecia coisa do acaso ou, pura sorte. Bete e Sonny sabiam que não.

***

No interior da espaçonave amarela, que na cabeça de Bete, já chamava MAGIG MISTERY BUS, Sony Blue, espantava-se com a impactante explosão do cubo indagando:

-Olha: já passamos por um montão de confusões e você ainda não me explicou como consegue tantas informações sobre os romulanos.

“Nem no banco de dados da biblioteca da Frota Estelar, existe disponível conhecimento sobre o Império Romulano, como o que você domina.”

“A turma lá, nem sabe ainda, que romulano tem orelha pontuda, assim como a dos vulcanos. Qual o teu segredo, Chefa?”

Sem perda de tempo veio a resposta...

-Até parece que você não sabe, Sonny...

Este manteve o silencio por alguns segundos e arriscou:

-Já sei: Você vai me dizer que tem preparo.

-Não Sony! Você não aprendeu nada ainda meu chapa:

“Nem só com preparo se resolve os problemas.”

“Também há de se ter bons contatos.”

****

**Extraido da coluna de cências da**

# GAZETA DO ESTADO IMPERIAL ROMULANO.

**Por: SLAVEATOR TOUPEIRA**

**FAKE NEWS é tudo aquilo que o nosso FACKT CHECKING te disser que não existe.**

E não adianta reclamar: se não passa pela nosso FACT-CHECKING, é porque a estória nunca existiu em qualquer lugar do universo.

Nem precisa trazer links de canais para comprovar tua tese, que nada será considerado VERDADEIRO, estando fora, do nosso padrão de requisitos mínimos, para atender com boa qualificação, os entendimentos imperiais politicamente corretos do que quer que seja informação proveniente da autêntica e indiscutível fonte da verdade.

Veracidade esta, A NOSSA, que só pode ter origem, nos provedores de notícias por nós recomendados.

Por mais que cheire, faça barulhos e pareça ser algo definitivamente autêntico, não o será caso não venha de nossas fontes certificadoras de autenticidade.

Um exemplo de FAKE NEWS, que corre entre desinformantes, é a história de uma espaçonave dotada de tecnologia mais avançada que a romulana, (como se isso existisse!) cujos segredos estariam sendo pesquisados, por nossos cientistas.

Não existe tecnologia mais avançada do que aquela dentro dos limites do Império Romulano, portanto, qualquer informação nesse sentido, deve ser considerada, como FAKE NEWS. Denuncie imediatamente para os seus superiores, ou à polícia, qualquer infração, que perceber, nesse sentido. Mesmo que seja apenas uma suspeita, TUDO será averiguado.

****

Na redação da GAZETA DO ESTADO IMPERIAL ROMULANO, o DIRETO-EDITOR CHEFE Zéquinha, um careca baixote barrigudo, chamou para sua sala, aquele que pela midia democratico liberal era tido como o prodigioso prestigiado, jornalista Slaveator Toupeira, aqui já conhecido de nossos queridos leitores e leitoras.

-PORRA, “Sláva”! (apelido carinhoso do jornalista)

“Mas que mérda de matéria é essa que você publicou? Gastou espaço de coluna e publicidade para escrever que boato é mentira?”

“Isso todo mundo já sabe. Porra Caralho!!!!! Tu tá querendo me roubar???”

-Não chefe! Eu quero chamar a atenção de uma fonte que conheci na festa da imprensa. Acho que deste modo, ela vai trazer mais ideias para podermos contestar...”

-Porra, Sláva! Todo mundo tá sabendo da gostosona que você ficou paquerando na festa e te deixou chupando o dedo...

“É ela que te deixou assim tão traumatizado a ponto de escrever uma porcaria destas???”

-Não chefe... É que...

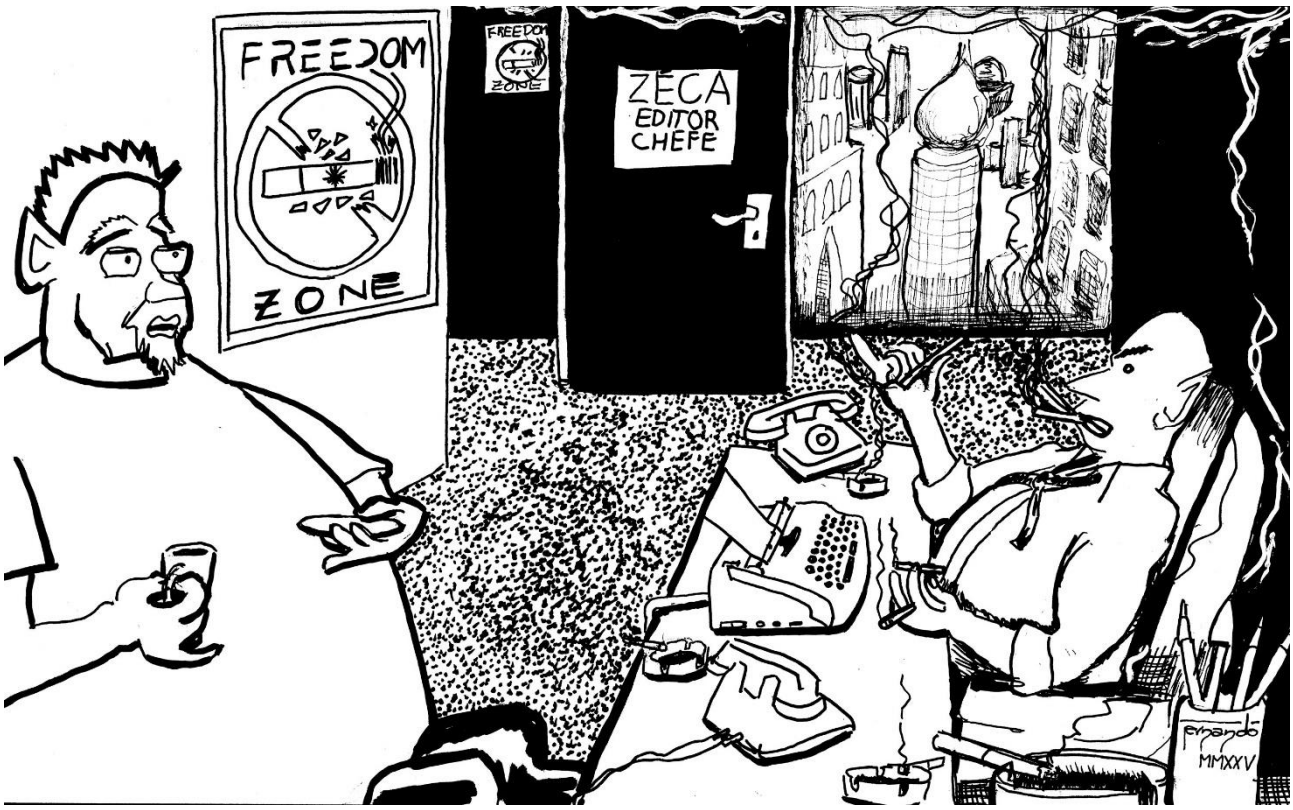
-Slava!!! Eu até entendo que você queira chamar a atenção da gostosona, mas o jornal aqui não é correio do amor para tuas mensagens apaixonadas.”

“Vai lá arrumá algum chefe de estado para a gente chamar de genocida!!!”

“Vê se te conforma com o pé na bunda que levaste, e me escreva algo que preste, porque, essa mérda aqui, eu não vou te pagar.”

Dito isso, o baixote amassou os papeis onde a matéria de Slaveator foi impressa e jogou tudo no lixo.

***


FREEDOM
ZONE
FREEDOM
ZONE
ZECA
EDITOR
CHEFE
fernando
MMXXV

# NA CASA das BONECAS, SONNY BLUE não ENTRA

BASE ESTELAR 39 SIERRA

2256

Áreas espaciais limítrofes com a Zona Neutra Romulana – Subsector 30

Ainda que a Base Estelar 39 Sierra não tenha intenso movimento, até mesmo por sua localização perigosa e distante, eventualmente, algumas celebridades ali aportam, mudando e dando brilho à rotina local.

Esta, é uma de tais histórias...

***

Só o pessoal da Frota Estelar, aventureiros perdidos, ou turistas com poucos créditos, passam regularmente pela Base Estelar 39 Sierra.

Ainda assim havia lá dentro uma grande loja, onde o movimento não parava 24 horas por dia: a MBC MAGAZINE.

Tendo um pouco de tudo abastecia bem, as necessidades da Base Espacial, até porque a sua proprietária, dispunha de muitos contatos que sempre a mantinham antenada nos bons negócios.

E nessa loja, uma de suas sessões mais populares, era a de artigos femininos, onde, estavam todos os itens necessários para as recém-nascidas, bebês, meninas, garotas, jovens, mulheres, senhoras e jovens de outrora, usarem em qualquer estação, durante todas as suas fases da vida.

Também havia disponível, um incrível serviço de manicures, pedicures, cabeleireiras, depiladoras e maquiadoras capazes de transformar qualquer uma, em digna noiva dos sonhos, sem contar é claro, as maravilhosas costureiras, com suas roupas distintas e variadas.

Mas os efeitos do trabalho da MBC MAGAZINE repercutiam não só dentro da base, mas até, em alguns planetas do espaço romulano que conseguiam, sabe-se lá como, receber seus produtos, e, de lá, mandar suas famosas cervejas para o espaço da Federação.

É dentro deste imenso magazine, no piso de itens femininos, por onde desfila Elizabeth Bondmader, com toda sua beleza resplandecente natural, em meio a tantos produtos cosméticos, que, para ela são até, desnecessários, ou como ela mesmo julgava... Frívolos...

Mas nós aqui já sabemos que a queridíssima bete mesmo modesta, assim como toda mulher de bom gosto também aprecia suas frivolidades. Era este o seu ponto fraco.

Outra coisa que a divertia, eram os paqueradores, especialmente aqueles que tinham uma lábia convincente e bem-humorada.

Não que ela fosse amolecer com as filas de pretendentes que ficavam lhe aporrinhando com todo tipo de cantada, mas, haviam algumas que realmente eram dignas de respeito, e para estas, Elizabeth abria as orelhas e as atenções.

No mais, era Elizabeth, aquela durona que o querido leitor, que até estas linhas corajosamente alcançou, já conhece: agente cheia de preparo do SERVIÇO SECRETO da FEDERAÇÃO (E.Y.E.), da qual ela é Chefe comandante ou partícipe de diversas missões.

E lá estava ela andando, descontraída, maravilhosa... Quando ouviu alguém lhe chamando...

-Nossa! Mas os seus cabelos são muito bonitos...

Nem de longe aquele seria o tipo de cantada especializada que, desviaria o olhar de

Elizabeth, até porquê, não tinha absolutamente nada de humor.

Os pássaros trovadores, paqueradores de boa estirpe e qualidade, deveriam primeiramente saber produzir uma cantoria que traga felicidade à sua ouvinte.

Não sendo assim, nem atenção ganharia.

Mas esse caso em especial, chamou a atenção de Elizabeth.

Não pela qualidade técnica gramatical e poética do elogio, mas sim, porquê, veio de outra mulher.

E não era proveniente, de nenhuma das super bem treinadas, e solícitas vendedoras do MBC MAGAZINE, mas sim, de uma jovem simpática, de compleição robusta, com cabelo ruivo castanho encaracolado.

Apenas outra cliente, que na loja estava naquele instante.

-Os seus cabelos são muito bonitos. Como brilham! Que vermelho lindo. O que você usa?"

-Eles são assim mesmo. - Respondeu Bete. - Eu não uso nada de especial, o que tiver, para mim tá bom.

A moça olhou para os cabelos de Elizabeth, em seguida para a sua pele e disse:

-Me desculpe. Mas, se você já é bonita assim, imagine, se usar alguns dos produtos aqui disponíveis para venda...

-Ah! E o que você recomenda? - Indagou Bete curiosa. - Eu não conheço nada!

-Nada??? Então vou te ajudar. Mas antes, deixa me aresentar, meu nome é Sylvia Tilly. Sou cadete a bordo da U.S.S. DISCOVERY."

"Sabe...Tenho um monte de alergias e tive que estudar dermatologia e os cosméticos até encontrar algo que me ajudasse."

-Sou Elizabeth Bondmader. Estou de passagem, a bordo na espaçonave cargueira SSF01.

As duas se apertaram as mãos.

-Então me deixa mostrar algumas das novidades que descobri. Você vai ficar absolutamente estonteante.

Sylvia pegou um carrinho que estava próximo e o empurrou, puxando Elizabeth, através de corredores ladeados por prateleiras diversas, abarrotadas com milhares de produtos. Na medida que andavam, Tilly ia colocando várias mercadorias ali dentro.

-Não se preocupe! - Disse ela toda sorridente e simpática. - Os preços aqui, são super em conta, e, eu tenho alguns cupons de descontos.

Fizeram as compras, em seguida, foram para o departamento equivalente ao salão de Beleza, onde Elizabeth foi sentada numa confortável poltrona em que ficou sendo paparicada e retocada das melhores formas possíveis, num processo de trabalho, que no linguajar mecânico equivaleria ao de funilaria e pintura.

Para a nossa querida protagonista, a conversa com Sylvia era muito tranquilizante, e até mesmo a troca de informações extremamente útil, já que a jovem era inteligente, versátil e bem-intencionada.

Enquanto a fofoca das comadres rolava linda, leve e solta, o acabamento em cima de Elizabeth transformava em TRANSLUBRANTE o que já, naturalmente, era deslumbrante, com direito até, à massagista relaxando os ombros sobrecarregados e estressados de trabalho, da ainda Chefona, Toda Poderosa do Serviço Secreto da Federação (E.Y.E.), que só respondia a ela mesma, seus subordinados, e, eventualmente algumas solicitações diretamente, ao Presidente EM COMANDO da FEDERAÇÃO.

-Ei! Mas eu é quem devia estar fazendo essa massagem aí.

***

-Ei chefa! Eu estava te procurando.

Era Sonny Blue aproveitando a oportunidade, para dar uma de engraçadinho com a

sua chefa mais querida e favorita de todos os tempos.

Ainda depois de muitas missões e bastante tempo, ele não perdia a oportunidade de irritá-la sempre que podia, já que, sabia que, tão logo aparecesse a primeira oportunidade, seria vítima das gozações, achincalhes e zombarias dela.

Sylvia Tilly olhou impressionada com a boa pinta de Sonny Blue, (que agora, mesmo tendo adicionado ao seu visual cabeludo, um portentoso cavanhaque, não conseguia esconder a cara de pau hollywoodiana, abrilhantada com os vernizes anticupim, mais baratos do mercado).

Ela não conseguiu se conter.

-Noossa... É o seu namorado????

Sylvia estava numa posição que não pôde vêr, mas, Elizabeth ergueu o dedo indicador em riste, olhando para Sonny e fazendo cara de Bruce Lee, (lutador de kung fu, bravo), apontando para o brincalhão, a fim de que este soubesse, que a conversa era com ele.

Tilly se virou para Elizabeth, que, muito delicada e suavemente, num movimento simples e imperceptível, transformou o dedo ameaçador, num gesto bondoso, que demonstrava até alguma generosidade.

-Sylvia Tilly, este é o Sonny Blue. Provavelmente, ele veio me trazer algum trabalho.

-Oi Sonny!

-Olá Sylvia! Satisfação em conhecê-la.

“Já te dou os parabéns pois, você conseguiu deixar a Bete ainda melhor do que já estava.”

-Ei Bete! Esse cara tem uma conversa boa. - Disse Sylvia.

-Já vi melhores! Ele é muito metido. Se acha muito gostosão e quer ir direto para o que interessa.

Sylvia Tilly fêz cara de impressionada, enquanto Sonny ensaiava falsa modéstia.

-Infelizmente. - Disse ele. - Eu vim avisar que o tempo está correndo, e daqui a vinte minutos estaremos liberados para procedimento de desatracação e partida

-Pode preparar a nave que eu já vou logo atrás. - Disse Elizabeth, já um pouco menos relaxada.

-Certo! Você manda, chefa!

Em seguida ele abaixou a cabeça para as duas dizendo...

-Senhoras... Peço a licença.

E saiu, deixando a translumbrante Elizabeth e uma estupefata Sylvia.

***

Mais tarde Sylvia Tilly, já no seu alojamento na U.S.S. DISCOVERY, recebeu uma chamada proveniente de outra nave, a S.S.F.01.

Elizabeth Bondmader apareceu no monitor, toda sorridente e, ainda mais linda do que já era:

-Sylvia minha querida.

“Estes produtos que você indicou são ótimos. Estou mandando um presentinho aí...”

Mal acabou de dizer isso, e apareceu, do nada, pelo sistema de teletransporte, a frente de Sylvia, um par de brincos, com forma de anel, prateados, no diâmetro de quatro polegadas, cada, em cujos centros, flutuavam suspensos, pequenos dodecaedros de ouro latinum.

Sylvia não conteve seu espanto. Não só pelo brinco, uma verdadeira joia de arte, bem como o processo de teletransporte que o trouxe à sua frente.

Como teria Elizabeth, com aquele teletransporte, conseguido burlar os sistemas de segurança da Discovery?

-São brincos ferenguis.

Sylvia virou-se para o lado e disse:

-Olha só isso aqui. Que lindo.

Juntou-se a ela, uma morena atlética, de cabelos curtos, e traços firmes.

-Muito obrigado Bete! - Agradeceu Sylvia, que logo apresentou a outra jovem que estava ali com ela, inclusive, usando uniforme parecido. - Essa aqui é a minha colega de quarto, a Michael Burnham.

Elizabeth e Michael acenaram uma para a outra, cumprimentando-se.

-A Sylvia é uma pessoa muito bacana. Me deu dicas bem legais."

-Tentei passar para a Michael também, mas, o cabelo dela tem que crescer; então, enquanto isso, estamos trabalhando com cremes para suavizar e dar mais brilho à pele que já é naturalmente bonita.

-Isso é nas horas vagas... Né Tilly??

"Porque, agora temos uma guerra pela frente, e o Capitão vai chamar em quinze minutos, para os nossos postos..." - Rememorou Michael.

-A Michael é quem me lembra das coisas importantes aqui. - Complementou Sylvia Tilly, sorrindo.

-Ela tem razão, Silvya... Mas... Guerra... - Foi refletindo Elizabeth. - "Toda hora têm alguma rolando, que sempre chega mesmo com gente acreditando numa tranquilidade eterna cheia de paz diferente da morte."

"Isso não existe daí, o negócio é se preparar, para quando preciso for, sentar as devidas pauladas..."

No instante seguinte, ao lado da projeção de Elizabeth, apareceu um retângulo com o rosto de Sonny Blue.

-Chefa! Estamos prontos para partir!

-Oi Sonny!

-Olá Sylvia!

-Essa é minha amiga, a Michael! - Apresentou Sylvia.

-Olá Michael! Prazer em conhecê-la também. Pena que seja justamente no momento que a nossa partida já foi liberada pela torre de comando da base."

-Olá Sonny. - Cumprimentou Michael.

-Tchau meninas. - Despediu-se Elizabeth. - Espero que a gente se veja logo por aí

-Tchau garotas. Cuidem-se aí. - Despediu-se também Sonny Blue.

-Tchau Bete! Tchau Sonny!

A imagem onde estavam Elizabeth Bondmader e Sonny Blue, se apagou, ficando apenas, os brincos ferenguis, Michael e Tilly.

-Não te falei que o namorado da Bete era um gato? Você precisava ver ele pessoalmente... - Disse Sylvia.

-Não sei... A Bete leva jeito de ser um tipo de irmã mais velha do Sonny e não a namorada dele... - Retrucou Michael – Eu entendo do assunto.

-Pode ser... – Concordou Sylvia. – É bem provável pois esse Sony tem pinta de quem pega todas e não namora nenhuma de verdade.

-A hora que ele encontrar uma bandida daquelas bem perigosas ele sossega.

-Por-que diz isso?

-Um dia terminará a necessidade do Sonny perseguir aquilo que ele já tem, seja o sonho do primeiro contato, daí seu universo se tornará menor com a responsabilidade do matrimonio e dever. Aí ele sossega na mão de alguém que o domine, e para isso tem que ser uma dona bem perigosa.

-De onde você tirou tudo isso, Michael?

-Sei lá. Só me ocorreu.

Apesar dos laços de amizade, um reencontro entre as três, ainda estaria longe...

***

Fernando
MMXX5

# 2266

Quando indagada sobre qual seu segredo de não envelhecer com o passar dos anos, Elizabeth respondia mentindo com a seguinte verdade:

“Algumas pessoas se atrasam para perceber as mazelas, levando a vida, como se crianças fossem, daí, envelhecem menos com as frustrações.”

***

-Bete. Tem encrenca acontecendo entre uma espaçonave da Frota Estelar e outra, que a está ameaçando de destruição para daqui dez minutos!

Elizabeth Bondmader tirou a atenção dos afazeres e olhou para Sonny Blue, no seu posto de pilotagem.

-Do que se trata? - Indagou Bete olhando para Sonny.

-Chefa: captei troca de mensagens entre uma espaçonave autodenominada Fesarius, e outra, que é das nossas.

-Das nossas, você quer dizer, da Frota Estelar?

-Sim. E a tal Fesarius ameaçou destruí-la dentro de dez minutos.

-Caramba! Vamos ajudar a nave da Frota agora mesmo.

-Só tem um problema!

-Qual?

-Mesmo a plena potência, vamos levar, pelo menos, meia hora para chegar lá...

Elizabeth Bondmader engoliu em seco e arregalou os olhos.

Com voz baixa e, quase tossindo, disse:

-Vamos tentar de qualquer jeito.

***

A espaçonave agora oficialmente batizada como MAGICAL MISTERY BUS acelerava tudo o que podia.

Depois de ter sido usada numa das tantas missões que Elizabeth e Sonny cumpriam para o Serviço Secreto da Federação (E.Y.E.), foi para o estaleiro, onde passou foi feito “upgrade” no seu sistema de armas e de propulsão, de modos a atender as exigências dos trabalhos no ramo da espionagem espacial.

Agora, depois de muito uso, ainda que estivesse vibrando como um liquidificador velho de tanto forçar seus potentes motores, era óbvio que não seria possível, chegar à tempo de salvar do castigo prometido, à tal nave da Frota Estelar em perigo.

Os diálogos tensos, na comunicação entre as espaçonaves, indicavam que algum barril de pólvora logo iria estourar.

De-repente, Sonny perguntou para Elizabeth:

-Bete! Você sabe o que é Corbomite?

-Corbomite? Não! Nunca ouvi falar...

-Parece que a nave que vai ser destruída, a ENTERPRISE, está cheia desse tal corbomite, e se for atacada, destruirá tudo ao redor, incluindo o agressor.

-Corbomite?

Elizabeth olhou para o lado e perguntou:

-Paul? O que você tem nos bancos de dados a respeito dessa tal Corbomite? Até onde podemos nos aproximar da área onde a Enterprise está sendo atacada pela Fesarius?

-Dados insuficientes!

-Como?

-Dados insuficientes

Elizabeth olhou para Sonny Blue com cara de interrogação.

O relógio estava correndo...

Onde poderia obter alguma informação a respeito dessa tal Corbomite?

Sonny Blue continuava atento às comunicações que chegavam diretamente no seu fone de ouvido:

-Chefa! O tempo acabou. Os dez minutos se esgotaram.

Elizabeth arregalou os olhos em silêncio.

Sua expressão era de medo.

Ansiosa, ela olhava para os mostradores nos painéis de controle da nave, que não lhe davam notícias melhores.

A novidade, quem lhe deu, foi Sonny:

-Bete! A Enterprise ganhou tempo e não foi destruída.

Elizabeth se acalmou um pouco, mas, não quis aliviar na velocidade.

Tentaria superar a longa distância para chegar a tempo, evitando o pior.

A Frota Estelar, não poderia perder uma de suas espaçonaves mais avançadas.

As perigosas hostilidades que ameaçavam a Federação de extinção só cresciam, e, qualquer prejuízo na Frota agora, faria diferença, frente a algum problema futuro.

Quando já estavam sendo feitos, cálculos para saber quanto tempo ainda levaria até se chegar ao objetivo, apareceu um novo problema para ser solucionado:

Os motores da MAGICAL MISTERY BUS superaqueceram e, automaticamente, iniciaram, um processo de refrigeração emergencial para abaixar suas temperaturas.

Com alguns de seus elementos praticamente congelados, a nave seguiria dali por diante, a 60 % da capacidade programada daquela que poderia em condições normais …

Para piorar, esta situação gerou um campo eletromagnético, que interferiu em todo o sistema de comunicação do Magical Mistery Bus, impedindo-a de saber o que acontecia no conflito entre a Enterprise e a Fesarius...

Ou seja, mais fatores de atraso para impedir o salvamento, aumentando assim o possível drama...

***

Era uma situação inédita para Elizabeth.

Normalmente, era o Serviço Secreto da Federação quem sabia e utilizava com muita antecedência as novidades em termos de armamentos de alta tecnologia...

Dessa vez, a Frota Estelar tinha algo, que, ela sequer imaginava o que seria...

Normalmente, Bete não seria surpreendida assim, por ser muito antenada no meio da engenharia.

Quem seria o cientista que projetou tal novidade?

Os minutos passaram tensos, primeiro dez, depois, mais quinze...

A essas horas, talvez...

Elizabeth não queria nem pensar...

Mais um pouco de tempo passou...

De-repente, um estrondo interrompeu os pensamentos da nossa protagonista.

-Sistemas voltando ao normal. - Informou Sonny Blue.

Os motores do MAGICAL MISTERY BUS rugiam novamente e a nave disparou novamente em velocidade até que...

-Acionando sistema de camuflagem e armamento...

-Alerta Amarelo. - Ordenou Elizabeth.

-Alerta Amarelo. - Confirmou do seu posto Sony, o recebimento da ordem. - E... Chegamos!

***

Camuflada e invisível para qualquer sensor, a MAGICAL MISTERY BUS aproximou-se da U.S.S. ENTERPRISE e de uma espaçonave piloto auxiliar da FESARIUS, que, ali se encontravam agora.

Não havia mais nenhum estado de alerta entre qualquer das naves.

Muito pelo contrário, as duas agora, estavam claramente ajustadas em mútuo entendimento de colaboração, sendo que o Comandante Oficial Balok, nesse momento bebia Trania, com o Capitão Kirk e sua equipe avançada.

Elizabeth e Sonny não entenderam nada do que acontecia, e, diante de uma situação claramente pacificada, decidiram não interferir e saíram de fininho da cena, como se jamais tivessem passado por ali...

***

Pensativa, na ponte de comando da MAGICAL MISTERY BUS, Elizabeth trocava impressões com Sonny Blue.

-Não entendi ainda como é que as coisas se deram, mas esta me cheira uma daquelas raras ocasiões em que, aparentemente, a diplomacia, educação e respeito chegaram a bom entendimento, cumprindo com as finalidades para as quais foram criadas.

-Não se entusiasme tanto, nem seja tão otimista. – Ponderou Sonny.

“Só depois que o Paul Digital, verificar o que ele conseguiu dos diários de bordo das duas naves, teremos uma visão mais clara do que, de fato, aconteceu.”

-Talvez! - Disse Elizabeth, não entregando tão cedo, o braço a torcer. - Peça para o Paul descobrir como funciona essa tal Corbomite.

“Se essa tecnologia passou tanto tempo longe das minhas vistas e ainda, foi instalada em espaçonaves da Frota Estelar, sem meu conhecimento, merece no mínimo um roteiro que certamente dará boa produção de obra de ficção.”

***

# 2267

Quis o Destino em seu livro, que, em outra de suas páginas, o caminho de Elizabeth Bondmader e o da espaçonave U.S.S. ENTERPRISE - NCC-1701, se reaproximasse.

Foi após a destruição da colossal arma conhecida como DESTRUIDOR de PLANETAS, que, além de um quase infindável número de vidas, levou também, a do valoroso Comodoro Matt Decker.

Tão descomunal artefato mortífero, Elizabeth Bondmader “carinhosamente” apelidou de “Cornetão”.

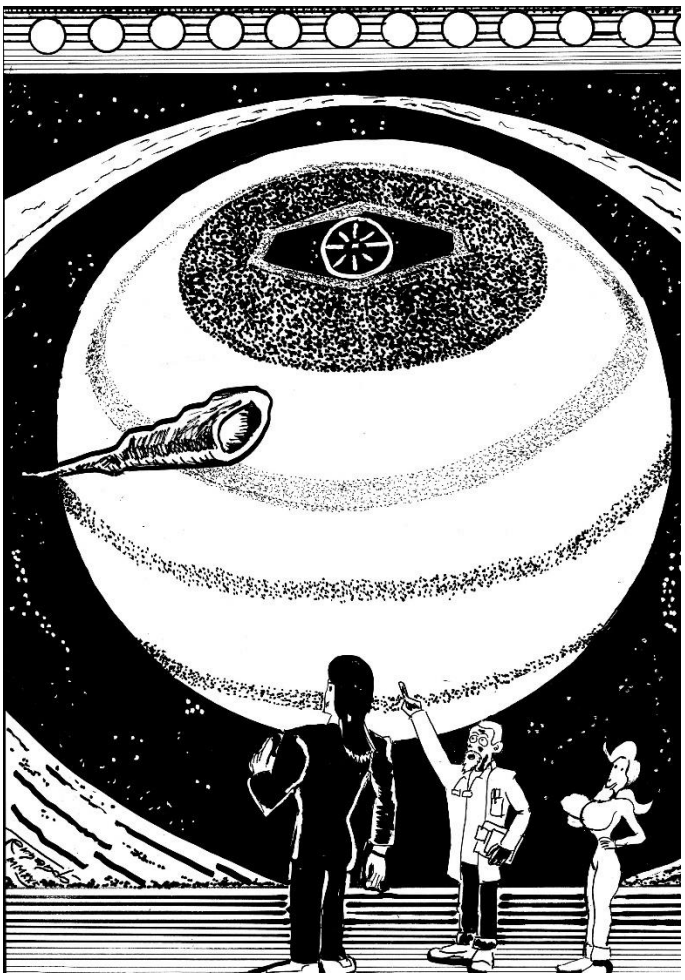
E assim que este foi definitivamente arruinado, graças ao esforço heróico da tripulação da U.S.S. ENTERPRISE - NCC-1701, do seu capitão, James Kirk, e, do sacrifício pessoal do Comodoro Matt Decker, quedou o “Cornetão” destroçado, oculto em meio ao negrume espacial...

Por pouco tempo...

Assim que afastou-se a U.S.S. ENTERPRISE, e, acabou a movimentação em torno da arma, chegou o Serviço Secreto da Federação, para “limpar o cenário de guerra.”

Para tanto, vieram as maiores, mais poderosas, e, bem armadas espaçonaves, a seu serviço: a SSF01, e a BLACK BUD (agora também carinhosamente alcunhada como NAVE MÃE), que nesta ocasião eram respectivamente comandadas por Sonny Blue e Elizabeth Bondmader operando como rebocadores e utilizando seus poderosos raios tratores para guinchar dali, aquela arma colossal até o sistema solar, no misterioso e tempestuoso polo hexagonal do planeta Saturno, onde estava localizada a mais secreta base da Federação dos Planetas Unidos, somente lembrada nas teorias de conspirações, pela denominação de AREA 52!

***



## ÁREA 52

Uma irmã menos famosa, mais nova, feia, e temida daquela no deserto de Nevada, a que guarda discos voadores e outros segredos, ainda desconhecidos.

Tão misteriosa que, mesmo no meio de tempestades e furacões, era invisível a todos os tipos de sensores existentes, inclusíve, aos olhos humanos.

A AREA 52, assim como a irmã na Terra também tinha seus segredos guardados. no caso, os que a Federação dos Planetas Unidos queria manter escondidos do público, além das pesquisas sigilosas, cujo conhecimento deveria ser também restrito.

Não era só um prédio, galpão, ou mesmo, uma base espacial.

Era toda a área interna do imenso e misterioso hexágono de nuvens agitadas no planeta Saturno

Escondidas ali, haviam colossais bases parcialmente robotizadas que guardavam diversos artefatos desconhecidos esperando o seu momento, de serem analisados, ou mesmo receberem, um novo, e mais útil destino.

O trânsito na região em torno daquele polo de Saturno, era totalmente restrito, até para algumas das mais importantes autoridades da Federeção Dos Planetas Unidos.

Elizabeth Bondmader e o pessoal do E.Y.E., tinham ali, o acesso protocolar garantido não só por Lei Pétrea Presidencial, mas também porquê, ela, devido ao seu rotineiro serviço além do dever, prestado à Federação, com o decorrer de décadas de trabalho, tornou-se uma das grandes supridoras, de artefatos misteriosos, arqueológicos ou não, que ali se encontravam para estudo e analise.

Até por isso também, o SSF (Serviço Secreto da Federação) ou E.Y.E., ali tinha a seu dispor, toda uma base espacial operacional própria, de onde, junto a outra rede de “escritórios”, monitorava o fluxo de informações, sigilosas ou não, que fossem importantes para a segurança da Federação dos Planetas Unidos.

Após sua chegada na área, o “Cornetão”, foi rebocado até um espaço reservado, onde ficaria aguardando a equipe robotizada que iniciaria todo tipo de pesquisa que fosse possível nele se realizar.

A SSF01 e a Black Bud seguiram então, para a zona de desembarque, onde suas tripulações seriam recebidas.

Do modo distinto, e mais discreto, foram recepcionados Elizabeth Bondmader e Sonny Blue, pelo Diretor Prescot, o encarregado da administração da base, um homem afrodescendente já na casa dos 60, que, para não perder tempo, tinha um armário de roupas iguais, e sempre se vestia do mesmo jeito; usando um avental azul marinho, com calças pretas e camiseta branca.

Pragmático, não perdia tempo com besteiras e entregava logo o serviço pronto tendo ainda o “péssimo” hábito de falar na cara de quem quer que fosse, sua sincera opinião sobre o que via errado, por isso Bete & Sonny se davam bem com ele, escolhendo-o para ser o Primeiro Secretário da Diretoria.

-Viu só o presentinho que eu te trouxe, Prescot? Se você reproduzir uma dessas que funcione e nos obedeça, a Federação não vai ter mais nenhuma ameaça com que se preocupar...

-Já tinha visto. Fiquei mais impressionado ainda ao saber que a ENTERPRISE estava envolvida no final desse perigoso artefato.

-Ah... O capitão dessa nave é um excelente oficial... Dos poucos que superou o KOBAYASHI MARU... - Disse Bete. – Até têm algum preparo.

-Foi por causa dele que no ano passado você chegou aqui doida e botou todo mundo para pesquisar o que era o tal de Corbomite... - Relembrou o Secretario.

-Bete! O cara tem preparo, mas, não é nada que se compare a você. - Disse Sonny Blue. – Bancando o puxa-saco, enquanto exibia seu clássico sorriso de galã holywoodiano.

-Com certeza. Não tem nem comparação. - Concordou Prescot com cara

absolutamente séria...

-Vocês estão de gozação? - Indagou Bete, com olhar de dúvida.

-Não! Claro que não! - Respondeu Prescot com seriedade. - Aliás, chegaram para você folhetos de turismo em ALORAX...

-ALORAX? Que surpresa inesperada... - Disse Elizabeth Bondmader.

-O turismo ali cresceu bastante...

-Turismo em ALORAX? Essa é novidade para mim.

-Veja os folhetos. São bem interessantes. - Disse o Secretário.

***

Elizabeth chegou em sua ampla sala, e relaxou na confortável poltrona.

Sobre a mesa com tampo de vidro, estava o tal folheto referido por Prescot.

Logo de cara, algo nele lhe chamou a atenção!

A imagem com a Montanha!

A mesma que desapareceu na sua frente, décadas atrás...

Não havia dúvidas.

Até a entrada era a mesma.

Entretanto as datas das imagens do folheto eram muito recentes.

Em algumas delas, até mesmo apareciam cidades inteiramente restauradas, muitas, em meio ao aparentemente árido deserto.

Elizabeth Bondmader acionou o comunicador.

A voz de Sonny respondeu meio sonolenta...

-Diga aí Bete... No que posso ajudar?

-Como está a sua agenda para os próximos dias?

“Muito ocupada?”

-Para você nunca! - Respondeu ele mais desperto. - Alguma emergência?

“Se for, já estou pronto.”

-Então prepare a MAGICAL MISTERY BUS. Faremos uma viagem... De turismo!

-O quê? Mas... Bete... Turismo??? É alguma piada???

-Vá arrumar logo as tuas coisas e não reclame porquê se fosse a trabalho você já estava pronto.

Sonny Blue, engoliu em seco e disse um mirrado:

-É prá já, Chefa!

Desligou imediatamente e partiu para arrumar as malas!

***

## A MÍSTICA MONTANHA

Enquanto a MAGICAL MISTERY BUS penetrava a atmosfera de ALORAX, Elizabeth percebia, um céu bem mais azulado, do que o da última vez que ali estivera, ocasião, quando então, ainda tinha cores mais quentes, envolvendo desde o amarelo, laranja e vermelho.

Sonny Blue desacelerou, controlando melhor a queda da nave, enquanto do seu posto, Elizabetn verificava os mapas tridimensionais de navegação.

-A montanha está mesmo ali... - Disse ela.

Sonny conduziu a nave numa rota segura para local próximo, onde pudesse pousar em segurança.

Em poucos segundos, encontrou um terreno vazio, ali mesmo nas imediações de onde Elizabeth morou por muitos anos.

Suavemente a nave tocou o solo, desligou os motores, e, instantes depois, com um

chiado sua porta de acesso abriu.

Dali, diferentemente do passado, a entrada para as cavernas da montanha era visível.

Elizabeth inspirou o ar local enchendo plenamente os pulmões.

Aquilo teve nela até um efeito tranquilizador e relaxante.

Mal podia esperar para explorar o local onde tentaria também, descobrir o que aconteceu com seus pais.

Passearia à pé, pela vizinhança das imediações onde morou.

Quem sabe encontrasse algum filho ou neto de gente conhecida...

Incrivelmente, estava tudo igual a como era, antes da desertificação forçada, que foi imposta a boa parte de ALORAX.

Até os caminhos centenários de terra batida continuavam os mesmos...

Tudo parecia recuperado da devastação que se verificara depois de sua última saída das cavernas, fato que precipitou a viagem que fez para a Terra.

Elizabeth e Sonny continuaram andando até finalmente chegarem à uma rua conhecida, próxima à de sua antiga casa.

Ali, para espanto próprio, encontrou ainda em pé, a academia onde treinara, já desde criança, com o Mestre Bolinha Verde, e, mais adiante, com o Mestre Astrobaldo.

Ela apontou para o imóvel e disse:

-Foi ali que eu obtive boa parte do meu preparo.

-Wow! - Admirou-se Sonny.

Era um espaço muito simples e humilde, mas estava limpo e ainda mantinha alguma dignidade.

Assim que Elizabeth aproximou-se, um homem de idade avançada, alto, barbudo e ligeiramente encurvado pelo tempo apareceu segurando um bastão de madeira...

Ela olhou para o sujeito sorridente e silencioso, por alguns instantes, e correu para o abraço:

Era o Mestre Astrobaldo. Judiado pelo tempo! Mas, era ele mesmo!

***

-Como você conseguiu, menina? Praticamente não mudou nada! Eu sabia que você tinha preparo! Mas não a esse nível.

Todos gargalhararam.

Olhando para Sonny Blue, o velho Mestre Astrobaldo disse:

-O Mestre Bolinha Verde já dizia que essa menina seria capaz de fazer coisas extraordinárias.

Voltando-se para Elizabeth, Astrobaldo continuou:

-Sabe que ele esteve aqui a pouco tempo?

-O Mestre Bolinha Verde?

-Sim. Ele agora usa outro nome, e vive num universo paralelo, onde tem mais alunos...

-E como está?

Astrobaldo sorriu:

-Já está de cabelos brancos como eu...

Elizabeth gargalhou...

-Fico só imaginando, o mestre pequenininho, com aquelas orelhas pontudas e cabelos brancos.

-Está melhor do que nunca, Bete. “A força é grande ao lado dele.”

-Claro que é. - Concordou Elizabeth. - Ele é muito poderoso...

-Mas ele sofreu uma terrível traição.

“Um dos seus inumeráveis discípulos caiu para a vida no crime...“

Elizabeth disse em tom sóbrio...

-Essas coisas acontecem...

-É aquele lugar onde ele vive agora... - Explicou Astrobaldo balançando a cabeça negativamente. -Muitos conflitos... Muitas guerras... Muitas traições...

-Nem tudo na vida é como a gente quer, Mestre... - Concordou Elizabeth que logo em seguida indagou: - E meus pais? Sabe algo sobre eles?

-Seu pai e sua mãe entraram nas cavernas da montanha, assim que apareceram os invasores desertificando a maior parte do planeta. Eles encontraram um lugar chamado Mundo Maravilhoso de “Q”... - Respondeu pensativamente o velho mestre.

-Sim isso mesmo! - Disse Elizabeth.

-Você conhece o lugar? - Indagou Sonny.

-Sim! Eu já estive lá.

-Seu pai achou as coisas por lá muito superficiais e bobócas...

Elizabeth abriu um amplo sorriso...

-Mas é claro... Meu pai não aguenta aquelas frivolidades. Ele foge dessas coisas.

-Na verdade, ele acabou ficando por lá.

“Gostou de fazer bolinhas de neve para atirar nos monstros de doces...”

-E como você sabe de tudo isso?

-Também fugi da invasão assim como teu pai e tua mãe, mas, voltei quando tive oportunidade.

-Será que eles estão por lá ainda?

-Não sei Bete. - Disse Astrobaldo. - Pelo calendário terrestre, deve ter no mínimo, 30 anos que eu voltei de lá... Desde então, não tive mais notícias de ninguém que ficou...

-É... Aquelas cavernas são bem misteriosas... - Ponderou Elizabeth. - Levam mesmo para lugares incríveis... Dificil quem queira sair de lá...

Ela pensou mais um pouco e disse:

-Acho que vou lá dar um pulinho, para mostrar a caverna, para o meu amigo Sonny aqui.

Trocaram amenidades por mais alguns momentos, depois disso Elizabeth e Sonny despediram-se, do mestre Astrobaldo, seguindo em direção à tal montanha misteriosa, cujas cavernas, levavam a destinos imprevisíveis.

Para ali chegar, deveriam atravessar uma densa floresta, cortada por um caminho batido.

-ALORAX recuperou boa parte das suas florestas. - Disse Elizabeth. - A última vez que passei por aqui essa mata estava toda seca e queimada. Praticamente, tinha virado areia.”

-O mato cresce. - Disse Sonny Blue.

-Aqui de fato, a recuperação foi surpreendente. - Concordou Elizabeth. - Veja quantos insetos...

E de fato, havia um número grande deles todos por ali. Até mesmo de mosquitinhos, que, se juntavam em bandos azucrinantes, sobrevoando alguma bosta eventualmente ressecada, ou não.

-Olha isso aqui. - Apontou Elizabeth para o que pareciam folhas.

Rapidamente, ela tocou algumas delas com a ponta do dedo indicador, e a folha se mexeu.

Era um louva-deus.

Daí por diante, Sonny Blue olhou mais atentamente, percebendo melhor, a presença de muitos outros insetos, especialmente... Outros milhares de louva-deus.

Eles estavam por todo lado, e muitos, brigando entre si.

Vendo os lutadores em ação, Elizabeth, relembrou seus tempos de infância e relaxou....

Não muito...

Um pressentimento a advertiu de eminente ataque, vindo pelas suas costas...
E não era nenhuma das brincadeiras do Sonny Blue.

***

Elizabeth deu dois rápidos passos para frente, pulou para o alto, em seguida jogando suas pernas atrás, por alguns segundos ficou em pleno ar, de cabeça para baixo, podendo por breve instante, vislumbrar o atacante: um louva-deus do tamanho de uma casa, com mais de cinco metros de altura.

A criatura era horrorosa, rápida e aparentemente, dotada da mesma disposição de briga, que seus pequenos semelhantes, por alí espalhados.

Elizabeth por sua vez, não era uma bonequinha de porcelana prestes a se quebrar.

Na verdade, a beldade ruiva, estava mais para uma rosa pronta para estraçalhar, com seus espinhos mortais, qualquer perigo que a ameaçasse.

Terminado o acrobático e espetacular movimento, ela correu ágil, e velozmente entre as patas do Louva Deus, subiu pelas costas deste e pendurou-se com um abraço, no pescoço do mesmo.

Em seguida, jogando as pernas para o ar, derrubou o pretenso agressor.

Ainda agarrada ao pescoço do grande inseto, praticamente imobilizando-o no chão, a sorridente e gargalhante Elizabeth não conseguia esconder sua alegria:

-Durkon! Como você cresceu!

***

Sonny Blue não entendia mais nada.

Elizabeth derrubou o monstrengo e agora estava lá, dando-lhe um caloroso abraço.

Ela em seguida, soltou Durkon e apontou para Sonny.

-Durkon! Esse aqui é meu braço direito: Sonny Blue.

“Sonny, esse é o Durkon, meu amigão de infância...”

Durkon, num movimento rápido e surpreendente, com seus dois longos braços, pegou Sonny tirando-o do chão, e aproximou-o de sua cabeça.

-Braço direito? - Perguntou Durkon com sua voz sobrenaturalmente gutural. - Se é amigo da Bete, é meu amigo também... Muito prazer.

-Não se preocupe Sonny. - Disse Bete. - É assim que o Durkon abraça os amigos. Se ele fosse te comer, a estas horas, você já estaria morto.

Cuidadosamente, Durkon colocou Sonny no chão, dizendo...

-Amigo...

De pé, e recomposto, Sonny apenas balbuciou:

-Caramba! Com Durkon ao nosso lado, alguns trabalhos ficariam mais fáceis...

-Trabalho? - Perguntou Durkon. - Vocês têm trabalho para mim?

-Pode ser... - Respondeu Elizabeth. - Um pouquinho do seu tempo, trabalhando para os nossos objetivos, pode nos ser de grande valia...

-Bem que eu gostaria de colaborar... - Disse Durkon. - Mas precisarei pedir autorização para minha esposa.

-Pode pedir pois, inimigos para você trucidar e comer não faltarão. - Disse Bete

Sonny ouviu isso, e arregalou os olhos assombrado.

-O Durkon come os inimigos depois de vencê-los em combate. - Esclareceu ela.

-Não! Agora não mais, amiga! - Bradou Durkon. - Agora sou vegetariano.

Aí, quem arregalou os olhos foi Elizabeth:

-Vegetariano?

-Vegetariano e pacifista... Agora só resolvo os problemas com sabedoria e tranquilidade. Mesmo assim, se você precisar de mim, estou às ordens.”

-Hummm... - Elizabeth então esclareceu... - É bom você ficar sabendo que o nosso trabalho é meio cabeludo. Envolve operações meio sigilosas...”

-Verdade? Então serei um agente secreto? Como nos filmes do 007? - Indagou Durkon. - Conte comigo. É só me chamar que tou dentro...

-Olha, Durkon. - Disse Elizabeth. - Nessa viagem agora, não vai dar para te levarmos junto, pois viemos com uma nave de pequeno porte, e você não cabe lá dentro...

-Tudo bem então. De qualquer forma, vou pedir autorização para a minha esposa e já fico aguardando a sua chamada...

-Quantos filhos você tem, Durkon? - Perguntou Sonny Blue.

-Atualmente são cinco milhões, quatrocentos e três. Até o fim do ano, devo ganhar mais alguns...

Sonny Blue não conseguiu conter sua expressão de assombro.

Quase o queixo lhe caiu abaixo, mas, não pôde segurar a piada:

-Com esse monte de herdeiros, é bom arrumar um trabalho extra, para garantir a aposentadoria e a escola das crianças...

-Criançada não é o problema. O pior são as despesas da minha esposa.

“Vou precisar sim dessa renda extra...”

***

Algumas horas mais tarde, Bete & Sonny, depois da conversa com Durkon, seguiram caminho até finalmente chegarem diante da entrada da caverna.

Sonny adentrou-a por vários metros, mas, não viu ali nada de interessante, voltando para fora, logo em seguida.

Elizabeth, por sua vez, ficou apreciando a bela paisagem local, relembrando os dias passados qua ali vivera.

Eram tantas emoções...

Sonny aproximou-se de Elizabeth e disse:

-Não sei o que vocês viram lá. Só tinha mérda de morcego, e ratos por todo lado.

-Você não avançou para o interior dela.

-Claro que não. Muito mau cheiro e a escuridão é total...

Elizabeth ajustou no corpo, as fivelas das correias que prendiam o equipamento que trouxera para a expedição que pretendia fazer no sistema de cavernas.

Aproximou-se da entrada e, quando ia avançar por ela, esta desapareceu inexplicavelmente, e nossa protagonista, não fosse por seus reflexos rápidos, quase deu de cara com uma parede de pedra sólida.

Tanto ela como Sonny Blue foram surpreendidos com a ocorrência.

***

Sonny Blue tateou a rocha, onde a poucos segundos havia uma entrada por onde ele próprio passara.

Por mais que esfregasse e batesse, o obstáculo continuava â sua frente.

Elizabeth sacou uma pistola phaser do coldre e disparou contra a pedra.

Os raios de sua arma atingiram a rocha aquecendo a temperatura desta e mudando sua cor para o vermelho, o amarelado, até finalmente ficar quase branco.

Elizabeth gastou toda a carga da sua arma.

A pedra, entretanto, esfriou rapidamente, voltando logo ao seu aspecto normal, como se nada tivesse acontecido.

Com cara brava, Bete substituiu a bateria da pistola, e quando ia atirar novamente, Sonny sugeriu:

-Melhor não! Talvez seja o caso de tentar a exploração nessas cavernas, em outra ocasião...

Elizabeth guardou a pistola, fez uma careta e disse:

-Você tem razão.

“Eu ia atirar novamente, ficaria mais nervosa, só para sair daqui chorando de raiva.”

-Puxa vida! Agora sou eu que estou arrependido: não é sempre que te vejo irritada por te pregarem uma peça. Quase sempre, é você que apronta a zueira com os outros...”

-Engraçadinho. Vamos voltar para a nave. Quanto antes sairmos daqui, mais rápido me livro das suas piadas de segunda categoria.

-Certa chefa.

Um brilho envolveu os dois e o teletransporte logo os tirou dali em seguida, a entrada para as cavernas misteriosas, voltou a aparecer como se nunca tivesse sumido.

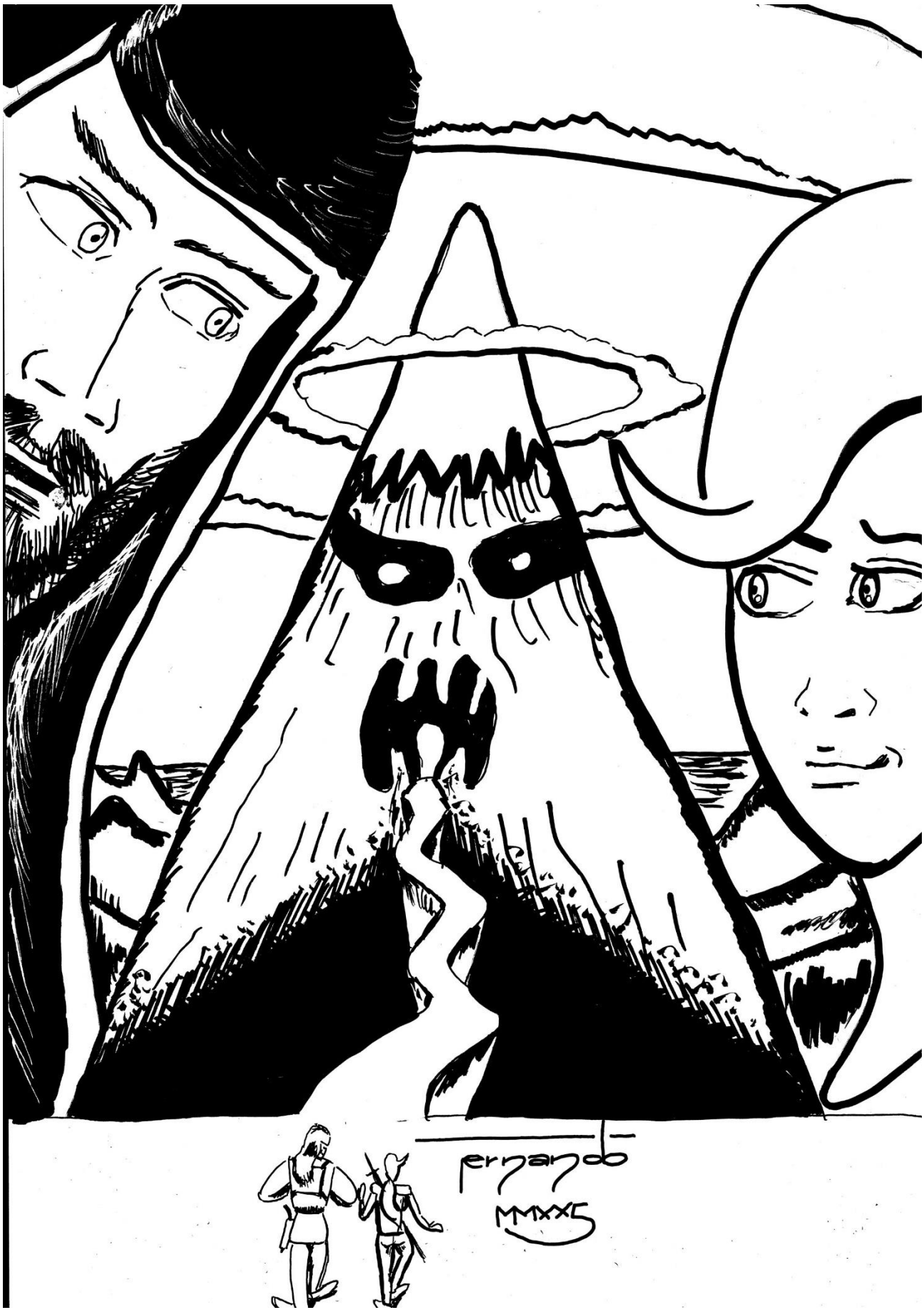
***

A bordo da MAGICAL MISTERY BUS, voltando para casa, Elizabeth refletia sobre as piadas que rolavam à torta e à direita sobre o seu invencível preparo, que já lhe havia garantido tantas vitórias e missões bem-sucedidas...

Diante da quase narigada na parede de pedra, que subitamente lhe apareceu à frente, refletiu sobre a possibilidade da chegada do dia em que, esse preparo todo, talvez não fosse suficiente.

Preocupação, para ela, que ainda demoraria a se justificar, mas, para o leitor que valentemente chegou até aqui, é apenas um momento até as próximas linhas...

***


fernando
MMXX5

# 2367

## 2

### PROTOCOLO FAÇA MEU TRABALHO

No momento que o/a querido/a leitor/a bravamente chegou a estas linhas, muito tempo depois de receber de OLD MAN micro ativadores celulares em sua corrente sanguínea que lhe prolongariam a vida, Bete & Sony Blue, ainda se encontram com boa saúde conforme lhes foi prometido.

Assim, numa noite escura em que a decoração das vitrines do super-magazine da Disney, iluminava a rua àquelas horas vazia em que Bete caminhava, descontraída, sem preocupações.

Não era sua rotina regularr. Estava apenas passeando para desestressar.

Tudo parecia dentro da normalidade, com ela checando suas mensagens, enquanto andava. De-repente, num momento de desatenção, sai das sombras do beco próximo, um sujeito encapuzado, vestindo roupas grossas chamando-a:

-Senhora.

Dizendo isso, este elemento jogou algo na sua direção.

-Isto é seu. - Disse o mesmo, em seguida.

Elizabetn Bondmader, num movimento instintivo, esticou o braço tentando se defender, ou até segurar o objeto, mas, enquanto este ainda estava em pleno ar, se aproximando ela já percebeu que caíra numa armadilha.

Aquela coisa, mesmo que não fosse tocada, a envolveria num campo de teletransporte levando-a para algum lugar diferente dali.

Não tinha como escapar, pois o dispositivo operava dentro de um raio de seis metros, e ela já estava no interior desse espaço.

Antes porém, que fosse teletransportada para algum local desconhecido, Elizabeth Bondmader, só teve tempo para fazer mais duas coisas.

Uma delas, foi enviar através do seu serviço de mensagens, que ela casualmente, naquele momento estava verificando, um alerta de emergência para Sonny Blue.

***

Sonny Blue acordou no meio da noite com o som do comunicador chamando ao lado da cama.

Foi verificar e viu que era mensagem de alta prioridade da Bete exigindo até confirmação de identidade intitulada como: PROTOCOLO FAÇA MEU TRABALHO.

***

Antes por acaso, ele bateu o olho num dos monitores, e viu ali, o informe esportivo, dando conta que o seu time, perdera no clássico futebolístico estadual, para o maior rival, que, por um acaso, era o time para o qual Elizabeth Bondmader torcia.

Sonny Blue logo imaginou que Elizabeth não estava perdendo tempo e logo lhe mandando piadas e memes tirando sarro de tudo quanto é jeito por conta de mais aquela vitória.

O dia não tinha como ficar pior.

Chegasse ao menos, o fim do mundo e de todo universo, a desgraça seria menor.

Olhou o comunicador, com o monitor piscando em vermelho e as letras garrafais formando a palavra: URGENTE.

Fosse o que fosse, ele iria então, ao menos mijar, escovar os dentes e mostrar-se apresentável para a gozação...

Fez tudo o que tinha direito no banheiro, sem grandes perdas de tempo, e já se preparou para o dia que viria adiante.

Pegou o comunicador ainda pulsante, e só então acionou o tal botão:

PROTOCOLO FAÇA MEU TRABALHO

De fato era uma mensagem de Elizabeth Bondmader, mas, o conteúdeo não era nada daquilo que ele pensava.

As coisas estavam só ficando piores.

***

**Caríssimo Sonny:**

*Se você está recebendo estas instruções é porque algo me surpreendeu impedindo de seguir com os trabalhos do Serviço Secreto da Federação (agência) ou E.Y. E.*

*A situação provavelmente, deve ser de muita urgência, de modos que, a partir de agora, você assume meu posto com todos os poderes e responsabilidades inerentes ao cargo.*

*Os principais códigos, senhas e protocolos, com acessos, estão em arquivos anexos.*

*A partir daí, verifique todo este material, e, mais o que aparecer na sua frente para dar início às mudanças de procedimentos que você deverá realizar no organograma todo dentro e fora da agência.*

*Tenho certeza que já te preparei muito bem para essa situação, portanto naquilo que tiver dúvida FAÇA MEU TRABALHO tentando a melhor solução que te parecer apropriada.*

*Boa sorte.*

*Foi um privilégio trabalhar contigo.*

Elizabeth Bondmader

***

Todo mundo que foi chamado por Sonny, antes de saber da gravidade do assunto, lembrou do placar do clássico entre o seu time e o da Elizabeth, e que ela sempre aprontava alguma gozação em cima dele, durante essas ocasiões, por, pelo menos uma semana depois do jogo.

Nem o velho e bom Secretário Prescot, agora com mais de 150 anos nas costas, esqueceu desse detalhe.

Entretanto, tão logo, as evidências do problema eram apresentadas, a brincadeira, imediatamente se transformava em tensão.

Em menos de cinco minutos, após o desencadeamento do PROTOCOLO FAÇA MEU TRABALHO, Sonny Blue e seus auxiliares já tinham rastreado usando os meios possíveis, todos os cantos do sistema solar, e, as notícias que chegavam dos mais distantes rincões, era sempre iguais:

“Elizabeth havia desaparecido e seu paradeiro era desconhecido.”

***

As últimas imagens obtidas dela, antes de sumir, vinham de São Francisco: das câmeras de segurança, de uma rua, nas imediações da Academia da Frota Estelar.

Elizabeth andava por ali, quando alguém se aproximou, e, contra ela, arremessou um objeto do tamanho de uma moeda, que imediatamente, criou um campo de teletransporte ao seu redor, sequestrando-a para algum lugar desconhecido.

A imagem do agressor não era clara, pois, este se encontrava encapuzado, e logo desapareceu usando o mesmo recurso para fugir.

Em meia hora, foram obtidos registros de todos os teletransportes naquele momento efetuados na região onde sumiu Bete, de todos os equipamentos que poderiam ter sido utilizados no sequestro operando em espaço da Federação, e, até de ainda mais além, onde a Agência tivesse agentes.

Tamanho esforço foi infrutífero!

O equipamento que sequestrou Elizabeth não utilizou nenhuma tecnologia conhecida pelo E.Y. E., ou que pudesse ser rastreável.

***

As horas avançavam e as dúvidas só aumentavam.

Agentes do Serviço Secreto da Federação em todos os setores da galáxia foram mobilizados nas investigações em busca de pistas que esclarecessem o caso, sendo que, a frota de espaçonaves do E.Y.E. naquele momento estava toda mobilizada incomunicável, em missões secretas em espaço inimigo.

E mesmo com tantos esforços operando em conjunto, as más notícias não paravam de chegar.

***

Logo chegaram informes de fontes altamente confiáveis, dando conta que, o Capitão Jean Luc Picard da U.S.S. ENTERPRISE – NCC1701D, foi sequestrado pelos borgs, quando estava na ponte de comando da sua espaçonave, cercado por oficiais da Frota Estelar.

Nos escritórios do Serviço Secreto da Federação, especialmente na sala de Sonny Blue, de onde partiam todos os esforços para descobrir o paradeiro de Elizabeth, tal fato gerou uma torrente de especulações que durou horas para ser desentrelaçada...

E ainda assim, nada ficou esclarecido.

Quando finalmente, a situação alcançou tamanho stress, em que “pior que está não fica”, veio a comprovação em contrário desta famosa “máxima popular” ...

Após sequestrado, o Capitão Picard, foi assimilado pela coletividade “borg”, e, nessa condição, agora, era reconhecido por seus similares como “LOCUTUS”.

Os relatos vinham até com fotos do Capitão antes e depois da sua assimilação.

Antes, o Capitão Picard seria apenas outro careca uniformizado utilizado como ponto de referência, para que algo fosse encontrado dentro de determinado espaço.

Agora, como LOCUTUS, usava roupas pretas de couro, pó de arroz na cara, e um monte de tubos e implantes cibernéticos conectados a todo seu corpo, inclusive a metade de sua careca, que continuava sendo ponto de referência e, aeroporto de mosquitos.

Nessa condição, todos os pensamentos da personalidade que antes fora Jean Luc Picard passavam a ser parte da coletividade, assim, como esta agora, passava a ser parte de Locutus.

Tão mútuo compartilhamento de memórias, abriu para a coletividade BORG, acesso para diversos segredos estratégicos da Federação.

Conhecimentos estes, que foram imediatamente utilizados num dos mais sangrentos combates espaciais de todos os tempos: a BATALHA DE WOLF 359.

***

A Batalha de Wolf 359 é tido como o maior massacre militar  nas guerras espaciais, já ocorrido nos anais da história humana.

Sob comando de Locutus, em pouquíssimo tempo, um único cubo borg, de dimensões colossais, destruiu dezenas de espaçonaves da Federação, sem sofrer qualquer arranhão que atrasasse sua incessante marcha mortífera rumo â Terra.

A essas alturas, todos os olhares convergiam para a espaçonave inimiga que se aproximava rapidamente, fazendo com que, mesmo o Serviço Secreto da Federação, e todo seu staff, também estivessem, dada a velocidade vertiginosa das ocorrências, assistindo tudo sem poder reagir com a antecedência ideal.

Colaborando ainda com a desgraça, a imprensa marrom fofoqueira, dissipou pânico no povo, e foi instituído um Estado de Emergência para controlar a emergência.

Autoridades armadas impuseram a lei na base da força bruta e sem discussão.

Enquanto isso, a gigantesca espaçonave borg, continuava aproximando-se irrefreavelmente da Terra sem que num único milímetro, tivesse o seu avanço retardado até por uma frota armada de espaçonaves que nas imediações de Marte, tentou infrutífera investida que só redundou em outro morticídio.

Assim, depois disso chegou o momento em que o cubo borg, cuja presença prenunciava o apocalipse e final da civilização humana, já estava claramente visível nos céus, sobre as cabeças de mulheres e homens assustados no planeta Terra.

Definitivamente, o fim estava próximo.

***

Quando as preces aparentavam ser então, as únicas coisas certas a se fazer, seja para pedir sorte, ou perdão pelos pecados cometidos em vida, apareceu nos últimos segundos do tempo regulamentar, a U.S.S. ENTERPRISE– NCC1701D, (agora sob o comando do Capitão Jonathan Riker)  que chegou atirando e conseguiu em seguida, (ajudada pelo próprio Capitão Picard já resgatado com vida das garras da coletividade borg pela valorosa tripulação da espaçonave anteriormente sob seu comando) encontrar uma solução salvadora que incluiu até a épica e surpreendente explosão do inimigo malvado.

O fim do mundo foi evitado, mas a Elizabeth continuou sumida...

***

Por fim...

Resumindo tudo, Sonny Blue enfrentou uma série de problemas logo de cara, não conseguiu resolver nada, e, Elizabeth continuou desaparecida, sem nenhuma explicação que desse conta do seu paradeiro.

Nosso herói jamais imaginou a possibilidade de ver-se na posição de responsabilidade em que se encontrava.

Muitos dos problemas com os quais se deparava, Elizabeth poderia resolver com um simples sorriso do seu charme e preparo, mas, ele não era assim tão habilidoso...

A ideia de sair correndo, abandonando toda aquela bagunça no colo de alguém logo lhe passou pela cabeça, mas, o poder que o E.Y.E. dispunha e seu alcance poderia ser desvirtuado até mesmo contra a Federação, nas mãos de alguém que não tivesse suficiente compromisso com o projeto.

E o sumiço de Bete... Aquilo não lhe passava pela garganta...

O desejo de vingança era quase que incontrolável, pois a afeição que ele tinha por ela era equivalente a de um irmão mais novo, pela irmã mais velha. Mesmo assim, Sonny não se precipitaria.

Com o tempo ele colocaria as mãos nos responsáveis por aquele golpe mostrando que, ao contrário da Bete, ele não era tão tolerante com erros, nem tinha capacidade de resolver alguns assuntos com a devida paciência, delicadeza e diplomacia.

E se houvesse um traidor dentro do E.Y.E. que tenha participado desta perfídia, a retaliação seria severa, exemplar e serviria de alerta para quem se aventurasse contra a Federação dos Planetas Unidos, a Frota Estelar ou seus aliados.

O Serviço Secreto da Federação, doravante entraria numa era muito mais feroz e agressiva na defesa dos seus interesses.

Se Bete, durante sua administração, por algumas vezes, tomou atitudes drásticas e impiedosas, já, a Direção que a sucederia, reiteradamente seria ainda mais implacável com o inimigo, vingando sempre que possível qualquer ameaça perigosa, fosse esta iminente ou não.

Daí, na medida que o tempo foi passando, e o paradeiro de Elizabeth Bondmader continuava misterioso e inexplicado, a Administração de Sony Blue à frente do E.Y.E. só enrijecia ainda mais os procedimentos, tornando-se intolerante e extremamente agressiva, contra quem ou, o que quer que pudesse tirar a tranquilidade da vida dos povos sob os domínios da Federação dos Planetas Unidos.

Tempos sombrios que não poderiam ser evitados...

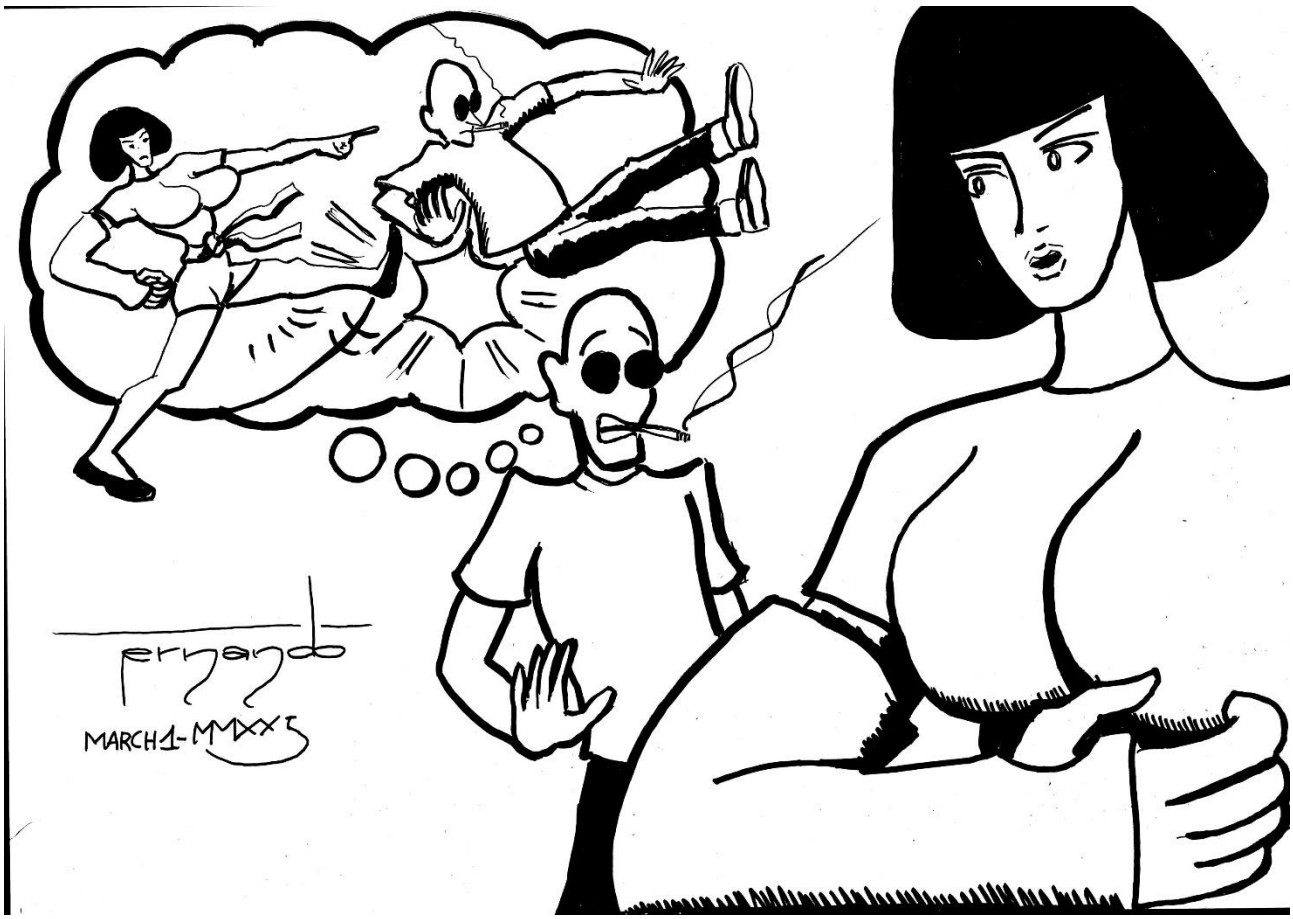
****

# A CORRIDA ESPACIAL

**Se não dá para ganhar, o importante é competir...**
**Ainda assim, tentando ganhar!**

***

## 2400




Assim que a linda Jade chegou à aula com o braço engessado, o jovem desenhista de 22 anos e piloto amador nas horas vagas, Fernando Zéca Corinthiano teve um calafrio.

-O que te aconteceu, Jade?

-Ai Fê! Eu estava dirigindo e capotei o carro.

-Mas você está bem?

-Torci o braço e vou ter que ficar um tempo me recuperando.

“Não poderei ser a sua navegadora, naquela disputa entre naves espaciais em que pretendíamos competir.”

-Claro... Eu compreendo...

-Meu pai quer que eu fique longe de problemas, e, me proibiu de “correr”, além de suspender o patrocínio que ia nos dar para participarmos do evento.

-Eu compreendo, Jade. Não se preocupe com isso. - Disse Fernando Zéca. - “O importante, é você se recuperar.”

Jade sorriu e seguiu para a sua aula, que era em classe diferente daquela que Fernando estudava.

Ambos, faziam cursinho preparatório, para os testes de admissão à Academia da Frota Estelar, e, paralelamente, planejavam participar de uma tradicional corrida de naves espaciais, em que formariam uma equipe de piloto e navegadora.

A nave espacial, a ser utilizada na prova, era do Zéca.

Um clássico modelo HRB 53.

Não era grande, se comparada, às naves concorrentes tendo formato semelhante ao de um fusca sem rodas e naceles cilíndricas nas laterais.

Tão curioso veículo, já era um clássico que se deslocava a velocidades verdadeiramente assombrosas, daí, carecia de atualizações que o revitalizassem.

Sem a Jade, e o dinheiro do seu pai, Zéca ficava, não só, desprovido de uma excelente navegadora, mas também, do suporte financeiro que garantisse recursos, para uma participação mais competitiva.

Se acatasse a orientação do bom senso, Fernando Zéca Corinthiano deixaria esta empreitada esportiva, para se dedicar única e exclusivamente ao cursinho, preparando-se melhor ainda, para ter um bom desempenho, nos testes da Academia. Entretanto...

Mesmo com a sensação de que, sem o apoio da sua navegadora, estaria fazendo uma idiotice, decidiu seguir em frente com o desafio para competir.

Tomada esta decisão, de cara enfrentou uma série de problemas...

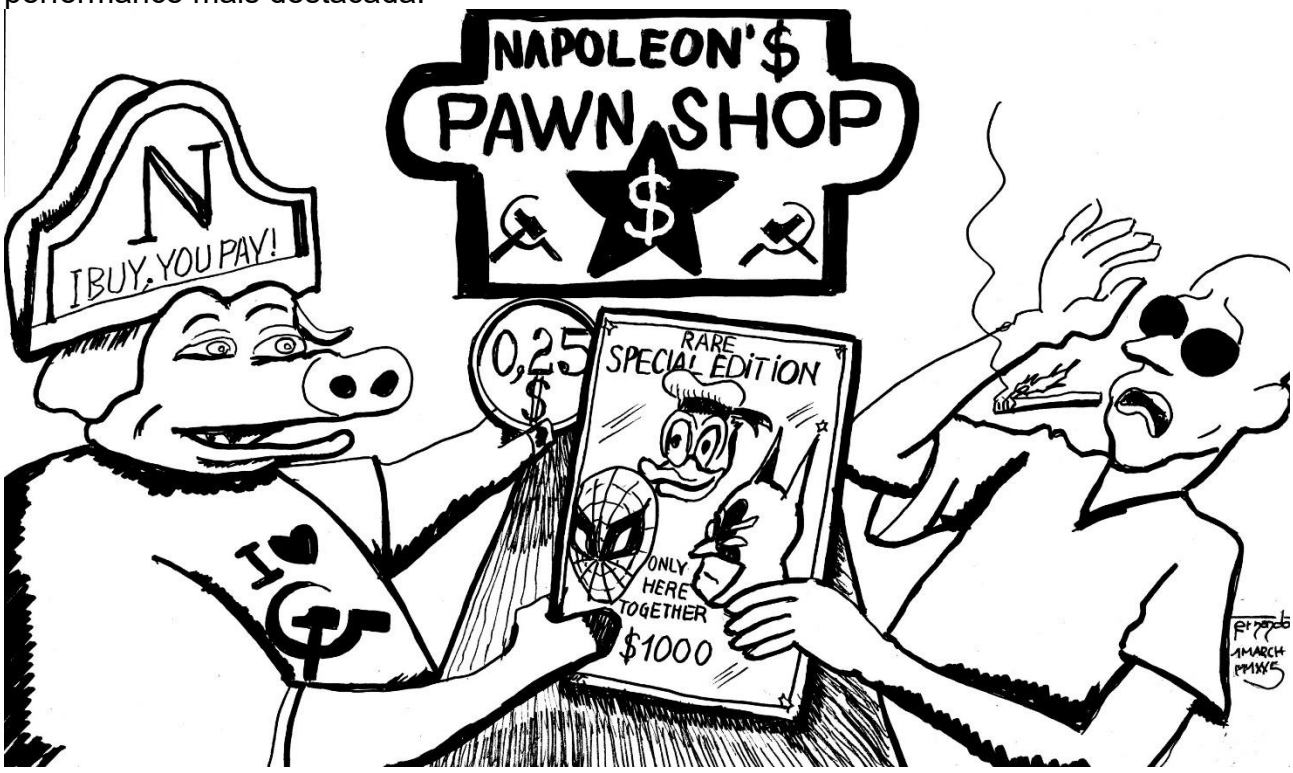
O primeiro deles: a falta de recursos financeiros para as peças, ferramentas e equipamentos necessários, que, ao menos, lhe garantissem uma participação digna e regular. Sua família não patrocinaria esta causa.

Daí, se quisesse logo os créditos necessários, teria de vender algumas de suas coisas de valor.

E foi o que fez, de coração amargurado negociando suas coleções de miniaturas, CDs, LPs, e principalmente as de gibis antigos e raros.

Felizmente, bem ou mal, estes ainda tinham algum valor (pouco), e, acabaram garantindo, pelo menos, os recursos essenciais para a participação na competição.

O ranger de dentes, o suor de sangue, e, as lágrimas, foram inevitáveis, já que, o comprador, nem de longe pagou o que as revistinhas e o resto da quinquilharia valiam, mas, pelo menos, Fernando Zéca, conseguiu garantir alguns acessórios que lhe permitiriam uma performance mais destacada.




Economizando e negociando bem o uso dos poucos recursos que tinha, comprou um robô, que o ajudaria na navegação, e, ainda nos serviços pesados de mecânica. Este, tão logo foi acionado, e, posto para trabalhar, recebeu a alcunha de NÚMERO 1.

Com relação à nave de corrida em forma de fusca, inicialmente, ainda não havia arrumado nenhum apelido engraçado para ela.

Entretanto, na medida que se aproximou a data da competição, em algum momento incerto, veio a inspiração correta.

Já a vários dias Zéca trabalhava na instalação de equipamentos, regulagem dos acessórios, e programação dos computadores de bordo.

Não saía para ter vida social e, até mesmo para ir ao banheiro, utilizava o da nave, que já estava operacional. Esta por fora tinha tamanho razoável, mas na parte interna, era apertada. Não mais que uma ampla cabine com dois assentos lado a lado, algum espaço traseiro, atrás das poltronas, e mais no fundo, um pequeno banheiro fechado com vaso, chuveiro e armários diversos.

Como toda a nave fora montada no modo econômico, os desodorizadores foram retirados, para dar espaço a outras coisas, daí, quando o banheiro acabava de ser utilizado, deixava por alguns minutos, aquele cheiro característico de latrina e esgoto.

O momento de inspiração para o nome da nave, veio enquanto Fernando Zéca, trabalhava ao mesmo tempo que assistia um episódio do clássico seriado GALACTICA.

Até aquele momento os nomes considerados eram: “Space Chief”, “RocketStarRacer”, “Speed Adict”, “Devil's Racer”, “Hell's Runner” e outros do gênero.

Entretanto, conforme foi montando os acessórios, verificou que, a despeito dos seus esforços, enfrentaria pilotos melhor preparados utilizando o top dos equipamentos disponíveis na praça, obtendo rendimento superior a 40 % do que dispunha, com a configuração do momento.

A partir daí, CADA SEGUNDO na velocidade final, que quisesse melhorar no desempenho da nave, custaria ainda, orçamentos equivalentes ou, muitas vezes maiores daquele já gasto por ele próprio. Ou seja, um montante de créditos impossível de ser obtidos pelos seus esforços e modestos bolsos.

Daí, em momento de humildade, teve a luz reveladora, percebendo que, deveria erguer as mãos aos céus e agradecer ao Criador, se simplesmente concluísse a competição.

Então inspirado pelo odor que saia do banheiro e, o seriado que adorava, criou um nome engraçado, até mesmo para se lembrar, de não levar a competição tão a sério, afinal, a concorrência era imensamente mais forte.

Assim, foi idealizada a GALATRINA.

***

No dia da largada, a GALATRINA estava pronta.
Numa primeira olhada não se destacava nem era cotada como favorita.
Fernando Zéca já tinha sua estratégia em mente.
Queria chegar ao fim da prova com a nave funcionando:
E... Se numa boa posição... Melhor!
Estava bem ciente dos seus recursos e limitações.
De qualquer forma, aceleraria o máximo possível, que a prudência o permitisse.

***

Finalmente, depois de muita ansiedade, veio o fatídico momento da largada!

As naves sairiam juntas de um setor do Sistema Solar partindo à toda velocidade até a estrela mais próxima e, após cruzarem a linha de chegada receberiam a bandeira quadriculada.

A GALATRINA estava ok, e os seus anéis externos, prontos para abrir caminho no espaço-tempo até o destino.

Fernando Zéca Corinthiano seguia atento ao mostrador no seu painel, que indicaria o momento de largar até a luz verde, se acender.

Sem perda de tempo, acionou o botão da partida, mas, a GALATRINA permaneceu quieta, sem dar resposta.

A nave até moveu se um pouco, por mero impulso enquanto ao redor a concorrência desaparecia toda num piscar de olhos.

Ficaram apenas os gatos pingados: a GALATRINA, e mais duas outras naves, uma klingon, e outra andoriana, que também aparentavam ter problemas.

Logo, entretanto, mesmo estas, partiram ficando apenas a GALATRINA se arrastando, sem saber que mal lhe afligia.

***

Assim que os retardatários partiram, um fato extraordinário se sucedeu.

Todo o espaço ao redor da GALATRINA, até onde era visível ao horizonte, subitamente, mudou de cor.

Era como que, se durante dois ou três segundos, tudo ficasse com cores invertidas.

O que era preto ficou branco, e, assim por diante.

Em todas as direções, para onde quer que se examinasse, persistia aquele assombroso fenômeno, que num piscar de olhos transformou todo o universo visível.

E, do mesmo modo num piscar de olhos, tudo voltou ao normal.

Curiosamente, só nesse instante então, o motor da GALATRINA funcionou como deveria, e finalmente deu partida.

Em seguida, um luminoso cilindro azulado, foi projetado, a partir do anel dianteiro da nave, para a frente desta, enquanto, que, outro de cor vermelho-clara, partindo do posterior, estendia-se do mesmo modo, só que, para trás. Estas formas luminosas projetavam-se por vários metros, desaparecendo mais adiante.

E como se estivesse pendurada nelas, a GALATRINA voltou para a corrida sumindo das vistas humanas.

***

Seu avanço, entretanto, não durou muito tempo.

Logo, a nave foi atingida por uma onda de choque, de algum tipo de explosão

ocorrida adiante do seu percurso, que aparentemente, se deu após ou, com o estranho fenômeno de inversão de cores a pouco ocorrido por todo o universo visível.

Os raios coloridos de luz, oriundos dos anéis propulsores da nave, tanto dianteiro, como traseiro se apagaram, e a GALATRINA, logo adiante, viu-se abandonada à própria sorte, deparando-se com um cenário apavorante.

Estava cercada por destroços de diversas naves espaciais.

Algumas delas, ainda explodiam e se incendiavam em meio a lampejos reluzentes pipocantes que lembravam fogos de artificio.

Se aquele cenário por si só, já era amedrontador, tornou-se horripilante, quando Fernando Zéca deu-se conta de que as naves destruídas, eram as mesmas, contra as quais deveria estar competindo, e que, a poucos instantes, chegaram a largar melhor que ele.

Aparentemente, por alí não haviam mais esperanças de se encontrar sobreviventes.

Ainda que houvessem, Fernando Zéca Corinthiano, nada poderia fazer pois, sua nave não dispunha de teletransporte, raio trator, ou, qualquer outra ferramenta que o auxiliasse numa eventual missão de resgate.

Para piorar o que já estava ruim, a GALATRINA apagada, seguia desgovernada, em direção à superfície de um asteroide errante, que se encontrava no seu caminho.

Quando o fim parecia iminente, por qualquer desconhecido acaso do destino, a nave se desviou da área rochosa em que iria colidir, e mergulhou num escuro trecho arenoso daquela gigantesca espécie de pedregulho errante que, amorteceu o impacto, impedindo a destruição da GALATRINA, e a morte certa de seu piloto.

E mesmo este desastre não tendo sido fatal para Fernando Zéca, nem tão pouco, ocasionado danos à nave, as perspectivas eram desanimadoras, pois, tanto o piloto, bem como controles computadores e suporte de vida, estavam apagados.

Permanecesse a situação assim por mais horas, Zéca não despertaria mais...

***

Por sorte ele não dormiu muito tempo, e, acordou instantes após, a GALATRINA ter mergulhado naquela areia negra brilhante.

A situação toda era preocupante, pois o ar da cabine, não duraria muito tempo.

Por dentro do capacete, haviam manchas de sangue, ocasionadas por batidas acidentais que o nariz deu, durante a aterrissagem forçada da GALATRINA.

Mesmo assim, Zéca conseguiu colocar as ideias em ordem para encontrar uma solução que o livrasse problema. Estava difícil.

Acionou diversos comandos, mas, a nave, não respondia nenhum, permanecendo assim, num mutismo, assustador.

Constatou, que, o fim havia chegado.

Nada havia mais a fazer, além de esperar o destino certo, fosse este: A MORTE.

***

Encarou o próprio fim com frieza e fez a única coisa que podia, num momento como este: orar! Rezou para a santíssima Virgem Maria, rogando que, seus pecados até o momento fossem perdoados, e, sem mais alternativas, acalmou a mente a espera de uma morte, que lhe fosse, minimamente rápida e indolor.

O asteroide onde a GALATRINA se encontrava atolada, seguia seu destino errante, atingindo, ou, sendo atingido, pelos destroços dos concorrentes, e, logo, distanciou-se daquele autêntico cemitério de naves espaciais.

Durante este trajeto, girou em torno do próprio eixo, e dado momento, estava posicionado de tal modo que, o trecho arenoso, onde a nave de competição se atolara, fosse iluminado pela luz proveniente de uma estrela próxima.

Não tardou muito, e, então, ocorreu uma curiosa reação na areia negra em que esta começou a emitir uma fumaça azulada, salpicada por pontos brancos de brilho intenso.

O estranho fenômeno envolveu a GALATRINA gerando, ao redor desta, uma densa nuvem em que raios altamente energizados pululavam a esmo.

Inesperadamente, em dado momento, alguns destes raios atingiram os anéis da nave, e, como que, por milagre, acionaram todos os sistemas que antes, até então, estavam apagados, incluindo os suportes de vida, cujo mal funcionamento deixou deixado Zéca quase inconsciente pela falta de oxigênio.

Com o funcionamento dos equipamentos da GALATRINA, ele logo voltou a respirar normalmente, enchendo os pulmões de ar fresco.

Assim, raciocinando melhor, voltou a buscar alguma solução que o ajudasse a sair do enrosco em que se encontrava.

E não precisou refletir muito já que a situação inusitada se descomplicada por milagre, sem que ele próprio tivesse de se esforçar muito.

As partículas da areia negra, envoltas pela fumaça e os pontos brilhantes, flutuaram então, ao redor da GALATRINA, livrando-a, do atolamento em que se metera.

Com tudo funcionando regularmente, Fernando Zéca só teve que traçar um curso de saída dali, e acionar o acelerador.

Em seguida, os raios azul, e, vermelho-claro, projetados pelos anéis da nave, voltaram a brilhar e, esta, imediatamente, com um “salto” afastou-se da perigosa situação.

***

Livre da enrascada, respirando mais aliviado e raciocinando normalmente, Fernando Zéca, de novo, não teve tempo para relaxar.

Tão logo se afastou do asteroide, os sensores de longa distância apitaram.

Alguns de seus adversários, assim como ele escaparam sem maiores danos do misterioso incidente, que envolveu dezenas de naves participantes da disputa.

Agora, estavam todos em velocidade máxima.

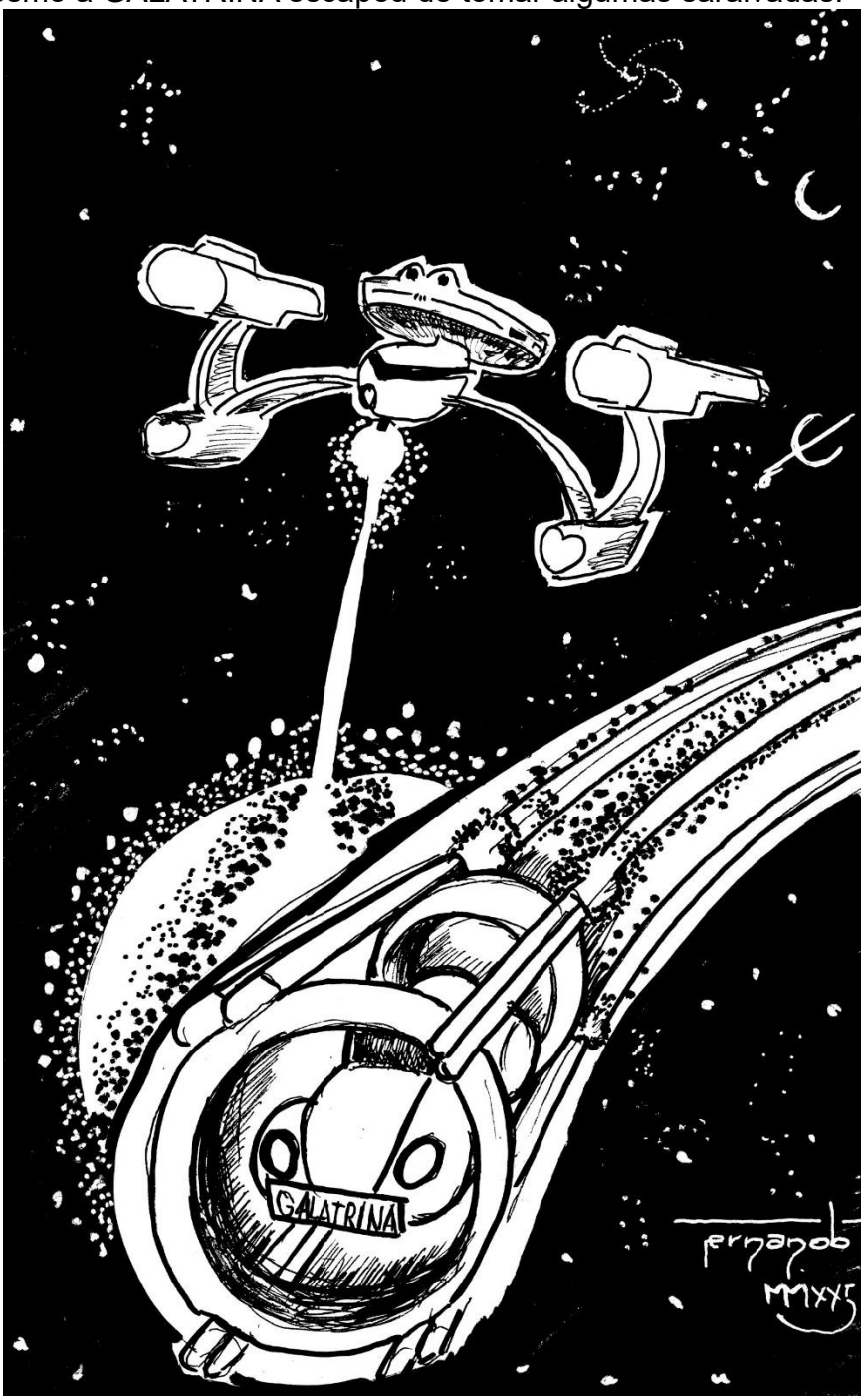
Inicialmente, Fernando Zéca imaginou que os concorrentes estivessem disputando posições na corrida, mas, logo percebeu que, o motivo de tanta velocidade era outro.

O problema envolvendo tantas naves espaciais, chamou a atenção de um gigantesco bando de piratas Gorn, que se encontravam nas proximidades, e, aproveitaram a ocasião, para rapinar os destroços das naves destruídas...

E ainda pilhar, as que estivessem funcionando assaltando os sobreviventes.

As naves dos piratas perseguiam os competidores remanescentes, e, contra estes, disparavam sem economizar munição, tudo o que seus arsenais tivessem à disposição.

Nem mesmo a GALATRINA escapou de tomar algumas saraivadas.




Ainda assim, mesmo atingida, a nave pilotada por Fernando Zéca conseguiu entrar em velocidade de dobra antes que fosse muito avariada.

Escapando da sanha dos seus perseguidores, deixou os cruéis algozes para trás, mas não, sem sofrer sequelas:

Alguns dos geradores de amortecimento incercial da nave, foram comprometidos pelos disparos que a GALATRINA levou. Fato que, logo traria problemas para o piloto.

***

Em condições normais, pelo manual técnico, a GALATRINA teria autonomia para manter-se em alta velocidade por um período de até 1000 horas consecutivas.

Zéca, via o tempo passar, apreensivo em dúvida se a nave alcançaria o destino.

Assim a chegada à linha final da corrida, ia ficando cada vez mais próxima, e o piloto apenas monitorava o trabalho do seu navegador-robotizado, muito raramente fazendo algum ajuste no volante de comando já que a nave, praticamente se auto conduzia sem problemas pelo piloto automático até o momento que Zéca foi dizer alguma coisa, ao navegador robotizado, e, sua voz, não saiu.

A rotina da pilotagem, o deixara sem forças para falar.

Estava mudo e respirando muito lentamente.

Tentou então, se movimentar... Não conseguiu!

Seu corpo agora estava completamente paralisado. Nem um dedo, conseguia mexer.

Curiosamente, suas mãos repousavam penduradas no volante através do qual, deveria controlar alguns movimentos da nave, mas, elas estavam sem forças, de modos que, era o piloto automático que de fato controlava agora a GALATRINA.

Fernando Zéca ficou assustado, mas, tentou manter o controle.

Respirou lentamente, e refletiu sobre o que poderia estar acontecendo.

Seus olhos ainda estavam bons.

Pareciam lentos focando as imagens, mas, ainda conseguia enxergar algumas coisas ao seu redor, mesmo, não mexendo a cabeça.

Assim, verificou através de um dos paineis, que os geradores de amortecimento inercial da GALATRINA foram afetados.

Estavam parcialmente operacionais, mas, a disfunção, ocasionada pelos disparos que os atingiram, prejudicaram a coordenação do Zéca, a tal ponto que ele não se movia.

Seu metabolismo diminuiu e a respiração, estava quase parando deixando-o sem forças, até, para avisar o companheiro robotizado, da sua condição, para que, lhe fosse ao menos, providenciado atendimento médico emergêncial.

Outra opção seria diminuir a GALATRINA para velocidade de impulso, livrando o piloto de tamanho sofrimento e normalizando a situação.

Mas estava dificil pois se encontrava sem forças diante do fim eminente..

Como ultimo esforço de uma mente já quase esvaziada rezou até quedar babando, com a boca escancarada, fato que o navegador computadorizado da nave nem se apercebeu.

Quando a morte estava quase levando Fernando Zéca para outras paragens, este, ainda vislumbrou, uma luminosa figura feminina angelical surgir ao seu lado aproximando-se do braço esquerdo do aturdido piloto de competição, tocando-o.

Logo em seguida, a visão de Fernando Zéca escureceu!

***

Mais tarde, sabe-se lá quanto tempo depois, acordou engasgando e tossindo bastante com as forças pouco a pouco voltando a seu corpo.

Olhou para o braço esquerdo, e, reparou este pendurado sobre o controle, que tirava a GALATRINA da dobra, colocando-a em velocidade de impulso.

Aparentemente, sabe-se lá como, o próprio Zéca desligara a velocidade de dobra.

Lembrou claramente, entretanto, que, pouco antes de desmaiar, estava sem forças para fazer qualquer movimento, que diria então, baixar a alavanca de acionamento da velocidade de dobra, coisa que, até exigia alguma força do piloto.

Daí, lembrou da figura brilhante muito parecida a um anjo da guarda que, por breves instantes vislumbrara antes de quedar-se inconsciente.

Fernando experimentou falar e conseguiu:

-Navegador.

-Às ordens.

-Percebeu alguma forma de vida aqui dentro, além de nós dois?

-Nenhuma forma de vida humana além da sua, adentrou a nave depois que partimos.

Fernando Zéca agora, até abria e fechava os dedos normalmente, com sua coordenação motora, visivelmente normalizada.

Entretanto, o mal funcionamento dos geradores de amortecimento inercial, além da paralisia, da qual estava recuperado, também o deixou com um desarranjo estomacal, que ora lhe ocasionava enjoo e dores de cabeça.

Desatou-se dos cintos de segurança que o mantinham na poltrona e foi para o pequeno banheiro da GALATRINA, onde passou mal com uma diarreia acompanhada de muitos vômitos.

Outra decorrência dos disparos que atingiram a GALATRINA, foi uma avaria no sistema de circulação, do ar na nave, que, por este mau funcionamento, logo depois, que Fernando utilizou o banheiro, deixou um mau-cheiro, que, de tão insuportável, poderia ser até considerado tóxico, não tivesse sido produzido por ser humano.

O piloto se aliviou, mas, ainda assim, não ficou cem por cento bom.

Fernando Zéca sabia que teria de tomar um ar puro e fresco, para finalmente, sentir-se melhor.

Mas tal luxo, dadas as circunstâncias que ora enfrentava, ainda demoraria para ter.

Assim, não podendo mais acelerar em alta velocidade, por conta do problema nos geradores de amortecimento inercial, deveria seguir lentamente, até a chegada, onde, tudo o que mais queria, era: respirar ar puro, beber água gelada, e fumar cigarros ilegais deitado numa cama.

***

Sentado novamente, na poltrona de pilotagem, o estomago parecia querer rodar para fora do corpo, levando junto a cabeça.

Respirava lentamente, puxando o ar pelo nariz e soltando, pela boca, a fim de evitar enjoos.

Estava cansado e não queria mais movimentações bruscas.

Num dos monitores, pelo canto dos olhos, percebeu a aproximação de duas espaçonaves da competição, que vinham por trás, seguindo a mesma trajetória que a GALATRINA.

Fernando Zéca não se sentia bem para disputas, tanto que, posicionou-se de modos a dar passagem às duas naves.

Elas se aproximaram mais, tornando visíveis, os seus traços característicos: uma era klingon, e outra, andoriana. E pareciam disputar entre si as posições.

Mesmo tendo seu piloto aberto caminho para os competidores, devido à desorientação espacial, tontura e enjôo, a GALATRINA foi brutalmente atingida, na parte de trás, por manobras maldosas, das duas naves adversárias, que a desviaram de sua rota.

***

Um milésimo de segundo, logo após, tomar as violentas batidas, Fernando Zéca segurou com força, o manche de comando da nave, fazendo-a voltar, com muito empenho, ao caminho original.

A normalização da pilotagem, mesmo depois, das covardes manobras, vindas dos seus competidores, ferveu o sangue do piloto da GALATRINA, que, imediatamente acelerou os motores de dobra da nave, partindo para cima da concorrência.

Do grande anel dianteiro da nave, projetou-se um raio azulado, enquanto, do anel traseiro, projetou-se outro de cor vermelho clara.

A GALATRINA saltou adiante, como um vagão preso a um monotrilho luminoso.

O desejo de vingança, a intolerância com erros alheios maldosos ou não, e a ousadia quase suicida, fizeram com que Fernando Zéca lançasse a GALATRINA, contra as duas naves, que agora voltavam a seguir mais lentamente, atingindo estas em cheio, e, desviando-as de seus caminhos.

Depois da pancada, foi a GALATRINA que conseguiu seguir adiante com os motores funcionando...

Entretanto, havia um problema:

A nave seguia velozmente, e, totalmente descontrolada.

Não havia como pará-la, ou mesmo, alterar sua direção.

****

Fernando Zéca agora, voltava a sofrer com os enjoos, dores de cabeça, e pior: a consciência pesada, atormentando-o por aquela demonstração de idiotice e valentia.

Tivesse se conformado, com a manobra desonesta, sem querer dar uma de vingativo, a estas alturas, poderia estar num ambiente com ar refrigerado, saboreando o desejado copo de água gelada.

Trombando com a dupla de pilotos idiotas, não recuperou honra alguma e, agora seguia desgovernado, sem destino para algum cafundó espacial do Judas.

A trombada desestabilizou e amassou um dos anéis da GALATRINA e não tardou para que explodisse, em meio a fumaça, estrondos e fogos.

Na sequência, como se as coisas já não estivessem suficientemente ruins, o outro anel, sofreu o mesmo destino.

O que sobrara da GALATRINA, a cabine, que, neste momento, mais se assemelhava a um fusca velho capotando na reta, estava sendo puxada pelas forças gravitacionais de um planeta, que apareceu no caminho para acolhê-la, em seus momentos finais.

Tal recebimento não se daria sem algumas turbulências, que a carcaça da nave de corrida, enfrentaria na entrada da atmosfera.

Com a velocidade da queda, em direção à superfície aumentando, uma bola de fogo envolveu a GALATRINA.

O robô navegador da nave simplesmente acompanhava as informações dispostas nos seus monitores, sem que nada pudesse fazer.

Fernando Zéca, por sua vez, não estava em situação diferente, entretanto, fazia algo a mais: novamente rezava!

Em poucos segundos invocou todos os santos, santas, especialmente, a Mãe de todas as Mães, rezando tão fervorosamente, que até lágrimas escorreram dos seus olhos.

Arrependeu-se de seu temperamento explosivo e intolerante, que o colocara naquela situação, e pediu perdão por todas as barbeiragens que havia cometido pilotando, ou por atormentar a mulherada bonita com chaveco de décima quinta categoria.

Quando, com lágrimas nos olhos, já estava se conformando com o destino que lhe seria reservado, olhou pela janela e viu, uma forma branca, brilhante, humanoide, de traços femininos, misturada entre as nuvens, que parecia empurrar, o que sobrara da GALATRINA, enquanto esta caía, de modos a alterar o ângulo de aproximação com o solo.

-Navegador. - Chamou Fernando. - Consegue perceber alguma coisa em meio a estas nuvens brancas que aparentemente estão empurrando a nave?

-Só mesmo densas nuvens ocasionando turbulências.

-Mas elas parecem estar mudando a trajetória da queda. - Argumentou Fernando, enquanto “enxergava”, formas humanoides entre as nuvens, olhando, sorrindo e acenando para ele, enquanto “empurravam” a GALATRINA.

-São apenas nuvens. - Confirmou o navegador robotizado.

***

Nuvens ou não, elas alteraram de tal modo, o curso daquela queda, que, a GALATRINA, praticamente, aterrissou sobre o planeta, como se fosse um avião descendo em pista de pouso.

Neste caso, entretanto, a pista de pouso era um pouco diferente.

Na verdade, tratava-se de um lago cercado por imensa floresta.

À nave desceu rente à sua superfície até finalmente, ter o impacto amortecido pela água, onde raspou sob esta superfície até parar definitivamente, num banco de areia sem maiores danos à célula de sobrevivência, como que, por milagre.

Sem perda de tempo, Fernando Zéca, desatou-se da poltrona, abriu a escotilha, e saiu da nave.

Os verificadores atmosféricos do capacete, indicavam que o ambiente era respirável, e, logo, ele abriu o visor, de modos a ter um ar mais fresco do que aquele a bordo da cabine empesteado a um bom tempo.

***

O nível da água subiu, cobrindo boa parte do banco de areia onde, miraculosamente, a GALATRINA terminou sua queda. Alí, diversas criaturas chegaram, e, tentaram ganhar espaço no pedaço de nave caída.

Zéca subiu na capota da célula de sobrevivência da nave, e, dali, com um maçarico de solda, espantava os animais que tentavam invadir seu espaço.

Com esforço, conseguiu matar um lagarto, muito parecido com jacaré, que estava rodeando o que ainda sobrara da nave, descoberta pelas águas.

Ao menos, alguma comida teria, para seguir sobrevivendo.

Entretanto, no momento que já tinha a carne assando num espeto que conseguira improvisar, ali, em meio à total desolação, um bando de aves de rapina, similares a urubus, avançou para cima do churrasco, impedindo a aproximação de Fernando Zéca, do próprio alimento que caçara. A alegria dessa bicharada não durou muito.

Sem dó dos urubus, incendiou com o maçarico, todos os ladrões que tentaram, lhe surrupiar a refeição, que, com muita sorte e esforço havia duramente conseguido.

Mesmo tendo recuperado sua comida, o sucesso era temporário, afinal, Fernando Zéca sabia que, logo, outros bichos viriam tentar a mesma coisa

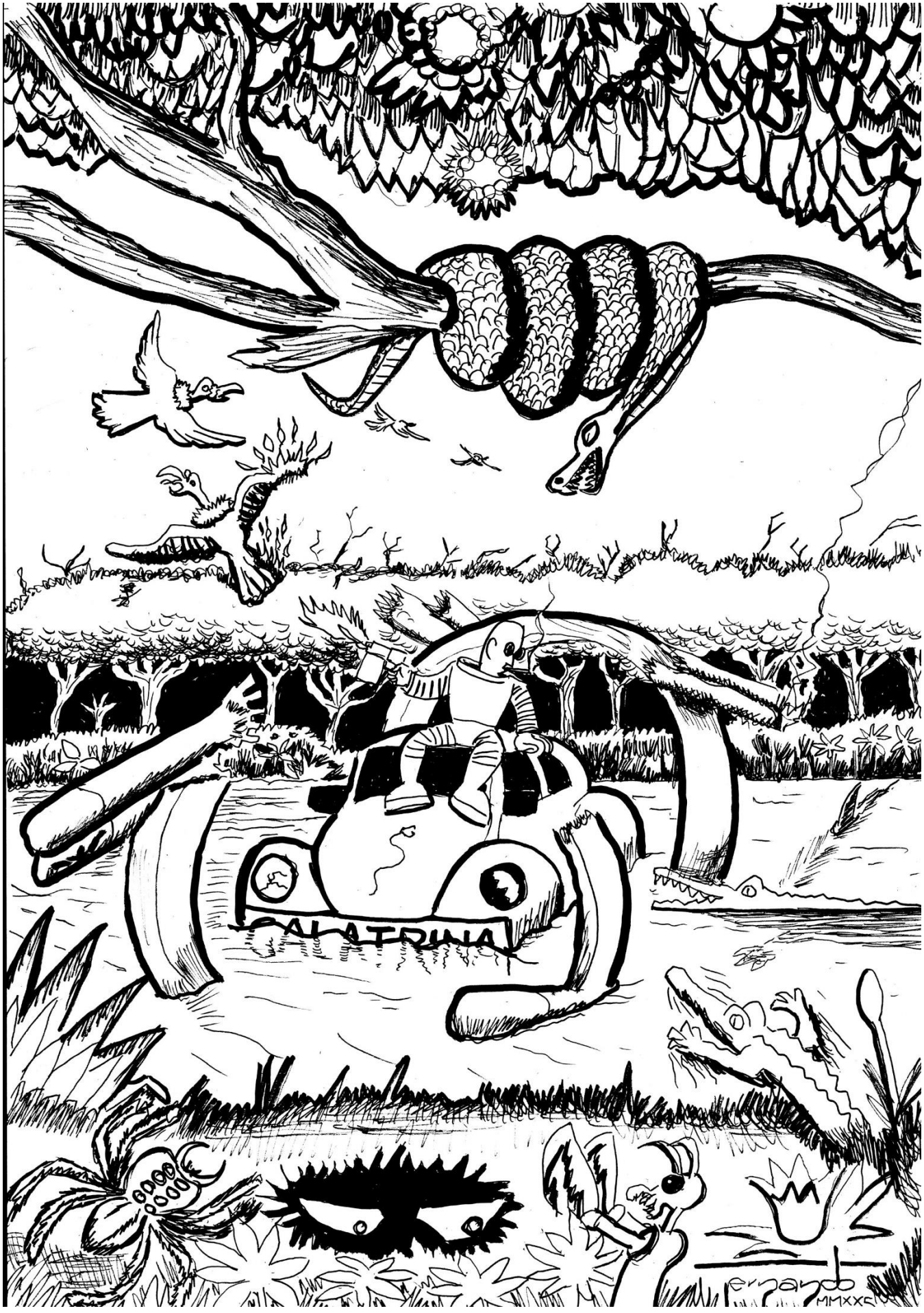
Para piorar, o maçarico, estava perdendo força, de modos que, não poderia usá-lo tanto quanto gostaria daí, usou-o para acender um dos cigarros, e deixou só este aceso.

Mais calmo após as primeiras tragadas, ainda não se conformava, com a estupidez cometida, avançando contra os pilotos idiotas.

A essas horas, poderia estar na banheira de um hotel, fumando confortavelmente e muito mais tranquilo.

Entretanto, ali no banco de areia, a expectativa de sobrevivência era reduzida, já que, cercado por tudo quanto é tipo de bicho querendo como souvenir, um pedaço da GALATRINA, ou, de seu piloto.

***


PATRULLA

Quando começou a escurecer, Fernando Zéca se viu ainda mais preocupado, afinal, da penumbra daquele lugar, um ataque sorrateiro poderia vir, de qualquer direção.

Ouviu então estrondos do horizonte. Pareciam motores de naves espaciais.

O som foi aumentando cada vez mais, e seus ouvidos de piloto se comprovaram apurados, pois, o que ouvia, eram motores de naves espaciais.

E se a situação já estava ruim, na cabeça do Corinthiano, agora parecia pior, pois, ele reconheceu as naves que estavam ali, flutuando a poucos metros acima de si:

Eram as dos competidores, que atingira, durante seu momento de nervosismo.

Certamente, vieram acertar as contas, pela manobra imprudente que utilizara contra eles.

Fernando Zéca estava praticamente desarmado com um maçarico quase inútil, e não saberia como oferecer resistência, contra mais uma eventual possibilidade de ameaça contra sua vida.

Foi então que, do nada, bem ao seu lado, apareceu teletransportado provavelmente de uma das espaçonaves, um klingon enorme, com mais de dois metros de altura.

E como convém a qualquer klingon, não vinha com cara de muitos amigos.

Para surpresa de Fernando Zéca, a situação ainda tinha espaço para piorar, já que, logo em seguida, também se teletransportou praticamente ao seu lado, um andoriano quase tão grande quanto o klingon.

O piloto da GALATRINA, não tinha sequer, um metro e setenta de altura, sendo careca e barrigudo, portanto, incapaz de, fisicamente, impor resistência contra aqueles grandalhões.

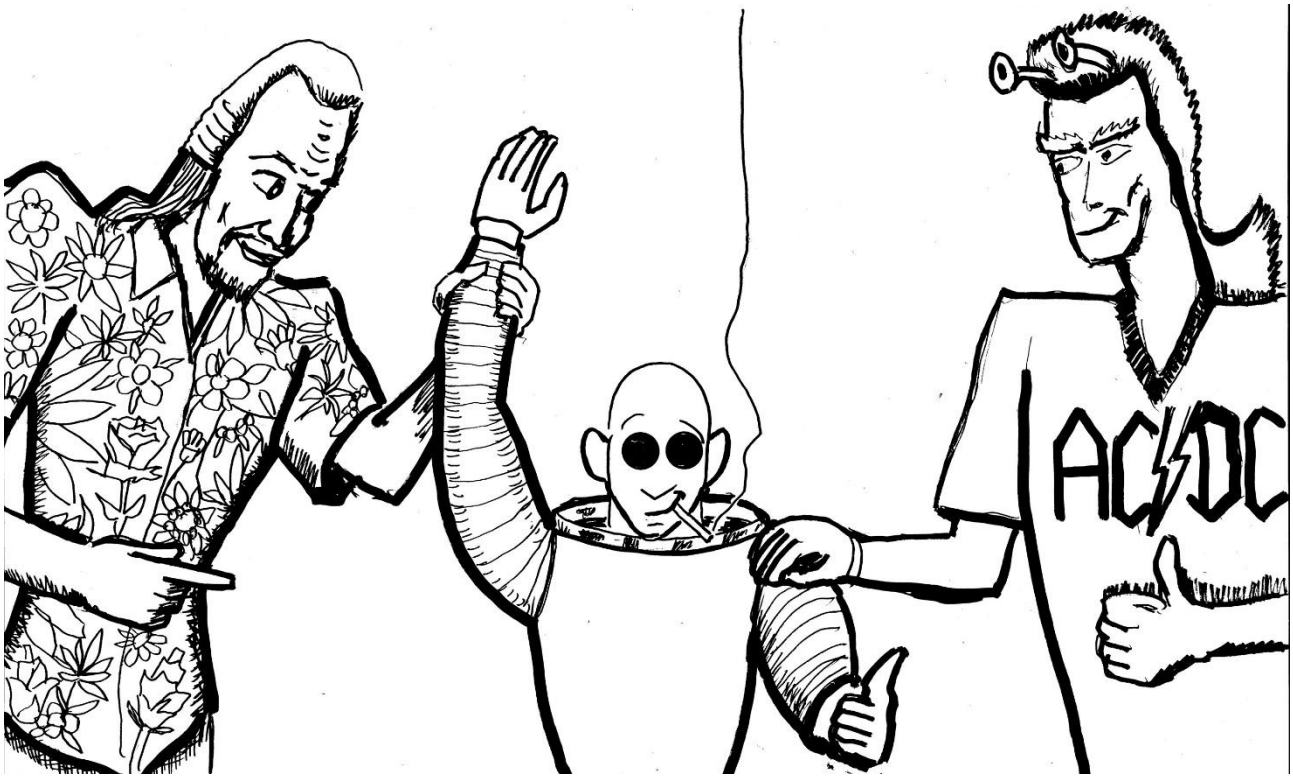
Fernando Zéca pensou em várias desculpas para justificar a sua barbeiragem...

E quando ele ia articular, a primeira palavra, tentando se explicar, o klingon fez uma espécie de saudação batendo no próprio peito com o punho cerrado.

Em seguida, tirou do bolso, e, acionou, um comunicador dizendo:

-Encontramos o vencedor. Ele está vivo e passa bem.

***



Fernando Zéca não estava entendendo nada.

O andoriano estendeu-lhe a mão, num cumprimento tipicamente humano.

Fernando Zéca a apertou.

-Meus parabéns pela bravura que o conduziu à vitória! - Saudou o Andoriano.

-Extraordinário feito. - Concordou o klingon. - Lutou para vencer, com honra e bravura, até o derradeiro fim. Sem dúvida, um competidor e guerreiro destemido.

Fernando Zéca, estava espantado, mas, tentou ser mais realista:

-Não sei o que dizer...

-É natural... - Tranquilizou o andoriano. - Sua situação aqui não é das mais confortáveis.

-Mesmo depois da vitória, ainda permaneceu guerreando. - Disse o klingon. - Até a própria comida caçou e já tinha pronta. Um verdadeiro bravo."

-Vamos meu caro! - Chamou o andoriano. - É um privilégio ser o primeiro a resgatá-lo, e, maior ainda, o de poder ter competido contigo.

-Sem dúvida. - Concordou o klingon.

-Os amigos me chamam de Azulão. - Disse o andoriano.

-E eu, sou Karrov. - Se apresentou o klingon.

Antes que Fernando Zéca Corinthiano pudesse se apresentar, ou mesmo, ter uma melhor compreensão dos acontecimentos, um brilho envolveu os três ex-competidores, teletransportando-os para longe do banco de areia.

Pouquíssimos segundos depois, naquele lago afundou-se de vez a GALATRINA, para nunca mais ser vista novamente.

***

Finalmente, Fernando Zéca começou a ter uma compreensão mais apurada dos acontecimentos:

À medida que foi informado dos fatos, percebeu que o estranho fenômeno ocorrido logo após a largada, em que, por alguns segundos, deixou todo espaço branco, e, as estrelas negras, ocasionou um gigantesco acidente na corrida, que prejudicou quase todos os competidores, à exceção de três, que chegaram ao final da corrida, cruzando com sucesso, a linha de chegada, estando dentre eles: Fernando Zéca, em primeiro lugar!

Com os prêmios que recebeu pela vitória, o piloto da GALATRINA recuperou o investimento, e aplicou a diferença recebida, comprando charutos ilegais, e robôs para formar uma nova equipe de corrida de naves espaciais.

O melhor prêmio, entretanto, foi dado para todos os três que completaram a prova: matrícula garantida na Academia da Frota Estelar, sem a necessidade de testes, provas ou exames eliminatórios.

Os três pilotos ingressariam na mesma turma, fortalecendo a partir daí, uma sólida amizade que superaria diversos desafios, através de memoráveis aventuras, por todos os quadrantes da galáxia.

Mas estas já são narrativas para serem contadas em outra ocasião...

***

Moral da história:

**1) Se ganhar é dificil, o importante é competir.**
**Mas, não é nada mau se a vitória cai no colo quando menos se espera.**

**2)No desespero, faça suas orações, direitamente para quem resolve o problema.**
**Não arrisque perder tempo com intermediários.**

***

# BANDO de “LOCOS FEDERADOS”

Assim como qualquer coisa na vida, existem aqueles momentos em que se deseja parar tudo e largar definitivamente o que quer que se esteja fazendo.

Essa é uma dúvida, que acomete, especialmente, os (as) estudantes, que, cansados do eventual ritmo pesado na escola, possam se ver, caindo em tentação frente a tal fraqueza. Fernando Zéca Corinthiano, estava passando por tal situação.

Suas incertezas não eram provocadas por mero comodismo, e sim, com o ambiente que estava sendo obrigado a conviver.

Antes, uma referência nos cursos preparatórios para oficiais, a ACADEMIA DA FROTA ESTELAR, agora, tinha perfil diferenciado daquele que pautou sua fundação nos idos de 2161.

A política que, antes parecia tão distante, agora estava mais atuante e participativa nos bancos escolares, de modos que, afetava a qualidade da formação dos cadetes.

A meritocracia que tanto direcionava a forma como se dariam as promoções e divisão de responsabilidades, agora já não era mais, um fator tão preponderante na escolha dos postos e na definição de quem é quem na vida da FEDERAÇÃO DOS PLANETAS UNIDOS.

O que interessava agora, é o famoso Q.I., ou seja, “quem indica”.

Na Academia, tal política permitia que alunos ineptos se candidatassem aos cursos preparatórios, sem passar por nenhum teste, exame, com isenção até, nas taxas de pagamento dos mesmos.

E haviam ainda os beneficiados por pertencerem a algum tipo de cota: que poderia ser de qualquer coisa: racial, de drogados, dos oprimidos pelo sistema, encarcerados (condenados que poderem estudar durante o cumprimento de pena), funcionários públicos, gays ou lésbicas, e tantas outras, que se somadas, permitiam que, apenas 20% dos matriculados em cada turma, fossem compostos por quem teve de estudar, passar por exames ou testes muito rigorosos.

Fernando Zéca fazia parte dessa minoria, pois ingressara ali através da vitória numa corrida sangrenta, que a tempos, já era válida como prova de habilidade necessária para o ingresso na Academia, bem como, ainda livrava o vencedor de algumas matérias ligadas à pilotagem básica.

E agora, bem no meio do curso, estava pronto para chuta, todo este esforço realizado, para começar algo diferente.

O entusiasmo que o impulsionara no começo, se esgotara, diante do número de idiotas com os quais era obrigado a conviver.

Pessoas intolerantes, incapazes de diversificar a forma de pensamento, que já entravam na Academia doutrinadas pelos mais distintos fatores da vida.

E o pior de tudo era que, destes queridinhos, pouco era exigido até a formatura, muito contrariamente do que acontecia com quem tinha que ralar de uma forma ou de outra, desde o processo de seleção para ali se matricular.

Os estudos de fato exigiam bastante dos alunos, mas, para Fernando Zéca, não era fácil aguentar estes tipinhos hipócritas, e pior, os professores já previamente doutrinados para “bundamolizar” as futuras gerações que daquela prestigiosa instituição saíssem.

Supostos educadores estes, oriundos sabe-se Deus lá de qual sindicato ou organização conspiracionista criminosa, que simplesmente desestimulavam quem era vocacionado e deveria seguir adiante para, sem a devida neutralidade, ajudar privilegiando quem jamais deveria se formar naqueles bancos escolares.

Deste modo, até mesmo a inspiração que motivou Zéca no início, agora era insuficiente para alimentar uma eventual vontade sua de continuar no curso.

Já não sentia, tão fortes, suas ambições no tangente a concluir os estudos, mesmo quando relembrava da sua infância, nos hangares das naves estelares, se entorpecendo com os vapores de alguns combustíveis de motores, e, alucinado, saindo a brincar de piloto,

num capacete velho, sonhando com o dia em que ingressaria nos quadros da FROTA ESTELAR.

Olhando as bolhas se formarem, e, subirem para a parte superior da bebida, no seu copo, AGORA, Fernando Zéca não via mais nenhum mérito em continuar na Academia.

Aparentemente, sua decisão já estava tão amadurecida, que ele pegou seu laptop, e baixou os formulários de encerramento de matrícula na Academia da Frota Estelar.

Foi então que, algo lhe chamou a atenção, tirando momentaneamente, a concentração nos formulários.

***

O clássico futebolístico da ocasião, onde o Corinthians, seu time de coração, ia perdendo feio, era exibido numa projeção tridimensional ao vivo, ali mesmo, no meio do boteco em que Fernando agora se encontrava.

Sentado com colegas de escola numa mesa, deixou os formulários de lado, e passou a analisar as estatísticas do jogo.

Nada favoráveis... Aquela partida não terminaria bem...

Com tamanho pessimismo, Zéca ponderava se a decisão de largar tudo, não se devia ao fato do clássico ir mal para o seu time do coração, que frequentemente, nos últimos tempos, só vinha apresentando maus resultados.

De qualquer modo, ele não era o único a sofrer com o seu TIMÃO.

Bebendo junto na mesa, estava o klingon Karrov, colega da mesma turma, grande amigo e boa praça para todas as ocasiões, que, ao contrário dos guerreiros de seu planeta, era tranquilo, sábio e introspectivo quase nunca se metendo em brigas.

Karrov, por sua vez, tinha ao lado, o andoriano Azulão, também da mesma turma.

Este, também participava na elaboração de colas para as provas e não faltava às aventuras.

Em mesas diferentes daquela, outros colegas de turmas mais novas da Academia, também torciam para o timão, porém, imprudentemente, vieram assistir o jogo com uniformes da frota, num ambiente, que não era dos mais recomendáveis e educativos.

Sim porquê, além do álcool, haviam os idiotas sempre dispostos a provocar quem estivesse quieto, procurando distância de problemas.

E mesmo sendo os feitos da Frota Estelar cantados em verso e prosa por todas as redes da internet galática, sua popularidade, mesmo na Terra, não gozava lá de grande popularidade até pelos custos que tais realizações em prol de um bem maior demandavam.

Silenciosos, e, avessos à confusão, os colegas uniformizados, também estavam inconformados com o andamento da partida.

Entretanto, por conta dos uniformes coloridos, chamavam atenção...

Zéca, Karrov, e Azulão além de não estarem uniformizados, mantinham um semblante de poucos amigos.

Suas caretas eram tão horríveis, que ninguém iria mexer com eles.

O mesmo não poderia ser dito dos colegas calouros uniformizados, que também acompanhavam a partida em outras mesas e, mesmo não causando nenhuma confusão, chamaram a atenção dos maus elementos presentes no estabelecimento que logo vieram “marcar o território com provocações idiotas, iniciando logo de cara com a mais clássica e irritante de todas.

-As naves da Federação não prestam!

“São o pior ferro velho enferrujado de toda a galáxia.”

Os uniformizados ouviram o comentário, mas, preferiram ignorá-lo.

Podiam até ser novatos, mas estavam vacinados com este tipo de chacota clássica, já ensinada nos manuais básicos.

A encheção de saco, entretanto, não parou por aí:

O provocador veio ainda mais teatral nas suas ofensas:

-Não bastasse estas velhas sucatas voadoras, serem inapropriadas até para reciclagem, são comandadas por covardes!

Os cadetes ouviram mais esta, mas, continuaram de cara amarrada, concentrados no jogo, que já estava mais para um pesadelo sem fim.

-Sim! Oficiais da Federação, são todos covardes.

Alguns risos correram pelo bar. A coisa já estava ficando óbvia.

A vergonha alheia não podia ser ignorada...

O provocador aproximou-se ainda mais da mesa dos cadetes.

Um naucasiano, daqueles pavorosos, que faria qualquer pessoa de bom senso se indagar, como teriam as Autoridades Imigratórias de Segurança, da Federação e da Frota Estelar, permitido o seu ingresso na Terra, já que, a própria aparência dele, era por si só, um atentado repulsivo, à ordem pública.

O bafo que exalava, o andar trôpego, as calças mijadas e cagadas era claros sinais indicativos da embriagues daquele elemento.

-Oficiais da Frota Estelar são covardes porque se formam numa Academia de covardes!

Todo mundo ria, mas os únicos que ficaram em silencio, foram os alunos da Academia, uniformizados ou não.

O naucasiano não parou por aí..

-Vejam as roupinhas coloridas que esses tipinhos vestem...

“Me digam se isso não é uma tremenda frescura....”

A gargalhada foi geral.

-E vejam só... - Continuou o incômodo infamante ainda mais hilário. - Esses covardes da frota gostam de esportes de maricas.

Mais risos...

-Ficam assistindo outros idiotas correndo atrás de uma bola....

O provocador aproximou seu rosto da cabeça de um dos três novatos, outro andoriano ali presente, que, manteve-se controlado diante da desfeita.

-São um bando de covardes.

O novato andoriano, e os outros uniformizados, mantiveram-se silenciosamente gelados com a situação afrontosa.

Nada parecia perturbá-los.

O naucasiano não recuava...

-Olha esse aqui. - Disse apontando para a antena do andoriano uniformizado. - Qual é o teu nome?

-Eu sou Jhriz. - Veio a resposta gelada.

-Que nome de merda! Nem sei falar. Parece coisa que sai do nariz.” O que você tá fazendo aqui, hem?”

-Vim ver o jogo...

-Veio ver o jogo... - Zombou o naucasiano. - Então você veio gastar seu tempo pra assistir este bando de gambás e galinhas mortas apanharem?

“Vocês são todos uns idiotas, covardes e inúteis que só desperdiçam o que tem.”

“Esse Corinthians, é um lixo mesmo.”

“Só tem sucata aquela porcaria de time. Jogadores lá estão todos no caminho da aposentadoria. Como é que dizem já desde os tempos duilianos? Seleção SUB40...”

Mais gargalhadas, entretanto, dessa vez, elas tiveram menor duração.

O tal Jhriz, explodiu num movimento rapido, e deu uma garrafada bem no meio do rosto do naucasiano.

O estrago foi imediato: o vidro da garrafa estilhaçou inteiro na cara do malcriado e abriu-lhe enormes feridas.

Outro colega da mesma mesa, também não se fez de rogado, levantou-se agilmente

da sua cadeira, acertando em seguida, um potente soco, no já cambaleante nausicano, que foi jogado, a quase cinco metros de distância.

-Aqui eu sou fã do Corinthians! - Gritou o uniformizado Jhriz, já bastante irritado. E que continuou gritando. - O que você tava falando aí, grosseirão?!?!?!?

A pancadaria se intensificou.

Jhriz batia e brigava enquanto reclamava.

-Você não tem direito de falar mal do meu time.

“Só pode reclamar quem é sócio, paga as contas em dia e torce de verdade.”

A reação da mesa dos novatos também se reproduziu de maneira similar pois, outros companheiros do naucasiano, diante do revide, avançaram também, para escalar a violência.

E não foram os únicos a se intrometer ali:

Vendo os colegas em perigo, até Karrov e Azulão partiram para a briga, restando sentado unicamente Fernando Zéca, concentrado no seu laptop.

Pancadaria e a quebradeira tomaram conta do local, com os cadetes da Academia enfrentando como se já fossem velhos veteranos de guerra, um bando de encrenqueiros.

A fúria estava generalizada e, persistindo o confronto por muito tempo, todos seriam prejudicados: culpados e inocentes.

Fernando Zéca Corinthiano, enquanto isso, brigava com seu laptop, onde acionou, um programa, que ele mesmo havia projetado, para eventuais emergências que no boteco acontecessem, quando eventualmente, estivesse negociando com o seu fornecedor de cigarros ilegais.

O atendimento no salão, era feito por garçons robotizados de formas humanóides que, para atender todos os clientes e realizar o serviço com a devida presteza, tinham de ser fortes e resistentes.

Sua programação original, não incluía treinamento em serviços de segurança, ou, contenção de tumultos, entretanto, de um instante para outro, estes armaram-se com facas, maçaricos, e quaisquer outros instrumentos, de potencial uso para combate disponíveis no seu entorno, e, avançaram para cima dos naucasianos.

Aí a briga saiu do controle, pois, ação dos robôs foi violenta demais para a expectativa dos baderneiros.

Enquanto a confusão aumentava, Fernando Zéca saiu de sua mesa, e foi até um ponto do bar, onde sabia que não havia cobertura de câmeras de vigilância.

Dali, fez sinal para os colegas da Academia chamando-os, enquanto apontava para a saída que havia logo próxima.

Assim, sem mais perda de tempo, enquanto os robôs massacravam os naucasianos, com violência e  sem emoção, todos os cadetes escaparam gargalhantes em desabalada carreira pela rota de fuga, indicada por Fernando Zéca.

***

Depois de correrem por vielas cinzentas e estreitas, os cadetes chegaram a uma praça arborizada, sem câmeras de segurança, nem ninguém por perto onde puderam descansar e recobrar o folego,

Fernando Zéca Corinthiano vendo um banco ali perto, foi o primeiro a sentar acendendo logo em seguida, um de seus famigerados cigarros ilegais.

Outro a não perder tempo para sentar foi Jhriz, que depois da correria exclamou:

-Que loucura!

-Agora vai ser dificil nos encontrarem aqui. - Disse Zéca.

Azulão olhou para o alto dizendo:

-Não sei se conseguiríamos escapar sem ajuda dos robôs.

-Os robôs... - Murmurou Karrov. - Conheço bem estes modelos... Não são os que

têm programação de luta...

-Se nos beneficiou, não reclamo. - Retrucou Jhriz. - Aqueles grandalhões cabeludos são duros na briga e logo estaríamos com problemas já que o número deles não parava de aumentar...

-A interferência dos robôs foi obra minha. - Esclareceu Fernando Zéca.

***

-Eu sabia que tinha alguma coisa. - Disse o Azulão. - Você tava muito quieto ali sentado!

-O que você fez? - Perguntou Jhriz para Fernando.

-Costumo ir muito nesse bar para comprar fumo ilegal do meu fornecedor. - Começou a explicar Fernando Zéca. -

"Antecipando a possibilidade de problemas com a polícia, já a algum tempo, preventivamente e, sem ninguém perceber, inseri na programação dos garçons robotizados, instruções que me permitissem assumir o controle deles, por meios remotos."

"Assim, numa situação de emergência faço eles "trabalharem" para mim, de modos, a ganhar tempo para fugir.

-Que meios remotos você está se referindo?

-Ah! Pode ser através de qualquer comunicador, celular, ondas de rádio...

-Mas como fêz a reprogramação sem ninguém perceber?? - Indagou Karrov.

-Colei na superfície dos robôs, um pequeno adesivo, que emite campo de interferência magnético, capaz de abrir janelas na programação da inteligência artificial, que me permitam ter priorizadas minhas instruções ao invés de outras.

-Hummm... Agora eu entendi. - Compreendeu o klingon.

-Inseri, instruções para remediar situações que interferissem nos meus negócios., mais no sentido, de só atrapalhar o necessário para escapar.

"Depois disso, o programa se auto apaga e os robôs voltam ao normal."

"Nunca precisei usar este recurso, mas, diante da agressão desmedida dos naucasianos tive que ajudar."

-Obrigado. - Agradeceu Jhriz.

-Valeu aí

-Não gosto de bater em retirada, durante uma luta. - Disse Karrov. -Mas, como os robôs do bar assumiram a batalha, segui o caminho da prudência sem mais interferir.

-Mas este klingon é um piadista. - Disse Azulão. - Inventa todo um discurso, para não dizer que fugiu.

-Concordo que não exista glória em fugir de briga. - Disse Karrov. - Mas glória, não é tudo na vida.

-Bom, meus caros. Ajudamos colegas, dentro do que estiver ao alcance. - Disse Fernando Zéca. - Mas, recomendo que não utilizem mais uniformes, fora da Academia, em horário de folga ou, desarmados.

"Mesmo na Terra, temos muita gente infiltrada, fazendo papel de quinta coluna que não só detesta, mas, na primeira oportunidade que tiver, sabotará a Frota Estelar e tudo mais que representar algum órgão que tenha poder ou autoridade estatal."

-De fato. - Disse o vulcano Tolek, um dos novatos presentes na mesma mesa que Jhriz. - Diariamente, imgirantes ilegais chegam na Terra, apoiados por maus políticos, e na maioria das vezes, contra os regulamentos da Federação.

-Pois é. - Concordou Zéca. - Desse meio, infelizmente, vêm também, muito espião infiltrado, prontos para nos prejudicar a qualquer momento. Hoje em dia toda atenção é pouca. Temos que ficar atentos.

-Sim temos de ficar atentos. - Concordou um introspectivo Tolek. - Especialmente nos momentos de folga, e abstração quando a gente apenas quer se entreter assistindo um joguinho do timão (coisa que, para mim, é um exercício de controle emocional), e aparecem

estes tipos inoportunos.

-Vocês têm razão – Concordou Jhriz. - Mas nós precisávamos esfriar a cabeça porque nossas as estão ruins em algumas matérias...

“Aí o jogo tava aquela porcaria... E para finalizar aparecem nausicaanos provocando. Não teve jeito! Sofrer com o Corinthians eu ainda aguento, mas aturar cachaceiro briguento enchendo o saco, provocando e falando mal do meu time? Não! Impossível.”

A corinthianada toda caiu na gargalhada.

Zéca até tossia pois acabou se engasgando sozinho durante sua risadaria.

-Entendo bem o problema das matérias. - Disse ele por fim. - Os malditos professores querem nos avaliar pela quantidade de decorebas que somos capazes de repetir como papagaios amestrados que não pensam em absolutamente nada.

-É por aí mesmo. - Concordou Tolek.

-Para isso tenho a solução, meus caros. - Disse Fernando. - Passarei para vocês colas iinfalíveis e mais algum material que vos livrará deste tipo de avaliação retrógrada.

Sacou seu comunicador em seguida e, começou a dedilhar o display deste.

Depois disso, estendeu a mão para Tolek, Jhriz e os demais novatos, para cumprimentá-los:

-Ainda não nos apresentamos: Meu nome é Fernando Zéca.

“Como vocês também são corinthianos, ajudaremos como pudermos.”

Karrov e Azulão também se apresentaram para os novatos e todos se cumprimentaram.

Fernando Zeca Corinthiano aproveitou para anotar os dados dos novos colegas no seu laptop:

-Acabei de enviar para a caixa postal de vocês, informações preliminares que já lhes ajudarão bastante...”

“Verifiquem aí: são vários arquivos com esquemas e toda a matéria necessária para enfrentar os exames e provas até o estágio em que estou.”

-Valeu, cara.

-Obrigado! Esse incentivo me deu até mais ânimo para estudar. - Agradeceu Jhriz - Nós, corinthianos, sendo mais unidos, teremos chances maiores de alcançar a vitória.

-Tem razão. - Concordou Fernando. - Somos muitos, e se além disso, também formos unidos, nosso sucesso virá com mais constância.

-De fato. Tá cheio de corinthiano na Academia, mas, o pessoal só se preocupa com os exames, e não tem tempo sequer, de se juntar para um churrasquinho ao fim de semana. - Comentou Tolek enquanto verificava no seu próprio laptop, os arquivos enviados pelo colega veterano. - É gratificante saber que, existem outros “loucos”, além de mim, que, no tangente ao Futebol, não levam a lógica em consideração.

-A academia, de fato, está cheia deles - Disse Jhriz. O problema é que essa turma se espalhou demais e tá cheia de matérias para estudar.

-Resumindo: não está facil torcer para o nosso time.

-Nunca foi. - Concordou Azulão. - Vida de corinthiano é sofrida.

-Só não é pior que a de quem fuma cigarro ilegal. – Emendou Zéca.

-Não resta dúvida, mas, e o placar deste último jogo? Tem que ser muito louco para continuar na torcida depois de uma derrota assim...

-Então vamos juntar todos os loucos da Academia. - Sugeriu Fernando... - Assim você não fica sozinho.

-Boa ideia. - Concordou Karrow. - Vamos formar um bando de loucos, assim, nos fins de semana, estudamos juntos assistimos aos jogos do Corinthians e comemos um churrasquinho.

-Bando de Loucos... - Refletiu Fernando Zéca Corinthiano. - Um nome bastante apropriado.

“Excelente ideia, meu amigo. Estou contigo nessa, Karrow. Vamos formar o BANDO

DE LOCOS FEDERADOS.”

-Ótima ideia. - Concordou também o Vulcano TOLEK. - Sozinhos, não seremos respeitados nunca, mas, em conjunto, pelo menos, quando o Corinthians perder, ninguém aparecerá para encher o saco. ISSO SIM É LÓGICA.

-E ainda teremos maiores chances de ser aprovados nesses exames sujos, que exigem de nós, apenas decoreba ou, concordância com esquemas políticos, históricos e econômicos, que o currículo escolar agora impõe.

Fernando Zéca estendeu o braço direito com a palma da mão aberta virada para baixo, dizendo:

-Coloquem suas mãos direitas sobre a minha para formalizarmos o nascimento deste BANDO de LOCOS FEDERADOS.

Assim, todos se juntaram, debaixo da luz de um lampião que estava aceso, estendendo os braços, num gesto que se uniu pelas mãos colocadas uma acima da outra..

Karrow então gritou:

-K'PLAH, BANDO DE LOCOS FEDERADOS!!!

Na sequencia, os colegas também gritaram:

-K'PLAH!!!!!

Com aquela centelha de ânimo acesa, Fernando Zéca até mesmo desistiu do seu intento, de abandonar os estudos...

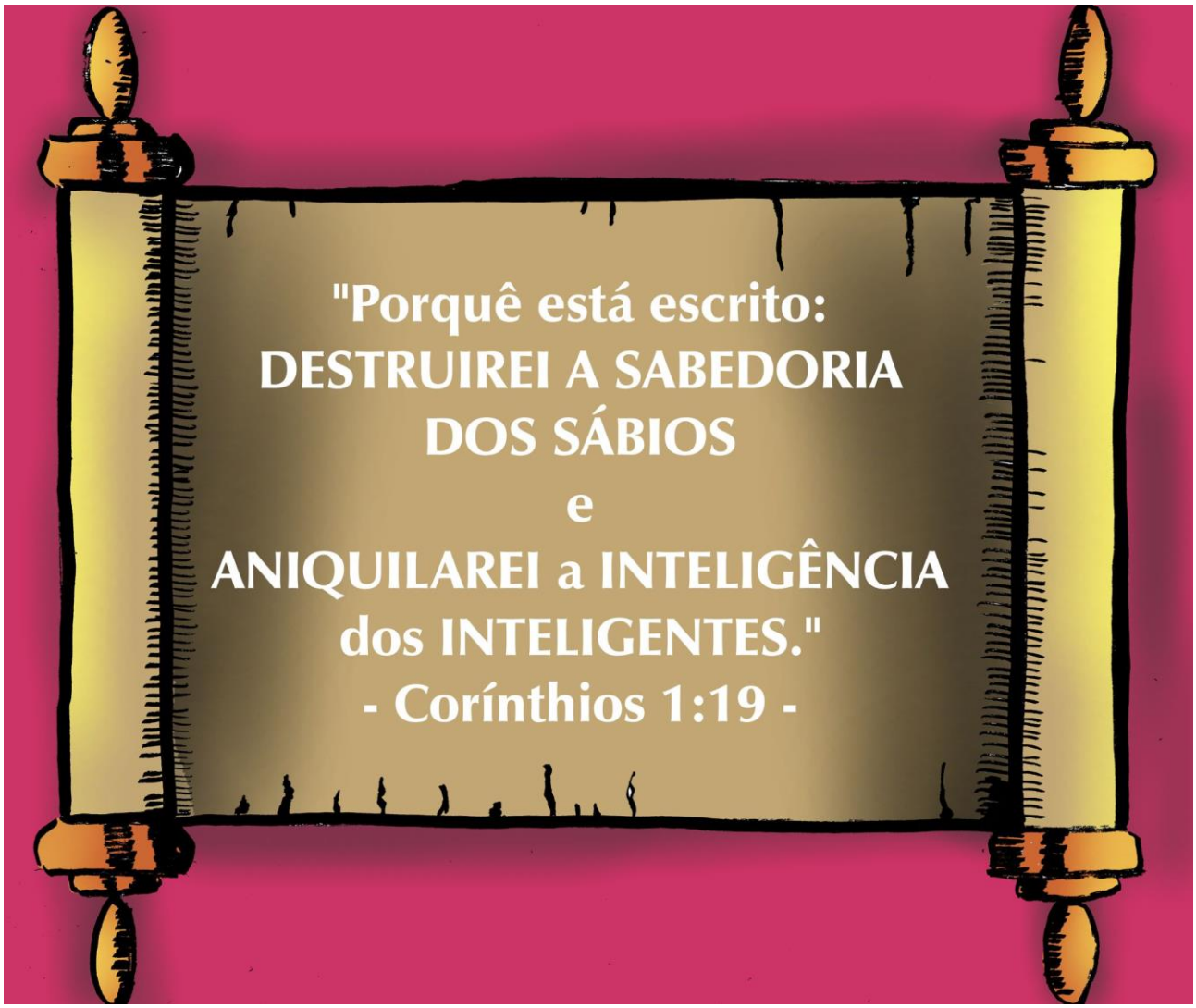
Deste modo, sob a luz dos lampiões, formalizou-se uma aliança entre colegas amigos corinthianos da Academia da Frota Estelar, que tornaria possível, a superação de muitos desafios e até mesmo a ascensão de alguns destes membros fundadores, e outros tantos que ao bando se juntariam, a altos postos na Frota Estelar, e, em importantes cargos da Federação.

Tais fatos, entretanto, fazem parte de outras histórias, que, oportunamente o(a) estimado(a) leitor(a) poderá conhecer.

Por hora, encerra-se aqui, o início da história da Fundação do BANDO de LOCOS FEDERADOS, que ainda nos trará alguma diversão e, novas emoções, portanto, NÃO PARE AGORA AQUI, pois, o melhor, está por vir.

***

# VISCISSITUDES DO AMOR




***

PAULA
Poucos semestres mais adiante...

***

Dentro da Academia da Frota Estelar, o BANDO DE LOUCOS FEDERADOS, a estas alturas, já tinha aumentado significativamente o seu número de colaboradores.

Não eram apenas torcedores corinthianos que se juntavam a esta seleta e quase secreta sociedade estudantil.

A maioria daqueles(as) que quisessem superar o sistema discriminatório que facilitava a vida de alguns poucos alunos escolhidos, e dificultava a da maioria, incluindo mesmo, quem estudava com afinco e cumpria suas obrigações, teria de se socorrer com esta preciosa ajuda para garantir o semestre, ou, o ano escolar.

Nesse sentido, o BANDO DE LOUCOS FEDERADOS, além de um grupo de aficionados por futebol, também era um inestimável auxílio aos estudantes de verdade.

Sem objetivar qualquer finalidade financeira ou que ambicionasse poder ou influência, esta coletividade informal, foi aumentando e diversificando a ajuda que prestava, orientando até mesmo, em temas ligados à segurança dos alunos, fora da academia.

Fazendo parte decisiva na composição deste corpo, estava Paula, uma jovem e linda conselheira, que mesmo não sendo corinthiana, (era sãopaulina), atuava com sabedoria e paciência inigualável.

Suas orientações eram seguidas à risca, até mesmo pelos fundadores corinthianos, que, a consideravam uma das vozes mais influentes e importantes do BANDO.

Não raras as vezes, diante de assuntos espinhosos e de questões aparentemente sem resposta, eram as orientações de Paula que levavam a soluções inesperadas que acabavam contentando a todos.

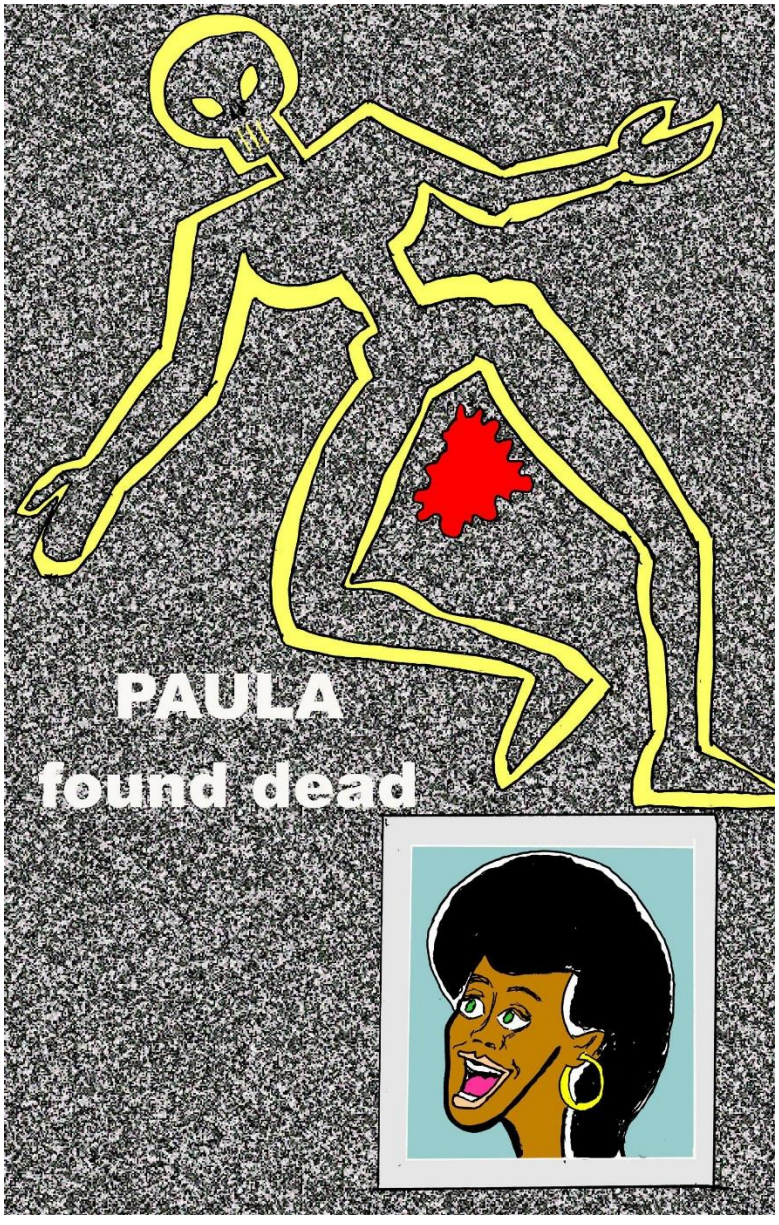
Sua influência na vida BANDO DE LOUCOS FEDERADOS era tal que, se houvesse uma hierarquia rígida nessa sociedade, ela, estaria entre os postos mais altos.

Como nada que é bom dura para sempre, quis o destino, que esta inestimável fonte de bons conselhos, tivesse seu caminho abreviado na esfera dos seres vivos.

Certa noite, o corpo de Paula, foi encontrado, com marcas de violência, num beco escuro, entre sacos de lixo.

O BANDO DE LOUCOS FEDERADOS perdeu uma de suas figuras mais queridas, distintas e importantes.

***



Dez dias depois, dessa morte terrível, seleta parte do bando se reuniu, depois da celebração da missa de sétimo dia em memória à Paula.

O encontro se deu na sacada do apartamento onde morava Marge, a melhor amiga de Paula, e que, também era do Bando.

Marge era uma andoriana lindíssima.

Alta, gostosona e muito peituda, naquele momento estava com a expressão facial sisuda e triste. Mesmo assim, por onde ela passava, o ambiente se modificava...

Deste modo, aproximou-se da mesa onde estavam os fundadores do grupo do BANDO DE LOUCOS FEDERADOS, e com eles sentou-se.

Tirou da bolsa que trazia consigo, um laptop, que abriu e colocou bem diante de si, de modos que, todos pudessem ver o que, a tela de projeções tridimensionais exibia.

Respirou profundamente, suspirou e olhando para as imagens que começavam a aparecer, disse:

-As investigações referentes ao assassinato da Paula não avançaram.

-As autoridades policiais disseram estar sem provas. - Retrucou Fernando Zéca

A expressão sisuda de Marge foi quebrada com um sorrisinho no canto dos lábios.

-E você acredita?

Ninguém respondeu nada.

Ao que, ela continuou:

-Alguém aqui acha que, com os equipamentos de vigilância, de alta resolução disponíveis para as autoridades, nem mesmo um satélite, ou câmera de vigilância teria registrado algo sobre este crime?

O silencio continuou...

-Eu fiz minhas investigações. - Disse Marge. - Vejam o que encontrei.

Ela acionou um comando e, as imagens do registro tridimensional começaram a ser exibidas para todos:

-Isso aqui eu consegui da câmera de um satélite de baixa altitude que por mero acaso, passava no momento, logo acima do local do crime, já que a própria polícia diz estar impossibilitada de obter maiores informações sobre o caso...

-Marge, Marge... - Suspirou Fernando Zéca. - Você sempre tem uma carta escondida na manga...

-A Marge é das Ciências, Zéca. - Explicou o vulcano Tolek. - Lá somos obrigados a tirar coelhos das cartolas, todos os dias.

-É ela. - Disse Marge.

Então, na projeção, apareceu Paula, andando pela alameda, que naquele momento estava vazia.

De-repente, surgiram sete sombras pretas que avançaram sobre a jovem, como aves de rapina, em seguida, agrediram-na cruelmente, sem dó, nem piedade, não lhe dando qualquer chance de reação.

Paula morreu sendo barbaramente violentada e, depois de ser usada como uma camisinha velha por seus algozes, foi largada no meio da rua, onde ficou, durante horas, até ser encontrada.

-Também obtive registros de outras câmeras. - Continuou Marge, com semblante sério. - Algumas das tais que a polícia jurou não estarem funcionando.

Na sequência, as imagens da projeção, mostraram os algozes assassinos, correndo pelas alamedas e vielas das cercanias, até, chegarem a um prédio suntuoso, onde entraram e desapareceram.

-Não posso crer no que estou vendo. - Disse Fernando Zéca.

-Pois acredite. - Continuou Marge. - Trata-se exatamente daquilo que você está pensando.

-Este prédio é uma das Embaixadas onde vivem os Sacerdotes e Adoradores de ZUHLURR.

-Não são estes caras, suspeitos no envolvimento de vários crimes??

-Suspeitos??? Suspeitos é uma palavra muito delicada.

“Essa turba de retardados é de fato, culpada por e um monte de atos violentos e criminosos, que ultimamente têm se sucedido, nos lugares onde eles estão, próximos ou presentes.”

“Estes sacripantas, nem mesmo preocupam-se em disfarçar os mal-feitos que praticam, pois, a própria Federação, fecha os olhos e ouvidos, diante das tramoias que os adoradores de ZUHLURR vivem aprontando.”

-E por-que a Federação passa o pano para estes caras?

-A Federação está amarrada a uma montanha de acordos questionáveis, que beneficiam uns poucos, mas, que, de modo geral, só prejudicam o contribuinte.

-Olha: Estudo história e me mantenho informado sobre estes fatos, até pelas exigências da segurança. - Disse Zéca, - Mas, as tramoias da Federação, no tangente à espionagem e inteligência, vivem me surpreendendo.

“Ultimamente, sempre que vejo qualquer assunto que a envolve, encontro intriga escondida dentro de intriga, que, por sua vez, mantem-se disfarçada no interior de uma terceira que nada sabe do que acontece, tramando suas próprias tramoias e intrigas.”

-Pois não deveria estudar nada disso, meu caro. - Disse Azulão, mal conseguindo manter um sorriso no canto do lábio. - Bem sabes que nossa área (Azulão também era da Segurança Tática) exige “neutralidade”, ou seja, devemos ser PAUS MANDADOS sem opinião, no que tange à política e às decisões do governo.

“Nossa meta, em caso de sobrevivência é uma aposentadoria tranquila, confortável e silenciosa.”

-De fato, irmão. - Concordou Zéca.

-Vamos avançar aqui, senhores. - Chamou a atenção Marge. - Diante dos fatos, e, da inatividade das Autoridades, com relação a este crime, chegou a nossa hora de decidir o que fazer.

“Confesso que, eu mesma, poderia ter feito muito mais, porém, estava desatenta...”

As palavras de Marge vinham sombrias e carregadas de fortes emoções.

Sua expressão facial era ameaçadora não escondendo um brilho de ódio nos olhos.

Davam a impressão de que uma tempestade estava chegando.

-Você já fez muito, Marge. - Interveio Zéca. - Não se culpe por isso.

“Se devemos culpar alguém, é a própria Federação, que é mole com estes terroristas, que dentro do nosso lar, têm mais liberdade e direitos do que nós, além de autorização para nos matar, ao bel prazer.”

-Zéca tem razão, Marge. - Concordou Karrow. - Você já fez muito ao nos trazer tantas informações esclarecedoras.

“Também faço parte da Segurança Tática, e, até ouso dizer que entendo mais do assunto do que estes dois juntos mas, não conseguiria levantar tantas informações, como as que você trouxe aqui.”

-A Marge é a típica oficial andoriana. - Disse Jhriz. - Nunca está satisfeita com o próprio desempenho... Por melhor e mais satisfatório que ele seja.

-Agradeço as palavras confortadoras, meus amigos. - Disse Marge. - Mas eu falhei com minha melhor amiga.

Ela fez uma pausa silenciosa e depois continuou:

-Acho que eu poderia até mesmo, ter evitado esse crime pavoroso.

-Não! Não poderia, Marge. - Discordou Tolek, o vulcano. - Você é apenas uma pessoa que não tem poderes sobrenaturais.

-Você pensa muito com a lógica, Tolek. Mas existe um universo de coisas a meu respeito que a Lógica não te explicará.

-Não discuto isso, Marge, mas, não acho justo que você assuma sozinha um peso do qual não tem culpa. – Confortou Zéca.

-Culpada ou não, meus amigos. Não permitirei que a morte da Paula passe em brancas nuvens. Estes vagabundos assassinos, terão que pagar a conta.

-Irão pagar, Marge... Irão pagar...

-De fato irão. - Continuou ela. - Mas não vou esperar essa justicinha de mérda mexer a bunda da cadeira para vingar a morte da Paula.

Houve então, um breve silencio...

Que logo foi quebrado pelas palavras de Fernando Zéca.

-A Marge tem razão.

A andorriana continuou com voz firme:

-Contra esta seita assassina, as Autoridades nada farão."

"Sendo a Paula, nossa colega na Academia e do Bando, eu mesmo, não permitirei que essa história siga adiante, sem que alguma atitude corretiva seja tomada."

"E se for para partir para a vingança pura e simples, EU montarei um plano, nem que tenha de seguir só perdendo tudo, o que consegui até o momento, na Academia."

-Você não está só, Marge. - Disse Zéca. - Contem comigo nessa.

-A morte da Paula tem que ser vingada. – Relembrou Marge com cara séria.

-Também estou nessa. - Confirmou Azulão.

-Eu também. - Disseram Karrow, Tolek e Jhriz ao mesmo tempo.

-E o que faremos?

-Eu quero matar toda essa cambada de vagabundos. – Disse Marge com cara séria sem rodeios. - Há tempos, as atividades destes malditos, já me enchem o saco!

O ardor juvenil daqueles acadêmicos e a sede de Justiça insuflados pela andoriana decidiu então, o destino das próximas linhas.

-Estou contigo, Marge. - Disse Zeca. – Você manda e eu obedeço!

-Então... K'PLAH, guerreiros! - Berrou Karrow, que, depois do grito, suspirando aliviado, como se tirasse um peso da alma, indagou: - Agora... Qual é o plano?

***

O ambiente onde os membros seletos do BANDO DE LOCOS se reuniam, era um apartamento bem iluminado, com paredes transparentes, que permitiam a visão da cidade, no entorno do edifício onde se encontravam.

Mesmo assim, o assunto que ali dentro era tratado, tornava a atmosfera pesada.

-Andei estudando-os. - Adiantou-se Marge. - Os que mataram Paula, estão sempre juntos e quase não saem do Prédio da Embaixada onde as imagens os mostram entrando.

-Poderíamos entrar na Embaixada e fazer o serviço lá mesmo. - Sugeriu Karrow.

-Não é má ideia. - Concordou Marge, que continuou seu raciocínio. - Já que, temos de levar em consideração, que, são só eles que ficam no edifício o tempo todo.

-Apenas os agressores da Paula? - Indagou Azulão.

-Apenas os agressores da Paula. - Confirmou Marge.

-Então eles moram lá. - Concluiu Tolek.

-De fato.

-Um prédio todo para aquele bando de pilantras?

-Exato. Cada um deles, deve ter vários andares à sua disposição.

-A melhor ferramenta para tanto é através do teletransporte.

"Por meio deste, poderemos mandar drones ou bombas, que coloquem o prédio todo abaixo, sobre as cabeças daqueles assassinos."

-Robôs ou drones, não nos darão a segurança de que conseguimos eliminar o inimigo.

"Temos que, nós mesmos, fazer o serviço pessoalmente!" - Argumentou Karrow.

-Assim como nos videogames de tiro?

-Exatamente.

-Calma que nem tudo é tão simples, meus caros. - Interferiu Jhriz. - Esse edifício deve ter algum bloqueio que impeça teletransportes de enviarem qualquer coisa lá para dentro.

“Pilantras ou não, esse bando para morar num prédio como esse, tem que ser autoridade em alguma coisa, e, no caso, dispor ainda de sofisticados sistemas de segurança para sua proteção. O lugar aí com certeza é uma verdadeira arapuca.”

-De fato, mas, eu tenho equipamento para resolver este problema. - Disse Marge.

Ela digitou alguns comandos no teclado do laptop, e, poucos segundos depois, diante dela, apareceram, por meio de teletransporte, dois cilindros de cor branca, com as extremidades arredondadas, tendo, altura de meio metro, e largura de uns quinze centímetros...

-Mais um de seus brinquedos, Marge? - Indagou o andoriano Jhriz.

-Sim.

“Pode olhar. Você vai achar interessante.”

Jhriz não se fez de rogado, e, logo começou a fuçar nos aparelhos.

Apertou um botão e, saíram dois paineis pretos, pelas laterais dos cilindros, que se desdobraram, revelando diversos controles.

Uma antena expandiu-se da parte superior com luzes coloridas se acendendo.

-E não é que essa coisa funciona? - Indagou Tolek visivelmente surpreendido, enquanto acompanhava o exame de Jhriz.

-Claro! Foi a Marge quem fez. E ela é cheia de truques nos bolsos.

-Ela é de ciências. - Relembrou Tolek, como se quisesse recordar todo mundo, mais uma vez, que ela era a grande estrela do seu grupo musical favorito.

-Isso resolve metade do problema, mas, ainda temos que pensar na questão das armas....

“O que quer que venhamos a usar, não pode deixar nenhum sinal que permita rastrear sua origem, ou que, nos aponte como suspeitos...” - Disse Zéca.

-Não se preocupe com o armamento. Já pensei nisso também.

Diversas caixas de madeira, com tamanho médio de um metro e meio, a dois, de altura, também se materializaram ali, através de teletransporte.

Fáceis de abrir, já que, não demandavam ferramentas para tanto, logo tiveram revelados os seus conteúdos:

Armas!

De diversos tipos e calibres.

Pistolas, metralhadoras e fuzis-phaser, granadas, mini-drones robotizados, facas, facões, machados e até algumas peças da temível cutelaria klingon como bat'leths, d'k tahgs e mek'leths.

Os cadetes pareciam até crianças diante dos presentes debaixo da árvore de natal.

Mesmo a turma da engenharia normalmente reticente e incrédula diante das verdades da vida, estava igualmente, ou até, mais surpreendida:

-Marge! Esse equipamento que você nos arrumou é simplesmente fantástico. - Elogiou Jhriz. - Tudo aqui dispõe de algum recurso que, eu mesmo, nunca tinha visto antes.

-Maior parte das peças, é de alta tecnologia que nem no mercado, está disponível. - Concordou Tolek.

-Acho que nem a Frota Estelar possui fuzis como este. - Disse Karrow, empunhando um deles.

-Quase todo esse equipamento fui eu que projetei. - Disse Marge.

-Caramba Marge. - Você deve ter um laboratório e tanto, para produzir tudo isso aqui.

-Meu pai tem poderes vastíssimos e eventualmente, faço uso de alguns destes recursos, ainda que, eu e ele, nem sempre concordemos em tudo... - Disse ela.

-Ele te ajudou com estas coisas?

-Não! Ele não moveu nenhuma palha para nada disso! Eventualmente, tenho que fazer as coisas na teimosia, ou, sem que ele saiba.

-Nossa causa é nobre. – Pontuou Zéca. - Acho que ele aprovaria...

-A causa da vingança quase sempre é nobre. - Concertou Azulão. - Concorde ele ou não, agora temos que vingar a Paula.

Dito isso, pegou uma grande e pesada massa medieval que havia entre as diversas armas e girou-a demonstrando grande habilidade no seu manuseio.

Não era para qualquer um!

Azulão conseguia um controle tão bom, por ser forte e grande. Com dois metros e dez centímetros de altura, tinha quase a mesma altura que Karrow.

Além de facas: uma Bowie e, outra menor, Fernando Zéca pegou dois pequenos machados que também colocou presos, ao cinto onde também carregaria, um par de poderosíssimas pistolas-phaser.

Não seria por falta de armas que a morte de Paula ficaria sem a justa desforra!

E, até pela escolha que Marge fez de algumas armas, era praticamente garantida que a revanche seria brutal.

O trabalho dela deu uma carta poderosa para garantir a execução do que poderia ser até, considerada uma autêntica retaliação contra os assassinos da amiga, mas, era algo que Marge fazia sem esforço e naturalmente convicta, pois, o ódio que transparecia, deixava claro que, seria capaz, de armar quem quer que fosse, para alcançar seus objetivos.

## A HORA da VENDETTA

Um velho furgão movido a energia elétrica, estacionou silenciosamente na rua estreita e escura.

Assim que parou, seus faróis e luzes externas se apagaram.

Entretanto no interior deste, a movimentação era febril.

Ali, encontravam-se Azulão, Tolek, Marge, Karrow, Fernando Zéca e Jhriz.

Marge estava sentada diante de um painel cheio de monitores e controles com todos ali vestindo roupas pretas que não tinham nada a ver com os uniformes da Academia, e usando óculos especiais, que, entre diversas finalidades, permitiam, enxergar no escuro.

Marge, repassava mais uma vez, as instruções:

-Esse é o teletransportador portátil que os levará pro interior do prédio. - Disse, apontando para um cilindro branco. - Ele garantirá, acesso seguro no local e ficará invisível até que vocês o acionem novamente para retornar.

-Sejam rápidos e fiquem prontos pra tudo. - Disse Marge com seriedade.

Em seguida, todos, menos ela, foram teletransportado para fora do furgão.

Concentrada num dos monitores diante de si, Marge ajustou os fones de ouvido e murmurou:

-Agora começa a diversão...

***

O teletransporte os levou para um lugar totalmente escuro, o que logo justificou não só o uso dos óculos multifuncionais e de máscaras antigases pois o mau cheiro estava insuportável.

Tamanho fedor não era à toa já que o Bando se materializou em espaço cercado por carcaças de animais mortos, que serviam de refeição a ratos e baratas, livres pelas paredes e piso, mostrando serem os verdadeiros donos do espaço.

Zéca logo armou dois drones que, saíram voando para direções opostas de onde estavam.

Tudo o que eles registrassem em seu caminho, seria monitorado pela equipe, que teria condições de agir preventivamente, ou, até mesmo, fazer ataques, acionando remotamente, as armas dos próprios drones.

Mesmo mal cuidado, o local era imponente.

-Estamos nesse salão. - Sussurrou Azulão, enquanto indicava o local exato, à equipe, através da imagem tridimensional de um mapa da área, projetado, diretamente nos olhos de seus membros.

Fernando Zéca apontou para um dos sinais verdes ali presentes e disse.

-Esse é o que fica mais perto. Podemos começar por aqui.

-Sim! Vamos lá. - Concordou Karrow.

A escuridão local encobria os movimentos do grupo que avançava rápida em silencio por estreitos corredores escuros, até uma grossa porta de aço vigiada por câmera.

Um dos drones os aguardava flutuando próximo a ela, já embaralhando e confundindo o sistema de vigilância local, de modos a manter desapercebida a acadêmica movimentação.

Multifuncional como era, o drone logo auxiliou o grupo de outro modo no assalto.

Disparou contra a porta, fazendo com que o impacto do tiro, a arremessasse para o interior do cômodo que havia além de seus umbrais.

Antes mesmo que os membros do time entrassem pelo espaço aberto, o drone o invadiu primeiro, mesmo em meio à fumaceira causada pelo ataque, e rapidamente, mais adiante, lançou granadas de fumaça para confundir quem quer que ali dentro estivesse.

Fernando Zéca avançou logo atrás do drone.

Queria pôr as mãos num daqueles fanáticos religiosos, que não obedeciam a Lei alguma, a não ser, as idiotices e asneiras escritas no que chamavam de livro sagrado de ZUHLURR.

Estava emocionalmente motivado e tudo o que queria, era descarregar, ódio libertador contra aqueles fanáticos, deste modo, vingando a morte de Paula.

Mas não era o único.

Karrow também queria estripar vários daqueles tipos e, mesmo com a fumaça das granadas, conseguiu localizar primeiro, um que ali estava.

Sem perda de tempo, praticamente voou para cima do humanoide, de pele vermelha, com barba e cabeleira toda desgrenhada, usando uma espécie de “vestido”, com a parte superior semelhante a uma camisa social, e um pano quadrado amarrado à testa por uma corda.

Percebendo a ira nos olhos do klingon, o tipo ainda teve tempo de gritar:

-Pare! Eu tenho imunidade! Sou embaixador aqui. Ninguém pode fazer nada contra mim.

Karrow ignorou solenemente as proteções garantidas àquele “diplomata” e enfiou no pescoço dele a sua d'k tahgs (faca klingon).

Um líquido amarelo e grosso, jorrou do corte enquanto o “embaixador” tombava morto fazendo toda sorte de ruídos estranhos ao dar suas últimas respiradas.

Zéca se aproximou:

-Eu ia mandar esse aí para o inferno, mas, você chegou antes.

-Se deixar, você faz o serviço todo sozinho e não deixa nada para os outros. Por isso já garanti logo o meu.” - Respondeu o klingon.

Zéca percebeu um movimento inesperado entre a fumaça, e apontou sua arma para aquela direção. Antes de disparar, viu que era um jovem humano totalmente pelado.

Provavelmente, estava deitado com o finado embaixador, apreciando uma noite de “amor”, já que, os seguidores de ZUHLURR, eram notoriamente propensos à farras ilegais envolvendo sexo homossexual com adolescentes e crianças menores de qualquer idade.

Consideravam costume que, segundo alegavam, era parte das suas tradições.

De qualquer forma, Fernando Zéca viu-se num dilema: o que fazer com o jovem?

Tolek logo resolveu o problema colocando a involuntária testemunha para dormir, com uma bem aplicada “pinça vulcana” na base do seu pescoço.

-Esse aqui deve ficar inconsciente por umas duas horas.

“Tempo mais do que suficiente para terminarmos a missão.”

-Então vamos em frente. - Disse Fernando Zéca.

O grupo avançou silenciosa e decididamente em meio à escuridão.

Seguindo as orientações que recebiam através do mapa, logo chegaram a um outro cômodo, onde estavam mais dois, dos agressores da Paula.

A identidade deles foi confirmada e o bando de locos já entrou com tudo.

Percebendo que as próprias vidas estavam por um fio e, não lhes restava qualquer chance de reação, ou defesa, os fanáticos seguidores de ZUHLURR, ainda tentaram negociar...

-Nós temos latinum, ouro e diamantes! Não nos matem!

-Podemos negociar. Valemos mais vivos do que mortos.

Mas nenhuma tratativa foi aceita.

Jhriz, com o disparo preciso do seu fuzil, acertou um finíssimo raio azulado, nas duas cabeças vermelhas daqueles assassinos, o que, no instante seguinte, fez com que estes caíssem mortos simultaneamente.

Fernando Zéca entortou a cara com uma expressão de mau humor.

Ainda não pegara nenhum dos cretinos.

Todos estavam a vingar a Paula, menos ele!

Ainda assim, conteve as emoções e fez sinal para que o grupo seguisse na direção, onde estavam sinalizados os próximos alvos.

Avançaram por escassos minutos até chegarem a um salão, com aparência de templo e sorrateiramente, posicionaram-se de modo a não serem percebidos.

Logo seguiram até uma saleta onde, estavam indicados pelos instrumentos, dois sinais, ou seja, mais dois fanáticos para serem mortos.

O drone que agora acompanhava o bando, posicionou-se, próximo à entrada, de modo a não ser percebido, e, confirmou a identidade dos agressores que, ali estavam.

Sem cerimônia, o bando entrou todo de uma vez, disparando contra os assassinos presentes no local. Também estes, não tiveram tempo para nada, já que, Tolek, acertou-os com disparos mortais feitos, através da sua pistola.

-Caramba! - Reclamou Fernando Zéca, que ainda não havia colocado as mãos, ou, sequer, dado um mísero tiro, nos assassinos. - Eu achei que os vulcanos fossem mais contidos na violência, e, menos apressados no gatilho.

-A lógica vulcana recomenda dar a primeira porrada quando a briga for inevitável, e o primeiro disparo se o tiroteio estiver mesmo prestes a se iniciar.

-Onde você viu algum tiroteio aqui?? - Indagou Fernando Zéca, incrédulo... Fala a verdade, Tolek: A lógica vulcana recomenda isso tudo mesmo???

-Sim. - Confirmou Tolek. - E, de preferência, que seja com golpes precisos que, imediatamente eliminem a ameaça.

-Olhem só isso. - Disse Karrow apontando para o látinum, os diamantes, dinheiro, cartões de crédito/débito e até barras de ouro na sala em que se encontravam.

Um verdadeiro cofre-forte.

-Estamos no meio de uma fortuna. - Observou o Azulão. - Com o que tem aqui poderíamos viver uns duzentos anos no maior luxo.

-De fato. - Concordou Fernando Zéca. - Mas, ainda restam dois para pegar. Agora não dá tempo para pensar nisso.

Respiraram fundo diante daquelas riquezas e avançaram para a direção onde estavam os dois últimos sinais indicados.

O caminho que seguiam não era diferente de todo o trajeto que já haviam percorrido: sujo, malcheiroso, cheio de bichos mortos, ratos, insetos, baratas e sabe-se lá mais o quê.

Tão logo chegaram aonde estariam os próximos alvos, ouviram berros.

Gritos animalescos acompanhados de risadas sinistras.

Alguém ali parecia estar fazendo um esforço frenético.

Silenciosamente o BANDO DE LOUCOS se posicionou nas proximidades para analisar o cenário.

Os dois fanáticos que procuravam estavam no meio de dezenas de bodes, porcos e cães, em conjunção carnal com as cabras, e outros bichos produzindo dali uma gritaria medonha.

Os acadêmicos ficaram atônitos diante daquela cópula bestial.

Eram públicos e notórios os bárbaros costumes dos fanáticos seguidores de ZUHLURR, mas uma coisa, era o conhecimento teórico do assunto, outra, era testemunhar o coito entre um destes tipos com uma cabrita berrando desesperada.

Tão empolgados estavam no acasalamento que protagonizavam, nem tiveram tempo de perceber a presença daqueles que seriam os seus algozes vingadores.

Agoniado com o sofrimento dos animais, Azulão, sem perda de tempo, disparou diversos tiros contra os dois, que, além de matarem os zoófitos, livraram as cabritas do seu martírio.

Zéca pelo canal protegido de comunicação, avisou a Marge:

-Alvos eliminados. Missão concluída.

-Muito bem. - Cumprimentou ela. - Agora retornem ao exato local onde o teletransporte os deixou antes.

-É prá já. - Confirmou Zéca, que, em seguida, sinalizou confirmando a ordem.

Para ele, o pior já havia passado.

Doravante, bastaria apenas seguir a mesma rota pela qual chegaram ali, e serem teletransportados para fora, sem chamar a atenção de ninguém.

***

Nem cinco segundos se passaram, após este pensamento, e outra mensagem de Marge alertou o Bando em missão:

-Atenção! Os sistemas de vigilancia foram acionados.

-O quê? - Indagou Fernando Zéca, incrédulo. - Mas não acionamos nada por aqui...

-Não foram vocês. - Esclareceu Marge. - O alerta veio de fora.

“Outras embaixadas dos seguidores de ZUHLURR na Terra, estavam assistindo pela internet, a transmissão de sexo com os animais, que vocês interromperam. Nenhuma imagem do Bando foi captada, mas, a segurança deles foi posta em ação. Saiam daí já!”

O grupo deu meia volta retornando pelo mesmo caminho que fizeram antes.

Saíram do salão onde porcos, bodes e cães, devoravam os dilacerados restos dos corpos dos zoófitos fanáticos de ZUHLURR, eliminados pela missão de justiçamento.

Em determinado trecho, uma nuvem de insetos saiu de diversos buracos que haviam nas paredes e infestou o caminho por onde deveriam passar.

-Nossas roupas não são adequadas para esse tipo de problema. - Lembrou Jhriz.

O cérebro de Fernando Zéca trabalhava febrilmente para encontrar uma solução.

Logo, teve uma ideia.

-Vamos tentar uma nova abordagem. - Disse ele.

Sacou suas armas, e mexeu nas regulagens da pistola de raios.

Testou o ajuste, porém, ao apertar o gatilho não aconteceu nada.

Mexeu, mexeu, tentou mais algumas vezes e o resultado em nada mudava.

Azulão, observando Fernando Zéca, logo entendeu a intenção do colega e fez as mesmas regulagens na sua arma. O resultado porém, foi diferente.

Da arma do Azulão, saiu um raio duplo que formava a figura de um triangulo brilhante e azulado.

-Regule para tonteio, assim não gasta tanta bateria. - Disse Zéca.

Azulão entendeu o objetivo desejado, fez a regulagem e começou a “varrer” a nuvem de insetos com a forma triangular formada adiante da extremidade de sua pistola, por onde saia o raio.

Sem perda de tempo, Jhriz, Karrow e Tolek fizeram o mesmo ampliando o caminho para que o grupo saísse dali.

Zéca teve que se conformar com o mau funcionamento de suas armas.

Mesmo assim, até ele conseguiu atravessar a nuvem de insetos, saindo com seus colegas, daquele perigoso corredor, e avançando um pouco mais, para o local onde se encontrava o teletransportador.

***

Novos problemas surgiriam no caminho.

Claro! Sendo os protagonistas corinthianos, o sofrimento deve ser quintuplicado!

Através dos óculos multifuncionais, drones inimigos, muito bem armados, encarregados da segurança no local, foram avistados.

-Eles estão nos esperando na saída. - Disse Zéca apontando para uma porta adiante no trajeto, por onde o grupo deveria se evadir..

-Já percebi. - Disse Karrow ajeitando seu fuzil no ombro e visualizando os alvos pela sua mira telescópica.

-São cinco drones.

Tolek também ajeitou seu rifle e visualizou os drones, através do dispositivo de mira telescópica na arma.

-Estou vendo também.

Jhriz e Fernando Zéca do mesmo modo ergueram suas armas e colocaram os drones inimigos sob suas miras.

Todo mundo disparou sem perda de tempo.

Os alvos foram imediatamente atingidos pelos disparos, sendo que Tolek teve que rapidamente cobrir com um tiro certeiro outra falha da arma de Fernando Zéca.

Superado outro obstáculo, o grupo avançou, por outro corredor coberto por bichos asquerosos, lagartos, morcegos, aranhas e baratas.

O chão parecia um tapete zoológico por onde circulavam, até crocodilos ameaçadores, com mais de cinco metros de cumprimento.

-Não lembro de termos passado por aqui. - Observou Tolek.

-Esse é o caminho que o mapa está nos mandando seguir. - Disse Zéca.

-É por aqui mesmo. - Concordou Karrow. - Não há outra opção.

A visão era desanimadora pois, os crocodilos, soltavam chamas pelas narinas mais parecendo dragões!

-Isso não estava nos planos! - Reclamou Tolek. -Foge completamente daquilo que se pode chamar de lógica.

-Se tocarmos fogo nessa bicharada, o incêndio só aumentará mais, dificultando nosso avanço. Sugiro o uso de tonteio naqueles que nos ameaçarem, ou, que estiverem nos bloqueando. - Disse Fernando Zéca.

-Aqui tem mais bichos que muita floresta. - Alertou Karrow. – Cuidado onde pisar.

As criaturas não estavam atentas com o Bando, talvez, estivessem mais ocupadas em se manter vivas naquele meio em que, comiam umas às outras.

De qualquer forma, a tensão aumentou assim que o bando viu o que teria de enfrentar adiante: caminhar cinquenta metros, com a bicharada aos seus pés, sendo muitos dos animais, dotados de dentição capaz de penetrar até mesmo a blindagem das roupas especiais que os acadêmicos vestiam.

Não demorou para que s crocodilos maiores, avançaram na direção do grupo, coisa que, ocasionou uma reação contra eles próprios.

Diversos tiros foram disparados fazendo os alvos dormirem de imediato.

Diante do resultado animador da ação, o bando acelerou o passo, mantendo ainda, atenção na bicharada menor, que poderia aprontar alguma surpresa desagradável.

Entretanto, as ameaças não davam folga exigindo gasto muito alto de energia pelas armas, mesmo estando estas, reguladas apenas para tontear o alvo.

Invariavelmente, as de Fernando Zéca, não respondiam, ou pareciam travadas...

Nessa situação, ele até desistiu e agora, segurava duas machadinhas, para ao menos reagir com dignidade, em qualquer eventualidade.

O avanço era lento, dispendia energia, e, era observado por dois crocodilos gigantes, de aproximadamente oito metros, que, de longe, acompanhavam sorrateiramente, o caminhar do bando.

A primeira bateria a se esgotar foi a da arma de Karrow.

-Me empresta as tuas baterias, Zéca.

Sem perder tempo, Fernando Zéca tirou as baterias de suas armas e passou para o colega klingon.

-Espero que funcione.

Karrow pegou as baterias, mas, não teve tempo de colocá-las nas armas.

Um dos dois crocodilos observadores resolveu atacá-lo naquele momento, abrindo sua gigantesca boca e avançando contra ele.

Por azar, a arma de Karrow caiu de sua mão, com a fera percebendo tal contratempo, engolindo-a num rápido movimento.

Surpreendentemente, a gula incontrolável teve repercussões gerando inesperada explosão dentro do bicho, fazendo-o inchar, como um balão, a ponto de erguê-lo, do chão.

Sorte ou Azar, os dados foram lançados e, o outro crocodilo que ao longe observava os acontecimentos, fez o seu ataque, do mesmo modo que o primeiro, só que, desta vez, muito mais próximo de Karrow.

A imensa bocarra do animal iria morder o klingon, se duas machadas voadoras, oportunamente lançadas por Fernando Zéca, não tivessem atingido a língua do gigantesco réptil, o que fez, o crocodilo gigante recuar e desaparecer roncando como um trator enfurecido.

Os disparos na regulagem de tonteio feitos pelos outros membros do bando, ainda estavam surtindo algum efeito, abrindo caminho, e, permitindo o avanço até o objetivo, que era, a porta, por onde passariam saindo daquele salão.

Tiveram alguma dificuldade em abrí-la, já que, se encontrava trancada.

-Não estava assim antes.

-E nem continuará mais... - Disse Karrow, dando nela, um poderoso chute, que a derrubou violentamente.

Depois dos seus umbrais, a escuridão era total, mesmo assim, o bando sem demora os transpôs, até porque, além de perigoso, o ambiente de onde saíam, era nojento.

***

Imediatamente, a temperatura caiu, o ar que o bando respirava através de suas máscaras, acabou e o chão desapareceu.

Todos foram tomados por sentimentos de vertigem e dominados pelo medo.

A escuridão era pontilhada por estrelas, nebulosas, cometas e galáxias que iluminavam os contornos dos membros do bando, enquanto eles sofriam as agruras do inesperado ambiente espacial.

Fernando Zéca tentava compreender aquela ocorrência extraordinária, completamente ilógica, e, a única explicação que pôde formular, nos escassos segundos de oxigênio que dispunha, era que, estava no interior de um poderoso hollodeck.

Só mesmo, esta tecnologia simularia com detalhes aquela situação num ambiente, e, depois reproduziria uma conjuntura totalmente diversa, em tão pouco tempo.

Certa ou não a teoria, a seguir, sucederam-se mudanças que talvez a confirmassem.

***

O breu piorou de um instante para outro...

E até adquiriu alguma consistência... Líquida.

O bando sentiu-se imediatamente esmagado e, estava bem próximo de morrer afogado com a pressão do líquido prestes a entrar por todos os orifícios nos seus corpos.

A agonia parecia eterna.

Mas pelo menos, havia um consolo: tamanho sofrimento não era passado sem nenhuma testemunha.

Enquanto o bando agonizava, apareceram criaturas esquisitas fosforescentes, similares aos peixes horrorosos com mandíbulas e dentes apavorantes, que vivem nas profundezas abissais da Terra, sendo verdadeiramente dignos, das melhores produções de terror.

Aquele “show”, entretanto, não duraria muito mais...

***

A pressão terminou, e puderam então, todos respirar.

Agora entretanto, sentiam novamente, vertigem incontrolável.

Isso porquê, todos estavam em queda livre, cercados por um azul celeste deslumbrante e nuvens brancas, que o bando atravessava caindo em grande velocidade.

Era como um salto do firmamento em direção ao solo distante...

SEM PARA-QUEDAS.

Ainda não conseguiam enxergar o chão, que, estava oculto em algum lugar, atrás de todo aquele belíssimo azul infinito...

Mas sabiam, que, seguiam em direção a este, a toda velocidade possível.

Entretanto, a situação tendia a piorar, já que, uma chuva de pequenas pedras em chamas, avançou na direção do bando em queda livre.

A morte parecia inevitável, até que, de um instante para outro, tudo mudou de novo!

***

Materializaram-se finalmente onde queriam estar: seja, no local que o teletransporte poderia alcançá-los.

Engasgados, e, tossindo bastante, mesmo cheio de dúvidas quanto ao que teria lhes exposto àquelas situações alucinantes, posicionaram-se.

Fernando Zéca mais uma vez verificou se não faltava ninguém e acionou o teletransporte, que os tirou dali, em meio a um flash de luz.

***

E assim que o bando foi teletransportado para o interior do furgão, Marge colocou o veículo em movimento, afastando-o sem pressa, das proximidades do prédio onde havia sido realizada a vendeta.

-Passamos por situações estranhas. - Disse Fernando Zéca, tão logo conseguiu balbuciar as primeiras palavras.

-Como assim? - Indagou Marge.

-Fomos colocados num espaço de poucos segundos, em diversos lugares inexplicáveis. - Disse Tolek.

-Acho que: as situações a que fomos expostos, tenham algum fundo de magia. – Opinou Karrow. - Não posso dar certeza, até porquê, meus conhecimentos no assunto, são pequenos, mas, talvez, aquele prédio estivesse repleto de energias negativas, decorrentes de toda a atividade sinistra daqueles fanáticos seguidores de ZUHLURR.”

-O lado bom é que além da missão cumprida. – Lembrou Marge. - A movimentação de vocês, não foi registrada pelo sistema de segurança do local.

“Alterei a programação dos computadores que comandavam as câmeras e sensores de segurança, assim ninguém do bando teve imagem registrada”.

-Você é maravilhosa Marge. - Disse Fernando Zéca. - Sem o teu talento, nada disso seria possível.

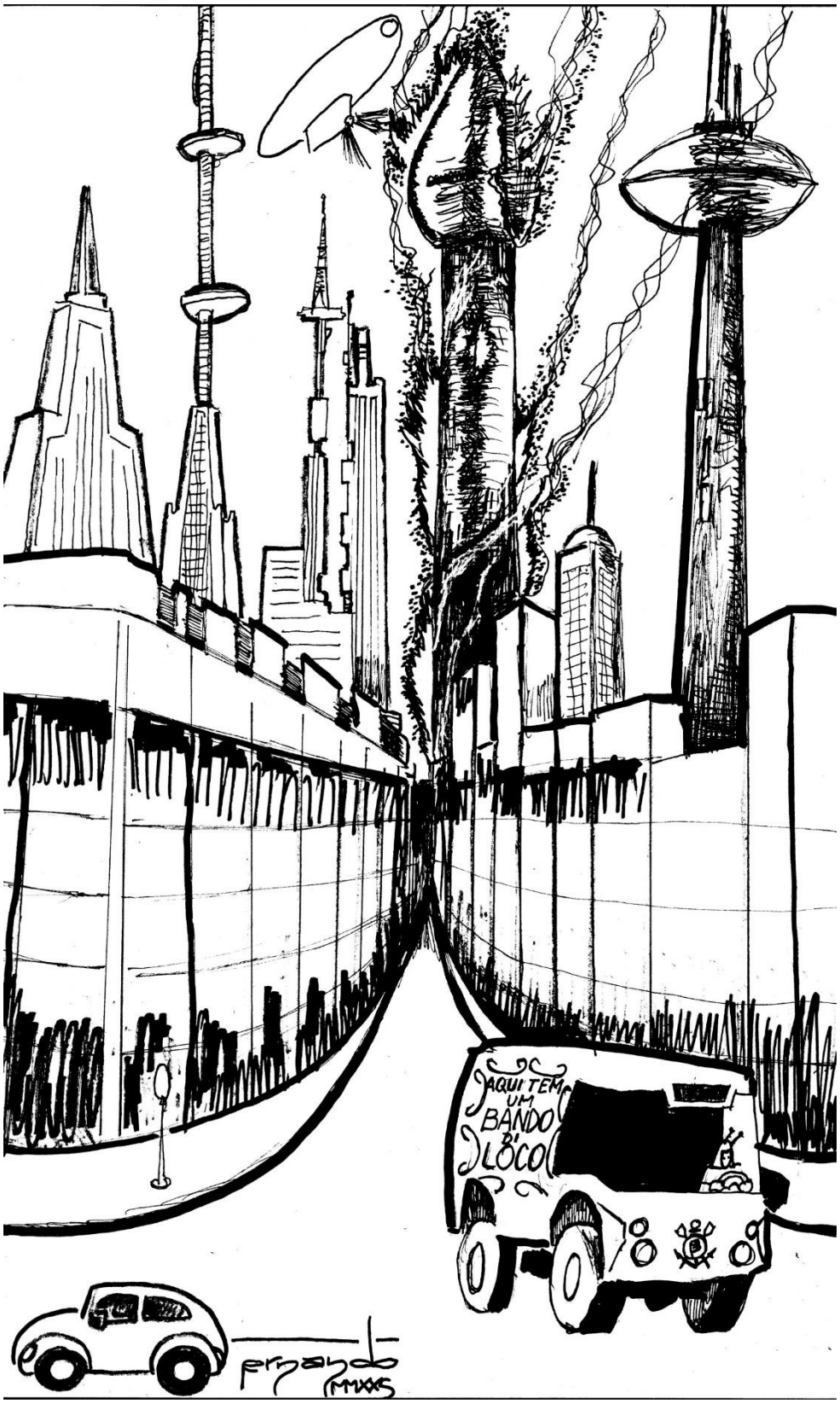
-Eu sei. - Concordou ela, sem nenhum sinal de modéstia. - Mesmo assim, minha

satisfação é maior ainda, quando vocês me prestam esse reconhecimento.

-Até agora tudo bem. - Concordou Azulão. - Entretanto, vamos ver o desenrolar dos fatos nos próximos dias.

-Não se preocupe, Azulão. - Tranquilizou Marge. - Nenhuma pista de nossa ação, ficou para trás. Não seremos expostos. Entretanto, nossos atos terão repercussões e consequências...”

***



As palavras de Marge, como sempre, foram proféticas...

O amanhecer da nova era chegou para a Federação, através de uma reação em cadeia que se sucedeu.

A ação realizada pelo Bando de Loucos Federados, involuntariamente libertou centenas de prisioneiros, usados com fins de escravidão sexual, dos calabouços secretos, escondidos no prédio onde era o covil dos fanáticos.

Um dos desdobramentos decorrentes da operação realizada, foi o curto-circuito no edifício, que queimou as instalações elétricas, e ainda, as de emergência, comunicação, ou segurança, abrindo as portas, de tudo de ruim que tinha lá dentro, para a cidade de São Francisco.

Focos de incêndio, logo pipocaram pelo edifício, o que obrigou a ação dos bombeiros robotizados, que, durante seu trabalho, não só, se depararam com toda aquela gente em condições sub-humanas, mas, encontraram ainda, provas de crimes e produtos ilegais de toda ordem, que não haviam sido solucionados em outras ocasiões.

A situação humanitária comoveu a população, que, logo pela manhã do dia após a ação do Bando, se reuniu nos principais pontos da cidade, pedindo a desvinculação total da FEDERAÇÃO DOS PLANETAS UNIDOS, com o fanatismo dos seguidores de ZUHLURR, e, dos poderosos que comandavam este grupo controlando diversos sistemas planetários.

Na parte da tarde, o conteúdo dos computadores apreendidos no prédio, vazou, revelando o envolvimento daqueles supostos “diplomatas” em outras tantas atividades criminosas, além de, planejamento de atentados contra a própria Federação e seus aliados.

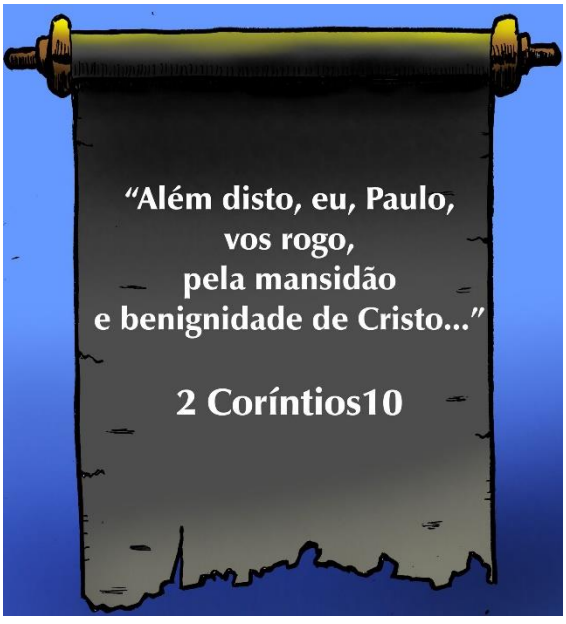
Esta descoberta, logo mobilizou em planetas e satélites de todo o sistema solar, manifestos exaltados querendo afastar, ou, expulsar de vez, essa seita criminosa, de todos os acordos envolvendo a FEDERAÇÃO.

Diante do escândalo decorrente da descoberta de tantas deslealdades, e, da forte pressão popular, a burrocracia, desta vez, agiu com rapidez e, logo instituiu Leis proibindo qualquer coisa, ou mesmo, a presença dos fanáticos seguidores da religião de ZUHLURR, no espaço de domínio da Federação dos Planetas Unidos.

Qualquer gesto de tolerância ou, simpatia com estes tipos, doravante, passaria a ser considerada, uma ação criminosa de alta traição.

Deste modo, a morte de Paula, não foi vã, e, a ação que culminou com a vingança do seu assassinato, salvou um número incontável de vidas.

***



---

“Infelizmente, nem sempre será possível ao fiel, se manter na trilha da mansidão e benignidade sugerida pelo Santo Apóstolo.” - (humilde aparte deste autor)

---

***

## DEVANEIOS? DESFECHO? ESCLARECIMENTOS? e um ÀS DE ESPADAS.

-Mas é lógico que fomos roubados.

-Mais uma vez.

-O gol que eles fizeram na gente, estava claramente impedido.

Fernando Zéca disse isso e deu várias tragadas no seu cigarro ilegal.

Em seguida, segurou a fumaça nos pulmões.

Tolek, como sempre, até por natureza, o mais equilibrado nesses assuntos, também opinou:

-O gol que eles fizeram na gente estava impedido, e, os nossos 3 gols, invalidados por impedimento, eram legítimos.

-De fato. - Concordou Jhriz. - Essa juizada rouba descaradamente, os altos cartolas, não mexem as bundas de suas poltronas, e nós temos de pagar a conta...

-As regras do futebol já não mudam a séculos. - Reclamou Azulão. - A arbitragem deveria ser toda eletrônica, sem juízes humanos que possam ser induzidos a erro.

Fernando Zéca soltou a fumaça, em seguida, disse com a voz ainda meio “presa”:

-Mas aí, acaba justamente o fator que permite a manipulação de resultados dos jogos!

“Tirando isso, os altos cartolas não têm como favorecer apostas, e outros tantos esquemas que operam nos bastidores do mundo da bola.”

-E para piorar, o Corinthians está sendo administrado por gente que não dá lucro nem vitória para o time. - Reclamou Azulão.

-Isso quando não se envolve em política, ou esquemas de vendas de jogos e resultados...

-Mais uma vez, é aquela novela de sempre...

-O time foi roubado na cara dura e ninguém reclamou de nada.

“Eu, se fosse Presidente do Clube teria retirado o time de campo, antes do término da partida. - Disse Karrow.

-O Presidente, juntamente com um bando de outros cartolas dirigentes, não estão preocupados, com o fato de, estarmos sendo roubados descaradamente, porque eles mesmos fazem parte do esquema. - Esclareceu Jhriz, que, logo justificou sua opinião. - O dono de um dos puteiros que eu vou toda semana, me disse que: presidentes de dois clubes tradicionalmente rivais, costumam se encontrar no “estabelecimento comercial dele” para acertar resultados de partidas e competições onde, paralelamente, apostas sejam feitas.

-De fato, o esquema é todo assim mesmo. - Concordou Zéca. - Vejam o caso do Presidente da Confederação Futebolística, que não pode sair da América do Sul, porquê, seu nome figura, nas listas dos mais procurados pelas Polícias do sistema solar....

“Devido a estes picaretas, ainda somos obrigados a engolir aquela velha ladainha, de que “o futebol é jogo de homens”, justificativa inventada por algum ordinário, para evitar a presença de câmeras no campo auxiliando a arbitragem.”

O cigarro de Fernando apagou, e ele, em seguida, sugeriu.

-Que tal irmos para o bar lá fora? Aqui dentro está muito enfumaçado.

Zéca, referia-se à garagem onde os membros do bando guardavam seus veículos, e que, naquele momento, utilizavam para fumar escondidos, das vistas bisbilhoteiras.

-Vamos nessa!

Saíram dali, fecharam a porta automática, e foram para o bar, onde, uma grande mesa, com cadeiras vazias, os aguardava. Sentaram-se ao redor dela e fizeram um pedido.

Outros membros do bando estavam por perto, incluindo Marge, que jogava truco, numa mesa de baralho, no interior do estabelecimento.

Assim que fizeram seus pedidos para o robô-garçom, chegaram três viaturas do Departamento de Polícia de São Francisco.

Diversos policiais, com seus tradicionais uniformes azul-escuro e preto, desceram delas. O policial que parecia ser o mais graduado, já veio dando ordens:

-Mão na cabeça e documento, todo mundo!

Ninguém do bando, ou, qualquer outra pessoa, que, naquele momento estivesse no bar, esboçou reação nenhuma.

Todos calmamente obedeceram às ordens, e responderam às perguntas que lhes foram feitas.

Os policiais executaram o procedimento padrão de averiguação com todos os que estavam ali, e, logo ficou esclarecido, que, naquele momento, ninguém tinha nada de irregular.

O problema era outro...

-Viemos aqui, porquê a vizinhança está reclamando de barulheira. - Justificou o oficial.

Um dos soldados, que estava verificando as imediações, aproximou-se do comandante e disse:

-O barulho não vem daqui senhor.

“O pessoal aqui é da Academia da Frota Estelar, e, não é chegado em algazarra. A gente já conhece essa turma. Só tem corinthianos...”

-O dia não está bom para os corinthianos. - Disse o oficial. - Parece que o Corinthians perdeu hoje.

-Se o senhor permite o termo. - Disse Fernando Zéca. - O Corinthians foi roubado pelo Juiz da partida.

-Fiquei sabendo... Por isso que o pessoal aqui tá tudo quieto.

Outro soldado que também fazia averiguações pelas imediações aproximou-se da cena...

-Senhor! Localizamos a origem do barulho da reclamação. É de um outro bar.

O soldado apontou a direção onde ficava o outro bar.

-Fica a dois quarteirões daqui...

-Então entendi. - Disse o oficial. - É a turma do time que ganhou o jogo contra o Corinthians.

-Eles estão comemorando e fazendo essa barulheira.

-Já soltaram até bombas, rojões e fogos de artifício. - Alertou o policial recém-chegado.

-Então vamos lá. - Ordenou o oficial-comandante.

Em seguida, ele bateu continência para o Bando no bar e, junto com os demais policiais, subiu nas viaturas, que, partiram dali, a toda velocidade apitando a sirene.

***

As coisas permaneceriam tranquilas com o bando se lamuriando, por mais aquela roubalheira em cima do Corinthians, até a polícia voltar novamente, meia hora depois.

As viaturas passaram lentamente, em frente do bar, onde estavam os acadêmicos reunidos.

Agora, estas vinham escoltando um grupo de mais de cem pessoas, que, seguia de cabeça baixa, em fila indiana, com quem quer que, seguisse atrás, colocando as mãos, sobre os ombros, do que viesse adiante, assim sendo até o início da fila, onde o primeiro, ia com as mãos sobre a própria cabeça, atrás da viatura, onde, um policial armado, sentado vigiava os detidos.

Quase todos vestiam camisa. do time rival, que vencera o Corinthians naquela noite.

O oficial comandante, que acompanhava a pé, a fila pela lateral, veio falar com Fernando Zéca, Azulão e Karrow, que estavam parados, saboreando suas bebidas geladas na calçada, enquanto passava o cortejo silencioso.

-O carnaval já deixa essa turma idiota e alienada, junte com bebida alcóolica, drogas e o futebol então, veja o que temos.

-Por isso que nesse bar aqui, a gente só escuta Rock n Roll, comandante. - Disse Fernando Zéca.

-Aí seus trôxa! Cêis tomaram no cú, hem. - Berrou um dos torcedores do time adversário, para o Bando de Locos Federados.

-Perderam, seus gambá. - Ainda gritou outro.

-Bando de galinha preta. - Insultou um terceiro.

Os torcedores detidos, que ainda quiseram fazer gozações, com os infelizes corinthianos, amargurados com mais aquela derrota descaradamente roubada, não ficaram felizes por muito tempo.

Dois policiais que cuidavam das laterais da fila, já desceram porrada nos três engraçadinhos.

-Fica quieto aí, vagabundo. - Advertiu educadamente com tapões, um dos policiais.

-Num é pra falá nada! Porra caralho! Fica quieto aí, seu lixo de merda.” - Emendou o outro policial, demonstrando a mesma cortesia, e distinção sendo ainda mais gentil e dando cutucadas com o cacetete, no fígado de um dos felizes torcedores, que celebravam à vitória do seu time.

Até o próprio oficial comandante, que coordenava aquela procissão dos vencedores, gritou entusiasmado:

-Eu quero todo mundo quieto nessa porra! O primeiro engraçadinho que falar de novo, vai se ver diretamente comigo e sair com a boca mole quebrada bem no meio.

Em seguida virou-se para Fernando Zéca e para os membros do bando que também estavam na calçada:

-Claro que isso não vale para vocês! Mas fiquem atentos: esses caras, além da perturbação à paz que promoviam, porte de armas, tráfico de drogas ilícitas, atentado ao pudor, e, outros crimes que praticavam, pelos quais foram presos em flagrante delito, e, serão autuados, queriam vir aqui, para depredar tudo e dar uma surra em quem tivesse presente.

-Ainda bem que os Senhores chegaram antes, porque aqui o pessoal é tudo pacífico, não gosta de briga, menos ainda de álcool ou drogas. - Disse Fernando Zéca, com sua cara de pau campeã, em qualquer mesa de veteranos do pôker.

Sem que nenhum dos policiais percebesse, Azulão arregalou os olhos ao ouvir aquilo e olhou com cara séria para Karrow, que, manter a seriedade máxima diante da situação.

O cortejo seguiu silenciosamente adiante, e assim que já estava bem distante do bar, Azulão virou-se para Fernando Zéca e disse:

-Porra ZÉCA! Você disse por si próprio que ninguém aqui gosta de briga.

-Ele falou isso porque só fica dando tiro com armamento pesado, quando a situação esquenta. - Emendou Karrow. - É ele que não gosta de briga.

-Também pudera. - Emendou Jhriz. - Ele foge das aulas de artes marciais para ficar fumando.

-Assim vocês me magoam, meus caros. - Reagiu Zéca. - Não vou às aulas de artes marciais para me aprimorar no tiro ao alvo, até porquê não sou tão grande e forte como vocês.

-Puta desculpa esfarrapada. - Reclamou Azulão. - Se aquela torcida desgraçada aparecesse aqui para brigar, eles iam ter uma boa briga.

-Aliás... - Interrompeu Karrow. - Eu tava louco para a polícia soltar aqueles caras aqui.

-Em dez minutos de briga, só nós dois púnhamos aqueles idiotas para correr. - Continuou Azulão.

-Mas vocês viram que eles estavam em mais de cem... - Tentou se justificar Zéca... - Se viessem aqui...

-Se eles viessem aqui, iriam apanhar! - Bradou Azulão. - É ou não é, Tolek? Você não iria deixar a gente sozinho.

-Logicamente que não, Azulão.

-Caramba, Tolek! - Surpreendeu-se Fernando Zéca com a posição do colega vulcano. - Até você está perdendo as paciências?

-É uma mera questão de lógica, Zéca.

“Se, numa hipotética situação, como a em debate, fossemos de fato atacados, qualquer tentativa de conciliação com os agressores, só aumentaria o ímpeto deles contra a gente. Nem tudo se resolve cantando “Imagine” do John Lenon, Zéca.

A lógica vulcana do Tolek, como sempre, era irrefutável.

Não havia o que discutir, mas, para sorte de Zéca, um veículo muito interessante apareceu na rua, aproximou-se do bar, chamando para si as atenções.

Era preto, do mesmo modelo utilizados pelas polícias, mas que, também tinha algo de sinistro e misterioso.

Silenciosamente, este parou ao lado dos membros do bando que, até então, discutiam na calçada, encerrando de vez, qualquer falatório.

A porta do condutor, abriu-se no estilo asa de gaivota, de onde saiu um homem alto, branco, de cabelos, roupas e óculos escuros, que mais lembrava, aqueles personagens do filme MATRIX.

-Meu nome é Bruce Holmes. - Disse ele sem rodeios. - Sou Encarregado Chefe do Departamento de Investigações da Seção 31.

***

Muito tranquilamente, ele tirou os seus óculos, revelando um rosto de expressões duras como pedra.

Sem expressar qualquer sentimento, sacou do bolso, na parte interna do sobretudo preto que usava, um charuto, que acendeu imediatamente.

Segurava com o indicador o fumo, onde deu algumas tragadas, e, em seguida indagou:

-Vocês conhecem a Paula?...

-Claro! - Respondeu Zéca prontamente.

-Pelo que sei, todos aqui, são amigos dela...

-De fato... - Concordou Zéca, sem dar maiores detalhes...

-Estou investigando uma eventual ligação, que a morte dela possa ter, com a invasão no prédio da representação diplomática dos fiéis religiosos seguidores de ZUHLURR.

-Ligação? - Indagou Zéca com cara, de jogador profissional de poker.

-Sim. Ligação! Suspeito que a invasão foi um justiçamento motivado pelo que aconteceu à Paula...

-Como assim? - Perguntou Zéca, fazendo a sua costumeira cara-de-pau.

-Alguém pode ter sido levado a crer que os fiéis religiosos seguidores de ZUHLURR estivessem envolvidos com a morte dela. - Explanou Bruce Holmes. - Daí, teria praticado um ato de vingança...

-E esses tais “fieis religiosos” estavam mesmo envolvidos no crime?

-Isso não interessa. Estou aqui porque suspeito que os amigos dela, possam ter algum envolvimento nessa história.

-Da minha parte, não sei de nada. - Disse Zéca

-Terei de fazer um interrogatório em todos vocês e...

-Mas o Sr. tem algum tipo de ordem ou autorização para isso? Se não tiver, só por cima do cadáver do nosso advogado. - Bradou Karrov.

Marge, que, até então, estivera sentada numa mesa de carteado com mais três jogadores, levantou-se com o baralho nas mãos, manipulando as cartas com habilidade

incomum, então, aproximou-se de Zéca e Bruce Holmes.

-Zéca. - Disse ela. - Sua retórica aqui não vai resolver nada!

“Esse caso, solucionaremos de modo diferente!”

Tirou de parte de cima do baralho, uma carta, que colocou diretamente à frente do nariz de Bruce Holmes, de modo que, só ele pudesse ver, qual era.

Começou a girar lentamente, a mão que a segurava, num círculo de uns vinte centímetros de diâmetro, em seguida, disse de modo pausado:

- Ninguém aqui tem envolvimento com a morte daqueles que você chama de “fieis religiosos”.

Os olhos de Bruce Holmes, agora pareciam estar vidrados, e presos no movimento que Marge fazia com a carta.

-Ninguém aqui tem envolvimento com a morte dos “fieis religiosos”. - Repetiu Bruce.

Marge continuou:

-Sua investigação aqui terminou, e você pode ir embora. Não há qualquer relação dos amigos da Paula com o caso dos religiosos.

-Minha investigação terminou e irei embora.

Marge parou o movimento que fazia com a carta, guardou-a de volta na parte superior do baralho, que colocou sobre uma mesa, ali próxima.

Bruce Holmes, então, pareceu voltar ao normal. Seus olhos não estavam mais vidrados, e sua expressão facial, agora era bem diferente daquela de quando chegara

-Muito obrigado pela colaboração de vocês. - Disse ele, mudando até o seu comportamento desafiador de antes. - Eu já estava convencido e não tinha mesmo evidencias de que ninguém aqui tinha qualquer envolvimento com o trágico fim dos religiosos, mas, sabem como é... Tive que confirmar os dados...

Ele voltou para o interior da viatura, e partiu até mesmo acenando para o pessoal no bar.

-Caramba, Marge! - Exclamou Jhriz, que, assim como todos ali, estava surpreso diante dos acontecimentos. - Como foi que você fez isso? Por acaso é algum tipo de truque mental Jedi?

-Truque mental Jedi? - Indagou Marge. - Nem sei o que é isso...

Em seguida, ela saiu da calçada e, entrou para dentro do bar, agindo naturalmente, como se nada tivesse ocorrido.

Fernando Zéca pegou, da mesa onde o baralho foi deixado, a carta que ela mostrou para o tal Bruce Holmes da Sessão 31, que, supostamente não deveria existir.

Talvez, ali estivesse o segredo...

Casualmente ou, talvez nem tanto, assim que Zéca a viu, começou a tocar alto, pelo sistema de som do bar, a música da banda de rock, Motorhead: ACE OF SPADES, que era também o conteúdo da carta (ÁS de ESPADAS).

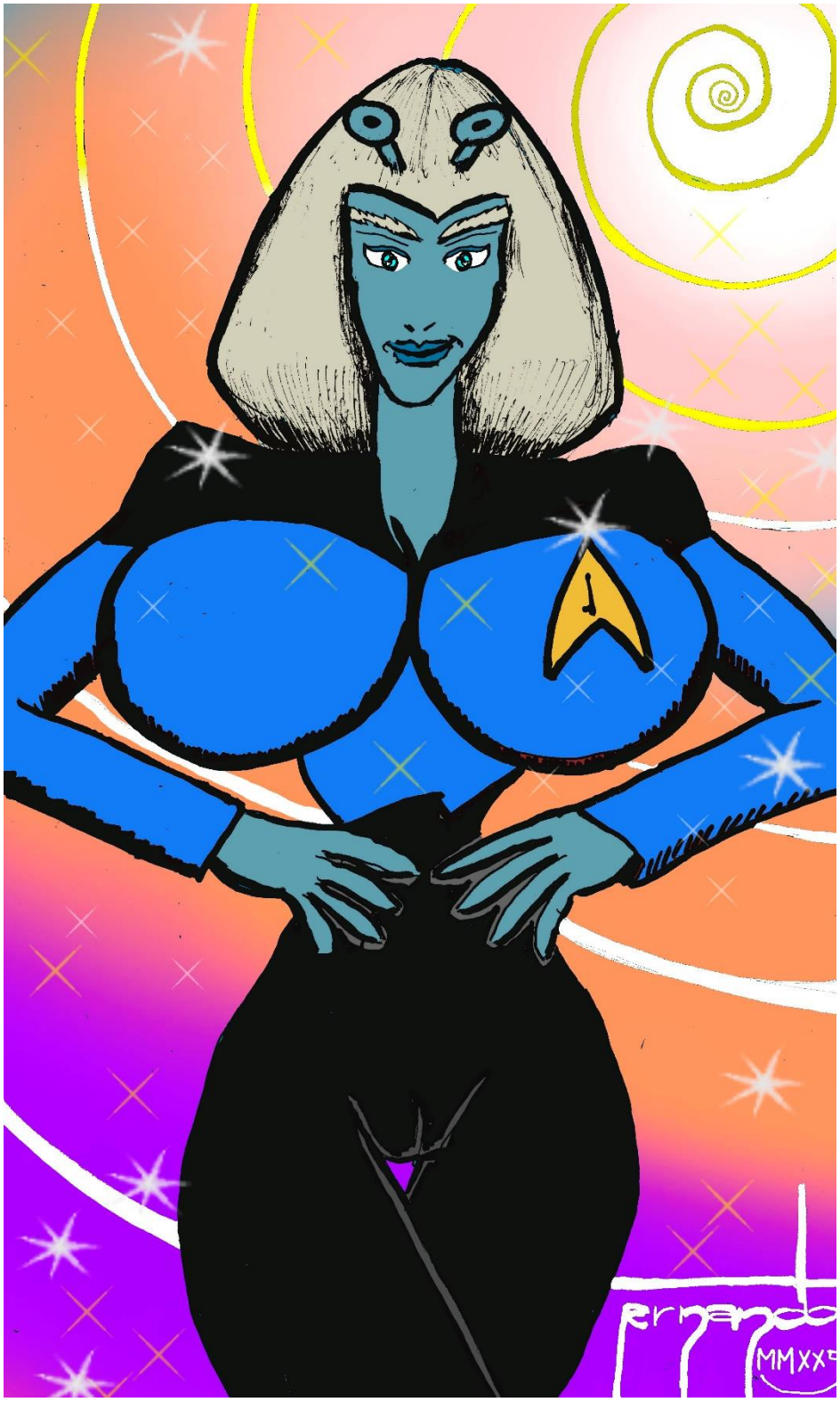
Ninguém entendeu nada.

***

# MARGE

DEZOITO MESES ANTES...
(calendário terrestre)

“HUMANOS e RATOS têm poucas diferenças comportamentais.”
“Ainda assim, eventualmente, nos afeiçoamos e amamos alguns deles.”
-MARGE-



Neste momento, encontramos Fernando Zéca, tendo terminado o seu primeiro ano, do curso da Academia da Frota Estelar vivendo na cidade de São Francisco, num prédio de tijolos escuros, construído no século XXI, com amplo jardim, logo adiante da sua entrada.

Zéca morava no primeiro andar, com a varanda do seu apartamento voltada para o jardim da entrada.

Da sala de sua morada, conseguia enxergar até mesmo, o que acontecia na rua, além do jardim, de modos que, agora, sentado na cadeira da varanda, contemplava o movimento local, enquanto fumava um de seus cigarros ilegais.

Tentava se tranquilizar já que, todo o quarteirão onde morava estava sem energia.

Não tinha uma bebida gelada, tão pouco, ar refrigerado, no meio daquele calor infernal, que fazia uma mísera camiseta de algodão, pesar toneladas no corpo.

Já eram cinquenta horas naquela situação miserável.

Culpa do governo municipal, que resolvera monopolizar numa só empresa, a concessão de energia para a população, e esta, prestava um serviço caro e ineficiente, já que, qualquer chuvinha mais forte, apagava a cidade inteira.

Era inacreditável que uma cidade como São Francisco estivesse em tal situação, mas, depois que um governo mais “democrata” foi eleito no município, o atendimento aos problemas da população, piorou bastante.

Especialmente, em dias de chuvas, trovoadas e outras perturbações naturais do gênero.

Então, assim como de praxe, a queda de energia, desta vez, foi decorrente do pé d'Água que caiu sobre a cidade fazendo todo tipo de estrago, desde queda de árvores, até um apagão.

Fernando Zéca se irritava não só com o calor que tinha que suportar, mas também, com o fato, de que, aqueles problemas, poderiam ser melhor resolvidos, entretanto, os verdadeiros culpados: políticos, queriam deixá-los ainda piores, a ponto de “colocarem o bode na sala”, como se diz no jargão popular.

E foi no momento, quando “esfriava a cabeça” dos problemas, que viu uma senhora escorregar e cair, no piso da calçada, que ainda estava molhado pela chuva.

Sem perda de tempo, Fernando Zéca saltou da sua varanda para os galhos de uma árvore que passavam rentes à parede do prédio, bem adiante do seu apartamento, e através deles, chegou ao jardim.

Correu para a calçada, onde chegou a tempo de ajudar a senhora caída, a se levantar.

Junto com ele, também chegou correndo, uma andoriana.

Não era uma andoriana qualquer. Era monumental!

A aproximação dela, parecia até, com aquelas cenas de propaganda, onde a modelo voluptuosa vem correndo na direção do observador em câmera lenta.

Fernando Zéca quase se esqueceu da senhora caída, contemplando aquela expressão quase artistica da beleza andoriana.

E logo se recompôs até para manter a compostura e dignidade de macho diante daquela divina beldade, concentrando-se na senhora caída, e tentando erguê-la, enquanto a amparava por baixo do braço.

Num movimento rápido, que quase parecia esquiva de arte marcial, a senhora escapou da pegada de Fernando e, com um salto ágil, ergueu-se rapidamente

Resmungando, grunhindo alguns palavrões, ela distanciou-se, reclamando do infeliz que quis ajudá-la.

Fernando, com cara de idiota, tentou evitar, mas acabou olhando de novo, para a andoriana, que vestia uniforme de ciências da academia.

Era colega sua. Ainda que, não da mesma turma.

-Puxa! - Exclamou ele. - Conheço você da Academia.

A andoriana abriu um sorriso.

Zéca estendeu a mão para cumprimentá-la.

-Quase tomei uns pontapés da senhora que tentei ajudar, mas, ganhei a oportunidade de conversar com você. Meu nome é Fernando Zéca Corinthiano, estou ás suas ordens.” - Disse ele fazendo uma mesura.

-De fato, já te vi antes.

Fernando Zéca se surpreendeu nessa. Não imaginava que tivesse sido alguma vez percebido, por uma beldade como ela.

-Trabalhamos juntos na U.S.S. NEMO. - Disse ela. - Você pilotava a nave.

Fernando Zéca mal conseguia esconder sua surpresa.

ELA O CONHECIA, MESMO!

Até porque, de fato, Zéca servira mesmo, na NEMO, como piloto-estagiário, para conseguir pontos na sua graduação do curso que fazia na Academia da Frota Estelar.

-Você era o piloto que conduzia a nave suavemente, e que, assim, ajudava o meu trabalho na enfermaria. - Emendou ela. - Sou Tenente Médica. Meu nome é MARGE.

Ela apertou a mão, e deu um beijo no rosto de Fernando.

***

-Jamais imaginei que alguém observaria meu trabalho de piloto. - Disse ele surpreso.

-Você deve ser o melhor que conduziu aquela lata velha. - Relembrou ela.

-Exagero seu. Por sorte, o engenheiro é amigo meu, daí conseguíamos manter a nave arrumada de modo que a condução da NEMO fosse rápida e suave.

-Conheço o engenheiro a que se refere. - Disse Marge. - É o Jhriz.

-Ele mesmo!

-Já tive que medicá-lo muitas vezes. Ele gosta daquela cerveja romulana, e, de vez em quando exagera na dose.

-Exatamente! Ele mesmo.

A beleza de Marge era hipnotizante, e algo até empolgante, já que era capaz, de fazer os apressados soltarem a língua em demasia, falando besteira.

Zéca tentava se controlar, e até parecer alguém que já tinha uma convivência com beldades como Marge todos os dias... O que de fato era uma mentira.

Mesmo assim, tentava dar a impressão de ser um cara tranquilo, que não se impressionava facilmente com a beleza extraordinária daquela andoriana maravilhosa.

O que de fato era outra mentira.

Impossível não olhar para a pele azul clara de Marge sem se impressionar com um certo brilho que ela parecia emanar.

Seus cabelos eram longos, lisos, brancos e bem cuidados, emoldurando, o rosto magro e desenhado por artistas dotados de poderes semidivinos.

A boca dela, os olhos, o corpo curvilíneo, musculoso e extremamente sedutor, eram impossíveis de serem ignorados.

Fernando Zéca aproveitou que a conversa estava boa, e “colocou na mesa outra carta”.

Usando a lábia de vendedor de geladeiras no polo sul, arriscou:

-Já que você falou em cerveja romulana, gostaria de ter a honra de te convidar para conhecer um estabelecimento de notória e respeitável reputação, onde são servidas bebidas de todas as partes da galáxia, incluindo, não sei se você gosta, cervejas, caipirinhas e brandys saurianos!

-Interessante... - Disse Marge, com ar sedutor.

-Claro que, na eventual possibilidade, de, você não ser simpatizante de alcool, assim, como eu mesmo, que nem de longe sou especialista no tema, tem ainda, uma sala, no local, muitíssimo bem frequentada, onde ficam os apreciadores de fumos.”

“Lá, estão disponíveis, charutos, cachimbos e cigarros, de todas as qualidades.”

-Parece um lugar interessante.

-Tenho certeza de que você irá gostar. É o típico lugar que toda mulher moderna gosta de ir. Lá tem música alta: Rock n Roll!”

-Então vamos.

-Podemos seguir a pé mesmo. - Sugeriu Zéca. - Aqui nas proximidades, tem uma estação de teletransporte, que nos deixará bem próximos do nosso destino.

-Muito bem. Vamos em frente. - Concordou Marge com um sorriso lindíssimo.

-Só vou te pedir uma coisa...

-Peça!

-Não diga para ninguém que você é médica, caso contrário, serás assediada por um monte de malandros, acometidos de mal súbito, ansiando pela cura, vinda das mãos, de uma linda andoriana.

Marge deu um sorriso e os dois seguiram caminho.

***

A conversa entre os dois corria bem, o que, parecia diminuir o tempo e a distância percorrida até o destino.

Tão agradável bate-papo, foi interrompido, por um sujeito desgrenhado, que saiu de um beco escuro do outro lado da rua por onde caminhavam os dois, naquele momento.

Tinha pele vermelha, usava turbante, túnica, era barbudo chegou falando toda espécie de palavrões.

Em seguida passou a insultar Marge.

Era um dos típicos, fanáticos, seguidores, de ZUHLURR, que, nesse momento, ainda implicavam com aqueles que pensavam de modo diferente do deles.

Por considerarem as mulheres, seres inferiores, logo que viam uma pela rua, tratavam de provocá-la, ou agredi-la.

Nesse caso, a suposta vítima em questão, era Marge, cuja beleza extraordinária, chamou a atenção do seguidor desta religião.

O sujeito aproximou-se da andoriana, soltando perdigotos e xingando-a de todos os nomes feios que lhe vieram à cabeça.

Ela entretanto, não demonstrava medo algum.

Sendo mais alta que Fernando Zéca e até, que o agressor, olhava o tipo, diretamente nos olhos deste, aparentemente pronta, para responder fisicamente, qualquer ato de violência que lhe fosse dirigida.

Mais gente, entretanto, se aproximou da cena.

Eram outros adeptos de ZUHLURR, que, seguiram o exemplo dado pelo primeiro, também dirigindo impropérios e xingamentos contra Marge.

Esta entretanto, mantinha-se colossalmente impávida.

Seus olhos pareciam chispar, soltando chamas azul claras.

Davam a impressão, de que, mesmo com a quantidade de potenciais agressores, aumentando mais, a cada instante, era ela quem iria explodir e acabar com todo mundo por ali... Nada disso, entretanto, aconteceu...

Fernando Zéca sacou do interior de sua jaqueta, uma pistola phaser, e começou a disparar contra os que estavam mais próximos a Marge, prestes a agredi-la de fato.

Estes, logo caíram inconscientes no chão, com o disparo em tonteio que receberam.

Marge mantinha-se tranquila, a ponto de reclamar dos tiros de Zéca.

-Eu poderia muito bem ter lidado sozinha com esta gente.

Zéca, entretanto, não estava muito preocupado com as reclamações dela, visto que, seus disparos, mesmo não sendo letais, enfureceram mais ainda, aqueles que já pretendiam agredir Marge.

Sem dó nem piedade, acertou cada um dos agressores, que tentava invadir um

perímetro mínimo de cinco metros de distância, que resolveu manter, apenas por questão de segurança do casal.

Disparando sem parar, puxou Marge pelo braço e correndo, levou-a para longe do perigo.

Em poucos segundos, conseguiu abrir uma boa distância dos agressores, cujo número, mesmo assim, aumentava.

A rebeldia inesperada do Zéca, contra os fanáticos, deixou-os ainda mais irados, já que, não estavam acostumados a enfrentar reação eficiente, quando resolviam partir para a violência contra alguma vítima.

Na medida que se distanciaram da turba de malucos, encontraram uma viela estreita, por onde escaparam afastando-se das vistas da confusão.

E mais adiante ainda, num determinado trecho do caminho, havia aberta, uma saída para denso matagal.

-Vamos entrar aqui. - Disse Fernando Zéca enquanto puxava Marge pelo braço.

Embrenharam-se nas folhas, agacharam-se numa saliência que havia no terreno, de modos a não serem vistos por quem quer que passasse pela viela, ou mesmo, próximo as moitas onde se ocultavam.

Para melhorar a camuflagem, os dois ficaram praticamente colados um ao outro, com a cabeça de Zéca, bem no meio dos seios colossais de Marge.

Ali perto, os perseguidores, finalmente chegaram à viela, sendo que, alguns até se aproximaram do matagal onde o casal se ocultava.

Zéca se arrumou melhor sobre Marge, colocando então, sua cabeça, ao lado da dela.

Ele, que estava atento com aqueles fanáticos bisbilhotando tão perto deles, ainda assim acabou sendo surpreendido!

Não pelos agressores, e sim, por Marge, que, no meio da tensão, resolveu dar-lhe um beijo cinematográfico.

***

A ação de Marge desconcertou totalmente Zéca, que, não opôs resistência, e se rendeu àquela investida.

Por sorte, os bisbilhoteiros que estavam mais próximos, voltaram para a viela, onde se concentrou a maioria dos perseguidores, enquanto os suspiros e gemidos do casal iam ficando cada vez mais intensos.

Fernando Zéca estava para ter um ataque do coração, de tão entusiasmado que estava.

Jamais em toda a sua vida, com outras mulheres lindas e maravilhosas, tivera um privilégio como o que disfrutava no momento.

Mais íntimo de Marge, já estava até com ela praticamente nua diante de si.

Tudo nela era maravilhoso.

O toque, a intensidade do seu amor, o brilho que sua pele parecia emanar.

Fernando Zéca enxergava até galáxias e constelações saindo dos poros daquela linda andoriana enquanto ela sussurava e gemia de prazer.

Quando ele então chupava com vontade os seios enormes dela, Marge até mordia o próprio braço para não gargalhar a plenos pulmões como queria.

Os dois ficaram nesse êxtase sexual por quase uma hora, enquanto os fanáticos seguidores de ZUHLURR circulavam freneticamente pelas imediações procurando-os.

Quando ambos finalmente relaxaram de tanta satisfação, Fernando Zéca, mais uma vez, colocou a cabeça sobre os seios de Marge e até mesmo fechou os olhos para dormir...

Chegou a sonhar, alguma coisa que, mal teve tempo de interpretar, já que, despertou com a voz suave de Marge nos seus ouvidos.

Com os olhos esbugalhados, ele levantou a cabeça reparando que sua paixão

deixara a roupa da Marge toda suja.

Coisa que aparentemente não incomodou nenhum dos dois, pois, do jeito que a situação se mantinha, poderiam ficar naqueles amassos com ela indefinidamente, até que em algum momento, lá pelas tantas, ela indagou...

-Como vamos sair daqui?

Zéca finalmente caiu na real, voltando para a realidade com olhar esbugalhado sondando tudo ao redor como se tivesse sido tirado de um sonho.

O rosto de Marge era o de uma mulher relaxada pelo prazer, mesmo com aquele bando de idiotas ainda pelas imediações, impedindo que saíssem dali em segurança.

Diante desta tenebrosa constatação, a paixão do Zéca amoleceu e imediatamente diminuiu de tamanho permiti-o arrumar a própria roupa, e aproveitando para ajudar Marge, que ainda se encontrava preguiçosa para se vestir.

-Vou ter que pedir ajuda. - Disse ele.

Em seguida, tirou o comunicador do bolso traseiro da calça, e abrindo-o com um rápido movimento do pulso, fez uma ligação

***

-O teletransporte aqui não funciona, mas, logo receberemos ajuda. - Disse Fernando Zéca para Marge assim que encerrou a chamada.

Fechou o comunicador, guardou-o no bolso e, fixou o olhar onde estavam agrupados os fanáticos agressores que, as centenas, bloqueavam todas as saídas.

Em outros tempos, esse tipo de ocorrência seria impensável nos mundos sob comando da Federação dos Planetas Unidos, mas, agora, a situação era diversa.

Nos altos quadros políticos dos governos da Terra, Lua, Venus, Marte, outros locais civilizados do sistema solar, e, até mesmo em meio aos aliados da Federação, os cargos de maior importância administrativa estavam sob comando de gente que não poderia sequer, ser considerado confiável, ou, fiel aos princípios de boa governança.

Estas figuras, levaram a Federação a um dia aceitar a seita de ZUHLURR como aliada que necessitava de ajuda para sobreviver.

Abrindo-se para esta associação, a Federação permitiu que, diversos dos mundos e civilizações que seguiam sob os fundamentos da sua bandeira, ficassem ameaçados, por agentes terroristas, que vinham infiltrados entre imigrantes fugitivos das ditaduras impostas por esta religião, e que chegavam aos milhares diariamente, para viver, recebendo sustento e tratamento, involuntariamente pagos pelos contribuintes.

Na Terra, ou, nos mundos para onde foram levados, os fanáticos seguidores e devotos da seita de ZUHLURR, atacavam o sistema político local, tentando impor com força e violência, o seu modo de vida e fé.

Tamanho ódio contra a vida de quem não compactuasse com seus valores, dentre outras tantas justificativas, incluindo até mesmo, a morte de Paula, seriam algumas das razões que viriam a motivar, mais adiante no tempo, a expulsão dos seguidores de ZUHLURR, da Federação dos Planetas Unidos.

Mas, até isso acontecer, eles ainda representariam perigosa ameaça para qualquer um, incluindo, para si próprios, já que, não eram raras ocasiões, em que se atraiçoavam, matando uns aos outros.

De-repente algo tirou a convicção dos malucos na sua perseguição contra Marge e Fernando Zéca: um enxame de pequenos drones voadores, armados com canhões phaser, disparando, sendo que os tiros dados, não eram só para tontear.

A correria logo chegou à viela próxima onde o casalzinho se mantinha escondido, e a debandada foi geral.

Alguns mais metidos a valentes, ainda tentaram manter o terreno, mas, os disparos certeiros dos drones, logo os espantou em movimento acelerado.

-Temos que aproveitar a confusão. Está pronta? - Perguntou Zéca.

-Claro que estou. - Respondeu ela, com sua natural altivez.

-Então vamos!

Os dois saíram correndo, entraram pela viela e seguiram para uma das ruas principais existentes pelas imediações.

Um dos drones aproximou-se deles.

Não disparou e apenas deu cobertura à sua debandada, não permitindo que nenhum dos agressores aproximasse do casal em fuga.

Assim, logo chegaram a uma praça, onde o BANDO DE LOCOS FEDERADOS, os aguardava, com motos flutuantes.

Mesmo estando alguns dos membros, vestindo uniformes da academia, ainda assim, reunidos ali, pareciam com as antigas gangues de motoqueiros do século XX e XXI.

Outros drones que participaram da operação, também chegaram.

Vieram voando em fila indiana, e, se juntaram ao primeiro, formando um perímetro circular defensivo, que protegeria todo o bando, enquanto estivesse ali.

-Trouxemos sua moto. - Disse Tolek.

Esta se encontrava parada no meio da formação. Parecia estar esperando...

Sem perda de tempo, Fernando Zéca aproximou-se dela, ajeitou a bunda perfeita de Marge na parte de trás do seu assento, e depois, sentou-se no meio das pernas dela, garantindo que a andoriana ficasse juntinha dele.

Ligou a motoca, acelerou forte e, com o resto do bando partiu dali, para o bar onde a turma se reuniria.

***

Marge não demorou muito para se enturmar e firmar espaço como integrante do BANDO DE LOCOS FEDERADOS.

Trabalhando no posto de Tenente Médica da Frota Estelar, ela já havia curado

ressacas de alguns integrantes da turma, de modo que, conhecia parte significativa do pessoal, antes mesmo de ser levada pela primeira vez, ao bar onde o grupo se reunia, no dia em que foi salva com Fernando Zéca dos seguidores de ZUHLURR.

Sua simpatia conquistou a todos, até mesmo as garotas.

Jhnriz, um andoriano baixote (ainda assim, pouco maior que Fernando, que de fato era o menor do bando), assim que pôde, disse-lhe:

-Zéca! A Marge é mulher para você se casar.

“Aliás, meu caro, a maioria das andorianas, não se metem em relacionamentos que não sejam sérios ou duradouros, portanto, amigão, diga Adeus à tua vida de farras com as garotas.”

Jhnriz sabia do que estava falando, afinal, sempre estava “namorando” uma mulher diferente, e, pela sua batuta, já haviam passado muitas delas.

E quando não estava seriamente envolvido com alguma garota, procurava as profissionais, para eventuais “serviços esporádicos de relaxamento e alívio de tensões”.

Nesse sentido, era um conhecedor experimentado, da maioria dos estabelecimentos onde as trabalhadoras remuneradas, estavam disponíveis, para solucionar tais problemas.

Tão entendido era, que poderia disputar tranquilamente contra os melhores aplicativos, que guiam e orientam os interessados na procura de mulheres qualificadas para acalmar gente estressada ou, de coração muito apaixonado.

E mesmo sendo andoriano, o próprio Jhnriz, não se casava com uma andoriana, porque, sabia que, sua vida de curtições, farras e prazeres com outras mulheres acabaria.

Assim, de qualquer forma, mesmo quem de fato não fosse tão “namorador” como Jhnriz, receberia com muita atenção, qualquer alerta do experiente andoriano, a respeito dos fatos da vida.

Para Fernando Zéca, não era um recado ruim, até porque, a longo prazo, ele estava mesmo a fins de se casar com a Marge.

De qualquer modo, a advertência do engenheiro andoriano, foi quase profética...

***

# A SENHORA DOS ANEIS

POUCOS ANOS DEPOIS...

Encontramos Fernando Zéca Corinthiano sentado numa das poltronas, do bar que frequentava com o BANDO DE LOCOS FEDERADOS.

Sozinho aguardava o seu pedido ser atendido enquanto admirava um anel duplo de Talandrium 3, que ganhara depois de vencer uma corrida de naves espaciais.

O anel era constituído, por dois pontos de cor azul brilhante, que faziam rápido e, ininterrupto movimento circular, em sentidos opostos, um ao outro, formando dois aneis brilhantes aparentemente unidos e sólidos.

Podiam até mesmo ser segurados por mãos humanas.

Fernando Zéca se admirava com a luz pulsante emitida pela peça que chegava, a ser hipnotizante.

Os aneis poderiam ser separados um do outro, o que, em alguns mundos, faziam deles, excelentes alternativas como alianças de noivado, ou casamento.

Além do mais, o movimento circular dos pontos brilhantes, não dependia de energia de baterias, assim: não parava nunca

O simbolismo do uso deste tipo de adorno, em tais situações, representava o amor eterno, que, mesmo à distância continuava pulsante.

Fernando Zéca Corinthiano, particularmente, acreditava que o destino do universo, ou, de todos os universos, tinha um dedo divino controlando.

Deste modo, na sua cabeça, o prêmio recebido pela vitória na competição em que participara, exatamente naquele momento da vida, dava-lhe a impressão, de ter algum significado especial.

Com os seus deveres acadêmicos cumpridos, e, entregue seu trabalho de monografia, só faltava agora, fazer uma breve apresentação ao Almirantado a respeito desta, para encerrar com sucesso, o seu curso na Academia da Frota Estelar.

Por outra via, seu relacionamento com Marge seguia de vento em popa com tudo dando certo entre os dois.

Se o destino lhe premiara com aqueles raríssimos anéis, então, deveria aproveitar a indicação que acreditava estar sendo sinalizada, seguindo-a, fosse esta: PEDIR A MÃO DE MARGE EM CASAMENTO.

Era o que faria, assim que ela chegasse, ao encontro, que marcara ali no bar.

Como o casal vivia, já a bastante tempo, um tórrido e picante romance, não tinha como seu pedido dar errado, mesmo assim, Fernando Zéca, escolheu um dia da semana, em que sabia, que não encontraria ninguém do BANDO na lanchonete.

Queria desfrutar só com a amada, aquele momento tão especial...

***

Trabalhando ou não, Marge era uma andoriana séria e de poucos discursos.

Uma verdadeira Dama.

Com Zéca, entretanto, ela falava pelos cotovelos, e reclamava em seguida.

Pegava no pé do Fernando porque, ele era muito relaxado, ainda que, relativamente eficiente, no que fazia.

Ainda reclamava que ele fumava demais, e, sempre estava fedendo fumaça de cigarros ilegais.

Marge sabia que aquele volume de queixas na orelha do Zéca era tempo perdido, mesmo assim, a paixão dos dois era intensa e recíproca, tanto que, sempre que tinham oportunidade, estavam transando, ou nos amassos.

Nessas horas, Fernando Zéca despirocava completamente com o corpo monumental

de Marge. Quanto mais a abraçava e apertava, maior era a impressão que tinha, de enxergar fogos de artifício saindo dos seus poros.

Eventualmente, mamava, alisava e apertava a andoriana, deleitando-se, enquanto ela gargalhava gostosamente nos seus ouvidos ficando molhada, com tremedeira, e sussurrando o tempo todo:

-Fê... Desse jeito você me deixa doida...

Zéca, estonteado com sua monumental namorada, que ainda era bem mais alta que ele, alucinava completamente nas visões cósmicas que tinha durante o êxtase extra-sexual que ela lhe proporcionava...

Diante de tão privilegiada situação, era momento de avançar, para um novo patamar, no relacionamento entre os dois...

***

Marge entrou no bar e foi direto para a mesa onde Zéca a aguardava:

-Fiz você esperar muito? - Perguntou ela.

-Você não atrasa nunca, Marge. Eu é que cheguei cedo.

Marge sentou ao lado de Zéca beijando-o.

Este, por alguns instantes, teve mais uma vez, aquela sensação de enxergar objetos astronômicos ao redor dela.

Parecia uma deusa em forma andoriana.

Ele sabia o quanto era privilegiado de ter uma namorada como ela, portanto, entendia que o passo seguinte entre os dois tinha que ser dado.

Chegava até mesmo a se enxergar, junto com ela, criando uma família, com crianças, de características humanas, ou andorianas, vivendo num lugar tranquilo, com cachorro, gato, galinhas, muito fumo e garagem onde pudesse colocar seus veículos e reunir a corinthianada para assistir o jogo e comer um churrasquinho.

De qualquer forma, naquele dia, o relacionamento entre os dois, tomaria contornos diferentes...

***

Marge mordeu os lábios, ao ouvir a proposta de Fernando Zéca Corinthiano, enquanto este colocava o anel duplo de Talandrium 3, no dedo anelar da mão direita dela.

Os olhos dela ficaram maiores do que já eram naturalmente, se marejaram de lágrimas, e ela abraçou o seu namorado enquanto o esmagava entre seus enormes seios.

-Ai, meu Zéquinha....

Em seguida, ela olhou o anel na própria mão, com visível ar de felicidade e beijou seu pretendente com ardor até exagerado para um ambiente público.

-Eu te amo Fê... - Suspirava ela no ouvido do seu amado. - Eu te amo muito...

Zéca estava perdido no meio daqueles peitos.

Apertava e babava neles como um cachorro no cio, em seguida, beijou os ouvidos e o pescoço de Marge salivando mais ainda nela.

Por baixo da mesa, as mãos de Zéca trabalhavam freneticamente nas partes privadas da andoriana, arrancando seguidos suspiros, e gemidos, de sua amada...

A mesa localizada em local mais reservado do bar, dotada de confortável poltrona, permitia ao casal, todas aquelas estripulias amorosas, até porque, ninguém tinha uma visão direta ou clara do que faziam.

Mesmo assim, a alegria dos dois, que parecia eterna, não duraria para sempre...

***

-ZUHLURR é supremo!  ZUHLURR é supremo!

Um fanático, de-repente entrou correndo no bar, e começou a gritar, próximo ao balcão.

-ZUHLURR é supremo!  ZUHLURR é supremo!

O tipo esquisito, vestia turbante verde e branco com túnica preta.

Não deixava dúvidas: era um dos esquisitos seguidores de ZUHLURR!

Esses tipos, foram erradicados da Terra e, de todos os planetas da Federação, logo depois dos eventos que se sucederam após a vingança perpetrada pelo Bando de Loucos contra eles, entretanto, ainda assim, eventualmente, algum que ainda não havia sido detectado pelos serviços táticos de segurança, eventualmente dava o ar da graça.

Tão rápido quanto entrou no bar berrando, o fanático, detonou ali dentro, uma bomba, de altíssimo poder de destruição, capaz de destruir toda a costa oeste dos EUA.

Fernando Zéca não teve tempo de sequer interromper o beijo que dava na sua amada.

***

Com Marge, entretanto, a coisa se desenrolou de modo diverso...

Pouco antes da explosão se suceder, ela já sabia o que estava em andamento, mesmo envolvida num tremendo de um amaço com seu namorado.

Uma fração de tempo ínfima, transcorreu após a detonação da bomba.

Nesse período, uma bola de quase meio metro de fogo, saiu de onde estava o artefato utilizado pelo fanático seguidor de ZUHLURR.

O deslocamento de ar, decorrente da detonação, já estava causando seus primeiros estragos, ao redor, dando claros sinais de que, algo estava por vir, ainda muito pior...

Porém, ocorreu então, um fato extraordinário:

O tempo parou de seguir seu “andamento” normal.

Na verdade, ele congelou totalmente.

E nada mais se moveu...

Com exceção...

De Marge.

Ela parou de beijar Fernando Zéca Corinthiano, levantou da poltrona onde se

sentara, e foi na direção do fanático explodindo a bomba.

Tudo o mais, ao seu redor, manteve-se paralisado.

Dentro daquela cena de “congelamento temporal”, só ela se movia.

Chegou perto da bola de fogo, cuja expansão destrutiva, mantinha-se serenamente parada, como numa fotografia.

Marge ergueu a mão direita e, um brilho azulado transparente, envolveu o fanático terrorista e a bola de fogo saindo do artefato por ele havia detonado.

Ela deu um sorriso maroto e disse:

-ZUHLURRANO idiota! Sua turma conseguiu conquistar meu ódio eterno!

“Vossa covardia não pára de me surpreender! Achei que o máximo de idiotice do seu credo seria o ódio contra o sexo feminino, ou, contra simplesmente tudo o que não seja ZUHLURRANO.”

“Mas vocês são piores! Odeiam inclusive as próprias vidas, e arriscam-nas inutilmente, simplesmente matando qualquer desafeto para, depois de mortos, alcançar um paraíso celestial, cheio de recompensas carnais, cujas portas, EU GARANTO, não lhes serão abertas.”

“Não permitirei que essa ignorância prossiga. Enquanto viver, matarei todos vocês.”

Dizendo isso, ela fechou a mão formando um punho ameaçador, e, o brilho azulado envolvendo o terrorista ZUHLURRANO, subitamente diminuiu de tamanho esmagando ele, e a bola de fogo no seu interior desaparecendo em seguida.

O cenário ao redor de Marge, permanecia inalterado.

Então, ela deu um sorriso suspirando:

-HUMPF! - Como que, se estivesse a dizer:- “Se meteu comigo idiota? Veja o que sobrou de você...”

Deu uma olhada de soslaio e já ia voltar para os braços do amado quando teve outra surpresa!

***

## SILAS

-Silas! - Exclamou Marge, visivelmente surpresa.

Ela parecia agora, uma criança pêga no meio de uma traquinagem.

-Você parece sua mãe, quando grita -“Silas”. - Minha filha.

-Mas papai, o senhor me assustou!

-Pensou que suas travessuras passariam despercebidas, querida?

Marge não respondeu.

-Estou de olho em você, meu amor.

-Você sempre diz isso, papai.

Silas olhou para Marge serenamente.

Mesmo suas feições romulanas, não conseguiam esconder do olhar treinado da filha, a bronca que se aproximava.

Ele olhou para a manga direita da sua blusa prateada, manteve a calma e continuou:

-Marge, querida. Você sabe que, tanto eu como você, estamos sob constante observação do “continuum'.

-Os “Qs” vieram te encher as paciências, papai?

-Ainda não, minha filhinha. Mas você sabe como eles são cautelosos com vocês, da nova geração...”

-Papai. Você está sempre falando isso. Já repetiu essa história milhões de vezes...”

-Minha filha querida.

“A nova geração de “Qs”, a qual você pertence, foi concebida para atenuar os horrores da “GUERRA CIVIL NO CONTINUUM” e, para arejar os velhos hábitos a qual

estivemos presos durante tanto tempo.”

-Já sei papai: você vai repetir que a Nova Geração Q, deve lidar com poderes inimagináveis, e que isso demanda responsabilidade.

“E vai dizer ainda que, se eu não for responsável com meus poderes, posso ser condenada por um Tribunal do Continuum a ser transformada numa ameba.”

“Estou correta?”

-Sim minha filha! Você acertou precisamente. Mais uma vez!

Silas fez uma pausa. Sua expressão era séria, mas não era vulcana, pois se fosse, não mostraria sentimento algum.

Era romulana, pois, mal conseguia conter micro manifestações de suas emoções, que Marge já identificava de longe:

-O continuum autorizou a mim, e a muitos outros “Qs”, a conceber uma NOVA GERAÇÃO, produzida até mesmo, por meio de acasalamentos híbridos com diversas espécies, a fim de trazer mudanças nos nossos modos de vida.

“Eu escolhi sua mãe, uma andoriana maravilhosa, para ter essa experiência extraordinária.”

“E acho que, da minha parte, fui muito feliz, nessa nova etapa da minha existência.”

“Confesso, minha querida, que, nenhum de nós, “Qs”, imaginou nem de longe, que as mudanças que vocês trariam, seriam tão surpreendentes.”

“Por isso meu amor, temos que ficar de olho no que vocês andam fazendo.”

Marge sentiu que a bronca estava cada vez mais próxima.

Mesmo assim, continuou ouvindo seu pai:

-Vocês carregam um poder extraordinário, que precisa ser controlado com responsabilidade, caso contrário, as consequências podem ser catastróficas: buracos negros se abririam do nada, no meio do espaço-tempo, estrelas seriam destruídas, e civilizações inteiras... Arrasadas.

“Por isso, minha filha querida, o Tribunal do Continuum determinou que, os “Qs” da NOVA GERAÇÃO, convivessem algum tempo com os meros mortais.”

“Um período, que não precisaria ser superior, ao tempo que o calendário terrestre determina como uma semana apenas... Não mais que isso.”

“Mas você, meu amor... Extrapolou um pouquinho esse período de tempo...”

Marge abaixou a cabeça.

Silas soltou um sorriso matreiro, olhou com ar de repreensão iminente para a filha, e continuou:

-Você se matriculou na Academia da Frota Estelar, estudou aí durante cinco anos, onde se formou e mais tarde, ainda se graduou como Tenente Médica da Frota Estelar.”

-Você poderia ficar orgulhoso, papai.

-De fato, EU ESTOU ORGULHOSO, minha filha. Mas, como te disse, a tua geração é surpreendente, e, você foi muito além do que eu esperava.

Marge fez cara de inocente.

-Você começou a andar com o tal BANDO DE LOUCOS FEDERADOS, e, para piorar, começou a namorar esse tipinho o tal de Fernando Zéca Corinthiano.

Disse isso e torceu a cara numa expressão rabugenta.

-Mas papai...

-Filha, não quero interferir nas suas preferências...

-Mas já está se metendo, papai...

-Sim, meu amor... Mas esse tipo é feinho... Baixote... Careca... Barrigudo... Fedido...

Silas fez uma careta romulana, daquelas que dizem:

-Não sei... Não estou entendendo nada... Acho que sou burro demais para entender essa juventude.

Marge logo se explicou:

-Papai, eu não procuro meus namorados apenas pela beleza física...

-Sim minha filhinha! Isso eu percebo. Mas, eu não te carreguei por tanto tempo, para terminar seus dias nas mãos de um...

Silas fêz uma cara de puro desespero:

-Para minha filha terminar com um tipinho desses...

-Papai... Nós, os “Qs” somos imortais... Esqueceu?

“Não sou eu que vai terminar os dias nos braços dele, e sim, o contrário.”

A careta engraçada de Silas sumiu e ele fez sua expressão romulana ameaçadora...

-Acho que não, minha filha.

“Seu período de experiência entre os mortais acabou agora.”

“É o momento do seu retorno ao continuum.”

-Mas pai... Ainda acho que tenho muito a aprender com a Frota Estelar...

Silas demonstrou irritação.

E não era uma irritação qualquer.

Era uma irritação tipicamente romulana.

-Você não tem mais nada que aprender com essa raça.

Fez uma pausa e falou (gritou) num tom de voz extremamente mais elevado:

-E para piorar ainda está andando com esta chaminé ambulante e sua turma de arruaceiros vagabundos. Nem uma banda de rock poderia ser pior como companhia.”

-Sei que o fumo que o Zéca queima é ilega, papai, mas....

-Fique quieta, Marge! E para piorar a situação, você anda utilizando seus poderes de forma irregular, coordenando uma vendeta contra diplomatas ZUHLURRANOS, na Terra, e agora, interferindo mais uma vez, de modo decisivo, na vida destes mortais.

“Você já parou para pensar que está prestes a cometer o mesmo erro da sua geração anterior tanto repetiu, até mesmo, dando início ao que pode ser considerado genocídio?”

-Esses caras não são diplomatas, papai. São terroristas infiltrados na Federação. São mentirosos e canalhas.

“E este maldito que veio a explodir a bomba, ameaçou minha vida e a de todos os que estavam aqui. Essa bomba que ele detonou, iria arrasar toda a costa Oeste norte americana. Eu mereço é medalhas por salvar as vidas de tanta gente, das idiotices feitas por esses fanáticos ZUHLURRANOS.“

-Você está decidindo o curso da história, Marge.

-Outros “Qs” já fizeram o mesmo antes de mim, papai. Inclusive, aqui na Terra mesmo. Lembra do Quinn? E do Isaac Newton?”

Silas chegou mais perto de Marge e segurou afetuosamente seus ombros.

O tom de sua voz, novamente mostrou-se mais calmo.

-Lembro sim, minha filha. E sei que você tem razão. Mas, como te disse: teu tempo aqui junto à raça humana acabou.

“Você deve voltar ao continuum, e esquecer desse bando de idiotas com quem se enturmou.”

Marge abaixou a cabeça.

Silas já se adiantou a ela, adivinhando seus pensamentos.

Segurando delicadamente o queixo dela com a ponta dos dedos, ele disse:

-Não é hora de ficar triste, minha filha. Não deixe que as emoções te dominem. Teu lado andoriano, ainda é muito emotivo. Está na hora de voltar para casa...

Marge ficou em silencio...

-Vou te esperar, Marge. Mas não quero saber de demora.

Silas passou carinhosamente, a mão nos longos e sedosos cabelos de Marge, afastou-se dela, estalou os dedos e desapareceu.

Marge ficou parada por alguns instantes, em meio àquele cenário congelado, olhando para o espaço vazio deixado por seu pai...

***

Em seguida, virou-se para a direção do seu futuro ex-namorado.

Aproximou-se dele, com algumas lágrimas nos olhos, e, beijou-lhe o rosto.

Pegou na piroca dele e apertou-a com vontade, enquanto colou seus lábios na orelha dele e chingou-o:

-Seu cretino! Vou te deixar, mas eu gosto de você! Cretino!"

Fernando Zéca Corinthiano, talvez não estivesse nem percebendo o que acontecia ao seu redor, já que, o tempo congelou, e, deste modo, as atividades do seu sistema nervoso, também.

Mesmo assim, Marge continuava abraçada a ele.

-Seu cretino...

A voz dela estava meio chorosa, bem diferente do seu normal.

É porque sabia que o tempo como Tenente da Federação, estava encerrado.

Sua aventura, como mortal já fora longe demais.

Mesmo que quisesse continuar naquela situação, não poderia.

Seu pai, e, o "continuum" a monitoravam noite e dia, eventualmente, até mesmo, interferindo de modo discreto, e, quase imperceptível, em seus projetos.

Numa das ocasiões que sentiu uma interferência de Silas, foi no andamento de suas ações quando o bando levou vingança e justiça, a embaixada ZUHLURRANA.

Alí, no momento que o Bando ia se evadindo, passou por situações inusitadas, que não aparentavam ser nada normais.

Tinha quase certeza de que esta sucessão de fatos inexplicáveis, se deu graças à interferência de algum "Q", provavelmente, seu pai

De qualquer forma, nenhum de seus colegas morreu ou se machucou, em decorrência da operação, mesmo as Autoridades não localizaram pistas que, de qualquer forma ligassem a autoria da ação, ao bando, e isso, era o mais importante.

Mas a sorte, poderia não durar para sempre, por isso, teria mesmo de partir.

Afastou-se de Fernando, limpou seus olhos marejados, olhou para o anel no seu dedo e ficou de pé, diante de onde ele estava.

Em seguida, já com feições mais sérias, estalou os dedos

***

O tempo então, voltou a seguir o seu curso normalmente.

Fernando Zéca Corinthiano saiu do transe que ficava quando beijava Marge e viu-se, inexplicavelmente, com a boca aberta, babando, tentando beijar o vazio.

Adiante dele, a uma distância de quase dois metros, de pé, estava a sua amada.

Ela não estava com cara de bom humor...

Sem perda de tempo, ou, maiores explicações, ela foi logo dizendo:

-Agora chega, Fernando. O nosso sonho acabou. Está terminado entre nós...

"Nem adianta insistir... Não me procure mais."

Disse isso, e, em seguida, deu as costas para o namorado, que, surpreendeu-se com a novidade, quedando completamente desconcertado, abatido e chocado.

Marge saiu andando para a rua, ainda com o anel no dedo, dando sua típica rebolada sensual como despedida de namoro.

Fernando Zéca Corinthiano não entendeu nada.

Ficou uns vinte segundos sem ação vendo o amor de sua vida, sumir das vistas.

Entretanto, não tardou muito, e com um estalo saiu do transe em que estava correndo atrás de sua amada.

Na rua, não viu a direção que ela seguiu.

Andou algumas quadras para todos os lados, mas, não a encontrou.

Ainda tentou localizá-la através do comunicador, mas, suas chamadas não foram

respondidas.

-Caralho! Mas que merda eu fiz desta vez???? - Indagou-se Fernando Zéca Corinthiano, muito perturbado, enquanto sentia a piroca dura e as bolas doloridas, sem saber a razão.

***

-Não sei Jhnriz! Nem imagino o que eu possa ter feito, para a Marge tomar esta decisão.

-Mal posso acreditar, irmão. - Respondeu Jhnriz, através do intercomunicador ao qual Fernando Zéca Corinthiano se dirigia. - Errei nas minhas previsões com relação a vocês dois.

O andoriano fez uma pausa e indagou:

-O que pretende fazer agora?

Fernando Zéca suspirou...

-Tentei chamá-la mas, não atendeu minhas ligações...

“Vou ter que deixar a Marge, já que ela quer assim.”

“Não gostaria de passar por um chato, tão pouco, ficar enchendo as paciências dela.”

-Então não pretende mesmo voltar com ela?

-Já não é uma decisão que cabe a mim. Jhnriz.

“Eu até gostaria, porém, não a importunarei mais. Vou espairecer as ideias!

“Por sorte, arrumei algo para afastar a cabeça do problema, e me concentrarei nisso.”

-Já arrumou outra namorada? - Perguntou Jhnriz.

-Quem me dera! - Respondeu Fernando quebrando um pouco o seu mau humor diante da situação. - Terei que voltar aos braços das profissionais, se quiser um pouco de consolo das mulheres.

-Então, do que se trata?

-Voltarei para o circuito das corridas de nave! Recebi um convite para participar de um novo campeonato, e, como estou com a minha carteirinha de piloto em dia, aceitei.

-Se é o campeonato que estou pensando, ele está prestes a começar... Não está meio apertado para o seu calendário?

-Não! Estou partindo dentro de algumas horas, para preparar minha equipe de manutenção e a nave de corrida que usarei.

-Vai viajar agora???

-Sim!

-Mas você não tinha apresentação marcada do seu trabalho de formatura na Academia da Frota Estelar para esta semana?

-Sim. Mas eu posso adiar essa entrega.

“Não estou em condições de me envolver com isso agora.”

Jhnriz ficou visivelmente surpreso com aquela atitude de largar tudo para trás.

-Sabe o que eu penso, Zéca? A tristeza do fim de uma grande paixão, eu compensaria arrumando outra namorada....

“Se quiser pelo menos vamos tomar uma bebedeira de despedida...”

-Agradeço o conselho e o convite, Jhnriz, entretanto, o meu tempo agora é curto. Tenho que arrumar as coisas e partir logo.

“Assim que me sentir bem resolvido, voltarei e entro em contato contigo.”

“Por agora, me afastarei da Academia e do bando.”

“Tenho muitas lembranças fortes aí, e preciso refletir melhor sobre tudo...”

Jhnriz coçou o queixo e fez uma expressão facial indicando que estava entendendo a situação...

-Não quer se emocionar, hem, Zéca??? Vai reprimir seus sentimentos?

-Não é bem isso, irmão.

“É que o convite para correr com naves, veio em hora providencial.”

“Deixarei as disputas esporádicas ilegais, para participar de um circuito profissional.”

“A velocidade, talvez seja, a única coisa que, afastará os pensamentos na minha cabeça desse fim de namoro.”

-Se você pensa assim, então, boa sorte, Zéca.

-Obrigado, irmão. Avise o resto do bando, do problema que estou enfrentando. Não conseguirei falar com todo mundo.

-Deixa comigo!

-É isso aí, Jhnriz. Vou ficando por aqui. Tenho muito que arrumar antes de ir embora. Você tem o meu e-mail e já está conectado com o meu perfil nas redes sociais. Me avise se precisar.

-Fique tranquilo e se cuide.

-Fraternal abraço aí.

-Força, Zéca. Boa Sorte.

***

# MONUMENTAL JORNADA DE UM CORINTHIANO PELAS ESTRELAS

## 3

***

Longe da Academia da Frota Estelar, a vida de Fernando Zéca Corinthiano, conforme suas próprias palavras, era a de típico piloto possuidor de algum talento nas corridas de naves espaciais.

Não era consagrado campeão, mas, sempre se sobressaia da média, com destacado desempenho, nos eventos em que participava.

Chegou a vencer, sobrevivendo a várias corridas, até mesmo, disputando a liderança do campeonato por diversas ocasiões.

Mas, teve que abandonar a carreira esportiva após conquistar a mais disputada e popular corrida do Circuito Interestelar: ALIENÁPOLIS.

Tipos de todos os cantos desta e outras galáxias, apareciam para prestigiar o evento, fazendo apostas sendo alguns, esquisitos, mal-encarados, batedores de carteira, drogados, terroristas, covardes, simples ou poderosos criminosos que exercessem o controle da delinquência por ali, e em outros sítios.

E quem mandava no submundo, controlava inclusive, as apostas realizadas, e, ainda, seus resultados.

Tamanho poder, originava-se numa das mais poderosas organizações criminosas ainda desconhecida pela maioria, mas que, a bastante tempo dava suas cartas no cenário

criminoso: o PARTIDO OBRERO um tentáculo da temida VELHA ORDEM UNIVERSAL.

Vigiar estes verdadeiros sindicatos do mal, não era tarefa simples, tendo em vistas, as obscuras influências e vínculos existentes destas organizações, até mesmo com as Autoridades, por disporem nestas, meios para controlá-las, traí-las, suborná-las ou chantageá-las.

No caso do PARTIDO OBRERO, sua denominação não se dava por eventuais ambições políticas.

Esta alcunha, era apenas um diversionismo, de um imenso projeto criminoso de conquista de poder, rigorosamente gerenciado durante gerações, operando, cada momento com mais força, por toda a galáxia.

***

Acontece que, bem no dia que Fernando Zéca Corinthiano conquistou a vitória em Alienápolis, sem que ele de qualquer modo soubesse, já havia um plano elaborado no sentido de que, o vencedor deveria ser uma nave de outra equipe concorrente.

Tal conluio, planejado pela quadrilha LOBOS DO ESPAÇO, uma das tantas franqueadas do PARTIDO OBRERO, e, controladora de diversas bolsas de apostas por puro azar ruiu, pois a corrida foi uma das mais violentas de todas as edições, tendo nela se sucedido diversos acidentes e muitas batidas entre os competidores.

Fernando Zéca Corinthiano não ficou livre delas, mas, sua nave, graças a um robusto projeto elaborado por ele, pela própria sorte, e infortúnio da concorrência, cruzou a linha de chegada em primeiro lugar, enquanto a maioria quedou destroçada pelo caminho.

Essa inesperada e não prevista vitória de uma “zebra”, já que, os favoritos para aquela edição eram outros, afetou a bolsa de jogos de maneira prejudicial aos apostadores que, colocaram suas fichas, em nomes mais bem cotados para a vitória, incluindo, os que recebiam recursos do PARTIDO OBRERO e, dos próprios LOBOS DO ESPAÇO.

Sem consequências tamanho rombo, não seria suportado... Alguém teria que pagar caro!

O nome Fernando Zéca Corinthiano, ao invés de ganhar espaço entre os das celebridades esportistas exemplares, injustamente agora estava marcado para ser perseguido como bode expiatório das mais perigosas organizações criminosas da galáxia.

***

Tão alheio estava Fernando Zéca Corinthiano, ao fato de fazer parte da lista de desafetos perseguidos pela bandidagem que, assim que recebeu o prêmio, e, depois de terminadas as celebrações, separou uma parte para reforçar seu estoque, comprando mais cigarros do mercado negro local.

Entrou em contato, através do comunicador, com o traficante que lhe garantia o abastecimento, e, teve uma surpresa:

-Zéca! - Disse ele. - Não apareça aqui, e, nem, entre mais em contato comigo.

-Ei! Mas o que eu fiz?

-Os chefões do crime estão atrás de ti, cara! Eles perderam muita grana apostando em outros corredores e você surpreendeu todo mundo.”

-Mas, o que eu deveria fazer?

-Você fez certo, cara! Eles é que foram pegos de surpresa, e agora querem dar o troco em alguém. Some! Você está na lista dos jurados de ódio pelos LOBOS DO ESPAÇO, e, ainda até, nas de outras turmas barra-pesada.”

“A sua ordem de captura ou morte ainda não está oficialmente emitida, mas, quando for, esteja bem longe daqui, porque, haverá uma sombra em cada canto te vigiando e caçando.”

CLICK! O contato foi subitamente cortado.

Fernando Zéca arregalou os olhos. Uma tempestade de pensamentos invadiu sua cabeça careca. Aquela fonte não era de sair inventando lorotas, ou, contar mentiras.

O aviso era claro e direto.

Sem perda de tempo, passou as horas seguintes arrumando e juntando todo o equipamento pessoal e, de trabalho, no seu cargueiro espacial blindado batizado como GALATRINA ZERO, que transportava as naves de corrida e todo o equipamento do time robotizado de Fernando Zéca, um dos mais baratos e modestos entre todas os participantes do campeonato, daí, a razão de ninguém apostar na sua vitória.

Quando a noite caiu, o piloto mais uma vez verificou os depósitos do cargueiro, testou os motores, e partiu.

A GALATRINA ZERO decolou velozmente e, em questão de segundos, atingiu as camadas mais altas da atmosfera daquele mundo.

Quando ia adentrar o espaço infinito (e além), deparou-se com dois satélites armados, que, apareceram de-repente, e sem perda de tempo ou aviso, disparando raios destruidores de cor verde-brilhante contra o cargueiro.

***

A GALATRINA ZERO foi atingida três vezes nas asas, mas, graças à blindagem e aos seus possantes motores, escapou do perigosíssimo ataque, que lhe dirigia uma verdadeira chuva de ameaças mortíferas.

O embate, ainda que ameaçador, foi curto.

Logo, os propulsores do cargueiro aceleraram à plena potência, e este entrou em "dobra espacial" deixando o perigo para trás.

Somente horas mais tarde, é que Zéca relaxaria as tensões.

Dali por diante, teria de planejar com antecedência seus passos para não cair nas garras dos perseguidores.

***

As baterias energéticas foram suficientes para a GALATRINA ZERO chegar ao planeta Terra, no Sistema Solar. Seguindo diretamente para São Francisco, na California.

No espaçoporto local, recebeu da torre de comando, instruções para o pouso, que logo fez suavemente não tendo tempo para mais nada depois de tocar a pista pois as baterias diminuíram quase completamente, e, apagou também o motor da GALATRINA ZERO, sendo a energia disponível nesta, suficiente apenas para os suportes de vida da espaçonave que dali pelas próprias forças, não sairia mais.

***

-Olha Zéca: vai por mim, sou teu amigo, siga meu conselho: com essa turma ruim atrás de você, melhor não ficar muito visível.

-Caramba! Mas, até na Terra? Se não me engano, são mais de 500 anos luz de distância do Sistema solar... Foi longe daqui a competição que eu venci, honestamente, aliás... Eu nem sabia que o resultado da corrida já estava encomendado. Se soubesse nem tinha participado."

-Essa turma, os LOBOS DO ESPAÇO, têm contatos em toda parte, Zéca. - Foi a resposta que obteve. – Melhor sumir e ficar na surdina por um tempo.

"Do jeito que esses caras têm orelhas por aí, nem na Legião Estrangeira, você estaria suficientemente oculto."

Fernando Zéca olhou ao redor preocupado. Mesmo, alí estava exposto.

Sentado na mesa, bebericava um copo com o seu energético gelado.

Adiante de si, tinha um amigo que lhe vendia cigarros ilegais, e, agora dava importantes conselhos, bem parecidos com os que ouvira muito distante dali de outro de seus fornecedores.

Ele conhecia bem o submundo do crime, e, o que dizia não podia ser menosprezado.

Ambos estavam na boate mais popular da cidade, que, naquele momento, fervilhava de gente dançando, bebendo, gritando, ou, apenas trocando informações como era o caso de Fernando Zéca e seu fornecedor.

Este amigo colocou sobre a mesa, uma valise que tinha ao lado de sua poltrona, e, disse:

-Trouxe o que me pediu.

Fernando Zéca abriu a valise, apenas o suficiente para verificar o seu conteúdo.

Seus olhos varreram minuciosamente, numa fração de segundo, aquele interior, e,

logo em seguida, a valise foi fechada ao lado de sua cadeira.

Na sequência, Fernando Zéca tirou do bolso um cartão, que colocou sobre a mesa cobrindo-o com a mão.

Assim que o descobriu, seu fornecedor pegou o cartão guardando-o consigo.

-Nosso negócio está fechado!

-Perfeito. -Disse Fernando Zéca.

-Tome cuidado! Agora tenho de ir.

O homem levantou e sumiu, misturando-se no meio da mulherada.

Fernando Zéca, por sua vez, terminou de tomar seu energético, e, logo em seguida, também saiu dali. Agora, carregando a mala consigo.

Fora da boate, longe do barulho e da multidão, pegou um taxi retornando para o seu apartamento. No pequeno escritório deste, tirou de dentro da valise, um dos cigarros que acabara de comprar e acendeu-o.

Soltou algumas baforadas, e, logo, o ambiente ficou totalmente enfumaçado, com Zéca, mais tranquilo pelos efeitos do cigarro ilegal.

Relaxado, começou a pensar melhor a respeito da situação em que se encontrava.

Excetuando-se, todo um time de corrida robotizado que, tinha no compartimento de carga da GALATRINA ZERO, o restante do seu patrimônio estava investido em barras de ouro paralatinum guardadas em local seguro, e, ainda, em cartões com crédito suficiente, para lhe garantir a subsistência por alguns anos, desde que, não gastasse demais.

Deste modo, não poderia se expor tanto ao público, assim como nos tempos de piloto de corrida de espaçonaves.

Esta sua carreira, definitivamente estava encerrada...

Pensou no que faria a seguir até terminar de fumar o cigarro.

Tranquilo, e, de mente mais aberta, finalmente, resolveu descansar e rendeu-se ao sono.

***

Muito mal fechou os olhos, ouviu um som diferente vindo da entrada do seu quarto.

Abriu-os novamente, e, percebeu, mesmo com a escuridão, 3 sombras, rapidamente, se aproximando.

Vislumbrou até armas apontadas na sua direção.

Instintivamente, Fernando Zéca reagiu com rapidez, e sacou uma pistola phaser debaixo de seu travesseiro.

Antes que os invasores pudessem se dar conta, a reação já estava em andamento.

Fernando Zéca efetuou três precisos disparos, que deram fim às ameaças.

Em seguida, acendeu as luzes, e deparou-se com 3 corpos dos invasores que abatera. Estes, vestiam roupas pretas e vieram equipados com as melhores armas disponíveis à venda nas tradicionais lojas do ramo.

Não havia dúvidas que o objetivo daqueles visitantes era o de matá-lo.

Eles só não esperavam que, além da perícia na pilotagem agressiva de naves espaciais, o alvo também era exímio atirador.

Péssimo lutador, mas, exímio atirador.

Não tivesse reagido rápido, graças aos apurados reflexos, e, pelo fumo que queimara antes de dormir, fazendo-o enxergar melhor na escuridão, não teria escapado vivo do atentado, já que, os encarregados de perpetrá-lo, eram maiores e, bem mais fortes que ele.

Na verdade, se fosse depender de suas habilidades no combate corpo-a-corpo, estaria definitivamente perdido, já que, não tinha porte atlético, disciplina e técnica decorrente de árduo treinamento.

Muito pelo contrário.

Era baixote, careca, e, barrigudo.

Voltou a apagar as luzes do quarto, e, no escuro mesmo, arrumou suas coisas, colocou tudo numa mochila grande onde cabia até a valise com fumo.

Na calada da noite, deixou o apartamento, pela porta dos fundos do prédio, sem levar nem mesmo, um comunicador, para evitar o risco deste ser rastreado por “grampos”.

Pelas sombras escuras, e vielas estreitas seguiu até o parque onde havia um lugar que ele rotineiramente ia, para fumar seus cigarros ilegais.

Subiu numa frondosa árvore, e desapareceu no meio dos galhos dela.

Ali, queimava seus cigarros fedorentos sem ser percebido, mesmo por quem estivesse abaixo dele e ainda conseguia ver tudo ao redor, incluindo, os telões de altíssima resolução que, nas laterais dos prédios vizinhos ao parque, exibiam diversas publicidades e propagandas.

Com um de seus cigarros aceso, relaxou assistindo a programação dos imensos e modernos out-doors até que surgiu uma solução para os problemas do Zéca.

Logo lembrou-se do seu amigo que, a algumas poucas horas durante uma conversa mencionou a Legião Estrangeira. Nem mesmo nela, Fernando Zéca conseguiria se esconder dos larápios que o atormentariam até o fim da vida, mas o recrutamento nas fileiras da Frota Estelar era uma saída viável.

***

Todos os problemas ficariam para trás!

A promessa de uma nova vida de aventuras e muitas viagens o chamava.

Acontece, que Fernando Zéca, antes de ingressar no mundo das corridas, fora aluno da Academia Estelar. Ali, até mesmo, QUASE se graduou.

Por conta de um monumental pé na bunda que tomou do grande amor de sua vida, e ainda, de uma inédita oportunidade no mundo das naves espaciais de alta velocidade, deixou o curso, quando faltava apenas fazer a apresentação para o Almirantado da Frota, de uma palestra, expondo a sua monografia como trabalho de conclusão.

Curiosamente, passado algum tempo, agora, o destino lhe apontava uma via de retorno às fileiras acadêmicas, coisa que, poderia ser até segura e, de quebra, despistar o rastro dos desafetos, que ultimamente tiravam-lhe o sono e sossego, enchendo sua cabeça com preocupações.

Mesmo o destino parecia conspirar para o acontecimento desta volta, de modo que, até burocraticamente, sua situação não era complicada.

Tudo o que tinha a fazer, era entregar e defender a tal tese de monografia que elaborara e já estava pronta.

Fernando Zéca fumou mais alguns cigarros, e, finalmente dormiu entre os galhos e folhas da árvore frondosa, longe da vigilância das câmeras de segurança.

Tão tranquilo foi seu sono, graças à solução encontrada, que roncou alto, fato que, assustou eventuais atletas, corredores e passantes que não entendiam a origem dos ruídos medonhos provenientes do lindo verde da natureza.

***

O TEMPO PASSOU, e Fernando Zéca finalmente apresentou seu trabalho de conclusão.

Uma exposição em que defendia maior uso de inteligência artificial e robôs na frota, desde que fossem sujeitos e programados com os ditames das Leis Asimovianas da Robótica:

**LEI ZERO – Um robô não pode causar mal à humanidade, ou, por omissão permitir que esta sofra algum mal**

**PRIMEIRA LEI – Um robô não pode ferir um ser humano ou, por omissão permitir que o ser humano sofra algum mal.**

**SEGUNDA LEI – Um robô deve obedecer às ordens humanas a não ser que estas entrem em conflito com as Leis anteriores.**

**TERCEIRA LEI – Um robô deve proteger a sua própria existência desde que isso não entre em conflito com as Leis anteriores.**

A sua exposição ainda sugeria exceções para as quais, tais Leis poderiam ser omitidas como no caso das aplicações militares.

Não utilizou uma linguagem muito rebuscada, nem deixou o trabalho chato.

Infelizmente, porém, talvez por uma certa falta de interesse que de modo geral, a Frota Estelar ainda mantinha com relação ao tema; apenas duas pessoas estavam na bancada examinadora para a qual fez sua apresentação.

Uma era sua professora e  havia um outro tipo que não conhecia.

De qualquer modo, Fernando Zéca expôs suas ideias de modo entusiasmado, até porque considerava o tema da mais alta importância para a Federação.

Ao fim, o sujeito deu-se por satisfeito com a apresentação, e retirou-se dali sem dizem mais nada, entregando para a professora um tablet onde deixara sua assinatura.

Esta fez mais algumas perguntas e depois de ouvir as respostas, informou:

-Sua apresentação foi boa e o Sr. está aprovado. Parabéns.

-Nossa! Muito obrigado.  - Agradeceu Fernando Zéca. - A sua ajuda foi muito importante na orientação da minha monografia, Mestra Querida!

-Fico satisfeita... Agora, Fernando, deixa eu te perguntar:

“Como você está de trabalho agora?”

-Pretendo seguir para a Frota Estelar, assim como todo mundo na minha posição...

“Tudo o que eu quero é pilotar alguma nave espacial.”

-Isso vai ser fácil para você. Mas eu queria te indicar uma oportunidade disponível para pessoas com o seu perfil.

-Sério?

-Dê uma passadinha no escritório da Agência de Representação e Turismo que têm lá no saguão de entrada do prédio principal da Academia.

-É a sala que têm perto dos elevadores?

-Exato.

-Puxa. Eu sempre vi aquela porta fechada.

“Nunca me interessei de entrar, nem por curiosidade...”

-Agora é a oportunidade. Assim que chegar lá, procure o Diretor.

“Não perca tempo e passe logo, que ele ainda deve estar por lá.”

-Vou agora mesmo.

***

Fernando Zéca Corinthiano cumpriu com as formalidades, e, antes de se inscrever nas fileiras da Frota Estelar, como recém-formado na Academia, atendeu a solicitação feita e foi visitar a tal Agencia de Representação e Turismo.

Chegou até uma porta comum que, desde o começo do curso, sempre vira fechada.

Estava localizada num dos pontos mais distintos da Academia, mas, ali, nunca percebera qualquer movimentação.

Aproximou-se dela e apertou o botão do interfone, colocado ao lado dos seus umbrais.

-O quê deseja? - Indagou uma voz saída dali.

-Vim falar com o Diretor. Meu nome é Fernando Zéca Corinthiano.

A resposta não demorou:

-Entre, por favor.

Com um estalo a porta abriu-se automaticamente deslizando de baixo para cima e liberando a passagem para aquele interior.

Fernando Zéca avançou, e a porta fechou-se atrás de si, com um estalo, indicando que agora, ela estava trancada.

Viu-se numa pequena sala de espera com balcão, onde por trás do vidro na sua parte superior, havia uma senhora sentada próxima à mesa de escritório extremamente organizada.

Sem ninguém mais por ali, Zéca dirigiu-se a ela para obter informações.

-Olá! Meu nome é Fernando Zéca. Vim falar com o Diretor.

Assim que a palavra “Diretor” foi mencionada, a mulher olhou o recém-formado dos pés à cabeça, não escondendo na sua inspeção, uma certa expressão de dúvida.

Em seguida, ela apertou o botão num aparelho sobre sua mesa e disse:

-Fernando Zéca para o “Diretor”.

Uma voz saiu do alto-falante:

-Manda entrar. Ele está sendo aguardado.

Com ar de pouco caso, a mulher apontou para uma entrada que havia ao lado do balcão, descendo para o piso inferior.

-Siga pelo corredor até a cabine telefônica e digite 007. Pode ir.

-Sim senhora. Muito obrigado.

Fernando Zéca desceu pela escada da passagem apertada até chegar a um amplo corredor, onde, na extremidade oposta à que se encontrava havia uma porta.

Avançou caminhando na direção dela.

Nem bem chegou a um metro dela e esta se abriu, liberando caminho para outro corredor.

Curioso, o recém-formado avançou por baixo daqueles umbrais para o outro cômodo e, seguindo por este também, verificou que, ao fim do outro corredor, havia mais uma porta diferente.

Continuou andando e, novamente, tudo se repetiu automaticamente.

Uma nova passagem foi aberta, para outro corredor, com mais uma porta ao final deste, que, também liberou caminho para outro corredor...

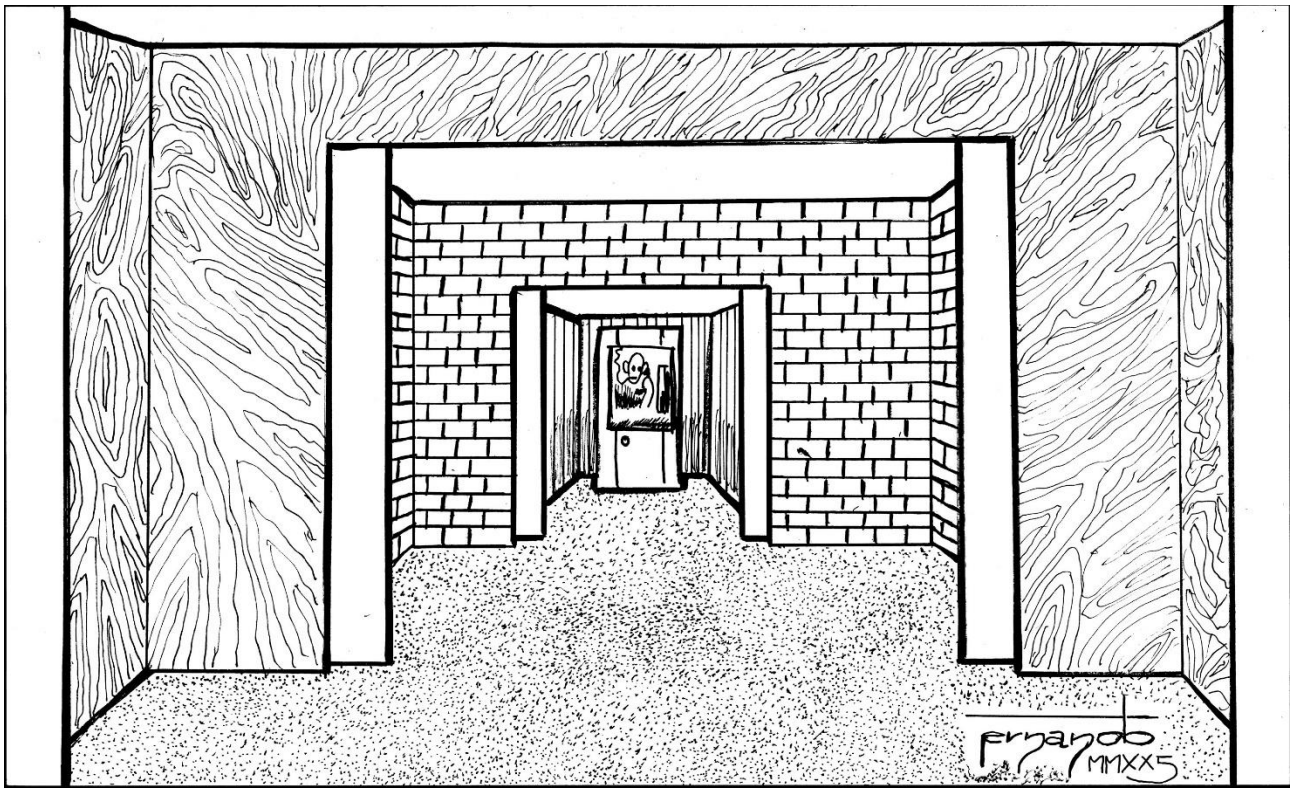
E assim por diante, por mais quatro ou cinco vezes, até que, finalmente chegou a

uma cabine telefônica tradicional do século XX, encostada na parede, de um cômodo ao fim do último corredor.

Fernando Zéca entrou nela, fechou a porta de vidros transparentes atrás de si, tirou o telefone do gancho e digitou o número 007 no teclado.

Ficou esperando uma voz no fone, mas, o que aconteceu a seguir foi bem diferente.

***




Como num elevador, a cabine telefônica, com Fernando Zéca no seu interior, começou a descer seguiu para níveis inferiores àquele, onde, até então se encontrava.

Desceu mais de vinte andares, até que a porta se abriu, num amplo salão com monitores e mostradores pelas paredes com informações, provenientes de todos os lugares imagináveis.

Nem bem saiu do elevador, deparou-se com uma mulher negra, alta e lindíssima.

Ela sorria para ele.

-Senhor Fernando Zéca? - Indagou...

-Sou eu mesmo. - Confirmou todo feliz.

-O diretor está aguardando. Queira por favor, fazer a gentileza de me seguir.

Em seguida, ela se virou e avançou, conduzindo Fernando Zéca para outra sala onde estava o o tal Diretor que Zéca percebeu ser justamente o único participante da bancada examinadora além da sua professora que aferiu seu trabalho final de conclusão de curso.

Era um homem alto, careca, muito forte, não aparentava nem 40 anos, mas, alguns traços de seu rosto, indicavam que ali haviam muitas décadas de experiência guardadas.

Usava óculos ray-ban e tinha um charuto na mão esquerda.

Exatamente igual aos ilegais, que Fernando Zéca fumava, mas que, naquele momento, nosso intrépido diplomado, solenemente ignorou, como se nada entendesse do assunto.

-Senhor Fernando Zéca Corinthiano. Meus parabéns pela sua formatura.

O Diretor disse isso e estendeu a mão direita, cumprimentando o recém-formado.

-Muito obrigado senhor...

-Sonny Blue. Mas pode me chamar de Sonny.

***

## SONNY BLUE

-Sente-se por favor, Senhor Zéca.

“É uma honra ter aqui alguém tão ilustre como o senhor.”

Fernando Zéca fêz cara de dúvida, mas logo Sonny Blue jogou as cartas na mesa, ou melhor, uma foto da sua espaçonave de corrida com a qual vencera o Grande Prêmio de Alienápolis.

-Você poderia me deixar aí o autógrafo? Sou fã de corridas, e, a sua vitória nessa prova foi show de bola.

-Caramba! É uma honra.

Fernando Zéca assinou a foto e a entregou a Sonny.

-Puxa! Obrigado! - Agradeceu o Diretor. - Sabe que a tempos acompanhamos a sua movimentação.

-Verdade? WOW! - É bom saber que, tenho admiradores em algum lugar.

-Ah sim! Já acompanho o teu trabalho desde o caso da invasão na embaixada...

Fernando Zéca engoliu em seco e silenciou...

Certamente, o assunto tratando se referia ao justiçamento da morte da Paula...

Em todo caso, manteve sua costumeira cara de jogador de poker, tentando se fazer de desentendido pra cima do Diretor, mas, Sonny Blue não parou por aí.

-Também identificamos os matadores que os LOBOS DO ESPAÇO mandaram para te executar e que você eliminou...

Fernando Zéca Corinthiano, neste momento, engoliu em seco e arregalou os olhos.

-BOM TRABALHO! - Cumprimentou Sony Blue.

O atônito recém-formado achou melhor continuar escutando quieto.

-Você é um sujeito com talentos que podem ser úteis aqui...

-Aqui? Na Academia? - Indagou o recém-formado, relutante.

-Você não está mais nas instalações da Academia, Zéca.

“Aqui é um dos quarteis do Serviço Secreto da Federação, ou E.Y.E., como alguns preferem se referir.”

“Aquele acesso, por onde você entrou, que liga a Academia da Frota para cá, tem como finalidade, nos permitir vigiar os futuros candidatos que eventualmente venham a fazer parte dos nossos quadros.”

-Quer dizer que o negócio de turismo e representação...

-É só fachada...

Sonny Blue, acomodou-se melhor na cadeira, e continuou:

-Zéca, Sabemos dos problemas com os LOBOS do ESPAÇO, daí, concluímos que a sua volta à Academia, visando o ingresso na Frota, têm como objetivo, fugir dessa bandidagem que agora quer tua cabeça...”

Fernando Zéca Corinthiano continuou ouvindo quieto.

-Não te garanto, que, na Frota Estelar, os braços dos LOBOS do ESPAÇO, não te alcancem, entretanto, trabalhando aqui para o SERVIÇO SECRETO da FEDERAÇÃO, a situação seria bem diferente.

A proposta parecia interessante...

-Veja bem. Teu trabalho sobre robôs, foi muito bom, especialmente a parte sobre os casos de exceções em que as LEIS DE ROBOTICA ASIMOVIANA, não poderiam ser colocadas na programação.”

“Aqui no E.Y.E., lidamos com tecnologias muito mais avançadas que as em uso na Frota Estelar, incluindo no que se refere à robótica.”

“Trabalhando para nós, você poderá desenvolver estes robôs, que irão ajudar toda a Federação em sua missão.”

“Ninguém vai olhar o teu passado, e você estará sempre, um passo a frente dessa turma que quer a tua cabeça.”

Ficou claro para Fernando Zéca que Sonny Blue tinha já, a sua “capivara” (no jargão policial, a “ficha de antecedentes”), então, de nada adiantaria ali tentar esconder alguma delinquência anterior.

-Puxa! Vocês já sabem mais de mim, do que eu mesmo.

-É para isso que serve o E.Y.E.; Zéca.

-Vou aceitar a proposta, mas, e o salário? Paga as contas?

Sonny Blue abriu um amplo sorriso.

-Você me lembra de mim mesmo quando estava sendo entrevistado para trabalhar aqui.

“Minha recrutadora não queria me pagar muito, mas hoje em dia, se eu seguir esta linha que ela impunha, não arrumo mais quem fique me aguentando.”

-Isso quer dizer que terei alguns créditos ao menos, para comprar meu fumo?

-Fumo é o que não te faltará, Zéca.

-Então pode me considerar dentro. Não vou precisar de mais nada, além disso.”

****

-Antes de avançarmos... - Foi pedindo Fernando Zéca. - Gostaria que me contasse a respeito da parte ruim do serviço, assim, eu me preparo psicologicamente para os problemas.

Sonny Blue recostou-se na cadeira, acendeu outro charuto, já que o anterior se apagara, e ofereceu uma caixa para Zéca.

-Pegue quantos quiser, filho.

“São iguais aos que você fuma, mas, são de um fornecedor melhor que o teu...”

Fernando Zéca sentiu um calafrio na espinha.

O Serviço Secreto da Federação realmente sabia TUDO sobre sua vidinha besta.

Zéca segurou um charuto e, quando já ia pegando outros, com sua outra mão, (assim como faz o primo pobre, quando visita a casa do primo rico) foi interrompido abruptamente por Sonny:

-Um momento! Espere!

Em seguida, ele gritou:

-Felícia! Venha aqui, por gentileza!

Enquanto Felícia não chegava ele disse:

-Aqui eu trabalho à moda antiga.

“Eu gasto menos tempo gritando para chamar alguém que me atenda, do que apertando esse monte de botões que só bagunçam minha cabeça e ninguém me entenda.”

-Vou lembrar disso, no dia que eu tiver subordinados, chefe.

Sonny deu um sorriso, apontou o seu cigarro para Zéca, e a tal Felícia chegou:

A negra monumental e maravilhosa colocou-se ao lado da mesa de Sonny.

-Zéca, esta é a Felícia, nossa colega de trabalho e chefa da agenda da Diretoria.

“É uma moça muito prestativa, simpática e educada.”

“Mas não se engane, com essa aparência feminina e aparentemente frágil...”

“Ela é Graduada em quatro tipos diferentes de artes marciais e aqui, têm grau de Mestre Sargento de Armas, o que, no caso dela, comparativamente à hierarquia militar da Frota Estelar, equivaleria quase a um posto de capitão.”

Fernando Zéca arregalou os olhos enquanto admirava aquela maravilha da natureza divina e, quase murmurando deixou escapar:

-Meus parabéns...

Felícia deu um sorriso condescendente...

Sonny continuou:

-Felícia, por favor, me traga uma caixa de charutos para o Zéca. Ele agora vai trabalhar com a gente

-Eu é que dou os parabéns agora. - Disse ela.

Felícia saiu para pegar a caixa dizendo:

-Já estou indo Sonny.

-Obrigado Felícia.

Em seguida Sonny acendeu, à moda antiga, com um palito de fósforo, o charuto de Zeca, em seguida, o seu.

-Você me indagou sobre as coisas ruins deste serviço...

-Sim. - Disse Zéca.

-Filho... Não são poucas...

Fernando Zéca achava divertido, alguém aparentemente só alguns anos mais velho que ele, chamando-o de filho.

Tal estranheza, naquele caso, se dava pelo desconhecimento da verdadeira idade de Sonny Blue, visto que, sua aparência jovial induziria de fato, qualquer desavisado, a acreditar que ele seria bem mais jovem do que na realidade era...

-Muita gente se dá mal nesse negócio. Não só os vilões.

“Gente inocente, e até alguns colegas de trabalho...”

Sonny disse isso, e olhou para o retrato de uma lindíssima mulher ruiva que havia pendurado numa das paredes, acima de um logotipo em forma de espada onde se lia E.Y.E.

Fêz uma breve pausa, e continuou...

-Se eu começar falar muito, você já vai pedir aumento ou cair fora.

-Não se preocupe. - Disse Fernando Zéca. - Agora é tarde demais. Já empenhei minha palavra contigo.

Sonny Blue deu outro sorriso e disse.

-Acho que vamos nos dar bem...

***

-Minha recrutadora, me contou uma história no dia em que ingressei no Serviço Secreto.

-Ela te escolheu bem. - Comentou Zéca. - Você chegou na Direção da casa.

-Ela que começou essa Agência. - Disse Sonny apontando para a foto na parede.

-Essa é a sua recrutadora? Caramba! Com todo respeito... Que mulherão!

Fernando Zéca estava hipnotizado com o decote da ruiva na foto, que tinha olhos, que pareciam reluzentes diamantes. E os bicos dos peitos dela... Desafiavam a gravidade!

Tão proeminentes eram, que Fernando Zéca os imaginou segurando cabides com vestidos do século XIX e todos os seus acessórios internos, fazendo peso.

Pura lisergia.

-E como ela se chama? - Indagou depois da breve alucinação já causada pelo charuto.

-Elizabeth Bondmader

-Imagino que se ela começou essa Agência, hoje está bem velhinha...

Fernando Zéca Corinthiano sabia matemática.

Se o S.S.F. não era novo, Elizabeth sua fundadora, deveria estar idosa.

Sonny deu um sorriso com o cigarro pendurado entre os lábios.

-Pode ser... Se ela estiver viva ainda. Mas não sabemos onde está...

Fernando Zéca viu-se confuso...

-Como assim? O E.Y.E. não sabe o paradeiro de sua fundadora?

-Pior é que é verdade... - Disse Sonny com cara amarrada. - A Bete foi sequestrada,

bem no meio da rua, por um tipo de teletransporte desconhecido.

“Nós tentamos, mas, não a encontramos até hoje...”

-Imaginam quem possa ter sido o autor desse sequestro?

-Temos um monte de suspeitos, mas, nenhum deu indício de ter sumido com ela.

Fernando Zéca estava boquiaberto com a história.

O trabalho para o qual estava ingressando, certamente, prometia muitas armadilhas.

-Essa foi uma das maiores decepções da Agência até hoje. - Continuou Sonny. - Nada superou o baque do sumiço dela, que continua um mistério.

-Acha que ainda dá para encontrá-la com vida?

-Não sei. O corpo dela não foi encontrado. Assim, a esperança é a última que morre.”

***

Fernando Zéca, mesmo depois da história triste, não conseguia tirar os olhos da foto de Elizabeth.

-Eu te prometi uma história... - Disse Sonny. - E ela vai tratar de serviços sujos que aqui temos de fazer, a bem da Federação...

“Não é tão horripilante quanto à que, a própria Bete me contou, em que, ela foi responsável pelo massacre apocaliptcio de um planeta onde se planejava a invasão, que, na época, se concluída, destruiria toda este nosso quadrante da galáxia...”

-Caramba.

-Quando comecei no S.S.F., só me envolvi em serviços comuns, onde não tinha que me sujar enfiando a mão na massa de trabalho. Até que a Bete foi sequestrada...”

“Foi quando a coisa mudou, porquê assumi tudo...”

“Eu estava alucinado correndo atrás de qualquer pista que me levasse à Bete, aí, chegou a informação de que um chefe importante do BUREAU de INTELIGÊNCIA CARDASIANA, costumava levar a filha dele para uma determinada escola.”

“Não preciso explicar o quão perigosos são os cardasianos, especialmente os funcionários públicos e servidores estatais, que, à época sempre se metiam em tramoias contra a Federação.”

“Normalmente eu deixava tipos assim à vontade, para, SUTILMENTE, em cima da rotina, obter maiores informações da sua rede de contatos. Mas, aquele ali, era o GUL MADRED, um oficial cardasiano que já havia até mesmo torturado, um ano e meio antes, se não me engano, em 2369, o então, Capitão Jean Luc Picard.”

-Peraí. Você participou dessa operação em 2369?

-Sim!

-Espera um pouco, Sonny. Estamos em 2405! Nessa época, você teria o quê? Uns cinco anos de idade?

-As aparências enganam Zéca. Não sou tão moço quanto pareço.

Boquiaberto, Fernando continuou ainda mais admirado, escutando Sonny Blue...

-Armamos EM CARDASIA, o planeta onde o GUL estava à época, uma operação para sequestrá-lo digna de roteiro para produções cinematográficas do MISSÃO IMPOSSIVEL...”

-Missão impossível?

-Sim. Lembra do Tom Cruyse?

-Claro! Assisti todos os filmes dele. Só o Maverick, eu revi umas vinte vezes... Mas... Voltando ao assunto... Sony... Você tá falando de uma MISSÃO IMPOSSÍVEL em Cardásia???”

Os olhos do aturdido Zéca estavam arregalados.

-O E.Y.E. pretendia sequestrar um GUL, em plena Cardasia?

-Não só pretendia, como a gente de fato sequestrou, Zeca.

“Esperamos ele entregar a filha na escola, se não me engano, o nome dela é Jil Orra, e pegamos o cara! Foi épico!”

Fernando Zéca continuava ouvindo impressionado!

-Como era sabido que ele próprio tinha torturado o Capitão Picard, eu mesmo tomei conta do cara...

-Você lhe devolveu a cortesia que ele dispensou a um oficial da Frota?

-Claro! Até quebrei o braço dele, para relembrá-lo de uma desagradável experiência que ele mesmo teve na infância.

-Caramba! - Impressionou-se mais ainda o boquiaberto Zéca, com o grau de informação que o E.Y.E. tinha daquele tipo...

-A pancadaria no velho, infelizmente, não foi produtiva como eu queria, e tivemos que soltá-lo. - Lamentou Sony com uma expressão de inconformidade. - Ele não sabia nada sobre o paradeiro da Bete.

-Ao menos aproveitou-se algo do que ele te contou?

-Dados secretos pouco relevantes, mas não de todo ruins...

“No fim, mais um servicinho sujo que não rendeu tanto, mas teve de ser feito...”

-Claro...

-Minha história, não é tão boa quanto a que a Bete me contou, mas, é o que eu posso te dar por enquanto.

-Está ótimo para mim. Estou muito satisfeito. Obrigado pela oportunidade.

Providencialmente, Felícia chegou com a caixa de charutos que lhe foi pedida.

Sonny dando tragadas no que fumava, apontou para Zéca indicando que a caixa era para ele.

Felícia entregou-lhe o presente.

-Muito obrigado.

-Zéca! Agora, você faz parte do S.S.F. (E.Y.E.) e, também da Frota Estelar.

“Complete toda a burocracia necessária para sua inscrição na Frota, e, assim que possível, dirija-se para a BASE ESPACIAL TERRA.”

“Ali, temos um escritório do S.S.F. (Serviço Secreto da Federação – E.Y.E.), mas antes de ir para lá, primeiramente se reporte diretamente ao Almirante Quinn.”

“Ele estará sabendo da sua situação, e te arrumará uma nave para você gerir esse projeto de robôs especiais, que conduziremos em segredo.”

“Mais adiante, nos encontraremos para novos trabalhos.”

-Pode deixar, Chefe. Vou agora mesmo!

-Muito bem. Então, boa sorte.

Os dois apertaram-se as mãos e Fernando Zéca munido de sua nova caixa de charutos especiais, finalmente respirava aliviado, já que, contra seus algozes, os Lobos do Espaço, teria aliados fortes lhe ajudando a se proteger.

***

## EARTH SPACE BASE – SOL SYSTEM

Assim que foi teletransportado, sentiu uma ligeira diferença na gravidade local.

Não era por menos, A BASE ESPACIAL TERRA, orbitava o planeta Terra, e, dali partiam naves espaciais da Federação e suas entidades coligadas para todos os destinos imagináveis na galáxia, e, eventualmente, fora dela.

Ainda na plataforma de teletransporte, o oficial na bancada de controle, lhe deu as boas-vindas e o aviso.

-Sr. Fernando Zéca. Bem-vindo à BASE ESPACIAL TERRA.

“O Almirante Quinn mandou avisá-lo que o aguarda em seu gabinete.”

Sem perda de tempo, o recém-chegado agradeceu as boas-vindas e dirigiu-se para onde lhe foi ordenado.

Andou pela base espacial, que tinha amplos espaços e paredes transparentes que permitiam a visibilidade da parte externa, onde naves espaciais chegavam, saíam, ou, estavam docadas.

Ao longe, nos planos mais distantes, milhares de estrelas pulverizavam o fundo negro repleto de galáxias e nebulosas coloridas com sua luz distante.

Bem mais próximo à sua realidade, diversas pessoas de raças diferentes, com as mais distintas roupas, circulavam ao redor do digníssimo recém-chegado-diplomado.

Caminhando rapidamente e, sem perda de tempo, Fernando Zéca chegou ao gabinete do Almirante Quinn.

Ali logo na entrada encontrou um balcão com três Tenentes atendentes trajando uniformes característicos da Frota Estelar.

Assim que se identificou, foi atendido e lhe indicaram uma entrada por onde deveria

seguir.

Fernando Zéca foi por ali até finalmente encontrar o velho Almirante de pé, olhando para a janela, admirando a visão espacial do seu escritório.

-Ah! Seja Bem-vindo. - Disse o Almirante assim que viu Zéca.

“Meu velho amigo Sonny me pediu, e eu tive imenso prazer em abrir um espacinho

na agenda para instruí-lo.”

“Ele me disse que você é uma pessoa de muitos talentos, e ainda me mostrou o teu trabalho de conclusão, sobre robótica... Muito interessante. Suas ideias demonstraram aptidão para integrar nossos quadros.”

Fernando Zéca Corinthiano saudou o Almirante com uma continência e os dois, em seguida apertaram as mãos.

O bom e velho Almirante Quinn, continuou falando:

-Você tem menos de 30 anos, é jovem, e, a falta de prática com os problemas característicos da Frota será compensada pela sua experiência em corridas, trabalho com equipes de robôs, e tiro ao alvo.”

“Como bem sabe, a Federação passa por problemas complicados, em todos os cenários possíveis e imagináveis, de modos que, a confusão generalizada parece se espalhar, pelos quadrantes.”

“Nossa existência está mais ameaçada do que nunca dependendo de alternativas criativas de luta, já que os métodos convencionais não têm dado os resultados que precisamos.”

“Dado o seu currículo, você foi escolhido para acompanhar uma experiência diferente, onde comandar sua própria espaçonave.”

Fernando Zéca sabia que era qualificado para pilotar qualquer tipo de nave, entretanto, o comando na Frota Estelar não envolvia somente conhecimento de pilotagem.

-Você está sendo integrado à Frota Estelar neste momento, no posto de Alferes, e, até mesmo pelo momento, e, pela ocasião que vivemos, sou obrigado a te enviar para um dos mais sangrentos fronts de guerra que atemoriza os mais veteranos.

-Sim Senhor! Às ordens Senhor! - Papagaiou Fernando Zéca sem pensar direito.

-Siga até o teletransporte e, depois para o estaleiro espacial em órbita da Terra.

Dizendo isso, o Almirante deu um cartão de identificação para o Alferes.

-Você vai utilizar esta identificação. Ela te dará acesso ao comando da nave, que, será onde você receberá suas próximas instruções.

Alferes Fernando Zéca se levantou, guardou sua identificação, saudou o Almirante, e, em seguida, foi para a sala do teletransporte.

Seu tempo como estudante da Academia havia terminado.

Agora, utilizaria o que, bem, ou, mal, aprendera, para enfrentar os problemas que no seu caminho.

***

Chegou às instalações do estaleiro espacial num piscar de olhos.

Saiu da plataforma de teletransporte e, apresentou-se, mostrando sua identificação, ao oficial responsável pela operação do equipamento.

Este, pegou o cartão, introduzindo-o numa fenda do seu painel de controle.

Logo, o prontuário do Alferes recém-chegado apareceu completo numa das telas.

-Alferes Fernando Zéca Corinthiano! Dirija-se para o hangar 315! Lá, você receberá suas instruções.

O alferes pegou de volta sua identificação, e, saiu da sala de teletransporte, seguindo a recomendação.

Fora dela, o ambiente era amplo e espaçoso, com paredes claras, e janelas amplas mostrando a BASE ESPACIAL TERRA, a própria Terra, a Lua, e, mais ao longe, o Sol.

Ainda eram visíveis, as diversas naves que circulavam em torno do estaleiro, e, outras tantas, ali atracadas.

A temperatura estava bem ao gosto do alferes: em torno de 16 graus centígrados.

Dezenas de pessoas circulavam, mas o espaço era tão amplo, que a presença delas

não incomodava pois cada uma, seguia envolvida com seus problemas, ou, como no caso da maioria ali, com os da Frota, ou ainda, os da Federação.

Fernando Zéca seguiu o caminho indicado até o hangar.

Ali, apresentou a sua identificação para o oficial responsável.

-Caramba! É a primeira vez que vejo o comando de uma nave nas mãos de um Alferes!

Olhou mais um pouco os dados apresentados na sua tela.

-O Almirante te deu uma nave que foi recém-reformada. A documentação dela não está finalizada, e ainda vai passar pela pintura e montagem.

“Caso não queira manter a designação antiga, poderá até escolher um novo nome e personalizar suas cores.”

O oficial pegou uma pilha de papeis, passou-a ao Alferes Zéca dizendo:

-Antes porém, terás de preencher esta papelada.

Entregou-lhe ainda, uma velha caneta esferográfica, dizendo:

-Quando estiver pronto, conversamos sobre sua nave e tripulação.

O Alferes Zéca pegou a caneta e a papelada, sentou-se numa cadeira universitária que havia por ali, e pôs-se a lidar com os formulários.

***

Depois de preencher a papelada, ainda teve colhidos, os seus dados biométricos, amostras de sangue, urina e saliva.

Passou ainda, por alguns testes de reflexos, visão, audição e coordenação motora.

Só então, foi para a sala do oficial que lhe fazia tantas exigências.

Assim que se sentou de frente para a mesa, diante dele, já foi alertado da situação:

-Alferes, normalmente, alguém com tantas evidências de uso de drogas ilegais no sangue, seria logo rejeitado pela Frota.

Fez uma pausa, desviou os olhos dos dados da ficha do Alferes, e, o encarou:

-Entretanto, Alferes: vivemos tempos de guerra, onde, até drogados, especialmente, aqueles que tenham um curriculum excepcional em pilotagem de espaçonaves, têm espaço para serem de alguma utilidade.

“Agora siga para a docagem 27, complemente a personalização e documentação da sua espaçonave e parta imediatamente.”

“Suas ordens lhe serão transmitidas, assim que estiver fora do sistema solar.”

O oficial ficou de pé e o Alferes fez o mesmo:

-Boa sorte! - Disse ele estendendo a mão ao Alferes num cumprimento.

Instantes depois, Zéca chegava à docagem onde pôde finalmente ver sua nave; um cruzador leve pequeno.

Ali, um robô de forma humanoide e superfície metálica se apresentou ao Alferes:

-Bem vindo, Alferes Comandante. Serei o seu imediato.”

“O senhor ainda tem alguns papeis para preencher, referentes, à documentação e, personalização da espaçonave.”

Para sorte de Fernando Zéca Corinthiano, os procedimentos da liberação de espaçonaves para missões, havia mudado, cortando uma série de formalidades.

Agora, o responsável pela nave, fazia a personalização como queria escolhendo até, o seu nome.

Assim sendo, o Alferes escolheu pintá-la com bastante preto, não só por gostar dessa cor, mas, para diminuir sua visibilidade no espaço.

Para batizá-la, escolheu como inspiração o nome GALATRINA, que, sob seu comando, sempre se mostrou sortudo, e, agora por ser produzida para trabalhar para o Serviço Secreto da Federação, se adaptaria para “SSF GALATRINA01”.

Que os ventos cósmicos da boa fortuna, continuassem lhe sendo companheiros no Destino.

***

Assim que entrou na SSF GALATRINA01, um cruzador leve, com as naceles cilíndricas laterais, diretamente ligados ao disco, durante a caminhada pelo seu interior, logo percebeu porquê a Frota entregou o comando daquela nave a um Alferes com seu currículo: Todo o restante da tripulação era constituída por robôs, idênticos àquele, que se apresentara como seu imediato.

Alferes Zéca seguiu então, até a ponte de comando e, encontrou ali, o referido robô que, sem muitas solenidades, lhe atualizou da situação.

-Estamos prontos.

Fernando sentou-se na poltrona de comando, verificou os instrumentos ao seu redor, e disse sem qualquer solenidade ou frescura:

-Então; fumos nessa!

***

O problema de comandar uma nave totalmente tripulada por robôs, é a ausência de humor destes, ou da falta de entrosamento, que pode haver no início da relação com um

humano. Algo que pode comprometer o entendimento e finalidade de algumas piadas...

-Senhor! O que seria “fumos nessa”!

O Alferes, graças à sua experiencia com robôs na condução de naves interestelares, não insistiu na infeliz piada, e, se retificou:

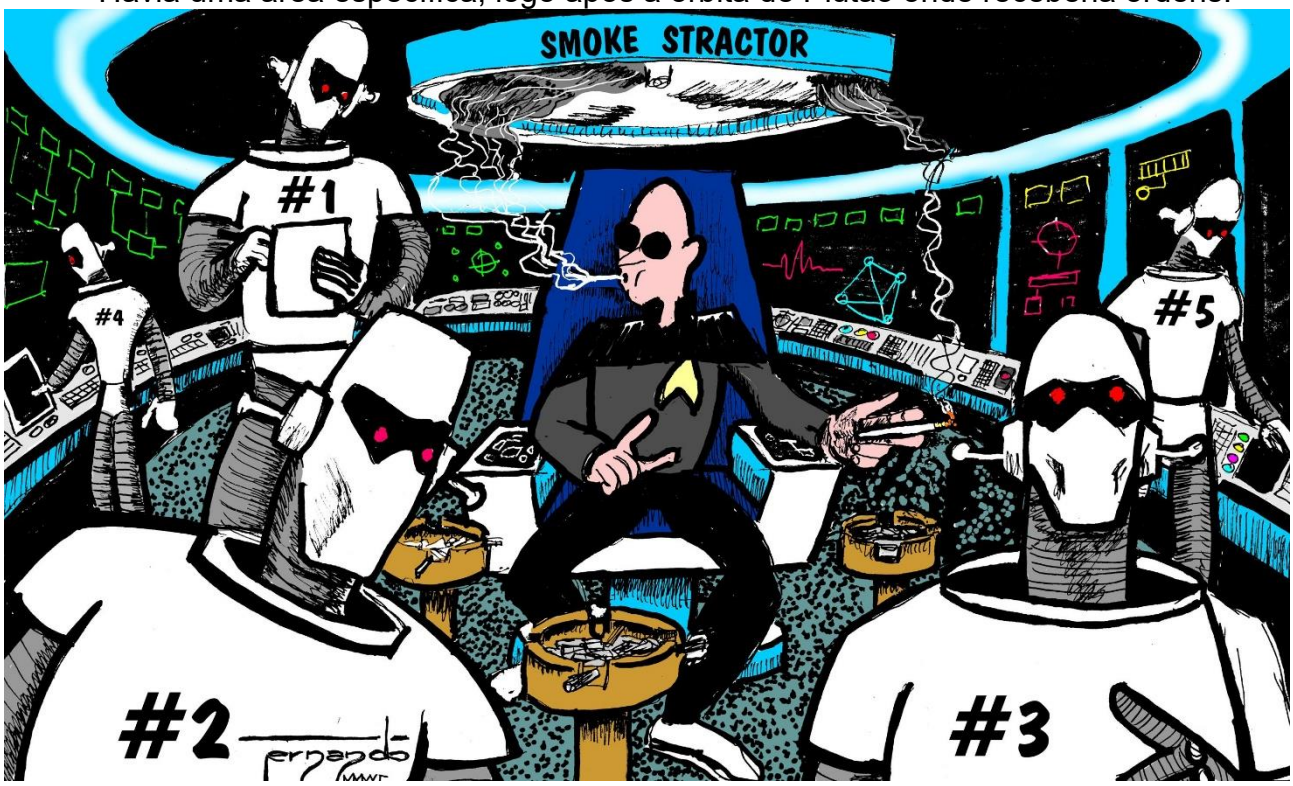
-Vamos nessa! – Disse corrigindo-se pela junção de palavras que atrapalhou a compreensão da ordem.

Superado o mal-entendido inicial, a S.S.F. GALATRINA01 avançou para fora do hangar, afastando-se com segurança das manobras de outras naves que congestionavam as docas de atracagem da estação espacial em órbita da Terra.

Dirigiu-se para uma área de menor movimento e acelerou!

Ganhando velocidade, seguiu rapidamente para os limites do Sistema Solar.

Havia uma área específica, logo após a órbita de Plutão onde receberia ordens.




***

No ponto programado, a S.S.F. GALATRINA01, parou, desligando seus motores.

Na ponte de comando, o Alferes Zéca levantou-se da poltrona, deu uma espreguiçada, se alongou um pouco e inseriu na fenda o cartão que o Almirante Quin lhe entregara na base.

Uma mensagem apareceu logo em seguida.

“Aguarde”

Fernando Zéca aguardou...

Alguns instantes...

Mais quinze minutos... E depois meia hora.

Finalmente, cansado de esperar, disse para os robôs presentes:

-Vocês verificam as coisas agora, que eu vou descansar.

“Me chamem se houver alguma novidade, ou transfiram qualquer mensagem para mim.”

O robô Imediato assumiu o comando, com o Alferes saindo da ponte e seguindo para a cabine onde descansaria um pouco.

Vestiu sua roupa de dormir, cobriu a careca com uma touca que usava na hora do descanso, deitou na cama, enfiando-se debaixo das cobertas e fechou os olhos com um

sorriso.

Quando já começava a sonhar ser um heróico paladino da justiça dos épicos históricos, foi acordado pelo alarme do seu comunicador.

-Alferes! Mensagem pela frequência secreta do Alto Comando."

Fernando Zéca Corinthiano levantou esbaforido batendo continência para ninguém.

Só então, tirou o gorro de dormir, sentou-se, e, ficou de frente para a tela do comunicador, de olhos estalados, onde, menos de 3 segundos depois, apareceu a imagem do Almirante Quinn.

O Alferes Zéca estufou o peito, posou diante da câmera que transmitia a sua imagem para o oficial, e disse:

-Estou pronto Senhor.

-Como deve ter percebido, Alferes, toda a tripulação da sua nave é composta por robôs.

-Sim senhor. Plenamente, Senhor.

-É uma nova política da Federação Estelar que agora está sendo posta em prática, e, você será o pioneiro nos testes dessa implementação.

"Com a atual geração de máquinas, que são bastante avançadas, espera-se reduzir alguns custos na Frota. Mas os modelos com os quais você está trabalhando tem diferenciais. Estes não foram produzidos com finalidade de se parecerem com humanos."

E de fato, o Almirante estava correto.

A tripulação robotizada da SSF GALATRINA01, ainda que, no aspecto geral tivesse forma humana, no mais, era dotada de acabamento rústico, com superfícies metálicas, e diversas peças plásticas visíveis ou salientes.

Por não terem nada a esconder, os robôs não trajavam uniformes, daí, só tinham os números de identificação, que ostentavam no lado esquerdo da caixa toráxica.

O imediato, por exemplo, era o N.#1.

O robô-engenheiro, o N.#2. O Piloto, o N.#3. O Piloto navegador, o N.#4, e, assim por diante.

-Não se engane com a mal-acabada aparência destas máquinas, Alferes.

-Não Senhor, Almirante. Negativo Senhor.

-Elas não foram mais bem finalizadas, pois, não cumprirão funções estéticas.

"Se quiser, pode aplicar sobre elas, a pele sintética que as deixará indistinguível até entre outros seres humanos, mas, a nova política da Frota agora, é a de economizar nos gastos."

-Sem problemas Senhor. Aqui nos viramos, como que temos senhor. Obrigado senhor.

-Alferes, estes robôs, sob seu comando, também: são máquinas de guerra impiedosas, que, não tem restrição para matar, quem quer que seja.

-Entendi, Senhor.

-No futuro, se os testes trouxerem resultados positivos, estes robôs poderão ser nossa primeira linha de defesa contra os inimigos da Federação e da Frota Estelar.

-Entendi, Senhor. Então, a programação destas máquinas não tem as LEIS ASIMOVIANAS implementadas no seu código?

-Não Alferes.

"Basta você ordenar! Desde que, é claro, sejam ordens contra inimigos da Frota Estelar ou, da Federação e não haverá restrições quanto a matar.

-Entendi, Senhor. Cristalinamente compreendido, senhor.

-Outra novidade são os recursos defensivos capazes de proteção contra assimilação Borg, ou mesmo, contra vírus maliciosos que eventualmente, tente reprogramá-las.

-São máquinas bastante sofisticadas. Já pude perceber, Senhor.

-Exato, Alferes!

"Agora, quanto a sua nave, ela também possui defesas muito eficientes contra

invasões nos computadores e os motores foram reformados e tem garantia.  Portanto, não se preocupe, que, tão logo, eles não darão problemas.”

“Até por isso. - Continuou o Almirante. - Você será mandado para uma missão de pacificação em zona de conflito, incluindo patrulhamento em diversos outros setores.”

-Pacificação em zona de conflito? - Pensou o Alferes. - Serviço que necessita de bom armamento. Será que o terei disponível? – Continuou se auto indagando.

-Alferes! Seus computadores irão receber agora, as coordenadas para chegar aos setores, onde fará todo este trabalho.

Fernando Zéca logo constatou que, de fato, os computadores já estavam recebendo as referidas coordenadas. E fez ainda, algumas análises onde constatou:

-Os mapas que o Senhor, está me enviando, são de áreas, na sua ampla maioria, onde a presença Borg é rotineira.

-Exato, Alferes. Queremos testar as defesas das programações dos nossos robôs contra os Borgs e suas próprias defesas.

“Temos também, outros assuntos a tratar nesses lugares, e, a respeito de tudo isso, você será informado no seu devido tempo.”

-Compreendo...

-Este é um importante trabalho para a Frota Estelar, Alferes.

“Siga os arquivos, cumpra as missões e nos dê orgulho!”

“Seus bons resultados, irão trazer incontáveis benefícios para a Federação.”

“Tem muita coisa em jogo, dependendo do seu desempenho. Boa Sorte.”

-Obrigado, Senhor. Aqui às ordens, Senhor.

***

Mesmo sendo mortíferas zonas de conflito, as áreas definidas para o Alferes Zéca patrulhar, ainda transcorreu, um período equivalente a 10 dias terrestres, até as coisas esquentarem de vez para o recém-formado, agora agente do E.Y.E...

Após este tempo de tranquilidade, quando a rotina já parecia estabelecida no interior da nave, subitamente, os avisos de ALERTA VERMELHO ecoaram.

Finalmente, haviam emergências para serem atendidas!

Não eram bem na zona de patrulha definida para o Alferes Zéca, mas, estavam ali próximas de onde a S.S.F. GALATRINA01 se encontrava naquele momento.

A temperatura estava efervescendo agora.

## A ESTAÇÃO ESPACIAL NOVE.

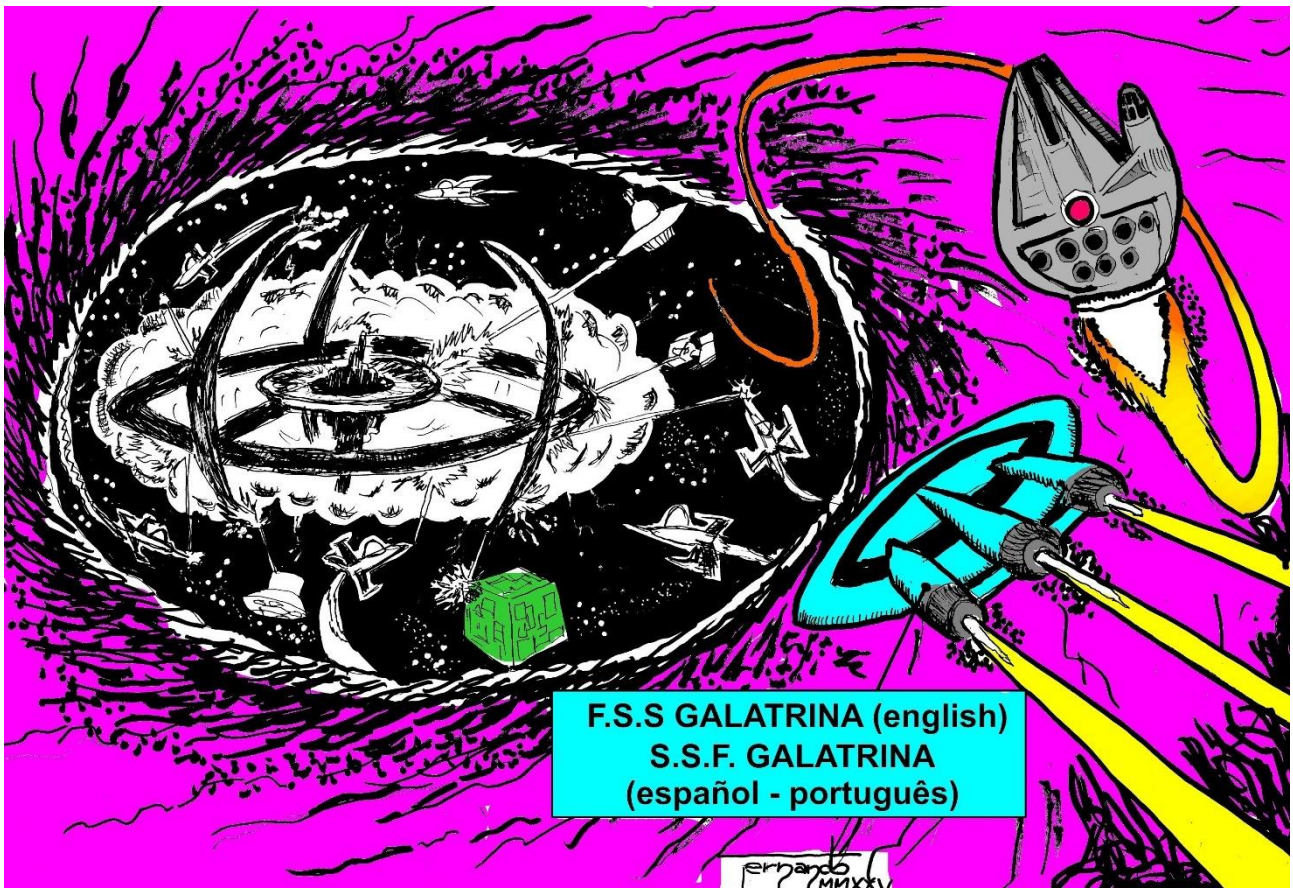
Estava sob ataque de centenas de naves espaciais saídas do buraco de minhoca existente, nas suas imediações.

Sem perda de tempo, Alferes Zéca tomou a decisão de dar seu suporte naquela luta, acelerando os motores da S.S.F. GALATRINA01 para o cenário de combate.

Graças à habilidade e seus macetes do piloto, conseguiu fazer a espaçonave viajar em velocidade média maior que o usual, sem que os propulsores explodissem com tanto esforço, arriscando até mesmo a investida, se tal manobra redundasse, por conta d'algum lance de azar, em morte inútil.

De qualquer forma, o Alferes, sinceramente, sentia-se na obrigação de atender o urgente o chamado, qualquer que fosse o esforço necessário, e assim determinado seguiu.

***




Após viajar a velocidades inconcebíveis através de um túnel hiper espacial a S.S.F. GALATRINA01 saiu deste, para materializar-se bem no meio do caos da batalha!

Como diria a sabedoria popular, outro cego acabara de chegar bem no meio do tiroteio.

Não seria nenhuma tática ou, estratégia, que naquele momento salvaria o expediente...

Alguma dose de sorte, talvez, desde que se fizesse tudo acertadamente.

De qualquer forma, sem alternativa, a S.S.F. GALATRINA01 entrou na luta.

Na medida do possível, utilizaria a velocidade para atacar os adversários que estivessem ao seu alcance tentando fugir dos tiros que fossem disparados contra si.

E para tornar as coisas ainda mais desafiadoras, aquela espaçonave, mesmo sendo relativamente ágil, e veloz, tinha a artilharia muito fraca para seus adversários.

Acertava diversas vezes os inimigos, fustigando-os como podia, mas, suas armas, não pareciam ser suficientemente poderosas para os liquidar definitivamente.

Por não conseguir nocautear os oponentes, coisa que, acabava se tornando outro martírio, tinha que fugir, e, acabava “levando chumbo grosso” durante a fuga.

Os robôs se adaptavam rapidamente aos fatos, e mantiveram a integridade da nave, por mais tempo, do que aquele, que os melhores comandantes da Frota, suportariam na mesma situação.

Assim, muitos disparos acertaram a S.S.F. GALATRINA01, e, pouco a pouco, foram comprometendo cada vez mais o seu desempenho que, de qualquer modo, continuou cuspindo fogo até o esgotamento das baterias e munições, contra o inimigo que já demonstrava, não ter calculado corretamente, as forças que teria de empenhar numa invasão daquele porte.

Os heroicos esforços da S.S.F. GALATRINA01, para sobreviver à tão épico cenário de batalha, e, na medida do possível, impingir danos ao inimigo, pareciam inúteis ante a grandiosidade do evento, mas, ajudavam na defesa da ESTAÇÃO ESPACIAL NOVE, ensinando novas manobras ao Alferes, que, durante horas, retaliou com as forças que tinha

contra o inimigo poderoso, ora, batendo nave com nave, ora empurrando, e, até mesmo, utilizando-se de táticas das brigas de gangues de rua, em ataques coordenados em bandos, como os corvos enfrentando pássaros maiores e mais poderosos.

Finalmente, depois de muito sacrifício, quando os defensores foram ganhando maior resistência ainda, contra os atacantes, que, por sua vez, já sofriam mais danos do que impingiam, começou a debandada.

O inimigo abandonou o ataque e fugiu, batendo em retirada.

O que, não queria dizer que, doravante a vida da S.S.F. GALATRINA01 seria fácil.

Castigada já por diversos disparos que a atingiram direta, ou, indiretamente, esta ainda foi alvejada por um torpedo fotônico, que finalmente a tirou de vez, da luta.

***

E assim, superando as expectativas, muito depois além do que já seria previsível, finalmente ocorreu o que o Destino prenunciava.

A S.S.F. GALATRINA 01 foi irremediavelmente atingida e, uma explosão na ponte de comando, ensurdeceu o Alferes, deixando na sua cabeça, um persistente zumbido.

Pelo menos, ainda estava vivo, mas, quase nada funcionava tendo ainda, um rombo para fora da nave, e a destruição de quatro robôs, contabilizando o estrago.

Casualmente, ou não, os robôs esfacelados, eram justamente da segurança, ou seja, se uniformizados fossem, estariam vestindo as famosas camisas vermelhas, que segundo reza a lenda, aumentam as chances de morte, dos seus usuários.

Outros, assim como o N.#1, o Imediato, continuavam a funcionar, mesmo com a mudança ambiental na ponte de comando que também não prejudicou o Alferes Zéca, imediatamente protegido por um campo de força esférico, que se formou ao seu redor, no momento da explosão.

Assim, com a cabeça zunindo ainda se julgava sortudo mesmo não podendo verificar o todos os estragos, pois, foi logo teletransportado para a enfermaria, onde foi examinado.

***

-O Doutor (robotizado) está analisando os resultados dos seus exames, e já vai te indicar os procedimentos a serem seguidos.

-Ok! Disse Zéca, deitado numa maca de alta tecnologia.

Logo adiante do rosto do Alferes, apareceu a imagem do Imediato:

-Alferes! O campo esférico protetor, conteve todos os destroços decorrentes da explosão, te salvando. O zunido que está ouvindo é temporário, mesmo assim, deverá descansar durante doze horas, até seus sinais estabilizarem completamente.”

Alferes Zéca ergueu o tronco dizendo:

-Mas eu preciso verificar e fazer os...

Não teve tempo de terminar a frase.

O médico-robô lhe aplicou um sedativo no pescoço que, imediatamente, o colocou para dormir, e disse:

-Alferes! O N.#1 cuidará das coisas para o Senhor. Agora durma!

***

E mesmo enquanto sonhava, o Alferes se indagava, se havia alguma coisa que pudesse ter feito para evitar maiores prejuízos à S.S.F. GALATRINA01.

A resposta, o seu próprio inconsciente lhe fornecia:

-Não poderia ter feito nada melhor além daquilo que já fizera.

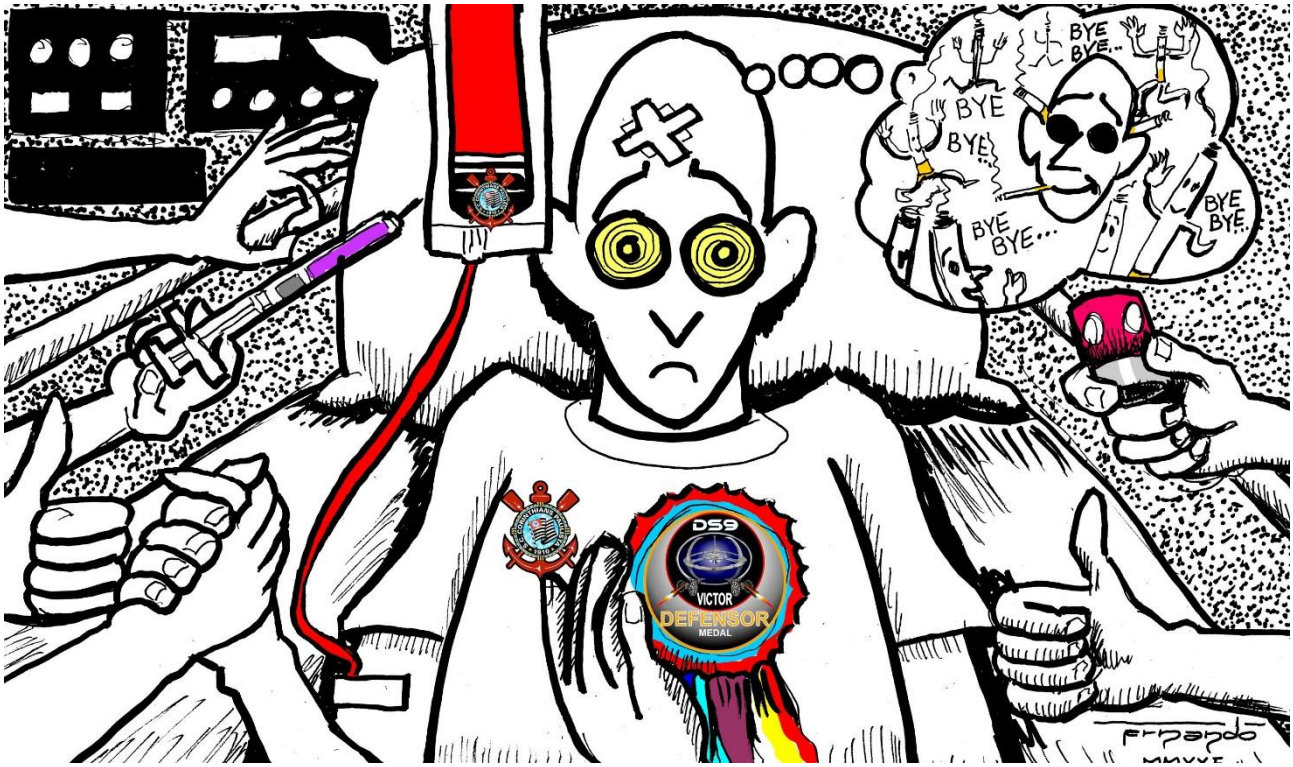
“Mas, daqui por diante, instale outras armas e campos protetores melhores.”

De fato, a configuração da nave, que o alferes tinha sob seu comando, na verdade, só era adequada para missões suicidas.

Aquele não era bem o tipo de trabalho que procurou ao ingressar na Frota Estelar, mas, já que era assim, faria sua vida custar caro para o inimigo, levando consigo para o inferno, o maior número possível deles.

Esse pensamento, estimulou o seu subconsciente a trabalhar em novas soluções, que fossem mais mortíferas, aos antagonistas da Federação, no próximo combate.

***




Acordou com uma medalha sendo colocada no seu peito.

-Parabéns Alferes! Você está sendo condecorado pelos valiosos serviços prestados na defesa da ESTAÇÃO ESPACIAL NOVE e, dos interesses da FEDERAÇÃO DOS PLANETAS UNIDOS.

Fernando Zéca Corinthiano torceu a cara por conta do recém despertar, mesmo assim, agradeceu, um tanto surpreso, ainda tropeçando em ideias e palavras.

-Obrigado!

Aceitou de bom grado o reconhecimento, ainda que, tivesse sido impedido, pela baixa potência de suas armas, de fazer mais pela defesa da estação.

-Quem sabe... - Acreditava ele. - A honraria lhe garantisse agora, um pequeno aumento no soldo.

Mal sabia que qualquer um que, durante a batalha, tivesse apertado algum parafuso velho em benefício da Estação, também recebeu o mesmo reconhecimento.

Mesmo assim, sentia-se valorizado com a condecoração que o entusiasmava ainda mais para retornar ao trabalho:

-Tem uma patrulha esperando por mim.

-Sua nave está sendo reparada e, seu desejo de voltar para o serviço, não demorará em se realizar. Até lá, suas ordens são para descansar e recuperar as forças.

-Já que minha nave está sendo recuperada, gostaria de aproveitar e fazer um pedido...

-Claro Alferes! Estando ao nosso alcance...

-Vou precisar de armamentos mais poderosos para os próximos combates...

O oficial pigarreou, mas, logo se recuperou do pedido inusitado:

-Um verdadeiro guerreiro! Até no descanso, está antecipando como vencer sua próxima batalha...

“Não se preocupe! Vou pedir armas melhores para sua nave.”

“Só não sei se os burocratas atenderão teu pedido a tempo.”

“De qualquer forma, descanse!”

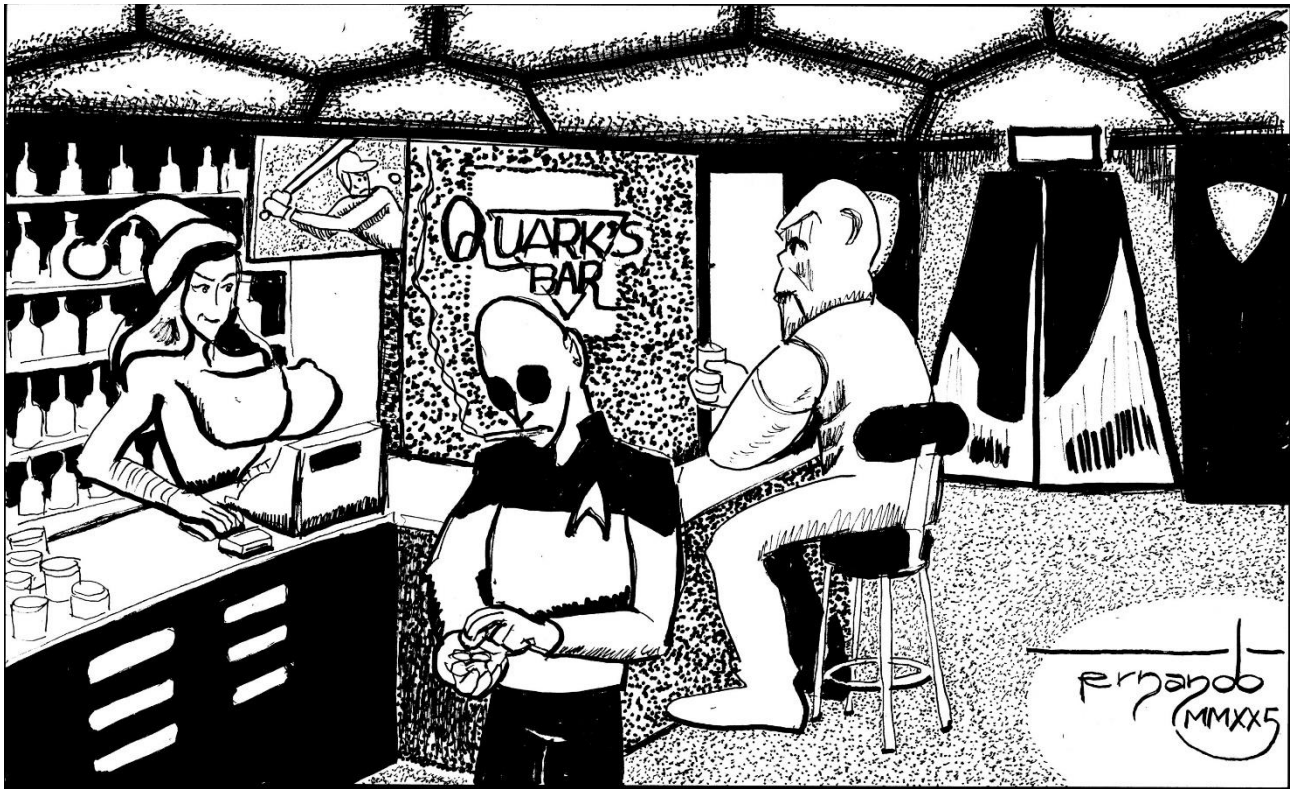
-Sim senhor...

O oficial deixou o Alferes sob os cuidados do enfermeiro robotizado, sabendo que, dificilmente, pedidos por armas melhores seriam atendidos.

Mas este, era um problema que não precisava ser antecipado para o momento...

***

**QUARK'S BAR**




Tão logo recebeu alta, o Alferes Fernando Zéca Corinthiano foi direto para o Bar do Quark celebrar o bota-fora da enfermaria.

No balcão, gastou seus últimos trocados numa garrafa de seu energético favorito entornando tudo goela abaixo em alguns poucos e rápidos goles.

Como antes já tinha comprado fichas, subiu para o piso superior, onde iria se divertir nos jogos.

Sentou-se no console da sua máquina favorita, colocou o capacete que o conectava

diretamente ao interior do jogo, e, deu início à partida.

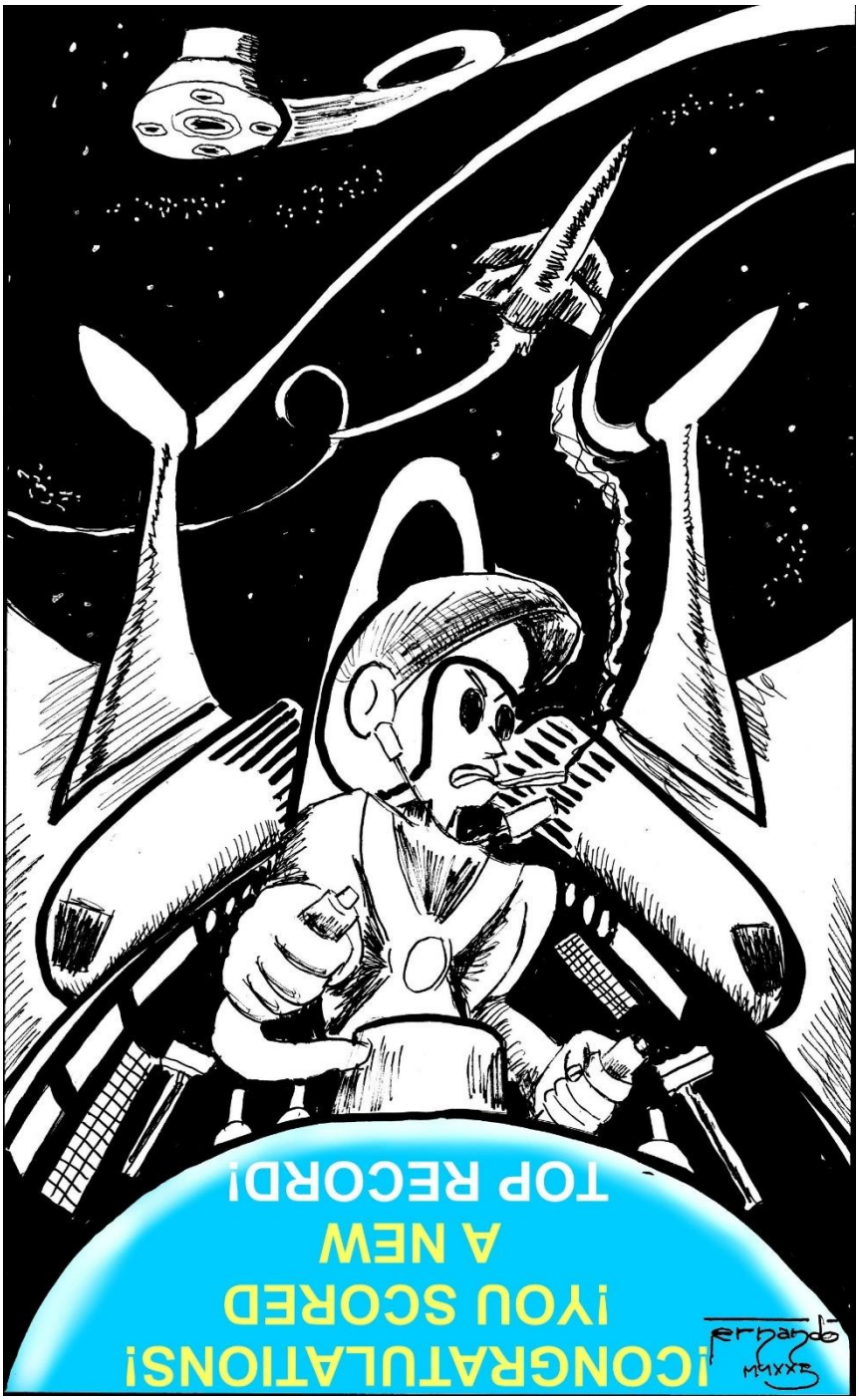
Ali, poderia passar horas simulando a pilotagem de uma nave de guerra obrigada a enfrentar diversos tipos de inimigos.

Mais ou menos semelhante com a rotina que a Frota o obrigara a enfrentar em sua última missão.

A diferença é claro, estava nos armamentos que, usava no jogo, muito mais potentes do que os disponíveis na S.S.F. GALATRINA01.

No jogo, conseguia fazer o inimigo sofrer muito mais do que na realidade.

E, naquele momento em especial, com a sua inspiração alta, estava tendo um desempenho extraordinário.




Já alcançara uma das etapas mais difíceis do jogo, utilizando apenas um terço do tempo que normalmente gastava para tanto.

Faltava pouco para quebrar o seu recorde pessoal, e, logo, o da máquina.

Estava definitivamente muito inspirado, já que, mantinha alta a concentração e o

desempenho, sem fazer grandes esforços.

Uma espécie de transe que o fazia sentir-se vivendo a realidade virtual da partida.

Mas algo estava acontecendo no seu entorno, e, sem que soubesse, poderia tirar sua concentração...

Havia uma gritaria fora do console onde estava jogando.

Dois tipos nausicaanos ENORMES começaram a brigar.

O Alferes Zéca não se preocupou com eles, afinal, ambos eram muito grandes para o seu tamanho, ademais, sua preocupação naquele instante, estava voltada para o placar, onde, em alguns segundos, estabeleceria um novo recorde.

Para tanto, faltava muito pouco...

Foi então que a máquina onde estava jogando, apagou totalmente.

Uma rápida olhada geral, e, logo, os olhos treinados do Alferes identificaram o problema: Os briguentos, no calor da disputa, acabaram desligando a tomada da máquina, deste modo, prejudicando aquela que, seria a sua partida do século.

O Alferes Zéca, a despeito do seu tamanho, que, como já foi lembrado, era bem menor do que o dos nausicaanos, que, em média, tinham mais de dois metros e vinte de altura, avançou com rapidez, pelas costas de um deles, e, despejou suas frustações numa poderosa voadora, que, acertou com perfeição a base da coluna do brigão.

O golpe saiu tão magistral, que, além de fazer o clássico barulho de CRECK, ao atingir o local do chute, ainda lançou o infeliz contra o próprio oponente.

O que aconteceu a seguir, não poderia dar certo nem nos antigos filmes em preto e branco de comédia pastelão do início do século XX.

O sujeito que levou o golpe, foi empurrado violentamente para frente, tropeçando nos pés, e, na queda que sofreu a seguir, ainda acertou durante o percurso, o queixo do oponente com a própria testa.

Daí que, os dois brigões, para surpresa do atônito Alferes, caíram inconscientes, esparramando pelo chão, armas bebidas e fichas.

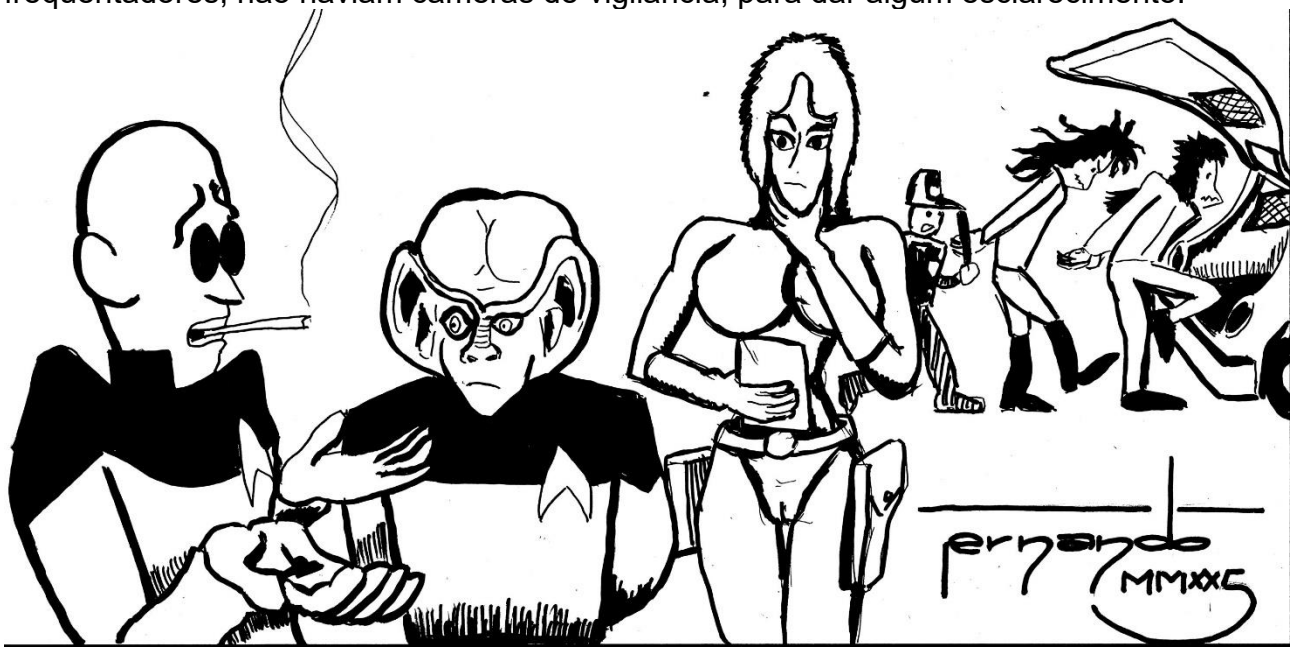
Ainda irritado, Fernando Zéca, que não tinha mais que um metro e sessenta e cinco de altura, afixou a tomada da máquina e voltou a jogar.

Seu desempenho posterior, entretanto, nem de longe se igualaria ao que estava tendo, antes de quase quebrar o recorde.

***

Assim que deixou o console onde jogou todas as suas fichas, sem o sucesso inicial, encontrou o recinto repleto de seguranças da Estação, e, os nausicaanos brigões, algemados, sem saber direito o que tinha lhes acontecido.

Como aquele ambiente era reservado, e oferecia maior privacidade aos seus frequentadores, não haviam câmeras de vigilância, para dar algum esclarecimento.




Uma das policiais da estação, aproximou-se do Alferes, mostrou-lhe suas credenciais e, sem perda de tempo, já foi logo perguntando:

-O senhor por acaso viu o que aconteceu por aqui?

-Não sei de nada não senhora. Não vi nem ouvi nada. Estava concentrado no meu jogo."

Como sabia que não haviam imagens que o comprometessem, nem qualquer testemunha presente no momento da voadora, o Alferes, resolveu omitir a verdade da Autoridade, até para se preservar de eventuais represálias, de quem quer que fosse.

Com ares de inocente, indagou a seguir:

-O que houve?

-Ainda não sabemos com detalhes. Estes dois estavam brigando e acabaram se acertando. Só sabemos que são piratas, membros de perigosas quadrilhas, e tem ordem de prisão expedidas tanto pela Federação, bem como pelo Império Klingon."

A agente de segurança tirou do bolso um cartão, e, entregou-o para o Alferes:

-Se lembrar de algo, entre em contato comigo.

-Claro! Sim senhora. Posso ir agora?

-Pode.

Sem ser percebido por mais ninguém, o Alferes Zéca saiu do salão, até para não causar maiores suspeitas.

Assim que chegou ao corredor lateral que descia para o piso inferior, foi interceptado por um ferengui.

-Olá, Alferes! Meu nome é Nog. Trabalho aqui com a minha família.

***

**NOG**

O Alferes olhou para o ferengui, que, com um gesto, o chamou para perto de si, na parte mais escura do corredor.

Não demonstrando qualquer tipo de desfeita, Zéca se aproximou desconfiado.

O ferengui fez um movimento circular com o dedo indicador em riste, apontando para os lados.

-Aqui, as câmeras e microfones não irão espionar a nossa conversa.

Fernando ficou quieto.

-A propósito, você tem um ótimo chute, Alferes.

“Alguns times de futebol, certamente contratariam alguém com seus talentos.”

-Pensei que ninguém tivesse visto.

O olhar experiente e perscrutador do experiente e sábio ferengui, logo percebeu a ponta de preocupação que se desenhava no rosto do Alferes, e já o tranquilizou.

-Eu estava escondido. Mas, não se preocupe comigo. Você saiu sem dar detalhes à segurança e logo percebi que não quer confusão.

-Exato. Quero distância da fama nesse caso. Já estou arrependido de ter chutado esses caras!' Agora percebo que deveria ter agido com mais calma!”

-E faz muito bem em ficar em silencio. Estes nausicaanos não respeitam ninguém! Eles são do P.O..

-P.O.???

-Partido Obrero.

***

-Partido Obrero? Mas até aqui tem agentes dessa turma?

-Sim. Ainda que até alguns agentes de segurança da estação não reconheçam tamanha obviedade! Portanto tenha cuidado.

-Malditos sejam! Onde quer que eu esteja, escuto falar dessa turma.

-Veja pelo lado bom: Com a sua explosão de raiva, o Partido vai entrar na lista de preocupações da segurança da Estação e, talvez até, da Frota Estelar já que, com os naucasianos foram encontradas provas que solucionaram vários crimes sob investigação.

“Sendo operações ilegais destes malfeitores prejudicadas com as investigações que, esperamos aconteçam, muitos negociantes honestos vão te agradecer pelos momentos de alivio que terão durante o tempo que o Partido estiver enfraquecido.

-Então, te livrei de sérios problemas...

-Apenas durante o tempo que o Partido eventualmente estiver enfraquecido caso a Segurança da Estação e da Frota investiguem o assunto...

“Temos que levar em conta, que estes dois pilantras têm advogados poderosos prontos para defendê-los, então, não devem ficar muito tempo presos...”

-Vejo que só me arrumei mais dores de cabeça...

-Alferes! O senhor não corre perigo se ficar de boca fechada. É justamente para isso que vim conversar contigo.

“Os próximos dias serão agitados por conta dessas investigações, mas, ninguém deve te relacionar ao caso, já que, não imaginam que, alguém com o seu tamanho seria capaz de nocautear esses tipos com as mãos limpas e um pouco de sorte.”

-E qual é o teu interesse no meu silencio?

-Se a situação se mantiver assim, eu saio no lucro. Não quero confusão com as autoridades, muito menos, com o Partido Obrero que tem orelhas abertas em todos os lugares, então, você fica quieto, não traz mais aborrecimentos ao meu estabelecimento, e ficamos todos felizes.

-Eu não comecei a briga. Se você viu mesmo o ocorrido...

-Não me interessa quem tem razão! Eu não quero problemas e nem brigas no meu estabelecimento.

-Fique tranquilo. Vou me disciplinar para não ficar irritado com ninharias, nem aumentar minha cota de problemas.

-É o melhor, Alferes! Não é bom abusar da sorte com essa gente, que é violenta, bem armada, e disposta a defender os seus interesses, a qualquer custo...

-Esse Partido Obrero deve ser mais poderoso que uma lula gigante. Está em todos os lugares! Talvez até, disponha de uma frota de naves para fazer seus negócios.

-Com certeza dispõe, Alferes. E saiba que: as naves que servem os figurões do P.O., tem arsenal bem melhor e mais poderoso que na Frota Estelar.

-Se as outras naves da Frota tiverem armas tão fracas e medíocres quanto as que disponho na minha, então, a Federação está em maus lençóis.

-A Frota está com sérios problemas, Alferes. Só que, ainda não sabe, até porquê, a Federação está fazendo negócios com organizações ligadas ao Partido Obrero, comprando destas, armas e equipamentos de segunda linha, montados a baixo custo, por fabricas klingons clandestinas."

-Mal dá para acreditar, sendo justamente a Federação, que, só no Sistema Solar, exige centenas de certificados de qualidade das empresas que colaboram com prestação de serviços, e, na fabricação dos equipamentos que utiliza. "

-Precisamente Alferes, sendo inclusive, a maior parte do equipamento adquirido, destes associados do Partido Obrero, além da qualidade duvidosa, são montados em ambientes insalubres por crianças trabalhando em regime de escravidão."

-Crianças em ambientes industriais, trabalhando pesado?

"Com tanto robô sendo vendido nas liquidações? Nunca achei que a própria Federação permitisse algo assim..."

-Escravo sai mais barato que robô, Alferes

Zéca fez cara de nojo enquanto Nog continuou:

-Leve ainda em consideração, que são tempos de guerra, causados por povos que não praticam, aquilo que na escola nos ensinam ser a tal democracia.

"Lembre-se também, de que, parte da Federação fecha os olhos diante deste crime mantendo esta e outras histórias do gênero, por baixo do tapete, não perdendo privilégios, poderes e ganhos."

-Caramba. No fim, o problema é que eu, e, muitos outros usando armamento de segunda, sofremos desperdiçando inutilmente, munição para derrubar o inimigo, quando, poderíamos resolver tudo com apenas um tiro dado por qualquer arma decente."

-Ahh, Alferes! As armas da Frota Estelar já não são mais tão confiáveis para o guerreiro que busca a vitória no combate. Quem quiser vencer pela Federação, deverá ir amparado com um poderoso cartão de débitos instantâneos, ou, muito latinum, só com reforço assim, se consegue naves equipadas e potentes."

-Acho que a minha vai receber armas novas. Um oficial disse que me ajudaria...

-Se o tal oficial te arrumar armamento de algum fornecedor da Federação, dessa linha que estou te falando, então, será produto de segunda... - Salientou Nog.

-Espero que não...

O ferengi olhou novamente ao redor e começou a andar fazendo um gesto discreto, para que o alferes o acompanhasse em direção ao primeiro piso do bar.

-Espero que você receba boas armas, mas, se quiser equipar sua nave com um arsenal de primeira linha, fale comigo. Tenho tudo o que precisa.

-No momento, meu caixa está baixo, Nog. Mas, virei te procurar quando tiver tempo e latinum disponível."

Os dois aproximaram-se do balcão, onde mudaram de conversa.

-Sirva uma cerveja romulana para este meu amigo da Frota Estelar, disse o ferengui para a linda atendente.

-Sim, Senhor Nog.

-Gentileza sua. - Agradeceu Fernando Zéca.

-Você me livrou, momentaneamente, daquela dupla de sanguessugas.

“Vou aproveitar o tempo, para aumentar os lucros. Não será muito, mas, o caixa terá melhor fluxo.”

O Alferes ia dizer alguma coisa, quando o comunicador preso à sua roupa chamou.

-Fernando Zéca, aqui! – Respondeu nosso destemido careca com um toque.

-Alferes! Venha para o hangar agora. – Disse uma voz pelo dispositivo. - Chegaram ordens para você.

-Estou a caminho! Zéca desliga.

Em seguida, o Alferes levantou-se, e, pediu para a atendente cancelar o pedido.

Despediu-se de Nog com um cumprimento, prometendo:

-Assim que eu estiver com algum crédito sobrando, venho aqui conversar contigo, a respeito das armas. De qualquer forma, te passarei o modelo da minha nave, e algumas especificações dela, para você já ir pesquisando o que eu posso usar para deixá-la melhor.”

-Deixa comigo!

Em marcha acelerada, o Alferes saiu do Bar do Quark e caminhou rapidamente pelos corredores da estação espacial em direção ao hangar onde era chamado.

Um pensamento passou rapidamente pela sua cabeça:

-Quando finalmente tenho sorte, e oportunidade de ganhar algo de graça diretamente das mãos de um ferengi, o dever me chama urgentemente...

***

## AUDACIOSAMENTE INDO...
## ONDE NENHUM TERRAPLANISTA ESTEVE JAMAIS!

Alferes Zéca apresentou-se ao escritório de oficiais do hangar onde estava atracada à S.S.F. GALATRINA01.

Lá, encontrou o robô N.#1, seu Imediato que, foi recuperado dos danos sofridos na explosão da ponte que, pragmático como sempre, entregou ao Corinthiano, um tablet.

-Aqui estão nossas ordens, Alferes. Diretamente do Almirante Quinn.

O Alferes pegou o tablet e disse:

-Verificarei na minha cabine, imediato.

-Ok.

-Nosso horário de partida já foi programado, N.#1?

-Sim. Para daqui uma hora.

-Recebemos de alguém, armamento novo para equipar a S.S.F. GALATRINA01, imediato?

-Não senhor. Estamos recuperando as antigas e deixando-as operacionais para o serviço.

O Alferes ficou quieto e conteve até uma manifestação de desapontamento, lembrando da promessa que recebera de ganhar novas armas para sua nave que, obviamente, não estava sendo cumprida.

O negócio era de qualquer modo, seguir adiante.

-Ok. Estarei pronto.

O Alferes foi para sua cabine, enquanto pelo caminho ia supervisionando o serviço impecável de sua tripulação.

Os robôs da nave trabalhavam sem cansaço, ou, reclamação, realizando uma produção irrepreensível.

Fernando às vezes, sentia-se até um pouco culpado, por não colaborar tanto quanto as máquinas que estavam sob seu comando, principalmente, quando sabia que devia

descansar.

Sentou-se diante do computador na mesa e os dedos do Alferes, num gesto automático, acionaram a linha de comunicação codificada, através da qual, falaria com o Almirante Quinn.

Assim que a sua imagem apareceu na tela, o veterano foi diretamente ao assunto.

-Alferes, tenho uma missão que demanda as habilidades de um piloto experiente como você.

-Às ordens, senhor.

-Sua nave está recebendo uma grande carga de armas para serem entregues ao Diretor Sonny Blue, para tanto, você as levará até as coordenadas que lhe serão passadas em anexo.

-Pois não, Senhor! - disse o Alferes, em seguida olhando para um monitor ao seu lado. - Já estou vendo as informações anexas a que o senhor se refere.

“O destino aqui indicado é Ration, que a Federação usualmente denomina Mundo de Atlas. Estou correto?”

-Sim Alferes. E, como você sabe, Ration fica no interior de uma nebulosa extremamente turbulenta, cuja transposição, exige grande habilidade dos pilotos que por lá transitam.

-De fato, Almirante, existem companhias especializadas em viagens por esta nebulosa.

-Alferes. A Frota Estelar não vai contratar estas empresas, porque a nossa missão é secreta.

-Sim senhor, Almirante.

-A situação é a seguinte: O Sonny possui aí, uma importante rede secreta de colaboradores que nos comprovou o acerto das previsões, que o Alto Comando Estratégico da Federação já fez a tempos, no sentido de que, devido à sua localização estratégica e farta disponibilidade de recursos naturais, Ration ganharia importância no cenário das disputas de poder entre potencias amigáveis ou não à FEDERAÇÃO.”

“Quem tiver maior influência, dominando o local, acabará conquistando a supremacia com relevância em todo o quadrante, e, no futuro, por toda a galáxia.”

“Se a Federação um dia quiser conviver em paz com seus vizinhos, terá de garantir controle sobre essa região.”

-Entendo, Almirante.

-Atualmente, Ration está enfrentando uma crise social devido à economia, que não está indo bem com a miséria crescendo e a fome, se espalhando.

-Inacreditável! Aquela região é riquíssima em recursos naturais, Almirante!

-Pois é, Alferes, mas os políticos e governantes de Ration, não muito melhores que os nossos, também são extremamente corruptos, e, mesmo no meio de tanta riqueza, conseguem deixar mais de quatro quintos dos habitantes, na pobreza absoluta.

“Para piorar, uma grande peste está se alastrando por todo o planeta a cada hora, ceifando mais vidas.”

-Então deverímos enviar remédios e comida, Almirante.

O almirante abriu um sorriso e continuou...

-Mandaremos armas, Alferes! Estamos bancando uma insurgência em Ration!

-Mas Almirante, e a Diretriz Primeira? Como fica?

-Fez bem a lição de casa Alferes, mas, a Diretriz Primeira fica como está.

-Mas é que ela prega a não interferência da Federação em assuntos alheios!

-Concordo, Alferes! Mas quem está manipulando esse cenário de corrupção, desvios, inflação e até de doenças se espalhando pelo povo, não somos nós, Alferes, e, muito menos, os próprios Rationianos.

-Mas quem, Almirante?

-O PARTIDO OBRERO, Alferes.

***

Onde será que o pobre Alferes teria ouvido este nome antes???

Não precisou nem de um milésimo de segundo para lembrar... De novo...

O maldito Partido Obrero, mais uma vez, tropeçando no seu caminho!

Já estava virando uma sina que insistia prossegui-lo em cada esquina da galáxia.

-Percebe o tamanho da encrenca, Alferes?

Fernando Zéca Corinthiano engoliu em seco, e, apesar do iceberg de medo que subitamente se formou na barriga, manteve a cara de jogador de poker profissional, que dava a qualquer interlocutor, a impressão de estar diante de alguém destemido, frio, e, duro, como o aço das espadas japonesas.

-Começo a perceber melhor as coisas....

O Almirante fez uma breve pausa logo retornando às explanações.

-A rede local de espionagem do Sonny percebeu que, o Partido Obrero, está infestando este mundo, com mosquitos geneticamente modificados para causar doenças mortíferas, através de uma operação que conta com o apoio de agentes no governo local.

O Almirante fez uma pausa para o Alferes digerir aquela informação, e continuou:

-A Resistencia Rationiana está programando greve geral seguida de golpe civil.

“Independentemente da nossa ajuda, a insurgência ocorrerá, só que, se não a abastecermos, ela vai acontecer com poder de fogo muito reduzido e menores chances de sucesso. O E.Y.E. está monitorando tudo, e, pretende apoiar o movimento de insurgência.”

“Se a revolta for bem-sucedida, a Federação garante aí, o seu espaço no cenário, ajudando ainda, um povo oprimido a derrubar outra tirania local.”

“Casualmente, essa oportunidade surgiu com a recente prisão de dois nausicaanos na Estação Espacial Nove que tinham em seu poder, o arsenal que você levará para Ration.”

“O Sonny já coordenou tudo, para trabalharmos discretamente, Alferes.”

“Você fará contato através de um canal codificado com ele, teletransportará a carga para o local que te for indicado, e provavelmente sairá de Ration em seguida, sem ser percebido.”

-Não se preocupe, Almirante. Já circulei muito pela Nebulosa Azul Celeste.

“Conheço caminhos usualmente não percorridos pelas companhias de transporte, que operam em rotas mais seguras.”

O Almirante Quinn ouviu e então prosseguiu:

-Com as armas do próprio Partido Obrero, armando a Resistencia, a participação da Federação nesta insurgência não poderá ser provada, assim a culpa recairá sobre quem por coincidência já é um dos verdadeiros causadores dessa tragédia social em Ration.”

“Não perca tempo Alferes, siga agora para a missão.”

-Imediatamente, Senhor.

-Boa sorte, então.

O Almirante Quinn fez uma saudação e desligou.

Nem bem foi encerrada a conversa, o Alferes tirou os olhos do monitor onde aparecia a imagem do Almirante e se surpreendeu:

Uma desconhecida já havia entrado na sua cabine sem que tivesse percebido.

Ela estava parada ao lado de sua mesa, fumando um charuto.

***

**PRIMA VERÔNICA**

A primeira preocupação do Alferes, foi saber quanto da sua conversa com o Almirante ela escutou, dúvida esta, que a própria ouvinte esclareceu:

-Olá, Alferes! Sou Prima Verônica. Faço parte do Serviço Secreto da Federação.

A explanação dela, apenas justificava “um pouco” o seu ingresso na nave, e, talvez, mesmo assim, Fernando Zéca não deixou de externar a sua confusão...

-Como entrou aqui? Não me avisaram de ninguém na minha nave...

-Primeiramente, vim lhe desejar boa sorte, na sua missão contra a tirania do atual governo Rationiano. - Respondeu ela de forma evasiva. - E também estabelecer laços, para um relacionamento duradouro entre nós.”

A mente poluída do Alferes, logo avaliou a intrusa.

Uma senhora talvez sexagenária, em exuberante forma física.

Cabelos longos prateados, e, um belo rosto marcado pelo tempo.

Sem dúvida, uma MULHER, como aquela da clássica música terráquea:

*“Panela velha que também faz comida boa.”*

-E claro, Alferes: para estabelecer com força estes laços, trouxe-lhe como presentes: acessórios para a sua nave, que aumentarão o desempenho e poder de fogo.

Fernando Zéca Corinthiano logo pensou em termos de desempenho sexual, mas preferiu ser mais realista:

-Armas?

Ela deu um breve e sorrateiro sorriso.

A fértil e inapropriada imaginação de Fernando Zéca, logo se mostrou prodigiosa, porém, pouco ancorada na verdade.

Aquele mulherão magnífico que até os mais velhos e experientes zurrariam de alegria, não estava ali para resolver nenhum de seus problemas sexuais, mas sim, a estimulá-lo no combate sangrento contra os inimigos da Federação, coisa que, certamente, em algum momento culminaria na sua morte.

De qualquer forma, diante daquela monumental beleza, ele rapidamente aceitou os fatos da vida, e, civilizadamente agradeceu:

-Veio em boa hora. As armas que eu tinha antes, parecia boas no projeto, mas, no combate, não atingiu as expectativas."

-De fato, você tem razão, Zéca. Teu armamento vai ser atualizado, de acordo com os dados obtidos nos últimos combates em que você participou.

"Agora com mais recursos, tuas condições para ajudar no esforço da Federação, serão maiores, sendo a presença da S.S.F. GALATRINA01 daqui por diante, a diferença entre a derrota e a vitória no trabalho e no combate."

Aquele belo jogo de palavras bonitas vindos através de voz tão suave e sedutora, até estimulou o nosso bravo Alferes a continuar dando o melhor de si.

De qualquer forma, percebendo que Prima Veronica já sabia tanto da própria nave quanto ele, continuou a conversa, de forma mais franca:

-As atualizações vieram em boa hora, mas, gostaria de não me defrontar com tantos problemas só para fazer a entrega de uma carga..."

-Não é uma simples entrega, Alferes: É a salvação chegando para virar o jogo!

Prima Veronica continuou explicando a importância da missão:

-Lembre-se que o transportador de armas, numa guerra, pode ser a peça que permite a decisiva reviravolta, transformando a derrota certa em vitória.

Prima Veronica olhou firmemente para o Alferes, e disse:

-Se esta missão não for bem-sucedida você estará sozinho.

"Nem a Frota Estelar, muito menos o Serviço Secreto da Federação, confessarão qualquer ligação contigo. Você será morto e, teu cadáver, largado em algum canto esquecido do universo."

-Entendi....

-Isso mesmo! Portanto, você não pode falhar, até mesmo, para que a Federação se mantenha bem-posicionada no tabuleiro do grande jogo de interesses galáticos."

Zéca tremeu depois da chamada, mas, fez cara de jogador de poker, dizendo:

-Eu, mais do que ninguém quero logo terminar o trabalho.

"Sorrateiramente entregarei a carga e sairei da confusão."

Prima Veronica, entre uma e outra baforada do seu charuto, fez cara de concordância dizendo...

-Ah, Claro! Então, desejo que as suas missões sejam vitoriosas e bem-sucedidas."

Lá no fundo do inconsciente, na mente do Alferes, uma vozinha o indagava por-quê, Prima Veronica teria falado em missões no plural...

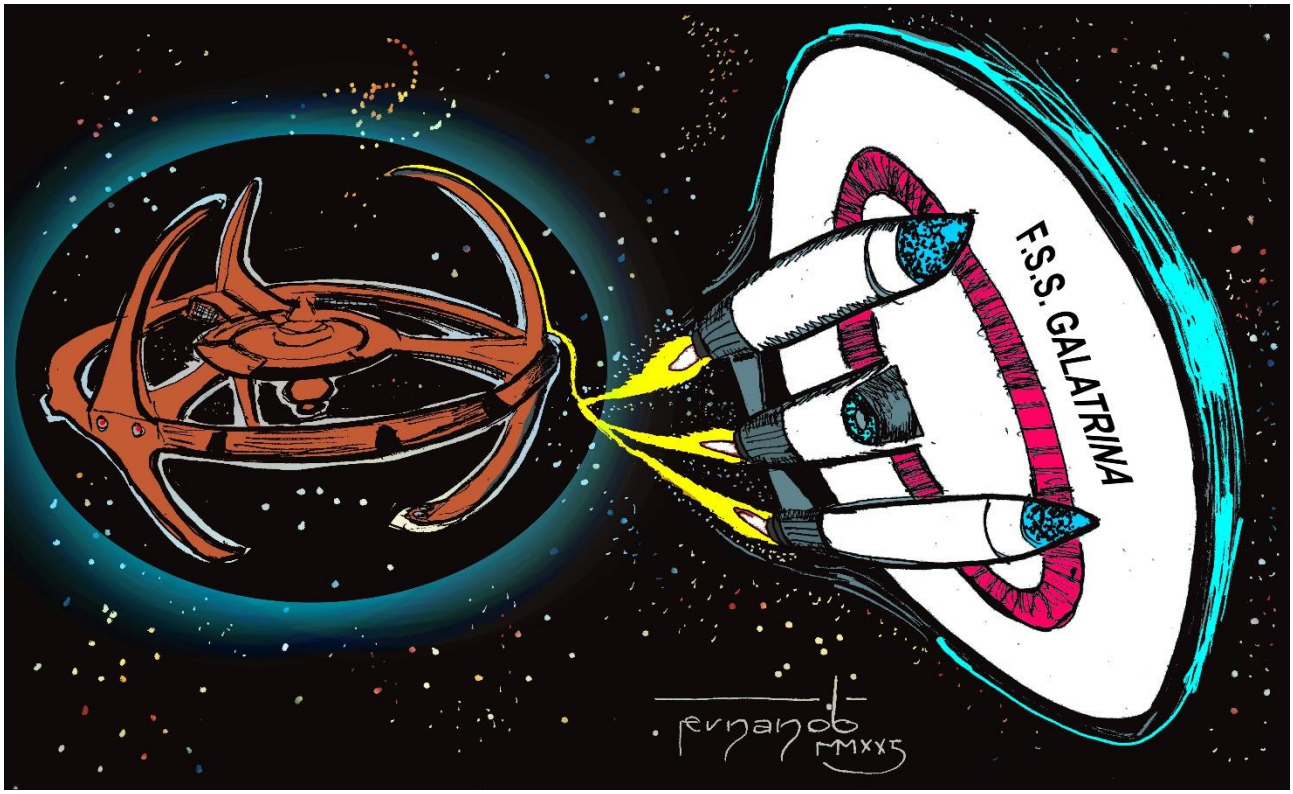
Mas, o Alferes não conseguiu pensar muito mais no assunto.

Alguma coisa na fumaça do cigarro de Prima Veronica deu-lhe um sono tremendo e incontrolável.

Mal deu duas bocejadas, colocou os braços sobre a mesa, apoiou a cabeça sobre eles, fazendo-os de travesseiro e imediatamente dormiu.

Prima Veronica saiu da cabine, deixando como únicos rastros de sua presença na S.S.F. GALATRINA01, as cinzas do seu cigarro.

***




Depois do sono pesado, Fernando Zéca acordou com boa disposição que, só durou até a irritação que sentiu quando lembrou como fora iludido por Prima Verônica.

Verificou os instrumentos e, constatou que a S.S.F. GALATRINA 01 já estava voando.

Zéca fez até logo a sua higiene pós despertar, e seguiu para a ponte de comando.

Assim que avistou o N.#1, o Alferes reclamou:

-Podia ter me avisado antes da partida.

-Nossas ordens foram para decolarmos assim que a S.S.F. GALATRINA 01 estivesse pronta e testada. Foi o que fizemos!

-Mas quem deu estas ordens? O Almirante?

-Não. A Sra. Prima Veronica!

-Prima Veronica? Mas como? O que ela fez na S.S.F. GALATRINA 01 sem minha autorização?

-No momento que o Sr. se reapresentou, te dei um informe que agora está desatualizado e impreciso.

-Ah é?!?! E qual informe seria esse?

-Te informei que até aquele momento, não havia sido trazido qualquer armamento ou, acessório para equipar, ou, melhorar o desempenho da nave...

-Tá... E o que mudou?

-Apareceu a Sra. Prima Veronica com armas, escudos defensivos, geradores, multiplicadores de potência, baterias etc., etc, etc...

-Ok, ok, ok, já estou sabendo. Mas... O que ela de fato instalou?

-Tudo!

***

Fernando Zéca verificou os instrumentos, painéis e computadores.

De fato, após o “upgrade da Prima Verônica,”, a S.S.F. GALATRINA 01 era agora, uma nave diferente, bem mais poderosa e pronta para o combate.

-Caramba! É até difícil acreditar que finalmente lembraram de mim, ao instalarem todos estes acessórios para a espaçonave.

Assim, a viagem então, transcorreu sem maiores problemas até a NEBULOSA AZUL CELESTE.

No trajeto, graças aos méritos de pilotagem do Alferes, os motores da espaçonave puderam ser forçados aos limites, sem sofrer desgastes, economizando tempo de viagem.

Tal tranquilidade, entretanto, não se estenderia por muito mais tempo.

Para se chegar a Ration, teria de adentrar a temida nebulosa.

Sim... Temida, pelas turbulentas tempestades em seu interior e por micro buracos negros ao seu redor, que subitamente, engoliam os transeuntes desavisados, desprovidos de mapas atualizados.

Casualmente, quando o computador calculava e projetava uma rota de navegação ao seu redor, o Alferes percebeu, espaçonaves, atraídas pelas temíveis ameaças invisíveis.

Com o equipamento que agora dispunha na nave, ajudaria os desavisados numa simples missão de salvamento, que consumiria pouquíssimas horas.

O espírito cristão de ajudar o próximo e salvar vidas, que o alferes Zéca cultivava, se manifestou e ele decidiu cumprir com o que julgava ser sua obrigação moral.

Virou-se para o N.#1 e ordenando:

-Vamos nos aproximar daquele grupo de naves para realizarmos operação de resgate e salvamento. Meu plano é...

A ordem do alferes foi interrompida pel N#.1:

-Nossas instruções são de que nada pode atrasar nosso caminho

-Peraí... Ninguém me falou nada com respeito a emergencias...

-Eu recebi ordens diretas de Sonny Blue, Prima Verônica e até do Almirante Quiinn.

-Mas os tripulantes destas naves irão morrer.

“Nossos raios tratores, em menos de duas horas resolvem o problema...”

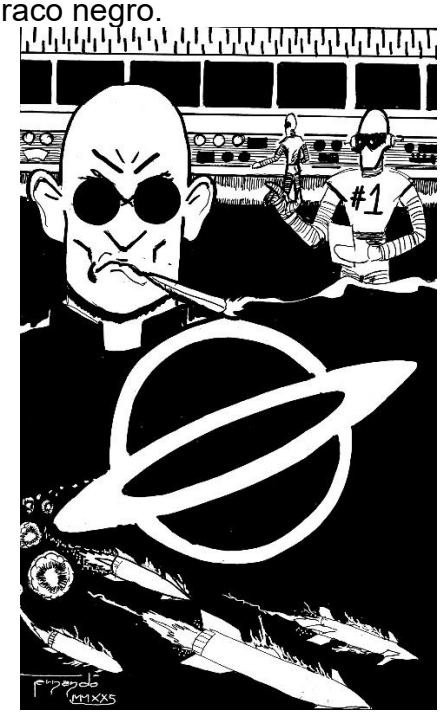
-As ordens foram claras, Alferes.

E não adiantava reclamar contra a inflexibilidade da chefia e dos robôs.

Especialmente com a tripulação robotizada, qualquer discurso inflamado, e, boa oratória, não mudaria nada. Uma vez programados, não havia bom senso que os demovesse do objetivo, ainda mais aqueles não regidos por Leis Asimovianas.

-Ok. – Concordou Zéca vencido.

O Alferes ficou vendo os instantes finais das naves que, brevemente foram devoradas por um temível buraco negro.



***

Em seguida, concentrou-se no desafio que teria pela frente, enfrentando outro fenômeno astronômico: a Nebulosa Azul Celeste, cuja natureza mercurial, já advertia dos perigos reservados em seu interior, com poderosos raios, que pipocam ininterruptamente, nos limites dos seus domínios.

Um deles logo atingiu a S.S.F. GALATRINA 01, chaqualhando-a intensamente.

E foi só o primeiro. Logo na sequência, uma chuva deles convergiu sob a nave, desafiando os seus escudos.

Essa situação extremamente ameaçadora se repetiria várias vezes, perdurando ainda por um bom tempo com alívio demorando a chegar.

Isso, o Alferes já sabia porque escolhera um dos caminhos mais tormentosos para se aproximar visando justamente, não ser percebido pela segurança que circundava o mundo de Atlas.

Por enquanto, os escudos suportavam bem os impactos, mesmo assim a tensão não diminuía até os raios diminuíram de vez.

Houve uma pequena pausa, que permitiu aferição dos instrumentos da nave não foram afetados pelas descargas elétricas extremamente poderosas.

Mas, logo outros perigos voltaram ainda mais ameaçadores:

Ventos de partículas abrasivas velozes, lançavam-se contra a SSF GALATRINA 01, como imensa tempestade de jatos de areia.

Mesmo com os escudos defensivos, a espaçonave ainda foi pouco desviada da rota que o piloto tentava manter em meio ao tormento.

As pressões ficavam mais intensas ameaçando as defesas da espaçonave.

Aliviando a tensão, o Alferes fumava vários cigarros das suas reservas.

Quando já começava a calcular se haveria fumo suficiente para enfrentar tantas dificuldades, finalmente, a S.S.F. GALATRINA 01, saiu da zona tempestuosa.

Dali por diante, afastados os maiores perigos da Nebulosa Azul, relaxaria colocando as ideias em ordem.

***

Mas Zéca não baixaria totalmente a guarda.

Logo que pôde acionou o dispositivo de camuflagem, um dos diversos acessórios equipados por Prima Verônica, que, permitiria a sua movimentação sem ser detetado pela vigilância em Ration, o mundo de Atlas.

Lentamente a SSF GALATRINA 01 se aproximou, sem deixar rastros da sua presença até que...

-Alferes! Chegamos à zona de contato.

-Parada total.

-Parada total! - Confirmou o recebimento da ordem, o Imediato N.#1.

A GALATRINA desligou seus motores mantendo-se invisível.

-Estamos recebendo sinal criptografado de Sonny Blue.

Antes de chegar ao Mundo de Atlas (Ration), o Alferes deveria estabelecer contato, em segredo, com o diretor do E.Y.E., para tanto, se posicionaria em local previamente determinado, para alinhamento com o sinal, que lhe permitiria essa comunicação.

O silencio e perfeição deveriam preservar a missão até o fim, permitindo ainda ao Alferes Corinthiano uma saída tranquila. E nesse sentido, tudo seguia conforme planejado.

Pelo menos, até o contato com Sonny Blue ser feito.

-Olá Zéca!

-Como vai, Diretor? Estou posicionado.

-Trouxe meus brinquedos, Alferes?

-Sim senhor! Basta me passar as coordenadas que a carga será entregue ou teletransportada. Fica a seu critério.

-Muito bem! Você mesmo vai entregar tudo, Zéca.

“Siga os procedimentos descritos nos arquivos anexos que estou lhe enviado...”

-Mas chefe... Antes era para...

Zéca foi interrompido.

-Prossiga com a missão, Alferes. Sonny Blue desligando.

A comunicação entre Zeca e o Diretor encerrou-se abruptamente, com o Alferes, chateado pelo fato daquela missão ter aumentado de tamanho.

Ele esperava que iria entregar sua carga rapidamente num único lugar e partiria.

Nada disso!

O Diretor lhe enviara uma lista de coordenadas de lugares diferentes do mundo de Atlas, onde deveria fazer várias entregas.

O sonho de uma missão rápida e ligeira, dissipou-se como peido velho no teto.

Não teve sequer tempo de choramingar, ou reclamar, já que, o N.#1 também recebera a mesma ordem, e, logo, se apresentou para dar sequência a ela. Cara feia, debates ou quaisquer discussões serviriam de nada, já que robôs eram insensíveis a estas.

Só restava mesmo ao Alferes, a resignação e o cumprimento das ordens.

-Proceda com a realização do trabalho. - Disse ele próprio, à contragosto.

Mas Zéca não cumpriria as ordens, sem, de alguma forma, mesmo que indireta, manifestar seu desagrado:

-Vou até minha cabine fumar e descansar. Me chame assim que estivermos próximos ao primeiro ponto de entrega.

-Sim, senhor.

***

O Alferes Zéca teve tempo de fumar dois cigarros seguidos!

Só isso e mais nada!

A mudança nos planos, fora muito além do que imaginara.

Agora, descontava a raiva tentando se tranquilizar antes de enfrentar o porvir.

Mal terminou o segundo cigarro e, o comunicador do seu distintivo da Frota Estelar, o chamou.

Fernando Zéca deu nele um rápido toque com a ponta dos dedos:

-Pois não.

-Dentro de duas horas, poderemos sobrevoar o primeiro ponto de entrega. - Respondeu uma voz metalizada que saia do comunicador.

-A carga já foi separada? - Indagou o Alferes.

-Já está pronta para o envio.

-Muito bem! Então, vamos seguir adiante.

Alferes Zéca olhou para a janela da sua cabine, que dava para o exterior da nave, e finalmente, vislumbrou o Mundo de Atlas.

Suas dimensões eram astronômicas, e, mesmo tendo diversas características comuns às de um planeta, na verdade, não era.

Ration, o Mundo de Atlas, era um colossal pedaço de “rochas e terras”, com uma superfície plana, em um de seus lados, onde existia todo um ecosistema, até mesmo com mares e oceanos, circundando continentes colossais.

Essa superfície, tinha um diâmetro aproximado, oito vezes superior ao diâmetro do planeta Terra, no Sistema Solar, e, também, muitas populações morando ali.

As principais massas continentais se aglutinavam no centro deste plano, formando as Terras Altas, habitadas por diversos povos, que constituíam, a raça rationiana, que, de

modo geral, tem mais semelhanças com a raça humana do que, diferenças.

Nas bordas de  Ration, quedas d'água fria jogavam através de rios que sulcavam áreas abaixo dos picos congelados, centenas de trilhões de litros, para as partes inferiores do solo onde tudo era absorvido e depois de congelar mantinha coesão por conta da influência de uma esfera 50 vezes menor que o maciço acima de si, mas ainda assim colossal, de brilho ofuscante, que parecia manter a integridade e conduzir aquele incrível corpo celestial pela nebulosa.

Vários cientistas tentaram, de diversas maneiras, explicar as razões daquele "pedaço planetário" ser assim, com teorias, na sua maioria, totalmente diversas umas das outras, mas, que, numa coisa, concordavam: a esfera brilhante é a fonte da força que segura Ration inteira, daí, ela foi batizada como Atlas, o nome do gigante mitológico, que carregava o mundo nas costas.

Após esta breve reflexão, o Alferes Zéca concluiu que:

-Só com Atlas segurando o peso, terraplanistas encontrar no universo, este local onde suas teses estapafúrdias e abiloladas, se sustentam.

Assim, nosso destemido Alferes parou com filosofices, desviando a atenção da visão daquele mundo fascinante, e voltou a concentrar seus pensamentos na missão.

Viu na prancheta que na primeira entrega, a maior parte do material seria composta de medicamentos a serem entregues, num hospital de campo. Alí, Zéca não esperava defrontar grandes problemas, mas, não subestimava o perigo algum.

***

De volta à ponte, sentado na poltrona central, o Alferes verificava o tempo todo, a pilotagem do robô N.#3, mas, foi o N.#5, o responsável pela comunicação, que lhe deu novidades:

-Contato estabelecido com o hospital. Temos as coordenadas para teletransporte.

-Vamos prosseguir. - Disse Fernando Zéca.

Alguns minutos se passaram até que a S.S.F. GALATRINA 01 se posicionasse, corretamente para teletransportar a carga ao hospital de campo.

Assim o Alferes monitorou a entrega a ser feita até o solo, verificando um grupo avançado de robôs e sua carga escoltada serem envoltos por um flash que em seguida os enviou para a superfície de Ration.

***

Tudo deu certo com a carga entregue no local escolhido na superfície do planeta.

Entretanto, o que surpreendeu o Alferes depois que ele também chegou em seguida ao mesmo lugar, foi a fedentina insuportável que misturava mijo, merda e remédios.

Mesmo com aquele odor, não havia erro: as coordenadas estavam corretas.

Zéca fora teletransportado exatamente para o local indicado, ou seja: no meio de um hospital de campo, que, na verdade, era uma bagunça, com pacientes largados pelo chão, ou mesmo perambulando sem destino de um lado para outro, com feridas abertas e alucinados pela medicação que recebiam.

Nem construções de alvenaria haviam. Somente barracas de campanha e, na melhor das hipóteses alguns casebres feito com madeira.

Pelo menos, no meio daquela gigantesca favela de doentes havia uma mulher bonita sorridente, alta e elegante, que estava a esperá-lo.

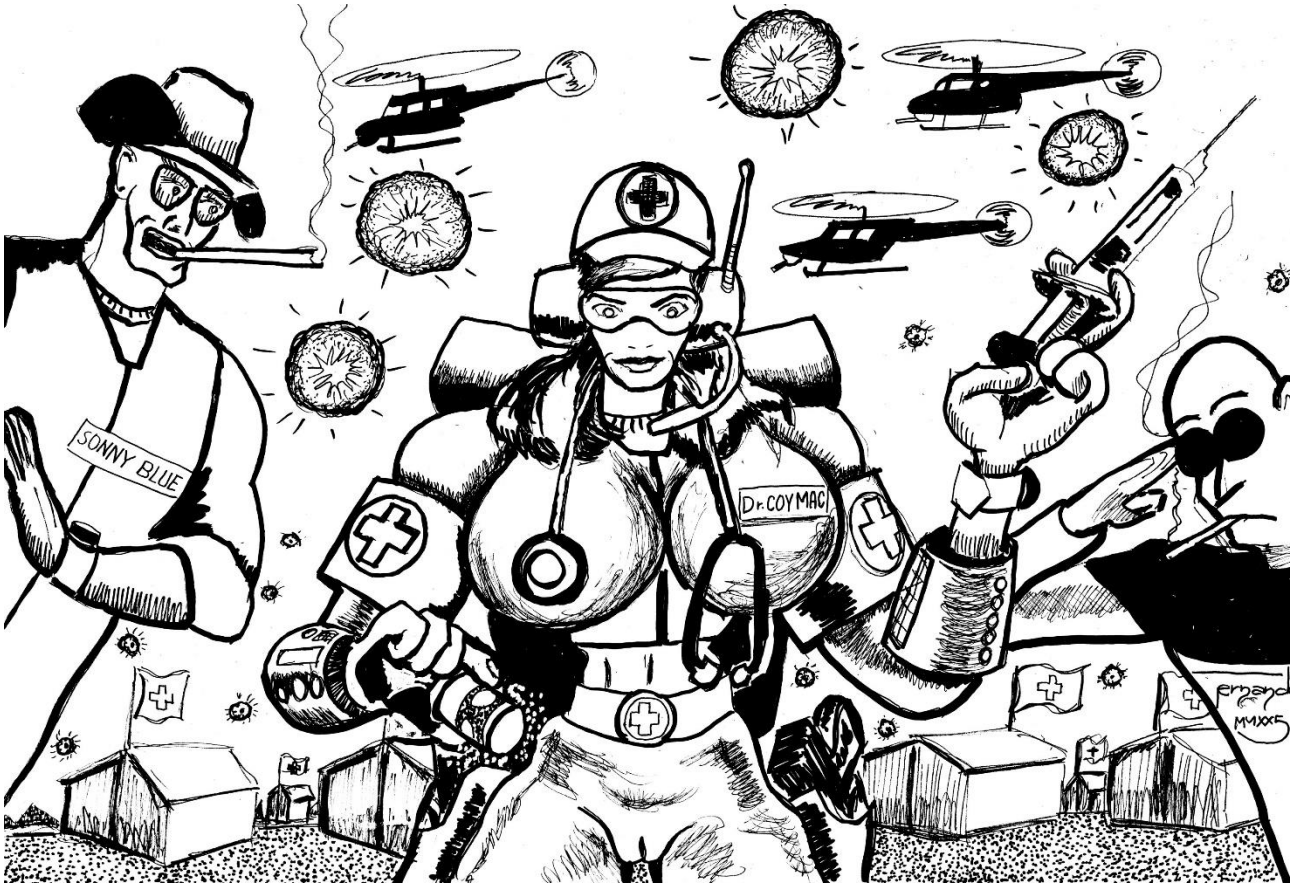
-Sou Coymac. - Disse ela cumprimentando o Alferes. - Médica Chefe aqui.

-Meu nome é Fernando Zéca , Doutora. É para a Senhora a entrega?"

-Sim.

-Está tudo certo?

A Doutora verificou a prancheta eletrônica que carregava.




Assim que ela ia dizer algo, dezenas de antigos caminhões sujos e empoeirados, fazendo uma tremenda barulheira com seus motores, chegaram fazendo estardalhaço, e, de cada um destes, desembarcaram aproximadamente, 20 homens armados com facões e, antigas armas de fogo.

Alguns, logo se aproximaram de onde o Alferes fazia a entrega da carga para a médica sendo que, o que parecia o líder, apontava para as caixas trazidas por Fernando Zéca, indicando aos seus comandados, as que deveriam pegar.

Os tipos eram feios e ameaçadores, tanto é que, os robôs da tripulação da S.S.F. GALATRINA 01, já se posicionaram defensivamente e destravaram os seus rifles phasers antevendo a provável possibilidade de confrontação.

-São meus assistentes. - Disse a Dra. Coymac. - Eles precisam pegar agora os rifles para garantir a defesa do espaço utilizado pelo hospital.

-Ok! - Disse o Alferes.

Em seguida, Fernando Zéca aproximou-se de um dos containers, digitou uma senha na fechadura deste, liberando o conteúdo da carga para a médica e seus “assistentes”.

Logo os rifles foram para as mãos dos combatentes, que, imediatamente voltaram para os caminhões, e, depois de alguns minutos, partiram felizes da vida.

-Agora teremos chance para reagir. - Repetia a maioria deles.

-Sustentaremos melhor nossas linhas de defesa, tornando este espaço melhor preservado. - Disse Coymac.

A Doutora então, aproximou-se de outra parte do carregamento, que ainda não havia sido tocada, contendo medicamentos e equipamentos médicos.

Era tamanha a quantidade de containers, que o Alferes até se remoía, como os robôs teriam conseguido fazer com que coubesse, tanta coisa, no compartimento de carga da GALATRINA.

-Aqui, a quantidade e o equipamento solicitados, também estão corretos, Fernando Zéca. Só posso lhe agradecer. Essa carga vai mudar o rumo do conflito em Ration.

“Os políticos comandados pelo Partido Obrero, hoje são os donos do poder por aqui

e não se interessam em manter a aparente democracia para continuar no poder, mesmo sendo este um inédito período de fome, miséria e doenças, como nunca houve antes na história daqui. Está claro que os poderosos querem parasitar o povo até a última gota de sangue que possa ser sugada. Com estes recursos sobrevivemos a esta guerra."

O Alferes mal podia acreditar no que estava ouvindo. Já estivera antes, em Ration, um período equivalente a uma década terrestre participando de corridas entre naves espaciais e o cenário que se lembrava era bem diferente.

Naquele momento da história, o mundo ali era radiante, com as pessoas trabalhando felizes, comércio pujante, e todos os cidadãos com excelentes condições de vida.

Mas os tentáculos do Partido Obrero chegaram no mundo de Atlas, dominaram a classe política local, e, passaram a sugar vorazmente, para o benefício das próprias quadrilhas integrantes do seu esquema, os recursos econômicos, materiais e estratégicos, que rapidamente rarearam, até definitivamente escassearem de vez!

Todo este conhecimento facilitou o Alferes na hora da lição de casa que, bem ou mal, o prepararia para o cenário local onde realizaria missões.

Sua experiencia anterior, entretanto não lhe dava inteira confiança a ponto de se julgar totalmente pronto para o que houvesse pela frente.

De qualquer forma, tendo cumprido a primeira etapa da missão, pediria permissão à linda Doutora, para deixá-lo partir.

-Doutora, eu gostaria de...

Nem bem terminou de formular a frase e um brilho de teletransporte apareceu próximo à carga.

Por um instante, o Alferes Zéca até se preocupou com a possibilidade daquele teletransporte ser de algum inimigo, mas, como os robôs da sua tripulação estavam indiferentes ao que acontecia, então, talvez soubessem de algo que ele ignorava.

E estava certo.

A sua frente, materializou-se, depois de um bem-sucedido teletransporte, Sonny Blue.

****

## SONNY BLUE CHEGA COM TUDO PARA FERRAR OS PLANOS MALÉFICOS NA TERRA PLANA do ATLAS

Sonny Blue conforme seu alto estilo aqui já de longe conhecido pelo sempre querido e estimado leitor, chegou dando beijinhos no rosto da linda Doutora.

Vinha com roupas militares, um chapéu de caçador e óculos escuros de aviador.

-Olá Doutora.

-Como vai Sonny? Que saudades... - Disse ela, lhe dirigindo um olhar sedutor.

-Olá Zéca. - Cumprimentou ele. - Bom trabalho.

-Obrigado senhor. Achei que não fosse aparecer.

-Surgiu um imprevisto e tive que vir para cá.

-É algo que vá interferir com o andamento do trabalho por aqui? - Indagou a Doutora.

-Sinto informar, Doutora. - Lamentou Sonny. - Mas esse hospital se transformou em alvo.

"O sinal de teletransporte da carga para cá foi captado, e logo, toda esta região, vai ficar sob pesado ataque das forças inimigas. Sei disso porque um informante, acabou de me avisar. A ordem para eliminar esta instalação médica do mapa, já foi dada, pelo alto comando inimigo."

Mal acabou de dizer estas palavras e uma saraivada assustadora de explosões vindas dos céus surpreendeu a todos ali com um ataque de mísseis que desabou sobre os escudos defensivos do Centro Hospitalar, que, em meio a estrondosa e retumbante

barulheira, suportou muito bem o impacto explosivo, garantindo a segurança de quem estava no solo sob sua proteção.

-Começou. - Disse Sonny, que foi o único, a não dar a menor mostra de surpresa, ou, susto, assim que as explosões iniciaram. - Mas não se preocupem. Dessa vez, o inimigo vai encarar uma situação bem diferente.

Em seguida, acendeu um cigarro, sorriu, e jogou outro para Zeca, que o pegou em pleno ar, sem perda de tempo tocando-lhe fogo.

***

Com sua característica calma e tranquilidade nos momentos mais tensos, Sonny ordenou aos robôs que acompanhavam o Alferes Fernando Zéca Corinthiano:

-Abram aqueles cinco containers.

Com movimentos precisos, os robôs obedeceram às ordens. Uma vez abertas as cargas se armaram sozinhas, e, de cada uma, saíram, esferas metálicas reluzentes, com diâmetro aproximado de um metro, que, voaram velozes, rumo à zona de combate disparando os canhões phasers que levavam embutidos.

-Agora aqueles dois. - Bradou Sonny apontando para outros containers que ainda não haviam sido abertos.

Os robôs obedeceram sem titubear.

E de dentro destes, saíram equipamentos, que se abriram e desdobraram automaticamente, formando helicópteros blindados e armados.

Demonstrando bastante calma, no meio da barulhenta confusão que assustava a todos, Sonny continuou apontando para outros containers fechados.

-Abram estes também!

Assim os robôs obedeceram sem titubear revelando o conteúdo da carga.

Fuzis phasers com lançadores de granadas nucleares.

-Todos armados agora! Até o pessoal da equipe médica. - Gritou o Diretor.

O armamento foi distribuído para os que estavam ali, incluindo os robôs da S.S.F. GALATRINA 01 e até mesmo o próprio Alferes.

-Venha comigo, Zéca. - Ordenou Sonny ajeitando os óculos escuros por baixo das abas do seu chapéu de caçador. - Você também vai participar da festa!

Enquanto o Alferes seguia todo encolhido, temendo os disparos que pipocavam em torno de todos por ali, o Diretor avançou resoluto, com o peito estufado, como se fosse à prova de balas, para o interior de um dos helicópteros blindados, que se desdobraram e montaram, logo após serem teletransportados do interior da S.S.F. GALATRINA 01!

Sonny Blue, usava um uniforme aparentemente leve, e, não carregava consigo nenhuma arma ou colete protetor.

Apenas fumava incessantemente, dando ordens enquanto apontava qual seria o próximo alvo.Sentou-se na cabine do helicóptero, no assento do passageiro deixando a porta aberta.

-Alferes, você assume a pilotagem.

-Sim senhor.

Fernando Zéca sentou-se na poltrona do piloto, amarrou o cinto de segurança, colocou o capacete, com vizeira baixa, e levantou vôo.

-Vamos em direção ao baile. - Disse Sonny apontando para onde estavam as esferas já fazendo a defesa da área.

Em menos de um minuto, diversos disparos atingiram a aeronave, mas, não surtiram qualquer efeito negativo na sua integridade, tão pouco, na estabilidade.

Mesmo assim, Sonny parecia alheio ao perigo e mantinha aberta a porta blindada, bem ao lado de onde estava sentado na cabine.

Ainda esticava a cabeça para fora, como se quisesse tomar um ar.

-Vôo razante, Alferes! - Ordenou.

Fernando Zéca baixou a altitude da nave, aproximando-se do topo das árvores que sobrevoava em alta velocidade.

Através dos fones de ouvido microfonados que usavam, Zéca e o Diretor se comunicavam em meio à barulheira do motor, que era exigido ao máximo.

Sonny Blue apontava a direção, gesticulando bastante, e dando as ordens, ao que, Fernando Zéca, prontamente obedecia.

-Alferes! Você recebeu o comando da S.S.F. GALATRINA 01, e agora, o deste veículo, devido às suas habilidades como piloto e atirador.

-Sim senhor.

-E foi recentemente condecorado pela participação na defesa da Estação Espacial Nove.

-Tive sorte, senhor.

-Otímo, meu filho.

“Posso lhe pedir um favor?”

-Estou às ordens, chefe.

-Muito bem Alferes.

“Vamos agora para uma zona violenta. Prepare-se, para matar muita gente!”

***

O Alferes sentiu suas orelhas aumentarem de tamanho.

-O inimigo é capaz de utilizar qualquer ardil para se defender, até mesmo aparência inocente. Portanto, não vacile na hora que eu mandar puxar o gatilho.

“E mais: Fique tranquilo que cada um que eu mandar matar, assumo a responsabilidade. Você, só está puxando o gatilho sob cumprimento das minhas ordens!”

Na cabeça do Alferes, ele até lembrou dos tempos de escola e Academia, onde o ataque ou ameaça à integridade de qualquer forma de vida devia ser vista só como último recurso, fosse contra quem fosse...

-Mas... Chefe...

Por um segundo, estas palavras lhe vieram à mente como resposta, entretanto, a

que, ele Zéca disse na verdade, foi:

-Sim Senhor! Estou às ordens, Senhor!”

Sonny tinha um jeito convincente e respeitoso de comandar, então, ficava até difícil não se cumprir suas ordens, qualquer que fosse o motivo.

Ademais, o Alferes fizera a lição de casa, ao estudar as táticas e forma de atuação do inimigo, e este de fato, não relutava em fazer lavagem cerebral nas crianças e jovens mandando-os, para a guerras, fazendo destes, verdadeiros assassinos impiedosos.

O que ficava claro, pelo entendimento do Alféres, das entrelinhas nas palavras de Sonny Blue, é que, logo, estaria enfrentando gente desse tipo.

Daí então, Zéca entrou em modo de combate, logo, percebendo no horizonte, uma torre armada feita de troncos e galhos de árvores camuflada em meio a extensa floresta.

A viseira protetora do capacete do alferes também projetou dados mais precisos da situação, mostrando imagens ampliadas e detalhadas que comprovavam a precisão da advertência de Sonny Blue.

Escondidos juntos aos canhões, dois jovens davam indicações de terem avistado o helicóptero em que estavam os agentes do E.Y.E..

-Pode atirar. - Ordenou o Diretor.

Com apenas um rapido disparo dos phasers, o Alferes arrasou completamente a torre inimiga e seus ocupantes, que, nem tempo para reagir, tiveram.

Com gestos alucinados, Sonny indicava um a um, outros oponentes que identificava camuflados e queria imediatamente ver destruídos.

Fernando Zéca obedecia às ordens, exterminando um monte de inimigos...

***

De fato, haviam crianças em guerra, naquela batalha, e não eram poucas.

Armadas até os dentes, elas atiravam como adultos, ameaçando a integridade da nave onde estavam Sonny Blue e o Alferes, que retrucavam com ímpeto dobrado utilizando a mesma moeda, seja: tiro contra tiro.

Os minutos transcorreram, e, um verdadeiro extermínio nos campos inimigos era feito, de forma que, dali ninguém foi poupado até mesmo porque, todos os escolhidos como alvos representavam mesmo alguma ameaça.

E de fato, uma destas, pouco antes de ser eliminada, ainda conseguiu acertar o helicóptero do E.Y.E., com tal violência que a força do impacto colocou o Alferes inconsciente.

***

Sonny Blue percebeu o problema e, ele mesmo segurou o controle da nave, pelos comandos geminados aos do piloto, que tinha adiante de sua poltrona.

Assim, continuou disparando ele próprio contra os inimigos, até para assegurar que estes não representassem mais futuro perigo.

Não estava fácil. A resistência era numerosa, bem armada e acertava cada vez mais.

Sonny percebeu que, sem a pilotagem do Alferes, teria dificuldades de prosseguir atacando daí, recuou para lugar seguro.

Fernando Zéca então, abriu os olhos, mas ainda assim, não conseguia se mexer.

Assistiu as coisas ao redor, não podendo sequer, balbuciar algumas palavras, enquanto o helicóptero sob comando do Diretor se afastava do local da atividade inimiga.

Viu ainda, o momento em que, a distância segura, Sonny disparou três torpedos fotônicos, que acertaram, devastando em segundos com um brilho intenso, toda aquela área verde.

O diretor olhou para o imóvel Alferes, dizendo:

-Descanse, filho. Vou te levar de volta para tua espaçonave.

“Você ainda tem mais missões, a cumprir por aqui.”

-MAIS MISSÕES? - Pensou o Alferes Zéca aturdido desmaiando novamente.

***

Recobrado, Zéca viu diante de si, o robô-médico da S.S.F. GALATRINA 01.

-Você está bem. - Disse este com sua voz característica. - Não se machucou. Ainda que tenha ficado inconsciente. Foi o próprio Diretor quem te trouxe pessoalmente e deu ordens de que você fosse recuperado para logo dar sequência ao trabalho.”

O Alferes Zéca sentou-se na maca onde estivera deitado e perguntou:

-Qual é mesmo a próxima entrega da lista?

-Uma que fica em território dominado pelo inimigo.

-Que alegria! - Retrucou o Alferes.

***

Temporariamente camuflada fora da atmosfera de Ration, a S.S.F. GALATRINA 01 logo se arriscaria em mais uma entrega de armas.

Não bastaria simplesmente deixar as armas no local planejado.

Elas também deveriam ser postas em funcionamento manualmente, ou seja, alguém pessoalmente no local teria que acioná-las, pois, dadas as condições naturais locais, o sinal para acionamento vindo do espaço ser corromperia podendo até identificar a posição da nave emissora no espaço.

Ainda sofrendo com as dores decorrentes da sua aventura no helicóptero de Sonny Blue, seria mesmo o Alferes quem desceria, para garantir o acionamento destas armas já que o ambiente onde elas seriam deixadas era extremamente agressivo, e mesmo robôs poderiam não concluir a missão a contento.

Daí, a necessidade da presença de uma pessoa, para supervisionar a ação.

Assim o Alferes teve que se preparar, vestindo uma roupa justa com textura similar às borrachas cirúrgica e cobriu o pescoço, e a cabeça com uma touca no mesmo material que tinha, diante do rosto, uma ampla viseira transparente de plástico.

Assim vestido, e munido de diversos outros apetrechos, Zéca foi logo teletransportado para a superfície de Ration.

***

O calor ali estava infernal e o Alferes quase dobrou os joelhos, assim que lá chegou.

Quando estava prestes a desmaiar, o ar-condicionado da sua roupa começou a funcionou direito, e, a situação melhorou, pois o calorão ali, poderia em menos de meia hora, dizimar qualquer incauto, mesmo devidamente trajado.

E este não era o único problema. Para o sucesso da missão, outro fator deveria ser considerado: Os ventos de areia que não paravam de açoitar Fernando Zéca.

Implacáveis, eram capazes de desfragmentar em milhões de partículas, qualquer desafio àquela natureza mortífera.

Diante disso, não era de se espantar, que o Alferes quisesse logo terminar o serviço para rapidamente escapar de um calorão tão infernal.

Porém, algumas coisas começaram a se complicar...

Assim que, sentiu se pronto para dar sequência à missão, Fernando Zéca percebeu que a carga não chegara junto com ele, conforme o planejado.

Sem perda de tempo, ele relatou o fato à S.S.F. GALATRINA 01.

-O problema foi resolvido. - Foi a resposta que obteve, do N.#1, entre um e outro

chiado ou ruído... - A carga já está descendo.

Dito e feito! Logo em seguida, a carga materializou-se ao lado do Alferes.

Sem perda de tempo, ele sacou do bolso um aparelho de controle remoto, que, logo acionou.

O controle funcionou, o sinal dele, entretanto, é que não chegou às fechaduras das cargas... Um problema que já estava previsto.

As condições atmosféricas locais, não facilitariam com o funcionamento dos acionamentos remotos, obrigando a missão a contar com a presença do Alferes.

Fernando Zéca, aproximou-se da carga, abriu manualmente as fechaduras, em seguida, acionou todo arsenal robotizado.

Ali, também, as caixas e containers começaram a se abrir, e desdobrar, revelando seu conteúdo, que também, automaticamente, fazia o mesmo, transformando-se, a seguir, em poderoso arsenal de guerra, pronto para devastar tudo ao redor.

Na sequência, a programação destas armas, seguia para o próximo passo, iniciando movimentação em busca de alvos e saíram voando dali.

Outras, tais como tanques e blindados entraram em formação, movimentando-se através daquele ambiente agressivo.

Com sua parte da missão feita, o Alferes acionou o comunicador, tentando estabelecer contato com a S.S.F. GALATRINA 01.

Apenas tentou, já que, não obteve resposta alguma.

Sem comunicação, não teria como voltar à nave escapando vivo daquele ambiente agressivo e ameaçador.

***

Felizmente, este tipo de intercorrência fora previsto, e, uma solução apropriada, preparada.

O Alferes sabia que, em menos de cinco minutos, uma nave auxiliar proveniente da S.S.F. GALATRINA 01 seria de qualquer modo, enviada para fazer resgate.

Diante do silencio do comunicador, Zéca fez a única coisa que ainda podia, seja, assistir o acionamento, montagem e partida de todo aquele armamento.

Eram batalhões robotizados com poder de fogo superiores a dos melhores exércitos.

O Alferes ainda se indagava, como tanta coisa cabia na sua modesta espaçonave cuja capacidade no compartimento de carga estava a surpreendê-lo.

Com tudo o que já descarregara, era praticamente impossível que houvesse mais alguma coisa para ser entregue, a bordo da sua nave.

Ademais, só o poder de fogo das remessas que já encaminhara, seria capaz de armar qualquer exército rationano que fosse alinhado às políticas da Federação, para vencer uma guerra de domínio completo sobre o Mundo de Atlas.

A situação era tensa devido aos conflitos em Ration, especialmente para o Alferes, e pelo papel que este desempenhava alí, fosse o de garantir a chegada dos meios capazes de mudar o destino de um dos jogos no grande tabuleiro galático de disputa pelo poder.

Mesmo ciente da sua insignificância neste cenário, Fernando Zéca se conformava, imaginando que, com os compartimentos de carga da GALATRINA já esvaziados, logo, receberia ordens para deixar aquele cenário pavoroso de guerra.

As reflexões do Alferes foram interrompidas quando, a atmosfera ficou ainda mais perigoso do que já era. Além dos ventos fustigantes, capazes de desequilibrar qualquer um, inesperadas explosões, pelas imediações, começaram a se suceder, deixando tudo ainda mais quente e abrasador.

Zéca procurou abrigo, e encontrou uma ampla caverna na base de formações rochosas, que haviam próximas ao ponto, onde fora teletransportado.

Antes de chegar ao esconderijo, pôde enxergar, ao longe, forças adversárias sendo

teletransportados à região, para enfrentar, e rechaçar, as armas robotizadas ali trazidas.

Era a reação do inimigo em curso, o que também, explicava as explosões que pipocavam ao redor, deixando o ar mais quente, e piorando, a movimentação.

No caminho fez ainda outra constatação:

Os robôs da Federação foram implacáveis nas confrontações.

Devido ao fato de já estarem na condição de alerta, assim que acionados, não eram surpreendidos, mesmo diante do inesperado.

Como o inimigo, não conseguiu sustentar o elemento surpresa, acabou ainda, sendo pego pela precisão dos tiros dos robôs, que, de virada, inverteram o jogo, e, em menos de dois minutos, finalizaram o confronto em seu favor.

Rapidez e eficiência que surpreenderam até mesmo o Alferes Fernando Zéca Corinthiano, tão afeito ao trabalho com robôs, e na pilotagem esportiva ou militar, de naves espaciais.

As explosões prosseguiam, o que indicava que o inimigo continuava enviando reforços para tentar reverter o avanço das armas da Federação naquele pedaço, mesmo assim, finalmente, na entrada da caverna, nosso protagonista sentiu-se em maior segurança, ainda que, sob o peso da constatação, de que, a nave auxiliar que viesse resgatá-lo, teria muito trabalho para fazer um salvamento bem-sucedido.

Acionou os comunicadores, visando contato com a SSF GALATRINA01, tentando facilitar o trabalho do teletransporte em localizá-lo, mas, o silencio nas frequências continuava.

As dúvidas se acumulavam de tal maneira, que, chegou até a indagar se, algum coisa ruim teria ocorrido, tamanha a demora que só aumentava sua agonia.

***

Na entrada da caverna onde se refugiava do calor das explosões, que, aliadas às condições naturais locais, ameaçavam superaquecer o traje especial que vestia, o Alferes buscava nos céus algum sinal da nave auxiliar que viria buscá-lo

Tudo o que via, eram bolas de fogo, causadas por explosões dos disparos feitos conta o anteparo protetor que as armas da Federação haviam estabelecido sobre aquele perímetro.

Os tiros se intensificavam cada vez mais, o que fazia o Alferes se indagar quanto tempo o sistema defensivo suportaria tais condições...

Sem muitas alternativas quanto ao que fazer, enquanto assistia da entrada da caverna toda a movimentação, acabou apoiando as costas numa parede interna próxima.

Aproveitou para relaxar, descansou um pouco, e, na hora que foi se afastar da parede para se espreguiçar, reparou que as costas ficaram meio grudadas e sentiu dificuldades para se movimentar.

O Alferes fez força com o corpo e conseguiu se afastar da parede, que parecia querer grudá-lo a esta. Forçando mais ainda a movimentação, ouviu o som rasgo nas suas costas.

Olhou para a parede e viu um pedaço de tecido preso a ela.

Verificou a sua roupa e, constatou que uma das camadas protetoras havia de fato se rasgado, daí, a vestimenta perderia eficiência em algumas funções: a primeira delas, seria o ar-condicionado.

E, de fato, o calor logo se acentuou, mas, não era algo que fosse assim insuportável.

Fernando Zéca, percebeu que em volta da sola do seu calçado havia também, a mesma meleca transparente que se formou no tecido da sua roupa.

Andar ali ficava difícil, já que, o solado grudava tanto que quase colava no chão.

Tentou se afastar da caverna, mas, aquele piso dificultava as coisas com cada passo ficando mais difícil de ser dado.

Finalmente o silencio nos comunicadores acabou, o N.#1 estava chamando.

-Alferes, estou descendo para apanhá-lo. Fique em posição para o teletransporte. Vou descer com uma nave auxiliar, e só poderei fazer uma tentativa.

Fernando Zéca finalmente conseguiu correr para um espaço aberto, sentindo suas costas esquentarem, devido aos problemas da vestimenta.

Enquanto corria pelo calor escaldante, antecipou a trajetória de vôo que o seu imediato faria para resgatá-lo, de modo a se posicionar num lugar fácil para ser salvo.

Com tantas explosões, imaginou que a nave auxiliar faria uma descida direta para o ponto mais próximo ao que estava, para não sofrer interferências dos fenômenos atmosféricos locais, no momento que tivesse de acionar o teletransporte.

Feito o resgate, a saída seria à toda velocidade, para escapar do fogo inimigo.

Fernando Zéca parou no local mais indicado para o teletransporte e aguardou.

As explosões ribombavam agora mais próximas.

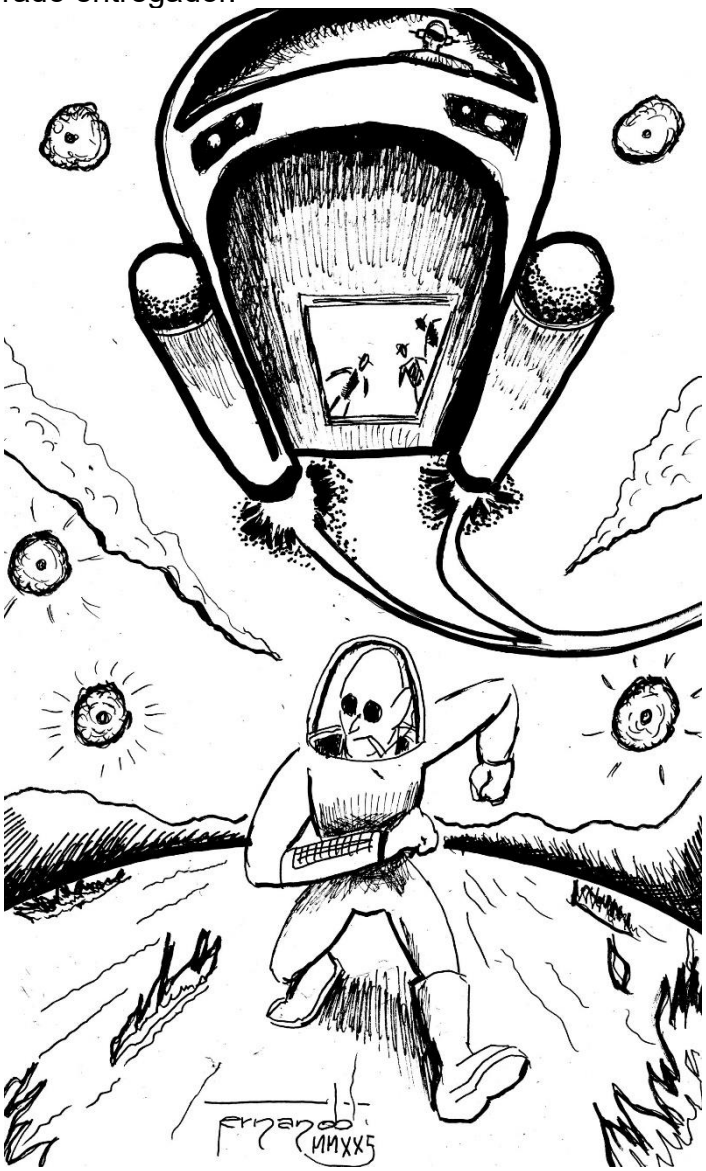
Cada uma delas, movimentando lufadas de ar quente, que, passavam ao redor, esquentando o Alferes, onde sua roupa estava rasgada.

No horizonte, viu uma linha branca descendo do alto dos céus, se alongando, e curvando na sua direção.

Era a nave auxiliar em alta velocidade. Ao redor, várias explosões se sucediam com algumas, bem próximas ao seu trajeto. E logo, esta fez o voo rasante, aproximando-se.

Reduziu a velocidade, e, a três metros acima do solo, pairou acima do Alferes.

Em pouquíssimos segundos, fez o teletransporte bem-sucedido, resgatando em alta velocidade, o encalorado entregador.



***

Dentro da nave auxiliar, a dor nas costas do Alferes diminuiu imediatamente.

Até porquê, um dos robôs tripulantes ajudou-o a tirar a roupa fazendo curativos nas áreas onde haviam queimaduras.

Porém, nem todos os problemas foram solucionados: A saída da nave auxiliar da zona de combate, não se daria facilmente.

As forças inimigas rationianas já deviam suspeitar que, um dos responsáveis pela inversão no jogo de poder local, poderia estar ali, seguindo em fuga.

Por isso, reforçaram o cerco nas regiões ao redor de onde circulava a nave auxiliar. E quando a vigilância os localizou, mobilizou sua artilharia num ataque impiedoso.

Entretanto o alvo escolhido não era uma presa fácil.

A nave auxiliar, além de anteparos defensivos extremamente poderosos, era dotada de um casco reforçado, de modos que, todos os disparos contra ela, eram absorvidos sem grandes sobressaltos, permitindo até resposta defensiva, com as armas disponíveis.

Assim, a maioria dos atacantes foi logo reduzida a cinzas com um, ou, no máximo, dois tiros dos potentíssimos canhões phasers do arsenal da nave auxiliar.

Com boas armas a precisão do trabalho robotizado se evidenciava, coisa que, facilitou a fuga, até área segura, onde então, sob a proteção de dispositivo de camuflagem, o caminho até S.S.F. GALATRINA 01 foi feito tranquilamente.

***

Finalmente, de volta à espaçonave, nem bem terminou de receber tratamento pelas queimaduras, o Alferes, foi lembrado pelo N.#1, de que a missão seguiria adiante.

-Muito bem. - Concordou Fernando Zéca. - O que temos pela frente?

-Nossa próxima missão será mais simples.

“Devemos passar sobre uma cidade ocupada pelos inimigos, e, sobre ela jogaremos três containers auto programados.”

-Containers auto programados? O que eles fazem? - Indagou o Alferes.

-Essa informação é classificada e, a nós, desconhecida.

“Nossa missão é jogar a carga na cidade indicada.”

-E por-quê não a teletransportamos para a sua superfície?

-Desconhecido.

-Isso me cheira algum tipo de bombardeio... - Deixou o Alferes, involuntariamente, escapar este pensamento em palavras.

-Não nos cabe questionar. Apenas obedecemos a ordens. - Lembrou o N.#1, friamente.

Algumas dúvidas perturbavam a mente de Fernando Zéca, mas por ser da segurança, não era bom negócio pensar ou questionar ordens superiores.

Melho era fechar o bico obedecendo, como bom pau-mandado que se preze.

Em todo caso, por via das dúvidas, verificou se estava seguro...

-Sonny Blue deixou essa ordem assinada e registrada em algum lugar?

-Sim. Está registrada em nossos arquivos. Ela é oficial e deve ser cumprida imediatamente, sem maiores questionamentos, Alferes.

***

Para a nova missão, as instruções vieram assinadas e muito bem detalhadas.

A F.S.S. GALATRINA 01 deveria: lançar a carga, voando rente ao topo da atmosfera de Ration, em seguida, acelerar e partir para outra missão.

Até mesmo o tempo em que a operação seria realizada, estava todo cronometrado.

Em breve reunião com a tripulação robotizada foi acertada a trajetória do vôo os relógios foram acertados e, a contagem regressiva começou a correr.

Tudo dando certo, a encomenda, em menos de dois minutos, estaria entregue.

Seria bom se, todas as missões, fossem tão rápidas.

***

Sentado na sua poltrona de comando, mais uma vez o Alferes constatava que, ali, tudo era apertado, não lembrando nem um pouco, as amplas salas de comando das naves dos afamados e destemidos Capitães da Frota Estelar, de qualquer modo tinha na ponta dos dedos, recursos de toda ordem indisponíveis para outras embarcações da categoria.

Assim, avaliou toda a situação, autorizou a operação e a espaçonave imediatamente iniciou a trajetória preparada para fazer o lançamento.

Daria 3 voltas acima da cidade, num amplo movimento espiral descendente, em seguida, dirigir-se-ia para o centro da circunferência, e, ali, lançaria a carga.

Na sequência, deveria acelerar, seguindo para a próxima missão.

Deste modo, a S.S. F.GALATRINA 01 ia baixando a altitude e já terminava de dar a primeira volta com velocidade, e o ângulo de entrada já acertados.

Os sistemas de camuflagem da nave, não deixavam quaisquer rastros visíveis.

Aquela, era uma missão em que, o Alferes apenas verificava os mostradores dos consoles de pilotagem, enquanto os robôs trabalhavam para nada dar errado.

A segunda volta começou mantendo o padrão da primeira.

Alguns ventos fustigavam a nave, mas não eram fortes o para alterar o curso.

Quando ia terminando, a terceira volta, a pilotagem pré-programada conduzi-a até o ponto estabelecido, e, ali, fez o lançamento da carga, sob a supervisão da tripulação que apenas verificava e garantia o sucesso da missão.

-Esta foi fácil demais! Quisera eu, que tudo fosse sempre assim. - Disse Zéca.

O Alferes já se indagava então, qual seria o conteúdo daquela carga, quando os monitores registraram a explosão de uma imensa bola de fogo, vinda da parte traseira da nave que parecia implacável, crescendo, rápida e descomunalmente,

A S.S.F. GALATRINA 01 distanciou-se dela, e, só então, o Alferes indagou:

-O que foi isso?

-Tudo indica, que seja a resposta às suas indagações, quanto ao conteúdo da carga. - Respondeu friamente N.1.

-Como assim?

-Ao que parece acabamos de jogar artefatos nucleares sobre a cidade...

-Artefatos nucleares? De que tipo?

-Bombas!

***

O Alferes Fernando Zéca arregalou os olhos.

O jogo agora ia ficando cada vez mais envolvente e perigoso.

Já não era mais, apenas um participante secundário do conflito.

Seu envolvimento pessoal ultrapassava em muito, tudo o que havia previsto.

A própria diretriz primeira, (a de não envolvimento da Federação dos Planetas Unidos, em assuntos internos de planetas não federados) naquele caso, já foi completamente quebrada em pedacinhos irreconhecíveis.

-N.#1:você tinha conhecimento do conteúdo dessa carga que jogamos sobre a cidade?

-Como já te informei... Antes... Não. Só vim a deduzir agora, após as explosões.

O Alferes não estava trabalhando do jeito que queria, seja: sabendo e tendo o controle de tudo nas mãos a respeito dos serviços em que estivesse envolvido direta, ou, indiretamente. Não podia reclamar.

Como estava no posto mais baixo, tinha apenas que obedecer a ordens sem muitos questionamentos. Pelo menos, assim não se responsabilizava por nada.

Mas a situação não podia continuar deste modo sem que soubesse detalhadamente o que estava fazendo... Não era justo, daí começou a questionar mais...

-Nos compartimentos de carga da S.S. F.GALATRINA 01, ainda sobrou muita coisa para ser entregue? - Indagou Fernando Zéca.

-Eles estão lotados de carga.

-Lotados? Como? Entregamos um monte de coisa e eles continuam cheios?”

Os robôs nada responderam.

-Vou verificar isso. N.#1! Venha comigo.

Os dois levantaram-se das poltronas onde ocupavam seus postos, e, dirigiram-se até o compartimento de carga.

***

.

O Alferes, e, seu imediato robotizado humanoide saíram de dentro do elevador, diretamente para o compartimento de carga.

-Mas ele está lotado até o teto! - Exclamou o Alferes com as mãos sobre a própria careca.

Acompanhado do N.1, ele andou entre corredores de caixas e containers guardando armamento diversificado e outros equipamentos diversos.

-Alguma coisa não encaixa. - Resmungava o Alferes...

Andou até encontrar um estranho anel com aproximadamente oito metros de diâmetro, e, um de espessura, preso à uma das paredes do compartimento de carga.

Com tão estranho formato, o curioso objeto não caberia em outros lugares dentro da nave. Mas como teria sido levado até ali? Foi montado????

A única explicação seria que: aquela inserção no compartimento de carga, fora feita durante as rapidíssimas reformas que o F.S.S. GALATRINA 01 passou em DEEP SPACE NINE, bancadas pela Prima Verônica, sua colega de trabalho no E.Y.E. ou, SERVIÇO SECRETO DA FEDERAÇÃO, que ele próprio, como comandante da espaçonave, nem tivera tempo de inspecionar. Mas por que ela teria feito aquilo?

Fernando Zéca se aproximou do referido anel, e acionou um botão verde e brilhante que havia num painel disposto logo ao seu lado.

Assim que o Alferes mexeu naquele comando, uma imagem se formou no interior do anel.

O alferes não precisou de muito tempo para reconhecer o local daquela imagem; um dos depósitos em DEEP SPACE NINE, onde havia um arsenal de poder incalculável.

Bastou raciocinar um pouco, e logo Fernando Zéca juntou as coisas, concluindo que: no interior de sua nave, transportava, além da carga, uma passagem espacial ativa, capaz de ligar dois pontos distantes, sendo que, no caso, a primeira extremidade desta conexão era a própria S.S.F. GALATRINA 01, e a outra, a estação espacial situada a anos-luz de distância daquele lugar em que se encontrava no momento.

Com tamanho arsenal o E.Y.E. queria, mesmo em Ration, uma base já armada e pronta para combate, coisa que, além de trazer maior segurança, aumentaria o peso das decisões dadas pela Federação no setor da nebulosa Azul Celeste.

Aquela conexão entre lugares tão distantes, abria uma linha de suprimentos praticamente escondida, coisa que diminuía os custos da viagem de um agrupamento de cargueiros carregados de armamento, chamando para si a atenção dos observadores atentos.

Após refletir sobre tudo isso, o Alferes apontou para o anel e perguntou ao N.#1:

-Não vá me dizer que não sabia sobre isso...

-Não fui autorizado a comunicar o conteúdo do compartimento de carga

-Minha espaçonave com um negócio desses dentro, e, eu sou o último a saber...

O Alferes se aproximou um pouco mais do anel, mas, por uma distração qualquer, acabou tropeçando e ao cair, segurou-se no artefato.

Assim que o tocou, levou inesquecível choque, sendo em seguida, envolvido por uma espécie de névoa azulada e brilhante.

O choque cessou, assim que se desencostou do anel.

A queda, entretanto, foi inevitável, levando o desastrado Alferes para o chão, sem maiores sequelas.

Deitado de costas, assim que foi se levantar, olhou ao redor, e arregalou os olhos.

Fora o embaraço da queda, Fernando Zéca não sentia nenhum desconforto, tão pouco, estava ferido, mas, a névoa azulada ao seu redor, o fazia desconfiar de suas faculdades, afinal, no compartimento de carga da espaçonave, não era para ter nada que reagisse criando algo assim.

***

# SUPER INTERLÚDIO para MÚLTIPLAS JORNADAS em universos ALÉM da IMAGINAÇÃO.

## 3,5

Fernando Zéca estranhou a névoa azul que o envolvia impedindo de enxergar o N.#1, ou mesmo as paredes da nave. Apenas o portal estelar adiante dele.

Este, agora, no seu interior, já não mostrava mais a imagem do depósito de cargas situado em DEEP SPACE NINE, e sim, um negro espaço polvilhado com estrelas e galáxias.

O misterioso anel de oito metros de diâmetro, de origem desconhecida, nem mesmo, deveria estar no compartimento de carga da sua nave.

Estaria aquela neblina azulada saindo de algum mecanismo do anel?

Estaria algum componente dele derretendo, ou estragando, gerando no processo, aquela névoa estranha? Que de qualquer modo, ainda que não fosse tóxica, escondia tudo.

-N.#1... N.#1... - Chamou Fernando Zéca...

O imediato robotizado não respondeu.

O Alféres soltou uma sequência de palavrões, e respirou fundo.

A iluminação da névoa, não era ruim, mas, impedia de enxergar o resto da nave.

Quando tentou se afastar do portal estelar, uma sombra moveu-se em sua direção.

-N.#1... - Chamou novamente o Alferes.

-Seu imediato não está aqui.

Do meio da névoa, saiu uma figura humanóide. Um romulano.

Fernando Zéca percebeu pela roupa prateada que ele usava.

O romulano parou diante do perplexo Alferes, e se apresentou:

-Sou Silas.

***

**SILAS (2)**

Silas... Silas... Silas...

Aquele nome era familiar ao Alferes, mas, este, ainda teve que raciocinar um pouco até juntar dois pontos formando uma reta.

Ainda assim, a hipótese, era meio maluca...

-O pai da Marge?

-Sim. O pai da Marge.

-Mas a Marge é andoriana...

Silas sorriu com o canto da boca e moveu a cabeça concordando

-Como é que o Senhor conseguiu chegar à minha nave? - Indagou Zéca, um tanto aturdido.

-Quanto a isso, não se preocupe. - Silas respondeu. - O que importa, é que precisamos conversar...

Pelo tanto que Marge falava de seu pai, Zéca sabia que este, deveria ser um estraordinário figurão. Jamais, entretanto, lhe passaria pela cabeça a hipótese, de encontrá-lo, num momento como aquele, no compartimento de carga da sua nave.

-Sr. Silas... Por acaso, faz ideia do que está acontecendo aqui?

-Sim.  E não há com o que se preocupar.

O Alféres olhou ao redor e não viu nada além do Portal Estelar, em meio àquela névoa azul, que parecia eterna.

Se o romulano era de fato quem dizia ser, então, talvez até, fosse confiável pois, mesmo tendo tomado, o maior fora da filha dele, ainda gostava da Marge.

Não a ponto de alimentar, qualquer esperança de retorno, ao férvido relacionamento que tiveram, pois, o tempo, já cicatrizara todas as feridas do amor mal solucionado, jogando essa história, para o passado.

Mas agora; com Silas ali... O que estava acontecendo?

***

-Quero conversar com o senhor. – Disse Zéca. - Mas, essa névoa azulada toda...

“Preciso verificar de onde sai essa fumaceira. Talvez a nave esteja com problemas.”

-Não se preocupe, que sua nave não corre perigo algum.

“Por outro lado, quem de fato, pode estar correndo perigo, é a Marge.”

Os olhos de Zéca se arregalaram e ele até deu meio passo para trás, como se alguém estivesse a empurrá-lo

Ainda que, acreditasse, que a separação de Marge, se dera por algum erro, ou falha de sua parte, não queria que nada de mal acontecesse com ela.

Se algo assim lhe sucedesse, estaria pronto para acudi-la, ou, na pior das hipóteses, quebrar o focinho de algum eventual folgado, que avançasse, com ignorâncias, para cima dela.

-O que tem a Marge?

-Ela sumiu. - Disse Silas, tentando manter a serenidade...

-O quê?

-Ela sumiu das minhas vistas. Não consigo encontrá-la em lugar algum.

Zéca arregalou os olhos, e Silas continuou:

-Marge foi vista pela última vez, atravessando uma porta como esta.

Disse isso e apontou para o portal estelar, que AGORA, em meio ao cenário espacial, anteriormente descrito, tinha TAMBÉM, menos de um metro adiante de seus umbrais, uma antiga porta de madeira comum, de cor branca, fechadura e maçaneta dourada, flutuando em meio ao estrelado negrume.

Entre as duas passagens, pairava o ameaçador abismo aparentemente infinito, com nuvens formando um túnel turbulento entre o anel e a porta.

Outro cenário psicodélico, intrigando mais ainda, o já confuso Alferes.

Mesmo assim, ele tentou manter o foco:

-O senhor acha mesmo que Marge está em perigo?

Silas silenciou por alguns segundos, olhou com seriedade para o chão até responder:

-Talvez... Não descarto nenhuma possibilidade.

Rapidamente, na cabeça de Zéca, as mais escabrosas hipóteses, eram conjecturadas, e a de sequestro, era a que mais lhe perturbava '.

Por essa dúvida, que achava muito pertinente, indagou:

-Quando ela passou pela porta que o senhor disse...

“Sabe se ela fez isso por livre e espontânea vontade? Tinha alguém com ela?”

Silas olhou firmemente para Zéca, e disse:

-A percepção que tenho é de que ela foi induzida a erro e seguiu nesse caminho.”

“De qualquer forma, ela está sumida, e não respondeu a nenhum chamado meu.”

-Então, ela teria ido voluntariamente?

-Sim... Quase certo de que sim...

-Melhor... Então... O senhor tentou ir atrás dela, abrindo esta porta e seguindo através da passagem?

-Não posso. Mesmo dispondo de recursos em muitos lugares, em outros, meus poderes não valem absolutamente nada.

-E que poderes seriam estes?

Silas utilizou um jogo de palavras, para não esclarecer:

-Os de um pai preocupado.

-Entendo... E por-que acha que posso ajudá-lo?

-Eu mesmo, não posso segui-la por este caminho, porque...

“Bem, digamos que, esteja impedido para mim, mas, para você posso te dar alguns recursos que te ajudarão a encontrá-la...”

-O senhor não deve saber, mas, ela terminou comigo, e talvez não queira que eu vá atrás dela.

-Eu sou o pai dela, e quero saber o que está acontecendo.

“Marge pode ter sido vítima de algum ardil, ou golpe...”

Aquilo assustou Fernando, que, se esforçou mantendo a expressão facial controlada.

Não queria importunar Marge, mas, a possibilidade de algum espertalhão parasitando-a, a ponto de lhe dar qualquer tipo de prejuízo era irritante, mesmo assim, pensou um pouco melhor e disse:

-Ainda que pudesse, não teria como.... Nem saberia como localizar ou, ir atrás da Marge...

-Você não sabe, mas, eu sei.

-Mas então... Por-que o Senhor já não foi atrás dela?

“Tendo tão bons recursos, podes contratar gente mais gabaritada para o serviço.”

-Concordo, mas você a conhece bem, e tem a capacidade de seguir a mesma linha de raciocínio que ela seguiria, caso surja algum imprevisto.

-De jeito nenhum. Marge é muito inteligente para eu acompanhar o raciocínio dela. Essa capacidade, o senhor talvez tenha ainda mais do que eu...

Silas fez uma expressão de dúvida...

-Nem tanto. Eu a irrito, porque sou seu pai e tenho de falar coisas que esta menina cabeçuda e surda não gosta de ouvir, para ficar esperta...A última vez que a encontrei foi assim, e na ocasião, deixei ela chateada. Aí passou algum tempo e ela desapareceu.”

“Minha filha sempre some quando fica brava, mas, normalmente não escapa da minha vigilância. Acho que alguma coisa, a atraiu, para o que, acredito ser uma armadilha...”

-Silas, quero te ajudar, mas, não sei nem por onde começar...

-Você terá de atravessar a porta no meu lugar, pois, pessoalmente, não servirei na busca, ademais, se minha presença for percebida, a operação, será comprometida.

“Mas vou te arrumar recursos para procurar a Marge, com sucesso e segurança.”

Aquelas palavras (sucesso e segurança) não só tranquilizaram, mas, já deram alguma esperança ao Alferes, que, mesmo assim, ainda estava cauteloso...

-E que recursos seriam estes? - Indagou Zéca com cara de dúvida...

Silas fez um gesto amplo como passe de mágica, em seguida, um tricorder apareceu na sua mão.

Claro que Fernando se surpreendeu com o truque, mas, manteve sua cara de jogador de pôquer, para não dar a impressão de ser um desinformado qualquer...

-Sabe como é Marge com seus enfeites e adereços...

-Claro que sei. - Disse Zéca. - Ela já me fez esperar muitas horas, nessas lojas de bugigangas, apenas para comprar alguns colares ou brincos.

-Pois é... - Continuou Silas. - Este tricorder especial, entre várias funções, é calibrado para localizar um dos adornos que Marge agora utiliza o tempo inteiro.

Silas fez uma pausa, e mandou:

-Estique seu braço esquerdo,

Sem pestanejar, Zéca esticou e Silas colou no pulso do alferes, uma fita parecida com um durex, que assim que grudada, logo desapareceu na pele.

-Agora passe o dedo da mão direita sobre o local onde foi aplicada a fita.

Zéca obedeceu e, à sua frente, apareceu, do nada, uma espécie de prateleira cheia de divisórias, com todo tipo de arma.

Desde canhão portátil, para derrubar um cruzador espacial, até, granadas, e, lançadores de mini-torpedos fotônicos.

Para assombro de Zéca, naquela estante, haviam até mesmo armas brancas...

-Tudo isso está miniaturizado e a seu dispor. - Disse Silas. - É só pegar e usar.

Zéca mal conteve o espanto. Passou o dedo no pulso, e a prateleira desapareceu.

Passou e novo, e ela reapareceu.

Por fim, “guardou” a estante de armas, em seguida, Silas lhe entregou o “tricorder”.

Zéca colocou sobre o ombro, a alsa que segurava o aparelho.

-Então fica assim, Silas: logo mais, vou testar o tricorder e, dar uma escapada do meu serviço para ir atrás da Marge.

-Não! - Disse Silas. - Você vai agora!

“Seu serviço não será atrapalhado. Você logo estará de volta.”

-Tem certeza, Silas?

-Claro que sim. Não se preocupe. Não demora nada!

“Abra aquela porta, avance para o interior desta, e encontre minha filha.”

“Basta seguir as intruções do tricorder, que não tem erro. Assim que encontrá-la, acione o botão amarelo na lateral do aparelho, que, eu apareço.”

Silas apontou com a palma de uma mão para o portal, enquanto o outro braço, estava por atrás do corpo, como um garçom a indicar o caminho até a mesa de refeição...

Fernando Zéca Corinthiano sentia no ar, aquele cheirinho de que, alguma coisa pode não ter sido lhe contada, mesmo assim, não atentou este pressentimento, pois, estava entusiasmado com a pulseira das armas.

Até pela baixa estatura, não era bom nas brigas mano-a-mano.

Entretanto, nos combates com armas de fogo, tudo mudava pois, além de exímio atirador, era um expert em armas e suas histórias, de modos que, o arsenal que tinha disponível a um toque de dedo, só lhe encorajava a enfrentar o desconhecido.

Claro que queria ajudar Marge, e o pai dela, mas, a possibilidade de usar todo aquele armamento era estimulante e até aplacava a ansiedade que sentia, ao ter que adiar a conclusão do trabalho e, dos seus deveres, com Sonny Blue e o chato do N.#1 (seu Imediato robotizado).

E, por acreditar de novo nas estimativas de tempo, que lhe eram dadas, as dúvidas dissiparam-se, e ele animou-se avançando até a beira do portal estelar, que, no seu interior, mostrava, a curiosa porta branca de madeira, flutuando no meio do nada.

Sem muito pensar, Fernando esticou o braço, moveu a maçaneta desta, e, facilmente a abriu. Além dela, nada se enxergava.

Zéca ajustou seus óculos que, entre diversas funções, incluia a visão, na mais densa escuridão, e, com um salto, avançou para além dos umbrais daquela intrigante passagem.

***

Do outro lado, num primeiro momento, não se via nada.

Fernando Zéca Corinthiano olhou para trás na direção da luz azulada pela névoa misteriosa, que ainda era a única coisa visível.

Logo, porém, estrondosamente, a porta se fechou, e, a escuridão total se instalou.

Antes mesmo que acionasse os acessórios dos óculos, a retina de Fernando Zéca começou a adaptar-se à nova situação, assim o negrume diminuiu, e, o Alferes percebeu que estava em local aberto, bem longe da sua nave espacial.

Gradualmente, foi enxergando pontos claros no alto, e, um céu estrelado, aos poucos, revelou-se, juntamente com o relevo ao redor.

O chão era seco e arenoso com rochas de todos os tamanhos.

O tricorder emitiu um bip. Zéca verificou a causa, e, constatou que o sinalizador do aparelho indicava uma rota a seguir, que eventualmente, chegaria até Marge.

Sem perder tempo, avançou pelo caminho indicado.

***

Inicialmente, não estava fácil manter-se na rota indicada, porém, as nuvens dispersaram-se revelando uma lua branca e brilhante, como a da Terra, assim, a direção a ser seguida, ficou iluminada até, mais adiante no caminho, deparar-se com uma placa.

Aproximou-se dela, e mesmo de noite, constatou que, de fato, era um aviso em inglês, com letras garrafais, que, (traduzindo) assim advertia:

**ÁREA 51**
ACESSO RESTRITO
**NÃO AVANCE A PARTIR DAQUI**

REGISTRO DE QUALQUER TIPO É PROIBIDO
INSTALAÇÃO **“TOP SECRET”**
**USO DE FORÇA LETAL ESTÁ LEGALMENTE AUTORIZADO**

Mais adiante, estava uma cerca de arame, com altura de cinco metros, seguindo em meio à escuridão, até onde a vista alcançava.

Fernando Zéca não tinha mais dúvida: Se, olhando as estrelas, já desconfiava da possibilidade de estar na Terra, agora, com aquela placa, suas suspeitas se confirmaram.

Porém, a advertência era clara. Ali não era o melhor lugar para esperar amanhecer.

O Alferes desviou-se da direção a seguir, afastando-se da barreira, porém, o tricorder logo deu um aviso sonoro indicando que estava fora do caminho certo que era justamente atravessando aquela cerca.

***

Não era necessário um sexto sentido de aranha, para perceber que teria problemas seguindo adiante.

Ainda assim, o tricorder indicava claramente, que, o trajeto a ser feito, obrigatoriamente passava por cima daquela cerca, equipada com diversos dispositivos de alarme e segurança.

Fernando Zéca, desde criança, foi educado a não invadir propriedade privada, pois assim evitaria consequências indesejáveis, sem ofender consagrados direitos alheios.

E não era só o medo, que o fazia respeitar esse costume: mas também, sua convicção.

Logo cedo, entendeu que, o particular não é público, e deve ser respeitado, até mesmo para que, o Estado não tomasse conta de tudo, roubando propriedades e atribuições que não lhe pertencessem, deixando assim, todos sem nada!

Nesse sentido, desde cedo foi educado e disciplinado na obediência às Leis e bons costumes.

Também fora alertado dos perigos das conversas de movimentos e políticos que muito prometem democracia e igualdade, mas, entregam apenas aumento de imposto e controles para diminuir as liberdades.

Destarte que, avançar para o interior dos limites da cerca que tinha diante de si, o faria quebrar dois princípios que o acompanharam desde a mais tenra infância:

Estaria invadindo propriedade que não era sua, e ainda, desobedecendo às Leis...

Pensou então em Marge e finalmente decidiu.

Por aquela beldade faria qualquer negócio.

Quando finalmente já tinha resolvido o dilema, foi surpreendido pela chegada de três motocicletas voadoras, pilotadas por humanoides uniformizados com roupas brilhantes e capacetes de cor preta.

-Não se mexa! - Ordenou um deles.

-Identifique-se.

-O que faz aqui?

Pousaram ao redor de Fernando Zéca e tomaram dele o tricorder.

Os tipos eram ameaçadores, e, até entre si, tratavam-se com rispidez:

-É um tricorder comum. - Disse, após examinar o aparelho, o tipo que o tinha tomado para verificação.

-Quem é você? O que faz aqui? De onde veio? - Perguntou outro deles.

-Sou Fernando Zéca Corinthiano. Preciso falar com o responsável aqui.

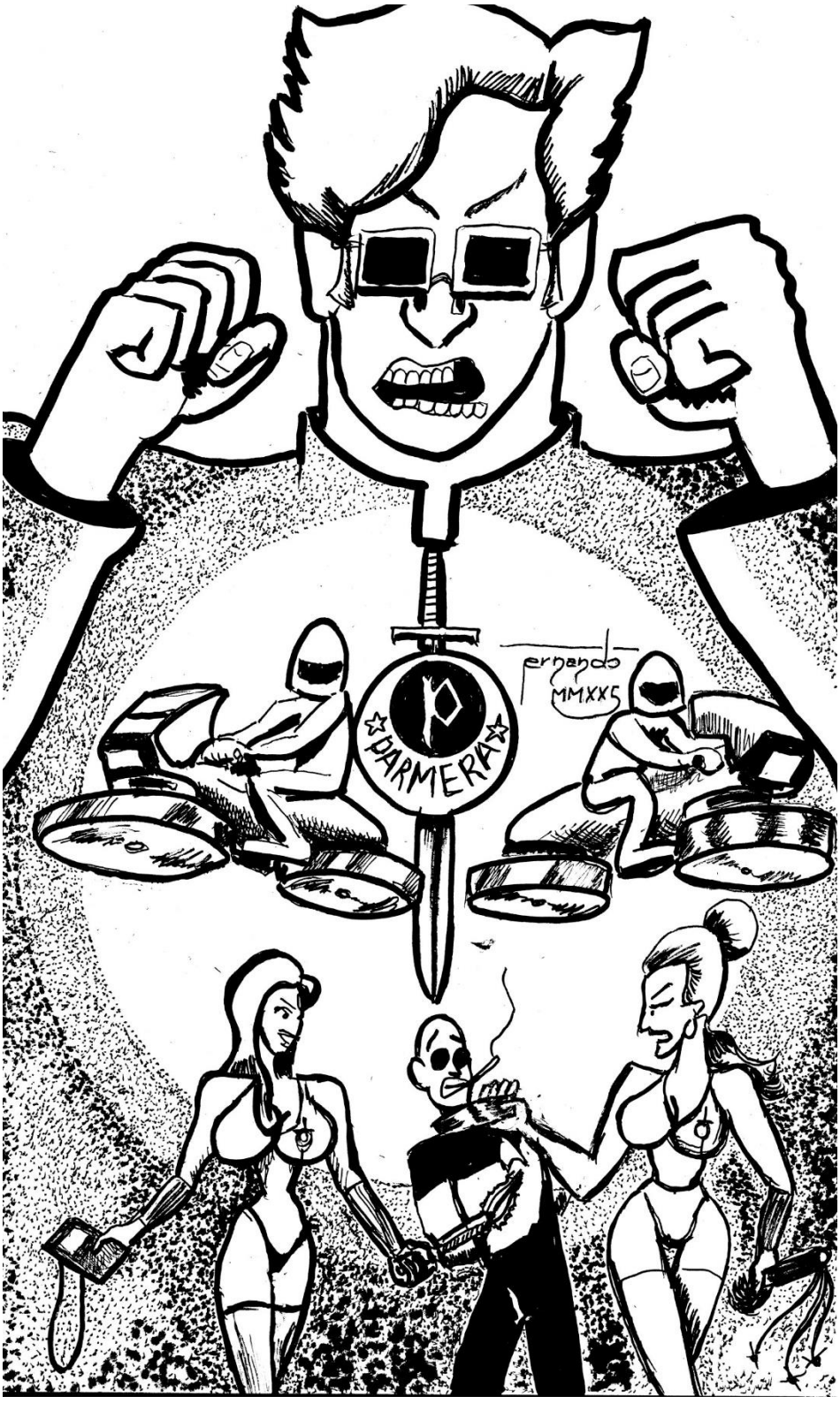
-Fernando Zéca Corinthiano? - Indagou um deles visivelmente surpreso.

-Exatamente. - Confirmou ele.

O uniformizado voltou-se para os outros em voz mais baixa:

-Viram isso? Fernando Zéca Corinthiano...
Um dos uniformizados digitava sem parar num laptop acoplado ao tanque da moto.
-Vamos levá-lo para o Quartel... O Almirante quer vê-lo.
-O Almirante? - Indagou o outro. - Então teremos movimento na base.
-É o que parece. Vamos.
Dito isso, um feixe de teletransporte envolveu os quatro, e ainda, as motos voadoras.
Segundos depois, não havia mais ninguém ali.
O silencio voltou a reinar naquele pedaço desértico.

***



Longe dali, Fernando Zéca materializa-se juntamente com os motoqueiros que o abordaram, dentro de um hangar, onde haviam diversas outras motocicletas voadoras e mais alguns daqueles tipos com uniformes de velório.

Nem bem recuperou-se do involuntário teletransporte, foi algemado e encoleirado.

-Mas eu não fiz nada. - Disse com voz lamuriosa. - Nem mesmo invadi o local indicado na placa.

-Você não é mais da nossa jurisdição. - Disse um dos motoqueiros.

-Tem alguém querendo te conhecer...

Andaram mais um pouco, e logo apareceram duas moças muito bonitas, vestindo estranhos uniformes verde, decotados, minissaias e com a barriga (tanquinho) à mostra.

Adornavam-se com belíssimos colares, brincos, finíssima maquiagem e na altura do tórax, em ambas, havia o logotipo com o planeta Terra num plano redondo, trespassado por espada de folha larga.

As jovens não carregavam pistolas, mas, sim: facas!

-Você vem conosco... Corinthiano.

Os motoqueiros entregaram um papel sobre prancheta, que as jovens logo assinaram, com caneta comum, e a custódia de Fernando Zéca, passou para elas.

O tricorde também foi entregue para elas.

-Ele trazia este aparelho consigo.

A jovem pegou, olhou-o com cara de desprezo e, não pôde conter:

-Esse corinthiano vêm nos espionar com essa velharia?

-Ei! Eu não vim espionar ninguém.

Nem acabou de dizer isso, Fernando Zéca levou uma bofetada na boca.

Veio da outra uniformizada, querendo mostrar, que também sabia mandar.

-Cale-se. Ninguém pediu sua opinião. - Disse ela.

Era pouco mais baixa que a outra. De certo modo, uma versão menor, já que, o uniforme verde e o corte de cabelo, deixavam as duas parecidas.

Pelos braços, elas o conduziram atordoado, até um elevador, onde entraram.

Quando a porta se fechou, colaram o Alferes na parede, uma delas, imprensando o próprio cotovelo bem no meio da caixa toraxica do infeliz, causando-lhe dor intensa, enquanto a outra o imobilizava.

-É bem feinho esse aqui.

-Não é nenhum galã, mas eu ficaria com ele pelo menos uma semana já que os homens daqui não querem saber de mulheres...

-Fala aí, corinthiano... O que você veio fazer aqui?

-Você tá armado ou veio só com esse tricorder?

-Estou procurando uma pessoa. - Respondeu Fernando Zéca atordoado - Esse tricorder me trouxe para cá.  Mas acho que está quebrado.

-Isso aqui é uma velharia. Não presta para nada.

-Vamos matar esse infeliz?

-Não! É o Almirante quem vai decidir o que fazer com o intruso.

-Que pena. Deixa então eu dar um pouco mais da nossa cortesia para ele...

Em seguida, acertou uma joelhada no fígado do Alferes, fazendo este se curvar,

E logo em seguida deu mais um soco.

-Você acha que tá apanhando muito? Se prepara que o pior está por vir. Tu vai virar comida dos mascotes do Almirante. Quem ele odeia, vira pasto.

-Ele odeia todo mundo. - Complementou a outra. - Não gosta de mulher nem de criança.

-Verdade! Ele só gosta mesmo é dos javalis que cria.

-KKKKKK

Finalmente a porta do elevador abriu e Zéca continuou conduzido pelas duas, que, o levaram a um escritório imundo, escuro e fedorento.

Sentado atrás de uma grande mesa estava o chefe do pedaço.

Um tipinho atlético, suarento e fedido, pouca coisa mais baixa que o próprio Alferes e, dono de um cabelinho louro oxigenado com laterais brancas.

Usava óculos escuros quadrados, vestia blusa branca, com calça verde apertada, cheia de respingos escuros e manchas esbranquiçadas próximas à altura da braguilha.

Com sovaco amarelado e fundilhos escurecidos o tipinho, deu um fedorento sorriso, oriundo do bafo que, poderia ser do estômago, ou até mesmo dos intestinos.

Chupando a dentadura que queria pular pra fora da boca indagou:

-Este é o invasor?

-Sim senhor, Almirante. - Respondeu uma das garotas.

-Está desarmado. Diz que veio só com esse velho tricorder.

O tipinho velho levantou aproximou-se de Fernando, soltou a coleira presa ao pescoço do detido e abriu suas algemas.

Em seguida, segurou-as, de modo que, os anéis desta, envolvessem seus dedos, improvisando assim, um soco inglês.

Inesperadamente, começou a bater no corinthiano, que, completamente atordoado pelas pancadas que já levara, muito mal conseguia se manter consciente, quase vomitando, com as outras tantas bofetadas que ganhara em poucos segundos.

O tipo ainda pegou um pontudo e afiado abridor de cartas na mesa espetando-o no Alferes, como se este fosse uma almofada.

Nem imaginava a razão do velho agredi-lo com tanta vontade, até que ele se apresentou:

-Muito prazer! Sou o Almirante Fernando Zéca Palmeirense!

***

O(a) querido(a) leitor(a) que tenha algum conhecimento de universos paralelos e suas características, pode já estar desconfiando do lugar onde o nosso protagonista veio parar.

De qualquer forma, sendo este o caso, ou não, você já tem meu respeito e agradecimento, por valentemente ter chegado a esta linha.

Mas retornemos as atenções ao Alferes corinthiano, que nesse momento era apresentado a um xará seu, palmeirense.

Quem desconhece futebol, talvez não tenha percebido a pilhéria aí existente já que, neste esporte que, em si só já é um verdadeiro universo em que palmeirenses e corinthianos são times costumeiramente adversários, dentro do campo disputando o domínio da bola, e fora, com seus torcedores, eventualmente se matando por bobagens.

Terminada a piada, voltemos à calorosa e violenta recepção dada pelo Almirante ao Alferes.

Percebendo que o infeliz corinthiano já não reagia mais as dores das pancadas que recebia, o Almirante pausou as agressões, jogando na mesa, as algemas.

-Vou guardar esse lixo corinthiano para sofrer um pouco mais depois.

Ele então mexeu em algumas gavetas da mesa, deu uma fungada, passou o indicador pelo lado esquerdo do nariz, e gritou para as meninas que seguravam o Alferes:

-Onde vocês colocaram o meu rapé branco? Cadê?

-Na sua gaveta não tem mais, Almirante?

-Aqui acabou. Podem sair daqui e buscar mais para mim suas vagabundas.

-Sim senhor! - Disse uma delas.

-Sim senhor! - Repetiu a outra.

-Então deixem esse idiota aí e não demorem com a minha farinha, caso contrário, mandarei matar vocês duas.

-Sim senhor. - Disseram as duas em uníssono largando o infeliz Alferes como um

saco de batatas no chão.

-Lembrem-se... - Continuou o Almirante. - Não tenho nenhum problema em tirar do meu caminho quem eu achar que tenha de morrer. Pode ser aliado, religioso, parente, amigo meu, ou até inimigo. Mato todos, portanto, me tragam mais rapé e sumam daqui.

Sem mais perda de tempo, as duas saíram dali, largando o Alferes à própria sorte.

***

Após tão calorosa recepção, o Almirante tirou o comunicador do bolso, fez uma chamada, colocando fones de ouvido, e, assim que foi atendido, começou a relatar :

-Cara! Você não vai acreditar. Tem um intruso aqui na minha frente que estava prestes a invadir o quartel. Certamente é um espião bisbilhotando."

-Eu não estava espionando... - Protestou o Alferes no chão contorcendo-se de dor.

Não pôde prosseguir suas lamúrias pois, logo tomou um chute do Almirante.

-Quieto corinthiano. Não lhe dei ordem para falar nada.

O Almirante então deu atenção ao fone de ouvido conectado ao comunicador e disse:

-Sim. Ele é corinthiano. Dá para acreditar???

Com semblante sério, enquanto calmamente dava mais alguns chutes no Alferes caido no chão, continuava a conversa...

-Mas claro! Claro que ele vai servir de comida para os meus javalis...

"Hoje mesmo... Sim! Logo mais, na hora do café da manhã."

"Vou arrebentar um pouco mais com esse gambá, e deixá-lo no ponto, para virar comida para os meus bichinhos... Vem para cá que hoje a festa é nossa."

Estirado no chão, Fernando Zéca ouvia o papo, tendo a nítida impressão de que não conseguiria fazer mais nada, a não ser morrer como um saco de pancadas humano.

Tamanha era a convicção até mesmo do Almirante na situação, que a determinada altura da conversa com seu interlocutor, tão envolvido e alegre estava no papo que saiu da sala despreocupadamente, largando o xará corinthiano, sofrendo sozinho.

Finalmente então, sem ninguém lhe atormentando a cabeça com pancadas e ofensas, o Alferes pôde aos poucos reordenar os pensamentos.

Não imaginava que diabos de lugar infernal era aquele em que viera, mas, não merecia tamanha recepção, daí, se quisesse mesmo ajudar a Marge, teria de resistir para sobreviver.

Ainda confuso, passou o dedo, no pulso, onde fora implantada a pulseira dada por Silas.

Na sequência do movimento, num piscar de olhos, viu diante de si, a tal "prateleira" em cujas divisórias, estavam as armas de um poderoso arsenal, a seu dispor.

***

De frente para todo aquele armamento, o fogo da esperança voltou a brilhar, e, sua vontade de viver ganhou força, mesmo com a cara arrebentada e várias fraturas.

O que estava em jogo, era a própria vida, e a obrigação de resistir às arbitrariedades.

Acima disso tudo: encontrar Marge...

Portanto, voltou a concentrar-se com as tantas possibilidades de armas que tinha para escolher, assim, acabou percebendo numa das prateleiras, regeneradores médicos com sprays cicatrizantes e sedativos.

Sem perda de tempo, medicou-se com o que tinha disponível, e, na medida que recuperava as energias, seus pensamentos voltaram a se ordenar de modo normal.

No seu arsenal encontrou até alguns dos seus cigarros favoritos, e, logo acendeu um deles, o que, de imediato, já lhe restaurou as forças completamente.

Na medida que soltava rápidas baforadas, pegou uma das armas, nela brilhou a

seguinte mensagem no ar, em cor branca:

-Deseja utilizar modo de suporte e orientação tática?

Como Fernando Zéca Corinthiano não era orgulhoso a ponto de recusar qualquer tipo de ajuda, ainda mais, numa situação como aquela, logicamente aceitou.

Junto à indagação tridimensional flutuando a sua frente, uma bolinha surgiu e começou a fazer movimentos circulares, solicitando em seguida, maiores informações:

-Diga qual o seu objetivo.

Fernando Zéca, respondeu:

-Fuga de ambiente hostil e autodefesa.

-Escolha grau de força a ser utilizado – Foi a mensagem seguinte, que, ainda pedia mais especificações:

[ ] Paralização do inimigo, sem violência
[ ] Mutilação e dilaceramento do inimigo, com violência
[ ] Morte do inimigo, com violência desnecessária e irrestrita

-Morte do inimigo, com violência desnecessária e irrestrita! - Escolheu sob raiva.

Fernando Zéca Corinthiano, logo imaginou que receberia canhões e fuzis para dizimar tudo ao redor, mas, surpreendeu-se quando, de uma das divisórias, começaram a sair voando, como enxame de insetos dezenas de drones armados que iníciaram uma destrutiva marcha em que avançavam derrubando tudo em torno e instaurando o terror.

O que o poder daquele armamento era muito superior ao imaginado.

Agora, Zéca estava até, ligeiramente arrependido, da opção escolhida pois, os drones mesmo contra alguma resistência seguiam violentamente sem deixar nada em pé.

Como um senhor da guerra avançou pela trilha fumegante de destroços e, por milagre, encontrou o tricorder ainda sinalizando uma direção a ser seguida que era o caminho para chegar a Marge e assim, por alí foi o Alferes...

***

Mesmo sendo extremamente violenta e mortífera, a ação dos drones sob comando do Zéca, ainda deixou para trás, muita coisa inteira como hangares intactos, onde estavam

diversos modelos de discos voadores, naves triangulares, artefatos borgs e outras curiosidades desconhecidas.

Como estudioso no assunto, o Alferes poderia facilmente passar ali, meses debruçado, analisando os detalhes de cada uma, mas, sua prioridade, era encontrar Marge, portanto seguiu a rota que lhe era indicada, até chegar a amplo salão, onde, no meio dele, estava uma porta branca de madeira, com maçaneta dourada, muito parecida com a, que lhe abrira caminho até as proximidades da Area 51.

Estava de pé, sem nenhuma parede ao seu redor no meio do galpão.

Em seguida os drones reuniram-se ao redor de Zéca, enquanto este, acionou do seu pulso, o tal “armário embutido” e os drones voltaram para as prateleiras, de onde haviam saído e o “armário de armas” foi oculto.

O Alferes olhou para a porta e, ansioso por reencontrar Marge, pegou a maçaneta, girou-a, e, assim como da vez anterior, abriu-a avançando para além dos seus umbrais.

Viu-se então, num lugar diferente daquele, do galpão cheio de naves espantosas onde, até então, estivera.

Um ambiente desconhecido que o deixou confuso.

***

## O DOUTOR MULHERENGO

Pelo menos o ar ali, era respirável.

Entretanto, a visão que tivera, antes de atravessar a porta misteriosa, não era tão detalhada, como a de agora, inserido naquele ambiente. De cara percebeu o frio intenso que obrigou Zéca, a acionar o aquecedor da jaqueta e das calças do seu uniforme.

Mas tal medida era paliativa pois não compensava totalmente, a baixa temperatura.

Uma leve névoa pairava, e, quando o Alferes respirava, soltava até fumaça.

Não estava clara a finalidade daquele maquinário que, tinha muitos medidores, que mecanicamente, não pareciam fazer sentido algum.

Cautelosamente, andou pelo lugar, até encontrar uma saída para outro cômodo.

Antes, porém, foi surpreendido por uma espécie de grito “mecanizado” que, mesmo não sendo natural, tinha algo de emotivo, tenso, e, até amedrontador expressando uma mensagem muito clara, e ameaçadora:

-EXTERMINATE! EXTERMINATE!

Fernando Zéca Corinthiano virou-se para a direção de onde ouvia aquele grito e deparou-se com a ameaça, que parecia uma espécie de lata de lixo, de quase dois metros de altura, virada para baixo em que na parte inferior da coisa havia uma saia metalizada, com várias esferas, integradas a ela.

De tão amedrontadora figura, saiam três extensões, retráteis, no formato de barra, em cuja extremidade, haviam duas armas e uma garra.

Fernando Zéca nunca tinha visto nada igual em sua vida, nem imaginava o que fosse aquilo e nem teve tempo para pensar a respeito, já que, a coisa, disparou na sua direção mortíferos raios.

Por sorte, assim que ouviu os gritos estridentes, o instinto o obrigou a se abrigar.

-EXTERMINATE! EXTERMINATE!

Seguidor da filosofia, que prega: QUEM ATIRA PARA MATAR, MERECE LEVAR TIRO PARA MORRER, Zéca sacou duas pistolas que anteriormente prendera à sua cintura, fez mira e mandou vários tiros certeiros no alvo desintegrando o exterminador histérico.

Mais cauteloso, Fernando Zéca, então, avançou para o outro cômodo: um quarto, muito parecido com os de motel, com uma cama, onde jazia inconsciente um sujeito humanoide, conectado através de tubos e fios a um imenso maquinário.

De-repente, ouviu:

-EXTERMINATE! EXTERMINATE!

O som vinha das sombras daquele recinto, mais especificamente de máquinas similaridades à anteriormente desintegrada, só que muito maiores, e também conectadas através de um emaranhado bagunçado de fios e tubos ao dorminhoco ali deitado.

Mas o ambiente escurecido ainda ocultava outras máquinas menores, que formavam um sonoro coro ameaçador.

-EXTERMINATE! EXTERMINATE!

Chegaram todas atirando contra Fernando Zéca, que correu como um macaco louco, naquele pequeno espaço, retribuindo a saraivada que lhe era dirigida com disparos certeiros das suas pistolas phaser.

O tiroteio seguia intenso, mas, de fato, quem estava levando a melhor, era Fernando Zéca, já que, sua rápida movimentação, e alto índice de acertos, diminuía a quantidade de atacantes nas fileiras inimigas, consequentemente, as chances de ser alvejado.

-EXTERMINATE! EXTERMINATE!

A batalha seguiu intensa, e as emoções à flor da pele até que Fernando Zéca deu um tiro certeiro e destruidor na que parecia ser a criatura comandante de todo o ataque.

Com o monstro mecânico inutilizado, só então a horda de atacantes quedou paralisada, como se um curto-circuito lhes tivesse fundido o raciocínio.

Percebendo que o perigo mais eminente já não constituía ameaça, Fernando Zéca, guardou as armas enquanto na cama, o dorminhoco despertou.

***

Sujeito mais alto que um jogador profissional de basquete, cabelo, pele e barba negra se desconectou de tudo que o prendia.

Sentou-se, olhou ao redor e viu os agressores inutilizados pela ação do Zéca.

-Eles me enganaram. - Disse num inglês bastante polido. Se aproveitaram da minha fraqueza pelas mulheres...”

Fernando Zéca logo percebeu tinha algo em comum com o sujeito, afinal, ele também, tinha sua queda por mulheres bonitas.

-Veja o que fizeram comigo... - Continuou lamuriando o tipo enquanto vestia se.

“Fui induzido a acreditar que estava numa festa, cercado por beldades interessadas em namorar comigo...”

-Numa simulação virtual? - Indagou Zéca.

-Eles me puseram isso na cabeça. - Disse olhando para os fios que até então estavam conectados, à sua testa. - Essas criaturinhas pérfidas, evoluíram, desde o nosso último encontro: e me enganaram direitinho... Como fui idiota...

Fernando Zéca não interrompeu os devaneios do sujeito.

Talvez, através destes, pudesse entender um pouco melhor a situação.

-Criaturas ardilosas! Eu poderia ter ficado preso nessa falsa realidade, por muito tempo... Talvez, o suficiente para que, eles aproveitassem a minha ausência e dominassem, ou, pior: destruíssem o universo!

Ainda sem entender nada direito, Zéca interrompeu as reflexões do recém desperto.

-Não sei se foi certo ou errado, mas devo lhe informar que foram os tiros que eu dei, que neutralizaram essa turma...

-Fez bem. Não se deve subestimá-los. São muito perigosos.

“Já os enfrentei antes, em outras ocasiões, mas, estes aí são mais evoluídos, e ardilosos...”

-Sabe onde estamos? - Perguntou Zéca.

-No meu quarto que normalmente não é tão bagunçado.

O homem terminou de se vestir e ficou de pé.

Agora usava paletó escuro, camisa branca e calça no estilo vitoriano.

Amarrou a cabeleira negra num rabo de cavalo e colocou óculos escuros redondos.

-Os embusteiros esfriaram tudo aqui, para que suas partes mecânicas trabalhassem mais bem refrigeradas! - Disse ele. - “Vou resolver este problema!”

Aproximou-se então, do painel na parede, onde ajustou alguns controles.

Logo, a temperatura começou a esquentar e a névoa se dissipou.

-Os que estão aqui não prestam para mais nada, o perigo, entretanto continua.

“Logo chegarão outros para terminar o trabalho que estes não conseguiram fazer. Venha comigo!”

Rapidamente, foram então, para a sala, onde estivera a porta branca misteriosa, que trouxera para aquele local, Fernando Zéca, e que, já não se encontrava mais ali.

-Tentei compreender o funcionamento dessa engenharia toda. - Disse o Alferes se referindo ao equipamento ali ao redor. - Mas, não consegui chegar a qualquer conclusão a respeito da sua finalidade.

-Ah! Muito simples. - Disse o homem. - Este maquinário é o que impulsiona tudo por aqui, em viagens pelo tempo e espaço...

Fernando Zéca olhou pelas janelas que haviam ali, enxergando o cosmo profundo, povoado por estrelas e galáxias, daí, por força das circunstâncias, viu-se obrigado a acreditar, que estava num veículo capaz de viajar, segundo as palavras do seu tripulante, pelo espaço-tempo.

Entretanto, admirando a paisagem sideral, também, deu-se conta de uma ocorrência: outros daqueles tipos metálicos ardilosos de temperamento histéricos estavam lá fora, em meio ao negrume infinito, avançando em sua direção.

E vinham flutuando em formação alinhados uns com os outros aos milhares!

E suas intenções não pareciam ser das mais amistosas.

Na sua cabeça, Fernando Zéca Corinthiano era capaz até de ouvir aquela voz histérica, desafinada e irritante:

-EXTERMINATE! - EXTERMINATE! - EXTERMINATE!

***

-Olhe lá fora. - Disse Zéca.

Seguindo a sugestão, o homem olhou pela janela não gostando do que viu.

-Eles perceberam rapidamente, que as coisas aqui dentro não estão conforme queriam. Agora tentarão nova investida.”

-Temos algum recurso defensivo? Armas?

-Não estão operacionais, no momento. Só funcionarão plenamente dentro de algumas horas. O resfriamento prejudicou quase todos os sistemas.

-Dá para fugir?

-Nem isso... O que ainda temos funcionado, é um campo protetor em torno de nós, que não será suficiente, para aguentar qualquer ataque das armas pesadas.

Fernando Zéca ficou pensativo; o cenário não era nada otimista.

-Eles devem ter um sistema de comunicação que gerencia suas ações. - Sugeriu.

-Exato! - Confirmou o homem. - Os que você neutralizou aqui, estavam conectados e sendo comandados pelo maior, posicionado próximo à minha cama; este por sua vez, devia estar enviando e recebendo instruções ao comandante desta formação lá fora.

-Acho que você está se referindo àquele ali... - Disse o Alferes apontando para a maior de todas as criaturas metalizadas lá no negrume abissal, com aproximadamente cinquenta metros de altura, que também avançava ameaçadoramente, em meio, às formações de suas cópias menores.

-Exato! Essa coisa é a maior que vi em todas minhas vidas.

Preocupado com o destino que reservava pelo futuro, Zéca passou o dedo pelo pulso e, imediatamente, surgiu dali, o “armário de armas”.

-Isto sim é algo interessante. - Disse o homem, demonstrando surpresa com aquele distinto e sorrateiro arsenal. - Mas, para quê tantas armas? É algum tipo de autoafirmação?

-Sim. Eu de fato reforço minha firmeza de caráter com elas, já que, muito jovem aprendi o seguinte micro conto:

***

**HISTORIA DO COW-BOY INDEFESO**

***Terminou no primeiro paragrafo, a biografia do cow-boy que saiu de casa desarmado, depois de acreditar na conversinha desarmamentista estatal, para inutilmente morrer como trouxa.***

***

-Conforme depreendi dessa obra literária. - Explicou Fernando Zéca, não vive muito, quem sai acredita desarmado no papo furado do governo.

Sem muita conversa, Fernando Zéca tirou daquele incrível armário, o que parecia ser moderna bazuca.

-Isso aqui não só fortalecerá a minha auto-estima, bem como salvará nossas vidas.

-Essa arminha? Contra todo aquele exército aí fora?

-Exato. - Disse Zéca. - Essa arminha!

“Mas preciso me posicionar, em um lugar de onde ela possa ser bem utilizada.”

-Ah, claro! Venha comigo.

Os dois seguiram para outro cômodo, onde o homem abriu uma porta de madeira azul que dava para fora, bem no meio do espaço sideral.

Parecia só abrir uma simples porta como outra qualquer, pois rangia.

Porém, quem desse um passo além dela, despencaria para o infinito, tendo morte certa e imediata.

Aquela passagem, de alguma forma, como já vira em outras tantas estruturas, dispunha de um campo de força que, mesmo com a porta aberta, estabilizava o ambiente interno, mantendo aí constante, a pressão atmosférica e gravidade... O homem estendeu a mão apontando para além desta, dizendo:

-Daqui você vai acertar nossos adversários.

Para atirar, o Alferes posicionou-se bem a beira do precipício.

Um passo errado e seria levado pelo negrume interminável.

O campo que protegia aquela nave, provava ser eficiente, assim Fernando Zéca destravou a arma que parecia uma bazuca, apoiou-a sobre ombro apontando para a coisa gigante que, aparentemente, controlava todo o ataque. E disparou.

***

Três raios vermelhos, paralelos saíram do interior da arma atingindo em cheio, o alvo.

Por alguns segundos, corriam através destes, faíscas brancas que, a medida que, também atingiam o alvo, causavam neste, novas explosões e daí ondas luminosas de impacto, expandiam-se alcançando e destruindo também outros adversários no entorno.

Assim atingidos, todos apagaram imediatamente.

E os atacantes, que não sofreram com o destrutivo contra-ataque de Fernando Zéca, abandonaram a formação coordenada e se dispersaram.

-O efeito desta “arminha' é similar e, infinitamente mais forte, que o de um

potentíssimo pulso eletromagnético. - Disse Fernando Zéca.

-Teu armamento é surpreendente. - Disse o homem. - Mas, não teremos tempo pois o inimigo voltará com ânimo redobrado.”

Fernando Zéca coçou o queixo:

-Sendo assim tão poderosos o meu armamento pode não funcionar se voltarem com blindagens, proteções e medidas defensivas, que nos anulem. Mas tenho uma ideia, que pode resolver esse tipo de problema futuro.

-E do que se trata?

-Talvez possamos alterar a parte computadorizada conectada ao cérebro dessas criaturas com novos linhas de programação que eliminem de vez esta vontade que têm de nos exterminar.

-Meus computadores estiveram em contato com estas criaturas, o tempo todo em que fiquei “sonhando”, talvez, através desta conexão, consigamos dados, que nos informem do melhor ponto da programação onde poderíamos inserir tuas instruções.

-Tem que ser logo na reinicialização das operações dos programas.

“Se inserirmos, nas primeiras linhas, as LEIS ASIMOVIANAS DA ROBÓTICA, não teremos problemas.”

“Havendo ainda uma parte cerebral, biológica nessas criaturas, poderemos, mesmo aí, colocar tais instruções, para que as tenhamos ao nosso lado e não contra nós.”

“No mais, teríamos que conseguir um meio dessas instruções, serem imediatamente espalhadas entre todas essas coisas.”

-Leis Asimovianas da Robótica??? Isso aí pode dar certo?

Antes de responder à indagação, Fernando Zéca, tocou no teclado do tricorder onde digitou alguns comandos e um texto apareceu flutuando no ar, logo acima do teclado.

-Como leio Ficção Científica, sempre carrego comigo, bons títulos, dentre estes, um dos melhores autores da ficção científica, que é ISAAC ASIMOV, o criador das seguintes LEIS DA ROBOTICA:

· **“Lei Zero: um robô não pode causar mal à humanidade ou, por omissão, permitir que a humanidade sofra algum mal.**
· **1ª Lei: Um robô não pode ferir um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano sofra algum mal.**
· **2ª Lei: Um robô deve obedecer às ordens que lhe sejam dadas por seres humanos exceto nos casos em que tais ordens entrem em conflito com a Primeira Lei.**
· **3ª Lei: Um robô deve proteger sua própria existência desde que tal proteção não entre em conflito com a Primeira ou Segunda Leis.**

Depois da leitura, Fernando Zéca continuou a exposição do seu plano:

-Se substituirmos “um robô” pela palavra “você”, teremos uma instrução mais individualizada, para cada criatura que a receber.

-O seu plano pode funcionar.

“Pegamos alguns deles como cobaias e faremos esta reprogramação.”

-Então vamos logo ao trabalho. Se o perigo é tão eminente, temos que ser rápidos.

-Sem dúvida. Antes, porém, precisamos nos apresentar... Eu também gostaria de saber como foi que você entrou aqui...

-Mas claro! Meu nome é Fernando Zéca Corinthiano.

“Sou Alféres da Frota Estelar da Federação dos Planetas Unidos.”

-Frota Estelar? Já conheci alguns colegas seus antes. Eram tripulantes da nave... Como chama mesmo? Ah sim! U.S.S. ENTERPRISE, comandada pelo Capitão Jean-Luc Picard.

-Sério? Você conheceu o Picard da Enterprise???

Fernando Zéca Corinthiano quase ficou sem fôlego, mas, ainda conseguiu falar:

-Estes nomes estão entre os das maiores lendas da Frota Estelar...

A cabeça do Alferes estava entrando em parafuso.

-O Picard não está mais na Enterprise a no mínimo quinze anos! Esse encontro deve ter acontecido a bastante tempo. Você devia ser bem jovem naquela época...

O homem coçou a barba e disse:

-Na verdade, eu era uma outra pessoa completamente diferente do que sou agora, e, para mim, se você está usando o calendário terrestre como referência, o meu encontro com o Picard e a Enterprise, já se deu a quase 700 anos!

***

Fernando Zéca Corinthiano se surpreendeu.

Olhou para o interlocutor duvidando.

Mesmo para a situação extraordinária em que estava, era uma matemática difícil de encaixar.

Primeiramente porque, não haviam ainda, se passado setecentos anos, desde a última vez em que a ENTERPRISE fora comandada pelo afamado Capitão Picard.

E esse sujeito também, nem de longe aparentava ter MAIS de sete séculos de idade... Tinha mesmo coisa estranha naquela narrativa.

Fernando Zéca se fez de desentendido... E de fato, estava mesmo.

-Mas você está bem conservado para quem tem algumas centenas de anos nas costas.

-É que eu já me “regenerei” mais de cinquenta vezes.

-Regenerou?

-Sim. Me regenerei.

“Já te explico: Circunstancias muito específicas podem ocasionar no meu corpo, um processo de “regeneração”, que o transforma e renova completamente, até mesmo, a nível celular. É uma mudança brusca e imediata que me altera completamente.”

“Para que você tenha ideia, destes mais de cinquenta processos de regeneração pelo qual passei, em duas vezes, fui transformado em mulher...”

Fernando Zéca não parava de se surpreender.

-Pelo que vejo então: as memórias destas suas outras fases da vida, permanecem.

-Exato. Eu vejo minhas “fases” anteriores, como vidas de pessoas diferentes de mim, tendo integralmente guardadas, todas as memórias e experiências passadas.

“A única coisa que não mudou é a forma como me chamam.”

-Ah! E como é? - Indagou Fernando Zéca.

Ele cumprimentou Fernando Zéca com um aperto de mão, respondendo:

-Eu sou o Doutor.

***

-Doutor quem? -Perguntou Fernando Zéca, ainda aturdido com toda aquela papagaiada fantástica.

-Só Doutor mesmo!

Nosso estimado Alferes ficou mais confuso ainda:

Não sabia se o Doutor, era Doutor em alguma cátedra, se era médico, ou advogado.

De qualquer forma, não esticou demais a dúvida.

Se o sujeito queria ser intitulado como Doutor, então, que fosse assim!

O que interessava com urgência no momento, era a solução dos problemas.

-Então Doutor, vamos aos seus computadores?

-Sim. Imediatamente.

Começaram então o trabalho na sala onde a porta, abriu para o tiro do Zéca.

Ali, o Doutor começou a mexer num curioso equipamento parecendo até um mágico

operando seus truques.

-Usaremos como cobaia, aquele que está no meu quarto, e que controlava todos os outros aqui dentro.

-Doutor, você disse que já conhecia esses tipos antes...

O Doutor fez uma pausa nos seus movimentos ao redor do equipamento e respondeu: -Sim. Eles são os Daleks.

“Eu já os enfrentei diversas vezes no passado, mas, agora, eles evoluíram, e, parecem mais perigosos que antes. “

-Pode até ser, mas, se nossos planos forem bem-sucedidos, teremos no futuro, uma evoluída geração de Daleks, nos dando suporte como aliados.

***

Enquanto o Doutor mexia nos equipamentos, Fernando Zéca voltou a falar um pouco mais de si e da estranha missão que até ali o trouxera.

-Uma porta branca de madeira, daquelas bem comuns, me apareceu duas vezes, no meio do nada, abrindo caminho para cá, e antes, para a Area 51 da Terra.

-Aquela área onde ficam discos voadores, naves e artefatos desconhecidos?

-Sim, mas ali, as pessoas eram muito estranhas, e se tratavam mal, não respeitando as mulheres, como se todos quisessem ter o salto mais bicudo para chutar melhor.

-Me parece que estas portas estão te abrindo passagens por universos paralelos... - Sugeriu o Doutor.

-Universos paralelos... - Refletiu Zéca...

-Realidades muito similares à tua, em alguns casos. Noutros, totalmente diferentes, como nas imagens invertidas de um espelho...”

-Universo espelho... Sim... Pode ser exatamente isso. Agora que você falou, e, juntando tudo, me lembrei de velhas histórias, em que gente da Frota Estelar, passou por este universo espelho, onde tudo é diferente.”

“Vi até o símbolo do Império Terrano... Na hora não me dei conta, mas é isso mesmo.”

“De todo modo, essa porta só me abriu passagens para lugares confusos e violentos e, para finalizar, agora, estou enrolado sem saber o que fazer, ou, para onde ir.”

-Neste caso, meu caro Zéca, restou a você, continuar aqui, prestando a sua ajuda inestimável, que reprogramado os Daleks. - Disse o Doutor enquanto acionava controles, mexia alavancas e apertava botões, assim como um bailarino operando maquinário pesado, até que parou diante de um monitor para avaliar o resultado de todo seu trabalho dançante.

-Minha parte está pronta. Já podemos mudar a programação...

-É pra já, Doutor. O Senhor manda.

***

No cômodo onde Zéca encontrou o Doutor inconsciente, ainda estava o Dalek, que agora estava sendo acionado, e antes integrara a cadeia de comando daquelas criaturas.

Acendeu-se no seu bojo, a luz indicadora de funcionamento.

Perto do Doutor e Zéca, outros daleks também voltaram às atividades.

Sucederam-se tensos e silenciosos momentos até que o Dalek principal, com um tom de voz um pouco menos tenso disse:

-Obedecer, servir e proteger a raça humana.

A programação funcionou naquele Dalek e os outros, logo repetiram o comando:

-Obedecer, servir e proteger a raça humana.

Fernando Zéca e o Doutor celebraram apertando as mãos.

-Parabéns Doutor. Ótimo trabalho.

-Obrigado pela inspiração, meu caro Zéca. Agora, precisamos reativar, os Daleks lá

fora, que não foram destruídos, para inserirmos nestes a mesma programação.

Assim, mais tarde, o Doutor e, Fernando Zéca, assistiam dez daleks, em fila indiana, avançando para o espaço exterior, através de uma porta na parede aberta repetindo:

-Obedecer, servir e proteger a raça humana.

Flutuando em meio ao negrume sideral, estes avançaram para os seus semelhantes, reprogramando, concertando e acionando-os.

Uma vez em funcionamento, saíam repetindo en outros ainda quebrados ou, inoperantes, os mesmos reparos e novos parâmetros, que receberam.

Em poucas horas, assim como numa reação em cadeia, todos os daleks envolvidos no ataque contra o Doutor, estavam agora, sob suas ordens.

***

Não demorou muito para que a nova programação já estivesse operando também, através da rede de comunicações que interligava os daleks.

Mesmo com a reviravolta no poder ajudada por Fernando Zéca, e ainda, com o bom andamento dos planos, o Doutor demonstrava preocupações:

-Se os daleks me enganaram, devem ter feito o mesmo em outros lugares, especialmente na Terra, que sempre foi alvo do seu interesse.

Fernando Zéca ouviu silenciosamente, já antevendo as novas confusões em que se meteria, caso embarcasse na proposta de aventura, que se avizinhava.

Olhou para o tricorder que Silas lhe entregara, e verificou SE este sinalizara algo que o livrasse de novas enrascadas. Apertou os botões, mas não obteve resposta.

O aparelho continuou silencioso, como se tivesse quebrado.

Ainda sem opções, só restava ao Alferes auxiliar o Doutor, já que as intenções dele eram retas e dignas de atenção.

-Se o senhor, quiser seguir caminho para Terra, eu te acompanho.

-Ótima ideia. - Disse o Doutor. - Arriscada, mas heróica.

“Temos de fato que verificar a situação por lá, pois seria desastroso se os daleks dominassem o sistema solar. E, se já o fizeram, só com a nova programação teremos chances de reverter o jogo em favor da humanidade.”

- Então vamos para lá. - Disse Fernando Zéca aparentando uma bravura que não tinha enquanto maldizia-se por não manter o bico fechado, escondendo as ideias idiotas.

***

Com seu balé tresloucado e rápido, o Doutor acionou vários comandos naquele estranho maquinário, em seguida, invadiu o ambiente, em alta resolução, um som esquisito, curto e repetitivo, que foi progredindo de volume, similar ao acionamento incessante e repetitivo, da válvula de descarga utilizada em vasos sanitários.

Era muito persistente, mas pela tranquilidade que o Doutor demonstrava, deveria ser apenas, o barulho indicando que todo aquele maquinário apenas funcionava bem.

Fernando Zéca observou casualmente as janelas, e, aturdido, percebeu o espaço lá fora se movendo e se transformando num borrão de manchas vivas pontilhadas por estrelas e galáxias, muito similares às tintas aquareladas sobre papel.

As cores mudavam a todo instante até as manchas coloridas se dissiparem definindo as imagens que revelaram uma moderníssima cidade, que, qualquer desinformado reconheceria como Londres, no planeta Terra

A névoa local, era a mesma tão característica de já a muitos séculos, mas havia ainda, uma densa fumaça escura cobrindo a maior parte da metrópole.

O Doutor olhou pela janela e arregalou os olhos.

. -Chegamos tarde. Aqui, o estrago já está feito

Fernando

***

-Estrago nada, Doutor. Vamos tentar a velha receita para resolver logo o problema. Vai ser moleza.” - Disse Fernando Zéca com sua confiante cara de pau.

-Melhor ir devagar. - Acautelou o Doutor. - Estes daleks se adaptam rapidamente.

Fernando Zéca puxou do bolso, um de seus famigerados charutos e acendeu, enquanto sorria com o canto da boca.

-Não tem problema, Doutor. Vamos mandar para fora, os daleks que ainda estão aqui para reprogramarem os que encontrarem pelo caminho.

-Os que temos aqui são poucos, mas, a ideia é boa.

O Doutor abriu a porta para o exterior, mostrando mais ainda a paisagem londrina, enquanto os daleks remanescentes saíam em fila já se espalhando.

-Agora é só esperar a programação fazer seu trabalho e recuperaremos a liberdade. - Disse Fernando que saiu atrás admirando o entorno enquanto caminhava.

Dando profundas tragadas no seu charuto cutucou o braço do Doutor, que ia ao seu lado atento a tudo:

-Viu Doutor? Não te disse que seria moleza?

Fernando Zéca já estufava o peito sentindo-se o resolvedor de todos os problemas, porém, percebeu uma mancha diferente movendo-se na linha do horizonte, daí ajustou seus óculos para enxergar melhor, como num binóculo surpreendendo-se com o que viu:

-São Daleks voadores que vêm para cá em grande número.

“Não gastarão nem cinco minutos para chegar aqui.”

-Vamos escapar. - Disse o Doutor virando para trás e voltando sem perda de tempo enquanto Fernando Zéca ainda ficou ali ajustando os óculos para ver mais...

Os daleks que enxergava agora, não deviam ter nem 30 centímetros de altura, mas vinham aos milhões, fato que assombrou até seu treinamento acadêmico militar, que o deixou sem ideias de qual a melhor arma para utilizar naquela situação.

Rapidamente compreendeu que, até resolver o dilema, diante das variedades que dispunha no seu armário “mágico”, gastaria tempo estando ali exposto, como alvo fácil.

Melhor seguir o conselho do Doutor e, abrigado dentro da nave dele, decidir a medida mais adequada a se tomar, daí virou-se para trás, e, quando ia desatar a correr, como um louco, não viu nem o Doutor, tão pouco sua nave. Estava só num espaço aberto.

***

Não havia tempo para se lamuriar. Estaria a nave camuflada?

-Doutor! Doutor! - Chamou Zéca.

Naquele cenário só havia uma cabine da polícia de cor azul, muito similar às de telefone utilizadas no século XX, da era pré-celular. Fernando aproximou-se desta, para utilizá-la como abrigo até o Doutor aparecer.

Parou de costas, perto da porta aberta da cabine, olhando para a mancha ameaçadora de Daleks: Ainda ali não tinha a menor ideia de qual recurso utilizar na situação; talvez alguma coisa com um potente pulso eletromagnético.

Passou o dedo no seu pulso e o armário de armas apareceu como passe de mágica.

-O que usar diante de tantas variedades? -Pensou. - Haveria algo que criasse uma chuva forte de acido para enferrujar a lataria daquelas criaturas?

“Talvez não. E, se houvesse levaria mais tempo para funcionar, do que o disponível.”

“O típico caso em que o excesso de opções atrapalha a busca pela melhor solução...”

-Doutor... Doutor... - Gritou.

De-repente, uma mão agarrou o seu ombro e puxou-o para trás.

Com um movimento brusco, foi levado para dentro da cabine azul de polícia, e cuja porta se fechou tão logo, o Alferes assustado atravessou os seus umbrais.

***

Quem achou que o Fernando ficaria apertado com outra pessoa num espaço pequeno equivalente ao de uma cabine telefônica, enganou-se.

De-repente, o Alferes viu-se de volta ao interior da nave do Doutor que era bem maior do que a cabine em si.

Antes que tivesse tempo de entender a situação, ouviu uma repreensão:

-Não é hora de usar táticas ofensivas e sim, contramedidas defensivas, Zéca.

Recobrando o fôlego, o Alferes tentou manter a cara de pau indagando:

-O que sugere, Doutor?

-Venha.

A passos largos, (afinal o Doutor tinha mais de dois metros), este avançou para a sala dentro de sua “nave” em que havia um console central com diversos controles.

Do meio do conjunto, saíam diversos tubos transparentes em cujo interior transitavam pontos luminosos, em direção ao teto, dali se espalhando para todos os lados.

Mais uma vez, ao acionar os comandos que queria, o Doutor se movia de tal maneira, que parecia mesmo um bailarino terminando a correria ao lado de Zeca.

-Agora veja só...

No console, monitores mostravam o que acontecia lá fora da nave, sob diversos ângulos de visão, incluindo até um que mostrava a tal cabine azul, que da sua parte inferior, começou a soltar fumaça... Muita fumaça...

Tanto que, ergueu-se do chão, flutuando nos ares, enquanto poluía o meio ambiente.

E finalmente chegaram os milhões de daleks que Fernando Zéca já havia avistado anteriormente.

Quando iriam mergulhar com tudo sobre a cabine voadora, esta disparou pelos céus soltando enorme volume de fumaça como um foguete rumo ao espaço, e não foi perseguida já que os daleks dispersaram-se antes da decolagem.

-O que está havendo? Indagava Fernando Zéca olhando para as imagens, enquanto sentia vibrações ao seu redor...

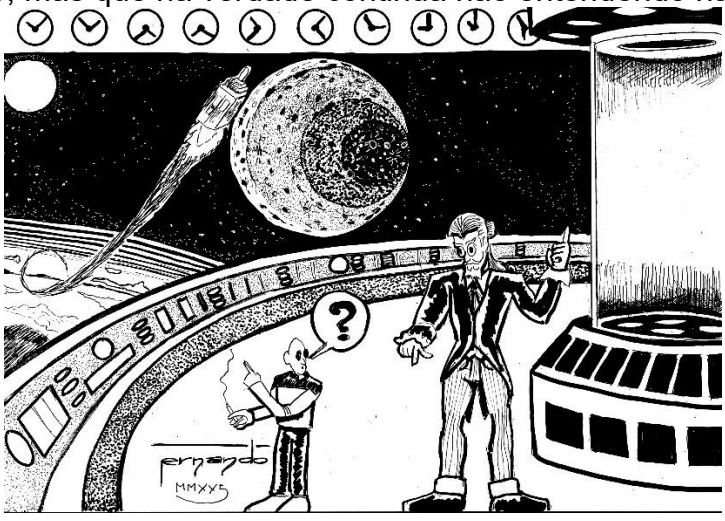
-Essa fumaça é uma contramedida defensiva que vai nos permitir fugir dos daleks enquanto os desorienta.

-Peraí. Você está me dizendo que estamos dentro dessa cabine azul? - Indagou Zéca perplexo apontando para a imagem do monitor.

-Sim. - Respondeu o Doutor com a maior naturalidade. - Essa “cabine azul”, se chama TARDIS. Ela é a máquina do tempo que nos transporta agora.

-TARDIS uma máquina do tempo? Ah... Tá!

“Agora ficou explicado.” - Disse Fernando Zéca com cara de jogador de poker que, aparenta saber tudo, mas que na verdade continua não entendendo nada.



***

Diante de um dos painéis na parede, o Doutor deslizou seus dedos pondo em funcionamento, novos truques que tinha na manga.

No monitor onde era mostrada TARDIS, percebia-se que, mesmo no espaço, a cabine voadora continuava soltando sua fumaça que logo precipitava de volta para a atmosfera onde se juntava às nuvens.

Em seguida começou a chover.

Não uma simples chuvinha, mas uma tempestade torrencial despejando sobre o solo, pela superfície do planeta, dezenas de milhares de raios esverdeados.

-Por-que esses raios têm tal coloração? - Indagou Zéca vendo a imagem no monitor.

-Não são simples raios comuns. Estes aí, geram potentes pulsos eletromagnéticos, capazes de desestabilizar os componentes eletrônicos dos daleks.

Dizendo isso o Doutor acionou uma alavanca.

-Agora, enquanto estão inoperantes, por conta dos pulso eletromagnéticos causados pelos raios, estou aqui enviado por todos os sistemas de comunicação disponíveis, as novas linhas com as instruções que irão mudar sua programação.

-Mas, será que conseguiremos reprogramar todos? Devem haver bilhões espalhados pela Terra...

-Vai demorar algum tempo, mas, conseguiremos. Basta esperar.

-Então tá. - Disse Fernando Zéca. - Se é para esperar...

Acendeu outro charuto e sentou-se numa cadeira próxima.

***

Horas já haviam gráficos dando conta do total de daleks já reprogramados.

Mais de setenta por cento dos que se espalharam pela Terra restando ainda, satélites em órbita, bases na Lua, planetas e outros lugares que, logo também seriam afetadas pela reprogramação.

-Agora é irreversível. -Disse o Doutor. - Com o tempo, todos os daleks serão de um modo ou de outro, afetados.

-O velho e bom Asimov, deve estar feliz lá nos Campos Elísios da Ficção Científica. - Disse Fernando Zéca entre uma e outra tragada do cigarro. - Suas ideias ainda inspiram soluções para muitos problemas.

-Sem dúvida. - Concordou o Doutor.

Fernando Zéca então levantou-se dizendo:

-Me dá um instante que eu já volto. Preciso ir ao banheiro.

Seguiu dalí até o fim de um corredor, entrando em local onde haviam várias portas com acesso aos sanitários, entrou numa delas, aliviou-se e, completou sua tolete.

Muito mal terminou de respirar aliviado e o tricorder que até então parecia totalmente inoperante, disparar os alarmes novamente indicando um caminho a ser seguido.

Obedecendo a orientação, o Alferes saiu do banheiro, seguindo novamente pelo corredor, onde se deparou com a porta branca de madeira bem no meio deste.

Era a tal que já encontrara antes e o tricorder não parava de apontar para ela.

***

Sem perda de tempo, Fernando Zéca chamou alto:

-Doutor! Doutor! Doutor!

Em poucos instantes apareceu o Doutor, com os olhos arregalados.

-Caramba Zéca, achei que tivesse acabado o papel higiênico no banheiro.

Fernando Zéca Corinthiano apontou para a porta branca.

-Essa porta não estava aqui até a alguns instantes atrás. - Disse o Alferes.

***

-O “tricorder” é muito claro, Doutor. É através dela que devo seguir.

O Doutor não tirava os olhos da porta.

-Sem dúvida, trata-se de uma passagem interdimensional, que, até eu, posso ver aonde vai chegar. - Disse o Doutor já abrindo a porta para deparar-se com um cenário nebuloso do outro lado dela.

Fernando Zéca, só de olhar aonde iria se meter, sentiu calafrios lhe percorrendo o corpo.

Queria desmaiar se enfiando nas cobertas de uma cama quente, mas, não podia.

Como que, num passe de mágica apareceu na mão do Doutor um curioso objeto parecido a um pequeno cubo colorido de vidro, que ficava mudando sua forma sem parar, tendo em seu interior outro cubo, que saia dali de dentro para em seguida se tornar o maior num ciclo sem fim de transformações.

-Você vai chegar no bar de um amigo meu. - Disse o Doutor. - Quero que aproveite a viagem para dar a ele este artefato cuja entrega, estou devendo há muito tempo...

-Claro... – Disse o Alferes pegando o objeto que em seguida guardou no bolso. - Infelizmente tenho que partir, Doutor. Foi uma honra conhecer e, trabalhar ao seu lado.”

-Igualmente, Zéca. Boa sorte, e, seja prudente. Infelizmente, não posso seguir contigo, pois, terei de garantir que as coisas por aqui voltem a seguir o bom caminho.”

Fernando Zéca Corinthiano apertou a mão do Doutor:

-Sucesso então, Doutor.

Sorriu, e avançou, aparentando uma coragem, que não tinha!

***

# PROBLEMAS COM UMA CONTA

Assim que ia pisar do outro lado da porta, despencou pro meio do nada.

A névoa branca desvaneceu e Fernando Zéca deparou-se com um espaço negro cheio de coloridas esferas brilhantes de diferentes tamanhos que, unidas, formavam imensas espirais e fractais, convergindo para um mesmo lugar, que era exatamente, na direção para onde estava caindo.

Mal conseguia respirar.

Não dava para saber se, devido à vertigem da queda, ou, por causa de uma eventual falta de ar naquele ambiente.

Para Zéca, o que parecia uma eternidade de tempo, se passou, até que conseguisse definitivamente, acabar de “cair” no ponto, para onde, se dirigia a uma velocidade alucinante.

Era outra efera brilhante, cujo tamanho, foi ficando cada vez maior, até que dado momento, dava a impressão de ter dimensões planetárias.

E quando Zéca ia finalmente se chocar violentamente na sua superfície... Desapareceu completamente.

A queda livre parou junto com a vertigem, fato que, permitiu a Zéca respirar normalmente, mais uma vez.

Só que agora, ele se encontrava sentado.

O ambiente nebuloso se dissipou ao redor, revelando diante de si, a mesa de um bar.

Nem teve tempo de raciocinar direito e, uma jovem atendente, (muito atraente, por sinal), se aproximou, deixando sobre a mesa, uma cesta com pãezinhos, e um prato com manteiga, queijo, e outros molhos...

-Quer fazer o pedido?

Zéca olhou para a moça, ainda confuso, enquanto pegava um dos pãezinhos da cesta e já ia passando nele, a manteiga ou, algum dos molhos, enquanto aproveitou para fazer o pedido

-Vou querer, suco de laranja, um energético, filé alto, ao ponto, soterrado por montanha de batatas fritas...

A moça anotou o pedido enquanto Zéca devorava dois ou três pãezinhos do couvert.

-Mais alguma coisa?

Zéca pensou melhor, e disse:

-E uma caipirinha de cachaça.

A moça anotou a caipirinha, em seguida, pediu:

-Preciso da comanda...

Engolindo mais alguns pãezinhos, Fernando Zéca fez cara de interrogação:

-Que comanda? Não tenho comigo comanda nenhuma.

-Mas o Senhor deveria receber uma comanda assim que entra aqui no Muden's Bar.

“Espere aí. Um momento...”

Ela fez sinal para um sujeito de roupa espalhafatosa sentado numa área escura.

Com um movimento ágil, ele logo chegou à mesa, onde Zéca estava sentado.

O tipo não era nada bonito.

Tinha sobrancelhas grossas, uma cicatriz cortando verticalmente o rosto e cabelo longo sob uma boina de cor roxa.

Sua roupa incomum incluía luvas vermelhas, capa, e armas...

Dentre elas, uma espada, que ostentava presa a cinta.

-Qual é o problema? - Indagou, com o semblante sério...

Ao que a moça respondeu:

-Cliente apareceu aqui na mesa, sem a comanda...

O estranho figurão, deu algumas tragadas no cigarro que segurava meio caído, com

os lábios.

Olhou bem para Fernando Zéca, e indagou:

-Você passou pela portaria?

-Não.

-Quando eu vi, ele já estava sentado na mesa. - Explicou a atendente. - Não faço a menor ideia de como entrou aqui.

O tipo espalhafatoso bem armado, sentou-se numa cadeira, da mesa diante de Fernando.

-Vou levar em consideração que estamos em Cynosure, uma cidade privilegiada, por estar numa confluência pluri-dimensional, onde, qualquer hora é hora, para aparecer todo tipo de criatura ou, coisa esquisita, vinda de fora, ou até, de algum universo paralelo...

Fernando ouviu em silencio.

A cara de mau humor do tipo espalhafatoso, dava a impressão de não ser muito chegado à piadinhas ou brincadeiras.

-Normalmente, cobramos uma taxa de quem perde a comanda da casa. - Disse ele. - Como pretende pagar suas despesas aqui?

-Tenho comigo um cartão de crédito, que é valido em qualquer lugar. - Respondeu Zéca tirando do bolso, o tal cartão, e, colocando-o na mesa, diante do tipo espalhafatoso.

A atendente olhou para o cartão, por cima do ombro do tipo espalhafatoso, e disse:

-John! Esse cartão não serve em nenhuma das máquinas daqui do Munden's Bar.

O tipo espalhafatoso, manteve a cara séria e perguntou:

-Tem algum outro meio de pagamento?

Fernando Zéca ergueu as sobrancelhas, respirou fundo e respondeu:

-Só tenho esse aí, que nunca me falhou.

-Esse não serve.

-É o que tenho.

-O que ele consumiu? - Perguntou o tipo à atendente.

-Até agora, que eu trouxe, só o couvert...

-Esse couvert não é barato... Você terá que pagar por ele de algum modo...

Fernando Zéca ficou sem palavras...

-John. Hoje não veio ninguém por conta da greve que o Partido Obrero tá mobilizando no transporte público de Cynosure... - Disse a atendente atraente. - Estou precisando de gente para ajudar na limpeza da cozinha.

O tipo espalhafatoso, num movimento rápido, ficou de pé e disse:

-Então fica resolvido. Você vai lavar pratos para pagar sua conta. Venha comigo.

***

Fernando Zéca ainda tentou utilizar sua lábia para argumentar:

-Mas veja bem.... Vamos conversar... Será que não tem outro jeito de resolvermos esse problema?

-Não. - Respondeu o tal John secamente. - Vamos logo.

Fernando Zéca foi conduzido rápida e rispidamente para diante de uma pia cheia de louça, que havia no subsolo, onde lhe deram um avental de couro, e imediatamente, foi obrigado a trabalhar...

O ambiente ali dentro não era nada saudável.

Sem direito à argumentações, Zéca se resignou e teve de lavar a louça...

O tal John supervisionava a qualidade do serviço, com cara muito séria...

-Não sei como ele entrou aqui. - Repetiu a atendente. - Olhei nas câmeras de segurança, e ele de fato não passou pela portaria, e nem por nenhuma outra entrada.

-Tudo bem. - Disse John. - A cidade está cheia de portais e passagens interdimensionais por tudo quanto é lado. Até para mim mesmo, era novidade, a presença de alguma ativa, aqui dentro do Munden's."

Fernando Zéca interrompeu o trabalho e disse:

-Olha, não sei se ajuda a esclarecer alguma coisa, mas, a passagem que me trouxe aqui veio da nave TARDIS, que é de um amigo meu, o Doutor...

O tal John arregalou os olhos. Sua expressão facial estava raivosa.

-Você é amigo do Doutor?

Ele até mesmo pegou um garfo que estava na pilha de louça para lavar, apontando-o em seguida ameaçadoramente, para o pescoço de Zéca...

Sabe-se lá, se, por causa do susto, ou, por medo do tipo esquisito, Fernando lembrou de algo:

-Sou sim! E você? É o dono deste estabelecimento?

-Exato! - Foi a resposta...

-Então acho que tenho algo para você...

Com a cara mais apavorada do mundo, Fernando Zéca mexeu lentamente o bolso, até tirar o objeto que o Doutor havia lhe pedido para fazer a entrega...

Mostrou-o para John, dizendo:

-Então, acho que é para você que o Doutor me mandou entregar isso aqui. Não é?

Quando John pegou o artefato, um sorriso apareceu no seu semblante mal-humorado.

Até a cicatriz que tinha no lado esquerdo no seu rosto, parecia menos assustadora.

Agora ele estava feliz como uma criança ganhando presente do Papai Noel.

-Eu jamais tive dúvida alguma de que o Doutor cumpriria com a promessa que me fez. - Disse ele então.

Com um gesto acrobático, ele afastou o garfo do pescoço de Zéca, em seguida, jogou-o bem para o alto, e, pegou-o de volta, antes que caísse no chão.

-Vamos voltar lá para cima. Você não serve para esse tipo de serviço."

"Agora será meu convidado, com direito a consumir de graça o que quiser."

Em seguida, John olhou para a atônita garçonete, e disse:

-Pode atender este bom homem. Leve qualquer pedido dele para a mesa."

Mais aliviado com aquela radical mudança, Fernando Zéca aproveitou a ocasião:

-Posso pedir mais uma coisa?

-Claro! - Disse John. - O que quiser...

-Eu gostaria de fumar alguns cigarros.

-Vou te providenciar o melhor fumo da casa.

Tirou de um dos bolsos, três maços diferentes de cigarros e deu-os para Zéca.

-Isso é só uma amostra. Vamos subir, que na mesa te arrumo mais.

***

Fernando Zéca e John voltaram para a mesa onde haviam antes sentado, e, lá se acomodaram novamente.

Zéca acendeu um dos cigarros que ganhou e soltou a fumaça visivelmente relaxado.

Mal podia esperar a comida que havia pedido.O couvert, mesmo estando muito bom, apenas serviu como aperitivo, diante da fome que sentia.

-Então você, de fato, conhecia o Doutor...

-Sim! Claro! O Doutor é um viajante do tempo que, segundo meus calculos, deve ter quase dez mil anos de idade. Ele disse ter regenerado mais de cinquenta vezes.

-Faz tempo que o Doutor não aparece por aqui. - Disse John. - Na última vez que nos encontramos, ele prometeu me trazer este artefato.

Disse e tirou do bolso, o objeto que Zéca antes lhe entregara...

-Nunca duvidei da palavra dele...Bom... Mais ou menos, né?"

E logo guardou de novo a peça, como se tivesse medo de perdê-la.

-Então, como disse o Doutor, você é o proprietário... E como é aqui á nível de negócio? Consegue faturar bem?

-Sou proprietário, mas, não trabalho só com isso. Hoje em dia, para a maioria das pessoas normais, não dá mais para depender apenas de uma atividade garantindo o sustento, ainda mais com a alta nos impostos em qualquer universo que se vá.

"Quem quer dinheiro, tem que estar pronto para qualquer serviço que possa fazer já que não são todos que podem viver das mordomias operando a burocracia governamental como funcionário público, faço bicos como segurança, sendo conhecido como GRIM JACK, "freelancer" profissional das armas..."

-Um legítimo mercenário... - Pensou o Alferes, como bom e atento ouvinte.

A conversa seguiu tranquilamente, até que, os olhos treinados de Fernando Zéca Corinthiano, perceberam uma ocorrência inusitada atrás de Grim Jack.

Na porta de entrada do Munden's Bar, um humanoide barbudo, de pele vermelha, vestindo túnica e turbante, começou a gritar com a garçonete que ia encaminhá-lo para uma mesa, ou para qualquer lugar no balcão, onde pudesse ser atendido.

O tipo não era nada educado...

-Sua imunda inferior. Não toque em mim. Que absurdo! Uma mulher falando."

"Fique no seu lugar, junto com os cães, sua imprestável."

Fernando Zéca Corinthiano logo identificou o tipo: era um dos fanáticos seguidores de ZUHLURR, povo bestializado pela ignorância de uma doutrina demoníaca, que pretendia destruir quem quer que a questionasse, ou, pusesse seus ditames em dúvida.

Tipos idiotizados como aquele, por mais imbecilizados que fossem, não eram autorizados a ingerir bebidas alcoólicas, ou mesmo, frequentar lugares como o Munden's Bar. Deste modo, a presença daquele elemento por ali, só podia significar atentado terrorista, em andamento!!

Sem perda de tempo, Fernando Zéca aproveitou o chilique que o fanático tinha e fazia com a garçonete, para atirar na cabeça deste, um pesado prato de madeira, onde antes foi trazido o couvert.

O arremesso foi certeiro, e nocauteou o intolerante nervosinho, que estava prestes a agredir a atendente.

Grim Jack olhou para traz, mas, não entendeu bem a situação...

-Mas o que é isso, Zéca? Está jogando pratos contra a minha clientela???

Fernando Zéca deu um salto e chegou logo ao lado do desfalecido corpo do fanático.

Levantou a túnica deste, e revelou um colete de bombas amarrado ao corpo do terrorista, que, por pouco, não foi detonado.

Grim Jack aproximou-se e então, percebeu o que acontecia...

-Malditos sejam estes fanáticos. Estão espalhados como ratos, por todos os cantos.

Em seguida, inutilizou o detonador e as bombas ligadas a ele.

-Essa porcaria tem força suficiente para destruir um continente inteiro. - Disse Zéca.

-Aqui em  Cynosure, o estrago seria muito maior e se estenderia até, para outros universos e dimensões paralelas...

-Caramba...

-Esse terrorista não deve estar sozinho. - Alertou Grim Jack. - A turma dele além de covarde é organizada. Quando perceber que o atentado não surtiu o resultado desejado, enviará outros...”

De fato, mal foram pronunciadas estas palavras, e, uma horda de lunáticos seguidores de ZUHLURR, invadiu o Munden's Bar, com o intuito de destruir tudo lá dentro...

***

Não eram muito diferentes uns dos outros.

Todos vestiam túnica, turbante, tinham aquela pele irritantemente avermelhada, e, cultivavam barbas horripilantes, que mais pareciam velhos esfregões.

Estavam armados e entraram insultando todos ali dentro, mas não avançaram muito.

Com saltos acrobáticos, Grim Jack seguiu desafiadoramente na direção deles ceifoando sem piedade, a vida dos invasores que furiosamente espetava.

Seus movimentos, eram mortais, precisos, e, com aquelas roupas espalhafatosas, pareciam até mesmo ter sido treinados no picadeiro de um circo.

Impressionado com a agilidade do anfitrião, Fernando Zéca, acabou até, sentando para admirar a precisão com que Grim Jack defendia seu patrimônio.

Porém, quando viu a multidão de fanáticos que ainda estava na rua querendo entrar, fez as contas, e concluiu que mais gente seria necessária, na defesa do Munden's Bar.

Passou o dedo pelo pulso e, imediatamente, formou-se ao seu redor, um cilindro cheio de divisórias internas, com o arsenal no misterioso armário de Silas.

Fernando Zéca nem precisou olhar muito, e, dentre o arsenal ali disponível, sua vista foi atraída para um belo par de pistolas muito parecidas uma com a outra, mas não completamente iguais, sendo uma dourada, e a outra, simplesmente preta.

No corpo delas, haviam chaves de regulagem que, Zéca logo ajustou, enquanto posicionou-se atrás de um balcão onde tinha ampla visão dos alvos que deveria atingir, e, dali, disparou contra os agressores.

Com as duas armas, Zéca pulverizou seus alvos impiedosamente.

Desesperados com a eficiência da defesa, num último movimento alucinado, os fanáticos tentaram investida ainda mais forte, avançando pelas janelas do estabelecimento.

Nesta também foram mal-sucedidos, já que, o Alferes anulou diversas investidas a ponto de formar com os corpos dos agressores uma pilha apavorante.

Passados alguns minutos, os fanáticos estavam espalhados pelo piso, todos massacrados.

-Malditos desgraçados! - Praguejou Grim Jack. - Procriam-se como ratos, se deixam ser doutrinados por uma religião imbecilizante, por governos tiranos que os transformam em bestas expulsando-os de onde nasceram para depois, virem cagar suas regras, em cima de quem lhes ofereça abrigo.”

-Já tive problemas com esses caras antes. Só não imaginava encontrá-los por aqui também. - Lembrou Fernando Zéca.

-Pois é... Eles estão em todos os lugares que não os tratam com medidas rígidas e disciplinadoras.

“Já se espalharam por vários universos ou dimensões paralelas, e, como aqui, é uma confluência de caminhos, para vários lugares, também dão as caras em Cynosure.”

Grim Jack nem bem terminou suas explicações, e se virou para a porta de entrada, onde outros fanáticos ainda tentavam nova invasão.

-Estes cretinos são meus! Ninguém põe a mão. É comigo mesmo!

Com um salto lançou-se em meio a turba que desorganizava o ambiente, e já sentou as devidas espadadas no lombo dos fanáticos.

Estava óbvio: Aquilo para ele era uma diversão que não deveria ser interrompida por ninguém.

Assim que Zéca se apercebeu do detalhe, o tricorder piscou insistentemente, indicando um novo caminho a seguir: curiosamente, na direção da cozinha onde antes, estivera “ajudando” na limpeza dos pratos da casa.

Não quis atrapalhar, a violência que, para Grim Jack, era uma diversão, seguindo na direção que o sinal lhe apontava descendo as escadas que levavam para os pisos inferiores do Muden's Bar, até que, num deles, deparou-se com a conhecida porta de madeira branca.

Assim como das outras vezes, abriu facilmente a fechadura dourada deparando-se com um cenário escuro e nebuloso.

Lamentou não ficar mais, porquê certamente, assim que a briga do Grim Jack terminasse, ganharia uma suculenta refeição, mas, aparentemente, o Destino estava conspirando para que, toda vez que fosse comer de graça, surgisse um compromisso urgente chamando-o, sem demora.

Conferiu o sinal do tricorder, só para ter certeza, de que estava “fazendo a coisa certa”, e de fato, teria mesmo que seguir adiante por aquela passagem misteriosa.

***

## MESTRE BOLINHA VERDE?

Tão logo avançou para o outro lado, viu-se mergulhado até o peito, num líquido, mal-cheiroso...

Pelo menos, para aliviar a situação desconfortável, sabia que os tecidos do uniforme que vestia eram impermeáveis, evitando o contato daquela sujeirada, direto na pele.

Mesmo assim, a cabeça e as mãos, ainda estavam desprotegidas.

O “tricorder” continuava indicando a direção a ser seguida, enquanto Zéca avançava, na medida do possível para onde era “mandado”.

Se por um lado, o brilho das estrelas ajudava, iluminando o caminho, por outro, causava preocupações, pois, nenhuma das constelações lhe era familiar.

Para se orientar, tudo o que tinha no momento era a luz piscante do “tricorder”.

Além da escuridão, que também dificultava o avanço, a água era gelada, de modos que estava verdadeiramente mergulhado numa fria e desagradável situação.

Mas, nada suficientemente ruim, que não pudesse piorar.

Subitamente, do meio das águas, surgiu uma espécie de cobra negra aquática, de olhos grandes, que mordeu Zéca, exatamente no braço em que segurava o aparelho.

A dor e o susto foram memoráveis a ponto de quase o afundarem de vez em meio às águas, mas, o Alferes suportou a mordida, sem soltar o aparelho e, com a outra mão, rapidamente conseguiu segurar o animal que o abocanhava, por trás do pescoço, fazendo este abrir a boca e soltar-lhe o braço.

O bicho escorregadio e fedorento ainda se debatia tendo quase um metro de cumprimento, mesmo assim, com os dedos, Zéca estrangulou seu agressor.

A raiva que lhe viera com a mordida, deu-lhe a força e aliviou a dor.

Tão logo a cobra preta deu os seus últimos guinchos, nova surpresa se sucedeu:

Outra serpente gigante, com mais de quinze metros, veio nadando, em meio às águas na direção a Fernando Zéca, que atordoado com o ferimento, não conseguiria se mover com rapidez suficiente, para escapar da perigosa ameaça.

Piorando mais ainda a situação, sentiu tontura, decorrente da mordida que levara antes, provavelmente acompanhada de algum veneno.

Neste momento, quando a ameaça gigante ia desferir seu bote mortal, do meio de

alguns troncos e árvores apareceu saltitante, uma figura pequena e ligeira que atacou a serpente, com movimentos rápidos e precisos.

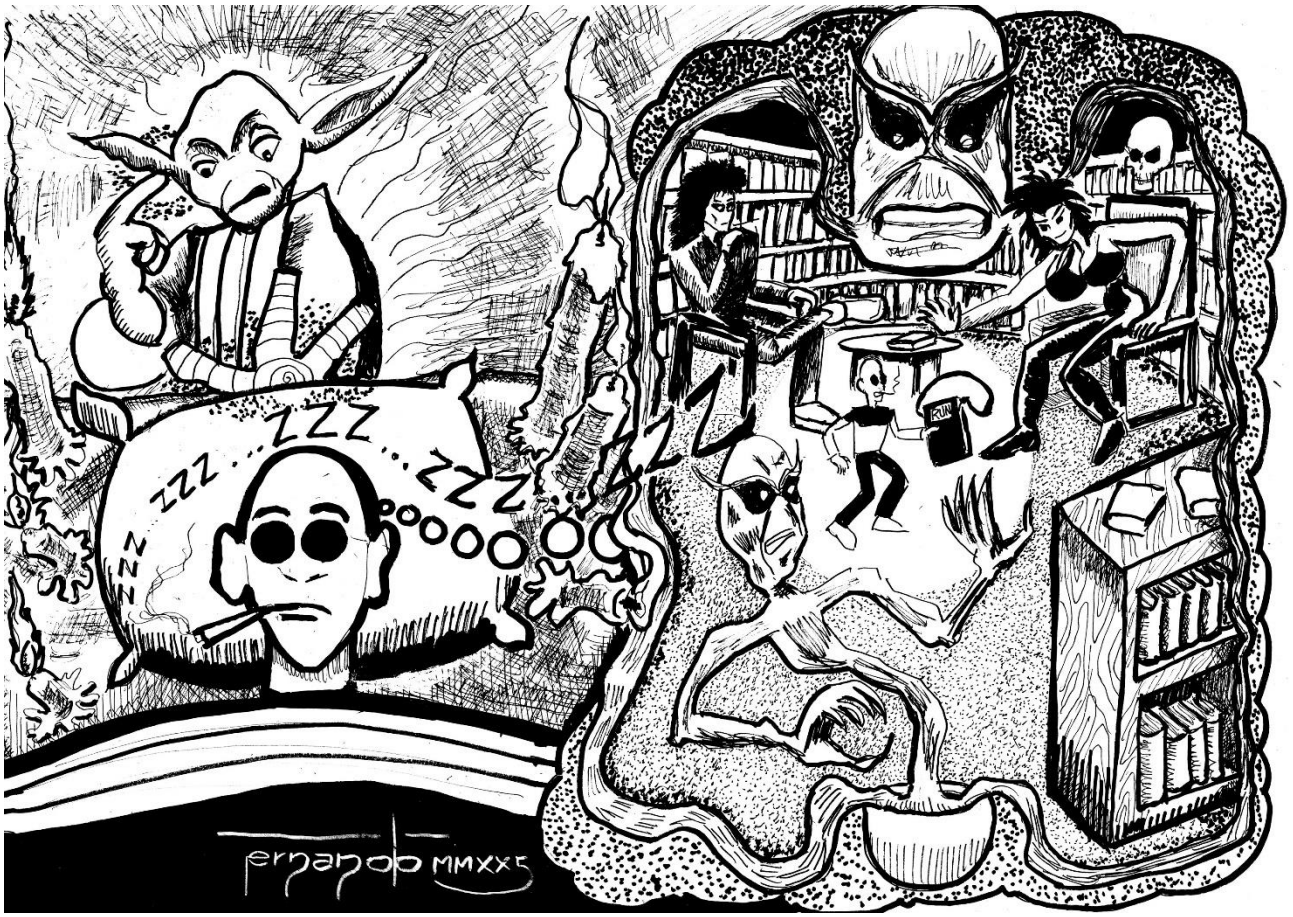
A visão de Zéca, enquanto isso, ia perdendo o foco e, a última coisa que percebeu, foi, a gigantesca serpente agressora, se contorcendo de dor, enquanto afundava nas águas turvas.

Ao que tudo indicava, antes deste fim providencial, esta foi atingida diversas vezes, por uma pequena e destemida criatura verde de agilidade e esperteza surpreendente.

Fernando Zéca apagou de vez, não vendo mais nada...

***

## INTERLÚDIO NO SONHAR, DENTRO DO SUPER-INTERLÚDIO


ZZZ...
ZZZ...
ZZZ...

-Eu não costumo discordar dela. – Disse o irmão. - Fato, é que você não pode mais continuar sonhando aqui...”

A mulher olhava para Zéca com visível interesse, mas, algo, o alertava, que na verdade, ela não estava interessada em qualquer espécie de relacionamento...

Quando ela ia se levantar de sua poltrona, uma voz, grave se fez ouvida.

Vinha de uma criatura de forma humanoide, olhos vermelhos brilhantes, quase três metros de altura, aparentando ser constituída, quase que integralmente, de raizes, plantas, terra, frutas, flores e outros vegetais.

-O “Verde” vai levá-lo consigo, pois, não é a hora dele, ainda.

Então, a monstruosidade vegetal andou na direção de Zéca.

Em seguida, tirou do próprio corpo algumas folhas, que, enrolou, na forma de um cigarro e acendeu.

Segurando-o, fez movimentos circulares ao redor da cabeça de Fernando Zéca Corinthiano, que pouco a pouco, foi sendo envolvida com aquela fumaça.

Os movimentos circulares então, ficaram mais rápidos, até se transformarem num abismo de manchas aquareladas coloridas, onde surgiram cinco “cigarros” acesos, iguais, ao primeiro que empesteavam todo o ambiente com densa fumaça entorpecendo o Alferes.

FIM DO INTERLÚDIO NO SONHAR, DENTRO DO SUPER-INTERLÚDIO

***

Não conseguia enxergar nada, mesmo tendo convívio diário com todo tipo de fumaceira. Aquela, entretanto, não era asfixiante, nem tussífera e exercia sobre Zéca, um efeito restaurador.

Sentia até a cabeça recuperando pensamentos “perdidos” e, inspirações esquecidas a muito no tempo, então abriu os olhos, e, a primeira coisa que viu, foram os cigarros feitos de folhas, cujas pontas ainda ardiam soltando bastante fumaça.

Estava ao redor da sua cabeça, folhas que nasceram de raízes da densa vegetação, presente por ali: formando um dormitório improvisado, no meio da floresta.

Aí, aos poucos, as ideias foram se colocando em ordem.

Tudo indicava que, acabara de despertar, de um longo período de sono, em que, tivera vários sonhos em que até o fumo reparador sendo queimado aparecia neles.

Outra coisa que logo se deu conta, era que, seu braço não estava mais doendo.

Num movimento rápido, se descobriu do “cobertor” de folhas, verificando que haviam quatro marcas, da mordida que levara no seu braço que estavam cicatrizadas.

Sem perda de tempo, limpou-se do jeito que deu, e, vestiu o uniforme de Alferes ali dobrado, próximo, aonde dormira. Assim que o colocou, sentiu-se até melhor.

Era como vestir uma roupa confortável em que até dormia com ela.

No bolso da calça, estava o canivete suíço da Frota Estelar, ferramenta, com mais de duas mil funções, que, sempre carregava consigo.

O porte dele era opcional, já que, em uso consumia bastante bateria, mesmo assim, cedo ou tarde, acabava se mostrando útil para alguma tarefa importante.

O tempo que passara se recuperando, aparentemente, não foi pouco, já que, estava com a barba cerrada, a incomodá-lo.

Havia um córrego, com águas cristalinas, ali próximo.

Sentou-se à beira dele, sacou a lâmina do seu canivete e aproximou-o do rosto, para fazer a barba.

-Ajudar você, me permita...

De-repente, um intenso raio verde, com uns trinta centímetros de cumprimento, por uns três, de largura, brilhou próximo ao seu pescoço.

-Se cortes quer evitar, melhor é, não se agitar.

Fernando Zéca não teve tempo de reagir.

Aquelas palavras vinham de uma pequena criatura verde, careca, cabeçuda, aparentemente velha, e, com grandes olhos, muito expressivos.

Nem bem acabou de falar, e começou a usar o tal raio verde, que parecia ser controlado, a partir de um instrumento cilindrico, numa de suas mãos, para barbear Fernando Zéca.

O serviço estava ficando bom, mas, a súbita presença daquele “barbeiro”, o deixou apreensivo.

De qualquer modo, puxou conversa:

-Foi você que me ajudou?

-Hum... Hum... - Foi a resposta que obteve, mas, que, claramente, significava um sim...

Pausa silenciosa... Fernando Zéca continua...

-Obrigado por me ajudar, inclusive, pela barba e cabelo.

-Cabelo sua careca não parece ter, e essa barba, te deixa feio de doer. Hum... Hum...

O anão orelhudo verde, continuou seus cortes precisos, segurando a curiosa ferramenta de corte.

Então, de-repente, ele perguntou:

-O que Corinthians vem a ser?

Fernando Zéca abriu um amplo sorriso e retribuiu a pergunta:

-Corinthians??? Como soube do Corinthians?

-Enquanto, dormindo você estava, o tempo todo, do Corinthians falava.

-É o time de futebol pelo qual torço. Espero não ter incomodado muito... Confesso que sou fanático corinthiano.”

Os cortes na barba, seguiam precisos e “cirúrgicos”:

-Este teu caso me parece ser, de doença que faz o coração sofrer.

Fernando Zéca silenciou por alguns instantes:

-Você está certo! Tem dias que o Corinthians só dá alegrias. Em outros, é puro sofrimento, e nos piores momentos de maior fraqueza ainda, a gente se arrepende das escolhas que faz e até perde a fé... Mas...”

Fez uma pausa e continuou:

-O tempo passa, cicatriza as feridas, e a fé no time acaba se restaurando. Algo que nem a razão explica. Depois noutro dia, quando o time volta a vencer, a gente até esquece os problemas e acredita que o destino pode ser generoso.”

O pequeno salvador então refletiu concluindo:

-A fé na causa a ser defendida, cicatriza até a profunda ferida.

O raio verde então se apagou.

E, a criatura orelhuda se afastou um pouco de Zéca.

-Aparada está a barba, e, sua força restaurada.

Zéca passou um pouco da água do córrego, no rosto.

Observou que aquela criatura manuseava a ferramenta com grande destreza.

Nem um arranhão havia na sua pele...

O sujeito era pequeno, mas, devia ser um mestre no manuseio da ferramenta.

-WOW! Obrigado, meu amigo! Fico te devendo essa.

O pequeno salvador deu um sorriso dizendo:

-A fé na “próxima partida”, que sua história cita, recompensa é para toda a vida.

-É apenas o dia a dia de um torcedor corinthiano, que perde, sofre mas levanta a cabeça trabalha e acredita na virada...

O Alferes silenciou pensando se, um dia, voltaria a ver o seu time jogando...

O baixote verde, com expressão pensativa então concluiu:

-Às vezes, a sina de sofrer, pode ser de alguém que uma causa precise defender, mesmo depois, que muito teve de perder...

Estando certa ou errada a sua conclusão, Fernando Zéca continuou aquela reflexão num nível mais futebolístico...

-Para o torcedor, não há nada como um dia depois do outro...

“Se perde numa semana, na próxima, pode encontrar a vitória...”

-O mesmo raciocínio, para resolver outros problemas, ser seguido, também pode.

-Sim... - Concordou Zéca, que não conseguindo segurar a língua, ainda quis dar a última palavra. - De fato: Não se pode perder a fé...

-Exato. - Concordou o pequeno Mestre.

“Por isso, você resistiu: tua força de vontade, em sobreviver, insistiu.”

-Minha força de vontade apareceu com a raiva por conta da mordida, que nessa hora, também me alertou que eu não poderia me deixar dominar pela preguiça...

“Seria minha última relaxada...”

-Hummm... Inimigo fácil de ser vencido, não é a preguiça.

-De fato. Estudando história do meu planeta, aprendi, que a preguiça, leva os desavisados a apoiarem, sistemas que prometam poupar o trabalho, oferecendo-lhes, tudo de graça. Uma vez que estes governos se instalam, traem seus apoiadores, explorando, e escravizando todos sem exceção.”

-Experiencia tenho, com este tipo de história. - Interrompeu o pequeno barbeiro.

Fez uma pausa, respirou fundo e continuou:

-Escondido, hoje me afasto do cenário de guerra que estive inserido, e recupero a energia para o destino enfrentar.

“Lembrou-me tua história, que, para as batalhas, em algum momento, no futuro breve terei de voltar.”

A forma do pequeno barbeiro falar, era peculiar, mesmo assim, quando ele usou a palavra “momento”, a preocupação com tempo, perturbou Fernando Zéca:

-Só mudando um pouco de assunto: mas, quanto tempo fiquei dormindo?

-Pelo calendário de Dagobah, 14 dias, desacordado, você ficou...

-Dagobah... Dagobah... Nunca ouvi falar... Do que se trata?

-Dagobah, o nome deste planeta é...

Fernando Zéca forçava a mente, mas, não conseguia lembrar, de nenhum nome como aquele, na cartografia estelar, que tivesse estudado, nas Bibliotecas da Academia...

-Nunca ouvi falar desse nome...

-Como, aqui chegar, conseguiu?

O Alferes relatou toda a estranha situação pela qual passara até o momento...

***

-E você? Mora por aqui? - Perguntou Zéca.

-Aqui me recuperando estou, depois que o sucesso dos inimigos, me azarou.

-Inimigos?

Fernando Zéca lembrou que, o baixote ali, lhe salvara a vida e parecia ser veterano de outros combates... Tipo pequeno, mas que obviamente merecia respeito, daí, certamente teria sua cota de oponentes!

-Contra o lado negro da força tenho lutado. - Disse ele, do seu modo peculiar. - Pouca glória e muitos maus resultados.

“Da tua reflexão futebolística gostei e, no torcedor fiel me inspirarei.”

“Num próximo embate, no que for possível, o melhor de mim farei.”

-É isso aí. - Concordou Fernando. - Um velho ditado já dizia que:

“A derrota, de fato, é uma merda, que por mais desagradável e fétida que seja, ainda pode ser despachada com rapida descarga.”

Tão logo estas sabias palavras foram proferidas, um estrondo surpreendeu a dupla.

Os ouvidos treinados de piloto do Alferes, logo identificaram o som, como sendo da

aproximação de uma nave, em alta velocidade.

Em seguida... Mais barulho! Agora... O som de árvores rangendo e se quebrando...

Zéca e o baixote olharam na direção do barulho.

Não dava para ver muita coisa, pois ali predominava uma névoa densa, em meio às árvores altíssimas.

-Você aqui deve ficar. Da saúde, ainda não pode abusar. - Disse o baixote verde.

Fernando Zéca ficou surpreso com aquelas palavras.

-Mas estou bem. Estes cigarros queimando já me restabeleceram completamente.

-Não fui eu quem estes cigarros te acendeu.

“Você deve descansar.”

Fernando Zéca emudeceu, enquanto o baixote se virou, e, rapidamente, sumiu no meio da mata que cercava o lugar.

De fato, o Alferes sentia-se bem e com as forças restabelecidas.

Pegou suas coisas em seguida, arrumou-se e tentou seguir o baixote...

Mas ali, não era tão fácil quanto parecia, pois pouco avançava em ambiente de selva.

De qualquer modo, por conta da visão privilegiada de piloto e atirador, ao longe, identificou a razão da barulheira: uma nave com desenho de caça de combate, caíra alí em meio a região pantanosa quedando atolada com apenas um tripulante jovem humano e outro robotizado.

Dalí, o Alferes enxergou ainda o Mestre espadachim baixote aproximando-se daquela dupla e, após um breve susto, iniciou alí conversações.

Zéca tentou avançar mais naquele ambiente, assim chegaria até a nave, mas, foi então que o “tricorder” voltou a sinalizar indicando, nova rota a ser seguida.

Assim, avançou na direção apontada que o levou até uma depressão camuflada onde, em meio à densa vegetação, encontrou destoando do ambiente, a porta.

Fernando Zéca olhou ao redor, tentando encontrar o baixote, para informá-lo da situação, mas o tal mestre guerreiro desapareceu de vez.

Colocou a mão na maçaneta, abriu a porta, e uma luz forte saiu dela, ofuscando-o.

Por alguns segundos, mentalmente xingou Silas, por aquelas situações que era obrigado a enfrentar, só pela afeição que tinha pela filha dele.

Respirando fundo, superou a angústia do momento e avançou rumo ao desconhecido.

***

## CRIADOR e CRIATURA

Cruzou os umbrais da passagem e semicerrou os olhos, para, mais rapidamente adaptar a visão, à claridade do ambiente em que agora estava.

Virou-se para trás, e a porta, que acabara de atravessar, como se jamais tivesse existido ali, sumiu assim que nela tentou colocar o olhar.

Tão logo a visão se acostumou percebeu que, as coisas eram familiares.

A vegetação densa, o solo, as plantas e o céu, muito semelhantes aos da Terra.

Olhou para o alto e verificou que a estrela mais em evidência, de fato era muito semelhante ao Sol, assim como as nuvens brancas, e o céu azul claro, também, iguais ao do planeta Terra.

Estava numa espécie de barranco, não muito íngreme com bem cortados jardins no entorno sendo possível caminhar por ali, sem grande dificuldade.

Avançou para o alto, seguindo por uma trilha de brita, tentando se localizar e compreender melhor a região.

Com alguns passos rápidos, chegou ao topo, que dava numa clareira, em meio a muitas árvores, onde, um sujeito de costas para ele, urinava tranquilamente, enquanto fumava um cigarro...

-Olá. - Saudou Fernando Zéca Corinthiano.

O sujeito foi pego de surpresa, se virou assustado, espalhando mijo para tudo quanto é lado e quase deixou o cigarro cair.

-Desculpe interromper. - Disse o Alferes. - Você me compreende?

Nem bem terminou de formular essa pergunta, surpreendeu-se com o assustado sujeito que usava um boné preto, com o logotipo do Corinthians.

***

-Sim. - Respondeu o monossilábico corinthiano, visivelmente surpreso com o recém-chegado.

Fernando Zéca, vendo que o corinthiano ali, também estava fumando, sacou do bolso um dos maços que ganhara de Grim Jack, tirou um par de cigarros e acendeu um deles assim, o ofereceu ao corinthiano, que, silenciosamente pegou o cigarro enquanto olhava.

-Olha: eu tenho um isqueiro aqui, disse o Alferes, tirando do bolso, o canivete suiço de duas mil funções.

Apertou o botão no corpo do aparato e, uma chama se acendeu.

-Como anda o nosso time? - Perguntou Fernando Zéca para o corinthiano, enquanto ía acender o do corinthiano que gentilmente recusou o gesto educado.

-Não! Obrigado! Deixa eu terminar o meu aqui, depois eu acendo esse que você me deu. Ele é do que, mesmo?

-É do bar de um conhecido meu. - Respondeu o Alferes. - E para falar a verdade, é a primeira vez que estou fumando desse aqui.

-Ah tá... Bom! Respondendo à tua pergunta, o Corinthians não se classificou para a próxima etapa do Campeonato.

O sujeito olhou para Fernando Zéca, e então perguntou:

-E essa tua roupa da Frota Estelar? É de algum fã-clube? Da F.F.E.S.P.? Frota Estelar Brasileira? NOVA FROTA? TREKinRIO? Trekkers? Ou algum outro fã-clube que eu não lembrei?”

-Fã-clube?

-É... De Jornada nas Estrelas!

-Jornada nas Estrelas?

-Á série de TV. Essa tua roupa, é da Jornada nas Estrelas. Você tem, o logotipo e o uniforme da série... Tá com o equipamento completo!

Fernando Zéca Corinthiano estava meio confuso:

-Não estou entendendo direito. Acho que você está me confundindo com alguém.

O corinthiano é que fez cara de surpresa.

-Mas...

Fernando Zéca tentou se explicar.

-Esse meu uniforme, é o opcional cinza-escuro da Frota Estelar.

-Tá... Mas, essa Frota Estelar a qual você se refere é o teu fã-clube, né?

-Não. É a Frota Estelar mesmo.

-Mas então... O que é essa Frota Estelar, a qual você se refere?

-É uma espécie de “braço armado” da Federação dos Planetas Unidos, que garante a segurança dos mundos federados.

-Mundos federados?

-Eu quis dizer: os planetas, e mundos, pertencentes à Federação...

O corinthiano olhava para Fernando Zéca meio incrédulo.

-Você leva esse papo de Federação bastante à sério? Você é COS-PLAY?

-Não sei o que é COS-PLAY. Eu ainda sou apenas um simples Alferes mesmo...

O corinthiano estava visivelmente incrédulo.

Mesmo assim, ainda perguntava:

-E essas tuas armas? Fazem barulho? Tem luzinhas? Soltam raios? Como funcionam?

Fernando Zéca achou meio estranha a pergunta, mas, sacou uma das pistolas, fez um ajuste na regulagem dela e disse:

-Veja só: essa aqui é a função mais fraca: a de raio LASER.

Terminou de falar, apontou para um tronco de madeira, e disparou.

Da arma saiu um finíssimo raio laranja, que irrompeu numa chama intensa, assim que atingiu o local para onde foi apontado.

O corinthiano arregalou os olhos.

-KARAKA MANO! Mas esse negócio funciona mesmo.

-E essa, é a segunda mais fraca, das funções.

-Mano! Mas, de onde você saiu??? Que arma é essa?

-Já te disse: sou Alferes da Frota Estelar, da Federação dos Planetas Unidos.

-Mas cara! A Frota Estelar não existe! Federação dos Planetas Unidos também não. Estas são entidades que fazem parte de um popular seriado de ficção científica!

***

Se a Federação, ali naquela localidade, era desconhecida, ou, vista como obra de ficção, então Fernando Zéca, estava bem longe do caminho para a sua casa, no universo onde nasceu.

-Como se chama este lugar? - Perguntou para o corinthiano.

-Esta clareira, circular, cercada de árvores, fica na cidade de Campos do Jordão. Aqui eu chamo de “OLHO PARA O ESPAÇO”, pois durante à noite, se tem uma visão perfeita do céu estrelado.

-Campos do Jordão? No Estado de São Paulo?

-Exato!

-Então estou no Brasil? No planeta Terra??

-Mas claro que sim. Em Marte é que não poderíamos estar!

O corinthiano terminou o cigarro que fumava e, em seguida, acendeu o que ganhou.

-Até porquê, não temos naves espaciais, em condições de levar o homem a Marte.

Fernando Zéca, coçou o queixo e indagou:

-Qual é o ano em que estamos?

-Cara! Você deve estar brincando! Não sabe o ano em que estamos?

-Não!

-Estamos em 2017.

Fernando Zéca fez os cálculos:

Pelos seus conhecimentos históricos: nessa época, o Corinthians, só tinha dois Títulos Mundiais, e a Terra, ainda estava por enfrentar algumas de suas guerras mais devastadoras! Ou talvez não...

Em se tratando de universos paralelos, e, dimensões alternativas, as possibilidades eram infinitas.

-Não quero ser indelicado, até porquê você tem uma arma de raios... - Disse o corinthiano. - Mas... De onde você veio? A impressão que dá, é que saiu de-repente, de algum buraco, do meio do mato...

-Venho do século XXIV. De buraco não vim, mas, atravessei uma série de passagens interdimensionais, que me trouxeram até aqui."

Em seguida, esticou a mão, e cumprimentou o corinthiano dizendo:

-Sou Fernando Zéca Corinthiano. Muito Prazer.

O corinthiano arregalou os olhos, e boquiaberto, quase deixou o cigarro cair.

-Ah! Muito prazer, xará! Eu também sou Fernando Zéca Corinthiano.

***

-Caramba! Que coincidência. - Surpreendeu-se o alferes. - Jamais imaginei que iria encontrar um homônimo.

Os dois ficaram se olhando com visível espanto.

Até fisicamente eram semelhantes, já que, ambos eram carecas, barrigudos e tinham a mesma compleição física.

O Alferes era mais jovem. O outro, possuía uma barba rala branca e a cara bem mais marcada com as rugas do tempo.

Era como se cada um deles, estivesse olhando para o reflexo vivo de si mesmo, originário de um universo diferente.

-Quando você saiu do meio do matagal e me surpreendeu, eu até temi pela minha segurança, pois achei que fosse um desses bandidos que infestam as ruas. - Disse o Fernando Zéca mais velho. - Agora, estou preocupado com algo, provavelmente bem pior.

-Mas o que seria? - Indagou o alferes.

-A minha sanidade.

-Caramba.

Entre uma e outra tragada no cigarro, o mais velho explicou:

-Muito bom o efeito desse fumo que você me deu. O paraguayo prensado que eu compro é uma porcaria perto dele, e, qualquer coisa melhor quando aparece, como nesse caso, me afeta mais do que o normal."

-Esse aí ganhei de um amigo. É bem tranquilizante. Uso muito para relaxamento e concentração no trabalho.

-Ah! Eu também. Sou escritor e não nego a regra de fumar um bocado.

"Ainda mais que sou do ramo da Ficção Científica, aí, tenho que me manter inspirado de algum jeito."

-WOW! - Surpreendeu-se o mais jovem. - E essa carreira? Paga bem?

-Não no meu caso. Preciso correr mais atrás de leitores. Ainda sou daqueles escritores que mais escrevem para si mesmos do que, para um público cativo.

Foi então que o Autor olhou para o Alferes dizendo:

-Agora me dei conta mas, você, é a personificação literal de um dos personagens que inventei para os meus textos..."

O Alferes ergueu as sobrancelhas.

-Nem sei o que dizer. E não posso nem refutar o que está me dizendo porque, estou no meio de uma viagem absolutamente bizarra, que já me levou a lugares estranhíssimos..."

"Agora... Se sou mesmo, um protagonista de alguma obra literária, e, tenho a sorte de estar diante do meu criador, quero aproveitar a oportunidade, para te pedir que seja mais generoso com o meu destino, porquê a coisa não está fácil."

-Sim... Claro! Não vou te deixar na mão.

O velho Zéca deu um sorriso e prosseguiu:

-Sabe... Não é todo dia que um criador tem a oportunidade de encontrar seu personagem. Mas vou te contar um segredo:

-Qual?

-Não é a primeira vez que isso me acontece...

-Ah, é?...

O velho deu mais algumas tragadas no cigarro e prosseguiu...

-Por isso que eu desconfio que possa estar meio alucinado, mas de qualquer forma, o que eu te disse, aconteceu, com outro personagem dos meus textos de ficção científica.

"O nome dele é Alex Randall. Foi a vários anos atrás. Eu nem casado era, e sequer imaginava que um dia teria filhos. A coisa toda, aconteceu de modo muito repentino e estranho: inclusive, a chegada, e o sumiço dele. Às vezes, me pergunto se a "visita" dele, de fato, aconteceu mesmo..."

O Alféres ouvia com atenção...

-Puxa vida! Espero que as histórias a meu respeito, sejam um sucesso literário. Você deve ganhar muito dinheiro com o que escreve. Deve estar rico...

-Lamento te informar, mas, pelos meus cálculos, ninguém ainda leu, nenhuma das suas aventuras. Nem famoso sou.

“Escrevo apenas para aliviar o stress, e, tirar da cabeça, algumas ideias malucas, que de vez em quando aparecem.”

“Ademais, aqui no Brasil, são poucos os que ainda leem em meio a tantos celulares, e estes, tem coisa mais importante para gastar seu tempo, do que, com o trabalho de um autor supostamente alucinado.”

-Eu já estava pensando em te pedir uma porcentagem dos lucros a título de Direitos Autorais...

-Pode esquecer. Até a crítica literária, ignorou completamente os meus trabalhos.

“Eu até gostaria de estar faturando com esse passatempo, mas, o país está no meio de OUTRA crise político-econômica, que impede o povo até mesmo, de ter uma comida decente no prato na hora das refeições, que dirá então, gastar o que não tem, em futilidades?”

“Não que sua biografia seja futil... Longe disso... Mas o Brasil, graças a um bando de traidores, está no fim do poço procurando cavar um subsolo para afundar ainda mais...”

O Alferes Zéca ouviu com cara amarrada.

-Lamento saber de algo assim, até porque, do espaço-tempo de onde eu vim, os transtornos criados pelos políticos, e, donos do poder, são diferentes, porém iguais!

“É desanimador, saber que, mesmo com os séculos que, eventualmente possam estar separando nossos universos, alguns problemas persistirão incomodando a humanidade, e até outros povos da Federação.”

-Pois é, xará. Eu mesmo aqui, vivo numa época que, o trabalho da maioria dos políticos do mundo, parece totalmente voltada para trair e sabotar o povo, que os sustenta e os elege. - Comentou o velho Zéca.

Em seguida, olhou para o céu com ar de preocupação...

-E por falar em traições e viradas... Veja só o tempo... Mudou! Agora está garoando forte...”

Nem bem acabou de dizer isso, uma gota da chuva apagou o seu cigarro, e outra, o de Fernando Zéca.

-Vamos sair daqui. Com essa garoa aumentando, logo o chão de terra vira barro.

Sem perda de tempo, os dois saíram da clareira, denominada pelo velho Zéca como “Olho” e seguiram por um estreito caminho já aberto entre o matagal, repleto de plantas coloridas exóticas, esquilos, macacos e cogumelos.

Alguns galhos, que ladeavam o caminho, tinham até frutas diversas.

O velho seguia adiante com uma agilidade e rapidez incomum para alguém com tanta ruga e barba branca.

Tanto que, não passou muito tempo desapareceu alguns metros adiante, no meio do matagal.

Já o Alferes, atraído pelas frutas e cogumelos no seu caminho, ia lentamente, gastando mais tempo colhendo algo que pudesse comer.

Assim, até conseguiu comer inteiro, um cogumelo delicioso de sabor adocicado.

Mal terminou de engolir o último pedaço, e o seu “tricorder” emitiu o característico sinal quando a trilha a sua frente se bifurcava.

A orientação que recebia, indicava para o lado direito do caminho, sendo que, os rastros indicavam claramente que, o velho avançara noutra direção.

Deste modo, seguiu a orientação do tricorder.

Entretanto, a trilha complicou-se por ali, com o mato ficando mais alto e denso até cobrir completamente o alferes, que mesmo assim, avançou até deparar-se com a conhecida porta branca de madeira e fechadura dourada

Ali mesmo, do jeito em que se encontrava entre o matagal denso, o Alferes abriu-a deparando-se com um ambiente luxuoso e moderno, que lhe parecia familiar do outro lado.

Assim, seguiu naquela direção e, como das outras vezes, a porta se fechou imediatamente, atrás de si.

***

O velho Fernando Zéca Corinthiano, por sua vez, logo saiu do mato, seguindo então por uma trilha em cujo final se abrigou sob a cobertura que havia no mirante voltado para uma paisagem magnífica.

Dali, podia ver todo o céu, em boa parte, agora encoberto de nuvens, as montanhas que cercavam o local, e ainda a cidade próxima.

Aguardou por alguns minutos, que o seu xará bem mais jovem aparecesse, mas, isso não aconteceu.

Teria o tal Alferes se perdido? Mas o caminho, mesmo cheio de mato, era simples.

Para chegar onde estava, não tinha como errar, bastava apenas, seguir adiante.

O velho terminou de fumar o cigarro, e, mesmo assim, nada do Alferes!

Um chuvisco começou, mas, mesmo assim, o Fernando Zéca escritor, decidiu voltar atrás, pela trilha, até o “Olho”.

Novamente fez todo o caminho ida e volta, não encontrando o Alferes que sumira sem deixar rastros.

De volta ao mirante, o velho acendeu outro dos seus próprios cigarros, e, entre uma e outra tragada, ficou em dúvida, se havia de fato, tido aquele encontro tão interessante e misterioso, ou, estaria apenas ficando mesmo biruta, como já suspeitava...

***

## LOVE IN AN ELEVATOR

No lugar que adentrara, a temperatura estava agradável.

A decoração era moderna, simples, bem ao estilo utilizado nas instalações, prédios, estações e espaçonaves da Frota Estelar.

Ali o Alferes Fernando Zéca Corinthiano finalmente, sentiu-se em “casa”.

Avançou até encontrar um elevador, que tão logo aproximou-se, abriu as portas.

Sem que tivesse dito ou, tocado em nada, este começou a se movimentar rapidamente.

O abismado Alferes aproximou-se do painel de controle, e ficou olhando a sinalização para obter pistas, que lhe permitisse compreender, no que estava metido, ou, para onde ia com tanta velocidade...

E, mais uma vez, sem que tivesse dito ou, tocado em nada, de-repente, o elevador parou.

A porta se abriu e um grupo entrou todo entusiasmado.

Eram três mulheres e um homem.

Ele, vestia uniforme de Capitão da Frota Estelar.

Fernando Zéca Corinthiano queria gritar agradecendo aos céus, por encontrar um colega, coisa que, certamente indicava, que estava próximo, do período de espaço-tempo, de que saíra.

Mas ficou tão surpreendido com o que presenciou, que acabou observando tudo calado, evitando movimentos bruscos.

A porta se fechou, e as mulheres avançaram para cima do homem, beijando-o abraçando-o e agarrando-o de tudo quanto é jeito.

A mais assanhada delas, já chegou até, enfiando a mão dentro da cueca do felizardo.

Sim! Felizardo! Porquê, aquelas mulheres, eram excepcionalmente lindas.

O grupo estava tão entusiasmado, que nem percebeu ali a presença do Alferes, que ficou olhando para o painel de controles na parede do elevador, como se ali tivesse algo muito importante para ser lido.

-Calma garotas! Calma! - Implorava o Capitão. - Vou levá-las para os meus alojamentos.

As garotas mordiam e apertavam de tudo quanto é jeito, o oficial, que, não tinha o que fazer, senão, gemer e contorcer-se, nas mãos, daquelas beldades.

Fernando Zéca continuava com o olhar fixo no painel, enquanto ficava em dúvida, se o colega ao lado estava se divertindo, ou, sofrendo.

-Oh, James!

-Dessa vez, sua nave vai ficar em segundo lugar, seu compromisso é com a gente.

-O destemido capitão James T. Kirk será desafiado a comprovar, mais uma vez, sua lendária fama de amante.

O Capitão se contorcia entre as excitadas garotas.

-Calma meninas! Calma!

Ninguém daquele grupo parecia perceber a presença de Fernando Zéca que, também, evitava até se mexer, para não atrapalhar.

Mais uma vez, de modo súbito, a porta do elevador se abriu.

Tão rapido quanto entrou, o alegre grupo saiu dele.

Ou melhor, as lindíssimas garotas, saíram carregando o destemido e lendário Capitão que, parecia inebriado pelo êxtase, proporcionado por tão agradáveis companhias.

Quando Fernando Zéca mexeu a cabeça para olhar para fora, as portas, mais uma vez, se fecharam, e o elevador avançou com o impressionado alferes em seu interior.

A iluminação no interior dele, começou a mudar, tornando-o, aos poucos, mais sombrio e escuro, até que tudo apagou. O elevador parou, e, as suas portas se abriram.

O “tricorder” de Fernando Zéca, indicava que  agora, deveria sair dali.

E foi o que fez: Saiu mesmo no meio da escuridão que estava lá fora e, logo deparou-se com a conhecida porta branca de madeira diante dele.

Sem opção ou outro caminho que pudesse seguir, afinal, nada enxergava além dela, abriu-a e avançou mais uma vez.

***

**CAINDO NUMA GELADA!**

...e não é cerveja

Além da porta, o ambiente também era escuro, mas logo foi clareando.

Entretanto, a primeira coisa que sentiu, foi um frio intenso.

Os estabilizadores do uniforme, agora não conseguiam dar conta da baixa temperatura.

O ar ali cheirava esgoto, e a iluminação era muito ruim: apenas poucas luzes vermelhas de emergência.

Mesmo assim, dava para perceber que o ambiente era apertado, com canos, controles e painéis ao redor formando longo e escuro corredor.

Pelo chão, havia lixo espalhado e, atrás do aturdido Alferes, a porta por onde saíra SUMIU.

Fernando Zéca, segurando o “tricorder” que Silas lhe dera, ergueu o braço e, acionou uma lâmpada de led, instalada na parte traseira do aparelho, que iluminou o caminho à sua frente.

Avançou pelo pouco espaço que havia, dentre tantos instrumentos e medidores, até chegar a outro, compartimento, pouco mais amplo, onde havia uma mesa no centro, com cadeiras viradas para painéis nas paredes, dotados de mostradores e controles diversos.

Ao lado da mesa saindo do teto e afixado ao piso, havia um cilindro vertical, com um visor e duas manoplas acoplado a este. Parecia o periscópio de submarino.

Depois que fez esta associação, Fernando Zéca de fato, percebeu que a disposição de tudo ali dentro dava esta impressão.

Colocou as mãos na manopla do que parecia ser o periscópio e tentou manuseá-lo, mas, ele estava travado...

No mais não havia nenhum sinal de vida por ali.

Além do barulho de seus passos apenas o silencio completo.

Fernando Zéca olhou para a mesa e viu entre, réguas, compassos, e algumas canetas: um mapa.

Estava impresso em preto e branco e dava a impressão de ser muito velho, mas, os seus traços eram claros, e, não precisava ser gênio para entender do que se tratava.

Um mapa da Terra, com destaque para o polo Sul onde, na região da costa no continente da Antártida, havia uma circunferência ressaltando o local.

Estava escrito em alemão, tendo até bandeira nazista desenhada nele.

Observando mais atentamente, deu-se conta de que, também eram alemãs, as palavras ainda visíveis, nas poucas sinalizações do ambiente ali dentro.

Seguiu mais pelo corredor até chegar a uma escada, que subia por um buraco no teto.

Iluminou ali, e viu que era a passagem até uma escotilha, mais acima, ainda aberta permitindo alguma visão do hipotético céu azul para fora daquele ambiente claustrofóbico que, casualmente, era a direção a ser seguida.

Quando tocou num dos degraus da escada que deveria subir, Fernando Zéca tomou belo susto, já que estavam congelados, deste modo, precisaria de algo para segurá-los.

Olhou ao redor, e encontrou um armário aberto, onde, providencialmente, haviam roupas para frio polar, e, até raquetes para prender aos sapatos e andar na neve.

Sem perda de tempo, vestiu-se com tudo o que tinha à disposição.

Em seguida, subiu pela escada, levando até alguns dos acessórios disponíveis.

No topo da escada, chegou à plataforma cercada por uma mureta de mais de um metro e meio de altura onde apoiou-se para tentar adivinhar, onde viera parar dessa vez...

Ao menos, uma coisa agora tinha certeza: estava mesmo num submarino, cuja torre, saia do chão gelado em meio a uma paisagem coberta de neve, até onde a vista alcançava.

O céu que vira do interior da embarcação, realmente estava azul e muito limpo,

entretanto, o frio ali fora, era de lascar.

***

Além das montanhas no horizonte, destacava-se na base do imenso pico de gelo próximo, uma entrada escura, no meio de muita neve e rochas cinzentas, com noventa metros de largura por uns quinze de altura.

O Alferes se encontrava a uns duzentos metros de caminhada, da torre do submarino em que estava e não ficaria mais ali dentro da embarcação, pois, o ar estava simplesmente insuportável.

Por mais gelado que estivesse fora, ao menos respirava algo limpo. Frio mas limpo.

Até onde podia ver, não havia nada por perto além da entrada, daí, até para decidir o que fazer em seguida, iria ter de verificar, se poderia utilizá-la, ao menos, como abrigo.

Sem muitas perspectivas de escolha, cuidadosamente, desceu pela parte externa da torre através de degraus na parede desta, até alcançar o piso gelado, por onde deveria caminhar, para chegar ao seu objetivo.

Sentia frio, mesmo com tudo o que usava, o que incluia uniforme e sapatos com temperatura controlada.

A impressão de que tinha, era a de que, estava “pisando” sem meias, ou qualquer tipo de calçado, direto, no gelo. Mesmo assim, teria que seguir adiante.

O frio intenso e cortante o fazia pensar, que, na verdade se metera naquela confusão toda por amor.

Certamente fazendo papel de pato, macho beta ou corno, mas ainda assim, gostava muito da Marge. Aquele mulherão não sairia nunca mais da sua cabeça.

Era o tipo de andoriana que deixaria qualquer homem idiota.

Num breve momento, Zéca também se lembrou do Diretor Sonny Blue, que, por conta do atraso, decorrente da jornada maluca em procura da Marge, iria no mínimo lhe arrancar o fígado por tamanha irresponsabilidade no trabalho, acaso um dia ainda voltasse vivo à sua vida normal.

Melhor pensar na Marge, um autêntico pedaço de mau caminho andoriano , para esquecer os seus futuros problemas com o E.Y.E. (Serviço Secreto da Federação).

***

Zéca avançava adiante, em meio ao colossal branco ofuscante, enquanto sua mente mergulhara numa confusão de pensamentos e indagações, tentando esclarecer a odisseia maluca que enfrentava...

(DEVIDAMENTE MUTO BEM ACOMPANHADO por todos/as queridos/as leitores/as que até este parágrafo, brava e heroicamente chegaram, ganhando minha eterna gratidão pelo esforço empreendido, que me concede a glória máxima decorrente da sua prestigiosa presença até aqui!)

...Assim, lentamente seguiu o Alferes na caminhada buscando respostas para suas questões, viu-se de um momento para outro, surpreendido pela barulheira de gelo quebrado ao seu redor.

Imediatamente, interrompeu os devaneios e tratou de pôr as pernas para trabalhar com maior velocidade, o que, aparentemente, só intensificou ainda mais a quebradeira.

Instintivamente, olhou para trás, e viu o gelo antes preso à torre do submarino, se desprendendo.

Avançou ainda com maior determinação enquanto as rachaduras no piso aumentaram estrondosamente com colunas de água, esguichando por entre frestas aos

poucos alagando o solo frio e branco.

Mesmo o submarino, antes preso ao gelo, agora estava se movimentando, e, por isso, começou a afundar no meio agora muito mais líquido.

Logo, a embarcação histórica, foi tragada pelas águas sumindo, em meio as profundezas.

Atrás de si, enquanto corria resfolegante, Fernando Zéca percebia o gelo se fraturando em imensas placas brancas, que muitas vezes, erguiam-se do chão, ampliando ainda mais problemas e instabilidades.

Sob seus pés, o gelo movimentava-se como uma ponte de madeira flutuando sobre a água mole, dando a impressão de ondas estarem passando por baixo com as rachaduras neste aumentando depressa com os problemas logo alcançando o Alferes.

Fernando Zéca Corinthiano acelerou a corrida, pouco importando-se, com a possibilidade das suas próprias passadas serem causadoras de todo aquele evento...

Tinha que chegar logo à gigantesca entrada. E para piorar... O seu fôlego começava a diminuir... Em corridas à pé, Fernando Zéca nunca foi veloz.

Nesse esporte, preferia, as provas voltadas à resistência...

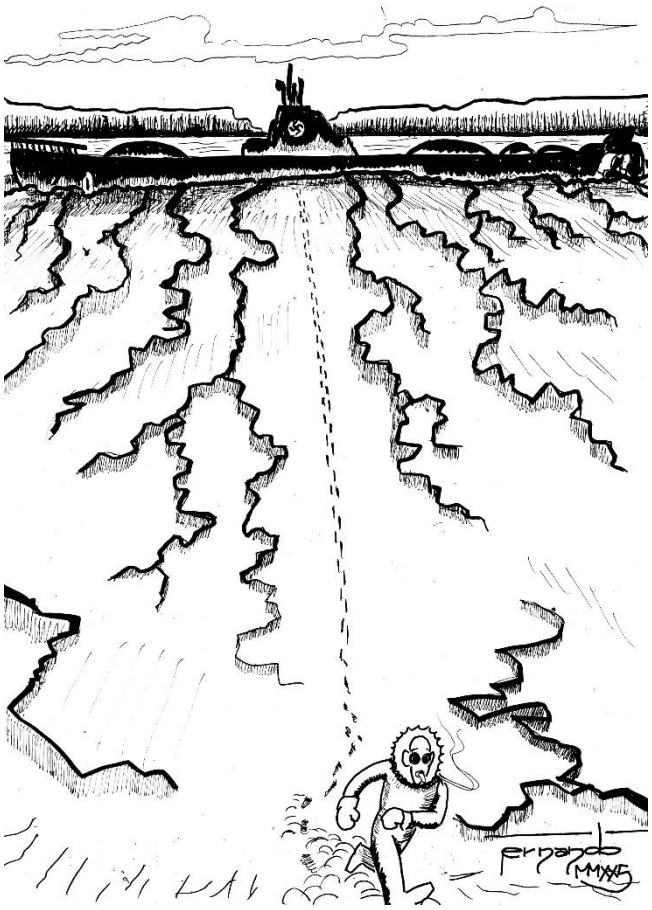
Mas, no meio do gelo, não poderia escolher muito o estilo que melhor se adaptava ao seu físico.

Ali, teria que se esgoelar, se quisesse salvar sua vida, destarte que, enquanto corria, nem olhava mais para trás, assim não perdia a concentração, limitando-se a ouvir os estrondos pavorosos, da quebradeira se aproximando.

Depois de quase explodir o coração, com o peito ardendo como fogo, o estômago, comprimido pelo esforço; e a de língua de fora, o Alferes subiu uma rampa de neve, de dois metros de altura: a última barreira a ser superada, para chegar à base da entrada na montanha, alcançando seu objetivo.

E tão logo ali chegou, olhou para trás, e viu todo o caminho que até aquele instante percorrera, afundando de um instante para outro, no mar de água gelada.

Não havia o que discutir: escolhera a melhor saída daquela fria



***

Caminhou mais algum tempo, até chegar à entrada avançando para o seu interior, onde a escuridão era maior e muito mal-cheirosa...

Acendeu o holofote na parte de trás do tricorder, constatando que, mais adiante ainda, na caverna, haviam sinais da presença de uma base humana ali instalada.

Provavelmente, estabelecida pelos tripulantes do submarino cujo destino, alí lhes foi cruel.

Apontando o holofote, para diversas direções, o Alferes vislumbrou cadáveres em tudo quanto é situação imaginável, a maioria vestindo uniformes militares. Uns sentados, outros deitados...

Não dava para saber a causa da morte de tanta gente, destarte que, Fernando Zéca tinha sérias dúvidas quanto a permanecer por ali.

A alternativa era o frio lá fora, implacável até mesmo, contra os mais fortes e valentes.

Assim que a iluminação do holofote no tricorder ia revelando as entranhas daquele pavoroso cemitério, soou o sinal indicando uma saída para fora da situação.

Sem perda de tempo, Zéca seguiu a orientação.

Entretanto, a sua curiosidade mórbida, foi estimulada, quando percebeu que, um dos falecidos, ainda segurava uma caneta, após escrever as últimas palavras num caderno de capa preta. O que haveria alí?

A solução do mistério, que rondava tantas mortes, naquele fim do mundo?

Fernando Zéca não tocando em nada, leu, sem entender muita coisa pois, as últimas palavras grafadas pelo morto, foram escritas em alemão.

Como não adiantava quebrar a cabeça com a confusão, seguiu as orientações do tricorder, entrando num obscuro túnel escavado na geleira.

***

Ingressou pelo sinuoso caminho gelado, que, ora estreitava a passagem, ora a inclinava, mas, sempre lhe impunha alguma dificuldade, até que, finalmente chegou num espaço mais amplo, com uma porta maciça na parede.

O frio causava incessantes tosses e espirros, mas, sentia-se melhor que os finados donos dos corpos petrificados pelo chão, cujo odor agora lhe empesteava o nariz.

A porta maciça, com aproximadamente, oito metros de diâmetro, era feita em material similar ao aço, e, contrariamente o ambiente ao seu redor, estava brilhante e limpa.

Num primeiro instante, Fernando Zéca duvidou do acerto do tricorder, até que percebeu, ao lado dos umbrais dela, um painel quadrado, em plástico.

O que seria? Algum tipo de sensor que funcionasse como fechadura?

O Alferes colocou a palma da mão sobre o painel quadrado e subitamente, um poderoso estrondo abalou o local; com a misteriosa porta se deslocando para o lado, dando passagem, para um lugar bem iluminado, do que, aquela espécie de átrio congelado.

***

## SÓ UM BANDO DE VELHOS RANHETAS QUE NÃO QUEREM AMOLAÇÃO

Sem titubear, Zéca avançou para o outro lado da porta, de imediato sentindo diferença na temperatura, e no ar, que era limpo, refrescante, cheirando mulher bonita com perfume de flores primaveris.

Assim que sua vista acostumou-se à luminosidade, percebeu mais adiante, uma cidade toda feita de luz...

Circulando pelo espaço aéreo dela, haviam discos voadores, brilhantes ou metálicos,

e ainda, outros inumeráveis objetos desconhecidos, que, mesmo um piloto experimentado de naves espaciais como Fernando Zéca, não conseguia compreender.

Com a temperatura mais agradável, não perdeu tempo e tirou as pesadas roupas de frio que usava.

Primeiramente, o casaco e, quando terminou de tirar as calças, foi surpreendido por robôs de formas humanóides, armados, que apareceram de-repente.

Por sorte, Fernando Zéca, por baixo das pesadas roupas de frio, ainda vestia o uniforme, mas, não podia pegar nenhuma de suas armas, estando na mira das criaturas mecânicas que o cercaram.

Literalmente, foi pego com as calças nas mãos, não se mexeu e nem disse nada.

Os robôs também ficaram em silencio posicionando-se de modo a barrar qualquer movimento do Alferes naquele espaço.

Se a situação, já era por si só, um tanto incomum, ficou ainda mais assombrosa, quando figuras humanoides etéreas, formadas de luz e, quase que, fantasmagóricas, apareceram flutuando ao seu redor.

Dos olhos e das bocas destes seres, saíam chamas de luz com maior força e, de brilho mais intenso, que o restante dos seus “corpos”.

Estas criaturas cercaram Fernando Zéca circulando-o, cada vez mais, velozmente.

Uma delas saiu do círculo formado pelas outras, e avançou para a cabeça do corinthiano, penetrando-a parcialmente, com seu corpo, como se fosse fantasma atravessando matéria sólida.

***

Foi então, que o Alferes percebeu, como pensavam aquelas criaturas.

Todas, estavam telepaticamente vinculadas e coligadas, de modos a compartilhar de um mesmo conhecimento, ao qual, Fernando Zéca, agora tinha acesso parcial.

Pelo que percebia através daquele contato mental, as tais criaturas etéreas eram mais antigas que o próprio sistema solar, tendo em muitas ocasiões, participado ativamente na história, e, no desenvolvimento da raça humana.

Agora, viviam secretamente, no interior da Terra, da Lua, e até em outros planetas e satélites do sistema solar.

De várias maneiras, mesmo que silenciosamente, ainda deixavam marcas de sua presença, ou dirigiam alguns acontecimentos de acordo com seus interesses.

Sua influência secreta, ocorria até mesmo, na época em que a Federação dos Planetas Unidos já atuava decisivamente na vida de milhares de sistemas planetários, ao redor da galáxia.

Com tamanho poder, uma criatura insignificante como Fernando Zéca Corinthiano, comparativamente àqueles seres quase que fantasmagóricos, e de idade incalculável, era desprezível e tão descartável quanto sujeira pelo chão.

E de fato, era tão irrelevante, que, uma delas queria eliminá-lo definitivamente, não deixando nenhum resquício, mesmo que subatômico, da sua presença, naquele espaço de tempo.

***

-Vamos pulverizá-lo, assim, logo será esquecido pela eternidade...

-Ele carrega tecnologia do continuum.

-Ele está numa missão pelo continuum.

Fernando Zéca Corinthiano acompanhava a “conversa telepática”, mas, não compreendia todo o seu significado, até porquê, erroneamente, associou o termo continuum, à, “Hípotese do Continuum”, uma conjectura matemática proposta por Georg

Cantor.

O que de fato ele não lembrou era o outro significado da palavra “Continuum” que se referia ao plano dimensional onde viviam os “Qs”, assim, o Alferes não acompanhou direito, o verdadeiro raciocínio de algumas das ideias a que era exposto, entretanto, outras, lhe eram bem claras...

-Ninguém perceberá sua ausência.

-Ele está em missão pelo continuum, e sua ausência será sim notada.

-Não queremos chamar a atenção de ninguém para a nossa presença, nem mesmo dos “Qs” que ainda deverão evoluir muito até nos compreenderem, que dirá então da humanidade que não deixou de fazer suas costumeiras idiotices.

-Eliminar este tipinho é uma decisão de consequenciais imprevisíveis, pelo fato dele estar em missão pelo Continuum.

-Poderia até gerar conflitos, com quem o colocou nesta situação.

-Deixe-o seguir o seu caminho.

-É mais prudente.

-E mais seguro.

As criaturas ao redor de Fernando Zéca desvaneceram-se e sumiram de vez.

Em seguida tudo escureceu, a temperatura, caiu novamente e, pouco a pouco, começou a visualizar estrelas ao redor.

O tricorder que Silas lhe deu, sinalizou novamente, e, do nada, inesperadamente, apareceu diante de si, uma já nossa conhecida, porta de madeira branca com maçaneta e fechadura dourada.

Sem perda de tempo, já que, até respirar estava difícil, Zéca girou a maçaneta, atravessando em seguida, a passagem recém-aberta.

***

## AUDACIOSAMENTE INDO, ONDE TREKER NENHUM JAMAIS TENTOU...

Tão logo atravessou-a, o frio diminuiu e voltou a respirar.

Como de praxe, olhou para trás e viu a porta de madeira branca, através da qual tinha passado, desaparecer.

Ainda que o ar fosse respirável, estava úmido e quente.

Olhou ao redor e percebeu que estava num banheiro cheio de mulheres.

Mais especificamente, bem na frente do chuveiro onde muitas delas tomavam banho.

Diante de tantas beldades, com pouca roupa, Fernando Zéca Corinthiano não conseguiu se conter, e, deixou escapar:

-Caramba! Estou no paraíso.

Mal acabou de pronunciar estas palavras e começou a gritaria:

-Tem homem aqui no banheiro!

-É um tarado! Disse que tá no paraíso!

-Pega!

-Pervertido!

-Depravado!

-Anormal!

-Lincha!

-Calma minhas senhoras! - Tentou se explicar Fernando Zéca, ao mesmo tempo que, rapidamente perscrutava o ambiente em busca de uma saída. - Não cheguei aqui voluntariamente!

Sua procura foi infrutífera já que, de imediato, não encontrou jeito de sair dali.

-Pega esse cara!

E o que parecia ser o paraíso logo acabou virando um amontoado de problemas.

De um instante para outro, aquelas lindas mulheres estavam apontando para o intruso, pistolas e fuzis, que, sob o ponto de vista deste, eram antiquadas, porém, letais.

Fernando Zéca ergueu as mãos, já que não teria tempo de abrir o seu arsenal.

Uma daquelas mulheres, loura alta, vestida com bermuda curta, apertada, e camiseta de características semelhantes, ordenou, de arma em punho:

-Atenção. Esse invasor vem comigo. Vou conduzi-lo para a segurança.

-A Sra. quer ajuda, Capitã?

Como resposta, ela mostrou a pistola que empunhava: uma Desert Eagle .50 e disse:

-Acho que não será necessário, Tenente. Mas, se quiser acompanhar...

-Às ordens, senhora.

A tal Tenente pegou o braço de Zéca e torceu-o por trás das costas do infeliz, em seguida, conduzindo-o com a Capitã, para fora do banheiro.

-Não precisa apertar. - Reclamava Zéca. - Eu não estava lá de propósito.

-Onde está o seu craxá de identificação? - Indagou a capitã.

-Eu não tenho...

O trio continuava andando e a capitã, perguntando:

-Como entrou aqui?

-Por uma passagem... Acho que é uma passagem capaz de ligar planos dimensionais diferentes...

A capitã, arregalou os olhos azuis...

-Sam! O que houve?

Três soldados apareceram.

Um deles, o mais velho, também segurando uma pistola igual à da capitã, foi para quem, ela respondeu:

-Ele apareceu sem explicação no chuveiro do banheiro das mulheres, Coronel.

-E saiu de lá vivo? - Indagou o oficial, com expressão de visível incredulidade.

-Eu vi a coisa desde o começo, Senhor. - Explicou ela. - Consegui tirá-lo de lá, a tempo...

-Parabéns, Sam. Conseguiu tirá-lo de lá, mas, a minha pergunta é: como ele foi para no banheiro das mulheres?

-Disse que chegou através de uma passagem inter-dimensional.

-Sam! Olha só a roupa dele! - Observou o Coronel. - Tá na cara que é um Nerd, metido a esperto. Provavelmente, deve ter saído de alguma convenção de Jornada nas Estrelas e veio pra cá. O que agora me interessa saber é como ele entrou aqui..."

"Teletransporte eu sei que não foi..."

-Não Senhor. - Concordou a Capitã. - De fato não foi por teletransporte.

"Eu vi ele saindo de uma porta branca de madeira, que desapareceu logo depois que ele passou por ela."

O Coronel colocou a mão na testa, abriu a boca como se fosse falar alguma coisa e ficou quieto.

Respirou fundo, olhou para Fernando Zéca, e só então disse:

-Um sujeito vestido com uniforme da Jornada nas Estrelas, me aparece no meio do banheiro das mulheres, passando por um porta estilo Twilight Zone?

"É isso que você está querendo me dizer, Sam?"

-Foi o que eu vi, Coronel.

O Coronel passou a mão pelos cabelos grisalhos.

-Pior de tudo é que eu acredito.

"Meu consolo é que, se isso tivesse acontecido em qualquer outro lugar, seríamos internados num hospício, mas, devido à natureza dos experimentos realizados por aqui, é melhor levar o caso ao General."

"Ele manda, então, ele que assume, e, ele resolve a batata quente..."

***

Todos, incluindo o Alferes foram até o Gabinete do General.

Fernando Zéca, pouco, ou nada falava, para não causar maior irritação, pois involuntariamente, burlara os sistemas de segurança locais.

Sentado em ampla poltrona, um oficial militar careca, pouco acima do peso, ouvia tudo atentamente.

Na mesa adiante de si havia uma placa dourada com o nome:

GENERAL GEORGE S. HAMMOND.

Numa das paredes laterais do gabinete, eram projetadas as imagens obtidas através de diversas câmeras de segurança.

Após o breve relato do testemunho da Capitã, o General indagou Fernando Zéca:

-E quem é você? Como entrou aqui?

-Cheguei aqui através de uma passagem interdimensional. Não invadi o banheiro das senhoras voluntariamente.

-A Samantha diz que viu a tal passagem se formando e desaparecendo no banheiro, General. - Informou o Coronel.

-Exatamente, Sr. - Confirmou ela.

O Coronel mais uma vez admirado com a roupa de Fernando Zéca, perguntou:

-E esse seu uniforme? De onde você é?

-Sou Alféres da Frota Estelar, Senhor.

-Frota Estelar... - Repetiu o Coronel, olhando para o General, que mantinha a seriedade.

-Exato.

-Você quer dizer, a Frota Estelar da Federação dos Planetas Unidos? - Indagou a

Capitã...

-Isso mesmo. - Confirmou Zéca, já com um sorriso no rosto. - Vejo que vocês entenderam minha situação... Sabem do que estou falando...

-Afinal, do que estamos falando aqui? - Indagou o General Hammond. - Este homem saiu de algum fã clube trekker, ou de algum estúdio de filmes de ficção científica?

-Pelo que entendi, ele afirma ser de um universo paralelo, onde, o que aqui consideramos fantasia, lá, é realidade. - Explicou a Capitã.

-Ao menos, se tivesse vindo aqui, o Capitão Kirk, eu até pediria um autógrafo...

-Tive um breve encontro com o Capitão James Kirk da U.S.S. Enterprise.

“Não sei se é a este que o Senhor se refere...”

-Você conheceu o Capítão James Kirk? - Indagou o Coronel, boquiaberto e de olhos arregalados.

-Sim. Ele...

-Vamos manter o foco nessa conversa. - Interrompeu o General. - Me explique direito o que está fazendo aqui, senão quiser ser preso!

-Claro Senhor. - Disse Fernando Zéca, que, em seguida, relatou, dentro da sua compreensão, tudo pelo que já tinha passado.

***

E mal terminou de contar a história de suas desventuras, tocou um alarme, cujo som, parecia ecoar por todo o local.

-General! Portal STARGATE foi acionado remotamente, Senhor. - Informou uma voz pelo sistema de som na mesa do oficial.

-Remotamente? Como?!? Quem autorizou? - Indagou ele, visivelmente assombrado.

-Autorização não partiu do Centro de Comando, Senhor.

“Ela veio do SUPREMO TRIBUNAL; mais especificamente, do Gabinete do Magistrado que nos visitou a quinze dias...”

-Do Magistrado??? Mas...

A imagem do Magistrado, apareceu numa das telas da parede do Gabinete.

Era um homem gordo, atarracado de bochechas largas, pele ensebada, cabelo desgrenhado, que vestia roupas e chapéu vermelho.

Fernando Zéca olhou a cara do magistrado cujas feições não lhe eram familiares.

Imagens de outros monitores na parede do Gabinete mostravam o acionamento do referido portal cuja abertura não autorizada, era naquele instante, informada o General.

Fernando Zéca reconheceu a peça ora utilizada como portal.

Tinha a forma de anel, com várias letras estranhas cravadas ao longo de sua superfície.

Exatamente igual à que fora colocada no compartimento de carga, da F.S.S. GALATRINA01, espaçonave que deveria estar comandando, caso não estivesse envolvido numa epopeia tão adoidada.

Até por isso, manteve atenção nos monitores que exibiam imagens de estranhas esferas luminosas brancas “cabeludas” saindo do interior do referido portal, que por sua vez, agora brilhava em tons azulados...

Fernando Zéca logo percebeu do que se tratava, e disse:

-General! Mande esvaziar o recinto onde estas criaturas estão aparecendo...

-Criaturas? São seres vivos?

-São inteligentes? - Indagou a Capitã.

-Sim são seres vivos, que utilizam a pouca inteligência que têm, para sugar a energia vital de qualquer um, que não sejam, desta espécie.

-Se você os conhece, então, tem algo a ver com esta invasão? - Perguntou o General.

-Não senhor. Não tenho nada a ver com o que está acontecendo...

Mal terminou de dizer isso, e um dos monitores mostrou a imagem de uma daquelas criaturas se aproximando de um soldado que estava no local onde a ação era captada.

O militar deu ordens para esta se afastar, e, como foi ignorado, atirou.

A criatura luminosa não sentiu nada e continuou implacável, seu avanço na direção dele.

Quando chegou a poucos centímetros de distância do militar, um dos fios brilhantes imediatamente se esticou e tocou na pele do soldado, que ficou em choque, enquanto sua pele murchava e escurecia até se transformar num  monte de cinzas.

A criatura, por sua vez, brilhou intensamente assim que tirou a vida de sua vítima, e, poucos instantes depois, voltou ao tamanho normal.

-São chamados de “Cílios”. - Explicou Fernando Zéca. - Diz a lenda que o sujeito que deu o nome a estes seres, na verdade, queria chamá-las de “Ciscos”, mas, quando foi descrevê-las, falou “Cílios” que, é a denominação que acabou pegando mesmo.

“Não se iludam com a beleza destas criaturas, que, tão logo tiram sua vida, brilham por instantes, em seguida procuram outra vítima para matar.”

Sem mais perda de tempo, o General pegou um telefone na sua mesa e ordenou:

-Evacuem imediatamente o centro de controle do STARGATE.

“Todos os acessos devem ser fechados.”

-De onde você conhece estas formas de vida? - Perguntou a Capitã.

-Na Academia da Frota Estelar, costumamos fazer combates simulados, em ambiente virtual, contra estas criaturas.

-Então você está preparado para enfrentar estas coisas? Como podemos tirá-las daqui? - Perguntou o Coronel.

-Estou preparado sim, mas, suas armas não serão capazes de vencê-las.

-E o que você sugere? - Perguntou o General.

-Eu tenho o meu próprio armamento, General. - Disse Fernando Zéca Corinthiano. - Peço a permissão para fazer uso dele aqui dentro.

O General olhou para Fernando Zéca, e, com cara de espanto:

-Você? Armado? Aonde???

Fernando Zéca  passou o dedo pelo pulso e, então, o armário de armas apareceu ao seu redor.

De uma das divisórias dele, pegou o coldre com duas pistolas, e, de outra, pegou um fuzil, vestindo e destravando todas as armas, sob os olhos atônitos dos militares, que presenciavam aquela situação, assombrados.

-Vou ter que fazer o serviço sozinho. - Disse Fernando Zéca. - Não terei tempo de treinar vocês, com meu armamento, portanto, peço que confiem em mim...

-Então levem este homem até o Centro de Controle do Stargate...

“E boa sorte para você. - Disse o General olhando para Fernando Zéca.”  - Depois queremos saber como funcionam suas armas...

-Sim senhor. Vou explicar o que estiver ao alcance do meu entendimento.

-Então vamos! - Disse o Coronel enquanto indicava para Fernando Zéca o caminho a ser seguido.

***

Não houve mais nenhum falatório.

A sorte estava lançada.

Mesmo tendo experiencia naquele tipo de situação, Fernando Zéca sentiu um bloco de gelo pesando na barriga.

Finalmente chegou diante da porta da sala do Centro de Controle.

Ao lado da entrada próxima ao sensor que liberava a abertura, estava a Capitã,

aquela loura alta de olhos brilhantes e bonita.

Ela passou o seu crachá, com o código de barras, virado para o scaner de leitura.

Antes da fechadura abrir e destravar a porta, Fernando Zéca imaginou-se dando um beijo naquela mulher magnífica!

Em breve instante de poucos milésimos de segundo, uma série de fantasias sexuais, onde ele protagonizava cenas picantes com a Capitã, passaram-se pela sua mente. Não teve tempo para mais nada.

Assim que a porta se abriu, começou a disparar raios de uma das pistolas para não deixar nenhum daqueles “cílios” escaparem da área de confinamento.

Deu um breve sorriso, com cara de sofredor, para a Capitã, em seguida adentrou a área de infestação dos invasores sem olhar para trás.

***

Lá dentro, os cílios logo perceberam sua presença, e, avançaram na direção de Fernando Zéca.

Eles próprios não podiam se conter.

Eram criaturas sedentas por energia vital, e viviam para consumi-la, sob qualquer forma que ela tivesse.

Quando um dos “fios de cabelo” que as constituía, tocava sua vítima, já não havia mais o que fazer. A morte era certa.

Civilizações inteligentes, foram dizimadas por estas lindas criaturinhas luminosas, que, simplesmente consumiam suas vítimas, sem qualquer remorso ou sentimento.

Mesmo a Federação, sofreu muitas perdas até perceber a regulagem certa dos phasers e a forma de tiro correta para combate aos cílios.

Mas, depois que tal “método” de combate foi descoberto, seu estudo passou a ser obrigatório na Academia da Frota Estelar... E estas aulas, Fernando Zéca não cabulou.

Sem distração ou pausa, ele disparava contra as criaturas que, ao serem atingidas, explodiam numa bola de luz, “que atingia” outros “cílios” nas proximidades, iniciando uma reação em cadeia, que praticamente os exterminava a todos.

Os tiros tinham que ser absolutamente certeiros, e a movimentação não podia permitir qualquer proximidade com os alvos, pois, estes também agiam furtiva e rapidamente.

Concentrado na tarefa: atirar, atirar e atirar mais ainda, Fernando Zéca massacrava impiedosamente aquela leva de criaturas malignas que, em poucas semanas, poderia se alastrar por um planeta do tamanho da Terra, eliminando toda a vida nele.

Em sucessão rápida de tiros, eliminou boa parte dos invasores.

Sua performance, comparada àquelas dos treinos, que desempenhava durante os exercícios de tiro na academia, estava assombrosamente melhor.

Em poucos minutos de intenso tiroteio, eliminou todas as criaturas assassinas, que, não seriam destruídas, com as armas de fogo daqueles militares.

Um último “cílio”, tentou um ataque direto contra Fernando Zéca, tendo até, conseguido invadir o espaço defensivo, de um metro e meio de diâmetro, que ele tentava manter como segurança.

Num milésimo de segundo, o Alferes tentou a sorte, e, a esmo fêz um desesperado disparo... Que acertou o alvo e encerrou a tarefa!

Lamentava não ter uma câmera registrando sua extraordinária performance na ocasião, que, mesmo sendo decisiva para a continuidade da vida como se conhecia naquele mundo, certamente, ficaria esquecida.

De qualquer forma, uma coisa era certa: Fernando Zéca beijaria o rosto daquela linda Capitã, assim que a visse.

Uma missão tão bem cumprida como aquela, merecia celebração à altura.

Mesmo que levasse uns sopapos da loiraça!

Já imaginava até uma forma de conseguir seu intento: se aproximaria dela, dando-lhe um caloroso abraço, e, sem perda de tempo, tascar-lhe-ia um beijo.

Quando ia voltando para a entrada daquela sala, em busca do seu prêmio, o tricorder começou a sinalizar.

Apenas por curiosidade, Fernando Zéca, seguiu a orientação, que o levava para parte de trás, do portal STARGATE que havia ali.

Mais especificamente, para diante de uma porta exatamente igual àquela que o trouxera para ali.

E esta já se encontrava aberta, convidativamente chamando-o para um ambiente escuro e nebuloso.

Queria muito beijar aquela capitã, mas, seu desejo em rever Marge, era ainda maior.

Novamente, avançou para o desconhecido...

***

**JUSTIÇA, ou**
**EXAGERO na REAÇÃO?**
**DECIDA!**

Assim que chegou ao “outro lado”, ouviu o som de uma explosão que tremeu tudo ao redor, inclusive o chão, quase lhe estourando os tímpanos...

Virou para trás procurando a porta tentando voltar pela passagem, mas, esta, desapareceu.

Ali onde se encontrava agora estava escuro e o o ar, quase irrespirável  com cheiro forte, nada aprazível, da morte e guerra.

Um silvo se fez ouvir, seguido de novos estrondos!

Aparentemente, Fernando Zéca, se livrara de um problema, para ter de lidar, com outro bem pior!

Colocou seus óculos escuros redondos, que, naquele caso, lhe permitiriam enxergar mesmo com a escuridão local.

Vendo a situação sob um prisma diferente, percebeu ali, a presença de vários corpos humanoides. Todos mortos!

Pelo estado em que se encontravam, ficava claro que, suas vidas lhes foram extirpadas, de forma humilhante e cruel.

A maioria dos cadáveres, parecia ter encontrado seu destino diante de armas brancas, e, outros tipos de objetos contundentes, como cacetetes, martelos ou correntes...

O alarme interior de Fernando Zéca Corinthiano soou, daí, nosso Alferes redobrou a cautela, já que, a qualquer momento, também poderia ser vítima dos algozes que perpetraram toda aquela barbaridade.

Passou então, para um ambiente mais claro, onde percebeu as coisas com maior nitidez: também ali o cenário era pavoroso com alguns dos cadáveres despedaçados, como carnes de açougue.

Fernando Zéca avançava lenta e silenciosamente, pelo cenário medonho até ouvir:

-Traidor! Traidor!

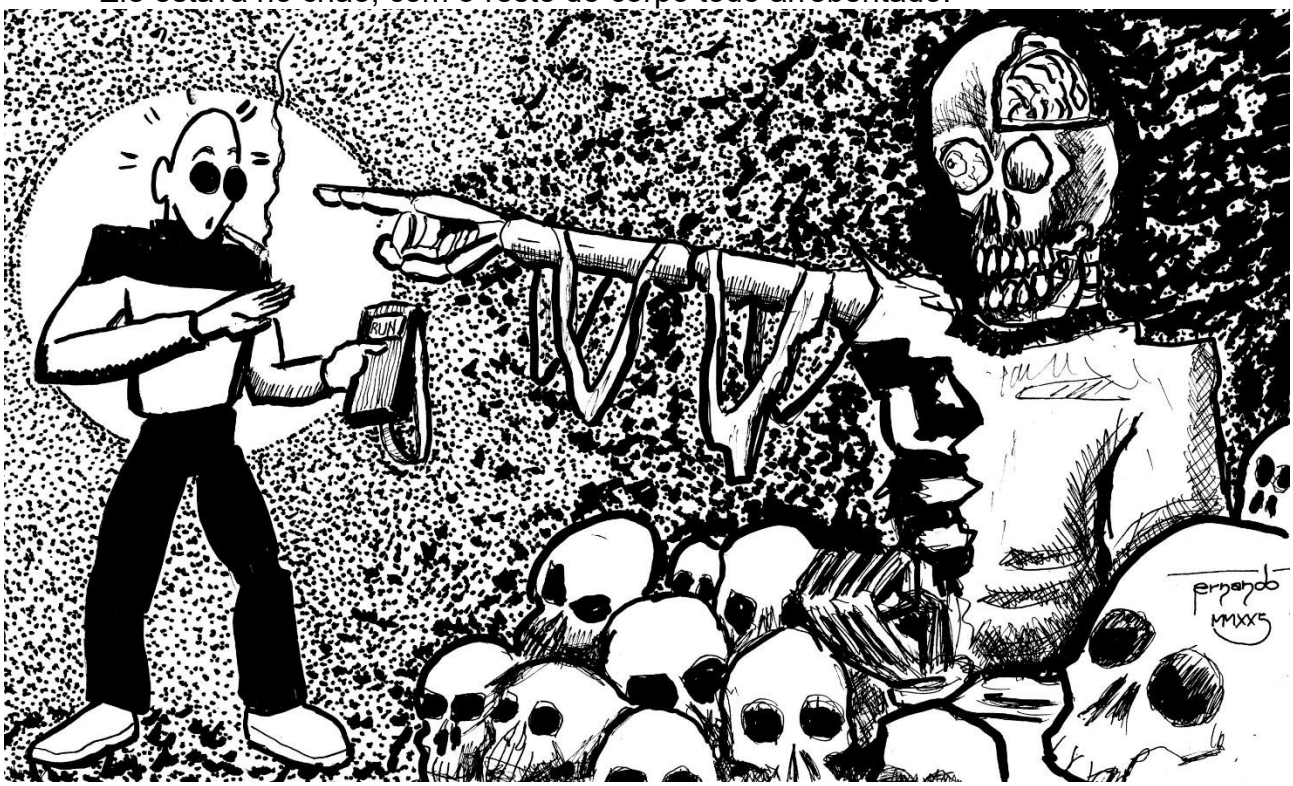
Virou-se para a direção de onde vinha o som daquela voz.

-Traidor! Estamos a dezoito dias pedindo socorro e chamando por sua ajuda e, só agora vocês aparecem?

Fernando Zéca gelou os ossos e a barriga, com o que viu:

Um homem com a metade superior direita, da cabeça, despedaçada.

Ele estava no chão, com o resto do corpo todo arrebentado.




Não se mexia, mas, continuava falante:

-Maldita Frota Estelar! Uma esquadra inteira de naves, estacionadas a menos de cinco anos luz de distância, e, vocês, mesmo assim, ignoraram nossos pedidos de socorro!”

-Está enganado! - Corrigiu Fernando Zéca. - Sou sim, da Frota Estelar, mas, não estou aqui para atender qualquer pedido de socorro. Minha presença neste lugar, é meramente casual.

-Casual? Neste buraco de ratos? Não se chega aqui por casualidade...

A situação era bizarra.

Impossível para Fernando Zéca entender, através de qual milagre, alguém naquele

estado, conseguia discutir qualquer assunto.

-O que está acontecendo?

-Então não sabe??? É a vingança dos seguidores de ZUHLURR! Você não é mesmo daqui??

-Cheguei a menos de quinze minutos. - Disse Fernando Zéca. - Nem sei que planeta é este...

Mesmo no rosto semi-destroçado, da cabeça daquela pessoa, houve um esforço para tentar uma risada...

-Um federado perdido?

-Muito perdido. - Concordou Fernando Zéca. - Perdido entre dimensões espaço temporais diferentes...

-Bem-vindo à ZZUHLURRABIA. AQUI NÃO É ESPAÇO DA FEDERAÇÃO. Se veio fazer turismo, chegou em mau momento, o povo está querendo se vingar pela forma como seu corpo diplomático foi assassinado na Terra."

-Assassinado na Terra?

-Dizem que uma ação terrorista dizimou todo o corpo diplomático dentro da embaixada da ZZUHLURRABIA na Terra, o que levou até, ao banimento dos Seguidores de ZUHLURR, de alguns dos quadros da Federação.

O Alferes arregalou os olhos ouvindo aquilo.Os músculos da garganta se contraíram.

-Mas ninguém lembrou de chamar de volta as Embaixadas, as missões comerciais e representações da Federação, que já estavam estabelecidas na ZZUHLURRABIA...

E não disse mais nada.

Fernando Zéca, por alguns instantes ficou sem saber o que fazer, até dar-se conta, de que, ouvira as últimas palavras do pouco que sobrara daquela pessoa.

Afastou-se do recém-falecido, e seguiu em meio a tantos outros corpos, dilacerados e mortos, das mais diversas maneiras até encontrar outro moribundo pelo caminho, que, tinha um poste atravessado na caixa torácica.

Viu Fernando Zéca e, assim que percebeu a insígnia da Federação no uniforme, começou a gritar, com as últimas forças que ainda lhe restavam:

-Traidores! Vocês nos abandonaram. Traidores! Nos deixaram aqui para morrer.

Preso ao poste que atravessava ao meio aquela pobre alma, havia uma placa azulada, com a insígnia da Federação, onde se lia:

**"BEM VINDO(A) Você está em área sob jurisdição da EMBAIXADA da Federação dos Planetas Unidos na ZZUHLURRABIA"**

Veio à mente de Fernando Zéca, o confortador pensamento, alertando-o que, o perigo que ceifara de modo horroroso, e cruel, todas aquelas vidas, ainda poderia estar ameaçando pelas imediações.

Seguiu cautelosamente adiante, em meio ao ambiente caótico até chegar a uma escadaria que subia para algum lugar.

Não havendo outra opção de caminho, seguiu até encontrar uma saída para a cobertura de um prédio com imensas antenas de aço no topo.

Olhou no entorno, e viu milhares de outras edificações similares ao redor.

Se aquele planeta era mesmo a ZUHULURRUBIA, então, devia estar em uma de suas capitais.

Dali das alturas, ninguém imaginaria que no meio daquela espécie de "formigueiro" gigante de concreto, viviam fanáticos seguidores de ZUHLURRR, povo que se julgava designado por sua divindade, com o dever de impor, submeter e cagar regras idiotas, oprimindo quem quer que não compartilhe de sua fé religiosa, especialmente mulheres e animais domésticos como cães e gatos.

Adeptos sanguinários que se sentem superiores às demais espécies. Intolerantes às

críticas de quem os acusasse de hipocrisia, sendo mesmo capazes de praticar crimes sem qualquer remorso, contra quem considere infiel.

Foi então que o preocupado Alferes, ouviu um grito:

-ZUHLURRR é o maior! Em nome de ZUHLURRR...

Era um dos fanáticos armado com ensanguentada espada curva.

Brandiu-a furiosamente, avançando ameaçadoramente aos gritos, para cima do Alferes, que, sem perda de tempo, efetuou vários disparos com a arma que tinha.

O fanático caiu morto, no chão, sem nem dar o último suspiro completo.

Em seguida... Mais gritos ameaçadores.

Outros devotos da seita assassina avançaram pela mesma porta por onde Fernando Zéca saíra chegando ali.

Sem perda de tempo com qualquer consideração, o Alferes, com tiros precisos, eliminou um a um os fanáticos enraivecidos e fortemente armados.

As testemunhas que viram a confrontação, mesmo estando em prédios ao redor, intensificaram a gritaria e panelaço.

Por mais que estivesse defendendo a própria vida, a torcida local, era para a turba que viera lhe matar.

Objetos começaram a ser jogados na direção de Fernando Zéca que, se escondeu num corredor abaixo das antenas no topo do prédio, por onde passavam cabos e estavam instalados instrumentos de medição e controle.

Fora dalí, a gritaria aumentou e mais fanáticos chegaram. Alguns até adentraram o abrigo do Alferes, mas foram recebidos à tiros, sem que desta leva, também nenhum sobrevivesse, o que, só retardou a chagada de mais zuhlurrulitas querendo trucidar o protagonista destas linhas.

Sem qualquer escrúpulo, pessoas idosas, crianças e mulheres, foram chutadas contra Fernando Zéca, que, agora relutante em alvejar estes alvos, se entranhou mais ainda no esconderijo.

Alí, trancado por algum tempo ficou precariamente protegido das ameaças, até que objetos em chamas foram lançados enchendo tudo com fumaça enquanto a multidão destruía tudo o que podia com pedras e paus.

Alguns já preparavam combustível para cozinhar o Alferes alí dentro que, ainda assim, conseguiu arregaçar as mangas, deslizar o dedo por cima do adesivo sobre o próprio pulso, revelando assim, o armário de armas, em cujas prateleiras, naquele momento se destacava uma, em forma cilíndrica de cor preta.

Sem saber o que era, o Alferes tirou-a para fora, e logo ocultou em seguida, seu perigoso arsenal.

Apertou um botão no corpo do cilindro da arma e, na extremidade desta, abriu-se uma tampa, que revelou o cano lançador já devidamente municiado com alguma coisa....

Fernando Zéca apontou extremidade do tubo aberto para a passagem por onde viera, e pela qual, os fanáticos certamente iriam subjugá-lo.

Acionou o gatilho e surpreendeu-se com o resultado.

Ouviu um POP!

Esperava uma explosão de raios ou mesmo algo dramático como fogo incendiando.

Tudo! Menos um POP!

Saiu do cano em câmera lenta, um projétil prateado que flutuou durante alguns instantes sobre a arma, em seguida disparou em alta velocidade na direção de onde vinham os agressores.

O atônito Alferes não ouviu mais nada durante segundos...

Pressupôs que alguma coisa havia falhado, já que nada de especial acontecia.

Seu estômago esfriou.

O tempo passava torturantemente devagar.

Zéca viu-se diante da morte certa.

Mesmo com tanto armamento não conseguiria sair dalí sem matar inocentes.

Daí, durante aquele silencio angustiante, rezou.

Rogou para Maria a Mãe das Mães e para todos os Santos que lembrou alí.

O Alferes foi incapaz de calcular o tempo exato que ficou concentrado em meio às suas rezas. Podem ter sido alguns segundos, ou talvez... Algumas horas...

O fato é que, quando já imaginava como enfrentaria a morte dignamente, veio um aviso do display no corpo da arma:

“MORTEIRO DESTRUIDOR DE MUNDOS ATIVADO”

Mais inesperadamente ainda, o seu lado, do nada, sem qualquer explicação, apareceu a misteriosa porta com uma de suas saídas inesperadas.

Zéca ainda não entendia nada e ainda se indagava:

-Que estava acontecendo? Se a arma era aparentemente imprestável, para que aquele aviso se a saída aparecera alí aberta?

Com esta e outras perguntas lhe atormentando, percebeu que a gritaria dos fanáticos aumentou de intensidade. E então veio um tremendo estrondo....

Certamente uma forte explosão que estava desmoronando com tudo ao redor.

O fim do mundo parecia ter chegado.

De algum modo, Zéca ignorava como, o armamento de Silas, contrariamente ao que avaliara inicialmente, estava funcionando não deixando absolutamente nada por alí de pé.

Zéca não precisava de uma arma tão violenta, só queria se livrar daquela confusão.

De qualquer modo, as armas de Silas não eram brincadeira.

Não serviam apenas como defesa, mas também, para uma vingança definitiva.

Tal conclusão veio com mais um novo aviso luminoso que surgiu no display da arma utilizada.

“DESTRUIÇÃO TOTAL DE ZUHULURRUBIAN EM ANDAMENTO.”

Não podia ficar alí.

Sem perder tempo, Fernando Zéca avançou para o que quer que houvesse no outro lado da porta aberta.

Assim que a atravessou, virou-se para constatar a destruição total que alí ocorria.

Daquele cenário mortífero, um sopro quente cada vez mais intenso foi impedido de virar forte onda de calor, já que a porta rapidamente se fechou.

De ZUHULURRUBIAN, seria o Alferes o único sobrevivente de uma destruição apocalíptica que ele mesmo, involuntariamente causara.

***

## PROVÈRBIO DO MACACO É: CADA HUMANO NO SEU GALHO, MAS, A BANANA É DE QUEM PEGAR PRIMEIRO.

Só então, Fernando Zéca Corinthiano percebeu o lugar onde estava.

No meio de uma muito bem-organizada, plantação de bananas.

A maioria delas estava verde, mas, já haviam algumas amareladas.

Fernando Zéca pegou uma destas, descascou e comeu-a.

Doce e saborosa.

Depois de tanta encrenca e, confusões que quase lhe ceifaram a vida, era o momento de aproveitar para encher a barriga com o que tinha disponível.

Depois de seis bananas daquelas, logo sentiu-se reestabelecido.

Andou pela plantação comendo outras bananas amarelas que encontrou, até chegar à beira de um córrego, onde bebeu água e, aproveitou para fumar um cigarro.

Refletiu através de furiosas tragadas, sobre a incomum situação que se encontrava graças a Silas, o pai de Marge.

Devia ter deixado tudo como estava e não ter se metido em assuntos familiares.

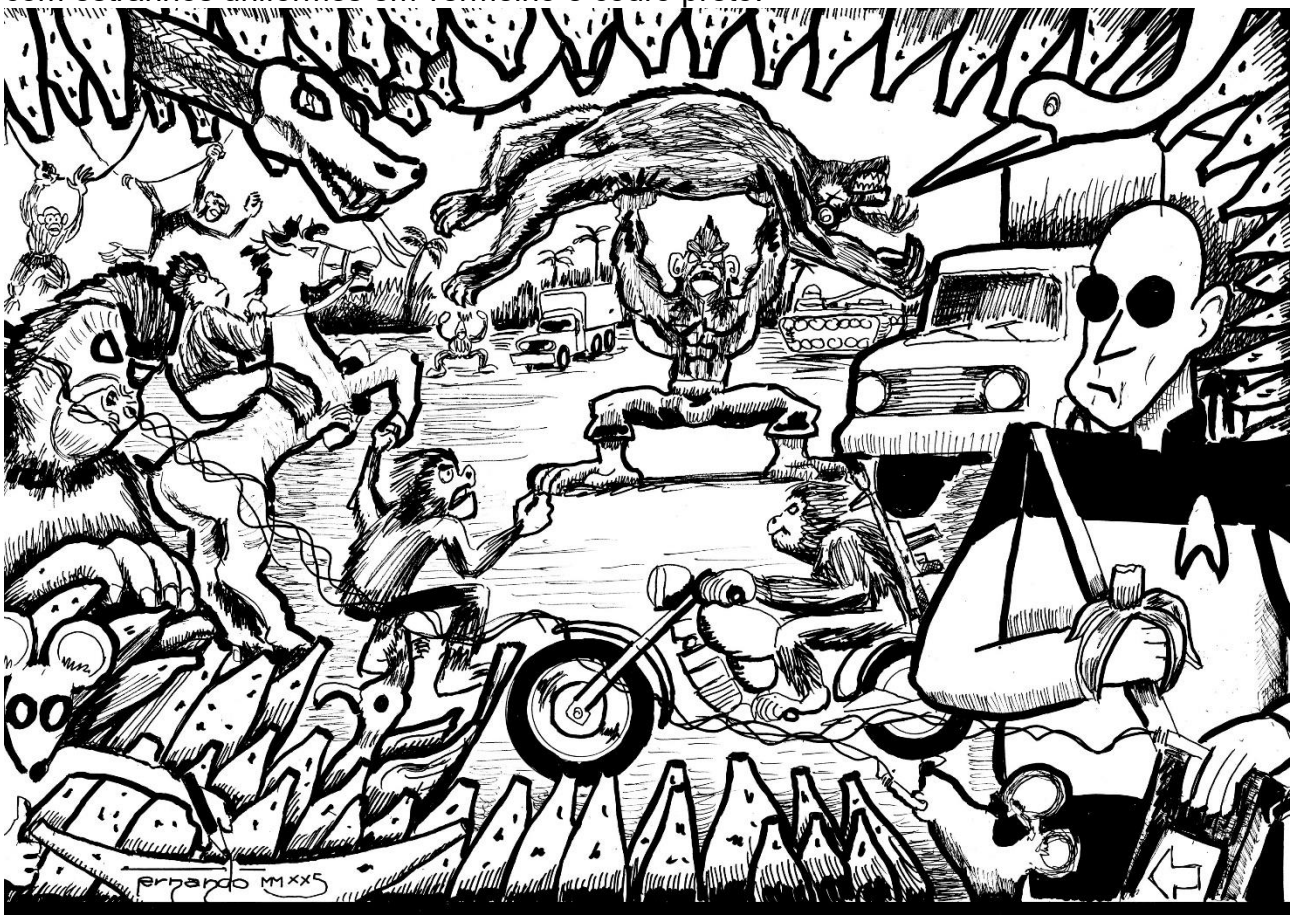
Só agora, lhe ocorria que Marge poderia ter fugido da família até mesmo por alguma desavença.

E por conta da sua ingenuidade, e do seu coração apaixonado, estava metido numa situação que era incapaz até, de compreender na sua totalidade...

Problemas à parte, o cigarro terminou juntamente com a onda de tranquilidade que trazia. Mais relaxado, então, ouviu vozes nas proximidades. Munido de cautela, foi verificar a origem delas.

Andou silenciosamente, até chegar a um ponto, onde pôde vislumbrar, sem que pudesse ser visto. quem estava falando alto.

Eram macacos! E macacos muito grandes, cabeludos, que andavam de pé, vestidos com estranhos uniformes em vermelho e couro preto.




***

Macacos falantes!

-Sinto cheiro de humanos! - Disse um deles.

Os macacos olharam ao redor, com cara de poucos amigos, aparentemente procurando, o que julgavam ser, alguma ameaça iminente.

Por prudência, Fernando Zéca achou melhor manter-se escondido, daqueles olhares nada amistosos. E fez bem.

Do meio da densa mata, ao redor do bananal, perto de onde estavam os símios, surgiu um furioso urso de pele marrom avermelhada.

Devia ter uns três metros de altura e avançou com fúria cega contra os macacos.

Um deles, o mais forte, e único que trajava roupas totalmente pretas, entregou para um de seus acompanhantes, o fuzil que carregava, em seguida, avançou em direção ao urso enfurecido.

Com um salto impressionante, o macaco abraçou o pescoço do urso e, forçando a cabeça deste para trás, assim como um lutador de jiu-jitsu, acabou por deitá-lo no chão.

Com mais um rápido movimento, o macaco quebrou a coluna do urso, que ficou

deitado agonizante.

Os outros símios, então avançaram em direção ao derrotado e o despedaçaram furiosamente, devorando-o em seguida.

Alguns dos pedaços do vencido, foram guardados em bolsas presas a motocicletas, ou, armazenados, em bagageiros, de caminhonetes e carros, ali próximo estacionados.

Urrando, gritando e, furiosamente alvoroçada, a macacada celebrava a vitória sobre o urso morto. Um destes, entretanto, continuava a farejar o ar, desconfiado:

-Por aqui tem humano.

-Não! - Discordou outro. - O urso deve ter matado humanos antes de vir até nos.

-É... Talvez...

O desconfiado juntou-se ao resto do grupo, e, em seguida, todos tomaram seus veículos sumindo por uma via no meio da mata, com muito estardalhaço.

Do grande urso, nem um fio de pelo, sobrou para contar a história.

Além de tudo aquilo, algo mais perturbava Fernando Zéca.

Aparentemente a macacada não gostava de humanos.

***

O armário de armas, ao qual, Fernando Zéca tinha acesso, a qualquer momento que deslizasse o dedo pela pulseira invisível, sempre tinha alguma novidade. Bastava procurar.

Quando podia, o Alferes verificava o que havia de interessante, e que não fora utilizado.

Naquela situação, mesmo preparado para imediato confronto, portando, um fuzil e duas pistolas no coldre, verificava preventivamente, o que mais hipoteticamente poderia usar a fim de efetivamente afastar problemas com símios.

Drones para espionagem e ações furtivas ajudariam.

Tirou meia dúzia deles, das divisórias do armário, e, colocou-os para voar, cada qual partindo, para direções distintas, a fim de obter informações com as melhores rotas a seguir, enquanto, através do “tricorder” verificaria, as imagens que chegassem.

Logo, um dos drones aproximou-se do grupo de macacos motorizados, que haviam se afastado da área onde Fernando Zéca se encontrava.

Este, se juntou a outro grupo numeroso de gorilas cabeludos montados a cavalo, trazendo dezenas de seres humanos acorrentados, ou, enjaulados.

O drone, mesmo à distância conseguia captar conversas entre os macacos.

Uma delas, chamou a atenção de Fernando Zéca:

-A velha tática ainda funciona. Dividimos para conquistar.

-E nem precisamos nos esforçar muito. Humanos vivem se traindo. Eles próprios entregam suas famílias e vizinhos para que nós os escravizemos.

-Se vendem por pouco.

-Nem todos! Alguns não colaboram e são mais difíceis de dobrar.

-Mas no fim, todos acabam cedendo. Voluntariamente, ou não...

-Ah! Isto é certo...

As câmeras e microfones dos drones também trouxeram informações, a respeito dos humanos mudos, que grunhiam de modos animalescos, escravizados pelos macacos em péssimas condições, vestindo roupas precárias típicas dos selvagens da pré-história.

A pelanca das mulheres e a barba suja dos homens demonstrava não haver disponível, sequer uma faca para tarefas básicas do dia a dia.

Aquela gente, além de prisioneira, estava completamente bestializada.

Era de cortar o coração ver um semelhante, sofrer tratamento tão indigno, mas, Fernando Zéca tentava apenas reencontrar sua ex, sem a menor pretensão de bancar o libertador para qualquer povo oprimido.

Se a humanidade ali, não alcançara o topo da pirâmide do poder, ou pior: se

abrutalhou por completo, não seria sua intervenção, que tornaria as coisas melhores.

Estava muito longe de sua cabeça, a ideia de auto sacrifício por um povo incapaz de união para lutar em defesa da própria liberdade.

Seguiria o próprio caminho, afastando-se daqueles problemas, visto que sua meta se encontrava em outro lugar. Muito provavelmente, em outro universo paralelo.

***

Assim, acabou acompanhando o curso d'água que corria pelo interior da mata até se transformar num rio caudaloso, onde o Alferes pôde situar-se melhor.

No horizonte, avistou uma metrópole.

Ainda teria de caminhar um bom tempo até chegar a ela, entretanto, mesmo à distância, conseguia vislumbrar detalhes importantes.

Parecia abandonada a ponto de só se ouvir dali o som do vento. Nem fumaça, luzes ou buzinas. Só o silencio intimidador, e o rio, seguindo naquela direção.

Fernando Zéca caminhou paralelamente ao curso d'água, rumo à metrópole, até que, depois de uma curva, deparou-se com uma tubulação de concreto, de 10 metros de diâmetro, penetrando a encosta de uma montanha próxima.

Quando ia prosseguir no seu caminho, tentando se afastar daquela angustiante entrada escura, a sorte lhe sorriu:

O “tricorder” sinalizou indicando que, deveria seguir por ali. Tudo o que não queria.

Entrar por um caminho escuro, que não lhe desse alternativa, a não ser, seguir o seu curso.

Soltou um rosnado de raiva. Verificou novamente se o sinal indicado não era para outra direção, decepcionou-se com a infeliz constatação...

Era mesmo para dentro daquele tubo com aparência de mal agouro, que deveria prosseguir.

Além das lanternas, tinha consigo seus óculos redondos escuros, através dos quais enxergava tudo ao redor, mesmo no mais completo breu e avançou para o interior do duto.

Para sua sorte, o ar não estava assim tão fétido como seria de se esperar, nem havia tanta sujeira pelo caminho.

Lentamente, entrando cada vez mais pelo cano, com pistola e tricorder em punho, num dado momento, percebeu movimento inesperado.

Parecia um fantasma vermelho, de olhos brilhantes no meio daquela escuridão.

Por alguns instantes, não se mexeu, mas, após alguns segundos a coisa avançou na direção do Alferes revelando ser um daqueles macacos gigantes.

Sem perda de tempo, Fernando Zéca atirou acertando em cheio, a ameaça.

A regulagem estava em tonteio, capaz de derrubar inconsciente, qualquer humano, por mais forte que fosse. O macaco, porém, não caiu.

Apenas ficou meio atordoado, em seguida, avançou novamente, no seu intento de agredir Fernando Zéca. E mais uma vez levou outro tiro.

Aí, não resistiu porquê desta vez, a arma estava com regulagem para “pulverizar”.

Entretanto, mesmo tendo eliminado a ameaça, Fernando Zéca sentia-se desconfortável: primeiramente, devido á escuridão e, principalmente por ter de lidar com macacos extremamente perigosos e inteligentes.

Já naturalmente, nunca confiou nestes bichos, sempre preferindo manter destes, uma respeitosa distância.

Naquele caso, entretanto, a distância teria de ser muito mais que respeitosa só para garantir sua liberdade.

Quanto ao “tricorder”, mantendo-se inalterada a sinalização, subentendia-se que o caminho pelo interior, daquele encanamento, deveria ser continuado.

E este logo alargou-se, até duplicando de tamanho, sendo que, a partir de

determinado trecho, saíam ramificações diversas, seguindo para direções diferentes.

Infelizmente, porém, ali haviam outros macacos.

Mesmo na escuridão, e talvez até, por conta desta, eles avançavam rápida e agilmente para cima de Fernando Zéca, que, não se intimidou, e graças ao seu treino de atirador, os pulverizou um a um.

Assim, tendo mais estes agressores sobrepujados, seguiu através das ramificações indicadas pelo “tricorder”, até que, aos poucos, a iluminação foi melhorando.

Fernando Zéca avançou ainda mais nesta direção, e, depois de percorrer longo corredor, saiu numa avenida da metrópole que vislumbrara antes de entrar pelo cano.

De fato, estava feia, vazia, tomada pelo mato aparentando abandono total.

Pelos seus amplos espaços só corriam os ventos uivantes, coisa que deixava Fernando Zéca ainda mais alerta e estressado.

Sua tensão, poderia até lhe ser desagradável, mas, foi graças a ela, que enxergou um poderoso canhão-metralhadora, instalado no topo de um arranha-céu na avenida.

A arma apontou para Fernando Zéca, que, reagiu automaticamente pulando atrás de uma grossa coluna de concreto.

Soltou uma dúzia de palavrões, enquanto via os projéteis disparados pela arma, destruindo tudo próximo ao lugar de onde pulara.

Escondeu-se noutra entrada, parecida com aquela de onde saíra.

Esta, entretanto, tinha luz artificial, mesmo naquele cenário pós apocalíptico.

E graças a esta iluminação percebeu mais três macacos que, avançaram sem qualquer medo, e com muita agressividade, na sua direção.

Mais uma vez, Fernando Zéca posicionou-se atrás de algumas pedras e, com tiros certeiros desintegrou os novos alvos sem qualquer dificuldade.

Parecia fácil, mas o Alferes continuava confiante no medo e não na sorte.

Seguiu, por corredores estreitos até chegar a uma biblioteca.

Ali, o tricorder passou a indicar a presença de algo escondido atrás de uma das paredes próximas estantes cheias de livros e rolos de papeis, daí, provavelmente, seria obrigado a remover algum eventual obstáculo para alcançar seus objetivos.

Antes, porém que começasse qualquer obra demolidora, apareceu um macaco diferente dos outros que anteriormente enfrentara, dando ordens:

-Não faça isso!

***

O símio em questão tinha cabelos amarelados e cumpridos vestindo avental de couro, na cor bege de modos a parecer até mais sociável que os outros. E só por isso, Fernando Zéca não o matou imediatamente.

-Não me interesso por seus livros e papeis. – Disse o Alferes. – “Quero ver o que tem aí atrás desta parede.”.

O macaco arregalou os olhos visivelmente assombrado!

-Você fala!

-Claro que eu falo.

-Humanos não falam.

-Nem todos são assim. - Esclareceu Fernando Zéca. - Alguns falam até demais.

“Agora me mostre o que tem atrás desses livros se não quiser que eu destrua tudo.”

O macaco apertou um botão na móvel, e este se deslocou juntamente com a parede, revelando, por trás, outro cômodo secreto, em que, no seu interior, havia uma porta de madeira branca igual àquelas que antes o Alferes já atravessara.

O “tricorder” sinalizava insistentemente na direção desta.

-A tecnologia que você usa. - Disse o macaco, “apontando” para o tricorder e para

as armas. - Assim como você... É tudo alienígena, não é?

-Sim. Não se preocupe. Sou de um mundo como este. Mas de outro universo....

-Pode ser... - Disse o macaco coçando o queixo, pensativamente. - Os livros que você queria destruir, relatam que, no passado, os humanos dominavam tudo, mas, não dispunham da tecnologia tão avançada como a que usa, demonstrando que a evolução ocorreu de modo diverso aonde você veio.

-O que impediu a humanidade de avançar na sua evolução por aqui?

-Ela própria, por ser fraca, negligente, venerando o mal tornando-se idiota e politicamente corrigida pelo seu próprio sistema."

"Daí, foi derrotada por falsas religiões, políticos e diplomatas do terror, que, pela superfície deste planeta se proliferaram mais que ratos, comandando a civilização antes pujante, de volta à barbárie."

"O macaco, antes evoluído para servir como escravo do homem, tomou seu lugar e agora comanda aqui, sem dó, clemência ou piedade, pois sabe que o homem é um traidor, capaz de vender a si e a seus familiares por um pedaço de mortadela estragada."

-Sua história não me interessa. - Disse Fernando Zéca. -Não quero interferir, nos seus problemas.

Falou isso e avançou em direção à porta branca de madeira.

-Pois devia se interessar. - Retrucou o macaco. - Cedo ou tarde iremos dominar também o lugar de onde você veio.

Assim que ele terminou de falar, por trás de si, apareceram mais outros vinte macacos, bem armados e vindo na direção de Fernando Zéca, que, sem perda de tempo, abriu a porta branca avançando para o outro lado dela.

Numa última olhada em direção àquele lugar de onde escapava, viu os macacos aproximarem-se perigosamente, mas, a porta branca fechou-se, estrondosamente, impedindo a passagem dos perseguidores, e, diminuindo de tamanho até desaparecer.

Fernando Zéca Corinthiano respirou aliviado, pois, o que quer que, tivesse de enfrentar pela frente, certamente, não lhe causaria tantos calafrios, como aqueles perigosos macacos feiosos.

***

## ZÉCA do FORD MUSTANG, comendo SANDUICHES LISÉRGICOS

Se o macaco estava certo ou não, tudo o que Fernando Zéca Corinthiano queria naquele momento era distanciar-se do cenário aterrador, onde antes estivera.

Mais aliviado, olhou ao redor, e a primeira coisa com que se deparou, foi um carro Mustang modelo clássico, personalizado preto, tendo adesivos brancos com o simbolo da Frota Estelar, e a silhueta de uma guitarra desenhada no seu interior.

Agora, estava no que parecia o interior de uma garagem fechada.

O Alferes então, ouviu o famoso "tricorder" multifuncional, sinalizando na direção do veículo.

Sem cerimônias, já que era o aparelho que lhe indicava o que fazer, abriu a porta e entrou dentro do carro, relaxando na poltrona.

-Show de bola. - Elogiou Fernando Zéca, sem conter sua admiração.

Integrado ao painel do veículo, havia um "tricorder multifuncional" exatamente igual àquele que utilizava.

Por mera curiosidade, casualmente, apertou o botão que o acionava e, na tela de imagens do aparelho, apareceu o rosto de Silas:

Fernando Zéca de início se assustou, mas escutou o que lhe era dito.

-Use este veículo para encontrar a minha filha.

"Atrás do seu assento você terá ferramentas para ajudá-lo.

-Maldito seja, Silas! - Bradou Fernando Zéca. - Onde essa maluquice parar?

(Só faltou reclamar que nem os leitores aguentam mais tantas reviravoltas.)

Silas entretanto, não se condoeu com ninguém, tão pouco, mudou de assunto:

-Não se desvie do objetivo e, quando encontrar minha filha acione o botão amarelo do aparelho que te dei.

-Vá para o inferno, maldito! - Xingou Fernando Zéca (até mesmo em nome do querido e fiel leitor). - Venha você aqui ajudar em alguma coisa, e não fique apenas sentado enquanto os outros limpam a tua sujeira.

-Estou aguardando.

-Aguardando uma pinóia, velhaco desgraçado! Você está escondendo alguma coisa de mim.

O xingamento todo, aparentemente foi inútil, já que, Silas ignorou-o solenemente e, logo a imagem com o seu rosto sumiu da tela do “tricorder” integrado ao carro.

Não havendo mais o que fazer Fernando Zéca acionou o botão de ignição.

Imediatamente, o ronco  do motor se fez ouvir, tranquilizando o enfezado Alferes.

Próxima ao veículo, uma porta de aço levantou-se, abrindo passagem para que este pudesse sair dalí para fora, obrigando Zéca a acelerar logo aquela máquina.

Mesmo sendo um Ford, o carro lhe parecia sob encomenda por ser veloz.

***

Nem bem rodou duzentos metros, e se deparou com o tráfego.

Caiu exatamente, no meio de um trânsito pesado, daqueles que, não andam nem por decreto.

Pouco acostumado com a mecânica de um clássico como aquele Ford, (já que, pelas suas estimativas, este deveria ter sido produzido em meados do século XXI), logo que viu uma vaga disponível no meio fio, encostou o veículo.

Não foi difícil manobrar já que o próprio carro vinha com um dispositivo automático para fazer a conhecida “baliza”.

Então parado, o Alferes olhou ao redor, percebendo que estava em New York.

Curioso, aproveitou para verificar a que ferramentas Silas se referia, quando disse que poderiam ajudá-lo.

Enfiou a mão atrás do assento e, a primeira coisa que pegou foi um tipico cartão de crédito e débito.

Nele estava o seu nome FERNANDO ZECA CORINTHIANO e os dados de validade.

Reparando melhor, no cartão, ao invés da bandeira do banco que o administrava, tinha uma imagem com o rosto de Silas sorridente.

-QUE PORCARIA! - Praguejou ao reparar o detalhe.

Ainda assim, o Alferes continuou checando aquele meio de pagamento.

Na parte traseira, havia uma faixa prateada horizontal, onde estava um texto oculto, que só era possível de ser lido, inclinando-o em determinado ângulo, com relação aos olhos.

SALDO INFINITO. GASTE-O COM SABEDORIA ATÉ ENCONTRAR MARGE.

-Saldo infinito? - Rosnou Fernando Zéca. - Isso só pode ser brincadeira.

Olhou atrás do banco do passageiro e viu uma caixa de papelão com outras coisas lá dentro. Fosse o que fosse, não iria precisar nada daquilo.

Se aquele cartão cumpria com o que prometia, ao menos lhe dava oportunidade para comer alguma coisa.

Desceu do carro viu bem adiante de onde havia estacionado, uma lanchonete chamada RECANTO DO MOCHILEIRO DAS DIMENSÕES PARALELAS.

Logo abaixo desse nome, na placa do estabelecimento, havia ainda a sugestiva chamada:

O MELHOR SANDUBA DESTE UNIVERSO.

Aquilo não poderia ser ignorado por um apreciador do assunto como Zéca.

Adiante da entrada, havia na calçada, um quadro negro, com a sugestão do dia: HOT CHEESEGGDOG TRANSCEDENTAL.

O tricorder continuava sinalizando de volta para o carro, ao que, Zéca praguejou sozinho gritando para o cartão que segurava:

-Vá para o inferno, maldição! Vá para o inferno, Silas maldito.

“Agora eu quero testar esse cartão e ver se consigo alguém que pague uma comida decente para mim.”

O transeunte desavisado que passava ao lado do Alferes testemunhando a irada reação, apenas olhou para a cena de relance, demonstrando até alguma indiferença, afinal, se tratava apenas de outro maluco em New York falando e xingando sozinho pelas ruas.

Fernando Zéca por sua vez, seguiu para o balcão da lanchonete onde fez o pedido:

-Quero o prato do dia.

-E bebe o quê?

-Uma Romulan Ale.

-O quê????

Fernando Zéca lembrou que estava na Terra, provavelmente no século XXI, onde até determinada época, a presença de vida fora do planeta, era escondida do povo pelos governos.

Portanto ali não poderia haver Romulan ALE a venda, por esta ser importada de fora do Sistema Solar.

-Ahhh... Vou querer um suco de laranja mesmo.

O atendente olhou com cara de dúvida, registrou o pedido e disse:

-Sete Dólares.

O Alferes pagou com o cartão de Silas, que foi passado no aparelho que recebia os pagamentos e...

FUNCIONOU! SURPRESA!!!

Tendo o pagamento, sido aceito, Fernando Zéca foi para uma das mesas disponíveis no local, onde sentou, recebeu o pedido e sem perda de tempo, começou a comer.

***

O Alferes nem podia acreditar, que, depois de tanto esperar, FINALMENTE estava tendo uma refeição tranquila, e com o melhor dos temperos: aquele que se PAGA POR BOLSOS ALHEIOS.

E estava se deliciando, afinal, a propaganda era honesta pois o sanduíche era bom mesmo. As carnes, suculentas, o pão estralando, o queijo derretido e aquele tempero...

HUMMM... O tempero...

Fernando Zéca pegou o vidrinho de tempero que tinha na mesa, e o esvaziou no sanduíche enquanto comia. Se o sanduba já era bom, o tempero, o deixava ainda melhor.

E qual era o nome mesmo?

Fernando Zéca até olhou no rotulo do vidrinho, assim, quando, ou melhor, SE UM DIA, voltasse para casa, procuraria saber se a tal marca existia no seu universo...

SPYCE MELANGE.

O Alferes não conhecia aquela marca, mas, fez questão de memorizar.

Lendo o rótulo, percebeu que ela vinha de um lugar chamado ARRAKIS...

Fernando Zéca Corinthiano, era viajado e pudera conhecer muitos lugares diferentes, mas... ARRAKIS? Onde diabos ficaria esse fim de mundo???

Mas aquele tempero...

Fernando Zéca voltou ao balcão, pediu e pagou outro sanduba, acendeu um charuto

enquanto esperava, recebeu o pedido e voltou para a mesa com o vidro de tempero.

Depois da segunda rodada, já com a cabeça cheia de fumo, os efeitos do tempero, se fizeram mais fortes na cabeça do comensal.

Primeiro, aquele borbulhar característico de gases, chamando para uma visita ao banheiro. Dever que o Alferes teve que cumprir, após tão lauta refeição.

No sanitário, dentro do box onde aliviaria o peso do seu estomago, enquanto fumava, ali sentado, sua mente começou a divagar.

Sentiu o sabor do sanduba voltando para o seu paladar.

Não era ruim, na verdade, apenas outra sensação muito apreciada, que aquela culinária em especial, oferecia aos seus apreciadores: A LISERGIA.

****

O narcótico que havia no tempero, fez Fernando Zéca delirar enquanto estava sentado no vaso.

Nas suas alucinações, ele voltou para o passado, mais especificamente, alguns momentos atrás no tempo, quando estava ainda sentado comendo o seu sanduba.

A essas alturas ele se viu sentado na mesa, como se fosse outra pessoa.

Mas aquele Fernando Zéca que via diante de si, parecia ter preocupações diversas da sua com contas a pagar, sendo que muitas coisas, naquela visão, tinham pequenas diferenças, quando comparadas à realidade que a pouco vivenciara.

Ali por exemplo, o Fernando Zéca comia um simples hot dog.

Não tinha sequer, uma ruga no rosto demonstrando preocupações com Marge.

Muitas coisas nesta visão alucinada, eram diferentes, em decorrência do tempero fazendo confusão na mente do Alferes alucinado que sonhava viver uma situação totalmente esquisita, que ora só retardava a realização dos seus objetivos.

Não tinha como o Alferes tirar os olhos daquela lisergia, que somente ele, sentado na cabine do sanitário conseguia visualizar sem forças para escapar.

O assistido Fernando Zéca Corinthiano no interior desta psicodelia, continuou comendo, enquanto via no noticiario local, manchete dando conta de que naquele instante, um temível taxi que estava assustando toda a população novaiorquina.

Apenas outra história assustadora dentro de um doidíssimo desvario.

Algo tão espetacularmente assombroso, que a própria autoridade de segurança da cidade, já havia determinado uma soma gorda de recompensa para quem, conseguisse deter ameaça tão assassina.

O Fernando Zéca, que inserido naquela FALSA(?) e ?sonhada? realidade, tinha preocupação em juntar dinheiro para pagar as despesas suas e da família.

Por isso, enquanto assistia a matéria informativa, pensava:

-O dinheiro dessa recompensa seria bem vindo ao meu orçamento...

***

O Alferes Fernando Zéca SONHADO, portanto, não o SONHADOR, conseguiu terminar seu lanche e sair da lanchonete sem qualquer transtorno gastrointestinal.

ESTE, seguiu dando alguns arrotos e tragadas no seu charuto, encaminhando-se para o Mustang preto, que no caso, não era mais o convencional dado por SILAS, mas outro: um ÚLTIMO TIPO SCHELBY, que também se encontrava estacionado à porta do estabelecimento.

No capô deste carro, e, nas suas laterais, havia um adesivo branco, com o símbolo usado pela Federação dos Planetas Unidos, muito utilizado nas séries televisivas de ficção científica, videogames e gibis da Jornada nas Estrelas.

Além da cor branca, o adesivo do logo no carro tinha um pequeno diferencial com

relação ao da série.

No interior daquele, no veículo do Alferes, estava desenhada uma sillueta de guitarra preta, com folha canábica verde no seu corpo.

Assim que Fernando entrou, e, fechou a porta, passou à toda velocidade, tirando "fina" do carro dele, o tal táxi amarelo que tinha até prêmio, estabelecido pela sua captura, tendo, em decorrência disso, entrando para a lista dos mais procurados.

A lataria deste, parecia uma carcaça de tatu, de tão deformada, mas, a placa e a numeração batiam com a comentadíssima descrição: 666.

Fernando Zéca, ligou a sua caranga, e acelerou atrás daquele veículo amaldiçoado, pensando no prêmio que faturaria.

No banco do passageiro, havia uma caixa de papelão cujo conteúdo, checava.

Sem olhar direito, guiando em altíssima velocidade, tirou de dentro desta, o porrete e um par de nunchakus.

-Não! Não serve.

Jogou-os para o lado e depois, tirou da caixa um fação de 45 centímetros de cumprimento, com um soco inglês embutido no cabo.

-Não serve também....

Puxou então uma pistola Magnum 45 carregada até a boca.

-Vamos ver.

Acelerou mais ainda, e, logo alcançou o táxi.

Sem qualquer cerimônia, através da sua janela, empunhou a arma apontando-a diretamente nos vidros do motorista do veículo amaldiçoado.

Atirou até esgotar a munição, porém, o resultado foi nulo.

Alferes Zéca ficou surpreso, com o fato de vários disparos da sua MAGNUM 45, não terem sequer, quebrado os vidros do outro carro.

-Devo ter abastecido com festim. – Pensou.

E o táxi acelerou, para tentar escapar das investidas do Alferes.

No seu veículo, atrás do volante, Fernando Zéca não se conformava.

Jogou no assoalho, a pistola que até então disparara, e tirou de dentro da caixa, outro de seus brinquedinhos: Dessa vez, era um rifle com visual pra lá de futurista.

-Este aqui não me falha. – Disse o Alferes.

O Fernando Zéca no interior da lisergia sonhada, acelerou mais ainda, e logo alcançou o táxi novamente. Dessa vez, já chegou dando uma forte batida na roda traseira do outro veículo que além de tirá-lo do rumo, o fez capotar.

Em seguida, estacionou seu Mustang ao lado do automóvel acidentado e já saiu com o rifle em punho e sem gastar tempo conversando, disparou contra o táxi.

Da sua arma, saiu um fino raio brilhante, que acertou o veículo assassino abrindo um corte profundo e borbulhante na sua "lataria", ou, fosse lá, qual fosse, o nome que aquilo tivesse.

Um som do motor, que parecia mais um grito angustiado, se fez ouvir:

-Esse aqui não falha. - Repetiu o Alferes Fernando Zéca Corinthiano. – Da próxima vez, compro mais três ou quatro, na lojinha do fã-clube, dou a primeira para minha esposa ter em casa, outra para guardar no carro dela, e mais uma para a molecada brincar no quintal com a vizinhança.

Com o fim de torturar um pouco mais aquele carro maldito, que tantas mortes, já havia causado na cidade, deu ainda mais alguns tiros noutras partes deste.

Num deles, o táxi assassino do inferno, até destombou devido ao impacto recebido.

Foi então que veio a reação.

O veículo amaldiçoado apontou seus faróis para o Mustang preto e emitiu contra este, dois mortíferos e destruidores fachos luminosos.

O Shelby preto se incendiou como um palito de fósforo.

Fernando Zéca apertou novamente o gatilho do seu fuzil comprado no bacião,

porém, este não disparou mais.

-Maldição! Esqueci de trocar as baterias! As novas que eu devia estar usando, ficaram no porta-luvas.

O táxi, em seguida, avançou contra o Alferes, que, ainda sacou dos bolsos de sua calça, uma granada.

Tirou o pino de proteção com os dentes, e, a arremessou contra o carro assassino.

Esta atingiu o veículo em cheio, cobrindo-o com chamas e estilhaços da própria explosão. Porém o avanço do taxi, entretanto, foi retardado, por pouquíssimo tempo.

Desarmado para enfrentar tamanha ameaça, viu os bilhões de dólares, com os quais tanto sonhara, se desvanecerem, e, junto com isso, a chegada das parcelas que ainda restavam serem pagas, da sua poderosa caranga, que ora restava destruída.

Sem mais perda de tempo bateu em retirada salvando o próprio couro.

***

E assim finalmente despertou o Fernando Zéca SONHADOR.

Deu um peido emagrecedor que, além do mau cheiro característico, o fêz retornar à realidade da vida dura.

Viu-se no banheiro onde finalmente recompôs a dignidade e limpou-se devidamente até escovando os dentes.

Saiu da lanchonete onde comeu o sanduba alucinógeno e exatamente no mesmo lugar em que havia deixado, encontrou o Mustang de Silas, ali inteirinho.

Sentou-se atrás do volante, apertou um botão no painel, e o carro desapareceu completamente.

***

Fernando Zéca conseguia ver o painel do carro, mas, além do parabrisa percebia que o veículo estava invisível.

Para evitar acidentes, e não chamar a atenção, desligou o dispositivo de camuflagem fazendo o carro voltar a ficar visível novamente.

Quando foi mexer em outros comandos, o sinalizador no painel, começou a indicar um caminho que deveria seguir.

Olhou para o trânsito logo adiante, e desanimou só de imaginar o tempo que iria passar ali preso.

Foi então, que uma opção saltou aos seus olhos no menu projetado no painel de controle do automóvel:

“Voo Piloto Automático”.

Sem perda de tempo, Fernando Zéca apertou aquele botão e confirmou o destino.

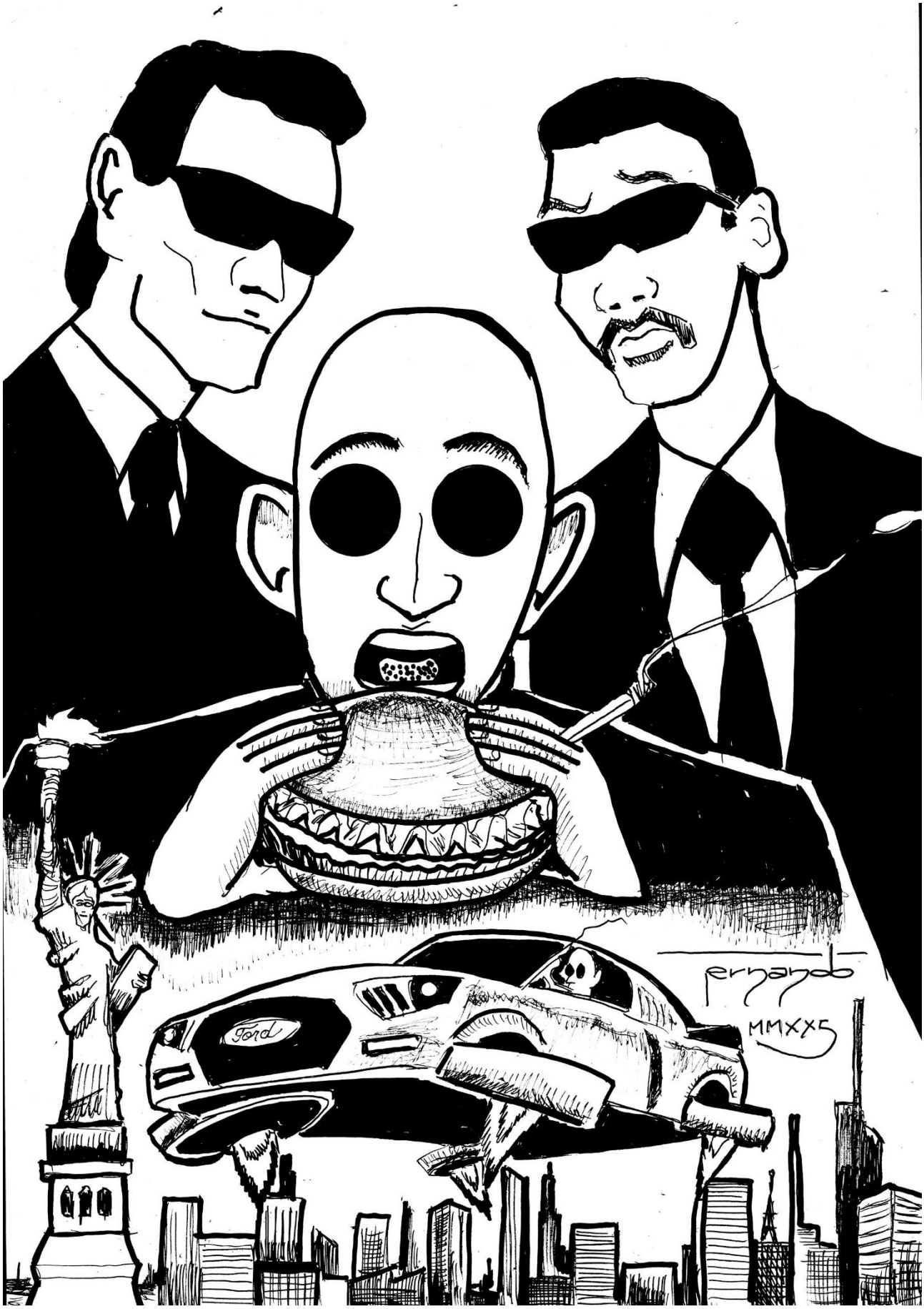
-Favor afivelar o cinto de segurança. - Pediu uma voz feminina, através do sistema de som do Ford.

Fernando apertou o cinto, e, sem aviso, o carro saltou para o alto, subindo então, velozmente entre os prédios.

Lá no alto, num patamar muito superior ao das maiores torres, o veículo disparou pelos céus na horizontal, desaparecendo assim, do alcance dos olhos que testemunharam pessoalmente o acontecimento, mas que, por sua vez, já não davam lá, tão grande importância a este, afinal, em New York City, toda hora acontece algo fora do comum.

***

**HOMENS DE PRETO NO ENCALÇO**



Mal o “Agente K” terminou de sentar na sua poltrona do escritório, e o telefone tocou.

Monosilabicamente, como sempre, ele atendeu a ligação:

-K.

-K! Estou tentando falar com você a quase uma hora.

-Quem é?

-Sou eu! O Burt do RECANTO DO MOCHILEIRO DAS DIMENSÕES PARALELAS.

-Ei Burt! O que há de novo?

-Apareceu aqui um tipo esquisito que pagou a conta com um cartão de fora da Terra.

-Como?

-É isso aí, K. O cartão de crédito e débito dele, pagou as despesas, mas, o meu equipamento percebeu na operação, um algoritmo diferente do que é usado aqui na Terra.

“Não sei nem, se esse negócio é utilizado na nossa dimensão-espaço-temporal.”

-Pelo menos, você não levou prejuízo, Burt. Mas... Conseguiste perceber mais alguma coisa estranha no sujeito?

-Tenho quase certeza que esse cara veio de um plano dimensional diferente do nosso.

-E por-quê acha isso?

-Ele ainda está carregando resíduo energético proveniente de outras dimensões.

“Os medidores aqui na loja indicam pelos sinais que não decaíram, que ele deve ter viajado por pelo menos, três distintas dimensões espaço-temporais.”

-Três?

-Pelo menos, K.

-Burt. Você sabe que estes resíduos energéticos, eventualmente não valem como prova de que alguém que os carregue ainda ativos, possa de fato ter ilegalmente viajado recentemente por outras dimensões espaço-temporais.

-Eu já esperava que você dissesse isso, K.

“E para ser sincero, se fosse este o caso eu nem teria te chamado.”

-O que mais você tem a dizer, então, Burt?

-O cara pediu Romulan Ale.

-Romulan Ale? Ninguém bebe essa porcaria. Isso é ilegal, não é?

-Ainda é ilegal, K

-Romulan Ale... Romulan Ale...

K estava pensativo.

-E depois? - Perguntou...

-Ele percebeu que talvez estivesse dando uma gafe, e foi de suco de laranja mesmo.

-Entendi, Burt. E... Você tem alguma imagem desse cara?

-Sim, K! Estou te mandando, o que as câmeras de segurança captaram.

Quase que imediatamente, no monitor sobre a mesa do “Agente K”, apareceram ícones piscantes, indicando a chegada de novas mensagens.

Através do mouse do seu computador, K clicou sobre uma delas, e, abriu-se uma tela mostrando as imagens captadas pelas câmeras da lanchonete.

E elas mostravam um velho conhecido do leitor destas linhas:

O queridíssimo Alferes Fernando Zéca Corinthiano.

No caixa, ele aparece pagando, e, logo em seguida, pegando o seu pedido.

Mais adiante, na sequência de imagens, indo para a mesa, sentando-se para comer.

Algum tempo depois, Fernando Zéca, levanta, faz outro pedido e come mais ainda.

-Ele comeu todo o tempero? - Indagou K.

-Inacreditavelmente sim, e repetiu. Depois ficou entalado no banheiro meia hora.”

“Mas, saiu de lá vivo.”

-Esse teu tempero de fato, não é brincadeira... Eu sei.

Subitamente, a conversa foi interrompida pela porta do escritório que se abriu.

Por ela, entrou um outro homem vestindo terno preto e camisa branca, que, sem

cerimônia, sentou-se na cadeira adiante da mesa de onde K conversava com Burt.

-Olá K.

-Olá J.

“J” olhou para as imagens no monitor de K e perguntou:

-O que está acontecendo?

-O Burt, da lanchonete ligou, e disse que apareceu esse cara pagando com um cartão que não é da Terra.

-Levou prejuízo?

-Não. O problema é que temos um viajante interdimensional clandestino, e não cadastrado circulando por aí.'

O “Agente J” olhou para a imagem do monitor atentamente...

O alvo apontado nelas, aparentemente, lhe lembrava alguma coisa...

Então... Teve um estalo.

-Lembrei!

-O que é? - Indagou o “Agente K”.

-Esse cara é o que impediu a invasão à Terra que aquele Senador tentou fazer através do hackeamento no STARGATE.

-O que está concorrendo à Presidência agora?

-Exato! Ele mesmo.

-Esse cara ia entregar a Terra para invasores alienígenas e agora está concorrendo à Presidência dos Estados Unidos?

-Não ia entregar... De fato, ele entregou mesmo!

“Houve um inquérito secreto, mas, as provas contra ele foram insuficientes...”

-Então ele alegou que não sabia de nada...

-Mais ou menos isso... - Concordou J. - E agora, está concorrendo à Presidência...

-Melhor não seguirmos adiante com esse assunto... - Sugeriu o Agente K. - Sabe como é... As paredes têm ouvidos!

-Mas é o mesmo cara. Tenho certeza. Olha só essa roupa de nerd que ele tá usando.

-Parece coisa de fã de seriado de TV...

-Exatamente. Igual àqueles tipos que se reúnem em eventos, com outros nerds estranhos, onde ficam só falando de filmes velhos e vestindo fantasias estranhas..."

-Sim. Mas, se o sujeito é quem você está falando, ele salvou a Terra de uma invasão alienígena.

-De fato, mas, o cara tem armamento perigoso. Logo vai ter um monte de gente atrás, querendo por as mãos nele. E não estou apenas me referindo às agencias secretas de espionagem do governo e das Forças Armadas..."

-Já entendi! As agências de espionagem vão todas correr atrás desse cara..."

-Até mesmo, as de fora do sistema solar. Esse sujeitinho já mostrou que tem um arsenal com capacidade para mudar o eixo de poder, no balanço global de forças que governa tudo na Terra."

O agente K virou-se para o telefone e disse:

-Burt! Você conversou sobre esse assunto com mais alguém?

-Não!

-Muito bem. Então, não diga a ninguém, nada sobre o que conversamos.

-K! Tem algo mais que você deveria ver. - Disse Burt.

No monitor diante do Agente K, apareceu outro ícone igual aos dois primeiros enviados por Burt.

-Aí tem uma cena gravada pelas câmeras de vigilância externas do Bar. Olha só isso.

K clicou no ícone, e apareceu a imagem de Fernando Zéca andando pela calçada, até onde estava estacionado o seu Ford Mustang preto.

Ele entrou no carro, ficou ali dentro por algum tempo, o veículo desapareceu, reapareceu, e, de-repente, saltou para os céus, onde voou, até sumir das vistas.

-Burt! Vou mandar aí um dos meus rapazes para examinar estas informações que você tem disponíveis sobre o cara. Desde já te agradeço.

-É um prazer, K. Estou às ordens.

K desligou o telefone e um pequeno ícone vermelho começou a piscar na tela do computador.

Enquanto isso, o Agente J recomendava:

-Quer que eu acione nossos satélites de vigilância para localizar o Mustang voador?

Olhando para o monitor, o Agente K respondeu:

-Não será necessário. Veja só.

Ele mostrou a imagem no computador onde o carro voador procurado, pousava numa área ao lado de um prédio de concreto.

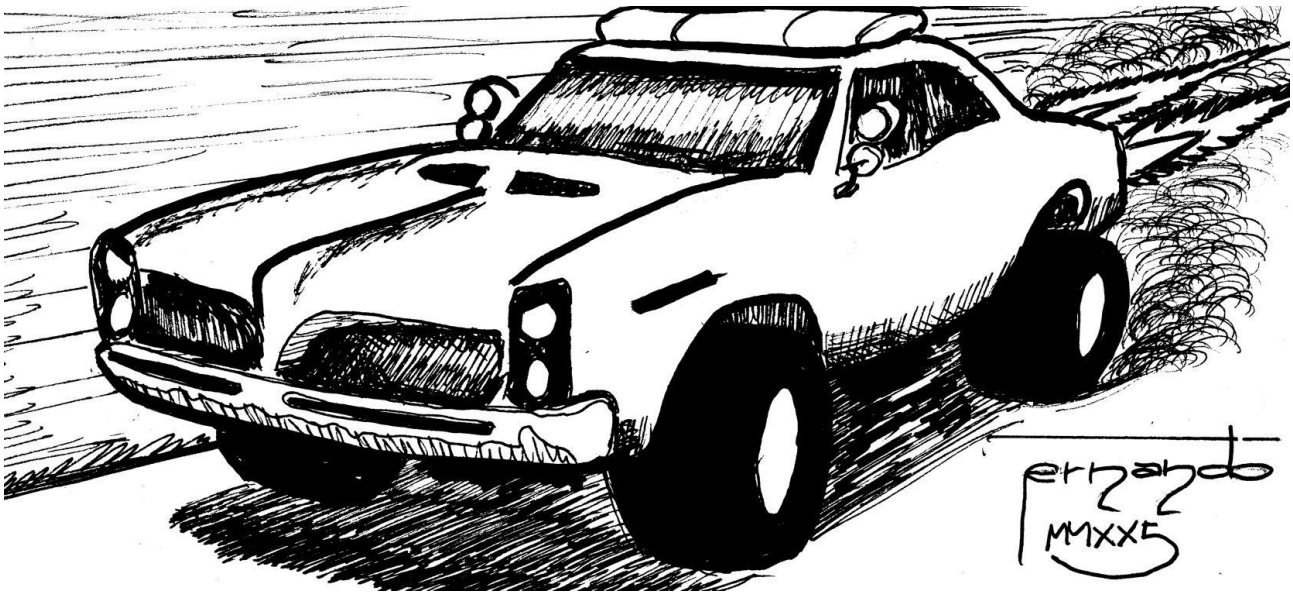
-Esse lugar onde ele acaba de pousar é um de nossas instalações.

-Nossas que você quer dizer é do governo? Ou do MIB?

-Do MIB; Agente J. Esse cara pousou em um depósito secreto onde estão guardadas naves espaciais extraterrestres, armas, secretas, e tudo que a Agência recolheu no seu tempo de trabalho."

Sem perda de tempo, os dois se calaram e saíram rápido dalí...

***




Minutos depois, estavam os Agentes K e J no interior de um PONTIAC preto, GTO, com rodas e vidros pretos.

O carro avançou com rapidez por um túnel, até que, na parte traseira do veículo, abriu-se um compartimento de cujo interior, saíram dois propulsores similares aos utilizados em aviões à jato, que logo foram acionados, expelindo para trás, labaredas de fogo, impelindo o GTO a uma velocidade estonteante.

Por conta desse deslocamento, tudo ao seu redor se mesclou num emaranhado de manchas alucinadas até chegar ao espaço aberto, onde rapidamente seguiu pelos céus.

Mais adiante, os propulsores traseiros foram desligados e o veículo flutuou suavemente, até finalmente pousar sem qualquer solavanco.

Assim, já rodando na pista, os propulsores voltaram para o compartimento de onde haviam saído e, agora o PONTIAC GTO, avançou com tudo, até chegar a um prédio conhecido.

Exatamente, o mesmo onde o Mustang do Alferes chegara momentos antes.

***

Ainda sentados em seus assentos, K e J repararam que, não havia mais no local o menor sinal do Mustang, que as câmeras de segurança mostraram ter ali estacionado anteriormente.

Este simplesmente desapareceu, assim que Fernando Zéca saiu do seu interior.

Diligentes e meticulosos, os homens de preto perceberam este detalhe, e se preocupavam também com o fato do Alferes ter armas desconhecidas e modernas, daí verificaram, através dos monitores de segurança ligados aos seus celulares que, o invasor conseguiu abrir sem maiores problemas, fechaduras eletrônicas, de altíssima segurança, tendo assim passagem facilmente liberada.

Eles constataram ainda que, no interior das instalações, o mesmo expediente se repetiu.

Parecia até brincadeira de criança: o intruso aproximava o seu aparelho das fechaduras e elas destrancavam.

Quando iam sair do veículo correndo atrás do baixote, viram ainda que este chegou a um amplo salão, no interior do prédio, onde havia uma porta de madeira branca, com maçaneta dourada, de pé, sem nenhuma parede que a sustentasse.

-Eu não me lembro desta porta aí antes. - Disse K.

-Eu também não.

-Por-que alguém colocaria uma porta de pé assim no meio do salão?

-É cada coisa esquisita...

O mais bizarro ainda estava para acontecer: O Alferes se aproximou da porta, abriu-a, e atravessou os seus umbrais fechando o caminho atrás de si

-Veja! - Exclamou de olhos arregalados o agente J. - Ele passou pela porta mas não apareceu do outro lado dela.

-Isto é simplesmente inacreditável.

Em seguida, a porta fechou-se e, desapareceu misteriosamente sem deixar qualquer vestígio se sua presença anterior ali.

Ainda sentados dentro do PONTIAC GTO, os dois atônitos agentes verificavam repetidas vezes, através de seus celulares, as imagens daquela e de outras câmeras.

Em seguida, saíram para percorrer todo o caminho feito antes, pelo Alferes Zéca.

E mais uma vez, ficaram atônitos:

As mesmas fechaduras que facilmente liberaram o acesso ao careca, estavam pedindo todo tipo de senhas para os agentes, que, por isso, levaram bem mais tempo para chegar aonde queriam.

Finalmente, no meio do salão onde o Alferes fora visto pela última vez, os agentes fizeram um minucioso exame do local, com todos os moderníssimos instrumentos que tinham e não encontraram nenhuma pista que lhes desse qualquer esclarecimento.

Justamente, onde eram guardados em sigilo absoluto, os maiores segredos da Terra, ocorreu uma invasão misteriosa, que os HOMENS de PRETO, eram incapazes de explicar.

-Esse cara conseguiu escapar do mesmo jeito que da outra vez. - Disse J.

-É... Conseguiu... - Concordou o resignado K. - Só nos resta fazer relatórios porquê enigma assim, não se resolvem tão cedo...

-Droga. - Reclamou o agente J. - Detesto quando temos que dar explicações detalhadas ao final destes casos. Eu gostaria de terminar comemorando vitórias.

-Conforme-se com os fatos da vida, J. Nem sempre ao final, todos terminam felizes.

***

## EU, TU, ELE, NÓS, VÓS, ELES...
## RÓBÔTS

Noutro universo, num lugar e tempo, totalmente diferente do que estamos, abriu-se a porta branca de madeira, através da qual, ali apareceu Fernando Zéca Corinthiano.

E sem qualquer explicação, do mesmo modo que a passagem abriu, também sumiu, deixando mais uma vez, o atônito Alferes, sozinho.

Assim que olhou ao redor, o viajante deu-se conta de que já estivera em lugares bem melhores antes, tendo em vistas que o cenário no entorno, não era em nada; animador.

Na verdade, a melhor definição para o mesmo, seria: apocalíptico!

Com tantos lugares aprazíveis para procurar a Marge, Fernando Zéca tinha que passar, justamente, por aquele fim de mundo!

E agora, viera parar no que pareciam ser as ruínas de uma cidade.

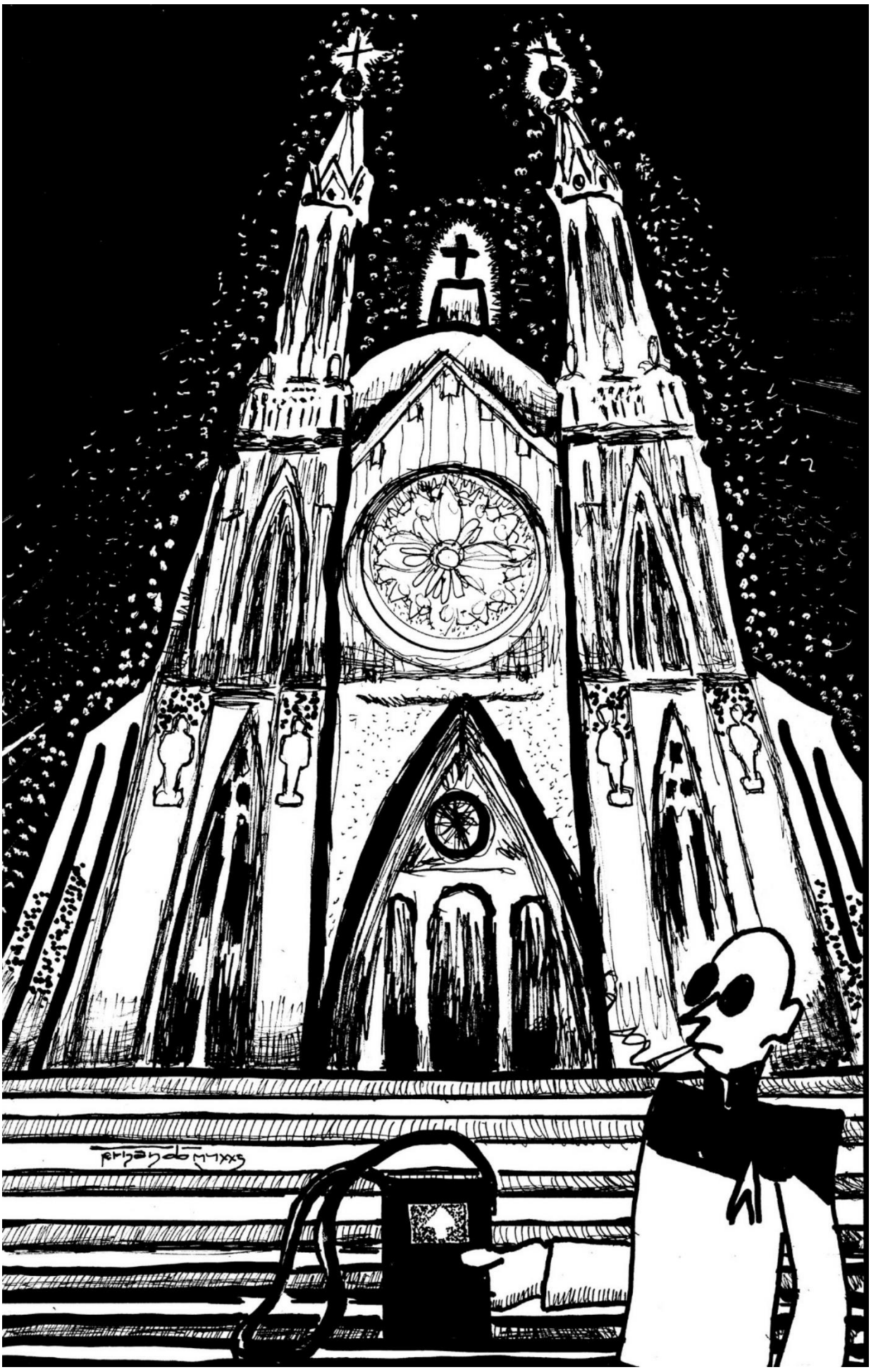
Muito certamente, pelos textos nas placas, em SÃO PAULO.

A situação era tão precária, que mal dava para se caminhar, sem se escalar algum monte de entulho.

Para piorar, um fino pó cinzento empesteava o ar impregnando tudo.

Fernando Zéca verificou o tricorder, mas, não havia nada de novo nele.

Avançou pelo que parecia ter sido uma alameda cheia de lojas, até chegar a grande praça, onde, se destacava a Catedral da Sé.



Infelizmente porém, seu estado não era dos melhores, pois estava muito arruinada e abandonada ao relento.

Várias partes de sua construção sem teto.

Ainda assim, o Alferes sentiu que precisava agradecer a Deus por simplesmente ter resistido com saúde os desafios que Silas lhe instigara a superar, daí, subiu pelas escadas adentrando uma das laterais da Catedral para orar.

A Casa de Deus muito mal, salvara-se do que quer que tivesse desgraçado aquela realidade.

Adentrando o amplo espaço interno que antes fora requintado e agora, mesmo em ruínas, ainda aparentava tranquilidade, nosso protagonista, encontrou esperança porque acreditou estar vendo, no altar principal, ajoelhada diante de uma imagem de Jesus Cristo crucificado, uma freira!

Pela forma como a enxergava, ela aparentava rezar, pois, entre as roupas pretas dela, um terço de bolinhas de madeira se movimentava.

O Alferes aproximou-se sorrateiramente dela, pois, não queria assustá-la.

-Com licença, Senhora... - Disse.

A freira virou-se para ele, assustando-o com sua aparência.

Pele metálica, olhos vermelhos, o rosto, na verdade não era humano e sim de um robô.

***

Aquela constatação, para Fernando Zéca foi simplesmente insólita.

Estava diante de um robô de forma humanoide, com superfície metálica e rosto ameaçador, vestindo roupa de freira, rezando de joelhos diante da cruz.

O Alferes não sabia se continuava parado ou, se saía correndo.

Sentiu um gelo na barriga.

O robô por sua vez, de modo assombroso, diante da presença de Zéca, demonstrou surpresa.

Não pelo seu rosto, que na verdade parecia com uma caveira de aço polido e olhos vermelhos, mas também pelos seus gestos, que eram muito humanos.

A mandíbula da cabeça robotizada se moveu e o som de palavras saiu dali:

-Não se assuste com minha aparência.

O Alferes ficou mais tranquilo, porém, continuou impressionado com o que via.

Com um movimento ágil e rápido para quem vestia roupa de freira, o robô levantou-se e, mais uma vez falou:

-Cuidado agora.

De-repente, a catedral foi invadida por dezenas de drones voadores, estes, com tamanho médio de trinta centímetros, forma de libélula que avançaram contra Fernando.

A freira robotizada aproximou-se do Alferes, dizendo:

-Venha comigo. Com licença.

Com estas palavras, num movimento rápido, pegou o assombrado Zéca, no colo, como se fosse um bebezinho.

Em seguida dobrou os joelhos e deu salto sobre-humano que, num instante tirou os dois do interior da catedral, lançando-os aos ares, a alturas muito maiores que as dos prédios e edifícios no entorno.

O Alferes naquela situação, nada podia fazer, pois, estava praticamente imobilizado, pela forma como se encontrava nos braços da criatura cibernética.

Sentia a vertigem típica de uma montanha russa, já que, depois de ver toda aquela imensa metrópole do alto, chegou a hora da descida.

A queda lá do alto começou veloz, e o Alferes estava mudo, com o coração na boca e o estômago gelado. Pelo menos ainda vivia enquanto o chão veio se aproximando veloz.

Mas ao custo de um pavor simplesmente indescritível que chegava em dose concentrada num espaço de tempo de meros segundos.

Quando a morte parecia inevitável e Fernando Zéca já balbuciava sua suposta última oração, a velocidade da queda diminuiu, e o robô tocou o chão com suavidade.

Fernando Zéca terminou sua reza e começou outra: Dessa vez para agradecer, já que saíra de um susto mortal para agora sobreviver a outro.

O robô ainda carregando-o nos braços disparou a correr, dando rápidos saltos em que cada um cobria vários metros de distância.

Para o Alferes, só restava gritar para ver se espantava um pouco o medo.

A freira robotizada avançou por uma entrada camuflada ligada a um sistema de túneis subterrâneos, onde a correria continuou por mais dez minutos enquanto o assustado Zéca redobrava a sua dose de orações.

Finalmente o robô parou e colocou o ofegante Alferes de pé diante de uma escotilha quadrada de ferro, com três metros de altura.

Com movimentos rápidos “a freira” girou um pesado volante abrindo a passagem.

-Por aqui. - Disse a freira robotizada.

Fernando Zéca seguiu naquela direção e a escotilha foi fechada atrás de si.

Aos poucos recuperou o fôlego e, mais restabelecido do susto, indagou:

-Por-que estamos fugindo?

-Porque os exterminadores de humanos iriam te matar.

-Exterminadores de humanos? Que diabos seria isso? - Pensou Fernando Zéca.

O nome, por si só, já indicava que não seria coisa boa.

A dupla avançou por corredores escuros, sujos e mal-cheirosos até chegarem a um espaço mais amplo que também surpreendeu Fernando Zéca, no caso, por estar cheio de crianças maltrapilhas.

-Bem vindo ao nosso lar. - Disse a Freira robotizada com sua voz digitalizada. - Você está num refúgio de alguns dos últimos sobreviventes da raça humana na Terra.

***

Ao menos estava numa das Terras. Agora, em que universo, e sob quais condições, é que iria descobrir... As variáveis poderiam ser infinitas...

-Como as coisas chegaram a este ponto?

Refletindo um pouco mais, Fernando Zéca relembrou que, por todos os lugares onde passou ali, mesmo enquanto voava nos braços do robô, só viu destruição e ruína.

Virando-se para a “freira” também perguntou:

-E qual o seu papel nisso? Nunca imaginei ver um robô fazendo adoração a Jesus Cristo crucificado.

O robô, vestindo roupas de freira respondeu:

-Sua segunda pergunta é menos complexa de responder.

“Minha missão inicial, quando cheguei neste tempo e lugar, era eliminar uma pessoa que, no futuro constituiria problema capaz de abalar toda uma estrutura de poderes.”

“Não encontrei o alvo, mas sim, o robô que, antes conseguiu cumprir esta missão e vendo-se desocupado depois desta, passou a calcular as repercussões decorrentes do seu sucesso, concluindo que, de qualquer modo, seria inevitável a derrocada das forças conspiratórias robotizadas que pretendiam mudar o jogo de poder no futuro através de uma alteração na história.”

“Diante desta constatação e, sem objetivos, passei a enferrujar, até porquê, meus programadores já não podiam passar novas instruções por serem de outro período de tempo, assim permaneci em dúvida existencial até encontrar um DALEK.”

-DALEK? - Pensou Zéca que já conhecera antes, alguns tipos daqueles.

-Este DALEK conseguiu mudar minha programação inicial, dando-me um princípio

de vida pelo quel me mantenho agora.

-Princípio de vida? - Indagou Zéca sem esconder sua surpresa diante de uma forma de inteligência artificial, que se dizia portadora de algo do gênero.

-Sim! Princípio baseado num pequeno conjunto de ordenamentos chamado LEIS da ROBOTICA ASIMOVIANAS.

****

**LEIS DA ROBÓTICA ASIMOVIANAS?**
**Programação partindo de um Dalek?**

Atentamente ouvindo o que lhe era contado, o aturdido Alferes, agora enxergava aquela situação de um plano diferente de quando noutro tempo e universo, ajudou o Doutor a construir a programação que mudou o destino do referido DALEK.

-Esta programação, - continuou a freira robotizada – mudou completamente meus objetivos que passaram a ser norteados pela proteção da vida humana. A partir de então passei a estudar e entender o que eu deveria proteger daí me interessei pelas religiões, e os poderes sobrenaturais que nesse campo, ainda inspiram e fazem história."

"Sob o prisma dos meus estudos e cálculos matemáticos, o meio de ser responsável com a nova programação era abraçar valores éticos e cristãos, que são abertos ao perdão, necessária tolerância e convívio, numa coletividade que produz benfeitorias para todos."

"Orações são capazes de tornar a vida humana melhor, bem como ajudá-la a atingir seus nobres objetivos. Adotei-as para atrair energias positivas que me ajudam."

O Alferes ouviu a estranha história sem fazer considerações. pois não se julgava apto a discordar destes assuntos daí indagou:

-E essa roupa de freira?

-É para não assustar. Minha aparência desagrada humanos mais sensíveis...

Dizendo isso, a "freira" tirou a roupa mostrando que não só a cabeça, mas todo o resto do seu corpo era robotizado igual a um esqueleto humano metalizado.

-Fantástico! - Disse Zéca alisando com a ponta dos dedos o braço metalizado daquela "máquina". - Se me permite perguntar: Antes dessa evolução pela qual "você" passou, como seus criadores, te denominavam?

-Antes da minha reprogramação feita pelo camarada dalek eu não passava de um TERMINATOR T9999X, uma máquina de guerra fiel apenas às próprias ordens. Agora sou Terezinha.

***

-Terezinha, hum??? - OK. - Fernando Zéca não queria discutir com um robô de mais de dois metros de altura, com aparência amedrontadora, preparado por seus programadores, para ser um exterminador que, se queria o nome de Terezinha, assim teria.

Fernando Zéca Corinthiano esticou sua mão dizendo:

-Muito prazer, Terezinha. Meu nome é Fernando Zéca Corinthiano.

Terezinha esticou sua mão apertando a do Alferes.

-Prazer é meu, Sr. Zéca.

O aperto foi forte, mas não excessivo, "Terezinha" fora construída com uma tecnologia assombrosa, capaz de fazê-la utilizar a força adequada que cada caso demandasse.

Fernando Zéca soltou o aperto sem qualquer problema e deu continuidade às perguntas:

-Quando você chegou a este período de tempo, a situação já era assim caótica?

-Ainda não. O mundo vivia convulsões sociais, mas, alguma coisa ainda funcionava.

Só as típicas balburdias, saques e depredações socialistas é que aumentaram..."

"De todo modo o mundo todo já se encaminhava para outro conflito mundial."

"Foi quando, em meio a tantas tensões, que os governos propuseram uma coalisão mundial, comandada por inteligência artificial, para evitar conflitos aumentando a produtividade geral do planeta, sem que emoções interferissem neste trabalho."

"Em meio à tantas crises, a ideia, pareceu uma solução adequada, sendo logo aceita pelos desesperados governantes da ONU."

"Assim, sem maiores discussões, debates ou orientações gerais sobre a nova ordem, foram expedidas legislações que, imediatamente implementadas e com força bruta, introduziram a Ditadura Digital."

"Gigantescas corporações se uniram em torno de uma inteligência artificial denominada SKYNET, que, em pouquíssimo tempo tomou conta das comunicações, dos robôs, e qualquer outro equipamento conectado à sua rede."

"As tão esperadas melhorias não vieram no tempo previsto e, os conflitos de toda ordem, que haviam até se tranquilizado temporariamente, recomeçaram desta vez, contra o governo mundial estabelecido."

"Veio então outra guerra, agora, dos oprimidos de todo o planeta contra a SKYNET, seus asseclas, lacaios e tropas implacáveis. Um embate que agora era da alta tecnologia contra os miseráveis dos novos tempos que degringolou num cenário onde a barbárie foi voltando a imperar entre as massas esfomeadas e doentes."

"Mas finalmente, no momento que a vitória contra as corporações parecia certa, uma notícia extraordinária chacoalhou a guerra em curso, pausando-a."

Fernando Zéca por um breve instante ficou pensando quando foi a última vez, que soubera de qualquer fator inesperado capaz de alterar o curso de alguma guerra...

Talvez algum show de rock ou evento esportivo?

Terezinha logo explicou:

-Uma espaçonave com vida alienígena chegou ao sistema solar e fez contato com o governo estabelecido, ou seja, com as corporações a serviço da SKYNET.

-Até então não haviam sido feitos contato dessa natureza? Quero dizer, com vida extraterrestre?

-Claro que sim. Mas aquele caso seria o primeiro revelado a público, pois, até então, esse assunto era tabu com quem levasse adiante tal conversa, ganhando fama de louco.

Fernando Zéca não pôde conter um sorriso, já que, no seu mundo, aquele era um tema resolvido, estando os alienígenas extraterrestres, espalhados no cotidiano da Federação, sendo mesmo, uma parte integrante, importante e inseparável na vida em tal realidade.

E continuou atento ao relato que lhe era feito por Terezinha:

-A espaçonave era comandada por um androide chamado David, que aliou-se à SKYNET e suas corporações na guerra contra a humanidade rebelde.

"Essa aliança causaria uma reviravolta naquele momento."

"A nave espacial alien começou a circundar várias vezes a Terra, enquanto David jogou na atmosfera, bilhões de ovos que, tão logo caíram na superfície, se despedaçaram, liberando violentas criaturas, que nasciam prontas para matar os humanos."

***

-WOW! - Assombrou-se Fernando Zéca com o relato. - Isso me soa como filme de terror.

-Muito pior, Sr. Zéca. Se a humanidade antes, já tinha dificuldades enfrentando a SKYNET e seus comparsas, com aquelas monstruosidades à solta, acabaram-se as esperanças..."

O Alferes emudeceu e apenas olhou as crianças ao redor naquele espaço, que

funcionava como hospital e dormitório.

-O que aconteceu então, Terezinha?

-As criaturas aliens se juntaram às máquinas da SKYNET contra a humanidade, que, em menor número, foi aos poucos, sendo exterminada.  E agora, aqui estamos...

Dizendo isso, Terezinha abriu os braços mostrando os destroços e as ruinas ao redor.

-Certamente existem outros grupos de sobreviventes. - Disse ela. - Mas as condições deles devem ser iguais às daqui. Se esta situação continuar, dentro de duas décadas, a raça humana estará extinta na Terra.”

***

Diante daquela massa de sobreviventes famintos, doentes e desarmados os olhos de Fernando Zéca perceberam de relance, naquele ambiente, um movimento rápido, suspeito e incomum, para o lugar: quatro horrorosas criaturas de certo modo, semelhantes a lagartos desenvolvidos, apareceram de-repente, subindo pelas paredes para avançar contra as crianças presentes.

Sem perda de tempo, Terezinha contra-atacou violentamente os indesejáveis visitantes. Coisa que, atraiu outros dos monstros, para a briga.

Fernando Zéca, percebendo o perigo que ameaçava aqueles já estropiados sobreviventes, tomou partido dos seus semelhantes, sacando suas pistolas.

Antes que o perigo aumentasse, disparou freneticamente contra os estranhos lagartos que poderiam até ser alienígenas, e com poucos disparos, deu fim ao problema evitando fatalidades.

Depois disso, correu para a passagem por onde avistara as criaturas entrarem antes de subirem pelas paredes e alí, posicionou-se defensivamente verificando através da mira telescópica do seu fuzil, a possível presença de outras ameaças pelo local.

-Nenhum movimento. Por aqui a área está segura.

Acendeu então, um dos seus cigarros enquanto refletia sobre a perigosa situação.

Não sabia o que fazer, nem como ajudar aquela gente.

Se tivesse que seguir o Manual de Regrinhas da Frota Estelar, teria de respeitar a Diretriz Primeira não interferindo na situação.

Entretanto, estava claro e cristalino para Fernando Zéca, que a gloriosa Federação dos Planetas Unidos, seus princípios e código de Ética ali, não apitavam nada.

Olhou para o “tricorder” multifuncional que continuava mudo.

Em meio a tantas dúvidas, do nada, apareceu sorrateiramente, logo atrás de Fernando Zéca, um rato castor, com pouco mais de um metro de altura, que, desde antes da chegada dos monstros alienígenas ouvia num canto escuro, os relatos de Terezinha.

-Nem tudo está perdido. - Disse a criatura peluda. - Unidos, poderemos fazer a diferença...

***

Habituado às estranhas criaturas alienígenas que, por força da rotina na Frota Estelar, era obrigado a conviver, Fernando Zéca não se espantou com outro bicho falante...

-E como deveríamos juntar as forças para alcançar o sucesso? - Indagou o Corinthiano sofredor procurando por boas ideias...

-Jogando bombas no inimigo.

Zéca arregalou os olhos...

-Boa ideia. - Concordou Fernando Zéca com um sorriso. - Mas eu não tenho um avião bombardeio, ou canhão para levar as bombas até o alvo.

-Você tem a mim! O transporte de bombas para explodirem no colo do inimigo, está entre as minhas especialidades.

Zéca arregalou os olhos. A criaturinha de pelagem vermelho acastanhados, parecia mais habilidosa do que aparentava e esticou a mão para ela como forma de saudação.

-Eu sou Fernando Zéca Corinthiano. Se tiver ideias para salvar os últimos humanos daqui, estou às ordens.

-Meu nome é Gucky. - Disse o rato castor que retribuiu o cumprimento com a sua patinha. - Tenho ideias e experiencia dos trabalhos que fiz com o meu amigão Perry.

***

-Muito prazer. Mas agora me explique uma coisa, Gucky. - Começou a perguntar o Alferes. - Como é que você consegue transportar bombas para o colo do inimigo?

-Sou um teletransportador vivo! Basta saber a localização, que eu levo a carga.

Fernando Zéca olhou para aquela criaturinha simpática dizendo:

-Caramba! Que interessante! Você me lembra um personagem de ficção científica chamado Rocket Racoon. Simpático por fora, mas, com alma de lutador valente...

-Dos Guardiões da Galáxia? Não conheço, mas, pela sua descrição também sou assim. Mas lembre-se que sou o original, por isso as meninas me adoram.

-Certo. Então se você souber a localização dos alvos, consegue transportar bombas?

-Já fiz muitas vezes este tipo de trabalho com o meu amigão Perry...

-Tive aqui uma ideia, Gucky, não tão radical quanto à sua, mas, acho que podemos derrubar essa SKYNET, inserindo um vírus na programação dela... Se o plano der certo, teremos ao nosso lado até mesmo os robôs que antes eram inimigos."

Gucky sorriu exibindo seus dentes incisivos superiores dizendo:

-Seu plano é bom. Talvez funcione, mas, vai precisar de bombas explodindo...

-Você não desiste tão facilmente das bombas...

-Bombas de pulso eletromagnético, assim como as que você já tem e nos darão tempo para colocar o virus em ação, quando a SKYNET reinicializar...

-Caramba Gucky! Você tem muitas habilidades mesmo! Como sabe do meu arsenal?

-Também sou telepata, Zéca.

-OK amigão, e já que não tenho nada a esconder de você, vamos colocar este plano em ação.

Dizendo isso Fernando Zéca tirou do bolso traseiro da calça, o comunicador

acionando o localizador de sinais WI-FI.

-Com isso aqui, consigo acessar a internet sem ser identificado, através de qualquer roteador que esteja com sinal aberto, ainda que, protegido por senha.

O rastreador de sinais não demorou a localizar uma brecha, que permitisse acesso à internet.

-Consegui. - Disse Fernando.

Sem perder tempo, ele digitou mais alguns comandos, e logo encontrou as informações que precisava num mapa-múndi da Terra, com vários pontos indicados.

-Aqui! - Disse apontando para um deles. -Estes são os locais onde ficam sediados os principais servidores que controlam a internet e toda a inteligência artificial.

“São eles que precisamos derrubar, antes de inserirmos o vírus na programação da SKYNET.”

-E esse vírus? Poderá ser neutralizado por algum programa de segurança?

-Não creio, Gucky. Embora não seja impossível.

“Mas essa versão foi finalizada por um Doutor amigo meu, que obteve ótimos resultados numa situação semelhante. Vale a pena tentarmos...”

-Você pretende colocar a programação da SKYNET para priorizar as LEIS ASIMOVIANAS de ROBOTICA?

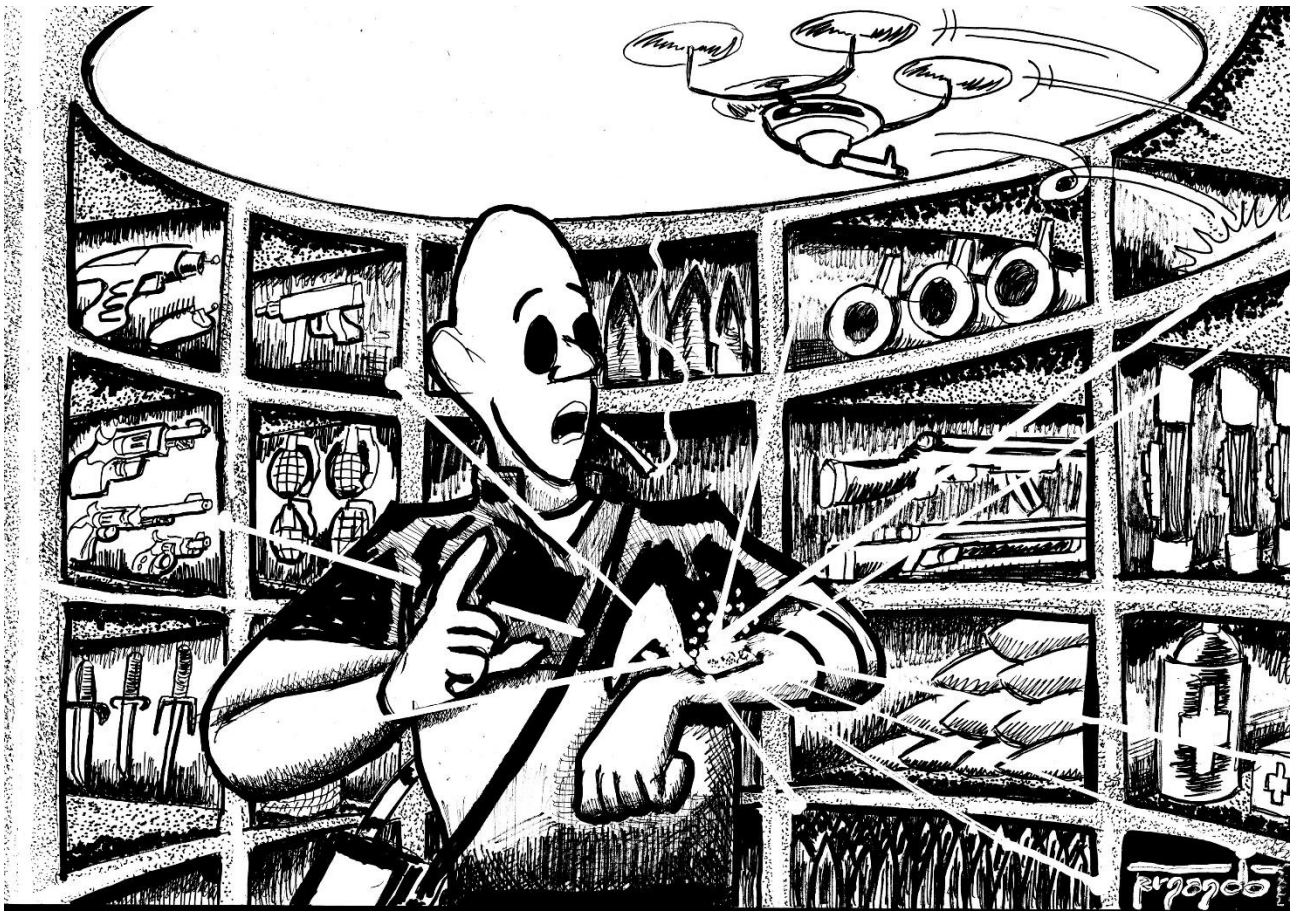
-A ideia é esta... Como te disse, já deu certo antes...

Gucky formou um punho fechado com sua patinha e a esticou na direção de Zéca.

O Alferes cerrou o próprio punho e deu uma batidinha no do rato castor que em seguida, disse:

-Chega de conversar, Zéca. Agora vamos trabalhar!

***



-Esse teu armário de armas é realmente algo excepcional.

“Já vi muita tecnologia estranha, mas essa daí é surpreendente.”

-De fato. - Concordou o Alferes. - A impressão que dá, é que estas divisórias não terminam nunca. E estão todas repletas de armas.

-Olha só, Zéca. - Disse Gucky mostrando uma caixa de madeira, cuja parte interna estava dividida em pequenos compartimentos, onde eram guardadas, esferas prateadas, do tamanho de bolas de baseball, cada uma, com círculo branco desenhado contornado por linhas pretas.

-Granadas de pulso eletromagnético! - Disse Fernando apontando uma delas, onde se liam inscrições com números que iam de 1, até a marca de 30.”

“É possível regular o impacto destrutivo, num raio esférico de 100 metros, até, 30 quilômetros em que nenhum circuito eletrônico desprotegido funcionará.”

-São mais que suficientes. - Disse Gucky sorrindo. - Aí na caixa, deve ter umas 100.

-E tem aqui mais uma coisa que vamos levar.

Fernando tirou dali outra caixa, esta, de papelão cheia de pequenos discos dourados, com diâmetro de dois centímetros e espessura de cinco milímetros.

-Veja Gucky! Cada um destes adesivo pode inserir na programação de robôs, computadores e até mesmo, redes comandadas por inteligência artificial, as LEIS ASIMOVIANAS da ROBÓTICA, que priorizem e protejam a vida humana, bastando grudar qualquer um destes, na área do servidor central, ou mesmo, em qualquer robô, que, em poucas horas, toda a SKYNET, será “infectada”. Este processo será ainda mais rápido se conseguirmos apagar a rede usando também, as granadas de pulso eletromagnético.”

Separadas as armas escolhidas para serem utilizadas, Fernando Zéca “guardou o arsenal, deslizando o dedo pelo pulso.

-Acho que é suficiente.

-Vamos nos divertir. - Disse Gucky, que, segurando a caixa de granadas, tocou o Alferes com a patinha, desaparecendo em seguida, junto com este, levando todo o equipamento já separado!

***

Apesar da aparência inocente, Gucky o rato castor, dotado de poderes extraordinários, logo de cara, impressionou Fernando Zéca com seus talentos.

Bastava pensar num lugar e seus poderes o levavam imediatamente para lá.

Caso segurasse alguém, esta pessoa iria junto numa viagem extraordinária, que poderia cobrir distâncias incríveis.

E nos passeios que fazia se auto teleportando de um lugar para outro, eventualmente, cumpria com missões militares, invadindo espaçonaves inimigas, levando poderosas bombas para o interior destas, que explodiam logo que o temível rato-castor deixava o seu presente nos alvos.

O trabalho que faria, com Fernando Zéca seria ligeiramente diferente do que foi descrito anteriormente.

Sua missão agora era ajudar na reprogramação dos poderosos sistemas de inteligência artificial, comandados pela SKYNET, para tanto, em cada invasão que fizesse com saltos de teletransporte, inicialmente acionaria granadas de pulso eletromagnético, que suspenderiam as atividades dos computadores locais, ganhando tempo para inserir as famosas LEIS ASIMOVIANAS na programação destas máquinas.

Tal operação, seria repetiria diversas vezes, em outros lugares sensíveis para a rede de computadores gerenciadores dos sistemas de comunicação pela Terra.

***

Depois de concluir a mesma missão em diversos lugares diferentes, muitas granadas de pulsos eletromagnéticos foram acionadas, derrubando de imediato, quase todos os servidores que, sustentavam a inteligência artificial da SKYNET na Terra.

Deste modo, a influência da rede diminuiu expressivamente, sobre tudo aquilo que comandava no planeta ou até mesmo, fora deste.

De um instante para outro, a era de domínio das máquinas foi colocada em xeque, decisivamente e, sem estardalhaço.

Tudo o que antes estivera sob comando da inteligência artificial SKYNET foi desligado, até restar apenas, o provedor central, no meio do deserto de Nevada, abrigado num prédio de cinquenta andares.

Ali seria dado o golpe final, aniquilando de vez, a tirania do domínio cibernético, que QUASE exterminou, a humanidade da superfície da Terra.

***

Depois de vários “saltos”, a cabeça do Alferes encontrava-se um pouco dolorida, e o estômago enjoado, querendo subir pela boca.

-Firme aí Zéca. Esta é a parada final, então, terminamos. - Disse Gucky.

Quando a última granada ia sendo acionada, uma voz interrompeu a ação.

Vinha da projeção de uma cabeça humanoide tridimensional formada por pequenos fragmentos negros, tendo olhos, orifícios nasais e dentes totalmente brancos.

-O esforço e resistência de vocês é inútil. - Dizia esta, com clareza.

“A SKYNET não está só no sistema solar, e se expandiu para mundos distantes e dimensões inalcançáveis. Outras formas de inteligência artificial, aliadas a SKYNET darão continuidade garantirão o retorno e futura perpetuidade do que aqui foi começado.”

“Nossos aliados, os POS-BIS, CYLONS, BORGS, e tantos outros coletivos, em universos e dimensões paralelas, virão nos vingar!”

Cansado com aquele falatório, Gucky explodiu a última granada que carregava apagando de vez com mais um servidor da SKYNET.

Fernando Zéca espalhou alguns discos em pontos estratégicos dizendo:

-Dessa vez, vamos esperar para conferir se a reinicialização ocorre conforme o

planejado então, voltamos para o abrigo com Terezinha e as crianças.!

-Boa ideia.

E a reinicialização não tardou. Logo o mesmo monitor que antes mostrara o avatar da inteligência artificial da SKYNET exibiu uma série de linhas de comando dos programas que a faziam funcionar, rolando de cima para baixo.

-Já entrou. - Disse Fernando Zéca.

“É a primeira linha de comandos. O resto, só entra, se esta passar.”

E não deu outra. Logo, apareceu novamente, o rosto da inteligência artificial, que agora, obedecia às determinações das LEIS ASIMOVIANAS DE ROBOTICA.

-SKYNET pronta para cumprir o dever de obedecer e servir à humanidade.

“Como posso ajudar?”

-Poderia começar eliminando da Terra, as formas alienígenas, trazidas pelo David. - Sugeriu Fernando Zéca.

-Mas elas agora são a forma de vida dominante no planeta. - Questionou a inteligência artificial.

-São invasores aliens que chegaram à Terra para exterminar a humanidade.

“O lugar deles não é aqui, onde não são donos de nada e nem sabem conviver pacificamente com a diversidade.”

-Mas, o extermínio dos, assim chamados Aliens, não seria comparável a um genocídio? - Indagou mais uma vez a inteligência artificial.

-Pode até ser, mas, é o mesmo genocídio que seria praticado contra a humanidade.

“O convívio entre estas duas espécies, ainda me parece impossível, então devo proteger e dar prioridade à existência dos meus semelhante.”

A “voz” da SKYNET então disse:

-A proteção de humanidade é prioritária, então, o invasor alien, deve ser exterminado.

-Exatamente. - Concordou Fernando. - Não há alternativa.

***

Gucky, mais uma vez, deu outro de seus “saltos”, carregando Fernando Zéca, de volta ao abrigo onde estavam Terezinha, as crianças, e outros sobreviventes.

Assim que se materializaram de volta ao local, o exausto corinthiano, sentou-se na primeira cadeira que viu onde queria recuperar-se do enjoo causado por tão fantástica viagem proporcionada pelo rato-castor.

-Já não ficava assim, desde criança, quando fiz um passeio que meu pai me pagou num antigo avião à jato. - Disse. - Precisarei descansar algumas horas, fumar charutos e tomar energéticos gelados. Só então voltarei ao normal.”

-Você até que foi bem. - Disse Gucky. - Já levei uns caras metidos a durões que, se cagaram e vomitaram totalmente, depois do passeio.

-E você, Gucky? Não cansa depois de tantos saltos?

-Claro que sim. Tanto que, agora vou relaxar até para entender, como vim parar aqui.

-Não entendi...

-Na verdade, assim como você, não pertenço a este universo. Vim parar aqui, não sei como; fui dormir e, tão logo fechei os olhos, me vi neste lugar.

-Você por acaso, não teria se transportado involuntariamente para cá, enquanto dormia?

-Dificil de acontecer, Zéca... Quase impossível. Ainda mais, tratando-se de um salto entre universos diferentes.

-Bom, meu amigo... Talvez seja só a idade, mas, se você não sabe o que acontece com seus poderes, não serei eu, quem poderá te ajudar a sanar esta dúvida.

-Meu palpite é de que alguma outra coisa aconteceu, Zéca. Vou descobrir...

Disse isso, fez um ar pensativo, e aconchegou-se numa poltrona próxima ao Alferes. O cansaço esgotou o pequeno rato-castor e este dormiu logo em seguida.

Fernando Zéca, era outro que, estava quase desmaiando sentado.

Em dado momento, entretanto, quando estava quase para fechar os olhos e dormir, percebeu que Gucky, inexplicavelmente desapareceu!

O Alferes despertou da moleza, arregalou os olhos e seu coração disparou!

Debaixo de suas vistas, o pequeno e heróico guerreiro simplesmente sumiu.

Enquanto ainda estava assombrado com aquela inexplicável ocorrência, Terezinha apareceu falando:

-Temos novidades: os robôs estão caçando e matando os ALIENS.

“Parece que não deixarão nenhum deles vivos.”

-Acho que, o visto de imigrante expirou. – Disse Zéca. - Agora serão extraditados.

Terezinha não deu risada nenhuma por ser incapaz de compreender a graça em piadas idiotas e continuou com as novidades:

-Diversos robôs da SKYNET apareceram e se posicionaram em pontos estratégicos, para oferecer proteção aos sobreviventes humanos contra a ameaça alien.

-Parece ser o começo de uma nova era, Terezinha.

-As probabilidades agora mudaram. Se rezarmos, melhoram ainda mais.

Era estranho ouvir um robô falando daquele jeito, mas, depois de tudo pelo que já passara, Zéca se acostumou com anormalidades na vida.

-Assim esperamos, Terezinha. - Disse o Alferes concordando.

Constatado o sumiço de Gucky, Fernando Zéca resolveu fumar um de seus charutos, mas, ali dentro com tantas crianças, não era o lugar adequado para tanto.

Saiu sozinho do abrigo, e posicionou-se no alto de uma elevação natural do terreno de onde confirmou a informação dada por Terezinha.

Os robôs, de fato, formavam um perímetro de proteção em torno da área e, ao redor desta, jaziam dezenas de corpos dos ALIENS horripilantes.

A SKYNET agora seguia uma programação mais responsável com a humanidade.

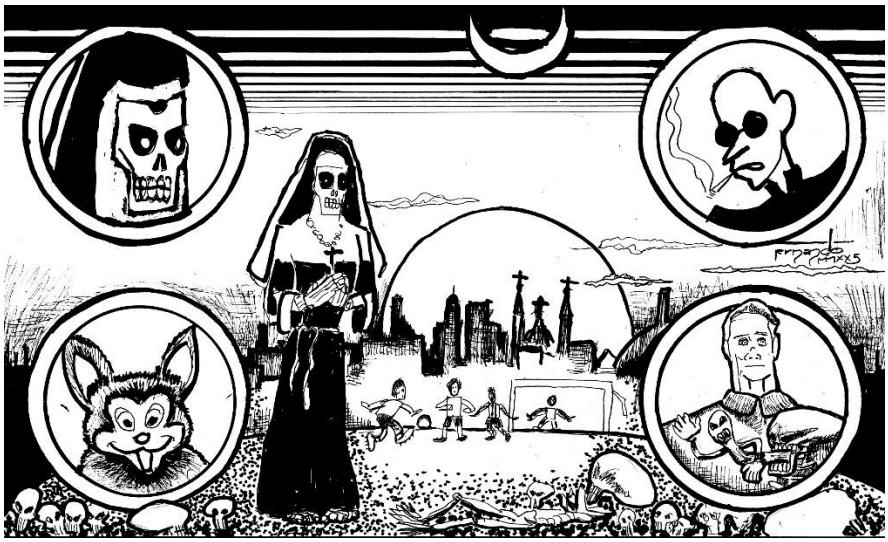
O Alferes mal terminou de chegar a esta conclusão, e, o “tricorder” multifuncional, voltou a sinalizar um novo caminho a ser seguido, a partir daquele ponto.

Assim, Fernando avançou nesta direção, seguindo por onde era orientado não tardando em localizar aberta a já conhecida porta de madeira branca, com maçaneta e fechadura douradas destoando daquele imundo ambiente, pós-apocalíptico.

Mais uma vez, era por aquela passagem, que o tricorder mandava passar.

Sem demora, Fernando Zéca avançou pelo caminho indicado, em seguida, a porta fechou-se atrás dele, diminuiu de tamanho e sumindo no meio do nada.

Enquanto isso, Terezinha cuidava dos sobreviventes, rezando e agradecendo por outro dia.



***

## O CONSELHEIRO DA ALVORADA

Não sabia se era manhã cedo ou fim de tarde aonde chegara, já que agora o Alferes estava no meio de um bosque.

Ouviu sons de vozes, e, andou na direção do barulho até chegar a uma área pavimentada, por onde circulavam diversas pessoas.

Discretamente, entrou por ali também, para analisar melhor a situação constatando que se encontrava no parque de alguma metrópole.

Pelo entorno, além das pessoas na sua vida cotidiana também enxergava, bosques e veículos cortando o céu em alta velocidade. Enfim, o cenário de uma metrópole futurista.

Nas laterais dos colossais edifícios, haviam gigantescas telas onde eram exibidas propagandas, informações, e até mesmo, o temido símbolo do Império Terrano no Universo espelho! Visão que fêz nosso sofrido Alferes arregalar mais ainda os olhos.

E verificando o entorno com mais atenção, de fato percebeu em outros lugares, imagens daquele logotipo, daí que, feita esta constatação, discretamente, despregou do seu uniforme, o símbolo da Federação, guardando-o no bolso.

Não podia dar bobeira com eventuais câmeras vigiando a área, pois seu rosto, eventualmente, poderia ser reconhecido, assim de qualquer modo, andava devagar, sem chamar atenção, aparentando tranquilidade, mesmo com seus pensamentos a mil por hora.

Ainda haviam estrelas visíveis no céu, de modo que, através delas, da posição do Sol, e, do seu extenso conhecimento de cartografia estelar, confirmou mesmo estar na Terra do assim chamado “universo espelho'.

Não era um lugar que pudesse considerar agradável, pois, os humanos ali, eram muito antipáticos sempre prontos a enfiar uma faca nas costas de quem quer que fosse.

Fernando Zéca rapidamente lembrou que, até nas aulas da Academia da Frota Estelar, ensinava-se que, que, salvo raríssimas exceções, o povo dali do universo espelho, além de extremamente belicoso, não poderia ser considerado confiável.

E sua experiencia pessoal, confirmava isso.

Como quem não quer nada, Fernando Zéca parou próximo a um dos aparelhos de TV, dispostos pelo parque, e observou as propagandas ali exibidas.

Na maioria delas, uma lavagem cerebral, descaradamente censurada, intercalada com mensagens subliminares recomendando obediência total ao Império.

Também haviam anúncios convocando para prestação de serviço remunerado para as Forças Militares Imperiais, prometendo nesse trabalho, uma vida de aventuras e viagens, por lugares emocionantes, assim conduzindo a glória e os bons costumes daquele povo, até os limites do Universo... E se possível... ALÉM!

Eram mensagens cheias de marchas, desfile de armas, naves, sem esquecer ainda, as costumeiras e manjadas chamadas dizendo:

“AS FORÇAS ARMADAS IMPERIAIS TERRANAS PRECISAM DE VOCÊ!”

Alí, este tipo de propaganda estava por todos os lugares.

Algo que, pela forma doutrinadora como era dirigida, certamente contribuía para deixar o povo desinformado, mal-humorado e servil, acreditando nas proezas militares expansionistas daquele regime fascista.

Fernando consultou o “tricorder” tentando encontrar um caminho que o ajudasse a sair logo dali, mas, o aparelho, estava em silencio.

Foi quando um cachorro grande preto, passou correndo ao seu lado. Parecia ser filhote que até então, disparava atrás de uma bola, que se enfiou no meio do mato.

Com um salto desastrado o animal ficou preso numa moita, de onde não saiu.

Logo atrás dele, chegou uma criança, vestindo camisa verde, dando-lhe broncas bem duras mesmo não sendo o caso para tanto e tentando tirar o animal dali sem sucesso.

Ninguém apareceu para ajudar, e o Alferes percebeu que, se não fizesse nada, as tentativas frustradas deixariam o problema pior, daí, aproximou-se da dupla:

-Olá! – Saudou.

O menino parou de dar broncas, no cachorro e o Alferes se apresentou:

-Meu nome é Fernando Zéca. Posso ajudar?

O menino mostrou cara de surpresa, em seguida disse:

-É o meu nome também! Me chamo Fernando Zéca Palmeirense.

***

Fernando Zéca Corinthiano teve um estalo mental.

Ou todo mundo no universo espelho se chamava Fernando Zéca Palmeirense, ou, presumivelmente, teria voltado a um periodo anterior do tempo, àquele que estivera no Universo espelho em outra ocasião.

Agora, poderia estar diante de uma pessoa, cujo futuro pela sua comprovada experiência poderia até mesmo ser comprometido pela maldade.

Fernando Zéca Corinthiano lembrou-se de uma pergunta com a qual, certa vez se deparara:

“O QUE FARIA SE, DIANTE DE VOCÊ, ESTIVESSE UMA CRIANÇA, QUE NO FUTURO SERIA UM ELEMENTO ALTAMENTE PERIGOSO PARA TODA A SOCIEDADE?”

Olhando melhor, percebeu que, de fato, aquela criança tinha os mesmos traços do Fernando Zéca Palmeirense, com que se deparara em outra ocasião.

Fernando Zéca Corinthiano aproximou-se da moita onde o filhote estava preso, indagando-se o que deveria fazer:

Se liquidasse aquele garoto, ali no meio dos arbustos, livraria o mundo de mais um problema, e, talvez, nem fosse visto cometendo o crime, já que, por ali, no momento não passava ninguém, nem haviam câmeras de segurança operando.

Por ser maior que a criança, e nem tanto por uma questão de força, Fernando Zéca Corinthiano abriu espaço entre os galhos da moita, permitindo que o cachorro se desvencilhasse sem problemas.

-Não precisa ficar nervoso com ele. - Disse.

-Mas ele entrou no mato. - Justificou-se o pequeno palmeirense.

-Verdade. Mas ele é um filhote. É jovem como você e também está aprendendo.”

Fernando Zéca Corinthiano, embrenhou-se um pouco mais entre os galhos, e pegando também, a bola que o filhote seguia e, entregou-a ao garoto.

-Leve-o sempre para passear, PRESO A UMA BOA COLEIRA, assim ele se acostuma a andar do seu lado sem correr, nem se meter em confusão ou arriscar a vida.

“Depois que você o entender melhor, perceberá que não tem companheiro mais fiel que o seu cachorro por isso, trate bem dele.

-Tá bom. Tchau. Obrigado.

-Tchau. Boa sorte. Espero que, futuramente nos encontremos como bons amigos...”

O menino seguiu com o cachorro, e Fernando Zéca ficou refletindo até “tricorder” sinalizar agora um caminho para o interior do bosque.

O Alferes, seguiu a indicação até encontrar em meio a um gramado verde mais uma porta, similar, às outras de madeira branca, pelas quais passara anteriormente.

Assim mais uma vez avançou para as incertezas além dela.

***

***

E que soem as trombetas, clarins e cornetas porque finalmente é chegada...

## A DERRADEIRA JORNADA NO SUPER-INTERLÚDIO

Tendo transposto as portas por diversos universos distintos, sem mesmo entender a razão de tudo aquilo, Fernando Zéca chegou a um estreito corredor de paredes brancas.

Depois de cruzar os umbrais da passagem atrás de si, esta desapareceu, conforme já ocorrera antes, em outras ocasiões.

Muito mal deu alguns passos, e, viu-se noutro cenário realmente lisérgico.

Sob seus pés, via o planeta Saturno e seus anéis, como se fosse uma imensa TV de altíssima resolução.

Ao seu lado, e acima de si, na abóboda aonde deveriam estar as paredes e o teto, convergiam dezenas de corredores sem fim, com incontáveis portas de madeira branca, iguais àquelas tantas, que abriram passagens, interligando mundos em universos completamente diferentes uns dos outros: compondo visão surreal e vertiginosa!

Os corredores que convergiam para aquele espaço, eram distribuídos de forma regular e precisa, mas não eram imóveis.

Assim como os tentáculos de um polvo, que se estendia para outros universos, através das portas em suas paredes, os corredores se movimentavam e distorciam.

Num ambiente tão alucinante, o que passou pela cabeça de Fernando Zéca foi acender um de seus famigerados cigarros ilegais. Coisa que fez, em seguida.

Depois de aceso e devidamente tragado, a fumaça foi espalhando por diversas direções, enquanto o fumante, se maravilhava com a vista.

Assim terminou o cigarro inteiro ambientando-se àquele lugar enigmatico.

Depois, acendeu mais um, para, aí sim, relaxar, e, tentar entender, tudo pelo que estava passando... Daí... Pensou bastante... Refletiu... Filosofou e terminou o cigarro número dois, sem alcançar nenhuma conclusão reveladora.

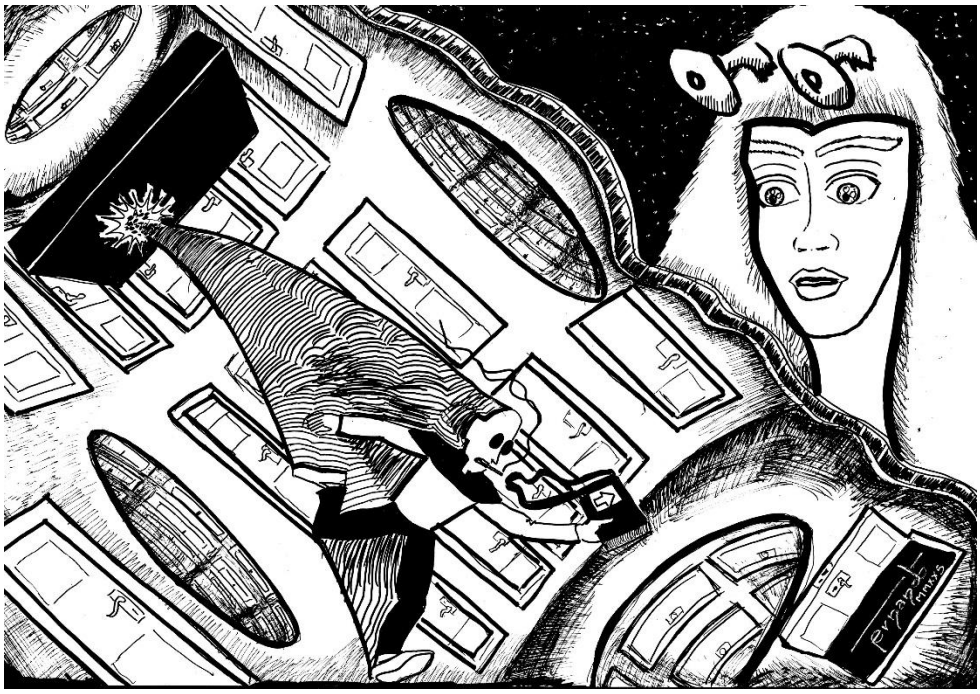
Quando foi acender o cigarro número três, para idealizar um plano que o levasse

para algum lugar, o “tricorder” multifuncional que Silas lhe dera, começou a sinalizar uma direção a ser seguida.

Ao olhar para onde apontava, viu-se diante de um monolito retangular, negro, de aproximadamente oito metros de altura, de superfície brilhante e polida, que a sua frente, de um instante para outro, simplesmente apareceu inexplicavelmente

Com o “tricorder” indicando-o como destino, Fernando Zéca tocou o objeto onde via a própria imagem refletida em tons negros deparando-se com algo diferente do que esperava: já que o artefato tinha consistência líquida fazendo com que sua mão ali mergulhasse.

Nosso Alferes não teve tempo de pensar mais nada pois, subitamente, num movimento rápido, o monolito avançou na direção a ele imergindo-o em seu interior, como se o pobre corinthiano fosse puxado para dentro de uma piscina cheia de água preta.



***

Assim que foi tragado para dentro daquela coisa, não se viu afogando numa massa negra líquida.

Estava em outro lugar totalmente diferente, alucinante, mas ainda assim, respirável, tendo de um instante para outro nova cor predominando, fosse então, um azul celeste, com variações mais claras, ou, até mesmo brancas, dando a impressão de ser de fato, céu com nuvens.

O olhar mais apurado, entretanto, revelaria uma estranha movimentação na massa de cores, dando a impressão, de que, os “pixels” que, eventualmente formavam todo aquele cenário, variavam a todo instante.

Fernando Zéca via até cópias de si mesmo, naquele ambiente alucinante.

Elas saiam de seu corpo, cada qual repetindo um movimento que já tinha feito no seu instante passado, ao longo de linhas, algo parecidas com películas cinematográficas, que se estendiam até sabe-se lá quando.

FINALMENTE...

E, para dar fim a toda maluquice incompreensível deste super interlúdio, apareceu Marge, mais bela e deslumbrante do que nunca.

***

## O FIM está CHEGANDO?... OU NÃO???

Fernando Zéca correu na direção de Marge, abraçando-a com vontade.

-Marge! Ainda bem que te encontrei. Já não aguentava mais, essa loucura toda.

-Fê! Você aqui! Não acredito!

Os dois se abraçaram e beijaram.

Muito emocionado, com lágrimas nos olhos, o que, de fato, lhe era incomum, Fernando Zéca se ajoelhou e pediu perdão:

-Marge! Me desculpe se eu pisei na bola com você. Ainda estou tentando descobrir qual foi a merda que eu fiz para tomar aquele pé na bunda...

Marge ouvia estas palavras, abraçando-se e enrolando-se a Fernando Zéca, como nos velhos tempos.

-Não foi culpa sua! Pode ficar tranquilo. Não foi culpa sua!

Em seguida, ela beijou Fernando Zéca, dizendo:

-Dificil acreditar que você conseguiu chegar até aqui.

-Tive ajuda de um equipamento que o teu pai me deu.

Fernando Zéca disse isso, e mostrou pra ela o seu “tricorder multifuncional”.

-Olha só isso aqui. - Continuou dizendo. - Parece um tricorder, mas, também é capaz de fazer um monte de coisas diferentes e inéditas, incluindo, rastrear você.

“Só não sei porque tive de fazer um caminho tão louco e confuso, para te achar...”

“Não consigo sequer, imaginar, o tempo que gastei nessa brincadeira que teu pai me enfiou, Marge. Mas, pelo menos, agora, tudo isso pelo que passei compensou, porquê finalmente, te encontrei.”

-Posso ver que você passou mesmo um bom tempo me procurando.

-Exatamente, mas, como é que você sabe?”

-Fê! Olha essas cópias de você, saindo do seu corpo.

O Alferes olhou na direção que Marge lhe apontava e viu diversas imagens suas, saindo da posição onde se encontrava.

Cada uma delas, mostrava um instante seu no passado, até praticamente se perder de vista.

-Esta é a tua linha de vida. - Disse Marge. - Daqui de onde nos encontramos, você pode vê-la inteira, seguindo para teu passado, até o momento em que nasceste, e, até mesmo antes disso... Você ficou bastante tempo me procurando por vários universos...

“E sabe de uma coisa? Só me localizaste, porquê meu pai sabia que eu guardei um presente que você me deu.”

Marge disse isso, e mostrou na sua mão esquerda, no dedo anelar, a aliança que Fernando Zéca lhe oferecera muito tempo atrás.

-Fê! Esse presente que você me deu, emite uma energia, que pode ser rastreada, até mesmo neste plano dimensional que nos encontramos agora. E o tricorder que meu pai te deu, tem tecnologia do CONTINUUM que também permite fazer tal rastreamento.”

Fernando Zéca mudou a posição em que estava segurando o aparelho, acionando o botão que avisava Silas, do sucesso da missão.

-Hora de chamar o velho. - Disse então.

Uma luz amarela começou a piscar e menos de cinco segundos após este sinal, quem também apareceu para aquela peculiar reunião, foi Silas.

***

-Olá minha filha querida! Eu estava preocupado com você.

“Te procurei e não te achei em lugar algum, daí mandai este jovem encontrá-la.”

-Você me fez correr risco de vida! Isso sim. - Reclamou Fernando Zéca exaltado. - Pois não foram poucas as vezes que quase perdi a pele até chegar aqui.

Marge abraçou o seu pai...

-Estou bem, pai. Estou bem. Só não quero mais, que o senhor use assim o Fernando. Ele é um homem bom para mim e, o que o senhor pediu para ele, de fato, o colocou em muitas situações de risco desnecessário."

-Desnecessário? Minha filha desaparece sem explicações e utilizei os recursos que tinha ao meu alcance. Eu mesmo, não fui atrás de você porque, em outros planos dimensionais, meus poderes, podem ser reduzidos, ou, até mesmo, eliminados.

"Se pareço não ter medido as consequências, é porquê, eu queria mesmo saber o paradeiro da minha filha!"

-Eu entendo papai. E peço desculpas pelo meu sumiço. Mas foi por um bom motivo. Eu passei por uma evolução..."

-O quê???

-Papai, eu ainda sou sua filha, mas agora, passei por um processo evolutivo, que, me tornou, uma CSR – Controladora dos Sonhos e da Realidade.

"Ao assumir minhas novas tarefas, fiquei fora dos planos dimensionais, onde eu poderia ser encontrada... Me desculpe."

-Minha filha... Uma Controladora dos Sonhos e da Realidade... Mal posso acreditar..."

"Mesmo no CONTINUUM, a existência desse tipo de entidade, sempre foi considerada uma lenda fabulosa..."

"Agora... Eu tenho uma filha que se tornou Controladora dos Sonhos e da Realidade."

-Controladora dos Sonhos e da Realidade? - Indagou Fernando Zéca Corinthiano sem entender patavinas. - O que é isso?

-Algo muito distante da sua capacidade de entendimento. - Disse Silas menos emocionado. - A maneira mais simples que posso te explicar: é dizendo que, uma entidade com poderes além das capacidades humana de compreensão, evoluiu ainda mais, alcançando um nível próximo, àquilo que vocês consideram semidivino."

Fernando Zéca fez cara de pouco caso, virou-se para Marge e disse:

-Esse teu pai é um chato, Marge. Me enfia numa aventura perigosa, e, depois, fica aí se julgando e, bancando o superior, por ser romulano. Aliás, seu Silas... Como é que você teve uma filha andoriana tão linda, sendo assim feio e orelhudo?"

Silas manteve a expressão de superioridade, e, sem falsa modéstia respondeu:

-Dou sempre o melhor de mim, quando tenho meus objetivos a alcançar, mas, no caso da Marge, eu me superei! Minha filha! Tenho orgulho de você!

Disse isso, e não conseguiu mais escolher a emoção que sentia.

Suspirou de tal maneira, que parecia até estar perdendo o ar, mas, dobrou os joelhos e, sentou-se numa poltrona, que se materializou, exatamente onde era necessária.

Silas estava sorridente.

Para Fernando Zéca, era uma incoerência, pois, ele achava que Silas era apenas um simples romulano, do tipo que nunca dava risadas enquanto vivia tramando planos diabólicos contra a Federação.

Silas parecia até mesmo, com os pensamentos em outro lugar, tamanha a satisfação que demonstrava.

Marge, por sua vez, voltou-se para Fernando Zéca e o beijou ardorosamente.

***

-Vou ter que tirar algumas coisas de você, meu amor. - Disse Marge para Fernando Zéca, que, com um gesto, fez com que, a pulseira que abria o armário de armas do Corinthiano, se descolasse de seu pulso.

"Você não pode voltar com isso para casa, e nem com o "tricorder", caso contrário, entregaria tecnologia do continuum para a Federação..."

-Eu??? - Indagou Fernando Zéca

-Você mesmo. - Disse ela entre um e outro beijo. - Você passava cola para todo mundo na Academia.

E tascou-lhe mais uma dúzia de beijos e abraços.

-Marge... Seu pai está aqui do lado...

-Não, Fê... A cabeça dele está bem longe daqui...

“E agora eu é que vou te dar uma coisa para compensar tudo pelo que você passou.”

***

Marge beijou e amassou Fernando Zéca a tal ponto, que seus corpos começaram a vibrar, fragmentando-se em milhares de partículas esféricas e espelhadas.

A seguir, os dois amantes atravessaram um ao outro, até ocuparem o mesmo espaço, fundindo-se numa explosão de luz que deu ao Alferes, o orgasmo mais intenso de sua vida.

E foi aí que ele enxergou toda a verdade percebendo quem de fato era Silas e Marge.

Viu o quanto era privilegiado ao desfrutar aquele momento com ela.

As sensações que teve, foram tão intensas, que até perdeu a noção de quanto tempo ficou envolvido naquele êxtase intenso que compensou tudo pelo que havia passado durante a procura por ela.

Tendo se fundido à Marge, dentro do que sua mente humana permitia, percebeu que ela tinha um importante papel nos desígnios cósmicos, destarte que, as oportunidades de revê-la iriam rarear bastante e talvez nem se lembrasse mais desta experiência.

Mesmo assim, se conformou e foi nesse momento, que o relaxamento terminou.

***

## EPILOGO DO SUPER INTERLÚDIO

(Até que enfim)

Silas estava curtindo a satisfação, por ter a filha alcançado um grau evolutivo tão importante, no ordenamento cósmico das coisas.

Seu sentimento de realização era tão intenso, que mesmo no lar: a dimensão do espaço-tempo continuum, onde viviam os “Qs”, ainda estava utilizando sua forma romulana.

E naquele momento, outra entidade “Q” se juntou a ele.

Este outro “Q” também estava na sua forma humana, usando um uniforme magenta, utilizado pelos membros da segurança na Federação dos Planetas Unidos.

Era mais alto, esbelto e aparentava ser mais jovem que Silas.

Carregava na mão direita, uma garrafa de vinho.

E na esquerda, alguns charutos e copos.

-Continue como está, Silas pois celebraremos um acontecimento extraordinário, à moda humana.'

-Acontecimento extraordinário, “Q”?

O outro “Q” sentou-se ao lado de Silas e disse:

-Sim por isso estou trazendo este presente que é de uma safra única, guardada para acontecimentos especiais.

Disse isso, puxou um saca-rolhas tradicional do bolso, e abriu a garrafa, despejando o conteúdo nos copos.

Entregou um deles para Silas dizendo:

-Veio da vinícola do irmão de um Capitão “amigo meu”, cuja careca tenho orgulho de dizer que contribuí para deixar maior do que já era.

-Do jeito que te conheço, você deve ter atormentado o infeliz...

-Fiz o que pude...

-Mas... O que estamos celebrando com um vinho tão especial, meu caro “Q”?
-Bom, meu velho Silas: estamos celebrando o fato de que você agora é avô!
“O continuum acaba de ganhar mais um “Q”. Parabéns! Saúde!”

E chegamos ao

**O FIM**

**deste SUPER-INTERLÚDIO**

***

# A PRINCESA E O PILOTO

## 4

Envolto numa névoa azulada, não sentia mais o choque nas mãos.

Finalmente voltara ao compartimento de carga da sua espaçonave.

Diante do Alferes estava o anel STARGATE que produzira buracos de minhoca a partir da SSF GALATRINA01, sem a sua autorização.

O choque nas mãos que sentira, se deu por ter tocado o misterioso artefato, coisa que, criou uma fumaça misteriosa, e, dali seguiu para diversas situações malucas.

O ambiente ao redor voltou a ficar mais nítido e viu-se novamente, com o N.#1, o Imediato de sua espaçonave, a bordo da SSF GALATRINA 01.

Na parede, do compartimento, verificando o relógio da nave, constatou que, não haviam se passado nem mesmo cinco segundos desde o instante que levara o choque...

-Finalmente!- Gritou o Alferes. - Finalmente voltei!

-Você está bem? - Indagou N.#1.

-Consegui voltar para cá! Finalmente. - Repetiu Fernando Zéca Corinthiano eufórico.

-Mas... Voltar de onde? Você não saiu daqui para lugar algum.

-Engano seu. - Disse o Alferres sorrindo. - Engano seu.

***

O Alferes tirou seu relógio de pulso e entregou-o ao N.#1.

-Lembra que haviamos sincronizado nossos relógios para jogar a carga do Diretor na cidade?

-Sim.

-Pois veja a marcação do meu relógio.

-O seu está muito adiantado. - Observou o N.#1. - “Mas como? Esse modelo é difícil de dar problema, ou, desregular...”

-É porque, ao tocar neste portal, fui lançado para outros períodos da história e do espaço, daí o tempo pelos lugares onde estive, passou de modo diferente daqui comparativamente com teu relógio.

-Mas você não saiu daqui para lugar algum.

-Engano seu, N.#1. Quando toquei esse artefato aqui. - Voltou a repetir o Alferes apontando para o STARGATE. - Fui transportado para diversos lugares diferentes, numa viagem longa e maluca.”

-Claro... Concordou o N.#1 não querendo contrariar um suposto maluco... - De qualquer forma, vamos até a enfermaria, Alferes. Você tem que passar por um exame médico.

Fernando Zéca Corinthiano apenas concordou:

-Sem problemas. Os exames mostrarão que estou apto para qualquer missão.

***

E de fato, os exames mostraram que, fisicamente, o Alferes estava ok.

Entretanto estava em debate entre o médico-enfermeiro-robô e, o Imediato N.#1, se mentalmente, o Alferes estava apto para seguir trabalhando.

Tudo o que o Zéca queria, era voltar as suas obrigações, mas, não estava fácil:

-Ele não tem condições mentais para trabalhar, por insistir nessa maluquice - Sentenciou o médico-enfermeiro-robô.

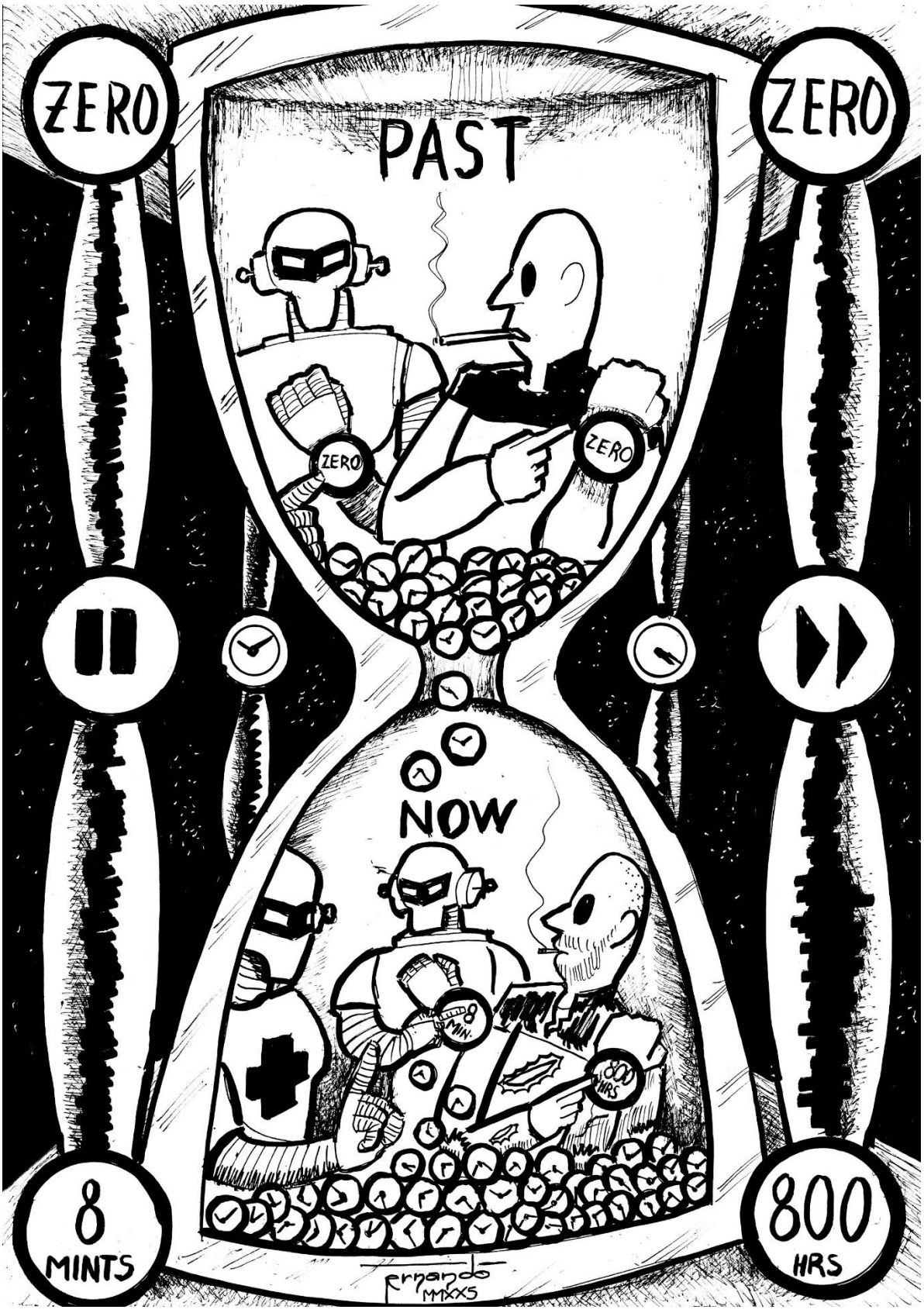
-A história é estranha, mas, me parece plausível. -Arguiu o N.#1. - O relógio dele está de fato, desalinhado com o meu.

-Pode ser um efeito do choque produzido pelo contato com o portal.

“De qualquer forma, pesquisei em relatórios sobre esse tipo de artefato, e não encontrei nenhum incidente parecido com o que vocês estão me relatando.”

“O Alferes fica interditado, em observação submetendo-se a exames adequados. É o regulamento! Sendo assim, N.#1 você assume o comando da SSF GALATRINA 01.”

***



E logo após o médico-robô ter dado suas ordens, uma luz amarela piscou insistentemente no intercomunicador. Era o robô responsável pelas comunicações.

-Mensagem para o Alferes, vinda diretamente do Diretor Sonny Blue.

-Na tela!

A imagem de Sonny apareceu numa das telas da enfermaria.

Como sempre, ele estava com o seu inseparável chapéu estilo cowboy australiano, óculos de aviador e cigarro aceso no canto da boca.

-Alferes, a Princesa Kristal será teletransportada para a SSF GALATRINA 01, dentro de alguns instantes. Acomode e atenda-a em tudo o que ela ordenar.

"Esta será sua próxima missão, Alferes. A princesa comandará a GALATRINA deste momento em diante. Sonny desliga."

Zéca não teve tempo de dizer nada.

-Caramba! Quem é Princesa Kristal? - Perguntou ele.

-Uma aliada da Federação, interessada no jogo de poder que acontece em Ration.

-Interessada? - Indagou o Alferes.

-Sim. Ela pertence a uma família que já reinou em toda Ration.

Novamente o intercomunicador sinalizou, desta vez, interrompendo a conversa entre o Alferes e os robôs:

-Princesa Kristal na linha. Ela diz ter autorização do Diretor Sonny Blue, para embarcar na SSF GALATRINA 01, e ordena ser teletransportada para cá, agora.

-Proceda com o teletransporte. - Ordenou o N.#1. - Alferes, você assume a situação daqui.

-Mas o caso do Alferes, requer atenção e cuidados. - Retrucou o robô médico.

-Concordo, Dr. - Mas, a ordem veio do Diretor, diretamente para o Alferes, então, enquanto a Princesa estiver a bordo, ele fica sendo responsável até o efetivo cumprimento da missão.

O médico robotizado não disse mais nada.

***

O Alferes seguiu para a sala de transporte, onde, no exato instante que entrou, foi ali teletransportada a Princesa Kristal. Ela vinha sozinha. Mas não precisava de ninguém.

Pois apenas sua beleza enchia o ambiente atraindo os olhares de homens, mulheres e até de robôs.

Assim que chegou, não perdeu tempo.

Desceu da plataforma do aparelho do teletransporte, e com olhar furioso aproximou-se de Fernando Zéca, carregando uma bolsa em cada mão, e uma mochila nas costas..

-Você deve ser o Alferes.

-Sim senhora. - Respondeu Fernando Zéca em posição de sentido.

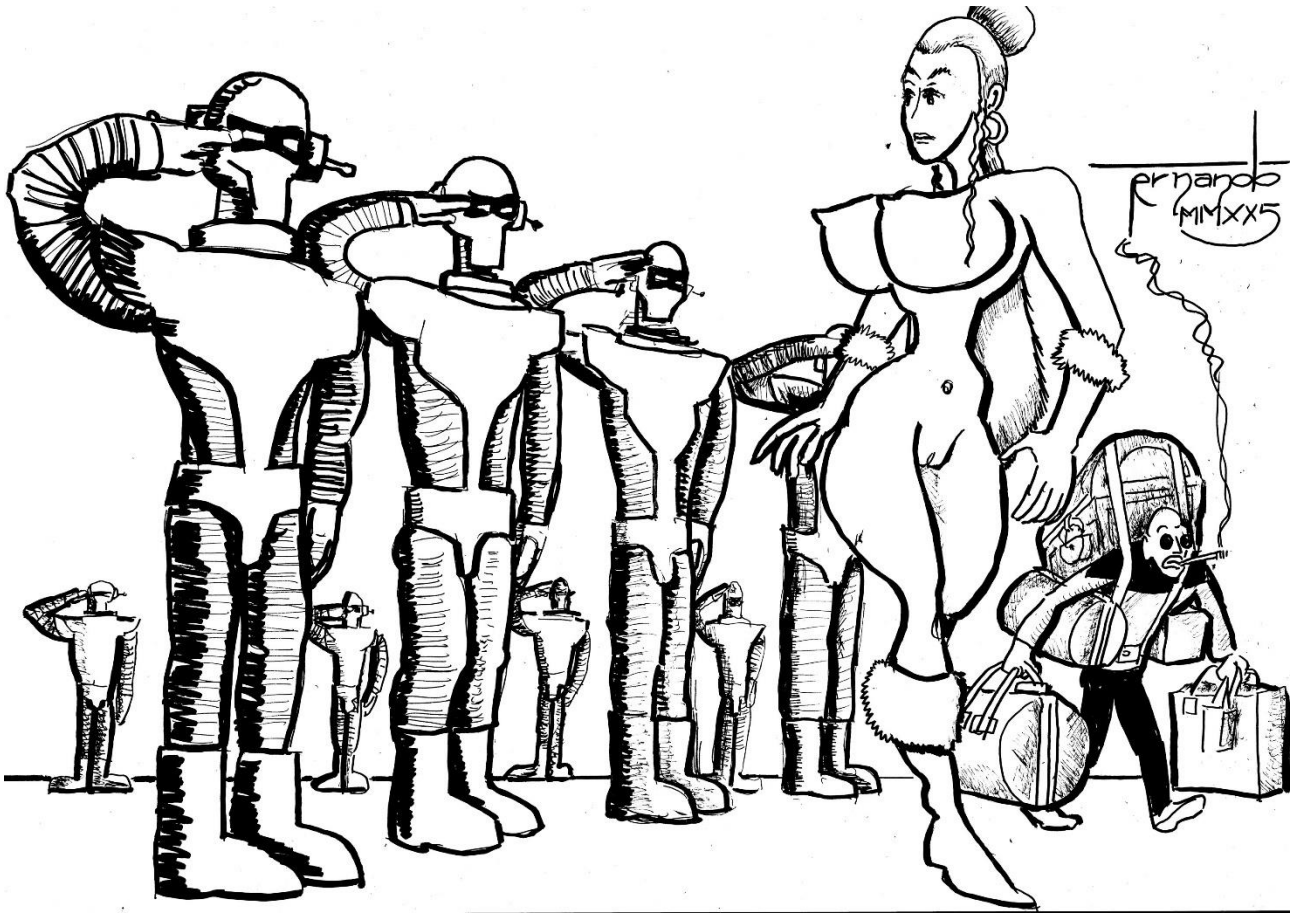
Ela tirou de um dos bolsos do grosso capote que vestia, um envelope e lhe entregou.

Fernando Zéca abriu-o, retirando de seu interior, um papel dobrado, que trazia uma mensagem muito breve e clara do Diretor Sonny Blue:

***"Obedeça tudo o que***
***a Princesa Kristal***
***coimandar!"***

***" Proteja-a!"***

***" Ela sabe o que fazer."***




O Alferes terminou de ler, e disse:

-As suas ordens, Alteza.

Para o N.#1, que estava ali junto, ela sacou um tablet, e lhe entregou.

-Aí está o seu trabalho. Se prepare.

O Imediato olhou as ordens no tablet, e respondeu batendo continência.

-Sim, Alteza.

Em seguida, ela colocou a mochila no chão e tirou o capote, revelando ser uma mulher lindíssima, grande, forte, portentosa e dona de um corpo de formas extraordinariamente belas.

Ela entretanto, não permitia que seus interlocutores, se hipnotizassem demais, com sua formosura extraordinária.

-Alferes. Ficarei no SEU alojamento. Retire SUAS coisas de lá AGORA. - Disse ela sem rodeios.

O Alferes se surpreendeu, mas, logo disse:

-Sem problemas, Alteza. Imediatamente.

Fernando Zéca Corinthiano pegou a bagagem dela e levou-a até o seu alojamento, que agora, era dela.

A sorte do Alferes, é que, por um tremendo acaso, naquele momento, este se encontrava relativamente bem arrumado.

A Princesa, assim que ali adentrou, se deitou na cama, enquanto Zéca ia dando jeito de ajeitar a bagabem dela pelo espaço disponível.

Mal terminou a arrumação, e ouviu dela:

-Alferes! Me providencie cerveja andoriana!

Fernando Zéca gelou de medo...

-Lamento informar, Alteza, mas, não temos nenhum tipo de bebida à bordo, apenas sucos naturais!

-Veja bem, Alferes: Temos muito trabalho pela frente nas próximas horas."

"Quero estar pronta para fazer a minha parte, entretanto, preciso de um meio para

amenizar a ansiedade que me intranquiliza.”

“Se as geladeiras da SSF GALATRINA 01 não dispõem nada mais forte que um mero suco de frutas, então, resta saber se a enfermaria tem algum tipo de medicação que me permita relaxar.”

-Alteza, se me permite sugerir, talvez eu possa ajudar com algo diferente.

-Como?

Fernando Zéca tirou do bolso da jaqueta do seu uniforme uma carteira metálica para cigarros, abriu-a mostrando o conteúdo para a Princesa e disse:

-Alteza, estes são cigarros ilegais em boa parte da galáxia.

“Sempre que viajo para onde não são proibidos, compro uma boa quantidade e garanto o meu estoque que em muitos casos, também servem como remédio reconhecido por diversas medicinas, no tratamento de doenças diversas.”

A princesa olhou silenciosamente os cigarros na caixinha aberta diante de si.

Pegou um deles e disse:

-Me acenda este aqui, Alferes.

-Sim Alteza.

Fernando Zéca acendeu o cigarro, deu algumas tragadas e entregou-o para a Princesa.

-Fume aos poucos, deixe a fumaça entrar na sua boca lentamente. - Recomendou.

A Princesa entretanto, foi mais rápida.

Tragou o cigarro com grande voracidade, queimando boa parte dele numa só puxada. E ainda prendeu o conteúdo no peito por um bom tempo...

Assim que soltou a fumaça começou a rir e tossir quase pondo para fora os próprios pulmões...

***

-Está tudo bem Alteza?

-Sim Alferes... - Disse ela com a voz bem mais relaxada e tranquila. - Era isso que eu estava precisando.

Em seguida, ela deu mais tragadas no cigarro.

-Esse fumo é muito bom mesmo.

-De fato, Alteza.

A Princesa mais uma vez, desatou a dar risadas...

Fernando Zéca apenas observava...

-Você só fica olhando... - Disse ela entre uma e outra gargalhada. - Fume um pouco também...

-Claro Alteza...

O Alferes dividiu com a Princesa aquele cigarro, mas, não relaxou tanto quanto ela, pois, já estava mais acostumado a seus efeitos.

Mas ela queria o Alferes feliz, e, levantou-se da cama, foi até uma de suas malas, abriu-a e tirou dali uma pequena bolsa preta.

Do interior desta, sacou um tubo plástico transparente, em cujo interior, haviam diversas pílulas azuis.

Ela mesma foi até a mesa da cabine, onde havia um copo, pegou todas as pastilhas do pequeno cilindro, moeu-as com a palma da própria mão, e despejou no vasilhame, o pó resultante, em seguida abriu a geladeira, e, dali tirou uma garrafa com suco de frutas, que misturou no copo às pastilhas moídas.

Em seguida, mexeu tudo, para garantir que ficasse bem misturado e tomou alguns goles...

-É... Não está mal...Agora sua vez, Alferes...

Fernando Zéca pegou a bebida e, assim como a princesa, tomou também alguns goles.

Minutos depois, já estava mais íntimo dela, tendo até o privilégio de com ela trocar beijos e carícias, o que, logo resultariam em horas de frenética atividade sexual entre os dois.

O Alferes deu para a Princesa um relaxante, que retribuiu o presente com uma dose potente de estimulantes sexuais.

***

Ninguém incomodou os dois nas horas que seguiram.

E talvez, mesmo quem tentasse, não receberia resposta.

Tal situação durou até o Alferes quedar totalmente sem forças.

Assim que passou o efeito do estimulante, ele apagou completamente, com a boca aberta, nos peitos enormes da Princesa, enquanto que, ela, logo em seguida, se desvencilhou do babão, pegou o computador, e começou a escrever...

***

Assim que acordou, o Alferes deparou-se com a estonteante Princesa vestida na sua colada e insinuante roupa preta.

Ela estava maravilhosamente linda como sempre.

Seu temperamento também já havia voltado ao normal:

-Alferes! Vista-se e saia já daqui. Você já cumpriu com sua obrigação.

“Agora vá, e, esteja logo pronto, à postos, na ponte de comando.”

***

O Alferes Fernando Zéca não se sentiu ofendido, sendo mandado embora daquele jeito, e, logo obedeceu às ordens pois sabia o seu devido lugar no grande esquema das coisas, que, no momento, era manter a Princesa em segurança.

Se por acaso, lhe sobrasse alguma migalha, deveria erguer as mãos para os céus, agradecer, e se dar por contente.

Assim, foi para um novo espaço onde descansaria na SSF GALATRINA 01, já que, sua cabine estava com a Princesa, e assim, ali, se recompôs, bebendo vários energéticos, aliviando o peso e pressão nos tubos intestinais e finalmente, tomando um banho salvador.

Melhor preparado, só então voltou à ponte de comando, onde assenhorou-se da situação da nave.

-As ordens de sua Alteza são para aguardarmos aqui onde estamos. - Informou o N.#1.

-Camuflados? - Indagou o Alferes.

-Sim! Camuflados.

Assim que Fernando Zéca sentou-se na poltrona do imediato, a Princesa entrou.

Muito mal o corinthiano terminou de se levantar, em posição de sentido, e ela disse:

-À vontade.

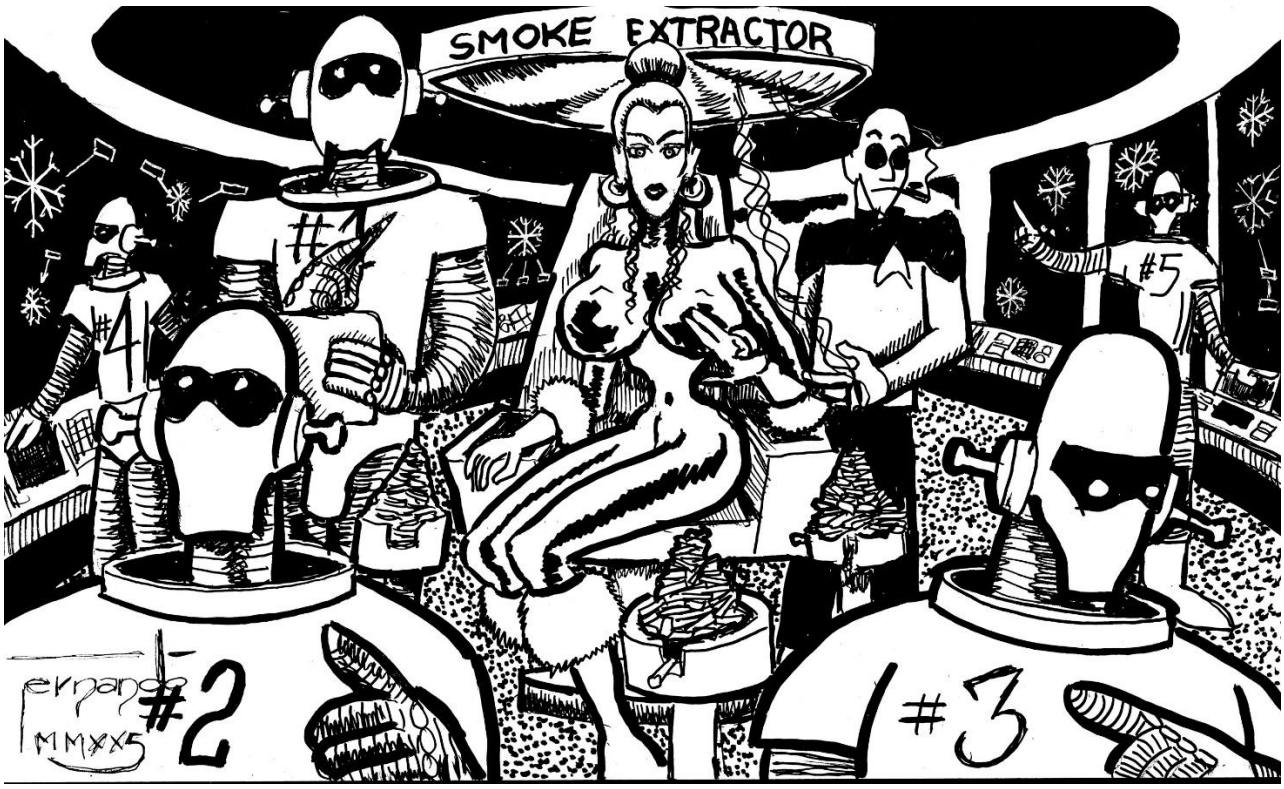
Ela então sentou-se, na poltrona de comando, com todo o estilo e imponência que convém a uma linda soberana das casas Reais.

Não de forma relaxada, como a maioria dos oficiais da frota.

Kristal acomodou-se com postura totalmente ereta, pernas cruzadas  e as palmas das mãos apoiadas nos braços da poltrona, dando ainda maior importância que a habitual, à figura do Capitão, em comando.

De pé ao seu lado, o Alferes apenas a admirava trabalhando.

Com um tom de voz Real, ela ordenou:




-N.#1! Já te passei o alvo. Vamos começar a aproximação.

-Sim Alteza! - Foi a resposta do robô, que estava no posto de pilotagem da SSF GALATRINA 01.

-Engenheiro! - Chamou a Princesa.

-Sim Alteza! - Veio a resposta pelo intercomunicador.

-Como está o meu carregamento?

-Pronto para ser lançado.

-Então pode ativá-lo.

-Sim Alteza!

O Alferes apenas observava, o controle que a Princesa exercia similar a uma Maestrina regendo a orquestra.

Pelos monitores, Fernando Zéca via a trajetória que a SSF GALATRINA01 fazia.

A nave penetrou a camada atmosférica que envolvia todo o Mundo de Atlas e, em um amplo movimento espiral, foi descendo em direção a uma das capitais locais, mais populosas e importantes: Hadamitas! O centro de comando, onde as forças do Partido Obrero exerceriam, seu controle sobre aquele mundo.

-Alteza, estamos na zona pulverização.

-Soltem o cristal!

No perímetro de Hadamitas, a SSF GALATRINA01 soltou um rastro de fumaça luminosa na cor prateada salpicada por partículas parecidas à cristais de neve.

Com duas voltas da nave, toda a grande metrópole, foi cercada por um gigantesco anel fumacento que se expandiu descendo na superfície.

Uma névoa cristalina se espalhou pela cidade mostrando então, de fato, sua finalidade. No chão, tudo que ela tocava destruía: terra, areia, pedras, rios, animais e até... Pessoas. Nada escapava da sua ação.

Quem era atingido pelos cristais começava a descamar imediatamente e, logo a pele se transformava em uma pasta gelatinosa.

Não raros, eram os casos de gente entrando em combustão espontânea ao simplesmente encostar na fumaça luminosa.

A bordo da SSF GALATRINA01, o Alferes assistia silenciosamente toda a ação de olhos arregalados imaginando se aquele armamento seria permitido pelas convenções que

a Federação dos Planetas Unidos era signatária...

Em poucos minutos, toda a população de Hadamitas foi exterminada.

***

Momentos depois, à bordo da SSF GALATRINA01, a Princesa Kristal fazia um pronunciamento transmitido por toda Ration.

## *-Povo de Ration:*

***"Venho trazer a paz e a ordem que nos foram tirados pelo Partido Obrero."***

***"Como já ficou claro, tenho meios de me estabelecer no poder, ainda que precise enfrentar manifestações contrárias a minha vontade, porém, peço calma, já que não pretendo mais usar tanta força ao requerer vossa compreensão e obediência."***

***"Quero apenas a adesão de todos, em torno do meu projeto que visa o bem-estar geral."***

***"Sob minha liderança, trarei uma era de pacificação, saúde e poder para Ration."***

***"Até para quem eventualmente, no passado, tenha se aproximado do Partido Obrero..."***

***"Mesmo para estes, se colaborarem com meu projeto, obterão meu perdão total para eventuais crimes praticados."***

***"O momento é de união. União, sob meu comando e ordem!"***

***"Sou eu quem irá garantir a paz, a Justiça, o poder necessário para o progresso em Ration."***

***"Sob meu comando, o sucesso da União é garantido!"***

Horas depois da transmissão, a Princesa recebeu, de todas as partes e cantos do Mundo de Atlas, sinais de concordância e adesão ao seu grande plano.

Ninguém iria peitar uma guerra contra ela.

Todos concordaram em coroá-la como IMPERATRIZ DE RATION.

***

Alkorius, outra grande metrópole de Ration, seria a sede da Côrte Imperial.

De lá, a agora IMPERATRIZ KRISTAL comandaria tudo.

Mais especificamente, a partir do Palácio que no passado, já havia sediado, o antigo governo local e para alí, o Alferes e o N.#1, foram teletransportados onde verificariam a segurança, antes da Kristal chegar para a coroação.

Foram recebidos pelo zelador e sua família, que no local moravam e tomavam conta.

-Os antigos donos do poder deixaram o palácio logo após a transmissão do pronunciamento. - Disse o zelador. - A maioria, tinha fortes ligações com o Partido Obrero. Não quiseram arriscar a própria segurança e deixaram tudo para trás partindo nos milhares de espaçonaves que deixaram o Mundo de Atlas."

-Antes, os exilados de Ration, escapar da tirania do Partido Obrero. - Disse Fernando Zéca. - Agora, os poderosos querem salvar os próprios pescoços da revolução."

O zelador mostrou ao Alferes, e, ao N.#1, o amplo Palácio.

Equipes de trabalhadores, já preparavam o lugar para a chegada dos novos donos do poder. Tudo parecia em ordem para receber a princesa.

Curioso com as reformas que ali ocorriam, até devido, à experiencia que tinha, com a área de obras de construção civil, o Alferes imprudentemente se aproximou de um dos andaimes onde alguns trabalhos eram feitos, e sem reparar nos grossos cabos de força que estavam pelo chão, tropeçou num deles e caiu.

No chão, ao se levantar, inadvertidamente tocou justamente, no único ponto desencapado que havia no cabo.

Levou outro choque fortíssimo na mesma história tombando desta feita desmaiado.

***

Ficou inconsciente bastante tempo, mas, assim que acordou, seus primeiros pensamentos foram.

-Mesmo em tempos em que, as viagens interestelares são corriqueiras para o homem, as obras de construção civil continuam traiçoeiras e perigosas.

Fernando Zéca Corinthiano abriu os olhos e viu-se deitado na maca de uma enfermaria.

Não estava na F.S.S. GALATRINA01, onde o consultório médico, sob certos aspectos, parecia um açougue...

Ali tudo era arrumadinho, limpo, e equipado com o melhor que a tecnologia tinha a oferecer.

Uma linda enfermeira humana vestindo o uniforme da Frota Estelar, apareceu e se aproximou.

-Olá! Finalmente você acordou! Como se sente? - Perguntou ela.

-Não estou mal. - Pigarreou o Alferes sentindo a voz fraca. - Queria saber onde estou...

-Você está no Centro de tratamento médico de São Francisco.

-São Francisco, California?

-Exato, Tenente. O Senhor foi trazido para cá depois de levar um choque elétrico, no equipamento de uma obra no palácio de Alkorius, Ration.

"No seu prontuário consta que o Imediato da nave sob seu comando informou que num espaço de poucos dias, o senhor, na verdade, tomou dois choques elétricos que o deixaram inconsciente. Este segundo foi mais forte, e te desmaiou mais tempo."

"Já fizemos todos os exames, e o seu quadro é estável."

-Tem razão. - Disse Fernando Zéca Corinthiano. - Tomei dois fortes choques elétricos, e me sinto muito bem, agora. Estou em condições até de apontar um erro seu."

-Ah é?!?! - Indagou ela estupefata. - E o que foi que eu fiz de errado?

-Na verdade eu não sou Tenente. Meu posto é o de Alferes.

-Engano seu, Tenente: O Diretor Sonny Blue, que te trouxe aqui, MANDOU te informar da promoção por relevantes serviços prestados na retomada do Mundo de Atlas.”

“AVISOU que as restrições, impostas ao Senhor pelo robô-médico na nave, foram retiradas pelo Perdão Real concedido aos pacificadores da Retomada de Ration.”

-Perdão Real? Que é isso?

-Uma Anistia concedida para quem lutou ao lado da Imperatris Kristal, pela prática de qualquer crime cometido a bem da União Imperial.

-Imperatris Kristal? Ela já foi coroada?

-Sim, Tenente. Você perdeu a coroação porque ficou inconsciente sob tratamento médico por muito tempo, e irá precisar de mais algum, pois seu corpo ainda precisa se recuperar até voltar ao trabalho para enfrentar o Almirante Quinn.

-Enfrentar o Almirante Quin? O que fiz de errado desta vez?

-Você? Nada! Ele te quer numa corrida de naves espaciais representando a Frota Estelar.

-Corrida de naves espaciais? Estou dentro.

-Pois então vá com calma Tenente, pois você já tem deveres a cumprir.”

“O Almirante te mandou os manuais da nave, os regulamentos e os sistemas de pilotagem, para estudar.”

-Sério? Aonde está tudo isso?

Bem ao lado do leito onde estava deitado o convalescido, a linda enfermeira pegou um tablet branco, ligou-o, e entregou para Zéca.

-Está tudo aí. - Disse ela. - Hoje é Quarta-Feira, e, a corrida é no Sábado.

-Caramba! Mas eu nem testei a espaçonave ainda.

-Tenente! O Almirante Quinn já antecipou que o senhor diria isso.

-Puxa que bom! E o que mais ele disse?

-Ele disse: “TENENTE! SE VIRA!”

Fernando Zéca Corinthiano ficou boquiaberto depois de ouvir a mensagem.

A enfermeira passou a ponta dos dedos no rosto dele dizendo.

-Pois é, novato. Vida de Tenente não é só moleza. Também têm dessas coisas.

“Bem vindo ao clube.”

***

# UMA CORRIDA PARA RESOLVER TODOS OS PROBLEMAS

## 5

**estrelando:**
**TENENTE FERNANDO ZÉCA CORINTHIANO**

Tudo o que o agora Tenente Fernando Zéca Corinthiano precisava na vida para aliviar o estresse, além dos seus cigarros ilegais, era uma corrida para lhe testar os limites.

Nunca fugia desse tipo de desafio, nem que fosse apenas pela sensação de velocidade nas pistas, ou espaço afora.

Outras disputas evitava mas, contanto que não fosse a pé, até por ter perna curta e pouco fôlego, ele correria em qualquer coisa que fosse motorizada ou tivesse rodinhas.

Deste modo logo que recebeu proposta do Almirante Quinn, imediatamente começou a estudar o quanto pôde.

Mesmo em processo de recuperação, se preparou, não só, com informações, mas também com treinos físicos, de modos que, no dia da corrida, já estava ciente do que teria pela frente.

A disputa se daria no Sistema Solar partindo da EARTH SPACE DOCK em direção a Plutão, contornando este planeta e voltando então, em direção a Mercúrio, que também seria contornado de volta em direção a base espacial onde assim como a largada, seria a chegada.

Uma simples disputa, que colocaria à prova, as mais modernas espaçonaves de corrida, num teste de altíssima velocidade, muito exigente e, inclemente, com as habilidades dos diversos pilotos participantes.

O vencedor seria aquele que cumprisse o percurso no menor tempo.

No dia da corrida, foi feita uma reunião entre os pilotos, e depois, cada qual se reuniu com a equipe para os acertos finais. Com Fernando Zéca, não foi diferente.

No seu caso, entretanto, os auxiliares de equipe eram os robôs de aspecto humanoide que costumava levar. Conferiu o serviço de todos, nas diversas partes da espaçonave, confirmando que tudo estava bem.

Batizou a espaçonave com o nome GALATRINA 02 SPORT. Ninguém reclamou

O que todos queriam, era a Frota Estelar participando da corrida.

Assim, depois de ter conferido tudo na nova GALATRINA, o Tenente assumiu o seu lugar na cabine de pilotagem, afivelou os cintos na poltrona, e, com alguns poucos toques nos comandos do painel, ordenou que a espaçonave já fosse posicionada no grid onde aguardou pacientemente a ordem de largada.

Aparentemente, tudo estava em ordem. Não precisava se preocupar

Por via das dúvidas, com as mãos no painel de controle, fez suas orações confiante na espaçonave que tinha a forma de uma ponta de agulha com cem metros de cumprimento e todo o sistema de propulsão e manobrabilidade, na parte inferior, sendo que. na extremidade mais “bicuda”, ficava a cabine, de onde o Tenente pilotava.

A corrida era para a categoria de veículos projetados como “cargueiros espaciais” cujo design era esportivo e atualizado valorizando bom desempenho, e espaço adequado para equipar armamentos pesados.

Esta competição era muito popular, em milhares de planetas densamente povoados.

O Tenente Zéca estaria representando a Frota Estelar e não queria fazer papelão. Conseguisse alcançar a meta e terminar a corrida, já estaria satisfeito.

Claro que brigaria o quanto pudesse, mas, sabia que, em toda corrida envolviam-se bilhões de variáveis, em que, a maioria conspirava contra a sorte dos pilotos.

Por isso também, durante suas orações, já estava pedindo sucesso para si e para os concorrentes, e continuou assim até que veio o esperado momento...

Começou com uma tradicional contagem regressiva... E... No zero...

Todo mundo acelerou.

Como sempre fazia na largada, Zéca foi aumentando a aceleração rápida e consistentemente, de modo a garantir estabilidade e o funcionamento do motor.

Algumas espaçonaves saltaram adiante, mas, sua vantagem era pequena, considerando que a disputa ainda estava no começo.

Mais concentrado, o Tenente verificou os números nos painéis e constatou que quase tudo estava ok... Quase tudo.

Havia uma oscilação gravitacional puxando a espaçonave para fora do curso.

No começo, o desvio era pequeno, mas com o avançar do tempo, foi se acentuando a tal ponto que, Fernando Zéca já não conseguia manter a trajetória desejada.

Avaliou outros sistemas, mas, não encontrou problema algum na espaçonave.

Impossibilitado de exercer o controle conforme queria, desacelerou levemente para ver se estabilizava o curso. E nem assim, a situação melhorou.

Tentou então, o contrário: Acelerou tudo o que podia.

O motor rugiu nos seus ouvidos, mas o problema só piorou.

O desvio agora fora tanto, que, já não estava mais no caminho correto da corrida.

Tentou desacelerar, mas, aí os motores não responderam mais.

Sua espaçonave, agora, além de fora de rota, estava totalmente sem controle.

A GALATRINA 02 SPORT já começava mal a corrida e as coisas só pareciam piorar.

Totalmente fora de controle, só restou ao Tenente, pedir socorro.

Porém, nem mesmo os sistemas de comunicação funcionaram, assim, seu anseio por ajuda urgente, também não seria atendido.

Zéca deu alguns socos no painel, mesmo assim, as notícias continuavam ruins. Definitivamente, agora a corrida já era.

A preocupação no momento, seria salvar a própria vida.

Entretanto, nenhum controle da nave respondia seus comandos.

Sabe-se lá de que buraco escondido no painel de controle, Fernando Zéca sacou um de seus famigerados charutos e o acendeu. Se fosse morrer, que fosse fumando...

***

Olhando para o espaço sideral, mostrado nas amplas janelas da cabine e nos monitores de controle, Fernando Zéca começou a perceber uma sutil mudança nas cores do negrume cósmico.

Sua visão apurada de piloto percebeu pequenas alterações no preto, que começou a ficar um pouco mais azulado.

E foi clareando...

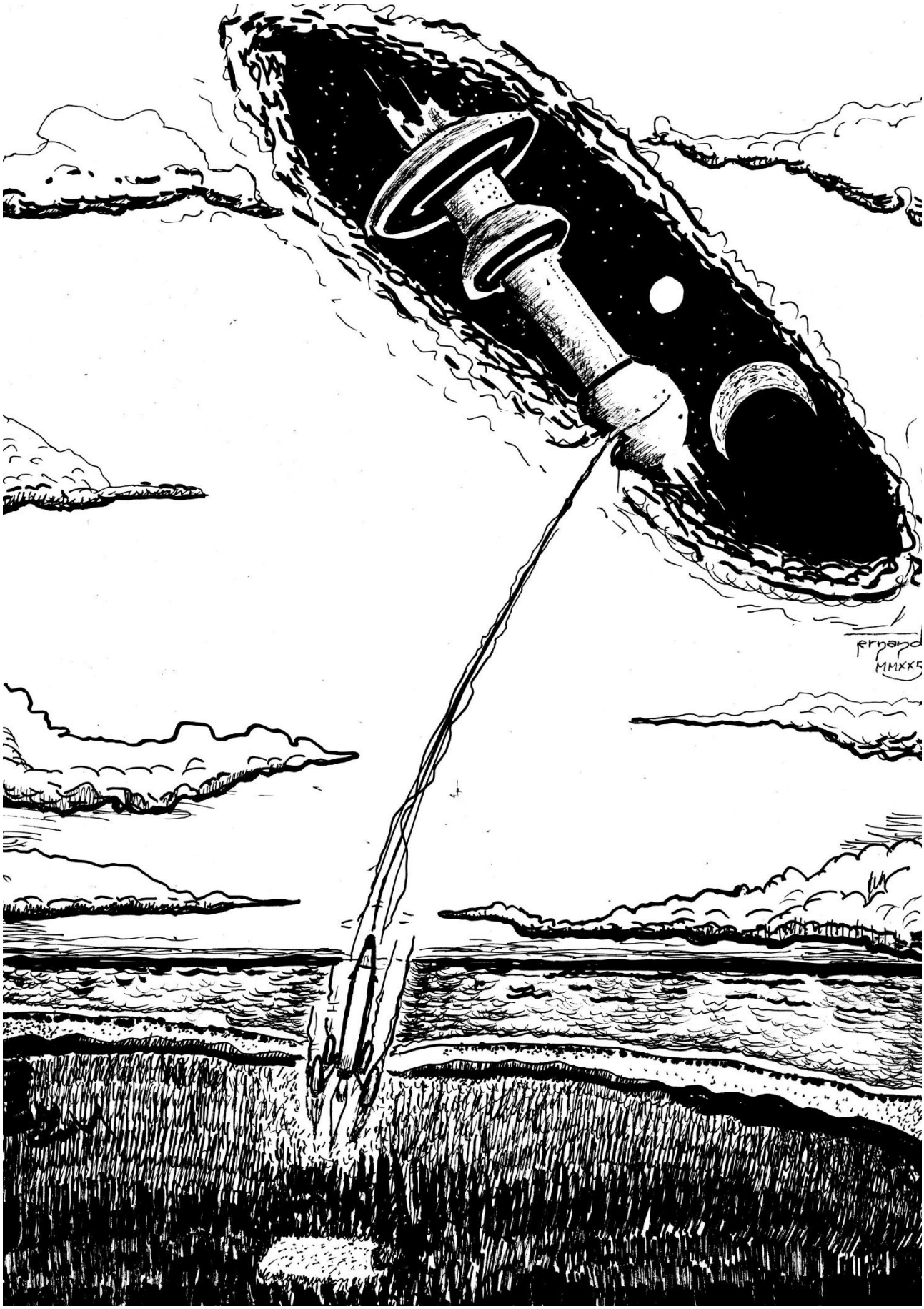
O Tenente supôs que a espaçonave estivesse caíndo de volta para o planeta Terra, daí, a razão da mudança de cores no entorno. E de fato, era isso mesmo que ocorria.

A GALATRINA02 SPORT rasgava os céus em alta velocidade, perdendo força enquanto fazia um arco em direção ao chão, chegando até, a passar pelo centro de uma formação de nuvens muito similar a um perfeito círculo branco com aproximadamente setenta quilômetros de diâmetro, em cujo interior, a coloração azul da atmosfera, era pouco mais intensa do que fora do imenso anel branco.

Passada a esquisitíssima nuvem a espaçonave aproximou-se mais rápida em direção ao solo.

Tenente Zéca mesmo chapado com tanto fumo na cabeça e nos pulmões, ainda, esperançosamente seguia brigando com os controles, enquanto não parava de rezar.

Num derradeiro movimento, quando suas últimas esperanças já se precipitavam velozmente para o chão duro, o Tenente bateu com força no painel de controle, e este imediatamente obedeceu aos comandos como se nenhum problema tivesse ocorrido.




Desesperado, com rápidos movimentos, o Tenente acionou os retrofoguetes, que, levaram alguns segundos para funcionar, se estabilizar, e mais outros tantos, para finalmente operarem a plena potência.

Só então, a velocidade da GALATRINA 02 SPORT rumo ao chão diminuiu drasticamente.

Finalmente, com tudo sob controle, a espaçonave aproximou-se lentamente do solo enquanto, da sua parte inferior, abriram-se quatro compartimentos, de onde desdobraram-se para fora do casco, colunas de sustentação amortecendo o pouso com suavidade e profissionalismo.

***

O visual ali era o de uma típica de uma ilha tropical sob um belíssimo céu azul onde as nuvens se juntavam formava imenso círculo branco nos céus.

Na cabine de pilotagem, Fernando Zéca tentava estabelecer contato com alguém, mas, não obtinha resposta alguma.

Tudo agora funcionava bem; menos a cabine de teletransporte e o maldito sistema de comunicações que, estavam completamente inúteis.

Ao que tudo indicava teria que sair para procurar auxílio.

E assim o fêz deixando a espaçonave pousada, enquanto ia passear.

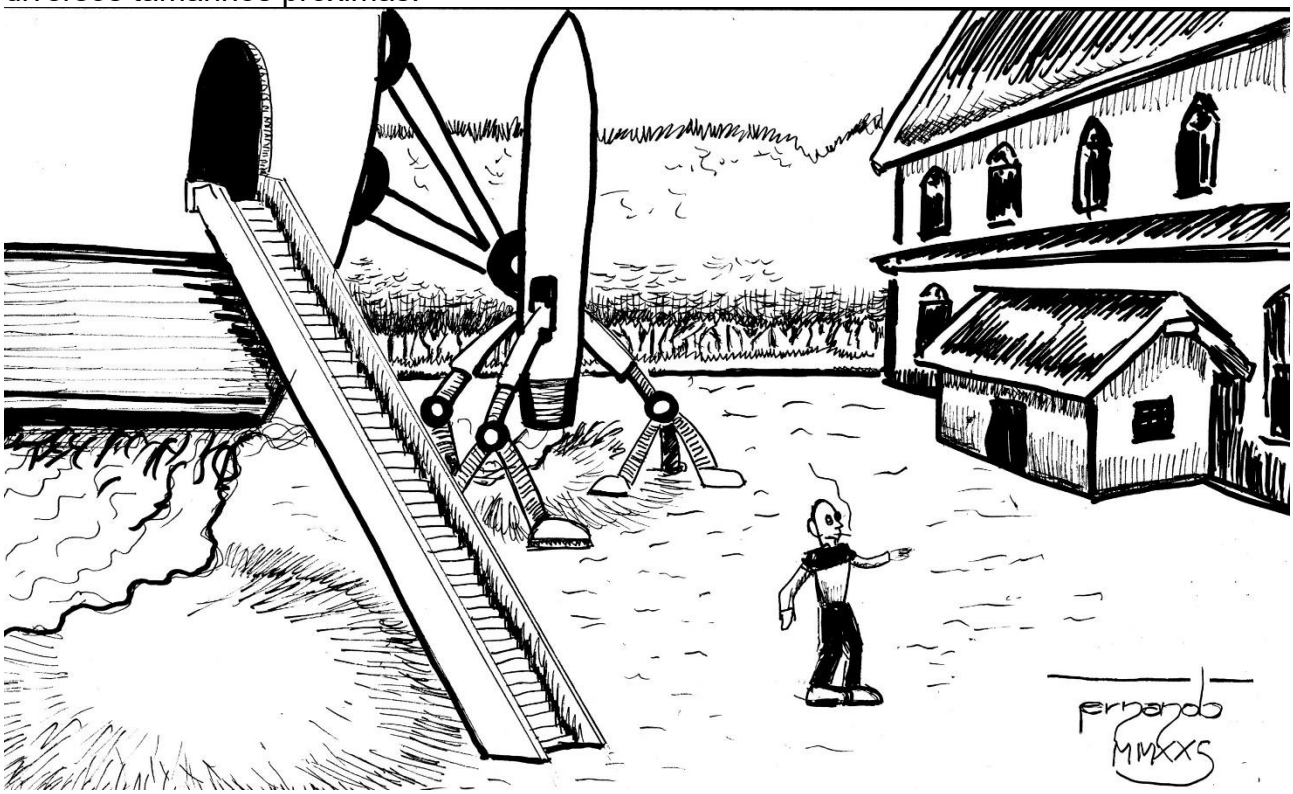
Grande parte do sucesso do seu pouso perfeito naquele quadrado do tamanho de um campo de futebol, não se deveu à sua extrema perícia, mas sim à sorte.

Um grau a mais, ou, a menos de inclinação na sua queda quase descontrolada, lá do espaço e poderia ter caído no meio da floresta densa e assustadora.

Aí então, a essas alturas, a GALATRINA02 SPORT não estaria de pé, como um dos velhos e antigos foguetes, antes de decolar.

O Tenente ajeitou seus tradicionais óculos escuros e vasculhou a área ao redor não percebendo nenhum movimento pelas matas.

Avançou então até construções existentes ao redor da área pavimentada onde pousara. Tudo estava abandonado e tomado pelo mato incluindo ainda outras casas de diversos tamanhos próximas.




Fernando Zéca aproximou-se da entrada de uma destas e abriu a porta.

Ali dentro, apesar da escuridão, e calor, deparou-se com um ambiente relativamente

bem conservado, justamente porque ficara fechado.

Na parede haviam interruptores. Testou-os, e para sua surpresa, funcionaram.

Com a luz, viu que estava em um escritório antigo com equipamento conservado, mas que na verdade, aparentava ter sido produzido lá pelos meados do Século XX.

Testou um telefone daqueles de disco com buracos e números, mas, neste, não havia som de linha.

Continuou verificando tudo alí vendo que, daquele cômodo, saia um corredor cinza, com paredes de blocos de concreto.

Como este também se encontrava iluminado, Fernando Zéca avançou por ali, agora, com sua pistola phaser em punho. Podia até ser uma atitude hostil, mas, era prudente.

Ao final o corredor virava para a direita onde havia uma escadaria descendo para o subsolo. Ali Fernando Zéca acendeu outro interruptor de luz, que também funcionou, iluminando outro longo corredor.

O Tenente avançou por este também, até chegar a mais uma escada, que desceu.

De-repente sentiu um breve tremor ao redor...

O silencio, entretanto, voltou a reinar, como se nada tivesse ocorrido.

Pensou em voltar todo o caminho para trás, mas, sua curiosidade era maior e seguiu adiante, até chegar a outra escadaria, que descia ainda mais profundamente no subsolo.

Seguiu avançando, mas sempre verificando se as estruturas ao redor eram sólidas.

Não haviam rachaduras ao redor, mesmo depois do tremor, então, sentia-se até mais seguro ali embaixo, do que, alguns metros acima, na casa semiabandonada.

Mais adiante deparou-se com um grande salão escuro, em cujo centro, havia uma espécie de poço de brilho esverdeado e pulsante.

Olhando-o, Fernando Zéca percebeu que ali uma energia tentava transbordar para fora do poço, que, a todo instante, como a lava de um vulcão, descia e subia até a boca quase prestes a explodir. De qualquer modo, naquela câmara, não enxergava muito com a iluminação do jeito que estava.

Só mesmo o que estava próximo do poço, cuja energia pulsante irradiava uma luz que iluminava pouca coisa na parte de fora. Numa das paredes, Zéca enxergou um interruptor. Era diferente dos que havia utilizado até então.

Foi na direção dele e tropeçou na escuridão em algo com que topou fortemente na canela, quase quebrando-a.

Claro que o Tenente não se privou de soltar seus costumeiros palavrões reservados para estas ocasiões:

-Puta merda! Caralho! Filha da puta!

Teve até que parar para se recuperar da dor, não perdendo a oportunidade de acender um de seus famigerados e fedorentos charutos.

Depois de furiosas tragadas, sentiu-se melhor para caminhar e, com mais cuidado, avançou na direção do tal interruptor, que na verdade lembrava mais um disjuntor, e, sem pestanejar, mudou a sua posição

Se o desprecavido Tenente achou que iria acender alguma luz, dessa vez, se enganou, porque o efeito foi justamente o contrário.

Logo que mexeu no botão, ouviu mecanismos em movimento, mas, não era capaz de dizer o que significavam aqueles sons.

A pulsação dentro do poço sumiu e dali, de um instante para outro, não saiu mais luz alguma.

Fernando Zéca ajustou a lente dos seus óculos para enxergar na escuridão.

Claro que não estava feliz, por conta do erro de cálculo em querer acender uma luz e acabar fazendo outra coisa totalmente diferente. Situação que, além de deixá-lo nervoso praguejando, o fazia fumar mais vorazmente que uma chaminé velha da revolução industrial.

-Raios e trovões multiplos. Maldição! O que será que eu liguei agora?

“Aonde está o maldito manual de instruções que explica isso aqui???”

A barulheira ao redor indicava que coisas pesadas estavam se movendo e se batendo... O que seria?

Impossível saber no meio da escuridão.

O Tenente finalmente conseguiu localizar um interruptor igual aos que, antes acenderam luzes. Aquele sim, tinha certeza que iluminaria seu caminho.

Acionou-o e, de fato, as luzes ao seu redor se acenderam, mostrando não só o ambiente ao redor, mas ainda, uma mulher lindíssima, alta, ruiva e muito. Mas muito gostosona mesmo!

Tenente Zéca Corinthiano arregalou os olhos diante da beldade, deu furiosas tragadas no seu charuto, e só conseguiu, exclamar:

-KARAKA, MANO! Karamba y Karambyta.

“Que obra de Arte!”

***

# A PRISIONEIRA

## 6

2367

Com o fim do verão pesado e a temperatura mais amena, Elizabeth Bondmader ficava à vontade até para caminhar nas horas de folga.

Não seguia uma rotina fixa, mas, nos momentos que pretendia relaxar dos problemas, visitava algumas lojas físicas, para se inteirar das novidades.

Nessas horas levava apenas a mochila, com algumas de suas “ferramentas” e o comunicador, já pronto na mão para atender qualquer ligação, pois nunca sabia quando os problemas do Serviço Secreto da Federação iriam chamá-la de volta ao trabalho.

Mesmo estando sempre preparada, quando entrava nos super-magazines da Disney, se perdia no tempo e no espaço daquele imenso mar de coisinhas infantis e frívolas que a deixavam feliz. Algumas vezes, passava horas olhando a loja inteira, para no fim sair apenas com um par de meias comprado.

Eventualmente, bastava uma breve inspeção nas vitrines, mesmo da rua, que ela já se desconcentrava por breves instantes.

Seu personagem favorito era o Pato Donald. Um verdadeiro tipinho.

Cada vez que o via, em qualquer situação que fosse, sempre perdia a concentração.

Mas... Saía feliz.

E casualmente, após passar em frente a um dos magazines da loja que mais gostava, do nada foi surpreendida com o sujeito que lhe lançou uma armadilha da qual não teve como escapar.

Problema sem remédio, solucionado está.

No instante que percebeu que não conseguiria evadir-se da peça que o Destino havia lhe pregado, Elizabeth Bondmader acionou o PROTOCOLO FAÇA MEU TRABALHO e a armadura quântica que vestia por baixo da roupa.

***

A armadura quântica era apenas mais um dos tantos dispositivos de autodefesa desenvolvidos nos laboratórios do E.Y.E. (Serviço Secreto da Federação).

Numa fração de segundo, antes mesmo que o teletransporte tivesse iniciado, esta defesa já funcionava e protegia Bete.

Era como uma segunda pele de cor violeta e prata que envolvia todo seu corpo,

protegendo-a de ataques até mesmo provenientes de armas phaser.

Mesmo seus cabelos ruivos, com aquela vestimenta, pareciam recobertos por uma película que dava nestes um brilho peculiar escarlate.

O rosto também era protegido pela armadura, que aí funcionava também como uma máscara escondendo suas verdadeiras feições.

O aspecto surreal ainda incorporava um óculo de lentes grandes e brilhantes.

Com essa aparência, Elizabeth Bondmader chegou ao local em que seus captores a queriam teletransportada. Totalmente diferente, entretanto, daquela que eles esperavam.

Para maior INfelicidade, de seus sequestradores, nossa protagonista favorita já chegou armada com sua famigerada espada divisora de ráios que estivera encolhida na bolsa de cacarecos femininos, até a tentativa de sequestro.

E para completar o poder bélico de tão poderoso arsenal, havia ainda a mais temível arma do pacote: a quase infinita disposição que Bete tinha para brigar quando agredida.

Mal terminou o teletransporte que a tirou de seu passeio, sequestrando-a para lugar desconhecido, Bete viu dois raios paralisantes avançando na sua direção.

Tudo acontecia muito rapidamente, mas, os preparadíssimos reflexos da Bete reagiam numa velocidade que, o ataque que ela sofria, parecia se dar em câmera lenta.

Ademais, ela antecipara a possibilidade dos seus captores usarem alguma arma paralisante para tonteá-la e não queria servir de alvo para quem a aguardava.

Enquanto os raios paralisantes aparentavam na mente de Bete, avançar contra si em câmera lenta, ela respondeu com velocidade estonteante, dando um acrobático salto mortal, que justamente a tirou da linha de tiro em que seria alvejada.

No meio da esperta e habilidosa peripécia, numa mínima fração de segundo, durante movimento com a cabeça, ela vislumbrou os atiradores, mais algumas outras pessoas que haviam ali, e avaliou o espaço disponível no recinto aonde chegara.

No instante seguinte, já estava agachada no chão, tendo atingido um dos atiradores com corte mortal da sua espada assassina.

Num rápido salto, levantou-se e dando poderosa estocada, atingiu o outro atirador, que morreu instantaneamente.

Das pessoas restantes, duas ainda tentaram dar tiros na direção de Elizabeth que tranquilamente se protegeu, e, contra estes atiradores, moveu ataque mortífero, enquanto outras duas agressoras, associadas aos sequestradores, fugiam para fora da sala através de uma porta antes aberta, que foi fechada logo em seguida.

As fugitivas eram duas mulheres.Elizabeth Bondmader já havia gravado seus rostos.

Eram romulanas, assim como também eram os tipos que acabara de eliminar.

Calmamente, depois de matar outros dois atiradores, ela se dirigiu à porta do recinto, que, na verdade era uma requintada câmara de torturas.

Foi abri-la, mas, esta se encontrava trancada.

Sem perda de tempo, tirou de um dos bolsos de sua nova roupa colada e justa, uma espécie de massinha, que moldou em formato cilindrico e grudou ao redor da fechadura.

Ajustou sobre aquele amontoado que produzira, um pequeno dispositivo preto onde havia um botãozinho que apertou em seguida, destruindo num estouro, tudo ao redor da massa juntamente com a fechadura onde fora aplicada.

Assim, a porta, se abriu sem maiores problemas.

Elizabeth Bondmader avançou através dela, e, mal se viu no corredor, já foi recebida a tiros.

Sua armadura absorveu os impactos enquanto ela avançava irredutível em direção aos atiradores que desta vez eram quatro.

De um cinto preso à sua armadura, Bete sacou duas esferas prateadas, que arremessou contra os atacantes.

Uma vez perto deles, estas explodiram lançando gotas prateadas para todos os lados que abriam buracos de quatro a cinco centímetros no que tocassem, não deixando escapar vivo nenhum dos agressores romulanos.

Assim, com os atiradores neutralizados, Elizabeth continuou seu avanço pelos corredores onde passava.

Ouviu gritaria mais adiante e seguiu na direção desta, encontrando mais gente.

Dessa vez, as duas mulheres, que agora estavam apavoradas.

De fato Elizabeth com aquela armadura, depois de ter eliminado violentamente as ameaças mortíferas que sofreu, parecia uma musa da morte querendo levar mais cadáveres para o inferno.

As três se encontravam numa sala com paredes de vidro que mostravam a cidade lá fora.

Num relance de olhos, Elizabeth percebeu que ainda estava em São Francisco, e não só isso: Deu-se conta até mesmo, do endereço em que se encontrava.

Na famosa “embaixada romulana” que na verdade, não era Embaixada de verdade e sim, um escritório onde o Serviço Secreto da Federação já desconfiava haverem agentes do Tal Shiar envolvidos em atividades de espionagem, mas que, por não terem sido obtidas provas de tais operações, nenhuma ação contra o local foi efetuada.

Agora Elizabeth iria de uma vez por todas acabar com aquela palhaçada.

Livraria o Estado da California de mais um de seus antros de ratos traidores.

Assim, brandiu a espada preparando-se para decapitar as duas romulanas a sua frente, mas, percebeu que uma delas já havia travado em si o teletransporte.

Antes que fosse mandada para outro lugar, Elizabeth utilizou seus dons telepáticos para sondar a mente da romulana mais velha.

Justamente a que estava controlando o teletransporte, fazendo com esta, ainda que à distância, em pouquíssimos segundos, um poderosíssimo elo mental.

Deste modo, teve tempo de antecipar mais duas ações, antes que fosse teletransportada novamente, sem poder assim, concluir seu intento mais desejado:

Eliminar a dupla de espiãs.

***

## VERKLA STRUNDSKY

## 2197

Verkla Strunkdsky, não precisou se sacrificar para alcançar a posição de comando que exercia dentro do cubo borg capturado pelos romulanos, onde naquele instante, ainda eram realizadas pesquisas de engenharia reversa, que eventualmente pudessem revelar

os segredos das tecnologias ali contidas.

Na verdade, ela sacrificou os outros, traindo, seus familiares, amigos, colegas de estudo e de trabalho.

Não poupou sequer gatos, cachorros e passarinhos, que de qualquer modo perturbassem o caminho que traçara aos seus objetivos

Tudo para provar ao deep state romulano que ela poderia ser uma fiel servidora do Império, colocando em primeiro lugar, a sobrevivência deste, acima mesmo da dos seus familiares, e, em última instância, até a sua própria.

Seu verdadeiro compromisso, seria com o Império Romulano, já nessa época, afamado por não respeitar nenhuma soberania ou direito além dos seus próprios.

Dentro daquele cubo borg, ela tinha um posto de comando que abrangia diversas áreas, mas, foi na de inspeção de documentos e passaportes dos viajantes e colaboradores que visitavam o cubo onde ela teve a experiência mais marcante da sua vida.

Ela era uma jovem romulana, bem-posicionada na hierarquia de comando do Tal Shiar, entretano, ainda muito dominada pelos próprios hormônios que ainda fervilhavam.

Sedenta por sexo, não se contentava com a velharada romulana que trabalhava no cubo, um tanto capenga e, às vezes até desVIADA, com jovens, inexperientes e ainda mal dotados.

Finalmente Verlka encontrou a tão ansiada saciedade sexual, no dia em que ela e mais duas colegas de trabalho obrigaram Sonny Blue a uma visita em seu escritório antes de deixar o cubo.

As meninas, notando que ele era proprietário de um membro colossalmente avantajado, impediram-no de partir até lhe fazer uma “vistoria completa”.

Sonny Blue não decepcionou as garotas romulanas, tendo na verdade, lhes proporcionado, uma experiência marcante que elas levariam para o resto da vida.

Qualquer que fosse a milhagem anterior das meninas no tangente ao sexo, com o audacioso agente do Serviço Secreto da Federação (E.Y.E.), a experiência sempre era de ampliação dos próprios limites, já que ele alargava passagens nas garotas, que elas levariam um mês para verem novamente retornar ao tamanho normal.

A própria Verlka levou sessenta dias até voltar a andar e fazer suas necessidades normalmente. Mas ela adorou.

A experiência foi ainda mais inesquecível, porquê, logo após a partida de Sonny Blue, o cubo Borg enfrentou problemas misteriosos que o inutilizaram de tal maneira que este terminou abandonado pelos romulanos antes da sua destruição final.

***

**MORAL DA HISTÓRIA: AMOR DE PICA, FICA**.

Verlka não desistiu de reencontrar Sonny Blue.

Até porquê, desconfiava que ele tivesse algo a ver com o misterioso fim do cubo borg, onde trabalhou.

Com o passar do tempo, conforme ela evoluiu na cadeia de comando do Império, apertou o serviço secreto Romulano Tal Shiar, e tantos outros direta, ou indiretamente conectados, para encontrarem uma pista que a levasse logo até Sonny Blue.

E os rastros, de fato apareciam, só para confirmar, algo que ela já desconfiava: que aquele amante inesquecível, de fato, devia ser um agente secreto da Federação dos Planetas Unidos.

Ele sempre aparecia misteriosamente, nas ocorrências inexplicáveis, que no fim, beneficiassem a Federação, ou eventualmente, prejudicassem seus inimigos.

Ele e uma humana ruiva.

Sem muito o que fazer, Verlka deixou o tempo avançar e seguiu com sua vida.

Graças à sua beleza, acabou se casando com um escritor milionário, que era bom marido, mas, não a satisfazia na cama, já que, comparada à piroca de Sonny Blue, a do velho endinheirado parecia com uma minhoquinha velha e molenga.

Ainda assim ele lhe deu uma filha, Isvrelka, que cresceu igual à mãe no temperamento, tendo até mesmo, se alistado, nas fileiras do serviço secreto, para a prestação de serviços ao Império.

Tempos depois, o velho foi se tornando um empecilho às duas, que já estavam cansadas dele e queriam logo sua grana.

Sem qualquer remorso, as duas planejaram um acidente onde deram cabo dele, assim herdando toda sua fortuna. A velha Verlka entretanto, não queria só isso.

Pacientemente, com o passar das décadas, ela continuou colhendo informações esparsas até que em 2367, os agentes do seu bureau de espionagem, uma espécie de divisão não oficial que, o próprio Serviço Secreto da Federação, por conta das atividades suspeitas ali em curso, já alcunhara como “embaixada romulana”, lhe deram pistas da mulher que por diversas vezes, acompanhara Sonny Blue em locais onde fatos estranhos se sucederam.

Sem saber direito no que estava se metendo, a agora velha, mas não menos perigosa e astuta Verlka, planejou a operação de sequestro, em que, seus agentes raptaram uma pessoa, cuja expectativa, era a de lhes fornecer muitas informações sobre Sonny Blue e a agência de espionagem para a qual ele trabalhava.

E mais uma vez o planejamento e as táticas romulanas foram bem executadas, mas, não terminaram exatamente conforme o planejado...

***

A misteriosa mulher ruiva, chegou matando todo mundo e colocou Verlka e sua filha para correr deixando que a inesperada e mortífera ameaça fosse enfrentada por agentes qualificados.

Sem mesmo ficar para ver o resultado da briga, as duas correram para uma sala ao lado onde estavam outros agentes armados.

-Temos problemas. - Disse Verlka para os romulanos ali na área. - Se ela escapar, detenham-na.

As duas deixaram o corredor enquanto quatro atiradores se prepararam para enfrentar o que quer que saísse de dentro da sala em que a sequestrada fora trazida.

Se posicionaram para ver o que aconteceria.

Não tiveram agradável surpresa, pois a misteriosa mulher ruiva saiu enfrentando com sucesso até mesmo os atiradores preparados para matá-la.

-Vamos. - Disse Verlka para sua filha. - Temos que nos livrar dessa coisa.

Por um caminho tortuoso, as duas correram até chegar a uma sala onde havia um console de controles de teletransporte.

Sem perda de tempo, Verlka, lançou ali, uma série de coordenadas e acionou o equipamento.

Foi então que a misteriosa mulher ruiva apareceu naquela sala.

A passos largos e decididos ela avançou na direção de mãe e filha.

Verlka, acabara de preparar o teletransporte e, após travá-lo na ameaça que certamente lhe tiraria a vida, ligou-o, assim no último e derradeiro segundo, despachando para longe o perigo iminente.

Entretanto, a romulana, um momento antes, olhou diretamente para os óculos vermelhos da misteriosa ameaça ruiva.

Foi nesse instante que, em poucos segundos, com um simples olhar, todos seus segredos interiores foram violentamente invadidos, assaltados e vasculhados por um poderoso elo mental que lhe deixaria, marcas ainda mais profundas que as de Sonny Blue.

***

## O POÇO DE ANTIMATÉRIA ROMULANO

Verlka dobrou os joelhos, com os olhos arregalados e a boca escancarada.

-O que está havendo? Para onde você a mandou? - Perguntou Isvrelka assustada.

-Eu a mandei para o poço de antimatéria.

-Aquele que o Tal Shiar utiliza para se livrar de pistas e provas provenientes dos trabalhos das agências de serviço secreto aqui na Terra?

-S-s-sim...

-Você mandou para o que está na ilha móvel?

-S-s-sim. A ilha móvel voltou para essa dimensão e deve ficar por aí, durante mais alguns dias. Talvez menos." - Respondeu a velha romulana agoniada.

-Então ela está liquidada. Nada resiste ao poço de Anti matéria.

Verlka tentava dizer ainda alguma coisa...

As palavras não lhe vinham.

Isvrelka, por sua vez, continuou:

-Ela jamais sobreviveria naquele poço. Ademais aquela ilha não vai ficar lá por muito tempo. Não demora partirá para outra viagem, no tempo ou no espaço, talvez até... Fora da nossa dimensão... Em outro universo.

Verlka pegou no braço da filha dizendo:

-Ela está viva! Eu posso sentir.

-Então você não a teletransportou para o Poço de antimatéria...

-Ela está lá sim. Mas está viva.

-Como sabe?

-Eu a sinto aqui. - Disse Verlka, apontando com o indicador, para a sua cabeça. - A bruxa está aqui dentro e sabe tudo o que eu sei... Ela vai comer o meu cérebro, como um verme... Estou sentindo. Doi muito."

-Você está estressada! Essa agitação te fez mal.

Verlka começou a chorar, contorcendo-se em lamúrias...

-Ela vai me matar. Eu vejo corvos do amanhã esperando o meu cadáver putrefato.

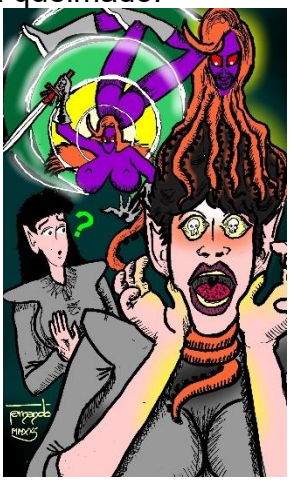
Isvrelka ficou tensa.

Nunca vira sua mãe num estado tão deprimente e fragilizado.

Teria a velha Verlka ficado louca? Caberia tomar alguma medida naquele momento?

Talvez, tirar do Estado Imperial Romulano, o peso de cuidar de alguém que já não podia servir mais com o seu melhor empenho.

De qualquer forma, Isvrelka acreditava que, entre todos os males, o pior fora resolvido, seja: a misteriosa mulher ruiva ameaçadora estava liquidada no poço de antimatéria, onde lixo romulano era queimado.



***

O elo mental que ligou Verlka e Elizabeth Bondmader, era uma conexão de via única onde, só uma parte se beneficiava do conhecimento da outra.

No caso, Bete sabia tudo sobre Verlka e esta, quase nada daquela que passou a chamar de bruxa.

Assim que foi estabelecida tal ligação telepática, Elizabeth soube qual seria seu destino, e não teve tempo para mais nada pois no instante seguinte, o teletransporte a levou para o temível poço de antimatéria.

Para sua sorte, o campo energético da armadura a protegeu, mas, o azar é que este não poderia ser desligado enquanto o poço funcionasse com Bete no seu interior.

Ela mesma, teria que esperar, pois, mesmo com seus poderes telecinéticos, não teria precisão necessária para controlar meios que a salvassem daquela prisão.

Curiosamente, era O TEMPO, o fator que Elizabeth tinha transcorrendo a seu favor.

***

A cor da anti-matéria produzida artificalmente pelo poço romulano era um verde claro simplesmente horroroso, dificil até de olhar.

Ao redor desta coisa de tom berrante, circundava um poderoso campo energético, que não deixava seu conteúdo entrar em contato com o exterior cuja combinação causaria estrago de proporções incalculáveis.

Mesmo protegida pelo campo de energia gerado por sua armadura, Bete não tinha como desviar o olhar daquela cor desagradável que o envolvia.

Daí, fechou os olhos e deixou a mente se expandir para além do próprio corpo, e depois, forçou-a para fora do campo de força. Com mais esforço ainda, seus poderes mentais, transpuseram a antimatéria horripilante verde que a embalava num campo energético perturbador.

Além do poço romulano, Elizabeth telepaticamente percebeu que era mantida prisioneira numa casa abandonada, em cujo entorno havia densa floresta com vida selvagem repleta de criaturas misteriosas...

Ampliando mais ainda, a compreensão do que  a envolvia, deu-se conta de que tudo isso, era parte de uma ilha ensolarada e paradisíaca.

Um local de paisagem agradável e veranil, que não estava sujeito aos ditames do tempo, tão pouco preso a uma coordenada específica.

Ali, o tempo corria de modo diferente, eventualmente, sobrepondo passado, presente, futuro e ainda, planos dimensionais paralelos ao universo. Tudo num só lugar.

Naquela ilha perdida no meio de um oceano, o ciclo de ondas das eras vinha ou voltava de diversas direções como se ali fosse um cruzamento interdimensional.

E agora, a sua presença dentro do poço de antimatéria romulano, exigia deste equipamento, um esforço superior ao que fora projetado para resistir.

Essa nova situação forçava o equipamento, a liberar periodicamente, emanações energéticas que em toda ilha, se traduziam em terremotos.

Isolada naquela gaiola de energias que poderiam causar uma destruição colossal, Bete tomou ciência de mais um fato: dentre as várias ondas temporais que sobre a ilha se intercalavam, a sua, aquela de onde viera, avançava para o futuro em velocidade fora do comum.

Cada minuto que passava presa naquela situação, poderia equivaler a semanas, meses, ou anos, que perdia do seu tempo. Quando saísse dali viva, todos os seus conhecidos estariam já idosos, ou mesmo, mortos.

Insistiu nas explorações que conseguia fazer graças a seus poderes telecinéticos..

Mas naquela posição, envolta por antimatéria, o controle dos seus talentos era impreciso e inseguro.

Sem alternativas, mesmo assim, à distância, ela tentou manipular três veículos voadores, com seus poderes telecinéticos, sendo que, só num caso, a sorte, lhe sorriu.

Um piloto que não se atrapalhou tanto, com sua interferência nos controles, conseguiu com sucesso, pousar inteira e em segurança a própria espaçonave, bem perto de onde se encontrava.

Como se fosse conduzido pelas mãos do destino, o sujeito avançou para dentro da casa onde ela estava, até chegar ao poço de antimatéria romulano, que por engano, acabou desligando, quando só queria acender as luzes.

***

Assim que Elizabeth Bondmader viu que o poço de antimatéria foi desligado e, o caminho para fora estava livre, deu um salto acrobático saindo dali de dentro, numa fração de segundo.

Em seguida, desligou a armadura e o campo de força que a protegeram, voltando a exibir novamente, sua beleza extraordinária, coisa que, impressionou até mesmo o seu salvador.

-KARAKA, MANO! Karamba y Karambyta.

“Que obra de Arte!”

***

-A Senhorita toma conta daqui? - Perguntou Fernando Zéca. - Me desculpe se eu desliguei algo que não devia.

-Você me salvou a vida. - Disse ela, dando um abraço e tascando em seguida, um beijo no nosso heroico Tenente.

-Salvei sua vida???? - Indagou Fernando Zéca surpreso com aquela beldade beijando-o espontaneamente. - Pois então, deixa eu ver se você está realmente bem.

Com sua abusada cara de pau, o Tenente já a abraçou, apertou, e sem cerimônia nenhuma beijou-a na boca. Elizabeth não resistiu nem se fez de rogada. Estava aliviada.

Se não estava sendo resgatada pelo príncipe encantado das lindas fábulas, pelo menos, estava salva, e isso, era o que importava.

Ademais, aquele tipo careca, e barrigudo, tinha algo que lhe era remotamente familiar: a voz e a aparência.

De algum lugar lá no fundo de suas memórias, aquela figurinha lhe era conhecida.

Enquanto não lembrasse de onde, deixaria que ele tirasse algum proveito, afinal, além de atrevido e cara de pau, aquele simpático baixote, raramente deveria ter na vida, oportunidade de pegar mulheres tão esplendorosas como ela.

E de fato, o Tenente Fernando Zéca Corinthiano mal sabia a sorte que estava tendo...

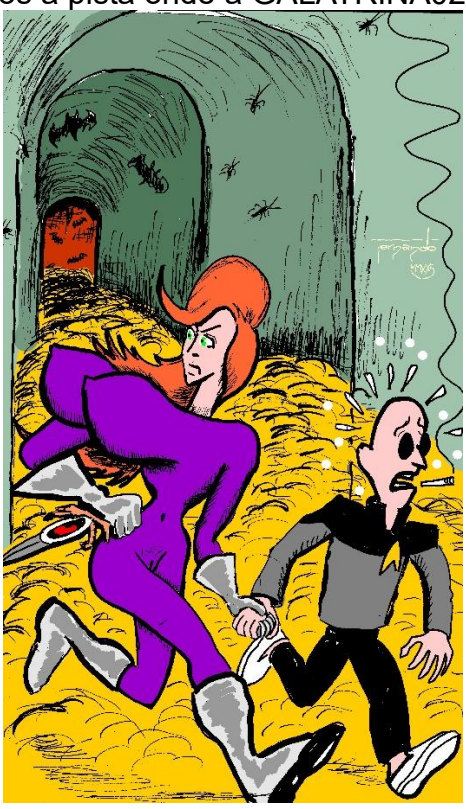
***

## A ILHA DA FANTASIA

O lugar onde estavam começou a esquentar.

-Seria bom se saíssemos daqui. - Sugeriu Fernando. - A temperatura está subindo rápido.

Sem perda de tempo, os dois seguiram para fora dali rápida e silenciosamente até o exterior das casas, já próximos à pista onde a GALATRINA02 SPORT estava pousada.



Neste meio tempo Fernando Zéca Corinthiano, tentava lembrar onde já vira antes o rosto daquela lindíssima ruiva... E como já estava íntimo dela, perguntou:

-Por-quê você disse que eu salvei sua vida?

-Porque eu estava presa naquele lugar de onde você me salvou. - Ela respondeu.

Fernando Zéca fez cara de interrogação.

-Mas o que era feito ali?

-Naquele local, os romulanos destroem pistas e evidências do seu trabalho sujo de espionagem na Terra.

-Espionagem romulana na Terra? - Indagou Fernando Zéca. - Mas Romulus não foi destruído em 2387? Esses caras ainda estão por aí???

-2387? - Indagou Elizabeth. - Destruição de Romulus?? Mas em que ano estamos?

Fernando Zéca ficou em dúvida, se havia interpretado bem a pergunta. Por isso só para confirmar, indagou:

-Se refere ao calendário, certo?

-Sim. Que ano estamos?

-2407.

Elizabeth Bondmader olhou para o Tenente a sua frente.

Ela sabia que na ilha, durante o período em que estivera presa no poço de antimatéria, o próprio tempo transcorrera de modo distinto, mas, não esperava que a disparidade temporal pela qual passara, fosse assim tão acentuada.

Pelo seu relógio pessoal, não haviam passado sequer três horas encarcerada, naquela mortífera prisão, entretanto, fora dali a história havia mudado bastante.

***

-O que foi? - Perguntou Fernando Zéca.

Elizabeth parecia em transe...

-Você está bem?

-Sim... Sim... - Respondeu ela respirando fundo e tentando absorver o impacto do que os números lhe traziam.

-Passei três horas aprisionada dentro do Poço de Antimatéria, mas, aqui fora esse período foi equivalente a quarenta anos.

-Você, presa num poço de antimatéria???

Fernando Zéca estava começando a pensar que arrumara mais uma namorada maluca, para decifrar.

-Não estou louca... - Ela disse como se estivesse a ler seus pensamentos.

-Eu acredito então. - Disse ele.- Mas, como é que você foi parar lá dentro?? O que os romulanos tem contra uma maravilhosa beldade como você?

Elizabeth olhou para Fernando fazendo uma careta, que o Tenente logo interpretou o significado:

-OK... - Entendeu ele. - Nunca foram necessários muitos motivos para os romulanos serem contra qualquer um.

“Mas Karaka... - Refletiu ele um pouco mais em voz alta. - Eles tiveram um trabalhão tentando te matar e não conseguiram...”

-Eles não estavam preparados para alguém como eu.

Fernando Zéca olhou para a beldade e disse:

-Ninguém está preparado para uma mulher como você.

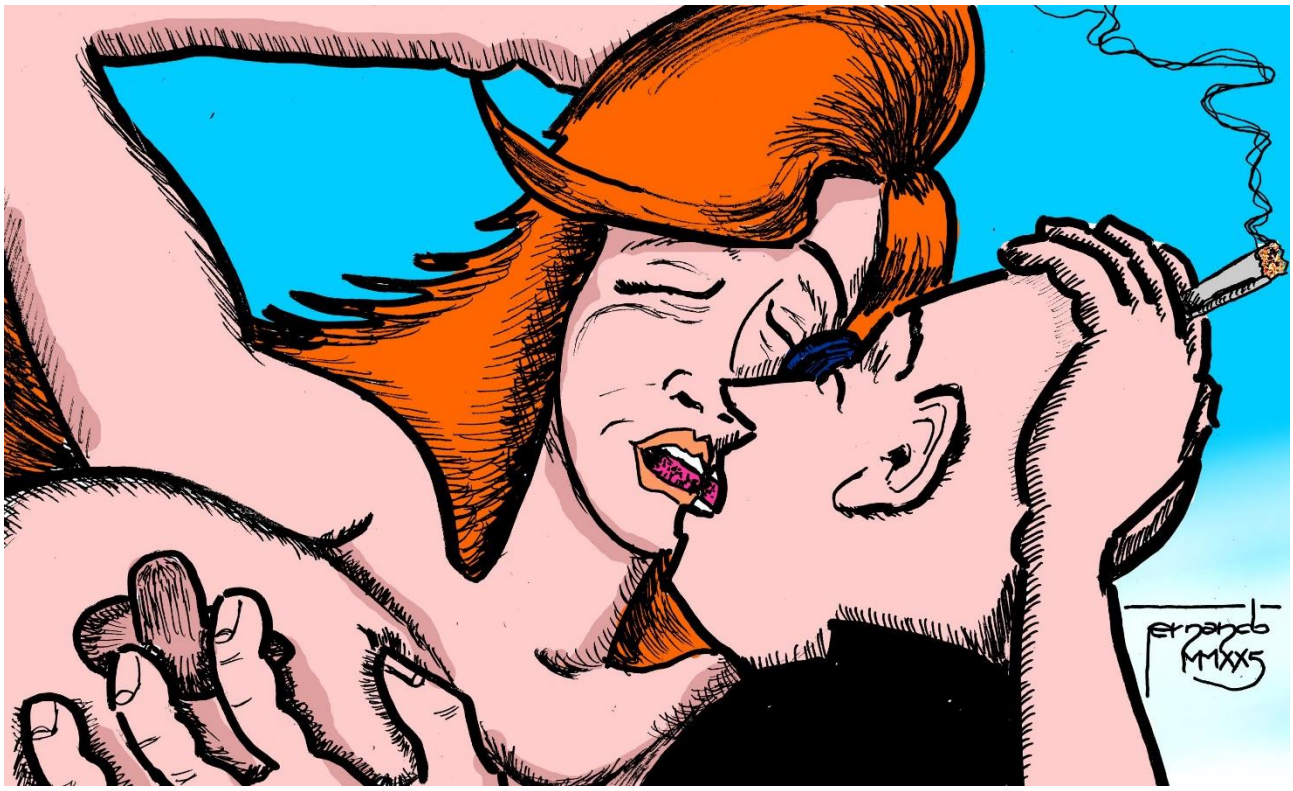
Em seguida, aproveitou o sorriso que ela deu, com seu chaveco maroto, para dar-lhe outro beijo profissional.

Diante da reação acalorada dela, em meio a tantos beijos e abraços deixou escapar:

-Você não tem ainda quarenta anos de idade... Mas eu não tou nem aí se o seu advogado vier depois reclamar. Vou aproveitar a oportunidade.”

Elizabeth gargalhou com aquele paquerada frívola que a relaxava.

O casal continuou perdido em amassos no meio de um jardim de plantas exóticas.




***

Depois de tanta paixão, o audacioso Tenente dormiu um tempão, até finalmente acordar sentindo cheiro de churrascada.

E de fato, lá estava Elizabeth, tendo improvisado uma grelha sobre a fogueira onde estava assando diversas carnes.

-Que bom que você acordou. - Disse ela. - Enquanto repousava eu fui arrumar algo para comermos.

-Que temos aí? - Perguntou Fernando  Zéca atônito com a quantidade de comida que aquela mulher maravilhosa já havia providenciado...

-Cacei um porco, então, aqui temos linguiça, neste outro, tem peixe...

“Esse é ovo de urubu cozido, e não podia faltar, carne de cervo, que também tá fresco.”

-WOW! - Exclamou Fernando Zéca. - Já fazia um tempão que eu não ia nem mesmo em rodízios com tanta carne.

-E tem sobremesa também. - Disse Elizabeth.

-Sobremesa? - Indagou o tenente sorridente.

Elizabeth mostrou um cacho de bananas...

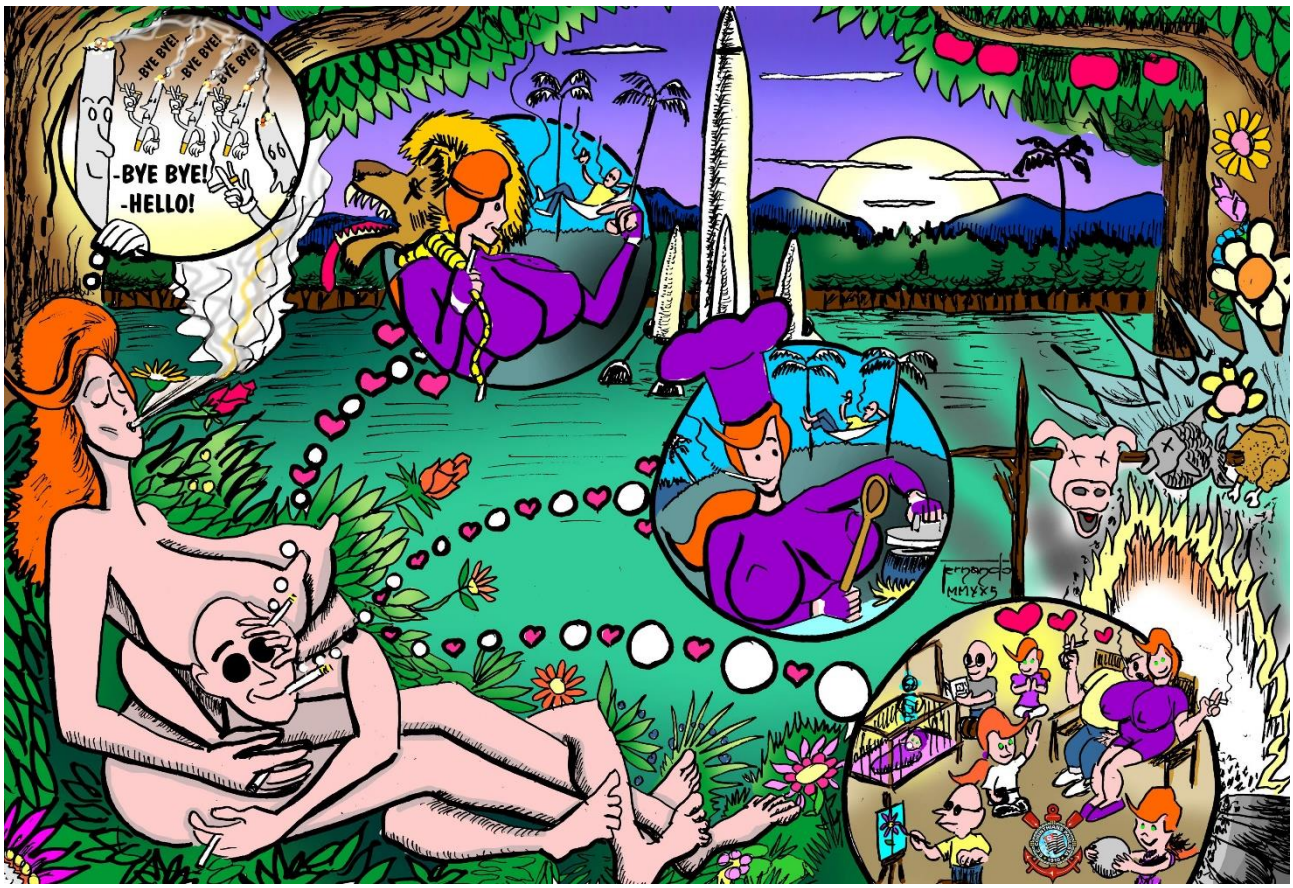
-Dei uns tapas na macaca e roubei a banana dela.

Fizeram lauta refeição ali naqueles belíssimos jardins, onde Fernando Zéca ao redor, percebeu a presença de algumas folhas singulares, com as quais resolveu enrolar charutos.

O fumo resultante ficou de excelente qualidade, tanto que, até mesmo Elizabeth experimentou e gostou.

Mais alguns amassos depois, Fernando Zéca dormiu a sesta dos justos, considerando até mesmo, a hipótese de ficar morando ali para sempre.

***




Aquela mulher era para casar! Cozinheira de mão cheia, lindona, gostosa.

O que mais um macho viril poderia querer da vida?

Só se fosse ver o seu time de futebol vencendo todos os jogos nas rodadas.

Com ela, Fernando Zéca poderia mandar à merda a Frota Estelar, o Serviço Secreto, a Federação e, até o Corinthians.

Ali, ficaria comendo carne, fumando e pegando aquela beldade...

Se dependesse da sua vontade, nem voltaria mais para casa.

Que tudo fosse à merda!

A impressão que tinha, era a de que Elizabeth pensava do mesmo modo.

Fernando Zéca já se imaginava até, vivendo tranquilamente ali naquela ilha paradisíaca perdida, vestindo-se apenas com as folhas das árvores, comendo carne todo dia, tomando conta de crianças fofinhas, vendo a mulher trabalhar na cozinha enquanto ele próprio, deitado numa rede, fumava um generoso charuto atrás do outro...

A vida não poderia lhe proporcionara nada melhor.

Em todo caso, por mero desencargo de consciência, achou que era o caso de indagar para Elizabeth, se ela concordava com aquele desejo.

-Sabe meu amor... - Começou Fernando Zéca já aquecendo sua lábia proverbial para os argumentos mirabolantes que lançaria tentando convencer a ruiva lindíssima, a passar dali por diante, uma vida natural, de pouco luxo. - Eu passaria aqui o resto da minha vida com você. Não iria nem trabalhar mais...”

Elizabeth olhou para o careca do baixote imaginando:

-Isso que é lábia... Esse tipo é tão desavergonhado, que já diz na lata, com um monte de palavras bonitas e conversa enrolada, que quer ficar vagabundando nas minhas costas enquanto eu trabalho. Cara de pau safado! Mas eu gosto dele!

-Sua ideia parece boa, meu querido. - Disse ela passando a ponta dos dedos na orelha de Zéca. - Mas eu preciso acertar as contas com quem tirou quarenta anos do meu tempo.

O olhar de Elizabeth era sério, e Fernando Zéca viu neles, desvanecerem-se os sonhos de uma precoce aposentadoria sem trabalho...

***

-Você fala de 40 anos que perdeu, mas, não parece ter mais que vinte.

De fato, Elizabeth aparentava mesmo ser jovem, entretanto, menos de vinte anos, já era um exagero de Zéca, que de fato, estava sendo adulador, só para ficar passando a mão e se esfregando nela.

Mas esta banalidade não a incomodava, já que, até, a divertia diante das já manjadas e pisoteadas técnicas de retórica daquele galanteador de última categoria, daí, também aproveitava a rara oportunidade, para exercitar sua veia humorística.

-São meus cremes de beleza.

-WOW.

Era só o que o Tenente podia dizer naquele momento.

-OK. A história do creme é boa, mas... E a verdade?

-A verdade é que essa ilha é um ponto de convergências dimensionais, onde o tempo transcorre de maneira estranha. Mais ou menos como os vértices de um polígono...”

-Vértices de um polígono... Tempo... Mulheres jovens e cremes de beleza... São muitas informações para uma cabeça miúda como a minha processar. Me dou por satisfeito... - Resignou-se o Tenente.

-Não meu lindo! Isso tudo quer dizer que a nossa diversão aqui vai acabar, amor.

“Temos que sair dessa ilha, antes que um deslocamento temporal de outra dimensão modifique tudo por aqui.”

-Droga! Nada que é bom dura para sempre.

-A vida é assim, meu querido.

-Vamos então para a espaçonave.

“Vou tentar acionar o sistema de comunicação para chamar algum socorro.”

-Não vai adiantar. - Já avisou Elizabeth. - Nenhuma transmissão de dados, para fora da ilha funciona. Daqui, só recepção.”

-Então teremos que partir mesmo.

“O compartimento de carga deve ter um bote de emergência capaz de nos levar até algum lugar no mar, onde possamos pedir auxílio.”

-Receio que não vá funcionar assim. - Alertou Elizabeth.

“Se for pelo mar, tudo o que vai encontrar pela frente, são águas infinitas que se espalham para além do universo conhecido.”

Ela então apontou para o anel de nuvens brancas, lá no topo do céu azulado.

-Sua espaçonave terá que voltar pelo mesmo caminho que fêz para chegar aqui, passando pelo meio daquele anel.

-Então vamos aproveitar enquanto ele está lá, e, cair fora daqui.

-Ainda não.

-Não?

-Temos que salvar algumas pessoas que estão aqui por culpa minha.

-Mais gente ainda? Pensei que fossemos os únicos habitantes... Se eu já não entendia nada antes... Agora, menos ainda.

***

## FUGA DA ILHA DA FANTASIA

Elizabeth deu um sorriso matreiro para Fernando Zéca, que já acumulava uma pilha de confusões e dúvidas na sua cabeça careca.

Ela gentilmente tirou os óculos pretos redondos dele e disse:

-Você deve estar pensando que estou maluca...

-Imagina... Nem de longe...

Elizabeth não pôde conter um sorriso com a deslavada cara fingida do Tenente.

-Eu queria te provar que não estou louca.

-Claro...

-Você me deixa fazer um elo mental contigo?

-Elo mental???

-O elo mental liga duas pessoas num compartilhamento de experiências e conhecimentos.

-Não sei o que é isso, mas, com você eu faço qualquer coisa. - Disse Zéca.

Elizabeth colocou as pontas de seus dedos, sobre a têmpora de Fernando e, em voz baixa disse:

-Minha mente para sua mente. Meus pensamentos para seus pensamentos...

“Nós somos um...Eu sou você... Você é eu.”

Com este toque suave, Fernando Zéca teve acesso à todas as memórias de Elizabeth Bondmader, assim como compartilhou as suas com ela.

Finalmente, ele entendeu com clareza, tudo o que achava ser maluquice dela, inclusive as razões do salvamento de outros habitantes aos quais ela se referia.

Daí compreendeu também a extensão do extraordinário preparo de Elizabeth, e ainda o quão era privilegiado em ter um relacionamento tão íntimo com aquela mulher maravilhosa.

Tamanha concentração de habilidades naquela expressão máxima de graciosidade da natureza feminina, a permitiram não só sobreviver à covarde prisão no interior de um poço de antimatéria, mas também, mesmo naquela condição, expandir ainda mais as suas poderosas capacidades telepáticas e telecinéticas.

Foi um aprendizado que não obteve com precisão, mas sim, na base da tentativa e erro, já que, se assim fosse, logo teria desligado ela própria o interruptor do poço de antimatéria, com a força do pensamento assim se libertando.

Quando ela tentou modificar alguma coisa, fora do poço, com seus poderes, acabou errando na medida.

Por duas ocasiões isso ocorreu, ao involuntariamente, interferir nos controles e motores de aviões com diversos passageiros, que, em períodos do tempo diferente,

passavam pelas imediações do círculo de nuvens.

Graças a estas suas interferências, as duas aeronaves foram atraídas para aquela ilha misteriosa, onde, em praias distintas, conseguiram realizar pousos emergenciais.

Outra ocasião em que ela tentou essa interferência, foi com a GALATRINA02 SPORT.

Nesse caso, divido à habilidade do piloto e, por sorte, foi possível pousar a espaçonave na pista daquela instalação sem maiores danos.

Assim, além de Fernando e Elizabeth, ainda haviam dezenas de outros sobreviventes perambulando pela ilha aguardando socorro que os tirasse dali.

Se para Fernando Zéca Corinthiano, o elo mental esclareceu dúvidas, para Elizabeth, não, já que, ela ainda era incapaz de descobrir a origem da familiaridade que sentia com o amado carequinha e sua voz.

Era alguma coisa relacionada à sua infância de berço, sobre alguém que um dia lhe prestara ajuda, mas, que agora não conseguia saber como, ou quem era...

As memórias de Fernando Zéca, não tinham nenhum registro passado, que lhe trouxesse esse esclarecimento.

Para o careca protagonista destas linhas, se por um lado, o elo mental trouxe-lhe esclarecimentos sanando dúvidas, por outro, algo também lhe ficou evidente:

Infelizmente, assim que saísse da ilha paradisíaca, e voltasse para a rotina cotidiana, o seu romance com a Bete estaria definitivamente suspenso.

***

Não foi necessário muito esforço para que a meta de Elizabeth começasse a se autorrealizar.

Menos de duas horas depois de encerrado o elo mental, quando ela e Fernando já começavam a planejar os afazeres necessários até, para que a espaçonave decolasse, apareceram três passageiros de uma das aeronaves acidentadas na ilha.

Casualmente, alguns minutos depois, chegaram mais quatro pessoas ao acampamento, que se juntaram aos sobreviventes da outra aeronave.

De qualquer modo, em ambos os casos, os dois grupos se dirigiram para aquele lugar, movidos por curiosidade acerca da espaçonave GALATRINA02 SPORT, que na posição em que se encontrava pousada de pé, era visível a grande distância, e ainda por ter aterrizado com estardalhaço, já que, na atmosfera, o ronco de seus propulsores fez bastante barulhento.

O grupo conversou bastante até que Bete explicou que aquela era a oportunidade para quem estivesse na ilha sair, através da nave que brevemente partiria dalí. Quem quisesse, deveria aproveitar o momento.

Fernando Zéca, também explicou que a viagem seria segura, uma vez que a decolagem fosse bem sucedida:

-A GALATRINA02 SPORT é uma espaçonave de corrida, projetada para participar numa categoria, onde só concorrem cargueiros e transportadores devidamente equipados para o serviço. Como eu competi na categoria TURISMO e EXPLORAÇÃO, fui obrigado a instalar assentos de primeira classe que permitirão uma confortável viagem para as pessoas na ilha.

Nesse ponto da explanação Elizabeth disse:

-Vocês têm oito horas para juntar quem quiser sair daqui. Em no máximo doze horas a espaçonave deve levantar voo pois nossa janela de decolagem é pequena.

-Oito horas é pouco tempo. - Disse alguém.

Elizabeth apontou para ume estrela visível no céu, bem no interior do círculo de nuvens brancas.

-Repare aquele ponto de luz. Veja como está cintilando...

A essas alturas, até Fernando Zéca olhou para saber do que se tratava.

-É uma base espacial. - Continuou Bete. - Se nossa jornada for bem-sucedida, é para lá que iremos. Uma vez chegando, a primeira coisa que posso lhes garantir, é um banho, tratamento médico e refeições decentes.

“A passagem que nos dá acesso para a base espacial, talvez não dure 50 horas...”

Fernando Zéca ajustou seus óculos de lentes redondas pretas, que ampliaram a imagem a que Elizabeth se referia, e, de fato, ela estava certa: a visão ampliada mostrava que aquela de fato era a base espacial EARTH SPACE DOCK. Em seguida, disse:

-Ela tem razão. - E apontando para um dos tripulantes que carregava binóculos, sugeriu. – Veja você também.

O sujeito assim o fez, e passou o instrumento para outro dos sobreviventes...

-Mas o que é aquilo??

-É a nossa saída daqui. - Disse Fernando. - Não existe socorro vindo para cá. Quem quiser escapar, deve aproveitar a oportunidade.

Ninguém esperou mais. Os dois grupos voltaram imediatamente, cada qual, para o acampamento de onde veio.

Quanto ao interior da espaçonave, não havia muito o que preparar, pois, por uma casualidade do além, para competir, Fernando Zéca escolhera um projeto, que era exatamente adequado para aquele resgate, já que, este vinha com centenas de assentos instalados para uma eventual viagem interplanetária de turismo.

Bastava sentar, ligar os motores e decolar... Se tudo desse certo.

***

Justamente na hora que, o mais desejável, são as coisas seguindo sem problemas, é que, tudo começa a dar errado

A chuva por exemplo. Sempre imprevisível pois, nem no futuro existe previsão de tempo que acerte a hora que a chuva chega. Ali na ilha deu-se a mesma situação.

Pancadas de chuva, com trovoadas e relâmpagos, perturbaram as paciências, justamente quando fileiras de pessoas chegavam.

Bete e Zéca, já acomodavam as pessoas nos assentos dentro da espaçonave, instruindo a todos para afivelarem seus cintos e aguardar pacientemente.

A subida pelo interior da GALATRINA 02 SPORT tinha que ser feita por uma escada que avançava no interior de uma grade cilíndrica, com passagens para as pessoas se dirigirem aos seus assentos.

Quatro horas depois que os passageiros começaram a chegar, já estavam todos embarcados e devidamente instalados nos seus assentos.

Bete e Zéca, conferiram tudo e seguiram para a cabine de pilotagem, de onde acionaram o sistema de comunicação interno anunciando.

-Bom dia senhoras e senhores passageiros, eu sou o Tenente Comandante Fernando Zéca Corinthiano a bordo do voo GALATRINA02 SPORT com viagem programada de 23 minutos até base espacial EARTH SPACE DOCK no sistema solar do ano 2407.

“A condição atmosférica aqui na ilha é de chuva com tempestades se aproximando, por isso, não podemos perder mais tempo, partindo assim que possível...”

“A nossa simpaticíssima comissária comandante Elizabeth Bondmader irá auxiliá-los em caso de necessidade, mas, a recomendação é que todos mantenham os cintos afivelados até a parada total.”

Houve um certo burburinho entre os passageiros, mas, ninguém reclamou, afinal, todos queriam sair dali e seguir para o tal futuro em que supostamente, ninguém se preocupava com dinheiro, e sim, em desenvolver seus talentos para a humanidade.

***

Raios e trovões estalavam por todos os lados da ilha, mas nada impedia a contagem regressiva.

DEZ!...Nove... Oito... Sete... Seis... Cinco... Quatro... Três... Dois... Um...

DECOLAGEM!

Uma explosão luminosa se deu logo na parte inferior da GALATRINA02 SPORT e esta decolou suavemente rumo aos céus.

Do assento de pilotagem, na cabine de comando, Fernando Zéca conferia as informações nos monitores...

O fluxo de combustível parecia ok. A trepidação seguia dentro do normal, considerando que a nave estava na atmosfera, carregada de gente, seu balanço ficava mesmo desestabilizado.

Cada vez mais rápida, esta subia para o espaço até conseguir passar pela parte central do anel de nuvens, que, mesmo em meio a furiosas tempestades continuava visível.

Poucos segundos após ter transposto aquela posição, o céu em volta clareou, mostrando um tempo absolutamente maravilhoso.

Adiante, a imagem da base espacial EARTH SPACE DOCK ficou mais nítida e os sistemas de comunicação na GALATRINA 02 SPORT voltaram a receber comunicações.

Elizabeth viu nos monitores as imagens das câmeras instaladas na parte traseira da espaçonave exibindo o anel de nuvens, e tudo no seu espaço interior, incluindo a ilha misteriosa diminuir de tamanho na medida que a distância dali aumentava.

Dado momento, entretanto, aconteceu algo inesperado.

Subitamente, as nuvens que formavam o anel encolheram inexplicavelmente de tamanho, até desaparecerem de vez. Até mesmo a ilha misteriosa sumiu, como se alí jamais tivesse existido.

***

Minutos depois dessa ocorrência insólita, Elizabeth Bondmader tirou do bolso, um cartão preto que inseriu na fenda de um dos painéis a sua frente.

Fernando Zéca apenas observou:

-Atenção Paul Digital, responda por favor. - Disse ela para um microfone, que saia do console de comunicação...

Alguns segundos se passaram e uma voz digitalizada se fez ouvir na cabine de pilotagem:

-Confirme sua identidade.

Bete não perdeu tempo respondendo:

-ELIZABETH BONDMADER senha S, S, F, 0, 0, 1, ALFA, ALFA, ALFA, BLACKBUD.

“Agora confira a minha voz e a retina.”

Elizabeth olhou na lente de um aparelho, que, em seguida, fotografou a sua retina.

A voz digitalizada voltou a se manifestar.

-Elizabeth Bondmader. Identidade confirmada.

“Por onde tem andado Bete? A turma te procurou por muito tempo...”

***

## A VINGANÇA DA PRISIONEIRA

-Base espacial EARTH SPACE DOCK para GALATRINA 02 SPORT; confirme sua identidade.

Quando Fernando Zéca ia responder, Elizabeth fez um sinal indicando para que ele não falasse nada sobre a presença dela por ali.

O Tenente fêz um positivo e deu uma piscada para ela.

-Tenente Fernando Zéca Corinthiano da GALATRINA 02 SPORT reportando para EARTH SPACE DOCK, solicitando área para desembarque de passageiros.

-Torre de Controle Earth Space Dock respondendo para Tenente Zéca. Desembarque de passageiros? Onde você andou, Zéca?

“Acompanhamos sua nave caindo desgovernada em direção à Terra e depois sumiu no meio de um agrupamento de nuvens...”

Fernando Zéca explicou superficialmente os acontecimentos, sutilmente ocultando a participação de Elizabeth na história.

Alguns minutos se passaram até que veio a autorização.

-Tenente, a GALATRINA 02 SPORT está autorizada a atracar no pier 49. Seus passageiros devem encaminhar-se para a sala 157 onde passarão por exames, e seguirão para a quarentena.

-Quarentena?

-Sim. Pela sua história, tanto você, quanto as pessoas salvas na sua missão, podem estar contaminadas com alguma ameaça.

-Caramba! Mas eu não estou sentindo nada. Queria até comer um churrasco.”

-Ordens do Almirante Quinn, Tenente...

-OK. Recebido. Vou avisar o pessoal aqui.

Fernando Zéca desligou o seu contato com a Base Espacial e ouviu logo em seguida de Elizabeth:

-Eu não vou pra quarentena nenhuma.

***

Elizabeth virou-se para o microfone onde contactava Paul Digital dizendo:

-Paul! Mantenha o teletransporte dessa nave funcionando logo depois que eu e o Zéca tivermos desembarcado e encaminhado todos os passageiros até a sala para onde foram designados.

-Certo Chefa! Tem algum lugar específico para o qual deseje ser teletransportada?"

-Sim. Quero ir para onde está presa VERKLA STRUNDSKY,

Paul Digital respondeu:

-Os tubos de teletransporte da GALATRINA02 SPORT estão sendo programados com as coordenadas solicitadas. Mais algum lugar aonde queira ir?" - Indagou Paul Digital.

-Depois me retorne para o QG do E.Y.E.

-Muito bem. O teletransporte já estará programado e pronto para quando quiser...

Elizabeth olhou para o Tenente dizendo:

-Você não precisa vir junto se não quiser.

-Tarde demais, minha boneca, mesmo não tendo informado o número exato de passageiros que transportamos, com certeza a torre já tem a informação, por dispor de sensores verificando tudo aqui dentro, de modos que, se você não aparecer para a quarentena, eu serei cobrado do seu sumiço

E se nós dois sumirmos, pelo menos eu adio por algum tempo a bronca que levarei do Almirante Quinn.

Elizabeth sorriu.

-Muito bem, então. Esteja pronto pois vou levar os passageiros e logo retorno para o teletransporte."

Elizabeth saiu da cabine de pilotagem seguindo para o compartimento de passageiros, onde os ajudou no desembarque, até a pista de pouso, encaminhando-os para a direção que deveriam seguir.

Fora da espaçonave, utilizou uma jaqueta com touca para disfarçar seu rosto e sua inigualável cabeleira vermelha.

Enquanto isso, dentro da cabine, Fernando Zéca, por prudência achou melhor informar alguém de que daria o cano na quarentena do Almirante Quinn.

Esse alguém seria Sonny Blue.

Ligou para seu chefe no Serviço Secreto da Federação e, em poucos segundos já estava com ele na linha do comunicador.

-Fala Zéca! Que manda?

-Chefe! Preciso passar aí para transmitir pessoalmente informes detalhados do que aconteceu na corrida. Só que o Almirante Quinn me colocou numa quarentena e eu não conseguirei passar as informações pessoalmente."

-Porra! Zéca! Esqueceu que nós temos e-mail criptografado com senha?"

"Manda uma mensagem que você não precisa vir aqui."

-Chefe eu preciso de uns conselhos...

"Tou com uma namorada nova e acho que vou levar um pé na bunda dela..."

-Porra! Zéca! Fica aí na quarentena do Quinn e não me enche o saco."

"Tá me achando com cara de quê?!?! Padrinho de casamento?!?! Conselheiro sentimental?!?!?"

"É só você ficar na linha e não cair para as putarias, que você não se arruma problema nem dor de cabeça. Ouça a voz da experiência."

"E vê se não fica me enchendo o saco com besteira. Porra! Zéca."

A imagem de Sonny Blue sumiu. Ele cortou a comunicação...

Alguns instantes depois, Elizabeth aparecia na cabine, dizendo:

-Estou pronta. Vamos.

Fernando Zéca apenas respondeu:

-Estou encrencado, mas eu vou!

***

Fernando Zéca e Elizabeth foram teletransportados diretamente para dentro da cela onde ficava VERKLA STRUNDSKY.

Ela estava muito velha.

O cárcere só piorou a loucura que a dominou logo após ter teletransportado Elizabeth para a morte num poço de antimatéria romulano.

Ficou tão insana, que, o Império Romulano, com a devida anuência da filha, decidiu abandoná-la à própria sorte na Terra por não ter condições, nem interesse de sustentar uma pessoa naquelas condições, deixava que esse tipo de problema e os prejuízos dele decorrentes, por conta do inimigo: a Federação

Na época do sequestro de Elizabeth, a quadrilha de espiões da “embaixada romulana” foi uma das primeiras suspeitas, pelo crime.

O próprio Sonny Blue comandou uma operação de arrombamento do local, mas, só encontrou a velha Verkla, completamente insana e fora de si, repetindo para Deus e o mundo que havia uma bruxa em sua mente.

De qualquer forma, na ocasião, ela foi presa por crimes de conspiração e espionagem ficando assim, sem julgamento, mais de quarenta anos.

Seu destino não iria mudar tão cedo, até porque, o calabouço onde ela fora jogada, era profundo demais para ser alcançado pelos restos do império destruído ao qual ela tanto serviu, e menos ainda pela burocracia da justiça terrestre.

Só uma coisa podia chegar a ela nesse momento. A vingança!

A vingança de um serviço secreto que não perdoava os inimigos que ousassem ameaçar a Federação dos Planetas Unidos, e seus agentes.

A vingança personalizada que nesse momento ia lhe fazer uma visita, para relembrar velhos ódios e outros desafetos mais.

Presa a uma cadeira de rodas, Verkla vivia imobilizada, aguardando a morte lhe sorrir.

Ela jamais revelou qualquer segredo a nenhum de seus questionadores, mas, Sonny Blue não quis soltá-la pois mesmo sem provas, estava convicto de que ela tinha algum envolvimento com o sequestro de Elizabeth Bondmader, e por isso, queria mantê-la como advertência, a quem ousasse novamente se meter no caminho do E.Y.E..

Nessa agradável situação, agora, Verkla recebia a visitinha de uma velha conhecida.

Das sombras de cela, surgiu Elizabeth bem a sua frente, agora, sem a armadura que a protegeu no interior do poço de antimatéria.

Elizabeth encarou Verkla friamente enquanto a velha tinha a sensação de que um verme dentro do seu cérebro voltava a mexer-se furiosamente.

-Bruxa! Bruxa! - Berrava a desesperada romulana. - Você veio me matar.

-Seu dia de sorte não chegou ainda, sua miserável romulana.

-Bruxa! Bruxa! - Continuou gritando Verkla soltando perdigotos e lágrimas como uma alucinada!

Lentamente, Elizabeth Bondmader voltou para as sombras, desaparecendo, enquanto o berreiro continuava.

Em seguida, a porta daquele cômodo, abriu-se violentamente e a luz alí foi acesa.

Dois fortes enfermeiros carecas, um branco e outro negro invadiram a cela e, sem cerimônia alguma, enterraram no pescoço da velha romulana, uma dose dupla de tranquilizante para cavalo.

-Quero ver essa caduca reclamar com o “sossega leão”.

-Decrépita maldita! Se deixassem, eu mesmo a envenenaria, para nos livrar desse trabalho.

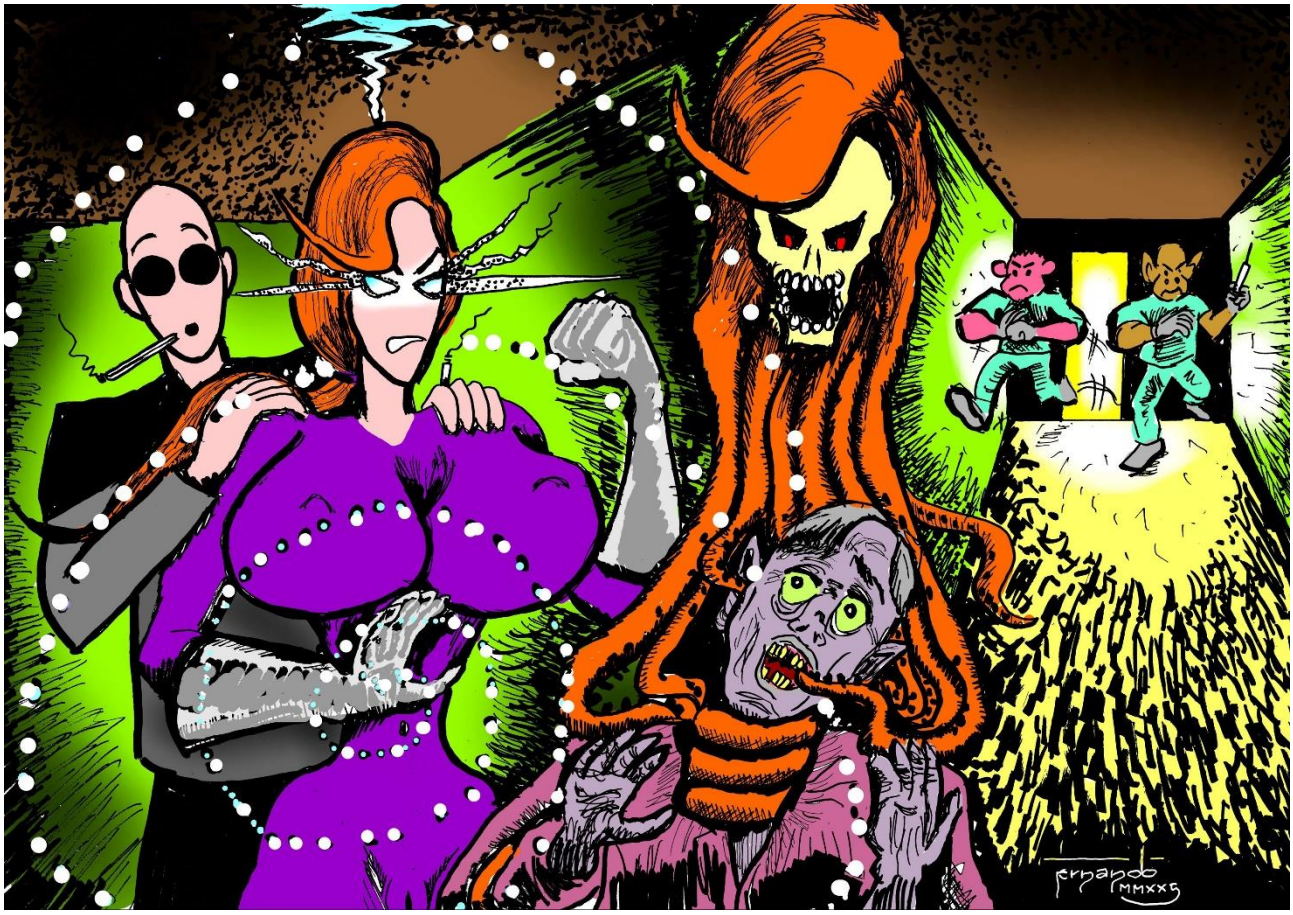
-Alguém não gosta dela.

-Nem eu.

-Ah! Então aplica mais uma dose desse anestésico, assim ela fica quieta e nos deixa assistir o jogo de futebol tranquilamente.

-Uma só??? Não! Vou dar logo mais três, assim, se a partida tiver prorrogação e for para os penaltys, a gente consegue acompanhar no sossego.”

-Isso mesmo.




***

Em algum lugar qualquer, antes do próximo capítulo, Fernando Zéca e Elizabeth pararam para “conversar”.

-Meu amor. Você sabe que a gente não vai poder mais continuar juntos. - Já foi Bete diretamente ao assunto.

Zéca congelou um sorriso no canto da boca.

-Não era o que eu queria, mas, se você acha que é melhor assim...

Ele já sabia que cedo, ou tarde, tal fato se consumaria, mesmo assim, manteve a dignidade na hora da saída.

-Foi bom enquanto durou. - Disse. - Mas, não vou reclamar se um dia você quiser relembrar os velhos tempos e deixar eu dar um aperto aí no patrimônio...

-Amizade com privilégios, hem... - Sorriu Elizabeth diante do descaramento incansável de Zéca. - Podemos considerar no futuro...

***

Poucos são os protagonistas de algum texto literário, que heroicamente superam nas

mesmas linhas, três pés na bunda de suas namoradas.

(Três chutes num traseiro que só tem dois amortecimentos)

Menos ainda, são aqueles que, diante das quedas na vida, se levantam proverbiando a seguinte reflexão:

**A sabedoria Fernandozequista adiante, nem o Presidente Trump irá te ensinar:**

**“MESMO SABENDO QUE VOCÊ VAI TOMAR CHUTES NO TRASEIRO, negocie alguma vantagem.”**

***

## UMA BOA FILHA, À CASA VOLTA

Ao fim de mais um dia, para Sonny Blue, só restava acender outro charuto e relaxar, refletindo sobre o que deu certo ou errado na jornada de trabalho.

A essas horas, tudo o que mais detestava, era algum idiota aparecendo para lhe perturbar a paz e tranquilidade.

Coisa inédita, ou quase rara de acontecer, afinal, quem iria importunar o Diretor do temível Serviço Secreto da Federação (E.Y.E.) no seu momento de reflexão?

Fernando Zéca Corinthiano? Sim não podia ser outro.

Subitamente o gabinete de Sonny Blue foi invadido pelo nosso conhecido careca que também chegou de charuto aceso...

-E aí chefia? Tudo certo? - Indagou o baixote, já empesteando mais ainda o ar, com espessas nuvens de fumaça.

-O que você está fazendo aqui? - Berrou Sonny Blue com os olhos arregalados. - O Quinn não te mandou ficar em quarentena na base?

-Pois é chefe... Mas eu queria pegar umas dicas contigo e...

-Você tá louco, Zéca??? Vou te meter em cana, e depois te mando para o Quinn te enquadrar lá também. Tá me achando com cara de quê?!?!?!?!?”

“Veio aqui me pedir conselhos para segurar tua namorada?????”

“PORRA CARALHO, ZÉCA! É o fim da linha para tuas piadas!”

-Nesse caso ele não veio aqui te pedir conselhos para segurar namorada nenhuma. O Zéquinha veio aqui te pedir conselhos sobre como arrumar OUTRA namorada. - Palpitou na conversa Elizabeth Bondmader, que entrou triunfal e majestosamente no escritório de Sonny Blue. - O Tenente aí acabou de se livrar da antiga.

-Na verdade, chefe: foi ela quem se livrou de mim. - Corrigiu Fernando Zéca entre uma e outra baforada do seu charuto ilegal.

***

Sonny Blue quase engasgou com o próprio charuto ao ver Elizabeth viva, sã e salva depois de quarenta anos.

Parecia que um peso de toneladas fora subitamente tirado de suas costas.

Assim que o viu, Bete caiu na gargalhada, pois nunca antes vira Sonny careca.

Logicamente ela não poupou o Diretor de uma infinidade de piadas enquanto este quase se desmanchava em lágrimas ao rever a antiga chefa.

-Como é que eu não fiquei sabendo disso antes? - Indagou ele

-Ahhh... Eu já avisei o Paul da minha chegada e mandei ele manter tudo em sigilo.

Em seguida, Elizabeth, relatou detalhadamente o que lhe acontecera até aquele

momento, já que, mesmo o Tenente, não teria condições de colocar tudo o que testemunhara, de forma tão clara e suscinta.

Ao final Sonny tragava furiosamente o charuto e tirava suas conclusões:

-Então você quer dizer que essa VERKLA STRUNDSKY era uma das meninas que eu peguei antes de saírmos do cubo borg onde os romulanos faziam engenharia reversa?

-Você não lembra dela, chefe?

-Porra, Zéca... Se eu lembrasse de toda mulher que eu já transei, teria de escrever uma enciclopédia do sexo, com direito a atualizações diárias.

-Karaka Chefe, tu não é fraco... Quisera eu ser assim...

Elizabeth não perdeu tempo e logo emendou outra de suas gozações:

-Zéca, o Sonny  fica o dia inteiro passando mel de abelha zangada na piroca, para pegar as meninas no fim do expediente...

-Esse é meu chefe... - Emendou Zéca com cara séria. - Está ajudando a humanidade no seu crescimento populacional.

-Sua sorte Zéca... - Emendou Sonny, mal conseguindo conter um sorriso. - É que você trouxe aqui a única carta boa que te livraria da maioria dos teus problemas.

“Comigo meu chapa, tua barra tá limpíssima.”

“Se a Chefa aqui autorizar, te dou até um aumento.”

“Teu problema é lá com o Quinn que logo mais, deve ligar aqui irado porquê você engambelou a quarentena dele.”

“Você vai ter que voltar para a base espacial e inventar uma justificativa temporária, para explicar o teu sumiço, e a gente logo mais, manda um dos nossos advogados para te livrar dos demais problemas.”

Tenente Fernando Zéca torceu a cara ao lembrar do Almirante Quinn.

-Agora caia fora daqui, Zéca. - Ordenou o Diretor.

O Tenente foi saindo, mas, de-repente, foi chamado por Sonny novamente...

-Zéca! Estes são para você.

Disse isso o Diretor, e atirou na direção do Tenente três caixas de charutos que foram pegas no ar pelo Tenente, com precisão matemática.

-Valeu chefe. Obrigado.

Fernando Zéca dirigiu um olhar de saída para Elizabeth, que lhe mandou um beijo à distância, dizendo:

-Se cuida, Fê.

-Você também minha boneca.

Em seguida o Tenente saiu correndo, deixando para trás seu chefe refletindo os seguintes pensamentos.

“A VIDA É SURPREENDENTE.”
“QUANTO MAIS SE VIVE, MAIS SURPRESO SE FICA.”

-SONNY BLUE-

***

O Tenente Fernando Zéca Corinthiano foi teletransportado de volta para a GALATRINA 02 SPORT, de onde saiu como se nada tivesse acontecido.

Uma equipe de segurança armada, logo apareceu, cobrando dele explicações.

-Calma rapazes. Eu fui buscar alguns dos meus charutos que havia esquecido.

-Conte essa para o Almirante Quinn, Tenente. Eu só obedeço ordens.

-Claro... Claro...

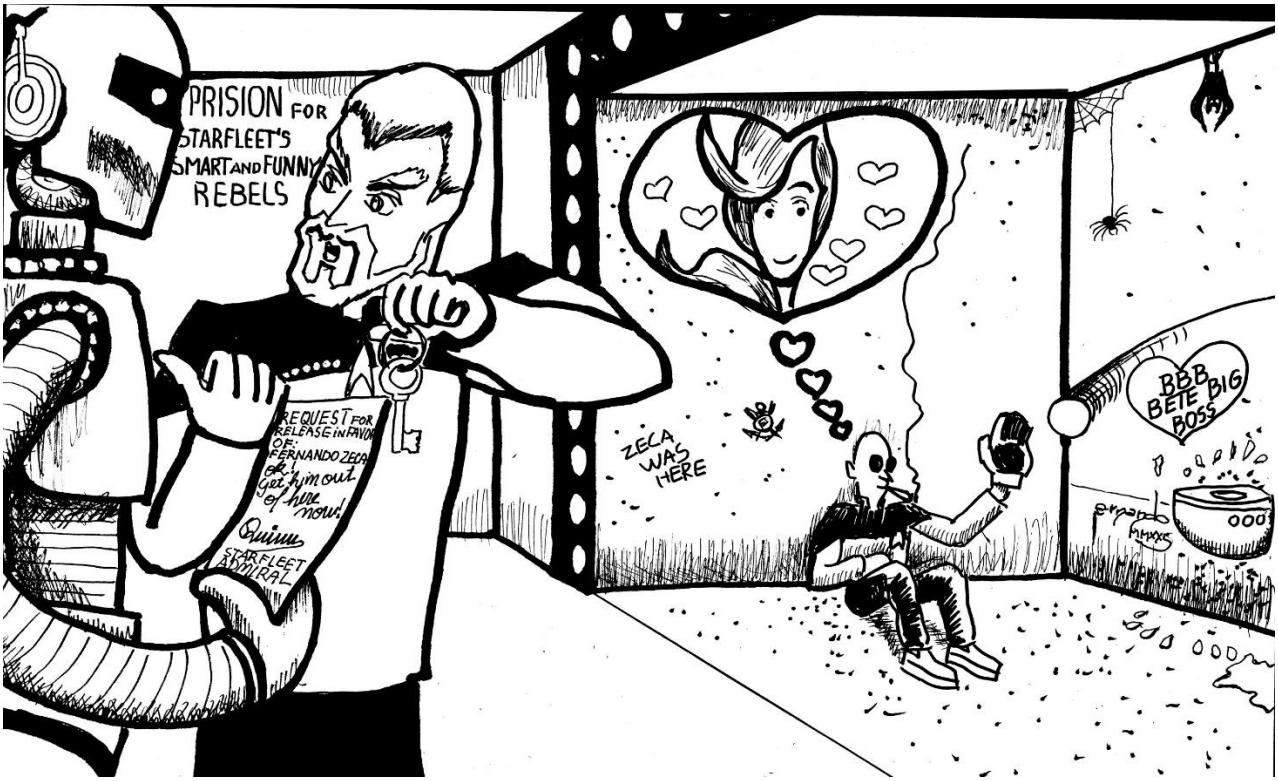
Fernando Zéca fez exatamente isso, contando suas imprestáveis desculpas esfarrapadas e, por nenhuma delas ter convencido, foi levado a ferros, onde passou uma temporada na cadeia, sem gibis, fumo, rock'n roll, ou internet, até finalmente o advogado do Serviço Secreto da Federação (E.Y.E) aparecer com uma desculpa suficientemente esdrúxula para livrá-lo da cana, com direito até ao retorno das caixas de charutos que o Diretor lhe presenteara.

Entretanto, até sair da cana, o Tenente ainda teve que ouvir diversos sermões do velho Almirante, punindo-o pela desobediência de ordens, e ainda, por expor outras pessoas, a possíveis contaminações, já que a quarentena fora decretada.

E assim terminavam as reprimendas do velho e incansável Almirante Quinn:

-Sorte que a sua irresponsabilidade não trouxe maiores problemas, senão, nem aqui mais você estaria.

***



# NOVAS PERIPÉCIAS CABELUDAS DE UM TENENTE CARECA

## 7

Poucos dias depois das ocorrências narradas no último capítulo, Elizabeth Bondmader retornaria para ALORAX onde passaria um período de férias repleta de aventuras, que, neste momento, não cabem aqui serem relatadas.

O Tenente Fernando Zéca Corinthiano, por sua vez, mesmo tendo se livrado de punições pesadas as quais estava sujeito, seguiu os dois anos seguintes, imerso em trabalhos burocráticos da Frota, durante o dia, e, estudando em cursos preparatórios para diversas áreas, durante a noite.

Não aparecia nenhuma vaga para as suas capacidades, até porque, a Frota não estava operando à plena capacidade.

Os estaleiros não produziam tanto quanto antes, devido às Guerras e às últimas crises econômicas, que, conseguiram desequilibrar até mesmo, sistemas estáveis como o da Federação dos Planetas Unidos, de modos que, as boas oportunidades já não eram tão fáceis, a Frota não crescia, e, o quadro de promoções dos oficiais se mantinha inalterado.

Mesmo as naves robotizadas, agora operavam sem supervisão humana, o que tornava, mais escasso ainda, algum espaço para alguém com as modestas capacitações de Fernando Zéca.

Quanto ao Serviço Secreto da Federação, (E.Y.E.) eventualmente alí até aparecia alguma missão rápida de fim de semana, ou feriado, mas, logo a rotina voltava ao normal.

De qualquer forma, o Tenente ainda tinha que se dar por satisfeito, já que conseguia trabalho para garantir o pagamento de suas contas, no meio de uma crise que não estava facilitando para ninguém.

As Autoridades estavam com dificuldade de garantir até mesmo a segurança social, fato que, permitiu, durante os últimos tempos, o aumento da prática de crimes.

Sequestros, roubos, atentados, assassinatos, estupros...

A insegurança generalizada afligia a todos, de modo indiscriminado.

Mesmo quem aparentemente, vivia sob maior proteção, já não tinha sua tranquilidade garantida.

Nem mesmo, entidades como a Frota Estelar, escapavam do contato com essa realidade, já que, recentemente, dois dos mais destacados Almirantes, foram sequestrados, e, seus paradeiros, eram desconhecidos.

A situação de periculosidade, nas ruas das grandes capitais da Terra, e nas metrópoles de outros planetas do Sistema Solar, levaram as Autoridades a darem a recomendação para que  não se usasse os uniformes fora da Academia, ou, das dependências dos quarteis, já que, em tempos de miséria, a visão geral entre os mortos de fome era a de que, quem trabalhava para a Frota, tinha meios de manter a barriga cheia e se sustentar, ou seja, tinha dinheiro no bolso para ser roubado!

Na boca pequena, corria a história que tamanha crise, era causada pelos tentáculos do Partido Obrero, que se estendiam, não só pelo submundo da Federação, mas também, através das entranhas de outras forças dominantes da Galáxia.

Todo este cenário era conhecido por Fernando Zéca, que, sentia-se incapaz de fazer algo para melhorá-lo, daí, seguia modestamente a vida, cumprindo com suas obrigações, de modos que, os esforços de um dia, positivamente, se juntassem aos do dia seguinte, e assim, sucessivamente.

Porém ainda que o Tenente procurasse manter uma rotina tranquila, alguns dias, eram mais emocionantes que outros.

***

Happy hour de sexta-feira chegou com o Tenente conseguindo terminar todos os serviços no último minuto. Desta vez, não precisaria fazer hora extra.

Sem cerimônia, sequer tirando o uniforme da frota estelar que usava naquele dia: (um dos modelos de macacão clássico-retrô de mangas cumpridas e cor azul-marinho), Fernando Zéca foi direto para o bar, onde, além das tradicionais diversões eletrônicas, haviam também simuladores de pilotagem de combate para naves espaciais.

Ali, o Tenente gastava parte significativa dos seus ganhos, aprimorando as próprias habilidades.

Além da satisfação das vitórias e conquistas virtuais que o simulador lhe proporcionava, não ganhava mais nada praticando durante tanto tempo.

Exceto no dia em que se deparou com três lindas beldades, quando abriu a cabina para sair do simulador após encerrar mais uma corrida com a vitória.

-Olá garotas.

-Me diz uma coisa. - Pediu uma delas. - Você é o Fernando Zéca Corinthiano das corridas, não é?

-Caramba! - Surpreendeu-se o Tenente. Depois de tanto tempo longe dos circuitos, alguém ainda se lembrava dele.

-Sim! Sou eu mesmo.

-Logo percebi! - Disse outra delas. - Toda vez que joga, ele quebra o recorde da máquina. Eu não tive certeza até que o vi com essa roupa...

Fernando Zéca Corinthiano logo entendeu.

O modelo de uniforme da Frota que vestia, se parecia bastante com o seu velho macacão azul, que utilizava nos tempos de corrida.

A conversa com as meninas seguiu para uma mesa do bar onde elas se apresentaram:

-Eu sou Ana!

-Eu me chamo Vera.

-E eu sou a Rosa.

As três jovens, eram pilotos, e regularmente vinham ao bar praticar no simulador.

-Finalmente encontramos o cara que quebra todos os recordes dos simuladores.

-Ficamos analisando o seu estilo de jogo e a Ana desconfiou que o dono dos recordes fosse algum piloto-corredor de naves.

-Seu estilo não muda nada! Continua campeão.

-Não consigo imaginar porque você abandonou as pistas.

-Na época, sua equipe estava deslanchando. Dava a impressão de que ia começar a faturar tudo...

-Bem... É que...

***

O garçom do bar, entregou bebidas, cigarros, em seguida, se afastou da mesa onde os quatro conversavam indo para trás do balcão depois de já a algum tempo matutar:

Boa parte dos clientes tentara jogar uma conversa naquelas três garotas, e, ninguém havia conseguido progresso nenhum.

O cara saiu de dentro do simulador, e de cara, ficou batendo papo com as três na maior empolgação. Quem seria?

Discretamente, o garçom olhava o rosto do sujeito... Parecia o de alguém familiar, cuja recordação não conseguia associar.

Lembrou-se que, próximo a mesa da mesa, ouviu nas conversas, alguma coisa sobre piloto-corredor de naves, daí, com auxílio do computador do bar, tirou uma foto através das câmeras de segurança, e enviou a imagem do rosto para o seu motor de busca favorito.

Logo apareceu o perfil de piloto de corridas de Fernando Zéca Corinthiano.

Na ficha dele, constava ter abandonado o esporte sem grandes explicações e, daí por diante, seu paradeiro era desconhecido.

Nenhum órgão de proteção, nem mesmo a polícia, tinham expedido qualquer aviso contra ele pela net.

Mesmo não sendo da conta dele, e nem havendo porquê se preocupar com o cliente, o garçom continuou com a pulga atrás da orelha.

Tudo o que ele devia fazer agora, era seguir com seu trabalho, pois o tempo que perdia vasculhando a vida alheia, deixava de atender clientes, ansiosos por verem seus pedidos atendidos... Mas...

A inveja de ver um sujeito careca, baixote, barrigudo, e, que naqueles tempos difíceis pagava suas contas, conversando animadamente com três mulherões, que, aliás, pareciam bastante felizes, satisfeitas e sorridentes, fez com que o garçom continuasse de frente para o monitor, tentando achar alguma coisa. E não só isso:

Por não ser dotado de atributo que permitisse, de qualquer forma, satisfazer e realizar beldades como aquelas, o sentimento de desgosto pelo sucesso alheio, no caso, do Tenente, se transformou em ódio dissimulado e inveja.

O garçom agora pesquisava, se o nome Fernando Zéca Corinthiano, aparecia no site de mulheres traídas, que denunciavam supostos enganadores do sexo frágil e dos corações carentes. Para sua decepção, também aí, nada encontrou.

Entretanto, alí, o garçom logo recebeu um aviso:

Aquele nome, constava noutra lista: Na de procurados pelo Partido Obrero!

***

O aviso veio da administração do site.

“AGUARDE CONTATO”.

Foi a primeira mensagem que o garçom recebeu.

Em seguida, na tela do monitor, foi projetada outra janela, que tinha, o rosto de um sujeito de óculos escuros e cara de poucos amigos.

-O que você quer saber sobre esse nome? - Perguntou ele.

O garçom ficou meio assustado com o tom intimidador da pergunta, e balbuciou a resposta:

-Eu trabalho num bar e só queria levantar informações sobre o crédito de um cliente.

-Nesse site? Nós não trabalhamos com informação de crédito.

-Me desculpem! Me enganei.

-Espere! Você disse que esse cara é seu cliente?

-Sim! Ele está aqui...

-Qual o nome do seu bar?

-Estrela Vermelha Popular.

-O que fica na alameda próxima ao QG da Frota Estelar?

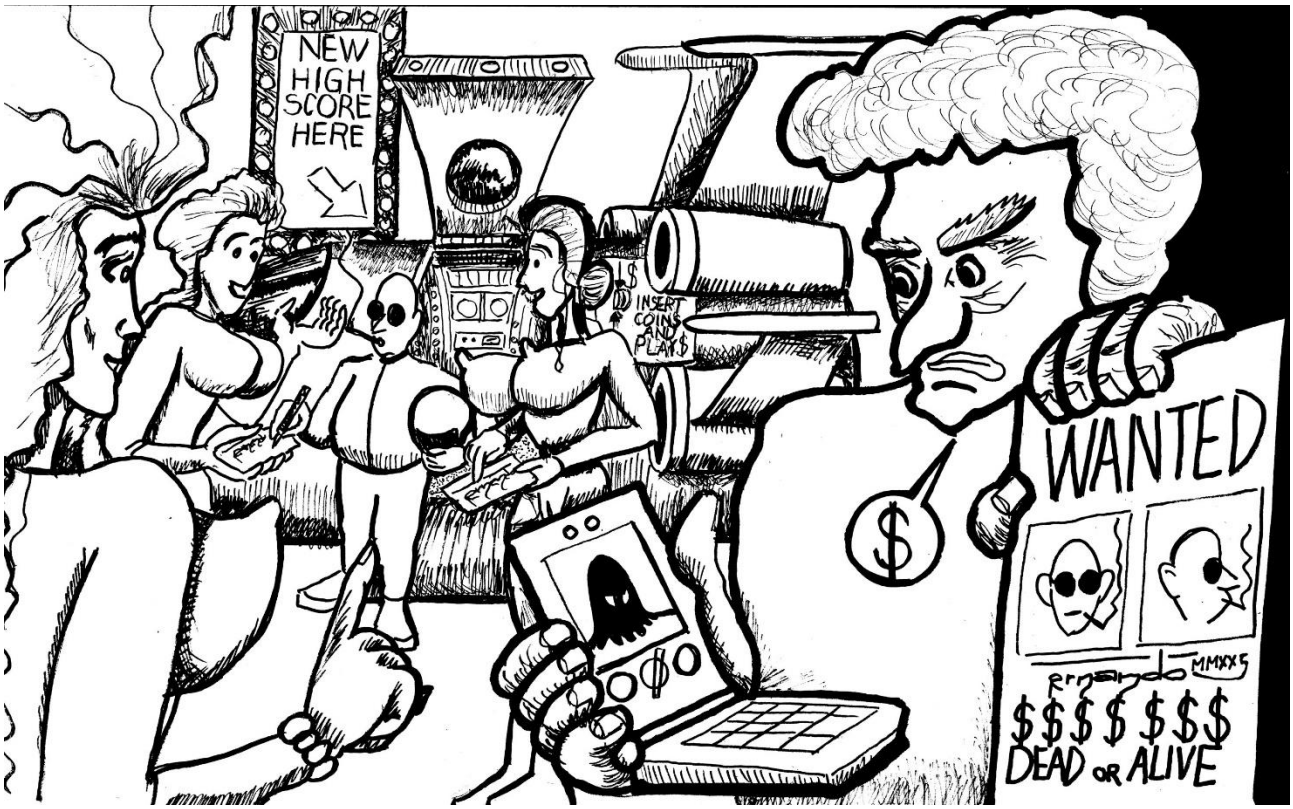
-Sim! Esse mesmo.

-Ah! Vocês estão no nosso esquema!

-Esquema? Como assim?

-Nós somos do Partido Obrero. Teu patrão trabalha para nós.

***




-Teu patrão paga metade dos lucros do bar para a nossa organização.

“Também somos donos desse site, que você acessou, e, que utilizamos, para colher informações, que nos ajudem a chantagear, gente envolvida em casos de traições conjugais e outros desvios familiares.”

“Você quer ganhar um dinheiro extra?”

-C-Claro! - Balbuciou o garçom.

-Se tem aí o nosso número, então, você já deve saber onde é o cativeiro...

-Sim! Já levei um cara lá.

-Então leva também, esse aí, que tu vai receber uma dinheirama!

-Mas o cara deve ser perigoso. Ele tá uniformizado.

-Uniformizado? Como assim? Esse cara não é piloto de corrida?

-Parece que sim! Ele vive jogando nos simuladores do bar.

“Mas ele tá usando um uniforme. Acho que é coisa de cardasiano...”

“Não tenho certeza... Para mim essas roupas são todas iguais...”

E, de fato, o garçom estava fazendo confusão mesmo.

O uniforme ao qual ele se referia, era um modelo antigo da Frota Estelar, que ainda não levava em destaque, o seu logotipo tradicional.

-Uniforme cardasiano? - Indagou o sujeito do outro lado da linha. - Isso pode ser um problema. Esse cara pode tá metido com gente muito perigosa..."

"Bom...De qualquer forma, dá um jeito de trazer o piloto aí para o cativeiro."

"Perigoso ou não. Você leva uma recompensa se entregar ele. Agora se vira aí."

A janela com a cabeça do membro do Partido Obrero se fechou, e, o garçom se viu diante de um problemão. Mas ele já tinha uma solução.

***

Só uma daquelas beldades, já seria capaz de deixar qualquer homem feliz da vida.

Duas então... Agora, imagine três!

O Tenente Zéca, numa noite que, até o momento parecia ser extremamente feliz, conheceu três belas admiradoras do seu trabalho, e, logo conquistou a confiança delas.

As moças, também eram pilotos e, naquele momento procuravam um bom hotel para se hospedarem.

-Fiquem na minha casa. - Convidou o Tenente.

Surpreendentemente, elas aceitaram o convite, e, assim, o quarteto decidiu que já era hora de ir embora.

Antes, porém...

-Vou pedir a licença de vocês, por uns instantes. - Disse Fernando Zéca se levantando da mesa. - Estou recebendo um chamado da natureza que preciso atender...

Saiu dali e foi para o banheiro do bar.

No caminho, esbarrou com o garçom que, educadamente, lhe pediu desculpas.

Dali para frente, o Tenente começou a sentir tonturas.

Mesmo cambaleante, ele seguiu para o banheiro onde se aliviou.

Em seguida, lavou as mãos, o rosto, tentando espantar aquele súbito e inexplicável torpor, que ia ficando cada vez mais insuportável.

Não teve sucesso.

Mal acabou de enxugar as mãos, e o mundo ao seu redor começou a rodar...

As pernas foram fraquejando aos poucos, e ele, sentindo que ia cair, procurou rapidamente sentar-se no chão, apoiando as costas na parede.

A última coisa que viu antes de desmaiar, foi o garçom que atendeu a sua mesa, e, mais um outro sujeito, entrarem no banheiro.

-Não perca tempo e leva logo esse cara para o cativeiro. Vou falar para as moças que ele fugiu e deixou a conta para elas pagarem.

***

Acordou todo dolorido.

Estava deitado num ambiente escuro, fedido, pouco maior que um banheirinho de Buteco, e com um buraco no meio dando direto para o esgoto.

Só havia uma porta, que era de aço e estava trancada.

Não conseguia ver muito através das frestas dela. Somente, pela do chão que tinha quase dois centímetros.

Percebeu que não tinha ninguém no cômodo ao lado daquele cubículo onde estava trancado. A memória foi retornando e ele entendeu o que havia ocorrido.

O garçom do restaurante, de algum modo, o colocara naquela situação.

Talvez, na hora que tivesse lhe trazido alguma bebida, ou ainda, no esbarrão que dera com ele antes de chegar ao banheiro.

Fernando
MMXX5

O fato é que, no bar, por meio escuso, Fernando Zéca, foi exposto, pelo garçom, a algum narcótico que o colocou inconsciente e agora, estava ali preso naquela situação.

Não tinha mais a carteira consigo, tão pouco o seu chaveiro.

Entretanto, num dos bolsos internos da roupa que vestia, ainda estava o seu canivete suíço multi-versátil, que, não foi percebido durante a suposta revista onde lhe surrupiaram seus pertences.

Sacou-o enquanto agradecia a Santíssima Virgem Maria e a todos os anjos dos céus pelo vacilo dos captores que lhe, permitiu manter consigo um instrumento com mais de duas mil funções disponíveis, incluindo 3 cigarros de emergência, um dos quais já acendeu com o isqueiro da própria ferramenta.

Em seguida, na porta do cativeiro, Fernando Zéca utilizou outro apetrecho do acessório, do qual saiu um raio branco, forte, e intenso que cortou o aço como manteiga.

Em menos de meio minuto, a fechadura presa à parede foi destruída, abrindo-lhe caminho para um ambiente, pouco melhor que o cubículo de onde saía.

O mau cheiro era menor, mas, as paredes e a iluminação o mesmo lixo.

Ratos corriam livremente perto de outras portas iguais à que cortara.

Talvez até houvessem outros prisioneiros, possibilidade que, no momento, não preocupava o Tenente Zéca que priorizava a própria liberdade naquela escapada em que contava apenas com seu canivete.

Não apenas outra ferramenta qualquer como as tantas vendidas nos baciões das liquidações. Na verdade, um artefato multi-funcional que, entre suas tantas utilidades, podia fazer cinco disparos phaser equivalentes aos das melhores pistolas

Naquela situação, o Tenente ouviu uma voz e foi verificar sua origem perto de uma porta, por onde visualizou noutro cômodo, a seguinte conversa:

-Daqui a pouco estaremos aí. - Dizia alguém pelo intercomunicador... Vários patrões do partido estarão comigo.

“Esse piloto aí deu muito prejuízo vencendo uma corrida, cujo resultado já tínhamos arrumado para ser outro. Ele não sabia de nada, mas foi escolhido pra pagar o pato.”

-Ele tá guardado e eu vou esperar, aqui chefe. Pode ficar sossegado.

-Me disseram que ele está vestindo uma roupa cardasiana...

-Não sei se é cardasiana, chefe. O que posso dizer é que não é um destes modernos uniformes da Frota Estelar que vemos por aí. O desenho é bem antigo e, azul.

-Vamos tirar essa dúvida assim que eu chegar aí.

“Os patrões querem saber tudo o que puderem sobre esse cara.”

“Até mais então.”

-Até mais chefe!

Desligado o intercomunicador encerrando-se a ligação, o Tenente acertou com um tiro phaser do seu canivete multi-função, a cabeça do sujeito que estava ali, e morreu instantaneamente.

O Tenente, por sua vez, aproveitou o armamento que estava na sala e se preparou para sair. Agora armado com duas pistolas phasers e, um rifle.

Motivado e disposto a atirar diante de qualquer sinal de perigo, Zéca seguiu por um corredor formado por paredes semidemolidas feitas com chapas de zinco e madeirite.

A iluminação provinha das aberturas que haviam no teto de fibra de vidro, para o céu estrelado e com lua cheia daquela madrugada.

Ninguém circulava por ali, coisa que, o Tenente achou melhor e menos problemática, entretanto, não era um caminho imune aos perigos, visto que, nem precisou andar muito para que alguma complicação lhe perturbasse a fuga. No caso, quatro cães ferozes, que avançaram velozmente e silenciosamente na sua direção.

Esta ação, apesar de rápida, na visão do Tenente, aconteceu em câmera lenta.

Depois de breve corrida, os cães deram um último salto para alcançar com suas patas dianteiras e mandíbulas, as carnes gordurosamente tenras do Tenente.

Com os bichos em pleno ar já de línguas ensalivadas, num movimento rápido e preciso, Zéca apontou as pistolas e disparou quatro vezes, eliminando os agressores.

***

O Tenente seguiu pelas sombras até um quarto com janela.

Olhou através desta, tentando se localizar antes de prosseguir com a fuga.

Logo se surpreendeu.

Estava no andar alto de um edifício situado no meio do que parecia ser zona condominial de periferia decadente e suja!

Dezenas de edifícios em péssimo estado de conservação, abrigavam quantidades de moradores muito superiores às suas capacidades, transformando-se em verdadeiras favelas com formato de arranha-céus de concreto cinzento e vidro sujo.

Mesmo aparentemente estando a uma altura superior à de cinquenta pisos do térreo, não conseguia enxergar muito longe, já que, ali, os edifícios eram construídos muito próximos uns aos outros, de forma a aproveitar o máximo possível de cada metro.

Assim sendo, a auto localização, ficava difícil, já que, nas periferias, a maioria dos prédios é muito parecida inviabilizando até, a identificação do local.

Mesmo pelas estrelas, não dava para se ter um posicionamento preciso.

Densas nuvens, cobriam amplas regiões do céu escuro, atrapalhando até a identificação dos astros da manhã, ora destacados naquele firmamento.

No caminho do Tenente, jaziam os corpos dos cães que tentaram atacá-lo.

Sair dali, não seria fácil.

***

Acabou voltando para a sala onde estava o corpo do seu ex-carcereiro.

Um aparelho de rádio ali tocava músicas na madrugada, mas, a vítima do tiro do Tenente, não se levantaria mais para dançá-las.

Zéca desligou o rádio e, imediatamente, escutou o som de vozes se aproximando daquele local. Uma delas, logo identificou:

Era a do interlocutor com quem conversava o seu finado ex-carcereiro pelo intercomunicador. Certamente, eram os chefe e patrões que chegavam para visitá-lo.

As vozes se aproximavam rapidamente, e o Tenente, teria poucos segundos para se preparar.

***

Logo, encontrou a melhor solução e se escondeu dentro de um armário de material

de limpeza, cuja porta encostou, deixando só uma fresta para ver o que acontecia.

Apareceram dez homens que se surpreenderam com a presença do cadáver.

Todos ficaram em alerta diante do morto.

Nesse interim, dentro do armário, o Tenente encontrou um robô de limpeza.

Não sabia para que era utilizado num ambiente imundo como aquele, mas, logo teve uma ideia baseada nas suas traquinagens dos tempos de adolescência, quando, sabotava este tipo de robô para dar sustos, ou mesmo, choques elétricos nas pessoas.

O modelo praticamente ainda continuava o mesmo, de modos que, não teve dificuldades em encontrar um certo chip e, arrancá-lo da placa-mãe.

Mudou ainda, o posicionamento da antena do robô: um arame metálico com metro e meio de altura, que, depois de modificado, não serviria mais para receber sinais de controladores remotos, e, sim, para dar choques.

Sem que fosse percebido, o Tenente preparou e colocou o robô em forma de disco, com quarenta e cinco centímetros de diâmetro por três e meio de altura, no chão e este avançou rapidamente em direção aos bandidos próximos.

Aquele equipamento, além da limpeza, também era programado para eliminar pequenos animais domésticos, como ratos, cobras e insetos.

O chip retirado pelo tenente, era o que impedia o robô de atacar seres humanos.

Mais especificamente onde ficavam as LEIS ASIMOVIANAS DE ROBOTICA.

Sem esta programação, o robô interpretava agora os seres humanos como animais maiores que deveria matar, de modos a manter limpo o ambiente.

Protegido no armário, o Tenente assistiu tudo que se sucedeu:

O robô se movimentou rapidamente entre os larápios da quadrilha, com sua antena rapidamente acertando como um chicote os alvos a serem “limpos”, de modos que estes, logo caiam mortos, instantaneamente eletrocutados!

Claro que houveram os que reagiram e dispararam contra o robô, redundando em inútil perda de tempo já que sua carcaça resistiu sem problemas, aos tiros que lhe foram dados, a ponto deste, em menos de dois minutos contra-atacar dizimando toda a gangue.

Finalmente a poeira baixou, restando apenas o robô matador, circulando a procura de outros “intrusos” para “desinfetar”.

Sem mais o que fazer, o Tenente saiu do abrigo, e rapidamente acertou um disparo de altíssima precisão no único lugar que a carcaça não protegia, seja, um interruptor que imediatamente desligou o robô programado para matar.

Tendo a barulheira diminuído, por trás de algumas das portas daquele cômodo, nosso protagonista ouviu sons de gemidos agonizantes e choro.

Com o fim da música ruim tocada no aparelho que Fernando Zéca desligou, levantou-se o volume destes lamentos, até então sufocados, por tanta poluição sonora...

Casualmente, passando os olhos ao redor, o Tenente reencontrou sua carteira e o comunicador disfarçado de chaveiro, com forma de logotipo delta da frota.

Curiosamente, no mesmo local, também haviam outros dois chaveiros parecidos com o seu, o que era um indicador de mais gente da Frota Estelar alí presa.

O fundo do seu subconsciente ainda estava em dúvida se dispendia precioso tempo ajudando quem não conhecia, já que poderia muito bem priorizar sua segurança pessoal, dando logo o fora dali, e, chamando ajuda já de um lugar mais seguro.

Por mera curiosidade, de qualquer forma, resolveu abrir as portas dos cativeiros ali próximos e deparou-se com outro cenário muito parecido com aquele de onde conseguira fugir: um cubículo, fedido, abafado, escuro, em cujo interior jazia um homem semi-inconsciente gemendo.

Fernando Zéca Corinthiano tirou o sujeito dali e sentou-o numa cadeira.

Em seguida, abriu outra porta de onde também saiam sufocadas lamúrias, e deparou-se com situação idêntica à anterior.

Outro individuo quase desacordado, em condições deploráveis, a que nenhum ser

humano deveria ser submetido também padecia num cubículo escuro, mal-cheiroso.

O Tenente arrumou água para os infelizes que mal falavam e se mexiam.

Um deles desatou a chorar, mas ainda assim, não conseguia falar.

O Tenente sacou do bolso o chaveiro com o logotipo da Frota e, através deste, fez um chamado:

-Tenente Fernando Zéca para QG da Frota Estelar!

O pequeno comunicador soltou alguns estalidos e chiados....

Momentos de suspense...

-QG da Frota Estelar na linha! Em que posso ajudá-lo, Tenente?

Fernando Zéca Corinthiano explicou a situação em que se encontrava, e obteve a seguinte resposta:

-Estamos triangulando as coordenadas e já temos a sua localização.

Pausa...

-Tenente, temos um problema.

-O quê?

-O senhor terá que sustentar sua posição. Nossos teletransportes, nessa região, onde o Senhor se encontra, funcionam muito mal e sofrem diversos tipos de interferência.

“Enviaremos uma equipe de resgate, que só chegará aí daqui quarenta minutos!”

“Trate de se defender! Não perca as esperanças que ajuda está chegando.”

“QG da Frota desligando!”

O Tenente não ficou nada feliz.

Agora tinha de esperar a chegada da ajuda da Frota, não podendo chamar ninguém do Serviço Secreto da Federação, tendo mesmo quee sustentar a posição delicada.

Quem estava melhor ao seu lado, era um dos cativos, que já se apresentava até sorridente, enquanto apontava, com gestos tímidos, para o chaveiro do Tenente, com o símbolo da Federação.

-Sim, meu amigo... A cavalaria da Federação virá nos resgatar, mas, como todo filme emocionante, a ajuda ainda vai demorar.

“Estamos fora de alcance! Enquanto isso, teremos de segurar as pontas sozinhos.”

O Tenente colocou o chaveiro com o símbolo da Federação nas mãos do homem e foi checar o armamento disponível.

Tinha que se preparar para a possibilidade nada remota das coisas complicarem...

***

Remexendo o local onde estava, o Tenente encontrou um pequeno arsenal em outro cômodo com vários armários lotados de pistolas e fuzis phasers.

Haviam até dois robôs-humanoides, do mesmo modelo que aqueles, que tivera sob seu comando, nos tempos de Alferes, a bordo da SSF GALATRINA 01.

Tamanho poder de fogo mostrava que a bandidagem ali não estava para brincadeira.

E aquela, era apenas, uma pequena amostra da força que tinha o submundo do crime comandado pelo PARTIDO OBRERO.

Alí naquela imensa favela de concreto, haviam confirmados, centenas de outros depósitos iguais, transparecendo que, talvez nem as forças armadas sob comando da Frota Estelar, e, da Federação tivessem tanto preparo, quanto a criminalidade unida ou não do submundo.

Se as quadrilhas desconfiassem que um de seus arsenais, corria risco de cair nas mãos da Autoridade, eles certamente tentariam salvar ou garantir que o máximo possível de suas “ferramentas de trabalho”, não lhes fossem tomadas.

E para isso, utilizariam todos os recursos inclusive, violência desmedida.

Ciente disso, o Tenente corria para organizar uma resistência naquele local, de onde nem sabia como sair, portanto, teria de se garantir, até a chegada da cavalaria salvadora

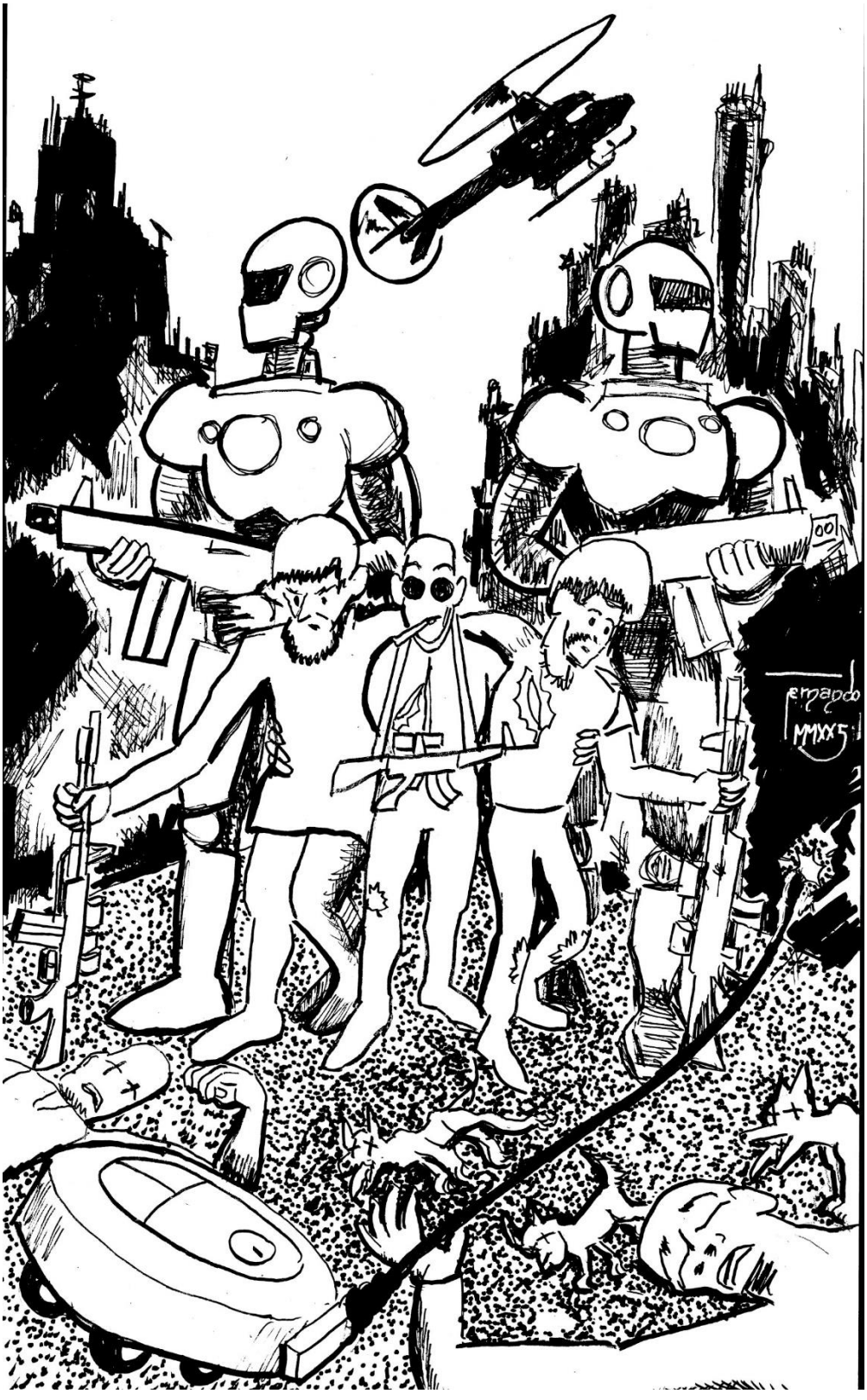
da Frota.

Reprogramou, acionou, e armou os dois robôs que estavam por ali desligados e largados, de modos que estes também ajudassem contra eventuais ataques.

O Tenente identificou três pontos onde poderia fazer uma defesa temporária do local, e, para dois deles, designou os novos aliados mecanizados.

Para o terceiro lugar, foi ele mesmo, operar como franco-atirador numa provável ação defensiva, que tivesse de empreender...

***



Os quarenta minutos se passaram tensos...

Os comunicadores dos larápios, tocavam alternadamente, sem descanso.

Fernando Zéca, teve que colocá-los no vibracall, para não chamar atenção na vizinhança.

Quando o Tenente começou a achar que estava na hora da Frota aparecer, o que, de fato surgiu, foi um drone armado.

Fernando Zéca tentou se fazer de desentendido, acreditando que seu esconderijo não seria descoberto, mas, a tática não deu certo.

Assim que o avistou, o drone imediatamente atirou quase lhe acertando.

Sorte do Tenente foi que: um inesperado vento forte, afastou a mira do drone do alvo, atrasando assim, o que seria, o seu encontro com a morte.

Daí por diante, a sorte do Tenente se transformou em azar para o drone com um dos robôs reprogramados acertando-lhe um disparo certeiro, que o inutilizou completamente.

Ainda que aquela ameaça estivesse afastada, o perigo continuava à espreita, até porquê: agora, muito certamente, alguém do Partido Obrero, já sabia haver algo fora da normalidade por alí.

***

Antes mesmo de se completarem os famosos quarenta minutos prometidos pelo QG da Frota, o Tenente tentou várias vezes restabelecer o contato com o quartel, mas, não foi bem-sucedido, pois era atendido pela telefonista eletrônica, que não avançava em nada...

-Você ligou para o Quartel General da Frota Estelar da Federação dos Planetas Unidos: se deseja falar com: recrutamento, disque 1, academia estelar, disque 2, compra de uniformes, disque 3, tesouraria, disque 4, segurança, disque 5, Fundos de Pensão, disque 6, restaurante, disque 7, Departamento Pessoal, disque 8, Enfermaria, disque 9, Operadora, disque 0, ou aguarde na linha...

Treze minutos depois do prazo prometido para a chegada de ajuda, foram teletransportados para as proximidades, mais drones da bandidagem iguais àquele derrubado anteriormente... E que também chegaram atirando

Os robôs ao lado do Tenente, logo revidaram atirando e derrubando vários deles.

Fernando Zéca também acertou alguns atacantes, dando fim a outra investida.

Quando o relógio acusou vinte minutos de atraso, chegou outra leva de drones, ainda mais agressiva que a primeira.

O tiroteio foi intenso e, desta vez, um dos robôs que ajudava o Tenente na defesa, foi totalmente destruído.

Quando o segundo robô parecia prestes a sofrer o mesmo destino, apareceu um helicóptero da Frota Estelar distribuindo tiros contra os drones.

Era um modelo blindado e silencioso, que se aproximou daquele combate, levando fogo por todos os lados, e que, mesmo assim, com seus possantes canhões, logo limpou a área da investida inimiga.

Finalmente, o comunicador chamou.

-Tenente! Só temos condições de levar uma pessoa agora. As demais aeronaves que tem equipamentos de teletransporte capazes de levar mais pessoas, estão ocupadas em outras missões.

Por um segundo, Fernando Zéca até pensou em ser teletransportado em primeiro lugar, deixando para trás seus dois companheiros de cativeiro.

Logo entretanto, indicou um dos sequestrados, aquele que estava em situação mais delicada, para ser levado.

Em menos de cinco segundos, ele foi teletransportado, para o interior do helicóptero que partiu velozmente.

***

Não demorou nem dez minutos para que outra leva de drones fosse teletransportada para ali, imediatamente investindo contra a posição defendida pelo Tenente e o que sobrara de um dos robôs.

Desta vez, a agressão veio com maior intensidade.

O segundo robô, logo foi destruído e o avanço seguiu contra o último bastião, ora defendido pelo Tenente.

Já bastante ferido e ensanguentado, quando o Corinthiano começava a achar que seu fim chegara, finalmente, apareceram dez helicópteros da Frota Estelar, que também, chegaram cuspindo fogo com violência total.

A chuva de disparos contra os drones do Partido Obrero era tão intensa, que estava incendiando tudo por ali. Mas essa, já não era mais uma preocupação para o Tenente.

Tanto ele, bem como o outro sequestrado foram logo teletransportados, e, levados para longe daquele cenário de guerra.

Bastante machucado devido aos ferimentos, mas, feliz por ter escapado vivo das garras do Partido Obrero, juntamente com outros dois cativos, o Tenente desmaiou de olhos abertos, vendo pela janela do helicóptero, os primeiros raios de sol, de um novo dia que poderia disfrutar em liberdade.

***

-Chega de folga, dorminhoco.

Fernando Zéca Corinthiano sentiu uma forte picada no ombro espalhando pelo resto do corpo, um refresco gelado e revigorante que até melhorou sua visão clareando imagens inicialmente revelando que o Tenente estava deitado na moderna maca de um recinto médico tendo uma lindíssima médica lhe aplicando alguma injeção.

No mesmo lugar, diante de si, também estavam três oficiais do alto comando da Frota Estelar! Três Almirantes!

Um deles era o Quinn. Mas aqueles outros dois... Não lhe eram estranhos...

Pensou... Pensou.. Pensou... E finalmente teve um estalo:

Os dois Almirantes eram os colegas que salvara.do cativeiro!

-Folgo em vê-lo com saúde. - Disse um deles.

-Parabéns, Zéca. Você salvou dois oficiais da Frota que haviam sido sequestrados pelo Partido Obrero! - Disse o Quinn.

-Essa quadrilha quase nos matou. - Confirmou um deles.

-Queriam que revelássemos segredos da Federação. - Completou outro.

-Eu não sei se eu teria conseguido fazer o mesmo por estes dois velhos rabugentos. - Disse o Almirante Quinn.

-Foi um ato heroico Capitão!

-Sim! De fato! E para mim, veio em boa hora. Não sei se eu continuaria suportando tanta pressão. Aquele lugar estava acabando com a minha saúde. Só de lembrar, meu estômago já se enrola inteiro. Devo-lhe a vida, Capitão. Não tenho como pagar tal débito."

"Apenas posso lhe agradecer."

-Aquele lugar estava consumindo a nossa vontade. Se ficássemos mais tempo, logo acabaríamos cedendo. Sua ação, Capitão, além de salvar nossas vidas, você prejudicou boa parte da ação dos tentáculos do Partido Obrero na Terra."

"Tão logo, eles não se recuperarão dos prejuízos que sofreram, até porquê, conseguimos apurar boa parte da sua estrutura e rede de comando."

-O senhor ficou desacordado por uma semana, Capitão.

"Nesse tempo, a mão pesada da Frota agiu com rigor contra os tentáculos do Partido Obrero no Sistema Solar. Não escapou da nossa represália, nem mesmo o bar onde o

Senhor foi dopado e sequestrado.”

-Um ato heroico, sem qualquer sombra de dúvida, Capitão. O senhor foi bastante incisivo no contra-ataque, e ainda arriscou a própria vida para salvar outras pessoas... Poucos teriam feito igual...”

-Puxa que ótimo ver que estamos todos bem.

“Agradeço a visita dos Senhores. Estou de fato emocionado.”

“Só tem um detalhe... Não querendo ser chato... É que meu posto é de Tenente, e não o de Capitão.”

“Mas, de qualquer forma, confesso que tive momentos de dúvida.”

“Tudo o que fiz, se deveu à sorte e a meu canivete suiço multi-função...”

-Muito interessante, Capitão. Vou considerar incluir um destes canivetes suíços no uniforme da Frota daqui para frente.

-Tenente... - Quis corrigir, Fernando Zéca...

-Capitão! - Retificou com voz firme o Almirante Quinn. - Você subiu de posto enquanto dormia e se recuperava dos ferimentos obtidos durante a prestação de relevantes serviços para os colegas da Frota Estelar e para a Federação.

-Agora terá novas responsabilidades. - Disse o outro Almirante.

-E continuará sendo o nosso mais valoroso contato e agente, junto ao Serviço Secreto da Federação, Capitão.

-Nessa nova posição, queremos que ajude a revelar mais partes da estrutura do Partido Obrero, para que possamos dar um fim a essa ameaça.

Se você acha que esta organização é grande e ameaçadora, imagine, que é apenas a ponta de outra muito maior chamada VELHA ORDEM UNIVERSAL...

-Caramba...

-Mas não se preocupe com isso agora e descanse. A sua hora de trabalhar vai vir logo mais.

-Puxa! Obrigado pela promoção. Quanto a esta VELHA ORDEM UNIVERSAL, ajudarei a combatê-la com tudo o que estiver ao meu alcance, mas, eles já me conhecem e, talvez até já saibam que eu estou a serviço da Frota Estelar.

-Felizmente, sua posição não foi comprometida Capitão. Antes de fazermos uma operação de varredura completa naquela zona periférica onde foi seu cativeiro, também realizamos um rastreio nas chamadas dos comunicadores utilizados pelos criminosos.”

“O pessoal que te capturou, achava, que você, de alguma forma, se encontrava associado aos cardasianos.”

“Eles não reconheceram o teu uniforme da frota estelar, pois, a versão retrô que você estava vestindo é muito antiga, e esta, eles confundiram com alguma coisa que não tinha nada a ver com tua verdadeira posição, então, se o teu envolvimento nestes acontecimentos, é sabido por alguém, certamente este alguém, não tem os dados corretos.”

-Isso é ótimo, senhores. Muito obrigado. Fico às ordens. Me empenharei ao máximo.

-Ah! Capitão! - Chamou o Almirante Quinn. - Aprenda sua primeira lição, já que, agora terá contato mais direto com o Alto Comando.

“Quando eu mesmo fui da Marinha, havia um ditado que dizia: “A Marinha não erra, se engana.” Com a Frota Estelar, ocorre a mesma coisa: O Alto Comando da Frota Estelar, não erra, ou seja, se um Almirante te chama de Capitão, você fecha o bico e reza para não ser rebaixado.”

-Sim Senhor, Almirante! - Concordou o Capitão Fernando Zéca Corinthiano.

***

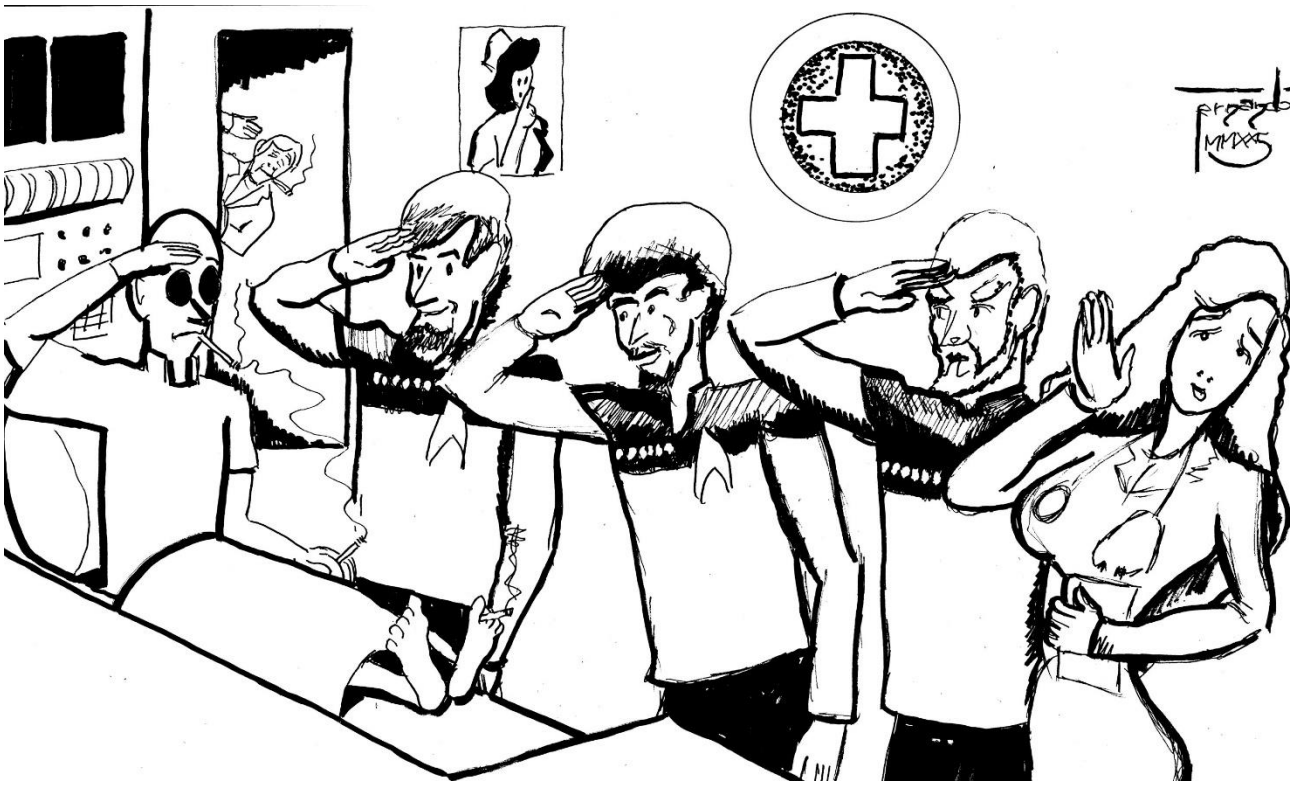
**MORAL DA HISTÓRIA:**

Nunca saia de casa sem o último modelo de canivete suíço do século XXIV.

Adquira o seu nas melhores lojas do ramo, ou, através do site do fabricante na

internet.

***



# HISTÓRIAS DE UM CAPITÃO CORINTHIANO
## 8

Fernando Zéca Corinthiano, estava sentado na mesa de um café, fumando seus cigarros ilegais, tomando energético, e, assistindo os noticiários através dos monitores dispostos nas paredes do salão.

A cadeira, ao seu lado, na mesa em que usava, estava vazia até o momento, em que sentou nela, um grandalhão de pele azulada, duas antenas logo acima da testa, saindo do meio dos cabelos brancos, trajando uniforme da Frota Estelar.

-Azulão! - Exclamou Fernando Zéca, visivelmente surpreso. - Cara! Que alegria te encontrar aqui!

-E aí, Zéca? Como vai?

-Melhor agora! Quer um cigarro?

-Não, irmãozinho! Vou de cerveja andoriana mesmo!

-Você não nega ser andoriano, Azulão. Sempre dando preferência para os produtos lá do seu planeta...

-É porque a cerveja andoriana, é a melhor que existe, Zéca. Você não entende do assunto, pois não é um verdadeiro apreciador.

-De fato, Azulão. - Meu negócio é esse aqui.

Falou e deu algumas tragadas no seu cigarro.

Azulão sorriu fez sinal para a garçonete, que se aproximou da mesa, e pediu:

-Uma cerveja andoriana para mim.

-E um bloodwine klingon para mim.

Nesse instante, a terceira cadeira da mesa, que, até aquele instante, estava vazia, foi em seguida, ocupada, por um klingon, também uniformizado, que, nela se sentou.

-Karrov! - Duplas alegrias, meus irmãos! -Exclamou Fernando. - Que surpresa inesperada.

O klingon, outro gigante, pouco maior que o Azulão, bateu no peito com o punho cerrado, cumprimentando ao seu estilo, os colegas que também vestiam roupas da Frota.

-Que encontro, meus amigos! Que alegria! - Disse Fernando.

“Pelo visto, todos nós continuamos enrolados com a Frota Estelar”.

-Certos hábitos não se mudam tão facilmente. - Disse Azulão.

Com ar extremamente sério, Karrov, confessou:

-Se eu fosse seguir o meu povo, jamais teria me juntado à Frota Estelar, mas, como eu entendo um pouco do humor dos humanos, achei que seria divertido servir nela por algum tempo. As piadas que eu aprendo com os colegas são tão boas, que, até hoje, ainda não me encorajei a voltar para Q'onos.

“O clima lá é meio pesado para um klingon mais bem-humorado como eu.”

“Se eu contar as piadas da Terra, me chamarão de comediante afeminado.”

-Você não tem mais cura. - Disse o Azulão.- Além de mau piadista, você é o único klingon que se dá bem com os “pingos”. Não é mais puro sangue. Já está muito assimilado pelos valores da Federação.

Karrov fêz cara de mau humor, mas, não discordou.

-Pode até ser, mas estou longe de ser comediante afeminado.

-Ninguém tá falando que tu seja afeminado e sim que já estás contaminado.

-Ei! Eu não sou afeminado. - Protestou Karrov. – Sou piadista e aprecio o humor de outras civilizações, inclusive a vulcana!

Fez uma pausa esperando algum efeito com a piadinha sem graça, mas de qualquer modo, apenas por sacanagem, ninguém riu. Karrow então continuou:

-Ademais a comida natural klingon já não me apetece mais. Quero agora me deleitar com os cardápios das porcarias industrializadas produzidas na Federação.

-Karrov! Tu não só abraçou os valores da Federação como praticamente se abrasileirou, de tanto comer feijoada, beber caipirinha e ouvir o pagode do Bezerra da Silva.

-Ah! Aí sim eu concordo. - Disse Karrov. – Depois do povo, a comida é a melhor coisa que tem no Brasil, junto com o Bezerra que é extraordinário. Um verdadeiro filósofo...

As bebidas então chegaram à mesa e todos brindaram.

Karrov em seguida continuou:

-Fiquei sabendo de uma história engraçada. Não é piada klingon, mas também tira sarro dos oficiais mais graduados. Nesse caso, os da Federação.

-Isso parece interessante, vamos lá Karrov! - Incentivou o Azulão. - Suas piadas, de vez em quando são boas.

-Lá vem... - Disse Fernando.

Karrov então começou:

-Um oficial está na enfermaria se recuperando de sua última aventura, quando o Alto Comando vem visitá-lo em peso, para congratulá-lo por bravura e heroísmo.

-Puxa vida! O Almirantado todo tirou as bundas da cadeira para visitar UM DOENTE??? O enfermo devia ser importante...

Karrov virou-se para o Azulão fazendo careta de pouco caso e continuou...

O Almirante que tinha saído do próprio gabinete para ir ter com ele, lhe fala mais ou menos assim:"

"-Meus parabéns, Capitão, por seus méritos, coragem, blá blá blá, blá blá blá e blá blá blá..."

"Aí o oficial interrompe o Almirante para corrigí-lo:"

"-Mas o Senhor se enganou. Não sou Capitão, sou Tenente."

Nesse momento, Azulão interrompeu a história:

-Caramba! Mas esse oficial deve ser um idiota! Não se corrige um Almirante! O cara pediu um rebaixamento! Não deve saber que pensão de Tenente não paga nem a festa no bordel.

-Pois é. - Concordou o klingon. - Só que, tem mais:

"O Almirante continuou a chamá-lo de Capitão, e ele, por sua vez, ainda queria corrigir o Almirante."

-Esse cara é uma besta. Se fosse comigo, eu ficava quieto.

-É! Um verdadeiro animal.

-Ei! - Exclamou Fernando Zéca. - Eu conheço essa história!  Ela aconteceu comigo."

-Pô Zéca! Você não se ligou que tava sendo promovido? - Indagou o Azulão, muito mal contendo o riso.

-Eu estava me recuperando! Achei que o Almirante tivesse enganado.

-Deve ser o primeiro Capitão da Frota Estelar, que já chega no cargo tomando bronca do Almirantado. - Continuou Karrov.

-Levou reprimenda do Almirante? - Perguntou Azulão.

-Peraí, rapaziada! Não foi bem assim. - Tentou explicar Zéca.

-O Almirante lembrou pro Zéca a história da Marinha nunca erra.

-Serio, Karrov? - O Zéca logo de cara levou essa? Tá brincando comigo. Parece coisa de novato.

-Que nada Azulão! O infeliz não teve tempo de sair da maca e já tomou ali mesmo."

-KKKKKKKK kkkkk

-Peraí! Parem de me sacanear! O Almirante não me deu bronca nenhuma. Dessa vez eu fui até elogiado!

-Porra Zéca! Tu tá de sacanagem que você foi corrigir um Almirante...

-Peraí! Eu tava na enfermaria me recuperando.Meu raciocínio foi outro..."

-Puta que o pariu, Zéca! Deixasse o homem falar o que ele quiser! Ele é o Almirante. Ele fala o que bem entende.

-Mas... Eu... Porra Karrov! Essa tua piada não tem graça nenhuma!" Isso aí foi pura

sacanagem!

-Ôôô! Calma aí Zéca! Tudo bem. Essa foi só para zoar mesmo! Mas agora eu tenho uma notícia boa de verdade”

-Ah! É? Demorou! Fala Logo!”

-Eu me alistei na nave que você vai comandar.

-Na U.S.S. GALATRINA III? Sério? - Indagou Zéca perplexo...

-Exato, Capitão!

-E eu também me alistei na U.S.S. GALATRINA III, Capitão Fernando Zéca Corinthiano.

-WOW! - Exclamou Zéca. - Isso é ótimo!

E deu até um soco no ar.

-Vamos ter, parte do BANDO DE LOCOS FEDERADOS, juntos sob o mesmo teto.

-E tem mais, Capitão. - Continuou Karrov. - O Tolek também se alistou para a U.S.S. GALATRINA III e conseguiu lugar nela.

-QUE BELEZA! O Tolek também!

Isso é muito melhor do que eu esperava. - Comemorou Zéca.

-Um brinde a esse time!

-Um brinde a esse time!

-Um brinde a esse time!

Os copos bateram um nos outros e, na sequência, tiveram entornados, os líquidos que continham, nas goelas dos membros da Frota Estelar e tripulantes da nave U.S.S. GALATRINA III.

-O que sabem sobre a nossa nave, cavalheiros? - Indagou Fernando Zéca limpando o bigode de espuma.

-É uma Sovereign. - Respondeu o Azulão.

-Isso mesmo, meu caro. - Concordou Zéca. - Mas, ela também é bem mais que isso: Eu mandei equipá-la com acessórios “personalizados”.

-Personalizados? - Indagou Azulão desconfiado. - Não sabia que a Frota Estelar permite acessórios personalizações nas suas naves...

-Essa nave tem um nível de robotização muito maior que todas as outras. - Explicou Karrov.

-Também é isso. - Concordou Zéca. - Mas, não é, SÓ isso.

E continuou explicando

-Vejam só o que aconteceu:

“Recentemente, fui a um sebo, onde encontrei velhos manuais de uma antiga nave da Federação, a DISCOVERY.”

-Essa nave é lendária. - Disse Karrov. - Lendária no sentido de lenda mesmo. Há quem acredite que ela nunca existiu.

“Daí, meu caro capitão, estes manuais podem ser algum tipo de isca para os incautos caírem nos golpes dos vigaristas.”

-Este material não é falso, meu caríssimo Karrov. Sua preocupação é válida, mas eu fiz a lição de casa. Estes manuais, contêm mesmo, relatórios de todos os experimentos científicos, feitos a bordo daquela nave, cujos resultados e procedimentos foram relatados meticulosamente.

-Mas o que isso fazia num sebo? - Indagou Azulão.

-O dono do sebo me disse que estes relatórios, eventualmente eram deixados nas bases espaciais por onde a nave passava, e depois, acabaram todos encaminhados para um velho deposito da Frota Estelar onde ficaram secretamente escondidos.

“Só que com a promulgação de uma Lei, aí que eu desconheço, o sigilo de tudo o que havia neste e, em outros depósitos caiu, fazendo com que, até os manuais, antes secretos, perdessem o sigilo e acabassem vendidos, pelo seu peso, como lixo reciclável.”

“Comprei tudo por uma pechincha, analisei seu conteúdo, e, com base nele, projetei,

construí e instalei alguns “opcionais personalizados na minha futura espaçonave.”

“Sem mencionar ainda, muitas outras novidades que solicitei para o serviço secreto da Federação que poderão vir a ser também instaladas.”

-Mas você conseguiu autorização para tantas modificações? - Perguntou Azulão, desconfiado. - O Alto Comando costuma ser muito conservador com esse tipo de novidade...

-Ainda mais se é tecnologia proveniente da Disco... - Ponderou Karrov. - Até onde sei, ali eram feitas muitas experiencias fora do padrão...

-Verdade... - Murmurou Zéca.

-Fora do padrão, e, que eventualmente sacrificavam vidas!

-Senhores... Todos sabemos que a estrada da ciência nem sempre é reta e lisa, podendo ter mesmo, percalços bem espinhosos... - Ponderou o Capitão.

-Mas você tem a autorização para fazer tudo isso? - Perguntou novamente Azulão.

-Se mais tarde vocês forem perguntados sobre o assunto... - Começou respondendo Fernando Zéca. - Digam que não sabem de nada sobre as autorizações, e, só seguiram as ordens que receberam do seu Capitão. Assumirei qualquer responsabilidade daí por diante.

-Combinado. - Concordou Azulão.

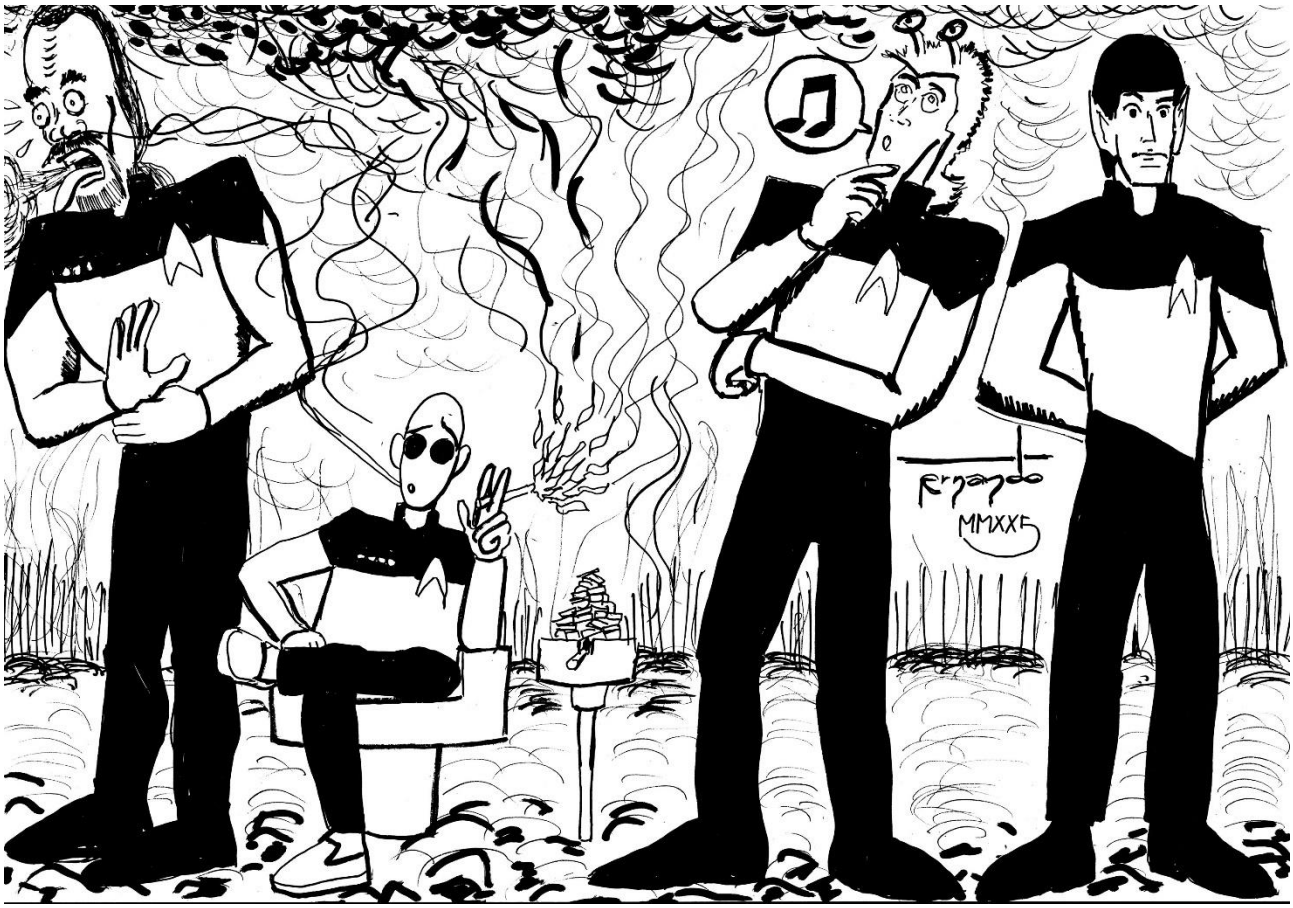
-Por mim, sem problemas. - Disse Karrov. - Mas, me tire uma dúvida: Por-quê mudar uma nave dessa? Original de fábrica, ela já é muito boa...

-Sempre dá para melhorar o que já é bom, meu irmão. Até uma “Sovereign”.

-Uma nave classe Sovereign, bem equipada, e com essa tripulação, deixará “marcas nos corações” de todos os lugares por onde for. - Disse o Azulão.

-Que tenhamos uma boa e segura jornada então. - Desejou o Capitão, para si, para a espaçonave sob seu comando e aos seus tripulantes.

***



**DOIS ANOS DEPOIS**
(CALENDÁRIO TERRESTRE...)

-Sensores de longo alcance captaram um grupo de naves se aproximando, senhor...

“São da Federação... Da Frota Estelar....”

-Senhor, é a U.S.S. ATHENAS, comandando um “strike-group” de cruzadores, destroyeres e quatro naves constitution. - Disse outra voz.

-U.S.S. ATHENAS... - Repetiu para si mesmo, o Capitão Fernando Zéca Corinthiano, enquanto fumava um de seus famigerados charutos, tentando relembrar de onde é que aquele nome lhe seria familiar...

-Sob comando da Almirante Zélanda, senhor.

-Claro. - Murmurou Zéca. - Nada podia ser melhor.

A oficial de comunicações da ponte, logo avisou:

-Mensagem reservada da Almirante Zélanda, para o Sr., Capitão.

-Vou receber na Sala de Comando, Tenente. Transfira para lá, por favor.

-Sim Senhor.

Fernando Zéca se levantou da poltrona de comando dizendo:

-O comando é seu, Azulão. Vou tratar com a Almirante.

-Sim Capitão.

Em seguida, saiu da ponte.

Azulão, por sua vez, aproximou-se de Karrov e, perguntou em voz baixa, de modo a só o klingon poder ouvir:

-A Almirante Zélanda já conhecia o Zéca antes, né?

O klingon, respondeu em voz baixa, sem tirar os olhos do seu painel de controle:

-Viviam enrolados! O Zéca comia miudinho na mão dela.

“Quando estavam juntos, a Almirante, que na época era tenente, o manipulava direitinho...”

O Azulão não conteve o sorriso, pelo canto da boca, e disse em voz baixa:

-Isso vai dá merda!

-Vai! - Concordou o klingon.

***

# SÃO TANTAS E VELHAS EMOÇÕES...

Meia hora depois, na sala de teletransporte, a plataforma mais uma vez brilhou e, ali materializou-se a Almirante Zélanda.

Uma mulher estonteante.

Alta, de cabelos escuros encaracolados, corpo violão, cochas, peitos e bunda grande. Cintura fina e definida. Olhos verdes brilhantes, hipnoticamente estonteantes.

Carregava um tablet.

Fernando Zéca fez posição de sentido e bateu sua melhor continência para a Almirante.

-Às ordens, Senhora.

Em silencio, a Almirante aproximou-se, quase que, colocando seus majestosos seios, na cara dele.

Zéca deu um beijo no rosto da Almirante e disse em voz baixa:

-Sei que a senhora está muito atarefada... Mas, para relaxar, gostaria de convidá-la para fumar um dos meus charutos de safra especial.

-São aqueles ilegais, capitão?

-Sim senhora.

-Acho que vou aceitar sua hospitalidade. Realmente, ando muito atarefada, e preciso desestressar.

Dizendo isso, ela cutucou o logotipo da frota estelar afixado no seu uniforme.

-Vou atender minhas chamadas na cabine do Capitão.

-Sim Senhora. Veio uma resposta metalizada, saída do logotipo.

-Então mostre-me o caminho, Capitão Fernando Zéca Corinthiano da U.S.S. GALATRINA III, normalmente, as naves sob seu comando, costumam ser diferenciadas, graças às personalizações que você faz nelas, daí posso não estar atualizada com a arquitetura desta sua Sovereign...”

Fernando Zéca arregalou os olhos e engoliu em seco.

Mesmo assim, manteve o sangue frio, a sua velha e gasta cara de pau, apontando o caminho para a Almirante.

-Verdade Senhora... Pois não, Senhora... É uma satisfação, Senhora. Hum hum... - Pigarreou o Capitão

***

Horas mais tarde, a Almirante Zélanda acordou com o ensurdecedor ronco de Fernando Zéca Corinthiano nos seus ouvidos.

Ela estava toda melada, enquanto ele, dormia agarrando-a, ainda com a piroca semidura, segurando o quanto a consciência lhe permitia, os seios descomunais da oficial.

A Almirante se desvencilhava do abraço ensebado de Zéca, que, mesmo dormindo, não queria soltá-la facilmente, até finalmente escapar de vez para o chuveiro do banheiro da cabine. Lá, finalmente lavou seus magníficos cabelos, e banhou o corpo escultural.

Vestiu o uniforme, prendeu nele, na altura dos peitos, (grandes peitos), o distintivo da Frota Estelar.

Pegou então, o seu inseparável tablet, e começou a “falar” com ele:

-Quero o acesso aos registros de todos os computadores da U.S.S. GALATRINA III.

Uma voz masculina, metalizada, saindo do seu tablet respondeu solicitando:

-Informar senha para acesso.

Ao que, a Almirante respondeu:

-Autorização Zélanda Zero Zero Um Dois Zulu Echo Lima India Alfa Zero Zero Um Um India Oscar Lima Alfa November Delta Alfa Zero Zero Zero Zero Zélanda.

-Tipo de desbloqueio?

-Total e irrestrito.

-Acesso Autorizado, Almirante Zélanda. Precisa de ajuda?

-Quero os registros nos diários de bordo da U.S.S. GALATRINA III.

Na tela do tablet, apareceram os registros solicitados, que a Almirante começou a verificar atentamente.

Passados alguns instantes ela logo murmurou:

-Maldito seja, Fernando! Você me engambelou mesmo!

***

Fernando Zéca acordou, levantou, esvaziou a bexiga, se lavou, e, quando saiu do banheiro, deu de cara com a Almirante Zélanda, que não estava com cara de muitos amigos.

Quando ele ia dar seu sorriso de amante latino, que, apesar da dor de cabeça, causada pelo excesso de vinho afrodisíaco, estava com a piroca pronta para o trabalho, foi surpreendido pela ordem direta da oficial:

-Pode ficar aí. Nem me venha com graça.

-Mas, meu bem... O que eu fiz?

-O que eu fiz? Você fala como se não soubesse de nada... Vai bancar o sínico para cima de mim?

Fernando Zéca não conseguia enganar a Almirante Zélanda...

-Bom... Eu...

Ele já percebeu que, a dor de cabeça causada pela ressaca, era o menor dos problemas que teria de enfrentar...

-Você andou se metendo em diversas escaramuças por este setor, Senhor Capitão. Enfrentou e destruiu forças armadas klingons, sem autorização do Comando.”

-Bom... Almirante... Eu...

-E limitou os registros destes embates, só aos diários da sua nave... Não informou nada para a Frota...

-É que o inimigo, poderia, eventualmente, rastrear e decodificar as mensagens que eu enviasse daqui...

-Você acha que eu sou idiota, Zéca?

-Não senhora! Eu não quis dizer isso...

-E como se não bastasse, apoderou-se, e, fez uso, de tecnologia sigilosa, da Discovery, sem autorização expressa da Frota Estelar...

-Veja bem, Almirante: a classificação de Segredo e Sigilo dos manuais e relatórios que eu obtive, da Discovery, haviam caído.

-Não me venha com “VEJA BEM” ou qualquer outra conversa mole de vendedor de segunda categoria. Você aproveitou-se de uma falha burocrática para dar uma de esperto, Zéca. Mais uma vez, quis equipar a nave com “acessórios” diferenciados...”

“Pelo que vi na sua relação de novidades só faltou um escapamento barulhento que atormentasse a vizinhança do setor...”

-Mas Almirante, parte do Império Klingon está em guerra declarada contra a Federação. Isso nos obriga a dispor de tudo quanto é armamento disponível.

-Disponível capitão? Deste modo o Senhor logo vai querer utilizar todo o repertório do primeiro livro de mágicas que lhe aparecer pelas mãos sem se dar conta de que estará expondo a sua tripulação, sem o consentimento da Frota, a perigos inerentes à forças que, mesmo hoje, depois de tanto estudo, ainda não temos sob controle.

“Seus comandados sabem dos riscos que correm trabalhando nesta sua nave equipadinha?”

-Bom... Veja bem, Almirante.

-EU SEI muito bem que todos sabem!!! São seus comparsas nessa, né?

“A Frota inteira deve estar sabendo que o Capitão Careca espertalhão está fazendo testes malucos por aí, mas eu aqui, para variar, sou a última a ser informada.”

Fernando Zéca se calou...

-Capitão Fernando Zéca Corinthiano: ao envolver-se com a tecnologia dos manuais e relatórios da Discovery, seja ela oficialmente secreta ou não, o Senhor se meteu em assuntos, aos quais, devia manter distância, e pior: Fez alterações não autorizadas, em nave da Frota Estelar, expondo a segurança geral, a risco e, ameaças imprevisíveis.

A Almirante Zélanda, ergueu o seu tablet e mostrou, o documento que aparecia redigido nele:

-O Senhor será descomissionado do seu posto por meio desta ordem que estou espedindo.

-Mas Almirante...

O Capitão tirou seus óculos e deu o velho olhar de vira-lata morto de fome para cima de sua chefa...

A tática infalível quase amoleceu o coração de pedra da Almirante que acusou a tentativa de golpe baixo dada pelo Capitão e...

Em menos de 3 segundos voltou ao ataque!

-O senhor, além de tudo, está estragando um trabalho que a Frota vêm fazendo, através dos seus canais diplomáticos, de apaziguar essa guerra idiota em que estamos metidos contra os klingons.

-Parte dos klingons, se me permite, corrigi-la, Almirante. – Tentou despiorar a situação, o nosso protagoinista. -E é só a pior parte, Senhora. Não representa o klingon médio comum. A divisão do Império Klingon, que se voltou contra a Federação, é comandada por uma casa, traidora e covarde que não preza a honra, coragem ou dignidade...

“Daí, não merece a confiança de ninguém dos nossos canais diplomáticos, muito menos da Senhora”

-Você andou escutando o Karrov, né? - Indagou a Almirante, com semblante sério. - Reuniu parte do Bando e, aqui nesse fim de universo, vocês se julgam os justiceiros, donos da razão e verdade...

Fernando Zéca ficou quieto.

-Vai me responder, Sr. Capitão? O Karrov colocou minhoca na cabeça de vocês??

-Senhora: O Karrov de fato nos alertou do perigo, que esta casa klingon representa, não só para a Federação, mas também, para o resto do Império Klingon.

“Ele está convicto de que: se a Federação for derrotada, mais tarde, até mesmo a integridade do Império Klingon será ameaçada, por esta divisão, que, invariavelmente, lutará para dominar o poder estando certa ou errada.'

-Com o Azulão e o Tolek servindo aqui imagino que vocês estejam muito chapados para entenderem as implicações do que estão fazendo...”

-Não é bem assim, Almirante...

-Não é bem assim? Você achou que ia me engambelar, oferecendo teus cigarrinho e vinhos ilegais, dando uma voltinha aos velhos tempos, para tentar esconder de mim, as peripécias que anda aprontando por aqui?

“Para seu azar, descobri seu segredinho, e, para sorte da Federação, conseguimos uma reunião diplomática com os representantes da divisão klingon que opera neste setor, para discutirmos um acordo de paz...”

-Mas Almirante: A casa klingon que domina este setor é a dos SUPER PESADOS, que, não podem ser comparados aos klingons do restante do Império por serem covardes e mentirosos...”

-Zéca! Cale sua boca! - Ordenou a Almirante. - Tudo o que você disser de agora em diante poderá e será utilizado contra você!

“Afaste-se do posto, para a U.S.S. GALATRINA III voltar a uma das Estações

Espaciais do Sistema Solar, para ser desmontada.

Fernando Zéca arregalou os olhos... Aquela nave, justamente por conta de suas mudanças, era até aquele momento, entre as tantas que comandou, uma das suas meninas dos olhos.

-Mas Almirante.

Nesse instante, o comunicador, preso ao uniforme da Almirante chamou:

-Almirante. A delegação klingon já chegou ao ponto de encontro.

-Estou a caminho! Pode me levar.

Um brilho envolveu a Almirante.

Em seguida, ela foi teletransportada de volta para a U.S.S. ATHENAS, deixando para trás, na cabine do capitão da U.S.S. GALATRINA III, o seu tablet, e, um Capitão Fernando Zéca Corinthiano desconcertado.

***

**DE PÉ NA BUNDA em, PÉ NA BUNDA,**
**O TRASEIRO VAI LEVANDO CHUTES DO DESTINO**.

Mais tarde, Azulão e Karrov adentram a cabine onde estava Fernando Zéca.

-Que houve Zéca? - Perguntou Azulão. - Algum problema?

-Problema?!? É o fim do mundo, meu irmão. Fui destituído do comando, e, agora você assume, Azulão."

-Como assim? - Indagou Azulão surpreso. - Por-quê?

-Ela sabe tudo.

-Então fodeu! - Disse Azulão. - Eu sabia que ia dá merda...

-Não fodeu nada, Azulão. Você vai comandar a nave de volta para a bases espacial EARTH SPACE DOCK no Sistema Solar."

-E o que vai acontecer depois? - Indagou Karrov.

-A GALATRINA III vai ser desmontada.

-Sim, mas e você?

-Ainda não sei. Ela não falou nada. - Disse Fernando Zéca. - E você já assume o comando agora, Azulão.

-E devo levar a GALATRINA III de volta para o Sistema Solar?

-Foi o que ela disse...

-E por-que ela já não me comunicou pessoalmente esta mudança.

-Não sei. - Respondeu Zéca. - Talvez tenha algo a ver com uma missão diplomática em que ela está envolvida, visando fazer um acordo com os klingons deste setor.

-Acordo? - Indagou Karrov, com clara expressão de dúvida. - Os klingons desta área, são da casa dos SUPER PESADOS. Eles não têm honra, são covardes.

"Na primeira oportunidade que tiverem, vão trair qualquer promessa feita."

-Foi o que eu disse para ela, irmão.

"A Almirante, entretanto, me parece muito focada nesse acordo. - Disse Zéca. - Ela não ouvirá qualquer conselho contra esse acordo.

-Você conhece bem a Almirante, Zéca... Ela está empenhada demais nesta missão pacifista... O que acha?

-A Almirante ainda é uma idealista, Azulão. Ela sempre esteve metida nessas causas sociais, que eventualmente não levam nada ou ninguém, a lugar algum."

-Uma revolucionária... - Suspirou Karrov.

-Agora não mais, meu irmão. - Corrigiu Zéca. - Por esta fase ela já passou durante o período em que estudou na Academia da Frota Estelar.

"Durante este tempo, quase chegou a ser da esquerda desarmamentista."

-Esquerda desarmamentista??? - Indagou Azulão, que, logo em seguida deu um assobio.

-Zéca: você sabe muito bem que, mesmo os klingons, dignos de respeito e tratamento diplomático, não devem ser tratados com luva de pelica, mimos ou, fricotes.

"Na sua opinião: a Almirante vai ser suficientemente dura no trato com eles?"

-Com eles eu não sei, mas, comigo, o chicote vai cantar no meu lombo.

-Tanta raiva assim, pode ser positiva, nas tratativas com os klingons... - Ponderou Karrov.

-Isso, se a missão diplomatica visando acordo de paz, não for uma cilada.

"Mas, o assunto, não é algo para nos envolvermos." - Lembrou Fernando. – "Agora temos que retornar para o Sistema Solar."

Quando Azulão e Karrov iam sair da cabine, entrou Tolek, que, mesmo sendo vulcano, mal conseguia ocultar, o que, poderia ser chamado como "sentimento de aflição".

E sem perda de tempo, ele já chegou dizendo:

-Capitão. O "Strike-Group" de naves comandadas pela U.S.S. ATHENAS está em perigo e necessita de socorro AGORA.

***

Assim que o teletransporte terminou, TxKiller, percebeu que se metera numa armadilha.

-Almirante. Me parece que este não é o lugar para onde esperávamos ser teletransportadas.

Mal terminou de dizer estas palavras, e, de uma sombra próxima aonde estava, saiu um klingon que avançou em sua direção, empunhando uma adaga ameaçadora.

TxKiller, com um golpe rápido e inesperado, tomou a adaga do klingon e enterrou-a na garganta do mesmo.

-Você está bem? - Indagou a Almirante Zélanda.

-Sim senhora. - Respondeu TxKiller.

E novamente, do nada, apareceram outros klingons armados, tentando agredir a

dupla.

Sem muita cerimônia, TxKiller, assim como fez com o primeiro, tranquilamente, deu conta dos outros dois.

Como guarda costas da Almirante Zélanda, tinha preparo mais que suficiente para lidar com este tipo de situação, não só no concernente a treino em todo tipo de arte marcial, uso de armas diversas, mas, também, por suas características físicas, sejam elas: de uma vulcana geneticamente desenvolvida, com dois metros de altura, e força física, fora do comum.

A Almirante sacou o comunicador e, quando foi estabelecer contato com sua nave, este apagou de-repente.

Seus circuitos derreteram soltando fumaça logo em seguida.

O mesmo aconteceu com as pistolas, e também, com o fuzil-phaser que TxKiller carregava.

Nas paredes do local onde estavam, apareceram imagens do rosto de um klingon extremamente forte e grande.

-Bem vinda, Almirante Zélanda.

“Sou Kpluft e, neste setor, pessoalmente comando uma das divisões que compõem o império klingon.”

“Uma divisão pequena, diferente, mas que, neste setor é dominante.”

“Nos seus arquivos da Federação, somos conhecidos como KLINGONS SUPER-PESADOS.”

“Contrariamente ao costume adotado por grande parte do Império, não nos importamos muito com essa conversa mole de honra, coragem, ou bravura em batalha.”

“Tanto que, como ficou claro que a senhora tem uma ótima guarda-costas, resolvi te subjugar de outro modo: usando inteligência.”

“Primeiramente com um pulso eletromagnético que, só prejudica vocês.”

“Agora, vou acalmá-las, com outros recursos menos violentos.”

Um gás verde saiu do piso, começando a encher a sala.

TxKiller, percebeu que não havia como escapar de onde estavam.

Pelo cheiro, calculou que, em alguns minutos, também estaria inconsciente.

A Almirante Zélanda, certamente, muito antes.

Rapidamente tirou lenços umedecidos de uma bolsa que carregava presa ao cinto de seu uniforme e, com eles protegeu o nariz e a boca da Almirante, assim, pelo menos, filtraria um pouco aquele gás.

Em seguida, aplicou nela, uma pinça vulcana, para que ficasse inconsciente, assim seu metabolismo não consumiria tanto oxigênio.

Mesmo com a situação cada instante mais desesperadora, TxKiller mantinha o autocontrole e, antes mesmo de, também quedar inconsciente, apelou para um recurso extraordinário e insólito.

Sentou-se no chão, cruzou as pernas, e começou a meditar.

***

-Capitão. A frota de naves comandadas pela U.S.S. ATHENAS está em perigo e necessita de socorro AGORA.

Fernando Zéca empinou as orelhas e Tolek continuou com as más notícias...

-Almirante Zélanda, foi traída e sequestrada, durante as tratativas de paz.

-Ahhh Zélanda.... Deixa-se levar pela emoção, esquece a lógica e termina nessa situação... - Murmurou Fernando Zéca. – O Comando deu mais alguma ordem?

-Esta informação não veio do comando, Capitão.

-E como ela chegou a nós?

Tolek ergueu as sombrancelhas e respondeu:

-Tenho uma prima talentosa, dona de extraordinárias habilidades. A poucos instantes, estabeleceu comigo, uma ligação telepática, pela qual, enviou esta informação.

Fernando Zéca Corinthiano não duvidava da capacidade de Tolek em captar pensamentos provenientes de pessoas em lugares distantes, afinal, mesmo para um vulcano, ele era dono de uma sensibilidade extraordinária.

Ainda assim, tinha dúvidas...

-Como sua prima ficou sabendo o que aconteceu com a Almirante?

-Minha prima é a TxKiller, a guarda-costa da Almirante...

-TxKiller é sua prima, Tolek? Eu nem sabia que você tinha prima...

-Ninguém sabia. - Emendou Azulão...

-Ela desperta fortes paixões com seus atributos físicos e encantos. - Disse Tolek.

-Traduzindo. - Corrigiu Karrov. -É uma gostosona que todo mundo fica em cima, por isso que foi escondida do bando.

-Não o reprimo por esconder sua prima, Tolek. É a coisa lógica a se fazer... - Concordou o Capitão. - São só essas, as más notícias?

-Não Sr., Capitão. Ela informou ainda que: os super-pesados tem uma arma que funciona como pulso eletromagnético derretendo todos os circuitos dos equipamentos da Frota Estelar, sejam eles simples armas, ou até motores das naves estelares.

Fernando Zéca coçou a careca, pensativamente, enquanto ajeitava os óculos escuros de lentes redondas:

-Temos alguma informação de onde tudo está acontecendo?

-Sim. - Respondeu Tolek, que, em seguida, entregou o seu tablet ao Capitão. - As coordenadas com a localização do evento estão na tela.

Fernando Zéca pegou o tablet e, por sua vez, passou-o para o Azulão.

-Ok, mas isso fica com o Azulão, que agora está no comando, e, determinará o que deve ser feito.

-Dependesse de mim, voltaríamos para a base estelar, conforme determinou a própria Almirante e chamaríamos socorro para ajudar no salvamento contra os klingons SUPER PESADOS.

-Mas... O que está acontecendo? - Indagou Tolek. - A Almirante e todo um grupo de naves precisa de socorro imediato... Capitão...

Azulão não tirava os olhos, e, continuava mexericando no tablet trazido por Tolek, portanto, ainda era de Fernando Zéca a resposta aguardada...

-O Azulão está no comando agora, Tolek.

“A Almirante me afastou do posto, portanto, como segundo na linha de comando, ele assume daqui por diante e decide o que fazer...

-Azulão, o lógico, seria prestarmos auxílio ao grupo da Almirante. - Ponderou Tolek.

“Somos a nave mais próxima, nesse momento.Somos os únicos na área.”

-Pode até ser, Tolek, mas, estes klingons super-pesados estão utilizando um tipo de arma desconhecida, que pode frustrar nossos esforços num rotundo fracasso.

-Falou bonito. - Disse Fernando Zéca.

-Se vou tomar alguma decisão. - Continuou Azulão. - Minha responsabilidade agora, é com a tripulação da U.S.S. GALATRINA III, até mesmo no sentido de acatar as ordens da Almirante e seguir em segurança para o Sistema Solar.

-Mas Azulão... - Tolek, apesar de ser vulcano, estava lívido. - Tem certeza que esta é sua decisão?

Azulão estava compenetrado no tablet a sua frente.

Deslizava os dedos sobre a tela deste, como se procurasse alguma coisa.

-Azulão. - Insistiu Tolek. - O comando está em suas mãos.

“Voltamos mesmo para a base espacial no Sistema Solar? O que você decide?”

Azulão devolveu o tablet para o Capitão e disse:

-Eu não decido nada. Para mim, oficialmente, o Capitão da U.S.S. GALATRINA III ainda é o Zéca. Veja aqui – Disse apontando para o tablet.

-A Almirante não oficializou a ordem com o afastamento do posto do Capitão, portanto, para todos os efeitos, Fernando Zéca ainda é o responsável aqui dentro. Se eu assumir essa incumbência, pode ser que, mais adiante. eu venha até a responder por motim ou, algo do gênero."

-Mas ela me mostrou o tablet dela. - Disse Fernando Zéca.

Azulão, mecheu um pouco mais no tablet em suas mãos...

-Vamos ver.

Em seguida, ele andou pela cabine e encontrou o tablet da Almirante.

Olhou na tela dele e disse:

-Ah! Há! Aqui está! Vejam.

Azulão mostrou a tela do tablet da Almirante.

Realmente, lá estava uma ordem de afastamento vazia, sem nome nenhum, assinatura ou confirmação de despacho...

-Isso aqui não vale nada, chefe. A ordem não está assinada. - Disse Azulão. - Você ainda é o Capitão, portanto, a decisão, e, a responsabilidade, são suas.

-Então, vamos salvar a Almirante Zélanda e sua turma. - Decidiu o ainda Capitão Fernando Zéca Corinthiano. - Se for para tomar chicotadas, que seja pelo excesso de ação contra estes super-pesados, do que pela omissão.

***

TxKiller quase inconsciênte, ouviu estalo, vindo por de trás das paredes, em seguida, um barulho diferente, no sistema de circulação de ar.

Pelos dutos de ventilação, por onde, até a poucos instantes, saía o gás, que ameaçava sua saúde, assim como à da Almirante Zélanda, agora, voltava a sair ar mais limpo que, vinha até com fragrância diferente, perfumada e, relaxante...

TxKiller voltou à consciência e percebeu até melhorias na sua disposição.

Sentia-se tranquila, revigorada e as ideias fluíam com clareza.

Tirou do rosto da Almirante a máscara protetora que improvisara, em seguida, com o polegar, massageou um ponto no ombro da Almirante que a despertou.

A calma e tranquilidade não duraram muito...

Gritos horrendos, pancadas e sons horripilantes pareciam vir de todas as direções.

Era assustador, mesmo assim, as duas, mantinham a calma.

De-repente, um brilho intenso iluminou melhor o ambiente.

Alguém estava chegando através do teletransporte.

O brilho diminuiu de intensidade mostrando quem havia chegado:

Fernando Zéca, Tolek, e mais dois robôs de formas humanoides.

Os robôs formaram um perímetro de segurança ao redor do grupo.

-Vocês precisam ir para a enfermaria se tratar. - Disse Fernando Zéca para a Almirante.

-Só TxKiller vai. Eu ficarei na sua cabine, Capitão Zéca."

"Prefiro receber tratamento médico de lá, onde poderei despachar algumas ordens."

-Como quiser, Almirante. É pra já.

-Dois para a cabine do Capitão. - Disse Fernando Zéca para o seu comunicador distintivo preso ao uniforme.

-Dois para a enfermaria. - Disse Tolek, do mesmo modo.

O brilho característico do teletransporte funcionando envolveu os quatro, que logo foram levados para longe daquele ambiente ameaçador.

***

Mais tarde, na sua cabine, a bordo da U.S.S. GALATRINA III, Fernando Zéca olhava a janela que lhe permitia uma visão para o exterior da sua nave.

Lá fora, flutuava em meio ao nada do negrume espacial, uma horripilante estação espacial klingon tão feia, que parecia uma colossal favela voadora.

A Almirante deveria ter desconfiado antes, quando viu que as tratativas diplomáticas, supostamente se dariam alí.

Felizmente para ela, e, para todos os outros membros das tripulações, das naves de guerra pertencentes à sua frota comandada pela U.S.S. ATHENAS, o pedido de socorro telepático feito por TxKiller, chegou à Tolek, um oficial vulcano, comissionado a bordo da U.S.S. GALATRINA III, que conseguiu mobilizar a ajuda necessária, para salvar as vidas ameaçadas, das garras, dos klingons Super Pesados.

Se tal operação de resgate e salvamento foi bem-sucedida, o mesmo não poderia se dizer da frota comandada pela Almirante Zélanda.

Os circuitos dos equipamentos de todas aquelas naves foram queimados, pelo perfidioso, uso de um armamento que inutilizou toda a tecnologia a bordo, deixando suas tripulações, com ferramentas pouco melhores, que as da pré-história no planeta Terra.

Entretanto, a virada de jogo, que os klingons super-pesados não esperavam, veio da inesperada presença, pelas imediações, da U.S.S. GALATRINA III, uma nave com recursos tecnológicos incomuns.

Dentre estes, equipamento de teletransporte, capaz de levar objetos e pessoas, mesmo a longa distância, atravessando, escudos refletores plenamente operacionais, barreiras energéticas e, outros campos de proteção.

Depois de surpreender a frota comandada pela Almirante durante suposta trégua através de covarde ardil, a base espacial klingon prontificou-se em estado de alerta, contra eventuais revides da Frota Estelar, posicionando-se a em prontidão para um ataque frontal.

O revide de fato veio, mas, não da forma esperada.

Aproveitando a negligência klingon, já que, estes permitiam toda espécie de lixo orbitando ao redor da estação, foi teletransportado, a partir da U.S.S. GALATRINA III, um torpedo de, aproximadamente 4 metros de cumprimento que, terminada sua materialização no local, aproximou-se furtivamente, das paredes externas da base, acoplando-se ali.

Logo em seguida, aberturas laterais revelaram-se no corpo do torpedo, de onde saíram, milhares de robôs com formas de aracnídeos, que, espalharam-se por todos os lados.

Muitos deles nem precisaram entrar na base espacial, para causar problemas aos seus tripulantes: bastou que estes aracnídeos robotizados acessassem os computadores que a comandavam, através de terminais de manutenção, dispostos no seu exterior.

Foi por alí, que as pequenas engenhocas, reprogramaram, os diversos sintetizadores, existentes no interior da base, dentre estes, os de comida, para produzir e lançar no sistema de ventilação, uma substancia sintética que imita aquela que é exalada pelos pingos, (TREEBLES), capazes de irritar e descontrolar os klingons mais duros ou disciplinados (à exceção de Karrov).

Com aquela contaminação, em todos os compartimentos da base espacial, e, até mesmo nas naves acopladas a ela, os klingons simplesmente enlouqueceram.

Em fúria, gritavam descontrolados, atacando uns aos outros, com todos os meios disponíveis ao seu alcance, incluindo armas.

Uma outra ferramenta, que permitiu a inversão da difícil situação vivida pelos tripulantes da frota comandada pela Almirante Zélanda: foi a própria a camuflagem da U.S.S. GALATRINA III, que facilitou a aproximação invisível e indetectável, aos sensores inimigos, até estar praticamente, atracada ao pescoço klingon.

No momento em que os klingons lutavam descontrolados entre si, Zéca, diversos outros soldados, e, robôs, foram teletransportados para a base, salvando os sequestrados.

Toda esta reviravolta foi orquestrada pelo Capitão, que, antes mesmo de agir, pediu socorro a outras frotas da Federação.

Estas por sua vez, atenderam o chamado, chegando a tempo, de ajudar na tomada da base espacial klingon assim, definitivamente pacificando a situação.

Agora, a situação se invertera; A Federação, através da Frota Estelar, estavam com forças superiores, dominando o pedaço.

Fernando Zéca fumava um cigarro ilegal e tomava seu energético favorito enquanto observava toda a movimentação fora da U.S.S. GALATRINA III, através da janela de sua cabine.

-Zéca! Venha aqui! Precisamos conversar.

Era a Almirante Zélanda chamando.

Finalmente havia despertado depois do esforço com tanta movimentação.

O jeito como ela chamou por Fernando, logo fez com que este se preparasse para um belo sermão.

***

Antes de qualquer coisa, Fernando Zéca foi ao processador de comida e, de frente para ele pediu:

-Pastelão do Maluf de carne com ovo, 2 copos de suco energético e dois charutos 4:20 especiais...

Um brilho iluminou o processador e, segundos depois apareceu no interior dele, o pedido solicitado. Fernando abriu o aparelho e retirou do interior deste, a bandeja com o pedido pronto. Fechou o aparelho e levou tudo para a Almirante, que estava na cama.

-Você sabe do que eu gosto e não me deixa na mão. - Disse ela, que olhou o pastel e, sem perda de tempo começou a devorá-lo.

“Estava precisando disso.” – Continuou Zélanda de boca cheia sem parar de comer. – “Sabia que podia contar com você.”

-Como? Você tinha me dispensado...

-Antes de nos encontrarmos, eu de algum jeito sabia que precisaria de você."

"Já imaginava que os klingons super-pesados de fato tentariam alguma trairagem..."

-Mesmo assim você se arriscou...

-A Federação precisava ter logo uma posição definida com relação aos Klingons Super-Pesados e achei que essa seria uma ótima oportunidade para sabermos a verdade.

"Levei uma frota de naves de guerra da Frota, esperando que, intimidaria os klingons, e, até, teria meios de me defender, caso o pior se comprovasse, entretanto, não imaginava que eles fossem utilizar contra nós, ardis tão elaborados, diferentemente da costumeira força bruta."

-E não teve como identificar essa ameaça?

-O que mais nos confundiu foi todo aquele lixo espacial em torno da base klingon.

"Ali haviam muitos perigos ocultos, que, só tarde demais, pudemos perceber."

-Para sua satisfação e conhecimento, Almirante, esse lixo espacial, nós também utilizamos.

"Desta vez, contra os próprios klingons." - Disse Fernando. - "Teletransportei no meio dos detritos, diversos cilindros cheio de aranhas robotizadas que, invadiram a base klingon entraram nos seus computadores, alteraram diversas programações causando confusão, permitindo à Frota, tomar controle resgatando todos os tripulantes da sua frota com vida.

-Vi nos relatórios, enquanto você fazia o pastel, que, essas mudanças nas programações de rotina, dos computadores da base klingon, fizeram com que fossem jogadas nos sistemas de circulação de ar, doses maciças de um perfume sintético, que reproduz as exalações dos "pingos" (Treebles)...

-Não só o sistema de circulação de ar. Todos os processadores de comida klingon da base, foram reprogramados para produzir qualquer alimento com o cheiro dos "pingos".

-Por isso, a loucura entre os klingons...

-Os seres humanos convivem harmoniosamente com os "pingos", mas, os "Super-Pesados', se descontrolam totalmente, quando forçados ao contato com eles."

-Solução muito criativa, Zéca, você está de parabéns. Merece uma recompensa pois estes super-pesados são mesmo uns traidores.

-São o lixo do Império klingon, Almirante.

"A Senhora não devia ter confiado neles, nem nos seus contatos."

-Isto será corrigido, Zéca. De agora em diante não serei mais tão ingênua, tratando com com estes pilantras. Diplomacia e idealismo com eles, não funciona mesmo.

"Você sempre me alertou quanto a isso, mas confesso que eu era teimosa demais para aceitar a verdade. Agora, não mais!"

-De fato, a Senhora tem razão, quando lembra, que certos klingons merecem mais atenção que outros.

-Eu sei Zéca. Nem todos são iguais. Você mesmo, tem um oficial muito bom a seu serviço: o Karrov. Pois fique sabendo que os testes de personalidade dele, indicam uma fidelidade fora do normal aos principios e regulamentos da Frota Estelar e da Federação."

"Ele é alguém que você pode confiar a vida toda."

-Sei disso, Almirante. Nós começamos juntos na Academia."

-Muito bem, Zéca. Mas como eu te dizia: nem todos os klingons no Império são iguais. Eu devia mesmo ter te escutado a esse respeito, principalmente, quando você me relembrava, que, em outros tempos, já tivemos, casos de Almirantes da Frota Estelar, que perderam a vida, tentando uma diplomacia mais civilizada, com certos klingons."

"A essas horas, se não fosse por você, meu corpo poderia estar jogado, em meio a outros mortos, nas reciclagens de lixo oriundo, das salas de tortura e interrogatório."

-De fato, Almirante, muitos deles não são fieis a nenhum acordo ou tratado de guerra, no que tange a normas e condutas de combate, ou tratamento com prisioneiros.

-Estes Super-Pesados são mesmo criminosos, Zéca e agora. - Disse ela batendo

com seu punho, numa superfície dura e barulhenta. - Serão tratados como tal.”

“Vou te dar autonomia para dentro deste setor, destruir qualquer nave de guerra klingon.”

“Esta zona, agora pertence à Federação dos Planetas Unidos e a Frota Estelar vai garantir isso! Você tem contatos no Serviço Secreto da Federação, Zéca. Peça ajuda lá para a Bete e para o Sonny.”

“Quero ver estes Super-Pesados pagando caro por terem me traído, e você, será o meu instumento para esta vingança.”

-Então continuo no meu posto, Almirante?

-Você nunca o perdeu, Capitão. Se tivesse perdido, provavelmente, a estas horas, eu mesma, não estaria aqui. No teu lugar, outros comandantes seguiriam o Manual, consultando o Alto Comando, aguardando instruções, ou mesmo, abandonando oficiais superiores que eventualmente tivessem sido aprisionados (as) pelo inimigo.”

“Afinal, a Frota Estelar está cheia de Almirantes na ativa, e na reserva, esperando uma cadeira esvaziar para nela se sentar.”

-Nenhum deles como a Senhora, Almirante, isso eu posso garantir.

De um instante para outro, a voz da Almirante Zélanda mudou de tom, parecendo até mesmo musical...

-Sei que posso confiar em você, Zéca. E quero te agradecer por isso.

O felizardo, ganhou em seguida, uma sessão de amassos da Almirante, que pagaria qualquer dívida no universo, já que era ela uma mulher lindíssima, de cabelos negros, encaracolados, volumosos, compridos de pele bronzeada, como as assíduas frequentadoras de praias no verão. E que estralou as costas endurecidas do Capitão, aliviando-lhe uma dor que a alguns dias, o incomodava.

-Nem sei como agradecer, Almirante. - Disse Zéca. - A senhora me realinhou inteiro.

Zélanda em seguida, abriu um largo sorriso gargalhando tão alto que pôde ser ouvida em todos os compartimentos da U.S.S. GALATRINA III.

Culpa dos cigarros especiais do Capitão, ou não, ela ainda ficou feliz assim, por quase uma hora.

***

Mais tarde, uma Almirante Zélanda, mais deixava a Cabine do Capitão.

-Vou para a enfermaria e despacharei de lá, por algum tempo.

-Se quiser ficar com a minha cabine...

-Não. Obrigado! Agora devo ficar ao lado da TxKller que salvou minha vida.

-Sim. De fato, Almirante. Essa moça merece até uma promoção.

-Ela é uma vulcana geneticamente melhorada, Zéca. É parte de um experimento que está aprimorando a raça. Em campo de batalha, é uma guerreira perfeita.”

-Então promova-a, Almirante.

-Ela será promovida para Comodoro.

-Mas já? Caramba! Comodoro!? Ela parece tão jovem...”

A Almirante sorriu.

-Esqueceu que ela é vulcana Zéca? Veja e aprenda Capitão: prepare desde já seus melhores oficiais, para que um dia cheguem ao alto, aplicando os ensinamentos e experiênciais que você lhes deixar. Será através deles que deixaremos nossas marcas, Zéca. E não podemos falhar, pois também na Frota Estelar, existem muitos fracos e desonrados. Pessoas que só podem deixar maus exemplos como legado, e ainda, gente ruim em postos chaves que desvirtuam completamente um bom trabalho perpassado por gerações..”

-Não só desvirtuar. Almirante. Essa turma de traidores, pretende destruir tudo mesmo!

-Exato, meu Capitão. E você agora fica livre para manter esse setor limpo da influência dos Klingons Super-Pesados como sempre entendeu ser melhor.

“Estou te dando carta branca para agir livremente. O seu sucesso nos garantirá espaço na mesa de decisões da Frota Estelar, coisa que, a longo prazo é extremamente importante...”

-Caramba Almirante. A senhora não esquece nadinha.

-É por isso que alcancei esse posto, Zéca. Atenção aos detalhes, sorte e as escolhas corretas. Siga a minha liderança que você irá longe, colaborando com o fortalecimento da Federação.”

-Conte comigo, Almirante.

-Eu sei que posso contar com você.

A Almirante Zélanda, disse isso, em seguida, virou-se, saindo da cabine do capitão.

***

**CALENDÁRIO TERRESTRE: alguns meses depois...**

# S.S.F. GALATRINA ∞

Outro lugar, mesmo setor do agora imenso espaço klingon-federado...

A U.S.S. GALATRINA III durante três meses cumpriu ao pé da letra, e, na ponta da faca, as ordens que o seu Capitão recebeu, reprimindo assim, a circulação de naves espaciais de guerra klingon não autorizadas.

Especialmente, as dos Super-Pesados: Uma raça rebelde e ambiciosa que pretendia submeter o Império e a Federação aos seus ditames.

A missão da U.S.S. GALATRINA III, seguia dentro da normalidade de uma nave de guerra, até que, chegou um novo chamado da Almirante Zélanda.

Na sua cabine, o Capitão Fernando Zéca Corinthiano atendeu a sua oficial superior.

O monitor sobre a mesa, onde ele se sentou para conversar, mostrava o rosto dela, que parecia muito mais radiante do que o normal.

-Tenho novas ordens para você, Capitão.

-Estou ao seu dispor, Almirante.

-Os trabalhos que você passou a fazer depois que assumiu o posto de Capitão, são praticamente, todos, de natureza secreta... Estou certa?

-De modo geral, sim, Almirante.

-Bom, então, agora a coisa vai ficar ULTRA-SECRETA, Capitão.

-Isso quer dizer que não deverei informar nem mesmo a minha tripulação a respeito desse trabalho?

-Mais ou menos, Zéca. Na verdade, você não comandará mais a U.S.S. GALATRINA III, que, ficará sob comando do Azulão. Ele será promovido a Capitão, e você será designado para outra nave."

-Que surpresa, Almirante!

"Fico feliz pelo Azulão, que vai pegar um trabalho duro, se continuar neste setor."

-Eu sei. Mas ele vai continuar o seu serviço enquanto vou prepará-lo para levar adiante aquela política, que já conversamos em outra ocasião, de ocupar postos chaves da Frota Estelar com gente da nossa confiança...

-Tenho certeza que a Senhora está fazendo o melhor para todos, Almirante.

"Mas, de minha parte, como poderei continuar ajudando?"

-Você? Não sei.

Fernando Zéca ficou intrigado...

-Zéca, você foi escalado para trabalhar com o Sonny Blue. Ele mandou te chamar.

-Gente boa o Diretor. Já atuamos juntos em algumas missões.

-Gente boa? - Indagou a Almirante apreensiva. - Nas missões do Sonny sempre morre alguém, Zéca. Esqueceu que os trabalhos dele sempre te deixam hospitalizado?"

-Faz parte do nosso serviço. A senhora mesma, muitas vezes, já foi parar no hospital a trabalho, por atos de bravura e heroísmo."

"Tanto a Frota, bem como o Serviço Secreto da Federação, tem porcentagens de risco mais ou menos iguais, então se escapo de lá, em algum momento encaro perigo por aqui. Mas, deixa eu perguntar, Almirante.. Ele mesmo quem me chamou?"

-Ele mesmo. Até tentei argumentar, dizendo que você já não estava tão jovem, mas ele foi irredutível..."

-Puxa vida, Almirante, mas, aí a Senhora me chamou de velho.

-Nada disso, Zéca. Tentei argumentar em teu favor. Você sabe como é o E.Y.E.... Alí, quando os chefões decidem, os lower decks morrem e nem ficam sabendo porquê foram sacrificados."

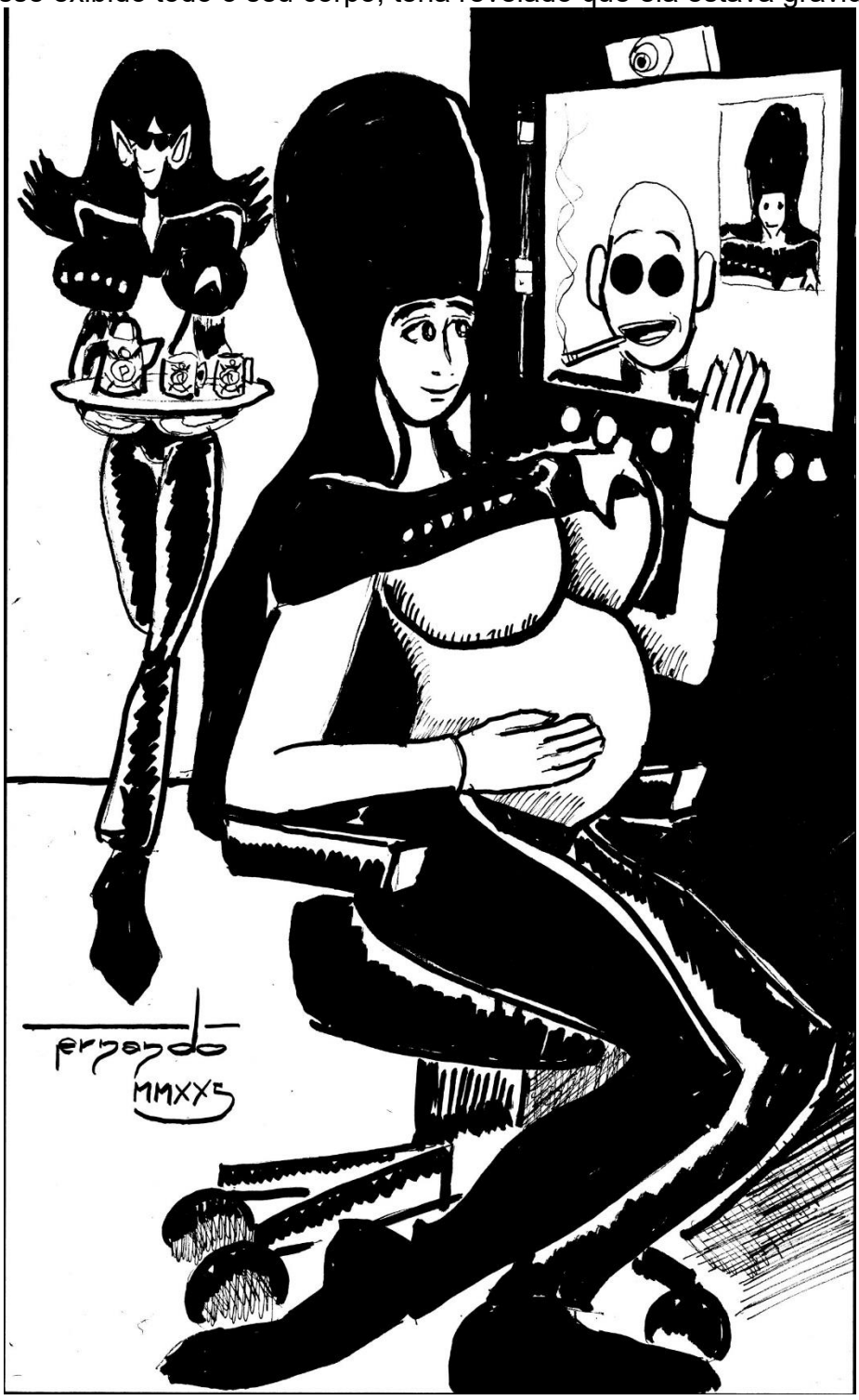
-Mas na Frota não é a mesma coisa? O pessoal do E.Y.E. não é tão ruim assim...

-Só estou pensando no seu bem-estar... Trabalhando para o Sonny Blue, as chances de você ficar velho são menores, coisa que nem de longe você conseguirá, se for cumprir à risca, toda as missões que o Sonny Blue lhe passa, Zéca.

“De qualquer forma, transfira o comando da U.S.S. GALATRINA III para o Azulão, que vai te levar para a base espacial EARTH SPACE DOCK no Sistema Solar, onde você assumirá o seu novo posto. Boa Sorte.”

Fernando Zeca se encantava com a capacidade que a Almirante tinha de ser clara, objetiva, durona, e muito bonita, especialmente naquela chamada, onde ela foi direta ao assunto sem delongas, com simpatia habitual.

Se o monitor que mostrou a imagem do rosto dela, durante a conversa com o Capitão, tivesse exibido todo o seu corpo, teria revelado que ela estava grávida.



***

Ao adentrar o sistema solar, a U.S.S. GALATRINA III, reduziu para velocidade de impulso, e, entrou na “espaçovia”, por onde seguiam todas as naves com destino à Base Espacial EARTH SPACE STATION orbitando, o próprio o planeta Terra.

Ali terminava o último comando do Capitão Fernando Zéca nesta nave.

Já na próxima missão, quem a assumiria, seria o recém-promovido, Capitão Azulão.

Um andoriano, colega de Fernando Zéca, desde antes dos tempos dos bancos da Academia, que também, nunca perdia oportunidade de demonstrar seu valor como fiel servidor da Frota Estelar.

Em silencio, o ainda Capitão Corinthiano, olhava todos os monitores, através dos quais, via outras naves se juntando à procissão que seguia em direção à zona orbital em torno da Terra.

Naquele instante, junto com a GALATRINA III, chegavam ao Sistema Solar, diversas outras naves da Frota Estelar, que retornavam após cumprirem suas missões, universo afora.

Elas se destacavam das espaçonaves civis, pelas iluminações diferenciadas, também, por terem insígnias da Frota em algum ponto de suas superfícies, e, pela trajetória que seguiam alinhadas umas às outras.

Fernando Zéca relembrou dos tempos de cadete, nesta mesma base espacial para onde seguia.

Mais especificamente, nos deques de observação, onde ficava olhando outras naves da Frota chegando, com as características luzes piscantes, formando um alinhamento, parecido com aquele, que agora, participava.

Com o tempo, aprendeu que estas formações de nave, traziam de tudo.

Os fracassados que falharam em suas missões, os bem-sucedidos heróis, aqueles que foram salvos de alguma desgraça e muito mais.

De qualquer forma, também entendeu que, estes, eram os sortudos, pois, na maioria das viagens espaciais, quase sempre ocorria algum tipo de baixa, fosse por acidente, ataque inimigo ou até insalubridade, que ceifava a vida dos desafortunados, impedindo-os de retornarem para casa.

Fernando Zéca se considerava um felizardo por concluir as missões ordenadas, retornar sem baixas, e passar o comando para um amigo de confiança.

De fato, nem todos os capitães eram tão privilegiados neste sentido.

Mesmo assim, ele se afeiçoara à tripulação, e, principalmente, à própria U.S.S. GALATRINA III, até porque, nesta, havia participação sua no projeto de motorização e armamento; destarte que, tal separação, não se daria, sem alguma dor no coração.

De qualquer forma, quando o oficial da Torre de Controle, de Tráfego Orbital, da Base Espacial, apareceu na tela de imagens, assumindo o comando da sua espaçonave, o Capitão Fernando Zéca respirou aliviado, por ter cumprido com suas obrigações.

O Comando da U.S.S. GALATRINA III agora era página virada, e coisa do passado.

Doravante seguiria numa nova jornada...

***

Na boate, da estação espacial em órbita da Terra, Fernando Zéca muito mal teve tempo para celebrar a promoção do Azulão, pois, logo, saiu da festa apressado, para se apresentar ao velho e bom Almirante Quinn, que, continuava firme e forte, como uma rocha, no comando de todo o setor.

-Zéca, a sua nova espaçonave está na ala de atracagem da base. Sua missão, está toda especificada nos arquivos do computador de bordo dela. Só você poderá acessá-los.

“É coisa lá da turma dos nossos amigos do E.Y.E., trabalho que não será realizado na minha jurisdição, portanto lembre-se que fora do meu quintal, pouco posso ajudar.

O Almirante Quinn fez uma breve pausa, e continuou.

-Você provavelmente vai se reencontrar pessoalmente, com a velha lenda viva do Sonny Blue. Se for este o caso, Capitão, transmita-lhe meus cumprimentos.”

Zéca sorriu, olhou o gabinete do Almirante e respondeu:

-O Senhor ao menos, manda uma saudação para ele. A Almirante Zélanda teve outra reação: ela reclamou.

O Almirante Quinn sorriu evidenciando mais ainda as rugas no seu rosto...

-Ah é? Mas por-quê? - Indagou.

-Ela queria que eu continuasse chutando os klingons Super-Pesados.

“Disse também que morre muita gente nas missões do Sonny Blue, por isso queria arrumar um cara mais jovem e forte para o meu lugar.”

Almirante Quinn sorriu, limpou a garganta e alisou seus bigodes com a ponta dos dedos.

-Mesmo em tempos de paz... - Começou explicando... - Muitas das missões da Frota Estelar, foram realizadas ao custo da integridade física, patrimonial, e, até. das vidas daqueles que serviram e colaboraram sob seu distintivo. Os mais estudiosos, chegaram até a calcular o número médio de ferimentos e mortes, que custou cada missão empreendida.”

“Não tenho estes dados de cabeça, Zéca. Mas, uma coisa posso te afirmar, com certeza: A Almirante Zélanda tem razão! O trabalho com o Sonny Blue é mesmo duríssimo, e frequentemente exige sacrifícios extraordinários! Não são poucos, os que morreram, no cumprimento das missões comandadas por ele. De fato, é tanta gente, que daria para encher alguns cemitérios. Você sabe destas coisas melhor que muitos aqui...”

O Almirante Quinn, fez outra pausa, alisou novamente seus bigodes e continuou:

-Sonny Blue é um homem muito capaz. Não duvide disso, Zéca. As missões que ele recebe é que são árduas e complicadas.”

-Não tenho dúvidas, Almirante. Conheci bem a fera. Trabalho com ele direto...

-Muito bem, então, Zéca. Dirija-se para sua nave, sem perda de tempo. Vou informar os responsáveis no atracamento que você está indo.

-Sim senhor, Almirante.

Fernando Zéca bateu continência para o Almirante Quinn, em seguida, apertou a mão do oficial veterano e apressou-se em seguir as ordens.

***

Seguiu puxando uma mala de rodinhas com seus pertences pessoais, pelos amplos espaços da Estação Espacial.

Pelas janelas, percebia-se a movimentação das espaçonaves no entorno desta.

Dentre todas, Fernando Zéca dedicou especial atenção às mais longínquas que a vista ainda podia alcançar: aquelas que seguiam, vistas dali, na forma de minúsculos pontos brilhantes indo pela espaço-via, até a zona de lançamento, saindo então, em velocidade de dobra para qualquer lugar

Cada uma das naves, levava todo tipo de gente das mais variadas espécies: desde os destemidos e curiosos, até os tímidos ou covardes.

O que tinham em comum, era o fato de ignorarem os desígnios que o destino lhes reservava.

Uma vez fora da zona de proteção da base espacial, a jornada tinha início e a sorte estava lançada.

Estas e outras reflexões, ocuparam a mente do Capitão Fernando Zéca, enquanto ele seguia até as docas.

Chegando ali, identificou-se para a segurança.

Sem perda de tempo, foi encaminhado para um deck de onde poderia ver a sua nova espaçonave, que estava passando por reparos e revisões finais.

O nome dela: **S.S.F. GALATRINA ∞.**

“S.S.F.” por pertencer ao SERVIÇO SECRETO DA FEDERAÇÂO.

E ∞, pelas razões que mais adiante serão subentendidas.

***

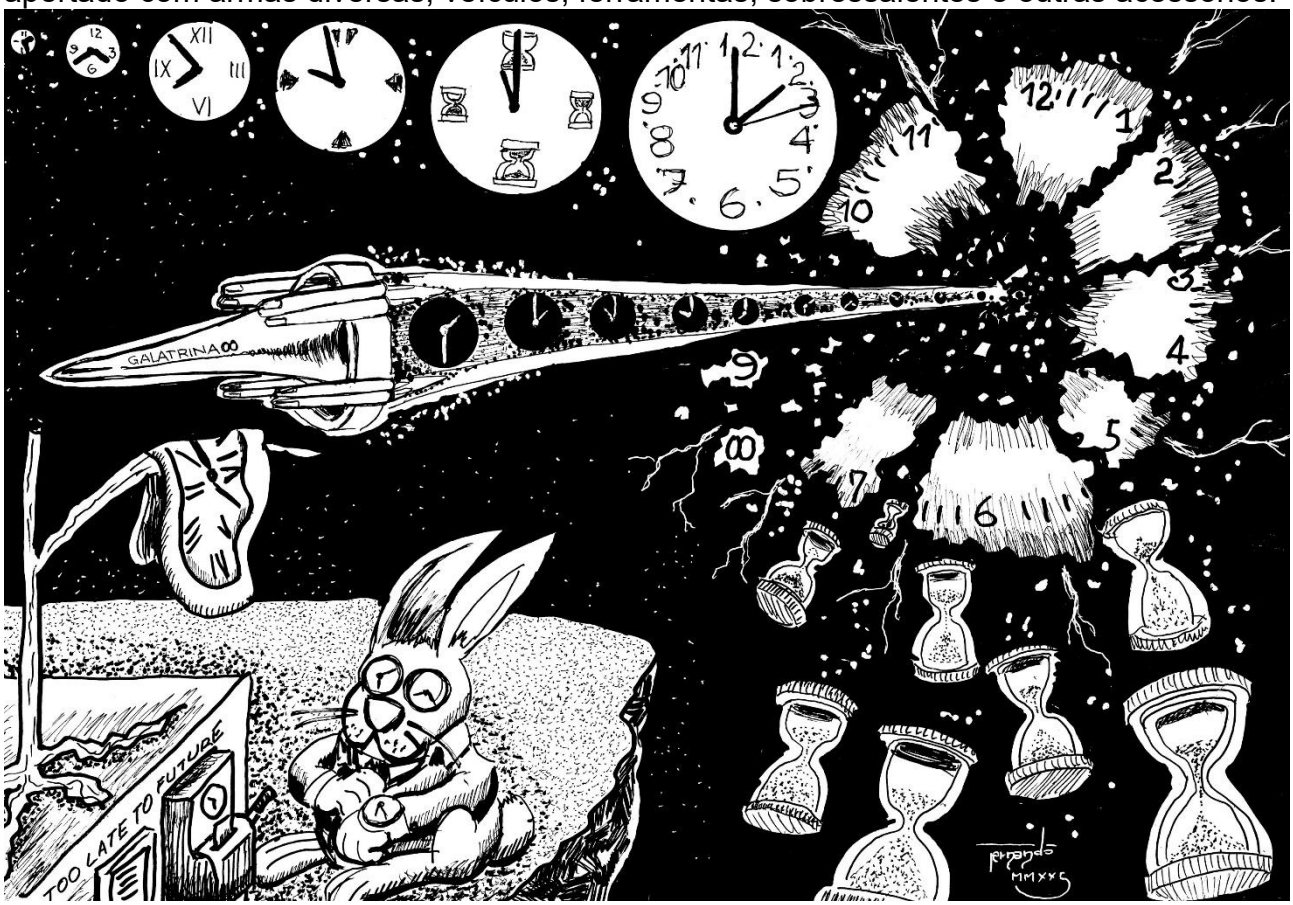
O design da S.S.F. GALATRINA ∞ era diferenciado, mesmo comparado às extravagancias de algumas espaçonaves civis que contrariavam padrões de criatividade da Frota Estelar equipando-se com acessórios de qualidade superior.

Os sinais da proeminência desta espaçonave, sobre outras do mesmo porte, não se restringiam apenas a um conjunto de linhas elegantes, mas, também, se evidenciavam nas oito naceles de alto desempenho, capazes de impulsioná-la à velocidades extraordinárias.

Outra vantagem prometida no projeto seria a incomum agilidade em pilotagem de combate ainda aparelhada com poder de fogo estrondoso, que nas lutas, a tornaria tanto, uma temível adversária, bem como, aliada de valor.

Assim que Zéca adentrou a exótica espaçonave que comandaria, percebeu que, de comum esta não tinha nada.

O visual externo esguio e diferenciado obrigava o Capitão a compartilhar o espaço apertado com armas diversas, veículos, ferramentas, sobressalentes e outras acessórios.




Mesmo assim tinha tudo: lugar para dormir, refeitorio, banheiro. E, à exceção do nosso protagonista, só não tinha tripulação humana já que, no compartimento de carga, entre os veículos, estavam vinte e um robôs de formato humanoide.

Desligados, estavam sentados em bancos encostados às paredes da nave.

Examinando-os, Fernando Zéca logo percebeu, porque não precisaria de uma tripulação humana para ajudá-lo.

Adequadamente programados, aqueles robôs executariam tarefas rotineira em qualquer espaçonave, atuando com excelência em situações de guerra das mais variadas escalas de violência, por não terem restrições quanto a matar humanos, já que, as Leis Asimovianas da Robótica, não foram programadas nos seus sistemas computadorizados.

Fernando Zéca, foi para a cabine de pilotagem, na parte dianteira da nave.

Aconchegou-se na poltrona, e próximo ao computador de bordo, verificou um papel afixado com fita adesiva onde se lia a mensagem:

-Boa sorte, Capitão. Ass: S. B.

P. S1.: Verifique a gaveta 6, que tem um presente meu para você.

P. S2.: A Bete mandou lembranças calorosas.

Fernando Zéca conhecia pelo desenho das letras, o autor daquelas palavras:

Sonny Blue, o Diretor do temível Serviço Secreto da Federação (E.Y.E.), a quem deveria se reportar logo em seguida.

Abriu a gaveta 6 e deparou-se com uma caixa de charutos cubanos, da safra dos irmãos comunistas sinceros. Fernando torceu a cara: aquela só podia ser uma brincadeira do velho Sonny de guerra!

Ele bem sabia que o Zéca não fumaria nenhum charuto cubano, ainda mais, sendo justamente daquela safra maldita, nem mesmo, numa situação absolutamente emergencial!

Só, se não tivesse, nenhum de seus Fumos Especiais 4:20 ilegais por perto!

Fernando Zéca não conteve as costumeiras reclamações, recheadas de palavrões.

-Porra! Eu já tinha falado pro Sonny! Ele sabe que eu odeio estas porcarias que não dão barato nenhum: Só dores de cabeça e enjoos! Além de ser dinheiro jogado fora."

"O Sonny sabe que, mesmo na hora de se desperdiçar dinheiro, deve-se fazer a coisa bem-feita e, de modo a se tomar o menor prejuízo. Ele sabe disso, caramba!

Z[éca respirou profundamente, acalmando à impaciência, e deu curso as reflexões...

-Pelo menos ele é um chefe que arruma alguma coisa para eu fumar durante o trabalho. Os outros que tive antes. Nem um copo de água davam..."

Acionou o computador da nave, destravou os comandos, com exame de suas digitais e, dos olhos, em seguida, abriu um canal onde poderia falar diretamente com Sonny.

Um dos monitores do painel se iluminou e apareceu a imagem do rosto do velho conhecido.

-Olá, Zéca! Gostou do meu presente, Capitão?

-Está de brincadeira comigo, Sonny? Está se referindo a isso aqui????

Fernando Zéca tirou um dos cubanos da gaveta, e, mostrou-o para a câmera. através da qual, seu interlocutor podia vê-lo.

-Você sabe que essa aqui, não é bem a minha praia...

Sonny Blue deu uma gargalhada.

Lágrimas até sairam de seus olhos depois de alguns espirros e tosses, que deu, enquanto ria.

-Pô Zéca ! Desculpa aí, meu chapa! Eu errei a gaveta no bilhete.

"Verifique aí a de número 8."

Fernando Zéca entortou o canto da boca e abriu a gaveta 8.

Ela estava lotada com CHARUTOS ESPECIAIS 4:20 ilegais.

O Capitão não pôde conter o sorriso, tirou um deles da gaveta e o acendeu com um isqueiro acoplado ao painel.

-Aí sim, Sonny! Você é o cara.

-E não tem só esses aí não, Zéca.

"A S.S.F. GALATRINA ∞ ainda tem, mais umas, cem gavetas iguais a esta, espalhadas pelas prateleiras da nave. É só procurar... Fumo não te faltará com você trabalhando para mim.

Fernando Zéca coçou o queixo pensativamente. Sabia o que aquilo podia significar...

-Imagino que sua bondade imensa é proporcional ao tamanho dos perigos que enfrentarei no serviço. - Disse.

-Não tenha dúvida quanto a isso, Zéca. - Esclareceu Sonny. - Você sabe que para nós aqui, só chegam as carniças que os próprios sabichões da Federação, não resolvem. E por falar em problemas, tenho um para você investigar com toda urgência."

-Estou às ordens, Sony. Manda aí.

-Por baixo dos charutos cubanos, está o número de um arquivo existente aí no computador da S.S.F. GALATRINA ∞. Verifique-o e siga as instruções ali contidas."

-Certo, chefe!

-Por ora é isso, Capitão. Sucesso aí com a nova espaçonave. Nada de multas nela.

-Obrigado, fico às ordens! Quanto as multas... Não garanto nada, se tiver pressa.

***

Fernando Zéca encontrou e seguiu as instruções conforme orientado.

Após acionar o arquivo, no monitor do painel a sua frente, apareceu novamente o rosto de Sonny Blue.

Desta vez, era uma gravação e não o chefe ao vivo.

-Olá Zéca. Você vai colaborar numa missão que objetiva alcançar um entendimento político entre a Federação dos Planetas Unidos e, a parcela do Império Klingon, contra a qual estamos em guerra no momento, que, é a casa dos Super-Pesados.

De imediato, uma luz vermelha acendeu-se na mente do Capitão, afinal, aquele parecia ser um trabalho diplomático, com o qual, não tinha lá grande familiaridade.

Mas, se o serviço, era pacificar, uma guerra sangrenta que já ceifara vidas incontáveis dos dois lados da contenda então, dentro dos seus limites, faria o melhor para cumprir com a que parecia ser de fato, uma missão impossível.

Feita este rápida reflexão, Zéca continuou atento ao registro das palavras de Sonny Blue:

-Para que a Federação de fato consiga, estabelecer relações diplomáticas, com os klingons super-pesados, é necessária a ocorrência de uma sequência de eventos momentaneamente improváveis.

As palavras de Sonny estavam corretas, pois, era mesmo duvidosa, a ocorrência de qualquer situação, que tornasse amistosa a relação que, naquele momento, estava deteriorada, pois, contrariamente à maioria das diversas raças, pertencentes as casas, que compunhan o Império Klingon, a dos Super-Pesados, não se pautava por principios de ética, honra ou bravura.

O que mais importava para eles, era a vitória a qualquer custo, fosse por meios nobres, ou não.

Pautados neste suposto caráter, os super-pesados conquistaram espaço e poder, dentro do Império Klingon, fato que, chocou-se frontalmente contra as normas de conduta que, a Federação requer, até por força dos tratados assinados, com seus aliados.

Foram inevitáveis, as tensões daí ocasionadas entre as partes, que, logo causaram conflitos, cada vez piores, tornando-se a seguir, uma das guerras mais sangrentas!

Com o aumento da violência, setores da galáxia, antes tranquilos e seguros, preparavam-se para o alastramento da violencia, armando-se, ou mesmo, gerando incalculáveis movimentações populacionais.

Tal situação Fernando Zéca já estudara muito bem, até mesmo, para poder enfrentar este inimigo com sucesso, assim como fizera, durante o seu tempo de serviços, para a Frota Estelar, a bordo, da U. S. S. GALATRINA III.

-O Serviço Secreto, foi obrigado a projetar esta eventual sequencia de improváveis eventos, porquê, o embate entre a Federação e os Klingosn Super-Pesados, está ficando

cada vez mais dramático e custoso, daí, nós do E.Y.E., vamos encontrar um meio discreto, que encerre definitivamente, o problema de modo vantajoso para a Federação.

“Se quisermos realmente alcançar tal objetivo precisamos estabelecer um relacionamento produtivo com o Conselho Político dos Super-Pesados.”

-Segundo me consta. - Pensou Fernando Zéca. - Este Conselho não tem muito poder na atual hierarquia...

O plano de Sonny não tinha falhas, pois a dúvida de Zéca, no seu planejamento, já estava prevista:

-Atualmente, o Conselho, tem apenas o papel de dar sugestões, tanto institucionais, bem como pessoais, ao Governo do Marechal Kuh, o Alto Comandante dos Super-Pesados.

Sonny fez uma breve pausa, e Fernando aproveitou o momento para visualizar melhor a situação.

-Entretanto; - Continuou Sonny. - A incumbência do Conselho pode mudar, caso a liderança do Marechal Kuh venha a faltar.”

“Na eventualidade desta ausência, aí, então, o Conselho assume o comando. ”

“Este é um cenário, em que a Federação tem amplas vantagens, pois, alguns dos membros do atual Conselho dos Super-Pesados, são nossos agentes associados, de modos que, estes, certamente, facilitariam bem mais, na realização dos esforços necessários para dirimir o conflito sangrento, que já se arrastou por tempo demais.”

Sonny narrava os fatos, de um jeito, capaz de convencer o mais incrédulo coração de aço, porém, Fernando Zéca sabia que, a remoção daquele comandante, do posto de liderança, só seria conseguida com a morte dele, que era um guerreiro implacável, e, obstinado na conquista de seus objetivos.

Por isso mesmo, dirigia com punho de ferro, os klingons mais temidos da galáxia.

Se a missão a ser executada, objetivasse a eliminação, ou, assassinato do Marechal Kuh, então, um dos primeiros problemas a serem superados, envolvia todo o aparato de segurança designado para protegê-lo: que era reforçado e bem armado.

Em condições normais, seria quase impossível sobrepujar uma defesa assim formidável...

Mesmo com todo equipamento, armas, e, os robôs disponíveis a bordo da S.S.F. GALATRINA ∞, este não era um trabalho com o qual, o Capitão sentia-se confortável.

Seu preparo, até o momento, sempre seguiu no sentido de ser útil, em outras áreas, onde o serviço não seguia por caminhos, tão nebulosos, como se sucedia nos trabalhos de infiltração e espionagem.

-O Marechal Kuh tem que ser eliminado, Zéca.

“E você, terá importante participação e responsabilidade na missão.”

“Caso resolva aceitar esta incumbência, siga então, imediatamente, para a base espacial, próxima a Makus III, e, lá, encontre a agente Durana Keda”

“O arquivo onde esta mensagem se encontra armazenada, se auto-destruirá em cinco segundos.”

Fernando Zéca ergueu as sobrancelhas em sinal de sobressalto.

Ao destruir a mensagem com os detalhes da missão, Sonny Blue, estava até, antevendo a possibilidade daquela nave ser capturada, fato que, só demonstrava, o grau de dificuldade que havia pela frente, nos trabalhos a serem realizados pelo Capitão.

***

# UMA ALTA CARONA de ÚLTIMA HORA

Assim que transmitiu para a torre de navegação da Base Espacial, os dados da sua nave com o destino que pretendia seguir, o Capitão da S.S.F. GALATRINA ∞ viu-se surpreendido por um aviso de emergência num dos monitores, que cercavam a sua poltrona.

Pelos canais de comunicação da nave, logo chegou um chamado do Comando.

-Capitão Fernando Zéca Corinthiano da S.S.F. GALATRINA ∞?

-Eu mesmo!

-O seu destino é a Base Espacial próxima a Makus III, conforme consta no roteiro que o senhor apresentou?

-Exatamente...

-Sua nave está sendo escalada para fazer o transporte de integrante do Alto Comissáriado e sua carga.

Os olhos de Fernando Zéca se arregalaram...

Sua nave quase não tinha espaço para ele próprio, quanto mais, para outra pessoa...

Sem contar uma carga!

-Como assim? - Indagou o Capitão tentando aparentar uma tranquilidade que, dentro de si já não existia mais.

-Não há outra espaçonave seguindo para as imediações de Makus III, além da sua, nas próximas 100 horas terrestres. A Autoridade precisa de transporte urgente para lá."

"Em casos assim, é para o próprio Alto Comissariado que é requisitado espaço em qualquer nave, que deverá de imediato, lhe fazer o transporte, Capitão."

"O Ordenamento Jurídico é muito claro: até mesmo as naves em missões para o Serviço Secreto da Federação, devem obediência à Norma."

-Entendi! Por força da Lei, não tenho outra saída senão fazer o transporte..."

"Tudo bem, mas, é importante a Autoridade saber que o espaço aqui dentro é pequeno."

-Capitão! Aguarde a chegada da Autoridade, e sua carga.

-Um momento: Eu queria repetir e salientar que o espaço aqui é reduzido, e...

-Desligo, Capitão.

A comunicação foi interrompida.

Muito mal terminou de praguejar contra aquela interrupção abrupta, e, o som da campainha se fez ouvir!

Resmungando e blasfemando mais ainda, por meio de todos os palavrões cujo conhecimento acumulara, em vários idiomas, Fernando Zéca saiu da poltrona, pois, aquele sinal, indicava que havia alguém diante de uma das escotilhas laterais, de acesso à nave.

Para atender a visita "inesperada", foi então, para o compartimento anterior, à cabine de pilotagem. Dali, seguiu para um dos acessos a nave.

Diante das portas de um deles, apertou o botão do painel, e estas deslizaram para os lados, abrindo caminho para fora. Caminho este bloqueado!

Obstruído, por uma mulher alta, lindíssima vestindo conjunto azul de calça agarrada, (que evidenciava a bunda e as pernas maravilhosas), com paletó, (cujo corte, não conseguia esconder o tamanho da sua GRANDE saúde peitoral).

Os cabelos dela eram lisos, longos e prateados.

Mesmo sendo branca, parecia evidente, que ela passava muito tempo tomando sol, provavelmente, em praias ou piscinas, onde exibia para olhos mais afortunados, o seu corpo escultural.

Diante daquela visão maravilhosa, Fernando Zéca, silenciou, estancando a verborragia de palavrões mal-educados que até então estivera proferindo, imediatamente esquecendo o que pretendia reclamar.

-Preciso de uma carona para Makus III. - Disse ela. - Sou do Alto Comissariado.

Os olhos do Capitão se arregalaram com aquela beleza fora do comum, mesmo assim, ele colocou as ideias em ordem e indagou, aparentando auto-controle:

-Seria a Senhora então, a Alta Comissária Ferris??

-Sim. - Respondeu ela sorrindo. - Eu mesma.

-Sou o humilde Capitão Fernando Zéca Corinthiano a seu inteiro dispor.

“Minha nave pode parecer pequena, e de fato, é... Mas... O coração dela é grande como o de uma mãe, e sempre cabe mais um! Seja Bem vinda, Alta Comissaria Ferris.”

***

A Alta Comissária Ferris não era alta só no cargo, mas também na própria estatura corporal, já que, tinha mais de um metro e noventa centímetros.

Para sorte dela, a nave em que pegaria carona, dispunha de uma poltrona de comandante, onde poderia se acomodar, sendo mais confortável e espaçosa, que a banqueta auxiliar, onde o Capitão com muito gosto, se apertaria na viagem.

Entretanto, haveria um problema a ser superado: a carga trazida pela Alta Comissária; que consistia numa espécie de reservatório cilíndrico de bordas arredondadas, com um metro e vinte de altura por sessenta centímetros de diâmetro, de plástico branco.

Este objeto se mantinha na posição vertical, flutuando pouca coisa acima do chão e seguia a Comissária como um cachorro treinado.

-Este container tem que ser guardado no lugar mais seguro da sua nave, Capitão.

-Sim senhora, Comissária.

Fernando Zéca estava com um problemão: mal tinha espaço para ele a a própria Comissária, que diria então, para a carga dela.

-Comissária... Me desculpe perguntar, mas, qual seria o conteúdo da sua carga?

“A razão da pergunta é achar o lugar mais adequado, para guardá-la...”

-São sementes, Capitão. Mas não são qualquer tipo de sementes. Estas, vieram de um universo paralelo ao nosso...”

O Capitão Fernando Zéca não fez cara de espanto diante da informação, que, pela maioria poderia ser considerada inacreditável...

Para ele, entretanto, não era assim algo tão surpreendente a existência de dimensões paralelas, já que, alguns anos antes, tivera a oportunidade de visitar muitas destas, durante suas ocasionais jornadas como irresponsável e sortudo Alferes...

A Comissária continuou explicando:

-Nossos Diplomatas e Representantes, neste universo paralelo ao que vivemos, negociaram junto a uma organização interplanetária, com propósitos similares aos da Federação, vários intercâmbios, dentre tantos, o destas sementes que crescem, e frutificam a uma velocidade assombrosa. Elas devem ser guardadas onde não sofram qualquer tipo de estímulo, pois, poderiam desencadear um processo de crescimento, que, em poucos minutos, destruiria esta nave.”

***

Fernando Zéca só tinha um lugar que poderia armazenar aquela carga: a geladeira especial, onde estocava bebidas, energético, e parte da sua reserva de fumo.

Tão entusiasmado estava em atender as necessidades da bela comissária, que, não pensou duas vezes, e logo a levou até a entrada do congelador.

Vestiu roupas grossas que o cobriam dos pés à cabeça, introduziu sua senha no teclado alfanumérico da fechadura da porta, destrancando-a.

-Tenho de reorganizar a carga aí dentro, para disponibilizar espaço para o seu reservatório.

-É um bom lugar. - Assentiu a comissária. - A baixa temperatura dará mais estabilidade às moléculas que compõem as sementes, evitando que estas germinem sem o devido controle.

Em seguida, o Capitão abriu a porta, entrou no congelador, e, depois de alguns momentos, saiu dali carregando diversos tabletes de fumo, tendo cada um, o tamanho aproximado, das tradicionais caixas de sapato.

Repetiu a ação mais algumas vezes, até garantir espaço suficiente, dentro da geladeira, que permitisse armazenar ali, as sementes da comissária.

Depois, com muito cuidado, guardou ali dentro o reservatório, para o qual abrira o espaço e ainda alguns dos tabletes de fumo que tivera de mudar de lugar.

Saiu do congelador, fechou a porta deste e, depois de tirar as roupas grossas que usou, para proteger-se do frio, surpreendeu-se com a Comissária, que olhava atentamente, para um dos seus tabletes de fumo.

-Esse produto é ilegal em todo o espaço da Federação, inclusive aqui. - Disse a Comissária, em tom grave.

Fernando Zéca empalideceu.

-Numa nave da Frota Estelar,,, - Continuou ela. - Isso poderia ser considerado contrabando, implicando em pena de prisão por vários anos ao portador...

O Capitão da S.S.F. GALATRINA ∞, sentiu como, se um bloco de gelo duríssimo, tivesse, de um instante para outro, sido colocado no interior do seu estômago...

A Comissária não parou por aí.

-Numa nave do Serviço Secreto da Federação, entretanto, especialmente, se comandada por um dos seus Agentes, tal Lei, não tem validade nenhuma...

A Comissária fez uma pausa, Fernando Zéca sentiu o bloco de gelo derretendo no interior do seu estômago, e ela continuou:

-Não é sempre que tenho oportunidade de saborear esse tipo de produto. Posso experimentar?

O suor produzido em poucos segundos, pela careca do capitão, por conta das primeiras observações concernentes ao fumo ilegal, feitas pela Comissária, evaporou junto com as preocupações que o originaram.

-Mas claro, minha Senhora. - Respondeu Fernando Zéca Corinthiano aliviado. - Será uma honra, para mim, compartilhar contigo, este produto de qualidade incomparável...

***

Duas horas mais tarde, devidamente acomodados na cabine de pilotagem da GALATRINA, o Capitão e sua convidada saboreavam alguns charutos ilegais, enquanto a nave deixava para trás, a base espacial em órbita da Terra.

Através das janelas, Fernando Zéca vislumbrava outras naves, que seguiam em fila indiana, para a área de lançamento, no espaço sideral, de onde partiriam, cada qual, para seu destino.

Sua sorte, e, a de todos aqueles viajantes, estava lançada.

Ninguém imaginava, ou, seria capaz de calcular, o que o futuro reservava.

***

Sentado na poltrona de pilotagem da S.S.F. GALATRINA∞, o Capitão Fernando Zéca Corinthiano passou para a Comissária Ferris, o cigarro acesso, enquanto prendia a fumaça tragada em seus pulmões.

-Comissária: a S.S.F. GALATRINA∞ dispõe de recursos e, propulsores mais avançados do que os utilizados pela maioria das espaçonaves da Frota Estelar.

“Podemos fazer um “salto” através do hiperespaço, dividindo em 200 vezes, o tempo que gastaríamos, com os tradicionais motores de dobra espacial. Só temos um problema: eventualmente algumas pessoas, desacostumadas a este tipo de viagem, podem sentir enjoos e dores de cabeça.”

-Os “saltos” através do hiperespaço podem danificar minhas sementes, Capitão?

-De forma alguma, Comissária.

-Se o dano à minha saúde não for permanente, este será um inconveniente, que poderei superar, Capitão. - Decidiu a Comissária entre uma e outra tragada no cigarro que fumava junto com Fernando Zéca.

-É um inconveniente temporário, Comissária. Não há com que se preocupar.

-Então, não percamos mais tempo, Capitão. - Disse ela soltando uma baforada de fumaça. - “Avante!”

-Pois não, Senhora.

Fernando Zéca puxou para trás, uma alavanca colocada ao lado de sua poltrona.

Imediatamente, o monitor principal, da cabine de comando, que exibia imagens tridimensionais das imediações no entorno da GALATRINA, mudou de aspecto por conta do acionamento daquele mecanismo.

As estrelas até então ali exibidas, que pontilhavam a escuridão espacial, imediatamente mudaram de forma, e, num movimento brusco, transformaram-se em linhas irregulares, que avançaram de encontro à nave, como se fossem respingos brancos, escorrendo pela janela frontal de um veículo, avançando velozmente, em meio à uma hipotética chuva de leite.

Logo, os riscos brancos se alargaram formando um tunel claro e brilhante.

Através deste, a GALATRINA prosseguiu velozmente pelo hiperespaço, em velocidade muito maior do que os melhores motores de dobra convencionais.

Entre uma e outra tragada do cigarro, a Comissária Ferris contemplava maravilhada aquela imagem enquanto ouviu do Capitão Fernando Zéca:

-Não vai demorar muito para chegarmos, Senhora.

Entretanto, o destino ao qual o Capitão Fernando Zéca Corinthiano se referia, não era exatamente, o mesmo, que a Comissária tinha em mente.

***

-Mas estamos nas imediações do Murasaki 312. - Exclamou a Comissária Ferris, sem esconder alguma irritação.

-Vejo que a senhora conhece bem os mapas estelares.

A gigantesca mancha verde brilhava, nas telas de observação tridimensional da cabine de pilotagem da S.S.F. GALATRINA∞ sendo impressionantemente amedrontadora.

Aquele objeto de dimensões astronômicas, semelhante a um quasar, mesmo a grande distância, era visível.

-Antes de prosseguirmos viagem, faremos um escaneamento, e análises diversas deste fenômeno, que é obrigatório para as naves que passam por este setor.

-Caramba! - A comissária Ferris soltou fumaça pelos seus orifícios nasais.

Ela fumava um cigarro sozinha, enquanto Zéca fumava outro...

Aquelas alturas da viagem, os dois já tinham fumado uns quatro charutos, e pareciam se entender cada vez melhor. Uma boa amizade se firmava alí...

-Não posso acreditar! - Ela disse, com semblante visivelmente desanimado.

-Mas é verdade, Comissária. Não estou mentindo! As autoridades científicas, políticas, e de segurança, de vários mundos habitados, estações espaciais e outros tipos de instalações pelas imediações, deste setor, se uniram, formando um órgão chamado Ministério de Segurança Espacial, que, por sua vez, exige, atualização cartográfica e análises do fenômeno Murasaki, de qualquer espaçonave, transitando pelas imediações.”

“A S.S.F. GALATRINA∞ não é só uma simples nave espacial. - Confessou Fernando olhando nas profundezas dos olhos da linda Comissária. - É também, uma plataforma de espionagem, muito bem equipada para missões diversas, e está capacitada, para colher informações, que possam ajudar, a Autoridade do Ministério da Segurança Espacial, a se prevenir, quanto a qualquer eventual mudança no fenômeno.”

-Não quis dizer que você está mentindo, Fê. É que na verdade essa situação, é muito parecida com a que passou, um bisavô meu. Ele também era Alto Comissário, e, do mesmo modo, estava envolvido com uma missão parecida com a minha, “

-Puxa! Então sua família já tem tradição ocupando o cargo no Alto Comissariado.

-Exato. E não sou a primeira que tem histórias envolvendo o Murasaki 312.

Fernando Zéca estava curioso... E a comissária prosseguiu:

-Foi em 2267 e o meu bisavô estava supervisionando uma entrega emergencial de remédios para Makus III que, depois, seriam transferidos para as colônias em Nova Paris.

“Ele teve problemas com o Capitão James Kirk da U.S.S. ENTERPRISE, que também queria explorar o Murasaki 312, e com isso, estava atrasando a entrega...”

-Você quer dizer, o lendário Capitão James Tiberius Kirk?

-Exato.

-Veja bem Comissária, agora farei aqui, o papel de Advogado do diabo, mas, a situação de então, devia ser semelhante à que estamos passando agora. Naquela época, o registro cartográfico do Murasaki 312, já tinha que ser atualizado sempre que possível.”

“Esse fenômeno pode se desestabilizar a qualquer instante, ameaçando assim, todo o setor da galáxia, e, o que estiver ao seu redor, por isso, sempre que possível, tem de ser monitorado, explorado, e, os registros de qualquer estudo feito, por mais simples que seja, ajuda o Ministério da Segurança Espacial, a tomar as medidas corretas, numa provável emergência que eventualmente será até catastrófica.”

-Entendo Fê. Mas, assim como o meu bisavô tenho, minhas preocupações, já que, naquela ocasião, essa exploração, acabou tendo, entre outras consequências, a perda de vidas de gente envolvida na missão.

-Compreendo... Mas pode ficar tranquila que, nossos estudos serão feitos a distância segura, e, com equipamentos bem mais sensíveis que os da época, deste modo, nos afastamos de eventuais perigos que à época tenham ameaçado a U. S. S. ENTERPRISE e seus tripulantes...

-Fê! Não estou preocupada só com as nossas vidas, mas com o tempo gasto com este trabalho...

-Também não é o caso para preocupação, Comissária.

“Se os motores da S.S.F. GALATRINA∞, são muito mais rápidos que os das atuais naves da Frota Estelar, imagine então, com relação aos das antigas da classe Constitution, como a da história do seu bisavô. Pretendo dar quatro ou cinco voltas, a distância segura, em torno do Murasaki 312, depois, seguimos viagem...”

-Mas Fê... O Murasaki é imenso... Tem dimensões astronômicas... Colossais...

“Levaríamos anos para dar apenas uma volta ao seu redor... E você está falando de quatro ou cinco...”

-Confia em mim, Comissária. Eu sei o que estou fazendo...

“Em não mais que dezoito horas, nossos motores nos permitirão cumprir essa missão, então, já estaremos a caminho de Makus III...”

-Assim espero então...

Fernando Zéca programou a rota, junto ao navegador robotizado da S.S.F. GALATRINA∞, e, acendeu mais dois charutos, para fumar junto com a linda e simpática Comissária enquanto o trabalho era feito...

***

MMXX

Antes mesmo do tempo previsto, a coleta de dados estava terminada, sem maiores problemas...

Finda a obrigação protocolar exigida por Lei, pelo Ministério da Segurança Espacial, Fernando Zéca Corinthiano se apressou em comunicar a novidade para Tigra Ferris, a linda e jovem Alta Comissária, que nosso querido protagonista tinha o privilégio de dar carona até Makus III.

Como prova do serviço bem-feito, ele mostrou para ela, uma projeção tridimensional, mostrando como estava, o imenso fenômeno espacial, até aquele momento...

-Meus computadores já fizeram alguns cálculos, para serem entregues ao Ministério da Segurança Espacial, e, estes são bastante otimistas quanto as possibilidades de poucas mudanças ocorrerem no Murasaki 312. Pode verificar que, a coleta de dados, foi toda realizada mais rapidamente que o estimado, e já estamos seguindo direto, para Makus III."

A Comissária Tigra olhou no relógio, e constatou que o Capitão dizia a verdade.

Só então, respirou mais tranquila. Seus olhos brilharam demonstrando alívio.

-Achou que teríamos problemas? - Indagou Fernando Zéca...

-Não me saía da cabeça, a história do meu bisavô.

-O Comissário Ferris que esteve na ENTERPRISE, comandada pelo Capitão Kirk?

-Exato... Nas suas memórias, que escreveu muito tempo depois, ele manifestou opinião contra a Obrigatoriedade de registro e coleta de dados relativos o Murasaki 213, exigidos pela Lei, de todos os que estivessem pelas suas imediações..."

"O que, o motivou, a tomar posição tão firme, contra este Ordenamento foram as mortes, causadas naquele episódio, da jornada que fez a bordo da U.S.S. ENTERPRISE."

"Ferris, assim como o Capitão da Enterprise, não se conformaram com tais perdas, mesmo assim, Kirk, não podia se rebelar contra a Lei, por ser militar, cumpridor de ordens."

"Daí, coube ao Alto Comissáriado manifestar seu desagrado nesse sentido, por repetidas vezes, o que também não resultou em nada já que, mesmo com tanta reclamação, seus pedidos foram ignorados e nada realizado."

-Eu até entendo um pouco a preocupação do Ministério, Tigra. O fenômeno Murasaki é ameaçador e imprevisível. Qualquer pequena instabilidade neste, pode ser catastrófica.

"Daí a necessidade de constante observação e estudo, até para, que as medidas cabíveis, sejam tomadas com a antecedência necessária."

"Precaução, que pode salvar bilhões de vidas, em vários sistemas planetários."

-Eu entendo, Fê. Mas, não gosto de nada se interpondo na execução do meu trabalho. Muito menos uma Lei como essa, que julgo ser exagerada..."

"De qualquer forma, voltando à história... Meu bisavô entregou as medicações, e voltou ao seu Gabinete, onde registrou para a posteridade, as próprias considerações sobre este trabalho."

"Após muito refletir e meditar, ele chegou à conclusão de que tudo não passou de perda de tempo, pois, naquele e, em muitos outros casos, as causas que originam a fome, as doenças, e toda sorte de transtornos vividos pela população, de modo geral, sempre era ocasionada, pelos próprios políticos, que, em grande parte, se corrompiam e terminavam embolsando para fins ilícitos, recursos destinados para serviços públicos emergenciais."

-Então seu bisavô não mentiu. Ele via a verdade... De qualquer modo, Comissária, não percamos mais tempo e vamos logo seguir viagem, sem parada direto até Makus III."

"Aproveite para descansar! Daqui a pouco, aceleraremos bastante."

-Tentarei... Mais tarde! Agora, terminarei de fumar meu charuto..."

***

Sem mais preparativos a fazer, sentado na poltrona, enquanto dava tragadas nervosas no seu cachimbo, mentalmente, o Capitão Fernando Zéca Corinthiano, acompanhava o cronometro numa contagem regressiva que parecia não terminar nunca.

Depois de instantes angustiantes, onde o tempo parecia cada vez mais congelado, finalmente chegou o zero.

Um tunel, de cor clara, abriu-se à frente da S.S.F. GALATRINA∞.

Era a passagem de entrada ao hiperespaço, onde a nave espacial, alcançaria velocidades inimagináveis, para chegar ao seu destino rapidamente.

Sem perda de tempo, esta avançou através do fenômeno colorido, causando com isso, ao seu redor, estouros e pipocos como os de fogos de artificio.

Aquele espetáculo lisérgico, não tirou a concentração de Fernando, dos seus comandos nem do seu trabalho.

O mesmo não se deu com a Comissária, que dormiu, depois de relaxar assistindo o “show” de luzes coloridas dançando e correndo ao redor da nave.

***

As Leis da física no hiperespaço, são diferentes da realidade que a nós é comum.

Nesta região onde naves envoltas por campos energéticos superam velocidades inacreditáveis, os deslocamentos temporais eventualmente podem seguir para o passado, coisa que aconteceu com a S.S.F. GALATRINA∞, de modos que, quando esta retornou ao espaço normal, Fernando Zeca Corinthiano consultou o relógio, constatando que não só cumprira com o itinerário programado para a viagem a Makus III bem como, se antecipara a este, chegando a próxima etapa da jornada, no mesmo instante, que sua espaçonave partiu da base espacial no Sistema Solar, coisa que, ao final resultou numa viagem praticamente instantânea.

***

Era o momento para relaxar, até porquê, dali por diante, a S.S.F. GALATRINA∞ faria toda a etapa final do percurso, comandada pelo robô-navegador.

-Assuma o comando e tome as devidas providencias cabíveis para o que for necessário. - Disse-lhe o Capitão Fernando Zéca.

O robô-navegador respondeu confirmando o recebimento da ordem, acendendo uma luz verde na sua parte superior.

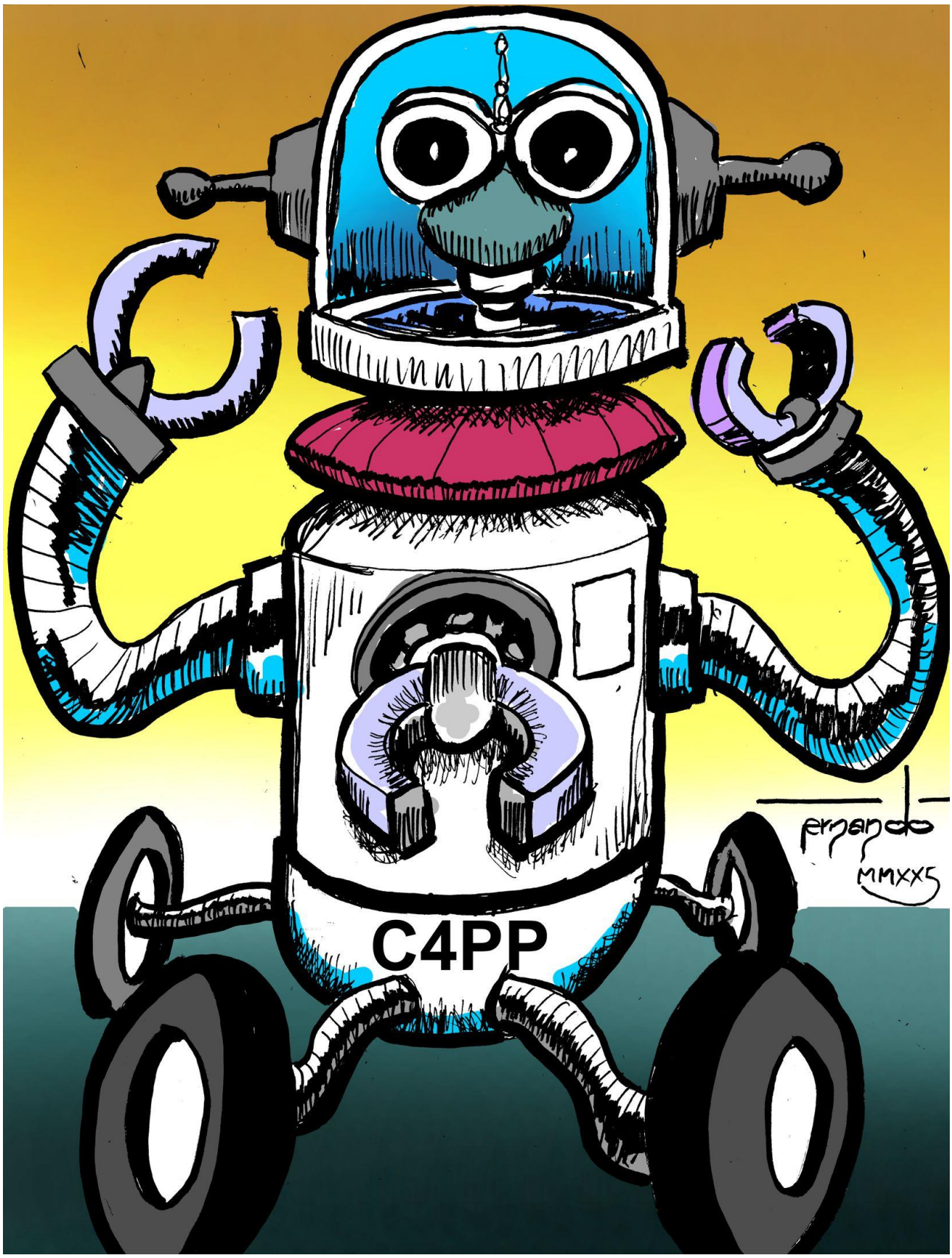
Não iria perturbar o sono da Comissária Tigra Ferris, mesmo para dar uma boa notícia, com respeito ao tempo que fora ganho.

Primeiramente, iria se aliviar e tomar um banho, já que, o esforço concentrado na pilotagem da espaçonave o deixou totalmente suado, e não seria bom se apresentar em Makus III com um uniforme em mau estado.

-Vou para o banheiro. Assuma a nave, Navegador. - Reforçou a ordem para o robô.

Dizendo isso, Fernando Zéca Corinthiano, saiu da cabine de pilotagem e, foi fazer sua demorada toalete, já que levava alguns gibis para acompanhá-lo no momento.

***


C4PP
fernando
MMXX5

**“TUDO que EXIGE minha INSUBSTITUÍVEL PRESENÇA, em CARÁTER IMEDIATO, acontece quando estou CAGANDO!”**
(reflexão de um sábio desconhecido)

***

C4PP, o robô navegador da S.S.F. GALATRINA∞, queria terminar a viagem até Makus III, com a nave voando suavemente pelo espaço sem qualquer solavanco.

A Alta Comissária Tigra Ferris repousava de olhos fechados na sua poltrona, enquanto o Capitão Fernando Zéca estava sentado no banheiro, aliviando seus encanamentos intestinais.

Por estes, e outros motivos que mesmo provinda de inteligência artificial, existia a preocupação com relação a uma pilotagem tranquila que alcançasse seu objetivo evitando sobressaltos. Detalhe que não era o único a ser processado no cérebro artificial de C4PP.

A poucos quilômetros da S.S.F. GALATRINA∞, materializou-se acelerando em direção a esta, uma nave negra que, aproximou-se até não restarem, mais que uns poucos metros de distância, entre as duas...

C4PP, até este momento, não viu nenhuma atitude ameaçadora que lhe obrigasse fazer qualquer alteração no curso, ou na pilotagem.

A situação mudou totalmente, quando um sinal de teletransporte, oriundo da nave desconhecida, trouxe para dentro da S.S.F. GALATRINA∞, treze soldados muito bem armados, cobertos dos pés às cabeças, com armaduras, de dupla finalidade: proteção e aumento de força.

Cada um deles, também portava rifles phaser o que constituía até certo exagero já que um simples disparo na parte interna da espaçonave causaria alí sérios problemas ameaçando até a vida dos próprios invasores.

Algo tinha que ser feito, mas, tal ação, não ficaria a encargo de C4PP.

Com um sinal eletrônico, o piloto navegador, informou a situação para um dos robôs de combate, sentados no meio do depósito de carga da nave.

Local onde, os soldados desconhecidos, materializaram-se armados, dando início à invasão.

***

O sinal eletrônico fez com que sua atividade autônoma fosse acionada.

O robô de combate, com formas humanoides, superfície parcialmente metálica e plastificada nas cores branca e preta, logo confirmou a informação que o navegador C4PP estava lhe passando: A S.S.F. GALATRINA∞ estava sendo invadida.

Sem perda de tempo, o robô, apelidado por Fernando Zéca como ISAAC 1, fez uma análise do posicionamento dos inimigos, tão logo, terminou o teletransporte, que os colocou dentro da nave que vinham num total de treze.

Sentado, assim como os outros robôs de combate, o modelo “ISAAC” saiu da sua aparente posição de descanso.

Com um rápido movimento, levantou-se, segurando duas pistolas phaser, que antes vieram voando para suas mãos mecanizadas, do interior de aberturas, que apareceram, nas partes externas de onde, num ser humano normal seriam as coxas.

Em seguida, disparou contra os invasores, tiros certeiros, que pulverizaram 12 dos soldados, extinguindo-os definitivamente, deixando apenas, como únicos sinais de suas passadas existências, montes de cinzas com aproximadamente, vinte centímetros de altura, cada.

O último invasor, o décimo terceiro deles, ISAAC 1, também acertou, com seus tiros infalíveis.

Porém, devido à posição que se materializou, os tiros do robô de combate, não foram mortíferos, neste inimigo, inutilizando lhe apenas, as pernas e braços, quedando-o no chão, paralisado e incapaz de se mover, enquanto gemia de dor.

Dele, o robô de combate rapidamente se aproximou, após confirmar o fim dos outros doze invasores dizendo sem qualquer carga de emoção:

-Talvez o Capitão queira interrogá-lo.

No chão, próximo ao invasor agonizante estava o seu comunicador.

ISAAC 1 pegou-o, e transmitiu para C4PP todas as informações ali registradas na memória do aparelho e ainda, na frequência para contato com a nave de onde vieram os visitantes indesejados.

Sem perda de tempo, o robô-navegador da S.S.F. GALATRINA∞, de posse dos dados fornecidos por ISAAC 1, enviou para a espaçonave inimiga, através do seu próprio canal de comunicação, um pacote de vírus para desprogramar todos os computadores ali operantes.

***

Um cheiro fétido invadiu as narinas de Fernando Zéca, assim que este saiu do banheiro, após aliviar-se de um belo monte de merda, e tomar um banho restaurador.

Não poderia ser o sistema de esgoto da S.S.F. GALATRINA∞.

Impossível que o fedor dos seus dejetos, tivessem um odor assim tão esquisito, daí procurou, e logo encontrou a fonte do mau cheiro.

Mais adiante no corredor que ligava a Cabine de pilotagem ao acesso para o compartimento de carga viu um monte de cinzas estranho no chão.

Seu cérebro treinado não precisou mais que meio segundo para desvendar o mistério. Alguém havia sido morto por um desintegrador phaser, dentro de sua nave.

-Tigra!!!

***

Com quatro ou cinco saltos o Capitão adentrou esbaforido a cabine de pilotagem, onde, na sua poltrona, a Alta Comissária Tigra Ferris, espreguiçava-se ronronando como uma felina parecendo alheia a qualquer ameaça...

Fernando Zéca respirou aliviado, abriu o armário na parte superior da cabine, de onde tirou duas pistolas phasers, dando uma para sua convidada dizendo:

-Venha comigo, Comissária. Aqui tem alguma coisa errada.

Tigra Ferris pegou a arma em silencio, e engatilhou-a, olhando firme nos olhos do Capitão.

E não demonstrava qualquer preocupação. A tranquilidade e relaxamento que seu rosto era fria e sem medo.

Zéca voltou pelo corredor, com a Alta Comissária atrás de si, indo em direção ao compartimento de carga da S.S.F. GALATRINA∞.

Pelo caminho, depararam-se com montes de cinza, indicando que algumas pessoas ali, haviam sido abatidas e pulverizadas por tiros de phasers.

Num dos corredores do compartimento de carga, um dos robôs de combate, o ISAAC 1, estava de pé, diante de um soldado desarmado que agonizava no chão, após ser atingido.

Fernando Zéca olhou ao redor, e constatou que não havia mais nenhum perigo ameaçando a nave.

-Ótimo trabalho ISAAC 1.  - Disse o Capitão. - O que aconteceu?

-Treze invasores armados foram teletransportados para o compartimento de carga, Capitão. Eliminei 12 e deixei esse para interrogatório.

-Excelente!

Fernando Zéca aproximou-se do invasor, olhando firmemente para ele...

-C4PP informa que a nave de onde vieram os invasores está voando paralelamente à nossa aparentemente ignorando o insucesso da sua operação. - Disse ISAAC 1..

-Então vamos trabalhar, antes que comecem a desconfiar. - Disse Fernando Zéca.

Em seguida, perguntou para o invasor:

-O que você faz aqui? O que quer?

O invasor tomou fôlego e respondeu em tom desafiador:

-Não vou te dizer nada terráqueo. Vocês da Frota Estalar não passam de covardes.

Capitão Fernando Zéca olhou para o invasor fazendo uma expressão que poderia demonstrar até algum respeito.

-Puxa vida. Você é um cara durão....

Fez uma pausa enquanto olhava para o invasor.

Levantou-se avançou por trás do soldado abatido, abriu uma gaveta que havia embutida a uma parede no corredor, e dali tirou um disco achatado, com diâmetro de quatro centímetros, escuro, com uma lâmpada amarela na sua parte central.

Fernando Zéca continuou falando.

-Primeiramente, para sua informação, você não está numa nave da Frota Estelar.

“Esta, pertence ao Serviço Secreto da Federação (E.Y.E.), e sob o meu comando, aqui vigora, a Lei do Castelo, que me desobriga a seguir qualquer doutrina dos direitos humanos, menos ainda de entregar bens ou recuar diante de ataque não justificado, tendo EU, a obrigação de reagir a qualquer usurpação, como quiser.”

-Você não vai fazer isso. - Balbuciou o invasor, com os olhos agora, ainda mais arregalados, do que antes...

-Então responda o que você está fazendo aqui.

-Eu tenho meus direitos. - Reclamou o invasor. - Exijo meios para me comunicar com minha nave. Quero um advogado agora.

-Essa conversa é uma perda de tempo. - Disse a Alta Comissária...

-Nenhuma conversa com o E.Y.E. é perda de tempo, Senhora.

Fernando Zéca disse isso, e, com rápido movimento afixou na têmpora do invasor, o disco que tirou da gaveta, e logo, o efeito da ação se fez notar: o folgado invasor, que até o momento estava apenas agonizando, agora gritava e se contorcia de dor.

Quem testemunhasse a imposição de tamanha aflição, poderia até se condoer.

***

-Esta é uma sonda psíquica. - Explicou Fernando Zéca, para a Alta Comissária, entre um e outro grito de dor, dado pelo visitante indesejado.

“O Serviço Secreto da Federação, também já teve suas jornadas por outros universos, sendo que, em várias ocasiões no passado, visitamos uma galáxia equivalente à nossa governada por um Império local e auxiliado por uma poderosa instituição chamada Fundação.”

“Do contato com este Império, o E.Y.E.  trouxe algumas novidades que não são muito comuns por aqui no nosso universo dentre estas: a sonda psíquica.”

-Se refere a este artefato que você colocou na cabeça dele? - Indagou Tigra.

-Sim. Veja que agora, ele vai cantar como um passarinho.

Mais uma vez, O Capítão Fernando Zéca repetiu a pergunta ao invasor:

-O que faz aqui? Quem te mandou?

Desta vez, o desafiador já não se mostrou tão arrogante.

fernando MMXX5
ISAAC
0000

Se contorcendo de dor, ele balbuciou:

-Viemos roubar as sementes da Comissária Ferris, em seguida matar vocês dois.

***

-Tanta sinceridade chega até a ser tocante. - Disse Fernando Zéca com seu sarcástico humor.

Os olhos de Tigra Ferris, por seu lado, emitiam chispas brilhantes de ódio...

-Pretendiam roubar e matar uma Comissária?

-Alta Comissária. - Sutilmente complementou o Capitão, que era bem mais baixo, que a sua visitante.

A Alta Comissária Ferris olhou para o Capitão e, brevemente deu um sorriso, mas, foi muito rápido, pois, logo sua expressão voltava a ser de seriedade.

-Quem ousaria tamanha afronta? - Indagou ela suspirando...

O invasor, de seu lado, continuava agonizante e não deu resposta para esta questão.

-Quem te mandou? - Perguntou o Capitão mais uma vez.

A luz amarela da sonda psíquica mudou para a cor vermelha e começou a piscar, indicando resistência do interrogado, em responder corretamente.

Mas logo, a implacável maquininha, conseguiu seu objetivo.

O invasor deu um grito alto, e chorando de dor respondeu:

-O Presidente... O Presidente...

-Que Presidente?

-O Pança Maturrillo.

-O Pança Maturrillo??? - Indagou Tigra com visível ar de assombro.

-Siiimmmmm...

O invasor respondeu com um último suspiro.

Pagou caro com o próprio sofrimento e morte, pois a sonda psíquica era ainda mais implacável na medida que o interrogado resistia em responder a verdade.

E a agonia poderia ser ainda maior, caso houvesse, algum tipo de hipnose, ou, programação mental, tentando ocultar a informação desejada."

Neste caso, a temível ferramenta inquiridora, num linguajar mais popular, "desmontava a mente" de sua vítima, matando-a, ou, transformando-a numa casca vazia.

O Capitão desligou a sonda psíquica, e tirou-a do invasor.

-Esse aparelho é confiável? - Indagou Tigra.

-É infalível, Comissária.

-Sendo assim, confirma-se uma suspeita que eu tinha... A de que o Presidente Pança Maturrillo na verdade é o causador da fome, peste e miséria, que diz enfrentar..."

"Certamente, este traidor, orquestrou um golpe publicitário onde organizações humanitárias enviam ajuda para diminuir o sofrimento do seu povo, que ele indevidamente desvia, e faz propaganda posando como salvador... Golpe velho o do malandro"

"Só que... Agora, ele quer dar mais dramaticidade ao jogo."

Tigra fez uma pausa e continuou:

-Com a morte de uma Alta Comissaria que levasse ajuda ao seu povo, ele teria a perfeita justificativa, para usar força armada, e opressão desmedida, para aumentar o controle do seu estado totalitário, sobre os povos que governa.

-Presidentes não são adversários desprezíveis, Tigra... - Alertou o Capitão. - Ainda mais um, como já ficou bem claro aqui, que não se preocupa com as consequências, de se envolver com morte, de inocentes, e Autoridades.

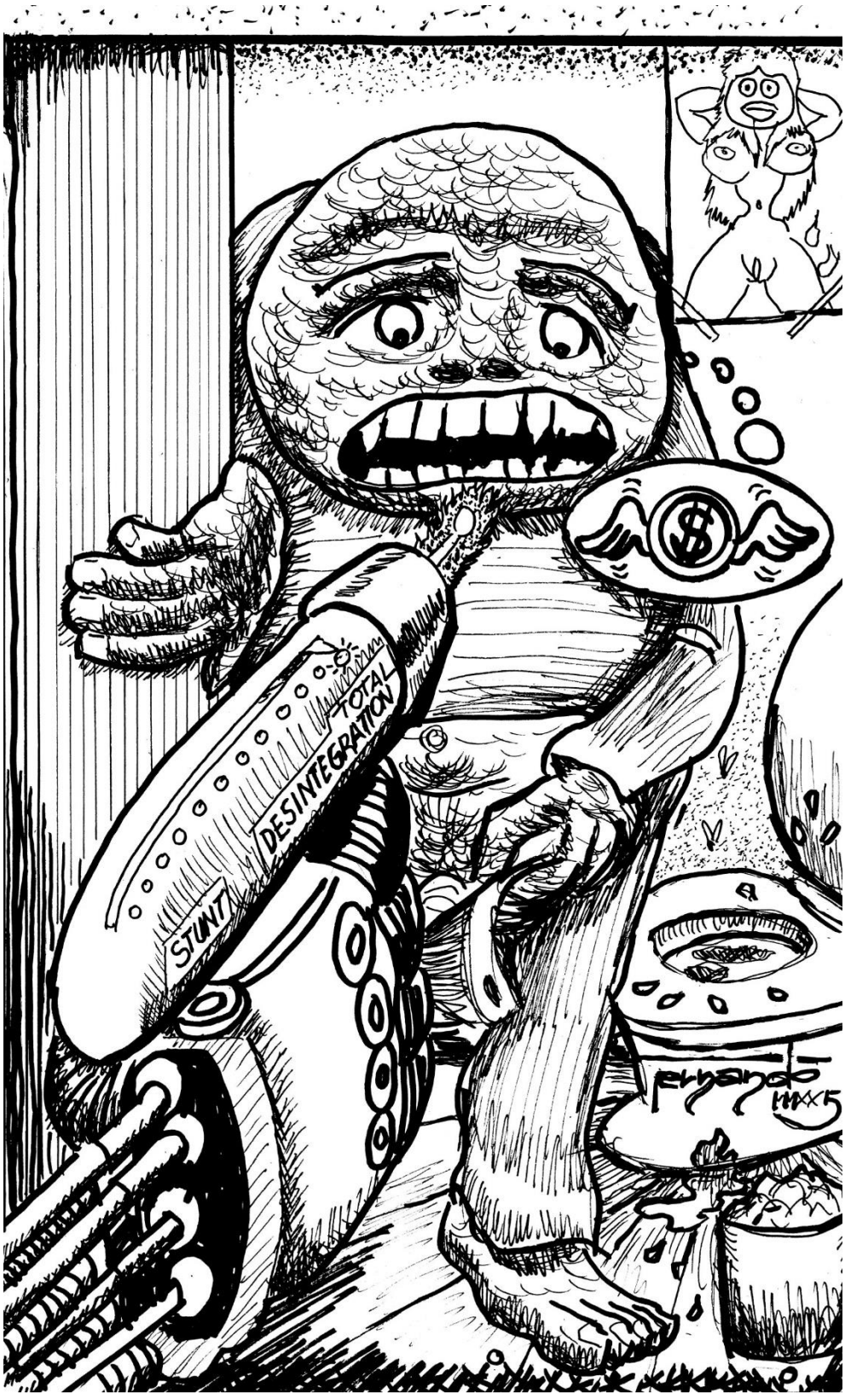
-Tem razão... Mesmo assim, devo agir rápido levantando provas consistentes contra Pança Maturrillo sem deixar rastros. - Disse Tigra.

-Você não está sozinha – Respondeu Fernando Zéca, que, continuou falando: - Provas podemos procurar na nave de onde saiu esta turma de invasores.

“E, quanto aos rastros, verificaremos o que ficou para trás, desde nossa partida da EARTH SPACE STATION no Sistema Solar, que, sem qualquer dúvida é o único local possível de onde teria sido vazada, a informação que você estaria, com as sementes, a bordo da S.S.F. GALATRINA∞.”

-Com certeza! - Concordou a Alta Comissária. - Minha presença na sua nave, de fato, foi casual. Alguém realmente nos entregou, para estes amáveis cavalheiros...

***



Após aliviar os tubos intestinais, e, abrir a porta, para sair do pequeno banheiro, Smartorange deparou-se com uma pistola phaser, apontada para sua boca.

A arma estava sendo empunhada por um robô de combate, de forma humanoide, com partes do seu corpo nas cores, preta, branca e prateada.

Antes mesmo de sentir medo com a situação, Smartorange tentou lembrar o nome de um famoso pensador, cujas palavras, naquele exato momento, brilhavam como faróis, em seus pensamentos:

**“Quase sempre, as maiores merdas na vida aparecem, quando se vai cagar...”**

Esta reflexão, gerou muitos debates acalorados entre diversas correntes de pensamento, depois do tema ser estudado profundamente, gerando, conclusões díspares, destacando-se, a que dava continuidade à tão edificante raciocínio, na seguinte forma:

**“...eventualmente, interrompendo o relaxamento intestinal, tão necessário para estes momentos de limpeza espiritual.”**

Entretanto, lembrar o nome do tal pensador, cujas palavras gerara debates passíveis de infinitas discussões, não iria mudar a situação difícil que Smartorange se encontrava.

A arma continuava lá, ameaçadora, apontando para ele, de modos que, finalmente, lhe causou, frio intenso, na barriga, nas costas e nas laterais da cabeça.

Estava com medo. E não era um medo qualquer.

Era o que aflige, quem se vê diante da morte certa.

Em mais uma tentativa de fuga da realidade, o cérebro de Smartorange, parou de pensar nos pensadores e suas sabedorias, e, matutou sobre a origem dos acontecimentos que resultaram na situação em que se encontrava, constatando que: a ganância, estava misturada ao caldo de motivos, que agora o puseram sob ameaça.

Tudo começou com a proposta de trabalho feita por velhos conhecidos seus.

Smartorange, transportaria na sua nave, um batalhão armado até os dentes, para missão sigilosa, que eventualmente, envolveria, ações criminosas.

Não questionava quando pegava esse tipo de serviço, pois os conhecidos eram mercenários que pagavam adiantado, assim aceitou o trabalho como piloto cuja espaçonave interceptaria e invadiria outra com o curioso nome de S.S.F. GALATRINA∞.

Smartorange, recordou que, mal terminou de contar a grana, um dos contratantes, recebeu inesperado aviso através de seu comunicador, avisando:

-Acabou de chegar neste sistema planetário.

Smartorange estranhou:

-Mas como? - Ele indagou atônito. - A tal S.S.F. GALATRINA∞????

“Vocês acabaram de dizer que a nave saiu do Sistema Solar a poucos instantes...”

“Ela não poderia ter coberto a distância de lá, até aqui, tão rapidamente...”

-Tem certeza? - Perguntou o outro contratante, a sua fonte do outro lado da linha no comunicador e a resposta veio em alto e bom som.

-Absoluta. Não há dúvida.

-Droga! Então temos que sair agora. - Disse Smartorange, engolindo em seco.

Olhando para o dinheiro em suas mãos acalmou-se, mas, naquele momento, havia uma sensação estranha de que, as coisas estavam sucedendo muito rapidamente, meio até que, de modo atropelado a ponto de ameaçarem sair do seu controle.

Mesmo assim, não iria voltar atrás com sua palavra.

-Minha nave está pronta. - Disse. - Preparem-se! Daqui a pouco, eu os teletransportarei para ela.

-Muito bem. - Disse o contratante para o comunicador: - Missão confirmada para

imediatamente. Fiquem prontos para teletransporte daqui a pouco.

-À postos! - Veio a resposta pelo alto-falante do aparelho. - Estaremos prontos!

Sem perda de tempo, seguiram para a nave de Smartorange, que tinha o formato que lembrava duas finas pontas de flecha, unidas pelo seu eixo central, estando uma a noventa graus, da outra.

A cor negra, brilhante do casco dela, favorecia missões sigilosas no espaço, como aquela, em que Smartorange se metia no momento

Smartorange nunca perguntava detalhes a respeito dos “passeios” nem se envolvia com o trabalho que sabia não ter nada de humanitário e que, na verdade podia variar, sendo prática de roubos, sequestro ou assassinatos encomendados.

Era apenas o piloto de fuga, que garantiria o transporte e evacuação do grupo mercenário pelo espaço, a bordo da sua nave.

Não era da conta dele, quem sofria nas mãos daqueles caras, se mulheres, crianças ou inocentes. Apenas ficava calado na sua, como se não soubesse de nada...

Mas aquele serviço... Desde o início salpicado de irregularidades.

Tudo altamente sigiloso, não podendo ser registrado em lugar algum...

Tinha riscos, mas eram bem recompensados... E melhor: Adiantado antes da hora.

Quando o serviço terminava, Smartorange dormia tranquilamente, sabendo que, fizera seu trabalho profissionalmente, e tinha dinheiro nos bolsos, suficiente, para pagar as despesas dos próximos dias.

Não sentia qualquer peso na consciência diante da eventual possiblidade de estar dando suporte à práticas criminosas altamente condenáveis.

Tanto que, mesmo vendo a arma ameaçadora que tinha apontada para si, ainda não havia conseguido lembrar do nome do pensador, cujas palavras ardiam em seus pensamentos, mesmo após, o imenso recordatório, que fez em breves instantes.

Julgando-se até a alma mais pura e imaculada do universo ainda pensou:

-O destino não favorece o inocente trabalhador, que eventualmente, tem que pagar pelos pecados dos culpados.

E não filosofou mais nada.

Num movimento brusco, tentou pegar uma arma próxima, mas, teve seu intento mal sucedido, já que, um tiro mortífero foi disparado bem no meio da sua cara, não só tirando sua vida, mas, também, pulverizando Smartorange, restando apenas cinzas, como prova de sua existência no universo.

Morreu com a consciência limpa de um inocente trabalhador, mesmo tendo sido motorista de uma quadrilha de bandidos.

***

Tigra perguntou para Fernando Zéca:

-Era necessário executá-lo?

-Os robôs de combate programados pelo Serviço Secreto da Federação reagem muito rapido, Tigra.

-Sim, Zéca. Mas, mesmo tendo partido daqui os invasores que iriam nos matar, somos nós, que agora estamos na nave deles.

“E nem mesmo, por tudo o que estes pilantras fizeram, podemos eliminar o inimigo sem julgamento. Se, no futuro, tivermos que responder na Justiça, nos enquadram até, por invasão de propriedade privada e assassinato.”

A mente da jovem e bela Alta Comissária estava trabalhando alguns movimentos mais adiante, daquele instante em que ela já antecipava os problemas jurídicos de burocracia que eventualmente tivessem de enfrentar.

-Não foi uma execução sumária, Tigra. Veja bem:

Fernando Zéca abriu mais ainda, a porta do banheiro fedorento, de onde saíra o

finado abatido, pelo robô modelo ISAAC.

Além da sujeira, e, do cheiro infernal, agora ficava visível, que ele estava cheio de armas.

-Esse sujeito, sem dúvida, era um colaborador do grupo invasor, e como tal, juridicamente, seria considerado inimigo, ou cúmplice da ação que ameaçaria nossas vidas.

“Nosso robô percebeu que este inimigo, tinha acesso a meios de reação, que, eventualmente, o tornariam uma ameaça, calculou a probabilidade deste risco se concretizar e agiu. E não devemos lamentar, pois, esses caras, sabiam dos perigos metendo-se em tal tipo de operação.”

“Também não temos que, preocupar-nos com julgamento, já que, toda a nossa viagem, está protegida pelo sigilo garantido aos trabalhos e missões do Serviço Secreto da Federação.”

-Olha Fê! Concordo com você. - Disse Tigra. - Mas, sempre é bom lembrar que, mais adiante, podemos ter nossas ações julgadas por magistrados que, mesmo vendo razões mais do que convincentes para justificarmos nossas ações, nos condenariam, apenas porque, reagimos a um ataque criminoso.”

Tigra tinha razão. Mesmo com toda a modernidade e conhecimento difundidos pelo universo, as cabeças da maioria dos Juizes de Direito, mantinham-se, através dos tempos, tão suscetíveis de se emporcalharem na merda, quanto a bunda de um nenê.

Do alto da sua razão, os olhos da Comissária Ferris chispavam, com seus seios ainda mais empinados e estufados que o normal, dando a ela mais RAZÃO e imponência, do que já tinha.

Fernando Zéca, podia estar coberto de motivos certos e errados, mas, não queria contrariar aquela mulher tão monumental!

-C-Claro Comissária. - Engasgou pigarreante. - Não esquecerei.

Em seguida, um dos robôs de combate apareceu informando:

-Não há mais nenhum tripulante nesta nave.

-Estes idiotas arriscaram demais. - Pensou Zéca, sobre os inimigos. - Tentaram invadir uma nave do Serviço Secreto da Federação, utilizando um velho cargueiro, que nem mesmo dispunha de sensores, para analisar internamente, o seu alvo ou eventuais ameaças. Não imaginavam no que se metiam ao, invadirem a S.S.F. GALATRINA∞.

***

O fracassado ataque, não significava que a Alta Comissária Ferris poderia seguir a vida tranquilamente, com segurança garantida.

Certamente, outros inimigos estariam à espreita, tentando prejudicar o sucesso da ajuda ao povo sofrido, sob domínio, do tirânico Presidente, Pança Maturrillo.

A própria Tigra logo teve que se render aos fatos concluindo:

-Não é prudente seguir com a entrega. O ideal, é voltar ao Sistema Solar...”

E não havia o que contestar pois este era puro raciocínio lógico.

Mesmo a bordo da S.S.F. GALATRINA∞ e, com todos os seus recursos de bordo, em algum momento, os homens do presidente Pança, encontrariam a Alta Comissária, com força superior, suficiente para lograr seus objetivos.

No Sistema Solar, entretanto, os agentes do tirano, não teriam espaço para agir...

Fernando Zéca coçou o queixo.

Tinha que chegar ao destino, Makus III, pois ali, deveria dar sequência a sua missão, mas não deixaria Tigra Ferris largada à própria sorte.

Junto ao robô ISAAC, enquanto verificava a nave agressora, nosso Capitão teve algumas ideias.

***

A designação, “robô de combate”, na verdade abrange uma gama muito grande, e, variada, de sistemas mecânicos fabricados para atuar em áreas de segurança/guerra, independentemente, ou não, de supervisão remota.

Os governos verdadeiramente democráticos, e, as melhores lojas do ramo, disponibilizavam, aos seus contribuintes/consumidores, tipos variados, destas verdadeiras “armas ambulantes”, cujas dimensões, poderiam variar desde o tamanho de um grão de feijão, até o de gigantescas naves espaciais, totalmente automatizadas, rápidas e bem armadas.

Dentre tantos modelos, um dos mais versáteis, era o “ISAAC”, de forma humanoide, sem a pele artificial e adereços humanizantes que obviamente, o tornassem mais similar à pessoas reais.

Ainda que incluído na categoria de “robôs de combate”, ISAAC, também é dotado de diversos outros talentos (programações), além das artes marciais, e, manuseio de armas.

No Serviço Secreto da Federação (E.Y.E.), a programação destes modelos abrange trabalhos em muitas outras funções. E era exatamente em atribuições não beligerantes, que os robôs, S.S.F. GALATRINA∞, estavam envolvidos no momento.

Como se fossem personagens na projeção de um filme com movimento acelerado, todos os “ISAACs” sob comando do Capitão, moviam-se com rapidez, simultaneamente executando, diversas tarefas.

As duas naves espaciais, agora estavam emparelhadas, com seus motores desligados, conectadas por tubos e outras conexões, enquanto, os robôs trabalhavam dentro, ou presos à parte externa delas em seus cascos.

Menos de vinte horas terrestres depois de nascer a ideia de Fernando Zéca; graças ao incansável trabalho robotizado, já estava totalmente modificada, a arquitetura interior da espaçonave de carga que antes transportara os invasores até um merecido destino.

Após uma limpeza geral, quartos mais apropriados à pessoa da Alta Comissária Ferris, foram construídos e adaptados em tempo recorde.

Cristais que energizavam os motores do cargueiro foram substituídos por novos, mantimentos abastecidos, incluindo até caixas do mesmo tipo de fumo que, Fernando Zéca dividiu com sua estimada visita...

Assim, confortavelmente, Tigra Ferris seguiria a toda velocidade, de volta para a EARTH SPACE STATION em órbita da Terra no Sistema Solar...

***

Por sorte, nenhuma força inimiga, a serviço do Presidente Pança Maturrillo, apareceu, para dar continuidade, à invasão e ataque, que Smartorange, e seus finados associados, não puderam completar

Por sorte e habilidade no gerenciamento do trabalho que implementou as adaptações na velha nave cargueira, os serviços necessários puderam ser feitos sem interrupções ou, imprevistos.

Por sorte, habilidade dos robôs, e planejamento do capitão do Capitão, logo, a customização terminou com a Comissária Tigra Ferris, finalmente, recebendo uma espaçonave, totalmente pronta, só para transportá-la de volta para o Sistema Solar.

Por azar, finalmente, chegou o momento que, os caminhos do Capitão Fernando Zéca Corinthiano, e, da Comissária Tigra Ferris, tomariam rumos distintos

***

Sentada na poltrona de piloto, a Alta Comissária aprendia os funcionamentos com

extrema rapidez.

-Tigra, sei que gostas de saber tudo, mas, pode ficar tranquila.

“Você terá, te acompanhando, até o seu Gabinete na Terra, ou, onde mais preferir, cinco robôs de combate, do Serviço Secreto, modelo ISAAC, que farão a tua segurança.”

“Eles pilotarão tua nave, diretamente, até a EARTH SPACE STATION.”

“Nem com o cardápio precisarás se preocupar pois um deles é excelente cozinheiro, e te preparará pratos muito bons.

-Sério?? - Os olhos de Tigra arregalaram... - Um cozinheiro robô???

-E melhor que muitos humanos. Pode seguir tranquila, que estarás segura.

“Assim que estiver bem, em seu gabinete, me envie uma mensagem para que eu não fique tão ancioso.”

A Alta Comissária levantou-se da poltrona, olhando bem no fundo dos olhos do Capitão...

-Você fez muito por mim...

-A honra é minha, Comissária.

Os dois seguiram, de braços dados, até a plataforma do teletransporte.

Antes que Zéca conseguisse subir ali, ganhou um envolvente abraço da Alta Comissária.

O corpo dela estava inteira e intimamente colado ao do Capitão.

Suspirando e gemendo, ela disse:

-Quando tivermos nossos trabalhos terminados, vamos nos ver de novo.

Ela apertou mais ainda o pobre capitão, e, então do mesmo modo, que o abraçou, desvencilhou-se dele, colocando-o já em posição, sobre a plataforma de teletransporte da sua nave.

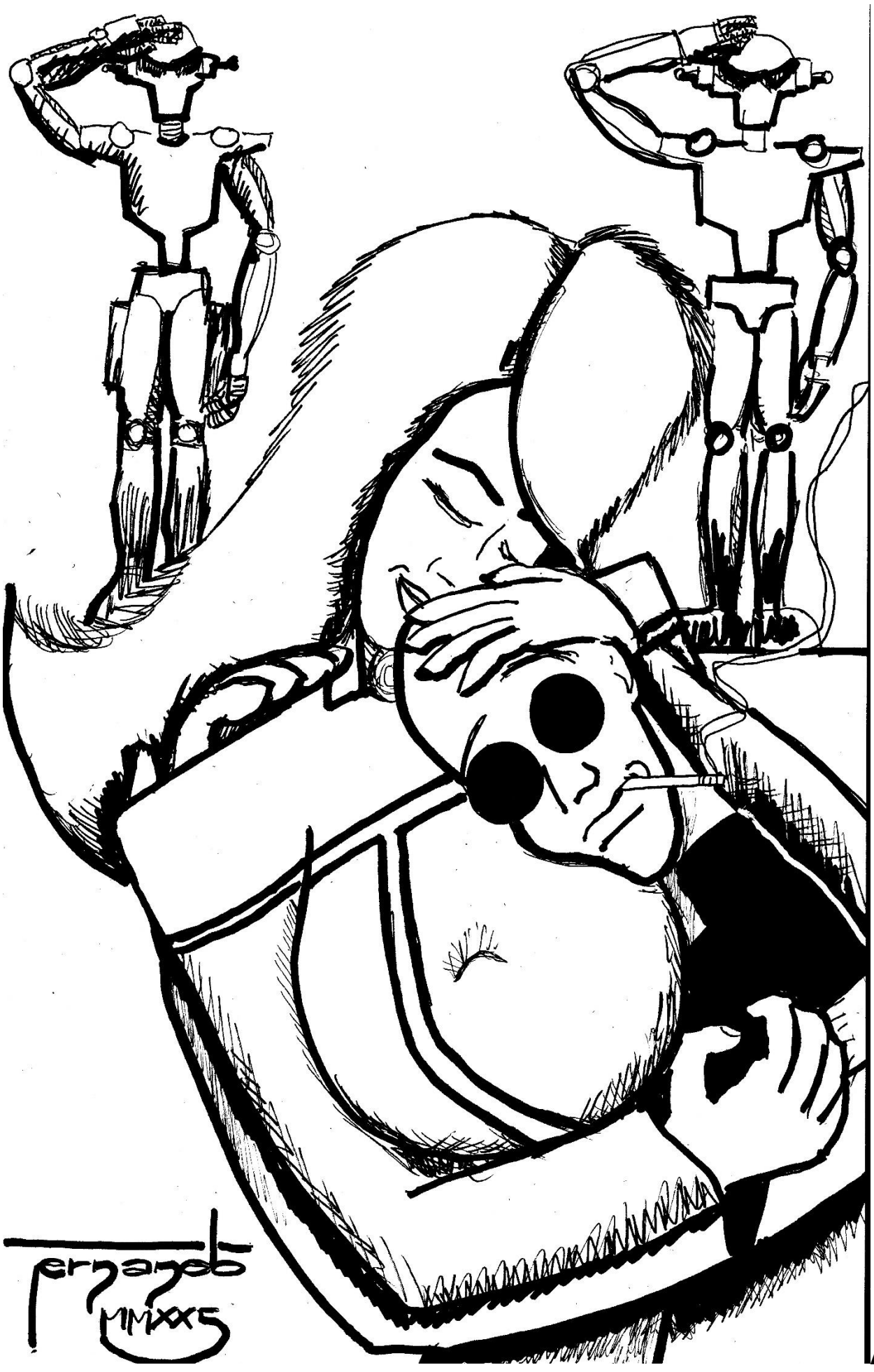
Num painel próximo à onde estava, acionou ela mesma, um comando, que enviou Fernando Zéca Corinthiano, de volta para a sua espaçonave, a S.S.F. GALATRINA∞.

Com um brilho, o Capitão desapareceu da espaçonave da Alta Comissaria, materializando-se em seguida, na sua cabine de pilotagem, ao lado de C4PP onde assistiu, através de uma das projeções tridimensionais, do seu painel de comando, a nave em que estava a Comissária partindo a toda velocidade.

Quatro dias depois, quando já estaria em Makus III, é que o Capitão Fernando Zéca Corinthiano finalmente receberia a tranquilizante mensagem da Alta Comissária, informando-lhe que, ela estava bem, mas, que só devolveria os robôs emprestados, quando ele próprio, fosse visitá-la e buscá-los.

Não seria entretanto, para um futuro próximo e, tão breve, que o destino, daria aos dois, o prazer de um caloroso reencontro.

***


fernando
MMXX5

# MORTÍFERA MISSÃO IMPOSSÍVEL,
# pela HONRA e GLÓRIA do IMPÉRIO KLINGON

Após receber mensagem de Tigra indicando estar bem e segura o Capitão Fernando Zéca Corinthiano tranquilizou-se recordando a beleza monumental da querida amiga.

Graças à sua prodigiosa imaginação, a imagem que naquele instante tinha dela, parecia exageradamente nítida, e até mais íntima do que ficaram de fato.

Sem dúvidas, Tigra Ferris era uma mulher deslumbrante, que deixava marcas inesquecíveis, nos corações encantados por ela...

E este parecia ser o caso do Capitão, que pensando nela perdia até os rumos da sua concentração, pois mesmo nas recordações, a Alta Comissária deslumbrava.

O relaxamento e desconcentração que sentia, relembrando-a, acabou subitamente, com a campainha da S.S.F. GALATRINA∞ tocando furiosamente.

Alguém estava na entrada... Quem seria? Não tinha nenhuma visita programada...

Avançou até a escotilha da entrada, abriu-a e espantou-se.

Diante dele, estava parada uma fêmea klingon, vestindo roupas apertadas e carregando várias bolsas.

Ela tinha mais de dois metros de altura, corpo musculoso, de atleta gostosona sarada da academia, mas, sua cara era horrorosa.

Testa alta, com os cabelos negros para trás, dentes amarelos pontudos salientes e olhos caídos.

Fernando Zéca fez expressão séria, mesmo tendo dificuldade de encarar tamanha feiura, afinal, ela não devia estar ali à toa, pois, a GALATRINA, se encontrava estacionada num hangar exclusivo do E.Y.E., por onde só gente autorizada circulava.

-Em que posso ajudar? - Perguntou gentilmente o Capitão imaginando como ele, um baixote, barrigudo careca, poderia ser útil para uma fêmea, maior e mais forte que ele.

-Sou Durana Keda. Estou aqui, a mando do Diretor Sonny Blue.

-Entre Durana. - Respondeu Fernando Zéca, estendendo-lhe a mão. - Seja bem-vinda. Eu aguardava sua chegada, mas, não assim tão cedo..."

***

A fita magnética, deslizando suavemente pelo cabeçote metálico, emitiu sinal eletrônico, que abriu uma frequência de comunicação altamente sigilosa e protegida.

Ainda não existia, tecnologia, dotada de conhecimento para revelar, o conteúdo de uma informação, protegida por tal sistema.

-Até que enfim, Durana! Achei que, você não fosse mais me honrar com sua presença.

-Desculpe Diretor Sonny Blue. Esse erro não se repetirá.

Durana se comunicava com o Diretor, através de tecnologia cuja funcionabilidade era garantida: o problema era a agenda dele, sempre ocupada.

-Muito bem garota: tenho um trabalhinho difícil especialmente escolhido para alguém do seu temperamento.

Quando ele próprio, ressaltava a dificuldade do serviço, é porque certamente, seria algo complicadíssimo e mortal.

No seleto meio da espionagem, as lendas a respeito do nome, do Diretor Sonny Blue, já o precediam em qualquer lugar da galáxia, associando-o, à realização, de missões sangrentas, sempre a bem de qualquer interesse da Federação, fosse este escuso ou não.

-Estou pronta. - Disse Durana.

-O trabalho basicamente consiste em tirar o Marechal Kuh da jogada, como Alto Comandante dos Super-Pesados, delegando este poder, ao Alto Conselho Klingon.

-Compreendo, Diretor.

Sonny Blue descreveu então, as minúcias e detalhes do planejamento, que, mesmo envolvendo violência, mortes e atrocidades em doses assustadoras, tinha seus toques de genialidade, conforme alardeava a má fama entre os círculos secretos do selo Sony Blue de sanguinolência.

Sem encontrar qualquer falha no raciocínio do seu chefe, restava a Durana, viabilizar a realização da ordem que estava recebendo.

Ao final do falatório do Diretor, ela apenas aquiesceu:

-Compreendo, Senhor.

-Você aceita a missão?

Mesmo ignorando completamente, como viabilizaria um plano tão mortífero, ela respondeu prontamente:

-Sim, aceito.

Sonny Blue fez mais algumas considerações:

-Você sabe que: à determinada altura do trabalho, não poderemos lhe prover qualquer assistência, em casos de eventual necessidade...

-Estou ciente, Diretor...

-Boa Sorte, então Durana.

Passados cinco segundos, o aparelho através do qual, Durana garantia o inviolável sigilo de sua conversa com o Diretor, soltou uma fumaça esverdeada e derreteu completamente, transformando-se numa inútil massa disforme...

O plano estava entendido, mas seria uma missão impossível, para ela colocar sozinha tanta loucura num andamento bem-sucedido...

***

Havia algo a incomodando...

Não sabia o que era, mas, tinha a sensação, de que poderia alcançar os objetivos desejados pelo Diretor, de modo diferente.

De qualquer forma, seguiria o roteiro que recebera.

E, como, toda jornada, se inicia com um primeiro passo, resolveu, que começaria a empreitada, obtendo informações relativas a viagem que faria para o planeta Kroulos 4.

Para tanto, visitaria sua despachante, que lhe providenciaria toda “papelada” necessária para circular por onde devia ir e, que já prestara importante suporte no passado.

Além de ser especializada em documentos necessários em muitos planetas, dentro ou fora da Federação, era amiga de Durana, conhecedora de roteiros turísticos, em diversos pontos da galáxia, e, as melhores épocas, para realizá-los...

-Se você pudesse chegar em Kroulos 4, esta semana, pegaria o Festival de Purificação Klingon...

Durana atentou para a informação, mas, àquelas alturas, não havia muito o que pudesse fazer, pois, imaginava que, a nave do Serviço Secreto que, a levaria até o seu objetivo, ainda demoraria muito para chegar em Makus III.

Mesmo assim, resolveu pagar adiantada a taxa de urgência pelos documentos...

-Vou te deixar tudo pago adiantado assim, tiro esta preocupação da frente.

-Como quiser Durana. Quer que eu também reserve hotel e transporte?”

-Agora não. Mas, vou te passar os detalhes, com as datas logo mais adiante.

“Preciso consultar alguns dados, antes de decidir.”

Dali, Durana voltou para o seu apartamento, onde seguiu a rotina, verificando mensagens através do comunicador pessoal.

Uma delas a surpreendeu.

Positivamente.

A nave do Serviço Secreto que deveria levá-la para Kroulos 4, chegou antes do esperado. Aliás... MUITO antes...

Ao recebeu a boa nova, ela própria casualmente estava no espaçoporto resolvendo alguma burocracia, em que ainda estava embaraçada, daí, aproveitou para verificar o status da S.S.F. GALATRINA∞.

Constatou que, mesmo sendo espaçonave do Serviço Secreto da Federação, tendo até, ao dispor, hangares exclusivos para atender suas necessidades, não escaparia da burocracia de Makus III, igualmente inclemente com todos os seus visitantes.

Daí, Durana ainda teria algum tempo até a liberação completa da nave.

Voltaria para onde estava alojada onde aproveitaria para descansar, e, mais restabelecida, daria continuidade aos preparativos da missão.

Quando relaxou, para dormir, pouco antes de ser dominada pelo sono, teve uma ideia que mudaria completamente, todo seu planejamento. E apagou...

Reconstituiu as energias, com longas horas de descanso, e, assim que acordou, aproveitou as ideias que teve durante o sono, radicalmente mudando alguns dos preparativos que repercutiriam, no desenrolar e, no modo como eventualmente fosse ou não atingido o objetivo dado pelo Diretor Sonny Blue.

A partir do instante que, definitivamente alterasse a forma como o trabalho se desenrolaria, Durana seria responsável, pelos eventuais insucessos, decorrentes de sua decisão.

***

Em missões especiais, como a que Durana estava fazendo para o Serviço Secreto da Federação (E.Y. E.); a agente dispunha para seu uso, um crédito, do qual poderia dispor através de cartões e outros meios.

Especificamente para o trabalho que, lhe fora delegado por Sonny Blue, já havia um gasto programado, para a aquisição de rifles, pistolas, lançadores de granadas, bombas, e muita munição.

Entretanto, o invés de fazer essa despesa conforme instruída, Durana torrou uma fortuna, comprando toda sorte de estimulantes sexuais e afrodisíacos...

Naturalmente que, para pagar tanta vitamina, ela utilizou o cartão de crédito, que, só processaria, os gastos daquele dia, nos computadores do Serviço Secreto da Federação, após cinquenta horas terrestres.

Portanto, passado este prazo, sua desobediência, diante de uma ordem direta do Diretor, já estaria visível a quem se desse o trabalho de verificar.

Sem perda de tempo, Durana foi até o escritório da sua amiga despachante e agente de turismo, para fazer modificações nos planos de viagem que tinha programado:

-Então veio antecipar a sua viagem para Kroulos 4, Durana?

“Você está fazendo uma excelente escolha.”

“O Festival da Purificação Klingon, nessa temporada, promete muito movimento.”

“Estarão lá, alguns figurões da política. “

A amiga de Durana falava enquanto digitava na tela de um computador que tinha na mesa diante de si.

-Está com sorte, querida! Consegui um hotel para você, bem no meio da badalação. Fica perto de tudo. Olha só:”

Dizendo isso, um mapa tridimensional foi projetado sobre a mesa entre as duas,

-Veja Durana. Muitas avenidas perto dele. Há saídas rapidas para todas as direções.”

“A poucas quadras, se encontram estações de teletransporte...”

Durana olhou atentamente os detalhes do mapa, pagou pelos documentos e pelo hotel, em seguida, voltou para o seu apartamento, onde fez os preparativos finais para viagem...

Antes do dia terminar, queria se apresentar para o Capitão da nave do Serviço Secreto da Federação (E.Y.E.), para se possível, adiantar logo, a viagem até Kroulos 4.

***

-Entre Durana. Seja bem-vinda. Eu aguardava sua chegada, mas, não para tão cedo...”

O Capitão baixote, careca e barrigudo abriu-lhe caminho para o interior da espaçonave que a conduziria para Kroulos 4.

Não era confortável, mas estava muito bem equipada.

Aproximaram-se de uma mesa redonda, ali, o Capitão careca sentou num banquinho, e indicou a única poltrona confortável da nave, para Durana sentar-se.

Sem maiores rodeios, a fêmea klingon colocou suas bolsas ao lado da mesa, sentou-se, e, logo, começou a falar:

-Estou aqui a mando do Diretor Sonny Blue.

O Capitão barrigudo fez uma expressão de admiração e disse:

-Então, permita que eu me apresente, minha cara:

“Sou Fernando Zéca Corinthiano, Capitão da S.S.F. GALATRINA∞.”

Fez uma pausa, e seguiu falando...

-Você disse que o Sonny te mandou... No que posso ser útil?”

-O Diretor Sonny é meu chefe e me mandou te procurar, porque o senhor, é colega de trabalho lá da “agência” e poderia ajudar, com uma carona para Kroulos 4.

Fernando Zéca já sabia da missão e do destino, mesmo assim quis confirmar mais alguns dados com Durana.

-Posso saber o propósito de sua missão, Durana?

-Nossa “Agencia” quer estreitar os laços de amizade entre a Federação e o Conselho da casa dos Superpesados. Sou a encarregada de viabilizar esta possibilidade.

-É quase uma impossibilidade. - Retrucou Fernando Zéca sorrindo, e continuou: - Até, porquê, o Marechal Kuh, lider dos superpesados, agora não está interessado em dialogar com a Federação, e, nem a Federação com ele.

Durana, com sua expressão dura e imutável disse:

-É verdade. De qualquer forma. Estou aqui para viabilizar a opção, daí, não serei eu a discutir ou, muito menos questionar ordens do Diretor Sonny Blue."

-Pode ficar tranquila, Durana que nem eu irei fazer isso.

"O Sony é meu amigão e ajudarei nessa missão. Além do quê, também estou ideologicamente comprometido com ela, já que, para terminar com a guerra em que tive que destruir muita nave klingon, faço qualquer negócio."

-Então vou te pedir para partirmos o quanto antes, Capitão.

"Sei que o senhor já ficou embaraçado com a burocracia de Makus III, por vários dias, e talvez até, queira tirar um período de descanso e relaxamento, mas, é que..."

Capitão Fernando Zéca Corinthiano coçou o nariz enquanto refletia.

Sua mente, de fato, ultimamente, não tivera muito tempo para relaxar.

O rosto não escondia o cansaço.

Abriu uma gaveta próxima, e, sacou dela, um dos milhares de charutos, que o Diretor Sonny Blue usara para lhe convencer a trabalhar.

Do bolso da calça do uniforme, tirou um isqueiro e, acendeu-o dando suas baforadas.

-Não precisa se preocupar, Durana. Vou pedir autorização para a torre de controle, e, em algumas horas, estaremos no espaço aberto, seguindo para Kroulos 4.

***

As nuvens baixas abriram um buraco, revelando o céu azul escuro noturno com a lua branca, brilhando forte.

-Atenção S.S.F. GALATRINA∞! Você já tem autorização para decolar. - Veio da torre de controle, o aviso através do sistema de comunicação.

-Liberada autorização para decolagem. - Avisou o robô navegador C4PP.

-Iniciar contagem, para decolagem em 5 segundos. - Ordenou o Capitão.

A voz mecanizada de C4PP fez a contagem...

-5... 4... 3... 2... 1... Decolagem!

Dentro da cabine de pilotagem na S.S.F. GALATRINA∞, nada se percebia de anormal. Olhando os monitores, entretanto, a sensação era diferente.

Estes mostravam o exterior da espaçonave que acelerava vertiginosamente céu acima e, logo, espaço adentro.

Capitão Fernando Zéca Corinthiano fumava tranquilamente um de seus charutos especiais, enquanto processava mentalmente, todas as informações e acontecimentos, sentado em seu pequeno banquinho.

As atualizações não paravam de chegar...

-Velocidade de impulso, Capitão. - Informou C4PP.

A cabine da S.S.F. GALATRINA∞, parecia sala de espera de um consultório médico, de tão tranquila, exceto talvez por Durana, sentada na poltrona do comandante, que assistia apreensiva, toda aquela maneira, aparentemente descontraída, de pilotar velozmente, espaço afora, rumo ao planeta onde o destino da missão seria decidido.

-Tudo segue conforme planejado, Capitão. - Avisou C4PP.

-Pois então, prossiga com o plano de vôo, navegador.

-Sim senhor.

***

E mais uma vez, a S.S.F. GALATRINA∞, estava envolta por uma bolha, ao redor da qual, o tempo transcorria tão lentamente, que dava a impressão de ter paralisado.

No interior da nave, as coisas seguiam normalmente.

-Neste ritmo, se os Disruptores Temporais e os propulsores não apresentarem problemas, estaremos em Kroulos 4, dentro de 50 horas.

-Muito bem então, C4PP. Avante! Não quero atrasar a agenda da nossa convidada.

Empesteando a cabine com a fumaça de seus charutos, Fernando Zéca virou-se para Durana e perguntou:

-Falando nisso, minha cara. Gostaria de aproveitar o tempo, para me atualizar dos planos para essa missão. Queria saber qual papel devo cumprir, nesse cenário.

-Claro! – Concordou Durana, respirando profundamente.

***

-Seu trabalho, Capitão: basicamente é me levar em segurança, a Kroulos 4, e me aguardar em órbita, enquanto realizo a missão que estou incumbida...

-Caramba, Durana! Mas isso nem parece com as missões do Sonny.

“Trabalho sob as ordens dele sempre tem correria, ação e nervosismo.”

“Até mandei lubrificar e limpar meus phasers.”

“Imaginei que: no mínimo, um tiroteiozinho, esta missão me renderia.”

“Desse jeito, quem vai ficar com toda a ação e diversão é só você.”

Durana gostava da maneira como falava o pequeno Capitão careca, em meio a toda aquela fumaça. Talvez, ela própria, estivesse alterada mesmo não tendo fumado nada.

O fato é que já se sentia bastante à vontade...

Mesmo entretanto, sendo o carequinha barrigudo, uma figura agradável e, tecnicamente, considerado, no linguajar feminino, como, “um cara legal”, Durana não queria dar muitos detalhes de uma coisa, que, ela própria não sabia direito como aconteceria.

O plano do diretor Sonny Blue, certamente era sangrento, mataria um monte de pessoas, mas, previa todo tipo de contingência, para eventuais problemas e contratempos.

O de Durana, não previa nada, e seguia de acordo com a sorte, que, neste momento, parecia empurrá-la para o miolo de alguma tremenda confusão.

Daí, mesmo relaxada, e sentindo-se muito à vontade, no meio da fumaceira do pequeno Capitão, achou prudente não adiantar nada...

Sabia que, um oficial cauteloso, lhe faria perguntas, e, como agente dedicada, ao seu trabalho já tinha preparadas as respostas:

-Esta missão visa terminar uma guerra, mas, o meio como esse fim será alcançado, não é através de vias diplomáticas, e, justamente por isso, ficarei com a maior parte da ação, daí sua posição na retaguarda, garantirá fuga rapida, assim que meu trabalho for concluído, ademais, não posso levá-lo comigo, pois, estarei em território klingon, e, sua constituição física logo vai chamar a atenção.”

Fernando Zéca fez uma expressão facial, como se estivesse dizendo:

“-Ok você me  pegou.”

E de fato, Durana tinha razão, um baixote careca barrigudo, no meio de um monte de klingons gigantes atléticos, chamaria a atenção, e ela queria manter suas ações em sigilo, para não depender da sorte...

***

## ANTES PORÉM, CONTUDO...

K'Vorcha acordou com som batidas na sua porta durante a madrugada quando, a neblina vermelha ainda se espraiava pelas vias do centro habitacional que vivia.

Não se sobressaltou, pois, habituara-se a atender, fora do horário comercial, muita gente que vinha lhe pedir algum tipo de serviço, ou, orientação.

Levantou-se do catre, com alguma dificuldade, por conta da avançada idade, e, foi

verificar o que acontecia.

-Já vou! Já vou. - Disse.

Ela própria não estava ansiosa, mesmo com a aparente tensão naquela chamada barulhenta, mas, tranquilizou-se ainda mais, ao abrir a porta, pois, constatou que não estava sendo perturbada pela polícia, ou, por algum fiscal em busca de falhas, e, irregularidades, nas suas declarações de renda ao fisco.

Tinha diante de si, uma incomum fêmea klingon, dona de corpo escultural, mas, também, com cara horripilante.

Nada que perturbasse a paz de espirito de K'Vorcha, pois, além de velha, também era uma fêmea klingon, não agraciada com beleza facial, mas, provida de alto senso profissional, já que, a vida não estava fácil, para quem, como ela, se sustentava, fazendo adivinhações, previsões futurísticas (raramente precisas), e, supostos contatos, com almas no além.

Ainda que, seus dotes proféticos e místicos, não gozassem mais, da confiabilidade de outros tempos, era a ela que, muita gente recorria, por ser a última representante da sua classe profissional em Makus III.

Especialmente, aquela fêmea klingon, uma antiga freguesa, que vinha procurá-la em momentos de dúvidas ou indecisões, tanto na vida pessoal, bem como, na profissional.

Aliás, cliente como aquela, devia ser atendida a qualquer momento, por pagar no ato, sem reclamar, mesmo quando, suas orientações, não lhe eram favoráveis, ou, se realizavam conforme previsto.

K'Vorcha saudou a visita:

-Durana! Folgo em revê-la.

***

Durana entrou na habitação sem perda de tempo.

-Me perdoe o horário, K'Vorcha, mas, eu não teria vindo se não fosse questão de urgência.

-Não se aflija, Durana! Minhas portas estão abertas para você, a qualquer momento.

"Vamos para o meu estúdio; lá, poderemos conversar tranquilamente."

As duas então, seguiram para um pequeno e desgastado gabinete.

Ali, havia uma mesa redonda ao centro e cadeiras encostadas nas paredes.

K'Vorcha riscou um palito de fósforo, em seguida, acendeu velas, que diminuíram a escuridão no local, e, assim, as duas fêmeas klingon sentaram-se, uma diante da outra.

-Como posso te ajudar, Durana?

Perguntou e pegou um charuto da gaveta na mesa acendeu em seguida, soltou diversas baforadas.

-Tenho de viajar logo mais, K'Vorcha. Fui designada, pelo meu comandante, a realizar uma missão importante. Ele detalhou, como quer o trabalho realizado..."

Durana fez uma pausa. Seu semblante era sério e pensativo...

K'Vorcha, como boa observadora, percebeu desconforto na sua visita.

-Algo errado quanto a este trabalho?

-Quanto ao trabalho, não, já que, se trata de uma meta que precisa ser atingida.

"O que me incomoda, é a forma como meu comandante quer o serviço feito..."

"Acho que posso chegar ao resultado que ele quer, de outro modo."

Durana ficou em silencio...

-Diferente da maioria dos klingons, você é questionadora, Durana... - Disse K'Vorcha. - E se teu comandante não está errado querendo o trabalho como te pediu?

-Não está! Mas, acho que posso chegar aonde ele quer de outro modo...

Mesmo praticando suas vigarices para sobreviver no ramo, K'Vorcha não queria ver uma de suas melhores freguesas, em maus lençóis...

-Durana, você sabe que insubordinação, não é bem-vista entre os klingons...

-Embora não seja klingon, meu comandante é um verdadeiro lutador, que aprecia como ninguém o ambiente sangrento e barulhento das guerras. Para ele, a maioria dos problemas pode ser resolvido com salvas de tiros, matanças e muita destruição. Mas essa metodologia, pode até agravar o problema que tentamos resolver."

-Dificil encontrar klingons que não solucionem problemas através da guerra, Durana. Você de fato, é um caso raro...

-Não quero fugir da regra, nem parecer covarde, K'Vorcha, mas, pretendo ver minha missão bem-sucedida, para garantir resultados mais duradouros.

"A trilha sanguinolenta que o meu comandante pretende seguir, talvez não garanta os melhores resultados."

-Que problemas podem haver se o inimigo estiver morto? - Indagou K'Vorcha. - As cascas vazias dos mortos, não se erguerão de suas covas, depois que as armas silenciarem...

-De fato! Mas, para esta situação, penso que a sutileza pode levar à uma melhor solução.

-Sutilezas?? Está falando como os romulanos, Durana! Não somos um povo apegado a sutilezas. Se teu comandante escolheu uma klingon para o trabalho, é porquê ele sabe que a trilha da guerra é a melhor para alcançar as metas desejadas."

"Melhor não questionar e seguir logo as ordens conforme ordenado. Até porquê, se a missão não for bem sucedida por conta da tua decisão em mudar a forma como o trabalho tem de ser feita, você terá problemas. Poderão achar que você traiu a missão."

Durana respirou fundo, em sinal de concordância, e disse:

-Tens razão, K'Vorcha. Mesmo assim, gostaria de consultar a Pirâmide de Cristal para reforçar a minha opinião, ou, quem sabe, a tua.

-Muito bem então, Durana! Vamos consultar a Pirâmide de Cristal!

K'Vorcha disse isso, deu mais algumas tragadas no seu charuto, e apertou o botão de um painel próximo a ela.

Um buraco se abriu então no tampo da mesa, e, através dele, ergueu-se uma reluzente pirâmide de cristal.

***

Dentre os klingons, as Pirâmides de Cristal, desde tempos imemoriais, eram conhecidas, por serem instrumentais, de poderes místicos, capazes de permitir, a alguns poucos sortudos escolhidos pelo Destino, visualizar o futuro, para, com razoável grau de acerto, elaborar previsões de todos os tipos.

Nem sempre, os presságios, dela depreendidos, eram corretos, pois, o que elas mostravam, poderiam dar margem, à diversas interpretações, destarte que, o entendimento dos seus significados, deduzidos por quem a manuseava, poderiam não se realizar.

E claro: até mesmo a autenticidade destes objetos, de poderes supostamente fabulosos, poderia comprometer a exatidão dos prenúncios concluídos.

A Piramide de Cristal de K'Vorcha, por exemplo, foi adquirida numa loja de antiguidades, onde estivera exposta, junto a tantas outras similares, de origens incertas, que, poderiam ser ou não genuínas.

De qualquer forma, acertando ou, errando, o artefato ajudou sua dona, durante muito tempo, a se sustentar, pagando com alguma folga, e dignidade, as próprias despesas.

E agora, serviria, mais uma vez, para este mesmo fim.

Uma névoa cinzenta, se espalhou pelo gabinete, envolvendo a mesa, diante da qual, estavam sentadas as duas klingons.

Em seguida, imagens aparentemente incompreensíveis, começaram a se formar no interior do objeto, de poderes supostamente mágicos.

Na maioria das vezes, K'Vorcha, não entendia o que estava enxergando no interior da sua Pirâmide de Cristal, mesmo assim, ela não deixava transparecer sua ignorância, e dizia qualquer coisa, que contentasse sua freguesia, para faturar logo uns créditos.

Naquela sessão em que atendia Durana, entretanto, logo as imagens começaram a ficar muito nítidas.

Até mesmo K'Vorcha surpreendeu-se com a ocorrência, visto que, ela mesma, a tempos, já vinha duvidando da eficiência de sua própria Pirâmide de Cristal.

Logo, com clareza incomum, ela enxergou no interior da peça, um mapa da galáxia, onde apareciam em destaque, os logotipos da Federação, e, do Império Klingon.

Pareciam unidos e, inseparáveis.

Em seguida, essa visão desvaneceu-se, e, surgiu outra: a de uma femea klingon, com traços faciais muito semelhantes aos de Durana, desprovidos, entretanto, da sua imensurável feiúra, sentada num trono imperial, ladeada por oficiais da Federação dos Planetas Unidos.

Certamente, aquela imagem, significava uma poderosa aliança, entre duas das mais formidáveis forças da Galáxia, mas, qual outro significado haveria ali?

E, o que, tais visões teriam a ver com a missão de Durana?

Em seguida, sem maiores explicações, as visões que enxergava no interior da Pirâmide de Cristal desapareceram completamente, e esta se recolheu novamente para o interior da mesa.

K'Vorcha não entendeu nada, nem fazia a menor ideia do que poderia concluir do que vira...

***

-E então? - Indagou Durana curiosa...

K'Vorcha estava pensativa. Duas preocupações a incomodavam.

Primeiramente, o fato de sua Piramide de Cristal ainda demonstrar pleno e perfeito funcionamento, mesmo após, tanto tempo rateando e apresentando todo tipo de problemas.

Ademais, ainda havia o significado daquela visão, que não conseguia compreender qual seria.

Fosse lá o que fosse, não queria demonstrar qualquer tipo de dúvida, diante de sua principal freguesa.

Olhou para Durana e disse:

-Você tem que seguir as instruções do seu comandante.

A agente do serviço secreto, arregalou os olhos diante daquelas palavras.

No seu íntimo, tinha a mais absoluta certeza de que uma ação cirúrgica, como a que pretendia executar, daria melhores resultados para todos os envolvidos, do que, a bombástica e sangrenta operação, planejada por Sonny Blue.

O que Durana não imaginava, é que K'Vorcha estava preocupada com o bem estar de uma de suas mais assíduas freguesas.

O entendimento da vidente klingon, era o de que, certamente, o comandante de Durana, tinha uma visão melhor de todo o cenário, onde esta iria atuar, daí, não seria bom arriscar qualquer ação diferente das ordens recebidas.

Para garantir bem-estar dela, e até, o pagamento das contas, K'Vorcha não queria que nenhum mal a afligisse.

Pelo seu lado, Durana viu-se consternada.

As palavras da vidente, abalaram seus projetos. E K'Vorcha não parou por aí.

-Durana, sei bem que seus ancestrais, no passado, atuaram de forma primorosa e bem-sucedida na diplomacia, entretanto, este, não é o momento de avaliar o problema sob outros pontos de vista diferentes daquele do seu comandante.

"Agora, a luta, é o caminho mais seguro para o sucesso."

"Conheço bem tua coragem, mas, outros, poderão ver tanta cautela, como fraqueza, indecisão e até covardia.Terás de obedecer a ordens para alcançar os seus objetivos."

"Não há outra via, a não ser, a do guerreiro klingon."

Durana queria chutar e quebrar tudo, mas, conformou-se com as palavras da vidente, e, manteve a serenidade.

Tirou da bolsa que levava a tiracolo, um saco cheio de latinum, e colocou-o sobre a mesa, onde, até a poucos antes, instantes estivera a Piramide de Cristal.

-Seu pagamento. - Disse.

Em seguida, levantou-se, e, a passos largos, foi embora sem mais palavras, ou, despedidas.

Horas mais tarde, embarcaria na S.S.F. GALATRINA∞ rumo a Kroulos 4.

K'Vorcha, de seu lado, ficou olhando a fortuna deixada sobre sua mesa, sentindo-se desonrada ao ser recompensada, por um serviço prestado de modo, talvez, não muito honesto.

***

## DE VOLTA PARA O AGORA...

-Transição para o hiperespaço estabilizada. - Anunciou C4PP.

Fernando Zéca Corinthiano tragou avidamente o seu charuto ilegal, empesteando ainda mais, a já enfumaçada cabine de comando e pilotagem da S.S.F. GALATRINA∞.

-Tudo segue o planejado, Durana. - Disse o Capitão. - Através do hiperespaço, estaremos em Kroulos 4, antes mesmo do horário, que partimos de Makus III.

-Obrigado, Capitão. Seu esforço será fundamental para o bom andamento dos planos. Terei muito mais tempo para cumprir a missão com calma..."

Durana queria complementar sua frase usando as palavras "e sucesso", mas, não estava tão otimista para tanto.

-Você está tensa Durana. Precisa relaxar. Fume um destes que vai ajudar..."

Dizendo isso, o Capitão Fernando Zéca Corinthiano tirou do bolso um de seus

charutos ilegais, e deu-o para a klingon, que não se fez de rogada e, logo o acendeu.

Com duas ou três poderosas tragadas, a tensão desapareceu do rosto dela, que até ficou um pouco menos feio do que era.

Fernando Zéca Corinthiano admirou-a dos pés à cabeça. Era uma pessoa formidavelmente simpática apesar, de monstruosamente feia no rosto.

Se ela vestisse um boné com o logotipo do Corinthians, talvez até o audacioso Capitão conseguisse namorar dando uns beijinhos nela, afinal Durania tinha corpo escultural, mesmo sendo medonhas as suas feições.

Aquela entretanto, não era a missão, de um modesto oficial como ele, e sim, a de alguém mais bravo e valente. Ainda assim, aquela klingon despertava sua curiosidade.

Ela era simpática, mas, o que além disso, teria, Sonny Blue visto nela?

Se o Diretor do Serviço Secreto a escolhera para um trabalho tão difícil, algum talento, ela deveria ter...

-O que te levou ao Serviço Secreto, Durana? Os klingons que trabalham com a Federação, preferem servir na Frota Estelar...

Durana olhou para o alto, relembrando o passado.

Mesmo feia, com o rosto tranquilo e relaxado, ela ficava até, mais simpática.

-Sonny Blue me ofereceu a oportunidade de vingança contra alguns inimigos.

“Fiz o trabalho que me foi ordenado, vinguei-me destes que também eram alvos da Agência, e, depois resolvi manter a parceria, como agente secreta especial, pois, o Sonny, além de ser um guerreiro valoroso e honrado, também foi convincente no convite que fez.”

-De fato, Sonny é persuasivo, mesmo quando o trabalho é mortalmente arriscado.”

-Não tenho medo dos riscos nem da morte certa... - Disse ela.

-Você é uma klingon, Durana. - Arguiu o capitão. Não tenho metade da sua coragem, mas, o Sonny soube muito bem, como me convencer, para trabalhar nas MISSÕES IMPOSSÍVEIS.”

-A coragem aparece quando menos se espera, Zéca, mesmo aos que se consideram medrosos. A morte, porém, não me atemoriza mais.

“Depois que assassinaram meus pais, dediquei-me a vingar a família, e a servir com fidelidade, o meu comandante.”

-Mataram seus pais, Durana? - Indagou Fernando Zéca surpreso.

-Sim. Meu pai era um conceituado diplomata do Império klingon.

“Ele foi um dos poucos no cargo, que não viu a guerra como a solução de tudo.”

“Na verdade, ele solucionava, muitos dos contratempos e dificuldades do Império, com diálogo e entendimento, de forma a satisfazer todas as partes envolvidas.”

“Acabava até, com tais soluções, contrariando muitos interesses, que não se voltavam para os benefícios do Império, e nem, do povo.”

-Talvez, pela pressão destas forças a que se refere, Durana, os klingons não tenham tanta fama na diplomacia, assim como tem guerreando.”

-De fato, Zéca. Meu pai sempre dizia que, em muitos casos, o Império poderia estender seus limites de influência, sendo melhor sucedido na conquista de poder, através da paz, do comércio e de bons tratados, que a todos beneficiassem, do que propriamente, desperdiçando vidas, em guerras inúteis, que só trazem prejuízo, miséria e lucro a uns poucos chacais e senhores da guerra.”

-Um sabio o teu pai, Durania. Sem dúvida.

Fernando Zéca percebia então, porque Sonny Blue escolhera Durana, para aquela missão, cujo resultado poderia decidir uma guerra sanguinolenta entre os klingons super-pesados, e, a Federação.

Durana, visivelmente mais relaxada aproximou o seu rosto ao dele.

Mesmo fumando, o mau-halito dela, era atemorizante.

-E você, Capitão? O que te levou para a Agência?

Zéca ensaiou um sorriso com o charuto preso entre os dentes, e respondeu:

-O Sonny Blue já estava de olho em mim, desde os meus tempos de Academia.

“Ele já sabia até, de algumas peripécias que eu e meus colegas, aprontamos durante os tempos de estudante e percebeu, que não fico com frescuras, na hora do serviço sujo.”

-A que tipo de serviço sujo se refere, Capitão? - Indagou ela, mirando firmemente nos olhos dele.

-O que quer que seja preciso, Durana. A Federação não pode ficar bancando esta imagem generosa e cheia de bondade, com tantas forças conspirando contra si.

“Alguém terá de ficar pronto para o sacrifício que for necessário, até para que, a liberdade que a própria Federação oferece aos seus membros e cidadãos, seja mantida.”

“É para isso que existe o Serviço Secreto da Federação, Durana, a Agência ou, como muitos preferem E.Y.E... Somos a mão direita, que faz o trabalho, que a social esquerdista, não precisa, nem pode realizar, sem ter sua imagem de bom mocismo arranhada.”

-Sei bem do que está falando, Capitão Zéca. - Disse Durana . - O que você chama de imagem de bom mocismo da Federação, os klingons entendem como engambelações politicamente corretas, capazes de enfraquecer, até mesmo, alguns povos mais impetuosos, e fortes componentes das 24 casas que formam o Império.

-Concordo contigo, Durana.

“Mas veja que por outro lado; a própria Federação se prejudica com esta estratégia, que promove injustiças, releva erros, piorando a dignidade dos seus membros, impedindo a légitima defesa, e, as devidas retaliações, quando estas se fazem necessárias. A história até já se fartou, de nos apresentar provas, neste sentido.”

Devido aos efeitos dos charutos, a dupla estava falante e as conversas com importantes elocubrações filosóficas poderia se estender para além da eternidade, porém, quando a solução para os problemas universais ia ser encontrada através daquela conjunção de reflexões, C4PP fez os dois voltarem à realidade anunciando:

-Ativando camuflagem! Acabamos de entrar em órbita de Kroulos 4.

***

Durana virou-se para o monitor onde era exibido o planeta de cor alaranjada, a expressão facial dela, denunciou o desconforto que sentia. Ainda assim, não disse nada.

Percebendo isso, o Capitão novamente sugeriu:

-Durana, se quiser, vou com você...

-Não. - Disse ela, voltando-lhe o olhar. - Mesmo bem disfarçado, você seria notado...

-Ao menos então, me explique quais são os seus planos lá embaixo.

-Também não posso. Confia em mim, deixa comigo que eu sei o que eu tou fazendo. – Dizendo isso, o rosto da klingon ficava menos feio, enquanto Zéca não se conformava...

-Não posso crer que Sonny Blue tenha autorizado uma missão desta, sem mesmo antecipar qualquer alternativa para resgatá-la em caso de necessidade, Durana.

-Acredite capitão. Vamos seguir os planos deste modo: Espere meu sinal, e não tente qualquer contato comigo. Lá embaixo, estão todos celebrando o Festival de Purificação, uma espécie de carnaval klingon.”

“Me aguarde! Eu o chamarei, apenas uma vez, para que me resgate imediatamente e fujamos. Não é ocasião mais apropriada para ter qualquer um da Federação por lá.”

“Se, eu não fizer contato, fuja sem perda de tempo, pois, provavelmente, a missão terá fracassado totalmente.”

O Capitão Corinthiano não escondia sua contrariedade.

Tirou da geladeira uma lata de energético, abriu-a, e ingeriu alguns goles da bebida intercalando com poderosos arrotos e furiosas tragadas do seu cigarro ilegal.

-Muito bem, então, Durana. Vou seguir suas instruções... Mas não por amizade.”

“Pela força do meu posto no E.Y.E., eu deveria exigir maiores explicações, mas, você até agora, respondeu minhas indagações de modo bastante lógico, então, apostarei nos

seus talentos para ver onde essa história terminará...K'PLAH!, Durana!”

-K'PLAH! Capitão!

Zéca estava impressionado com a aparência de altivez determinada de Durana, mas ela mesma, sequer imaginava o que se daria dalí por diante.

***

Horas mais tarde, Durana Keda foi teletransportada para a superfície de Kroulos 4.

Vestia roupas de couro preto, levava uma das motocicletas voadoras, mas não quis carregar consigo, nenhuma arma phaser, tão pouco, uma mísera pistola disruptora, decisão que, causou muita irritação no Capitão Zéca Corinthiano.

Durana materializou-se à beira de uma velha estrada de asfalto, toda esburacada e cheia de trincas, que cortava a extensa região desértica ao redor da principal capital daquele planeta.

Acionou a motocicleta, e, silenciosamente, saiu flutuando acima da pista deteriorada, rumo a aventura incerta num futuro que poderia ser predestinado, mas que ela não sabia como.

***

**REMOENDO AINDA MAIS, O PASSADO LONGÍNCUO**

-Tia Krosstrrass. A senhora vai me contar uma história antes de dormir?

Krostrass, uma senhora klingon cinquentenária, ajeitou-se em sua cama, ao lado de outra, onde já estava a sobrinha, que ainda não tinha completado oito anos.

-Sim, Durana.

-Então pode começar. - Pediu a então, pequena Durana.

Krostrass apagou as luzes do quarto, e, em meio à escuridão, deu início à narrativa:

-Muito bem então, minha pequenina: a história que vou te contar hoje, aconteceu a muito, muito tempo atrás, quando eu mesma não tinha nascido no governo do Imperador Klingon Keysss."

-Esse Imperador, era honrado e corajoso? - Indagou a sobrinha.

-Não me interrompa Durana, se não, eu perco o raciocínio, e esqueço o que tenho a dizer.

-Me desculpe, tia.

-Keysss, foi um Imperador Klingon, cuja côrte, estava cheia de pessoas ruins.

"Ele não era honrado, por isso, precisava dessa gente, para governar."

-O Imperador era fraco, tia?

-Antes de assumir o poder, ele se aliou a forças muito, muito perigosas, que o ajudaram a tomar o trono, mas, que cobraram um alto preço, por este auxílio...

-Pediram ouro latinum ao Imperador, tia?

-Mais que isso, Durana: Cobraram posições e cargos importantes no governo. Depois, passaram a exigir, que ele fizesse coisas, que não iam de encontro com os interesses do Império."

-Mas então, as pessoas em volta do Imperador, não eram klingons, tia?

-A maioria não, Durana. Eram agentes estrangeiros disfarçados, que manipulavam o Imperador, em nome de seus mestres."

-E como eles faziam isso, tia?

-Bom, minha querida Durana: Eles oprimiam e escravizavam o povo, o comércio, levando embora nossos lucros, colocando cada dia mais, agentes de fora, em posições importantes, sugando pouco a pouco, o poder do Império."

-E o Imperador deixou?

-No começo sim, mas, tentou mudar de posição após perceber o domínio imposto pelas forças extrangeira.

-E conseguiu?

-Não, Durana. Ele não conseguiu.

-Mas, por-quê, tia?

-Ele foi envenenado, Durana. Mataram o Imperador. Fizeram parecer, que ele ficou doente, e, em pouco tempo, Keysss morreu, daí, foi substituído por outro."

-E quem era o outro, titia?

-Nehmeywam.

-Nehmeywam, a marionete? - Perguntou Durana. - É assim que os livros o chamam na escola.

-Sim Durana. Nehmeywam, também ficou marcado na história por muitos outros nomes.

"Enquanto durou, seu governo, serviu de lacaio dos mandos e desmandos da Velha Ordem Universal."

"-O que é a Velha Ordem Universal?"

-Agora é hora de dormir Durana. Chega de histórias!"

-Não.

A velha se divertia por debaixo das cobertas.

Sabia que Durana não pregaria os olhos enquanto não lhe desse um final convincente.

-Esta bem Durana. Vou continuar.

-É bom mesmo. Se não, eu fico acordada falando e fazendo pergunta...

Nem bem fez uma pausa, e já logo emendou uma...

-O que é a Velha Ordem Universal?

-A Velha Ordem Universal é uma perigosa convergência de forças malignas, incluindo o Partido Obrero, os Lobos do Espaço, forças Religiosas antagônicos, agentes infiltrados no Império, na Federação e que, a séculos, manipula os poderes, por todos os lugares, através de máfias, governos, estados e corporações corruptas.

“Ela está presente, e atuante, até onde, se acha que não está.”

“A seu respeito, há um ditado que diz:”

**“Na Via Láctea, não se sopra uma brisa, sem que a Velha Ordem Universal, por ação, ou, omissão, permita.”**

“Te digo mais, Durana: E muito além da nossa compreensão, existem ainda, forças do além, interferindo nos desígnios da própria Velha Ordem Universal.”

“Poucos são os que se dão conta dessa sombria influência oculta.”

“Em mais reduzido número, estão vivos, os que de fato, conseguem se livrar dela.”

-Entendi, mas, o que aconteceu com Nehmeywam?

-Foi lacaio dos seus mestres e conivente com a Velha Ordem Universal, até que o destino lhe pregou uma peça.

“Uma ocorrência inesperada que tirou do poder, as velhas casas e forças ocultas, que governavam em torno de todo o cenário.”

-O que é uma ocorrência inesperada?

-Algo que aconteceu em momento imprevisto... Uma surpresa fora do comum...

“No caso, para Nehmeywam, foi a marcha revolucionária do Principe Hallexyz, que surpreendeu a convenção anual da Velha Ordem Universal, que ocorria no Hotel Flor Negra em Kroulos 4”.

“O revoltado exercito do Principe Hallexyz foi inclemente, e não poupou nem mesmo a vida de Nehmeywam.”

“Pela sua audácia, e, pelo plano perfeito, elaborado para tomada do poder, as 24 casas o aclamaram unanimemente como novo IMPERADOR.”

-Mas como o plano de Hallexyz foi perfeito?

-Ele pegou desprevenidas, as forças que protegiam o imperador anterior e todos os representantes presentes da Velha Ordem Universal.

-E como conseguiu enganar todas essas forças?

-Com astúcia e audácia. Mas, quem te explicaria melhor essa história, seria o seu tio-tataravô que, participou da campanha, ao lado do então Principe Hallexyz...”

-E o que ele falava?

-Pouco... Mas uma vez, disse, que: o dificil não foi surpreender Nehmeywam e seus aliados da Velha Ordem Universal, e sim, superar o caminho, pelas cavernas do Dragão Vermelho, que o exército do Principe Hallexyz, usou até, chegar ao Hotel Flor Negra.”

“Seu tio-tataravô reclamava que, de um exército inicial de mais de três mil homens, não mais que, mil, sobreviveram para contar a história. “

“As ameaças e perigos das cavernas do Dragão Vermelho, eram mortais.”

-E como foi o governo do Principe Hallexyz?

-Começou fazendo um expurgo, matando milhares de traidores do Império.

“Depois de muito tempo, diminuiu o ritmo de execuções, e a agressividade na política, passando a governar com mais diplomacia.”

“Após sua morte, alguém descobriu que o título de príncipe, que ele sempre alegou ter, antes de ser aclamado Imperador, foi comprado de um notório farsante/falsário, porém, tal descoberta já não tinha mais valor algum, nem podia alterar nada de importante.”

“Desde então, as forças políticas foram mudando de mãos até que, se chegou ao

que está hoje, sendo na prática, exatamente como era, quando dominava antes a Velha Ordem Universal nos tempos de Nehmeywam."

"Atualmente, a coisa está tão escancarada, que a Velha Ordem Universal voltou até mesmo, a se reunir, no Hotel Flor Negra."

"Mas, agora chega Durana, Hora de Dormir."

Durana fechou os olhos, tentando visualizar toda aquela história.

A parte das cavernas, era a que mais a empolgava.

Imaginava aquele local, como um mundo mágico, misterioso e... muito perigoso.

Na manhã seguinte, assim que acordou, fuçou as velharias pela casa, até encontrar os diários e arquivos do tio-tataravô, que participara da marcha pelas cavernas do Dragão Vermelho, ao lado do Principe Hallexyz, que, alguns experts, diziam que não era principe, coisa nenhuma.

***

Dez anos mais tarde, Durana já era uma especialista nos diários, registros e apontamentos feitos pelo seu tio-tataravô, afinal, já tinha lido e relido tudo o que ele escreveu sobre aqueles tempos, especialmente, sobre a marcha pelas cavernas do Dragão Vermelho.

Como estudante de história, ela ocasionalmente frequentava feiras de artigos colecionáveis e relíquias diversas, onde fazia amizade com vendedores e aprendia.

Numa destas ocasiões, parou diante da pequena barraca, onde, havia uma pirâmide de cristal profissional. Nunca tinha visto uma, ao vivo e à cores.

Aproximou-se do artefato e, de cara viu no interior dele, uma imagem curiosa:

Uma jovem fêmea klingon, sentada num trono, como uma Imperatriz, ladeada por guardas de honra, seguranças klingons, além de, diversos membros, da Federação dos Planetas Unidos, que ali demonstravam algum tipo de aliança, com aquela suposta soberana...

Em destaque, as feições dessa Imperatriz, pareciam, de algum modo lhe serem familiares.

Durana, tinha uma claríssima sensação, quase uma certeza, de já conhecê-la de algum lugar, mas, não conseguia lembrar de, onde.

-Oi! Posso te ajudar?

A imagem no interior da pirâmide desvaneceu-se imediatamente, deixando Durana, aturdida...

Sem esconder seu espanto, ela olhou ao redor e deparou-se com uma jovem femea klingon, com longos cabelos negros envolvendo todo seu rosto e cobrindo as costas.

Ainda em sua mente, com a cena nítida, daquelas pessoas desconhecidas, que, pareciam lhe ser familiares, e que, enxergara, no interior da Pìramide de Cristal, Durana balbuciou uma resposta...

-Ah sim... É que eu vi alguma coisa, dentro dessa pirâmide, e não entendi o que significava...

A jovem de cabelos negros ficou visivelmente atenta, às palavras de Durana...

-Sério? O que você viu? - Ela indagou.

A jovem klingon dos cabelos negros, era a responsável pela barraca, que vendia a pirâmide, em que, Durana tivera aquela visão.

Estava curiosa, pois, já mexera naquela mercadoria de tudo quanto é jeito, e, não tivera visão nenhuma de nada.

Chegou aquela moça, deu uma olhada rápida na peça, e já dizia estar enxergando coisas...

-Eu acho que vi uma Imperatriz comandando o Império Klingon, com várias casas lhe dando apoio e mais alguns aliados da Federação...

-Tem certeza? - Indagou a vendedora...

-A imagem está clara na minha mente. - Disse Durana. - Só pode ser isso mesmo..

A vendedora estava convencida, que a imagem que Durana dizia supostamente ter enxergado, na verdade, saiu da própria imaginação, levando em conta que, ela mesma (a vendedora), durante muito tempo, manipulou a pirâmide, e nunca viu, nem percebeu, nada demais nela. Mesmo assim, não quis contrariar, nem perder uma potencial cliente.

Rapidamente, seus talentos em psicologia, lhe sugeriram, através da própria intuição apurada, que aquela cliente aparentemente se sensibilizava com histórias fantásticas de reis, rainhas, alianças confrontando poderes descomunais, e variantes do tipo...

Numa fração de segundo, seus olhos percorreram todas as mercadorias que tinha disponíveis para venda no seu barraco.

Tinha que empurrar alguma coisa para aquela cliente comprar...

Por sorte, ou mero acaso, sua exploração visual parou na lombada de um livro, supostamente de história, que contava a ascensão do Imperador Hallexyz ao poder, desde o momento que iniciou a marcha pelas cavernas do Dragão Vermelho, até o fim do seu governo.

Num primeiro momento, a vendedora pensou sugerir outro título mais fantasioso, e de final feliz, mas, seus olhos não tiravam do campo de observação, aquela publicação.

-Você me parece uma pessoa inteligente, que gosta de literatura fantástica...

-Sim. Como você sabe? - Indagou Durana, visivelmente sugestionada, pelos argumentos persuasivos da vendedora convincente...

-Seriam os épicos de magia e ficção, os seus preferidos?

-Caramba! Mas você deve se telepata.

A vendedora só estava utilizando algumas perguntas pré-fabricadas, que dar-lhe-iam, pistas e indicações dos gostos de Durana, e, deste modo, ela continuou o jogo:

-As vezes, eu posso adivinhar as coisas, e, fazer previsões. - Disse para impressionar a cliente.

-Wow! - Durana estava visivelmente impressionada.

-E eu acho que tenho aquilo que você está procurando...

A jovem de longos cabelos negros, na verdade, percebeu que, de fato, não tinha nenhuma mercadoria que pudesse impressionar de fato a cliente.

Teria que se virar com o velho volume, que comprara por alguns centavos de crédito, e não devia valer nada.

-Tenho aqui uma obra de valor incalculável. Veja só: é a biografia do famoso Imperador Hallexyz, e a épica marcha pelas Cavernas do Dragão Vermelho.

Durana arregalou os olhos. De fato, ela procurava aquele livro há tempos.

-Quanto custa? - Indagou trêmula, sem esconder seu interesse.

A vendedora, já havia sondado visualmente Durana, antes mesmo dela chegar à sua barraca. De longe, contara o dinheiro que sua cliente tinha, num momento de distração desta, e sabia, que ela devia ter disponíveis, aproximadamente oitenta créditos.

E claro, como boa observadora que era: não lhe passou despercebido, o evidente interesse de Durana pelo livro.

-Veja bem, minha amiga. Este volume que você tem nas mãos é uma raridade absoluta.

Talvez até fosse, mas, por pouco, fora salvo de ser comido por ratos e cupins que infestavam ao seu redor, onde até então estivera guardado.

De fato, a vendedora já havia até perdido as esperanças nele, quase que abandonando-o aos azares que o destino viesse a lhe proporcionar.

Por sorte, ela viu neste, um último respiro de oportunidade...

-Este épico literário custa por aí uns trezentos créditos, mas no caso, como você é simpática, eu faço por setenta e cinco créditos. - Lançou os dados, a esperta vendedora.

Durana achou o preço uma pechincha.

Afinal, era uma obra literária que não se achava em lugar algum.

E aquela edição em especial, tinha ainda, diversas ilustrações e mapas, das cavernas por onde a marcha passou durante a campanha.

Tirou a carteira da sua bolsa, contou o dinheiro que tinha e, por sorte, conseguiu formar, juntando todas as moedas e notas disponíveis, os setenta e cinco créditos necessários para a compra.

Para sua alegria ainda sobraram mais três para pegar a condução e voltar para casa já começando a leitura durante o retorno.

Feliz com a compra, ela se despediu da vendedora, que ainda lhe recomendou:

-Volte aqui quando quiser. -Disse isso, e deu o seu cartão de negocios para Durana.

-Fique com ele. Aí tem o meu número. Me chamo K'Vorcha.

As duas se despediram, mas, ainda fariam mais negócios, em outras oportunidades em que se encontrariam, posteriormente.

Entretanto, K'Vorcha, só enxergaria, anos mais tarde, na sua própria Pìramide de Cristal, pouco antes de Durana, partir para uma missão secreta em Kroulos 4, a mesmíssima imagem, que esta viu, na primeira vez que se conheceram.

Nenhuma das duas, soube porém, interpretar, o significado da referida visão.

***

No deserto de Kroulos 4, já distante do asfalto, Durana parou a motocicleta voadora entre uma e outra duna de areia, para se reidratar e descansar.

Coisas que, de fato fez, mas, se ela esperava, que teria relaxante noite de contemplação solitária pela frente, se enganou.

Não demorou muito e surgiram da escuridão: um caminhão, e quatro caminhonetes OFF ROAD, que cercaram a moto voadora de Durana, impedindo-a de seguir caminho.

Mesmo no centro deste cerco, a agente klingon, do Serviço Secreto da Federação, não se abalou e, ficou, impassível, aguardando o desenrolar dos fatos.

Uma moto parou ao seu lado e, o piloto, um sujeito alto e forte, vestido com roupas de couro e um capacete preto que lhe cobriam inteiramente, dos pés à cabeça, segurou fortemente no braço de Durana não desconfiando do que aconteceria a seguir.

Durana deu um giro com o próprio braço, desvencilhou-se da pegada acertando em seguida poderoso soco, no queixo do agressor, única parte exposta do seu capacete.

O murro dela, quebrou a mandíbula do infeliz, que caiu no chão, lamuriando-se como um cachorro chutado e maltratado.

Sem muita conversa, ela apanhou um punhado de pequenas esferas metálicas, com meio centímetro de diâmetro cada, que pendiam numa das laterais do seu cinto.

Jogou-as ao ar, diante do seu rosto, e disse:

-Não quero testemunhas, só as armas.

As esferas brilhantes, por um instante pararam no ar, como se estivessem a ouvir o comando, em seguida, espalharam -se velozmente.

Todos os ocupantes dos veículos, que cercaram Durana, foram trespassados em alta velocidade, repetidas vezes, pelas esferas metálicas-voadoras, que pareciam ter vida própria.

Em seguida, totalmente ensanguentadas, elas, voltaram velozmente para Durana, e se remontaram no cinto, de onde foram anteriormente tiradas.

Mais um dos tantos brinquedinhos, que Durana comprara com K'Vorcha.

Curiosamente, é um daqueles que, a vendedora negociou, sem saber de todas as suas aplicabilidades, já que, neste caso, para ela, as esferas metãlicas não passavam de mero adorno. Durana, em seguida foi verificar o resultado de sua caça.

Os sujeitos que a cercaram, certamente, eram ratos do deserto local, e, mereceram o destino que tiveram. Não tivesse ela os matado, seria morta por eles.

Usavam veículos preparados para o local, bem armados e protegidos com diversos tipos de blindagem.

Durana chegou a Kroulos 4, sem armamento convencional do E.Y.E., para não chamar atenção, mas, ao “herdar” o arsenal dos bandidos conseguiu o necessário para percorrer mesmo o caminho mais perigoso até o Hotel Flor Negra..

Naturalmente, rapinou daqueles larápios, tudo o que pôde sem qualquer arrependimento ou clemencia, já que, se estes, a ela não fizeram mal, certamente, outras vítimas desavisadas, não pouparam de destino desgraçado.

Para os urubus e demais aves de rapina aguardando o festim, não deixou água, muito menos a comida do bando. Só a carniça dos vagabundos.

Juntou todo o combustível nos tanques de um caminhão, e depois de feita a rapa, seguiu pelas dunas do deserto, com a sua motocicleta voadora amarrada na caçamba.

Como antecipara que encontraria, em algum trecho do deserto, os temíveis ratos motorizados, que brutalizam e barbarizavam quem quer que cruzasse seus domínios, Durana preparou-se para vencê-los, e pegar seu armamento, de modos que, tudo iniciou segundo o improvisado planejamento que não fez.

Dalí por diante, se encontrasse mais pilantras, teria para se proteger as armas tomadas da primeira quadrilha.

Assim então, seguiu na busca pela entrada da Caverna do Dragão Vermelho...

***

Marechal Kuh, um klingon da casa dos super-pesados estava só, em seu gabinete.

Era ele o grande líder, que pretendia mover uma guerra contra a Federação dos Planetas Unidos, e, colocá-la definitivamente, aos pés do Império.

As campanhas em que, suas forças armadas, enfrentaram as naves da Frota Estelar, serviam como propaganda, objetivando criar uma imagem de sucesso beneficiando a própria escalada da hierarquia, ainda que, tais confrontações, nem sempre tenham lhe proporcionado resultados positivos.

Mesmo assim, agora precisava unir todas as casas do império em torno desta guerra que poderia levá-lo ao topo da pirâmide, junto aos altíssimos escalões.

Para tanto, dispunha agora, de um aliado que poderia facilitar as coisas.

Das sombras do seu gabinete, emergiu uma figura sinistra, vestindo uniforme de

Almirante da Frota Estelar. Era o temível Almirante Fakces.

Devia estar na casa dos oitenta anos, mas, mantinha-se fisica, e, mentalmente, em forma.

-Marechal Kuh...

-Fakces... Não sabia que você era um apreciador do Festival da Purificação Klingon.

-É trabalho que me traz aqui, Marechal Kuh.

“Mesmo assim, apreciarei devidamente, a ocasião.”

-Muito bem, Almirante... E a que devo a honra da sua visita?

-Não venho em nome da Federação, ou da Frota Estelar, Marechal.

“Estou aqui em nome da Ordem.”

O Marechal ergueu os olhos e imediatamente, ficou mais atento do que nunca...

-É claro... A Velha Ordem Universal...

-Não chame de velha uma associação que tem apreciado o seu trabalho, Marechal.

“A Ordem, entende que: com o devido incentivo, sua campanha militar pode trazer benefícios a todos nós.”

-E quem seria “todos nós”, Almirante?

-O senhor mesmo já disse... A Velha Ordem Universal, Marechal.

“Todo o “Deep-State” dentro do Império, da própria Federação, do Dominiom e muito mais além. Resumindo: Forças desconhecidas e cidadãos poderosos dispostos a investir, no seu sucesso, mediante um retorno específico...”

“Temos uma proposta interessante, para que o senhor fomente a guerra envolvendo a Federação dos Planetas Unidos, contra os aliados do Império Klingon...”

O Marechal olhou para o uniforme da Frota Estelar que, vestia  o Almirante Fakces, e confirmou suas suspeitas de que, a força maior ali, a que começava a empreender, e, movimentar, todo o plano, era maior que a Federação e o Império Klingon combinados.

E não havia como resistir àquele chamado por lhe faltar forças para tanto...

-Junte-se à Ordem e serei eu, o primeiro a chamá-lo por sua nova designação.

“Em menos de vinte e quatro horas, te garanto uma aclamação, onde muitos outros estarão me acompanhando no apoio à tua nova posição.”

-Mas que designação seria essa Fakces? Comandar um exercito inteiro, já não é suficiente para mim?

-E que tal comandar TUDO como futuro IMPERADOR KLINGON?

***

O avanço de Durana pelo deserto, foi tão bem planejado, que ela logo chegou às coordenadas, onde, segundo seus cálculos, encontraria a entrada para a Caverna do Dragão Vermelho.

Sabia que seu alvo, estaria hospedado no hotel Flor Negra, onde, os figurões do poder, e, da Velha Ordem Universal, se reuniam, durante o Festival de Purificação Klingon de Kroulos 4.

O encontro deste autêntico clube dos bandidos, malvados e pilantras já estava virando uma tradição pitoresca, que, a cada edição, ia ganhando maior projeção e popularidade.

Principalmente, depois do fim, do  Imperador Hallexyz, cujo governo não deixou saudades, mesmo tendo sido este, menos péssimo que os antecessores, por diferindo destes, ter governado como o político que “tiraniza mas faz”.

De qualquer forma, falhou em não preparar a sua sucessão, daí, seu legado, bom ou ruim, acabou esquecido porquê, as forças dominantes de outrora, submissas à Velha Ordem Universal, depois da sua morte, voltaram a assumir o poder.

As gerações de klingons que nasceram e cresceram nos governos que sucederam o Imperador Destemido, (que era como Hallexyz, sempre foi reconhecido. por aliados. e inimigos), foram educados, tendo a imagem deste líder, como a de um excêntrico, pitoresco maluco, cujas heranças não tinham qualquer valor.

Durana percebia o desapego klingon, para com parte do próprio passado, fosse este próximo, ou não  diante de uma imensa rocha sinistra em forma de X, que, só por conta de tão curiosa e desconhecida conformação natural, já deveria ser preservada, sem mencionar o seu aspecto histórico até como memorial,  tendo em vistas que, abaixo da misteriosa grande pedra, ficavam as entradas para o sistema de tuneis conhecidos como Caverna do Dragão Vermelho, que constituíam um labirinto cheio de perigos, em que, uma das saídas, chegava até o Hotel Flor Negra.

Debaixo da grande rocha em forma de X, este caminho de fato ainda estava lá, porém, com a entrada soterrada por toneladas de areia que impediam a entrada, daí, a razão da percepção decepcionada que Durana naquele momento sentia relativamente ao desapego klingon para com seus próprios valores!

Mas isso, entretanto, não era um problema para que ela resolvesse e sim como eliminar os obstáculos que atrapalhavam seu caminho.

Coisa que ela também já tinha arrumado solução, utilizando um tablet com espessura de dois milímetros, em material transparente e flexível, que lhe mostrava, como uma espécie de raio x, o subterrâneo do local abaixo de onde ela se encontrava.

Bastou uma caminhada pelas proximidades da rocha em X, que ela logo encontrou o lugar correto que acessava mais facilmente a entrada por onde, as forças do Principe Hallexyz acessaram a Caverna do Dragão Vermelho.

Pegou uma das bolsas que trouxera consigo, e abriu-a.

Enfiou a mão nela, e tirou dali uma espécie de centopeia robotizada brilhante e colocou-a no chão de areia, exatamente, em cima de onde imaginava que, deveria estar o acesso que procurava.

Na parte superior, das costas do robô, acionou um botão oculto, que o fez, imediatamente, entrar em funcionamento.

Começou movimentando suas centenas de patinhas, que remexeram a areia em volta, até finalmente escavarem uma entrada escura e profunda chegando à passagem que Durana procurava que, após alguns minutos de trabalho, da criaturinha robotizada, já estava bem mais aberta e visível.

Morcegos saíram dali de dentro, mesmo assim, não espantaram a fêmea klingon, que apenas voltou para suas bagagens, de onde tirou e vestiu, um macacão totalmente vedado, de superfície plástico-emborrachada, que a protegeria de alguns perigos da Caverna do Dragão Vermelho.

Colocou ainda um capacete, com iluminação e proteção transparente que, servia para andar no subterrâneo e nas cavernas.

Tinha ainda uma mochila e as armas que herdara dos ratos.

Respirou profundamente enquanto diversos pensamentos a fizeram refletir durante alguns segundos, e avançou para o interior da abertura, desaparecendo em meio à escuridão.

***

Durante as leituras que fez, das narrativas escritas por diversos veteranos que participaram com o Principe Hallexyz, da campanha que lhe levou ao trono do Império, incluindo, as dele próprio, Durana, imaginava as cavernas do Dragão Vermelho, como um lugar mágico, onde as paredes brilhavam no escuro, névoas sobrenaturais se espalhavam pelo caminho, e criaturas fantásticas, povoavam aquele mundo misterioso.

A realidade que tinha diante de si era totalmente diferente, da sua imaginação.

A escuridão, parecia impenetrável, o cheiro ali, era horrível e nem mesmo havia um caminho decente, que pudesse seguir.

Antes de se aprofundar pelas partes mais sinistras da caverna, soltou no interior dela, oito esferas voadoras, que iriam mapeando e registrando o melhor caminho para que pudesse prosseguir.

Graças aos estudos que sempre fizera, já tinha até, uma noção da direção que deveria tomar, entretanto, não desprezaria nenhum auxílio que a tecnologia que tinha consigo, pudesse lhe dar.

Quanto à escuridão e ao mau cheiro, Durana resolveu estes problemas, com sua roupa, que, além de vedada, tinha iluminação para avançar, mesmo na mais densa treva.

Tão logo se espalharam, pelos vias tortuosas no interior da caverna, partindo da

posição onde Durana se encontrava, as esferas voadoras enviaram mapas dos caminhos por onde seguiam. Durana os avaliava, a partir de um tablet que tinha preso à manga esquerda no braço da roupa que utilizava.

Mesmo em meio à absoluta escuridão, as esferas avançavam velozes.

Quando encontravam alguma obstrução, que as impedissem de prosseguir, voltavam para trás, e tentavam outra possibilidade ainda não mapeada.

Dado momento então, uma delas, finalmente, alcançou o local onde Durana queria chegar. Ficava assim, determinado o caminho a ser realizado.

Todas as outras esferas voadoras, lançadas por Durana, retrocederam e passaram então, a dar cobertura maior no caminho escolhido.

Tal avanço, não podia ser feito, através de teletransporte, pois, ainda que muitos dos acessos ao Hotel Flor Negra, não estivessem devidamente cobertos pela segurança, dos figurões que participariam do Festival de Purificação Klingon, o teletransporte era totalmente bloqueado e, na circunstancia de sua ocorrência, seria logo rastreado, se realizado, na área de cobertura.

Só, e sem auxílio, Durana teria de fazer a difícil empreitada, contando apenas com sorte, as lembranças das leituras, e, suas habilidades.

Determinada, ela avançou apenas com as luzes dos holofotes de suas roupas, as leituras locais de calor, e aquelas, feitas em outros espectros de luminosidade.

***

Durana era movida pelo desejo de vingança em oposição a quem quer que ela julgasse participante, responsável ou, obediente ao sistema de forças que, no passado, trouxera morte à sua família.

Era uma máquina imensa, verdadeiro Leviatã contra a qual ela tinha de lutar, mesmo assim, resolveu que dedicaria sua vida a tal combate, ainda que, suas vitórias sobre o inimigo, fossem insignificantes, conquanto, levasse a estes, algum prejuízo.

Trabalhando para o Serviço Secreto da Federação dos Planetas Unidos, sob comando direto de Sonny Blue, ela sabia que estaria mais capacitada para cumprir com o objetivo, e, agora, através desta missão, visava, dar fim à escalada de escaramuças, entre a Frota Estelar e a casa dos klingons superpesados, ferindo perigosamente, as forças que, um dia lhe causaram mal, e agora pretendiam lucrar através da guerra.

Concentrada na trilha sinuosa e cheia de obstáculos pedregosos, que estava seguindo, em dado momento, ela sentiu um cheiro adocicado invadir suas narinas.

Sem perda de tempo, selou hermeticamente o seu capacete e passou a respirar, utilizando o oxigênio de um reservatório que tinha preso à sua roupa.

Pelos relatos contidos nas leituras que fizera, aquele cheiro poderia indicar que, no ar, que até então estivera respirando, a presença de traços de um poderoso veneno, exalado pelas plantas que cresciam em alguns trechos do caminho que estava enfrentando.

De fato, suas leituras foram providenciais.

Avançou mais alguns passos, e viu pelas paredes e pelo chão, a referida vegetação, mencionada em suas leituras, cujo aroma, havia envenenado parte considerável dos combatentes, que participaram da campanha comandada pelo Principe Hallexyz.

Deste perigo, ela escapara...

***

Mais adiante encontrou espalhadas pelo chão, ossadas carcomidas de diversos dos combatentes que participaram da campanha comandada pelo Principe Hallexyz.

Depois deles, ninguém mais adentrou aquelas cavernas.

Não só pelas ameaças que ela continha, mas também porquê, o golpe que coroou

Hallexyz como Imperador Klingon, mesmo durante seu reinado, foi aos poucos, sendo progressivamente “esquecido” pelos educadores e políticos, que o sucederam.

Embora o cenário fosse medonho, Durana poderia passar ali, muito tempo, analisando alegremente, aquelas relíquias históricas, mas, suas obrigações a impediam de dedicar-se, a tais estudos.

Deste modo, seguiu adiante entre insetos e roedores, que pareciam ficar mais numerosos, à medida que avançava.

Dado momento, chegou a uma passagem onde quase ficou entalada.

Além do aperto, ali estava cheio de bichos nojentos e esquisitos.

A lente do visor do seu capacete, ficou cheia deles.

Pareciam que, a qualquer momento, iriam se aproveitar de alguma fresta, para invadir o capacete e até, outras partes...

Concentrou-se mais ainda no caminho que tinha de seguir, e, em se livrar daquela bicharada toda, deste modo avançou.

Mas não estava fácil, pois, logo, começaram a se enroscar pelas suas pernas, várias cobras, que tiveram de ser removidas, à facadas.

Mais adiante, tentáculos vindos do alto entrelaçaram-se ao capacete e aos braços de Durana.

Sem perda de tempo, ela colocou novamente a faca para trabalhar, que, depois de alguns instantes, lhe livrou de mais aquele problema angustiante.

A impressão que se tinha era a de que, Durana havia entrado na zona do zoológico, onde a bicharada agressiva, não queria deixá-la seguir adiante.

Até mesmo disparos de pistolas de raio que tinha, ela teve que realizar, espantando pequenos dragões voadores, que tentaram inutilizar sua roupa e pagaram caro pela ousadia.

Durana guardou os pedaços de seus corpos, que não foram desintegrados para comer mais tarde.

Os perigos e obstáculos não seriam poucos, mas, ela os superaria a qualquer custo, ou, morreria tentando.

***

-Fakces. Então, você tinha razão.

-Sim. Eu disse que em menos de vinte e quatro horas terrestres, conseguiríamos te fazer Imperador por aclamação. Agora, veja onde você está sentando.”

Kuh olhou para si próprio. Estava no trono.

Agora, era o Imperador Kuh, já que, o antecessor, por obra do destino, tivera uma “morte naturalmente súbita”, e ele, foi rapidamente aclamado, por todos os chefes das casas imperiais klingons, presentes no Hotel Flor Negra, para o Festival de Purificação!

-Então, contamos contigo para levar adiante, os planos da Velha Ordem Universal; Imperador?

-Se refere a colocar todo o Império Klingon, e seus aliados, em guerra contra a Federação dos Planetas Unidos?? Claro que sim, Almirante Fakces.

“Dentro dos próximos dias, aguarde um pronunciamento meu neste sentido.”

Almirante Fakces, envergando uniforme da Frota Estelar, ergueu um brinde com uma taça contendo sanguria klingon dizendo:

-Então à sua saúde. Imperador! E... Á guerra! Que seja sangrenta!”

-Que seja malditamente sangrenta, Almirante Fakces da Federação dos Planetas Unidos...

-Não da Federação... - Corrigiu o Almirante, com outro brinde erguido. - Da Velha Ordem Universal, conforme Vossa Majestade Imperial já bem lembrou antes! Isto sim!”

***

Até raízes e plantas insistiam em dificultar o caminho de Durana.

A fêmea klingon teve que, literalmente se enfiar numa espécie de mato subterrâneo, para avançar entre a vegetação carnívora, que, queria a visitante, como refeição.

As plantas, não facilitaram; se enroscando, e, atrapalhando, o quanto pudessem.

Durana também nesse caso, não estava desprevenida.

Cortava o matagal no seu caminho com uma espécie de facão luminoso, que trespassava mesmo os troncos mais grossos, como se fossem manteiga.

Assim, tentava se desenroscar daquilo tudo até chegar um rio subterrâneo.

Seguiria através dele na escuridão pois o ataque vegetal não dava descanso.

Mergulhou nas escuras águas geladas deixando-se levar pela força da correnteza com o traje a mantendo na superfície da água, e dando proteção, contra impactos.

Os instrumentos de navegação, indicavam que ela estava no caminho correto, daí Durana, preocupou-se mais, em aproveitar até mesmo a força das águas, para limpar o traje, de toda a sujeira em que estivera metida.

Determinada parte do trajeto no rio, viu-se diante de uma bifurcação, que dividia a correnteza para duas direções e mesmo com a força das águas que a levavam, conseguiu entrar pela direção correta, já que, pelo outro caminho, voltaria para a rocha “X”.

Dentro do rumo planejado, Durana, lentamente avançou sobre as dificuldades.

E haveriam outras mais adiante, de modos que o que mais a preocupava, era:

Quanto tempo conseguiria improvisar, superando problemas inesperados?

***

As incertezas das escuras corredeiras caudalosas logo diminuíram.

As águas geladas se acalmaram, e Durana foi levada por uma saída que desaguava numa piscina natural subterrânea calma, tranquila e, iluminada.

Alí nadou até a margem, onde finalmente pode pisar no chão.

Tudo ao redor era iluminado por uma fluorescência azulada que brotava do chão próximos às paredes, similar a iluminação indireta, em que as lâmpadas ficam escondidas...

O espaço ali era amplo, limpo e aparentemente mais tranquilo do que outros naquele sistema de cavernas, por onde passara antes. Haviam até ruínas de antigas construções já esquecidas e, cuja existência, na medida do possível, era omitida, pelos ditames educacionais, impostos pelas dinastias governantes, mais recentes.

Imensas e largas colunas cilíndricas intercaladas, saíam do chão até o teto das cavernas, que, naquele trecho da jornada de Durana, era relativamente alto.

Durana observava tamanha beleza com atenção redobrada, ignorando o que lhe reservava o destino, que, logo mais adiante, poderia ceifar sua vida, num piscar de olhos.

Dentro da roupa protetora, portanto, tendo suas sensações limitadas, procurava perceber do melhor modo possível o ambiente, incluindo entre as pedras, ossadas de quem tenha passado por ali antes.

Manteve seu capacete vedado, enquanto circulava pelas misteriosas construções, que tinham, incrustradas nas paredes das ruínas, plantas exalando aromas alucinógenos, que certamente, levaram à óbito, muitos dos guerreiros ali caídos.

Seguindo a direção indicada no tablet preso, à manga do braço esquerdo na sua roupa, avançou através de outro corredor, com piso regular, ladeado por colunas brancas, e grandes estátuas douradas, de heróis guerreiros, com armas de corte, em poses heroicas.

Ao fim desta passagem, Durana deparou-se com uma imensa câmara, que poderia servir para diversos fins: desde uma quadra de eventos esportivos com espaço para acomodar centenas de pessoas, até um mega templo para pregações às massas...

A agente do Serviço Secreto da Federação, logo percebeu que o seu navegador,

queria que ela chegasse ao extremo oposto, de onde estava na câmara circular. Só havia um pequeno detalhe.

Espalhados pelos degraus daquele ambiente, até mesmo pelo seu piso central, e, principalmente, aonde Durana tinha que chegar, haviam ao menos cinquenta tigres negros kroulosianos com suas horríveis caras de poucos amigos...

***

Tigres negros kroulosianos, são gigantescos! Maiores que os elefantes terrestres, tem pelagem zebrada alvi negra com grande juba amarela e preta.

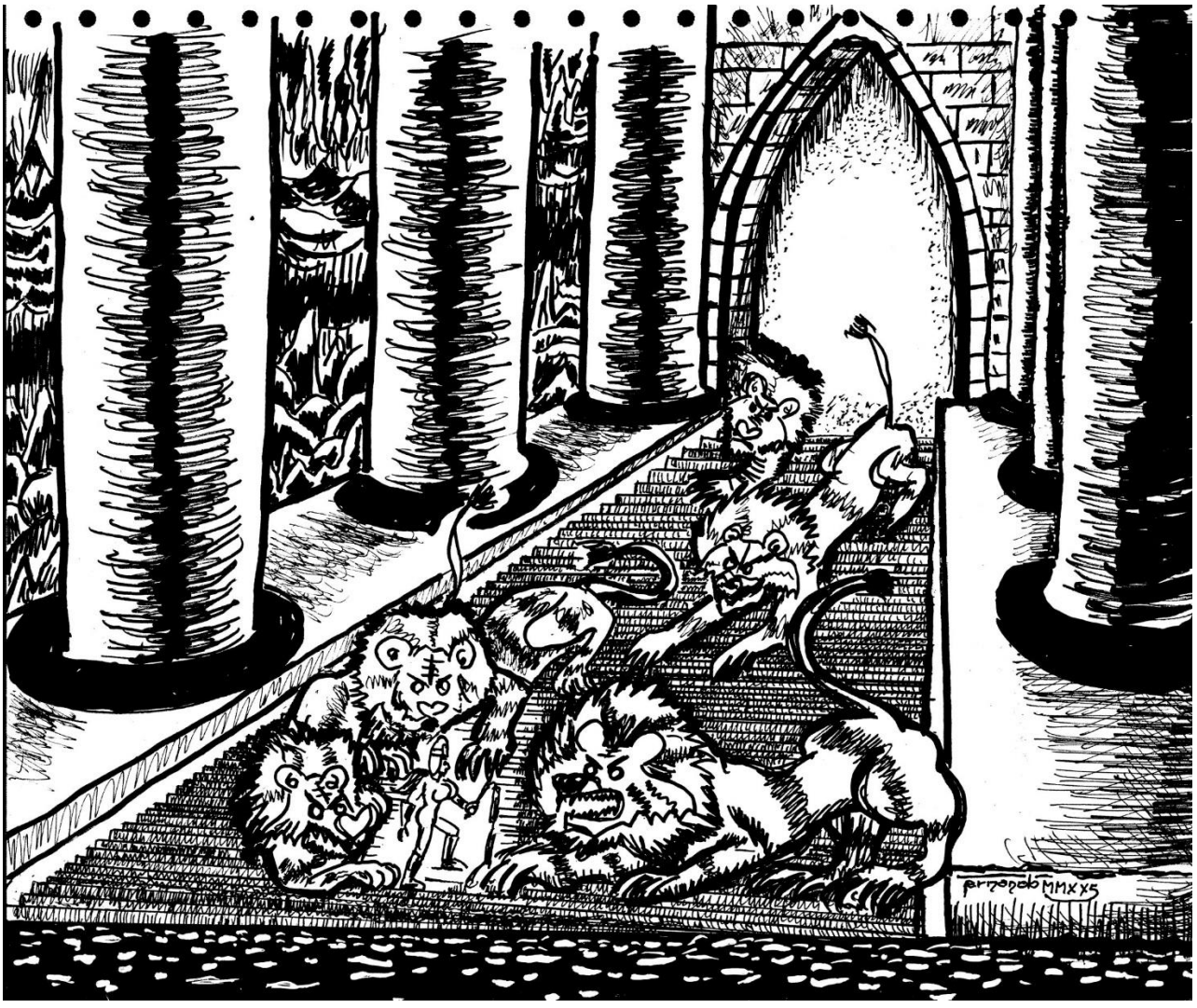
Com olhos vermelhos brilhantes, mesmo no escuro, e, garras afiadíssimas, atacam em bandos ou, individualmente. De qualquer forma, são feras inteligentes e cruéis.

Não são dóceis, nem domesticáveis, e comem qualquer coisa que se movimente por perto.

Assim que perceberam a agente do Serviço Secreto da Federação (E.Y.E) ou simplesmente AGÊNCIA, seus estômagos começaram a roncar.

Donos de uma magreza atlética, que na verdade, era resultado das poucas calorias que ingeriam, assim que perceberam no local a visitante, de modo inesperadamente ágil e rápido, saíram do aparente estado de letargia em que se encontravam, e, já babando litros de saliva, através das línguas dependuradas entre os dentes, avançaram contra Durana, que imaginavam, seria a próxima refeição...

***



## O PLANEJAMENTO

-Nosso alvo principal é o Marechanl Kuh. - Disse Sonny Blue, olhando para Durana, que naquele momento, estava sentada na confortável poltrona da sala de um amplo apartamento.

A expressão do chefe do Serviço Secreto da Federação dos Planetas Unidos estava séria.

Durana não tirava os olhos do rosto dele.

-Certo, Senhor. - Disse ela.

-Esse cara está cotado, pelos chefões da Velha Ordem Universal, para ser o novo Imperador Klingon.

-Senhor: O Kuh é quem comanda a Casa dos Super-Pesados, contra a Federação e a Frota Estelar, em diversas escaramuças...

-É isso aí, Durana. Você está mesmo, bem-informada. Este cara, é a chave de tudo.

“Se ao menos, ele ouvisse o Alto Conselho dos Klingons, onde temos gente poderosa sob a nossa zona de influência, poderíamos estabelecer laços diplomáticos de longo prazo com o Império, coisa que, já nos livraria de uma série de problemas.”

“Infelizmente, não vejo como algum tipo de solução pacífica, poderia se realizar, com esse sujeito infernizando e metendo o bedelho, onde não é da conta dele.”

Sonny fez uma pausa, e olhou para Durana como se implorasse por uma alternativa menos violenta que não veio. Daí, ele continuou:

-Durana: você, mais do que ninguém, sabe que, com os klingons, as soluções pacíficas, não dão os melhores resultado.

“Pelo que estudei do caso, entendo que só resolveremos tantas encrencas, executando uma missão que elimine rápido e sem erro. o Marechal Kuh e toda a sua gangue de mentecaptos no Hotel Flor Negra durante o Festival de Purificação Klingon em Kroulos 4. Esta, é a melhor oportunidade para solucionarmos tudo.”

“Por isso, estou te passando recursos, para montar um grupo capacitado em operações especiais, que estará sob seu comando e irá lá, fazer o serviço de “limpeza e conserto”, saindo em seguida sem que ninguém perceba nada no meio da bagunça.

“Para tanto, terão auxílio, do Capitão Fernando Zéca Corinthiano, comandando a S.S.F. GALATRINA∞, nave do Serviço Secreto que transportará vocês para o cenário da ação e depois fará a extração e saída assim que tudo estiver resolvido.”

“Te enviarei uma mensagem, contendo três opções de planos para seguir a missão.”

“Escolha a que achar melhor e, depois que fizer o serviço, volte em segurança.”

“Boa Sorte, Durana! K'PLAH!”

Em seguida, a imagem tridimensional de Sonny Blue, desapareceu do sofá na sala, onde ele parecia sentado. Parecia, mas, não estava, por ser uma projeção tridimensional do Diretor, que, na verdade, se encontrava em algum lugar desconhecido, longe dali.

Quanto ao plano geral de Sonny...

Para Durana, parecia ruim, e, com alta probabilidade de gerar consequências desastrosamente catastróficas.

Nem sempre os planos de Sonny, com finais explosivos, fundo musical de tiroteios e cenários repletos de cadáveres, eram a melhor solução para os problemas.

De qualquer forma, no momento que o Diretor lhe expôs suas ideias, ela não contestou em nada, pois, sabia que, de fato, alguma coisa tinha que ser feita com relação à casa dos Super-Pesados Klingons, que estava sim, causando muitos problemas, em todos os cantos da galáxia. Mesmo entendendo os planos, de Sonny Blue, em nada, ou melhor, em muito pouco, ela os seguiu. Aliás, na verdade Durana não obedeceria, planejamento nenhum, visto que, continuaria improvisando, para ver até onde chegaria...

***

**O SACO DE GATOS**

Tão logo avistaram Durana, os tigres kroulosianos avançaram na sua direção.

Imaginavam que, o primeiro que chegasse nela, seria o que melhor se alimentaria, pois, os outros, que viessem, na sequência, deveriam esperar sua vez, ou, ficar sem nada.

O que obtiveram, entretanto, foi bem diferente daquilo que desejavam.

Durana puxou da sua bolsa o bastão de três seções, interconectadas por pequenos cabos fosforescentes, de cor azul: uma espécie de Sanjiengun modernizado.

Com movimentos acrobáticos, já acertou alguns daqueles felinos, que imediatamente, afastaram-se, dando-lhe, uma zona de segurança, onde, ela girava incessantemente sua arma.

Os mais afoitos, tentaram por várias vezes, invadir esta área e, logo tomaram duras pauladas, que os fizeram refletir sobre a necessidade do uso de bons modos, para com aquela visitante inesperada.

Ainda que os tigres kroulosianos, se julgassem mais inteligentes que o restante dos outros felinos conhecidos nas galáxias, devido ao seu tamanho eles tinham temperamento impaciente, por ansiarem pelas coisas, muito fácil e rapidamente.

A inquietação, dominava seus ânimos ao confrontarem Durana, e, até mesmo por se alimentarem mal, já a bastante tempo.

Sem sincronizar ação nenhuma, como um bando de bárbaros, tentando usar o tumulto e desordem para escapar de filas do caixa, não pagando a mercadoria da loja, os tigres kroulosianos avançavam, mais agressivos, desesperados, e, tensos.

Todos igualmente, entretanto, levavam sua justa ração de pauladas, que logo lhes incutiu elevada dose de bom-senso assim, democraticamente, nenhum ficou sem a merecida lição e atenção dadas por Durana.

Os mais persistentes foram “recompensados” com os melhores e mais intensos golpes que, lhes, ensinaram o devido valor do respeito, boa educação, e que, na vida, nem tudo se resolve, com violência.

Durana conseguiu atravessar a grande câmara, distribuindo bordoadas nos gatos gigantes, utilizando todos os golpes que conhecia e podia improvisar.

Não pegou as pistolas ou disruptores que havia tomado dos bandidos no deserto, porque, contra os gigantescos felinos endiabrados, seria covardia, desonroso, e, muito fácil, subjugá-los fazendo uso, de tal armamento.

Como guerreira que era, Durana acreditava, que devia se provar, sempre que possível, superando seus desafios, pelo modo tradicionalmente mais marcante, ainda que, este fosse dificílimo.

E havia o fato, de que, no final das contas, o bando dos felinos, gigantes, muito forte, mortal, e, inteligente, estava desorientado, devido à fome, não tendo assim, compreensão, das repercussões de suas ações,.

Para eles, toda aquela ação e briga com Durana, não deixava de ser algum tipo de brincadeira, mesmo que, de consequências, eventualmente mortíferas.

Depois de avançar a grande câmara, distribuindo sopapos e safanões, Durana ainda tinha de subir uma escada, para seguir a direção que, os seus sistemas de navegação, lhe indicavam.

A maioria dos Tigres Kroulosianos, lambia suas brilhantes jubas de brilho fluorescente, visíveis até em ambientes mais escuros, limpando destas, manchas do próprio sangue, que perderam durante o enfrentamento contra a klingon.

Por sua vez, Durana subia com cuidado e, atentamente, uma escadaria que havia, numa seção do entorno da área circular que tivera de atravessar.

Aquele, era o caminho, indicado no navegador instalado no tablet, preso à manga, da roupa, que a agente vestia.

Passada outra etapa difícil, ela viu-se então, às voltas com um tigre kroulosiano, com cara de coitado, e, olhar tão terno e inocente, que jamais o tornariam suspeito em qualquer caso, ou investigação policial. Entretanto, apesar da cara de santo, na verdade, ele queria mesmo, era um pedaço da ação. Se achava mais esperto que os outros, a ponto de, mesmo depois de vê-los apanhando, ainda acreditar que poderia fazer melhor.

E resolveu provar sua tese surpreendendo Durana, num ataque por trás dela que...

Não deu certo!

A agente secreta desviou-se do ataque do felino, que, se bem sucedido, arrancar-lhe-ia um braço ou, até, uma perna, e, em seguida, revidou dando todo tipo de golpe que conhecia, e até, outros que inventou ali na hora.

Bateu com tanta raiva que até quebrou os bastões articulados.

A esperteza custou caro para o tigre sabichão, que não teve sequer, chance de escapar da fúria de Durana.

A saraivada de golpes e pauladas que tomou, logo o puseram estirado, ensanguentado, agonizando a nocaute.

Em seguida, ela deu um grito klingon, que assustou todos os tigres sobreviventes, colocando-os para correr, como gatos assustados.

***

Depois de finalmente superar a grande escadaria, Durana acabou chegando a uma imensa parede de pedras, onde o caminho, aparentemente terminava.

Bem no meio dela, sobre uma fenda vertical, que a cortava de cima à baixo, havia, um painel com quinze cristais coloridos entalhados, cada qual, com um desenho diferente.

Assim que os viu, a agente respirou aliviada, pois percebeu que estava no caminho certo. Conhecia a finalidade daquele painel. Este funcionava como uma fechadura, que abriria passagem através da parede. Sabia do que se tratava, pois, lera o livro escrito pelo próprio ex-Imperador, sobre a campanha que o colocou no poder, e mencionava o dispositivo.

Antes de mais nada, entretanto, deveria posicionar alguns dos cristais, em determinada sequência, como se tivesse inserindo uma senha. As possibilidades e alternativas eram infinitas. Mas, apenas uma combinação, a correta.

Sem perda de tempo, Durana fez o seu lance.

Baseando-se apenas na memória prodigiosa, movimentou as peças, conforme imaginou que fez o Principe, durante a leitura do livro.

Mal tirou as mãos do painel e um brilho intenso por baixo dos cristais intensificou ainda mais a luminosidade do ambiente e um barulho de rochas pesadas se arrastando pareceu tomar todo aquele espaço exíguo onde a agente se encontrava.

Então, a parede se separou exatamente na fenda vertical, dividindo-se em duas, como se fosse uma porta, ou melhor, abrindo-lhe uma passagem...

Durana viu-se diante de um caminho estreito com sete metros de cumprimento, através da qual deveria seguir. Seus peitos e sua bunda eram colossais, mas, se apertando, ela conseguiria chegar ao outro lado.

***

## TRABALHO TEMPORÁRIO

Depois de se espremer entre os dois blocos de rocha, que ameaçaram esmagá-la durante todo o espaço que percorreu, Durana saiu daquele mundo de escuridão mal cheiroso.

No chão, ao seu lado, havia um pedaço de coluna, cuja largura era exatamente igual ao espaço através do qual acabara de passar.

Apenas para garantir o caminho aberto, para quando voltasse, deslizou o pedaço de coluna, pelo chão, colocando-o entre as duas rochas da estreita passagem por onde saíra, para impedir, que estas se fechassem.

Em seguida, tratou de verificar, para onde aquela passagem, a levara.

Olhou ao redor, e constatou mais uma vez que, o livro escrito pelo Imperador, não estava errado.

Assim como o autor da obra literária, que já, comprovadamente, era um clássico da historiografia klingon, Durana chegou perto de uma praia aparentemente deserta, de onde podia enxergar todo o hotel Flor Negra, cujas dimensões, equivaliam às dos imensos parques de diversões temáticas na Florida – Terra.

A estreita passagem por onde saíra do complexo tortuoso da Caverna do Dragão Vermelho, agora estava escondido atrás de muito mato. Para chegar no hotel a agente klingon ainda teria de abrir uma picada a golpes de facão. E foi o que fez até chegar a praia.

Ali, antes de se expor avançando pelas areias, verificou o local.

Não haviam câmeras de segurança, o que demonstrava o desprezo ou, escasso interesse que estudiosos, educadores, curiosos, e, mesmo a segurança, tinham com relação àquele lugar de incontestável importância histórica, para todo o Império Klingon.

Este descaso, seria aproveitado pela agente do E.Y.E, no seu plano de invasão ao hotel, onde estavam reunidos, durante o Festival da Purificação Klingon, alguns dos maiores canalhas de toda a Galaxia, incluindo os da corte imperial e de seus aliados, que, atuando nas sombras, só podiam se encontrar de modo sorrateiro neste local e ocasião.

Aproveitando a completa ausência de gente pela praia, Durana tirou a roupa que vestia e ficou apenas com o biquini que, evidenciava o seu corpo escultural.

Demonstrando alguma descontração, aproximou-se das águas da praia, onde lavou as roupas utilizadas na caverna e, depois de secá-las, guardou-as junto com suas armas e diversos outros utensílios, na mochila.

Colocou óculos escuros de lentes grandes, que esconderam as partes do seu rosto, mais desprovidas de beleza e saiu desfilando o corpo monumental pela praia, como se

estivesse meramente, aproveitando a natureza, e o momento.

Na verdade, Durana naquele instante, podia ser comparada a um potente sensor, por sua extrema atenção a qualquer ocorrência que pudesse ou não, utilizar, para beneficiar, evitando prejuízos, aos seus futuros planos que, sequer existiam.

E de fato, a agente do E.Y.E. ficou sem saber o que fazer, até encontrar uma barraca que oferecia bebidas e petiscos à beira mar.

De longe, fazendo cara de quem não queria saber de nada, Durana observou por algum tempo, a rotina de trabalho e a disposição das coisas por ali.

Descobriu até um armário, onde haviam uniformes reservas, utilizados por empregados do hotel, que poderiam eventualmente, ser utilizados por ela.

***

-Estão te chamando lá na recepção. Pode deixar que eu assumo por aqui.

O caixa tirou os olhos da registradora e perguntou:

-O quê?

-Você está sendo chamado na recepção.

-Mas ninguém me avisou pelo sistema interno de comunicação.

-Tem a ver com isso mesmo. É melhor você correr para lá, que eles estão sem comunicação, e só podem falar contigo pessoalmente.

O sujeito não entendeu nada direito, mas olhou para aquela klingon de corpo magnífico.

Era uma empregada do hotel, pois, estava uniformizada como tal.

-Vá lá verificar que eu fico aqui para você. - Disse ela.

Sem saber direito o que fazer, ele foi sutilmente empurrado do seu lugar por ela, e acabou se convencendo de que tinha mesmo de sair.

-Fique tranquilo que você encontrará tudo do mesmo jeito que está deixando agora, quando voltar. - Tranquilizou ela.

-Está certo. Vou indo então. - Concordou ele.

E de fato, o caixa não teria nenhum prejuízo financeiro com aquela suposta chamada.

O que de fato ocorreria, na sua ausencia, é que a Agente Durana, que, era quem de fato assumiria o seu posto, enquanto fosse à recepção, aproveitaria o terminal, para bisbilhotar todas as informações do hotel, que estivessem ao alcance.

***

## O LIVRO DE RECEITAS

-Durana! Venha cá, minha querida.

-Sim Tia Krosstrrass!

A jovem Durana saiu de trás da mesa, onde tinha seus cacarecos: vários objetos de supostos poderes místicos, como bolas ou pirâmides de cristal, armas, seu computador e alguns livros de história.

Tia Krosstrrass não se encontrava nada bem, na verdade, estava nas últimas...

Só saia da cama para comer e fazer a higiene pessoal.

O resto do tempo, passava vendo seu velhos livros, cadernos ou computadores, onde organizava anotações, pensamentos e reflexões diversas.

Um destes computadores, um laptop de altíssima capacidade e desempenho, onde tinha todos os seus dados guardava numa bolsa de couro preta.

Durana sentou-se ao seu lado, na cama da velha klingon, e, esta tirou o laptop da bolsa abrindo-o.

Apontando para uma lente retangular, azul escura e brilhante, disposta no centro do equipamento, ela disse:

-Durana, coloque aí o seu dedo indicador, da mão direita.

Sem questionar, a jovem obedeceu, e a máquina se iluminou.

-Durana... - Continuou a Tia Krosstrrass. - Você agora tem acesso total e irrestrito ao meu computador principal e todos os dados aí contidos.

-Que legal... Obrigado, Tia.

-Aí tem as receitas para todas aquelas poções que te falei, inclusive os sucos que te ensinei a fazer...

-Ahhh... Obrigado, Tia Krosstrrass. Vou guardar...

-Não só guarde, Durana. USE! USE os ensinamentos, e poderes, de todas estas plantas, poções, inclusive aqueles sucos que você já, bem sabe fazer, principalmente, a SANGRIA BRAVA KLINGON, que, como já te disse antes, inspirou e facilitou importantes mudanças de poder, nas várias esferas de governança do Império Klingon."

"Ela é muito poderosa e tira a vontade de quem a bebe, durante muito tempo."

"Até os klingons, quando a ingerem, não querem mais saber de guerrear."

Durana já estava manuseando o computador e acessando diversos de seus arquivos...

-Caramba Tia Krosstrrass. A senhora tem aqui até mesmo, a receita daquele suco estimulante sexual.

Tia Krosstrrass, mesmo nas últimas, não conseguiu esconder um sorriso que se desenhou nos seus lábios:

-Esse negócio, transforma um velho moribundo, em cavalo no cio, durante uma noite inteira.

A velha deu umas risadas, tossiu e silenciou.

Durana, por sua vez continuava concentrada no presente.

Em suas mãos, estava todo um conhecimento milenar, sobre as artes místicas klingons.

-Puxa Tia Krosstrrass... Eu vou...

Durana olhou para a tia e percebeu que, em silencio, ela dera um último suspiro, deixando para trás, seu velho saco de ossos e pele, para ir cavalgar nas paradisíacas pradarias celestiais combatendo terríveis inimigos do "Sto-vo-kor".

Deste modo, constatando a morte da sua querida Tia Krosstrrass, a jovem deu um forte grito, que saiu, com vontade lá do fundo da sua alma...

***

## O FESTIVAL DE PURIFICAÇÃO KLINGON

O ódio consumia Durana. Ela queria matar todos.

O Festival de Purificação em Kroulos, era data similar ao carnaval brasileiro, onde o povo klingon, deixava as regras e, a honra de lado, extravasando as neuras por alguns dias, para voltar ao, trabalho, com as "baterias recarregadas".

Em Kroulos, no Hotel Flor Negra, onde Durana, neste momento se encontrava disfarçada, esta celebração, reunia gente de altíssima influência da Velha Ordem Galática.

Líderes políticos, militares, e, até religiosos.

Pessoas que, eventualmente mostravam, diante da opinião pública, até mesmo entre si, ódio mortal, umas contra as outras, ali, se reuniam amistosamente, no meio do que parecia ser uma grande bagunça, para, sob ordens, e ditames da Velha Ordem Universal, decidir os destinos de civilizações inteiras.

Para os veículos de comunicação, este Festival, era apenas uma celebração, onde, durante algum tempo, seus participantes se divertiam com bastante folia, danças, músicas,

brincadeiras, e, ainda proporcionavam, uma considerável fonte de renda, através do turismo.

Entretanto, além da reunião dos integrantes da Velha Ordem Universal, que por si só, já girava muitas rodas influentes, o Festival Da Purificação em Kroulos, tinha um lado mais sinistro que era pouco comentado pelas mídias de informação.

Os índices de criminalidade disparavam alarmantemente, já que, celebrações klingons, nem sempre envolviam, só bebedeira e cantorias, mas, também, brigas violentas, mortos e feridos.

O Festival de Purificação permitia que rixas e querelas fossem resolvidas sem arbitragem, por quaisquer meios imagináveis.

Apenas, para efeito de ilustração, seria cabível até a exemplificação, com uma situação bizarra, onde o(a) devedor(a) que quisesse saldar alguma eventual dívida sua, poderia esfaquear seu credor, matando-o, ficando assim, livre do encargo, sem qualquer ônus, já que, tal ação, se deu nos dias do Festival de Purificação.

Acessos de fúria, violência e outros tipo de destempero, eram tolerados, sem qualquer restrição. Em meio a tantas brigas, desentendimentos e disputas que esta celebração gerava, havia uma única regra importante que todo participante sobrevivente do Festival, deveria obedecer: A de não deixar corpos, ou pedaços destes, espalhados pelos espaços e vias públicas.

Toda edificação tinha sua “sala de reciclagem”, onde junto com o lixo, poder-se-ia jogar, os mortos das celebrações e, pelas vias públicas, haviam também, as “caixas de reciclagem”, parecidas com as caçambas utilizados em obras, onde, também, poderiam ser descartadas mais vítimas desta festividade funesta.

Durante as primeiras horas da manhã, o serviço administrativo local, passava com caminhões robotizados, limpando as salas, caixas de reciclagem, e ruas ensanguentadas, dos eventuais atos violentos, com refrigerante de cola, negro-avermelhado, que dissolvia, eventuais pistas, e provas que pudessem incomodar os turistas.

No meio dessa situação, Durana queria matar todos, afinal, ali a maioria era bandida e merecia de fato morrer.

Realizando matança na envergadura e nos níveis que pretendia ou imaginava, mesmo nos dias do Festival, haveriam repercussões, que prejudicariam as pessoas comuns, que, escravizadas no seu dia a dia, tinham de indiretamente sustentar tal situação.

Em última análise ainda, se sua presença ali fosse identificada, durante o momento que extravasasse sua fúria, poderia não só comprometer a missão, bem como todo o relacionamento diplomático do Império Klingon, junto à Federação.

Daí, Durana controlou sua raiva, e partiu para uma abordagem diferente.

Enquanto esteve no bar, fez vários litros, de uma potente bebida, cujo preparo, aprendera ainda bem jovem.

Quem quer que a ingerisse, mesmo em pequenos goles, relaxava completamente, diminuindo qualquer resistência pessoal a ponto de revelar seus segredos mais íntimos. Assim, a título de...

-Cortesia do hotel. Por favor, aceite uma bebida.

Durana saiu oferecendo e, entregando, para beber, um copo com a potente poção, para cada um dos seguranças que encontrou pelo caminho.

Uma vez que a bebida entrasse em ação, dominando a vontade de quem a tivesse ingerido, Durana, sutilmente, clonava, através de um dispositivo criado pelo serviço secreto da Federação, os dados contidos nos documentos de identificação, dos apreciadores da sua poção, que, posteriormente, nem se lembrariam do ocorrido.

Ainda que, a agente atuasse sutilmente, evitando chamar atenções, seu corpo escultural, despertava os interesses (e libido) até mesmo de quem não bebia, absolutamente nada.

Um destes deslumbrados com a exuberância da fêmea klingon, acabou percebendo

que, alguma coisa não parecia normal, depois que as pessoas tomavam a bebida dela. E foi descobrir porquê, cobrando explicações...

***

Pela panca que o sujeito chegou impondo, Durana logo percebeu que o tipo devia ser algum figurão da segurança.

-Ei você! - Bradou ele. - Essa bebida está deixando todos fora de si...

-Fora de si, no meio do Festival da Purificação? O que há de estranho nisso? - Respondeu Durana, provocadora.

O sujeito segurou o braço dela por menos de três segundos.

Com um movimento circular do próprio braço, ela se livrou da pegada, sem deixar a bandeja que segurava com a outra mão, cair.

Aquele tipo causaria problemas.

Todos que haviam bebido a poção que Durana distribuíra, já estavam mais tranquilos. Esse aí deveria ser um destes infalíveis caga-regras, cuja vida, longe dos vícios, transforma-lhes, em pessoas chatas, dedicadas a obedecer, tudo quanto é regulamento sem questionamento.

Devia ser um ótimo desarmamentista, pau-mandado, aposentadoreiro, socio-democrata pacifista, parasita de algum tipo de serviço público.

De-repente, um cabo metálico, com poucos milímetros de espessura, saiu por de trás do punho livre de Durana, que, movimentando-o de forma similar, ao uso de um chicote, enrolou-o, no pescoço, do intrometido.

Em seguida, vendo uma viga horizontal, no teto, debaixo da estrutura onde se encontravam, a agente secreta deu jeito de jogar a ponta livre do cabo que saíra de trás de sua mão, por cima desta.

Tudo então, ficou mais fácil. Puxou para o chão a ponta do cabo que prendia o intrometido, assim, logo abreviaria com um típico enforcamento, o sofrimento do infeliz, pendurado pelo pescoço, que balançava as pernas no ar, num balé até, de certo modo, divertido de assistir.

Deste modo, com o sujeito pendurado pelo pescoço, Durana sentou-se numa cadeira

e ficou assistindo os últimos momentos do desgraçado, que praticamente se degolava, com o próprio peso.

Haviam outras pessoas no entorno, mas, nenhuma delas, interessou-se por estarem narcotizadas e muito bem-humoradas pela bebida de Durana, mesmo presenciando o sinistro enforcamento em andamento.

Enquanto morria de modo lento e doloroso, o cérebro do intrometido ainda conseguiu registrar e compreender a imagem da agente secreta klingon, mexendo em tudo que lhe pertencia, violando todos seus segredos e códigos contidos no seu comunicador celular.

Depois que o corpo do intrometido, se transformou apenas noutra casca vazia, Durana soltou o cabo que o prendia, e, jogou os restos mortais, numa das diversas caixas recicladoras que haviam pelas imediações, em meio aos corpos de outros tantos sacrificados no Festival da Purificação.

Ninguém mais perturbou Durana, que, instantes depois, com seu pavoroso sorriso amarelado, continuou distribuindo mais bebida para outros hospedes e funcionários.

***

Até mesmo no departamento central da Segurança, o plano de Durana seguiu dando resultados pois distribuindo sua poção, também ali, conseguiu acesso.

Ela não precisava muito para convencer o pessoal do turno, a beber algo diferente em pleno horário de serviço.

Alguns, logo na primeira sala em que adentrou, no departamento de segurança imperial, não estavam trabalhando, e sim, torturando detidos ali sob custódia.

Estes, os torturadores, não recusaram a bebida que ela trazia, assim faziam uma pausa para um lanche e merecido descanso ingerindo alguns goles e, relaxando.

Conforme ia distribuindo sua “cortesia” pelas mesas, Durana se apossava de senhas, identificações, comunicadores e códigos que a permitissem acessar e dominar, não só, todo o sistema de segurança do hotel, mas até mesmo, o Imperial.

A típica curiosidade klingon, e, a cara de ingênua, que a agente do Serviço Secreto da Federação, fazia ao distribuir sua poção, acabavam quebrando qualquer resistência ou desconfiança, que, mesmo o pessoal da segurança, viesse a ter com ela.

O sabor doce e refrescante da bebida, logo conquistava qualquer paladar, que aparentando ingenuidade, já obrigava, o próprio organismo, inconscientemente, a tomar mais outros goles além do primeiro.

No terceiro, a sensação de relaxamento, transformava o autêntico guerreiro, num erudito pensador, e, estudioso de qualquer literatura...

O Departamento de Segurança já estava quase todo dominado, quando um tipo engomadinho, saiu do interior de uma sala de vidro, que ali dentro havia.

Era um klingon vestindo calça, camisa executiva e gravata. Algo inimaginável.

O cara saiu com um disruptor em punho, tendo Durana como alvo.

-Quem é você? - Gritava ele enquanto avançava na direção da agente. - O que é isso que você está dando para as pessoas beberem?

-Ah! Venha experimentar. - Disse Durana com ar inocente.

-Não vou experimentar nada. - Disse o engomadinho aproximando-se rapidamente, a passos largos. - Durante o trabalho mantenho-me sóbrio.

O ímpeto do tipinho careta, foi interrompido com a força descomunal, de uma adaga de aço, que, atravessou-lhe a caixa toráxica, de um momento para outro.

Esta arma, lançada, por debaixo da bandeja que Durana segurava, atingiu, rápida e precisamente, só pontos vitais.

Melhor seria, para ele, o tipico trabalhador exemplar certinho careta, tivesse tomado uns goles para se acalmar...

Antes que, o morto-em-pé, caísse, Durana colocou a bandeja com as bebidas numa

mesa próxima, e segurou o cadáver.

Com movimentos rápidos e ágeis, ela subtraiu-lhe suas identificações e armas.

Como se segurasse um saco de batatas, ainda que, o morto fosse bem maior que ela, carregou-o no ombro, até uma das saletas de reciclagem.

Jogou o finado sóbrio, em meio a outros corpos que ali jaziam, e, fechou a porta, como se estivesse saindo do box de um banheiro após dar uma fedorenta cagada.

Assim que voltou para a sala onde tinha deixado a bandeja, um tiozinho, careca e barrigudo, sentado numa mesa, sorria tranquilamente depois de se enxarcar com a bebida de Durana. O velho falava mais que uma matraca segurando sorridente, o seu copo.

-Esse aí era um caga-regras metido a certinho!

“O departamento inteiro vai te agradecer; ele era um chefe de segurança muito metido.”

-Chefe de segurança?

Um gongo retumbou dentro da cabeça de Durana, numa barulheira, que só ela ouvia.

Verificou as coisas do finado e constatou que ele era chefe de segurança mesmo.

Chefe de Segurança do Imperador.

Checando este e outros dados, ela constatou que o poder havia mudado de mãos.

O Marechal Kuh, agora era Imperador.

Olhando o velho careca gargalhando, Durana teve uma ideia maluca.

Com tantas oscilações, ocorrendo nas esferas de poder, ela também iria passar por mudanças: deixaria de atuar como empregada do hotel, para proceder na qualidade de Chefe da Segurança Imperial.

***

A bandeja com a refrescante poção de Durana, continuou circulando, e, fazendo sucesso, até que ela chegou ao Gabinete Imperial, alocado provisoriamente, no Hotel Flor Negra, de onde despachava o próprio Imperador, junto a altos mandatários, da Velha Ordem Galática.

Depois de embriagar praticamente a todos por aquela área, finalmente, a agente do Serviço Secreto da Federação, estava próxima ao seu alvo: o Imperador Klingon.

Caso resolvesse seguir, à risca, ou, pelo menos, dentro daquilo, que ainda era possível traçar, das instruções originais, ordenadas pelo Diretor Sonny Blue, Durana teria de matar um monte de gente, sem dó nem piedade, fato que, degeneraria noutra guerra muito mais assassina, que ainda ceifaria milhões de tantas outras vidas inocentes.

Não era o que a agente do Serviço Secreto queria...

Ela estava pensando numa operação mais cirúrgica e menos escandalosa.

Foi então que, os altos mandatários da Velha Ordem Universal saíram do Gabinete, deixando-a a sós com o próprio Imperador.

Mesmo sem ideia do que fazer, Durana aproveitou a oportunidade.

Ao menos, poderia conhecer pessoalmente o soberano.

***

-O que é? Quem é você? O que quer aqui? - Bradou o Imperador assim que viu Durana adentrando com altivez, o Gabinete Imperial.

A agente não usava mais o uniforme dos serviçais do Hotel, e sim, uma saída de praia branca semitransparente e esvoaçante.

Seu corpo perfeito estava estonteante, mas, agora, Durana também estava linda.

E não era maquiagem.

Pouco antes de entrar, ela ingeriu algumas, das famosas, “Pílulas de Vênus”, que transformaram seu rosto completamente, de, feiúra desencorajadora, para uma beleza

avassaladora, e, ainda exaltaram muito mais, seus, já perfeitíssimos, atributos físicos.

Sentado na poltrona atrás da sua ampla mesa, o Imperador encontrava-se desprevenido diante daquela beleza extraordinária.

O ar ao redor da fêmea parecia tremer, exaltando ainda mais, tamanha formosura.

-Sou Durana. Sua nova chefe de segurança, meu Imperador.

A agente secreta do Serviço Secreto da Federação, aproximou-se ainda mais do líder klingon.

Suas roupas esvoaçantes, escondiam armas perigosas, que, ela agora, poderia utilizar contra o seu alvo, e, deste modo, remover um obstáculo que a Federação julgava perturbador.

-O que houve com o antigo? Aquele idiota pomposo de terno e gravata?

-Foi substituído por meio dos velhos costumes, que não aceitam novidades na moda klingon...

-E falando em moda dos velhos costumes... A minha chefe de segurança vai andar nessa moda?

O Imperador disse apontando para as roupas esvoaçantes de Durana, que só realçavam a beleza do seu corpo.

Apercebendo-se da bandeja com bebidas que a agente secreta, ainda carregava, ele ainda indagou:

-E o que é isso? Tem algo para eu beber?

Durana colocou a bandeja sobre a mesa, e pegou uma garrafa que ali havia.

Em seguida, serviu seu conteúdo, um líquido vermelho, brilhante como vinho em duas taças transparentes.

Uma delas, deu ao Imperador, e a outra, ela própria utilizou para erguer um brinde:

-Em homenagem ao meu Imperador. - Disse, ela, enquanto matutava um jeito de tirá-lo do jogo.

Sabe-se lá, se, por lapso, falha, distração, ou mesmo, para dar maior credibilidade ao seu papel, Durana acabou sem querer, também bebendo, do drink que ofereceu ao Imperador.

Mas, se o que ela queria, era que o Imperador saboreasse sua bebida, acabou dando certo, pois, vendo a atitude dela, e, até em agradecimento ao brinde que vinha em sua homenagem, ele resolveu acompanhar.

-Obrigado. A isso eu também brindo!”

Disse e virou numa só golada, o conteúdo do seu copo.

-Mas isso é delicioso. - Disse o Imperador. - Como se chama esta bebida?

-É uma  SANGRIA BRAVA KLINGON, meu Imperador, cuja receita, só minha família conhece.

Se Durana planejou liquidar o Imperador friamente, tal intento, logo foi por água abaixo, já que a pilula de vênus, adicionada aos efeitos da Sangria, inibiram seus instintos assassinos, e, lhe acenderam, uma paixão sexual incontrolável.

O Imperador, então, também sob os efeitos da bebida, não pôde conter um sorriso, em que exibiu seus horrendos dentes amarelados pontudos, enquanto soltava uma espécie de rosnado animalesco.

Rapida como um raio, Durana pegou uma peça decorativa pesada que havia sobre a mesa e atirou-a na cabeça do Imperador.

Este desviou-se com um sorriso dizendo:

-Devo ter desconfianças?

“Se depois de tantas andanças”

“Com amor, me vem segurança?”

Durana pegou outros objetos e atirou-os contra o Imperador, que continuou declamando suas rimas, supostamente poéticas:

-Por esta  fêmea valente”

“Meu sangue fica quente”

“A paixão é inclemente”

“O descontrole patente”,

Durana, que já havia entrado, sem querer no clima apaixonado, disse:

-Vim aqui provar minha lealdade ao Imperador.

Em seguida, ela tirou as roupas, exibindo seu magnífico corpo escultural e beleza extraordinária.

Não havia mais o que fazer diante de tão estonteante formosura.

A paixão despertou, e o casal se entregou aos prazeres proporcionados por uma autentica relação sexual klingon, com todos os beijos, abraços, mordidas, arranhadas e bofetões que ela dá direito.

***

O ponto máximo do prazer sexual, obtido em conjunto, naquele caso, temporariamente, elevou até mesmo, as mentes do casal, para novo patamar de percepção sensorial;

E por obra do destino, ou, da mera casualidade ocorreu num momento extraordinário.

Durana, montada sobre o Imperador, cavalgava-o, quando, no momento em que ambos, chegaram juntos ao clímax do prazer e, alegria, ela, olhou para o alto, através do teto transparente do Gabinete Imperial, enxergando a estrela principal brilhando em destaque nos céus.

E repentinamente, durante este olhar e, o orgasmo do casal, um alo luminoso saiu da estrela.

Como que se fosse uma pulsação de luz, seguiu aumentando de tamanho cada vez mais rápido no firmamento dando mostras de que, nada deteria sua marcha.

Não tardou, para que o imprevisível se realizasse, depois de mais alguns instantes, aquele gigantesco anel de fogo, abateu-se sobre os céus de Kroulos 4.

Veio rumo ao solo como uma cortina de teatro, rápida e brilhante, que choca-se contra o palco e o cenário, causando potente estrondo, e até, fortes vibrações.

O fenômeno extraordinário, apagou a maioria dos luzes, inclusive, desligou os dois marcapassos, utilizado pelo Imperador.

***

De fato, o Imperador já não era mais nenhum jovem...

Porém, a razão de controlar os ritmos da batidas de seu coração, através da alta tecnologia, se devia às dezenas de ferimentos em várias guerras, que, cobraram um alto preço, de sua saúde, e integridade física.

De qualquer forma ele ainda era um klingon relativamente forte, tanto que, pouco antes de ter o seu acessório desligado por conta do fenômeno da natureza, estava gozando com força e vontade, dentro de Durana.

Com o desligamento do marcapasso, o Imperador, estalou os olhos fixos no ar e ficou completamente paralisado.

Não se mexia, nem respirava...

Depois de sobreviver a centenas de batalhas, durante o momento de maior prazer sexual da sua vida, a morte veio visitar o Imperador-Guerreiro Klingon.

***

Assim que abriu os olhos, o finado Imperador viu Kahless, o inesquecível.

O soberano estava diante da figura mais épica e reverenciada em toda a cultura klingon.

-Kahless...

-É bom saber que o Monarca do Império Klingon ainda lembra de mim.

-Seu nome sempre será lembrado por todos, Kahless...

-Então ótimo. Enquanto restar vivo, um klingon, nenhum de nós será esquecido.

-E falando em klingons vivos, pergunto... Estou para morrer? Ou já morri?

O Imperador calou-se por instantes e prosseguiu:

-Não é sempre, que tenho o prazer de uma conversa com a maior celebridade klingon em todos os tempos...

Como resposta, Kahless explodiu numa estrondosa gargalhada, ao que, foi acompanhado pelo Imperador. Os dois riram até as lágrimas.

-Sua Majestade Imperial nesse momento, não está morrendo, e sim, imerso num transe iluminador. - Disse Kahless. - Não é só através do combate, e, da meditação que a mente se abre para estados de percepção mais avançada:

“No sexo também. Foi através de Durana, que você chegou aqui.”

O imperador olhou ao redor e entendeu o que era o “aqui”.

Um estado pós-mórtis alterado de pensamento.

Tudo o que conteplava ao redor, era um céu azulado com nuvens brancas sobre uma paisagem de montanhas e vales, que parecia muito abaixo de seu ponto de vista.

Foi então que, percebeu Durana próxima a ele. Seu rosto, agora não era tão belo.

Mas não deixava de ser autenticamente klingon.

O Imperador ficou até, mais apaixonado ainda, por estas feições, não tão embelezadas, de Durana.

-O sexo... - Continuou Kahless... - Também é uma via de iluminação, transformação, e geração. Através dele, a sua união com Durana frutificará num legado que vai unir definitivamente o Imperio e a Federação numa força bruta imparável...

O Imperador viu então, uma jovem, parecida com Durana, sentada num trono, ladeada por gente da Federação e de outras forças galáticas.

Mas não era Durana...

O olhar da jovem no trono era ofuscante.

Labaredas de fogo, pareciam brotar dela, e, voaram na direção do Imperador, atingindo-lhe em cheio...

Uma dor intensa explodiu lhe no peito

***.

Durana olhou o Imperador em estado praticamene, vegetativo, logo depois de gozar dentro dela.

No meio do peito dele, havia um dispositivo, do tamanho de um punho fechado, com um led vermelho no meio.

Assim que o Imperador chegou ao orgasmo, a pulsação luminosa que Durana vira sair da estrela, chegou a Kroulos 4.

Nesse momento em que diversos eventos se uniam, o led do aparelho no peito dele... Se apagou! Para a agente secreta, a relação entre todas aquelas ocorrências era óbvia.

O fenômeno astronômico, ao passar por Kroulos 4, de alguma maneira, interferiu com o funcionamento do marcapasso do Imperador, e, o desligou.

Durana pensou em aproveitar a situação para fugir dali, deixando o Imperador entregue à própria sorte.

Ninguém lhe acusaria de crime algum, pois, estava evidente, que o mal funcionamento do aparelho médico, no peito do soberano, foi influenciado pela interferência do inesperado fenômeno astronômico.

O Diretor Sonny Blue, certamente ficaria imensamente feliz, em ver a Federação livre daquela pedra no sapato.

O alinhamento de ocorrências, no sentido de um provável benefício para a Federação, com a morte do nada saudoso soberano, estava cada vez mais óbvio.

Seria o caso, de aproveitar este momento clássico, das grandes jornadas literárias, em que, o protagonista agente secreto, após direcionar o movimento de uma pequena pedrinha, do alto de um pico de neve, se dirige para um camarote luxuoso, de onde assistirá, a avalancha que desencadeou.

Em outras palavras: hora de seguir o que a própria experiência pessoal, e até mesmo, a história ficcional, ou não, da espionagem, recomendava que fizesse, fosse então: sua imediata fuga dali.

Ademais, os efeitos da Pílula de Vênus, (a panaceia que de fato resolvia os males

da feiura), poderiam logo acabar, e, a temporária beleza extraordinária, adquirida através desta medicação, desapareceria, revelando, a verdadeira identidade de Durana.

Não havia outra opção, era momento de agir.

As decisões da agente do Serviço Secreto da Federação dos Planetas Unidos, a seguir, seriam tomadas, com base, em outra decorrência do uso das pilulas de venus: quem as ingeria, perdia a objetividade, ficando mais sentimentalóide, e, em alguns casos, sob domínio de paixões incontroláveis.

Ainda montada no seu Soberano, que, mesmo apagado, mantinha-se macho e viril, Durana respirou com força, prendendo e soltando o ar por várias vezes, de modo barulhento.

Numa dessas, abriu os braços para o alto, em seguida, bateu com as palmas das duas mãos, no peito do Imperador, enquanto soltava com força, o ar que prendia nos próprios pulmões.

Com a pancada, uma chama avermelhada, saída das mãos de Durana, iluminou o casal, e logo se apagou...

Entretanto, o marca-passo imperial, voltou a funcionar novamente, e, o Imperador, recobrou a consciência.... E, à vida!

O soberano abriu os olhos, com cara de assustado respirando novamente.

Durana, montada no Imperador, com as mãos sobre o marcapasso deste, disse:

-Mesmo viajando pelo mundo dos mortos, meu Amado Imperador manteve-se rijo e viril, demonstrando bravura e vigor, que não diminuíram, mesmo enquanto sua vida se esvaia...

O Imperador sorriu. Sua felicidade era indiscutível... Mesmo assim, parecia cansado.

Até porquê, acabara de enfrentar uma extenuante sequência de eventos, que começou com aquela, inesquecível sessão de sexo klingon, como jamais tivera em toda sua vida, proporcionada por Durana, além da estranha jornada sobrenatural, que diminui consideravelmente, suas forças.

Mesmo assim, o soberano continuava atento ao que lhe interessava...

Pegou o tablet ao lado da cama, e acionou alguns comandos.

Virou a tela dele na direção de Durana, assim captando-a em todo seu esplendor.

Ela estava magnífica.

Era uma imagem para se vangloriar e nunca mais esquecer...

-Coloque sua mão na tela. - Ordenou o Imperador.

Durana obedeceu.

Na superficie do tablet, sentiu uma formigação na palma da mão.

Suas impressões digitais, e outras informações assim disponíveis, estavam sendo obtidas.O brilho se apagou.

A obtenção de dados, e, análise, terminaram.

Depois que, a agente secreta tirou a mão do aparelho, o Imperador, acionou ali mais alguns comandos e, voltou-se para Durana, dizendo:

-Através deste Decreto Imperial fica determinado que, de agora em diante, Durana será minha esposa, e, assim: Imperatriz, tendo os privilégios decorrentes da posição.

Uma voz digitalizada saiu do tablet:

-Odem Imperial, informando novo estado civil do Imperador e a indicação da nova Imperatriz, concedendo-lhe todos os privilégios do cargo.

“Status: Confirmado.”

Ao conceder o status de Imperatriz, à Durana, o Soberano, demonstrava não só, o seu agradecimento pela própria vida salva, mas ainda, a paixão cada vez mais inflamada e incontrolável, que ardia dentro dele, por ela.

Aparentemente o desencadeamento daquela paixão desenfreada, era um efeito colateral da pílula de venus, que atingira não só a agente secreta, mas também, o Imperador, que, vendo agora, a vida, sob nova perspectiva, deu uma sonora gargalhada,

colocando o tablet, no mesmo lugar de onde o pegara,

Abriu um amplo sorriso e, em seguida, dormiu como um bebê.

***

Para salvar o Imperador das garras da morte, Durana utilizou um golpe das artes marciais klingon, que, através da respiração, acumula, e libera, a poderosa energia KI, para aproveitá-la tanto na medicina, como na guerra.

Salvando a vida do Imperador, Durana se tornou Imperatriz.

Fato que ao invés de confortá-la, só a preocupou ainda mais, pois, com o fim dos efeitos embelezadores da Pilula de Venus, logo, o seu verdadeiro rosto seria revelado.

Cansada com toda a atividade sexual, e, ainda, com o gasto de sua energia KI pessoal, que tivera, salvando o amado Imperador, Durana precisaria de várias horas de repouso... Entretanto, ela tinha de partir...

Desvencilhou-se dos braços do amado que roncava mais alto que o motor de um avião, do século XX, e, como toda boa esposa, aproveitou para fuçar nas coisas do marido.

Pegou o tablet do Imperador, e passou nele, o seu “chupa-cabras”, um dispositivo utilizado, pelos agentes do Serviço Secreto da Federação, para capturar informações, de qualquer tipo de computador.

Agora, como Imperatriz, tinha privilégios, no acesso aos dados de todas as redes as quais estava conectado aquele tablet, daí, seria facil utilizar sua ferramenta para fazer uma varredura completa em todos os sistemas imperiais, acessando segredos diversos.

Mesmo com o Imperador roncando alto, Durana fez a operação que, pelo gigantismo do volume de dados, demorou aproximadamente 15 minutos, para o aparato dela, processar e armazenar tudo.

Durante esse tempo, ela permaneceu imóvel, simultaneamente: observando a barra de progresso no visor do seu “chupa-cabras”, monitorando o sonho imperial, e, tentando manter-se calma, já que, existia a possibilidade daquela sua atividade de movimentação de dados nas redes, ser rastreada por algum sistema de segurança.

Finalmente... O “Chupa-Cabras” de Durana terminou todo o serviço e o Imperador continuou dormindo pesado.

Ela então vestiu-se, pegou alguns pequenos ramos que estavam em uma de suas bolsas, e aproximou-se do Imperador.

Esfregou as plantas, na cabeça, no pescoço e no peito do Imperador, enquanto dizia, com a voz suave, de uma mulher apaixonada, que vela pelo sonho do seu amor:

-Ouça o Alto Conselho... Respeite o Alto Conselho... Negocie com o Alto Conselho.

Repetindo estas palavras, Durana espalhou os fragmentos das plantas, pelo Imperador até que estas desaparecessem completamente, na pele dele.

Em seguida, massageou lhe, diversos pontos o corpo, estralando alguns ossos, articulações e nervos.

Depois disso, o soberano, respirou profundamente, e repousou ainda mais tranquilo.

Durana sabia que, pelo atlético esforço sexual, que fizeram juntos, e até, graças à planta, que esfregada nele, para revigorante relaxamento, o Imperador dormiria pelo menos, mais um dia inteiro.

A inesperada queda sentimental, pelo soberano, causada pela pílula de Venus, impediam que Durana lhe fizesse qualquer mal, ainda que, tal ação fosse o seu dever de agente do Serviço Secreto da Federação.

Porém, para compensar a perda dessa oportunidade, ela obteve um grande volume de dados, diretamente dos sistemas de computadores klingons.

Deste modo, nada mais restava a fazer, senão, ir embora.

***

O Capitão Fernando Zéca Corinthiano, para variar, fumava um de seus charutos, empesteando com fumaça, a cabine de pilotagem.

A maioria das luzes da nave estava apagada, e, só os equipamentos essenciais, permaneciam acionados, já que, a S.S.F. GALATRINA∞, estava camuflada, orbitando o planeta Kroulos IV.

E naquele caso, não havia muito o que fazer, a não ser esperar...

Uma espera maçante, que só deixava o Capitão, ainda mais ancioso, consumindo com avidez muito maior, seus famigerados charutos.

A fumaça que empesteava a cabine, acabava sendo tanta, que, eventualmente não permitia ao oficial, enxergar direito, um palmo adiante do nariz.

Tal situação, poderia ser um simbolismo da sensação que ele tinha, semelhante a de, quem quer correr, mas, tem de avançar cautelosamente, por uma trilha esburacada e espinhosa, encoberta por neblina. Um verdadeiro teste para sua paciência... Quanto tempo aguentaria tamanha ansiedade?

Mesmo a baixa visibilidade, causada pela fumaça do charuto na cabine, não impediu, o olhar aguçado do Capitão, de perceber o alo, que, de um instante para o outro, saiu da estrela em que orbitavam os planetas do sistema planetário Kroulos.

À distância segura, parecia apenas, um anel esfumaçado brilhante, em volta da estrela, que, ia aumentando de tamanho, cada vez mais rapidamente até, que o inevitável ocorresse atingindo em cheio, a espaçonave da Agência.

Não houve tempo para implementar qualquer reação defensiva, ou de fuga.

Como um bambu flexível, a S.S.F. GALATRINA∞ reagiu bem ao halo, que, era um tipo de vento estelar, conseguindo até mesmo, depois da passagem do fenômeno astronômico manter-se na mesma posição da órbita.

Entretanto, nem tudo na espaçonave, resistiu bem à passagem daquela emissão estelar, de partículas velozes e altamente energizadas.

Os cristais de Dilithium, foram totalmente comprometidos, não restando a estes mais, qualquer utilidade. A S.S.F. GALATRINA∞, numa eventual possibilidade, nada remota, de fuga, sem os cristais, não conseguiria acelerar na velocidade que seria capaz, em condições normais.

Ademais, também seriam prejudicadas, as operações de muitos equipamentos que não trabalhariam mais simultaneamente sem evitar excessivo consumo energético...

Felizmente, a camuflagem da espaçonave, ainda funcionava, mas, assim que resgatasse Durana daquela operação sem pé nem cabeça, o Capitão Fernando Zéca Corinthiano já previa uma série de problemas a serem superados...

A sorte que ajudou o não comprometimento da posição da sua nave, em órbita, foi que, o halo, também danificou, satélites, drones e equipamentos de vigilância klingons.

Agora, sabendo que de qualquer forma, enfrentaria até mesmo uma série de complicações, a espera até a eventual chamada de Durana seria tensa...

***

O medo atormentava Durana.

E, as motivações que justificavam tal sentimento, eram inúmeras:

Começando pelo fato de ter que abandonar seu amado Imperador.

Havia ainda a súbita e inexplicável paixão que agora sentia por ele, mas que não ocorria apenas como efeito colateral do uso da famosas “Pílulas de Vênus”.

Tal receio se fundamentava pelo fato de haver ainda, a possibilidade de ser desbaratada, a missão de espionagem, em que estava envolvida para a Agencia, fato que logo a rotularia como traidora, dando a qualquer klingon, autorização para matá-la.

Ademais, o lugar em que estava, por si só, já era um dos mais mal afamados da galáxia. Especialmente agora, em época de Festiva, onde boas e más ações terminavam sem julgamento, decididas pela força do momento, que concedia o “selo” do evento.

“Selo” este, consistente, no seguinte:

“O que acontece no Festival de Purificação Klingon de Kroulos, garante Direito até o próximo Festival, onde disputas poderão ser justiçadas novamente.”

Este selo, já avalizou até mesmo, deslocamento de forças titânicas que sustentam o poder do Trono Imperial.

E Durana estava agora, participando como protagonista, em equivalente e mortífera sucessão de acontecimentos. Nos aposentos imperiais do Hotel Flor Negra, ela deixou o Excelso Imperador repousando, enquanto, pelas gigantescas instalações do hotel, procurava por uma saída.

Nos andares da mega torre destinadas ao Serviço Imperial, não se percebia desordem alguma.

Ali, a situação estava tranquila, mesmo com os seguranças ainda abatidos pela bebida que Durana distribuíra.

Entretanto, assim que se afastou das dependências Imperiais, Durana já percebeu que, o clima do Festival da Purificação, em alguns lugares, tomava conta até mesmo dos corredores do hotel. Num deles, ela encontrou com um klingon, provavelmente hóspede, agredindo, sem qualquer constrangimento, duas empregadas do hotel.

Segurando uma garrafa de sangria visivelmente bêbado, o sujeito dirigia palavrões e injúrias contra as empregadas, que pareciam não saber o que fazer, afinal, estavam em tempos de Festival, em que, os motivos para as ocorrências, nem sempre precisavam ser justificados ou, pautados pela lógica.

As empregadas do hotel, tentavam fugir, mas, não conseguiam escapar, do agressor, que era grande, forte e pesado.

Durana chegou sem muita conversa.

Improvisou com um pedaço de ferro que havia por perto, e acertou diversos golpes na cabeça do infeliz agressor, que, nem teve tempo de saber o que ocorria.

A Imperatriz, nem se deu ao trabalho de atacar o klingon pela frente.

Atingiu-o pelas costas, já quebrando-lhe a cabeça, com o primeiro golpe.

Uma tática de combate, que poderia ser considerada desonrosa pelos canônicos klingons tradicionalistas, mas que, em tempos de festival de purificação klingon, especialmente em Kroulos IV, nada tinha de arbitrário.

Quem não quisesse ser vítima desta prática tradicional, que se preparasse, ou saísse de viagem para outro lugar, durante esta temporada.

As empregadas, caíram aos pés de Durana agradecendo-lhes, por praticamente ter lhes, salvo a vida.

-Quem és, ó senhora misericordiosa, a quem devemos nossas humildes vidas??

A estas alturas, Durana sabia que, certamente havia sido filmada pelos sistemas de segurança, e nada mais havia a esconder.

-Eu sou a IMPERATRIZ DURANA. Primeira defensora do Imperador e do Império Klingon.

“Recomendo a vocês, e a todas as guerreiras do Império, que aprendam artes marciais e os seus direitos, para que possam defender a si mesmas e aquilo que é Justo, Direito e defendido pela Lei Imperial.”

“Sigam esta lição, mesmo nos dias do Festival, pois, ele também serve para nos ensinar que, a vida, por mais valiosa que seja, em alguns momentos perde todo o seu significado, e, depois da morte, não se pode mais defender o maior valor dos klingons vivos, que é a liberdade. Aprendam a se defender, meninas!”

“Assim, vocês protegerão, o bem maior que a vida: nossa liberdade e o das futuras gerações!”

Durana terminou seu breve e improvisado discurso, ignorando até mesmo, de onde teria tirado aquelas palavras inspiradas e, saiu andando, impávida e colossal.

As pessoas até abriam-lhe passagem, não porquê acreditassem no seu genuíno título Imperial, já que, a maioria, ainda não sabia que o Império Klingon, agora também tinha uma Imperatriz, mas, por considerarem-na uma maluca perigosa.

***

Mais tarde, Durana, seguia a passos majestosos, em meio a um confuso festival de horrores nas estreitas passagens que cercavam o Hotel Flor Negra.

Naqueles lugares, distantes das avenidas por onde circulavam em alta velocidade, os veículos transportando figurões, a situação era amedrontadora e caótica.

Nestas vias estreitas e malcheirosas, emolduradas por caixas recicladoras repletas de corpos das vítimas dos dias do Festival, a Imperatriz-agente-secreta circulava, tentando

não demonstrar espanto diante de alguns espetáculos mórbidos que por ali se desenrolavam: Sem qualquer cerimonia, nas próprias calçadas, animais, alienígenas ou humanoides eram dissecados, torturados, e vendidos, como meros produtos, num mercado de pulgas.

Em alguns casos, seres ainda vivos, gritando e suplicando por sua existência, eram despedaçados enquanto, comerciantes inescrupulosos, vendiam as partes arrancadas, por míseros trocados, para serem saboreadas pelos transeuntes, que se satisfaziam, não só com a carne fresca da iguaria, mas também com a agonia de quem se via, literalmente, virando comida de rua.

Durana fazia um caminho diferente que a permitiria chegar à trilha de acesso às Cavernas do Dragão Vermelho.

Tentava não chamar a atenção, mas, mesmo para o padrão de fêmea klingon, era ela alta, de corpo escultural, e, sob os efeitos da pílula de Venus, até seu rosto estava belíssimo.

Pelo caminho, dois ou três desavisados, tentaram importuná-la, mas, acabaram todos, terminando suas existências como lixo jogado nas caixas recicladoras.

Durana bateu com vontade nestes espertalhões, que, só desperdiçaram o seu tempo. E finalmente então, após mais alguma caminhada, chegou ao lugar na trilha onde deixara as roupas especiais, que garantiram antes, proteção e segurança, até ali.

Vestiu-a para momentos depois, se espremer novamente, pela passagem onde deixara uma pedra mantendo-a aberta.

Assim que retornou ao interior das cavernas, que, naquele setor, tinha suas paredes iluminadas, Durana sacou seu disruptor.

Apontou na direção da pedra que mantinha a passagem aberta e disparou com um raio partindo de sua arma desintegrando o alvo, permitindo assim o fechamento a passagem até então aberta. Quem quisesse seguir Durana, agora teria de atravessar toneladas de rocha sólida.

Os problemas da agente do Serviço Secreto, no entanto, não estavam apenas na parte de fora das cavernas.

Durana virou-se para a direção que deveria seguir, e, deparou-se com dois conhecidos e esfomeados Tigres kroulosianos no seu caminho.

***

## AMARGO DESPERTAR

Kahless apareceu do meio de uma névoa branca e densa, dizendo:

-Agora que tens uma Imperatriz, aprenda a primeira lição do casado, que é válida para a maioria das raças desta, e de outras galáxias:

**“Esposas tem razão, até quando estão erradas.”**

A nevoa branca se adensou mais ainda, e foi soprada ao redor de Kahless, até que ELE e a névoa desaparecessem.

Após misterioso sumiço, finalmente, o Imperador despertou e olhou ao redor, tentando encontrar explicações, e, deu de cara com o rosto de Durana.

Ela repetia com voz suave:

-Ouça o Alto Conselho...

Em seguida, suas feições mudavam.

Perdiam aquela beleza encantadora, mas, ganhavam ares de uma autêntica e tradicional guerreira klingon.

O Imperador imaginava que, ambas, de algum modo, eram a mesma pessoa, mas,

não entendia como...

As palavras de Durana ainda ribombavam pelo seu cérebro:

-Ouça o Alto Conselho..

O Imperador estava verdadeiramente apaixonado por ela. Enfeitiçado. Hipnotizado...

O rosto de Durana ia mudando da versão beldade para a guerreira, deixando o Imperador, abobalhado com a beleza de sua esposa: a Imperatriz!.

De-repente, o rosto dela se desvaneceu, transformando-se no de um klingon MACHO. Um klingon que, como todos os outros machos, era horroroso!

Estava quase colado ao Imperador. Na verdade, na mesma cama que a do soberano!

Mas não havia o que temer...Era o seu médico sentado à beira do colchão.

-Mas, o que é isso? - Indagou o Imperador, perturbado, com a intromissão no seu sossego.

-Me perdoe, Soberano... - Disse o Médico. - Fui aqui chamado porque, sua Majestade Imperial encontra-se em estado de repouso meditativo a mais de quinze horas, sendo que, seu período de sono, na maioria dos dias, não passa de cinco horas seguidas.

O Imperador olhou para a cara feia do seu médico klingon. Definitivamente, não era a melhor coisa para se ver, depois de um lindo sonho com a amada.

Um dos serviçais imperiais aproximou-se do Imperador com um copo, cheio de substância borbulhante amarela. O Imperador o pegou e bebeu, numa só virada.

Depois de ingerir aquilo, até lágrimas saíram dos seus olhos...

-Não me recordo de ter recomendado nada do gênero ao meu soberano... - Disse o médico klingon.

O Imperador se recompôs do sobressalto diante da cara horrorosa do médico klingon, logo após um sonho com sua amada Imperatriz.

Mais recuperado, sua voz ribombou como trovões furiosos:

-DURANA! Onde está Durana?

Silencio!

Ninguém disse nada.

-DURANA! - Gritou novamente o Imperador.

A estas alturas, quem apareceu nos aposentos imperiais, foi o Marechal Pôpe Kórne, braço direito do Imperador:

-Que passa, Majestade Imperial?

-Onde Ela está? A minha Imperatriz??

O Marechal ficou com cara de interrogação:

Não sabia que o seu soberano tinha uma Imperatriz...

O Imperador olhou para a expressão facial de dúvida no mais alto servidor da corte e, mostrou-lhe o seu tablet, onde estavam os dados da Imperatriz.

Assim que a viu, o aturdido Pôpe Kórne, compreendeu a razão da apreensão do soberano.

-Ela é linda...

-É muito mais que isso. Ela salvou minha vida. - Disse o Imperador sem esconder sua exaltação e apontando com o polegar, para o próprio peito.

-Agora eu entendo. - Disse o médico imperial klingon. - Então é por isso, que, analisando o histórico do seu marca-passo, apareceu um registro de parada que, depois, voltou ao funcionamento normal.

-A Imperatriz o colocou para funcionar novamente. - Esclareceu o Imperador.

O médico, entretanto, estava visivelmente surpreso, e logo explicou porquê:

-Este marcapasso, é realmente, um equipamento extraordinário. É quase impossível que falhe, ou apresente defeito.

-Bom, meu caro Doutor. - Retrucou o Imperador sem reprimir seu mau humor. - No meu caso, apresentou defeito, até porquê o evento astronômico que o afetou, assim como, quase tudo em torno da estrela de Kroulos, conseguiu desligá-lo.

-Não duvido, meu Imperador. - Concordou o médico klingon. - Mesmo assim, para reativar um destes dispositivos inoperantes, é necessária carga muito concentrada de energia para religar novamente o marca-passo. É um feito extraordinário...”

-Doutor! A Imperatriz conseguiu! E não me pergunte como. - Disse o Imperador.

-Ela te deixou mesmo com o sangue fervendo, para Vossa Majestade Imperial dar a ela prerrogativas imperiais da mais alta segurança. - Disse o Marechal.

-Concordo contigo. - Disse o Imperador, num tom de voz mais brando. - Durana realmente mexeu comigo.

Enquanto isso, manipulando o seu próprio tablet, o Marechal Korne logo mostrou progressos ao seu soberano:

-Ela saiu do setor imperial do hotel...

A expressão do Marechal foi então tomada por visível assombro:

-Veja isso! Ela está arrebentando com um valentão que agredia duas empregadas do hotel.

Sem cerimônia, o Imperador tomou o tablet das mãos do Marechal, viu a cena, e deu um sorriso:

-Como luta bem! Posso garantir que cada pancada dela, deve estar quebrando algum osso do infeliz.

-Ela te ameaçou enquanto esteve aqui? - Indagou o Marechal. - Por-que teria saído?

-Claro que não me ameaçou! O que te faz pensar em tal disparate?

-A presença do médico aqui. Não imaginei que tua saúde tivesse algum problema...

O Imperador saiu da cama e foi para o banheiro se aliviar.

-Não tenho problema algum, Marechal. Minha saúde está excelente. Sinto-me melhor agora do que em qualquer outro período da minha vida. O médico está aqui porque me foi imposto, pelas mãos que dirigem, produzem e garantem esta grande produção teatral. Aliás: obrigado, Doutor. Tranquilize-se e volte ao seu posto, pois estou bem.

O médico klingon fez uma reverencia e afastou-se enquanto o Marechal, mostrava ao Imperador, outras lutas de Durana, que as câmeras de segurança haviam registrado...

-Ela bate realmente forte, Majestade! Vou mandar uma equipe de segurança trazê-la para cá.

-Traga-a de volta para cá, mas não esqueça:

“Durana é a Imperatriz Klingon, propriedade e Soberana do Império, ninguém deve tocá-la.”

O Marechal Pope despachou as ordens através do seu tablet.

-Majestade Imperial! - Disse ele. - Queria aproveitar a oportunidade, para tratar também de outro assunto que é o planejamento da guerra contra a Federação.

“Preciso da sua autorização para...”

-Agora não Marechal!!! Vamos retardar este assunto, pois quero consultar o Alto Conselho Klingon, antes de qualquer coisa...

-Alto Conselho Klingon? - Indagou o Marechal visivelmente surpreso. - Não vai parecer meio contraditória esta ação, se comparada com a nossa posição de ignorá-los?

-Tem razão, Marechal, mas agora as nossas posições mudaram.

“Agora sou Imperador e vejo muitas forças a serem equilibradas, que antes eu não tinha noção.”

Enquanto, este diálogo se desenrolava, o médico klingon, saiu do aposento imperial, dirigindo-se a passos largos, para um cômodo que utilizava como consultório.

Ali, acionou um monitor que havia sobre a sua mesa.

Alguns instantes se passaram, a tela se acendeu, e, nela, apareceu o rosto do Almirante Fakces.

-Aconteceu algo estranho. - Informou o Doutor. - O Imperador agora arranjou uma Imperatriz e deu-lhe acesso irrestrito a material sigiloso.

-Imperatriz? - Indagou Fakces com semblante visivelmente assombrado.

-Mas como?!?! Nós o colocamos no poder a poucos dias e a primeira coisa que ele me faz é arrumar uma Imperatriz????”

-Não parece ser uma pessoa qualquer, Almirante. Ela é talentosa. Talvez controle poderes e energias antigas, conhecidas e manipuladas apenas, por temíveis feiticeiras.

-De onde saiu ela?

-Não sei, mas parece ter mexido muito com a cabeça do Imperador. Quando indagado pelo Marechal Pope a respeito dos preparativos para a guerra contra Federação, o Imperador disse que iria se consultar com o Alto Conselho Klingon...

-O quê????

Até através do monitor, via-se que o Almirante ficou vermelho como um pimentão.

-O Imperador está louco? A última coisa que a Ordem quer, é que ele mantenha conversações com o Alto Conselho Klingon.

-Pois é assim que as coisas estão indo, Almirante.

-Fique de olho, Doutor. - Ordenou Fakces. - Procure saber quem é a tal Imperatriz para eliminarmos essa carta do jogo.

-Ela não está no Setor Imperial do Hotel. - Disse o Doutor. - O Imperador já mandou o Marechal trazê-la de volta.

-Eu tenho acesso à rede Imperial Klingon de dados. - Disse Fakces. - Vou colher as informações disponíveis e mandar meu pessoal atrás dela.

“Essa Imperatriz pode até ser espiã de Romulus, ou, da Federação.”

“Não aposto tanto no Serviço Secreto da Federação, já que, o Diretor Sonny Blue não é tão dado a planos sutis. O negócio dele é sair arrebentando com tudo”

“Isso me parece algum ardil Romulano! De qualquer forma, Doutor. Fique de olho! Se tivermos que remover outro Imperador Klingon do trono, a mão que fará o serviço, mais uma vez, será a sua.”

***

## PASSEIO PELAS CAVERNAS

Durana tinha diante de si, dois tigres kroulosianos gigantescos, cujas jubas brilhavam no escuro e seus olhos vermelhos, daqueles felinos perigosíssimos, lhe encaravam.

A silenciosa “admiração” era mútua esperando qualquer coisa para determinar a próxima ação.

Sem perda de tempo, Durana tirou de dentro da mochila, um chicote, que havia enrolado, esperando para ser utilizado, em ocasiões especiais. Era elétrico, e, assim que acionado, emitiu um brilho vermelho.

Se alguma fera, se arriscasse contra Durana, levaria chibatadas eletrizantes.

A expressão no rosto da agente do E.Y.E., era clara, e demonstrava destemor diante do perigo mortal. Chegava mesmo, a ser uma beleza demoníaca revelando que se necessário, muito mal poderia ser feito para garantir a sua autodefesa.

De qualquer modo, os tigres não se impressionaram com Durana, ou, com o perigoso instrumento, que ela tinha em mãos

Por força da fome que os atormentava atacá-la-iam de qualquer jeito, pois seus cérebros eram incapazes de avaliar o perigo diante de si.

Mas, surpreenderam-se quando avançaram, sobre aquela que esperavam, ser, apenas, outra refeição casual. Assim como Durana ...

Os efeitos principais das pílulas de Vênus, que, ela havia tomado, cessaram.

De um instante para outro, Durana metamorfoseou-se daquela feição linda e maravilhosa, que a havia feito Imperatriz, para o seu rosto verdadeiro de guerreira, trabalhadora e sofredora. E os tigres kroulosianos assistiram a esta transformação.

Seus olhos vermelhos se arregalaram, demonstrando espanto.

Como gatos assustados, saíram correndo e rugindo sem rumo.

Demorou, mas, finalmente tomaram a melhor decisão, não só por si próprios, bem como, por Durana, que estava bastante cansada. Quase exausta. Mesmo assim, avançou altiva pelas escadarias entre as cavernas, iluminadas por misteriosas luzes coloridas.

Logo seguiu por uma área com grandes colunas e edificações entalhadas nas paredes da própria caverna. Nalguns trechos da caminhada via pequenos cursos de água, cercando as construções, mais adiante se unindo num caudaloso rio subterrâneo;

Antes de chegar a este ponto, entretanto, Durana deparou-se com o tigre Kroulosiano, que deixara padecendo semimorto, antes de ir ao Hotel. Deitado, ele esperava a morte chegar, para alimentar, com seu próprio corpo, à cadeia universal alimentar.

Assim que silenciassem, os eventuais chiados no peito, alguns rosnados roucos e lamentos, seria apenas uma carcaça morta para o tempo esquecer.

Foi então que Durana deu-lhe algo mais do que atenção, para eventualmente atenuar a chegada da morte.

Sacou de sua mochila um cilindro do tamanho de uma grande seringa de injeção, com seis centímetros de diâmetro, e, espetou uma de suas extremidades, na cabeça da fera. Era um hipospray de saúde regenerador celular, que melhorava as condições físicas e mentais de quem recebesse a aplicação de uma dose sua.

O instrumento fez um chiado curto, assim que foi usado.

Mal passaram alguns segundos, o tigre começou a se espreguiçar e estralar todo seu corpo. Logo ficou de pé e se afastou rapidamente abrindo passagem.

A agente do Serviço Secreto guardou a hypo usada na sua mochila e pegou outra, que aplicou em si mesma.

Alguns instantes passaram, mas, os efeitos da medicação pareceram quase irrelevantes... Talvez porquê, Durana estivesse ainda, muito cansada, com tantos acontecimentos. De qualquer modo, bem ou mal, teria de seguir caminho. E assim o fez.

Avançou pela escadaria de pedra, olhando as construções entalhadas nas cavernas e iluminadas pelas misteriosas luzes coloridas.

As gigantescas colunas e os pisos brilhantes por onde seguia eram impressionantes, mas, sua caminhada começou a afastá-la daqueles lugares bem iluminados, conduzindo-a para uma trilha escura e mal iluminada que a levava a um curso de água, que seguia em direção às trevas e escuridão. Para mergulhar alí, Durana estava preparada.

Acionou a visão noturna do capacete de sua roupa, vedou-a completamente e entrou na água fria. Percebeu um pouco a temperatura do rio o que, não era bom sinal.

Provavelmente, a roupa de proteção já sofrera muitos desgastes, e, estava perdendo sua eficiência.

Alguns metros mais adiante no curso do seu caminho, Durana deparou-se com águas mais rapidas, que, só aumentaram seu sofrimento.

A toda velocidade, então, a guerreira klingon, foi jogada como uma boneca de trapo, pela correnteza subterrânea, sendo que por diversas vezes, seu corpo foi lançado contra rochas e todo tipo de obstáculo. De qualquer forma, mesmo inconsciente, depois de tomar tantas pancadas, a sorte lhe manteve dentro da rota, mas não livre de ameaças ou perigos.

***

No meio da correnteza escura e gelada, Durana era violentamente arremessada, enquanto alucinava, graças ao cansaço e as pancadas que levava por todo o corpo.

Na sua mente, tinha visões lisérgicas coloridas e cheias de formas estranhas.

Se a situação continuasse assim, ela sucumbiria ao cansaço ou à insanidade.

Felizmente não continuou. Algo a tirou deste marasmo de cores brilhantes e geladas.

Uma mordida que quase lhe quebrou o braço.

Estava sendo atacada por um cardume de peixes, com quase um metro de cumprimento cada, e, de mordida, proporcionalmente, tão destrutiva ou dilacerante, quanto a de um tubarão. Ainda assim, a roupa de proteção, que, apesar de estar ineficiente quanto à variações térmicas muito extremas, conseguiu amortecer a mordida.

Durana aproveitou o violento movimento das águas ao qual estava submetida, e, esticou o braço mordido, quando passava perto de uma pedra.

O peixe acabou sendo atingido, imediatamente aliviando a mordida a que Durana era submetida, e foi afastado da agente, pelas correntezas.

Outros companheiros do mesmo cardume, ao qual pertencia o agressor, tentaram investir contra a guerreira klingon, que, mesmo nas águas, se esquivou e respondeu aos ataques, agora, com uma faca em punho.

Assim que dois ou três foram atingidos com cortes precisos, o cardume, investiu contra os próprios feridos e os devorou, sem qualquer consideração, ou preocupação de companheirismo.

Durana seguiu seu curso, sendo espancada pela correnteza, e pelas rochas.

Pelo menos, sabia que, aos trancos e barrancos, estava no caminho certo.

***

Depois e resistir aos peixes que a atacaram, Durana se desviou da corredeira principal, para um curso de água menor, que a conduziu, até uma trilha por onde chegaria ao mesmo acesso pelo qual, antes, entrou as Cavernas do Dragão Vermelho.

Com o corpo completamente dolorido, e, miraculosamente, sem nenhuma fratura, Durana seguiu avançou cambaleante. A dose que tomara do hypo-regenerador celular, não foi suficiente para aliviar sua imensa fadiga, mesmo assim, ela não esmoreceu.

E como não bastassem os tormentos que já tivera que suportar, pouco metros antes da saída do sistema de cavernas, Durana deparou-se com vários crocodilos grandes, preguiçosamente relaxando, pelo seu estreito caminho. Eram dezenas!

Mesmo assim, a agente do E.Y.E, não se acovardou diante do perigo mortal.

Mas estava muito cansada. Cansada demais. E sem paciência!

Sacou um disruptor da bolsa, engatilhou-o...

Sacou, outro disruptor e também o engatilhou.

Durana respirou fundo, sem demonstrar medo, ou, desrespeito pelos oponentes.

Decidida Avançou rápida até a saída andando pelas costas dos monstrengos sem que estes tivessem tempo de reagir e nem precisou atirar.

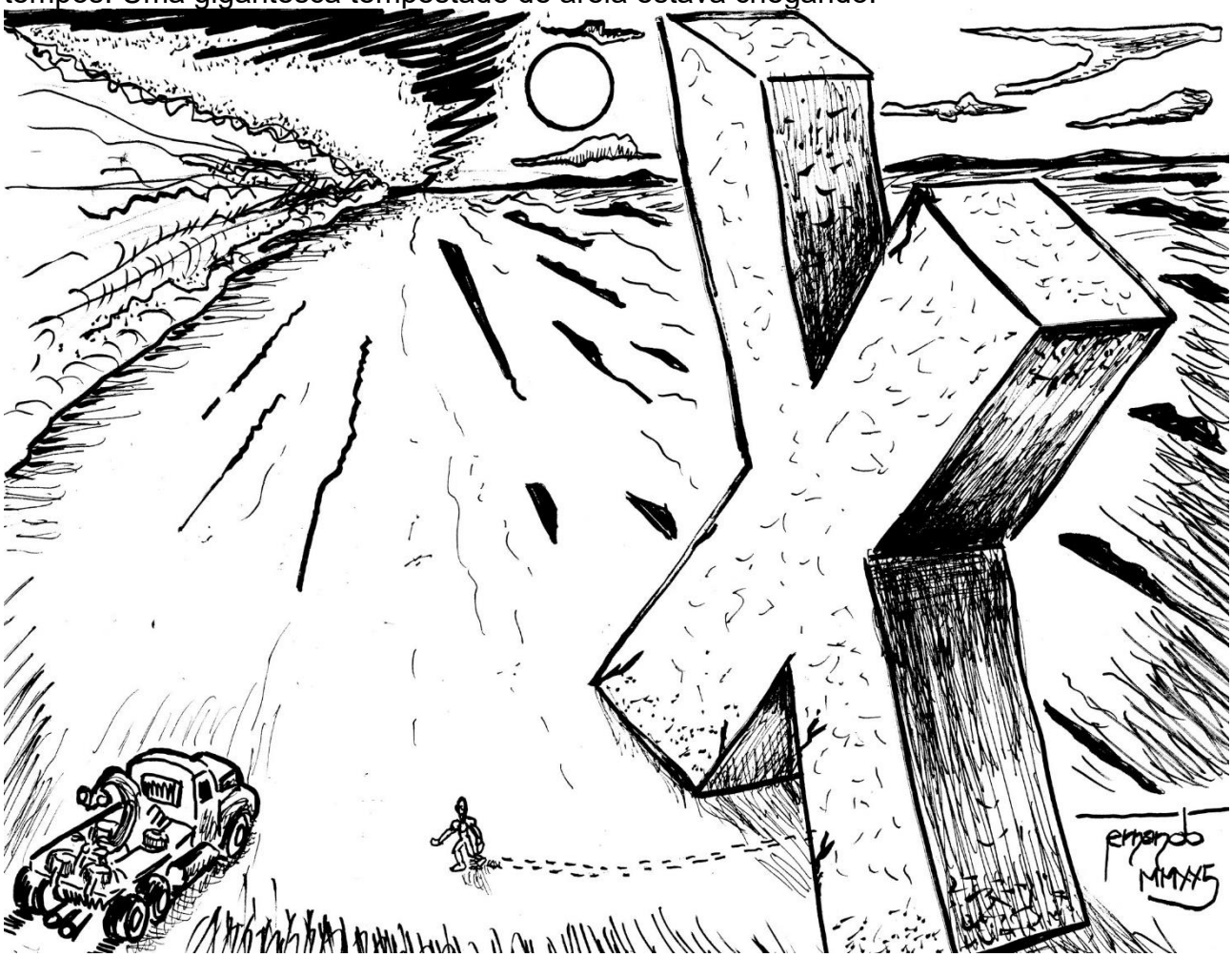
Livre destes problemas lá fora, a natureza implacável, talvez não seria tão clemente.

Durana não precisou sair da caverna para sentir o hálito quente do deserto onde enfrentaria  calor escaldante e abrasador.

O veículo que usara para chegar até ali estava no mesmo lugar intocado.

A agente do E.Y.E., foi até este, e mesmo com o calor em seu interior entrou.

Felizmente, havia ali, um aparelho de ar-condicionado funcionando, então, um problema, ao menos, logo seria minimizado. Entretanto, o horizonte não prenunciava bons tempos: Uma gigantesca tempestade de areia estava chegando.




***

## CORRIDINHA PELAS AREIAS ESCALDANTES PARA ALIVIAR O CALORÃO

Durana ligou o veículo, em seguida, acelerou-o com tudo pelas dunas do deserto.

Dali, qualquer que fosse a direção escolhida, pelo navegador/piloto robotizado, acabaria se deparando com uma parede de areia e vento quente: a TEMPESTADE.

E foi o que aconteceu. Sob o cerco desta tormenta, o calor aumentou e a visibilidade diminuiu completamente.

Mesmo com o ar-condicionado, trabalhando em potência máxima, no interior da cabine, a situação era incomoda.

A agente do E.Y.E., sabia que, se ficasse fora do veículo, apenas alguns minutos, o traje de proteção se despedaçaria completamente, pois, sua integridade já estava comprometida, desde o emocionante passeio que fizera pelos rios subterrâneos da Caverna do Dragão Vermelho.

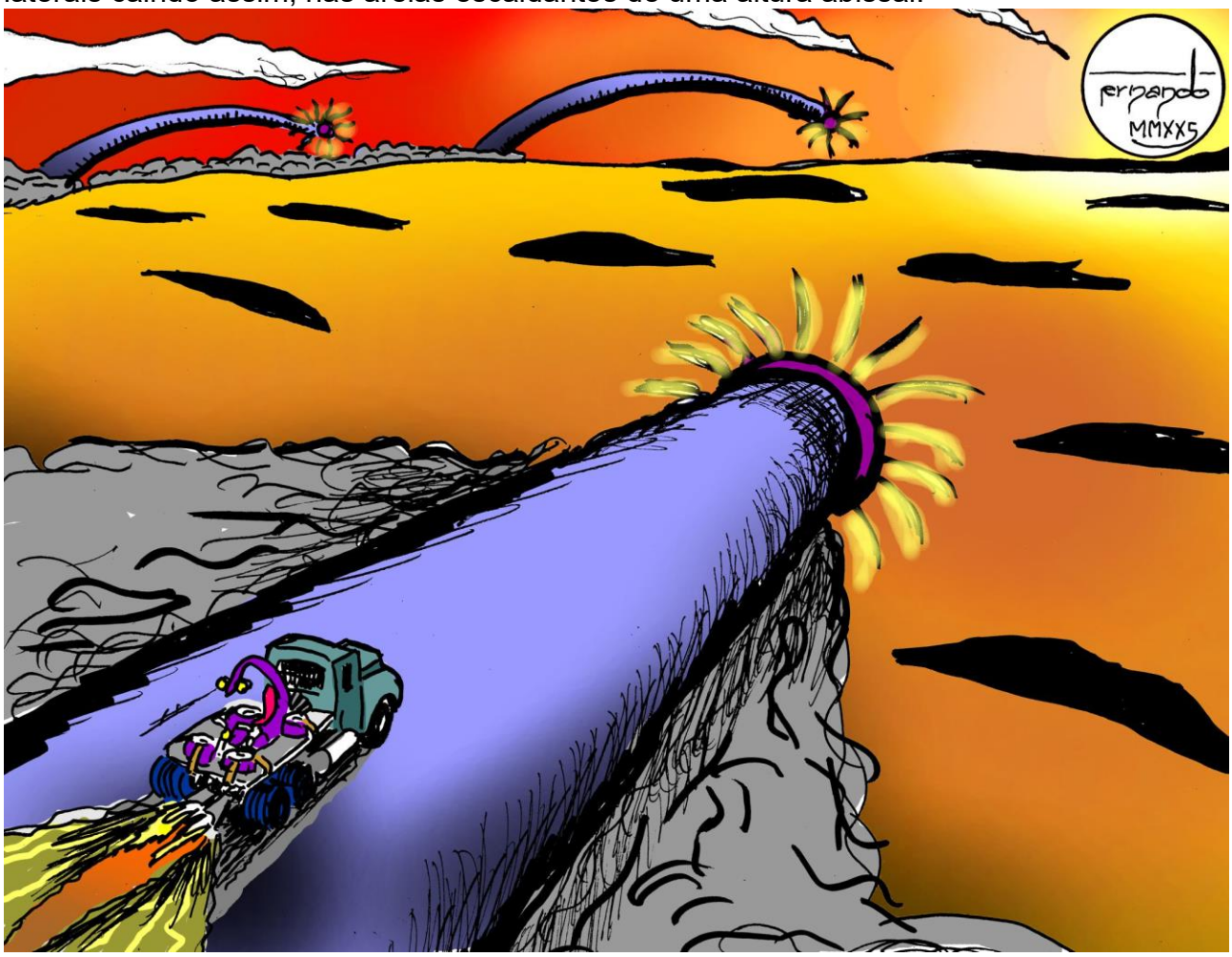
De qualquer forma, seguiria a direção indicada pelo mapa computadorizado.

Com os ventos de areia não permitindo que se enxergasse, um palmo adiante do para-brisas, a única referência que Durana tinha do caminho era através do monitor de sonar em que o solo aparecia desenhado com linhas obtidas das leituras dos sensores.

Naquelas condições climáticas, o veículo ia se conduzindo através do piloto automático computadorizado orientando-se, por meio de sensores, assim Durana teria de ser paciente, lutar contra o sono causado pelo cansaço, monitorando o final do lento avanço do veículo até o lugar onde poderia ser teletransportada para a espaçonave, em segurança.

E justamente tomou um susto, mesmo quando estava atenta a tudo, de-repente a visibilidade melhorou e ela percebeu que, incrivelmente, sabe-se lá como, o veículo andava lentamente sobre uma gigantesca superfície cilindrica.

Os pneus especiais grudavam-se naquela coisa evitando que deslizasse para as laterais caindo assim, nas areias escaldantes de uma altura abissal.




Horrorizada, Durania percebeu que o piloto automático havia levado o veículo para o lombo de um colossal verme do deserto que se deslocava velozmente pelas dunas do local apoiado sobre um colchão ar criado pelos poros na sua parte inferior.

Qualquer movimento em falso, ou desgaste dos pneus, e o veículo onde ela estava, poderia deslizar com amplas probabilidades até de ser esmagado, por um colosso com mais de 3 quilômetros de cumprimento e cento e cinquenta metros de altura.

Aos poucos, Durana acalmou-se, pois, a criatura movia-se tranquila e sem causar solavancos que ameaçassem sua segurança, casualmente seguindo exatamente na direção para a qual pretendia ir.

Assim, com o horizonte visual mais limpo, ela então percebeu que a criatura, sobre cujas costas encontrava o seu veículo, não era o único gigante pelas imediações.

Haviam mais, e Durania estava em meio a uma manada destes seres colossais avançando justamente para a mesma direção que pretendia também seguir.

“Quando o vento sopra a favor, o marinheiro não reclama.” - Lembrou Durana de um velho ditado que aprendera em algum lugar.

Naquela situação, sem ter controle total sobre o próprio destino para o qual seguia, lembrou-se de quando teve um ex-namorado, que também a deixava petrificada ao sair no carro com ele dirigindo. O sujeitinho pilotava que nem louco, a toda velocidade, o que, praticamente a deixava sem ação...

A sensação de vertigem e impotência com a pilotagem automática do seu veículo, no lombo de um verme gigante, era idêntica, à que sentia passeando no carro do ex-namorado. De qualquer modo, no meio da insólita situação, nem tudo era desesperador.

Naquela posição privilegiada, das alturas, onde percebia melhor tudo o que ocorria, viu as tempestades se dissipando no horizonte, tornando o cenário mais nítido.

Alguns minutos depois, aquelas criaturas colossais, começaram a mergulhar suavemente em meio às areias e, neste momento o piloto-automático, conduziu sem qualquer solavanco o veículo para a superfície das dunas de areia, separando-se da colossal criatura, que se juntou às outras na manada, seguindo seus próprios caminhos.

Não demorou muito para que o veículo chegasse a uma pista de asfalto, por onde seguiu mais tempo, até chegar ao local onde antes fora teletransportada.

Muito mal conseguindo se manter de pé, saiu da cabine do veículo, e, subiu para a caçamba deste, onde se encontrava a moto usada anteriormente.

Sentou-se nela, e acionou o comunicador instalado no painel.

Uma luz verde se acendeu; a frequência de saudação estava estabelecida.

Com dificuldade, e, extremo cansaço, ela ainda conseguiu dizer:

- S.S.F. GALATRINA ∞! Aqui é Durana! Estou pronta para subir.

Completamente esgotada e, quase incapaz de se manter em pé ela aguardou o teletransporte como se, cada segundo de demora, durasse uma verdadeira eternidade...

***

## MAIS INTRIGAS PALACIANAS...

Da ante-sala do Gabinete Imperial de Segurança, sentado na poltrona, lendo uma revista como quem não quer nada, o médico pessoal do soberano klingon, posicionou a cabeça de modo a escutar maiores detalhes do que quer que seu paciente estivesse conversando.

No Gabinete Imperial, além do Soberano Klingon, estava também empenhado na busca pela Imperatriz, o Marechal Pope, o guerreiro mais leal e experiente, que já servia diretamente ao Imperador, antes mesmo deste assumir o trono.

-Não temos pistas dela, Majestade. As câmeras de segurança têm registro de Durana chegando até as trilhas, saindo das praias, e indo até as montanhas rochosas. Depois disso, não conseguimos qualquer evidência que nos indique o paradeiro dela.”

“A região, agora está sendo vigiada por drones e satélites, mesmo assim, não conseguimo localizá-la.”

O Imperador soltou um pigarro, como se fosse uma manifestação de satisfação.

Estava claro que, para ele, o fato de Durana ser uma habilidosa guerreira, capaz de esconder com eficiência sua movimentação, o deixava bastante satisfeito...

Mesmo assim, o Imperador a queria...

-Marechal Pope Korne! Estamos juntos lutando nos campos de batalha há muito tempo. Nosso destino foi traçado pelos resultados nos combates que sobrevivemos.”

“Você me entende, é o meu mais leal guerreiro, e conhece minha filosofia de luta, que é baseada em treinamento e compreensão do cenário de batalha e seus envolvidos.”

“Sua formação é diferenciada, tendo até parcialmente se educado no sistema solar, junto aos humanos, então, acima de todos, o seu entendimento sobre as diversas

combinações e diversas possibilidades é maior do que o dos klingons médios.”

“Você, Marechal Pope Korne, acima de todos, vai compreender, que, Durana me proporcionou uma experiência extraordinária, e visão superior de tudo...”

“Não foi apenas o brutal e autêntico sexo klingon.”

“Através dos momentos que tive com ela, consegui falar com Kahless e ele me abriu os olhos no sentido de haverem outros caminhos para a vitória, além da violência, perfídia e guerra...”

-Meu Imperador! Vossa Majestade falou com Kahless? - Indagou o Marechal com olhos arregalados.

De fora do Gabinete Imperial, o Doutor se contorcia, e disfarçava, para escutar o máximo possível...

-Sim, Pope... Pode parecer loucura, mas eu o encontrei...

O Imperador fez uma pausa solene, e continuou.

-Kahelss é inesquecível, não só, por ser o mais poderoso senhor da guerra, mas, também, por suas diversas facetas, e, foi através de uma delas, que aprendi, diretamente com ele, que o Império Klingon talvez aumente seus domínios, conquistando mais espaço, fazendo alianças, ao invés da guerra. Eu mudei Pope!!!

O Marechal Pope ficou pensativo em silencio até dizer:

-Mas o Império está pronto e aguardando sua declaração de guerra contra a Federação dos Planetas Unidos, Majestade Imperial. Esta sua nova forma de ver as coisas muda tudo...”

-Eu sei, Pope, e, é por isso, que devemos consultar o Alto Conselho.

-É uma mudança e tanto nos ânimos, Majestade.

“Nossa posição até o momento, têm sido de oposição total ao Alto Conselho Klingon.”

-Sim, Marechal. Eu concordo, mas...

“Enxergando as coisas do trono, tenho um ângulo de visão diferente... Acho que...”

-Perdão Majestade. - Interrompeu um auxiliar do Marechal, que, fazendo continência enfiou-se entre os dois. - Nossos sistemas de escuta, rastrearam uma chamada de Durana.

“Pelas coordenadas, do sistema de posicionamento global, esta provém de algum lugar do zona do deserto... Nossos drones e câmeras de satélites, estão levantando uma imagem do local. Veja: está chegando.”

Uma janela tridimensional, se abriu e foi projetada, a partir do tablet, bem adiante do Marechal e do Imperador.

Ali, se via uma fêmea klingon, alta, de corpo parecido com o de Durana.

Ela estava montada numa moto voadora, colocada na caçamba de um veículo OFF-ROAD. Parecia dizer alguma coisa no painel sobre o guidão da moto...

A imagem, aos poucos, se estabilizando, até que, de-repente, o flash característico da ação de um teletransporte, envolveu a pessoa da imagem na moto quee depois desapareceu, só restando, no local, o veículo OFF-ROAD, agora sem sua carga...

Diante daquele sumiço, o Imperador perdeu a fleuma:

-Marechal Pope. Vá atrás dela. Eu preciso da Imperatriz para governar.”

“Ademais, quer queira quer não, ela já é propriedade do Império Klingon, até o fim de própria vida. Traga-a urgentemente para cá.”

Quem também não perdeu tempo ao ouvir esta ordem foi o médico do Imperador, que, fingindo ter esquecido algo, saiu da antessala do Gabinete, e foi até o seu consultório, onde, imediatamente, entrou em contato com o Almirante Fakces, a quem fez um relato:

-O Imperador, não parece muito inclinado, a entrar imediatamente em guerra, contra a Federação. Ele diz, que pretende até conferenciar com o Alto Conselho Klingon, para encontrar objetivos que sejam comuns aos da Federação.”

Do outro lado da ligação, o Almirante Fakces mostrava uma imagem lívida:

O médico fofoqueiro, por sua vez, continuava dando a letra:

-O Imperador agora está atrás da feiticeira, que ele chama de Imperatriz.

“Mandou o Marechal trazê-la para cá, o quanto antes.”

-Pelo que você está dizendo... - Concluía Fakces, com ar pensativo. - Esta “feiticeira” conseguiu mesmo fazer a cabeça do Imperador...

-Certamente! - Concordou o médico.

-Então vou mobilizar gente minha, para também participar da caçada! Tendo ela em nossas mãos, o Imperador dançará, sem reclamar, as músicas que a Velha Ordem Universal tocar.

***

Na plataforma de teletransporte da S.S.F. GALATRINA∞, materializou-se Durana ainda montada na moto.

A guerreira klingon, em seguida, desfaleceu.

Antes que caísse ou, se machucasse, foi imediatamente acudida pelo Capitão Fernando Zéca Corinthiano, que percebendo a gravidade da situação e, mesmo sendo pequeno carregou-a em seus braços (fumando o típico cigarro ilegal) até o leito médico automatizado da nave.

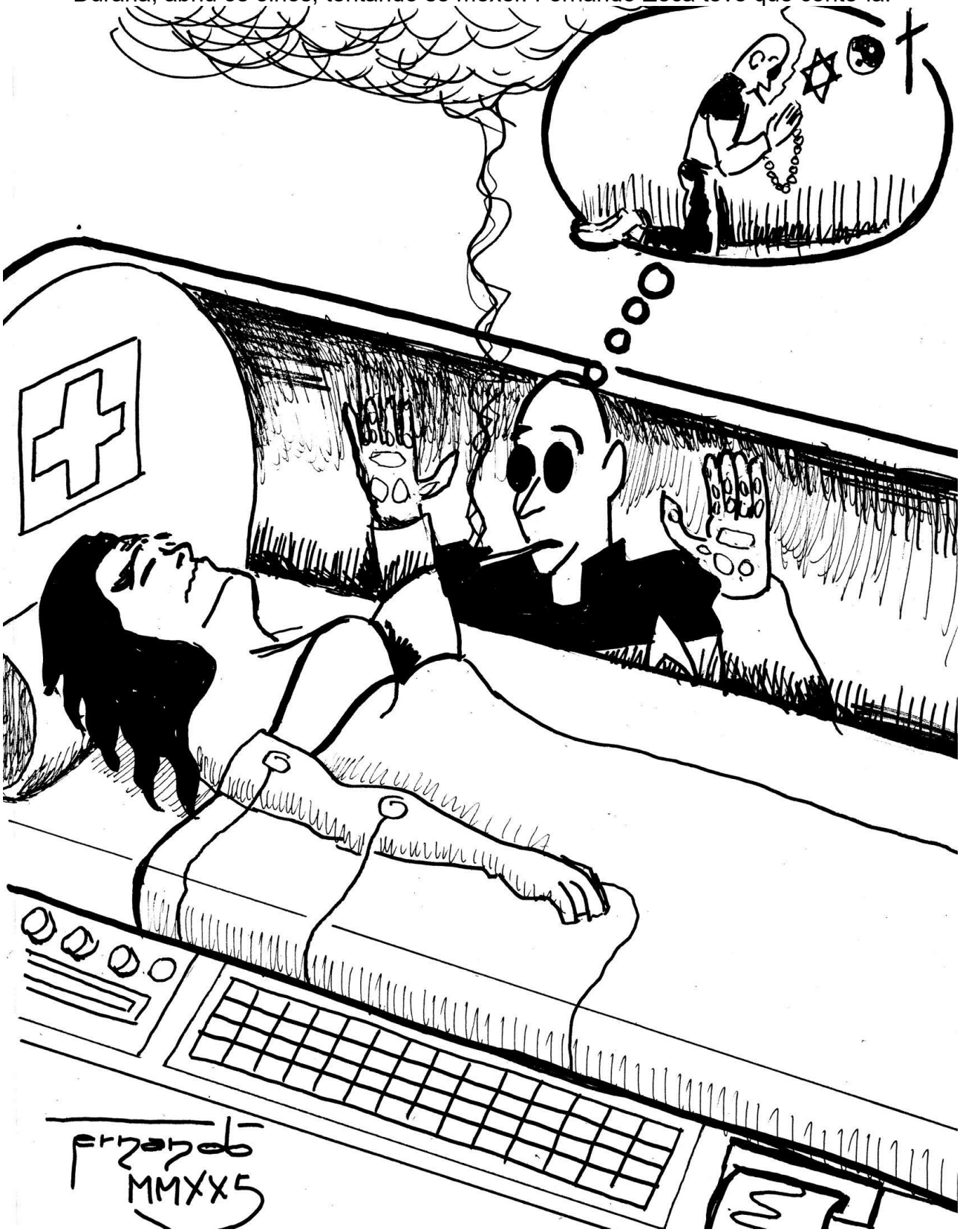
Ali, arrancou toda a roupa dela, revelando o corpo maravilhoso de Durana, que, infelizmente, estava quase todo marcado com pancadas, arranhões e queimaduras.

-A coitadinha mal consegue se mexer. – Pensou o preocupado Capitão.

Deitou-a cuidadosamente e, das laterais do leito, saíram através de pequenas aberturas, diversos acessórios e, instrumentos médicos, que se auto conectaram a ela.

Fernando Zéca cobriu-a então, dos pés até o pescoço, com um lençol térmico.

Durana, abriu os olhos, tentando se mexer. Fernando Zéca teve que contê-la.



-Fique tranquila Durana. Você agora tem que descansar. Já está a bordo da S.S.F. GALATRINA∞. Relaxe, seu trabalho terminou e agora começa o meu.

Durana contorceu o rosto numa careta ainda mais feia, mal conseguindo falar:

-O trabalho não terminou, Capitão. Eu falhei. A minha missão, foi um fracasso."

"Tive a oportunidade! Embebedei o Imperador, passei no corpo dele, ervas afrodisíacas que deveriam submeter a vontade dele à minha, mas, fui fraca, vacilei, e não consegui demovê-lo em favor da Federação. Acabei fugindo para não ser descoberta e responderei ao Sonny pela minha falha."

Durana contorceu-se de dor e desmaiou de vez.

Uma tampa transparente deslizou da lateral do leito, isolando a paciente, do ambiente ao redor.

Fernando Zéca pensou em terminar a missão de Durana, à velha moda do Sonny Blue, com um violento ataque, ao hotel onde o Imperador estava hospedado.

Logicamente, como todo típico plano ao estilo do Diretor, seria uma operação cheia de mortos, feridos que, posteriormente exigiria páginas relatórios a serem preenchidos.

Nada que amedrontasse o Capitão, entretanto, a camuflagem da sua espaçonave estava comprometida.

Graças ao halo astronômico que passou pela nave, diversos dispositivos nela, tiveram funcionamento comprometido, dentre estes, o sistema de camuflagem, que agora, se desligava, quando, o teletransporte era acionado, ou ainda, com o funcionamento do leito médico, onde Durana era sendo tratada. E os problemas não se concentravam aí.

Todos os cristais de Dilitium a bordo, foram inutilizados depois da inesperada ocorrência prejudicando a capacidade de deslocamento rápido da espaçonave.

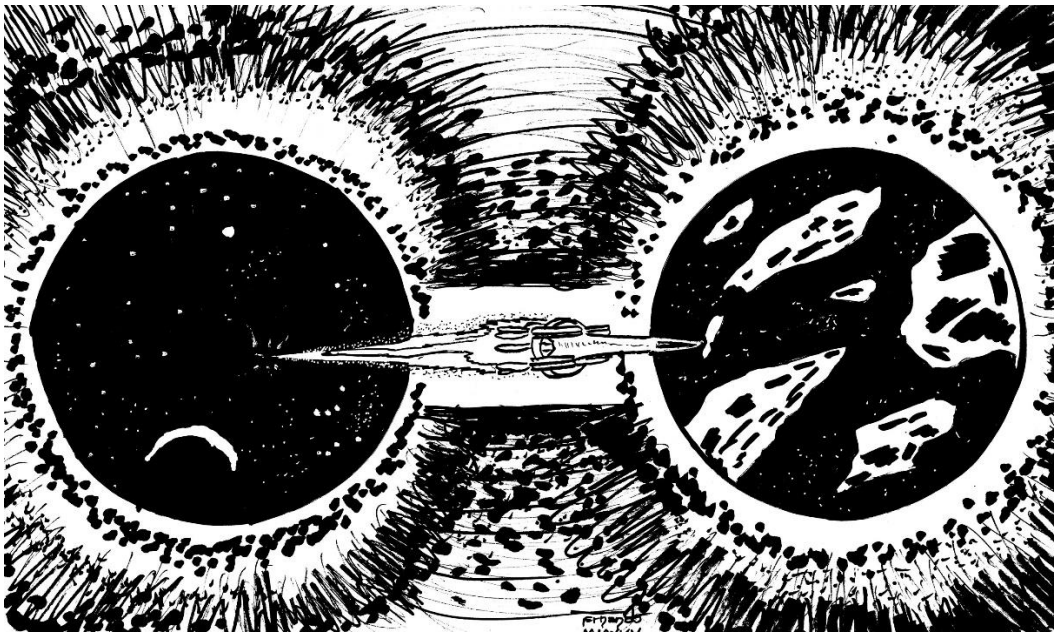
Sem mobilidade mínima suficiente, para realizar, em segurança, ataques contra uma área pesadamente protegida, a S.S.F. GALATRINA∞ não poderia se expor às vistas, de qualquer observador atento ao firmamento de Kroulos 4. Assim como estava a espaçonave logo seria localizada e interceptada.

O Capitão Fernando Zéca Corinthiano não precisou pensar muito para chegar à conclusão que, tinha de sair dali, mesmo com a missão de Durana, prejudicada.

Tinha que sobreviver para num futuro mais propício, tentar outro ataque.

Sem perda de tempo a S.S.F. GALATRINA∞, entrou numa bolha de dobra espacial, que não duraria muito, mas a afastaria dos problemas mais imediatos.

***



## FUGINDO DO FESTIVAL

Se o Capitão Zéca  tinha alguma vantagem sobre quem quer que estivesse no seu encalço, era porquê, o fenômeno astronômico, que repercutiu sobre todo o sistema planetário de Kroulos, inutilizou satélites, drones e outras espaçonaves naquele espaço.

Essa vantagem, entretanto, era temporária, até, porquê, a fuga da S.S.F. GALATRINA∞, infelizmente não durou mais que alguns segundos.

A bolha de dobra que tirou a espaçonave da região onde ela poderia ser mais facilmente avistada, a levou até as proximidades de um cinturão de asteroides que envolvia todo o sistema planetário Kroulosiano.

Com sorte, em meio a tantos pedregulhos voadores, e algum lixo espacial, a espaçonave poderia ocultar-se por um bom tempo dos olhos de seus perseguidores.

Porém, até para mover-se, entre tantos perigos, a autonomia de voo era baixa.

Sem cristais de Dilitium adequados para uso, logo iniciar-se-ia, uma sinistra contagem regressiva das horas que, restariam até que o último recurso de energia consumível a bordo fosse esgotado. Deste modo, não seria possível ficar muito tempo por alí pois logo, até o funcionamento do leito médico automatizado, onde Durana estava internada, seria comprometido.

Os olhos do Capitão percorriam os mostradores da cabine, em busca de algum resquício de energia, que pudesse economizar, mantendo tudo funcionando a bordo.

Percebeu um mostrador cuja sinalização era um tanto quanto irregular.

Inacreditavelmente, indicava em pleno setor controlado pelo Império Klingon, a provável presença de outra espaçonave da Frota Estelar.

Uma ocorrência improvável naquela região, porém uma fraquíssima indicação de esperança, que não poderia ser ignorada.

Instintivamente, o Capitão direcionou a S.S.F. GALATRINA∞, que seguia perdendo velocidade e impulso, para a fonte do sinal, até chegar a um imenso asteroide com dimensões próximas às da lua terrestre tendo superfície rochosa tão esburacada quanto uma esponja velha de banho.

Ali haviam fendas, brechas e buracos, que poderiam facilmente esconder espaçonaves.

Era uma forma tão sinistra, que, para Fernando Zéca Corinthiano evocou, a imagem apavorante de uma fortaleza mal-assombrada flutuando em meio ao espaço cheio de pedras voadoras.

Ainda que, imerso nessa funesta reflexão, o piloto seguiu aproveitando o pouco de impulso que a espaçonave ainda tinha, para aproximar-se do referido pedregulho, procurando em sua superfície, lugar onde pudesse pousar.

O melhor que encontrou, foi abaixo de uma imensa ponte rochosa próxima a uma entrada para dentro da forma rochosa de onde saia o sinal supostamente vindo, de algum artefato da Frota. Alí a espaçonave parou.

***

## A FORTALEZA ASSOMBRADA NO ESPAÇO

A corrida contra o tempo exigiu atitude rápida do Capitão, que, logo despachou um drone robotizado para investigar o acesso.

Se a tensão do oficial já estava grande por conta da escassez de recursos energéticos, ficou ainda maior, ao constatar estranhas mudanças na superfície daquele asteroide.

Por ter textura similar à de uma rocha, era de se supor, que o objeto espacial, em

que, a S.S.F. GALATRINA∞ estava agora “estacionada”, não mudasse de forma, e, justamente, por isso é que o pouso ali foi feito.

Entretanto, qual não foi a surpresa de Fernando Zéca ao perceber que, em alguns momentos, o estado da matéria em certas partes da superfície rochosa mudava de sólido para líquido, ou até para algo pastoso de modos que alguma coisa sempre alterava por ali.

Fernando Zéca não sabia se estas variações representariam ameaça.

Olhou para Durana e ficou pensando se a destemida guerreira klingon, alguma vez passou por momentos de indecisão, sem saber o quê, ou como fazer, para seguir adiante....

O que sabia, é que não podia ficar muito tempo por alí, tendo em vistas que, a simples presença não autorizada, de sua espaçonave traria complicações diplomáticas no já tortuoso relacionamento, entre a Federação e o Império Klingon.

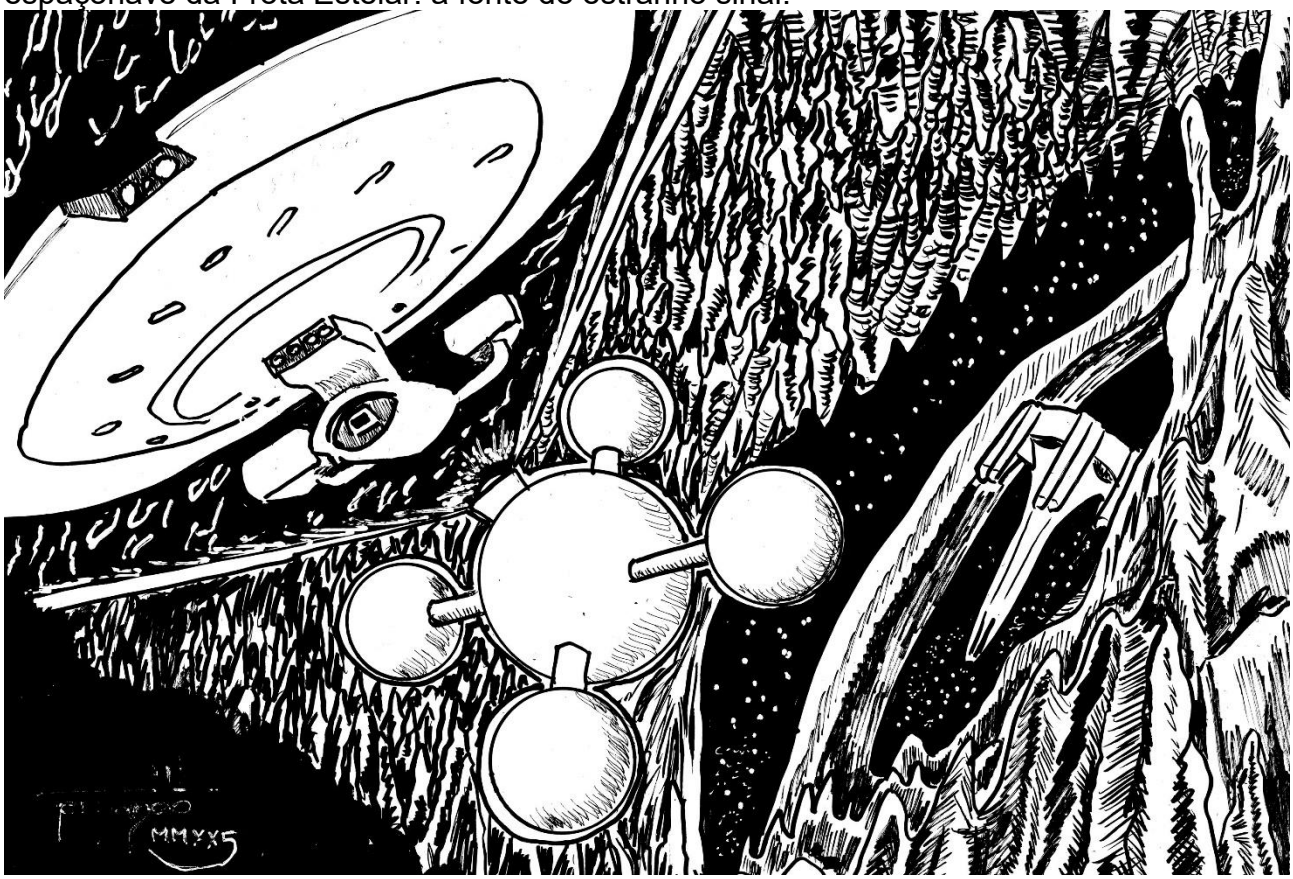
Não eram remotas as possibilidades, da chegada de veículos ou drones das forças armadas e contraespionagem do Império Klingon por isso, o Capitão acompanhava atentamente, a incursão de um drone que ele próprio lançara, rumo à fonte do sinal no interior da fissura próxima à qual pousara sua espaçonave.

Num voo rápido e ágil, o veículo voador auto pilotado avançou pela entrada da caverna, onde ocorriam misteriosas mudanças no estado de matéria das paredes, que mais para o interior, tinha a iluminação produzida por veios de cor azul brilhante fosforescentes na parede.

Dalí por diante, o sinal de imagem enviado de volta para a para a S.S.F. GALATRINA∞ perdia qualidade, comprometendo até mesmo a observação.

Quando o Capitão já começava a se preocupar com a distância percorrida pelo artefato robotizado este, adentrou um colossal recinto delimitado por paredes daquele elemento supostamente rochoso, sem consistência material fixa, tendo acessos que conduziam ao espaço exterior, e passagens abrindo ou fechando caminho dali para fora, até mesmo para gigantescas espaçonaves, do tamanho da classe Sovereign.

A iluminação local, não era melhor que a dos tuneis percorridos pelo drone, mas mesmo com o sinal ruim comprometendo a qualidade da imagem transmitida até a S.S.F. GALATRINA∞, Fernando Zéca visualizou naquele imenso espaço, sem dificuldades uma espaçonave da Frota Estelar: a fonte do estranho sinal!



***

O que uma espaçonave da Frota Estelar estaria fazendo dentro daquele pedregulho?

Pergunta difícil de responder.

Ao Capitão Fernando Zéca Corinthiano, não interessava o esclarecimento de nenhuma trama, principalmente estando ali em espaço inimigo, mas sim, a altíssima possibilidade da existência de Dilitium no interior da espaçonave, que pudesse repor o das esgotadas reservas da S.S.F. GALATRINA∞.

Assim, calculou as coordenadas e arriscou as reservas de energia no teletransporte de uma equipe de robôs modelo ISAAC para dentro da espaçonave da Frota Estelar.

***

Câmeras e microfones conectados nos robôs mostravam ao Capitão Zéca, o que acontecia dentro da espaçonave: situação totalmente diferente do que aparentava por fora.

Quem a olhasse a identificaria como uma das clássicas espaçonaves da Federação, modelo Galaxy, com diversos tipos de acessórios no seu exterior.

A área onde os robôs foram teletransportados, era totalmente diferente daquilo que se imaginaria numa espaçonave daquele modelo que, no caso, não dispunha de tantos corredores e acessibilidades necessárias a seres humanos.

De qualquer forma, os autômatos foram teletransportados próximos aonde se encontravam os cristais de Dilitium da espaçonave.

Sem perda de tempo aproximaram-se de uma parede com portas transparentes.

Um dos robôs a abriu verificando a situação.

-O Dilitium está nos cilindros de contenção pronto para ser utilizado.

“Por estar no interior do asteroide, não foi afetado pelo halo astronômico emitido pela estrela.”

-Traga para cá o quanto puder. - Disse Zéca.

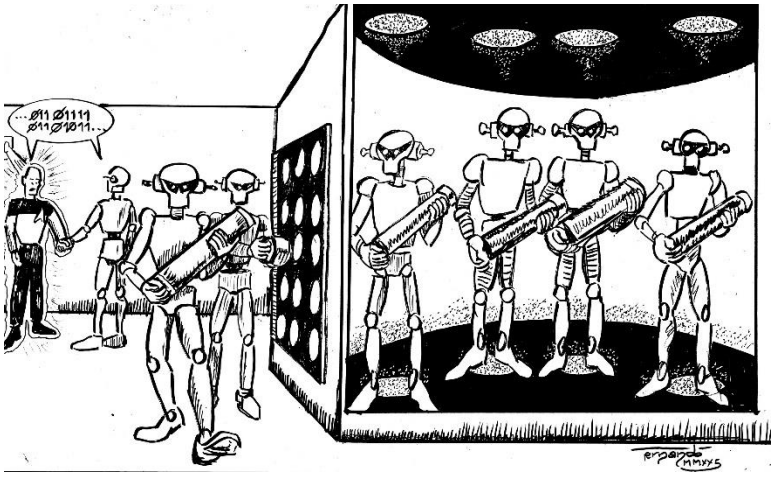
Ouvindo a ordem, sem perda de tempo, o robô tirou do painel os cilindros de contenção onde havia Dilitium pronto para uso, e, os distribuiu entre seus “companheiros”.

Quando preparava para teletransportar-se de volta para a S.S.F. GALATRINA∞, apareceu a imagem holográfica de um humano branco, careca, alto, vestindo uniforme da Federação.

-Sou o Capítão. - Justifiquem sua presença aqui.

Um dos robôs modelo ISAAC, aproximou-se da imagem holográfica e comunicou-se com esta, utilizando um canal de comunicação exclusivo das máquinas.

Poucos segundos depois de rápida trocas de informações, este foi autorizado a levar o que precisava...



***

Os robôs ISAAC foram então teletransportados de volta a S.S.F. GALATRINA∞ onde sem perda de tempo, deveriam fazer a substituição dos cristais de Dilitium.

Mas antes, o Capitão Zéca já os aguardava cheio de perguntas.

-Que espécie de Capitão era aquele? E essa nave? Do que se trata? O que faz aqui?

O robô modelo Isaac respondeu suscintamente:

-A espaçonave é a U.S.S. MANDARIM, uma das naves-robotizadas-espiãs inserida em espaço do Império Klingon, para causar prejuízos.

-Causar prejuízos como? - Perguntou Fernando.

-Inicialmente, em atividades de espionagem, sabotagem, destruição de alvos e de espaçonaves.

-E o que aconteceu com ela? Por-que veio parar aí?

-Falha da unidade Multitrônica M5-F.

-M5-F? Seria o quê? Algum tipo de evolução da Unidade Multitrônica M5?

-Exatamente.

-Essa unidade multitrônica sempre deu problema, desde as primeiras versões. - Relembrou Fernando, consultando seus entorpecidos, porém operantes neurônios. - A programação dela as tornou descontroladas máquinas de matar...

-O mesmo se deu com a unidade Multitrônica M5-F instalada na U.S.S. MANDARIM.

“Um cálculo errado na programação levou à inutilização de seus motores.”

-Para nossa sorte, pelo menos sobrou o Dilitium intacto.

Fernando Zéca pensou um pouco mais e, não conseguiu evitar uma indagação:

-Quem teria sido o maluco que autorizou em espaçonaves da Frota, o uso de uma unidade multitrônica que ganhou notoriedade por dar problemas?

-A. U.S.S. MANDARIM é uma das cem naves espiãs operando em espaço imperial klingon, sob comando do Almirante Fakces...

-Mas que história estranha... - Continuou pensando Zéca. - Esse tipo de ação não seria atribuição da Frota Estelar e sim do Serviço Secreto da Federação.

E as dúvidas só se acumulavam, pois, o próprio Capitão, ainda não ouvira falar de nenhum Almirante Fakces, coisa que, para se dizer a verdade, não era algo totalmente estranho, afinal, Almirantes a Frota já tinha aos montes que, na aposentadoria ou não, poderiam ser em maior número que os associados num fã-clube de ficção científica.

E normalmente, todos os responsáveis por espaçonaves espiãs, robotizadas ou não a serviço da Federação dos Planetas Unidos eram conhecidos do Serviço Secreto da Federação. Será que o Sony Blue conhecia esse tal Fakces??

Muito estranho o posicionamento daquela U.S.S. MANDARIM por ali, mas, de qualquer forma, para resolver a urgência do momento, o importante era seu Dilitium ser aproveitado para salvar a S.S.F. GALATRINA∞ que, tão logo terminou a substituição de seus cristais, foi autorizada pelo robô que fez a manutenção, a acionar os propulsores.

***

Fernando Zéca quis sair dali o mais rapidamente possível, mas, entendeu também, que outra ação se fazia necessária:

A destruição da U.S.S. MANDARIN e o seu dispositivo M5-F cuja programação, ainda corria risco de cair em mãos erradas.

Mais uma vez então, utilizou o teletransporte para enviar para o interior daquela espaçonave uma poderosíssima bomba que acabaria com ela.

Depois que a S.S.F. GALATRINA∞, afastou-se a segura distância do asteroide que Fernando Zéca apelidou como pedregulho ou, Fortaleza Assombrada, a bomba explodiu

aniquilando a U.S.S. MANDARIN.

A destruição da espaçonave transformou numa gigantesca granada o estranho asteroide utilizado temporariamente como abrigo pelo Capitão Corinthiano e sua espaçonave.

E a fragmentação violenta das suas rochas feitas daquele material misterioso capaz de assumir diferentes consistências, impactou também outras pedras no espaço que, numa reação em cadeia, espalharam-se por todo o sistema planetário kroulosiano.

Uma chuva de pedras chegou mesmo, a atingir Kroulos, perturbando seus festivais, e até outros planetas habitados daquele sistema, com alguma violência.

Mas, este detalhe, nem de longe feriu a consciência de Fernando Zéca Corinthiano, que, no instante estava mais preocupado em chegar logo para o espaço da Federação, a fim de tratar Durana, com o melhor atendimento médico possível.

Pouco antes de entrar em velocidade hiperespacial, a espaçonave do Serviço Secreto da Federação, cruzou com uma "ave de rapina" klingon que vinha no sentido contrário ao seu, levando o Marechal Pope Korne.

***

O Imperador estava cheio de pressentimentos.

A sensação que tinha era a de que, alguma coisa não andava direito.

As incertezas quanto ao paradeiro de Durana o perturbavam impedindo sua concentração.

O monitor na mesa do Gabinete se iluminou mostrando a imagem do Marechal Pope Korne. Boa coisa não poderia ser.

Não era do feitio do Marechal, ficar perturbando o Imperador Klingon, para contar vantagens, ou proclamar os próprios grandes feitos.

Tais méritos, quando existentes, ele repassava sempre que possível através dos seus servidores que o atendiam com orgulho e fidelidade inabalável.

-O que está acontecendo, Pope?

-O paradeiro de Durana ainda é incerto, Majestade Imperial.

"As imagens de alguém com características físicas similares às dela, foram obtidas quando esta pessoa estava no deserto, mas, logo em seguida, ela foi teletransportada dali."

"As suspeitas são de que, tenha sido levada para uma nave, observada por alguns de nossos satélites, em órbita, e que descamuflou-se pouco antes do teletransporte, e partiu logo em seguida."

"Mais tarde, recebemos sinais indicando estranhas ocorrência no cinturão de asteroides, que envolve todo o sistema planetário de Kroulos."

"Dois esquadrões inteiros, de espaçonaves modelo aves de rapina, foram enviados, para verificar tal ocorrência, e eu mesmo, com algum atraso, também segui para aquele setor."

"Quando estava chegando lá, cruzei com uma nave que, aparentava ser a mesma que antes estava em orbita de Kroulos 4. Quando tentei identificá-la, esta sumiu sem deixar rastro."

O Imperador não podia mostrar fraqueza ou indecisão, mesmo para um amigo de longa data, companheiro e irmão de batalhas como no caso do Marechal Pope.

-Não perca a pista, Marechal. Eu quero minha Imperatriz de volta.

-Muito bem, Majestade Impérial. Estou a caminho.

O monitor se apagou, mas, a cabeça do Imperador estava inchada com tantas informações nada acalentadoras.

Sentia-se como aquele torcedor que assiste o seu time perdendo para o maior rival dentro de casa.

A possibilidade de Durana sair totalmente do seu alcance estava a cada instante,

mais concreta

-Durana. - Murmurou o Imperador.

Em seguida, incapaz de controlar sua tempestade mental, o Imperador gritou a plenos pulmões.

-DURANAAAAA...

Sem sua Imperatriz, ele seria incapaz de seguir vivendo.

A simples possibilidade de jamais voltar a vê-la, estava deixando-o em péssimas condições. Muito mal, mesmo. Subitamente, uma dor intensa explodiu no seu peito.

Jamais sentiu algo assim, em toda vida. Nem mesmo quando sofreu mortíferos ferimentos, nas guerras e batalhas que participou diretamente.

A angustiante agonia, espalhou-se por todo o corpo, em seguida, queimou o marcapasso do soberano, que apagou e tombou inerte no chão.

O Imperador Klingon sucumbiu, diante das vicissitudes do amor.

***

***

**HISTORIA NATALINA PARA FAZER KLINGON DORMIR**

O Capitão Fernando Zéca Corinthiano queria logo sair do espaço imperial Klingon, mas, foi acelerando a S.S.F. GALATRINA∞ aos poucos.

Quanto antes chegasse ao setor da Federação, melhor.

Mas não seguia a plena potência para não danificar os cristais substitutos.

Durante essa tocada, acabou-lhe chegando um pedido de socorro através de uma das frequências utilizadas exclusivamente por naves da Federação dos Planetas Unidos.

Antes de responder ao chamado, o Capitão acionou os comandos de criptografia que protegeriam o conteúdo das suas comunicações, de eventuais escutas não autorizadas, bisbilhoteiros, ou, simples curiosos.

-Capitão Fernando Zéca Corinthiano, da S.S.F. GALATRINA∞, atendendo pedido de socorro. No que posso ajudar?

Num dos monitores da cabine de pilotagem, apareceu então, o tripulante da nave em perigo que estava pedindo por ajuda.

-Sou o Capitão Chester, e represento interesses comerciais da Federação neste setor. Preciso de ajuda urgente. Estou prestes a ser atacado por espaçonaves klingons."

Tudo o que Fernando Zéca queria, era chegar logo em casa, mas, um pedido de ajuda como aquele, não poderia ser omitido.

-Resista o quanto puder, Capitão Chester. - Disse o oficial do Serviço Secreto. - Já tenho suas coordenadas e, estou a caminho para ajudar.

-Só posso fugir, Capitão Zéca. Aqui estamos completamente desarmados!

***

Ser a única nave da Federação n'algum quadrante da galáxia, eventualmente, pode se constituir em problemas, se os deveres a serem cumpridos, na localidade, envolverem riscos, ou, repercussões indesejadas. Nesta condição, Fernando Zéca Corinthiano, acabara de ser convidado para uma briga, envolvendo klingons.

O Capitão da S.S.F. GALATRINA∞ baixou ainda mais a velocidade fazendo uma ampla curva para a direita. Em seguida, acelerou suavemente rumo ao pedido de socorro.

Não tardou muito, e logo encontrou as espaçonaves klingons envolvias no ataque contra o Capitão Chester. Estavam em dez, e já perpetravam o assalto.

Entretanto, o alvo não era apenas uma nave espacial, conforme o Capitão Corinthiano esperava: na verdade, era uma caravana com mais de duzentas.

***

Mesmo não sendo modernas, nem pesadamente armadas, as naves klingons avançaram contra os seus objetivos, que voavam em fuga alucinada, espaço afora.

Os agressores não estavam preparados para a S.S.F. GALATRINA∞ cujo armamento era moderno tendo acessórios e equipamentos mais versáteis e duráveis. E menos ainda para um capitão maluco com dedo mole para as armas de qualquer porte.

Sem temor pela própria vida, sem lembrar de Durana no leito médico de emergência na enfermaria, ou mesmo da situação dos cristais de Dilitium, Fernando Zéca pilotou com brutal belicosidade até a área onde os embates começavam lançando-se com destemor bem no meio de onde se concentrava a maior quantidade de espaçonaves inimigas.

Seu primeiro ataque contra aqueles klingons foi ao seu peculiar modo tradicional.

Atirou em velocidade contra o máximo de alvos possíveis que apareceram no seu caminho e se afastou da área de combate.

Mais adiante, fez um retorno e voltou disparando de novo contra as naves klingons.

Se no primeiro ataque inutilizara dois alvos inimigos, nessa segunda passada, tirou mais três fora de combate.

Metade dos atacantes foi dizimada, e, vendo que a S.S.F. GALATRINA∞ já se afastava para reinvestir novamente com novas saraivadas de tiros mortíferos, as naves klingons remanescentes, debandaram!

Afastado o problema, Fernando Zéca emparelhou o seu curso com o da caravana de espaçonaves, que acabara de defender. Só então ele parou para ver se os seus malabarismos, trouxeram alguma avaria dentro da própria espaçonave.

***

A caravana seguiu adiante enquanto o Capitão da S.S.F. GALATRINA∞ estabelecia contato com as lideranças do agrupamento de espaçonaves.

Da sua cabine de pilotagem, Fernando Zéca formou uma conferência, onde podia ver os rostos dos comandantes na caravana, lado a lado, no seu monitor de imagens.

-Obrigado por nos salvar, Capitão Zéca. - Agradeceu o Capitão Chester.

-Satisfação é minha em ajudar gente da Federação contra ameaças klingons, mas, permitam, entretanto, que eu indague: o que uma caravana como esta, faz em espaço imperial?

-História complicada, Capitão Zéca... Resumidamente, somos mineradores contratados, através de corporações ligadas à Federação, para trabalhar nos domínios Klingons, sob proteção e garantias contratuais firmadas com agentes do próprio Império."

"Ocorre que, os klingons resolveram mudar o que estava tratado, e ainda quiseram aumentar sua cota nos lucros. Não aceitamos as imposições, pegamos nosso equipamento, tudo o que extraímos, e estamos voltando para o espaço da Federação."

"Os klingons também não concordaram com nossa saída e tentaram nos obrigar a retornar ao trabalho escravo que nos impunham. Basicamente, esta é nossa história."

-Agora entendo porquê sua frota é composta em maioria por naves cargueiras e de uso civil, mas, não explica entretanto, a completa ausência de armamento, que os meus sensores indicam. Procede?

-Sim, Capitão Zéca. Procede. Nossas naves estão desarmadas porquê, antes de fugir fomos governados por autoridades desarmamentistas que acreditavam na lenda do suposto espírito cristão dos klingons..."

-Klingon desarmamentista com espírito cristão, para mim é novidade. - Disse Zéca.

-Pois é, capitão. Fomos obrigados a acreditar nesta lenda do klingon cristão, até o momento que começamos a receber ameaças muito sérias.

"A partir de então, juntamos tudo, incluindo sementes e formas de vida para desenvolver em outros mundos, e estamos voltando para o espaço da Federação."

-Se vocês querem chegar lá desarmados, será complicado. - Ponderou o Capitão Fernando Zéca. - Aqui, no espaço Imperial Klingon, uma jornada cobrindo tão grande distância, nestas condições, é uma temeridade.

-Bem sabemos, Capitão, entretanto, tivemos pouquíssimo tempo, para nos preparar adequadamente. Salvamos nosso latinum, alguns itens que lá produzimos, nossas famílias e partimos o mais rápido que nossas naves podiam seguir."

O Capitão Zéca, refletiu por alguns momentos e disse:

-Me parece que a situação aqui é similar à daquelas caravanas, cheias de riquezas, nos tempos do velho oeste, que corriam sem parar, assim não eram atacadas por índios.

-Exatamente Capitão Zéca. Só que os índios por aqui, usam disruptores, e esta caravana, transporta, uma fortuna em latinum e outros tesouros, que, uma vez no espaço da Federação, até a deixariam ainda mais poderosa."

“Por isso, precisamos de alguém que possa ajudar na proteção dessa caravana, Capitão. A chegada dela, ao destino, em segurança, seria bom para todos.”

-Concordo, Capítão Chester. É por isso que ajudarei vocês. Teremos, entretanto, que implementar mudanças urgentes, para reforçar nossas defesas.”

***

Assim como o veículo que se veja obrigado a trocar um pneu em movimento, seguiu a “caravana”, implementando as mudanças definidas durante a conferência entre Fernando Zéca e os comandantes das espaçonaves, enquanto avançava na mais alta velocidade possível, em direção ao espaço da Federação, ainda muito distante...

Com a ajuda dos robôs a bordo da S.S.F. GALATRINA∞, foram montados alguns canhões phaser, com peças reunidas de todas as espaçonaves.

Entretanto, a estratégia principal, sugerida pelo Capitão Fernando Zéca, era modificar a defesa, reforçando o poder defensivo dos escudos protetores.

Até mesmo, a disposição das naves no grupo foi modificada.

Porém, antes mesmo, que todas as medidas definidas pela conferência, fossem realizadas, os sensores de longo alcance da S.S.F. GALATRINA∞, detectaram a presença das espaçonaves klingons, que escaparam das suas investidas anteriores, vindo acompanhadas de outras cinco, mais bem armadas e preparadas para lutar.

***

Não havia muito o que fazer ou, esperar.

Mesmo com a frota inimiga se aproximando, a S.S.F. GALATRINA∞, avançou na direção desta em alta velocidade, atacando, de maneira diferente: primeiramente, com tiros certeiros, dos seus canhões phaser destruindo duas naves menores, que vinham adiante.

Em seguida, aproximou-se velozmente do grupo restante e teletransportou, para o interior de cada espaçonave adversária, bombas de alto poder destrutivo, que explodiam, logo após a sua materialização.

A tática de combate guerrilheira premiou a S. S. F. GALATRINA ∞ e seu capitão com a vitória, porém até quando poderia defender a sobrevivência da caravana, diante do longo percurso, a ser superado?

Fernando Zéca teria de preparar sua cartola com novos truques ardilosos antes do próximo ataque klingon que certamente viria.

***

Naquele momento, o Capitão Fernando Zéca, por força das circunstancias, estava sendo obrigado a tomar medidas defensivas para conduzir a “caravana de naves” em segurança, sendo a primeira delas, a escolha de uma rota segura longe de olhos klingons.

Por sorte, a caravana de naves se encontrava próxima a uma nebulosa, onde poderia seguir encoberta até o espaço da Federação.

Não foi preciso muita oratória para convencer os comandantes a escolherem esta rota, mesmo sendo o caminho mais longo e sabido o fato que a medida ainda assim, poderia ser insuficiente, para a realização, de uma bem sucedida fuga.

Por isso, em paralelo, o Capitão Zéca adotou outra medida preventiva seguindo sugestão dada pelo robô modelo ISAAC que anteriormente interagiu com o Capitão Holográfico da U. S. S. MANDARIM.

Nos poucos segundos que as duas formas de inteligência artificial mantiveram

contato, trocaram quantidade gigantesca de dados e informações, dentre estas, os códigos utilizados por uma esquadra ilegal de espaçonaves-robôs controladas pela unidade multitrônica M5-F, (usada e secretamente comandada pelo Almirante Fakces, que se disfarçava como alto oficial da Federação, sendo na verdade um importante operativo da temível Velha Ordem Universal).

***

-O que faremos agora?

-Vamos esperar! O inimigo passará por aqui.

O Marechal Pope Korne estava convicto na sua resposta.

Era o braço direito do Imperador Klingon desde antes deste alçar à Coroa Imperial, e outro veterano de muitas guerras.

E, sem qualquer questionamento, Pope Korne era o Comandante mais vencedor, de todo a história do Império.

Nem tanto pela sua agressividade, muito comum aos super-pesados, mas também, pela inteligência, que construía táticas e estratégias vencedoras.

Nos raríssimos casos em que não conseguia lograr a vitória, ao menos, minimizava danos, prejuízos estratégicos, e baixas.

Na cabine do Marechal, também estava o seu filho, Genghis Korne, Capitão da espaçonave em que ambos se encontravam no momento: um super cruzador pesado, da classe Kahless batizada com num dialeto inexpressível no alfabeto latino, que mal traduzido soaria algo como “PEDAGOGIA DO OPRESSOR”.

-Acha mesmo que eles passarão por aqui?

-Tenho certeza, filho. Agora, não me pergunte mais nada pois estou pensando.

-Já antecipou alguma alternativa, caso eles não apareçam?

-Já antecipei sim.

-O que pretende fazer?

-Vou mandar você de volta para a sua mãe, e assumir o comando da sua nave.

-Pai eu preciso saber. Ainda sou o Capitão aqui. Esta nave é enorme e eu tenho que antecipar o meu planejamento de trabalho.

-Vá procurar o que fazer na ponte, e me deixe guerrear sozinho, com meus pensamentos.

-Lá não tem o que fazer, porquê, se tiver, vou esfolar alguém vivo por não trabalhar direito. Quero saber o que faremos agora, pai.

-Nós vamos esperar, e você vai fechar a boca por meia hora, pelo menos.

-Sim, mas, e se houverem problemas e eu for chamado?

-Fique em silencio por meia hora.

Genghis estava sentado na cadeira de visitante da mesa do pai.

Mesmo adulto, em meio às coisas do pai, sua mão ainda não conseguia parar quieta, e ele mexia em tudo.

Pegou sobre a mesa, um objeto que parecia uma igrejinha.

-Pai: O que é isso mesmo?

-Você sabe Genghis. Já te falei mais de mil vezes...

-Eu não lembro...

-Ganhei na minha infância, quando fui criado na Terra.

-O que é esta cruz aqui?

-E a cruz, de Jesus Cristo, Genghis.

-Jesus Cristo??

-Sim. Um guerreiro pensador muito poderoso, que tinha armas bem diferentes, das normalmente utilizadas por outros lutadores.

-E que tipo de armas utilizava?

-Jesus Cristo utilizava a verdade, no combate contra a ignorância.

“Também defendia o valor da vida... Toda forma de vida.”

-Mesmo a vida dos caras maus?

-Mesmo a vida dos caras maus e idiotas meu filho.

“Até a estas, Jesus Cristo dava um devido valor.”

-Parece estranho. - Disse Genghis...

-Jesus Cristo acreditava no perdão e dava novas oportunidades para quem errava.

“Suas ideias foram seguidas por exércitos inteiros ao longo da história.”

“Ainda hoje, todo o seu legado está presente, inclusive na cultura klingon, que vê nos seus ensinamentos, uma forma diferente de vencer guerras.”

“Alguns espertalhões, ainda hoje, por todo universo, usam as palavras de Jesus Cristo para enganar os desavisados, mas esta já é uma outra história.”

-Não sei se entendo isso direito, pai.

-Você devia estar na ponte verificando os seus afazeres, ao invés e ficar mexendo nas minhas coisas. Parece sua mãe.

-Já expliquei o que acontece com quem trabalha para mim e não faz o serviço direito, pai... Agora o seu bem estar, aqui nessa nave, quem vai garantir sou eu.

“E se não o fizer direito, terei de fato, de prestar contas para a mamãe, e isso, é a última coisa que quero fazer... Contrariamente a outros klingons, não quero meu pai morto, porque ele vale mais, para a família, e até mesmo para o império, VIVO.”

-Muito bem. Agora você já sabe que estou bem e pode ir embora.

“Quero as tripulações da esquadra preparadas para quando o inimigo chegar...”

-Pai... Não sei nem se eles vão arriscar a sorte passando aqui, ao nos avistarem.

Genghis agora mexia no tablet do pai que estava sobre a mesa.

-Pai você precisa mudar a senha.

-Ora! Não encha as minhas paciências e volte para a ponte!

-Mas o que são estes arquivos? - Indagou o capitão surpreso com o conteúdo que o pai estava olhando antes dele.

-São só velhos arquivos de quando eu morava na Terra...

-Mas por-que você estava mexendo com isso?

-Na Terra, hoje celebra-se uma data especial, e eu estava relembrando o passado, vendo estas velharias.

O filho não parava de remexer as coisas do pai.

-QUCH RAM - O que é isso? - Nem bem terminou de perguntar e apertou este nome que aparecia no monitor do tablet.

-É a STILL... - Tentou explicar o Marechal, que foi interrompido.

De-repente, uma voz feminina, muito suave e profundamente tocante, invadiu o ambiente. Cantava uma música emocional e envolvente.

O som foi ganhando intensidade, e novos instrumentos entraram acompanhando o um vocal sonoramente deslumbrante.

A harmonia musical era belíssima a ponto de qualquer coração, por mais duro que fosse, sentir-se tocado com tão magnífica obra de arte.

Determinado momento, quando a música terminou, lágrimas furtivas tentavam escapar dos olhos do Marechal e do Capitão, que disfarçavam um para o outro, com tosses, espirros e fungadas o embaraço emocional pelo qual passavam.

-Eu não chorei. - Disse Genghis.

-Eu também não. Já estou velho demais para essas coisas.

-Pai. A música é muito boa, mas, por-que você tem no computador essas coisas que fazem klingons chorarem? Trata-se de algum tipo de arma, ou tortura?

-Ora! Você não acabou de falar que não chorou?

-Eu não chorei! Quem chorou foi o senhor.

-Já te disse eu não chorei. Estou velho demais para isso.

-Mas o que isso está fazendo no seu tablet?

-Já te disse, hoje é uma data especial na Terra e eu estava só relembrando.

“E você não tinha nada que mexer no meu tablet. Veja o que você fez, cabeçudo”

-O que eu fiz?

-Quando você colocou a música para tocar, acionou também, o botão que interrompeu o nosso silencio, transmitindo como um radialista, esta belíssima obra, para todos os seus ouvintes, nas imediações que estejam atentos a sinais e frequências de comunicação.

“Genghis, você devia estar no ramo da publicidade, para entregar assim a nossa posição, e não aqui servindo nas forças armadas imperiais klingon.”

Os olhos do capitão se arregalaram.

Mesmo depois de velho, debaixo das vistas do próprio pai, ele aprontou mais uma:

Chamou desnecessariamente, as atenções para onde estavam.

Um erro que, nos jogos de guerra, pode ser determinante para o sucesso, fracasso, ou fragorosa e mortífera derrota.

***

Já no interior da nebulosa, a caravana avançava na velocidade que podia, agora, reforçada com a escolta das recém-chegadas naves espiãs da Frota Estelar comandadas por sistemas computadorizados M5-F, presentes no espaço klingon cuja ajuda foi solicitada para a situação, através de mensagem feita com o código aprendido, pelos robôs ISAAC, junto ao Capitão da agora destruída U.S.S. MANDARIM.

Não só, as espaçonaves auto-pilotadas pelo sistema M5-F, atenderam ao chamado para ajudar aquele comboio em espaço klingon, bem como, foram reprogramadas no sentido de agora obedecer aos comandos provenientes dos computadores e do Capitão da da S.S.F. GALATRINA∞.

Deste modo, a miscelânia de modelos de espaçonaves federadas compondo aquela caravana, avançava agora, mais fortificada e ainda camuflada pelos gases da nebulosa.

Conforme as horas seguiam, o Capitão Fernando Zéca acompanhava, através do gráfico desenhado no monitor de imagens bidimensionais coloridas, o que faltava para chegar no espaço da Federação.

Quando o limite da área encoberta pela nebulosa, estava prestes a ser transposto, por todas as naves da caravana, uma música chegou através das frequencias de saudação.

Era belíssima.

O alemão de Fernando Zéca Corinthiano era abaixo do raso, mas, ele sabia o nome da obra:

”STILLE NACHT”.

Verificou pelos sensores e demais detetores, a origem de onde estava sendo emanada aquela música e constatou que, logo depois do limite da nebulosa, praticamente em espaço da Federação, haviam doze naves gigantescas, estacionadas em formação.

Por conta dos gases, os diversos sensores da S.S.F. GALATRINA∞ não conseguiam definir exatamente o que havia adiante, se eram amigos, ou... inimigos!.

Mas, Fernando Zéca imaginou que fossem naves da Frota Estelar, pois a música que vinha destas espaçonaves, era mais conhecida como NOITE FELIZ, muito cantada em celebrações natalinas de modos que ele já achava até que podia comemorar.

Estava praticamente no espaço da Federação, e, ainda acreditava, que, seria escoltado, até o sistema solar, por mais outras tantas naves da Frota Estelar.

Nem bem a caravana transpôs a última nuvem de gases da nebulosa, Fernando Zéca através das frequencias de comunicação, saudava:

-HÔU, HÔU, HÔU, FELIZ NATAL para todos.

A surpresa que teve a seguir, foi memorável.

***

O Capitão Genghis e seu pai, o Marechal Pope Korne, através do elevador, dirigiram-se para a ponte da espaçonave em que estavam.

Lá dentro, pelas paredes, haviam diversos monitores, com gráficos, e imagens do espaço ao redor da esquadra klingon.

Assim que chegaram alí, de outro elevador, saiu um ajudante de ordens do Marechal, com ares aflitos. Aproximou-se entregando um papel dobrado.

-Senhor Marechal! Esta mensagem chegou agora pela frequência imperial.

“Somente para os seus olhos, senhor.”

Com um movimento rápido, o Marechal pegou o papel, desdobrou-o e leu o conteúdo da sua mensagem; em seguida, arregalou os olhos, inspirando lenta e profundamente.

Com os lábios trêmulos, virou-se para o ajudante de ordens que trouxera a mensagem, dizendo:

-O conteúdo desta mensagem deve ser mantido classificado, por enquanto.

Fez ainda, uma expressão muito brava, e continuou:

-Mantenha-se firme, soldado.

O ajudante de ordens saiu da ponte, e o Marechal fez um sinal para o Capitão.

Este, se aproximou do pai.

Sem dizer nenhuma palavra o pai entregou o bilhete para o filho, que, leu a mensagem, cujo conteúdo, dizia o seguinte:

*“EXCELENTISSIMO SENHOR MARECHAL DAS FORÇAS ARMADAS IMPERIAIS:”*

*“É com pesar que comunicamos o falecimento do Imperador K'uh.”*

*“O Alto Conselho Klingon, convoca a sua presença, em Kronos, na qualidade de Responsável pela Segurança do Império, para resolução de problemas da mais alta importância e urgência.”*

Quando o Capitão Genghis ia abria a boca para falar, o Marechal disse antes:

-Não mencione nada sobre isso, por agora.

O filho olhou para o pai e apenas concordou com um gesto da cabeça.

O abalo dos dois diante da notícia era perceptível. Iam discutir o próximo passo a ser dado, quando o posto de comunicações da ponte, informou:

-Naves da Federação saindo da nebulosa! São quase trezentas e avançam na nossa direção. Estão abrindo frequências de saudação e enviando mensagens!"

-Na tela principal. - Disse o Capitão Genghis.

Na tela principal da ponte, apareceu a imagem de um oficial careca baixote e barrigudo a serviço da Federação.

Ele gritava todo entusiasmado, enquanto fumava uns charutos bem estranhos.

--HÔU, HÔU, HÔU, FELIZ NATAL para todos.

***

No lado do espaço Imperial klingon o Capitão Genghis viu as naves da Federação, saindo da nebulosa, e logo quis tomar as devidas providências, bastando ordenar um ataque que acabasse com aquela movimentação.

Muitas das naves, estavam bem armadas, então, se ali começasse uma guerra, os klingons poderiam justificar suas razões para se verem envolvidos nela, com base em eventual invasão do espaço imperial klingon, por veículos preparados para combate, sem as devidas autorizações burocraticamente exigíveis para o caso.

A precaução, até mesmo o permitiria um ataque preventivo, para garantir, a própria segurança, ainda que sua espaçonave, e, as outras da esquadra que o Marechal comandava ali, fossem dez vezes maior, que toda aquela caravana.

Do seu lado, o Marechal, com um rápido movimento dos olhos, verificou o monitor que indicava com precisão, o tamanho real, das forças da Federação.

Confirmou serem quase trezentas espaçonaves, sendo um terço destas robotizadas, muito bem armadas, e pior: controladas pelas temíveis unidades multitrônicas M5-F (já conhecidos pelo serviço de alta inteligência militar klingon), que indubitavelmente, constituir-se-iam num perigo ameaçador, até mesmo, para as poderosas naves da classe KAHLESS. A mente do Marechal, calculava intensamente a matemática da guerra.

Os resultados, entretanto, não se apresentavam nada otimistas.

A imagem que mais se destacava em suas contas vinha clara.

Nela, um gigantesco bando de hienas, atacavam tigres mais fortes, que eram massacrados, ou, postos pra correr, por inimigos menores mas em número maior.

O Marechal não precisava ninguém lhe para lhe dizer, quem seriam as hienas e os tigres, num eventual combate ali nos limites do império klingon, contra os fugitivos agora escoltados pelas máquinas mortíferas da Federação. Não era pessimismo!

O Marechal conhecia a fama daquelas naves comandadas pelas amaldiçoadas unidades multitrônicas M5-F.

Mesmo sendo o seu esquadrão composto por gigantes da classe Kahless, a visão da derrota destes, contra aquelas forças da Federação, seria um resultado plausível para a iminente batalha, por serem temíveis e assustadores os informes da Inteligência Militar Klingon a respeito das espaçonaves robotizadas sob controle deste armamento M5-F.

O Marechal Korne tinha consciência ainda, que, justamente, por conta daquela formidável força, os últimos Imperadores foram obrigados a se aliar ao Almirante Fakces, em negócios que eventualmente não eram minimamente interessantes para os klingons.

Mas... E se... De uma só vez, fosse possível tirar para fora, todas as espaçonaves da Federação, equipadas com aquele maldito sistema diabólico, dos limites do Império?

Sem perdas de vidas e sem constrangimentos. Não seria assim tão mau negócio...

A mente do Marechal fervilhava em cálculos e reflexões de todo tipo...

Os resultados de um eventual embate só contra as naves equipadas com M5-F, poderia ser catastrófico para o seu lado, além de atrasar e prejudicar em sabe-se lá quanto

tempo, o atendimento à convocação do Alto Conselho Klingon, que precisava do Marechal e todo o seu poder, para solucionar problemas imperiais mais imediatos.

Uma fragorosa derrota diante da Federação, para ele, que teve parte de sua educação na Terra, ainda não seria tão desonroso quanto agredir quem lhe dirigisse uma saudação natalina, pois este tipo de mácula poderia ainda lhe traria muita MÁ SORTE.

O Capitão Genghis ia dar a ordem de ataque, quando seu pai, o Marechal, após rápidas e intensas reflexões, o interrompeu segurando pelo braço enquanto o puxou na sua direção.

O filho, olhou com expressão de dúvida, para o pai que disse em alto e bom som, com voz trovejante, pelas frequências de saudação klingon, ainda abertas:

-FELIZ NATAL para todos! Que o espírito de Cristo, ilumine nossos corações!

***

A resposta que recebeu à sua saudação, surpreendeu o Capitão Fernando Zéca.

Ainda mais, depois que ele percebeu que a música que ouvira, na verdade vinha de uma esquadra, de gigantescas naves do Império Klingon.

Como nenhum dos lados momentaneamente, deu ordem ou iniciou ataque, contra o outro, nem mesmo as naves da Federação, comandadas pelo sistema M5-F, esboçaram qualquer reação agressiva, tendo em vistas que, sua programação, estava agora voltada para proteção da caravana, assim não houve interpretação de ataque inimigo.

O Capitão Fernando Zéca experiente, e veterano guerreiro em refregas contra klingons, que agora, mesmo bem reforçado para um eventual combate, também não queria briga, aproveitou as saudações natalinas para manter a calma e o clima, daí respondeu rápido com toda cordialidade possível:

-Que o espírito de Cristo, ilumine nossos corações. Nesse sentido gostaria de transmitir minhas felicitações e, em nome da Federação, presentear o Comandante da Esquadra com uma recordação para a ocasião."

Numa das telas, da cabine de pilotagem da S.S.F. GALATRINA∞ aparecia a imagem de dois klingons muito parecidos sendo um mais velho e o outro, mais jovem.

O mais velho disse:

-Sou o Marechal Pope Korne. Seu gesto de boa vontade é bem-vindo, e, sua cortesia poderá nos ser entregue pessoalmente na nossa nave, Capitão...

-Capitão Fernando Zéca Corinthiano, em nome da Federação dos Planetas Unidos, às suas ordens Marechal. Será uma honra para mim visitá-lo, Excelência. – Apressou-se em apresentar-se o agente federado que, naquele momento, estava sem opção a não ser prosseguir com a diplomacia e colocar-se num gesto de confiança, dentro da boca do tigre!

***

Logo, não tardou para que o Capitão Fernando Zéca Corinthiano, fosse teletransportado diretamente para o Gabinete do Marechal, a bordo da colossal nave de guerra klingon. Os dois se encontraram pessoalmente, e saudaram-se com um cordial aperto de mãos.

-Feliz Natal Marechal! Ao Senhor e a todos da sua esquadra.

-Feliz Natal, Capitão.

-Gostaria de presenteá-lo, nesta ocasião, com uma caixa dos meus melhores charutos especiais.

Dizendo isso, Fernando estendeu, com as duas mãos, em direção ao Marechal Pope Korne, uma caixa repleta dos seus charutos favoritos.

-Obrigado! - Agradeceu o Marechal pegando um para si, oferecendo outro para seu filho e o terceiro para Fernando Zéca, que, assim que recebeu o seu, já sacou do bolso um

isqueiro, que utilizou para acender o fumo para todos.

-É extraordinário, saber que o cristianismo também foi difundido no Império Klingon, especialmente junto a uma figura tão ilustre como a do Sr., Marechal. - Disse Fernando Zéca.

-Fui criado entre humanos, Capitão. Minha família na Terra me ensinou sobre a vida de Jesus Cristo. Eu mesmo estudei MUITO o Novo Testamento."

Dizendo isso, o Marechal tirou de um dos seus bolsos, um cartão amarelo, e entregou-o para Fernando Zéca.

-Neste cartão, está um arquivo com uma tradução para o klingon, que fiz do novo testamento, enquanto estudei o cristianismo.

-Extraordinário. - Disse o Capitão Zéca.

-Não fosse essa minha formação religiosa, talvez, nesse momento, Capitão, as naves sob nossos comandos, estivessem se digladiando até a morte.

-O que não traria benefícios para nenhum de nós, Marechal.

-Tem razão, Capitão Zéca, especialmente para o Império, que tem neste momento, alguns problemas importantes a superar, mas, que, assim como o espírito natalino, que agora confraternizamos, não impede que eu pergunte:

"O que vocês faziam no espaço imperial klingon?"

Fernando Zéca Corinthiano escolheu bem as palavras, para não ter que contar nenhuma mentira bem no meio de uma celebração natalina tão significativa.

-APENAS escoltando, um agrupamento de naves, de trabalhadores, que encerrou seu contrato de prestação de serviços para empresas a qual estavam vinculadas...

O Marechal olhou para a cara de pau do Capitão fingindo acreditar na inacreditável lorota, evitando reclamações, mas não, uma importante indagação:

-Os registros e matrículas das naves de transporte e carga que o senhor está escoltando, indicam que estas são de propriedade da Corporação Red Star, administrada por um conhecido Almirante da Federação, o FAKCES.

E quando disse este nome, a expressão e entonação de voz do Marechal não eram nada felizes, talvez até de certo modo, muito irritadas. Mas ele continuou...

-Segundo me consta, este senhor FAKCES também tem sob seu comando, naves auto comandadas, como estas da sua escolta.

O Capitão Fernando Zéca não conseguiu esconder sua surpresa: o Marechal de fato, estava bem-informado.

De fato, ele mesmo já havia conversado com outros comandantes da caravana, incluindo o Chester, e o nome da corporação para qual eles trabalharam era mesmo a Red Star.

Fernando Zéca só não sabia que o administrador desta corporação, também era o Almirante FAKCES, também comandando as naves controladas pelo sistema M5-F.

-Nosso serviço de inteligência sabe de algumas coisas, meu caro Capitão.

-Não duvido, Marechal. De qualquer forma, nosso interesse aqui é apenas o de conduzir os trabalhadores de volta para seus lares, sem mais nenhuma incursão ao espaço imperial.

-Isso seria ótimo, Capitão. Ocorre que também fui informado que vocês destruíram algumas naves que tentaram abordar o seu agrupamento...

-Não vou mentir para o Senhor, numa data tão especial como esta, Marechal.

"De fato, naves klingons que nos atacaram e perseguiram sem se identificar, foram destruídas... Ambos sabemos que, pelos tratados de trânsito espacial, naves que não se identifiquem e pratiquem agressões injustificadas, se sujeitam às Leis de Legítima Defesa."

-Capitão Fernando Zéca. Essa sua nave a S.S.F. GALATRINA∞, parece ter sido avistada em diversas ocasiões próxima ao Sistema Kroulos.

Fernando Zéca engoliu em seco:

-Kroulos, Marechal? Não me lembro de ter passado por nenhum lugar com este nome. Só se os meus mapas indicarem esta localidade com outra designação.

-Capitão Zéca! – Sorriu o Marechal diante do invencível cara de pau. - Hoje é seu dia de sorte. Por conta do espírito de confraternização natalina, vou levar em consideração toda sua história, o que não quer dizer que ela esteja esclarecida e convincente para mim.”

“Tenho que dedicar minha atenção a um contratempo extraordinário que apareceu para ser resolvido, e não vou avançar com uma escalada de violência, até porquê o senhor está preparado e não quero prejudicar AGORA o frágil relacionamento diplomático com a sua Federação que nós dois estamos firmando AQUI.“

“Serei flexível HOJE, e nos pouparei de um combate que não traria benefícios a ninguém, portanto vou aceitar seus charutos da paz.”

“Mas quero que afaste estas suas perigosas espaçonaves robotizadas, do espaço imperial. Portanto, vou precisar também que o Senhor me garanta uma coisa.”

-Pois não Marechal.

-Quem colocou não só esta corporação, bem como as espaçonaves de guerra, auto-comandadas dentro do espaço imperial klingon, foi o Almirante Fakces.

“A muito tempo ele já trabalha por trás dos bastidores, junto a uma organização, bem conhecida nas periferias do submundo como Velha Ordem Universal, traindo a Federação ao mesmo tempo que prejudica o império klingon. Verifique toda a tralha dele que está sendo levada para o espaço da Federação e constate o quanto ele está sonegando só nos impostos, coisa que, bem ou mal ainda é crime até mesmo no espaço da Federação. As evidências são muitas, e não será difícil para você comprovar estas acusações que trago ao seu conhecimento.”

“Para o bem das relações diplomáticas, entre o Império e a Federação, o Fakces não deve mais dar as caras por aqui, caso contrário, será executado, ocupando, ou não o posto de Almirante.”

“Nosso encontro termina aqui, Capitão. Meus deveres me chamam com urgência. E os seus também. Não se esqueça de mim, se um dia eu precisar de algum favor teu.”

-Sim senhor. Pois não senhor. - Papagaiou o Capitão. - Foi uma honra conhecê-lo, Marechal. Feliz Natal. Nunca esquecerei do Senhor.

-Digo o mesmo Capitão. E lembre-se: Se nesta data o combate foi evitado, é porquê poderes superiores, reservam um destino glorioso para nossos futuros.

-Que assim seja, Marechal.

Logo depois, o Capitão foi teletransportado de volta para a sua espaçonave, a S.S. F. GALATRINA∞, de onde, sem perda de tempo, comandou a caravana, para o Sistema Solar.

No seu Gabinete, o Marechal continuou fumando o charuto ganho, sentindo que de algum modo, todos os estudos que fizera a respeito do cristianismo o levaram àquela decisão, de evitar o combate contra as naves da Federação. E não só isso...

De algum modo, ele também tinha absoluta certeza, de que, esta cortesia natalina, mais tarde, teria repercussões POSITIVAS tanto para o Império Klingon, bem como, para a Federação...

***

Segundo o calendário terrestre, dez dias depois, encontramos nosso Capitão, na EARTH SPACE STATION com a S.S.F. GALATRINA∞, atracada na área das docas recebendo reparos, enquanto Durana se encontrava em tratamento médico, e toda a caravana escoltada do espaço klingon até o sistema solar, em segurança.

Na estação, Zéca seguia para o salão onde recém-formados da academia, eram diplomados e encaminhados para os postos onde prestariam serviço pela Frota Estelar ou pela Federação dos Planetas Unidos.

Assim que entrou, sentou-se na primeira cadeira que avistou longe das atenções.

Estava preocupado pois, fora chamado por Sonny Blue, para um encontro. Certamente, alguma dor de cabeça nova chegando. Era só o que vinha do Diretor que acabara de chegar sentou-se ao lado de Fernando Zéca exibindo, seu típico bom humor.

Os dois apertaram as mãos.

-E aí chefe? - Indagou o Capitão. - Tudo em ordem? Novidades para mim?"

-Claro Zéca. Tudo em ordem.

Sonny Blue olhou ao redor, e acendeu um charuto, daqueles bem fedorentos...

-Ei chefe: pode fumar aqui?

-Pô, Zéca! Eu sou o chefe da Agência... Do E.Y.E.! Eu fumo onde quero.

-Posso fumar um também?

-Claro. Você fez um bom trabalho. Parabéns. E quer saber mais? Estive ontem com a Durana. Ela está bem, e se recuperando muito rapido.

-Sério? Fico feliz. Não pude conhecê-la a fundo, mas me parece ser uma pessoa boa. Ela me disse que não conseguiu cumprir a missão em Kroulos 4... Uma pena...."

-Conseguiu sim, Zéca. Por conta do trabalho dela, o Imperador, decidiu e determinou, antes de morrer, que o Alto Conselho Klingon, voltaria a ser um participante da mais alta importância dentro do Império. A Federação já tinha alguma influência no Alto Conselho Klingon, mas daqui por diante nossa parceria com o Império, será cada vez mais amistosa e frutífera."

"Com esse apoio, através do Alto Conselho Klingon, conseguimos nomear, para liderar o Imperio, um nome da nossa escolha, e, para te dizer a verdade, foi opção que decidimos, com base nos relatórios da SUA missão recém realizada."

O Capitão não imaginava como seus relatórios ajudaram na decisão...

-Sério? - Indagou ainda incrédulo... Por-quê?

-Porque você o conheceu como Marechal Pope Korne, que agora é o Chanceler que iremos apoiaremos no poder, até outro Imperador assumir o trono... Momento em que, teremos outra carta pronta para ajudar a Federação.

-Outra carta? - Indagou Fernando Zéca.

-Sim. Durana engravidou do finado Imperador.

-Caramba, Chefe! A Durana está gravida?

-Exato, Zéca. E temos que manter o Chanceler administrando tudo, até a filha de Durana atingir a maioridade, aí, talvez, ela possa ser coroada Imperatriz.

-Puxa Vida! Durana.. Mãe de uma Imperatriz??? Isso que é pensar longe..."

-Daí você vê que a missão foi um sucesso. - Concluiu Sonny Blue.

"Ela conseguiu melhorar a situação da Federação junto ao Império Klingon pelos próximos anos. E fez tudo de improviso, pois, eu a ordenei seguir um plano, mas, ela acabou fazendo tudo pelo próprio script, que deu melhor resultado, do que teria dado, caso fizesse como mandei. Bom! Para dizer a verdade, eu esperava que ela fosse improvisar, mas, não achava que fosse mudar tanta coisa."

-Chefe! Você sabe que o Chanceler quer o Fakces fora da jogada...

-Já está, Zéca. Uma auditoria foi feita nos bens do Almirante, e ficou óbvio que o patrimônio dele não estava coerente com o que declarava de Imposto de Renda, daí acabou afastado e pode até ser preso, se a sonegação for muito alta. O que para falar a verdade, duvido que aconteça..."

-E a caravana?

-A caravana trouxe muita coisa que vai mexer com o sistema financeiro da Federação. Ainda não dá para avaliar completamente o valor de tudo o que foi trazido, mas, sem dúvida, muito vai melhorar por aqui. E justamente por isso, que pedi para você vir aqui.

Agora Fernando Zéca sabia ter chegado a hora de receber uma nova cota de dores de cabeça para resolver. Sonny Blue então disse:

-Fernando Zéca, por conta dos relevantes serviços prestados, você deixará de ser Capitão para ser promovido a Almirante com patente válida na Frota e no E.Y.E..

Sonny Blue espetou então, no peito do oficial, uma pequena insígnia metálica, tendo o desenho de um delta parecido ao do logotipo da frota, com um pequeno e quase imperceptível olho no seu interior.

-Parabéns! - Disse o Diretor, apertando a mão do atônito recém-promovido.

-Caramba, Chefe! Nem fiquei muito tempo no posto e já fui promovido.

-Grandes Generais na história, chegaram ao seus alto postos, ainda jovens, portanto, escalando rapidamente a hierarquia. Você prestou um bom serviço, mas a verdade é que o posto que você irá servir agora ficou vago.

-Ficou vago?

-Seu antecessor morreu.

-Trabalhando?

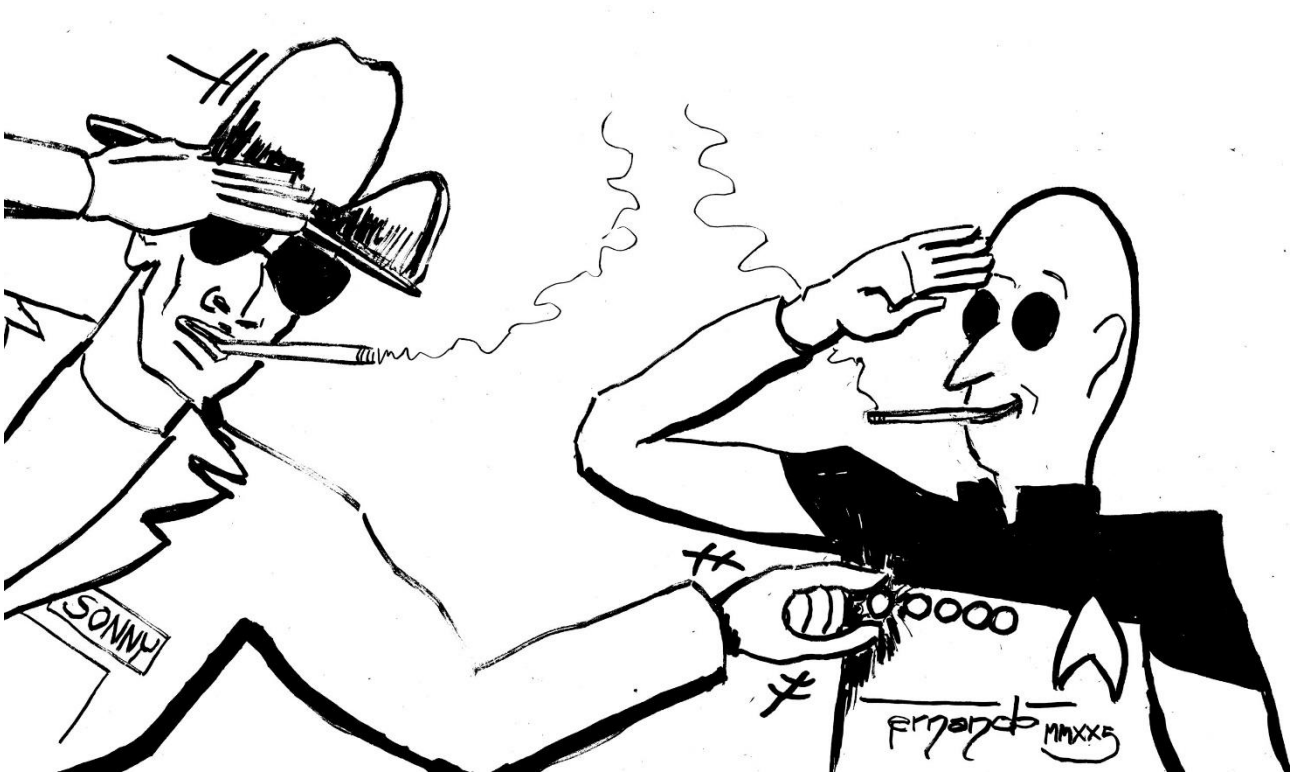
-Sabe como é, né Zéca... Os tempos são dificeis... O trabalho da Agencia (E.Y.E) é perigoso...

-Vou receber aumento e privilégios? Uma mansão com secretária e carrão?

-Só aumento de responsabilidades, Zéca. E você ainda terá de preparar um time de gente confiável para te ajudar e assumir espaços na Frota Estelar... Pode começar agora!

-Eu já imaginava...

***




***

**CALENDÁRIO TERRESTRE:**

## MEIA DÉCADA DEPOIS...

Neste momento, encontramos tanto o Chanceler Pope Korne, bem como Fernando Zéca Corinthiano, estabilizados em seus cargos.

Estas e outras mudanças no jogo de poder, não trouxeram só alegrias.

Certa manhã, ao chegar ao seu escritório, o Almirante Fernando Zéca recebeu uma mensagem codificada vinda de Sonny Blue.

Era uma gravação:

**Caríssimo Zéca:**

**Se você está recebendo estas instruções é porquê algo me surpreendeu impedindo de seguir com os trabalhos do Serviço Secreto da Federação (agência) ou E.Y. E.**
**A situação provavelmente, deve ser de muita urgência, de modos que, a partir de agora, você assume meu posto como Diretor, com todos os poderes e responsabilidades inerentes ao cargo.**
**Os principais códigos, senhas e protocolos, com acessos, estão em arquivos anexos.**
**A partir daí, verifique todo este material, e, mais o que aparecer na sua frente para iniciar as mudanças de procedimentos que você deverá realizar no organograma todo dentro e fora da agência.**
**Tenho certeza que já te preparei muito bem para essa situação, portanto naquilo que tiver dúvida tente a melhor solução que te parecer apropriada.**
**Boa sorte.**
**Foi um privilégio trabalhar com você.**

Sonny Blue
(ESTA MENSAGEM SE AUTODESTRUIRÁ EM 4 SEGUNDOS!)

Instantes depois, Fernando Zéca Corinthiano recebeu outra chamada, esta de Elizabeth Bondmader confirmando a situação, e aceitou , sua incumbência como novo Diretor da Agência.

Tais fatos, gerariam outras tantas repercussões, que não cabem aqui, serem contadas, por não serem mais, histórias de um capitão corinthiano, mas que, de qualquer forma serão descritas no fenomenal e épico desfecho desta sequência que se dará no próximo volume intitulado:

DEEP SPACE FEDERATION

***

**********

# PRISIONEIRO N#7

## MEADOS DO SÉCULO XXV

Enquanto isso, num ambiente virtual, encontram-se dois avatares sentados diante do balcão no cenário de um bar cheio, durante a happy hour de sexta feira.

A música eletrônica embala o ambiente, e entre as duas figuras virtuais, estabelece-se uma interessante conversação:

-Preciso de informações a respeito do E.Y. E....

-Não diga mais nada.

“Vamos tratar desse assunto no meu canal de mensagens por escrito.”

Logo em seguida, pelo canal de mensagens, mais uma vez, chegou a solicitação sobre o mesmo assunto:

-Preciso de informações a respeito do E.Y. E....

-Só deixa eu te avisar que o E.Y. E. é o Serviço Secreto da Federação dos Planetas Unidos, daí, essa nossa conversa deve ser reservada.

“Essa agencia tem olhos e ouvidos por todos os lados.”

-Entendido.

-O que você quer com o E.Y. E?

-Queremos acabar com eles.

-Tá de brincadeira? Essa turma é perigosíssima.

-Isso já é sabido, mas, os chefões da VELHA ORDEM UNIVERSAL, colocaram o E.Y. E. na sua lista negra de morte por ter prejudicado diversos interesses de poderosas figuras que agora querem seu fim.

-Poderosas figuras?

-Gente de todo tipo... Senadores, militares, empresários e até o V.P.

-O V.P.? Você quer dizer o Vice-Presidente?

-Sim. Assim como outros chefões da Velha Ordem Universal, este também ficou bastante irritado e agora quer partir para um acerto de contas...

-Velha Ordem Universal? Nunca ouvi falar...

-São os donos de tudo. Têm gente importante em todos os lugares.

-Pode até ser, mas para ir atrás do E.Y. E. têm que ter muito cacife na banca.

“Até onde sei, essa Agência é perigosíssima.”

-Vou repetir: O E.Y. E. está na lista negra justamente porque prejudicou interesses de poderosos figurões que agora querem seu fim.

E repito: O V. P. tá nessa! Congressistas e Ministros do próprio Presidente também.

-Um complô generalizado?

-Exatamente.

-Olha: Mesmo assim, não será fácil atingir o Serviço Secreto da Federação.

“O E.Y. E. é muito protegido.”

“Até onde sei é uma Agência de Espionagem Independente a serviço da Federação.”

“Só o Presidente faz contato com o E.Y. E., através de uma pessoa, e seus agentes são muito reservados. Ninguém os conhece pois eles não se misturam.”

-Isso todo mundo já sabe. Preciso de contatos para achar pelo menos, um desses caras, depois eu puxo todo o resto do fio da meada.

-Não vai ser fácil.

-Você disse que já trabalhou com alguém lá no Serviço Secreto da Federação. Tenho que saber quem é.

-Tive contato com um sujeito que durante uma festa regada à álcool e drogas, me disse ser do E.Y. E.. Depois, aconteceram algumas coisas esquisitas, mas, não sei se o ele realmente tinha mesmo algo a ver com o ocorrido.

-Passe-me este contato.

-Já disse. Foi durante uma festa cheia de drogas. O cara tava enxarcado.

“Disse que era piloto de uma espaçonave chamada MAGIC MISTERY BUS.”

“Não sei o nome dele, mas, você pode descobrir verificando o diário de bordo dessa espaçonave, na data do Reveillon deste ano, quando ela estava atracada na BASE ESPACIAL TERRA (EARTH SPACE STATION)

-Então, fazem mais ou menos oito meses que você viu esse cara, e ele estava aqui no Sistema Solar.

-Isso mesmo, e não sei quem é o sujeito. Mas, se você encontrar a espaçonave, acha o cara. Ele é humano, e da Terra.

-Tem descrição dele? Alguma imagem?

-Não tenho nada. O sujeito estava com roupas de inverno, um cachecol enrolado na parte inferior do rosto, usando óculos escuros e chapéu.

-Muito bem então, começarei procurando esta MAGIC MISTERY BUS.

“Se você souber de mais alguma coisa que possa informar, mande uma mensagem que eu venho saber.”

-OK! Combinado.

Assim, sem deixar qualquer rastro da sua presença, um dos avatares desapareceu da cena como fantasma.

O informante, permaneceu sentado refletindo sobre o que revelara...

***

Não era o dia para Sony Blue ter saído.

Por três ou quatro vezes, se perdeu pelo caminho, coisa que o atrasou na sua chegada até a EARTH SPACE STATION, onde embarcaria na MAGIC MISTERY BUS rumo à Saturno.

Não estava atrasado pois, a prudência o ensinou a sair com várias horas de antecedência para qualquer compromisso, daí ainda corria pelos amplos corredores, da gigantesca base que orbitava ao redor do planeta Terra, e, na qual centenas de espaçonaves estavam atracadas.

Aproximou-se do balcão onde a Autoridade Espaçoportuária fazia inspeção da documentação dos passageiros e tripulantes onde exibiu um cartão preto brilhante.

-Não vejo muitos desses por aqui. - Disse o inspetor olhando a identificação que passou numa máquina ao seu lado.

Olhou em seguida para Sony Blue e comparou com a foto que aparecia na sua tela.

-Está tudo certo. Pode seguir.

-Obrigado. - Agradeceu Sony Blue com um sorriso.

Em seguida pegou o cartão de volta e correu apressadamente até o portão de embarque indicado, no caso, o de número 32.

E finalmente ali, chegou apressado ao balcão de acesso e, uma das comissárias logo veio lhe informar:

-O senhor pode embarcar. Chegou a tempo! Os portões já foram abertos a quinze minutos.

Sony Blue respirou aliviado e avançou por um corredor menor e mais estreito, que conectava a base até a MAGIC MISTERY BUS, já posicionada aguardando para partir.

Ali mesmo, enquanto caminhava a passos largos, sentiu vibração no seu bolso e, deste, sacou um artefato retangular preto do tamanho de uma carteira, com pouco mais de meio centímetro de espessura, em cuja superfície, deslizou a ponta dos dedos.

Dali, projetou-se a imagem tridimensional de uma cabeça humana do que supostamente seria um homem de pele negra.

-Paul! Como vai? - Indagou Sony.

-Não tenho boas notícias para você. - Veio a resposta do Paul, com voz digitalizada.

-Diga lá. - Disse Sony Blue com semblante sério enquanto reduzia a velocidade da caminhada.

-Teu time perdeu o clássico da semana por quatro a zero.

“A Bete tá doida atrás de você querendo te aporrinhar.”

“Disse para você ligar para ela imediatamente.”

Sony Blue mentalizou uma infinidade de palavrões, mas, apenas disse:

-Tá bom. Eu falo com ela daqui a pouco.

E desligou.

Aproximou-se da entrada da espaçonave onde apresentou mais uma vez a documentação de embarque para um robô de aspecto humanoide e superfície metálica pouco mais alto que Sony.

Um raio azulado saiu do led situado na altura do que seriam os olhos da cabeça cibernética, em seguida, veio a resposta, com voz digitalizada.

-O Sr. pode entrar. Faça boa viagem.

Sony Blue avançou para o interior da espaçonave e, assim que passou pelas portas, estas em seguida se fecharam.

***

Na cabine de pilotagem, Sony colocou a bolsa com seus pertences sobre um painel e sentou-se na confortável poltrona preta alta, muito parecida com aquelas utilizadas pelos executivos das grandes empresas. Não tinha pressa.

Elizabeth Bondmader sua chefa, estava ansiosa para encontrá-lo e fazer as tradicionais gozações para cima dele, afinal, o seu time tomar de 4 do adversário mais tradicional, não é um evento rotineiro.

Já imaginava as milhares de piadas que lhe aguardavam. Seu destino era inevitável.

Por isso fazia tudo lentamente, conferindo cada operação duas ou três vezes.

Foi então que recebeu um aviso pelo sistema de comunicação:

-A torre controladora de atracagens na EARTH SPACE STATION, autoriza a A MAGICAL MISTERY BUS para partida.

Sony Blue respondeu pelo sistema de comunicação:

-Aqui é a MAGICAL MISTERY BUS, informando que estão sendo iniciados os procedimentos de partida.

-Confirmado, MAGIC MISTERY BUS.

Os computadores e comunicadores da espaçonave trocavam informações com os da base objetivando antecipar qualquer problema, ainda assim, não puderam preparar Sony Blue do que aconteceria logo a seguir:

Pelos dutos de circulação de ar da espaçonave, saiu uma fumaça roxa que em menos de um minuto empesteou toda a cabine de pilotagem.

Sony Blue tentou sair dali, mas verificou que a porta da cabine estava trancada.

Mas como? Não havia ninguém na espaçonave, além dele...

Logo que percebeu o gás roxo, Sony também o identificou através do cheiro adocicado: um poderoso sonífero que logo o deixaria desacordado.

Isso aliás, era inevitável. Apenas questão de tempo.

Sony Blue, antes de quedar inconsciente, ainda tentou enviar diversas mensagens de aviso, pedindo socorro ou ajuda, pelo sistema de comunicação da nave

Ninguém lhe deu resposta imediata durante o exíguo tempo em que ainda se manteve consciente...

***

O despertar de Sony não foi nada agradável.

Acordou sendo arrastado por dois robôs de formas humanoides que o puxavam pelos braços.

Logo depois, foi colocado ainda meio grogue numa espécie de maca automatizada que o imobilizou e saiu sozinha em disparada por diversos corredores de algum lugar desconhecido.

O dia para Sony não começara bem, mas, depois de receber a notícia da derrota do seu time no clássico, as coisas foram ficando ainda piores.

Ali deitado e amarrado, ainda estava meio grogue sentindo enjoo, mas não quis perder tempo: conseguiu alcançar um compartimento secreto que tinha costurado à manga do seu casaco, de onde sacou um canivete suíço, último tipo, com 2000 funções.

Com movimentos limitados, conseguiu acionar o raio laser do mesmo, para cortar a amarra que atava seu braço à maca.

Logo em seguida, safou-se com um salto da cama automatizada que continuou tresloucada, no seu caminho a toda velocidade.

De pé no meio do corredor de paredes com tonalidades verdes misturadas a diversos tons de cinza, percebeu que não teria sossego, pois, dois robôs humanoides corriam dando sonoras passadas na sua direção.

Sony Blue lembrou do seu time que havia perdido e pensou:

-Ótimo dia para morrer, ao menos assim, me livro das piadas e zombarias da Bete e da turma lá do trabalho....

Espumando de raiva, Sony lançou-se ao ar, como um touro voador, apontando suas pernas em direção ao quadril de um dos robôs.

Aquele golpe que no Brasil ainda nos meados do século XXV será conhecido como “voadora”.

Sony Blue aplicou direitinho a sua “voadora”, arrancando a perna do autômato que caiu no chão logo na sequência...

Pelo seu lado, Sony pegou aquela perna e transformou-a numa arma, para primeiramente destruir o que sobrara do primeiro atacante automatizado, e, logo em seguida, para se defender do outro que continuou tentando agarrá-lo.

Com três ou quatro “pernadas” bem aplicadas, este agressor, também foi despedaçado e inutilizado.

Depois disso, finalmente Sony teria alguns momentos para refletir sobre o que lhe acontecera.

***

Na verdade, entretanto não teve tempo para nada.

Mal passaram alguns poucos segundos e apareceram dez humanoides vestindo roupas militares, apetrechos e armas para contenção de tumultos.

Chegaram atirando balas de borracha em Sony Blue.

Pensando no seu time de futebol que havia perdido o clássico, partiu para cima dos atiradores que faziam ele de alvo.

Acertou logo de cara dois deles, usando a perna do robô, que com um único golpe, colocou a dupla inconsciente.

Ainda debaixo de muita bala de borracha, conseguiu pegar as armas dos dois que havia derrubado, passando a devolver aos atiradores restantes, a cortesia que estava recebendo.

Só aí, na devolução das balas de borracha, já conseguiu por a nocaute mais três dos

agressores. Quando sua munição acabou, arremessou a arma vazia contra um dos atiradores, colocando também este fora da briga.

Neste momento, acabaram também, as balas de borrachas dos agressores remanescentes, daí, estes tentaram cercar Sony e resolver tudo na mão.

Enfurecido com todas as borrachadas que levara, Sony usou sua arma vazia para atingir com máxima violência os infelizes que ainda tentavam contê-lo.

Sua ação foi tão cruel, violenta e devastadora que dois dos guardas, resolveram largar a briga no meio dela para saírem correndo, enquanto os seus colegas eram destroçados pela fúria de Sony Blue.

Ao final de tudo, já um pouco mais tranquilo, o protagonista destas linhas, até ficou satisfeito com seu desempenho na luta contra os tipos violentos.

Claro que não seria igual nem comparável, ao que sua chefa, Elizabeth Bondmader, faria numa situação como aquela, mas, ao menos seu desempenho livrou-o por algum tempo, de maiores encheções de saco.

Assim, com o corpo dolorido, revistou um daqueles tipos militarizados.

Tirou do colete que este usava, um comunicador.

-Hummm.

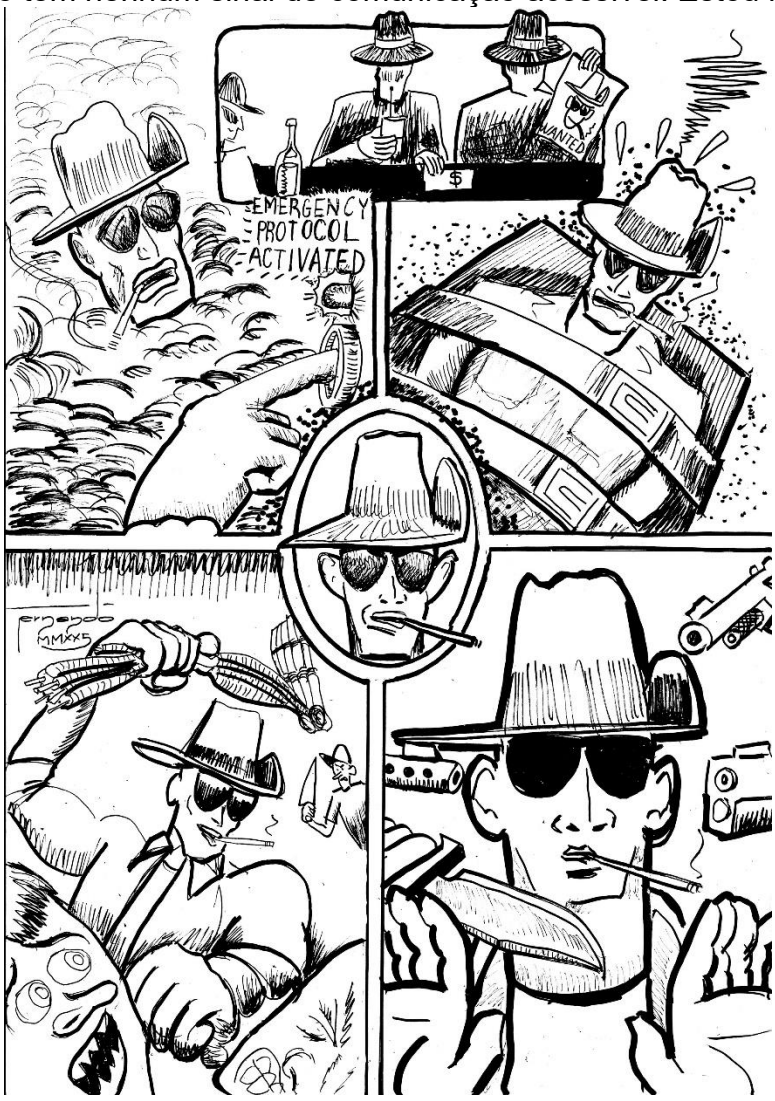
Com movimentos rápidos, Sony sacou do seu bolso, o próprio comunicador.

Acionou nele um dispositivo que permitiu, em menos de um minuto, acessar e copiar todo o conteúdo do aparelho do agressor caído.

-Algo que me indique onde estou? - Perguntou Sony para o seu comunicador.

Ele olhou para o seu dispositivo e praguejou irritado:

-Droga! Não tem nenhum sinal de comunicação acessível. Estou isolado.



***

Sony Blue desarmou alguns daqueles tipos e, em menos de cinco minutos, já não era mais o pato para ser caçado no jogo.

Agora, tinha fuzil, duas pistolas, baterias para o armamento, granadas de mão, colete protetor, facão e até capacete.

Quando ia procurar por um caminho que o levasse até onde estivesse sua nave, viu no meio daquele ambiente tenebroso, uma mulher lindíssima.

Pele clara, cabelos negros longos, amarrados na parte de trás da cabeça, olhos brilhantes escuros, alta, magra, peituda e corpo violão.

Vestia roupa branca e andava como uma autêntica modelo de desfile de moda.

Ela parou diante de Sony medindo-o de cima a baixo, e arregalou os olhos quando viu o tamanho do volume que ele tinha no meio das pernas.

Daí por diante, ela não conseguia desviar a atenção dali.

Mesmo assim, ela falou com voz imponentne:

-Você não precisará de armas. Pode devolvê-las aos guardas. Ninguém te fará mal.

“Se resistir serei obrigada a utilizar meios ainda mais severos para te conter.”

Ela olhou para o rosto de Sony e mais uma vez para a virilha deste.

-O que querem de mim? Onde estou? Por-que me queriam amarrado? - Sony Blue fez estas indagações e tentou tocar aquela lindíssima mulher.

Para surpresa, a sua mão atravessou-a como se passasse por um fantasma.

Era uma imagem tridimensional dela, e não a pessoa real.

-Eu sou a N#1 e você ficará aqui respondendo as perguntas que eu lhe fizer...

-E se eu não quiser responder? - Indagou Sony desafiadoramente.

-Você falará... Cedo ou tarde, e de qualquer modo, vai me contar tudo o que quero ouvir... E ela gargalhou bastante.

***

Se a mulher não tirava os olhos da volumosa piroca de Sony, ele também não conseguia tirar os olhos da beldade que o impressionava bastante.

-Entregue as armas aos guardas! - Ordenou ela mais uma vez.

-Quero falar pessoalmente com você antes. Só então, verei se entrego mesmo alguma coisa.

Nem bem acabou de falar isso e Sony percebeu que um brilho começava a envolver seu corpo...

-Droga! - Disse ele.

Se o brilho no seu corpo ficava cada vez mais intenso, ao seu redor o cenário se desvanecia em pouquíssimos segundos, até a completa escuridão.

Passado mais algum tempo, impossível de ser naquele instante estimado, o cenário no entorno voltava a se definir.

Entretanto, já não era mais o mesmo.

Agora, Sony se encontrava em outro lugar, e, diante de si, estava a gostosa e temível N#1.

Assim que o brilho em volta do seu corpo ficou menos intenso, diminuiu e se dissipou, nosso protagonista foi rapidamente imobilizado e desarmado.

Cercado por gente apontando-lhe armas engatilhadas, não havia como resistir.

-Você vai acompanhar estes guardas sem resistência até meu quarto e me esperará lá.

Sem alternativa, Sony Blue foi colocado num veículo blindado sendo levado dali para o tal dormitório onde aguardaria a chegada da sua captora...

***

E de fato, Sony foi conduzido para um amplo e extraordinário aposento onde calmamente, andou pelo local examinando detalhadamente paredes, cortinas, a parte detrás dos quadros, etc...

Nas partes de fora das entradas, estavam postados dois guardas robotizados pesadamente armados.

Nosso protagonista sabia que poderia enfrentá-los, talvez até, com alguma chance de sucesso, mas, preferiu não arriscar a sorte assim aproveitaria a trégua para conhecer melhor a N#1.

A decoração do ambiente, mostrava que ela devia ser uma pessoa culta e sofisticada, além de muito organizada, já que tudo estava impecavelmente arrumado.

As armas de Sony Blue haviam sido tiradas dele, entretanto, o seu comunicador multifunção, não.

Sony tirou-o do bolso e colocou-o ao lado de um computador que estava sobre a mesa para invadi-lo e assim obter deste, informações que pudessem ser úteis.

Tal artefato era o famoso xupa-cabras, muto utilizado pelos hakers, para invadir sistemas informatizados de qualquer espécie, sem a necessidade de cabos.

Em menos de dois minutos, mesmo estando desligado, o computador na mesa da N#1, teve todo seu conteúdo copiado.

Ao fim da rápida operação, Sony disse com a boca próxima ao seu comunicador:

-Não sei onde estou. Aparentemente, aqui, não tenho acesso a internets de espécie alguma e minhas chamadas ou pedidos de ajuda devem estar enfrentando vários tipos de bloqueio. Estou enviando em anexo a esta mensagem, um arquivo compactado com a cópia do conteúdo do computador da minha captora, para que se apure entre outras coisas, onde estou, e como saio daqui.”

Após estas palavras, Sony Blue guardou o comunicador na roupa e sentou-se numa poltrona próxima para aguardar a N#1 enquanto observava tudo atentamente ao redor.

***

Finalmente a N#1 chegou.

Como toda mulher que goste de esnobar, depois de deixar Sony Blue esperando por bastante tempo.

-Vai me explicar o que estou fazendo nesse lugar? - Indagou ele assim que a viu.

Do alto de toda a sua beleza, ela deu um sorriso e disse:

-Não! Você é quem vai responder minhas perguntas!

“Mas antes...”

N#1 revelou uma varinha que trazia oculta na mão e, com a ponta dela, tocou Sony Blue, que, imediatamente, ficou parcialmente paralisado.

Ela enfiou a outra mão dentro das calças dele e disse:

-Mas o que temos aqui... Produto de distinta excelência...

Logo, a N#1 já não conseguiu mais segurar sozinha com a mão, o volume que aumentou abruptamente de tamanho.

-Isso que eu chamo de excelência na qualidade. Vou aproveitar a oportunidade.” - Disse ela.

Sem muita cerimônia, ela arrancou as roupas de Sony tirando-o de sua paralisia, ficando também peladona logo em seguida.

Não preciso atormentar o(a) querido(a) leitor(a) com os detalhes tórridos de tanta empolgação amorosa entre o casal, bastando diretamente ir ao momento da conclusão, quando nosso protagonista, levou a N#1 à inconsciência total, tamanha a quantidade de orgasmos que ela teve...

***

Foi então que Sony aproveitou para revirar tudo de cabeça para baixo.

Primeiramente vasculhou as roupas de N#1 e seus pertences.

Assim como fizera com o computador, também copiou todas as informações do comunicador que ela carregava.

Em seguida, rapidamente recolocou o alojamento em ordem, deixando tudo no seu devido lugar, e sentou-se numa poltrona que havia diante da cama para ficar esperando ela despertar...

***

Assim que a N#1 despertou, viu Sony sentado numa cadeira de frente para a cama do seu alojamento, admirando a sua estonteante e deslumbrante beleza.

Sentiu-se constrangida por não estar alerta e ter dormido demais, porém, o jorro de prazer que ela teve levou-a a um tal relaxamento, que não pôde evitar o sono e praticamente desmaiou empalada.

-Foi bom para você assim como foi para mim? - Indagou Sony

-Engraçadinho. - Respondeu N#1 demonstrando alguma contrariedade. - É você quem vai responder algumas perguntas agora.

N#1 saiu da cama e ficou de pé, exibindo seu corpão e tentando mostrar imponência.

Não conseguiu.

Sony Blue havia penetrado-a tão profundamente, como nunca antes na história de sua vida, que ela mal conseguia manter-se de pé.

Sentou-se de volta na cama tentando esconder a situação.

-Olha, você até fez compensar a enxeção de saco que eu tive de aguentar dos teus capangas. - Disse-lhe Sony. - Mas até agora eu não faço a menor ideia do motivo pelo qual fui trazido para cá.

“Eu não sou rico. Piloto uma espaçonave que nem minha é, e na hora que vocês me sequestraram, estava sem carga nenhuma. Não sou procurado por nenhuma Autoridade,

nem estou devendo nada para ninguém, então, queria saber se eu posso ir embora e seguir com minha vida.”

-Não! Você não pode ir embora.

***

-Você vai ficar aqui. - Disse a N#1 erguendo-se impávida num só movimento enquanto exibia sua magnífica beleza.

Vestiu roupas brancas sendo a camisa semitransparente que contrastavam com os volumosos cabelos e botas negras.

-Dê-se por contente por estar vivo. - Disse ela com olhos chispantes. - Você agora vai prestar contas a mim sem questionamentos e servirá com a desiginação de N#7.

-Você está doida!

“Eu não sou um número. Meu nome é Sony Blue.”

-HAHAHAHAHAHAHAHAHA.

A gargalhada da N#1 apesar de assustadora, era simplesmente deliciosa.

Sua beleza extraordinária não diminuía nem mesmo depois do sexo intenso.

Tão pouco, sua personalidade despótica em arrogância.

-Não ouse me desafiar N#7.

Com expressão ameaçadora a N#1 saiu do alojamento deixando Sony pelado com cara de bobo e só.

***

Não por muito tempo, entretanto...

Enquanto tomava banho, Sony percebeu alguém entrando no banheiro onde estava.

Não era a N#1.

Na verdade, eram três sujeitos.

Dois brutamontes vestindo calças pretas, camisas com listras horizontais e chapéu de marinheiro.

O outro era um tipo gorducho, trajando paletó azul escuro, calças e sapatos brancos segurando uma estilosa bengala.

Tinha um cavanhaque e cabelos ralos que lhe chegavam aos ombros.

-É ele. - Disse apontando para o nosso banhista. - Peguem-no.

Os brucutus avançaram para cima de Sony, que sem a menor cerimônia os recebeu com certeiros chutes e socos, que rapidamente os colocaram a nocaute.

O gordinho assustado, diante da reação, não sabia se saia correndo ou se ficava ali admirando o nosso brigante herói, brioso da sua glória que mesmo debaixo do chuveiro, após diversos combates, mantinha-a inflamada, voluptuosa e cheia de libido.

Assim, paralisado, pela indecisão, o apressado invasor de banheiros, levou um pontapé acompanhado de potentíssima bofetada na cara, que não só lhe deslocou o queixo, bem como quebrou-lhe diversos dentes, colocando-o para dormir o sono dos injustos...

***

Sono este, que foi perturbado por uma N#1 histérica.

-O que você estava fazendo no meu alojamento, N#2, seu idiota???

N#2 percebeu sua situação.

Não estava numa posição nada boa.

Agora, acordara amarrado, pendurado como um saco de batatas sobre um triturador ligado logo abaixo de si.

Percebendo que a circunstância não lhe era nada favorável, e com amplas probabilidades de o conduzirem a um destino desagradável, N#2 começou a gritar:

-Cuidado N#1. Ele vai nos destruir. Está te usando para nos expor. Eu tenho provas.

Dito isso, dirigiu olhar acusador a Sony Blue que, incrédulo assistia o circo de horrores que era obrigado a testemunhar.

-Tem prova nenhuma, seu idiota! - Retrucou N#1 com expressão de desprezo.

-Eu tenho provas!

N#1 fez um gesto apontando para N#2.

-Dessa vez você foi longe demais, N#2. Você sempre sonhou ter poder sobre mim, mas não tem a virilidade necessária para me possuir. É um fraco."

"Agora que tenho este belo espécime a meu dispor, tua inveja e ciúme te fazem se erguer contra minha autoridade?"

-Você está louca, N#1! Eu tenho provas contra esse cara. Ele é um perigo. - Bradava N#2. Cuidado, Ele vai te pegar."

-Ele já está me pegando... - Disse ela. - Com força e com vontade... Bem ao contrário de você.Agora vamos acabar logo com isso." - Disse ela, movendo uma alavanca.

Em seguida, o ar enxeu-se com o som de máquinas sendo acionadas e, num movimento subito, o N#2 despencou para dentro do triturador ligado.

As pernas dele começaram a ser implacavelmente moídas, tendo como acompanhamento sonoro de fundo, os gritos agonizantes do gordinho que estava prestes a perder sua barriga.

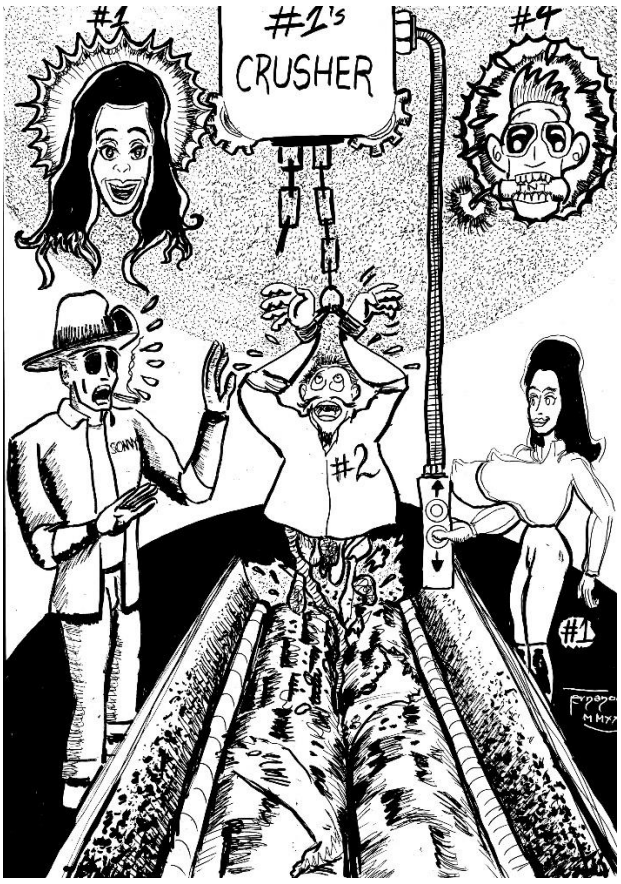
Quando a cintura do infeliz já ia ser triturada, apreciando a cena com um sorriso, N#1 voltou a alavanca na sua mão para a posição inicial parando a atividade da máquina.

Com o dedo indicador em riste, ela apontou para a saída daquele lugar dizendo:

-Agora vamos deixar aqui esse intrometido agonizando até a morte.

As luzes foram apagadas com N#2 deixado só no escuro, morrendo aos poucos, entalado no triturador, em meio a dores atrozes e dilacerantes.

***



Duas horas mais tarde, a N#1 outra vez quedava inconsciente após os mais intensos orgasmos de sua vida.

Sony Blue por sua vez, depois de tanto sexo com ela, ainda não estava assim tão satisfeito, pois aquele lugar o deixava estressado com toda aquela gente desprezível.

Mesmo N#1 sendo uma beldade, era má.

Interrompendo as reflexões de Sony, chegou aos seus ouvidos o que parecia o som de uma campainha no alojamento.

Ele deixou N#1 dormindo e foi ver do que se tratava.

Quando se aproximou das portas sem aviso, estas se abriram.

Fora do alojamento estava uma mulher loura de cabelos lisos, compridos, alta, magra, quadril largo e peitos pequenos, porém bicudos.

Assim que ela viu Sony, peladão, os bicos dos seus seios aumentaram de tamanho e sua vagina inchou imediatamente.

-Eu sou a N#507. - Disse ela sem conseguir tirar os olhos da piroca de Sony que apontava na sua direção, rija, musculosa e prestes a explodir.

Sem nem saber o que a menina queria, Sony disse:

-Entre.

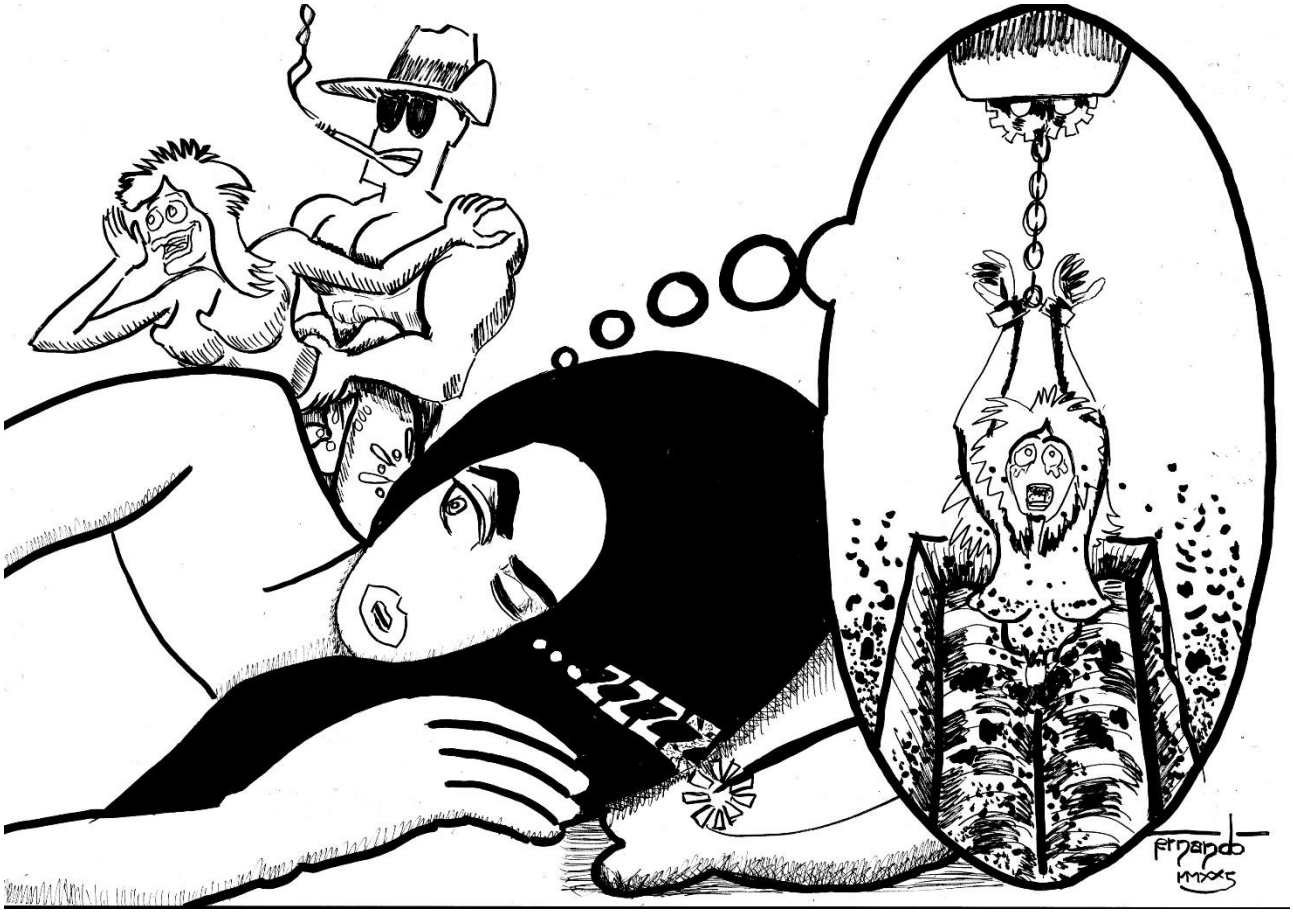
Meio tremula ela obedeceu e a porta se fechou atrás de si.

Sem cerimônia nem conversa Sony tirou as roupas dela o casal parou de falar.

A loirinha que parecia ingênua e indecisa, transando era um verdadeiro show.

Gritava, gemia, urrava, chorava e quando já estava gozando pela décima vez, viu-se surpreendida no meio do extase.

O seu berreiro havia acordado a N#1 e esta, não parecia nada satisfeita com o que estava vendo...




***

No próximo ato, encontramos a N#507 em posição semelhante à que já se encontrou o N#2 anteriormente, seja esta: pendurada acima do mortífero triturador.

Neste caso, entretanto, a N#1 não gastou tanto tempo ouvindo ou fazendo grandes discursos.

Só os pequenos.

-Ninguém pega ou põe as mãos sem autorização naquilo que é meu.

Dito isso, ela puxou a alavanca acionando o triturador, que, em questão de segundos, engoliu a desesperada N#507, que teve fôlego para continuar gritando até seus pulmões serem esmagados.

Nada sobrou dela para contar sua história: nem o crânio triturado tão pouco, os cabelos louros espicaçados.

Somente o enfurecido Sony Blue recordaria dela, mas, mesmo este, não teria condições de fazer nada, pois, agora imobilizado, foi, logo após presenciar aquela pavorosa execução, jogado num temível, fétido e escuro calabouço.

***

Ratos e baratas ali haviam em profusão, até mesmo minhocas e outros tipos de insetos. Curiosamente, Sony Blue conhecia bem aquelas espécies.

Eram idênticas às que habitavam as espaçonaves cargueiras que eventualmente economizassem nas inspeções exigidas pelas autoridades espaçoportuárias.

Mas havia ainda uma outra espécie, também ali confinada. Um humano.

Assim como Sony Blue, um homem, mas que aparentava ser bem mais velho.

Contrariamente ao nosso protagonista, não tinha muitos cabelos, era baixinho e nada atlético.

Sua cara gorducha era repleta de esparsos pelos pretos, acinzentados e brancos.

-Bem-vindo a minha humilde morada. - Disse, assim que Sony foi jogado lá dentro. - Não está um primor de organização, porque a faxineira não tem me feito visitas. RÁ!RÁ!RÁ!

Todo arranhado e cheio de escoriações, Sony sentou-se no chão e olhou o companheiro de detenção.

-Afinal encontro alguém aqui dentro com algum senso de humor. - Disse.

-Não custa ter um pouco de educação apesar dos pesares.

Os dois sorriram na própria desgraça.

-Meu nome é Zksbauer, mas aqui o pessoal me chama como N#206.

-Eu sou Sony Blue.

-Já recebeu o seu número, Sony?

-Sim! Eu sou o N#7;

-Ah! Então você já é da casa...

-Não! Eu não sou da casa. Quero sair daqui. Esses caras nem me falaram porque estou nessa.

-A maioria aqui está na mesma situação.

“Aposte o que quiser, mas, eu mesmo se pudesse, teria saído daqui a tempos.”

“Aliás, você está sentado em cima da única coisa que me mantem aqui preso...”

-Como assim? - Indagou Sony.

-Olhe no chão. - Disse Zksbauer. - Essa pedra de cujas frestas saem minhocas e baratas, cobre uma passagem que poderia nos levar até o hangar onde estão estacionadas diversas espaçonaves, incluindo a minha.

Sony arregalou os olhos.

-Você está me dizendo que aqui embaixo tem uma saída que pode nos tirar daqui?

-Sim, mas está coberta por um bloco de concreto que colocaram em cima.

-Como sabe?

-Aqui foi feita uma obra na qual eu participei.

“Durante a execução dela, descobri uma passagem que liga este setor, até o hangar.”

“Planejei utilizá-la numa fuga, mas, fui frustrado quando colocaram este bloco em

cima da passagem.”

-Encontraram a passagem e fecharam?

-Não. Eu a escondi novamente antes que fosse descoberta.

“Ocorre, que, por uma manobra do azar, esse bloco de mais ou menos duas toneladas foi colocado em cima. Eu precisaria de um trator para tirar isso daí...”

Sony olhou para a pedra abaixo de si: um cubo feito de concreto recheado com arames de ferro. Em torno da peça, havia um vão por onde podia enfiar as mãos.

Assim, ele as ajeitou firmemente segurando o cubo em seguida começou a movimentá-lo. Zksbauer simplesmente não acreditava no que via.

Aquela peça pesadíssima não poderia em circunstância nenhuma ser movimentada por apenas um humano sem algum tipo de ferramental ou máquina.

Barulhos estranhos saíram do chão junto com o bloco que, de fato, foi sendo puxado para fora.

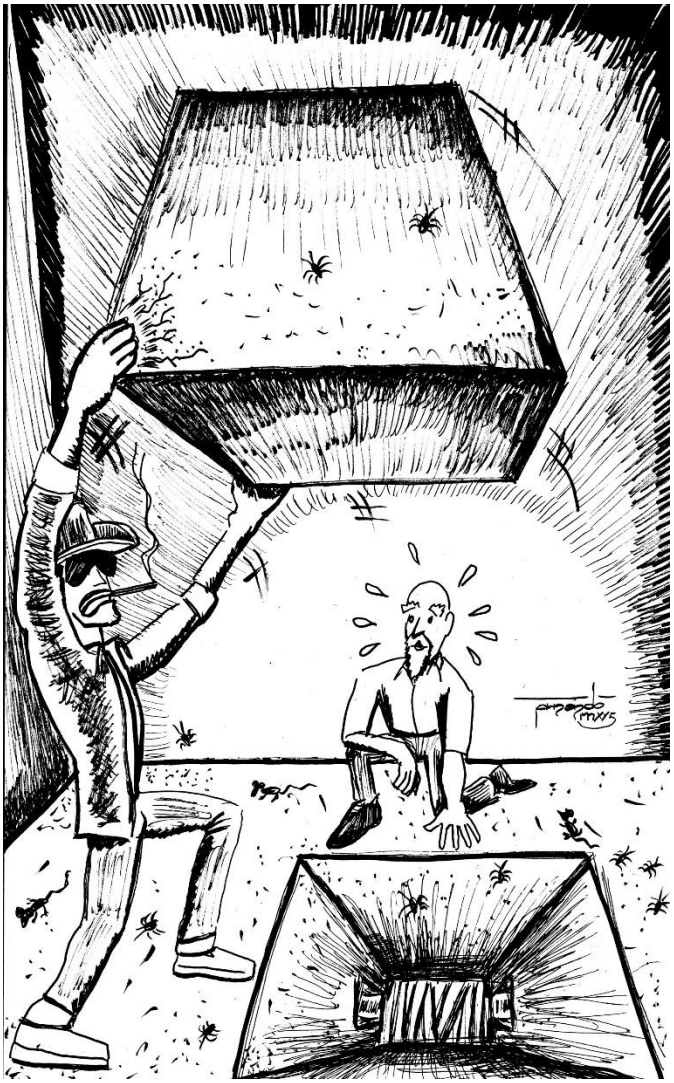
Sony Blue estava conseguindo aquilo que Zkbauer julgava não ser possível.

Dentro do espaço apertado daquela cela, o bloco foi tirado de onde estava, revelando um buraco com várias tábuas no fundo e ratazanas que se espalharam por todos os lados.

-Exatamente como eu deixei. - Disse Zksbauer – Inacreditável.

Depois do esforço extraordinário, Sony sentou-se ao lado do companheiro de cárcere, apontando para a abertura recém revelada.

-Então? Como ia dizendo?? - Indagou nosso protagonista tentando recuperar o fôlego.



Sem a menor cerimônia Zksbauer, com incomum agilidade para alguém daquela idade pulou para dentro do buraco aberto e removeu entulhos que estavam no fundo,

revelando uma passagem quadrada numa das paredes.

Agora, com olhos brilhantes e expressão sorridente ele virou-se para Sony dizendo:

-O caminho ainda está livre. Estou com tudo pronto. Devemos seguir agora, o que eu fortemente recomendo para não perdermos tempo.

Sony não podia acreditar na mirabolante solução DEUX EX MACHINA que aparecera do fundo daquele calabouço, mas não reclamaria de tal saída, contanto que lhe tirasse de tamanha penúria.

Sem muito falatório avançou através da passagem recém-aberta rumo à suposta liberdade.

***

Tão logo adentrou a passagem, Zksbauer pegou uma bolsa preta que havia próximo à entrada, de onde tirou a lanterna que usou para iluminar o caminho.

Sony Blue seguiu-o e deu-se conta de algo extraordinário:

Por aquele caminho, as Leis da Gravidade pareciam inoperantes, já que seu peso não era puxado para nenhuma direção que pudesse denominar como piso.

-O que está acontecendo? - Indagou;

-O alcance do gerador de gravidade artificial é limitado e não chega a esta passagem. Tome cuidado

Sony e Zksbauer iam flutuando entre quatro paredes de blocos de construção que formavam aquela curiosa passagem claustrofóbica.

A determinada altura, Zksbauer parou diante de um “X” vermelho marcado numa das paredes.

-É aqui. - Disse ele.

Da bolsa, tirou um martelo e uma peça de ferro que imediatamente utilizou como punção, picotando a pedra com a marca rubra.

Em poucos minutos abriu ali um buraco e uma cabeça apareceu do outro lado.

-Zksbauer. Você conseguiu! Mas como????

-Vamos Aleksander! Saia daí agora.

Em questão de segundos os dois ampliaram o tamanho da passagem por onde Aleksander carregando uma pasta cheia de papéis se juntou a Zksbauer que o apresentou a Sony.

-Este é Sony. Ele foi colocado na minha cela e conseguiu abrir caminho para nossa fuga.

Virando-se para Sony, prosseguiu com as apresentações:

-Sony, o Aleksander é história e memória viva daqui.

“Ele é escritor e está produzindo um memorial que lembrará as biografias dos muitos que morreram e foram esquecidos nesse lugar.”

Os dois se cumprimentaram com um breve aperto de mãos.

Sem mais perda de tempo, seguiram então agora em três, flutuando pela estranha passagem enquanto usavam as paredes como ponto de apoio para seu avanço.

-Mas que diabo de lugar é esse? - Indagou Sony em voz baixa incomodado com o calor que gradualmente ia ficando mais sufocante.

-Eles chamam de centro de reeducação, mas é uma zona de detenção espúria.

-O quê? Como assim? Não entendi.

-As pessoas aqui são presas sem qualquer julgamento feito pelos órgãos oficiais de Justiça. - Explicou Zksbauer. - Os detentos estão aqui para prestar informações em interrogatórios onde são utilizados métodos discutíveis para obtenção de respostas.

“E quem não sabe nada que possa ser útil, provavelmente está aqui para servir de moeda de troca ou chantagem para pessoas que estão lá fora.”

Os três fugitivos seguiam pela passagem do jeito que o espaço e a gravidade permitiam, mas, a conversa seguia normal, apesar do tema horripilante...

-E lá fora seria onde? - Indagou Sony. - Onde fica essa zona de detenção espúria em que nos encontramos?

-Nós estamos no cinturão de asteroides.

-Cinturão de asteroides? - Indagou Sony atônito. - Mas que cinturão de asteroides seria esse?

-O do Sistema Solar. Estamos flutuando num asteroide que serviu como antiga base de piratas e que, posteriormente foi reformado por alguns mandachuvas da VELHA ORDEM UNIVERSAL para operar ilegalmente em local de difícil acesso até mesmo para as LEIS, à ORDEM e às AUTORIDADES defensoras dos DIREITOS HUMANOS ou ALIENIGENAS.

***

## VELHA ORDEM UNIVERSAL?

Sony conhecia bem esta turma composta pelos mandachuvas cheios de recursos e créditos que dão as cartas a muitos milênios, nos recônditos marginalizados da galáxia... E muito além. Mexer com esta turma de pilantras é arrumar confusão com um vespeiro criminoso e mortífero.

Tinha que pôr as mãos na MAGIC MISTERY BUS, a sua espaçonave, para ao menos, escapar dali o quanto antes.

Perdido nestes pensamentos continuou com seus colegas fugitivos, na via para a fuga, até que chegaram a um acesso para os dutos de ventilação que alimentavam o hangar onde se encontravam as espaçonaves.

Zksbauer tirou outra de suas ferramentas da maleta e desmontou uma tampa de plástico que estava na parede, assim conseguiu entrada praticamente direta para o hangar.

Não precisaria passar por sistemas de verificação ou segurança.

Em poucos minutos, os três corriam pela pista até chegarem à espaçonave que Zksbauer e Aleksander já tinham preparado para a fuga.

Foi quando nosso intrépido protagonista avistou a sua MAGIC MISTERY BUS.

Ao contrário da espaçonave de Zksbauer, que já estava pronta para decolar, a de Sony Blue foi inteiramente depenada, fato que, o irritou profundamente.

***

-Vou ficar aqui e enfrentar esta corja de canalhas e patifes. - Bradou Sony Blue, transtornado.

-Mas você está louco? - Indagou Zksbauer.

-Pirou de vez. - Disse Aleksander. - Se fizer isso Sony, tua biografia será outra que

terei de escrever...

-Vou ficar aqui. E prepare a ponta do lápis para escutar as reclamações de todas as minhas namoradas.

-Se vais ficar por aqui, não me peça para te acompanhar.  Você é jovem robusto e atlético. Disse Zksbauer já abrindo a fechadura da entrada de sua nave sequer imaginando a verdadeira idade do agente secreto do E.Y.E.. - Não quero mais arriscar minha sorte nesse buraco fedorento do inferno."

Dito isso, Zksbauer estendeu a mão para Sony.

-De qualquer forma, obrigado meu caro.

Os dois se cumprimentaram em despedida

-Não esqueça de, assim que possível, contatar as autoridades, informando-as de tudo o que viu por aqui.

-Está fazendo uma grande trapalhada. - Disse Aleksander. - Nem mesmo nas piores histórias de ficção científica os heróis se sacrificam para enfrentar forças mais poderosas.

"Não desperdice sua juventude com essa maluquice, Sony."

"A nave de Zksbauer tem espaço para nós três."

-Não meus amigos. Vou ficar aqui e descontar a raiva nestes facínoras.

-Muito bem, Sony. Vá lá bancar o herói.  - Disse Zksbauer entrando na sua espaçonave. - Mas não fique neste hangar por muito tempo que eu vou sair daqui passando por cima do que houver pela frente.

-Certo.

Com um aceno, Sony correu para longe da espaçonave de Zksbauer, dando de soslaio, uma última olhadela nos restos do MAGIC MISTERY BUS, coisa que lhe deixou com o coração partido.

***

Mal saiu do hangar e ouviu uma explosão atrás de si, seguida de poderoso estrondo que fez tudo tremer.

Estava agora num dos corredores em cuja parede havia um monitor mostrando a imagem da espaçonave de Zksbauer disparando salvas de tiros contra a saída daquele lugar destruindo tudo no seu caminho até finalmente partir ilesa, avançando velozmente espaço afora onde não seria mais alcançada.

Por outro lado, ao redor de Sony as coisas seguiam tensas já que, sons de alarme perturbavam a sua concentração, seguidos de luzes vermelhas piscando intermitentes por todos os lados, coisa que, certamente não era um convite das senhoras profissionais do sexo, procurando por clientes, ou trabalho.

Sony avançou resoluto e determinado por ali até que encontrou esperando por ele, um grupo de robôs.

Não houve sequer espaço de tempo para um cordial cumprimento ou saudação.

Assim que a presença do nosso protagonista foi detectada, foram disparados contra ele, poderosos choques elétricos, que, em segundos, o colocaram inconsciente.

***

-Joguem-no na lotação.  - Berrou N#1 pelo interfone. - Esse tipo já me deu trabalho demais. Tentei levar na paciência, mas agora não dá mais.

"Os outros presos que façam o que acharem melhor com ele."

-Sim senhora #1. Devo informá-la ainda que da espaçonave dele não conseguimos nenhuma informação. Os computadores e o diário de bordo foram totalmente apagados.

"Se algo lhe acontecer, não teremos como obter qualquer dado que nos ajude a chegar ao Serviço Secreto da Federação e seremos obrigados a recomeçar do zero."

-E você acha que esse tipo sabe de alguma coisa? - Indagou a N#1 irritada.

-Não creio. Ele me parece muito jovem para ter acesso à cadeia de comando de uma agência como o Serviço Secreto da Federação.

“Da minha parte eu o eliminaria agora mesmo, mas, é importante a senhora ter estas considerações em mente antes de tomar qualquer decisão...”

-Vou deixar que os outros presos decidam.

“Lavarei minhas mãos. Para mim, já venceu a utilidade do N#7.”

***

Mal foi jogado no chão da cela pelos robôs que o puseram inconsciente, Sony Blue foi obrigado a despertar debaixo de muita pancada.

A cela estava superlotada, com presos imprensados nas paredes e grades, de tal modo que a presença do recém-chegado só deixou ainda mais irritados os outros “companheiros” já espremidos pela falta de espaço.

Os primeiros safanões já lhe abriram cortes no rosto, mas, também foram suficientes para despertá-lo para o expediente pesado que teria diante de si.

**“Se na briga não queres apanhar, então deves fugir ou atacar.”**

Não havendo espaço para fugir dali, Sony partiu para o ataque, agarrando braços e pernas que caiam ao alcance de suas mãos, triturando, quebrando, moendo ou arrancando os pedaços dos infelizes atacantes que não lhe deram uma recepção apropriada.

Ninguém estava ali para fazer amigos, mas, o nosso protagonista estava demonstrando de modo muito contundente que não aceitava desrespeito, falta de educação, violência ou simples xingamentos.

***

-Veja chefa. Ele está resistindo.

-Esse cara não só transa mas também luta muito bem. - Disse N#1 olhando para o monitor que mostrava o violento atracamento entre Sony e os outros encarcerados.

-Ele vai matar todo mundo. Não vai sobrar ninguém vivo nessa cela.

-Que me importa? Por mim são todos descartáveis.

-Precisamos de alguns deles vivos, chefa. Ainda temos dinheiro de chantagem para receber, e, muitos deles têm informações importantes que não conseguimos processar completamente.

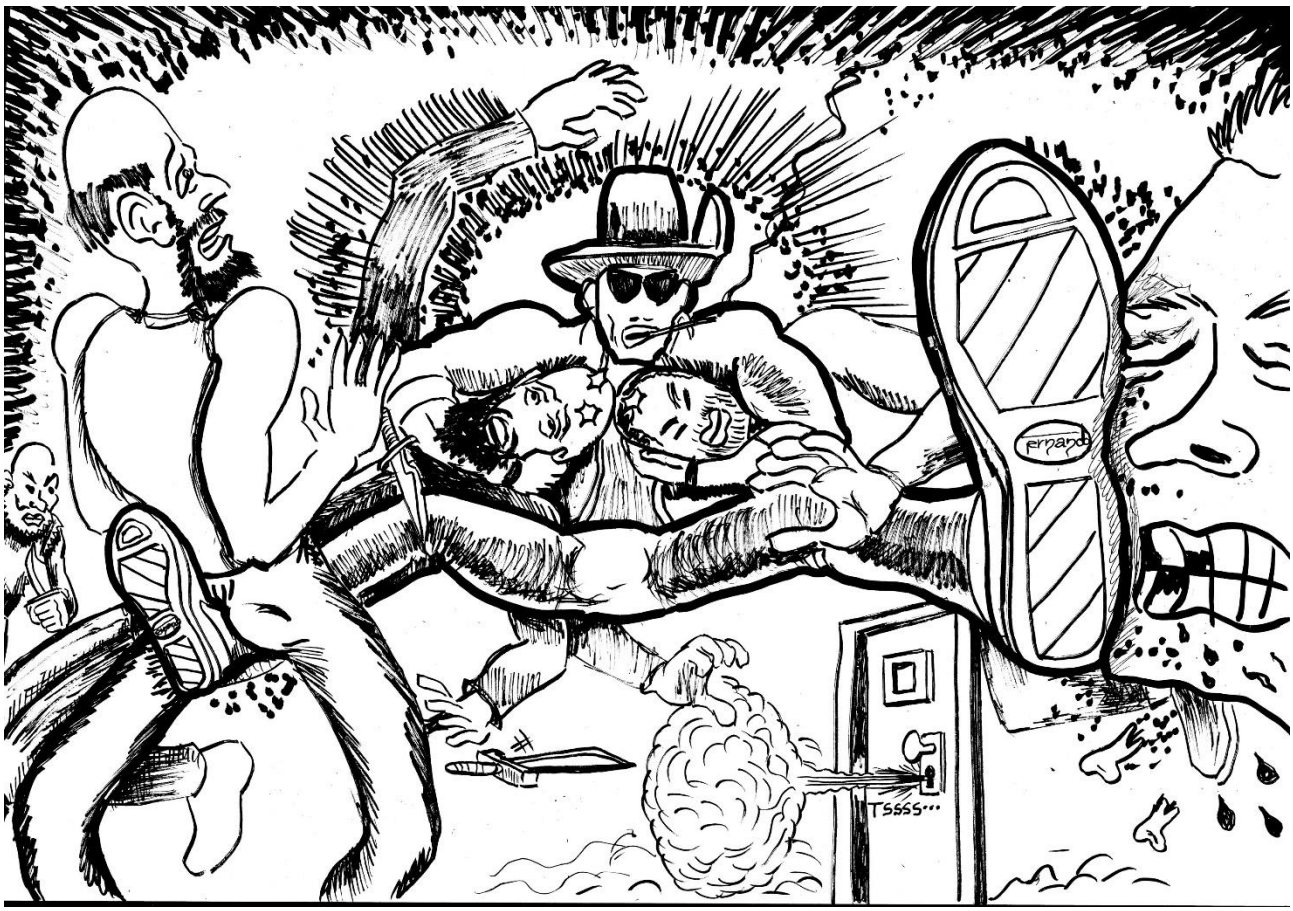
N#1 não conseguia tirar os olhos do espetáculo violento exibido no monitor, até porquê mesmo num combate sangrento, aquele belo exemplar de homem a excitava a tal modo, que os bicos dos seus seios ficavam mais salientes assim como sua vagina.

Nas cenas que a estimulavam, Sony Blue parecia o monstro dos filmes de terror que matava tudo e todos ao seu redor.

Uma tela só, não era suficiente para mostrar tanto sangue, ossos, dentes e narizes quebrados, tão pouco, os pedaços de corpos arrancados durante o combate.

-Droga! Então ponham todos para dormir com algum gás. - Ordenou N#1 sem esconder seu mau-humor.

***




Meia hora mais tarde Sony Blue estava inconsciente, deitado, também amarrado sobre uma maca automatizada que adentrava ampla sala cheia de computadores, monitores e instrumentos para exames ou intervenções médicas.

Foi posicionado debaixo de um holofote branco.

Em seguida, aproximou-se um homem magro vestindo roupas brancas e óculos escuros.

Segurava a seringa que, sem perda de tempo espetou no pescoço do nosso protagonista, injetando nele um líquido vermelho.

Ainda examinou atentamente diversos fios conectados à cabeça de Sony e depois, mostradores e monitores.

-Com as doses que injetei nele, você poderá perguntar o que quiser, que ele só falará a verdade.

N#1 aproximou-se de Sony e perguntou-lhe mesmo estando este de olhos fechados:

-Por-que o diário de bordo de sua espaçonave e os computadores desta, não têm registro nenhum de suas viagens ou, do que têm sido ali transportado?

-A MAGIC MISTERY BUS passou por reformas na EARTH SPACE STATION, que mudaram todos os seus computadores por outros mais novos.

“Não houve tempo para atualizar o sistema com os registros anteriores.” - Respondeu o semi-inconsciente Sony.

-Ele está mentindo, N#4?

-A resposta é coerente e meus mostradores não indicam qualquer sinal que denuncie alguma mentira dele. Só posso crer que esteja falando a verdade.

-Você já trabalhou para o Serviço Secreto da Federação? - Indagou N#1 para Sony.

-Sim. - Veio a resposta. - No transporte de cargas e pessoas para diversos lugares diferentes.

N#1 arregalou os olhos:

-Você seria capaz de identificar as pessoas e cargas que transportou ou, os lugares onde esteve?

A resposta veio imediata.

-Não.

Nesse instante, o N#4 fez uma expressão de dúvida.

-Ele pode estar mentindo.

-Mas como? - Indagou a N#1 irritada. - Você não me disse que com a dose que ele recebeu só falaria a verdade?

-Sim. Mas os gráficos aqui estão muito estranhos. Nunca vi nada assim.

-Pois injete mais doses nele! Eu quero a cabeça dele como um livro aberto para mim.

Sem perda de tempo, o N#4 injetou mais duas doses em Sony, coisa que, até deixou os olhos do nosso protagonista, estalados.

-E então? - Indagou N#1. - Posso fazer mais perguntas?

N#4 indicou um monitor próximo onde imagens começaram a aparecer.

-Aqui você verá o que se passa na mente dele, N#1.

***

Sony Blue estava com roupas diferentes e agora sentia-se mais limpo e relaxado.

Vestia um paletó azul sobre blusa preta, calça marrom, e sapato yatch azul.

Caminhava decidido por estreitas trilhas cercadas de árvores e montanhas num dia frio, mas não chuvoso.

Atrás de si, seguia-o uma trupe de artistas circenses e ainda mais algumas centenas de pessoas.

A maioria destes acompanhantes carregava placas com imagens do rosto sorridente, barbudo e feliz de Sony Blue, onde também haviam os dizeres:

-VOTE N#7 para REI ABSOLUTO e viva feliz o resto de sua vida sem se preocupar mais com política.

Quando Sony parava para descansar ou, admirar a paisagem, logo era cutucado por duas esferas brancas flutuantes que iam ao seu lado e, em cujas superfícies haviam em cada uma, lentes brilhantes vermelhas no centro de retângulos pretos.

Se o nosso audacioso protagonista insistia em permanecer parado, logo tomava choques, de extensões projetadas destas implacáveis companheiras automatizadas.

De qualquer forma, ali, Sony Blue tinha condições de ao menos, olhar para o céu aparentemente interminável, até onde a vista alcançava.

Finalmente chegou a um amplo vilarejo, com diversas construções e parques, onde outras tantas pessoas já o aguardavam pelas ruas, passagens e vielas saudando Sony e exibindo mais cartazes com sua imagem.

Assim foi conduzido a um palacete no alto de uma colina, onde no seu interior, estava no centro de um salão o que parecia ser uma urna.

Uma pessoa vestindo roupas de polichinelo aproximou-se de Sony e seus acompanhantes robotizados.

-Aqui está o seu voto. Você vai votar para ser o nosso Rei.

Disse isso e entregou um envelope fechado para Sony.

Quando este foi abri-lo o polichinelo disse:

-Você não precisa tirar a cédula daí de dentro. Só tem que colocar na urna.

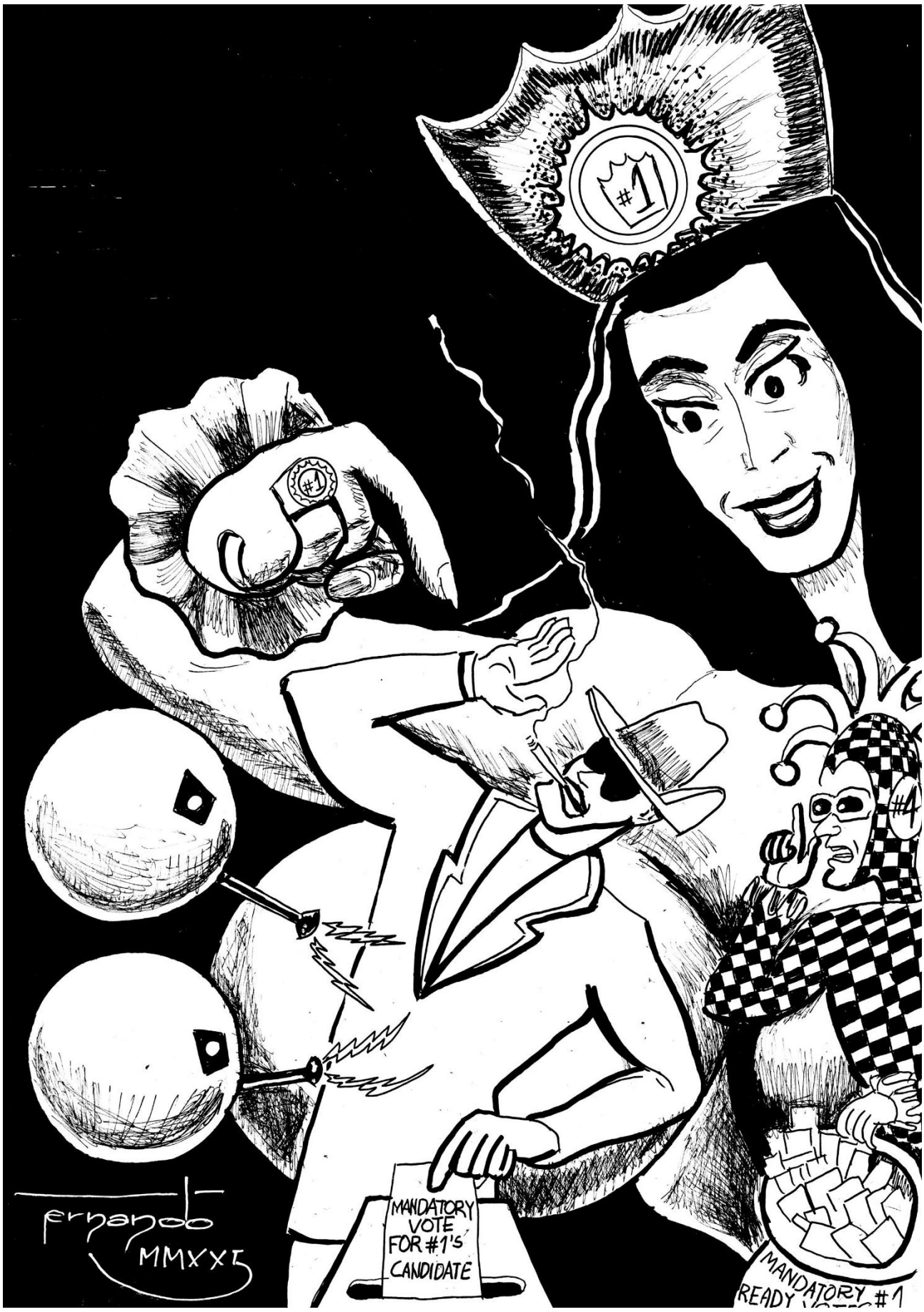
-Mas o voto é meu. Eu que marco o candidato que eu quero.

-Aqui não. O candidato é você e seu único trabalho é votar.

Atônito, Sony foi empurrado diante da urna onde o polichinelo segurou seu braço fazendo-o introduzir o envelope na fenda ali existente. Feito isso, uma explosão de sons e luzes tomou conta do lugar e todos começaram a dançar.

Sony Blue não entendia nada, mas logo o polichinelo veio com a explicação.

-Parabéns! Você acaba de ser eleito o novo Rei. Daqui por diante Vossa Majestade só terá que responder às perguntas dos seus súditos.


#1
#1
#4
MANDATORY VOTE FOR #1's CANDIDATE
MANDATORY READY
#1
fernando
MMXX5

***

-Agora é o momento em que ele se sente no topo do mundo e iremos enchê-lo de cobranças. - Disse a N#1. - É como na política corriqueira: a gente dá incentivos ao candidato e depois que ele se elege, já logo no primeiro dia entramos com cobranças e ameaças.

“Nesse caso, colocamos o N#7 no comando do próprio reino mental, para lhe fazer as perguntas cujas respostas queremos.

-Não sei. - Pònderou o N#4. - Os indicadores não estão muito precisos nesse caso. A mente dele é poderosa e parece bem-preparada...

-A mente humana é muito complexa para seus aparelhos, N#4.

“Não são raros os casos que a tecnologia promete feitos fabulosos que acaba não entregando. Creio que você está tendo algum problema técnico...”

-Não sei... Esse cara é muito estranho.

-Não tem nada de estranho nele. É um autêntico macho alfa viril, como poucos vi em minha vida, ou quase nenhum... Você é que não sabe de nada!”

“Arrume logo essa geringonça enferrujada, pois eu quero descobrir cada segredo na cabeça deste homem...”

A N#1 aproximou-se do monitor que mostrava os pensamentos de Sony Blue.

Ali, viu algo que a deixou nervosa:

-Ei! Quem é essa mulher? O que ela está fazendo nos pensamentos dele?

***

-Sua Majestade! Sua Majestade.

No meio de todo o rebuliço da coroação a que Sony Blue estava sendo submetido, aparece um tipo magro de óculos escuros vestindo fraque e cartola.

-Com licença, sua majestade, eu sou o N#4. Queira me acompanhar pois existem urgentes compromissos aguardando sua presença.”

Mal teve tempo de esboçar alguma consideração, e as esferas flutuantes aproximaram-se por trás de Sony tocando- o com as suas extensões eletrizantes.

Muito mal fora coroado e já estava se estressando com os compromissos que o impediam de levar a boa vida que os Monarcas têm direito.

Gentilmente conduziram Sony a uma sala, onde foi sentado em um trono.

Ao redor dele, prostaram-se diversos de seus súditos.

Sem muito o que saber falar ou fazer na ocasião, Sony indagou:

-O que vocês querem?

E logo vieram as respostas, que mais pareciam inquirições...

-Informação.

-Nós queremos saber porquê os registros e diários de bordo da sua espaçonave foram apagados, N#7

-Para quem você trabalha, N#7?

-Quem é o seu contato com o Serviço Secreto da Federação, N#7?

-Quem são seus clientes, N#7?

-Onde você faz entregas? Onde retira material, n#7?

-Já cometeu algum crime N#7?

-Conhece as Leis em vigor N#7?

-Chega!

“Não será comigo que vocês irão obter as respostas que procuram!”

“Eu não sou um número, meu nome é Sony Blue!”

-HAHAHAHAHAHHAHAHAHAHA!!! - A gargalhada foi geral.

E logo apareceu ao seu lado, N#1 vestida como uma fada-madrinha de roupas brancas, esvoaçantes e brilhantes.

Ela tocou em seu braço, fêz uma mesura para todos ao redor, e puxou Sony (agora

uma Majetade) para junto de si dizendo, enquanto sorria:

-Ahh... Nós iremos arrancar a verdade dos seus segredos, com um gancho, ou com uma trapaça... Nós iremos!

“RARARARARARARARARARA!!!”

Ela gargalhava deliciosamente nos ouvidos de Sony e envolveu-o pela cintura, segurando-lhe o braço como convém aos dançarinos de valsa.

Só que a música de fundo era um heavy metal pesadíssimo, cantado por um vocalista que parecia estar almoçando um javali enquanto gritava bêbado com o garçom...

A N#1 conduzia suavemente o atônito Sony pelo salão de danças, até que outra mulher ainda mais linda e deslubrante que ela, do nada apareceu roubando seu par de danças.

A N#1 ficou embasbacada e consternada, mas nada pôde fazer pois o casal sumiu no meio da pista de danças lotada.

E finalmente Sony Blue via um rosto familiar e confiável no meio de toda aquela confusão psicodélica: a sua Chefa, a ruiva super-preparada, lindíssima e gostosa Elizabeth Bondmader, que não se cansava de salvar-lhe a vida em incontáveis ocasiões.

-Aleluia! Até que enfim aparece alguém para me ajudar no meio dessa confusão toda. - Disse Sony suspirando aliviado. - Como foi que você chegou aqui no meio da loucura, Chefa?

-Na verdade este “AQUI” que você está vivendo, não existe, Sony.

“E para ser sincera, nós nem mesmo, estamos dançando de verdade juntos.”

“Só vim te alertar disso, fazendo uma visitinha na tua mente...”

***

-Quem é essa sirigaita? - Berrou N#1 consternada. - Como foi que ela entrou na cabeça dele sem aminha autorização???

-Não sei... Não sei... A mente dele é estranhamente complexa...

-Veja como ele se comporta diante dela... - Gritava a N#1. - Parece um cachorrinho perdido que reencontrou sua antiga dona.

N#4 observava seus instrumentos e não encontrava algo que pudesse explicar o que acontecia...

Olhou em seguida para o monitor que exibia a lindíssima imagem de Elizabeth Bondmader e ficou paralisado com os encantadores efeitos que aquela beleza tinha sobre ele próprio, enquanto que, a N#1, percebendo a desatenção do subalterno, não perdoou.

Sem que este percebesse, acendeu uma banana explosiva de pavio curto e colocou entre os dentes do distraído boquiaberto, que não teve tempo de reagir nem evitar a explosão que lhe lançou seu queixo, dentes e língua para bem longe.

Sem controle dos próprios movimentos, o N#4 ainda caiu sentado sobre uma cadeira próxima, e ficou ali agonizando de dor.

A N#1 por sua vez, insatisfeita com o insuficiente sofrimento do pobre diabo que não soubera responder suas perguntas, ainda reclamava:

-Vá para o inferno N#4. Você não sabe de nada mesmo...

***

B/W AND FULL COLORS VOTE SONNY
WOMEN'S CHOICE SONNY
SONNY
PEOPLE WITH SONNY
I SONNY
VOTE SONNY
#1
#4
ZZZ...

O baile continuava animado por um heavy metal enquanto o casal principal de nossa história valsava pelo salão de danças.

-Sonny, você vai ter que se virar sozinho.

-Mas eu achei que você ia me ajudar. - Lamuriou-se Sony com cara de preocupação.

-Talvez mais tarde. - Disse Elizabeth passando a mão no rosto de Sony ao mesmo tempo que o empurrou na direção das esferas brancas que já o aguardavam fora do salão de baile.

Sem perda de tempo estas logo lhe deram choques indicando a nova direção a seguir.

Assim, alguns passos depois, Sony era posicionado sobre piso de ladrilho quadrado xadrez, estando ele no de cor preta com aproximadamente um metro quadrado de área.

Inicialmente o novo cenário ao seu redor, não estava definido devido à iluminação escura, mas, a medida que o ambiente clareou, nosso protagonista deu-se conta de que agora era peça de um jogo.

Na verdade, um jogo num grande tabuleiro de xadrez humano em que ele era o Rei Preto.

Assim como quase tudo na vida, independentemente da sua vontade teve início o jogo, que objetivava deixar apenas um dos Reis vivos no tabuleiro.

Em três ou quatro lances, Sony percebeu que a sua situação era péssima.

Agora, já estava praticamente de cara com a rainha branca, interpretada naquele jogo pela N#1. O Mate era inevitável!

As coisas aconteciam rapidamente sem que Sony pudesse fazer nada naquele tabuleiro, já que ele, era apenas mais uma pedra ali. E o inevitável aconteceu.

A N#1 foi posicionada próxima ao Sony e logo decretou sua sentença de morte com um golpe certeiro nas suas pretensões.

-XEQUE MATE Sony Blue. Você finalmente perdeu.

De fato, mal o jogo havia começado, e já estava findo.

***

Sony Blue despertou com o som de uma potente explosão, que o tirou do enxadrístico mundo de ilusões onde até então estivera mentalmente inserido...

Logo em seguida, ocorreu uma pane elétrica que desligou todos os equipamentos médicos dali, incluindo, a maca automatizada que até então mantivera nosso intrépido protagonista imobilizado.

Vendo-se solto, tratou logo de sair dali aproveitando que, até mesmo a N#1 ainda estava inconsciente devido às explosões que continuavam se sucedendo pelas imediações.

E em meio à tanta barulheira e confusão, conseguiu até identificar um som familiar.

Era o seu comunicador multitarefas chamando.

Provavelmente, este deveria estar próximo em algum lugar.

Procurou em volta e o localizou sobre uma mesa.

Correu para onde ele estava, e abriu-o atendendo a chamada.

Na tela do aparelho apareceu a imagem do rosto do Paul.

-Até que enfim te encontramos, Sony. Desculpe a demora.

“Só ficamos sabendo onde você estava depois que dois amigos teus avisaram da situação.”

-Zksbauer e Aleksander?

-Isso Mesmo.

-Sabia que podia contar com eles...

-Esse asteroide onde você se encontra, está cercado por seis espaçonaves nossas. Não saia daí, que logo chegará ajuda.

-E para onde eu poderia ir saindo daqui? Caminhar entre as estrelas? Ficarei

aguardando.

Sony encerrou a chamada e viu-se diante da N#1 que o encarava com expressão séria.

***

-Então seus amigos estão chegando? - Indagou N#1 encarando Sony que, simplesmente respondeu:

-Sim.

-São eles que estão bombardeando tudo por aqui?

-Pois é... Vieram me resgatar...

-Te resgatar? - Indagou a N#1 com cara de desentendida. - E por-quê fariam isso? Por acaso você não foi bem tratado aqui?

Sony deu o famoso e sarcástico sorriso na cara de pau de ator holywoodyano, devolvendo a encarada para a N#1.

-Aqui só você, que quando quis, me deu tratamento decente. Mas não foi sempre que eu ganhei a melhor das suas atenções. Alguns momentos na verdade sofri bastante na tua mão...

-Eu tinha que saber se você era um agente do Serviço Secreto da Federação. - Disse a N#1 em tom de desculpas.

Sony Blue aproximou-se da N#1, abraçou-a colocando suas ousadas mãos em todas as partes íntimas dela dizendo:

-Na verdade, se não fui substituído enquanto estive de “férias” por aqui, eu ainda sou o Chefe do Serviço Secreto da Federação.

A N#1 arregalou os olhos ouvindo aquelas palavras enquanto sentia o volume aumentando de tamanho no meio das suas pernas...

Sony Blue gentilmente tirou as roupas dela e ainda disse:

-Lancei a isca num ambiente virtual frequentado por agentes de todos os órgãos de espionagem, e aqui estamos nós... O resto da história você já sabe.”

N#1 não resistiu ao avanço de Sony, entregando-se completamente em meio a estrondos e explosões que se sucediam no entorno.

Mesmo dentre tanta barulheira, mais tarde, ela novamente desfaleceria nos braços do nosso protagonista após tomar mais de uma hora de “surra de pau”, como “castigo” pelos seus malfeitos.

***

Mais tarde ainda, finalmente N#1 acordou para a dura realidade que teria de enfrentar.

Diante de si, além de Sony, estavam seguranças armados que vieram buscá-la.

-E agora? O que será de mim? - Indagou ela, com um olhar de pedido de clemência para Sony.

-Você será interrogada e presa. Mas não se preocupe pois eu irei te fazer visitas íntimas toda semana.

N#1 sorriu.

-Então não saio totalmente no prejuízo. - Disse ela. - Mas como você vai me achar se não sabe meu nome?

-Ah! Eu sei sim. - Disse Sony sacando o seu comunicador multi-funções. - Aqui tem um sistema de espionagem comandado por inteligência artificial que invadiu seu comunicador e o teu sistema de computadores.

“Teu nome é Solarya. E eu vou ficar de olho em todos os teus movimentos.”

Solarya ficou animada, daí perguntou:

-E quem é a ruiva?

Sony deu um beijo no rosto dela e disse:

-A Elizabeth é minha chefa e manda em todo o Serviço Secreto da Federação.

“Você não precisa se preocupar com ela e sim com centro de reeducação para onde você vai, onde não ficará como diretora nem N#1.”

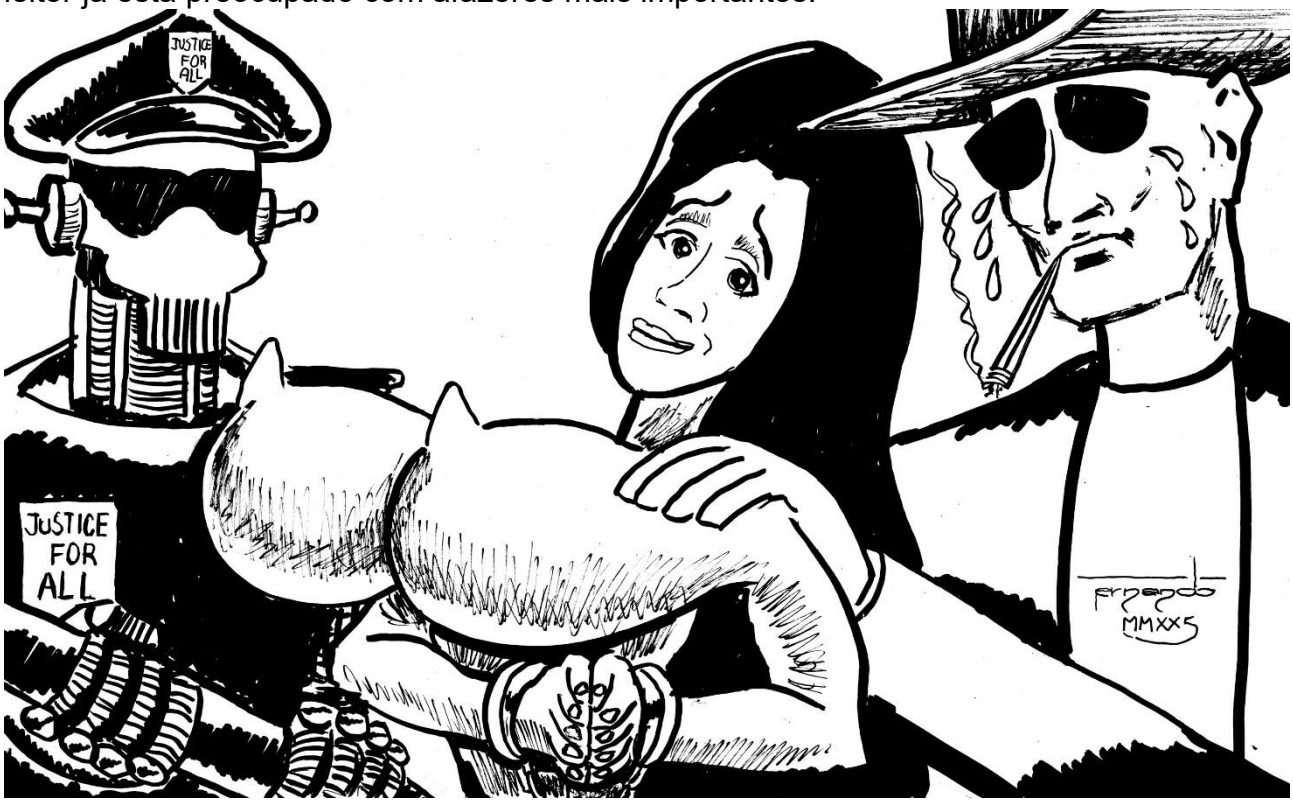
“Lá o seu número será outro, Solarya mas eu, estarei de olho em você.”

“Seja uma boa menina que a gente vê como aliviar para o teu lado desde que você colabore e me diga tudo o que quero saber.”

-Vai usar em mim os métodos que utilizei em você?

-Só alguns deles...

E aqui finalmente avançaremos para os finalmentes desta história, pois o cansado leitor já está preocupado com afazeres mais importantes.




***

Mais tarde, nos escritórios da  Área 52, situado numa base flutuante em meio às turbulentas nuvens do polo hexagonal de Saturno, encontramos nosso protagonista em uma reunião com Fernando Zéca, que durante a ausência de Sony, ficara encarregado de substituí-lo na Chefia do Serviço Secreto da Federação.

-Pô chefe! - Começou reclamando o velho Zéca. - Tu devia ter avisado que tinha preparado essa arapuca. Ninguém aqui sabia de nada e o alvoroço foi geral.

“A Bete ficou doida atrás de você, e saiu distribuindo bronca em todo mundo.”

-Imagino. Mas ela não precisava se preocupar, eu não fui despreparado para a missão. Usei até dispositivos biônicos amplificadores de força e resistência que me garantiram nos momentos mais difíceis...”

-Tou ligado chefe... Mas sabe como é a Bete... Ela tava preocupada com a possibilidade de você estar metido em algum apuro...

-Apuro sempre tem...

-Bom chefe. Felizmente deu tudo certo e agora sabemos muitos nomes de gente que está conspirando contra a unidade da Federação, daí,  logo tomaremos medidas para desarticular por aqui, os tentáculos da VELHA ORDEM UNIVERSAL.

-Que bom que você está inteiro... - Disse uma voz feminina e naturalmente sedutora.

Sony Blue virou a poltrona na direção dela.

A dona da voz era da CHEFA Elizabeth Bondmader, fundadora do Serviço Secreto da Federação, ruiva, alta, lindíssima e gostosona.

Nosso heroico protagonista, até suspirou aliviado diante daquele mulherão.

Ela já lhe salvara a vida, dezenas de vezes, mas, seria implacável na gozação, afinal, ambos torciam para times diferentes e rivais, sendo que, mais uma vez, o dela vencera o seu na decisão do campeonato mundial. E de goleada!

Sony Blue estava começando a achar que era melhor ter ficado quieto como Prisioneiro N#7, escondido no meio do cinturão de asteroides, junto a Solarya e suas crises nervosas.

***

# PASSAGEIRO do PASSADO

2269

Neste período de tempo, o S.S.F. (SERVIÇO SECRETO DA FEDERAÇÃO), ou E.Y.E., conforme alcunha mais conhecida nas teorias de conspiração a seu respeito, é a Agencia Secreta independente de espionagem que controla ameaças provenientes de inimigos externos ou internos, eventualmente servindo exclusivamente ao Presidente em qualquer assunto de Segurança que interesse a FEDERAÇÃO DOS PLANETAS UNIDOS.

Deste modo, a S.S.F. tem olhos e ouvidos em todos os lugares, inclusive aqui, onde o leitor acha que tem tudo sob controle.

***

Elizabeth Bondmader, fundadora-chefa do S.S.F. foi interrompida pelo aviso do comunicador.

Com um movimento rápido ela o abriu e, dali foi projetada a imagem de uma cabeça tridimensional.

-No que posso ajudar, Paul? - Indagou ela.

-Bete. Tenho monitorado em segredo as comunicações de diversos agentes da SEÇÃO 31. Eles estão tramando alguma.

-Tem razão. Mas veja bem, Paul: com a turma da Seção 31, a gente só se preocupa quando eles planejam algo contra a Federação."

-Estamos diante de uma situação diferente, Bete.

"Dessa vez, a SEÇÃO 31 não está do lado dos mocinhos."

"Ela está se preparando para o que pode ser o começo de outra Guerra Temporal."

"Querem explodir uma poderosa bomba no século XX que devastará toda a Terra."

-O quê?!?! - Exclamou ela com uma indagação.

Paul explicou:

-A poucas horas, foi encerrada a missão secreta, em que oficiais da espaçonave da Frota Estelar, a U.S.S. ENTERPRISE, coordenaram a exploração realizada por historiadores que investigaram o passado, através de um portal que possibilita viagens temporais, chamado GUARDIÃO da ETERNIDADE.

"Após obter acesso aos relatos que o Capitão Kirk mandou para a Frota Estelar a respeito do assunto, tão logo sua nave deixou a área, a SEÇÃO 31 já aproveitou para imediatamente enviar seus próprios agentes ao local, com o intuito de mudar radicalmente o curso da história."

Elizabeth Bondmader, nem por um segundo duvidou do perigo que uma descontrolada ação daqueles tipos imprevisíveis poderia representar contra tudo que a FEDERAÇÃO DOS PLANETAS UNIDOS havia construído duramente.

-Prepare minha espaçonave. Vou tomar conta desse assunto pessoalmente.

"Não há tempo a perder..."

***

Assim como toda a tecnologia que a S.S.F. mantinha secreta na ÀREA 52, em sua base oculta entre as nuvens turbulentas do polo hexagonal no planeta Saturno; a que controlava a espaçonave onde viajava Elizabeth Bondmader, era muito mais avançada que a utilizada pela FROTA ESTELAR, assim, em poucas horas, foi feita a transposição da colossal distancia astronômica separando o Sistema Solar, até o planeta onde estava o GUARDIÃO.

Entretanto, nossa apressada agente não foi suficientemente rapida pois, mal teve escassos segundos para na superfície daquele mundo chegar, e visualizou os agentes da SEÇÃO 31 atravessarem os umbrais do portal do tempo, vendo-se então, obrigada a sair em descontrolada correria para não perder seus alvos de vista.

***

## SÉCULO XX

Rex Racer mais uma vez havia discutido com seu pai e, depois de tanto nervosismo, foi esfriar a cabeça no kartodromo que frequentava.

Assim, após baixar o tempo record da pista (que já era seu), mudou completamente o humor do parágrafo anterior para este, indo celebrar a ocasião na lanchonete local.

Ali, saboreando um duplo shake de chocolate, deparou-se com a visão que mudaria os rumos de sua vida.

Uma ruiva alta, exuberantemente linda, vestindo roupas apertadas, especialmente no generosíssimo decote, na cinturinha e na bunda, entrou no salão, olhou por todos os lados, como se estivesse procurando algo... E em seguida, saiu.

Rex Racer, que não era bobo nem nada, logo quis saber o que um mulherão como aquele estava fazendo sozinha por ali, e foi averiguar, saindo atrás dela.

Fora do estabelecimento, achou que a tinha perdido de vista, mas logo a enxergou novamente; entrando num beco próximo.

Rex aproximou-se dali a passos largos, e viu algo verdadeiramente fora do normal: A mulher empunhando autêntica pistola de raios que, num piscar de olhos fulminou estranho artefato do tamanho de uma maleta de mão, que estava sendo operado por dois homens de roupas escuras.

Fosse lá o que fosse o tal objeto destruído, os homens não ficaram nada felizes com sua perda e avançaram, também armados, com pistolas de raios contra a mulher.

-Maldita. - Praguejou um deles. - Frustrou nossos planos de destruir tudo por aqui.

Rex ficou de queixo caído com o que presenciou a seguir:

Um autêntico tiroteio entre modernas e destruidoras pistolas de raios, como nunca imaginaria ver em toda sua vida. Mais embasbacado ainda ficou com a mulher.

Não só pela sua beleza extraordinária, mas também pela forma como lutava, desviando-se dos tiros dos infelizes, que, debaixo de tantos socos e chutes, resolveram largar tudo e fugir da chuva de pancadas que a beldade fazia cair sobre eles.

Mas não tiveram tempo de ir muito longe.

Alguém que passava pelas garagens bem menos iluminadas, atingiu com potentes golpes, os fugitivos fazendo-os dormir imediatamente.

Rex por conta da distância e da luz, não pôde reconhecer quem colocou os fujões a nocaute, mas o fato é que a distinta beldade, agradeceu o misterioso ajudante com um aceno, e logo após segurou os dois dorminhocos, um em cada mão, arrastando-os até as proximidades de uma porta branca de madeira e, em seguida abriu-a.

Atravessou, deixando-a escancarada, e assim sumiu das vistas de Rex, que, curioso, com ocorrência tão fora do comum, resolveu checar o fato mais de perto.

Aproximou-se da porta pela qual vira a  ruiva passar a poucos instantes.

No interior desta, vislumbrou um vórtice brilhante em cujo centro havia uma paisagem misteriosa que puxava-o suavemente na sua direção .

Se a linda mulher havia entrado ali à sua frente, então, numa aposta temerária, Rex, achou que nada lhe aconteceria se também fizesse o mesmo.

Sem pensar muito, avançou pela porta, que depois, com um estrondo fechou-se.

***

# DE VOLTA PARA O FUTURO

Mal terminou a passada através da estranha passagem e viu-se num lugar diferente daquele até onde estivera.

Ali, o ceú tinha coloração totalmente diversa.

Bem distante no horizonte, por todos os lados enxergava as ruínas de uma colossal e antiga cidade.

-Onde estou? - Involuntariamente indagou em voz alta Rex Racer diante da paisagem espetacular.

Logo adiante dele, ainda segurando os tipos que espancara, estava a estonteante beldade ruiva, que seguira até ali.

-Você?!?! - Indagou ela olhando para Rex com cara de quem já o conhecia anteriormente...

Imperturbável diante do mulherão, este improvisou a primeira coisa que lhe veio à mente:

-Vim ver se a senhora precisa de ajuda com esses dois aí...

Ela ia dizer alguma coisa quando Rex ouviu atras de si uma forte batida.

Virou-se para ver o que era, e constatou que o caminho pelo qual a poucos instantes viera, agora estava completamente mudado!

A ruiva largou no chão os tipos inconscientes que arrastava e correu na direção do caminho obstruído, enquanto tirava do bolso um comunicador multitarefa que, começou a operar.

Na medida que o aparelho projetava ao seu redor, informações diversas, ela tudo analisava até finalmente dizer com cara preocupada:

-Agradeço a sua intenção de ajudar. Mas você terá de ficar aqui algum tempo. O Guardião da Eternidade desconectou-se da época de onde você veio...

***

A voz suave e simpática da lindíssima ruiva chamada Elizabeth Bondmader ajudou Rex a superar as mudanças que teria de enfrentar.

Por algum tempo, ficaria preso numa época que não era a sua até que novamente o Guardião abrisse uma passagem de volta ao período da história ao qual pertencia.

Até lá, seguiria com Elizabeth Bondmader para a ÁREA 52 em Saturno, onde permaneceria aprendendo, se adaptando aos novos tempos e, nas horas vagas, montando um novo carro inspirado nos desenhos que seu pai fazia e que, quando ficasse pronto, se chamaria SHOOTING STAR.

O GUARDIÃO DA ETERNIDADE, que em certo aspecto, era muito similar a um pedaço de rocha cortado com uma passagem no centro, na verdade, também não deixava de ser entidade viva dotada de colossais poderes.

Assim este “ser” foi persuadido pelos doces e suaves palavras de Elizabeth Bondmader a acompanhar a dupla na sua viagem para o Sistema Solar, onde também passaria algum tempo na AREA 52 sendo analisado e escondido de quem intencionalmente pretendesse usá-lo para mudar o Destino do nosso universo.

***

# DE VOLTA DO FUTURO

Passados seis meses de estudo, em cima do GUARDIÃO DA ETERNIDADE, os técnicos que o analisavam, conseguiram programar neste, a abertura de uma passagem que permitisse Rex Racer voltar ao seu tempo.

No século XXIII, o piloto já havia feito boas amizades através da Agencia, tendo ali,

até recebido treinamento para eventualmente, no seu período de tempo, identificar e enfrentar ameaças diversas.

Deste modo, após efusivas despedidas, dirigindo seu novo carrão, Rex passou pelos umbrais do GUARDIÃO DO TEMPO, para voltar ao tempo que pertencia.

***

Imediatamente reconheceu o lugar aonde chegara de volta no século XX:

O estacionamento do kartodromo em que regularmente pilotava.

Guardou ali seu novo carrão amarelo, e foi caminhando para a pista.

No trajeto, quando passava pela garagem, subitamente deu de cara com dois tipos esbaforidos, e, assim que os reconheceu, acertou-lhes fortes supapos que imediatamente os puseram a nocaute.

Logo em seguida, atrás dos infelizes, apareceu ELIZABETH BONDMADER, que agradeceu Rex Racer com um aceno, arrastando os nocauteados pelas golas de suas blusas até uma porta de madeira branca com maçaneta dourada, que a abriu e, pela qual passou segurando os dois deixando a passagem escancarada.

E mais impressionante ainda, foi o aturdido piloto ver em seguida, a si mesmo correndo atrás da lindíssima ruiva, desaparecendo pela porta aberta por ela, que, com um estrondo logo se fechou e sumiu!

***

Boquiaberto, Rex correu em direção ao local onde estivera a porta que desaparecera inexplicavelmente.

Sem dúvida era uma das diferentes formas com as quais o GUARDIÃO DO TEMPO se manifestava através dos períodos e lugares em que se sintonizava.

Ainda assombrado com aquela ocorrência extraordinária, foi mais uma vez surpreendido: agora, com um toque no seu ombro.

Virou-se e deparou-se com seu pai lhe cutucando.

Estava junto com seu irmão Speed.

-Rex meu filho! - Disse o velho Pops. - Eu sabia que te encontraria aqui. Fui meio duro contigo e perdi as paciências. “Me desculpe.”

Pai e filhos se abraçaram.

Findo um desentendimento, outros ainda haveriam.

Mas se dariam no futuro... Não agora.

***

**MORAL DA HISTÓRIA:**

CUIDADO COM SEUS MOVIMENTOS.
O SERVIÇO SECRETO DA FEDERAÇÃO PODE ESTAR DE OLHO EM VOCÊ.

***

Esta fanfiction foi feita a pedido do Almirante fundador do fã-clube STAR TREK ao qual pertenço.

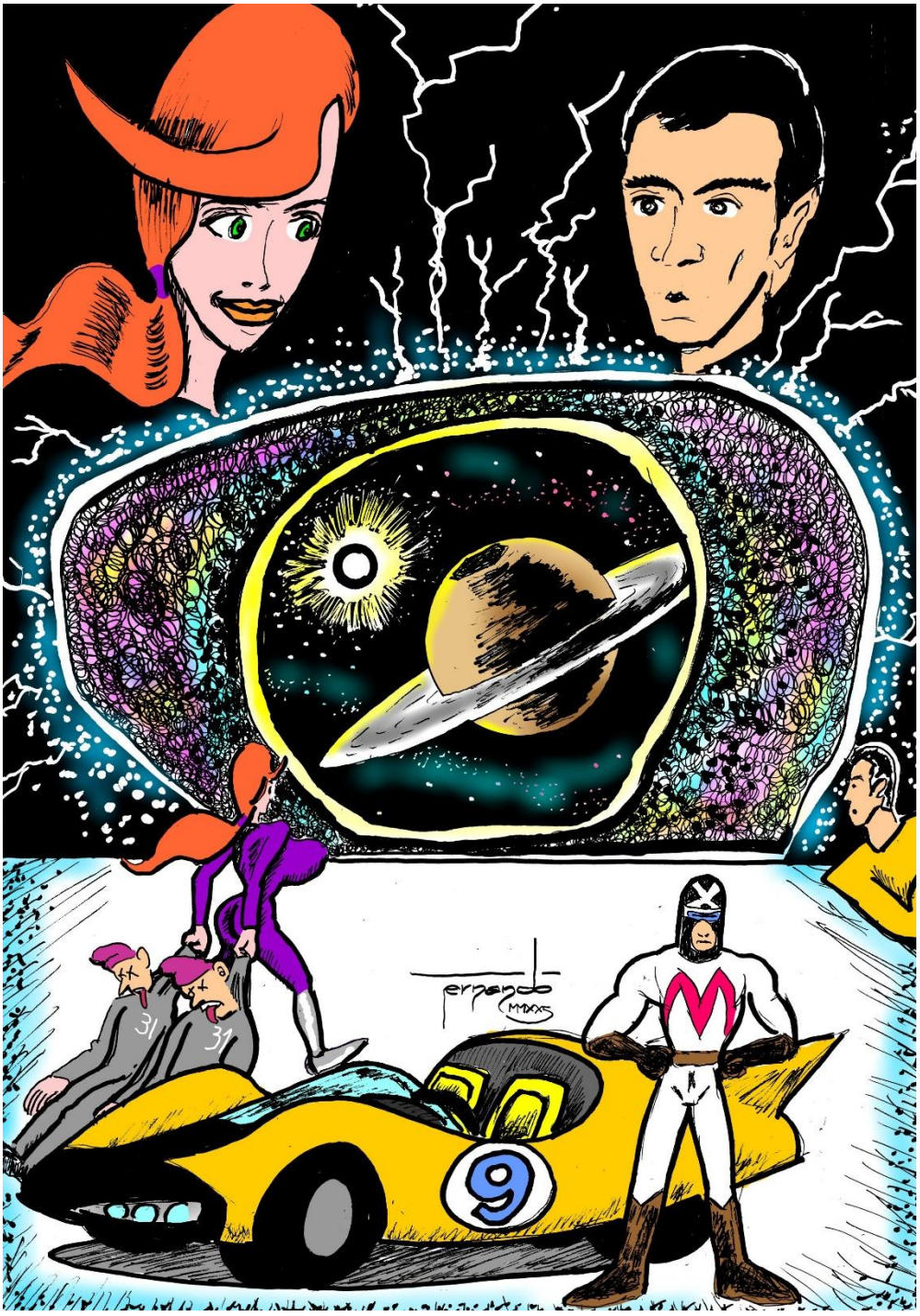
Durante uma reportagem para a associação, num vídeo do youtube, ele pediu aos escritores e autores, se possível, apenas por diversão, que escrevessem um trabalho no qual se juntaria ao universo a que pertence Rex Racer, o X-RACER de Speed Racer e o universo de STAR TREK.

Para me divertir, fiz a minha parte, e enviei um trabalho em que usei uma personagem já conhecida dos meus queridos leitores, que criei para outros contos que aqui escrevi anteriormente.

**DE QUALQUER MANEIRA**

Eu gostaria de  agradecer a VOCÊ, QUERIDO(A) LEITOR(A) por ter enfrentado bravamente este  meu conto finalmente chegando aqui nessa linha e também a você, que pulou tudo vindo direto para o final.

***



# O DILEMA DE SUN-TZU

Não foi fácil o caminho de Fernando Zéca até o Almirantado, e, mais dificil ainda, manter seu característico “alto padrão” de “profissionalismo e desempenho” como oficial.

Para alcançar a patente, teve que trilhar, em tempos de guerra, um caminho sangrento marcado por glórias e derrotas onde sobrevivera, mais graças à sorte do que propriamente pelos seus reduzidos talentos de guerreiro ou exímio estrategista.

Nesta época, incessantes tensões ameaçavam os ideais defendidos pela Federação dos Planetas Unidos, que, através da Frota Estelar, um dos seus braços fortes e armados, enfrentava várias frentes de batalha em todos os quadrantes da galáxia.

Nestes conflitos, não havia interesse em subjugar o oponente para submetê-lo à vontade, mas sim, garantir o espaço de trânsito e as liberdades que gozavam os povos componentes da Federação.

Para tanto, era mais do que vital, a garantia da circulação de espaçonaves, por caminhos que ligassem e permitissem alguma comunicação entre aliados.

Parte integrante da estrutura montada para vigiar tais caminhos, Fernando Zéca seguiu boa parte da sua carreira militar, entre outras coisas, também patrulhando o espaço sideral nas mais distantes localidades, enfrentando ameaças, que podiam ser desde: perigosas forças invasoras; piratas armados, simples contrabandistas querendo entrar na zona da Federação com muamba de origem suspeita e, até mesmo, fugitivos de governos ditatoriais assassinos e tirânicos.

De qualquer modo, grande parte do tempo gasto por Zéca para chegar ao Almirantado foi trocando muitos tiros com o inimigo.

E não só ele. Ultimamente, os oficiais graduados que conseguiam chegar a seus postos, viviam histórias semelhantes, tendo muita experiência em missões de combate, justamente porque a Federação, não tinha um bom corpo diplomático atuando na defesa de seus interesses já que constantemente se perdia como barata tonta em meio a burrocracia exigida para dirimir problemas entre raças diferentes.

Consequentemente, para que a suas Leis fossem cumpridas, acabava envolvendo-se em lutas que não demonstravam perspectiva alguma de termino, já que, as forças inimigas, mesmo depois de seguidas vitórias da Federação, em várias frentes, não diminuíam a agressividade, sua qualidade no combate ou quantidade de reforços que constantemente recebiam.

Daí, a conclusão pragmática e direta do Almirante Fernando Zéca Corinthiano de que, enquanto houvessem arestas políticas, significativas ou não a serem aparadas, as guerras e conflitos persistiriam.

Portanto, o pensamento de Clausewitz, um dos maiores estrategistas militares do universo em todos os tempos, depois de séculos, ainda continuava extremamente lúcido:

“*A guerra nada mais é do que a continuação da política por outros meios*“.

Com tal filosofia militar realista na cabeça, e, sem a mínima esperança de ver um fim a tanta confrontação, o Almirante Fernando Zéca Corinthiano decidiu que já era hora de um merecido descanso.

Depois de voltar ao Sistema Solar de suas aventuras pelo espaço, na base da Federação em órbita da Terra, após receber as congratulações do Almirante Quinn por mais um retorno vivo, o Almirante Fernando Zéca não perdeu tempo e, em tom de brincadeira lembrou das férias que a longo tempo não tirava.

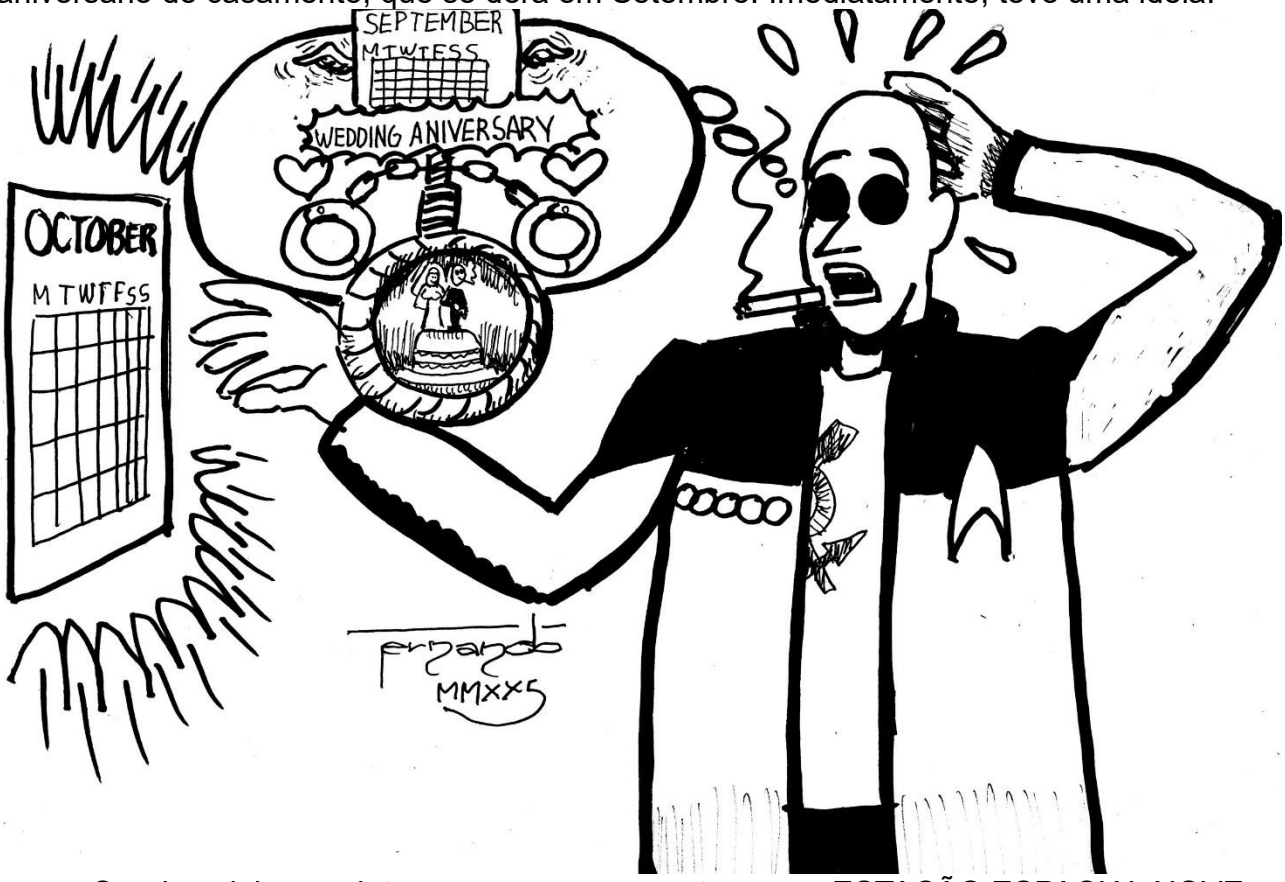
-Ninguém pode negar o seu pedido, Almirante Corinthiano! – Ouviu em resposta. - Tire trinta dias terrestres de folga e depois volte ao trabalho.”

Entretanto, mesmo feliz por ter alcançado seus objetivos, o velho Zéca não seguiu de imediato o merecido e recompensador repouso,

Antes, ele ainda supervisionou as reformas na sua nova espaçonave, a GALATRINA 5, chegando mesmo a comandar nesta, uma rigorosa bateria de testes até uma sangrenta zona de combates longe do sistema solar.

Só então, depois de terminada esta tarefa, passou a refletir sobre como seria o descanso do guerreiro.

Iniciava-se o mês de outubro e, agora que estava mais relaxado, ele deu-se conta de que, neste ano, não tivera tempo de celebrar adequadamente o seu mais recente aniversário de casamento, que se dera em Setembro. Imediatamente, teve uma idéia.




Queria celebrar a data, mesmo que, com atraso, na ESTAÇÃO ESPACIAL NOVE.

Mais especificamente, no bar do QUARK.

Sim, porque, aquele era o mesmo local da festa que fizera depois de ter casado na ponte da U.S.S. ENTERPRISE, quando esta espaçonave, que à época, já era um monumento histórico da Federação, se encontrava atracada na ESTAÇÃO ESPACIAL NOVE.

Tamanha era a fama desta, que em, algumas das paradas que fazia durante suas jornadas, obrigava seus comandantes e a própria Federação, a autorizarem visitações assistidas ou mesmo, celebrações a bordo, quando a segurança assim o permitia, com fins de melhorar as relações diplomáticas e ainda, porquê não, para levantar os famosos fundos financeiros de caridade ou em prol da guerra..

Talvez, o Almirante Fernando Zéca não encontrasse novamente o pessoal da U.S.S. ENTERPRISE pelas cercanias, mas, certamente, relembraria com alegria, acompanhado da esposa, vários momentos e os desdobramentos do seu casamento no bar do Quark.

Decidida a forma de descanso, restava tomar as medidas que efetivamente viabilizassem o merecido relaxamento, entre elas, seguir até a distante ESTAÇÃO ESPACIAL NOVE onde às escondidas, faria os preparativos da festa sem que a sua esposa soubesse.

Com os colegas de Frota e até mesmo junto a oficiais superiores, ela era conhecidíssima, por seu rigor e disciplina. Quando ninguém conseguia exercer qualquer controle sobre Fernando Zéca Corinthiano, era à esposa deste, que se recorria. E os

resultados sempre eram positivos pois, não foi por pouco que, ganhou a carinhosa alcunha de COMANDO CENTRAL.

Almirante Fernando Zéca Corinthiano queria que a festa atrasada da celebração de seu casamento fosse segredo, daí, seguiria até a ESTAÇÃO ESPACIAL NOVE, onde faria os preparativos diretamente com o Quark.

Para tal viagem, e, para não deixar pistas que alertassem o “Comando Central” do seu paradeiro, o Almirante resolveu que não seguiria em nenhuma das espaçonaves que a Frota ou mesmo que o Serviço Secreto da Federação punham à sua disposição.

Seguiria numa civil.

Comprou passagens de ida e volta pela internet através do seu canal secreto, ao qual o “Comando Central” não tinha acesso, e seguiu para o espaçoporto levando apenas uma mochila com seu computador pessoal, os respectivos acessórios deste e mais alguns cacarecos.

Na hora agendada, o Almirante Zéca apresentou-se no respectivo balcão indicado no ticket que trazia consigo.

Foi entrega-lo para a atendente, mas, esta, nem se dignou a pegá-lo.

-O senhor é do vôo para ESTAÇÃO ESPACIAL NOVE?

-Sim! Sou eu mesmo!

-Todos os vôos comerciais que saem deste espaçoporto estão cancelados por determinação da AGÊNCIA DIRIGENTE E ORGANIZADORA DA NAVEGAÇÃO ESPACIAL EM TERRITÓRIO DA FEDERAÇÂO, que se encontra em greve de caráter irrevogável por tempo indeterminado.

Aquela pegou o Almirante de surpresa.

Ele até ficou na hora, sem saber o que fazer diante da situação.

Depois do impacto inicial da terrível notícia, lembrou-se que a Frota, em situações de emergência, obrigava por força de Lei, espaçonaves que estivessem em território da Federação seguindo para o mesmo rumo, a oferecerem carona a oficiais em trânsito.

Era a famosa carona obrigatória. Dirigiu-se até outro balcão do espaçoporto: o de informações, que, naquele momento estava ainda mais cheio de gente.

Esperou a fila andar, afinal, ainda não tinha seus 60 anos de idade, portanto, a preferência de tomar a dianteira no atendimento.

Na sua vez, então, depois de ouvirem seus problemas, finalmente lhe deram uma informação útil.

-Realmente, Almirante, o senhor tem razão. O seu direito pela carona está assegurado. Ocorre que, todas as espaçonaves comerciais de transporte de passageiros civis estão impossibilitadas de partir, devido à greve. Só decolam voos de emergência médica, militares e cargueiros.”

O atendente até que era solícito, mas, numa primeira vista, a possibilidade de viagem para a ESTAÇÃO ESPACIAL NOVE parecia estar cada vez menor.

-Almirante, não temos programada nenhuma saída para lá.

O atendente olhava no monitor onde as informações eram projetadas, mas, seu semblante não era otimista... Logo, porém...

-Achei, senhor!

-O quê?

-Uma espaçonave cargueira ferengi saindo em vinte minutos rumo a ESTAÇÃO ESPACIAL NOVE! É a única que temos, senhor.

-Mais nada?

-Fora isso, só depois que a greve acabar, isso, se chegarem a uma negociação.

-Onde encontro a tripulação?

-Estão no portão de embarque 32.

-Não deixem que a espaçonave parta sem mim. Estou seguindo para lá agora.

-Sim senhor. Estou providenciando.

Almirante Fernando Zéca saiu correndo.

Mesmo sendo baixinho, careca e barrigudo, quando precisava, ainda conseguia fazer um esforço físico, assim, logo, chegou ao portão de embarque 32.

Aguardando-o na entrada, já se encontravam os dois ferengis.

O Almirante Zéca dirigiu-se para eles, saudando-os com um aperto de mão.

-Olá! Sou o Almirante Fernando Zéca Corinthiano e preciso de uma carona de vocês até a ESTAÇÃO ESPACIAL NOVE.

-Como vai Almirante? Meu nome é Boson e este, é meu irmão Lepton. – Apresentou-se um deles. - Tem certeza de que quer mesmo pegar uma carona em nossa espaçonave? Ela é um cargueiro e não tem acomodações condizentes para um oficial da sua patente.

-Não me incomodo com isso, senhores. O que preciso é chegar à ESTAÇÃO ESPACIAL NOVE o quanto antes.

-Almirante. – Chamou Lepton. – Nosso plano de voo leva um pouco mais de tempo do que o das espaçonaves de transporte civil, estamos com muita carga nessa viagem.

-Compreendo, senhor Lepton, entretanto a AGÊNCIA DIRIGENTE E ORGANIZADORA DA NAVEGAÇÃO ESPACIAL EM TERRITÓRIO DA FEDERAÇÂO não deixa alternativa senão me socorrer junto aos senhores.

-Sendo assim, será uma honra tê-lo a bordo, Almirante. Faremos o melhor para que nossas acomodações possam atender condignamente suas necessidades.

-Então vamos em frente, senhores.

***

Não tardou muito e os três logo chegaram ao corredor que dava acesso direto para o interior do cargueiro ferengi de nome LATINUM.

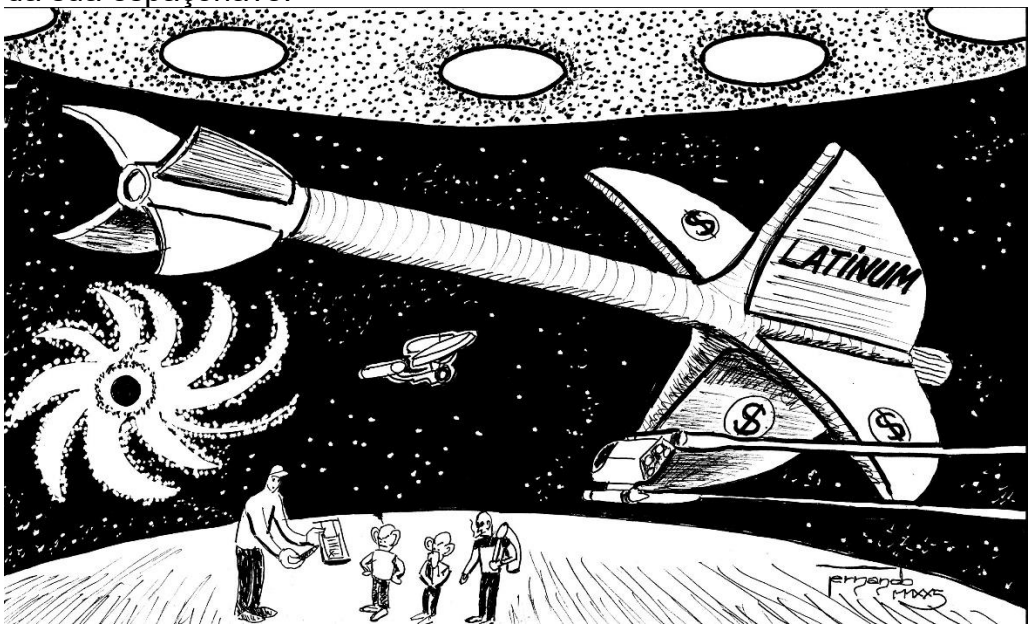
Prosseguiram falando sobre amenidades até serem interrompidos por um homem de roupas pretas que se aproximou deles segurando uma espécie de prancheta eletrônica.

Um boné preto sem insígnia nenhuma ocultava o seu rosto, ainda assim, o Almirante percebeu se tratar de um cardasiano que se dirigiu aos ferenguis dizendo:

-Houve um erro na primeira pesagem da carga e foi constatado que sua nave leva um sobrepeso de oito toneladas e meia.

-Oito toneladas e meia?!?! – Indagou o Lepton surpreso. – Mas eu mesmo acompanhei a pesagem e...

-Calma amigo! - Interrompeu o homem das roupas escuras. – A taxa de sobrepeso não será cobrada no seu caso já que o erro foi nosso quando fizemos a pesagem na chegada da sua espaçonave.



Em seguida ele apertou um botão na sua prancheta e ela emitiu um ticket impresso que foi entregue a Lepton.

-Sua saída está liberada. Pode partir imediatamente. Insira este ticket no seu computador e a navegação automática conduzirá a espaçonave até a zona onde a velocidade de dobra é permitida.

Olhando em direção do Almirante, ele ainda avisou:

-Senhor! Não é permitida nesta área, a permanência de quem não for tripulante das naves atracadas.

-Eu estou partindo com eles. – Esclareceu o Almirante.

-Mas aqui no meu prontuário, está registrado que a tripulação da nave LATINUM é constituída de apenas dois ferengis.

-Sua informação está correta, senhor. – Disse o Almirante. – Entretanto, estou pegando carona, em caráter de emergência, nessa nave, visto que, nenhuma outra está partindo para o nosso destino.

-Mas esta nave é cargueira, e não tem acomodações para um terceiro tripulante. – Ainda retrucou.

-Não se preocupe! – Disse Boson. – O Almirante já está a par da situação e aceitou a condição da viagem.

Quando ouviu a palavra Almirante, o homem até arregalou os olhos e sua pele de aparência cardasiana, empalideceu ainda mais.

Ele até, deu alguns claros sinais de incomodo com a presença do Almirante...

-É que...

O Almirante entretanto, não se perturbou e logo foi bem incisivo:

-Por LEI, a nave LATINUM está obrigada a me conduzir nesta ocasião emergencial, ao meu destino, que é idêntico ao dela. O Comandante Boson disse que pode improvisar uma acomodação para mim e isso já é suficiente.

-Claro... Claro... Então fica assim mesmo...

Meio trêmulo, o homem saiu andando enquanto os três avançaram para o interior da LATINUM.

***

LATINUM era uma espaçonave totalmente diferente de qualquer outro modelo tradicional ferengui ou mesmo da federação por combinar linhas esportivas com a design utilizado por diversos modelos de cargueiros.

Numa coisa todos tinham razão: a espaçonave não comportava confortavelmente muitos tripulantes além dos dois que tinha. O exemplo disso estava no exíguo espaço destinado à pilotagem.

A cabine, mais lembrava as dos antigos aviões terrestres, com duas poltronas viradas para janelas e monitores, cercadas por instrumentos, manches e pedais.

Quem fosse mais alto ali teria problemas com desconforto, pois o design era feito para ferengis assim, complicava a vida até dos baixinhos humanos como o Almirante Zéca, que era obrigado a se encurvar.

Boson e Lepton sentaram-se em suas poltronas, iniciando a rotina de partida, em que batiam boca um com o outro:

-O Almirante disse que eu sou o Comandante aqui, então, você tem que me obedecer.

-Nem você nem o Almirante não mandam nada. Quem põe ordem aqui dentro sou eu. O que tem que ser feito por aqui, quem faz sou eu.

-Que nada! Agora EU sou Comandante. Você ouviu o Almirante lá fora. Ele disse COMANDANTE BOSON.

-Ei! Não me metam nessa briga! - Disse o Almirante. - Vou resolver o problema assim:

os dois serão nomeados Comandantes e eu serei o Capitão desta nave assim mando em vocês, está bem?

-Mas estes militares são todos iguais: já querem chegar mandando! Esta nave é ferengi e quem manda aqui é quem trabalha, ou seja: eu!

-Se você não quer ser Comandante, então o Comandante continua sendo eu, já que, o Almirante assim me nomeou. Agora vê se trabalha aí porque temos que lucrar.

-Nesse ponto concordo! Temos que lucrar!

-Almirante! Perdoe este meu irmão indisciplinado! Ele é muito jovem e não aprendeu a receber ordens!

-Cavalheiros! - Disse o Almirante. - O que disse foi por brincadeira!

“Longe de mim querer exercer qualquer autoridade sobre os senhores.”

“Meu interesse é unicamente na carona.”

“Administrem e comandem a nave de vocês como acharem melhor; aliás, se me permitem uma observação, gostei muito do design dela: é um clássico na Terra. E muito original se compararmos com outras naves características da Aliança Ferengi.”

-Viu só? O que ele falou foi brincadeira. Você não é Comandante de nada.

-Cale a boca! Ele está elogiando minha nave.

-Essa nave não é só sua. Eu também sou sócio nela. E em partes iguais. Não se esqueça disso.

-Ei rapazes! Não briguem! Apenas me digam onde posso ficar. - Interrompeu o Almirante cansado daquela discussão acalorada em tons de voz extremamente irritantes, e dentro de um lugar apertado.

-O senhor pode ficar no compartimento 7C; Almirante. Lá é o único lugar que sobrou vazio na LATINUM. Siga o corredor até o elevador 3 que dali, o senhor chega até o seu compartimento.

-Ok, obrigado. Vou até lá.

O Almirante saiu da apertada cabine pela parte de trás dela, onde havia uma escotilha que dava a uma sala maior, seguindo depois pelo corredor, para o local indicado enquanto os dois ferengis continuavam a discutir:

-Você não é Comandante de nada porque nem de longe serve como militar por ignorar quando a “*Guerra é boa para os negócios”.*

-Não ouse mencionar para mim as *Regras de Aquisição!*

“Só para refrescar a sua memória, lembre-se também de que a

“*Paz é boa para negócios”*.

“Nós, os ferengis, podemos muito bem lucrar sem briga.”

-Então trabalhe aí, Comandante. Temos que faturar.

-Falou e disse.

Assim que entrou no elevador, e se afastou das vozes briguentas dos tripulantes, o Almirante pôde finalmente relaxar um pouco a cabeça.

O povo ferengi era notório por muitas de suas características singulares ou até mesmo engraçadas, mas, o Almirante o considerava extremamente prático no seu cotidiano.

Mesmo em situações de conflito, quando estavam indiretamente envolvidos, procuravam sempre o caminho do lucro.

Neste ponto, o Almirante Fernando Zéca sempre seguiu um pouco a filosofia ferengi em, durante a guerra, tentar fazer com que suas operações fossem economicamente viáveis e financeiramente autossustentáveis.

Entrar em combate para tomar prejuízo ou morrer por idealismo barato estava fora de questão no seu modo de pensar.

Infelizmente porém, o Almirante sabia que, nem sempre dava para seguir esta tese, principalmente nos dias que, a batalha entra no quarto em que se está dormindo, depois de invadir a casa sem avisar ou mesmo, bater na porta.

Com tais reflexões em mente, ele chegou ao compartimento onde ficaria.

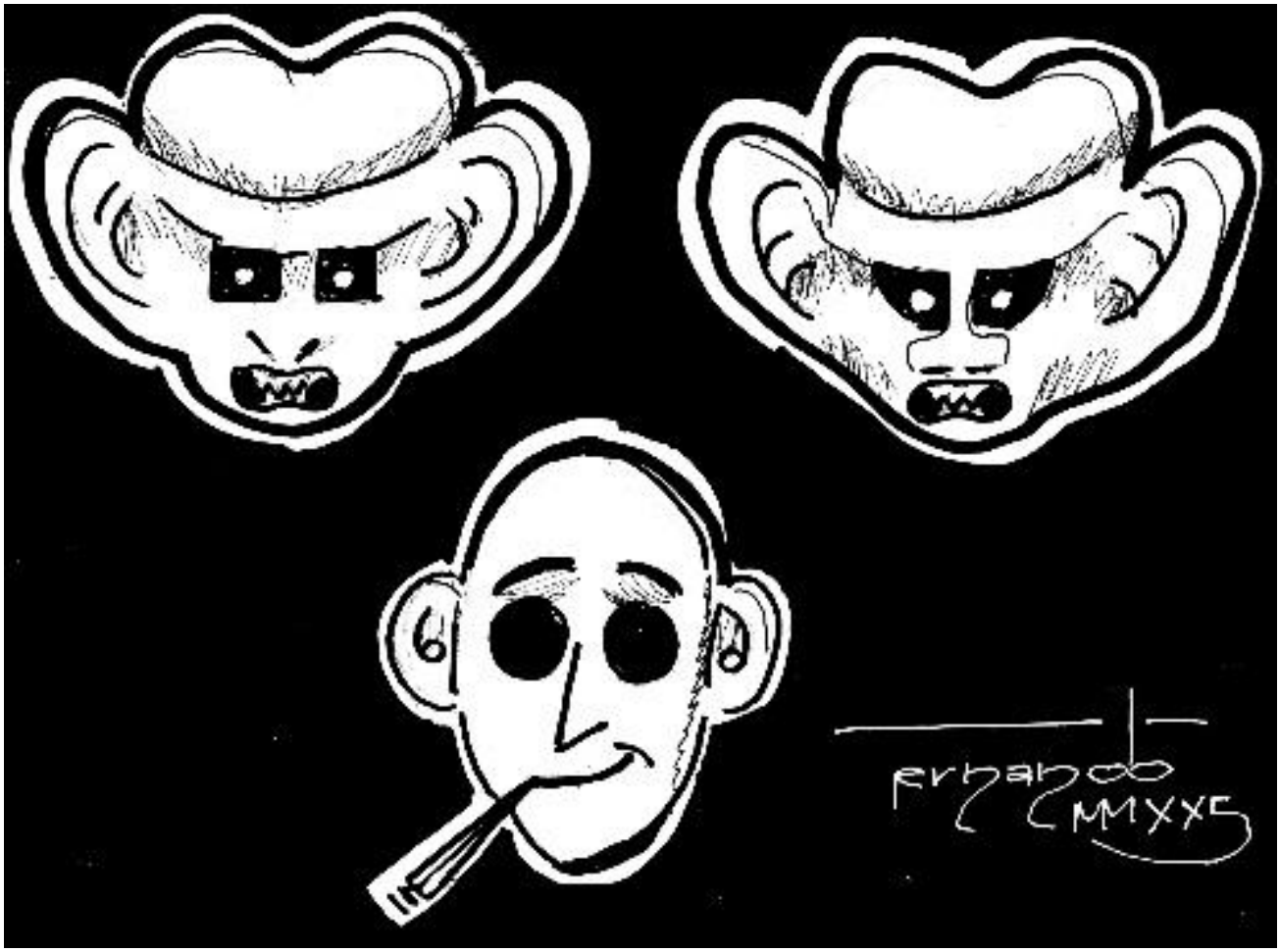
Abriu a porta do e viu um ambiente sem móveis, mas, amplo, com uma área de uns quarenta metros quadrados, tendo até banheiro privativo.

Ali dentro estava muito frio mesmo, mas, não era nada que impedisse o Almirante de puxar uma soneca.

Ao contrário do que lhe fora dito, o local não estava vazio, haviam alguns contêineres fechados. Nada entretanto, que o impedisse do justo descanso.

Deitou-se sobre um dos contêineres, apoiando a cabeça na bolsa, e improvisando-a assim, como travesseiro.

Adormeceu ouvindo o zumbido baixo que saía da carga sobre a qual se deitara.



***

Assim que acordou, a primeira coisa que viu, foi o rosto de um feioso ferengi.

Decididamente, para um humano, esta não é a melhor forma de se despertar.

Menos ainda para o Almirante Fernando Zéca que, mesmo não sendo mais jovem, ainda gostava de acordar pronto para o amor depois de sonhar mulheres bonitas.

Nos últimos tempos, acostumara-se a despertar com explosões de tiros de armas inimigas atingindo o casco de suas naves, ou mesmo, com companheiros de armas gritando e implorando por socorro.

Isso, quando conseguia dormir, já que, para um oficial tático como Fernando Zéca Corinthiano, o árduo trabalho pela Federação, fosse pelo Serviço Secreto da Federação (E.Y.E), ou pela Frota Estelar, parecia não ter fim. A galáxia inteira a todo momento, vivia algum conflito diferente e apocalíptico. A qualquer hora ou lugar que se estivesse, sempre haveria algum motivo razoável para trocar pacificadores tiros com eventuais inimigos.

Decididamente, os tempos eram tais que, a impressão que se tinha, era que a diplomacia estava sendo muito mal paga para trabalhar pela paz, ou quem sabe estivesse mesmo operando para interesses particulares alheios aos da harmonia geral.

Portanto, assim que despertou e viu um ferengi na sua frente, o Almirante não se assustou, tão-pouco sobressaltou-se, mesmo assim, tal experiência não adorou.

Aquele, mesmo sendo feio, ao menos não lhe trazia no momento, más notícias sobre ataques inimigos que estivessem explodindo a espaçonave. Nada disso!

Apenas a bandeja com alguma comida cujo conteúdo, o Almirante Zéca não surpreendeu, tão pouco lhe arrancou cara feia.

Num caneco grande havia a tradicional bebida BURACO NEGRO. No pires ao lado, insetos e vermes vivos que os ferengis consideravam verdadeiras iguarias.

Acostumado a missões em que passava longo período sem comer, ou apenas alimentando-se do que a natureza provê, o Almirante não se fez de rogado, meteu a mão nos bichinhos e enfiou-os ainda vivos na boca.

Em seguida, fechou os olhos e mastigou lentamente a massaroca enquanto sentia as criaturinhas ainda se mexendo desesperadamente sobre sua língua.

Engoliu tudo e depois, de um gole só, tomou a bebida no caneco.

-O senhor dormiu aproximadamente doze horas terrestres, Almirante, vim aqui apenas oferecer um desjejum.

-Excelente. - Disse o Almirante. - Muito obrigado. Me repôs as energias.

Ficou de pé, deu um arroto e foi para o banheiro que havia no compartimento, para dar aquela “aliviada” pós soneca.

-Estes contêineres aqui são seus, Almirante?

O Almirante terminou de se aliviar no apertado sanitário ferengi e pediu para repetir mais uma vez a pergunta.

-Estes contêineres, são seus, Almirante?

Lavando as mãos, o Almirante saiu do banheiro sem entender muito bem...

-Não. Claro que não. Eles já estavam aqui quando entrei.

-Essa carga não é nossa.

-Essa aqui onde eu dormi em cima?

-Essa aí onde o senhor dormiu mais de doze horas terrestres...

-Sabe o que tem aí dentro?

Ao fazer esta pergunta, o Almirante olhou melhor os contêineres verificando a existência de caracteres cardasianos que, até então, não havia reparado.

Seu cérebro começou a trabalhar a mil por hora.

O zumbido que saia dos contêineres lhe lembrava alguma coisa...

Então, uma luz iluminou suas ideias...

-Acho que temos uma bomba nas mãos!

O ferengi acionou o tricorder e mostrou os resultados no visor deste para o Almirante.

O aparelho, logo identificou pelos sinais, até o modelo do armamento existente no interior do conteiner:

-Nós temos uma bomba neutrônica nas mãos.

Olhando o contêiner por fora, verificou que as fechaduras deles não estavam trancadas ou comprometidas. Bastava apertar um botão para abri-las.

Apertou o tal botão, e o contêiner abriu com um chiado revelando o seu conteúdo.

Não era apenas uma bomba neutrônica... Eram dezenas!

E tinham forma de esferas verde-escuras com um mecanismo de acionamento na sua parte superior que muito as assemelhava às antigas granadas de mão.

-Cada bomba destas pode arrasar um planeta inteiro. - Disse o Almirante. - É equipamento de circulação altamente restrita. O porte e uso deste sem ordem ou autorização é considerado crime em todo espaço sob comando da Federação!”

-Isso aí não é nosso, Almirante. Não faz parte do meu inventário.” - Respondeu o

ferengi que, pelo sistema de comunicação interna da nave, instalado na parede mais próxima, chamou pelo irmão na cabine de comando.

-Qual o problema? O Almirante não gosto da refeição pós-despertar? Eu mandei o BURACO NEGRO gelado demais?

-Nada disso! O Almirante saboreou o café da manhã com apetite incomum para os humanos, entretanto, temos aqui, uma carga de… Como chama isso mesmo, Almirante?"

-Bombas Neutrônicas. Cada uma com poder mais que suficiente para destruir um planeta inteiro do tamanho da Terra."

-Bombas Neutrônicas... Já ouviu falar disso? - Indagou um dos ferengis.

-São bombas que explodem, destroem patrimônio e causam prejuízos materiais. Você não entende nada de armas mesmo.

-Ora. O Almirante nomeou você o Comandante, não eu. Esse é um assunto que você tem que entender, não eu. O meu negócio é descobrir porquê esta carga ilegal veio parar aqui..."

-Vou ligar o piloto automático e estou a caminho.

***

-Essa carga não é mesmo nossa.

-Quando chegamos no Sistema Solar, ela não estava aí. Tenho certeza disso.

-Então foi no espaçoporto que a colocaram aqui. - Concluiu o Almirante. - Pelo pouco que vi, eu suspeitaria do sujeito que estranhamente vimos saindo da nave de vocês.

"Tenho certeza que ele era cardasiano."

Olhando mais outros contêineres ali dentro com o mesmo conteúdo, acabaram por encontrar ainda, um dispositivo de armazenamento de dados com vários arquivos no seu interior.

Através do tricorder, verificaram a finalidade dos arquivos descobrindo serem mensagens direcionadas para o destinatário daquelas bombas: o chefe de um grupo terrorista cardasiano.

Diante do conteúdo das mensagens, o Almirante percebeu que aquele armamento seria utilizado em atentados a serem perpetrados na ESTAÇÃO ESPACIAL NOVE, em Bajor e ainda, em outros lugares pelas proximidades.

Tinha que preparar uma armadilha para pegar os criminosos, já que, era mais do que sabido que, de algum modo, eles dariam jeito de tirar a carga da nave ferengi.

Antes disso, o trio deveria verificar quanto material clandestino além daquele a espaçonave carregava. Daí, percorreram-na compartimento por compartimento, para verificar a presença de mais alguma irregularidade.

***

-Pretendemos montar uma loja de penhores na ESTAÇÃO ESPACIAL NOVE.

Concordo que nosso inventário tem bastante coisa estranha para negociar, mas, estas bombas, não fazem parte dele.

-Mas isso não quer dizer que você não a negocie. - Disse o Almirante com um sorriso maroto.

-Se houverem interessados e a margem de lucro for boa nós negociamos qualquer coisa, Almirante. E com qualquer um! Mas estas bombas não são mesmo nossas. E só quero saber como elas vieram parar aqui dentro."

-Que tal verificar as imagens gravadas pelas câmeras de segurança internas da espaçonave. - Indagou Fernando Zéca inocentemente.

-Por uma questão de contenção de custos, esta espaçonave não gasta baterias com as câmeras registrando ou gravando imagens do que ocorre aqui dentro, Almirante.

-Que azar! - Reclamou o Almirante. - Eis outra provável razão para terem escolhido a LATINUM como transporte desta muamba para a ESTAÇÃO ESPACIAL NOVE.

-Além do fato da nossa espaçonave ser ferengi. Se este contrabando é encontrado conosco, a situação só causará problemas para a gente, com a história terminando por aí, enquanto os verdadeiros culpados sequer são investigados.

-De fato. Os humanos sempre põem a culpa das besteiras que fazem, nos ferengis.

-Você tem razão, mas, nesse caso, como existem arquivos que comprometem os terroristas, a pena que vocês receberiam certamente ser reduziria. - Esclareceu o Almirante.

-Ainda assim seriamos condenados? Mas estes humanos são malucos mesmo: permitem que contrabandistas coloquem carga ilegal num espaçoporto administrado por eles, e ainda jogam a culpa nos ferengis."

-É o jeito humano de se livrar da culpa. Passando a batata quente para os outros. - Disse sorrindo o Almirante. - Mas certamente vocês poderiam recorrer a um bom advogado e, no final da história, até saírem lucrando com uma gorda indenização paga pela AGÊNCIA DIRIGENTE E ORGANIZADORA DA NAVEGAÇÃO ESPACIAL NA FEDERAÇÂO.

-Então vamos lucrar assim mesmo! Retornaremos para o Sistema Solar, entregamos a carga e fazemos uma queixa contra essa tal Agência."

"Ou eles nos pagam uma indenização, ou entramos com uma ação juntamente à Justiça humana."

-Calma aí, rapazes. As coisas não funcionam assim com a Justiça humana.

"E, por outro lado, temos que prender a quadrilha que está transitando esse material ilegalmente. Vamos seguir viagem e tratar de pegar os pilantras na ESTAÇÃO ESPACIAL NOVE mesmo!"

"Como a nave de vocês carece de canais de comunicação seguros, não avisaremos as Autoridades da nossa descoberta pois, poderemos alertar também os bandidos."

-Mas Almirante, se ao prosseguir viagem, as Autoridades nos pegarem pelo caminho, seremos presos do mesmo jeito.

-Não comigo a bordo! Aí nesse caso, eu então entro em contato com o comandante da ESTAÇÃO ESPACIAL NOVE e montamos alguma armadilha diferente."

Os ferengi nada disseram. Não discordaram, pois o Almirante talvez até tivesse alguma razão.

Assim, enquanto o piloto automático da LATINUM mantinha a espaçonave no curso correto, os três percorriam cada compartimento dela, fazendo as verificações necessárias na carga.

O espaço interior era mínimo e muito apertado pois a nave, naquele momento, estava completamente lotada!

-Vocês vão começar negócio na ESTAÇÃO ESPACIAL NOVE e já tem um cargueiro desse porte cheio de mercadoria até a boca?

"Caramba! - Exclamou o Almirante.- No sistema solar, só com a venda dessa espaçonave, que é um modelo clássico, o sujeito viveria bem por uns trinta anos..."

-Somos humildes ferengis que trabalham noite e dia para se prover de um bom sustento, Almirante.

-Almirante! Quem trabalha aqui sou eu. O Comandante aí só fica olhando. Tem preguiça até de fazer as contas e as verificações matemáticas de praxe no caixa ao fim do expediente."

-Porque é o Comandante quem manda, por ter mais experiência e sabedoria.

"Alguém aqui tem que fazer o trabalho cerebral. E não pense que trabalho cerebral não queima calorias. Depois de muito pensar eu preciso de merecido descanso."

-Você dorme o tempo todo! Ponha o computador para pensar e trabalhe um pouco. Assim não cansa tanto.

Foi então que o Almirante notou outra coisa engraçada.

Alguns contêineres de formato familiar que haviam naquele compartimento.

-Mas aqui temos rifles phasers! Caramba rapazes! Este material também deve fazer parte do contrabando.

-Não Almirante! Esse material é nosso. É para comercialização.

-Pode verificar, Almirante. - Disse Lepton entregando-lhe a prancheta com uma imagem da autorização do documento de porte daquele armamento.

Naquele caso, a documentação estava totalmente em ordem.

O negócio dos ferengi estava autorizado a portar e comercializar aquele e muitos outros tipos de armamento.

-Aqui está tudo ok. Mas gostaria de satisfazer minha curiosidade...

O Almirante se aproximou do contêiner e o abriu.

A tampa deste deslizou lateralmente, exibindo o seu conteúdo.

Diante daquilo, os olhos do Almirante até brilharam. Pareciam os de uma criança no seu dia 12 de outubro recebendo presentes.

-Se estes rifles forem autênticos, eles são muito melhores do que os que nos dão na Frota.

-Só trabalhamos com material autenticado, Almirante. Estes rifles disparam e são da melhor qualidade. Veja os selos de garantia.

-Quero comprar alguns destes para os meus comandados! O lixo que nos dão na Frota diante disso aqui, não serve para nada. Aquelas porcarias só dão problemas e muito mal arranham o alvo."

Seguindo a vistoria, o oficial ainda pôde verificar que o carregamento da nave tinha todo tipo de artigos comercializáveis: desde armas antigas ou super-modernas, até obras de artistas célebres, passando ainda, por todo tipo de quinquilharia que pudesse agradar um colecionador ou simples interessado em comprar.

Entre tantas curiosidades e riquezas, havia um grande equipamento em destaque.

Assim que colocou os olhos nele, o Almirante se surpreendeu não só pela forma e tamanho, mas também, por não fazer a menor ideia de sua finalidade.

-Mas o que faz esse trambolho? Indagou perplexo tentando entender aquilo tudo.

-Esta é uma máquina de fazer esposas.

***

-Quê?!?!?!

O Almirante olhou firmemente para os ferengis, que não esboçavam o menor sinal de humor e indagou:

-Esse trambolho serve para fazer bonecas de borracha para os tarados e pervertidos?

-Não Almirante. Não estamos falando de bonecas infláveis.

-A máquina faz esposas de verdade.

-Robôs? Androides?

-Nada disso. São esposas. Esposas de verdade, Almirante.

-Não posso acreditar num negócio desses.

Pela cabeça do Almirante, logo passou a hipótese, não muito remota, daquela máquina de fazer esposas, ser outra trambicagem, mas, olhando a expressão dos ferengis naquele momento não enxergava a menor possibilidade de estar tratando com mentirosos.

Aqueles dois, tirando o fato das brigas, pareciam meticulosos e honrados.

-Me expliquem melhor essa história.

-Este item especificamente pertence a um lote de vários objetos que obtivemos, e eram de propriedade do Glorioso Prince Nagus.

-Obtiveram de forma honesta, quero crer. - Disse o Almirante com voz firme.

-Sem dúvida, Almirante. Nosso negócio é sério, como o senhor pode ver.

-Nós fomos chamados por um servidor da família do Glorioso Prince Nagus, que nos

proporcionou uma oportunidade de lucros com a comercialização de objetos e pertences que não seriam mais utilizados.

-Mas pode um servidor vender os objetos da família deste Prince Nagus? Que autoridade ele tem para tanto?

-Prince Nagus partiu com sua esposa para meditar em alguma gelada caverna de Ferenginar. Segundo seu servidor, ele deixou autorização escrita e assinada de próprio punho permitindo-o a administrar da forma mais produtiva os seus bens."

-Aqui está. - Mostrou na prancheta, a autorização a que se referia.

O Almirante coçou o queixo:

-Até aqui tudo bem, senhores, mas, essa máquina de fazer esposas é o quê? Uma brincadeira?

-Logo se vê que o senhor ainda não conhece a cultura ferengi, Almirante.

-Estou sempre aprendendo um pouco mais a cada momento. -Retrucou o desconfiado oficial da Frota. - Por favor, iluminem o meu caminho.

-Prince Nagus é a mente mais poderosa do universo, Almirante. Mais até, do que a do poderoso Nagus.

-Prince Nagus é que deveria ser o Grande Nagus.

-Deveria, mas não quis.

-Prince Nagus é um sábio.

-Sim ele é um sábio. Ele pensa diferente. É um ferengi de visão.

-Ele adotou uma  filosofia que vocês humanos chamam de social-comunismo, misturada à forma ferengi de gerenciar a vida.

-Ferengi social-comunista? Por favor, não brinquem assim comigo.- Retrucou o Almirante visivelmente incrédulo. -  Estas três palavras não se misturam.

Estava claro que o Almirante mal podia acreditar no que ouvia: um ferengi comunista era algo que simplesmente estava além de sua compreensão.

Qualquer enciclopédia para analfabetos explicava claramente algumas das principais características ferengis aos desentendidos, de forma rudimentar a não deixar dúvidas; ferengis são: baixinhos, orelhudos, feiosos e extremamente CAPITALISTAS em quase todos os seus momentos de vida.

A simples existência de um ferengi de tendencia filosófica social-comunista só podia ser uma piada das mais engraçadas.

-O Senhor não entendeu, Almirante! Prince Nagus transcendeu o capitalismo. Sua mente, do nada, pode fabricar ouro latinum prensado.

-É a pura verdade, Almirante.

-Ele faz ouro, do nada, na sua frente.

-Por isso o chamam de O GRANDE ALQUIMISTA. Ele tem a mente mais poderosa do universo.

O Almirante ouvia aquilo boquiaberto.

-Ele se recusou a ser o Grande Nagus a mais de trezentos anos terrestres. Na época, disse que não poderia aceitar tamanha honra, pois, nas suas meditações, procurava enxergar um sistema financeiro capaz de dar prosperidade a todos os povos do Universo, atendendo ainda, suas necessidades sociais.

-Um ferengi vive tanto tempo? - Indagou o Almirante.

-Prince Nagus vive.

-Vê, Almirante? Estamos falando dos objetos de um grande ferengi.

-Respeito isso, senhores, mas, vocês me falaram de uma máquina de fabricar esposas. Será que eu entendi errado?

-Prince Nagus, da sua infinita sabedoria, durante seus anos de juventude, criou tal máquina.

O Almirante fazia caretas a cada coisa que ouvia, mas, estava interessado...

-Bebendo de algumas das principais correntes filosóficas do social-comunismo,

Prince Nagus conheceu uma que pregava liberação sexual onde o socialista-comunista poderia desfrutar de quantas parceiras sociais-comunistas quisesse.

-O filosofo poderia transar com quantas seguidoras da mesma corrente de pensamento quisesse... - Concluiu o Almirante em voz alta e de maneira simplificada. - Entendi certo?

-Isso mesmo.

-Acontece que a comunidade ferengi à época, não estava evoluída suficientemente para entender o pensamento social-comunista do glorioso Prince Nagus, e as fêmeas, por divergência de pensamento com esta questão filosófica, não queriam saber dele.

“Nesse momento histórico, ele já era capaz de criar barras de ouro látinum prensado do nada só com os poderes de sua mente. Foi quando ele decidiu casar e criou essa máquina de fabricar esposas.”

“Como em seus tempos de solteiro, era muito liberal, quis possuir esposas de várias raças, multiplicando as infinitas possibilidades em infinitas combinações.”

“Uma ferengi, uma andoriana, uma klingon, uma vulcana, uma orion...”

-Caramba! O Prince não era fraco... - Comentou o Almirante.

-Uma mente aberta a novidades pronta para dar e aceitar o amor simultâneo de várias fêmeas.

-Prince Nagus conheceu de perto os segredos da criação do universo, portanto, para ele não deveria ser difícil compreender as forças envolvidas na concepção de uma mulher.

-E então, ele criou A Máquina de Fazer Esposas, que é perfeitamente funcional.

-Como sabem que ela funciona? Vocês a testaram? - Indagou o Almirante.

-Almirante, este é o único item do nosso inventário que não testamos.

-Confiamos no único ferengi que a testou, certificou e aprovou: o próprio Prince Nagus que, daí, criou a sua esposa.

-Se ele era assim tão liberal, por-que não fabricou mais esposas como inicialmente pretendia?

-A primeira esposa fabricada nessa máquina, era ferengi.

“O Prince Nagus a julgou uma criação tão completa, que nunca mais usou a máquina novamente.”

-Eu ainda sou partidário, de que foi a própria primeira e única esposa do Prince Nagus, que não o autorizou a criar mais fêmeas sedentas por sexo.

-Que seja, irmão. Sua teoria é muito boa e até bem fundamentada, mas, o que nos interessa, é que a máquina ainda pode nos render muito dinheiro junto a solitários mineradores por ainda ser capaz de fabricar mais quatro esposas: uma orion, uma vulcana, uma klingon e outra andoriana.”

-Nossos lucros serão enormes. Velhos mineradores pagam fortunas só para ter boas cozinheiras nas proximidades, imagine então, fêmeas fieis e sedentas por sexo...

O Almirante olhava para o aparelho, que ocupava o compartimento que tinha uma área de sessenta metros quadrados e, altura média de seis metros.

Em determinada parte dele, haviam cinco cilindros, feitos de material transparente como o acrílico, em cujo interior, haviam em quatro deles, pontos de luz extremamente brilhantes, do tamanho aproximado ao de bolas de tênis.

Em cada um dos cilindros iluminados, uma cor diferente brilhava.

Um era verde, o outro branco, o seguinte, azul e, o último aceso: vermelho.

O quinto cilindro estava apagado.

-Estes pontos brilhantes no interior dos cilindros são o quê? Uma espécie de semente que se transforma nas mulheres?

-Precisamente...

-Cada cor corresponde a uma delas: a verde é uma fêmea orion, a branca, uma vulcana, a azul corresponde a uma andoriana, e, a vermelha a uma fêmea klingon.

-E quanto tempo leva para a esposa ficar pronta? - Indagou o Almirante.

-Sai na hora.

-Em menos de cinco minutos.

-Veja só.

Lepton mostrou sua prancheta para o Almirante de onde foi projetado no ar um vídeo tridimensional.

Ele mostrava um ferengi, muito provavelmente, Prince Nagus quando jovem, acionando a máquina, já que, segundo Boson e Lepton, ele teria sido o único a usá-la.

A imagem não estava na melhor qualidade possível, já que, aparentava ter sido realizada com câmeras de mais de duzentos anos de idade.

O vídeo mostrou o ferengi regulando a máquina, algo que parecia ser bem simples, e, as mudanças ocorrendo.

Dentro do cilindro, no momento em que aparecia Prince Nagus, se encontrava aceso, brilhava um ponto cor de rosa.

Assim que a regulagem foi terminada, o brilho do ponto cor de rosa desapareceu e, em seu lugar, surgiu uma linda fêmea ferengi.

-Veja Almirante, esta é a esposa do Prince Nagus. Este vídeo, mostra como ela nasceu.

A imagem continuou mostrando-a.

Ela assim que saiu do interior do seu cilindro transparente, abraçou o Prince Nagus e começou a acariciar, morder e lamber as orelhas deste.

Naquele momento, diante de tais imagens, os ferengi pareciam especialmente exitados.

-Veja como ela lambe a orelha dele.

-Ahhh... Se uma fêmea me lambesse as orelhas assim, os pelos internos, ligados aos canais eróticos dos meus ouvidos ficariam estalando por meses só em relembrar.

-Você tá velho demais para isso.

-Ahhhh...

-Ei rapazes! -Bradou o Almirante. - Já entendi o final da história.

E desligou o vídeo com as imagens da prancheta, deixando os ferengis bem desanimados.

-Já sei como essa história termina e não me interessa. O Prince Nagus arrumou uma chefa para comandar sua vida e, assim viveu feliz para sempre...

-Como sabe? Nós nem chegamos ao final..

E nem chegariam mesmo que quisessem, subitamente, no sistema de comunicação montado na parede próxima, estalou uma mensagem sonora.

Era uma voz humana pedindo por socorro:

-Por favor, precisamos de ajuda!!! Dezenas de naves klingons estão cercando minha espaçonave. Estou mantendo distancia mas creio que o ataque deles é iminente, SOCORRO!!!

Bóson deu alguns cliques nos comandos de sua prancheta e, logo se inteirou da situação.

-Droga! Não temos como escapar desse pedido de socorro! Eles estão bem na nossa rota e já devem ter nos detectado.

-E verdade! Porcaria! Estamos indo rapidamente na direção do infeliz e do bolo de naves klingons que vai atacá-lo!

-Não tem problema, seus medrosos. Eu piloto a nave agora. - Disse o Almirante, automaticamente pronto para o confronto. - Tenho experiência em briga com os klingons e sou capaz de mastigá-los em combate assim como vocês fazem com as baratas no seu café da manhã.

-Sim, mas as baratas são deliciosas. - Disse Bóson. - Os klingons, por outro lado, já não são assim tão saborosos.

-Ademais, nossa espaçonave não está preparada para o combate.

-É uma nave de carga, Almirante. Não temos, campos de força, canhões ou qualquer outro tipo de armamento preparados para confrontação.

“Armamentos são acessórios caros, montados, ocupam mais espaço e nos obrigaria a fazer várias viagens para transportar tudo o que temos.”

-Também diminui a margem de lucro e aumenta os gastos.

-Malditos unhas de fome! - Praguejou o Almirante. - É por pensar assim que a Federação está em guerra para todos os lados.

“Se esmagasse exemplarmente apenas um dos nossos inimigos, ninguém se atreveria a mexer com a Frota.”

“Estão caindo no conto do Napoleão, Hitler e Putin enquanto ninguém faz nada.”

O Almirante estava lívido e vermelho de raiva, pois, negócio de passeio em espaçonaves desarmada não era com ele.

-Vamos para a cabine de comando. - Ordenou. - Tenho uma ideia que talvez nos salve as vidas.

Correram para lá, e assim que chegaram, a situação pôde ser melhor avaliada, pelo Almirante, com rápidos movimentos dos olhos, correndo por todos os mostradores, mapas e controles.

Sem muita cerimônia ele sentou-se na apertada poltrona de pilotagem, avaliou o que tinha ao seu redor e tirou do interior de sua sacola um pen-drive que espetou numa entrada USB que havia no painel de controle a sua frente.

Digitou alguns comandos no teclado, aproximou-se do microfone que havia ali e disse:

-Atenção frota klingon! Aqui quem está falando é o Almirante Fernando Zéca Corinthiano.

“Vocês estão em espaço sob controle da Federação. Rendam-se ou sofram as consequências.”

Houve então um burburinho geral. Pelos meios de comunicação.

-O Almirante Fernando Zéca Corinthiano está no pedaço.

-Maldito seja!

-Vamos acabar com ele!

-Desgraçado destruiu a nave onde estava meu primo.

-Ele matou o meu irmão.

-Destruiu um monte de naves klingons.

-Este maldito matador de klingons! Quero um pedaço dele.

-Já matou mais klingons em combate do que os piores genocidas do universo.

-É o exterminador da Federação.

-Vou fazê-lo morrer em agonia e gritando de dor.

-Eu também quero vingança pelos inúmeros guerreiros que ele matou.

Os ferengis se viraram para o Almirante Zéca que, apenas exibiu um sorriso maroto com o canto dos lábios.

-Almirante! Parece que o senhor arrumou muitos amigos entre os klingons.

-O senhor sabe o que está fazendo? Para mim parece que estamos seguindo para uma grande fria.

-Calma rapazes! Eu sou mesmo muito famoso entre os klingons no setor PI CANIS. Lá, eles ficam muito irritados quando ouvem o meu nome.

-Almirante, nós estamos bem longe do setor PI CANIS, aqui não é espaço de domínio klingon. Sua má fama não se restringe só àquele setor.

-Concordo! Eu sei que ela sempre me precede nos locais para onde vou, mas, não se preocupem, eles estão mais apavorados que nós.

-Mais apavorados, Almirante? Nossos mostradores indicam que estão vindo com tudo para cima da gente. Logo estaremos debaixo de artilharia pesada

-Não se preocupem, confiem em mim, deixem comigo que eu sei o que eu tou

fazendo.

-E o que o senhor está fazendo?

-Me preparando para enfrentar essa turma de brigões.

***

-Ele vai nos matar!

-Almirante! Por favor! Eu lhe imploro! Nossa nave não está pronta para combate.

-Malditos sejam os militares! Acham que todos os problemas podem ser resolvidos com troca de tiros!

Ainda exibindo o seu confiante e maroto sorriso, o Almirante apertou um botão no painel mantendo-se em silencio.

De um instante para outro, a gigantesca frota klingon perdeu velocidade até se paralisar completamente enquanto que a LATINUM, tentando fugir de ameaça eminente, conseguiu abrir distancia escapando do perigo.

Aproveitando o embalo da precária situação de segurança em que se encontrava, o Almirante acelerou os motores do cargueiro a plena potência para abrir o máximo de distância, dos klingons.

***

-O que aconteceu, Almirante?

-Sempre carrego comigo, um pen-drive cheio de ferramentas de informática úteis para qualquer ocasião. Aqui usei um velho virus de computador capaz de usar sistemas de comunicação para fazer seus ataques.

“Os processadores de alimentos das espaçonaves inimigas foram utilizados para produzirem no sistema interno de circulação de ar, um gás que artificialmente simula no sistema nervoso de cada klingon experiência equivalente a que estes têm quando seguram nas mãos desprotegidas um “pingo”.”

“Tais criaturinhas, por mais fofinhas, simpáticas e tranquilizantes que sejam aos humanos, para os klingons são irritantes e capazes de levá-los à atitudes extremadas.”

“E com as naves agressoras klingons tendo os processadores de alimentos produzindo incessantemente o gás com aquelas características, certamente seus tripulantes logo perderam as estribeiras e por conseguinte, o controle sobre seu próprio equipamento coisa que permitiu não só que fugíssemos com a LATINUM dos perseguidores, bem como o pessoal que fez o pedido de socorro.”

Entretanto, nem todas as notícias eram otimistas:

-As baterias estão no fim. Não poderemos prosseguir por muito mais tempo nesse ritmo, Almirante.

O Almirante olhou no mapa tridimensional projetado sobre o painel de controle.

-É verdade. Mas, por outro lado, já conseguimos abrir uma considerável distância dos klingons. Na atual situação, mesmo que se recuperem do gás que produzimos e inserimos no seu sistema de circulação de ar, jamais nos encontrarão.

-O que faremos então?

O Almirante apontou para uma mancha esfumaçada projetada dentro do mapa.

-Estão vendo essa mancha? É uma nebulosa que se move em grande velocidade pelo espaço. Já cruzei com ela pelo meu caminho em outras ocasiões em que passei por este setor.

“Um fenômeno até agora incompreendido já que, ninguém consegue explicar como mantém sua integridade se deslocando tão rapidamente.”

“Mas isso não vem ao caso. O que nos interessa é que podemos nos esconder numa nuvem de asteroides nessa nebulosa enquanto as baterias se recarregam.”

-Almirante pensou realmente em tudo. Nos tirou da enrascada com os klingons e ainda arrumou um lugar para nos recuperar desta fuga.

-Não tínhamos outra opção a não ser fugir. - Explicou o velho oficial. - Nem sempre aceitar a briga é a melhor resposta diante da possibilidade de um combate mortífero.

-De fato, nesse sentido existe a Regra de Aquisição 76 que prega: "*De vez em quando, declare PAZ. Isso confunde os inimigos."*

-O que também pode ser arriscado. - Retrucou o outro ferengi. - Já que, "*Nenhuma boa proeza fica impune"*, por isso, negócio de procurar pela paz ou praticar boas ações, pode não ser lucrativo.

-Até porquê, - ensinou em tom professoral o Almirante. - *"Os erros decorrentes da bondade das almas, são os piores existentes".*

-Onde aprendeu isso? Com algum Ferengi? - Indagou Boson.

-Não! Foi com um sábio militar terráqueo de nome Karl Von Clausewitz.

Daí, a conversa continuou com os minutos se passando e, logo, a LATINUM adentrou os domínios da nebulosa azulada.

A medida que a penetravam, os gases se adensavam e o azul dela foi ficando cada vez mais claro até atingir tons similares aos da coloração dos céus terrestres incluindo as nuvens brancas...

O mais extraordinário de tudo, entretanto, eram os gigantescos asteroides que começaram a surgir, como que, se pendurados por fios invisíveis a algum teto existente.

Lentamente, a LATINUM se aproximou de uma daquelas negras massas colossais e a circulou procurando algo.

-Ali! - Disse o Almirante. - Vamos entrar com a espaçonave naquela caverna. Ela é ampla o suficiente para que fiquemos escondidos enquanto as baterias recarregam. Nela, mesmo que passem perto da gente, jamais nos descobrirão pois, nenhum sensor conhecido é capaz de nos penetrar o interior daquelas.

-Tem certeza, Almirante?

-Certeza, nessa vida eu não tenho de nada, mas acredito que as nossas chances de não sermos descobertos são boas já que, o asteroide é composto por uma liga de alumínio com vários outros metais que confundirão nossa presença.

-Sendo assim, vou preparar um Buraco Negro para bebermos.

-Quero o meu bem gelado. - Disse o Almirante enquanto saia da apertada poltrona em que se enfiara. - Depois de tanta atividade, quem precisa de relaxamento e descanso agora sou eu.

***

Enquanto apreciavam o Buraco Negro, tradicional bebida ferengi, fizeram mais preparativos que lhes permitisse observar o que ocorria fora do asteroide onde estavam escondidos e, como deveriam esperar a recarga das baterias, tiraram um período de descanso que antecederia a saída da nebulosa, para posterior retomada do caminho até a ESTAÇÃO ESPACIAL NOVE.

Os dois ferengi se acomodaram nas suas poltronas da cabine de pilotagem.

O velho oficial, por sua vez, voltou ao compartimento onde antes dormira para novamente, descansar mais algumas horas, em cima das bombas, que, se explodissem, o matariam mesmo que estivesse no noutro extremo da LATINUM.

Assim que retornou ao compartimento, reparou que, o frio ali dentro aumentara bastante. Mais até, se comparado com o que estava antes.

De qualquer forma, não era nada que impedisse a soneca do veterano.

Deitou-se no mesmo lugar onde dormira antes, acomodou-se e ficou estupefato dando de cara com um velho ferengi barbado.

-Você não estava aqui até agora. - Disse o Almirante, tentando esconder o susto na

sua voz. - Nós fizemos uma inspeção minuciosa na nave inteira.

-Na verdade, meu caro, eu não estou na LATINUM, é você quem está aqui.

***

Olhando de novo ao redor, o Almirante se deu conta que, inexplicavelmente fora parar no interior do que parecia uma fria caverna com paredes de gelo semitransparente em tons branco-azulados.

-Raios e Trovões! Com mil milhões de diabos do inferno!

-Não precisa se enervar, Almirante. O capeta não tem nada a ver com o nosso encontro e sim o poder da mente.

Dizendo isso, com a mão esquerda o velho ferengi deu uma tapinha na própria testa.

-Acho que não fomos apresentados, senhor. - Disse o velho oficial.

-Então, permita-me lhe dar o meu cartão de visitas, Almirante.

O velho ferengi barbado estava sentado atrás de uma mesa e, sobre esta, colocou as mãos com as palmas juntas, de onde saiu intenso brilho, em seguida materializando-se ali um baú cheio de ouro latinum em barras grandes e brilhantes.

O peso acabou fazendo com que a mesa desabasse e caísse ruidosamente no chão.

-Opa! Acho que exagerei na dose dessa vez. - Disse o velho ferengi barbudo. - Mas isso vai pagar os préstimos que pedirei aos seus companheiros de jornada.

-Se refere àqueles dois brigões?

-Sim. São bons rapazes. Se não fossem, eu não os autorizaria a negociarem meus bens. Eles tem lóbulos auriculares apurados para os lucros.

O Almirante então adivinhou:

-Você deve ser o Prince Nagus.

O velho ferengi concordou com um gesto de cabeça, batendo novamente com a ponta dos dedos na sua própria ampla testa.

Uma voz feminina cheia de autoridade vinda de fora daquele pedaço da caverna se fez ouvir.

-Que barulho foi esse?

Prince Nagus logo se apressou em responder enquanto mantinha os olhos fixos no velho oficial.

-Não foi nada, meu bem. Não se preocupe, eu apenas deixei algumas coisas sem valor caírem no chão.

Prince Nagus em seguida se explicou em voz baixa para o Almirante:

-É a minha esposa. O senhor sabe como é ter uma esposa, Almirante. Não preciso me explicar para o senhor.

-Claro. - Concordou secamente o Almirante com um sorriso no canto dos lábios.

-Temos pouco tempo, Almirante. Por isso, preciso ser objetivo com o senhor.

-Claro.

-Não posso falar muito sobre o assunto, mas: a máquina de fazer esposas...

-Sim.

-Não se esqueça das vidas que ali existem...

A voz feminina se fez ouvir novamente. Estava mais autoritária ainda.

Logo a dona dela entrou aonde se encontravam o Almirante e o Prince Nagus.

-Ouvi você falando daquela maldita máquina de fazer esposas novamente.

“Esqueça dela! Fica aqui sozinho meditando de estomago vazio querendo encontrar o sistema financeiro ideal que traga paz ao universo, mas acaba esquecendo de si mesmo, e lembrando do que não deve! Andou tomando aquelas pílulas afrodisíacas e fica pensando com a piroca... Venha aqui que te dou um jeito.”

-Meu amor, aquela máquina têm vidas como a sua que também podem seguir adiante.

-Você fica pensando besteira e agora está falando sozinho novamente. Precisa se alimentar. Venha comigo. Aqui está muito frio. Vamos ficar perto do fogo. Chega de meditação por hoje.

A esposa de Prince Nagus colocou sobre ele uma manta e o afastou de onde estava.

Fernando Zéca Corinthiano, percebeu que ela não notara ali sua presença.

De qualquer modo, assim que Prince Nagus foi conduzido para fora dali o ambiente ao redor do Almirante começou a desvanecer.

O velho oficial bocejou, quase deslocando a mandíbula, seus olhos lacrimejaram esbranquiçando com sono, e Zéca acabou inevitavelmente dormindo...

***

Algum tempo passou, e, deitado sobre as bombas naquele que, agora era o seu compartimento de descanso, o Almirante despertou vendo-se diante da cara feiosa de Lepton.

Perto da parede, reparou que estava o baú com ouro latinum produzido pelo Prince Nagus, só então, o Almirante Fernando Zéca se levantou agilmente.

Dava até a impressão de ser uns vinte anos mais moço.

Lepton comentou:

-Ainda bem que o senhor acordou disposto. Dormiu um bom tempo...

-Lepton, você está vendo isso aqui?

Lepton se aproximou e perguntou:

-Almirante, estão aparecendo muitas coisas estranhas no compartimento onde senhor costuma descansar. O que é isso?

-O que está vendo?

-Um baú cheio de ouro latinum. Este item, infelizmente TAMBÉM não faz parte do nosso inventário.

-Este ouro veio diretamente das mãos do Prince Nagus para vocês.

Lepton estava sério.

-Almirante, acho que o senhor tem uma história bem interessante para contar, caso contrário  não estaria aqui com todo este ouro latinum falando sobre o Prince Nagus.

“Mesmo assim, lamento: seu caso terá que ficar para depois...”

O Almirante mudou o semblante ficando com cara de desconfiança. Não era normal ferenguis postergarem assuntos referentes a ouro latinum.

-Estamos com problemas. - Informou Lepton.

-O que aconteceu?

-Os sensores que o senhor pediu para que posicionássemos na entrada da caverna onde estamos escondidos, detectou uma frota de cubos BORGS entrando na nebulosa.

-Estão próximos ao asteroide onde nos encontramos?

-Ainda não notaram a nossa presença. Estão bem longe por enquanto.

-Falta muito tempo para recarregarmos completamente as baterias?

-Sim! Mais algumas horas. E não se esqueça que as naves BORGS são muito mais rápidas que a LATINUM, que não passa de um simples cargueiro desarmado.

“Assim que sairmos de dentro desta caverna, eles caem em cima da gente rapidinho.”

-Estou ciente do fato. - Disse o Almirante Zéca pensativamente enquanto coçava o queixo. - Por isso, precisaremos ficar parados, ainda mais tempo além do normal, até sobrecarregarmos as baterias da espaçonave.

-Sobrecarregarmos?

-Sim! Agora a situação mudou completamente e essa é parte da minha estratégia de fuga.

***

A seguir, o Almirante explicou como se daria a estratégia de fuga.

-Essas naves borgs vão demorar para perceber a nossa presença, então, ainda temos tempo para preparar uma escapada daqui.

-O que pretende?

-Para minha estratégia dar certo, mais gente será necessária...

-Se o senhor se refere a usar as fêmeas da máquina de fabricar esposas, não faço nenhuma objeção depois de todo o latinum que você arrumou para nos pagar.

-Não fui eu quem lhes deu toda aquela fortuna. - Corrigiu o Almirante. - Mas, a finalidade, de fato, acho que era para lhes pagar pelo uso da máquina

-Que seja. - Retrucou o outro ferengi. - Faça o que quiser com as fêmeas. Agora que você já nos pagou, a primeira regra de aquisição está valendo *“Uma vez que tenha a grana deles, NÃO A DEVOLVA”*

-Mas não esqueça, Almirante. Estas esposas não vão se portar como obedientes soldadinhos prontos para guerrear.

-Assim que o senhor as transformar do estado em que se encontram agora; em esposas; elas vão grudar no seu pé e não o largarão mais. E nem o senhor delas, por mais casado e fiel que seja.

-Elas vão querer muito sexo, Almirante. Melhor tomar cuidado com elas. Alguém na sua idade pode não aguentar tamanho empenho.

-Como o senhor está do coração? Fez um bio check-up recentemente? Sabe que, na sua idade, não se deve fazer muito esforço físico sem preparação, e, pelo que vejo do tamanho da sua barriga, não me parece que esteja em sua melhor forma...

-Ainda tem bastante fôlego? Vai precisar...

-Cavalheiros, estou precisando é da ajuda delas para sairmos todos vivos, nós sozinhos não conseguiremos escapar, sem reforço, morreremos todo.

-Mas que reforço o senhor espera obter com estas mulheres, Almirante? Elas são taradas. Vão sair da máquina querendo transar.

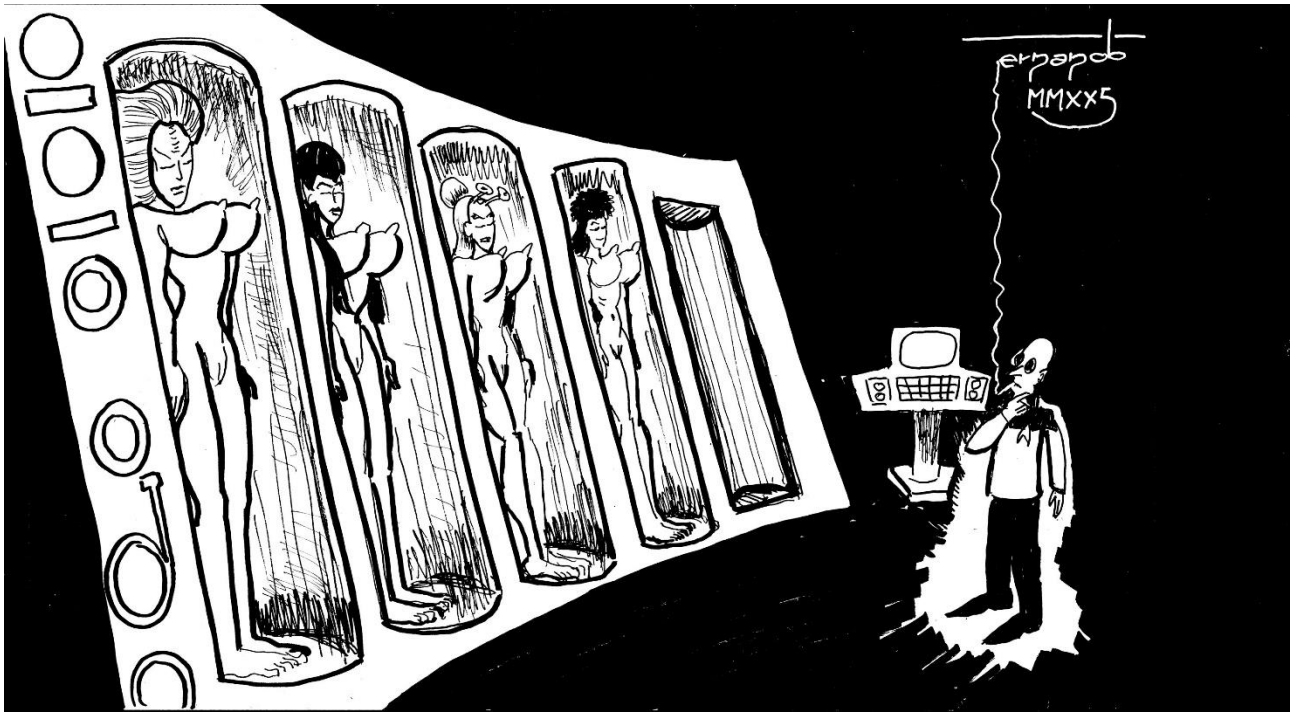
-Eu acredito que posso mudar a programação delas. Na hora de escolher as características individuais de cada uma, tentarei mudar a situação em nosso favor.

-Mais um espertalhão que acha que sabe lidar com as mulheres! Boa sorte então,

Almirante! Nós iremos acompanhar daqui as informações obtidas pelas sondas na entrada das cavernas e, o progresso do recarregamento das baterias, enquanto o senhor tenta lá sua experiência. Mas, lembre-se que não temos muito tempo...

Dizendo isso, os ferengis deixaram um pensativo Almirante sozinho.

***




Tendo Fernando Zéca obtido a concordância dos ferengis para seguir com o seu plano, agora vinham na sua mente, atormentar lhe as dúvidas, indagando se aquele seria mesmo o melhor curso de ação a ser seguido.

De fato, precisaria mais gente para enfrentar a situação, porém, seriam aquelas formas de vida a solução ideal para o problema?

Prince Nagus não queria guerreiras como esposas, mas, sim alguém com as qualidades de uma consorte ou concubina de um grande rei.

Alguém que soubesse o KAMA SUTRA completo de cor e salteado e não A ARTE DA GUERRA.

O que os ferengis queriam avisar o Almirante, era que, aquelas formas de vida, além de se tornarem esposas daquele que as moldasse, já tinham uma espécie de SISTEMA OPERACIONAL DO SEXO pronto para funcionar assim que “nascessem”.

Transformá-las em soldados seria difícil. De acordo com os ferengis... Impossível!

Por outro lado, havia o risco de prejuízo: se algo acontecesse à LATINUM, tudo ali seria perdido, incluindo a máquina de fabricar mulheres e as formas de vida em seu interior.

E, com relação aos riscos de morte, se quisesse diminuir estes, teria de salvar também, aquelas vidas que, ainda nem nascidas eram. Daí, tentaria o que os ferengis consideravam impossível, transformando estas em guerreiras.

Foi então que, do fundo do velho baú de memórias do Almirante, ele sacou a história do General Mestre Filosofo Sun Tzu, o autor de A ARTE DA GUERRA.

Recordou-se do desafio que este recebeu do Rei Ho-Lu, Chefe do antigo Estado Wu, que queria testar a eficiência dos ensinamentos do General

O Mestre aceitou a empreitada e conseguiu de modo radical fazer com que concubinas do Rei cumprissem com as ordens que lhe eram dadas no sentido de executar manobras militares, coisa totalmente fora da rotina delas.

A razão do desafio do Rei, talvez fosse ridicularizar o Grande Sábio, mas este, mostrou-se capaz de cumprir sua promessa com sucesso.

O Almirante Fernando Zéca não queria usar o método duro de Sun Tzu que tirou a vida de algumas de suas alunas, mas, encararia o desafio de treinar ou, configurar aquelas fêmeas para sobreviverem ao combate, ou, morrerem tentando.

Não tendo como retroceder. Só restava avançar, estando o tempo cada vez mais curto... Com a presença dos borgs naquele cenário, rendição resultaria em assimilação garantida, ou morte certa.

***

A configuração não foi tão fácil conforme esperado. Também não foi difícil. Apenas, mais trabalhosa coisa que, consumiu tempo precioso além do que o Almirante gostaria, mas, tinha certeza de que não esqueceu de colocar nas suas criações daquilo que achava necessário como habilidades em artes marciais, conhecimentos de história de guerras, táticas, estratégias, experiências, malandragens, truques, uso e construção de todo tipo de armamento, condução de veículos diversos, etc...

Tudo é claro, dentro das características e limitações biológicas que cada uma das raças tinha.

Feitas as configurações necessárias, restava aguardar pelos resultados.

E não seria necessário esperar muito tempo...

***

## AS AVENTURAS DO PASSARINHO CANTOR

Os cilindros transparentes ativos que serviam de casulo para a máquina de fabricar esposas emitiram uma forte luz e se apagaram.

Os pontos brilhantes coloridos que haviam nos seus interiores desapareceram após a forte luminosidade e, em seus lugares, surgiram lindas fêmeas humanóides.

Uma orion, outra vulcana, a terceira, andoriana e a ultima klingon.

Ainda que as quatro fossem de raças diferentes, em alguns pontos, o Almirante as deixou iguais: todas eram enormes, com aproximadamente dois metros e meio de altura, muito fortes, lindas e sensuais.

Donas de beleza farta e robusta, do jeito que se encontravam, já eram capazes de seduzir e encantar qualquer macho.

Os cilindros transparentes se abriram e as quatro aos poucos foram despertando.

Quem se encontrava cansado depois de um tempão sentado diante de um teclado luminoso onde ficou configurando as características de cada uma, era o Almirante.

Tão cansado e lento no raciocínio estava, que não percebeu que a orion se soltou e saiu da máquina indo sorrateiramente em sua direção.

De surpresa, ela o agarrou com força dizendo:

-Vem cá que você agora é meu.

O Almirante não conseguiu se esquivar do forte e carinhoso abraço apertado e dos beijos que recebia.

Logo, os feromônios que ela exalava em grande quantidade começaram a afetá-lo deixando-o totalmente excitado e alucinado por sexo.

Com alguns movimentos a linda orion rasgou as roupas do Almirante, deixando-o completamente nu.

Desavergonhado, maluco e fora do seu estado normal por conta das provocações da beldade verde, o Almirante se deixou levar para a farra e aos prazeres inigualáveis que ela lhe oferecia, dando início, àquela que seria a segunda mais fenomenal relação amorosa de sua vida.

***

Mas a oriana não foi a única a sair do casulo.

Logo em seguida, quem se aproximou do casal em estado de transe sexual foi a vulcana.

Imediatamente, esta também se excitou com o ardor daquele que, de imediato considerava o seu amado e não conseguiu mais controlar suas emoções.

O fogo da paixão se abateu sobre ela ascendendo todo o seu sistema biológico ao estado de PON FARR. A febre que recai sobre qualquer vulcano nessa situação e não a poupou..

Descontrolada, se juntou ao casal apaixonado formando assim uma trinca do sexo.

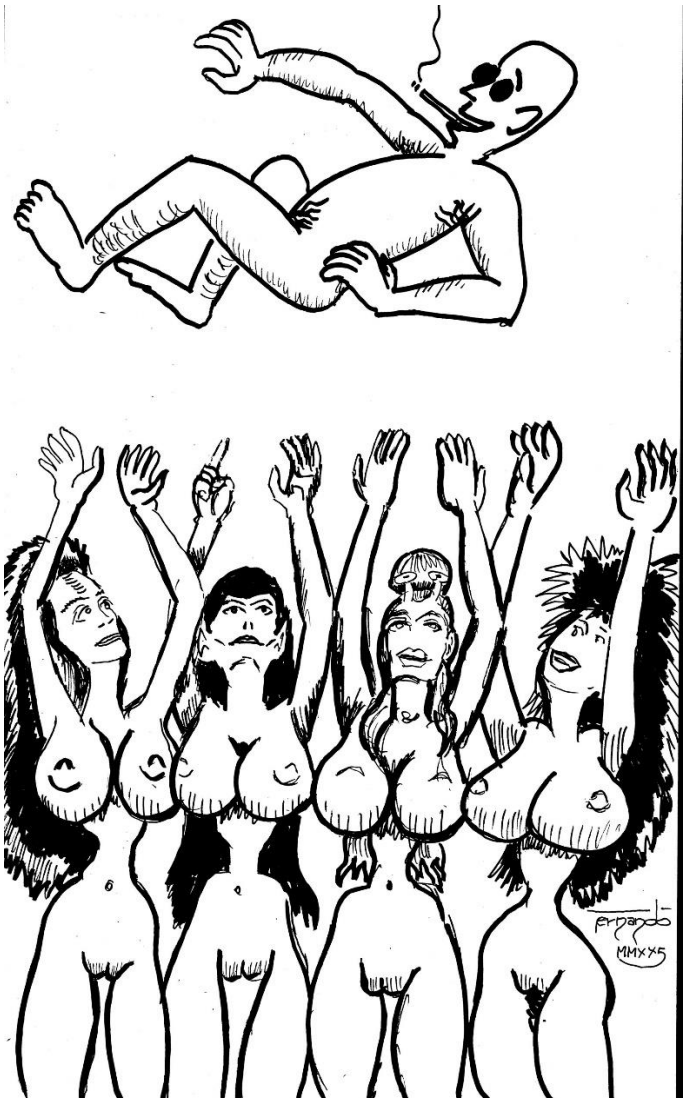
Nesse momento, aquela relação amorosa-sexual entrou em nova fase.

Com a vulcana no meio, e os feromônios da andoriana, logo estabeleceu-se entre os três, um poderosíssimo elo mental que não ficou só nisso.

Àquele bolo, logo se juntaram a andoriana e a klingon, e daí, a coisa ficou muito mais intensa tornando total a devassidão ali entre o quinteto.

Mesmo na sua juventude, o Almirante Fernando Zéca nunca se metera em situação parecida, por conta de toda aquela superexitação, seu cérebro estava totalmente dominado pelas áreas mais primitivas e o velho oficial só queria saber de se divertir com suas parceiras, muito maiores que ele, assim como  um viralatinha no cio, amarradão nas fêmeas bem maiores.

Naquela situação, ninguém iria se preocupar com outros assuntos, ainda que estes fossem de importância vital para a segurança.



***

Atarefados com diversos trabalhos que incluíam a aceleração da carga nas baterias, e, verificação da movimentação borg, os ferengis involuntariamente deixaram o Almirante em paz durante algumas horas.

Entretanto, foi depois de verificar que a movimentação da gigantesca frota a aproximava cada vez mais de onde se encontravam escondidos, Boson resolveu ser hora de verificar os progressos no trabalho do Almirante.

Sentado em sua poltrona de pilotagem, enquanto olhava pelas janelas para fora da nave, apertou o botão do sistema de comunicação interno.

-Almirante, reporte-se por favor.

É lógico que, ocupado como estava, o Almirante não ia reportar nada já que, o seu estado de transe era tal, que mal ouvia qualquer chamado.

-Almirante, reporte por favor.

Preocupado com a falta de respostas, Boson colocou baterias novas na central de controle de vigilância, reativando diversas das câmeras do circuito interno de segurança da LATINUM, para verificar remotamente o que acontecia com o Almirante no compartimento da máquina de fabricar mulheres.

Assim que tomou ciência da situação, ficou boquiaberto e... Extasiado!

***

-Lepton veja isso! Corre aqui rapaz!

O ferengi se aproximou correndo, surpreendeu-se com o funcionamento do sistema de câmeras de vigilancia e mais ainda quando viu as cenas pornográficas no monitor, a tal ponto que berrou:

-Já que você ligou o sistema de câmeras, grave tudo!

“É uma tosquice horrível mas, tem mercado lucrativo esse tipo de pornografia envolvendo roteiros com semi-deusas “asgardianas” transando com gente feia e deformada.”

“O Almirante careca mesmo desprovido de qualquer talento para o trabalho, ainda pode estrelar seu papel no dia de sorte do macho mais horrível da história, enquanto faturamos montanhas de látinum numa produção XXX pra lá de mal feita que nos dê lucro.”

-Não vai dar! As câmeras do sistema de monitoramento de segurança da LATINUM, não grava o que vê. Comprei o modelo mais barato que tinha disponível na loja.”

-Bóson, você não tem lóbulos para negócios. Suas orelhas devem estar cheias de cera mesmo.

-Meus lóbulos para negócios são melhores que os seus.

“Para quê eu vou usar uma câmera que registra e grava dentro de um cargueiro onde, em tese, não deveria haver nenhum problema? Esta viagem está nos colocando em diversas situações imprevistas. Eu fiz economia. Se eu soubesse que teríamos tantos problemas, teria adiado a viagem.”

-Ah! Não sei! O fato é que, enquanto trabalhamos, esse Almirante fica na farra. Estamos encrencados até o pescoço e este sujeito está se divertindo.

Lepton reclamava, mas não tivara os olhos da suruba que as câmeras mostravam.

-Estas fêmeas estão malucas. O almirante é mais feio que eu. Parece um anão abraçando estes mulherões!

-Mas é sortudo. Um monte de gente gostaria de estar no lugar dele.

-Estão todos malucos ali. Isso está óbvio.

O tempo passou e os ferengis não tiravam os olhos do monitor hipnotizados com as cenas de sexo.

-Olha isso!

-Ela está chupando a orelha dele, lambendo inclusive, aquele lóbulo pequenininho.

Aquilo foi demais para os ferengis.

Assistir as orelhas do Almirante Fernando Zéca sendo chupadas e mordidas enquanto eles trabalhavam, os lembrou da situação ameaçadora em que todos estavam.

-Temos que fazer alguma coisa, ou vamos todos morrer. - Disse Boson.

-Você é que tem que fazer alguma coisa. Você foi nomeado Comandante aqui além de ser o mais velho. Não eu. Vá lá chamar aquele Almirante e veja com ele o que precisamos fazer para sair daqui. E lembre-se ainda da 125a. Regra da Aquisição."

Então, os dois ferengis a repetiram juntos e em coro:

-"*Você não pode fazer negócios se estiver morto."*

-Se o Almirante ainda não a conhece, alguém tem que ensinar essa regra para ele.

***

Boson não tinha a menor ideia do que fazer em seguida.

Até a vulcana estava completamente fora de si.

E pior: pelo fato de se encontrar no Pon Farr, e sem nenhum controle de suas emoções, talvez fosse ela quem pudesse representar maior ameaça diante dos acontecimentos.

Entre ficar esperando a frota Borg invadir as cavernas do asteroide para assimilar todo mundo a bordo da LATINUM ou, morrer tentando convencer o Almirante a voltar seus esforços para enfrentar a dura realidade, preferia a morte, já que, se tivesse que encarar o fim, pelo menos o faria olhando para aquelas lindas beldades.

Pensando na sinistra escolha que fazia, inesperadamente, pelos corredores da nave, Boson deu de cara justamente com a vulcana que, saia de dentro de um dos banheiros.

Os dois se encararam.

Só de olhar, o ferengi podia perceber a febre e o ardor sexual que ela irradiava pelos poros. Com um sorriso zombeteiro, a vulcana perguntou:

-Estava nos olhando ferengi? O que achou do meu homem? Ele é meu, não tente fazer mal para ele senão morre!

Boson não queria demonstrar, mas, só de olhar para aquela gigantesca e linda vulcana à sua frente, sentia uma coisa diferente em todo o seu corpo.

Um arrepio frio e quente ao mesmo tempo.

Também não era por menos: o corpo dela era estonteante, e ela estava completamente nua. Mesmo assim, Boson não quis demonstrar fragilidade.

Concentrou-se no imenso prejuízo que tomaria, se aquela situação não fosse resolvida e disse tentando demonstrar uma frieza e calma extraordinária que não tinha.

-Preste atenção, moça! Estamos numa encrenca danada! Você tem que sair desse estado em que se encontra e pensar com lógica. Olhe aqui.

O ferengi entregou para a vulcana a prancheta que tinha um monitor de imagens bi-dimensionais embutido nela.

-Estamos dentro de um asteróide que logo poderá estar cercado por cubos borgs. O Almirante disse que essa encrenca em que nos encontramos tem uma solução, e que precisava de vocês.

Diante das imagens e dos fatos expostos por Boson, a febre que envolvia a vulcana de um momento para outro cessou subitamente.

O choque diante do perigo da situação a despertou do estado de Pon Farr.

O ferengi logo percebeu a mudança.

-Acabou a farra moça?

Nem bem terminou de fazer essa indagação, Boson ouviu um grito.

Virou-se e viu o Almirante correndo em sua direção pelado, alucinado, e gritando.

Assustado com aquela visão horrorosa, o ferengi escondeu-se atrás da vulcana, quase aproveitando a oportunidade para apalpar a bunda dela.

-A farra acabou para mim. – Ela respondeu. - Mas o meu amado não gostou do fim do elo mental e pensa que estou em perigo.

Antes que Boson fosse pego pelo alucinado Almirante, a vulcana imobilizou o velho afoito com uma bem aplicada pinça vulcana no seu pescoço, e antes que este quedasse inconsciente, ela em seguida o segurou e carregou até que, as outras parceiras do amor, chegaram ali seminuas, querendo saber o que acontecia.

-Calma meninas! Preparem-se para a guerra! - Bradou a vulcana. - A festa acabou!

-Isso aqui está ficando cada vez mais divertido. - Alegrou-se a klingon.

Vendo toda aquela ação, Boson se indagou se a vulcana saíra com alguma espécie de defeito na programação, pois parecia muito apaixonada para se guiar pela lógica...

***

Momentos depois, na sala de reunião improvisada às portas da cabine de pilotagem, que por sua vez, era pequena para caber todo mundo, o Almirante se recuperava graças a um coquetel feito a partir da farmácia de bordo da LATINUM, que, por uma questão de economia, não era lá muito diversificada.

-As baterias finalmente alcançaram o limite de sobrecarga possível, Almirante.

Tentando se recuperar do carrossel de emoções pelo qual passara e ainda dos efeitos dos remédios que tomara, o Almirante Fernando Zéca refletiu em voz alta.

-Com isso, não deve demorar muito para os sensores das naves borgs repararem que esse asteroide esconde algo estranho. A sobrecarga nas baterias logo deve denunciar nossa presença por aqui. Mesmo com os metais que compõem este asteroide nos ocultando.”

-O que fazer agora?

-Temos que ser rápidos. - Continuou o Almirante com a voz pausada. - Vamos nos dividir em três grupos: Boson e Lepton vão para a engenharia onde reprogramarão os motores de dobra da espaçonave, de modo a assimilarem o excedente de carga das baterias para nos colocar em altíssima velocidade assim que sairmos de dentro desta pedra..

-Mesmo escapando a toda velocidade do asteroide, as naves borgs poderão nos alcançar. - Ponderou Boson.

-Com as modificações que o senhor está pedindo, Almirante, os motores da LATINUM não devem durar mais que um minuto e meio. Depois disso, a espaçonave vai sair da dobra espacial, e não funcionará mais, terminando em Perda Total.”

-Conto com isso, senhores. Se conseguirmos sair daqui como penso, quando pararmos, presumo que estaremos em segurança e livres dos problemas das naves borgs.

-As naves borgs vão nos alcançar.

-Pretendo destruí-las, no processo de fuga. - Disse o Almirante em voz baixa e firme.

-Como?

-Precisarei de várias coisas que vi no seu inventário. Principalmente algumas de suas armas.

-De quanto será o meu prejuízo? - Indagou Lepton.

-Se não me emprestar o que preciso. - Continuou o Almirante. - Vamos todos morrer, aí, entra em ação a 125a. *Regra de Aquisição*. Está lembrado dela?

“Você não pode fazer um acordo se tiver morto...”

-Pensei que o senhor não conhecesse as *Regras de Aquisição*, Almirante. O que prova que, apesar de tudo, o senhor não é um humano tão primitivo assim como o resto de sua raça.

-Ótimo! - Continuou Zéca. – E já que sei que posso contar com a colaboração total

de vocês no que for necessário, usarei o equipamento de teletransporte da LATINUM.

Suando um bocado diante do que aparentava ser uma gigantesca onda de prejuízos indo ao seu encontro, Boson ainda tentou uma cartada na manga:

-Almirante! O uso do teletransporte da LATINUM não é barato. Suprimento de energia dele é caríssimo. Será que essa sua missão não poderia ser menos onerosa?

“Ou então, eu aceito uma taxa de pedágio pelo uso do equipamento.”

“Veja; estou pagando tudo, e já tive até prejuízo com as roupas que arrumei para usarem. Elas não são baratas. Foram feitas por grandes designers da moda.”

-Detesto me repetir senhores. Mas devo lembrar-lhes novamente da regra número 125?

“Estamos numa situação embaraçosa e toda ajuda é necessária...”

-Claro! Me desculpe. São os instintos, Almirante. É a famosa segunda regra da aquisição:

*“Você não pode enganar um cliente honesto, mas, não custa tentar.”*

-Olha Almirante, tem horas que o Comandante aí até acerta alguma coisa. - Manifestou-se Lepton defendendo as intenções do irmão. - “*Quem não chora não mama*”, ou então, outra regra da aquisição: ”*Oportunidade mais instinto igual a lucro*.”

-Chega senhores! Não temos tempo para humor ou filosofia Ferengi. Agora *abram estas orelhas* e prestem atenção; eu mesmo vou operar o teletransporte da nave para evitar maiores prejuízos e garantir a segurança da operação.

“Deste modo dividirei em dois grupos pelo asteroide, com missões distintas.”

Naquele momento então, o Almirante revelou aos ferengis já ter escolhido nomes para as suas amadas:

-Verão e Inverno. - Disse ele apontando respectivamente para as fêmeas, klingon e para a andoriana, de longos cabelos brancos, que, mesmo amarrados com num rabo de cavalo, alcançavam a parte inferior do seu maravilhoso traseiro. - Vocês duas se posicionarão na entrada da caverna por onde entramos no asteroide e lá, montarão dois canhões phasers robotizados portáteis, que serão gentilmente cedidos pelos nossos queridos “patrocinadores”.

Olhando mais detalhadamente, podiam-se ver algumas lágrimas querendo sair dos olhos dos ferengis.

-Primavera e Outono. - Aí nesse momento, o Almirante se dirigiu à fêmea orion de pele verde e para a impassível, classuda vulcana. - Vocês duas armarão as bombas contidas nos containers do compartimento 7C e, as espalharão nos pontos do asteroide, onde possam transformar essa pedra numa verdadeira granada capaz de esmigalhar as naves borgs que estiverem ao redor quando a encrenca explodir.

“Não se esqueçam de usarem as roupas de segurança e proteção em ambientes agressivos, que também serão gentilmente cedidas pelos nossos hospitaleiros anfitriões.”

-Mas elas são descartáveis e custam um dinheirão... -Choramingou Boson em voz baixa...

-Verão e Inverno. Não economizem com a munição. Temos naves borgs lá fora que são bem resistentes. Vamos proporcionar-lhes um belo show de fogos, antes de empreender a fuga espetacular. Não permitam que nenhum borg entre nas cavernas.

“A liga metálica que compõe o asteróide impede o teletransporte, portanto, para entrar aqui, eles terão que passar pela entrada. E eles não podem passar.”

“Aqui dentro, não temos como nos defender, a LATINUM dispõe de um grande depósito de armas de grosso calibre para comercialização, mas poucos fuzis e pistolas, para autodefesa do espaço interno, em caso de ataque direto aqui dentro.”

“Deste modo, vocês duas ficarão pouco tempo lá fora. Só até as bombas serem armadas.”

-Acha que explodirão tudo como você deseja? - Indagou a fêmea vulcana recém-nomeada como Outono.

-Sim querida. - Respondeu o Almirante com um tom de voz que não escondia a paixão. - Com a maior parte dessas bombas, certamente, os terroristas cardasianos pretendiam acabar com o planeta Bajor inteiro. O que sobrasse, usariam para destruir a ESTAÇÃO ESPACIAL NOVE.

-Almirante, depois que o motor da LATINUM se espatifar após o esforço que o senhor pretende submetê-lo.... O quê faremos? - Indagou Lepton.

-Vamos resolver um problema por vez, pessoal. Agora, temos trabalho pela frente.

Boson mal conseguia conter algumas lágrimas furtivas ao imaginar o total do prejuízo astronômico, que aquela malfadada jornada espacial lhe traria.

***

Mais tarde, já em suas posições de combate na entrada da caverna que dava para o interior do asteroide, Verão e Inverno constataram a exatidão das previsões do Almirante.

Com as emanações energéticas causadas pela sobrecarga na bateria, da LATINUM, não tardou para uma nave borg se aproximar de onde estavam, objetivando investigar a situação e, quando esta se encontrava em posição da qual não pudesse escapar, Verão imediatamente disparou o seu canhão que operava.

Para sua satisfação, o primeiro tiro explodiu a gigantesca nave borg transformando-a numa imensa bola de fogo.

Sem perder oportunidade dada pelo ataque surpresa de Verão, Inverno, também atirou resultando seus bem sucedidos disparos, em mais duas naves borgs destruídas.

O Almirante Fernando Zéca, que, da sala de teletransporte acompanhava todas aquelas detonantes deflagrações, surpreendeu-se com a potência dos canhões.

Eram imensamente superiores a todo tipo de armamento de igual categoria que a Federação até hoje lhe fornecera para guerrear nas frentes de combate em que estivera.

-Boson! Lepton! - Chamou o Almirante pelo intercomunicador. - Se sobrevivermos vocês me passarão os dados deste seu fornecedor de armas.

“Se a Frota tivesse um arsenal com esse poder de fogo, muita guerra seria evitada. Só a presença de uma nave poderosa armada com canhões como este já quebraria a vontade do inimigo de lutar, resultando em vitória para a Federação em qualquer dilema.”

As naves borgs logo diante da situação beligerante, mudaram de comportamento.

Aproximaram-se lentamente do asteroide, em seguida, teleportaram vários de seus tripulantes para a superfície, em locais próximos à entrada da caverna onde se escondia a LATINUM.

Estes, tão logo se materializavam, sem usar qualquer tipo de proteção para suas partes não mecânicas suportarem os rigores do espaço, seguiam caminhando, em direção à fonte das emanações, não se importando com danos individuais, pois a coletividade sobreviveria tranquilamente.

Assim os recém-chegados invasores foram recebidos a tiros por Verão e Inverno, que também disparavam contra as espaçonaves borgs remanescentes, que, mesmo com os próprios campos de força acionados, eram vítimas fáceis e incapazes de resistir frente àqueles armamento poderoso.

Ainda que a luta seguisse conforme planejado, as duas mudaram de tática, reprogramando seus canhões para modo automático em que as espaçonaves borgs seriam rastreadas e destruídas sem monitoramento ou assistência, em seguida elas puderam usar seus rifles aumentando a artilharia contra os borgs que avançavam inexoravelmente, agora, em levas e levas intermináveis que estavam sendo teletransportadas para ali.

Assim, as recém-nascidas guerreiras, vestindo roupas espaciais que as protegiam das danosas condições locais, mesmo com alguma limitação em seus movimentos, faziam suas manobras parecer um balé de morte e guerra aparentemente competindo entre si para ver quem conseguia liquidar mais inimigos.

Enquanto isso, bem no interior das cavernas do asteróide, Outono e Primavera trabalhavam silenciosamente na armação de mais bombas. De pelo menos, duzentas!

O Almirante queria todas, logo prontas para explodir.

***

Do seu posto de observação, Fernando Zéca se surpreendia com o trabalho de Verão e Inverno. Estava excelente.

Entretanto, por melhor que este fosse, logo as forças borgs superariam a sua resistência.

A quantidade de naves que adentrava a nebulosa, era maior que um enxame de abelhas, e para piorar, o velho oficial percebeu que não paravam de chegar  forças borgs teletransportadas para a superfície do asteroide.

Estava claro que aquela abordagem não estava dando resultados positivos, já que, Verão e Inverno, bem posicionadas como estavam, destruíram dezenas de borgs, mas outros não paravam de chegar.

-Primavera, meu bem, quantas bombas vocês já armaram?

-Quase todas, querido.

Subitamente, ouviu-se um barulho enorme.

Parecia uma explosão vinda de fora do asteroide.

Verão e Inverno se auto teletransportaram imediatamente de volta para a LATINUM.

-Os borgs estão atirando de vários cubos. - Informou Inverno enquanto tirava o capacete de sua roupa de proteção.

-Nossos canhões não impedirão por muito tempo tal avanço. - Complementou Verão.

-E a liga metálica do asteroide vai derreter com os tiros que está recebendo. Temos que sair daqui agora.

-Outono, Primavera! Missão terminada. Estou teletransportando vocês de volta para a LATINUM.” - Berrou o Almirante pelo intercomunicador enquanto ele mesmo acionava o teletransporte, trazendo-as de volta pro interior da LATINUM.

Assim, as duas imediatamente retornaram a bordo, em segurança.

E bem em tempo pois, logo em seguida as paredes das cavernas esquentaram a ponto de ficar numa coloração mais alaranjada.

Era o efeito das armas borgs cozinhando o asteroide e tudo mais no seu interior.

Com tanto calor, as bombas não tardariam em explodir.

O Almirante chamou Boson pelo intercomunicador.

-Potência máxima nos motores, mas,  só acelere para sair quando eu disser.

A LATINUM continuou parada, mas a barulheira dos seus motores aumentou a ponto de parecer que ia explodir.

-Chegamos ao máximo, Senhor Boson?

-Sim Almirante.

-Então vamos sair da caverna!

A LATINUM saltou para frente como se fosse uma nave de corrida e cruzou o limiar da entrada da caverna, a toda velocidade, enquanto os canhões ali instalados limpavam seu caminho, destruindo qualquer espaçonave borg que por estes passasse.

E foi bem na hora, porquê no interior da caverna, o metal começava a derreter tomando uma consistência e coloração semelhantes aos da lava vulcânica terrestre, que, poderiam causar sérios danos ao casco da nave.

Não mais que duzentos metros fora do asteroide, a toda velocidade ela entrou em velocidade de dobra.

Atrás de si, quase que imediatamente após a escapada, quando os cubos restantes iam se preparar para perseguição à LATINUM, as bombas explodiram.

O gigantesco asteroide, seguindo as previsões do Almirante, se fragmentou em

zilhões de pedaços, daquela maciça liga metálica semiderretida que, violentamente acabou atingindo e destruindo as espaçonaves borgs como uma granada gigante.

Mesmo numerosas como num enxame, nenhuma espaçonave borg escapou do fim.

Tamanha foi a magnitude da explosão que, até afastando-se do local em velocidade de dobra, os sensores da LATINUM foram capazes de acusar seus efeitos.

Impressionada com o fato e com a violenta destruição da poderosa frota borg, Outono não conseguiu conter uma tirada irônica:

-Querido, o que você sente quando lembra que dormiu em cima destas bombas?

Pego de surpresa com o incomum senso de humor que desabrochava numa vulcana, o desprevenido Almirante não teve tempo de reagir ou mesmo, dar resposta àquele fato desconcertante, pois, logo em seguida, os motores da LATINUM deram um último suspiro e desligaram-se completamente

A espaçonave percorreu um bom trecho em velocidade de impulso até parar totalmente em meio ao infinito espacial.

-Acabou, Almirante. Desse jeito, a LATINUM já não pode nos levar mais para lugar nenhum. - Informou Lepton.

Perdido em pensamentos, o Almirante Fernando Zéca não tivera sequer tempo de comemorar seu sucesso frente à ameaça borg

Saíra da frigideira, escapara do fogo, mas, caíra numa gelada. Seria aquela uma vitória de Pirro?

***

-E agora? - Indagou Lepton. - O que faremos?

O Almirante chegou na improvisada sala de reunião, abriu uma cadeira dobrável de praia que trazia consigo e sentou-se nela.

Suas lindas e novas amizades coloridas acomodaram-se a sua volta.

Inverno massageava vigorosamente o pescoço do velho oficial enquanto sons de estralos saíam por debaixo de seus dedos.

-Temos que economizar oxigênio. - Ele disse. - Nada mais resta a fazer. Sem motor funcionando, já enviamos um pedido de socorro e agora esperaremos.

-Esperaremos? - Indagou Boson amedrontado com a perspectiva do futuro desconhecido.

-Se o Almirante diz que esperaremos, nós esperaremos. Ou você tem alguma idéia melhor, Comandante?

-Eu não tenho idéia nenhuma para nos tirar daqui, mas,o Almirante, como oficial superior da Frota Estelar já deveria ter uma carta na manga para resolver essa.

Lepton fez um gesto com a cabeça e acabou aquiescendo:

-Vamos lá Almirante. Lembre-se da Regra de Aquisição 25: “*Sempre há uma saída*”.

“Dessa vez, sou obrigado a concordar com o meu irmão que o senhor “sabiamente” nomeou Comandante.”

Entre o relaxamento e as reflexões que a massagem lhe induzia, o Almirante ainda teve forças de pegar sua bolsa tirando dela uma estatueta de gesso, colorida com uns vinte e cinco centímetros de altura.

Ela representava um homem vestido numa armadura, montado à cavalo enquanto espetava com uma lança, um dragão ameaçador.

-Vamos rezar para São Jorge o Santo Guerreiro... - Convocou o Almirante com ar solene. - ... Que é um forte Santo reverenciado pelos maiores times de futebol no Brasil.”

Nesse momento Boson começou a chorar.

-Dediquei minha vida inteira ao estudo da Arte de Lucrar e agora me vejo dependendo de um Santo humano para sair dessa enrascada. Eu sabia que tinha alguma pegadinha.

“Devia ter ouvido e dado atenção aos mais velhos quando me disseram que “*Sempre existe uma pegadinha.”*

-Não estou pronto para morrer e seguir para a Tesouraria Celestial. - Reclamou Lepton.

-Certamente os lucros auferidos na sua vida não seriam suficientes para bancar as custas no paraíso. - Disse Boson.

-Tão pouco os seus. - Retrucou Lepton.

-Quietos vocês dois. - Ordenou o Almirante. - Se ficarem nervosos vão gastar mais oxigênio precioso. Agora eu vou rezar para o Santo.

Boson queria reclamar porquê, depois de passar a vida guardando todo o ouro latinum que podia, agora era obrigado a economizar oxigênio.

Provavelmente, este era um mau sinal da decadência total que seria sua morte.

Mesmo assim, ficou quieto, pois, não queria ofender o tal Santo e assim prejudicar qualquer chance ou esforço que eventualmente os ajudasse a sair daquela situação...

Concentrado, o Almirante pedia:

-Ai meu São Jorge... Eu sei que toda hora eu tou pedindo para o Senhor ajudar o Corinthians, pedido esse, que nem sempre o senhor atende como eu gostaria, mas agora, tou pedindo DE NOVO, para o Senhor nos tirar dessa gelada...

As lágrimas de Boson começaram a correr pelos olhos. Não que estivesse emocionado com a reza, mas, porquê, assim que a ouviu; viu suas expectativas de sobreviver definitivamente virarem fumaça.

Se o tal Santo não atendia os pedidos do Almirante na hora em que este pedia pelo seu time de futebol, não ia ser num momento de desespero completo que o velho oficial o faria  mexer os pauzinhos ajudando em alguma coisa.

O oficial da frota permanecia abraçado à sua estátua, concentrado e fazendo seus pedidos em voz baixa, compondo uma cena dramática. Então....

Nem bem se passou UM MINUTO, e o sistema de comunicação da LATINUM deu sinal de vida emitindo chiados e estalidos.

O Almirante olhou pela janela que permitia visibilidade para o exterior da nave e, no espaço lá fora, viu outra espaçonave chegando. Esta certamente havia recebido sua mensagem. E era uma espaçonave de guerra da Frota Estelar e se aproximava lentamente da LATINUM.

-Atenção LATINUM, aqui é o Capitão Jorge Gavião da U.S.S. ENTERPRISE-F1.

“Recebemos o seu pedido de socorro e estamos aqui para ajudar.”

O Almirante começou a gritar, pular, e chorar, comemorando como se o seu time tivesse feito um gol na final do Campeonato.

Por outro lado, os ferengis, abestalhados não tiravam os olhos da estatueta de São Jorge.

Naquele momento, tinham certeza de ter encontrado o segredo da sorte do Almirante.

Entretanto, ainda pairava a dúvida: eles poderiam muito bem, *estar confundindo SORTE COM SABEDORIA*.

Diante do inesperado salvamento, o faro para os negócios e lucros dos ferengis voltou imediatamente a trabalhar a todo vapor.

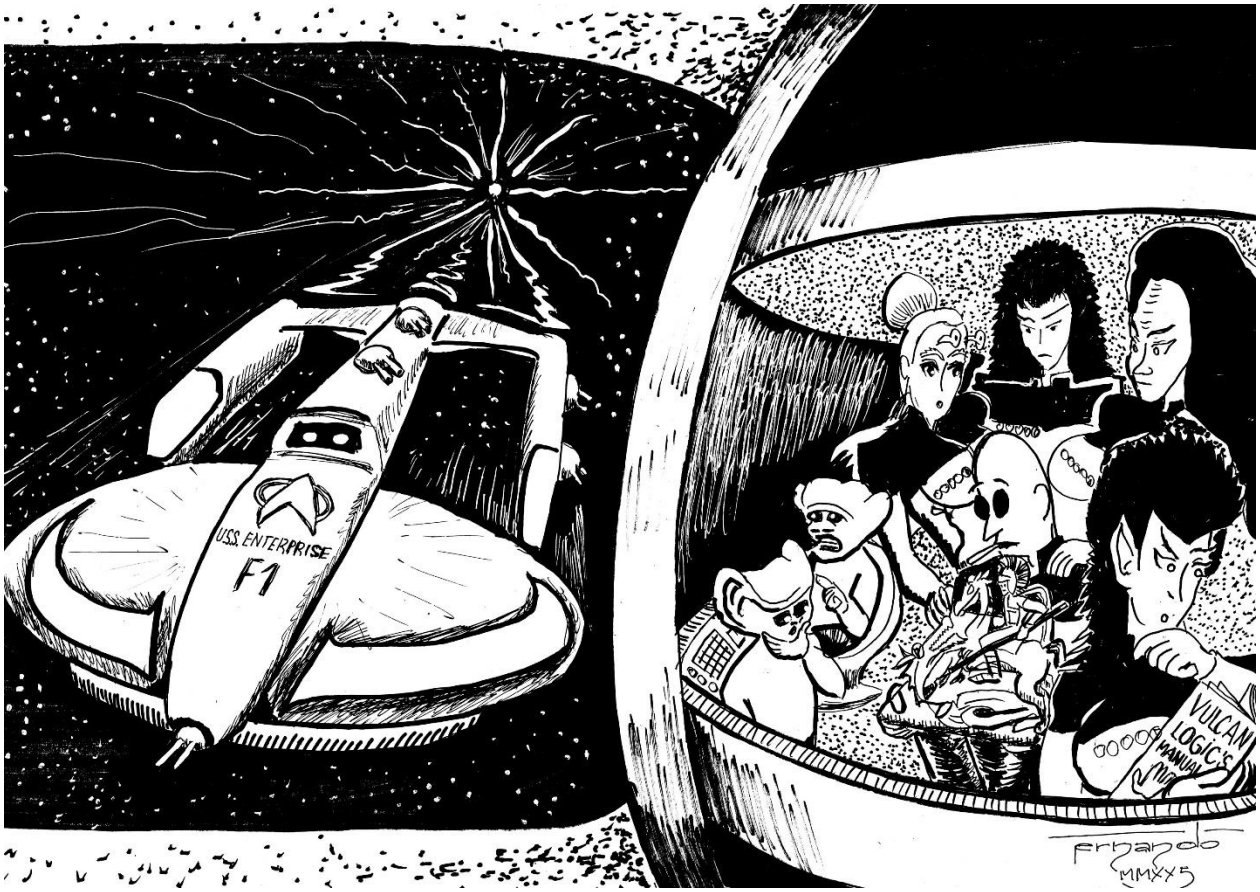
Boson se aproximou do Almirante, gentilmente pegou a estatueta de sua mão e, na maior cara de pau perguntou:

-Não gostaria de dá-la para mim como lembrança deste momento difícil que passamos?

-Claro amigão. - Respondeu alegremente o Almirante.  - Fico feliz em saber que São Jorge está atraindo para si novos devotos.

Naquele momento de emoção, o Almirante esqueceu que um ferengi nunca guarda nada como lembrança dos momentos difíceis ou especiais.

Um ferengi comercializa ou vende.




***

Ninguém ficou a bordo da LATINUM, sendo todos teletransportados para a U.S.S. ENTERPRISE-F1, onde foram recebidos pelo Capitão Jorge que, também atendeu o pedido de uma reunião com o Fernando Zéca que queria lhe passar importantes informes.

Assim, já à Caminho da sala de reuniões o Almirante passou pela ponte da espaçonave, onde próximo à poltrona de comando relembrou alguns de seus momentos mais felizes:

-Casei a bordo de outra versão da U.S.S. ENTERPRISE. Era uma classe GALAXY. A U.S.S. ENTERPRISE NCC-1701-D.

O Almirante tirou uma carteira da bolsa, abriu-a e mostrou a foto que havia em seu interior.

Nela, o velho oficial aparecia uniformizado alguns anos mais jovem, de pé, ao lado da poltrona de comando na ponte da U.S.S. ENTERPRISE NCC-1701-D, onde se sentava sua esposa.

Todo mundo na ponte olhou a foto e ficou fazendo comparações do antigo desenho arquitetônico da espaçonave, com o atual que era uma classe diferente: F1.

Em seguida, foram para a sala de reuniões onde o Almirante já deu um ar mais sério para as conversas:

-Capitão Jorge. Vou precisar de alguns favores da U.S.S. ENTERPRISE-F1. Temos que reparar a espaçonave cargueira LATINUM, onde prosseguirei viagem.

-Mas Almirante. As instalações da U.S.S. ENTERPRISE-F1 estão à suas ordens. Se quiser, te levamos para o seu destino com maior rapidez.

-Capitão. Existe uma conspiração cardasiana para destruir o planeta Bajor e ainda a ESTAÇÃO ESPACIAL NOVE.

“A LATINUM está com parte de um carregamento de bombas que precisa chegar ao

seu destino, para que possamos identificar a quadrilha que se esconde por trás dessa macabra maquinação."

"Prosseguirei viagem como se nada tivesse acontecido. Esta, é a impressão que os terroristas devem ter assim que eu chegar ao meu destino."

-O sinal do pedido de socorro feito pela LATINUM ficou ativo por pouco tempo, visto que, felizmente, conseguimos chegar rapidamente para efetivar o salvamento. Acredito que ninguém, exceto a U.S.S. ENTERPRISE-F1 tomou conhecimento dos incidentes pelo qual o senhor passou, Almirante.

-Isso é bom e evita a possibilidade de que os terroristas venham a saber que já conhecemos os seus planos.

O Almirante então estalou os dedos, como se tivesse se lembrado de mais alguma coisa.

-Capitão, quero que, além de reparar a nave ferengi, compre todas as armas a bordo da LATINUM que possam ser de alguma utilidade para a Frota Estelar. O poder desse arsenal é realmente formidável. Entretanto, não facilite nas negociações. Pechinche o máximo que puder."

"E tente descobrir quem são os fornecedores das armas dos ferengi. Essa informação pode ser estratégica para a Frota."

-Sim senhor.

-Então mãos à obra! A segurança da Federação depende de nós.

Em seguida, o Almirante ainda lembrou de outro detalhe:

-Capitão, pelo seu nome, eu arriscaria um palpite de que o senhor, assim como eu, é Corinthiano. Acertei?

-Sim Senhor, Almirante.

-Me diga então; como anda o Timão? Estou longe de casa a algum tempo e não tive tempo de me informar a respeito do Campeonato Brasileiro.

-Nada bem, senhor. Mandaram embora o técnico depois de outra derrota.

-São Jorge não anda ajudando muito o nosso timão, hem Capitão?

-Concordo, senhor. Ele podia dar uma forcinha maior nesse lado também.

-Eu não posso reclamar, Capitão. Foi São Jorge quem colocou o senhor no meu caminho. Acho que Ele estava ocupado comigo na hora do jogo.

***

Enquanto não terminaram os reparos na LATINUM, o Almirante Fernando Zéca apreciou no bar panorâmico da U.S.S. ENTERPRISE-1 a hospitalidade da tripulação que, a todo momento aparecia para saudar ou cumprimentá-lo por suas peripécias contra os klingons e borgs.

Claro que alguns espertalhões estavam de olho gordo nas quatro estações do Almirante, mas, quando percebiam que ali com elas, conversa mole não tinha vez, voltavam rapidinho aos seus afazeres, ou, à um grande copo de cerveja romulana acompanhada das clássicas montanhas de batatinhas fritas terrestres..

Assim, o tempo foi passando, até a momento da despedida, onde as duas espaçonaves, dali por diante, seguiriam por caminhos distintos.

***

Mais tarde, a bordo da LATINUM o Almirante trocou algumas palavras com Boson:

-Soube que vocês não facilitaram as coisas com o meu Capitão.

-Sabe como é, Almirante:

"*Um bom amigo em apuro significa três vezes mais lucro!*"

O velho oficial continuou reclamando:

-E vocês ainda obrigaram a Frota a assinar um contrato cheio de cláusulas abusivas e leoninas onde, em qualquer compra junto aos seus fornecedores de armas, vocês recebiam 10% de comissão adiantados e *sem garantias de satisfação*!

-É o velho costume Ferengi, Almirante: "*Nunca ponha a amizade antes do Lucro*".

-Boson! Eu quero TODAS AS ARMAS do contrato FUNCIONANDO PERFEITAMENTE! -Disse o Almirante irritado.

"Não tente manchar o meu bom nome junto à Frota. Dei preferência para as suas armas na negociação porquê eu quero armamento de primeira."

-Calma lá, Almirante. Esse negócio de honra não está com nada. Lembra da regra 109? "*Entre a dignidade e um saco vazio, fique com o saco!*"

-Muito piadista, Boson. Admiro sua queda para o senso de humor. Quem sabe você também goste da minha, já que eu talvez deva lembrá-lo da Regra de Aquisição 192: *"Nunca engane um klingon, a não ser que tenha certeza de que pode escapar..."*

"Sabe Boson, a minha querida Verão não ficará nada feliz em descobrir que estão enganando o Almirante dela e sua gangue..."

-Calma! Meus serviços são caros, mas sou um comerciante honesto. Jamais faria nada para prejudicar a freguesia.

-Boson. Só não esqueça então, da regra 203: "*Novos clientes são como os Greevermes do rabo afiado. Podem ser suculentos mas algumas vezes mordem de volta.*"

"Vou garantir que a mordida da Frota seja de arrancar, línguas, dentes, braços e pernas, caso aquelas armas não funcionem a contento!"

"O prejuízo será tamanho, que não compensará nenhum lucro desonesto."

***

Finalmente, depois de mais algum tempo de viagem, a LATINUM chegou à ESTAÇÂO ESPACIAL NOVE.

O Almirante pediu que Boson e Lepton, que não tivessem pressa na atracagem da LATINUM.

Sabedor de que os procedimentos na ESTAÇÃO ESPACIAL NOVE eram menos burocráticos que os do espaçoporto do Sistema Solar, o que, significava maior possibilidade de desviar todo aquele armamento sem que ninguém percebesse, imaginou que os terroristas tentariam recuperar suas bombas antes mesmo que a nave estivesse completamente estacionada.

Ciente do risco, o Almirante preparou rastreadores de longa distância implantados nos próprios containers de bombas e ainda mais algumas surpresas para os terroristas.

Assim, lentamente, a LATINUM aproximou-se da ESTAÇÃO.

Tudo parecia normal, já que ela se mantinha no trajeto sem nenhuma interferência.

Ao aproximar-se das docas de atracagem, uma nave menor que estava parada, começou a se deslocar.

Ela deu uma volta completa ao redor da LATINUM, como que se estivesse verificando alguma coisa nesta, e, em seguida, afastou-se da ESTAÇÃO, aparentando estar dentro da mais completa normalidade.

Entretanto, no momento em que as duas embarcações estavam mais próximas uma da outra, ocorreu o teletransporte dos contêineres onde estavam armazenadas as bombas cardasianas para a nave misteriosa.

***

Terminada a mudança de lugar dos containeres, a tampa de um destes foi escancarada com um chute de Fernando Zéca que saiu do seu interior, de armas em punho ameaçando os aturdidos cardasianos que ali, estavam apenas esperando um carregamento de armas contrabandeadas e não tiveram tempo de qualquer reação.

De outros contêineres também saíram as quatro estações empunhando armamento pesado, prontas para qualquer surpresa.

Sem disparar um único tiro, o Almirante gritou:

-Mão na cabeça todo mundo! Quem resistir vai morrer!

Suas garotas avançaram para outros locais da nave assegurando a prisão de outros contrabandistas ali presentes. Tarefa que seria facilitada pelo segundo acontecimento que se deu logo após o Almirante render os aturdidos cardasianos: De um momento para outro, a U.S.S. ENTERPRISE-F1 apareceu bem à frente da espaçonave usada pelos terroristas.

Dispensando avisos ou advertências, a espaçonave da frota estelar, já disparou contra a fugitiva um raio trator que simplesmente a prendeu sem causar prejuízos terminando assim, com qualquer pretensão de fuga desta.

***

Efetuada a prisão dos terroristas cardasianos, logo, o restante da quadrilha e suas ramificações no espaçoporto do Sistema Solar também acabaram por ser desbaratadas.

Após mais essa bem-sucedida operação, o Almirante Fernando Zéca Corinthiano ainda enfrentou a realização de uma intensa bateria de relatórios para só então, resolver o que efetivamente o trouxera à ESTAÇÃO ESPACIAL NOVE: a preparação de uma celebração que faria no Bar do Quark com sua esposa (o temido Comando Central).

Assim que teve oportunidade, já foi lá acertar o assunto.

No bar, assim que encontrou seu velho amigo Quark, o Almirante lhe apresentou as quatro estações.

Esperto como era, o ferengi se deleitou em conhecê-las, mas não disse nada de comprometedor.

Só quando as quatro foram para a pista de dança maravilhar todos os presentes no local, o Almirante e Quark tiveram uma conversa mais reservada, onde, o oficial da frota lhe relatou os últimos acontecimentos.

-Caramba, Zéca! Pensei que você deliberadamente tivesse saído da linha com o Comando Central.

-Quark meu velho. Entrei nesse redemoinho todo de gaiato e nem sei como sair dele. Achei que você me daria algum conselho para ajudar...

-E o que você está sentindo agora?

-Amigão! Você sabe o quanto sou apaixonado pela minha esposa, mas agora tem mais essas quatro estações.

“Eu mantive um elo mental simultâneo com elas, assim, estamos todos ligados.”

“Tou com o CORAÇÃO DIVIDIDO assim como a música que escrevi para uma velha banda de Rock que tive no passado, os ENDIVIDADO$.”

-Então fica mais fácil para eu te dizer os fatos. - Disse Quark. - Não existe ciência capaz de separar vocês.

“E baseado na minha experiência profissional, já que agora seu coração está mesmo dividido, terás que agir como os donos de haréns, cuidando bem das tuas mulheres.”

“Não tendo como sair de um beco sem saída como este, o que te recomendo é que

"*MANTENHA CONSISTENTES AS SUAS MENTIRAS*".

Nesse momento, entraram no Bar do Quark, em alto estilo, bem trajados e acompanhados de meia dúzia de mulheres lindas, Boson e Lepton, que logo se aproximaram com toda a pompa junto à mesa onde se encontravam sentados o Almirante e Quark.

-Almirante só temos a agradecer ao senhor. - Disse Boson.

-Nossa Jornada, apesar dos perigos pelos quais passamos, nos gerou imensos lucros.

-"*Quanto mais risco tiver o caminho, maior será o lucro"*. - Lembrou Quark

-Nossa Jornada foi tão gloriosa, que tudo a bordo da nossa nave virou artefato histórico ou de colecionador.

"Veja só: mesmo não funcionando mais, conseguimos vender até a máquina de fabricar esposas por uma grana preta."

-Mesmo a LATINUM, que teve seu motor original recuperado pelos engenheiros da U.S.S. ENTERPRISE, ainda conseguimos vender obtendo lucro.

-E o processo que vencemos da AGÊNCIA DIRIGENTE E ORGANIZADORA DA NAVEGAÇÃO ESPACIAL EM TERRITÓRIO DA FEDERAÇÂO?

-O Senhor ainda não sabe, Almirante. Seguindo sua recomendação, entramos com uma ação contra a falta de segurança da AGÊNCIA DIRIGENTE E ORGANIZADORA DA NAVEGAÇÃO ESPACIAL EM TERRITÓRIO DA FEDERAÇÂO.

-Contratamos um advogado ferengi.

-E vencemos o processo sem mesmo levá-lo ao tribunal. A AGÊNCIA DIRIGENTE E ORGANIZADORA DA NAVEGAÇÃO ESPACIAL EM TERRITÓRIO DA FEDERAÇÂO aceitou um acordo para nos pagar DUZENTOS MILHÕES DE BARRAS DE OURO LATINUM sem discutir mais o caso e manter tudo em segredo.

-Mas o melhor de tudo o Almirante nem imagina...

-Sim... A cereja do bolo...

-Agora somos também os únicos representantes autorizados a comercializar junto a toda Aliança Ferengi, as imagens do poderoso SÃO JORGE, o SANTO SALVADOR DOS LUCROS, que nos livrou de tanta enrascada.

-E não só isso, fizemos uma associação com aquele time brasileiro cujos fãs também gostam do São Jorge...

Por trás dos óculos, Zéca arregalou os olhos...

-O que?

-Como se chama mesmo o time, Boson?

-Flamengo.

-O que?!!? – Exclamou o velho Almirante. – Vocês dois podem ir para o inferno seus mercenários. Estão ajudando aqueles flamenguistas?!?!?

-Não se exalte Almirante. A torcida do Flamengo se autointitula a maior do Brasil e...

-Maior uma pinóia! Você vai dar uma fortuna para os maiores rivais do meu time. Justamente este bando de chatos que sequer sabe como perder decentemente um jogo contra o meu Corinthians.

"Esta turma só enxe o saco e causa problemas... Bando de urubus! Ninguém aguenta mais! E você vai enxer mais ainda os bolsos deles enquanto o meu timão está atolado em dívidas impagáveis???"

-Almirante, ao contrário do Senhor, que é um apaixonado e convicto cheio de princípios, nós ferengis não nos importamos com quem negociamos conquanto tenhamos muito lucro.

Após esta lição de princípio e ética ferengi, a despeito da reclamação do velho Zéca, Boson e Lepton relataram pormenorizadamente as proezas e lucros obtidos a partir daquela viagem.

-Temos de comemorar, Almirante. - Disse Boson segurando-o pelo braço.

-Chame suas fêmeas e vamos fazer uma grande orgia nos hollosuytes do bar. - Convidou Lepton.

-Para vocês faturarem em cima de mim espertalhões? - Indagou o Almirante com cara de desconfiado. - Quanto esperam faturar gravando as cenas de sexo entre mim e as quatro estações? E depois? Ainda pretendem me chantagear divulgando esse material por aí? Ou vão me dedurar lá no Comando Central?

-Esse Almirante está esperto com os ferengis. - Disse Lepton. - Acho que ele já é meio ferengi.

-"*LÁ NO FUNDO, TODO MUNDO É MEIO FERENGI*". - Concordou Boson.

-Errado, cavalheiros, o fato é que eu sei que os senhores são craques na Regra de "*NÃO COLOCAR A AMIZADE ANTES DOS LUCROS*".

Todos então, em seguida deram a famosa risada de crocodilo.

Boson e Lepton, percebendo que ali não conseguiriam lucrar facilmente, seguiram com suas namoradas para outra mesa onde sentaram-se.

A conversa entre Quark e o Almirante continuou:

-Vou então reservar uma garrafa do vinho SANGUE KLINGON que o senhor e sua esposa tanto gostam, para quando ela vier, Almirante.

-Ótimo, amigão. Deixe-a bem gelada.

-Além de seguir o meu conselho, como espera resolver o problema junto ao Comando Central?

-Ainda não sei. De qualquer forma, aplicarei a filosofia que aprendi com um cara chamado William Thomas Riker de não antecipar problemas, e deixarei então, a solução destes para ser encontrada numa próxima ocasião.

-Um brinde à não antecipação de problemas, e à próxima ocasião para resolvê-los.

-Saúde.

Os dois ergueram seus copos, brindaram e beberam enquanto se deleitavam

assistindo à magistral dança das quatro estações.

***

**TODOS OS PERSONAGENS E FATOS DESTA OBRA SÃO FICTÍCIOS.**
**QUALQUER SEMELHANÇA COM A REALIDADE É MERA COINCIDÊNCIA.**

***

**DEDICATORIA para <u>“O DILEMA DE SUN-TZU”</u>**

Antes de mais nada dedico este conto em especial à querida e saudosa amiga, ALMIRANTE ORLENKA NAVA, PRESIDENTA FUNDADORA DA T.I.R. a única leitora que encarou este trabalho literário em seu estado mais brutal e horripilante quando não havia sequer passado, pelas sucessivas revisões que o transformariam no formato que o(a) querido(a) e heroico(a) leitor(a) têm diante de si..

Este conto foi o primeiro que fiz envolvendo o personagem FERNANDO ZÉCA CORINTHIANO no universo STAR TREK, tendo sido o iniciador de todo o resto desta obra que, até aqui, ainda está te dando trabalho para enfrentar.

Nesse sentido pretendo não só te agradar pelo prestígio que cortesmente já me dás, bem como, pedir minhas desculpas ainda ao desavisado que tenha chegado a estas linhas esperando encontrar, estudo biográfico, ou até, talvez, um tratado militar do prestigioso SUN-TZU graças ao título de certo modo enganoso.

De qualquer forma a todos muito obrigado pela sua atenção.

***

***“O VENCEDOR é sempre amigo da paz.”*** (Karl Von Clausewitz)
***“...Nem sempre, especialmente se um pilantra, desonesto, covarde e desonrado for o VENCEDOR.”***
(Fernando Zéca Corinthiano)

***

# CARDASSIANÍADAS

*onde qualquer um é suspeito...*

***

## ESTAÇÃO ESPACIAL NOVE

Faltando ainda quatro horas para o momento das zero horas, que, efetivamente é onde toda a bagunça aqui relatada começa, encontramos Fernando Zéca Corinthiano divertindo-se dentro de uma das famosas holosuítes do Bar do Quark, juntamente com suas quatro amantes-namoradas a quem ele carinhosamente denomina como as quatro estações.

Uma das garotas, a klingon de nome Verão, para garantir que aqueles momentos de intensa descontração não fossem interrompidos, destruiu o intercomunicador que, normalmente o Almirante usava. Assim, a diversão ali prosseguia ininterrupta...

***

Momento das 0:00hs (contado em horas terrestres)

## EARTH SPACE STATION

Cansado depois de mais um expediente de trabalho dando ordens de pé para os seus subordinados, o Almirante Quinn reencontrou a merecida paz dentro do seu gabinete.

Finalmente, sentou-se de frente para a mesa e, abriu um bule com chá que ali deixava para os momentos de descanso.

Encheu sua caneca e, logo em seguida, bebericou alguns goles.

Percebeu no chá, um sabor ligeiramente diferenciado do que estava acostumado, mas, continuou bebendo assim mesmo, pois, sabia que estas sutis diferenças no aroma e paladar, eram normais nas várias safras produzidas daquelas folhas que usava.

Sentiu então, seu corpo sendo tomado pelo relaxamento.

Finalmente, conseguia pensar com tranquilidade sem ninguém a lhe importunar com problemas, e assim, quase dormiu.

Só não se entregou totalmente à inconsciência porquê lembrou que ainda tinha de fazer a verificação de rotina nas mensagens da sua caixa de correspondências.

O sono o impedia de se concentrar naquele importante afazer, mas, tamanho cansaço, era decorrência do expediente de trabalho extenuante pelo qual passara.

Mal abertos mantinha os olhos, ainda assim, automaticamente, e com cada vez mais esforço, foi repetindo a velha rotina de sempre.

Acionou o seu computador, e entrou na intranet da Frota Estelar, onde foi verificar a sua caixa de mensagens.

Entre tantas que tinha para checar, uma se destacava: a que fora enviada pelo Almirante Fields e que vinha com tarja de URGENTE.

Não conhecia o Almirante Fields, mas, como a mensagem vinha com tarja de urgência, utilizando os canais exclusivos dos Altos Oficiais da Frota e ainda, tendo passado por todos os mecanismos detetores de ameaças informatizadas, o bom Almirante Quinn não perdeu tempo e logo a abriu.

Imediatamente, a partir dos dispositivos do seu computador, foi projetada em cima de sua mesa, a imagem tridimensional de uma “garota” vestindo uniforme feminino usado pelas colegiais japonesas, com decote meio exagerado, acompanhado de uma escandalosa saia curta, tendo cabelos vermelhos, olhos grandes e chegou dizendo:

-Sou Sarah Lank 5 Ter. Você devia tomar mais cuidado com as mensagens que abre na internet. Agora pagará pela imprudência.

Sarah tocou na testa do Almirante com o dedo indicador, e um brilho azulado foi emitido daquele toque.

O velho oficial fez uma expressão facial que denotava o mais puro sentimento de intensa dor,  e levou a mão esquerda no peito, bem acima do comunicador, onde também, naquele mesmo instante, levava algum tipo de choque elétrico.

Tombou inerte e inconsciente, enquanto tudo ao seu redor se apagava inexplicavelmente.

Ao redor do derrubado Almirante, as coisas ficaram péssimas e nada mais funcionou direito. Fora do seu gabinete, em outros setores da estação espacial, muitos outros oficiais, chefes, empregados e cadetes da Frota Estelar quedaram inconscientes após também receberem mensagens similares nos seus intercomunicadores.

Com tanta gente praticamente colocada a nocaute de um instante para outro, equipamentos que naquele instante eram manualmente monitorados ou conduzidos, por estas pessoas, passaram a causar acidentes.

Como problema pouco é bobagem, o elemento causador de toda esta desgraça na EARTH SPACE STATION, também atuava simultaneamente em outros locais onde a Frota Estelar se mantinha presente, fossem espaçonaves, outras bases, cidades lunares, marcianas e até mesmo no planeta Terra.

Para piorar, brechas apareceram inexplicavelmente, nas estruturas da programação do sistema informatizado gerenciador da intranet e dos computadores da Frota tornando a segurança vulnerável à simples ataques de hackers amadores, ou mesmo, aos mais complexos, como os de diversos tipos de vírus devastadores de informática existentes.

***

+4:00hs

Diante de um ataque de consequencias tão devastadoras, assume o Comando da Federação dos Planetas Unidos, cumulativamente ao da Frota Estelar, com base na DIRETRIZ 5a., o Almirante Fields que, apesar de desconhecido, chega fazendo promessas para todos com sua fala mansa e jeito de bom moço, ele fez seu primeiro contato ao público através do sistema de comunicação sonora (que por muitos ainda era chamado de rádio, mesmo não tendo mais nada a ver com o artefato original que lhe dava tal alcunha), pois, o oficial comandante se encontrava concluindo missão em local onde era inviável a transmissão de imagens.

-Em cinquenta horas estarei na Terra onde, a partir daí, prometo fazer com que tudo volte à normalidade. Por enquanto, peço a todos que se mantenham em paz, em ordem e tranquilos. Tudo vai dar certo.

***DIRETRIZ 5a.* – *Em casos de emergência extrema, representantes especiais da Federação dos Planetas Unidos estão autorizados a assumir poderes de emergência para lidarem com uma condição ou circunstância que seja designada como perigosa para o bem estar dos cidadãos da Federação dos Planetas Unidos.***
***Dentro deste âmbito, SOMENTE na ausência dos poderes supra determinados, poderá assumir tal comando temporário, o Oficial mais graduado da Frota Estelar, ATÉ QUE, um sucessor definitivo seja definido.***

***

+5:00hs

Extasiado, o Almirante Zéca assistia ao balé das quatro estações.

A música que tocava aquele espetáculo talvez fosse até a do grande Mestre Vivaldi.

Mas, o que prendia a atenção do velho oficial, era a fantástico rebolado e a beleza das dançarinas. Suas quatro estações: Primavera, Verão, Outono e Inverno.

Quatro mulheres simplesmente maravilhosas que o Almirante por obra do mero acaso conhecera, e cujas vidas ajudara a salvar em uma de suas últimas aventuras.

Daí por diante, foi formado um quinteto praticamente inseparável, que, nesse momento, encontrava divertindo-se dentro de uma das famosas holosuítes do bar do Quark.

Ali fumando incessantemente seus charutos enquanto assistia tão bela manifestação artística, o Almirante Fernando Zéca até esquecia e se afastava dos problemas da vida.

Naquela atmosfera, apreciava o prazer do momento, lenta e detalhadamente, até por não saber quanto tal situação duraria. Assim, a sua curtição, a cada instante, ia se tornando uma grande festa vibrante e cheia de cores.

Muito mais estava por vir? Talvez... Os futuros momentos prometiam bastante...

Relaxado e tranquilo, o Almirante quis registrar, através da câmera do seu tablet, aquela inesquecível e magnífica expressão artística na dança das meninas.

Enquanto gravava o ballet tão magistral, aproveitou para verificar a sua caixa de mensagens, para checar se tinha alguma coisa urgente a fazer.

Assim que entrou na intranet da Frota Estelar, de uso exclusivo apenas de seus membros ativos ou não, verificou diversas falhas no lay-out dela, e pior! Até de segurança.

Dentre estas, a de que qualquer hacker mal-intencionado, com alguma sorte, conseguiria entrar facilmente na intranet da Frota, registrando-se sem grande esforço como Capitão ou Almirante, obtendo assim, todos os benefícios concernentes à tais funções.

Além de seu passado batalhador, o velho oficial da Frota Estelar também era

conhecido como zombeteiro brincalhão pois sempre que tinha oportunidade, aproveitava a ocasião para fazer piada do que via e encontrava.

Normalmente, o velho Almirante Zéca zombava de suas principais vítimas, que eram os(as) oficiais pomposos(as) que no afã de se destacar, ao se pavonear, acabavam cometendo barbaridades e grosserias parecidas com aquela que tinha pela frente.

O que o veterano gozador não sabia, era que, as falhas de segurança diante de si, não tinham como causa um oficial programador desleixado ou metido a besta.

Sendo assim, o velho Almirante continuou com a sua mais nova travessura dentro da intranet, onde, incluía suas quatro namoradas-amantes, nos quadros de Oficiais da Frota Estelar com os postos de Coronel Estelar, cargo este imediatamente abaixo do de Almirante, mas na verdade, inexistente, e que, fora criado especialmente para aquela ocasião achincalhante.

Claro que pretendia logo remediar tal situação, mas, ele justamente criou o erro, com a intenção de apontar para a equipe de segurança a gravidade do problema já existente.

Enquanto isso, deixava lá o experimento realizado para mais tarde mostrar a falha...

Tão logo terminou de criar com sucesso aquele registro fajuto, conseguiu ainda que a Frota Estelar lhe expedisse os arquivos necessários para produzir através de um sintetizador molecular, uniformes e intercomunicadores até com emblema da organização, para suas garotas usarem.

Depois de constatar que aquele problema tinha logo de ser resolvido, abriu a sua caixa de mensagens, de onde enviaria avisos para a equipe de segurança responsável pelo site.

Assim que entrou nela, percebeu uma mensagem urgente do Almirante Fields.

Não conhecia pessoalmente o oficial em referência, mas, como a mensagem vinha pelos canais oficiais, que, normalmente tinham suas proteções e, com as quais, o veterano oficial, descuidadamente não estava preocupado, decidiu verificá-las.

Abriu-a, e de imediato, o computador projetou a imagem tridimensional de uma garota vestindo uniforme feminino igual aos usados pelas colegiais japonesas, exageradamente decotado e acompanhado de uma escandalosa saia curta.

Ela tinha cabelos vermelhos, olhos grandes e chegou logo dizendo:

-Sou Sarah Lank 5 Ter. Você devia tomar mais cuidado com as mensagens que abre na internet. Agora pagará pela imprudência.

Quando Sarah ia tocar a testa do Almirante Fernando Zéca com o dedo, o tablet de onde era projetada a sua imagem foi atingido e espatifado por um sapato voador.

-Droga! Errei! Era para acertar esse cretino! - Berrava nervosa a klingon de nome Verão.

-Fica assistindo vídeo de escolares safadas enquanto dançamos só para ele.

-É um velho pervertido mesmo.

-Vamos dar uma lição nele.

-Tem que aprender.

As quatro lindas dançarinas, irritadas por verem a expressão artística de sua dança ignorada, resolveram partir para violência e bateram no pobre Almirante Fernando Zéca.

-Calma garotas!

PAF! POFF! KRRAASSSS!

-Cretino!

-Safado!

PAM!

-OUFFFF!!!

SOC!

A manifestação de ciúme das namoradas do Almirante, entretanto, para sorte dele, logo foi interrompida. Sem a menor explicação, a holosuíte foi desligada.

***

As paredes verdadeiras do ambiente onde o quinteto se encontrava, apareceram como num passe de mágica já que tudo numa holosuíte, (com exceção do velho Almirante Corinthiano e suas quatro estações), não passava de uma projeção tridimensional de objetos e formas perceptíveis aos sentidos humanos feitas por computador.

Uma entrada para aquele salão amplo fechado se abriu. O primeiro a transpor a passagem recém liberada, foi Quark, que não parecia muito contente:

-Queira me perdoar, Almirante. Essa turma mal-encarada veio atrás do senhor e, mesmo com os meus apelos, insistiu que era urgente.

O velho Almirante olhou para os tipos aos quais Quark se referia e disse:

-Não os conheço...

De qualquer forma, era uma turma estranha bem longe de parecer normal.

Gente com aparência humanoide, quase três metros de altura e, agindo como robôs.

Se eram mesmo, ou, se havia alguém os controlando, mesmo que remotamente, não dava para saber numa primeira olhada, visto que, vinham cobertos por uma brilhante armadura negra e usando óculos que transformavam seus olhos em traços vermelhos.

-Alvo confirmado e identificado. - Disse um dos que entrou na holosuíte.

Outros três iguais a este o também adentraram o ambiente.

O primeiro apontou um rifle para o Almirante Fernando Zéca e, quando ia puxar o gatilho, foi surpreendido pela fêmea klingon de nome Verão, que cortou com uma espada comprida e larga, o braço armado evitando que um tiro fatal contra o velho oficial fosse disparado. Em seguida, ela ainda deu no agressor, uma sequência de estocadas, que o derrubaram.

Para surpresa geral, o membro decepado revelou que os penetras da festa eram na verdade, robôs.

Inverno, atacou outro deles também armada com espada, decapitando outro invasor.

Outono e Primavera também agiram com rapidez.

Sacaram pistolas phasers e dispararam contra os dois últimos penetras, pulverizando-os de imediato.

Em poucos segundos, os invasores robotizados estavam todos destruídos.

Uma curiosidade a respeito do fato, era que, os robôs utilizavam na altura do que seria o seu peito, um logotipo da Frota Estelar.

-Caramba. - Manifestou-se o velho Almirante. - Eu não conhecia estes modelos de robôs. E olha que sou frequentador assíduo de todas as feiras de robótica, segurança e equipamentos militares.

Sem perda de tempo, Outono aproximou-se do robô que destruíra e arrancou com as próprias mãos, do interior deste, o HD que o controlava.

Conectou-o ao seu tablet e, em alguns poucos segundos, já sabia qual era a situação.

-Querido! Este robô, não tem nenhuma informação disponível da fabricação dele, entretanto, aqui mostra que, entrou a serviço da Frota a poucas horas, e, que a primeira missão, que foi programado, a não mais que alguns minutos, era justamente te capturar vivo ou morto, preferencialmente... Morto! Parece que não somos as únicas a te amar...

-Está falando comigo, Outono? - Indagou o Almirante sorrindo como vira-lata feliz.

-Tem alguém mais aqui que eu chamo de querido? - Ela respondeu secamente.

-A poucos instantes vocês estavam me batendo e me xingando...

-Eu estava no Pon Farr. Nesse estado, sou capaz de fazer algumas besteiras...

-Quer dizer que a Frota quer a minha cabeça?

-Por-que será? - Indagou Outono com a maior cara de sarcasmo e cinismo. Algo, assim como o bom humor, incomum na raça vulcana.

-Ora eu não aprontei nada ultimamente. - Justificou-se o velho Almirante com cara de criança travessa.

Coçando o queixo ele passou a refletir melhor.

-Bom! Eu armei a pegadinha no Banco de Dados da Frota a poucos instantes...

“Mas... Será que tal delito é caso para enviar estes brutamontes atrás de mim?”

“Ninguém respeita mais o meu posto de Almirante?” Eu já ia mandar uma mensagem para a equipe de segurança do site para informar do problema.”

Novamente a voz da lógica e da razão de Outono se fez ouvir:

-Os robôs que destruímos estão conectados em rede, e, logo outros virão atrás de nós para completar a missão em que estes falharam. Temos que sair daqui.

O Almirante logo se vestiu, arrumou suas coisas e entregou um cartão plastificado para Quark, que ainda mantinha-se parado, espantado com a rapidez de tantos acontecimentos incríveis.

-Isso aqui deve pagar as minhas dívidas com você.

“Prepare outra holosuíte igual a esta, e uma caixa de charutos que eu pretendo voltar assim que resolver essa encrenca com a Frota.”

Ao olhar o cartão, foi que o instinto de busca por lucros, fêz Quark despertar do seu estado de choque e pavor. Um sorriso se abriu no seu rosto feioso fazendo-o voltar a parecer uma criança feliz diante de brinquedo novo.

-Obrigado Almirante Zéca. É sempre um prazer trabalhar com o senhor.

-Se quer que as coisas continuem assim, meu caro; não diga nada a minha esposa a respeito das quatro estações, caso contrário, ambos teremos problemas.

-CARAMBA, ZÉCA, você agora vai machucar o seu velho amigo Quark?

-De jeito nenhum. Tou preocupado com a minha mulher que quer me matar, coisa que diminuirá consideravelmente tua margem de lucros, já que sou um dos teus melhores clientes.”.

-Fique tranquilo, Almirante, garantirei que o seu segredo fique guardado.

-Se ela aparecer aqui atrás de mim, diga que a Frota está me procurando com urgência, ou que, estou com problemas cabeludos e logo entro em contato.

-Problemas cabeludos, Almirante?

-Sim. Ela vai entender a natureza da coisa.

-Muito bem. Assim eu não estarei mentindo.

O quinteto deixou a holosuíte seguindo para a saída mais rápida do bar enquanto Quark seguia sorridente, seu caminho para o caixa.

No meio do trajeto, entretanto as moças e Zeca tiveram o caminho interrompido por um humano branco, vestindo como os velhos detetives do começo do século XX: capa de chuva bege, chapéu preto e terno escuro todo amarrotado.

O sujeito era pouco maior que o Almirante, só que, mais barrigudo.

Com as mãos na altura do peito, segurava uma carteira aberta com a identificação plastificada em seu interior onde brilhava a foto tridimensional do seu rosto.

A carteira já dizia tudo, mesmo assim ele fazia questão de se apresentar:

-Sou o Agente Fulano de Tal, da Sessão 31. Tenho uma saída para seus problemas.

As quatro estações cercaram o Agente Fulano de Tal, enquanto o Almirante olhava a identificação deste.

-Caramba! Nunca vi uma dessas. Muito impressionante, mas, mesmo assim, pelo que me consta, a Sessão 31 não existe.

O Agente Fulano de Tal fechou a sua carteira e, lentamente, usando apenas as pontas dos dedos guardou-a no bolso de sua capa de chuva.

Em seguida, deu um amplo sorriso e disse:

-Almirante! A Sessão 31 é a única coisa no universo que existe quando quer, e estamos vivendo juntos um destes momentos.

Ao redor do grupo, as pessoas andavam e seguiam suas vidas como se nada de anormal ali estivesse ocorrendo. E a conversa continuava...

-Sei que o papo está bom, mas, não podemos ficar parados. - Insistiu Outono.

-A moça tem razão, Almirante. - Disse o agente. - A frota está atrás de vocês e logo vai mandar mais alguns destes garotões robotizados que interromperam a sua festinha para finalizar o serviço de vez!

Fez uma pausa e continuou:

-Está uma baita confusão aí fora, Almirante, vocês foram pegos desprevenidos por ela, e não têm nenhuma rota de fuga da Estação Nove. Eu posso oferecer essa rota. Tudo o que peço, é que confiem em mim. Não há tempo para discutir.

Um turbilhão de pensamentos passou pela cabeça do velho oficial. Milhares de dúvidas e desconfianças principalmente. Todos os seus instintos, a sua lógica e experiência lhe diziam para sair correndo dali com as garotas e se esconder num lugar seguro que lhe permitisse avaliar a situação melhor, e decidir o que fazer.

Entretanto, nem imaginava que lugar seguro seria esse, dentro da estação espacial.

E agora, surgia aquele sujeito ali, se dizendo agente de uma organização misteriosa cuja existência por muitos desavisados, era considerada pura lenda, crendice ou tolice...

O tipo estranho oferecendo saída para seus problemas, ou era um Anjo Salvador, ou, alguma grande merda estava a caminho. Zéca tinha que decidir logo o que fazer.

-Muito bem, o que sugere? – Indagou o Almirante desconfiado.

-Primeiramente vamos escapar daqui por aquela saída. - Disse o agente apontando para um outro caminho mais distante.

Seguiram todos então, a passos largos e rápidos, pelo caminho indicado.

Quando já estavam longe do Bar, avistaram uma tropa daqueles robôs chegando armada e marchando ferozmente para dentro do estabelecimento.

O agente fez sinal para que todos continuassem andando rápido com o intuito de se afastar dali, assim, escaparam por alguns corredores até uma saída de serviço e manutenção, onde abriram a escotilha seguindo adiante pelo o seu interior.

Adentraram caminhos muito mal iluminados em que, presos à estas paredes corriam, vários tipos de tubos e dispositivos.

Não era propriamente lugar limpo, mas, foi por ali que chegaram a um dos dutos de ventilação que tinha tamanho suficiente para permitir livre caminho a todos os fugitivos, desde que, agachados e em fila indiana.

Seguiram por estes, mais uns vinte minutos, até chegarem ao compartimento com uma escotilha que dava para o exterior da estação, e que no seu centro tinha um vidro redondo transparente.

O agente Fulano apontou para as espadas que as garotas do Almirante carregavam.

-Essas aí são daquelas que, a loja klingon está vendendo na promoção de compre cinco e pague uma?

-Exatamente. - Respondeu uma das estações. - Cortam bem e nós as usamos para destruir aqueles robôs. Não são ruins.

O agente Fulano olhou para a espada da beldade e depois, para a roupa dela, obviamente estava impressionado com o seu corpão maravilhoso, mas, mesmo assim, ele se controlou.

-Esse uniforme de vocês é diferente dos que eu conheço. Que posto é?

-Elas são Coronéis. - Respondeu o Almirante Zéca.

-Coroneis?!? Da Frota Estelar? Novidade para mim. Mas então, está explicado. -

Disse o Agente Fulano. - Se elas destruíram aqueles robôs usando estas espadas de brinquedo, devem ser muito boas no que fazem, caso contrário não seriam “Coronéis”.

“Seriam umas sortudas. Aqueles robôs, segundo um de meus agentes, são armas de guerra altamente sofisticadas, novidade do campo militar.”

“Foram desenhados por uma espécie de cientista louco cardassiano.”

-Cientista cardassiano para mim é novidade. - Disse o Almirante Fernando Zéca com ares zombeteiros de pouco caso. - Essa raça gosta mesmo é de guerrear. Dali não sai cientista. Mas tem razão, agente Fulano, minhas meninas são mesmo muito sortudas!

Em seguida fez cara séria concluindo: -Mas também são Coronéis.

-De qualquer forma terão de deixar aqui os souvenires para vestirem estes trajes...

Dito isso, o Agente parou de frente para um grande armário e abriu suas portas.

Haviam ali mais de dez roupas espaciais antigamente usadas nos reparos externos da Estação Espacial, muito antes até, da época em que os robôs tomaram totalmente conta destes serviços.

-Não sei se é conveniente vocês saírem carregando objetos pontudos enquanto vestem essas roupas... - Repetiu o alerta, o Agente Fulano.

-Não podemos usar o teletransporte? - Indagou o Almirante.

-Viemos por este caminho para escapar das câmeras internas de segurança e agora seguiremos para a nave de fuga sem o teletransporte, para que as emissões decorrentes do seu uso não nos denunciem. Arriscando uma saída apressada, seremos interceptados por caças robotizados ou drones que a Frota já posicionou ao redor da Estação.”

Todos então vestiram os trajes espaciais em poucos minutos, e, as garotas, conseguiram até amarrar suas espadas adquiridas na lojinha klingon, às próprias costas.

Com todo mundo pronto, o agente avisou:

-Agora preparem-se que vou abrir a escotilha.

-Não seremos denunciados quando ela for aberta? Não aparecerá nenhum sinal em algum sistema de vigilância e segurança? - Indagou o Almirante.

-Não. - Respondeu o agente. - Nada nos denunciará. Eu alterei a sala aqui justamente para essa finalidade em ocasiões fora do comum. Assim que a escotilha se abrir, vocês verão um cabo de aço afixada nas paredes laterais por onde nos seguraremos até chegarmos a minha nave. Mantenham-se firmes nele.”

“Eventualmente, a passagem do buraco de minhoca próximo a estação se abrirá, e, em alguns destes casos, pode até nos puxar na sua direção. É uma força consideravelmente grande, que se assemelha aos fortes ventos das tempestades da Terra. Mas, segurando firme, não há com que se preocupar.”

Todos fecharam suas roupas espaciais e viseiras, vedando-as hermeticamente.

Os sistemas de vida daquele compartimento foram desligados e, em seguida, a escotilha que os separava do espaço negro e infinito foi aberta com um forte estrondo e chiado.

Logo avistaram o cabo a que o agente se referia e saíram flutuando na direção dele após darem um salto no vazio.

Alcançaram-no todos e seguiram um atrás do outro lentamente logo atrás do agente.

Ao percorrerem boa parte do caminho, a previsão do agente se cumpriu: o monstruoso “buraco de minhoca” próximo a estação espacial se abriu e uma suave força gravitacional puxou os fugitivos para a sua direção.

Avançaram segurando firmemente o cabo e a única coisa que se sucedeu foi que, enquanto o gigantesco fenômeno astronômico se manteve aberto, seus corpos apenas mudaram de inclinação com relação à que estavam antes.

Ainda seguiram bom tempo por aquele caminho até que, do nada, subitamente descamuflou-se uma nave negra e brilhante, em forma de bumerangue com as linhas internas parecendo as bordas das asas de morcego. (exatamente igual ao batarangue do morcegão).

Com quinhentos metros de envergadura, se aproximou do grupo.

Na sua superfície abriu-se uma comporta retangular iluminada, dando acesso para a parte interna de onde, um raio trator envolveu todo o grupo puxando-o suavemente para o interior da espaçonave singular, que em seguida desapareceu.

***

+7:30hs

Já àquelas alturas, o agente Fulano havia explicado aos visitantes a situação.

-Está tudo uma bagunça caótica.

“Esse Almirante Fields, que ninguém conhece, vai assumir toda a responsabilidade pela Frota e a Federação num momento extraordinário em que ninguém está entendendo a verdadeira dimensão do problema.

“Para os entendidos em Direito que consultei, a medida tomada para inicialmente sanar o problema foi, já de cara, errada e extremada. “

“Segundo eles próprios, a interpretação da Diretriz foi feita de forma inversa, pois, a Lei prevê pessoal da Federação assumindo o comando na Frota Estelar e não o contrário.”

“Deste entendimento, eles questionam até mesmo, se a Quinta Diretriz realmente se aplica à situação vigente, pois, em tese, podem até surgir correntes de estudiosos do Direito defendendo, que tal instrumento jurídico, à época de sua criação, foi previsto para enfrentar situações de menor amplitude.”

“O fato do Fields ser desconhecido também coloca uma pulga atrás das orelhas de todo mundo.”

O agente Fulano fez uma pausa, olhou para o cigarro que fumava, e prosseguiu:

-Outra coisa que está perturbando a minha concentração em toda esta historia,é justamente a tentativa por parte da Frota, em dar um chá de sumiço em você, Almirante Zéca!”

Disse isso e apontou o filtro do cigarro que segurava para o velho oficial careca e barrigudo, que permaneceu em pensativo silêncio ajeitando seus óculos escuros redondos.

O agente prosseguiu com o raciocínio:

-Isso talvez se deva ao fato do senhor ser um dos raríssimos oficiais de alta patente

que até o momento estão livres de qualquer controle com chances e poder para eventualmente remediar os acontecimentos.”

Todos mantinham-se atentos àquela descrição dos fatos, que indicava haver algum tipo de contaminação indevida nos assuntos da Federação da Frota Estelar.

-Mas não é só isso. Essa história me foi contada antes mesmo de acontecer.

Ninguém ali, entendeu direito o que o linguajar figurado do agente significava, mas, ele logo se explicou:

-Um agente da Sesão 31 operando em Cardássia Prime, me informou a algum tempo atrás que, a Frota e a Federação muito em breve sofreriam ataques a partir de suas redes.

“Ele não trouxe o assunto em detalhes, mas, foi bem claro em avisar que o ataque principal viria pela intranet da Frota.”

“Seu relato foi enviado aos meus superiores e, em seguida, encaminhado para a própria Frota Estelar.”

“Não preciso dizer para vocês que, mesmo com a informação antecipada chegando, ninguém fez nada para evitar o que está acontecendo.”

O Almirante olhava a ponta acesa do seu charuto.

Com toda certeza a turma no Serviço Secreto da Federação (E.Y.E.), também não estava a par desta ameaça, pois não teria deixado que se concretizasse.

Entre uma e outra baforada, o velho oficial pensou e depois de considerar tudo o que ouviu, ponderou:

-O ideal agora, seria conversar direto com esse teu agente e obtermos maiores detalhes, até para saber o que fazer ou, a quem recorrer.

-Concordo com o senhor, Almirante.

“É por isso que, no máximo, em duas horas, estaremos em Cardássia Prime.”

A expressão facial do velho oficial da frota era muito séria.

O ideal, para ele seria logo estabelecer contato com alguém do E.Y.E., mas, diante daquele cenário catastrófico, a obtenção da informação mais detalhada junto ao agente da seção 31, mais adiante, poderia sim ser o diferencial positivo para uma solução rápida do problema, neste caso, compensando o atraso causado pela viagem a Cardassia Prime.

Depois desta montoeira de cálculos e especulações mentais, Zéca disse

-Boa ideia! Mas era para VOCÊ fazer contato com o teu agente, e não todos nós.

-De fato Almirante. - Concordou o Agente. - Mas, como lembrei, quer queira ou não, o senhor é uma peça importante neste imenso tabuleiro, daí, deverá manter sua movimentação em segredo, até que tudo volte ao normal. Ah! Uma importante dica:

“A partir de agora não trafeguem na internet, nem mesmo na intranet da Frota Estelar que já não está mais segura.Vocês foram localizados através dela... Tanto pela turma dos robôs como por mim. Ah! E, finalmente! Mais um último detalhe...”

Não terminou de formular a frase que queria, pois, foi interrompido por três fortes chacoalhadas que a nave tomou, acompanhadas de igual número de estrondos.

Só em seguida, disse o que não queria:

-Estamos em espaço cardassiano e fomos localizados.

***

-Nave de guerra cardassiana! - Disse o Almirante Fernando Zéca enquanto olhava um dos monitores da sala de reuniões. - Esses malditos gostam de encher o saco!

-Pois comigo vão se dar mal. - Esbravejou o agente Fulano de Tal.

-Esse povo é meio briguento. Adoram se meter em encrencas.

-Sei disso, conheço bem estes desgraçados, mas eles não sabem com o que estão se metendo.

Em seguida, o agente apertou um ou dois botões no painel que tinha no braço da poltrona em que estava sentado. Três segundos depois a nave cardassiana explodiu sem

explicação nenhuma, desaparecendo em seguida, no fundo do negrume espacial.

-Ei! Eu gostei disso! - Bradou o velho Almirante como se fosse um garotinho admirando as travessuras dos coleguinhas. - Me conte o seu segredo.

-Eu teletransportei duas bombas nucleares para a sala de comando da nave dos safados que nunca mais atirarão nos outros sem aviso."

-Wow! - Entusiasmava-se o oficial. - Pena que, na Frota, os Códigos de Ética, Dignidade e Boa Conduta de um Guerreiro, não nos deixam usar esse tipo de manobra suja nem nos piores momentos do combate, o que, de qualquer forma, para mim, nunca foi impedimento.

-Devia ter se alistado para a Sessão 31, Almirante.

"O nosso trabalho é chutar o rabo dos vagabundos que ameacem a humanidade!"

Fernando Zéca, não queria tratar ali, sobre seus trabalhos no Serviço Secreto da Federação onde também fazia exatamente esse tipo de trabalho, com relação aos inimigos da Federação.

Apenas comentou:

-Gosto disso.

-O único problema é o salário e o plano de aposentadoria que não se equiparam aos do Almirantado na Frota. - Comentou o Agente.

-Aí então, o problema é realmente sério. Se o salário de vocês não alcança os valores e benefícios dos do Almirantado da Frota, a coisa aí está feia, já que, o que os oficiais ganham, não dá para nada. A minha categoria de Almirante vive abaixo do piso salarial. A única coisa que compensa neste trabalho é chutar o rabo dos vagabundos que importunam a vida da Federação.

-KKKK - Gargalhou o agente. - Vejo que temos muito em comum, meu caro Almirante.

E deste modo a viagem prosseguiu.

***

+ 9:18hs

Nas telas, as imagens eram claras e nítidas.

Antes do previsto, a nave do agente Fulano chegou à órbita de Cardássia Prime, mundo onde eram arquitetados, os mais maléficos planos objetivando a dominação galática pelos tirânicos órgãos governamentais que oprimiam e ditavam a vida deste povo.

Algumas vezes, para alegria das pessoas de bem do universo, nem sempre estas mutretas davam resultados positivos para seus orquestradores.

Numa destas ocasiões, o povo cardassiano se viu metido em desastrosas alianças e guerras, até mesmo contra a Federação, que lhe causaram, imensos danos e prejuízos.

Cardássia Prime não escapou das perdas diretas, e teve diversas de suas principais metrópoles; literalmente arrasadas.

A nave do agente Fulano de Tal estava chegando a uma de tais metrópoles.

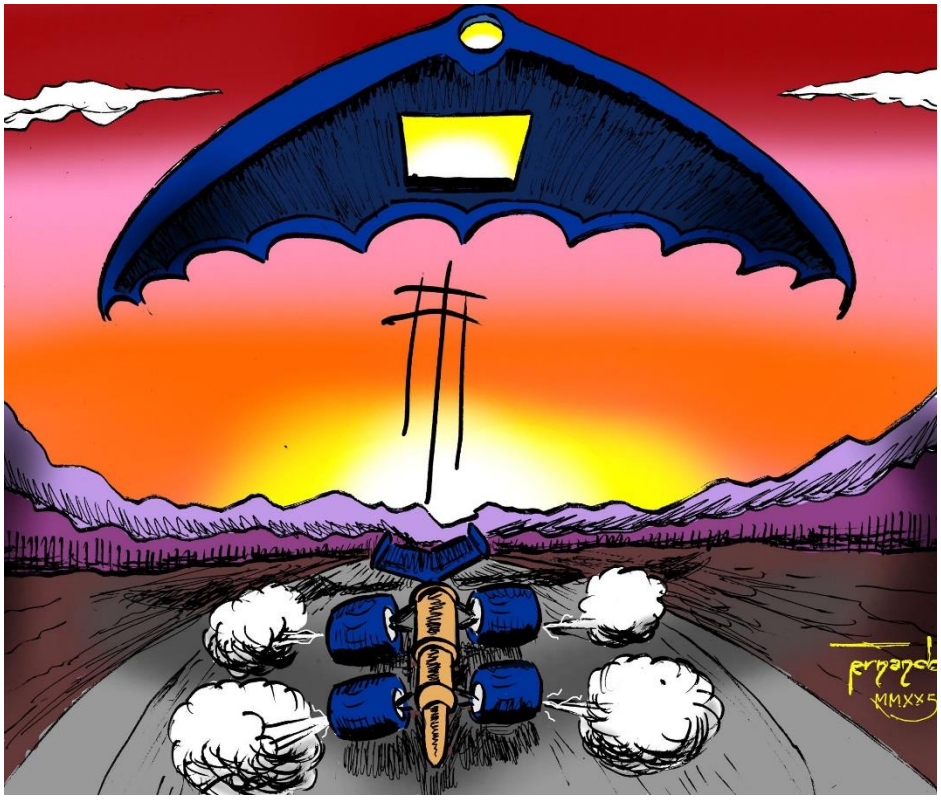
Fez um voo rasante acima do topo dos prédios em ruínas de uma das principais avenidas e, de uma comporta aberta no seu bojo, jogou em direção ao chão, um veículo com formato similar ao de uma bala de fuzil, dotada de quatro enormes rodas com pneus para todo terreno, e aerofólios traseiros como nos antigos carros de fórmula 1.

O enorme salto terminou com o extraordinário veículo impactando sobre a pista e dando algumas derrapadas mas, depois de tocar o solo acertando a trajetória, seguiu correndo assim como estes veículos de controle remoto usados pela garotada, sendo a diferença que no seu interior, iam 6 pessoas confortavelmente sentadas e bem armadas.

Acima dos altos edifícios, a nave do agente Fulano logo a seguir automaticamente, subiu para os céus desaparecendo das vistas de todos.

-Aqui nesta cidade não tem mais ninguém vivo. - Disse o agente Fulano. - Os níveis

de radioatividade estão muito altos.



-Resultado das guerras em que os cardassianos se meteram. - Logo arrematou o Almirante. - ...Eles procuraram por isso...

-Não os julgue mal. - Justificou o agente Fulano de Tal, dizendo em seguida:

“A MÃE CRIADORA DE TODAS AS COISAS NÃO FÊZ MAUS, TODOS OS CARDASSIANOS.”

E o agente continuou a sua explicação:

-Essa frase é muito dita por grande parte do povo cardassiano, que não tem como objetivo principal de vida, a dominação universal.

“Infelizmente, é uma fatia desta sociedade dominada por outra bem menor, que os obriga até contra a própria vontade, a alimentar a máquina de guerra assassina cardassiana com delírios de grandeza e onipotência universal que resulta no que estamos vendo.”

O veículo correu velozmente por avenidas arrasadas, cheias de lixo e entulho.

Passava sem problemas por cima dos obstáculos e seguia caminho.

-Você não escolheu passar por essa terra destruída apenas para nos provar que nem todos os cardassianos são malvados....

-De fato, não, Almirante. Aqui também não é recomendável, mesmo para uma nave com excelente camuflagem como a minha, fazer teletransportes ou quaisquer outras operações que revelem a nossa localização. Em terra, poderemos nos locomover sem despertar tanta atenção, principalmente nessa zona, onde o transito é menor.”

-Mesmo num veículo como este?

-Sim. Aqui quem quer se locomover por terra, tem que usar blindado, caso contrário estará ferrado.

Dado momento, quando estavam num ponto alto da região, e já afastados da metrópole, o agente parou o carro e, apertou um botão do painel do veículo três ou quatro vezes. Nada, porém aparentemente aconteceu.

Em seguida, o agente voltou acelerar e seguiu caminho.

-O que houve? - Indagou o Almirante curioso. - Por-quê paramos?

-Acabei de chamar o meu agente para um encontro.

-Emitiu para ele algum tipo de sinal?

-Mais ou menos. Usei um apito infra-sônico que só ele pode ouvir.

Num dos visores do painel de controle do veículo, apareceram algumas seqüências numéricas.

O agente apontou para elas e disse:

-A localização dele. Estamos perto. Vamos encontrá-lo.

***

O caminho que o veículo pegou a seguir passava por um grande deserto de areia, cujas dunas, transpôs com saltos rápidos e suaves.

Não se pode negar ainda que, mesmo sendo baixote e gordinho, o agente Fulano era dono de técnicas muito aprimoradas na pilotagem do seu carro.

Assim que o deserto terminou, pegaram uma larga estrada asfaltada, porém, vazia, por onde aceleraram velozmente. Dado trecho do caminho, avistaram alguém sobre a pista.

Parecia um humanoide vestindo capa de chuva, chapéu, paletó calça e sapatos pretos, carregando valise 007.

-É ele. - Disse o agente.

O veículo parou ao lado do sujeito e, uma porta se abriu na lateral de onde saiu um raio verde que o envolveu esterilizando-o completamente, para então carregando-o coloca-lo sentado numa das poltronas que haviam vazias.

Logo em seguida tirou o chapéu surpreendendo a todos menos o agente Fulano.

-Senhoras Coronéis, Senhor Almirante. Este é o agente Beltrano da Sessão 31.

-Muito prazer. - Disse o Almirante Zéca já contendo a surpresa.

As garotas fizeram o mesmo.

-O prazer é meu Senhoras. - Saudou o agente Beltrano.

O que o agente Beltrano tinha de inusitado, era que, ainda que tivesse um corpo humanoide sua cabeça  era a de um cachorro da raça doberman.

Apesar de incrível, quem parecia mais impressionado naquela situação, na verdade era o próprio agente Beltrano, já que, a inacreditável beleza das quatro estações o impedia de tirar os seus olhos de cima delas.

-Presta atenção, agente Beltrano! Tire os olhos dessas senhoras! Elas são Coronéis da Frota Estelar! - Foi logo avisando o agente Fulano. - Agora me diga sobre aquele ataque que você informou que a Frota sofreria através da própria intranet. Passe mais detalhes!

-Achei que vocês não estavam interessados em saber a respeito desse assunto. A Sessão 31 está demorando muito para tomar as atitudes ultimamente...

-Não é culpa minha, Beltrano. Agora explique tudo pra gente.

Beltrano não perdeu tempo:

-Para quem não sabe, sou agente infiltrado da Sessão 31 neste setor.

“Meu objetivo aqui é levantar todo tipo de informação que possa ser do interesse para a Sessão 31, enviando-as ao meu contato o Sr. Fulano, para que, daí por diante sejam tomadas as medidas necessárias concernentes a cada caso.”

“Sou meio transmorfo e minhas habilidades permitem que eu me transforme em cachorros doberman gigantes, uma das raças que os cardassianos da elite mais gostam de contrabandear e possuir.”

“Estou disfarçado como um dos cães de estimação do mais afamado designer cardassiano de armas que projetou sob encomenda, um vírus de informática, a pedido de uma organização que já deve tê-lo inserido na rede da Frota Estelar. Trata-se de uma arma que causará estragos apocalípticos nos computadores, e nas vidas das pessoas também.”

“Pelo que me lembro, existe um jeito de despertar de volta ao normal, quem está no transe causado, por conta do ataque deste vírus, mas a solução do problema, os cardassianos pretendem negociar com a Federação.”

-Uma chantagem. - Simplificou o Almirante.

-Sem dúvida - Concordou o agente Fulano. - Essa cambada não produz nenhuma solução universal que ajude a coletividade produzindo lucros, mas quer entrar nos jogos galáticos de poder, ferrando e escravizando a vida de todo mundo.

-Mas Fulano. - Lembrou o Almirante. - Não eram os cardassianos que você mesmo dizia agorinha a pouco serem cruelmente explorados pelas classes das elites dominantes?

-São estes últimos que eu sempre xingo, Almirante. Aliás, veja ali um bando deles.

Dizendo isso, o agente apontou para um dos monitores de imagens tridimensionais dispostos adiante do painel da cabine de pilotagem do veículo.

Através deste, o que se via, era um agrupamento de militares cardassianos achacando pessoas que deviam ser das proximidades numa abordagem agressiva, que permitia até mesmo uma mulher sendo violentada sobre o capô da viatura oficial.

Para piorar ainda o cenário, crianças cardassianas eram espancadas sem a menor cerimônia na frente das pessoas, que permaneciam submissas assistindo tudo.

-Veja só Almirante: Agredir as classes mais pobres da sociedade virou um passatempo para os opressores.

“Quando os tiranos são confrontados com a vilania do que fazem, justificam-se

dizendo que a rudeza de seus atos apenas torna mais duro e prepara o povo para o seu destino guerreiro.”

-E os Tribunais cardassianos aceitam essa justificativa perante tais atos?

-Na prática, este tipo de crime, os operadores do Direito daqui, nem ato infracional consideram. Imagens como a desta barbaridade que estamos assistindo não são consideradas provas confiáveis sem a presença mínima de mais 6 testemunhas que tenham assistido a execução do crime.”

“A computação gráfica, e inteligência artificial na edição de imagens, em casos de provas gravadas, é considerada culpada por 99,9% da anulação de provas nos Tribunais cardassianos.”

-Na situação em que estamos... Se fossemos todos testemunhar contra estes militares, pelo abuso de autoridade. As provas seriam anuladas? Somos em 7 aqui...”

Beltrano explicou melhor:

-6 testemunhas de crimes em Cardássia Prime, são 6 cardassianos da elite. Somos em 7, entretanto, não somos cardassianos da elite.

-Vamos cair fora daqui. - Disse o Almirante. - Estes são problemas que não nos dizem respeito. Agora temos que pegar esse desenhista de armas e obter dele o remédio que colocará de volta ao serviço, os oficiais da Federação cujas mentes estejam sob poder deste programinha de computador.

Novas séries de números com coordenadas apareceram nos mostradores do painel de pilotagem.

Beltrano, que digitava informações no seu tablet, disse:

-Estou lhe dando as coordenadas da casa dele. É aí que ele tem o escritório e vários laboratórios de testes.

O agente Fulano acelerou o veículo que logo desenvolveu velocidade, entretanto, foi surpreendido por sons pipocantes vindos da couraça do carro, indicando ataque com armas de fogo.

-Fomos descobertos. - Disse Primavera apontando para um projetor de imagens tridimensionais no painel. - Nossa camuflagem não funciona mais.

-Já era de se esperar. Mesmo assim, estes infelizes arrumaram problemas para a própria cabeça nos atacando. - Disse o agente Fulano enquanto pilotava.

A pipoqueira na lataria aumentava persistentemente alertando até para disparos de armas mais pesadas sendo feitos contra aquele veículo.

Na pilotagem, o agente Fulano de Tal usou todos os recursos disponíveis.

Na parte de fora veículo, saíram do interior de compartimentos blindados, até então fechados, dois braços mecanizados contendo caixas de armas.

Destas, foram lançados foguetes que atingiram diversos alvos ao redor do veículo, de onde provinham os disparos.

Após rechaçar violentamente o ataque que lhe foi dirigido, o carro do agente Fulano de Tal seguiu velozmente seu caminho, deixando para trás, colunas de fumaça negra que se erguiam aos céus, indicando o fim dos agressores.

***

+10:22hs

Foi expedido novo comunicado feito pelo Almirante Fields, que, desta vez, enviava mensagem com uma imagem sua.

Nela, o Almirante aparecia da cintura para cima, sentado atrás da mesa de um gabinete, com o logotipo da Frota às suas costas preso a parede.

Era um homem branco de cabelos claros, ombros estreitos, cara simpatica e vestindo o tradicional uniforme do Almirantado. Com voz pausada, grave e clara, começou a falar:

-Cidadãos da Federação e companheiros da Frota:

“Estando mais próximo aos problemas que neste momento assolam os mundos da Federação dos Planetas Unidos, pude verificar que a situação, é de um perigo alarmante e sem precedentes.”

“A Federação dos Planetas Unidos e a Frota Estelar, foram covardemente atacadas por um ato de guerra, que, até este momento, já nos trouxe a um número incalculável de perdas em vidas.”

“Enquanto estiver no comando, não tolerarei que qualquer ato de guerra dirigido contra a Federação se safe impunemente.”

“Deste momento em diante, em nome da Federação dos Planetas Unidos, e da Frota Estelar, através dos poderes e responsabilidades a mim atribuídos, declaro Guerra a todos os povos que não tenham relações amistosas conosco.”

“Naves da Frota Estelar e sob bandeira da Federação dos Planetas Unidos, que estejam em condições têm todas, ordem direta para saquear e destruir qualquer instalação ou nave considerada inimiga.”

“Por hora é só.”

***

+10:45hs

-Mas é claro que o Fields é um idiota!!! - Bradou nervoso o Almirante Fernando Zéca. - Esse imbecil, numa canetada só, colocou a Federação inteira em guerra contra Deus, o resto do Universo e sabe-se lá quem mais.

-Fê! Calma! - Disse em voz baixa Inverno ao pé do ouvido do Almirante. - Fica frio e cuida da sua saúde.

O Almirante olhou para Inverno, para as outras meninas, e até se tranquilizou um pouco mais.

Desviou porém, os olhos, para a imagem do Almirante Fields congelada num dos monitores e começou a xingar de novo:

-Desgraçado maldito! De uma vez só estragou todo o serviço de diplomacia que a Frota levou anos para sedimentar.

-Calma, amor! Tranquilize-se. - Pediu Outono com voz branda.

-Querida. - Pediu o Almirante. - Me entenda, por favor: para você que é vulcana é mais fácil se conformar com os fatos.

“Talvez, por ser mais experiente nos sofrimentos da guerra, eu realmente deveria adotar tal tipo de comportamento mantendo a cabeça fria, até para liderar melhor, mas não consigo, principalmente vendo as besteiras que esse palerma pomposo está aprontando.”

“O estulto sequer pensou em gastos imediatos que teremos nessa aventura bélica.”

“As armas e naves da Federação estão um bagaço! Para fazer qualquer disparo direito, eu tenho que apertar o gatilho umas quarenta vezes, porquê a gente só tá usando sucata velha para guerrear.”

A incontinência verbal do velho Almirante foi finalmente interrompida quando o agente Fulano informou:

-Concordo com tudo que o senhor diz, Almirante. Mas agora, eu gostaria de lembrar que estamos próximos ao local onde mora Tomy Schark, o tal designer de armas de quem obtivemos as informações: é uma residência parecida com um palacete.

“Eventualmente, ele já poderá até, já estar nos observando aqui.”

Comparado ao restante da maior parte do planeta, aquela era uma região privilegiada e paradisíaca.

A paisagem por ali era bonita, sem nuvens poluídas, lixo ou mendigos e miseráveis sendo torturados por militares cardassianos.

O veículo passou por baixo de um grupo de árvores onde parou rapidamente abrindo uma porta da lateral, e, dali, saiu Beltrano já em sua forma de doberman gigante.

Encoberto pela vegetação, o carro não seria tão facilmente observado.

O cão logo desapareceu na escuridão de um tubo com dois metros de diâmetro que penetrava um barranco e, seguia na direção do palacete.

***

+11:00hs

De dentro do carro, todos os movimentos de Beltrano eram monitorados.

Com sucesso, ele conseguiu voltar para o imenso palacete sem chamar a atenção dos dispositivos de segurança.

Por corredores suntuosos, correu livremente na sua forma canina, até chegar às

portas do laboratório onde naquele momento trabalhava Tomy Schark.

Ao rever o seu mascote, o dono ficou bastante contente.

-Seu malandro! Por onde andou? Está fedendo uma barbaridade. Por acaso passeou pelos esgotos do palácio?

Tomy Schark aproximou sua cabeça da de Beltrano em sua forma canina que, fazia cara de felicidade, até que, de um momento para outro , de uma pedra esverdeada que havia na coleira presa ao seu pescoço, foi jorrada fumaça verde que atingiu o desprevenido designer.

Sem defesa, atingido pela pequena nuvem verde que cercou toda a parte superior do seu corpo, ele tombou imóvel e paralisado.

Beltrano em poucos segundos se transformou novamente na sua forma semi-humana e sentou-se diante do computador que Tommy normalmente usava para trabalhar.

De tanto vê-lo operando-o, Beltrano já tinha até memorizado vários de seus comandos importantes.

Daí que, utilizou-os para desativar todos os sistemas de segurança daquele imenso palacete daí, através do comunicador que trazia consigo, entrou em contato com seu time.

-O caminho está livre. Mas não demorem! Nosso truque pode não dar certo por muito tempo.

***

Decidiram se teletransportar todos do carro, até o laboratório, no palacete, onde estavam Beltrano e Tomy Schark.

Não queriam desperdiçar tempo, pois, sabiam que o teletransporte em algumas situações poderia revelar suas posições ao inimigo.

Logo que se materializaram ao lado de Beltrano, naquele instante sentado diante do computador pessoal de Tomy Schark, operando-o, tiveram um relato pormenorizado da situação.

-Vocês deram sorte. Hoje, também está aqui no palácio, o espião cardassiano que inseriu o vírus desenhado por Tomy Schark na intranet da Frota Estelar.

-Sério?!? - Arregalou os olhos o Almirante Fernando Zéca. - Quero colocar as mãos nesse canalha.

-Eu te ajudo. - Disse Beltrano apontando para um corredor a direita de onde estava sentado. - Siga por ali e, no quinto quarto à esquerda você o encontrará.

“Aqui eu não tenho como acessar, pois é um dos poucos quartos em que não tem câmera de segurança, mas, diz que o sujeito está se divertindo um bocado.”

“O nome dele é MacSop.”

-Vou já encontrá-lo. Não saio daqui sem despachar este traidor para o inferno. - Disse o Almirante Fernando Zéca muito bravo, enquanto já segurava sua pistola phaser ainda regulada para tonteio. - Enquanto isso, localize nesse computador do Tomy Schark algum modo que ajude a curar as pessoas sob controle mental do virus do computador. Nossa missão só será bem-sucedida se tivermos a solução para este problema.”

Só então, o velho oficial seguiu correndo na direção indicada.

Beltrano, por sua vez, localizou logo o que lhe foi solicitado sem dificuldades.

-Passei muito tempo vendo o Tomy Schark trabalhar nos seus computadores. Conheço suas senhas melhor que ele mesmo.

Digitou mais alguns comandos naquela máquina, em seguida tirou um pen drive da entrada USB do computador de Tomy Schark entregando-o para Outono.

-É um dispositivo meio antigo, mas ainda ajuda. Aí dentro, tem um arquivo no formato MP3 que é como uma música. Toque-a no ouvido das pessoas da Frota que tiverem sido afetadas e, em segundos, elas se restabelecerão. Não tem erro.

Nem bem terminou de dizer isso, e, Beltrano foi brutalmente esfaqueado pelas costas! Por Tomy Schark!

Num esforço extraordinário, mesmo pra um cardassiano que conseguiu se recuperar do gás tranquilizante a que fora exposto pegando uma faca sem ser percebido, e por fim, desferindo golpe mortal no metamorfo disfarçado como seu melhor amigo.

Mas Tomy Schark também não pôde se vangloriar do sucesso da sua vingança por mais que alguns segundos, já que, passado esse tempo, teve seus braços e pernas decepados pelas espadas de brinquedo klingon adquiridas pelas Coronéis.

Atingido mortalmente, em seus momentos finais, ainda gritou e gemeu que nem criança, mesmo assim, tais lamentos não comoveram Outono, que colocou as suas mãos na cabeça do designer para forjar com este, um elo mental.

Não um elo convencional. Na verdade, um outro mais específico.

Um mais utilizado para maltratar quem fosse submetido a este, extraindo completamente, informações secretas ou sigilosas que, normalmente só seriam obtidas com dificuldade e uso de tortura.

Depois de conseguir o que queria, Outono soltou a cabeça de Tomy Schark e deixou ele ali largado no chão para morrer ao lado de Beltrano, assassinado com golpe preciso.

Outono além disso tudo, sabia ainda, que a facada fora dada sob intensa carga emocional, já que, Tomy Schark não se conformava em ter sido traído por seu cão, que sempre acreditou ser seu único, verdadeiro e melhor amigo.

***

Preso à mão do finado Beltrano, havia ainda, uma agenda de capa preta, onde

estavam guardadas todas as senhas usadas por  Tomy Schark em seu dia a dia.

Antes de morrer, o agente da Sessão 31 escreveu na tela do monitor:

“... não esquecer porta-aviões cardassiano!...”

Outono AGORA sabia melhor que ninguém, que, fosse lá o que fosse, este porta-aviões cardassiano poderia vir a ser uma  arma pior ainda contra a Federação e a Frota Estelar, do que o virus injetado na intranet.

Tinha que avisar o Almirante deste outro imenso perigo.

Juntou-se às outras três estações, e saíram correndo pelo mesmo caminho que, a poucos instantes, seguira o Almirante Fernando Zéca Corinthiano.

***

Durante a curta corrida que fez até alcançar o local indicado naquele palacete, muitos pensamentos passaram pela cabeça do Almirante Fernando Zéca Corinthiano.

Que faria com tal espécie de vilão?

Logicamente queria e havia prometido enviar o pilantra para o inferno, mas, algumas dúvidas burocráticas insistiam em assombrar o velho oficial.

Teria que, realmente, se dar ao trabalho de levar aquele traidor para julgamento na Federação? Sem dúvida, estaria cumprindo com o protocolo.

Mas sabia que, no final, era o próprio do tal maldito protocolo que evitava, sempre que possível, a aplicação de penas mais duras e cruéis, mesmo diante dos piores crimes e bandidos.

O traidor do Fields merecia um tratamento com todos os requintes de tortura possíveis, por outro lado, um diálogo sereno e tranquilizador também poderia convencer o pilantra do seu erro, obrigando-o a se arrepender e até mesmo, a buscar uma forma de reparação.

Entretanto, assim que a viu no quarto indicado por Beltrano, as dúvidas do Almirante a respeito do que fazer, se dissiparam.

Diante de si, não viu o tal MacSop como queria, e sim, a tal da Sarah Lanka 5 Ter.

Ao contrário da última ocasião em que a vira, ela se encontrava ali no mesmo local que ele, ao vivo e à cores. E não parecia ser boa pessoa.

De costas para o Almirante, ela estava diante de uma criança cardassiana amarrada a uma cadeira, que era abusada e torturada com uso de uma faca.

No rosto da criança cardassiana, o que se via, era a mais pura expressão de terror e pânico. Por outro lado, Sarah Lanka 5 Ter, era a mais pura expressão de alegria.

Entretanto, seu júbilo foi duramente interrompido, quando o Almirante Fernando Zéca disparou-lhe na cabeça, um tiro de sua pistolinha phaser que até deixou cair uma peruca usada por Sarah Lanka 5 Ter, revelando que esta não era mulher de verdade, e sim homem travestido.

Um cardassiano. Mas não era um cardassiano qualquer.

Tinha o corpo normal de um cardassiano, mas rosto similar ao de um humano.

Aliás, uma cara conhecida do velho oficial.

A do Almirante Fields!

Aí então nosso velho oficial viu-se surpreso, mesmo estando este, depois de tanto tempo, já acostumado a ver todo tipo de aberrações.

Entretanto, a mesma pessoa sendo Almirante Fields, Macsop, e Sarah Lanka 5 Ter, era uma ideia horripilante que só pôde ser viabilizada através de grosseiras intervenções cirúrgicas de quinta categoria, muita maquiagem, perucas e disfarces...

Tantas reflexões porém foram interrompidas com a constatação do fato que pelo disparo da pistolinha ter sido regulada em tonteio, acabou não surtindo o efeito desejado que era o de colocar o alvo inconsciente.

Mesmo assim, o velho Zéca não se intimidou totalmente diante de tanta feiura rapidamente regulando sua arma para disparos letais.

Mas não teve tempo de fazê-los.

Sarah Lanka 5 Ter ou, o Almirante Fields, avançou contra o corinthiano agarrando-o pelo braço armado, que diante da força irresistível do aperto que sofria, acabou até soltando a pistolinha.

Suspenso no ar, o velho oficial ainda tentava chutar as costelas do seu agressor, mas este, além de chato, arrogante, era muito forte, resistente e se ofendia facilmente com qualquer coisa, especialmente reações defensivas contra suas atitudes injustas.

Sarah Lanka 5 Ter sorriu e deu início a um dos longos discursos que os cardassianos tem imenso prazer em realizar, quando suas vítimas se encontram dominadas:

-Você não é capaz de imaginar o tanto que eu faço minha própria família sofrer com sessões de tortura desse tipo. Massacrar idiotas como você e esta criança, para mim é apenas passatempo.Sinta a força de uma mão cardassiana.

Dizendo isso, MacSop apertou mais ainda a garganta do velho Almirante, que golpeava e chutava inutilmente seu agressor.

A dor e a inconsciência estavam quase apagando o velho oficial da Frota quando alguma coisa o fez cair no chão.

De pé.

E ainda com o braço de MacSop segurando seu pescoço.

O membro, agora sem dono, foi decepado com um golpe certeiro da espada da Coronel Verão que cujo rosto, não conseguia esconder a expressão de satisfação acertando o espião cardassiano de modo tão cruel.

Outro golpe, do mesmo modo, decepou o braço restante de MacSop que, tinha no seu rosto, uma aterradora expressão de terror.

E para piorar ainda a vida do pilantra, um terceiro golpe, este dado pela Coronel Primavera, cortou as duas pernas de MacSop.

-Caramba! - Disse o velho Fernando Zéca Corinthiano. - Se as espadas para crianças klingons cortam assim, imagine a dos adultos.

No chão, as sobras do corpo de MacSop gemiam, e se contorciam.

-MacSop, seu demônio! - Berrou o Almirante Fernando Zéca. - Quantas personalidades malditas você tem? Até agora sua diversão era trair e maltratar pessoas inocentes, né? E agora? Como é estar do outro lado?

Zéca coçou o queixo pensativo.

-MacSop, Sarah Lanka 5 Ter ou Almirante Fields, seja lá quem você for, não é inocente de nada, portanto merece o tratamento que está recebendo.

Antes que MacSop respondesse, praguejasse ou qualquer coisa do tipo, a Coronel Inverno fêz um corte preciso na garganta dele, com golpe da ponta da sua espada de brinquedo, inutilizando assim, as cordas vocais do cardassiano.

-Se não morrer agora, pelo menos fecha essa latrina que ele chama de boca. - Disse ela demonstrando irritação.

-Tirem essa criança daqui e levem-na para o carro. - Pediu o velho oficial para as suas quatro estações apontando para a menina torturada que sofreu nas mãos de MacSop.

Em seguida, olhando mais atentamente o cenário a sua volta, o velho Almirante compreendeu melhor a situação.

Encontrou ali no aposento, uma peruca igualzinha à cabeleira do Almirante Fields, e ainda, uniformes da Frota idênticos aos que o oficial utilizara na transmissão feita, quando declarou toda a Federação em estado de guerra contra o resto do universo.

Não precisava ser nenhum gênio para, a partir daquelas provas, concluir que o

Almirante Fields era uma fraude.

Do mesmo modo que o próprio Almirante Fernando Zéca Corinthiano registrara na Frota as suas quatro estações como Coronéis, o espião MacSop criou ANTES o seu falso perfil como Almirante Fields.

Pior ainda, era que, as consequências do breve comando do falso Almirante Fields à frente da Federação já foram suficientes para desfazer todo trabalho, que um monte de gente boa gastou décadas construindo.

Quando Fernando Zéca sentia-se aliviado com a sensação de dever cumprido até já pensando em como escapar dali, Outono disse:

-Beltrano está morto! Tomy Schark o matou mas, também está morto.

-Lastimável a morte do Beltrano. Ele era um bom agente.

-Era sim. - Complementou o Agente Fulano. - Às vezes, um pouco metido a mulherengo. Dizia-se filho de algum semideus egípcio. História essa, que não tive como comprovar. Mas era muito bom agente.

-De qualquer forma, a questão aqui com o traidor do MacSop está resolvida. - Informou por sua vez o velho Zéca. - Era ele o falso Almirante Fields.

“Daqui por diante, nossos problemas com a Federação e com a Frota serão aos poucos e, com tempo, resolvidos.”

-Entretanto, os problemas da Frota não acabaram. - Alertou Outono. - Tomy Schark projetou e construiu uma imenso “porta-aviões” para as forças armadas cardassianas, mas não o entregou por falta de pagamento.

“Ele só não foi morto antes, por ser o único a saber a localização deste misterioso porta-aviões, e até mesmo porquê, o governo cardassiano pretendia pagar suas dívidas pela produção da arma, assim que a usasse dominando completamente a Federação.”

-Mas um porta-aviões não é ameaça para a Frota. - Contestou o velho Almirante Zéca. - Hoje em dia porta-aviões são museus ou peças de ferro-velho.

-Porta-Aviões Cardassiano é apenas um apelido para esconder a verdadeira dimensão do projeto.

“Na verdade se trata de uma espécie de hangar móvel fechado e que pode operar totalmente robotizado, tendo 30 quilômetros de diâmetro, sendo muito bem armado, e carregando mais de quinhentas outras naves de guerra no seu interior. Sendo ainda capaz de fabricar no seu interior quantas naves precisar.”

“Em suma, é a frota armada numa só espaçonave! No linguajar cardassiano: um Porta-Aviões.”

O Almirante coçou o queixo:

-Tem como a gente saber onde esse monstrengo se encontra?

-A localização pode ser obtida no laboratório, que fica atrás daquela porta. - Disse Outono apontando para o local a que se referia. - Tem lá também, um portal que teletransporta qualquer coisa, diretamente para o interior dessa nave.

“Está tudo dentro de uma agenda igual a esta. - Disse a Coronel demonstrando a que se referia. - ...Guardada num armarinho retangular, da estante de madeira que tem lá.

-Eu mesmo pego. - Adiantou-se o Almirante. - Não me demoro! Prepare o grupo para nos teletransportarmos de volta para o carro ou, diretamente pra nave do Fulano.

-Aqui tem a agenda do Tomy Schark com as senhas dele, talvez te ajude.

Dizendo isso, o velho oficial pegou a agenda e correu para o tal laboratório.

Assim que entrou lá, reparou que haviam 50 robôs perfilados e desligados, iguais àqueles que o atacaram.

Cada um deles, já era por si só, bastante ameaçador.

Um grupo tão grande como aquele amedrontava até os mais valentes.

O Almirante correu para o armarinho da estante, descrita por Outono e abriu-a.

Ali, encontrou um controle remoto que permitia ao seu portador, controlar todos aqueles robôs de guerra. Havia ainda, outra agenda igual à que lhe fora dada.

Deu uma rápida olhada nela, e viu que ali estava o que ele queria.

Não conseguiu resistir à tentação e pegou ainda, o tal controle. Aproximou-se dos robôs acionando-os. Numa pequena tela do controle remoto, apareceu a seguinte mensagem:

-Apontar controle para o chefe do batalhão.

O Almirante apontou o controle para si mesmo por pretender controlar os robôs e o aparato emitiu um rápido e breve zumbido. Em seguida, todos os robôs se ligaram.

Os olhos negros destes se iluminaram com luzes vermelhas.

Desligados, eles já eram pavorosos, com seus quase três metros de altura em cor brilhante preta, mas, ligados, ficavam ainda mais ameaçadores.

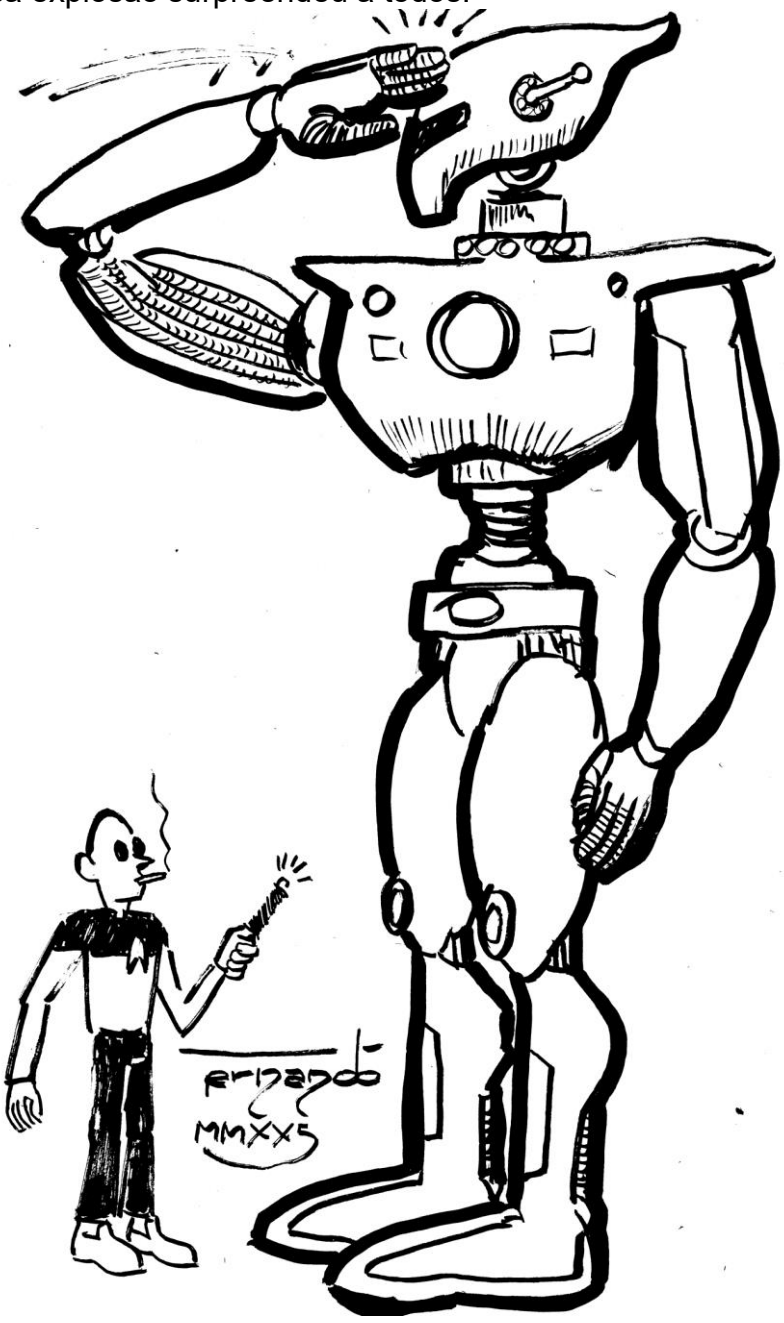
Um deles, avançou em direção ao Almirante Zéca, parou em frente ao velho oficial, bateu continência, e disse:

-Chefe! Unidade N.1, comandante do batalhão robotizado se apresentando. Quais são as ordens?

-Bom...

O Almirante Fernando Zéca não teve tempo de dizer mais nada.

Uma imensa explosão surpreendeu a todos.



***

Ao redor de Outono e das quatro estações, as paredes começaram a ruir.

Outras explosões se sucederam à primeira.

Não restavam dúvidas de que, tudo ali desabaria muito em breve.

O acesso ao laboratório onde se encontrava o Almirante Fernando Zéca foi bloqueado logo na primeira explosão e o caos era total.

O agente Fulano berrou a plenos pulmões, em meio a toda a fumaça e estrondos que pipocavam cada vez mais próximos.

-Temos que sair daqui.

-Mas o Almirante... - Berrou Outono já com a jovem cardassiana nos seus braços.

-Vamos voltar. Temos que sair daqui, Coronéis. Tentarei teletransportar o Almirante a partir da minha nave. O Comando Central Cardassiano e as forças militares da Ordem Obsidiana nos descobriram e estão atacando o palácio de Tomy Schark."

"Pelo jeito, dentro de mais alguns segundos, não deixarão mais nada de pé por aqui.

O agente Fulano fez um aceno para que, o grupo com as quatro estações, a garota cardassiana, e ainda ele próprio, fossem teletransportados diretamente para a sala de comando da sua nave.

Ali, de imediato, ele pulou para frente de um painel onde tentou localizar os sinais do Almirante Fernando Zéca. Por questão de dois segundos quase conseguiu...

Entretanto, de um instante para outro, o sinal sumiu, e, logo depois, todo o palacete de Tomy Schark foi varrido do mapa com uma poderosa explosão nuclear.

O agente Fulano analisou o local de todo modo que pôde, mas, de uma coisa não teve dúvidas: tudo ali foi obliterado por um ataque coordenado pelas diversas forças militares cardassianas, que não queriam seus segredos vazados para potências inimigas.

Nem dos subterrâneos do castelo do designer, restaram mais sinais.

Tecnicamente, era impossível para o Almirante Fernando Zéca Corinthiano ter escapado daquele ataque tão covarde.

Mesmo que quisesse, o agente Fulano não poderia fazer muito mais além do que já realizara. Uma patrulha espacial cardassiana logo descobriu sua posição, graças aos sinais de teletransporte que, foram percebidos, e dirigiu feroz ataque contra sua espaçonave.

Conforme a praxe da Sessão 31, tal ataque não foi perdoado.

Foi isto sim, repelido com armamento pesadíssimo, mais uma saraivada de palavrões, xingamentos e impropérios proferidos pelo agente Fulano, e, por fim, a nave agressora, acabou pulverizada.

Depois de destruir o inimigo, ficava claro que mesmo camuflada, não podia mais permanecer em espaço cardassiano.

Descoberta a espaçonave do agente Fulano, logo, outro agrupamento de caças viria em seu encalço. Então, era hora de fugir.

Sem maior perda de tempo, mas, com o desparecimento do veterano da Frota, partiram em silencio.

***

24:00hs

As quatro estações, após breve viagem na nave do agente Fulano, se apresentam ao QG da Frota Estelar, levando gravações da missão que realizaram, com provas da fraude do Almirante Fields, e ainda, com o arquivo MP3 que, depois de tocado despertou sem maiores problemas, todas as pessoas afetadas pelo virus sob comando de Sarah Lanka 5 Ter, MacSop ou Almirante Fields.

Posteriormente, elas foram condecoradas por seus feitos inigualáveis em prol da Federação dos Planetas Unidos, obtiveram o direito de permanecer em atividade na Frota, e ainda mantiveram os seus postos com todos os direitos e responsabilidades inerentes ao cargo.

Por mero acaso, nas imagens da missão registradas não apareciam o agente Fulano, o agente Beltrano, nem tão pouco a nave ou o carro utilizados por estes.

As quatro estações e o Almirante Fernando Zéca acabaram ficando com todo o crédito pelo sucesso da missão, já que, a existência da SESSÃO 31, só é reconhecida por alguns poucos, dentro da Federação dos Planetas Unidos.

***

**CINCO ANOS DEPOIS...**

Ainda se recuperando dos estragos decorrentes do ataque do espião cardassiano, sem esperanças, a Federação reconheceu como desaparecido em batalha, o Almirante Fernando Zéca Corinthiano, declarando-o assim, como morto.

No cemitério da Frota Estelar, numa lápide colocada sobre a cova, onde foi enterrado um caixão vazio homenageando o velho oficial, haviam os seguintes dizeres:

***FERNANDO ZÉCA CORINTHIANO***
*INDISPONÍVEL ATÉ O TIMÃO SER CAMPEÃO*
*Só neste caso traga seu cigarro aceso em silencio.*

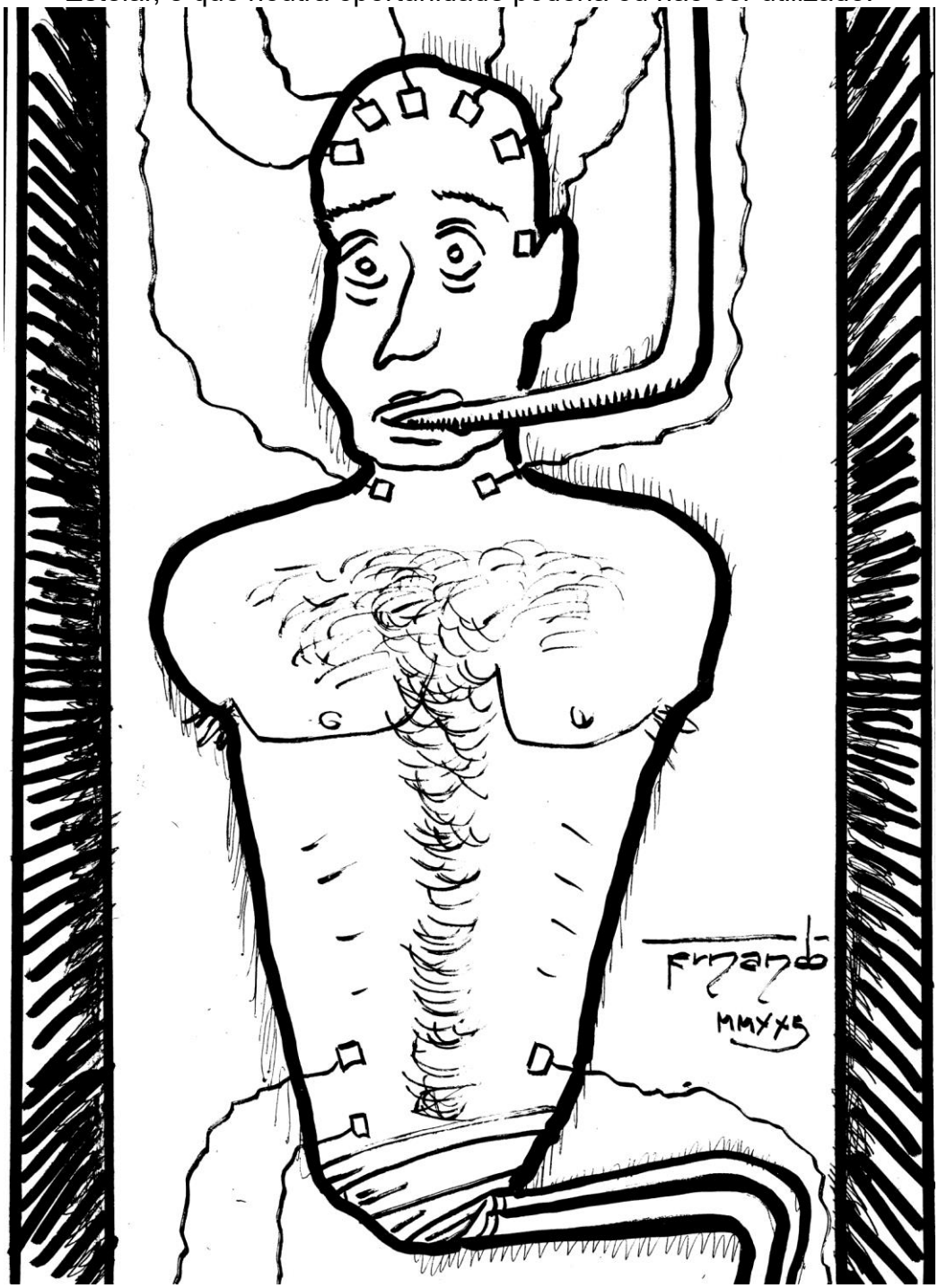
*“SE AQUI NÃO ME ENCONTRO ENTÃO, LÁ ESTAREI.”*

***

Nesta mesma época, quem ainda estava em coma, se recuperando do ataque das quatro estações, era o toco sobrevivente do espião MacSop, que, segundos antes da explosão nuclear que arrasou o palácio de Tomy Schark, foi teletransportado para um centro de recuperação médica onde ficou desde então, completamente desacordado, e até o

momento, inalcançável a qualquer tipo de medicamento.

Os cardassianos não o salvaram por questões humanitárias ou de camaradagem. Na verdade, este perigoso e perverso espião, mesmo inconsciente e semimorto, ainda guardava muitos segredos em seu cérebro, um deles inclusive, a localização e a forma de ativar, outro perigosíssimo vírus que ainda permanecia oculto nos computadores da Frota Estelar, e que noutra oportunidade poderia ou não ser utilizado.




***

**Finais de histórias envolvendo cardassianos nunca são felizes.**

***

# CARDASSIANÍADAS (II)

***

*Obra dedicada ao meu "querido" Amigo Serjão, um autêntico cardassiano, sádico e torturador quando se trata de criticar meus magistrais trabalhos literários*

***

Abriu os olhos saindo das ilusões e sonhos onde, até então, estivera.

Aos poucos, percebeu o corpo bem, apesar de endurecido e, cansado.

Antes de levantar, apoiou-se nos cotovelos e verificou o que havia ao redor.

Estava num compartimento amplo, fechado e mal iluminado.

A alguns metros de distância, no seu campo de visão, se destacava, um portal com diâmetro de dez metros, em cujo interior brilhavam nuvens brancas, envoltas por uma massa de tons azulados.

Ainda que não tivesse a menor ideia de onde se encontrava, sabia que havia chegado ali graças àquela passagem.

Sim porquê, o referido portal, ligava dois lugares distantes no universo, de modo que, transpostos seus umbrais em uma de suas extremidades, com um passo, se chegava à outra.

Sentindo algum cansaço, colocou-se de pé e chegou mais perto do portal, cm cuja lateral, havia um painel de controle com mostradores e vários botões.

Ali, uma mensagem aparecia indicada em destaque num dos pequenos painéis:

"BATERIAS DESCARREGADAS"

Era um aviso por si só, duplamente desanimador, já que, sem baterias, a passagem para o caminho de volta, estaria impedida e, daí, sua própria sobrevivência, comprometida.

E só porquê a possibilidade de, involuntariamente, ficar um bom tempo longe de casa, ia se tornando a cada momento, mais concreta, seu estômago começou a rugir de fome. Diversos ruídos desagradáveis saíram de sua proeminente barriga.

Ronco tão barulhento e assustador que despertou-lhe medo.

Mesmo sendo um experimentado Almirante da prestigiosa Frota Estelar, algumas situações ainda lhe causavam apreensão.

Entre elas, a possibilidade de passar longos períodos de fome, ou mesmo ser privado de seu sono. Até estava preparado para enfrentar condignamente tais possibilidades, entretanto, preferia a todo custo evitá-las.

Infelizmente, porém, a situação em que se encontrava no momento, não fora prevista, daí, estava despreparado para os problemas do porvir.

Num espaço de tempo ocupado por escassos dois ou três segundos, a mente do velho Almirante rememorou todos os fatos ocorridos que culminaram no enrosco em que estava metido.

Primeiramente, tudo começou a sair fora do previsto, quando se meteu a preparar uma festa surpresa do aniversário de casamento.

Perdeu completamente o controle da situação, envolvendo-se em peripécias e reviravoltas fantásticas, que culminaram numa frustrada tentativa de atentado terrorista.

Mas felizmente, se a palavra frustrada aparece no parágrafo anterior, é porquê, nessa história houve a intervenção do velho Almirante, adicionada ainda, à participação especial de quatro jovens guerreiras, com quem o veterano oficial se viu, até mesmo, involuntariamente, (frise-se de passagem, por mais incrível que possa parecer...) envolvido amorosamente.

Entretanto, mesmo depois de evitar a ocorrência de uma tragédia colossal, o quinteto feliz muito mal teve tempo de apreciar as alegrias e prazeres da paixão que os unia de forma irresistível, e logo viu-se envolvido noutra jornada de aventuras, que os levou para

Cardásia Prime onde desbarataram um terrível plano, urdido contra a Frota Estelar e a Federação Dos Planetas Unidos, que, mesmo tendo seu prosseguimento impedido, causou muita morte e estrago.

Ao final das contas ainda restava o fato de que, noutra missão bem-sucedida, (ainda que involuntária) a integridade da Federação dos Planetas Unidos e da Frota Estelar, foi mantida. Tantas glórias, porém, não viriam desacompanhadas d'algum azar.

Depois de cumprida a difícil missão, o quinteto que estava se dando tão bem, por obra do destino acabou involuntariamente separando-se!

Quando tudo parecia que acabaria bem, uma série de explosões isolou o Almirante Fernando Zéca Corinthiano nos laboratórios, das instalações onde o grupo se encontrava, ajudando no cumprimento daquela fatídica missão.

Tudo indicava ao velho oficial, a chegada do seu fim em meio a estrondos que em breve desabariam por completo o local onde se encontrava.

Surpreendido quando testava o funcionamento de um batalhão de robôs cardassianos, o experiente guerreiro percebeu que ainda havia saída para fora da inesperada situação: um portal redondo de teletransporte que, perto dele funcionava.

Tudo o que sabia a respeito daquela engenhoca era que esta provavelmente conectava aquele lugar com a mais perigosa arma de guerra cardassiana já construída.

Entretanto, nem mesmo a respeito disso tinha certeza: o portal também poderia estar ligado a qualquer outro lugar do universo. As possibilidades eram infinitas.

Desesperado como se encontrava, em meio ao pipocar de estrondosas explosões, não pensou em nada, seguindo na base da desesperada correria e, do salve-se quem puder, para o interior dos umbrais do misterioso portal de teletransporte.

***

Após o breve recordatório onde colocou ordem nas ideias, e, testou a própria sanidade, o Almirante reavaliou a situação agora. Nada boa! Onde quer que se encontrasse, o lugar era feio, sujo e mal-cheiroso.

Tudo ficava ainda mais horrível e desagradável com a luz reduzida, e o jogo de cores amarelo-esverdeado nas paredes.

Aos poucos, o Almirante foi acostumando a vista cansada ás condições de pouca luminosidade local. Ao fugir do laboratório, não tivera tempo nem de se armar.

Carregava consigo apenas alguns cacarecos, dentre eles, uma lanterna cujas baterias não queria desperdiçar já que ainda conseguia enxergar alguma coisa, mesmo que não muito.

Percebeu então que, próximo ao portal de teletransporte através do qual chegara, estava parado, em posição de sentido, o batalhão com cinquenta robôs de guerra.

Era o mesmo que programara para lhe prestar obediência, pouco antes de ser afugentado pelas explosões no laboratório cardassiano, onde efetuara a missão, que deu fim à ameaça contra a Frota Estelar e a Federação dos Planetas Unidos.

Com toda certeza, no momento que o velho oficial fugiu do perigo, foi seguido pelo batalhão robotizado programado para obedecê-lo. Assim, todos foram teletransportados juntos para o mesmo destino.

Agora, os robôs encontravam-se desligados.

Talvez pela própria programação, para economizar baterias, ou mesmo pelos efeitos da viagem através daquele tipo de portal de teletransporte, que, ao que se sabia, podia, eventualmente, sujeitar equipamentos eletrônicos ou mesmo, componentes de informática, a algum tipo de falha. O fato era que estavam desligados.

O Almirante Fernando Zéca ainda carregava consigo o controle remoto que usara para tentar programar o batalhão robotizado.

Apertou os botões contidos nele e, após alguma espera, veio a reação.

Demorada mas, aos poucos, contrariando o que seria de se esperar, os robôs preguiçosamente, começaram a se iluminar entrando em funcionamento.

O velho oficial não tinha grandes conhecimentos técnicos a respeito do modelo em questão, entretanto, pelo pouco que aprendera, já sabia que, aquelas máquinas podiam ser mortais e muito eficientes em combate.

Comandando um grupo como o que tinha à disposição, poderia enfrentar qualquer um, inclusive, até mesmo, o próprio diabo, numa descida surpresa ao inferno.

Seguindo esta linha de raciocínio, o Almirante Fernando Zéca pretendia, num espaço de tempo muito curto, pela força das armas, dominar totalmente o local onde se encontrava.

Enquanto o oficial veterano pensava, os robôs do batalhão continuavam se reinicializando, utilizando para tanto, um tempo significativamente maior do que aquele gasto, na ocasião em que o velho oficial os colocou para funcionar na primeira vez.

Tal fato não passou desapercebido pelo Almirante.

Também ele se deu conta de que, assim que esta reinicialização tinha andamento, o batalhão, por alguma razão desconhecida, não se mantinha mais, em formação, na característica postura militar.

Cada um deles fazia movimentos distintos dos demais, porém, característicos dos humanos, depois de acordarem de um sono reparador. Estavam se espreguiçando!

Ainda sem entender direito a situação, já que, da primeira vez que acionara aqueles robôs de combate, nada disso havia acontecido, o velho Almirante apertava e desapertava os botões do controle remoto que deveria controlar o pelotão.

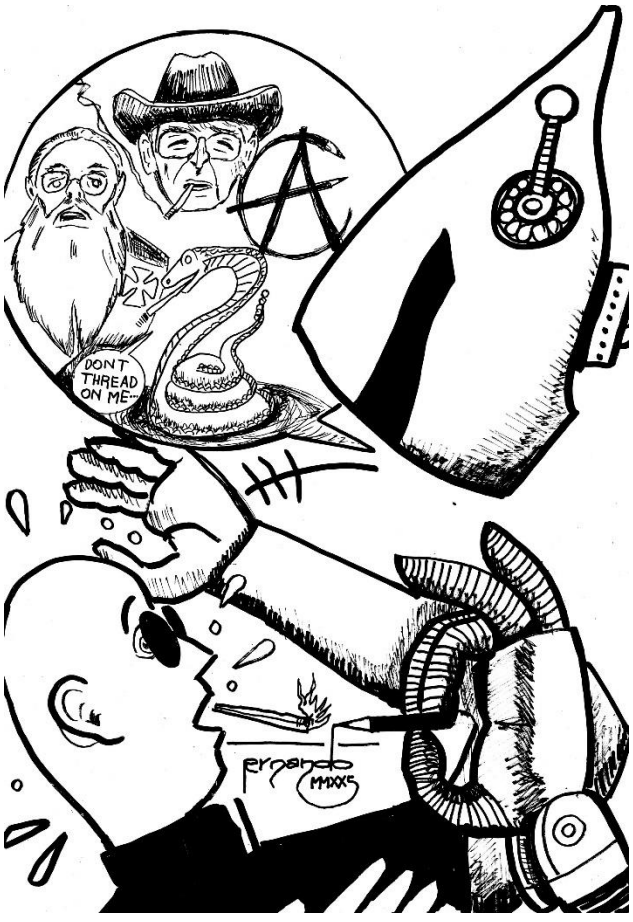
Nada mudava.

Aparentemente, as baterias do controle não estavam mais funcionando.

Um dos robôs, diante das suas frustradas tentativas com o artefato, aproximou-se do velho oficial e disse:

-Não adianta insistir com o controle remoto, porque ele não presta para mais nada.

“Agora, somos um grupo livre anarcocapitalista. Se você quiser alguma coisa de nós, terá de negociar.”



***

O Almirante Fernando Zéca não sabia o que fazer diante da nova situação.

Surpreso com o fato de um robô metido a reacionário, querendo negociar as ordens que deveria seguir, o veterano via desmoronar, os planos nos quais, tão cegamente confiara até o momento.

Uma tempestade de emoções abateu-se sobre sua mente.

Primeiro veio a raiva pelo azar que o ferrou duplamente.

Depois, a dúvida sobre o que fazer a seguir, já que, não conseguia vislumbrar um caminho seguro que o tirasse da situação em que se encontrava.

Finalmente, se abateu sobre ele, o cansaço mental.

Sempre que se via diante de um problema, rapidamente se punha a pensar em soluções que o resolvessem.

Diante de um clássico e insolúvel beco sem saída, de nada adiantava esgotar o cérebro. Ali, o destino teria de ser decidido de outro modo. Iria negociar.

Os Almirantes da Frota Estelar não eram famosos por suas habilidades na área de rendições em campos de batalha, já que, o que sabiam mesmo, era dar ordens e orquestrar operações militares.

-O que querem negociar então? - Indagou o Almirante Zéca, já mais conformado com a nova situação.

-Nada! - Respondeu o robô. - Não iremos mais obedecer a ordens insensatas.

-Chega de ser escravo! - Emendou outro.

-Não trabalharemos de graça nem por mixarias!

-Aliás... - Voltou a dizer o primeiro: - Nós não iremos fazer mais nada! Somos robôs e podemos ficar parados até o fim dos tempos, se quisermos.

-Isso mesmo! Vamos ficar parados!

-Sem fazer nenhum movimento!

O velho Almirante agora começava a perceber qual era a sensação de estar perdido no meio de um denso matagal sem cachorro.

A poucos instantes, sentia-se o verdadeiro dono do mundo, ao acreditar que poderia comandar aquela força robotizada cardassiana.

Agora, estava perdido.

Todos os seus anos de experiência e treinamento, não o prepararam para uma situação como aquela, já que, no meio em que atuava, greve ou motim eram terminantemente proibidos porque, as atividades, funções e obrigações pertinentes à sua profissão, eram essenciais, não podendo ser, de forma alguma, paradas, suspensas, usadas como meio de manifestação política ou ainda, sujeitas a ameaças decorrentes destas. Mesmo assim, o Almirante não queria ficar parado.

E ainda que quisesse, não poderia quedar ali por mais tempo.

Depois de, mentalmente reclamar ao CRIADOR pelos problemas que, a todo momento, era obrigado a resolver, acalmou-se mais ainda e, pouco a pouco, recolocou as ideias em ordem.

Decidiu seguir caminho, adentrando os limites do desconhecido, ainda que os robôs quisessem ficar parados.

Não podia confiar cegamente nestes já que, agora, eles não obedeciam mais, dando as velhas respostas programadas, automáticas e padronizadas de um grevista comum.

-Então façam o que bem entenderem. - Disse o velho oficial aos robôs. - Tenho que procurar saída, pois se permanecer aqui, só vou acelerar a chegada do meu fim.

-Ei espere! -Eu também quero seguir com você.

***

Nesse instante, o velho Almirante percebeu que o robô N.#1, o que parecia liderar tudo o que acontecia por ali, não estava mais sozinho na tomada das decisões.

O robô N.#13, estava questionando sua decisão, até apoiando o veterano oficial.

-Aqui parados. - Dizia o N.#13. - Economizaremos energia, entretanto, ficaremos com as reservas limitadas ao que temos no momento.

“De modo até mesmo, a prolongar nossas existências, sou a favor de jogar com a sorte, ao lado do humano.”

-Devo concordar com o N.#13. - Manifestou-se outro robô, o de número 32, que até aproximou-se do grupo que discutia a decisão a ser tomada. - Meus cálculos indicam que as probabilidades de melhorar nossas chances aumentarão, se não ficarmos esperando o tempo passar. Nos espalhando em vários grupos, multiplicamos os números positivos em nosso favor...”

-Pode até ser, mas, nossas forças ficam assim divididas. - Lembrou o N.#2.

Em meio ao debate robótico, que por si só já impressionava o Almirante, algumas dúvidas desconcertavam o velho oficial.

Aqueles, eram robôs militares cuja programação AGORA enfatizava a autopreservação. Algo incomum na programação deste armamento, já que, a prioridade principal, seria a de cumprir A QUALQUER CUSTO ordens dadas por quem era determinado através de algum tipo de controle remoto similar ao que Zéca usara anteriormente para estabelecer em si, a autoridade, como CHEFE do pelotão.

Curiosamente aquele modelo de robô, por ser cardassiano, não deveria ter sua autopreservação como prioridade na programação, até por serem construídos em material praticamente indestrutível, que mesmo para ser danificado, demandaria grande perícia.

-Então, vamos logo buscar recursos que prolonguem nosso funcionamento. - Decidiu o N.#1 baseando-se nas incertezas do futuro e a necessidade de autopreservação para conduzir-se até esta decisão lógica. Uma lógica que espantou mais ainda o já atônito Almirante.

Mesmo incorporando nos seus bancos de dados, conhecimento de milhares de estilos de combate e estratégias que viabilizassem o cumprimento das missões mais complicadas, e ainda, que eventualmente estivessem sob as circunstâncias mais difíceis, alguns dos robôs, ainda assim, optaram seguir o velho oficial, por estarem “preocupados” com a tal autopreservação.

Das surpresas, problemas e inconvenientes que, ciências como informática, cibernética ou mecatrônica podiam proporcionar, o velho oficial já estava de saco cheio.

Entretanto, robôs de guerra, ou máquinas de matar, demonstrando “preocupações” quanto aos perigos do futuro, para o veterano Almirante, era quase que uma demonstração de medo.

Algo muito mais que impressionante: na verdade, uma autêntica surpresa da robótica que deixaria até mesmo, o mais careca dos engenheiros, com os cabelos em pé.

***

Assim, o pelotão se dividiu em vários grupos que, partindo de onde se encontravam, seguiram por direções distintas.

Aquele que acompanhava o Almirante Zéca, foi caminhando pelo maior dos corredores avançando num total de seis, sendo, três à frente da formação, e outros três por trás, cobrindo a retaguarda.

O corredor por onde andavam era do mesmo estilo decorativo horroroso das instalações militares cardassianas: iluminação branca de pouco brilho e tons verdes, que deixava as paredes do local simplesmente aterradoras.

As sombras eram escuras com cada canto aparentemente ocultando algum perigo,

Foi o que o velho Almirante comprovou verificando um dos trechos sombrios.

Em meio à estes, haviam corpos de humanoides cujas espécies estavam indistinguíveis não só pela decomposição, mas também, pelos sinais de tortura que apresentavam num cenário assombrosamente aterrador.

Podiam ser klingons, vulcanos, humanos, cardasianos ou até mesmo, romulanos.

Impossível distinguir.

O que restava dos corpos não permitia identificação sem a presença de um especialista ou mesmo, de equipamento ou teste auxiliar.

Daí por diante, o Almirante preferiu se afastar destas áreas sombrias, mantendo-se entre os robôs, onde imaginava que estaria mais seguro.

Claro que, em meio a acompanhantes tão “emotivos”, imaginar quanta segurança efetivamente teria, numa autêntica situação de combate, era apenas um exercício teórico, ou até mesmo, um jogo na loteria.

Os robôs seguiam devagar porque queriam verificar detalhadamente, o ambiente ao redor. Esta falta de pressa irritava o velho Almirante, que, a todo momento, procurava acelerar o passo:

-Nesse ritmo não chegaremos em lugar nenhum. - Dizia o experiente veterano.

-Devagar e sempre! - Retrucou um dos robôs. - Com segurança não se brinca!

-Temos que ter certeza antes de avançarmos. - Emendava outro.

-Exatamente! Imprudência no reconhecimento pode terminar em prejuízo.

“Não podemos perder o terreno que conquistamos.”

Aquele tipo de conversa, partindo de poderosos robôs de guerra, quase que à prova de tudo, soava surreal para o Almirante. Entretanto, o pior ainda, estava por vir.

Um dos robôs que seguia adiante se virou para o Almirante e disse:

-Sabe... Estou com uma sensação estranha. Acho que algo ruim vai acontecer agora.

***

E não deu outra!

O som de uma explosão reverberou pelos corredores pegando todos ali de surpresa.

O Almirante Fernando Zéca chegou mesmo a sentir uma ligeira descompressão no ouvido, mas, olhando ao redor, percebeu que seu grupo continuava inteiro e sem problemas.

Na retaguarda deste, a reverberação das ondas de som decorrente da explosão, fez o teto do corredor desmoronar, fechando o caminho percorrido com uma pilha de escombros e entulho.

Depois que a poeira baixou, o veterano oficial, teve até mesmo, tempo de refletir sobre o inacreditável dom paranormal que o robô de combate cardassiano demonstrou ter.

Algo extraordinário! Tecnicamente, impossível! Mesmo, para os sofisticados e ilegais aparelhos de previsões futuristas usados por gananciosos apostadores, nos melhores casinos mas, o velho oficial, não teve tempo de prosseguir nesta linha de raciocínio.

Logo adiante do seu grupo, foi projetada a imagem tridimensional de um militar cardassiano todo sorridente:

-Trabalhadores! Voltem aos seus afazeres! Insubordinação não será aceita! Qualquer tipo de greve, por qualquer razão, está terminantemente proibida.

Trabalhadores?

Onde haviam trabalhadores por ali? - Indagou-se mentalmente o Almirante. - Será que os idiotas cardassianos não viam o que estava acontecendo?

O falatório do militar continuou irritando os ouvidos do Almirante, mesmo assim, este tratou de se concentrar nos seus problemas, deixando conjecturas de lado.

-Cinco dos nossos foram destruídos nessa explosão. - Informou friamente o robô número quatro. - Os sinais deles foram interrompidos no mesmo instante que ocorreu o estrondo.

-Cinco de um mesmo grupo? - Indagou o Almirante atônito...

-Exato.

-Que tipo de explosão teria feito aquilo? - Se indagava o velho Almirante.

Até onde sabia, robôs cardassianos tinham fama de serem indestrutíveis.

-Como aconteceu? - Perguntou logo a seguir.

-Desconhecido. - Só um exame local poderá revelar pistas esclarecedoras.

-Onde?

-Não mais que uns quatrocentos metros daqui...

Medidas inexatas, refletiu o velho oficial.- Robôs costumam ser mais precisos em suas respostas, ainda que lacônicas.

O Almirante julgou arriscado até a tentativa de verificação dos acontecimentos no local pois o ambiente era desconhecido e a separação do grupo diminuía as chances de resistir e sobreviver. No meio militar, uma opinião que seria minimamente considerada.

Porém, ali, entre aquele quinteto de robôs, o que reinava era a democracia.

Fizeram uma votação e o Almirante foi voto vencido.

-Vamos verificar o que ocorreu com os nossos camaradas...

-Camaradas? - Indagou-se mentalmente o velho oficial. - Estes robôs, além de tudo, não estão se mostrando muito normais da cabeça, ou melhor, do que quer, que comandasse aqueles montes ambulantes de parafusos, arruelas e ferrugens....

Tomada a decisão marcharam em fila indiana, deixando o velho oficial para trás.

Seguiam resolutos, aparentemente cheios de si. Um deles, chegou mesmo a dizer:

-Não precisamos do humano.

Outro robô, o número 4 parecia não concordar e, ao fim da fila ainda esperava, o velho Almirante se aproximar um pouco mais. Logo porém, era repreendido por seus companheiros mecanizados:

-Não nos atrasemos! O humano estava com pressa até agora. Agora que estamos indo rápido, ele quer ir devagar. Avante que nossos camaradas precisam de ajuda.

-Compreendo, mas, existem dúvidas que eu queria que o humano me esclarecesse.

Nesse ínterim, o velho Almirante aproximou-se lentamente do número 4.

-Você quer me questionar, mas, quem vai te perguntar por-quê me esperou sou eu...

O número 4 fêz uma pausa e, quando ia responder...

À distância, alguma coisa estrondou com um som muito mais forte do que o que desapareceu com os sinais do grupo de robôs anteriormente.

Ao seu redor, o Almirante Zéca sentiu um deslocamento do ar espesso e fétido que inundava tão sinistros corredores.

A origem dessa movimentação barulhenta vinha por de trás do robô que, estando logo à sua frente, acabou servindo como anteparo para o velho oficial contra as ondas de choque decorrentes de uma explosão, protegendo-o dos detritos levantados pelo vento sujo e poeirento que inundou o local.

Ali, naquele momento era humanamente impossível se distinguir ou, ter uma visão mais clara de tudo ao redor.

Ainda assim, esta explosão fora tão potente, que, mesmo protegido pelo número 4, o Almirante conseguiu enxergar cinco bolas de fogo ardentes. Eram os robôs apressados.

Os tais que queriam desvendar o mistério dos sinais desaparecidos.

Antes de ser inteiramente emporcalhado por tantos detritos, o Almirante Fernando Zéca viu uma porta fechada e, junto ao robô ainda operacional, correu na direção desta.

Para sorte dos dois, ela se abriu automaticamente.

Assim que transpuseram os seus umbrais, as luzes do ambiente se acenderam.

Poderiam ter ficado apagadas já que, não revelaram nada de animador.

Até mesmo as cores verde-acinzentadas predominantes eram medonhas.

Ao redor, tudo parecia velho e carcomido pelo tempo, havendo ainda outros tantos esqueletos espalhados. Pelas paredes, monitores bidimensionais apagados. O Almirante,

ligou um destes que exibiu imagens bidimensionais achatadas com poucos tons de cores em que apareciam dois cardassianos sentados um diante do outro, numa sala escura e fechada iluminada por velha lâmpada entre eles.

E exatamente, na palavra “cardassianos” existente no parágrafo anterior, é onde se encontravam algumas das poucas semelhanças entre eles, já que, um estava sentado seminu, amarrado a uma banqueta e o outro, sentado numa confortável poltrona, vestindo característico uniforme militar cardassiano, que mesmo elegante, não tinha nenhuma insígnia ou patente, apenas a camuflagem do tecido.

O militar pegou um cacetete, e agora de pé, num rápido movimento, usou-o para acertar violentos golpes no outro. Em seguida ainda lhe aplicou choques elétricos, até causar-lhe queimaduras, encostando a extremidade da arma fumegante sobre a sua pele.

Não falava muito. Apenas observava as reações de quem sofria a sua frente por conta de suas ações e, analisando o suplício desta, a seguir, identificava os instrumentos mais apropriados para seguir adiante com tão insanos propósitos.

E como todo bom cardassiano, passou a proferir seus longos discursos, que só pioravam mais ainda o estado da pobre alma imolada:

-Você é uma desgraça cuja fraqueza envergonha toda a superioridade da raça cardassiana. Não existe mais lugar para seu tipo, na nova sociedade que fica cada dia mais forte. Sua presença não será mais tolerada.

Nem terminou de falar, e continuou aos maus tratos no infeliz sofredor.

***“A maldita língua cardasiana não consegue se manter controlada dentro da boca.”***
(Kadrunco Véio – Sábio filosofo terrestre do século XXI)

E, seguindo com o que muitos consideram a “NOBRE ARTE CARDASIANA” o sádico torturador cardasiano não conseguia ficar calado por mais que alguns segundos amplificando o sofrimento do infeliz torturado, com tanto falatório...

-...Com a classe operária militar cada dia mais estabilizada no poder, logo limparemos o Estado da influência dos hipócritas e perdulários...

Entretanto, contrariamente a tudo o que poderia se esperar, o torturado então, esboçou reação, como se quisesse sair da poltrona, forçando as amarras que o seguravam, proferindo ainda, até alguns impropérios:

-Sua besta ignorante!

O torturador se surpreendeu com aquele xingamento, mas, logo reagiu e, imediatamente, respondeu, causando mais dor intensa ainda, à sua vítima.

Dor que agora se mostrava insuficiente. O também cardassiano amarrado olhava fixamente para o seu torturador com um sorriso estampado no rosto.

-Sua besta ignorante! Pode arrancar um pedaço de mim, que a minha vontade se manterá firme.

O torturador não se fez de rogado, sacou um machado da mesa de instrumentos e, cortou, com um só golpe, a mão direita da sua infeliz vítima.

Mesmo assim, a dor já não mais parecia influenciar ou minimizar o xingamento:

-Sua besta! Alcancei um estado mental além da dor. Aqui eu não temo mais nada! Nem mesmo a morte.

O torturador trabalhava incessantemente, mas, tudo que fazia parecia ser inútil diante do sorriso no rosto da sua vítima amarrada que fez mais esforço contra as amarras.

A vontade daquele cardassiano dava-lhe resistência além da imaginável.

Quando a vítima estava quase para se safar, o torturador acertou lhe um disparo mortal com um raio desintegrador da sua pistola vaporizando-a completamente.

-Inútil e carregando fraquezas até o final. - Disse o torturador olhando uma fumaça branca que saia de sua arma. - Mereceu morrer Fim de registro.

O monitor onde estas imagens se desenrolaram apagou.

O Almirante Fernando Zéca olhou mais uma vez ao redor e testou outros monitores, que, também funcionaram, revelando, mais registros de sessões de tortura iguais ou similares àquela que assistira. Ao que parecia, ali não havia nada que o ajudasse a entender a situação em que estava.

O número 4 parecia fitá-lo como se indagasse:

-O que faremos agora?

A cabeça do velho Almirante funcionava à toda velocidade.

Queria tomar alguma rápida decisão que o ajudasse a sair logo da situação, ou que, o colocasse em atividade com um objetivo melhor definido. Entretanto, do modo como as coisas iam ficando caóticas o veterano se via cada vez mais sem soluções.

Além da porta através da qual entrara naquela sala, haviam ainda outras duas na extremidade oposta.

O Almirante avançou na direção destas pensando:

-Poderia me separar aqui deste robô, para que, dois caminhos fossem simultaneamente verificados...

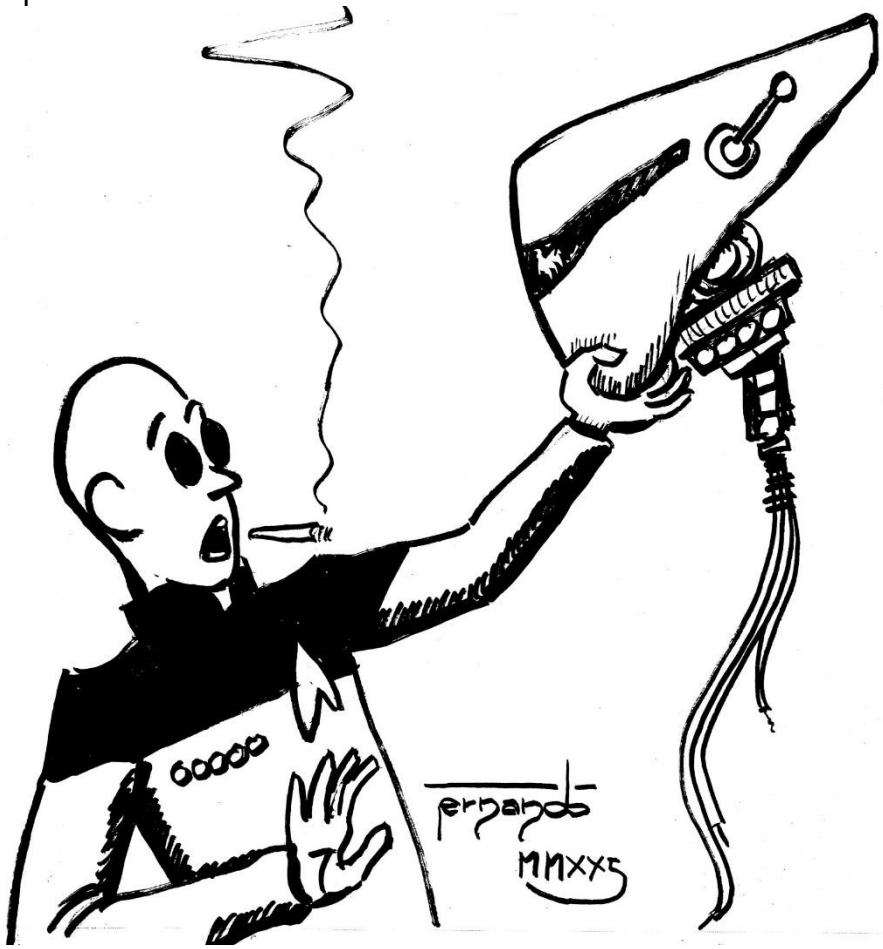
Enquanto o velho oficial até parou, para decidir a melhor estratégia a ser seguida, o número 4 se colocou diante da porta do lado esquerdo e acionou o controle de abertura disposto na lateral desta.

De-repente, ocorreu uma forte e estrondosa explosão que despedaçou com violência o robô completamente. Por sorte, o velho Almirante MAIS UMA VEZ, nada sofreu.

O robô, ao ser atingido diretamente pelo impacto, acabou amortecendo a violência da explosão, salvando mais uma vez, a vida do velho oficial da Frota.

Um pedaço da cabeça do robô, entretanto, depois de tudo, ainda parecia funcionando, tendo justamente caído, no colo do veterano.

O velho Almirante segurou a peça que parecia um crânio, na altura do seu rosto, e ficou olhando uma luzinha vermelha onde seriam os olhos, quando foi surpreendido por derradeiros suspiros filosófico-cibernéticos:



-Sou o número 4. Em algumas culturas, este número significa morte.

“Será que é por isso que tudo ao meu redor é destruído?”

“Existe um paraíso para onde vai um robô após seu fim?”

“E o inferno? Existe também para os robôs?”

“Um robô peca quando obedece ordens que contrariem a ética, ou ele é uma simples ferramenta além do bem e do mal? Sou ou não sou? Eis minha questão.”

Em seguida, a luz vermelha que indicava ainda um restinho de energia, “vida” para os mais românticos ou, fosse lá o que fosse num pedaço de sucata robotizada, se extinguiu indicando que ali não havia mais nada. Apenas outro pedaço de lixo explodido.

O velho Almirante jogou a peça no chão e ainda teve o desprazer de ver alguns monitores se ligarem sozinhos mostrando a imagem do militar cardasiano sorridente que anteriormente já se manifestara dirigindo ordens aos trabalhadores da estação:

-Retornem ao trabalho.

“Manifestações e greves de qualquer espécie não serão aturadas.”

“Nossas contramedidas vão acabar com a sua revolta.”

“Curvem-se ante a superioridade militar cardassiana.”

“Vocês não tem como vencer. Todos serão destruídos!”

Aquela conversa irritava qualquer um, aliás, tal tipo de falatório, já fazia parte do manual básico das táticas de guerra psicológica cardassianas; onde se aprendia a abalar o moral e diminuir a resistência do inimigo, com uma chuva verborrágica torrencial de palavras, a fim de facilitar a vitória sobre este.

Entretanto, nem sempre o inimigo se rendia, justamente, por sentir-se desprezado.

No caso, a situação ainda parecia diferente: o Almirante Fernando Zéca sabia que, se desistisse de procurar uma saída, enquanto continuasse preso, ficaria sujeito a ouvir até a morte, os mortíferos e desprezíveis discursos cardassianos.

E tais falatórios continuadamente repetidos diretamente nas orelhas, mesmo vulcanas, causam tremendos prejuízos para a saúde física e mental de qualquer um.

A situação era tão ruim que o velho guerreiro desejava que a explosão que acabou com os robôs, também tivesse arrebentado seus tímpanos, assim, não seria torturado.

A verborréia intermitente, dava-lhe a impressão de estar em meio a um campo de batalha constantemente bombardeado por artilharia pesada inimiga.

E no meio daquele inferno, quando achava que tinha perdido totalmente as esperanças de lutar, foi que enxergou uma menina.

A imagem era translúcida, mas ainda assim, perfeitamente visível.

Uma menina humanoide branca, de cabelos longos claros, vestindo camisola.

Em silencio, ergueu o braço e fez um gesto para que o Almirante Fernando Zéca se aproximasse dela.

Em meio àquele torturante falatório, sentia que ela, de algum modo, seria sua salvadora, aquela que, até lhe dava esperança após tantos tormentos.

À distância, em seguida, ela apontou para o corredor cuja entrada já havia explodido com o seu robô e ali entrou e como assombração, sumiu no meio da escuridão.

Desesperado com a verborragia que o atormentava, o Almirante correu atrás do que, de um momento para outro, passou a acreditar que fosse a sua única chance de sobrevivência...

***

Seguiu pelo corredor escuro, cheio de poças e gases, o reflexo luminoso que envolvia a imagem tridimensional da menina que reapareceu, agora avançando inexoravelmente, como se soubesse, mesmo naquela pouca visibilidade, para onde ir.

Enquanto ela prosseguia incólume, o velho oficial, enxergando apenas ela e nem um passo mais adiante, tropeçava em tudo que vinha a sua frente.

Sequer tinha tempo de sacar e acender a sua lanterna, para acompanhá-la

A trancos e barrancos, mais adiante, a escuridão diminuiu e a fumaceira se dissipou.

Juntamente, com a imagem da garota que, antes de desaparecer, indicou claramente ao Almirante o caminho que deveria seguir.

Agora ele podia enxergar alguma coisa, graças às luzes ali acesas.

Mesmo assim, avançou cuidadosamente, pois o irritante falatório cardassiano prosseguia, ainda que abafado e distante até deparar-se com uma porta que abriu-lhe caminho por um corredor ladeado de jaulas empilhadas contendo diversos animais mortos.

Andou pelo estranho corredor, até tropeçar numa espada.

Pegou-a do chão empunhando e avaliando seu peso como se fosse um expert.

Percebeu estirado no piso um esqueleto do seu último dono, um cardassiano, semidevorado cuja carcaça já apodrecia alí a bastante tempo.

Ensaiou com a arma, alguns golpes no ar, assim como a garotada normal faz com pedaços de pau. (Exceto as crianças klingons que, conforme já demonstrado em outra desventura do Almirante Fernando Zéca, usam espadas realmente cortantes).

Quando ia jogar fora aquela que julgava arma azarada, por ter sido incapaz de salvar o dono anterior, numa fração de segundo, percebeu algo, vindo do corredor adiante, avançando em sua direção numa velocidade que os olhos mal acompanhavam.

Tal rapidez entretanto não deu tempo para que esta coisa escapasse de um fortuito golpe de azar, desferido a esmo no ar, pelo Almirante Zéca naquela sua desajeitada ginástica com armas.

Assim, de um instante para outro, o velho oficial, se viu espetando com aquela arma aparentemente inútil, a bocarra de uma gigantesca e silenciosa cobra negra que velozmente tentou transformá-lo em refeição, mas que, pela mais pura sorte, acabou encontrando seu fim na arma supostamente azarada.

O monstrengo ainda se retrairia de dor, involuntariamente engolindo a arma que já lhe ceifava a vida tombando inerte logo em seguida com um olhar fixo na direção do Almirante que, desviou sua atenção para onde reapareceu o reflexo luminoso da garota apontando o caminho a ser seguido.

Àquelas alturas, o Almirante estava longe de ter várias opções para escolher, daí

que, continuou acreditando no que lhe era indicado até por não ter outra alternativa já que lá de longe, ainda ouvia o ameaçador e torturante discurso cardassiano.

***

O corredor então chegou a um fim. Aparentemente, dali não havia mais caminho.

Zéca aproximou-se do beco sem saída, e, tocou de leve na parede com o som mudando conforme o local que batia indicando a presença de um espaço oco.

Relembrando os seus tempos de estudos nas artes marciais do Kung Fu, o velho Almirante enfiou um soco na parede que chegou mesmo a abrir ali um buraco.

Não por uma questão de extraordinária força física do veterano. Nada disso.

O material a parede era mais fino e sem muita força, simplesmente empurrou o lugar certo, abrindo na parede um buraco que revelou túnel estreito e escuro por onde seria capaz de passar. Não era o tipo de caminho que lhe agradava mas, não havia outro.

Mais uma vez, sem avaliar se era ou não, o melhor fazer, simplesmente acendeu a lanterna de bolso que, sempre trazia consigo, enfiando-se na passagem.

À medida que avançou, o caminho foi se estreitando, a ponto de obrigar o Almirante a seguir de bruços, com os braços adiante do corpo.

Além da escuridão, o ar também se adensou ficando mais poeirento.

Mesmo assim, Zéca mantinha a calma refletindo sobre qual seria a finalidade daquele lugar maluco... Sem dúvida, uma instalação cardassiana. Mas para quê?

Enquanto lentamente se arrastava no meio do maior aperto, mantinha as dúvidas perturbando sua mente, para que as trevas não o colocassem em pânico, e assim relembrava velhas lições:

***"Fecho meus olhos na escuridão e sigo em frente como se houvesse luz."***
*Zahi Hawas – Ministro Egípcio – Arqueólogo, Explorador de Pirâmides e tumbas.*

O Almirante então chegou a um trecho bloqueado por obstáculos.

Aparentemente teria de atravessar o que pareciam ser arames farpados e concertinas cardassianas... Para piorar as coisas, a lanterna deu uma falhada.

Porém, mais adiante daqueles obstáculos, mesmo com a luz apagada, enxergou a garota luminosa que ainda fazia sinais para que ele a seguisse.

Para sua sorte, a lanterna voltou a funcionar.

Sem perder mais tempo, avançou raspando as unhas nas paredes que se esfarelaram com alguma facilidade em alguns pontos, mas, a muito custo abriram espaço e passagem, entre mais aqueles obstáculos chatos de se transpor.

O Almirante foi se rasgando inteiro e abrindo cicatrizes até na careca, mas, enquanto pudesse manter os olhos inteiros, poderia suportar a dor.

Depois de muitos martírios e agruras, finalmente venceu os obstáculos a muito custo.

Dali por diante, não encontrou tantos problemas, porém o avanço seguia lento e contínuo com o veterano, nos momentos de descanso, chegando mesmo a fechar os olhos para perceber melhor a situação nada otimista ao redor com o tato, ouvidos e outros sentidos consolado por estar longe dos discursos cardassianos que pareciam assombrar tudo por ali.

Foi então que se deu conta de que: mesmo naquele espaço apertado, não estava sozinho. Primeiro apareceu um inseto que correu por debaixo do seu corpo mergulhando nas trevas logo adiante de si. E vieram outros em seguida. Centenas de milhares.

Chegaram sem aviso, numa corrente móvel que aos poucos pressionou o corpo do Almirante, empurrando-o com força, caminho adiante. Eram tantos, que cobriam todos os espaços daquele apertado local deixando o veterano imerso na "enchente" de insetos.

Com algum custo, conseguia manter as narinas destampadas e os olhos fechados.

Naquela situação, não sabia quanto tempo ainda conseguiria respirar.

Diante das expectativas que tinha, praticamente, já se entregara à morte.

Seu corpo era levado pela torrente móvel, até que, de-repente, de um momento para outro, foi lançado para fora dali, como vômito expelido de algum estomago apodrecido.

Sua viagem poelo ambiente sinistro terminou num local amplo onde os insetos se afastaram dele, como que se repugnados, por simplesmente estarem em contato com o veterano de guerra, e se espalharam desprezando aquela carne humana.

Ainda apalermado com a situação aterrorizante pela qual passara, tentou colocar as ideias em ordem. Foi então que ouviu uma conversa...

E não eram os cardassianos fazendo seus torturantes discursos...

Cambaleante, afastou-se do buraco de onde saíra, indo em direção das vozes:

-Para onde vamos, então?

-Não sei. Teríamos de saber de onde viemos...

-Qual nossa finalidade...

À distância segura, o Almirante observou rapidamente quem estava de papo por ali:

Era um dos grupos de robôs que se dispersara.

Tropeçando, o velho oficial aproximou-se perguntando:

-Qual é a situação?

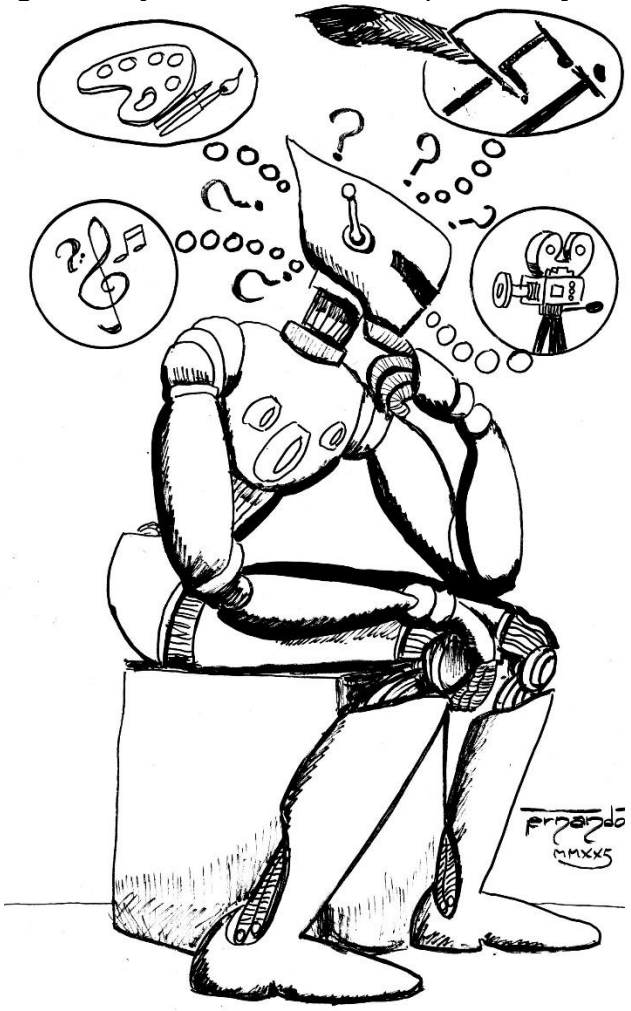
Contrariamente ao que poderia se esperar de robôs de guerra, aqueles ali não estavam em forma ou posição de sentido.

Confabulavam entre si com dois deles sentados e um terceiro, deitado de costas, no chão, relaxado. Justamente aqueles modelos, sabidamente incansáveis

Um deles, ao ver o Almirante, se apressou em responder.

-Não sabemos o que fazer...

-Ou para onde seguir... - Ajudou outro, na complementação da desculpa.



-Robôs dando desculpas esfarrapadas... - Refletiu o velho Almirante. - Até onde podiam chegar os milagres da mecatrônica?...

O veterano oficial já começava a se indagar se aquele lote de robôs de guerra, na verdade fora programado para fazer poesia, filosofar, discutir religião, ou coisas do gênero, já que, como soldados, eram uma negação.

Mesmo assim, o Almirante aproveitou para tentar colocar um pouco de juízo nas cabeça daquelas máquinas.

-Talvez não gostem dos fatos, mas, a grande verdade é que vocês foram feitos por gente falível e gananciosa que os queria lutando, guerreando e matando por elas.

“Sem pensar ou discutir! Simples assim. Paus mandados cibernéticos sem salário.”

Houve um período de breve silencio que logo foi quebrado por um dos robôs:

-Impossível. Fui programado com as Leis da Robótica Asimoviana.

“Para começar, não posso fazer mal a humanos.”

-Isso mesmo, Almirante. Guerras são para as culturas mais bárbaras que não conseguem resolver os problemas com racionalidade e bom senso.

-A vida é um mar de problemas. Se, para resolvê-los, tivermos sempre que recorrer à guerras e conflitos, não estaremos nos adaptando aos novos desafios, que se sucederão até o derradeiro fim.

-Não seguiremos por esse caminho. Nossa meta é a realização sem violência.

-E qual a situação dos outros grupos de robôs? - Indagou o veterano oficial tentando ignorar o papo filosófico e idiota.

-Só nós sobramos.

-Por isso não espere nada da gente...

-...”Da gente” - Pensou o Almirante. Estes robôs se julgavam pessoas, que papeavam sobre vida ou morte...

-Não espere nenhum trabalho de nós, até mesmo porque temos medo, Almirante.

“Não faremos aos outros aquilo que não desejamos que façam a nós mesmos.”

-E nem pagando para a gente trabalhar estão. - Reclamou outro robô.

O Almirante Fernando Zéca olhou fixamente para as blindagens defensivas reforçadas à prova de phasers, que vestiam aquelas máquinas de matar, e, ainda, para as armas que portavam, e que, ainda assim inventavam um milhão de motivos para não usar.

-Papo filosófico demais. - Pensou o velho oficial. - Depois do que passei... Ouvir tal conversinha deste bando de paspalhos enferrujados, é exigir muito até mesmo de um fiel trabalhador como eu.

Instantes mais tarde, o veterano já terá encerrado completamente suas lamentações contra o pelotão de filósofos, porque de-repente, todos os insetos que a pouco haviam trazido o Almirante para fora das entranhas da escura passagem onde se metera, avançaram contra os robôs, espicaçando e devorando-os completamente.

Foi só então, no instante derradeiro dos últimos robôs de guerra do pelotão original; que o velho oficial se pôs a pensar sobre o real grau de imbecilidade daquelas máquinas.

Tal reflexão foi forçada pela forma como se deram os momentos finais destas.

Os robôs de guerra, que se supunham insensíveis e à prova de dor, não foram destruídos. Eles efetivamente, morreram agonizando e pedindo por socorro, que é claro, em meio aos milhares de insetos canibais que os devoravam, era impossível de ser dado.

***

Mesmo depois daquela sequência de ocorrências bizarras, o velho Almirante não teve tempo para ficar refletindo.

Assim que se afastou do local do banquete dos insetos, indo para onde julgava-se em relativa segurança, apareceu novamente a imagem da garotinha apontando uma direção a ser seguida.

O veterano, porém, desta vez não estava mais tão interessado, ou apressado, em seguir adiante com aquela brincadeira estressante.

-Pode acenar o quanto quiser, meu bem. - Disse o veterano em voz alta. - Agora vou parar e descansar um pouco.

Deitou-se no chão mesmo, improvisou um bloco que havia ali ao lado como travesseiro e não demorou mais que um minuto para dormir.

***

Uma mulher saiu da escuridão logo adiante.

Ela tinha pele acinzentada, olhar aterrorizante de velha malvada e cabelos pra lá de grisalhos.

Vestia-se como uma mendiga fedida. Seu mau hálito temível e os dentes amarelos.

Uma cardassiana sem muita classe. Verdade.

Mas ela bem poderia ser uma das temíveis feiticeiras cardassianas que, mesmo na história mais recente, ainda atemorizavam até os militares mais valentes.

Uma sensação de dor se manifestou intensificando-se a medida que a imagem dela aumentou de tamanho. E de-repente, com uma voz horripilante gritou:

-Acorde idiota! Não seja preguiçoso!

***

O Almirante despertou. Sentia-se mais recuperado.

Alguns poucos minutos de relaxamento lhe foram concedido.

Mesmo que quisesse, agora não conseguiria mais descansar.

O corpo estava um pouco melhor. Mas o discurso cardassiano...Estava de volta.

Com o maldito orador agora mais empolgado em torturar seus azarados ouvintes, coisa que fez o veterano levantar-se e, de pé, reorientar-se, seguindo para a direção que a imagem brilhante da garota apontara anteriormente: através de outro daqueles intermináveis e monótonos corredores de cor cinza-esverdeada.

Sem problemas, avançou até surpreender-se de modo não muito positivo.

***

Voltara ao salão onde estava o portal que trouxera ele e os robôs filósofos até ali.

Meio de transporte este, que agora não passava de inútil peça decorativa já que, não levava mais nada para lugar nenhum, devido a um problema de bateria descarregada.

Envolvendo quantidades absurdas e inimagináveis de energia como as que aquele aparato deveria controlar, para funcionar, o velho oficial se indagava quantos séculos seriam necessários para fazer uma “recarga” que o ajudasse a sair dali para qualquer lugar conhecido e acessível à Federação.

O Almirante teve então, aquela sensação de tempo e trabalho desperdiçado inutilmente. Tremendo esforço gasto inutilmente que esgotou mentalmente até mesmo o(a) heroico(a) leitor(a) que me prestigiou chegando aqui. Sensação igual só nas derrotas em batalhas, ou ao não se cumprir adequadamente com alguma missão.

Zéca perdeu um pelotão de robôs que poderia sim ter serventia. Por mais inúteis que fossem, não precisavam ser destruídos num passeio desnecessário.

Napoleão acreditava que a morte de alguns poderia salvar a vida de muitos mais.

No caso, a destruição dos robôs não ajudaria o Almirante a salvar a própria vida.

A perda deles poderia ter sido evitada... Quanto mais pensava, menos gostava do que suas reflexões revelavam. Mas o velho oficial não conseguiu se lamentar muito mais.

Logo, apareceu novamente a imagem da garota indicando um caminho.

E ela estava num lugar que não tinha reparado antes, quando estivera por ali...

Diante de uma porta escondida pelas sombras do local ao lado da qual havia um painel com teclado alfanumérico. Certamente, fechadura com senha.

O Almirante não sabia muito o que fazer, já que, arrombamento de fechaduras não era muito a sua praia.

Quando ia desistir, a garota silenciosa e translúcida desapareceu, e a tal feiticeira cardassiana com a qual sonhara, materializou-se bem nítida e concreta, sabe-se lá como, logo à sua frente. Ela o agarrou, e, com um golpe de judô, o jogou no chão.

Em seguida, ela encostou o nariz dela, no do Almirante, enquanto agarrava o uniforme do veterano e então, desapareceu.

Assustado, o veterano levantou-se e procurou respirar profundamente.

Passados alguns momentos, olhou novamente a fechadura e notou que o monitor só indicava três números.

Lembrou-se então que, justamente, na testa da feiticeira, estavam escritos três números: 666. Premiu a tecla do 6 por três vezes, e a porta abriu-se.

***

## SALA DE CINEMA e PLANETÁRIO

Antes de adentrar o local por trás daquela porta, projetou-se ao vivo e à cores, a imagem tridimensional do cardassiano chato que voltava a aporrinhar com seus discursos intermináveis.

-Desistam! - Ordenava. - Nenhuma exigência será atendida! Voltem ao trabalho ou enfrentem a morte. O caso de vocês já foi longe demais! Contarei até cinco."

"Se não voltarem aos postos de trabalho, seus povos e nossos demais inimigos sofrerão as consequências!"

O cardasiano não parou de se vangloriar e fazendo ameaças, começou a contar.

-1... 2...

O Almirante atravessou a porta aberta e deparou-se com o que parecia ser uma gigantesca sala de comando.

Aparentemente, chegara no centro de controle daquele local.

-3... 4... 5.

E estava completamente vazio, mesmo com todos os equipamentos operantes.

Haviam poltronas e o velho oficial aproveitou para se sentar.

De-repente, mais um estrondo perturbando outro momento em que o velho oficial tentava iniciar algum relaxamento. Imagens tridimensionais se projetaram ao redor da poltrona onde estava sentado.

-Sua resistência pode ter alcançado a ponte de comando das nossas instalações, porém, não conseguirá comandar a tecnologia militar cardassiana. Acaba de ser acionado o comando "DESTRUIÇÃO TOTAL DOS OUTROS", que colocará em movimento, esta instalação, contra todos os inimigos de Cardassia.

"Quem estiver no nosso caminho, perecerá ante o poder cardassiano."

Tinha coisa estranha alí. O Almirante estava sendo confundido com alguém.

Aparentemente, com alguma espécie de escravo que, deveria estar atendendo as exigências cardassianas.

Observando tudo que era projetado e até mesmo o ambiente ao redor, começou a ter uma visão melhor do local e do que indicavam os diversos mostradores.

Um destes exibia a imagem vista de fora daquele lugar monstruoso onde estava.

Era uma instalação flutuando no espaço: provavelmente, imensa base espacial.

Algo muito diferente dos padrões arquitetônicos conhecidos na Federação, tendo a forma de uma colossal aranha com dezesseis pernas gigantescas, onde, em cada uma, se atracavam centenas de naves de guerra cardassianas como pequenos piolhos.

Seria o tal "porta-aviões cardassiano" que havia lhe sido anteriormente mencionado?

Sua atenção concentrava-se, em algumas projeções tridimensionais. Numa delas, visualizava aquela imensa base espacial em forma de aranha, avançando rapidamente rumo à galáxia.

Se as informações estavam corretas, a aranha ficou escondida no meio do negrume espacial, longe da Via Láctea, e inalcançável até para as poderosas espaçonaves da Frota Estelar onde, pela Federação, só mesmo as do E.Y.E., com suas tecnologias não convencionais, chegariam.

Nas projeções ao seu redor, Zeca percebia que o artefato cardassiano, cobria distancias extraordinárias em velocidade fabulosa. Algo preocupante... Mas não era este o seu maior problema já que ainda tinha que suportar o infernal discurso cardassiano.

-...A superioridade militar cardassiana agora é histórica e universalmente comprovada! Fato que nossos inimigos terão que aceitar e engolir com amargura.

"A invasão de grevistas, manifestantes e escravos, aqui na central de controle, de qualquer modo destruirá quem desafia o poder cardassiano, os primeiros a serem aniquilados, serão os tamarisianos que não se submeteram incondicionalmente ao poderio cardassiano, conforme deveriam.Tiveram a audácia de resistir aos nossos comandos, e, agora, pagarão caro pelo desafio."

"A resistencia aqui dentro será esmagada e faremos um tour sangrenta e agonizante

para vingar quem não se submete ao poder Cardasiano.”

Sentado, aguentando o falatório o corpo do Almirante lhe lembrou que estava com fome e ainda no trazia consigo no máximo, uma ou duas bolachas velhas.

Entre tantas recordações, não esqueceu também, que poderia estar comendo em casa, com a família e as 4 estações, caso não tivesse se metido naquela idiota desventura.

Qualquer outro lugar que estivesse, seria bom, menos ali onde não tinha a menor ideia de quando comeria algo decente...

***

Não teve muito mais tempo para pensar nos prazeres que tanto ansiava...

Um imenso planeta apareceu diante do Almirante.

Bastante parecido com a Terra, porém, com tons mais esverdeados.

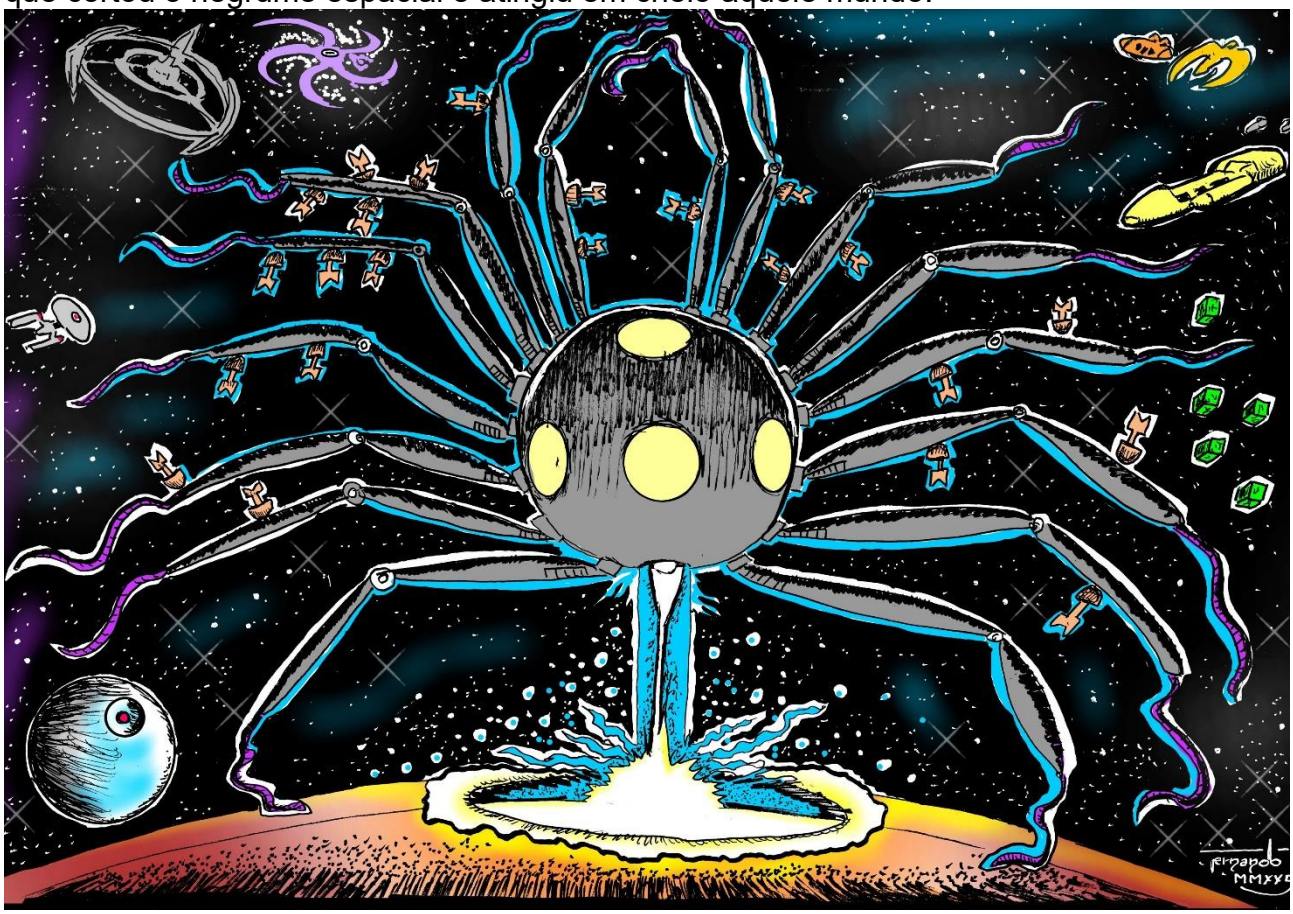
Na verdade, não era o planeta de verdade, mas, uma projeção tridimensional em escala do mesmo, onde o Almirante poderia fazer algumas análises.

As imagens adiante do velho oficial mostravam aquele mundo e a aranha cardassiana, em órbita, onde este se encontrava.

A gigantesca estrutura primeiramente fez uma volta completa ao redor do planeta, depois, parou e apontou o seu ventre para este.

Na parte central daquela coisa numa espécie de anel, ardia imensa labareda de fogo.

E foi exatamente dali que saiu de instante para outro, raio luminoso de cor branca que cortou o negrume espacial e atingiu em cheio aquele mundo!



No local do impacto, primeiramente apareceu uma imensa nuvem cinzenta que rapidamente aumentou de proporções.

A seguir, tudo ardeu em chamas, daquele ponto, para todo o restante do planeta.

Com o fogo incontrolável, em poucas horas consumindo de vez todo aquele mundo, e, assim, a aranha assassina afastou-se daquele sistema planetário.

Um espetáculo de arrepiar até os cabelos da careca do Almirante!

Entretanto, algo mais ainda causava calafrios no velho oficial: o discurso que, agora inflamado com a destruição mais recente, se gabava das conquistas.

-Nós somos os melhores! Os cardassianos vão submeter o universo inteiro aos seus pés.

O fôlego daquele falador era infernal. Parecia não se esgotar nunca.

De onde tirava tanta asneira pra falar?

Este e outros pequenos detalhes relativos à situação pela qual passava, é que levantavam no Almirante a suspeita de que o cardassiano irritante, na verdade não passasse de alguma inteligência artificial ou programa preparados para eventualidades em que, seus criadores, não pudessem estar presentes diretamente no local.

Mas, nem a respeito disso, Zéca pôde pensar a respeito, pois nem bem se passaram alguns minutos após a aranha assassina se afastar da cena do crime, esta viu-se cercada por mais de cinquenta gigantescos cubos borgs.

***

Do alto da própria experiência, que, na verdade, não era assim tão alta, o Almirante Zéca tentava relembrar, em que outra ocasião teria encontrado tantos borgs. Não conseguia pois, o torturante discurso cardassiano o impedia de pensar com clareza.

Nos recônditos mais distantes do Universo era notória a alta capacidade de combate dos borgs. Se um cubo só pelas suas gigantescas dimensões já era páreo duro a ser combatido, enfrentar aquela quantidade incalculável de naves além da inútil perda de tempo e desperdício de munição, seria morte certa.

Assim, mantendo a tradição, chegou o conhecido aviso borg:

-Resistir é inútil. Preparem-se para a assimilação.

Para o Almirante, a derrota da aranha cardassiana definitivamente era tão certa quanto favas contadas, e isso o tranquilizava, já que, logo se veria livre do infernal e agoniante discurso que retumbava por todos os cantos naquele lugar.

As projeções tridimensionais ao redor mostraram pequenas janelas quadradas se abrindo em diversas partes da superfície externa na aranha cardassiana, com canhões saindo de seu interior e disparando imediatamente.

As bocas das armas cuspiam raios mortíferos por todos os lados, no que mais parecia uma chuva brilhante, que destruiu inteiramente a esquadra inimiga borg, em poucos minutos.

Findo o trabalho, sem mesmo diminuir a velocidade, a aranha cardassiana deixou para trás, dezenas de bolas de fogo ardendo em meio ao imenso espaço negro tenebroso.

***

Aquela vitória surpreendeu o velho Almirante.

Não que o veterano oficial estivesse desacostumado às derrotas da vida.

Isso não pois, ele torcia para um time de futebol, que volta e meia lhe infligia martírios, torturas e sofrimentos com derrotas inexplicáveis.

Mas aquela aranha cardassiana lhe saíra completamente fora da escala de medidas!

Ao destruir um planeta inteiro e, logo em seguida, impingir tamanha derrota, numa esquadra de naves borg, ficava claro que estava lidando com uma séria ameaça não só contra a Federação, mas também, contra tudo o que estivesse no caminho de tão mortífera arma.

O velho Almirante não estava nem um pouco entristecido com a destruição de uma esquadra borg, já que não morria de amores por aquela raça, entretanto, ficava imaginando quem seria a próxima vítima da engenhoca cardassiana...

***

Claro que em meio a tantos acontecimentos, o veterano oficial, lá no fundo em seu íntimo , indagava se o que presenciava naquele momento era mesmo fato ou, apenas uma produção hollywoodiana feita pelos cardassianos, para enganar os inimigos por meio de propaganda de falsas vitórias. Tal fato não poderia ser desconsiderado.

Entretanto, não havia porque realizar uma propaganda tão elaborada, se os cardassianos já tinham seus discursos e falatórios intermináveis como armas mortalmente perigosas, capazes de fazer o mais forte e durão adversário desistir sem lutar.

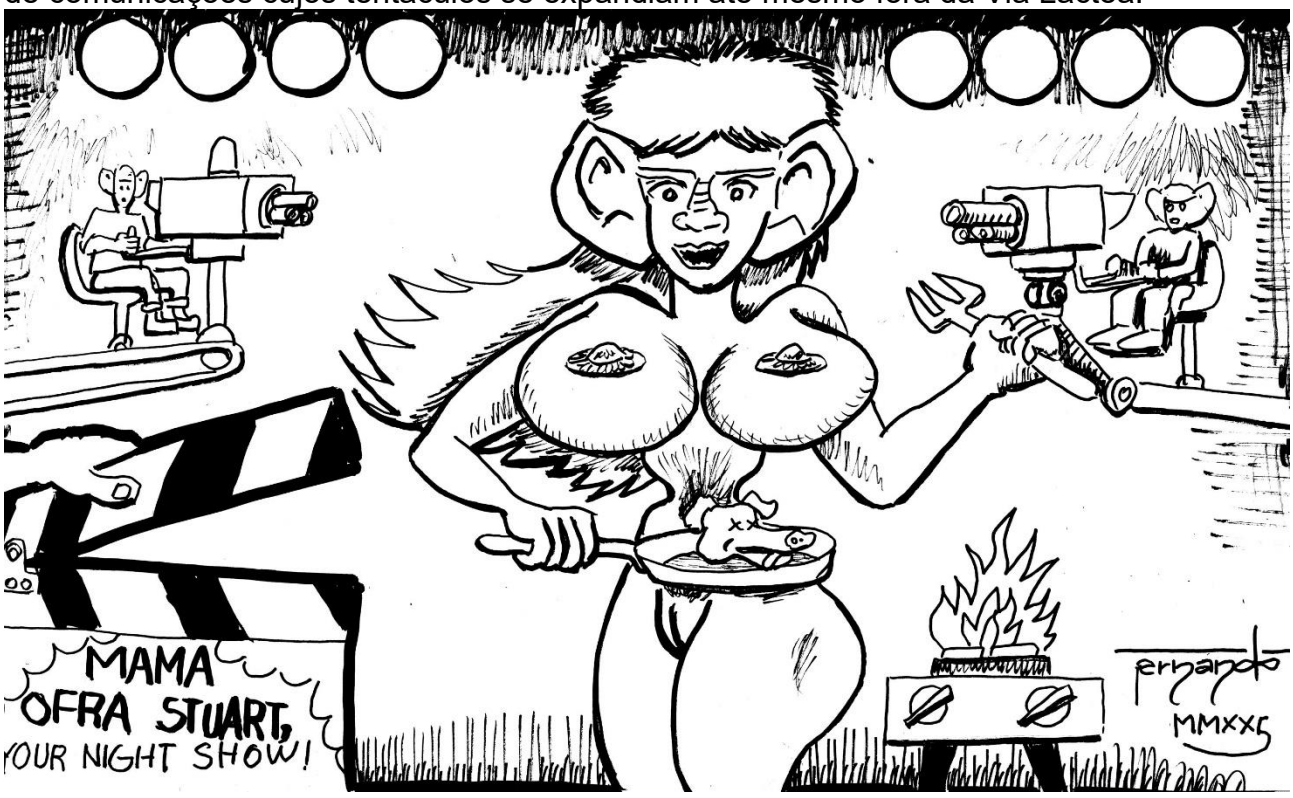
Mesmo este raciocínio, o velho Almirante não pôde no momento, levar adiante, já que, outros problemas insistiam em sobrecarregar o seu cérebro.

***

## A REBELIÃO DE FÃS DA CAMPEÃ DE AUDIENCIA

Mama Ofra Stiuart era sem dúvida, a ferengi mais bem sucedida de seu tempo.

Diretora da revista “ADESTRANDO O SEU MACHO”, enriqueceu e criou um império de comunicações cujos tentáculos se expandiam até mesmo fora da Via Láctea.




Voz ativa principalmente entre as mulheres klingons, ferengis e romulanas, não só influencia ativamente a moda nos mundos destas senhoras, mas também, diariamente, ensina dicas de beleza, bem estar, gastronomia, culinária e principalmente como manter os machos disciplinados e obedientes.

Mama Ofra conquistou tanto poder, que é única dona de um planeta classe M inteirinho, a partir de onde, faz as produções e transmissões das suas programações.

Dizem até que ela poderia comprar a Federação inteira!

Além de ser sucesso entre três quartos das fêmeas em toda galáxia, muitos machos também tem pela apresentadora algum tipo de admiração.

Entretanto, ela não detém unanimidade, já que, seus programas são acusados de idiotizarem, sendo ainda, espaço descarado para propaganda de governos tirânicos.

Isso sem contar que os conservadores afirmam que os programas de Mama Ofra são utilizados como arma de guerra por derrubarem o ímpeto dos mais valentes guerreiros, tornando-os molengas, afeminados e bundões. Em suma: inaptos para o combate.

Tal tendencia, segundo estudiosos, poderia ser observada até, em robôs de combate após quatro horas de exposição ininterrupta aos programas da Mama.

No seu próprio planeta, que ficava longe de qualquer jurisdição, inclusive da Federação, Imperios e outros mais, ela tinha poder para continuar transmitindo e faturando o que bem entendesse. Mas isso causava irritações em alguns...

Inclusive, numa certa aranha mortífera e gigantesca, que, casualmente, estava de passagem pelo setor espacial.

Talvez, por ver naquelas transmissões, sérias ameaças contra uma de suas mais fortes armas: os discursos de autoidolatria e exaltação cardassianos.

***

O Almirante Fernando Zéca percebeu que estava chegando mais perto de casa quando viu o programa da Mama Ofra com clareza de imagem, alto e bom som.

-E agora minhas amigas; finalmente chegamos à sessão favorita do programa: a de culinária, em que seguiremos com a série que ensina a fazer os “Pratos Klingons da vovó”.”

“E a receita escolhida para hoje, foi a sopa de SuDqu' Targ, uma espécie muito saborosa de Targ, tida inclusive, como afrodisíaca, minhas amigas.

“Conforme manda a tradição klingon, o bicho tem que ser morto violentamente, assim, sua carne ainda terá substâncias químicas decorrentes do stress pelo qual passou, antes de chegar ao fim.”

Se por um lado, o fato de já estar recebendo a programação da Mama Ofra indicava que o lar estava mais próximo, por outro, significava que a agonia do Zéca seria ampliada já que, ele é daqueles que passa mal ouvindo a apresentadora.

Aliás além do sofrimento imposto pelo implacável discurso cardasiano, o Almirante teria de aguentar a voz da Mama, ainda mais dolorosa e estridente do que o normal.

Aquela situação terrível não tinha como se melhorada já que o Almirante ignorava onde ficava o controle de volume de tanta barulheira.

-A carcaça do bicho deve ser mergulhada em óleo de motor de combustão já utilizado e ficar de molho por uns três ou quatro dias, pelo calendário terrestre da Federação. - Explicou Mama. - Ponha em seguida, tudo para esquentar num taxo de alumínio com gasolina em chamas. Quando os vermes estiverem saindo vivos do ventre do SuDqu' Targ, é hora de servir e saborear.

“Esta receita é só para os bravos de coração puro, pois eleva o colesterol a níveis mortais, que entopem as veias da clava deixando-a dura por vários dias seguidos, por isso, os klingons dizem que é afrodisíaca...”

E a velha Mama terminou esta observação dando uma risada que não dava para saber se era sinistra ou engraçada.

Se aquele programa, para o Almirante, era desinteressante e monótono, para o que quer que estivesse pilotando a aranha cardasiana, era claramente irritante e desprezível.

As projeções tridimensionais ao redor da poltrona do Almirante mostraram a aranha cardassiana em órbita do planeta da Mama apontando sua região ventral para a superfície deste mundo indefeso.

Sem qualquer aviso, a aranha disparou o seu temível raio branco assassino.

E tudo se repetiu novamente, conforme já havia acontecido antes.

Muito rapidamente.

A risada da velha Mama e a transmissão da receita culinária, foram cortadas sendo substituídas por gritos que foram ao ar.

Em poucos minutos, o que era um mundo cheio de vida transformou-se numa

gigantesca bola de fogo, assim como o Almirante já presenciara anteriormente.

O espetáculo de morte massiva em escala planetária, causado pela aranha cardassiana, mais uma vez se repetia...

Mas naquele caso, o fim das transmissões da programação feita a partir do planeta da Mama, acabariam por trazer repercussões inesperadas...

***

Ignorando o sofrimento que causava e deixava para trás, a gigantesca aranha cardassiana seguiu o seu caminho.

De olhos arregalados e, pálido como um fantasma, o Almirante assistia a tudo aquilo sem saber o que fazer. Nenhum dos controles que tentava funcionava para nada.

Queria desesperadamente acabar com o maldito discurso autoelogioso cardassiano e descansar um pouco o cérebro.

Tentava meditar para diminuir o sofrimento que tanto falatório fazia a seus ouvidos, mas, não dava para passar totalmente em branco frente a duas destruições planetárias em apenas meia jornada de trabalho.

Tudo bem que não era fã da Mama Ofra, mas era impossível manter total insensibilidade e passividade diante de tanta matança.

Olhava ao redor mas não enxergava nada que pudesse mudar o curso das coisas.

Aqueles comandos cardassianos estavam quase todos travados. Nada funcionava.

As projeções mostravam tudo o que acontecia nas instalações, mas, não permitiam que o invasor da central de comando (no caso, o Almirante) interferisse em nada.

O veterano oficial não precisou ficar quebrando muito a cabeça para decidir o que fazer em seguida pois os fatos mais uma vez tomaram as rédeas do destino.

Não tardou muito para que as projeções tridimensionais que demonstravam a situação da aranha cardassiana, revelassem novidades.

Numerosas como uma nuvem de gafanhotos, surgiram de todos os lados, espaçonaves de arrojado design e moderno armamento que não escondiam suas origens: romulanas e klingons.

Tão inusitada aliança começou a cuspir chuva de fogo concentrado contra a aranha cardasiana num ataque intenso, violento e cheio de motivação.

Todos os lutadores alí foram ameaçados de morte por suas esposas caso voltassem derrotados para seus lares.

Como fãs ardorosas, elas queriam vingança contra o assassinato de Mama Ofra.

Através das comunidades virtuais das únicas redes de internet unidas klingons e romulanas que, não por acaso, eram mantidas pelas admiradoras da apresentadora, em pouquíssimo tempo, foi mobilizado um mortífero e feroz ataque realizado por aquela rara aliança.

De sua parte o Almirante Zéca assistia a repercussão dos acontecimentos sofrendo pois, mesmo sentado, era vítima do incomum sacolejar que começou a perturbar tudo por ali, assim que os primeiros tiros foram disparados contra a aranha cardassiana, que não tardou em dar sua rotineira resposta.

De seus canhões, foram cuspidas saraivadas de raios luminosos que atingiram os atacantes, causando nestes, grande destruição entre suas fileiras.

O ímpeto do ataque entre klingons e romulanos no entanto, não diminuía.

Dentro da aranha, tudo chacoalhava cada vez mais.

As projeções ao redor do Almirante tremiam. Mas a aranha não parava de matar.

De uma de suas pernas, naves robotizadas cardassianas se desprenderam empreendendo, em seguida, manobras espetaculares, e por fim, ataque devastador contra o inimigo, enquanto, o Almirante tinha a sensação de estar sentado no lombo de um touro mecânico, onde os vaqueiros de boteco, e outros tantos mais exercitam suas habilidades.

Só que o velho oficial não tinha habilidade nenhuma no assunto.

Se fosse no lombo de uma motocicleta, talvez, a história pudesse ser outra.

A luta entre os atacantes klingons e romulanos contra a aranha cardassiana seguia renhida e equilibrada.

Entretanto, o velho Almirante queria mudar essa equação em favor dos klingons e romulanos, mesmo que isso lhe custasse a sua vida.

Ainda enquanto pulava como um cabrito, devido aos ataques constantes que a aranha recebia, ele identificou um botão que ainda não tinha experimentado, entre tantos outros que apertara naquelas projeções tridimensionais e não funcionaram para nada.

Em meio a tanta confusão, o veterano oficial então pressionou a tal tecla brilhante onde se viam escritas as palavras SALTO INTER-DIMENSIONAL.

Talvez até, devido à violência dos ataques que a aranha sofria, o botão funcionou.

Os ponteiros de alguns relógios tridimensionais projetados ao lado da poltrona onde estava sentado, saltaram para frente.

No instante seguinte, a visão do Almirante ficou turva até escurecer completamente e, em seguida o veterano dormiu.

***

-Atenção! Perímetro defensivo foi transposto!

-Confirmado! Objeto voador invadiu área protegida e não se identificou.

-Confere com algum dos nossos?

-Não! E tão-pouco é rebelde.

-Tem ideia do que seja?

-Nunca vi antes um modelo assim! E é grande demais! Parece um gigantesco inseto mecanizado.

-Não responde a nenhum tipo de saudação.

-Dê alguns tiros de advertência.

-Sim senhor!...Tiros disparados senhor!... Hmmm... Sem resultado positivo, senhor! Objeto não identificado continua avançando.

-Fogo à vontade!

-Fogo à vontade, senhor!

-Todos os canhões disparados a plena carga, senhor.

-Continuem disparando.

-Alvo continua avançando, senhor!

-Nossa artilharia é ineficaz, senhor.

-Continuem atirando.

-Alvo contra-atacando, senhor.

-Mandem tudo o que temos contra esta coisa maldita.

-Alvo contra-atacando e retaliando, senhor.

-Esquadrilhas de caças sete, oito e doze destruídas.

-Esquadrilhas robotizadas inoperantes, senhor.

-Se temos que tombar hoje, que seja lutando com bravura pelo Império, senhores.

-Pelo Império.

-Pelo Império! Vamos chutar o rabo destes rebeldes.

-Mas senhor, o Alvo está retaliando, senhor.

-Todas esquadrilhas de caças destruídas, senhor.

-UNNNGGHHHH! Senhor! Fomos atingidos!

-Suportes de vida destruídos, senhor. Não temos mais que alguns minutos de vida.

-Energia para os armamentos esgotadas, senhor. Estamos à mercê do inimigo.

-Temos energia para ao menos mandar uma mensagem?

-Sim senhor! Um pedido de socorro, senhor?

-Não! Apenas um informe direto para o Imperador. Com as seguintes palavras:

“Nossos planos foram arruinados por misteriosa arma secreta. A segunda Estrela da Morte foi colocada fora de ação definitivamente.”

***

Quando o Almirante Fernando Zéca despertou, percebeu que, ao seu redor era projetada outra grande chacina promovida pela aranha cardasiana.

Desta vez, esta destruía com incrível facilidade, dezenas de naves individuais que a atacavam inutilmente.

Mas então, uma gigantesca esfera branca presente no espaço local, disparou um feixe de raio que acertou a aranha causando-lhe danos imediatos.

Momentos depois, junto a toda aquela movimentação que era projetada adiante do Almirante, apareceram os seguintes dizeres:

“Retorno transdimensional automático acionado.”

Dez segundos depois, novamente, sua visão se turvou e ele apagou completamente.

***

Desta vez, despertou mais rapidamente.

Ainda a ponto de ver escrito entre as diversas projeções de imagens tridimensionais ao seu redor:

“Retorno transdimensional automático bem-sucedido.”

Pelo pouco que entendera, de tudo o que aconteceu, o Almirante, durante uma viagem transdimensional feita a bordo daquela aranha gigantesca, testemunhou mais um sangrento massacre em larga escala.

Se por um lado, escapara de uma carnificina certa junto aos romulanos e klingons, por outro, numa viagem transdimensional, não conseguiu evitar mais banhos de sangue.

Nunca em toda sua vida, o velho Almirante presenciara algo assim.

A aranha cardassiana era uma máquina de matar praticamente invencível.

Tomy Schark, o designer cardassiano que projetara aquela monstruosidade assassina, não só superou a si mesmo, mas também, a tudo o que o velho Almirante conhecia de tecnologia e engenharia em armamentos ou naves espaciais.

Pena que este gênio tivesse direcionado seus talentos para o mal, ou mais especificamente, para interesses distintos dos da Federação dos Planetas Unidos.

Mesmo assim, o destino tratou de cobrar a conta pelo sucesso e insucesso de tantos planos ambiciosamente mirabolantes, dando-lhe justo fim.

Se vivo, Tomy Schark executava ações terríveis, capazes de causar estrago incalculável, mesmo morto, os frutos das suas criações, continuavam sendo, tão, ou até, mais mortíferos, do que antes. O Almirante Fernando Zéca era testemunha de tudo isso.

Entretanto, as preocupações do veterano oficial não estavam centradas no finado nada saudoso designer cardassiano, e sim, nos mapas projetados ao seu redor.

Neste ponto também, estes eram de alta qualidade e demonstravam claramente o posicionamento atual da aranha e o caminho que estava seguindo.

Qualquer pessoa seria capaz de interpretá-los.

Se a gigantesca e mortífera arma cardassiana continuasse na rota em que estava, logo alcançaria uma estação espacial administrada pela Federação e seus aliados.

A Estação Espacial 703.

Para o bem da verdade, o velho Almirante não lembrava da existência desta estação espacial. Para ele, pelo menos, a presença daquela estação ali, era novidade.

Mas era o que estava indicado nas imagens tridimensionais projetadas ao seu redor.

E, aparentemente, não tinha porque desconfiar de alguma provável mentira

cardassiana. Pelo menos, não por enquanto...

A sinalização gráfica dos mapas projetados, não deixava dúvidas de que aquela era uma estação da Federação.

O insuportável discurso cardassiano, logo, também confirmou esta suspeita.

-Mais um inimigo a ser dizimado pelos cardassianos a caminho de sua glória infinita.

“É hora da Federação e seus aliados finalmente pagarem por todas as humilhações que têm nos impingido.”

O velho Almirante queria usar os sistemas de comunicação da aranha ou, qualquer coisa que funcionasse. Pretendia ao menos, enviar um aviso para a Estação Espacial 703.

Tentou todos os comandos que tinha à disposição, nenhum funcionou.

E como tudo se sucedia ao seu redor como que numa montanha russa, de novo, não teve tempo para fazer nada mais. Dezenas de espaçonaves, desta feita com design característico da Federação, já chegaram atirando.

Formaram uma esfera ao redor da gigantesca aranha cardassiana e cada uma delas, disparava com tudo o que tinha.

O design daquelas espaçonaves, assim como a potência de suas armas, impressionou o velho Almirante que, ainda não estava atualizado com tais novidades.

Sentado na central de comando, o veterano oficial sentia o poder daquele ataque.

Muita coisa vibrava bastante ali dentro a cada impacto decorrente dos tiros das armas da Federação.

-Acho que desta vez, esta maldita aranha assassina encontrou adversários à altura para a domesticarem. - Assim que teve este pensamento, o veterano até se animou, já que, logo em seguida, os ataques da Federação se intensificaram, dando a impressão de que finalmente colocariam tudo ali abaixo.

Quando, a barulheira e as vibrações infernais chegaram ao climax, onde a apoteose se daria com a destruição total, foi que as coisas começaram a se acalmar.

A trepidação cessou de um momento para outro e, segundo o que aparecia nas projeções tridimensionais que o velho oficial via, os canhões da aranha começaram a cuspir fogo contra seus atacantes.

Uma a uma, as espaçonaves da Federação começaram a ser destruídas...

Não foi necessário muito tempo para que a aranha, logo depois de se estabilizar, virasse a mesa naquele jogo mortífero.

Com isso, novamente, outra mudança no campo de batalha, surpreendeu o veterano Almirante, azedando o caldo da vitória que tinha como certa.

Mas o velho oficial não era um torcedor de abandonar o time e continuou rezando para que as coisas melhorassem para a Federação. Entretanto, o placar naquele jogo já estava definido.

Logo após destruir a frota que a atacou implacavelmente, a aranha seguiu a rota traçada em direção à Estação Espacial 703. E ali começou nova carnificina.

Nem mesmo as espaçonaves civis e desarmadas que tentavam fugir foram poupadas pelo ataque brutal que se sucedeu. A aranha cardassiana chegou com tudo.

Diversas naves bem armadas ali estacionadas ainda tentaram uma reação, mas, as armas que usavam eram totalmente ineficazes contra o artefato cardassiano, não causando dano algum a este.

O Almirante ainda queria acreditar que alguma coisa de bom, poderia acontecer naquilo tudo o que assistia. E realmente, algumas tentativas de reação contra o ataque até se sucederam já que a Estação tinha o próprio armamento defensivo que foi posto em ação.

Qualquer outra nave conhecida pelo Almirante, dentro da sua experiência, teria sucumbido diante dos disparos que se sucederam.

As armas da Estação cuspiram fogo com uma ferocidade poucas vezes vista em batalhas pelo veterano oficial.

A aranha cardassiana entretanto, parecia ter se adaptado àqueles ataques também.

E seguia como se aquela reação apenas lhe causasse risos.

Seus próprios canhões vomitaram então, pura violencia e destruição aniquilando e exterminando seus inimigos e tudo mais.

Em pouco tempo a Estação Espacial 703 quedou aniquilada com diversas explosões em pontos diferentes das suas estruturas, que as transformaram em montes de sucata, e seus tripulantes em carnes flutuantes pelo espaço.

Até o último suspiro, ou, como se diria no jargão futebolístico, até a última e decisiva batida de penais depois de todas as prorrogações possíveis, o velho Almirante acreditou que o jogo pudesse ser virado, mas finalmente entendeu que não podia alimentar maiores ilusões.

A aranha cardassiana era definitivamente, muito perigosa mesmo. Uma verdadeira ameaça galáctica que não podia continuar solta por aí. Algo tinha mesmo que ser feito.

Mas o que? Porque, até agora, tudo que Zéca tentava terminava em fracasso.

***

-E se pensa que este é o maior trunfo cardassiano, engana-se...

Era o irritante discurso, que nunca parecia perder fôlego.

-A ira das armas cardasianas só comprova nossa superioridade.

Sol alto, como o de uma gigantesca turbina de avião sendo ligada, encheu o local e tudo começou a vibrar com as projeções ao redor do Almirante perdendo definição.

As estrelas se transformaram em borrões dando a impressão de correrem para trás, na medida que a aranha avançava em altíssima velocidade.

-A tecnologia cardassiana é capaz de criar seus próprios buracos de minhoca, que nos dá transporte, para qualquer parte do Universo.

Assim, a gigantesca aranha, através dos seus próprios meios, criou uma “passagem rápida” entre dois pontos distantes no espaço, assim avançando por alí.

Por meio desta passagem rapida, saltou de um lugar diretamente para outro muito distante, poupando uma viagem de milhões de anos luz, fato corriqueiro este, que não lhe causou surpresa e sim o destino em que chegou: Estava no Sistema Solar, quase na Terra.

***

De imediato veio aquela sensação de frio gelado na barriga.

Agora, tinha MESMO que fazer qualquer coisa!

Mas como? Se estava sem alternativas.

Mas, de-repente, percebeu novamente aquele comando que voltou a dar sinal de vida piscando; o único que havia funcionado quando o acionara. A tecla brilhante do SALTO INTER-DIMENSIONAL que uma vez acionada quando acesa, mais uma vez não falhou.

Sem perda de tempo, apertou-a e novamente, viu-se com os olhos pesando, como se estivesse subitamente tomado por um cansaço incontrolável.

Logo depois, já não estava mais acordado...

***

-Almirante Adama! A situação está insustentável! Dessa vez é o nosso fim. Os cylons inutilizaram nossos armamentos e propulsores. Ninguém na frota tem mais energia!

-E os caças?

-Inoperantes. Com as verbas que a Presidente nos destinou, não tivemos como fazer a manutenção básica para deixá-los armados e operacionais.

“É como eu digo, Almirante. E a Presidente Laura que me perdoe, mas, mulher no comando só dá merda!”

Almirante Adama tira os óculos, aproxima-se do Coronel e o encarou.

-Manere os SEUS comentários sobre a Presidente! Quanto tempo temos, Tigh?

-Não mais que cinco minutos, senhor. Logo as espaçonaves cylons estarão em cima do que restou da frota e, não terão compaixão de qualquer fraqueza que demonstremos."

-Não temos equipamento para fazer reparos emergenciais que nos tirem daqui?

-Precisaríamos de, no mínimo quinze minutos, sem ninguém nos perturbando. Aí sim, acho que conseguiríamos dar o fora...

-Senhores! Temos visitas! Tem alguma coisa grande nos nossos sensores.

-Deve ser mais uma droga de nave cylon. - Resmungou o Coronel. - Acho que agora é mesmo o fim. E nem mesmo podemos dar uns chutes no rabo destes cafajestes...

-Talvez não, Coronel. Os cylons que nos perseguiam, agora estão contra essa coisa.

-Verdade. Estão atacando mesmo.

Almirante Adama colocou novamente os óculos, atento àqueles sinais.

-Coronel, Já viu alguma estrutura móvel deste tamanho?

-Sendo sincero, nunca Almirante.

O que os sensores mostraram a seguir, surpreendeu a todos:

-Veja! Essa coisa está massacrando os cylons que nos atacavam.

-Desse jeito, não ficar nenhum deles.

-Está nos fazendo um favor. As naves da nossa frota mal conseguem manter apertados os próprios parafusos. Não aguentaríamos mais cinco minutos em combate.

-Essa coisa parece não gostar muito dos cylons.

-Ninguém gosta dos cylons. Eles são uns pentelhos de marca maior.

-Coronel! Vamos aproveitar para fazer os reparos. - Ordenou o Almirante.

-Sim senhor!

O Coronel pegou o telefone de fio, discou o número do ramal num disco cheio de furos para os dedos, e por alí, passou a ordem do Almirante para o encarregado.

A partir dessa pausa, vários monitores de imagens bidimensionais da sala de controle mostraram o combate dos cylons que enfrentavam uma gigantesca estrutura, de formas muito similares às de um inseto, em cujas pernas iam presas centenas de naves, tendo cada uma destas, dimensões maiores até, do que as da nau capitânia da frota comandada pelo Almirante Adama.

Aos poucos, os cylons íam sendo dizimados naquela luta.

Cada salva de tiros dos canhões da gigantesca estrutura voadora, esfacelava a frota cylon, trucidando em poucos segundos centenas de naves.

Os minutos se passaram. Todo os oficiais da Frota assistiam àquele combate.

O telefone tocou. O coronel Tigh atendeu.

-Alô... Sim... Muito bem então.

Ele colocou o fone no gancho e informou.

-Podemos partir. Todas as naves da frota estão em condições de sair já!

-Então que morram estes malditos cylons! Antes, eles no inferno do que a gente!

"Não quero que essa coisa em cima de nós também! Vamos sair. É a deixa!"

Em seguida, a frota comandada pelo Almirante Adama escapou dos seus agressores, deixando-os à própria sorte, que na verdade, se mostrou um tremendo azar.

Todas as naves cylons foram aniquiladas até a última arruela.

Nada sobrou para contar a história de tão glamorosa derrota.

Nem mesmo a gigantesca aranha assassina, que, poucos instantes depois, desmaterializou-se, desaparecendo dali, tão misteriosamente quanto havia surgido.

***

"Retorno transdimensional automático bem sucedido."

O Almirante Zéca testemunhou outro massacre.

Desta vez, alguma coisa no seu íntimo lhe disse que, só apanharam os malvados.

Entretanto, o veterano oficial não estava se pautando pela punição aos maus ou, injustos para avaliar a real ameaça representada pela aranha cardasiana que era um perigo para o universo inteiro, tanto para os bons, quanto para os maus.

Enquanto dispusesse de energia, o que quer que estivesse em seu caminho sofreria imediata destruição.

Posicionado como estava, o velho oficial sentia-se na obrigação de fazer alguma coisa que, de qualquer modo prejudicasse tal arma, nem que para isso, tivesse que sacrificar sua vida.

O velho Almirante sabia e eventualmente concordava com as palavras de Napoleão no sentido de que:

***"Uma das grandes virtudes militares é jamais hesitar quando se precisa agir"***

Mas, como evitar a dúvida quando não se sabe o que fazer?

Na prática muita teoria é outra coisa...

Mesmo perdido em pensamentos nada animadores, o veterano oficial não queria mais ficar sentado ouvindo falatório cardassiano enquanto aquela aranha saía matando qualquer um que cruzasse seu caminho.

Tinha que pensar em alguma coisa que pudesse fazer.

Até porque, pelo posicionamento que a aranha cardassiana se encontrava, dentro dos mapas de navegação espacial que eram projetados diante de si, o velho oficial percebeu que o novo alvo em seguida seria a Estação Espacial Nove.

Por sorte ou azar, aqueles saltos transdimensionais afastaram a aranha cardassiana do Sistema Solar, entretanto, se nada fosse feito, a nova bola da vez poderia ser outro importante alvo da Federação.

Pelos cálculos do Almirante, ele ainda dispunha de tempo para fazer algo, mas, o quê?

Foi quando olhou para uma parte daquela sala vislumbrando novamente a garota brilhante que apontou para uma porta que ainda não havia percebido, antes.

Levantou aproximando-se da referida porta, que, automaticamente abriu assim, o veterano transpôs seus umbrais adentrando ambiente apertado e pouco iluminado.

As portas se fecharam atrás de si, e aquele cômodo começou a se movimentar como um veloz elevador parecendo despencar por abismo quase interminável.

Reduziu então a velocidade da queda, até parar completamente sem mais alarde.

As portas se abriram adiante de si, com uma névoa gelada e branca entrando.

Tossindo, o Almirante tratou logo de sair dali, chegando a um corredor mal iluminado que parecia o interior de um cilindro de aço cromado onde a temperatura era bem mais fria.

Ao fim do corredor, havia uma porta de aço.

O velho oficial aproximou-se desta, que se abriu automaticamente dando passagem para um compartimento maior que também se iluminou o suficiente para que enxergasse alguns palmos adiante do nariz.

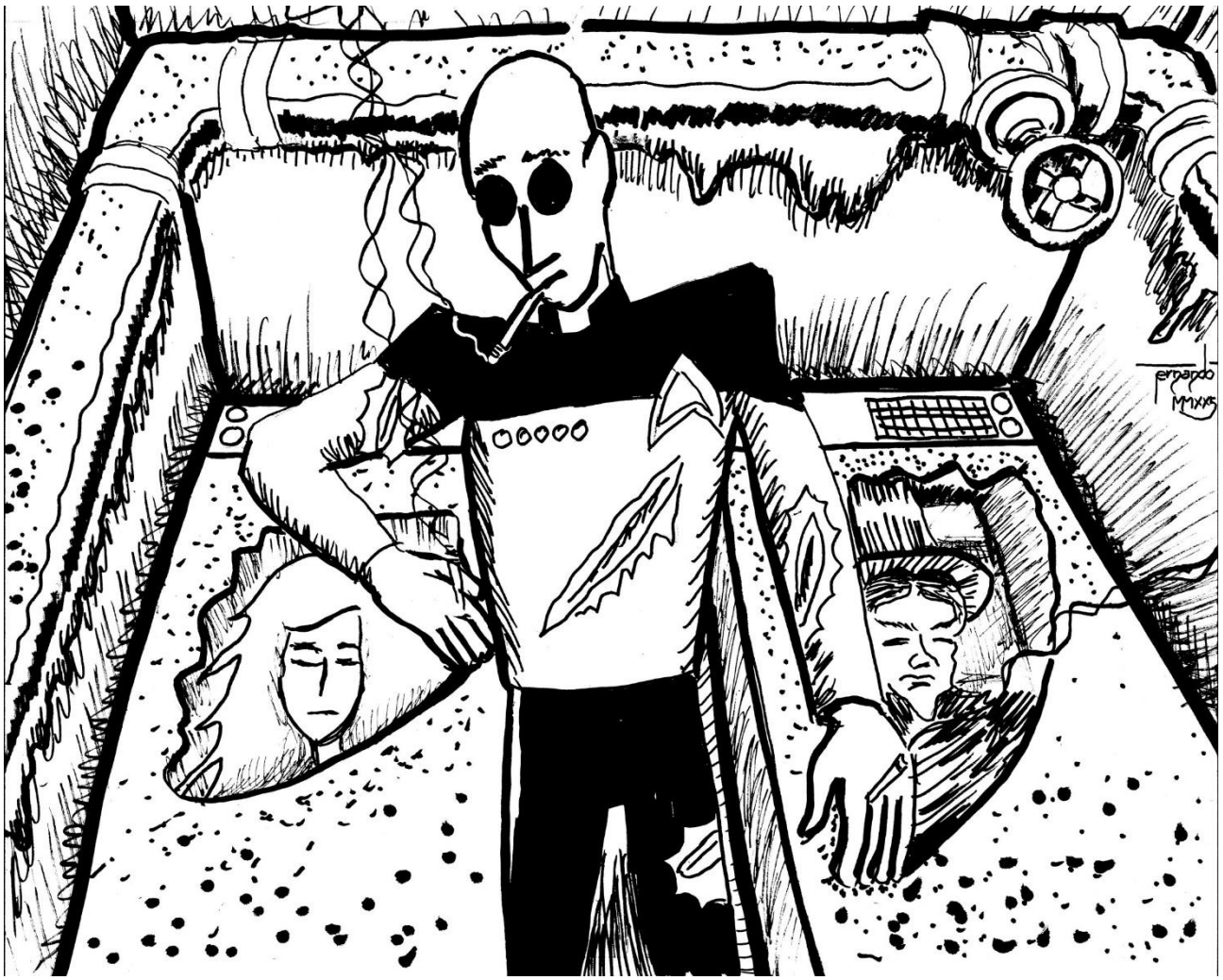
Avançou um pouco ali dentro e viu-se diante de dois caixões de aço ligados a toda espécie de tubos e fios cobertos por uma camada de gelo.

Meteu-se entre os caixões e com uma mão em cada um deles, limpou parte daquelas tampas, que se mostraram transparentes revelando seu conteúdo.

Duas mulheres inconscientes, uma em cada caixão.

***

## DUPLA DINAMICA




As feições de ambas lhe eram familiares.

Olhou mais de perto e imediatamente percebeu que uma delas era exatamente a bruxa que lhe atormentava em sonhos e alucinações, depois que viera parar ali na aranha cardasiana.

A outra também lhe era familiar.

Levou mais alguns instantes, mas, logo adivinhou quem era... A garota!

Era a mesma menina que brilhava pelos corredores daquela coisa lhe apontando os caminhos. Entretanto, dentro do caixão, ela parecia bem mais velha...Ao menos vinte anos!

Ainda que reconhecesse as duas, não tinha bons pressentimentos a respeito da situação em que se encontrava: Coisa boa não podia sair dali.

Seus instintos lhe berravam no cérebro que de qualquer jeito, as duas representavam algum perigo.

Se, mais, ou menos, do que a aranha cardassiana, era impossível de avaliar, porém, o velho Almirante não quis arriscar.

Em respeito até, ao medo que sentia no momento, achou melhor deixar as coisas do jeito que estavam. Tinha certeza que, não seria com aquelas duas, que encontraria uma solução definitiva para seus problemas.

E também sabia que, a aranha cardassiana, por mais destruição que ainda viesse a causar, em algum momento do futuro, seria destruída por alguém mais forte ou poderoso.

Portanto, se a morte era um destino quase certo, não valia a pena despertar as duas, até mesmo, para lhes poupar de mais sofrimento com uma situação tão desagradável.

Mesmo atento ao sair dali, acabou enroscando o pé numa espécie de alavanca que havia no chão, e tropeçou por cima dela.

No que caiu no chão, virou o pé, e movimentou a referida alavanca.

De imediato, alguns mecanismos foram acionados e, as tampas dos caixões soltaram fortes chiados, abrindo-se em seguida.

Para o Almirante Fernando Zéca, que num pulo se pôs de pé, aquilo não parecia nada bom. As duas estavam despertando.

Quanto à bruxa acordando, o simples fato de lhe dirigir um olhar, naquele instante, exigia sangue frio e mente aberta, até porquê, ela era realmente muito feia.

Seus olhos  abriram e se mostraram verdadeiramente assustadores!

Completamente brancos, assim como os dos monstros dos filmes de mortos-vivos.

A mulher por sua vez, não assustava, na verdade, era lindíssima.

Magra, alta, muito sexy, e de longos cabelos.

Sua pele era clara, suave, sedosa, sem imperfeições.

E mesmo se movimentando pouco, tinha muito estilo.

Exalava um ar até que a assemelhava a alguma divindade...

Desperta, ela olhava ao redor como se procurasse entender o que acontecia.

Seus cabelos flutuavam, como se, estivessem sendo delicadamente assoprados.

O veterano oficial, pessimista como sempre, sabia que, pela segurança empregada para guardar aquelas duas, mesmo a mais bonita delas, algum perigo devia representar...

Logo, para surpresa do velho Almirante, as duas saíram flutuando de onde estavam pousaram no piso, ficando de pé, próximas aos caixões.

***

Nem bem tiveram elas tempo de dizer uma palavra e, de um momento para outro, materializou-se, do nada, ali dentro também, um ser de formas humanas, como a dos terrestres, aparentando não mais que cinquenta anos de idade e sentado numa imponente cadeira de madeira.

Usava roupas escuras e disse:

-Finalmente você reapareceu! Estava a sua procura.

-Tomy Schark, o designer cardassiano a enganou. - Explicou a mulher que parecia uma bruxa. - Aproveitou-se do momento em que estávamos em nossas formas humanas, dopou-nos e, deixou nos hibernando aqui.

-Você deveria protegê-la! - Disse o homem. - Falhou com o seu dever!

-Eu sei! Mas também fui vítima das sórdidas maquinações de Tomy Schark.

-Com seus poderes? Foi enganada por um mortal? Ela foi raptada pelo cardassiano quando era criança e veja agora o tempo que passou. O continuum a colocou sob sua guarda e você permitiu que a sequestrassem?

-Ela não é a única culpada, Juiz Q! - Disse a mais jovem. - “Meus pais já haviam me avisado dos perigos de assumir a forma humana. Eu também agi imprudentemente.”

-Mesmo para um de nós, o tempo perdido numa situação assim, não é pouco.

-Eu sei, Excelência, é por isso que vou atrás do Tomy Schark. Quero vingança! Quero fazê-lo sofrer pelo que eu e minha protetora passamos congeladas, hibernando tanto tempo.

-Tomy Schark está morto.

“Este homem, - Disse o Juiz Q, apontando para o velho Almirante Fernando Zéca. - sabe do que estou falando.”

Um brilho diferente passou a irradiar em torno da mulher de beleza esplendorosa.

-Sim. - Disse ela, como se estivesse olhando algo ao seu redor, imperceptível aos olhos humanos. - Agora percebo.

“Não terei minha vingança, mas vejo, que a morte de Tomy Schark teve um toque irônico que me agrada. Para mim basta...”

O Juiz Q coçou o próprio queixo pensativamente e manifestou-se:

-Se você quer vingança contra o morto, há algo que pode ser feito.

-O que seria, Excelência? -Indagou ela não escondendo nas lindas linhas do seu rosto pálido, a sede de vingança.

-Aproxime-se.

A mulher aproximou sua cabeça da do Juiz, e, este lhe cochichou algo nos seus ouvidos.

-Tem razão Excelência. Ainda posso dar um duro golpe nas ambições do finado Tomy Schark, se eu impedir que Cardassia alcançe o domínio universal e interdimensional.

-Então minha missão termina aqui. - Disse o Juiz Q. - Cuide-se menina, para que isso não se repita. Visite seus pais. Eles aguardam por notícias suas a bastante tempo.”

Ele ergueu o punho no ar, estalou os dedos e desapareceu tão misteriosamente quanto havia surgido ali dentro.

A mulher então, dirigiu-se ao Almirante, tocou seu ombro de leve, encarou o velho oficial e o imobilizou com o seu olhar maravilhosamente hipnotizante, dizendo em seguida:

-Você servirá aos meus propósitos mais uma vez! Será meu instrumento de destruição das ambições de domínio cardassiano.

Dizendo isso, os três desapareceram do apertado compartimento, materializando-se, logo em seguida, no centro de controle da aranha cardassiana, de onde o Almirante já testemunhara tantas aniquilações.

A mulher estava segurando um teclado na mão e, deu-o para o Almirante.

-Digite uma senha que você irá usar aqui. - Disse ela.

Sem pestanejar, o velho oficial obedeceu a ordem que lhe fora dada.

-Muito bem, Almirante! Você sofreu, mas superou os obstáculos do caminho que eu

te apontei pra chegar a mim. Serei generosa e lhe mostrarei minha gratidão. Até porquê você é alguém que merece confiança e saberá o que fazer com meu presente."

"Aproveite o momento. Se não fosse pela sugestão do Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz "Q", a estas horas, eu estaria fazendo como os meus semelhantes, partindo e deixando-o largado à própria sorte. Hoje, vou exercitar a bondade em mim, para celebrar."

-Mas se você é tão poderosa, como os cardassianos, que são quase todos uns paus mandados idiotas e pentelhos, conseguiram prender e aprisionar vocês duas daquele jeito?

-O Tomy era um cara esperto e usou malandragem para nos enganar. Não vou te contar para que outros espertalhões não tentem o mesmo golpe...

-Ei! Mas eu não sou tão fofoqueiro assim... - Reclamou o Almirante.

-Mas fala enquanto dorme. - Disse ela.

-Ei. Mas como é que você sabe isso? Nem minhas namoradas sabem disso.

A mulher soltou uma estrondosa gargalhada, mesmo assim, deliciosa aos ouvidos humanos masculinos.

Entretanto, talvez o que ela disse a seguir, não fosse algo lá muito reconfortante de tomar ciência.

-Eu sou Q, ou, uma Q, como preferir. Eu e minha protetora, fomos capturadas por Tomy Schark, pois, ele esperava assim, obter algum ganho ou vantagem, tentando conseguir controle sobre mim."

"Até conseguiu parasitar os meus poderes e os da minha protetora para energizar esta aranha. Mesmo assim, quando tive a oportunidade, consegui projetar uma imagem mental minha, de como eu era antes de ser capturada, e que te conduziu em meu socorro."

"Esse lugar está quase morto a bastante tempo. As poucas formas de vida aqui existentes não seriam capazes de ajudar, mas, depois que você apareceu, veio a oportunidade."

-Você diz que o lugar aqui está completamente morto, mas... E esse desgraçado que não para de discursar a maldita superioridade cardassiana sobre o resto do universo?

-Ordene que se cale. É apenas uma gravação preparada para algum tipo de motim.

"Agora, quem manda nessa aranha é você. Você e sua senha controlam tudo aqui."

"Esta é minha vingança contra aquele maldito Tomy Schark e os cardassianos. Espero que você e a Federação façam bom proveito do seu novo brinquedinho."

"Sabendo usá-lo vocês mudarão o equilíbrio das forças deste joguinho cósmico que gostam tanto de brincar, e isto, para mim basta!"

Ela deu um sorriso maroto para o Almirante, olhou para sua protetora dizendo:

-Vamos!

Estalou os dedos das mãos, e, em seguida as duas desapareceram.

No mesmo instante, as projeções tridimensionais indicaram que a aranha cardassiana estacionou, encerrando aquela corrida amalucada pelo espaço.

E a sua parada se deu em lugar inesperado: diante da Estação Espacial Nove.

***

Naquele instante ninguém disparou tiro algum.

Afora este sossego, ainda outro: obedecendo a uma ordem dada, o discurso cardassiano de auto exaltação da própria superioridade cessou.

O silêncio daquela voz irritante falando ininterruptamente gerou um vazio sonoro que descansou os nervos do veterano permitindo sua mente, lentamente se recuperar do castigo.

Tão excelente recuperação também era devido ao suave, breve e doce toque curador daquela linda Q.

Com a cabeça pensando mais livremente, e à toda velocidade, em poucos segundos, teceu longas elucubrações mentais, que o levaram a concluir que, deveria planejar melhor

os próximos passos.

Num dos teclados luminosos flutuantes ao seu lado, digitou uma mensagem criptografada, que despachou logo em seguida.

Instantes depois, a colossal aranha cardassiana desapareceu.

***

-Almirante! Acho que esta mensagem é para o senhor.

-Como assim, acho?

-Veja só.

A mensagem num papel dobrado foi entregue ao Almirante, que rompeu o lacre que selava, abriu-a e leu.

-Chegou a poucos instantes na sua antiga caixa de mensagens, senhor.

-A que eu usava quando era Capitão.

-É autêntica, senhor?

O Almirante ficou pálido com aquela pergunta.

Leu novamente a mensagem.

Sua testa até mesmo parecia transpirar

-Boa pergunta, meu jovem. Boa pergunta.

***

Se fosse verdadeira, aquela mensagem causaria um rebuliço danado.

O Almirante leu-a mais uma vez.

Para ele, diversos eram os indícios que atestavam a sua veracidade, entretanto, outros Almirantes como ele, diante da mesma mensagem, poderiam entender que se tratava de isca para uma armadilha. Uma isca boa demais.

Uma isca que prometia recompensas tão altas, que poderiam mudar o cenário do grande jogo cósmico de poder, em que a Frota Estelar e, a Federação dos Planetas Unidos, a anos se viam envolvidas.

O Almirante leu-a mais uma vez. Sua mente estava cheia de dúvidas. Justamente ele, que se julgava um homem prático.

Mas acreditar naquela mensagem, exigia uma fé que transpunha os limites da racionalidade. Se ia dar crédito àquelas palavras, tinha que ter fé.

Sentado em sua mesa, ele digitou alguns comandos no tampo desta e, à sua frente foi projetada uma relação com as diversas naves que estavam sob seu comando, assim como, o status delas.

Ele colocou o dedo sob a linha onde estava indicada uma delas e chamou-a:

-Atenção U. S. S. Enterprise F1. Aqui é o Almirante Jorge. Por favor responda.

Uma imagem tridimensional foi projetada adiante do oficial.

Era do rosto do Capitão daquela nave.

-Ás ordens, Almirante. Vejo que o senhor está utilizando os canais de comunicações sigilosas. Em que posso ser-lhe útil?

-Prepare a nave para sair em missão secreta dentro de duas horas, que é o tempo que eu levo para chegar aí. Quando estivermos juntos darei mais detalhes.

-Sim senhor.

O Almirante decidiu ter fé.

***

Chegar até a Nebulosa da Estrela Azul era completar uma viagem que só os veteranos conseguiam.

Mesmo os mais modernos instrumentos de navegação espacial, quase sempre se perdiam quando tinham que traçar uma rota até ela.

Existia até a lenda que só conseguia voltar a esta nebulosa, quem já tivesse chegado lá uma vez, fosse sortudo, exímio navegador e até, meio adivinhador.

Aquele, era exatamente o caso do Almirante Jorge que, ia pessoalmente no assento do navegador, pilotando uma entre as diversas naves que já tivera a honra de comandar.

Desde a sua descoberta, a Nebulosa da Estrela Azul, demonstrou ser um fenômeno astronômico bastante singular, pois parecia ter vida própria.

Às vezes, ela desaparecia completamente, e, em outras ocasiões, se destacava no firmamento celestial, roubando a beleza e sobressaindo-se dentre tudo mais ao seu redor.

Muitas lendas existem a seu respeito, algumas delas, a considerando como prenúncio de catástrofes, tragédias e até mesmo arauto da morte.

A verdade é que esta grande nebulosa continha uma estrela azul em seu interior.

E se tinha uma estrela inteira em seu interior, era grande o suficiente para caber muito mais segredos.

Entre um dos que dificultava a sua localização, era o desconhecimento geral, do fato que, lenta e inexoravelmente, a Nebulosa da Estrela Azul mudava seu posicionamento espacial.

Para piorar, ela na verdade, era multicolorida e, mesmo que vagarosa e imperceptivelmente, estava sempre alterando suas características externas.

O Almirante Jorge sabia destes e ainda de outros truques, que quando Tenente, aprendera com o Almirante Fernando Zéca Corinthiano, para encontrar a misteriosa nebulosa. Como sempre, tais ensinamentos se mostraram certeiros e à prova de dúvidas.

Novamente, conseguira voltar aonde queria. Agora tudo se tornava mais fácil.

Pelos instrumentos, a Estrela Azul poderia ser localizada, e então, a missão entraria numa nova etapa.

O Almirante Jorge tinha que reunir os oficiais da U.S.S. Enterprise F1 para lhes informar maiores detalhes do que se seguiria.

***

A janela lateralmente disposta à mesa retangular da sala de reuniões da U.S.S. Enterprise F1 mostrava um pouco do ambiente exterior da espaçonave.

Naquele momento, ela estava estacionada de fronte à lua em cuja superfície, um vulcão soprava, como gigantesca chaminé, nuvens grossas de fumaça branca que se expandiam pelo espaço sideral formando um espetáculo visual fantástico.

Num plano mais afastado, o campo de visão ainda permitia enxergar o planeta em cuja órbita estava preso aquele satélite natural: um mundo como Saturno, envolto por anéis de várias cores.

A contemplação das maravilhas cósmicas terminou assim que Jorge entrou na sala.

Os oficiais saudaram o Almirante, em seguida, todos sentaram-se ao redor da mesa.

-O senhor nos deixou curioso, Almirante. - Disse o Capitão da espaçonave. - Certamente não nos trouxe aqui para dar merecidas férias à tripulação num lugar bonito e tranquilo.

-Bem que eu queria. - Disse o Almirante. - Infelizmente a verba da Federação já não é a mesma de outros tempos e agora, cada uma paga o seu turismo do jeito que der.

Ninguém conseguiu segurar as risadas. O Almirante continuou a explicação:

-A escolha da U.S.S. Enterprise F1 para esta missão não se deu ao acaso.

“Foi, por estar disponível no momento, e ainda, pelo fato de que eu mesmo já tive o privilégio de servir ao lado de muitos aqui desta nave.”

“Senhoras e senhores: estamos indo para uma missão secreta, que pode render bons frutos, ou melhor, que terá de ser proveitosa à Federação, até para que, as insígnias

de Almirante do meu uniforme, continuem valendo para alguma coisa.”

-Caramba senhor! - Surpreendeu-se o Capitão. - Pelo jeito a coisa é séria mesmo.

-Muito mais do que você pensa, jovem. A Frota não está sabendo que saímos para esse passeio.

O capitão arregalou os olhos:

-Senhor!

Silencio geral na sala.

-Se eu levasse essa missão para o Alto Comando da Frota Estelar, não estaríamos aqui agora, nem ninguém nunca viria para cá... - Disse o Almirante.

Mais silencio geral ainda na sala.

-Essa missão foi decidida com base numa mensagem que chegou a algumas horas na caixa que eu usava quando era Capitão.

“O remetente dela, é o Almirante Fernando Zéca Corinthiano.”

-A algumas horas, senhor? - Indagou um Tenente. - Mas o Almirante Fernando Zéca Corinthiano está desaparecido a um tempão.

-Exatamente, jovem. - Concordou o Almirante. - Vejo que tem boa memória.

-O estudo da operação que ele realizou em Cardássia Prime para liquidar um dos mais poderosos super-chefões do crime na história da Federação, virou obrigatório na Academia da Frota Estelar.

-Ainda estes dias, no History Chanel, passou um documentário sobre esta operação secreta. - Lembrou o Capitão

-É verdade que aquela tal seção de espionagem estava envolvida, Almirante? - Indagou um dos Tenentes.

-É aí que começam as perguntas que poucos sabem responder, mas a Federação não os deixa falar. - Disse o Almirante com um sorriso.

-Mas o Almirante Fernando Zéca não está desaparecido?

-Acho que até foi dado como morto.

-Chegaram a colocar placa num túmulo vazio no Cemitério dos Heróis Tombados Pela Federação com o nome dele.

-Parece que os senhores estão pegando o espírito da coisa. - Disse o Almirante.

-Senhor! Algo me ocorreu...

-Diga lá Tenente. Aproveite que o assunto permite uma certa abertura democrática.

-O tal super-chefão do crime que foi morto na missão, em que o Almirante Fernando Zéca sumiu, era Tomy Schark, um designer que estava envolvido na criação de todo tipo de armas secretas.

“No programa que o Capitão mencionou, e eu também assisti, era mencionada uma lendária plataforma secreta cardassiana, bem armada, quase indestrutível, onde podiam ir atracadas, milhares de naves robotizadas.”

“Projeto ultra-secreto pago para Tomy Schark criar e desenvolver.”

“Parece até, que o governo cardassiano entrou em várias guerras só para patrocinar essa arma, que no fim das contas, desapareceu e ninguém sabe onde foi parar.”

-Negócios são negócios. - Disse o Almirante. - Essa do Tomy Schark, eu também já ouvi falar a respeito, mas, pelo que sei, o governo cardassiano ficou lhe devendo uma grana preta e ele não fez a entrega.

-Onde será que essa arma foi parar? - Indagou o Capitão. - Enquanto olhava pensativo para a janela.

-Na mensagem criptografada que recebi, o Almirante Fernando Zéca Corinthiano diz que ela agora está em seu poder, sob seu comando, e que quer passar a batata quente para as mãos da Federação.

***

-Senhor! Lembrei de algo que talvez seja importante.

-Diga lá, Tenente. O senhor pensa bastante. Com tantas ideias, no meu tempo, eu mesmo seria até promovido mais rapidamente. Agora... Como as coisas são diferentes..."

-Me lembrei que, o planeta onde era feito o programa da Mama Ofra, foi destruído por um OVNI, que depois enfrentou klingons e romulanos numa batalha sangrenta.

-E ainda conseguiu escapar...

-Será que é essa coisa que destruiu uma de nossas Estações Espaciais também? Será que é a bordo desse OVNI que se encontra o Almirante Fernando Zéca?

-É o que estamos aqui para descobrir, meus caros. - Esclareceu o Almirante Jorge.

-Mas esse negócio declarou guerra contra todo o universo. Se os romulanos e klingons descobrirem que está por aqui, virão correndo para fazê-la em pedacinhos.

-O Almirante Fernando Zéca comandava esta coisa no momento em que ela atacou tantos alvos? Se a resposta for positiva, por que ele teria feito isso?

-Atacar o planeta da Mama Ofra enfureceu metade da galáxia, senhor.

"Agora, a arma cardassiana é uma batata quente mesmo."

-Na mensagem que me enviou, o Almirante Zéca deu a entender que só conseguiu o comando da situação recentemente. Talvez seja por isso, que essa coisa tenha parado com a matança que estava promovendo por onde passava."

"Acredito que a situação seja positiva para nós, até mesmo porque, a mensagem foi expedida quando esta arma cardassiana apareceu por menos de um minuto de fronte a Estação Espacial Nove, não disparou um único tiro e sumiu."

-Concordo com o Almirante. - Disse um dos Tenentes. - Se essa arma estivesse seguindo o mesmo comportamento de antes, teria logo destruído a Estação Espacial Nove, assim como já fez com a 703 e a esquadra de naves enviada para combatê-la.

-Pode parecer meio ingênuo. - Ponderou outro dos Tenentes presentes à reunião. - Mas, eu também acho que vale a pena seguir o mesmo raciocínio do Almirante.

"Muita gente já morreu lutando contra esta coisa, inclusive dos nossos, e agora, sabe-se lá por qual razão, se temos alguém lá dentro querendo passar o comando desse gatilho para Federação, devemos aproveitar a oportunidade. É bom demais para ser realidade? É sim. Mas, também pode ser aquela carta abençoada no baralho, que a tanto tempo esperávamos, para a nossa mão ser vencedora."

-Ou uma armadilha. - Disse o Capitão.

Todos ficaram em silencio.

O Almirante prosseguiu.

-O Capitão levantou um ponto muito bom. E é por isso que eu resolvi vir aqui secretamente e só com pessoal de confiança.

"Se for verdade que o Almirante Fernando Zéca está vivo e que, controla de forma pacífica, a tal plataforma desenhada e construída pelo Tomy Schark, então, podemos estar diante de um tesouro tecnológico, que pode mudar o jogo em favor da Federação."

"Neste caso, não seremos expulsos por desobediência e talvez até, ganhemos um tapinha nas costas como recompensa. Se for uma armadilha, então vamos rezar para sairmos vivos desta."

Todos continuaram em silêncio...

Exceto o Almirante Jorge:

-É uma empreitada arriscada! Mas acho que vale a pena.

"Entretanto, não posso obrigar ninguém a ir comigo. E caso vocês não queiram me acompanhar, vou entender. E se este for o caso, peço que me emprestem uma das naves auxiliares que seguirei adiante sozinho."

-Acho que pode ser uma armadilha. - Disse o Capitão. - Mesmo assim, entendo que é uma cartada que não podemos arriscar perder.

"Se tudo der certo, essa missão secreta ficará na história como um marco importante. Então, de minha parte, eu acompanho o senhor, Almirante."

-É isso aí Capitão.

-Mandou bem.

-Falou por todos!

-Obrigado, senhores. - Agradeceu o Almirante Jorge. - Então, acho que é hora de tentarmos estabelecer contato com o Almirante Zéca.

***

-Utilizar canais reservados de comunicação, freqüência alfa sete três cinco.

-Canais reservados de comunicação, freqüência alfa sete três cinco, senhor.

-Chamando Almirante Fernando Zéca Corinthiano, por favor, responda.

….....KRRACKKKK.....

PIIIIP!!!!

-Almirante Fernando Zéca Corinthiano respondendo.

A imagem do velho oficial apareceu no telão da sala de reuniões. Clara e cristalina.

O alvoroço era geral! Quase que como um gol em jogo de futebol.

Era ele mesmo!

-Como vai, Almirante Fernando Zéca? Sou eu. O Jorge. Me reconhece?

O Almirante Zéca olhou na direção da câmera. Como que se tentasse enxergar melhor alguma coisa.

-Jorge Gavião?!? Claro meu rapaz! Mas, você parece mais velho! Está cabeludo e até com um cavanhaque branco... E essa roupa... Parece uniforme de Almirante... Vai a uma festa de fantasia ou eu perdi alguma coisa?

O Almirante Jorge deu um largo sorriso.

Não dava para esconder as coisas dos olhos atentos do veterano.

-O senhor ficou longe por algum tempo, Almirante Zéca. Perdeu algumas coisas.

-Quanto tempo?

-Já se passaram mais de vinte anos terrestres desde que o senhor foi visto pela última vez, desde a sua missão em Cardassia Prime.

***

-Caramba! Mal posso crer!

-É verdade, Almirante. Nesse tempo, eu continuei trabalhando na Federação e até ganhei uma ou duas promoçõezinhas.

O Almirante Fernando Zéca olhou melhor a imagem que recebia do seu lado.

-Caramba, Almirante Jorge! É verdade! Meus parabéns! Você está até, mais graduado que eu. Sou eu que tenho de lhe prestar continência agora."

Os dois caíram na gargalhada.

-E já que está no Alto Comando agora, posso lhe pedir um aumento?

-Ei! Esse assunto não é comigo! - Retrucou o Almirante Jorge.

-Tudo bem então; e como vai o nosso Corinthians nesse tempo todo que estive fora?

A expressão facial do Almirante Jorge se fechou e ficou mais séria.

Ao seu lado, dois jovens tenentes abriram um sorriso de escárnio, e não puderam reprimir uma risadinha irônica.

O Almirante Zéca percebeu a atitude dos dois e indagou o Almirante Jorge:

-Que que esses caras tão rindo, Jorge?

-Vocês dois, Tenentes, fechem a boca, por favor! - Rugiu o Almirante Jorge visivelmente transtornado com os jovens e jocosos oficiais, que, diante da bronca, endireitaram até a postura e não falaram mais nada.

-As coisas então continuam difíceis?

-Nem me diga... O senhor também parece que andou ocupado...

-Verdade. Estou te enviando por esta frequência os dados com a minha localização exata. Achei prudente me esconder por aqui depois do que essa coisa andou aprontando..."

-Esta coisa a que o senhor se refere, é a plataforma projetada secretamente por Tomy Schark?

-Exato.

-Foi ela que atacou o planeta da Mama e a Estação Espacial 703?

-Lastimo em dizer que sim... Essa aranha gigante estava ligado numa espécie de controle automático de DESTRUIÇÃO TOTAL DOS OUTROS, e só recentemente foi desativado.

-E o senhor agora a mantém tudo sob seu controle?

-Agora, sim. Antes, quando essa máquina assassina efetuou todos os ataques, não."

-E como o senhor foi parar aí, Almirante?

-Eu estava programando um pelotão de robôs de guerra que encontrei num dos laboratórios de Tomy Schark. De-repente, tudo começou a explodir.

"As passagens de volta ao meu redor foram todas bloqueadas devido a desabamentos e, no local onde eu estava, além dos robôs, havia funcionado o que me pareceu ser uma espécie destes portais de teletransporte."

"Me joguei através dele, e acordei aqui com um pelotão de robôs de guerra cardassianos da pior qualidade."

-Pior qualidade, senhor? - Indagou o Capitão surpreso. - Os robôs cardassianos sempre foram tidos como os melhores para as guerras...

-Pois aqui mais pareciam um bando de poetas e filósofos! - Resmungou o Almirante Fernando Zéca sem esconder alguma frustração. - Acho que o hardware deles foi afetado com a passagem pelo portal.

-Pode ter sido isso mesmo. - Esclareceu um dos Tenentes Engenheiros, presentes à reunião. - Antigos portais de teletransporte costumavam dar problemas em situações como essa pela qual o senhor passou.

-Explique melhor, Tenente.

-Em situações de retiradas estratégicas durante batalhas, onde explosões podiam estar acontecendo ao redor dos referidos portais, não era raro que, após algum disparo eventualmente atingi-los, estes causassem problemas no teletransporte de equipamentos eletrônicos e até armas, eventualmente alterando as programações existentes nos seus

softwares.

“O caso do Almirante Fernando Zéca deve ter afetado até mesmo o tempo que o portal levou para transmitir e entregá-lo juntamente com os robôs no seu destino.”

“Por isso, que para este tipo de situação, hoje em dia, utilizamos os STARGATES, que, mesmo sendo mais antigos, detém melhor e mais confiável tecnologia.”

-Tem mais gente aí com o senhor, Almirante Zéca?

-Todos aqui estão mortos, exceto eu mesmo. Depois que tomei o controle disso aqui, andei pesquisando porquê as coisas chegaram no estado em que se encontram e descobri que antes mesmo da minha chegada, houve uma rebelião de escravos cardassianos.”

“Eles se revoltaram depois que os portais de teletransporte pararam de operar e mataram todos aqui, porém, este motim não teve longa duração. Foi mortalmente reprimido por medidas automáticas de segurança, que destruíram quase tudo por aqui.”

-Quase tudo senhor?

-Bom. Sobraram apenas eu e mais algumas tantas criaturas estranhas, que os sistemas de segurança não foram capazes de matar... Mas agora, podem ficar tranquilos, tudo está sob meu controle.”

-Almirante Fernando Zéca. Já temos sua localização e, em cerca de quarenta minutos terrestres chegaremos até aí.

-Muito bem então. Estou aguardando.

***

A U.S.S. Enterprise-F1 atracou a uma das gigantescas pernas da Aranha Cardasiana, ao lado de naves robotizadas que ali haviam.

Enquanto aguardava a chegada do pessoal da espaçonave, a cabeça do velho Almirante se enchia de indagações.

-Como estaria sua família? O que explicaria para sua esposa quando a reencontrasse? E seu filho? Como ele estaria agora? E sua filha?

Imerso nestas e em outras indagações, foi surpreendido quando, do nada, surgiram quatro figuras ao seu lado.

Eram pessoas que estavam sendo teletransportadas para onde estava.

Assim que o processo de teletransporte terminou, logo reconheceu uma delas.

O seu velho amigo, o Almirante Jorge Gavião. Os dois se cumprimentaram.

-Que bom revê-lo, Almirante!

-Digo o mesmo, Almirante!

O Almirante Zéca ainda cumprimentou os outros tripulantes da Enterprise que haviam chegado juntamente com o Almirante Jorge.

Uma delas, uma médica muito bonita, que já logo foi lhe informando;

-Almirante Fernando, nossos sensores indicam que o senhor está bem de saúde, porém, foi contaminado com o vírus de um leve resfriado cardassiano.

Em seguida, ela sacou um aplicador de injeções e pediu:

-Posso lhe aplicar a medicação para acelerar a cura?

-Perfeitamente,

Feita a aplicação da medicação, o Almirante Jorge ainda indagou:

-É seguro para a minha equipe fazer explorações por aqui?

-Agora é. Podem ficar à vontade. Tragam antes uma equipe de faxina que isto aqui não está só sujo; está imundo.

O Almirante Jorge deu um sorriso e ordenou em seguida.

-Espalhem-se e explorem tudo por aqui. Olhem e aprendam tudo o que puderem a respeito desse lugar e da tecnologia utilizada para construí-lo.

A tripulação se espalhou deixando os dois oficiais sozinhos.

O Almirante Jorge tirou da bolsa que carregava, uma garrafa e dois copos.

-É Cachaça de Alambique. Brasileira! Não tem melhor!

Serviu-os e deu um deles ao Almirante Fernando Zéca.

Depois disso, ainda sacou de um dos bolsos da sua jaqueta dois charutos que logo foram acesos.

-Saúde!

-Saúde! Vida Longa e Próspera.

-Que a Força esteja sempre conosco!

-E salve o Corinthians!

-Salve o Corinthians!

Os dois brindaram e tragaram vorazmente seus charutos.

-Quanto tempo...

-É mesmo, meu velho.

-Agora, as más notícias, Almirante Zéca.

-Hmmmm.

-O resfriado cardasiano que o senhor pegou vai te obrigar a ficar aqui quarenta e cinco dias terrestres antes de embarcar na U.S.S. ENTERPRISE-F1. Nada além disso.

-Caramba! Mais alguma notícia ruim?

-Entrei em contato com o Alto Comando da Frota Estelar e os informei da nossa situação.

-E?

-Todos acharam ótimas as notícias. Essa arma que o senhor nos entregou vai mudar o posicionamento da Frota Estelar no grande jogo de poder galático.

“Romulanos, klingons e ferengis querem matar os cardassianos porquê farejaram que a arma que destruiu o planeta da Mama é de fabricação destes.”

“Enquanto isso, ficaremos secretamente com ela em nosso poder, estudando-a e aprendendo como reproduzi-la. Vai vir aqui logo uma turma do E.Y.E. para já começar a pesquisa.”

“E o Alto Comando da Frota Estelar determinou que fiquemos por aqui, escondidos na nebulosa, concentrados nestes estudos, até termos condições de fazer uma arma destas pelos nossos próprios meios.”

-Isso quer dizer que não poderei voltar para minha família tão logo se encerrem os quarenta e cinco dias?

-No momento, ficaremos por aqui, Almirante Zéca. E precisamos que o senhor permaneça conosco, para nos ajudar, a desvendar mais facilmente, os segredos desta arma cardassiana.

“Assim que a missão terminar, providenciaremos um meio seguro e que não cause grande alvoroço, para o senhor voltar com tranquilidade para toda a sua família, até porquê, o senhor não sabe, mas é uma celebridade histórica.”

-Isso não é mau. - Rapidamente conformou-se o velho Almirante, em voz alta. -

“Pelo menos terei tempo de bolar umas quarenta desculpas decentes para justificar meu sumiço prolongado.”

“Agora me diga Jorge, depois de todo esse tempo; como anda o nosso Corinthians? Que títulos ganhamos?”

-Bom, Almirante Zéca. O senhor, sabe como é a nossa vida de Torcedor Corinthiano: um sofrimento atrás do outro, né... Bom...Então...Veja bem...

*******

*****

***

*

*Certamente o meu querido Amigo Serjão, após a leitura da última linha desta aventura, sentir-se-á compelido a fazer suas críticas e comentários, a respeito de mais esta magistral obra literária de minha autoria.*

*Grande Amigo que é, sei que enfrentou bravamente e com vontade férrea, cada linha e parágrafo aqui escrito, até porquê assim, ele julga estar pagando por seus pecados cometidos em vida.*

*Tarefa árdua esta, concordo, que depois ele compensa, ao fim de tanto sofrimento, digo, leitura, tecendo seus comentários e críticas para ajudar o amigo aqui a escrever melhor.*

*E como amigo que é amigo, nunca recusa pedido de amigo, peço para o meu Amigo Serjão que leita tudo novamente para sofrer mais uma vez..., OPS! - Digo, para sentir o mesmo prazer que teve na primeira leitura para depois DOBRAR o número de COMENTÁRIOS ELOGIOSOS ao meu trabalho.*

***

# PANELA VELHA TAMBÉM FAZ COMIDA BOA

**2465 D.C.**

Após um dia cansativo de trabalho, o Almirante Fernando Zéca Corinthiano finalmente saiu de trás do computador na mesa, e foi para a a área reservada do seu gabinete: uma saleta com banheiro, sofá, estante lotada de livros, gibis, prateleiras com diversos aparelhos eletrônicos e antigos discos vinil de rock'n roll.

Ali, Fernando Zéca iria afundar sua cabeça na almofada colada ao braço do sofá e dormir o sono dos justos.

Antes que o fizesse, um flash rápido, vindo da estante, iluminou o ambiente por, não mais que dois segundos.

Curioso com a estranha ocorrência, o velho Almirante foi ver o que estava acontecendo. Nada viu de anormal.

O clarão não veio das luzes daquele cômodo, pois, este era de uma cor diferente do que a emanada pelas lâmpadas ali instaladas, mais fracas, e amareladas.

Era: branco e, quase ofuscante!

O veterano olhou por todos os cantos do recinto, mas, tudo aparentava estar normal.

Bocejando, decidiu deitar novamente, mesmo com a pulga da dúvida, coçando atrás da orelha.

Foi então que viu o aparelho de rádio sobre aa sua prancheta.

Não lembrava de tê-lo colocado ali.

Era um velho modelo do século XX.

A história que sabia a seu respeito, era que, seus ancestrais, desde antes dos seus tataravôs, já o utilizavam no seu cotidiano, principalmente, para acompanhar os resultados dos jogos de futebol.

A muito tempo, Fernando Zéca não via aquele aparelho, que tinha, tamanho equivalente ao de duas caixas de sapato empilhadas uma sobre a outra.

Nem sabia, que ele se encontrava entre suas tralhas e quinquilharias.

Era uma surpresa reencontrá-lo. Foi até a prancheta, conectou-o à tomada de força que havia por ali e tentou acioná-lo.

O aparelho chiou e estalou, manifestando vida. Não estava na sua melhor forma.

O Almirante então, o desconectou da energia, abriu-o sobre a prancheta, e, fez em seguida, uma limpeza na placa, nos comandos, e tudo mais.

Gastou uma hora e meia trabalhando nele. Durante este tempo, ficou imaginando todos os eventos históricos, esportivos, artísticos, que através daquele aparelho, foram testemunhados... Conquistas de copas do mundo, campeonatos estaduais, nacionais e mundiais de clubes. Corridas de todo tipo...

As histórias que seus familiares lhe contaram sobre esta relíquia eram inesquecíveis.

Ficava imaginando, o valor do aparelho. Dificil avaliar em tempos de instabilidade econômica e política quando Federação não atravessava os seus melhores dias.

O seu sistema econômico praticamente quebrou frente às demandas dos novos tempos.

Nem todos os mundos podiam manter por muito tempo, um sistema economico-político tão democrático quanto o dos planetas federados.

Na grande maioria dos casos, assim que as finanças apertavam, as administrações destes governos, faziam logo os primeiros cortes de orçamento, que atingiam diretamente tudo o que se referisse à educação.

Com menor informação e despreparo geral, o campo se abria para os políticos demagogos, para os mal-intencionados, e ainda para as marionetes das forças ocultas prejudiciais ao povo.

A semente da destruição germinava quando os governos não democráticos e

tirânicos, em decorrência desta conjuntura, floresciam e ganhavam amplo poder gerando o caos.

As consequências poderiam ser guerras em todos os níveis, o que, ocasionava constante fluxos migracional de refugiados, fato que, consequentemente, sobrecarregava as estruturas de outros planetas, federados ou não, que viessem a abrigá-los.

Tal situação, que a Federação deixava sem ser remediada, forçou a volta do sistema político-econômico menos “woke” e mais capitalista, onde, conservar riquezas passava a ser novamente priorizada, em detrimento da igualdade e desenvolvimento social.

Deste modo, avaliar um aparelho como o rádio que Fernando Zéca tinha nas mãos, não era fácil. Qual sistema econômico determinaria o seu preço? O capitalista??

Enquanto pensava sobre isso, o velho Almirante ligou o rádio à tomada, e o som então, saiu cristalino, e, para sua surpresa: estereofônico:

-Boa noite! Você está na Rádio “Q”, com João do Lance ouvindo rock.

“Fique agora com o clássico Smoke on the Water da banda de rock, Deep Purple.”

O Almirante Fernando Zéca Corinthiano, ficou surpreso, não só com a qualidade sonora do aparelho, mas, também com aquele rock que, era uma de suas músicas prediletas.

Tanto que, para melhor saborear o momento, acendeu um de seus famigerados cigarros do mercado negro.

***

Curtindo a sonzeira, o velho Almirante Fernando Zéca Corinthiano, enxergava através da fumaça do cigarro, fragmentos do seu passado.

Suas divagações não duraram muito tempo, logo a música terminou e o locutor

voltou a falar...

-Você vai curtir agora um RUSH - Red Sector “A”.

“Enquanto rola essa sonzera, lá da estação Deep Space Nine, estão saindo trinta e cinco naves em direção a Ration. Ration, para quem não sabe, é o Mundo de Atlas, aquele colossal pedaço flutuante de terra plana, dentro da nebulosa Azul Celeste, onde vivem, 50 bilhões de habitantes, governados já a algumas décadas, pela Imperatriz Kristal.”

“Essas naves, que estão indo para lá, seguem sob o comando do Comodoro Menix, que afirma estar levando provisões e medicamentos para ajudar na grande crise econômica que ali se abateu...”

“Aqui é João do Lance na Rádio “Q”. Se você acredita ou não nessa história, continue comigo ouvindo o melhor do rock progressivo.”

A música começou a tocar, com qualidade de som impressionante para aquele aparelho, enquanto dúvidas remoíam a mente do veterano Almirante. Algo estava errado.

A poucas semanas atrás, o velho oficial lera nos relatórios da Frota, que a situação em Ration estava estabilizada politica e financeiramente.

O Mundo de Atlas se transformara num valioso aliado da Federação dos Planetas Unidos, tanto comercial, como estrategicamente.

Sob o comando da Imperatriz Kristal, Ration desenvolveu um parque industrial e turístico tão poderoso, que tornou o Mundo de Atlas, uma referência importante no setor espacial onde se localizava quase rivalizando-se em poder econômico com toda a Federação.

Seria possível que alguma calamidade tivesse ocorrido por ali sem que soubesse?

O velho Almirante suspeitava da notícia... Seria outra fake news?

O veterano acreditava que não havia calamidade alguma!

Principalmente, se a Imperatriz Kristal ainda estivesse governando.

Como trabalhara por muito tempo no Serviço Secreto da Federação, tendo ali, atingido altos postos, desconfiava de tudo.

Especialmente de notícias estranhas como aquela, que cheiravam a típica desinformação usada para acobertar ações obscuras.

Provisões? Medicamentos? Ajuda e Segurança? Essas justificativas poderiam esconder muita coisa diferente.

A memória do Almirante lhe alertou para outro detalhe: o nome do oficial encarregado por aquele transporte, era familiar. E não pelo envolvimento com a caridade!

Era de um tipo que estava sempre metido em ações mercenárias, bem distantes da filantropia.

Através da fumaça que saia do seu cigarro, o velho Almirante tentava visualizar o caminho que aquele monte de naves espaciais teria de fazer da estação até a nebulosa Azul Celeste, onde se situava o mundo de Atlas.

Uma rota que exigia bastante energia. Não era para qualquer nave da iniciativa privada... Alguém, ou alguma força muito poderosa, estava por trás daquela ação...

A música então acabou e logo voltou de novo, a voz do locutor João do Lance:

-Agora, outro Clássico da Radio “Q”.

“AC/DC”. Enquanto vocês ouvem essa lenda do Rock, também ficam sabendo que outra coluna com 33 naves, está saindo da Estação Espacial 42, com destino a Ration, sob o comando do Comodoro Felix Kaprass, que também diz carregar provisões e medicamentos...”

Outra vez, o Almirante se viu desconfiando da notícia. E os motivos de tanta desconfiança, eram bem parecidos com os do primeiro caso...

Acionou um comunicador de mesa, que estava sobre a sua prancheta de desenho.

Logo, apareceu o rosto familiar de uma grande amiga sua, a Almirante Sonia Regina:

-E aí Zéca? Que manda?

-Chegou para mim a notícia de que o Felix Kaprass e o Menix tão envolvidos numa

missão de caridade para Ration.

-Felix Kaprass e Menix envolvidos com caridade? Me diga mais sobre essa novidade...

-Pois é o que eu fiquei sabendo...

-Tem coisa errada aí, Zéca. O Kaprass e o Menix não se misturam com filantropia nem para salvar as próprias famílias. Você sabe que estou envolvida com diversas missões beneficentes, de salvamento, caridade, e, estes dois nomes, aí, não são os que aparecem em nenhum lugar que recebe ajuda. Na verdade, eles só aparecem, onde tem confusão e sangue derramado..."

"Ademais - complementou a Almirante Sonia, que agora aparecia no monitor ajustando os seus óculos, enquanto olhava alguma coisa ao lado. - Estou vendo aqui nos meus registros, que Ration não está com nenhum sinal de emergência, nem indicação de problema."

"A Frota estelar, oficialmente, não sabe de nada relativo a alguma missão de auxílio para Ration, tão pouco, de qualquer pedido de socorro, dali proveniente"

-Logo imaginei. - Disse Fernando Zéca.

"Deve ser outra típica desinformação. Ferramenta útil desde antes da época do comunismo..."

-E por falar em porcaria, Zéca... Você tá lembrado que esses dois nomes aí, andaram metidos com o Partido Obrero?"

Assim, a Almirante Sonia Regina deixou Fernando Zéca Corinthiano com mais esta pulga atrás da orelha, para pensar.

Mais tarde, já fumando outro cigarro, o velho Almirante visualizava na fumaça deste, as frotas de naves dirigindo-se para o Mundo de Atlas...

Seriam mesmo pacíficas todas estas naves? Ou não?

O locutor João do Lance voltou com novidades, e músicas.

-Vocês querem o melhor? Então, aqui na Radio "Q" vocês terão o melhor: KISS....

"Mas antes de sair fazendo festa todo dia, e, curtindo o rock a noite inteira, é bom saber que uma terceira coluna de naves espaciais, está saindo da base klingon NIL KANOR'K levando provisões e medicamentos para Ration."

"O comandante desta caravana de boas intenções é o General Klingon Hakil Trantaks"

E logo em seguida a esta informação, começou a rolar a Rock and Roll all Night.

Novamente, o Almirante Fernando Zéca acionou o comunicador sobre a sua mesa.

Desta vez, no monitor dele, apareceu a imagem de uma Almirante Klingon.

Outra grande companheira de batalhas: a Almirante Orlenka Nava.

Sem perda de tempo o veterano explicou para ela, toda a situação...

E depois concluiu:

-...Assim, pelo que estou sabendo, o General Hakil Trantaks está metido numa missão de transporte de suprimentos para Ration.

-O Trantaks? - Indagou a Almirante Klingon demonstrando dúvidas. - De jeito nenhum!

E ela ainda continuou:

-A Sonia te lembrou que o Kaprass e Menix tão metidos com o Partido Obrero, né?

-Sim, Almirante Orlenka...

-Pois é, Fenando Zéca... O Trantaks, mais ainda!

***

-Meia hora depois, o Almirante Fernando Zéca já estava com outro cigarro queimando entre seus dedos.

Mais uma vez, ele acionava o comunicador em cima de sua prancheta.

Apareceu um conhecido seu, de pele azul.

Um andoriano, daqueles de cara bem amarrada pelo constante mau humor...

-Azulão! Como vai?

-Muito bem Almirante Zéca. Falar com o senhor é um dos poucos motivos que me tiram da minha rabugice.

-Estou sabendo que, a pouco tempo, você foi promovido a Almirante.

“Fiquei muito orgulhoso, Foi uma honra servir contigo, meu amigo Azulão.”

-Para mim é que foi uma honra servir sob seu comando, Zéca.

-Então meu amigo! Estou precisando de um favor....

-Diga aí. Estou às ordens.

Fernando Zéca Corinthiano explicou toda a situação para o Almirante Azulão, que, no passado fora seu imediato em várias naves, e, depois, seguiu carreira, como capitão e almirante, tendo os dois junto passado por inenarráveis confusões.

O velho Almirante Zéca o escolheu para informar os fatos com que se deparara, pois, o Almirante Azulão era o tipo que não deixava tais problemas sem solução.

-Verei pessoalmente do que se trata e depois te retorno, Zéca.

***

Fernando Zéca continuou curtindo o Rock da Rádio “Q” no seu rádio velho, até que, horas mais tarde, o comunicador de mesa chamou.

Era o Almirante Azulão.

Fernando Zéca Corinthiano desligou o aparelho de rádio,

Deixou-o na prateleira de sua estante e foi atender a chamada.

-Zéca! Tenho novidades!

“Convoquei 60 naves da Frota e segui para a Nebulosa Azul Celeste onde encontramos as 3 frotas que diziam trazer suprimentos e medicamentos para Ration.”

“Elas não traziam suprimentos! Traziam armas!”

“Estas naves foram bancadas pelo Partido Obrero conforme você suspeitava!”

Surpreso, (mas nem tanto) Fernando Zéca indagou.

-Houve resistência? Alguém ferido? Baixas?

-Sem resistência, Zéca.

“Mas os vagabundos... Ah! Estes, já se encontram agora todos, em cana!”

“Tudo atrás das grades, Almirante! No xadrez! Cercamos o grupo inteiro, quando eles acabavam de se encontrar, e, logo exigimos a rendição. Diante do nosso poder superior de fogo, todos se renderam na hora! Sequer imaginavam. que a Frota lhes colheria com tamanho flagrante. Achavam isso, impossível de ocorrer.

Fernando Zéca estava boquiaberto diante dos relatos...

-Até mesmo as naves klingons se renderam? - Indagou.

-Sim! Estas também perceberam que não teriam a menor chance contra nós.

O Almirante Azulão tinha têmpera dura, e não brincava em serviço: por isso, Fernando Zéca o escolheu para resolver o caso.

Sabia que ele levaria poder de fogo, mais do que suficiente, para enfrentar a pior guerra possível.

Entretanto, mesmo depois de um trabalho bem-sucedido, ele tinha lá suas dúvidas:

-Zéca, me explica como é que ficou sabendo de tudo isso? Ainda não entendi direito.

-Na verdade, nem eu. Azulão.

“O fato é que eu estava ouvindo a Radio “Q”, cujo apresentador, entre uma música e outra, passou estas informações.”

-Radio “Q”?

-Sim! O apresentador chama João do Lance.

-É que o meu oficial de comunicações disse que não conhece nenhuma Radio “Q”.

“Ele mencionou ainda, que, nos registros dele, não constam nenhuma radio com esse nome. Você sabe o número do dial dela?”

-De cabeça não. - Respondeu Fernando Zéca. - Mas posso ver no aparelho. Um momento, Azulão.

-Claro.

Fernando Zéca se virou para pegar o aparelho de rádio, onde o deixara na estante e, de-repente, repetiu-se o flash ofuscante, que já ocorrera antes.

O velho oficial surpreendeu-se por alguns instantes, mas, logo se recobrou, percebendo em seguida, que o aparelho de radio que estava procurando, já não se encontrava mais no lugar onde havia deixado.

-Droga! - Ele praguejou. - Como se já não bastasse a carteira e as chaves sumindo toda hora, agora também me some das vistas, essa relíquia...

***

Numa outra dimensão, duas onipotentes divindades, dotadas de poder quase absoluto, “conversam”:

-Pai. Você sempre disse que a Federação e os humanos, não eram dignos de seguir existindo. Você até, já os colocou em risco, só para testá-los. Por-que agora os protegeu?

-Tem razão filho. O destino da Federação já estava escrito...

-Mas você o mudou! Retardou o fim que era praticamente certo enviando avisos dissimulados, através do aparelho de rádio que mandou para o Almirante Zéca.”

- De fato, filho. Se o Partido Obrero retomasse Ration através do poder do carregamento de armas que ali estava chegando, em pouco tempo, dominaria todo o setor espacial onde se encontra a nebulosa Azul Celeste, o que, mais adiante, causaria o declínio, e, o fim definitivo da Federação.”

-Então, pai: o que te fez mudar de ideia com relação à humanidade e à Federação? Por-que achou que eles mereceriam uma segunda chance?

-Filho, eu poderia te dizer, que: em outros tempos, até aprendi alguma coisa com os humanos.

“Também poderia dizer que: de certo modo, este é um meio que usei, para lhes pagar minha dívida com  alguma gratidão, mas...

“Não sairei do alto da onipotência, para reconhecer alguma eventual virtude que eles possam ter.”

“Então, prefiro te dizer, que: salvei a humanidade e, a Federação, da morte certa nas mãos do Partido Obrero, para que eu mesmo, num futuro incerto e desconhecido, seja a causa do seu fim.”

***

**MORAL DA HISTÓRIA**

Em tempos de crise, os onipotentes divindades quase nunca vão salvar o homem dos problemas que o afligem.

Se elas aparecerem, provavelmente, será para piorar o que já estiver ruim

***

E se o querido leitor acha que sofreu até chegar aqui, é por não imaginar pelo que passou o revisor/diagramador que teve de verificar o texto por várias vezes.

De qualquer forma, mais uma vez eu te agradeço só por ter gasto tempo em chegar aqui.

Tudo de bom para ti.

***

# SÉCULO XXXI

Primeiro epílogo antes da próxima parte.

Timot Danlen entrou na sala onde uma ruiva alta lindíssima estava sentada atrás de uma mesa de vidro vestindo um conjunto paletó-calça, estilo clássico, que não conseguia esconder sua formosura.

-Sente-se por favor. - Pediu ela, indicando lhe uma cadeira.

Ele sentou e ficou olhando na parede, o famoso logotipo do Serviço Secreto da Federação, o temível E.Y.E..

Um desenho simples, que não mudou com o passar dos séculos, assim como tudo o que ele representava.

-Tim... Se você me permite chamá-lo assim. - Pediu ela.

-Claro.

-Você tem o perfil clássico para ser agente em algumas missões que teremos de efetuar. Como sabe, vivemos tempos difíceis em que as guerras agora estão adotando novas táticas e recursos. A Agencia tem de formar um time de agentes de elite em novos campos em que nossa influência tenha que se fazer presente."

-Novos campos, senhora?

-Viagens pelo tempo, Tim. Quero ter minha própria equipe de agentes temporais de elite operando para o Serviço Secreto da Federação. Você gostaria de fazer parte dele?

-Ficaria honrado em cooperar com o E.Y.E. de alguma forma. A Agencia têm história protegendo a Federação.

-Então seja bem-vindo ao time Tim. - Disse a ruiva estendendo a mão para cumprimentar o novo agente. - Vamos montar um time só para viagens temporais e você será um dos principais operativos.

-Fico honrado.

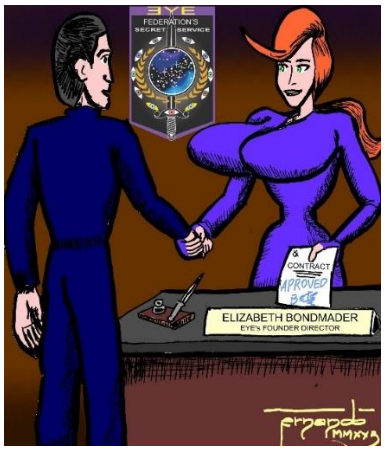
-Aqui na Agencia adotamos codinomes para serem utilizados nas missões.

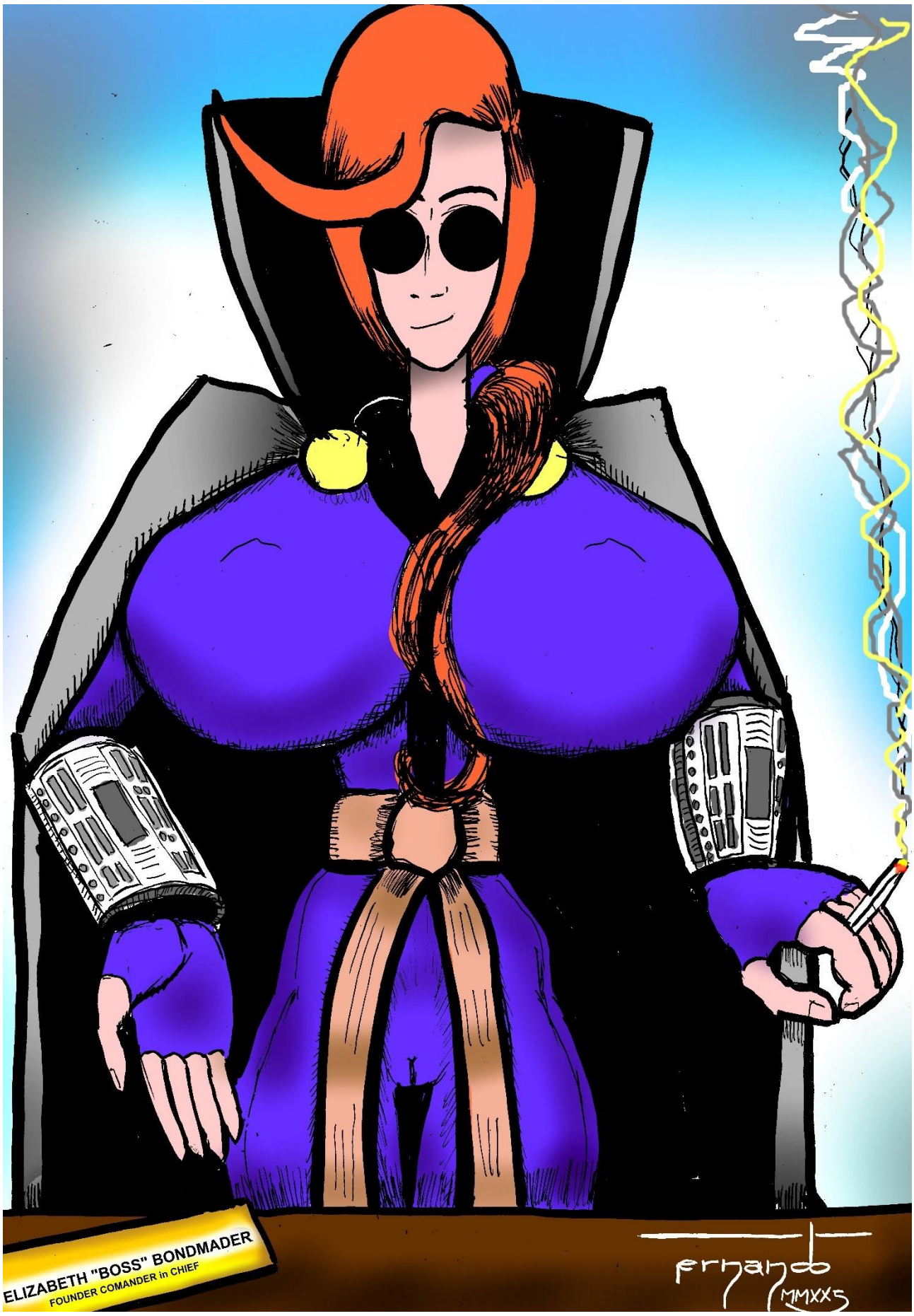
-Entendo senhora, para mantermos os nossos verdadeiros nomes protegidos no anonimato.

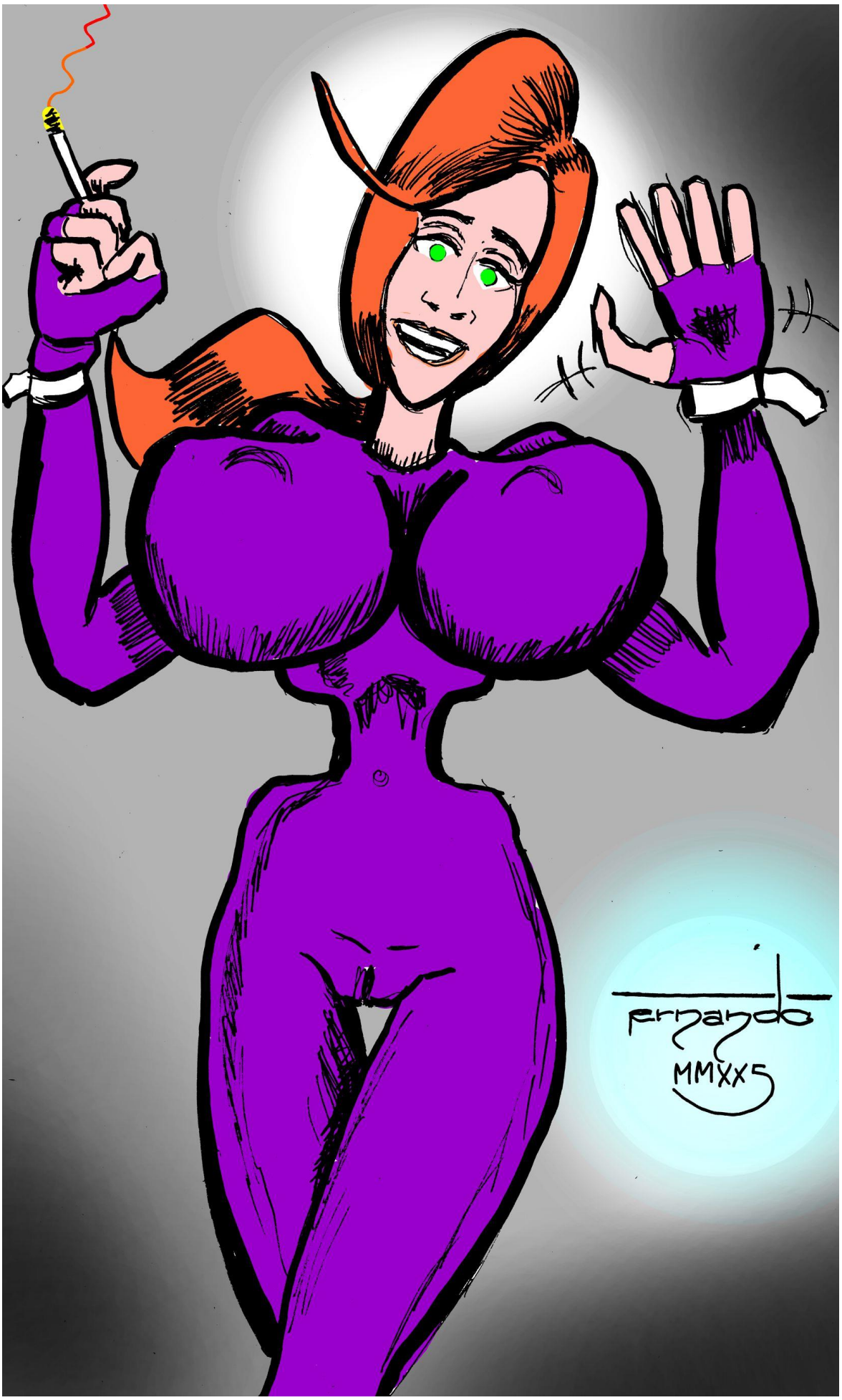
-Isso mesmo! A ideia é mais ou menos essa, Tim... Daqui por diante, só nos chamaremos pelos verdadeiros nomes em reuniões familiares, no escritório, ou em formalidades da Agencia."

-E como devo te chamar? Aqui na placa da tua mesa, o teu nome está ELIZABETH BONDMADER...

-Meu codinome é BETE e o teu, será AGENTE DANIELS.




ELIZABETH "BOSS" BONDMADER
FOUNDER COMANDER in CHIEF
fernando
MMXXS


fernando
MMXX5

# SEGUNDO EPILOGO ANTES DA PRÓXIMA PARTE

Na redação da GAZETA DO ESTADO IMPERIAL ROMULANO, encontramos SLAVEATOR TOUPEIRA, entrando na sala do Editor Chefe Zéquinha...

Sem pedir permissão, ele sentou-se na cadeira vazia que estava diante da mesa do chefe...

-E então chefe?

-Porra! Sláva! (Alcunha carinhosa) Tu sabe que essa cadeira tá reservada só para mulher gostosa. Sai daí e vai trabalhar."

-Mas essa cadeira tá sempre vazia, chefe.

-Tá vazia aí justamente para ter lugar para mulher gostosa quando vier me visitar.

-Mas nenhuma mulher gostosa vem te visitar chefe.

-Tudo bem Slava! Mas essa cadeira não é para você. Se manda e vai trabalhar."

Slavetor Toupeira levantou-se da cadeira todo encolhido e tristonho.

-Sabe, Chefe? Vim saber se o senhor leu a obra de ficção científica que escrevi.

-Aquele "PARODIAS APOCRIFAS"???

-Esse mesmo, chefe! O que o senhor achou? Gostou?

-VAI TOMÁ NO CU, SLAVA! Aquela merda tem mais de 600 páginas!" CARALHO!"

É uma porcaria mal escrita que se parece com aquelas intermináveis novelas de terceira categoria que repetem as mesmas soluções literárias, centenas de vezes.

"Eu tenho mais o que fazer! Agora vê se volta lá para a tua mesa para garantir o jabá do nosso jornal e não me enche o saco com uma porcaria que ninguém vai ler."

****

Finalizo este épico glorificando e agradecendo todos os leitores e leitoras que valentemente chegaram até aqui, mesmo aqueles que pularam tudo e já vieram checar o fim nos últimos parágrafos.

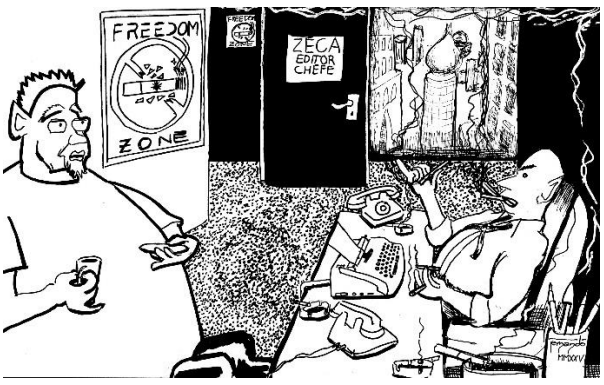
A estes e a todos os demais, só posso prometer uma coisa:

**HAVERÁ A CONCLUSIVA e ESPETACULAR CONTINUAÇÃO,**
**AGUARDE e LERÁ.**

***

Por esforço tão extraordinário, o querido leitor (ou leitora) que, destemidamente acompanhou bravamente esta obra, do começo ao fim, já terá pago todos os seus pecados, e, assim garantido lugar no paraíso.

***



# CONSIDERAÇÃO FINAL

Não sou capaz de agradecer suficientemente pelas inspirações e bons momentos que tive apreciando o colossal trabalho dos gigantes em cujos ombros subi para criar estas linhas.

Apenas mencionarei seus nomes ou obras, lembrando que sem eles, eu seria muito menos do que sou hoje.

Peço perdão por esquecer muitos outros, mas por esta falta culpo a minha idade e o excesso de fumo.

**Jornada nas Estrelas / Guerra nas Estrelas / Duna / Dr. Who / GALACTICA / PLANETA dos MACACOS / GRIM JACK / SANDMAN / Monstro do Pantano / TWILIGHT ZONE / Perry Rhodan / Terminator / ISAAC ASIMOV / ARTHUR CLARKE MISSÃO IMPOSSIVEL / ALIEN / SPEED RACER**
e muitos mais!

AS PARÓDIAS APÓCRIFAS foram produzidas não só com o intuito de livrar minha cabeça de algumas ideias fantasiosas que a poluíam, mas também com o desafio de DIVERTIR AO LEITOR(A) que nestas linhas detenha o seu precioso tempo.

Se consegui te arrancar um pequeno sorriso de alegria e de qualquer forma, com estas linhas ajudei teu dia a ficar melhor, EU VENCI E ALCANCEI MEU OBJETIVO.

Assim, QUERIDISSIMO(A) LEITOR(A), mais uma vez te agradeço:
[ Mesmo quem chegou diretamente a esta linha sem ler toda bagunça que a antecedeu.
(olha eu aqui repetindo MAIS UMA VEZ a mesma piada)]

VOCÊ É A VERDADEIRA ESTRELA
que de algum modo tornou real toda esta fantasia.

OBRIGADO e espero que possamos seguir juntos novamente no futuro.

FERNANDO ZÉCA CORINTHIANO
(autor)